

Alexandra Filipa Soares Rodrigues

FORMAÇÃO DE SUBSTANTIVOS DEVERBAIS SUFIXADOS EM PORTUGUÊS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

2006

Alexandra Filipa Soares Rodrigues

FORMAÇÃO DE SUBSTANTIVOS DEVERBAIS SUFIXADOS EM PORTUGUÊS

Dissertação de Doutoramento na área de Línguas e Literaturas Modernas,
especialidade de Linguística Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Graça
Maria Rio-Torto.

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

2006

Resumo

O presente estudo visa descrever e explicar a formação lexical dos substantivos deverbais sufixados do português europeu. Sob uma perspectiva léxico-mental, baseada no programa “arquitetura paralela” de Jackendoff (2002) (cap. I, § 1.1), desenvolve-se um modelo genolexical designado por “RFPs em interfaces” (cap. II). Com este modelo, mantém-se a importância da base derivacional, seguindo perspectivas orientadas para o input (e.g. Corbin 1987; Rio-Torto 1993, 1998, 2004). Contudo, a base derivacional não é delimitada sintacticamente. Na nossa abordagem, cabe às estruturas semânticas da base a construção do novo lexema. A maior inovação do nosso modelo consiste na assunção de que a formação de palavras é simultaneamente orientada para o output, seguindo abordagens (Plag 1999, 2004) que reconhecem a identidade e a operacionalidade semânticas dos afixos. No nosso modelo, o mesmo afixo pode ser agregado a diferentes tipos de bases sem ter de ser multiplicado em afixos homónimos. Os produtos lexicais construídos a partir de diferentes bases partilham um determinado componente pelo qual é responsável a carga semântica do afixo. Simultaneamente, há diferenças entre os produtos de acordo com os componentes semânticos de cada tipo de base.

O modelo “RFPs em Interfaces” é concebido como um domínio dinâmico onde existem regras de formação de palavras e afixos. As regras de formação de palavras são entendidas como subdomínios dinâmicos onde todas as operações concernentes às diferentes estruturas linguísticas são combinadas para formar itens lexicais. Estas operações são primariamente semânticas e morfológicas. Mas outros domínios podem aí intervir, como o pragmático e o processual.

Para cada RFP são definidas operações. Isto significa que é possível manter a concepção da RFP de nomes de acção, se a operação entre a base derivante e o produto já não for definida como uma mera operação verbo > substantivo, mas como uma operação entre determinados componentes semânticos da base bem definidos e um conjunto de componentes semântico também bem definido que constitui o produto. Isto significa que cada RFP é construída a partir de muitas sub-regras.

Os afixos são caracterizados como contendo componentes semânticos. Estes componentes são observáveis indirectamente através dos efeitos semânticos homogéneos em produtos de diferentes RFPs. Duas RFPs diferentes podem estar em interface pela acção de um afixo que opera em ambas. Tal ocorre se os componentes semânticos do afixo forem compatíveis com os componentes semânticos das bases particulares a que os afixos se agregam. Assim, existem pelo menos dois níveis diferentes de compatibilidade semântica. Um nível é o da RFP. Neste nível, a carga semântica do afixo tem de ser compatível com a operação semântica geral entre a base e o produto. O segundo nível é muito mais refinado. Este estabelece que o afixo tem de ser semanticamente compatível com os componentes semânticos da base. Isto explica que um afixo possa operar numa RFP, mas não possa, em princípio, ser agregado a todas as bases que constituem o input dessa regra. Por outro lado, o mesmo afixo pode operar em outras RFPs.

Este tipo de comportamento é explicável se tomarmos uma abordagem generativa do léxico e da semântica na linha de Pustejovsky (1995). A estrutura semântica é um domínio complexo, formado por fiadas múltiplas (Jackendoff 2002).

A importância da semântica no campo de formação de palavras levou-nos a compreender o contributo real de outros componentes na formação dos deverbais. Contra visões tradicionais, estabelecemos que a estrutura argumental não intervém na formação dos substantivos deverbais. Se alguns deverbais possuem estrutura argumental, esta é desenvolvida dentro do deverbal, como consequência da sua configuração semântica. A

estrutura argumental não é herdada da base verbal. O mesmo ocorre em relação a deverbais que designam indivíduos. Nestes casos, não é um argumento da base verbal que é projectado para formar o semantismo do deverbal. O único material responsável pelos produtos localiza-se nos níveis semânticos.

Estes postulados teóricos só poderiam ser alcançados através de uma alimentação contínua entre dados empíricos e problemas teóricos. Os dados empíricos provêm de 8414 substantivos sufixados deverbais e 8414 bases e dos 13708 semantismos desses produtos. A relação entre os produtos e as bases foi avaliada morfológicamente. No cap. III, analisamos a relação entre a estrutura morfológica das bases e a dos produtos de cada afixo. A avaliação do contributo dos componentes semânticos das bases é focada no cap. IV. Neste capítulo, explicamos quais os tipos de componentes semânticos é que deverão ser considerados para entendermos o seu contributo na formação dos diferentes semantismos de cada produto.

O capítulo V desenvolve um aparelho formal baseado na abordagem generativa do léxico e da semântica. Tomando cada componente semântico oriundo das fontes possíveis (estrutura eventiva da base, estrutura léxico-conceptual da base, afixo e extra), que foram previamente definidas, este aparelho explica o modo como os componentes se combinam entre si para formar os semantismos dos produtos. Os mecanismos responsáveis pela operação de combinação são a “coindexação” (segundo uma proposta de Lieber 2004) e a “ projecção” (cap. II).

Os capítulos VI e VII aplicam o modelo desenvolvido nos capítulos anteriores à análise dos deverbais de evento e de não-evento, respectivamente.

Os dados encontram-se organizados em quatro anexos. Os anexos A e B contêm dados numéricos relativos aos semantismos distribuídos por produto (com orientação para o afixo) e por base léxico-semântica. Os anexos X e Y contêm a aplicação do aparelho formal para a compreensão da formação dos semantismos por afixo e por base léxico-semântica.

Palavras-chave: regras de formação de palavras, afixação, modelos orientados para o output, substantivos deverbais.

Abstract

This study aims to describe and explain the lexical formation of Portuguese suffixed deverbal nouns. Under a lexical-mental perspective, which is founded on the program “parallel architecture” by Jackendoff (2002) (chap. I, § 1.1), in this study we develop a genolexical model called “Word Formation Rules in Interfaces” (chap. II). With this model we maintain the importance of the deriving base, following input-oriented perspectives (e.g. Corbin 1987; Rio-Torto 1993, 1998, 2004). However, the deriving base is not syntactically delimited. Under our approach, it is the semantic structures of the base which play a role in the construction of the new word. The major innovation of our model consists of the assumption that word formation is simultaneously output-oriented, following approaches (Plag 1999, 2004) that recognise the semantic identity and the operability of affixes. In our model, the same affix may be adjoined to different kinds of bases without having to be multiplied in homonymous affixes. The lexical products constructed from different bases share some semantic component which the semantic charge of the affix is responsible for. Simultaneously, there are differences between the products according to the semantic components of each kind of base.

The “WFRs in Interfaces” model is conceived as a lexical-mental dynamic domain where word formation rules and affixes exist. Word formation rules are assumed to be dynamic subdomains where all the operations concerning different language structures are combined to form lexical items. These operations are primarily semantic and morphological. But other domains may intervene, such as pragmatics and process.

For each Word Formation Rule, there are semantic operations defined. This means that it is possible to maintain the conception of action nouns WFR, if the operation between the deriving base and the product is no longer defined as a mere verb > noun operation, but as an operation between some well-defined semantic base components and a well-defined semantic set, which is the product. This means that each WFR is constructed on many subrules.

Affixes are characterised as containing semantic components. These components are indirectly observable by the homogeneous semantic effects on products of different WFR. Two different WFRs may be in interface by the action of an affix which operates in both. This occurs if the semantic components of the affix are compatible with the semantic components of the particular bases which it is adjoined to. This means that there are at least two different levels of semantic compatibility. One level is the level of the WFR. In this level, the semantic charge of the affix must be compatible with the general semantic operation between the base and the product. The second level is a much more fine-grained one. This states that the affix must be semantically compatible with the semantic components of the base. This explains that an affix may operate in a WFR, but may not, in principle, be adjoined to every base that constitutes the input of that rule. On the other hand, that same affix may operate in other WFRs.

This kind of behaviour is explainable if we adopt a generative approach to the lexicon and to semantics under the perspective of Pustejovsky (1995). Semantic structure is a complex domain, which is formed by multiple tiers (Jackendoff 2002).

The importance of semantics in the word formation field has enabled us to understand the real contribution of other components to the formation of deverbal nouns. Against traditional views, we state that argument structure does not intervene in the formation of deverbal nouns. If some deverbal nouns have argument structure it is developed inside the deverbal noun, as a consequence of its semantic configuration. It is not inherited from the verbal base. The same occurs with deverbal nouns which have concrete

meanings. In these cases, it is not an argument of the base verb which is projected to form the meaning of the noun. The only material responsible for the products belongs to semantic levels.

These theoretical postulates could only be achieved by an ongoing intercourse between empirical data and theoretical problems. The empirical data come from the analysis of 8414 suffixed deverbal nouns and their 8414 bases and 13708 meanings of those products. The relation between products and bases was evaluated using a morphological analysis. In chapter III, we analyse the relation between the morphological structure of the bases and each product affix. The evaluation of the contribution of the semantic components of the bases is focused on on chapter IV. There we explain what kind of semantic components are to be taken into account to understand their contribution to the formation of the different meanings of each product.

Chapter V develops a formal device based on the generative approach of the lexicon and of semantics. Taking each semantic component of the possible sources (eventive structure of the base, lexical-conceptual structure of the base, affix or extra), which have been defined, this device explains the way those components combine with each other to form the meanings of the products. The mechanisms responsible for the operation of combination are “coindexation” (following a proposal of Lieber 2004) and “projection” (chap. II).

Chapters VI and VII apply the model developed along the previous chapters to the analysis of event deverbal nouns and non-event deverbal nouns, respectively.

Data are organised in four annexes. Annexes A and B contain numeric data of the meanings distributed by product (affix-oriented) and lexical-semantic base. Annexes X and Y contain the application of the formal device to understand the formation of the meanings by affix and lexical-semantic base.

Key-words: word formation rules, affixation, output-oriented models, deverbal nouns.

Agradecimentos

À Senhora Professora Doutora Graça Maria Rio-Torto, da Universidade de Coimbra, minha orientadora científica, pelo modo exemplar como acompanhou a elaboração deste trabalho, quer em termos profissionais, quer em termos humanos. Gostaria de ressaltar que quaisquer incongruências, lacunas ou limitações desta dissertação são inteiramente da minha responsabilidade.

À Universidade de Coimbra, por ter viabilizado a elaboração desta dissertação no seu seio.

Ao Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada e ao Instituto de Língua e Literatura Portuguesas da Universidade de Coimbra, pelo apoio bibliográfico e pelo incentivo à investigação.

Ao Instituto Politécnico de Bragança, bem como ao programa PRODEP III, medida 5, acção 5.3, pela possibilidade de dedicar-me durante três anos em exclusivo à feitura deste trabalho.

Ao Centro de Linguística da Universidade do Porto, na pessoa da Dr.^a Deolinda Gomes, pela facultações de bibliografia.

Ao Instituto Ortega Y Gasset de Madrid, nas pessoas da Senhora Professora Doutora Soledad Varela Ortega e da Senhora Professora Doutora Violeta Demonte, pela possibilidade de participar como visitante no curso ministrado pelo Professor Doutor Geert Booij, da Vrije Universiteit Amsterdam, sob o tema ‘The position of morphology in the grammar’, inscrito no programa de ‘Doctorado en Lingüística Teórica y sus Aplicaciones’, em Abril-Maio de 2004. Ao Senhor Professor Doutor Geert Booij, pela possibilidade que me deu de assistir ao referido curso.

Ao Professor Doutor João Veloso, à Dr.^a Cândida Cantiga e ao Doutor Rui Pereira, pela facultações de bibliografia.

Aos meus pais e ao meu irmão, pelo apoio e pela paciência.

Capítulo I

Introdução

1. Fundamento teórico

A dissertação que aqui se apresenta possui como objecto a formação de substantivos deverbiais sufixados do português. A análise desse objecto ancora-se num modelo teórico de genolexia que aqui propomos e que designamos por ‘modelo das RFPs em interfaces’.

A validação teórica do modelo genolexical por nós desenvolvido tem como suporte um programa geral de teoria da linguagem elaborado por Jackendoff (2002).

Ainda que a designação do modelo que propomos contenha ‘RFPs’, estas não devem ser tomadas aqui como domínio exclusivo de homogeneização genolexical. Na verdade, o modelo advoga que quer a constância das bases, definidas semântica e não necessariamente sintacticamente, quer a constância de cada operador afixal em si mesmo representam domínios de convergência e de divergência genolexicais. Assim, o modelo das RFPs em interfaces pressupõe que o poder de construção semântica está a cargo quer das RFPs, quer dos operadores afixais, visto estes possuírem verdadeira identidade semântica e não serem apenas mutadores sintácticos regidos pela RFP em que laboram.

O modelo que propomos distancia-se, assim, dos modelos que tomam as RFPs como centros de homogeneização da formação de palavras, bem como daqueles que encaram os afixos como detentores exclusivos dessa capacidade.

Nos modelos centrados nas RFPs, de que destacamos os trabalhos de Corbin (1987) e de Rio-Torto (1993, 1998, 2004), as RFPs são os domínios que definem os paradigmas genolexicais. São as RFPs responsáveis pela formatação das operações semântico-categoriais entre bases e produtos.

Nos modelos centrados nos afixos, como o modelo proposto por Plag (1999, 2004), a homogeneidade genolexical é da responsabilidade dos afixos. Para Plag, é prescindível a concepção de RFPs, na medida em que a uniformidade dos semantismos dos produtos que partilham o mesmo afixo se sobrepõe à uniformidade das bases defendida pelos modelos centrados nas RFPs.

O modelo de RFPs em interfaces que propomos conjuga a autonomia das RFPs com a autonomia dos afixos, através de relações dinâmicas tecidas entre os componentes genolexicais.

As inovações aportadas pelo modelo de RFPs em interfaces baseiam-se no programa “arquitectura paralela” de Jackendoff (2002) e são ainda sustentadas por visões do léxico e da semântica lexical como a de Pustejovsky (1991; 1995). Na esteira de Pustejovsky, compreendemos que a decomposicionalidade semântica dos lexemas não se rege pela inventariação de traços primitivos em número reduzido e delimitado, mas antes pela organização em rede de traços eles próprios decomponíveis em traços em rede cujas inter-relações permitem gerar semantismos.

1.1 O programa “Arquitectura Paralela de Jackendoff (2002)”

O modelo proposto por Jackendoff (2002) apresenta uma visão actual do fenómeno cognitivo que é a linguagem. Tendo partido de perspectivas lançadas pela Gramática Generativa Standard, Jackendoff prossegue alguns dos princípios desta, mas avança em direcções que fazem do seu programa uma proposta aliciante em termos estritos e latos. Em termos estritos, falamos da linguagem e, em termo latos, do funcionamento da mente-f¹ em geral como domínio cognitivo resultante de uma evolução filogenética. O modelo “Arquitectura Paralela” permite dar respostas satisfatórias a problemas suscitados pelas

¹ Jackendoff (2002) segue a concepção de Chomsky (1965): “mente” refere-se a um domínio localizado entre o inconsciente conceptualizado por Freud e o cérebro enquanto órgão fisiológico (Jackendoff 2002: 21). Jackendoff (1994: 18-19) esclarece a distinção entre o inconsciente concebido por Freud e o nível de inconsciente onde se localiza a linguagem da seguinte forma: «In a way, the unconsciousness of mental grammar is still more radical than Freud’s notion of the unconscious: mental grammar isn’t available to consciousness under *any* conditions, therapeutic or otherwise. On the other hand, an unconscious mental grammar that guides our behavior is a good deal less personally threatening than an Oedipus Complex or a Death Instinct. Unlike these Freudian constructs, mental grammar doesn’t have pernicious effects.».

Por outro lado, o A. desvincula a noção de “mente” de uma concepção exclusivamente relacionada com a parte biológica do cérebro (Jackendoff 1999: 39). Assim, Jackendoff (2002: 21) caracteriza “mente” como «the functional organization and functional activity of the brain, some small part of which emerges in consciousness and most of which does not.». Para que “mente” não se confunda com o uso não técnico do lexema, o A. propõe a designação “f-mind”, sendo que “f” designa “functional”, que Jackendoff (2002: 21, nota 1) desde logo distancia da Gramática Funcionalista, ou seja, da teoria que concebe que as propriedades gramaticais derivam das exigências da comunicação.

Uma imagem com a oposição hardware/software é usada pelo A. (2002: 21-22) para esclarecer o conceito de mente-f: «the brain is taken to parallel the hardware, the mind the software. When we speak of a particular computer running, say, Word 97, and speak of it storing certain data structures that enable it to run that program, we are speaking in functional terms – in terms of the logical organization of the task the computer is performing. In physical (hardware) terms, this functional organization is embodied in a collection of electronic components on chips, disks, and so forth, interacting through electrical impulses. Similarly, if we speak of the mind/brain determining visual contours or parsing a linguistic expression, we are speaking in functional terms; this functional organization is embodied in a collection of neurons engaging in electrical and chemical interaction.».

várias estruturas da linguagem, assim como expandir a compreensão do funcionamento da linguagem como sistema para os domínios da neurociência e da performance (Jackendoff 2002: 34).

Esses avanços partem da preservação dos postulados de “mentalismo”, “combinatorialidade” e “inatismo” da Gramática Generativa através, no entanto, do seu entendimento interdisciplinar e arquitectural. Ou seja, os aspectos que na Gramática Generativa de Chomsky acabaram por funcionar como barreiras para o entendimento da Gramática da linguagem como interagente com o seu suporte biológico – o cérebro – e com o seu processamento são redesenhados no modelo de Jackendoff (2002) de modo a servir de base a um redimensionamento dessas interações.²

A particularidade da arquitectura paralela da linguagem está na concepção de que esta se encontra organizada em estruturas que, por sua vez, contêm fiadas com organização própria (Jackendoff 2002: cap. 5). As conexões entre as diversas fiadas estabelecem-se não entre a totalidade das fiadas, não de forma concatenatória, mas através de homologias parciais. Esta estruturação em fiadas, prevista no âmbito da fonologia,³ é estendida por Jackendoff para toda a arquitectura da linguagem. Cada estrutura é regida por regras gerativas próprias. Esta característica destrona a sintaxe do seu poder gerativo por excelência, previsto na teoria tradicional da Gramática Generativa.⁴

Sem o sintactocentrismo (Jackendoff 1997: 15), abrem-se as portas para o entendimento autónomo de cada uma das estruturas, bem como para a ligação entre a Gramática e o seu processamento (Jackendoff 2002: cap. 7 e 1997: 7-8), por um lado, e a Gramática e as suas hipotéticas estruturas antecessoras. Jackendoff consegue assim um estreitamento entre o estudo da linguagem e a evolução do homem. Esta perspectiva dá resposta ao carácter inato da linguagem que, embora assumido em Chomsky, estava desprovido, nas teorias deste A., de uma explicação biológica historicamente satisfatória. Para Jackendoff, se a linguagem é uma especialização cognitiva, então tem de resultar,

² Para a posição de Chomsky acerca do inatismo, veja-se Chomsky (1965: 131-134 e 2000a: 50-51). Para a relação do inatismo de Chomsky e a sua fundamentação em Humboldt (1836), veja-se Losonsky (1999: xxviii-xxxiv). Para uma visão contrária ao inatismo, vejam-se Elman et al. (1996) e Deacon (1997).

³ Jackendoff (2002: 111-117) indica como guias para o seu programa os trabalhos de Fonologia Auto-segmental de Goldsmith (1979 e 1990) e de Liberman & Prince (1977).

⁴ Cf. por exemplo Chomsky (1965; 1972; 1975; 1981 e 1995) e Katz & Postal (1964: 1 e 166).

como qualquer especialização cognitiva de qualquer espécie, de um processo de selecção natural.⁵

É pelos pressupostos acima focados que a “arquitetura paralela” suporta um modelo genolexical em que a força geratriz se localiza em estruturas semânticas e morfológicas e não sintácticas. Esta visão da organização da linguagem reforça a posição lexicalista e não sintacticista da formação de palavras, como vincaremos no § 1.1 deste capítulo, ao mesmo tempo que disponibiliza os instrumentos teóricos necessários ao entendimento desta área como operante com matéria semântica e morfológica de modo dinâmico e criativo.

Outra inovação da “Arquitetura Paralela” encontra-se no estabelecimento de que as interfaces, em vez de serem meras transições, são antes componentes da Gramática regidas por princípios próprios e integradoras de domínios específicos (Jackendoff 2002: 218-228). As interfaces funcionam como módulos que trabalham com dois domínios que mantêm a ligação entre módulos de um só domínio. A especificidade de cada módulo de um só domínio não é assim quebrada, já que são os módulos de interface que asseguram o contacto entre os domínios em jogo (Jackendoff 2002: 221).

O modelo de Jackendoff, que o A. designa por “structure-constrained modularity”, responde ao problema de saber como é que módulos encapsulados comunicam entre si. Na verdade, uma visão modular extrema tem como consequência a formatação de fronteiras rígidas entre os diferentes módulos que impedem a sua ligação.⁶ Através da concepção das interfaces como módulos em si mesmas, Jackendoff apresenta uma solução eficaz para a conexão entre os módulos, na medida em que não anula o teor de modularidade, antes o enfatiza. Esses módulos que são as interfaces dimensionam constrangimentos às ligações entre os níveis em jogo. As ligações encontram-se, pois, organizadas e não são caóticas, ao contrário do que poderia ser induzido por uma perspectivação não-modular das interfaces. De facto, como não são todas as subestruturas de uma dada estrutura que mantêm contacto ou influência sobre todas as subestruturas da estrutura com que se relaciona a primeira, os

⁵ Cf. Chomsky (1993: 25-26; 2000a: 4 e 2000b) que recusa uma explicação evolutiva para a linguagem. A favor desta explicação, vejam-se Jackendoff (2002: cap. 8; 1999 e 1994), Bickerton (1990) e Calvin & Bickerton (2000).

⁶ Cf. Fodor (1983) para uma visão desse tipo.

constrangimentos definidos nos módulos de interface, para além de assegurarem a relação entre módulos, asseguram igualmente que essa relação seja desenvolvida gramaticalmente.

Dessas componentes de interface destaca-se o léxico. A proposta encerrada na “Arquitectura Paralela” passa por considerar que «A word, by virtue of having features in each of the components of grammar, serves as part of the linkage between the multiple structures.» (Jackendoff 2002: 131). O A. prossegue, dizendo que o item lexical «[...] is a small-scale three-way interface rule. It lists a small chunk of phonology, a small chunk of syntax, and a small chunk of semantics, and it shows how to line these chunks when they appear in parallel phonological, syntactic, and conceptual structures. [...] In short, *the function of lexical items is to serve as interface rules, and the lexicon as a whole is to be regarded as part of the interface components.*»⁷ On this view, the formal role of lexical items is not that they are “inserted” into syntactic derivations, but rather that they establish the correspondence of certain syntactic constituents with phonological and conceptual structures.»⁸

Os componentes de interface revelam-se essenciais na simetria que Jackendoff desenvolve entre a Gramática como competência e o seu processamento. Isto providencia a desejada abertura da linguística para os estudos de psicolinguística, nomeadamente os que se situam no campo da aquisição e do acesso lexical durante a produção (e.g. Levelt 1999) e a recepção (e.g. Cutler & Clifton 1999). As interfaces mostram ainda a possibilidade de relacionar a capacidade cognitiva da linguagem com outras capacidades cognitivas sem que se perca a noção de autonomia de cada uma delas, mas também sem que se contraia cada uma numa esfera absolutamente isolada das restantes.⁹ Mais uma vez, Jackendoff proporciona assim uma maior interdisciplinaridade com as ciências neuronais em geral.

⁷ Em itálico no original.

⁸ A visão do léxico como um domínio de interface entre estruturas linguísticas, mas também extralinguísticas, como defendido por Jackendoff (1996 e 2002) a propósito da concepção de semântica, é suportada neurologicamente. De acordo com William Calvin, em Calvin & Bickerton (2000: 22-23), neurologicamente, a representação mental de uma dada palavra desencadeia a activação de diferentes subestruturas: «The visual attributes of an apple are likely to reside near visual cortex, its auditory template is likely to be near auditory cortex, and the vocalization motor program needed to pronounce “apple” is likely to be in the rear of the frontal lobe [...]. So the full-fledged concept of an apple is not stored in some particular location; it’s more like a distributed data base where a multifaceted report can be pulled together when needed.»

⁹ Este tipo de concepção que prevê as interfaces como módulos baseia-se em dados obtidos em estudos acerca de, por exemplo, a relação entre fenómenos visuais e a percepção da linguagem. Jackendoff (2002: 224) aponta como fonte os estudos de McGurk & MacDonald (1976) e de Massaro (1997). Na interface entre a visão e a percepção da linguagem, no processo de leitura, por exemplo, apenas alguns aspectos da visão são intervenientes. Aspectos como a percepção da cor ou do volume não são tidos em conta nessa interface. Isto significa que não é todo o sistema visual que tem de estar activado para o processamento da leitura

Outro aspecto a destacar do modelo consiste no modo de concepção da semântica. Na Gramática Generativa a semântica não tem papel de relevância; na semântica formal, o seu carácter é explicável com base em parâmetros sintáticos; e na semântica Cognitiva, princípios sintáticos de combinação são sacrificados. No modelo “Arquitetura Paralela”, a semântica possui os seus próprios princípios de organização, como qualquer componente. A interface entre a sintaxe e a semântica é aqui apontada como obedecendo a constrangimentos que mostram que nem a semântica condiciona totalmente a sintaxe, como por vezes a semântica Cognitiva advoga,¹⁰ nem a sintaxe condiciona totalmente a semântica, como é postulado pela semântica formal e pela Gramática Generativa Standard.

Para Jackendoff a semântica linguística existe como um corpo, mas não como uma estrutura perfeitamente diferenciada das estruturas de conceptualização em geral (Jackendoff 2002: 293).¹¹ Isto conduz a que a semântica linguística seja definida por Jackendoff (2002: 293) como o «[...] study of the interface between conceptualization and linguistic form (phonology and syntax). It therefore studies the organizations of conceptualization that can be expressed or invoked by language.». Entre a forma linguística e as estruturas conceptuais não existe, assim, nenhum domínio que contenha significado exclusivamente linguístico.¹²

(Jackendoff 2002: 227). Outras capacidades cognitivas mostram o mesmo tipo de funcionamento. Jackendoff (2002: 227) refere o caso da orientação corporal, baseando-se em estudos de Lackner (1981 e 1988) e de Lackner & DiZio (2000). Para a orientação corporal, concorrem várias informações veiculadas por diferentes sistemas sensoriais (Jackendoff 2002: 227-228): «[...] stretch sensors in the muscles, touch and pressure sensors in the skin, the semicircular canals and otolithic organs in the ear, and of course the visual system and auditory localization.». A congregação de todas estas informações está a cargo de um processador integrativo para onde convergem os dados advindos de níveis distintos.

¹⁰ Para uma visão crítica de diversas teorias que negam o sintactocentrismo da Gramática Generativa Standard veja-se a introdução de Van Valin & LaPolla (1997: 1-16). Estes AA. englobam essas teorias sob a designação de ‘the communication and cognition perspective’. Como os próprios AA. explicam, essas abordagens, apesar de integráveis numa perspectiva comum - a de que a linguagem encontra instanciação na comunicação e/ou na cognição -, apresentam disparidades muito fortes entre si. Num dos extremos desta perspectiva, Van Valin & LaPolla (1997: 12-13) localizam a Gramática Cognitiva de Langacker (1987 e 1991). Na abordagem de Langacker, a subserviência das estruturas gramaticais relativamente ao conteúdo conceptual conduz à negação das especificidades das primeiras, que são definidas simbolicamente.

¹¹ Para um suporte neurológico desta assunção, cf. Saffran & Sholl (1999).

¹² Jackendoff (1996: 8) apresentara a mesma concepção de semântica: «[...] there is no language-specific “semantic” level of representation intervening between syntax and conceptual structure. Language-specific differences in semantics of the sort just listed are localized in the interface between syntactic and conceptual structures.». O A. prossegue dizendo que «[...] a separate semantic level is unnecessary, in part because the syntax-C[onceptual]S[tructure] interface module has enough richness in it to capture the relevant differences [...]».

No que diz respeito à semântica lexical, Jackendoff (2002) assume a composicionalidade gerativa como mecanismo responsável pela construção semântica lexical. Jackendoff (2002: 334) estipula que os conceitos lexicais se encontram armazenados na memória de longo prazo e que resultam da composição entre partes laborada pela mente-f.¹³ Para se compreender o tipo de composicionalidade dos conceitos lexicais é necessário pôr de lado a noção de combinatorialidade a partir de elementos autónomos. Jackendoff (2002: 335) utiliza exemplos da fonologia e da física para se compreender o modo como deverá ser encarada a composicionalidade dos conceitos lexicais. É possível, pois, atingir patamares de decomposição cujos elementos não tenham autonomia para 1) funcionarem como palavras e 2) serem compreendidos pelo falante intuitivamente. Ou seja, a composicionalidade não é sinónimo de definibilidade.

Das várias estruturas que Jackendoff (2002) aponta dentro da semântica de um item lexical, das quais destacamos as noções de estrutura argumental, estrutura de qualia (Pustejovsky 1995: 76-81; 85-104), estrutura espacial (Jackendoff 2002: 346 e 1996), estrutura conceptual, estrutura em “dot”¹⁴ (Pustejovsky 1995: 90-95), estrutura em “cluster”,¹⁵ aquilo que resulta saliente é a concepção não concatenatória de traços semânticos para a obtenção do significado, a rejeição das condições necessárias e suficientes da semântica tradicional, ou, em suma, a concepção de que a composicionalidade semântica se encontra estruturada em tessituras complexas, com uma organização própria. Na esteira de Pustejovsky (1995), a semântica lexical não pode ser

¹³ Jackendoff (1992: 25) faz assentar esta assunção no seguinte raciocínio: «If there is an indefinitely large stock of possible lexical concepts, and the innate basis for acquiring them must be encoded in a finite brain, we are forced to conclude that the innate basis must consist of a set of generative principles – a group of primitives and principles of combination that collectively determine the set of lexical concepts.». Para uma posição contrária à de Jackendoff, veja-se Fodor (1975; 1998 e 2000). Na perspectiva de Fodor, ainda que haja lexemas que um determinado falante desconheça, os seus semantismos, porque indecomponíveis e, logo, não apreendidos através da congregação de partes conhecidas de modo prévio, estão presentes na sua mente, disponíveis para serem usados lexicalmente.

¹⁴ Estruturas em “dot” (Pustejovsky 1995: 90-95) referem-se a objectos pertencentes a mais do que uma categoria taxonómica, como é o caso de *novel* (Jackendoff 2002: 373), que é em simultâneo um artefacto concreto e um constructo literário. Como nestes conceitos há a intersecção de pelo menos duas taxonomias, para cada uma destas existe uma estrutura de qualia própria com pontos de contacto a relacioná-las.

¹⁵ Jackendoff (2002: 352) serve-se do exemplo clássico de *jogo* apresentado por Wittgenstein (1953) para exemplificar os conceitos “cluster”. Como é sabido, depois de analisados os diferentes tipos de jogos, Wittgenstein conclui que não há traços que estejam presentes em todas as actividades designadas por *jogo*, pelo que não há condições necessárias para a sua definição. Trata-se de conceitos esquematizados por uma série de traços que, por um lado, não estão na totalidade presentes num indivíduo, nem, por outro, são partilhados por todos os indivíduos. A unicidade destes conceitos é apoiada não na existência de condições necessárias, mas de feixes de condições agrupadas de modo não rígido. É este o princípio que conduz à teoria dos protótipos.

descrita satisfatoriamente através da enumeração de um número finito de traços sem uma rede de conexões complexa.

1.1.1 Importância da concepção de Jackendoff (2002) para o nosso trabalho

Para a construção do nosso trabalho, a “Arquitectura Paralela” de Jackendoff (2002) revelou-se essencial. Essa importância não se revelou em aspectos específicos, por exemplo, de análise do *corpus*, ou de concepção de mecanismos particulares de fabricação lexical, mas antes no próprio entendimento teórico da linguagem. Sem esse entendimento global não seria possível fundamentarmos em ambiente teoricamente sólido determinadas opções respeitantes, por exemplo, à concepção de semântica e à concepção de formação de palavras, mesmo que este último aspecto esteja quase ausente do trabalho de Jackendoff (2002).

No que diz respeito ao nosso trabalho, o modelo de linguagem de Jackendoff apresenta os seguintes aspectos a reter:

a) a visão de que todas as estruturas linguísticas possuem capacidade geratriz, que oferece um argumento a favor da concepção lexicalista que separa a formação de palavras da sintaxe;

b) a organização em fiadas com funcionamento dinâmico micro-estrutural de cada estrutura sustentabiliza igualmente a separação da genolexia da sintaxe;

c) a visão do léxico como uma interface activa com intervenção da memória dinâmica e não como mero acervo da irregularidade estanque consolida a concepção de que a genolexia age dinâmica e criativamente;

d) o funcionamento micro-estrutural das fiadas de cada estrutura acentua que a relação derivacional entre uma base e um produto não se faz entre dois blocos rigidamente concebidos, mas antes entre componentes dos itens que se comportam como constructos e não como monoblocos. Esses componentes, porque integrados em estruturas, apresentam funcionamento organizado;

e) a concepção das interfaces como módulos e não como meros contactos de transição consolidam a visão que defenderemos da existência de interfaces entre as RFPs operadas por determinadas estruturas dos operadores afixais;

f) a concepção de estruturas organizadas em fiadas permite compreender que essas interfaces se constroem entre componentes e não entre itens lexicais monoliticamente entendidos;

g) a estrutura semântica com complexos subestruturais conceptuais entendidos como não necessariamente definíveis abre espaço para um avanço em direcção a um entendimento mais cabal do papel essencial da semântica para a formação de palavras.

h) em suma, a visão da arquitectura da linguagem como em consonância com o seu processamento permite conceber a formação de palavras numa vertente mais dinâmica e mais mental-f (cf. cap. III).

1.2 O modelo das RFPs em interfaces

Em consequência da visão das interfaces como módulos, surgiu-nos a resposta teórica para o confronto entre as perspectivas contrárias das RFPs vs. dos operadores afixais como domínios de homogeneização genolexical.

Como exemplos dos modelos centrados nas RFPs podemos apontar, entre outros, os trabalhos de Corbin (1987) e de Rio-Torto (1993; 1998; 2004).

Os trabalhos de Rio-Torto, situam-se numa esteira polidimensional da formação de palavras, que a A. desenvolvera a partir do modelo associativo de Corbin (1987). Esse desenvolvimento protagonizado pelo modelo polidimensional de Rio-Torto representa, entre outros aspectos, uma visão solidamente fundada na análise empírica dos objectos lexicais. A riqueza e a complexidade semânticas desses objectos deixaram antever à A. que a rigidez teórica do modelo associativo de Corbin (1987), no que toca à concepção das próprias RFPs, necessitava de modalizações de forma a proporcionar uma maior adequabilidade entre o modelo teórico e os objectos empíricos.¹⁶

Os trabalhos de Rio-Torto enraízam-se na visão das Regras de Formação de Palavras como domínios homogêneos de actuação entre bases uniformemente definidas quanto à sua formatação categorial, semantismos gerados e operadores morfológicos. Não obstante, Rio-Torto (1993) apresenta um conjunto de mutações respeitantes a essa visão das RFPs como domínios rigidamente definidos.

¹⁶ O modelo de Corbin é alvo de alterações pela própria A., em direcção a uma maior responsabilização dos operadores afixais na construção dos produtos. Cf. Corbin & Corbin (1991), Corbin (1991; 1992 e 2004). Ao defender um modelo associativo, Corbin (e.g. 1992: 199-200) salienta que os componentes que servem para formar a estrutura morfológica do produto possuem igualmente papel determinante na formação da sua estrutura semântica. Os operadores afixais encontram-se formatados semanticamente, sendo que essa formatação é determinante para que os afixos apresentem comportamento diferente de acordo com a formatação da base (Corbin 1992: 200). Apesar das alterações que Corbin foi construindo ao modelo, neste trabalho focamos a versão de 1987 pelo facto de nos interessar sobretudo a sua dimensão orientada para as RFPs, aí amplamente desenvolvida, que a A. mantém nos trabalhos posteriores.

Essas mutações respondem sobretudo a questões suscitadas pela capacidade que alguns afixos têm de se associarem a bases categorialmente distintas e, conseqüentemente, de gerarem produtos também eles díspares entre si em termos semânticos e categoriais. A dimensionação de RFPs isocategoriais, de RFPs com categorias de base unitarizadas ou ainda de RFPs desenhadas como arqui-regras constituem modalizações conseguidas por Rio-Torto (1993; 1998; 2004) em direcção à concertação entre a elegância interna indubitável do modelo de RFPs de Corbin (1987) e a necessidade de adequação deste à realidade dos objectos lexicais.

Contudo, ao nos debruçarmos sobre a análise dos objectos deverbais, surgiram vários problemas teóricos em relação ao funcionamento genolexical dos operadores afixais que contrariam os modelos das RFPs. Esses problemas dizem respeito especificamente à relação dos afixos com as várias dimensões das bases e à obtenção, a partir do mesmo afixo, de produtos semanticamente homogêneos, ainda que com base em categorias sintáctica e semanticamente divergentes. Deste modo, a visão que parte das RFPs como domínios de homogeneização das bases genolexicais e que toma a divergência dos operadores afixais como meramente morfológica e não semântica surge questionada pela análise empírica do nosso trabalho.

Por outro lado, a avaliação de uma perspectiva oposta, advogada por exemplo por Plag (1999; 2004), demonstra as mesmas desvantagens do modelo de RFPs, apenas em pólo oposto. A proposta de Plag considera o operador afixal, e não a categoria das bases, como domínio de homogeneização genolexical. As desvantagens conseqüentes do abandono das RFPs prendem-se com a não explicação das ocorrências regulares de bases, não apenas sintáctica mas sobretudo semanticamente definidas, como intervenientes na produção de constâncias semânticas dos produtos.

Em relação aos modelos centrados nas RFPs e àqueles centrados nos afixos, o nosso modelo apresenta vantagens. Partimos, pois, da visão de que é através de componentes das fiadas das estruturas que se tecem as relações entre umas e outras estruturas e que essas relações são organizadas processual e sistemicamente. Assim, as RFPs são aqui concebidas como micro-estruturas que funcionam em interface e que mantêm relações entre si através de constelações operadas quer por afixos, quer por bases lexicais, com base em vectores semânticos sustentados pelos afixos.

Um exemplo ilustrará o intencido: existem produtos gerados através de *-ão* a partir de bases verbais que designam ‘agente que V’, outros que designam ‘acção de V’ e outros gerados a partir de bases nominais que designam ‘grande Xn’. Uma perspectiva baseada em exclusivo nas RFPs delimitará tantas RFPs quantas as operações semântico-categoriais destes processos e multiplicará *-ão* através da homonímia de acordo com o número de RFPs delimitadas. Por sua vez, uma perspectiva oposta, que considere a homogeneidade semântica dos produtos construídos por *-ão*, não terá em atenção as relações categoriais heterogeneamente tecidas e estabelecerá um único operador afixal.

Em ambas as soluções ocorrem as desvantagens que correspondem às vantagens da posição contrária. A saber: a posição a partir das RFPs anula a constância semântica de *-ão* ao considerar motivo de homonímia um factor externo ao próprio afixo. Esse factor externo tem que ver com a uniformidade categorial das relações entre base e produto. A posição a partir dos operadores não considera a constância semântica existente na relação entre cada tipo de base e cada tipo de produto.

A visão das interfaces como módulos construídos entre micro-fiadas estruturais permite conceber que é possível conciliar as duas perspectivas opostas. A actuação do mesmo operador afixal, sem ser multiplicado em homónimos, em diferentes RFPs é ancorada teoricamente nos módulos de interfaces. Estes módulos de interface são definidos como constantes estruturadas nas relações semânticas entre vectores semânticos dos operadores afixais e vectores semânticos das bases de derivação.

Por conseguinte, o modelo por nós proposto equaciona que as relações entre bases, operadores e produtos não se tecem entre estes elementos enquanto blocos rígidos e indecomponíveis, mas antes entre componentes de fiadas de estruturas de cada um deles, que mostram compatibilidade entre si.

Para além das interfaces como módulos, concorre para o nosso modelo uma visão conceptualista (Jackendoff 2002) e gerativa (Pustejovsky 1991; 1995) de semântica. A organização da semântica rege-se por estruturas em rede e não por constituintes considerados aristotelicamente. A importância da dimensão semântica que o nosso modelo oferece à genolexia só é possível e teoricamente suportável através de uma concepção de semântica como organização em redes de constelações dinamicamente activadas por vectores de funcionamento micro-estrutural.

Esse funcionamento micro-estrutural em simultâneo serviu de alimento e foi alimentado pela análise do *corpus* do nosso trabalho. Quer isto dizer que as soluções teóricas por que optámos resultam de uma constante necessidade de oferecer respostas teóricas a problemas suscitados empiricamente. Assim, o funcionamento em interface das RFPs através da actuação dos afixos, a organização semântica micro-estrutural, entre outros factores, emergiram da análise do *corpus* em conexão com os suportes teóricos mencionados e produziram, simultaneamente, a possibilidade de resultados mais cabais na análise desse *corpus*.

1.3 Perspectiva

O estudo que aqui apresentamos sobre os substantivos deverbais localiza-se, por conseguinte, no domínio da formação de palavras perspectivada de modo lexicalista e não sintacticista. Sem negarmos a importância de estudos de âmbito sintáctico ao comportamento sintáctico dos deverbais, torna-se imperioso, no entanto, distinguir a adequabilidade de uma abordagem sintáctica a estes objectos. Se os objectos deverbais forem estudados no seu funcionamento sintáctico, ou seja, na sua relação com outros objectos em unidades sintácticas, então a abordagem sintáctica revela-se não só adequada como necessária. Contudo, se os objectos deverbais forem tomados como produtos lexicais, ou seja, se for objectivo estudar os mecanismos que os geram enquanto lexemas, uma abordagem sintacticista revela-se desadequada à sua compreensão.

Distanciamo-nos, pois, de perspectivas que encaram a formação de palavras como dominadas pela sintaxe, cujo exemplo máximo é o de Lees (1960), ainda no âmbito da versão transformacionalista da Gramática Generativa, ao preverem que a sintaxe é o único componente com capacidade geradora na linguagem. Estão, assim, fora do nosso horizonte propostas recentes como as da Morfologia Distribuída, desenvolvida por Halle & Marantz (1993) e Marantz (1998; 2001) e aplicada aos deverbais por Alexiadou (2001), por exemplo.

Por outro lado, perspectivas como as de Zucchi (1993), que tomam os deverbais na sua vertente discursiva, de acordo com uma análise baseada em teorias de verdade e referência, são também descartadas no nosso estudo. Essas abordagens não focalizam a construção lexical dos produtos em apreço.

O problema das visões sintacticistas que anulam a autonomia da genolexia reside principalmente na incompreensão de que a formação dos deverbais, como dos lexemas em

geral, devido à complexidade de operações semânticas envolvidas, não é explicável cabalmente pela mutação de categoria sintáctica de verbo para substantivo. A multiplicidade de semantismos e o carácter intrincado da composição desses semantismos encontrados nos produtos e nas relações entre bases, afixos e produtos revelam que é preciso um estudo minucioso das micro-estruturas envolvidas nesse processo. A variedade de operadores afixais disponíveis quer para a construção de produtos de evento, quer de produtos de indivíduo e a diversidade semântica, muitas vezes ténue, daí resultante apontam que a explicação sintáctica não é a mais adequada para a compreensão do fenómeno.

Estas considerações não deverão conduzir à interpretação de que o trabalho por nós aqui apresentado se situa a um nível morfómico, tal como definido por Aronoff (1994). O nível morfómico é o nível da morfologia pura, isolada de conexões com outras estruturas, nomeadamente a semântica. Ainda que, como iremos observar, a concepção desse nível morfómico tenha consequências importantes no entendimento da vertente morfológica da genolexia, a visão que oferecemos de genolexia é a de uma área privilegiada de interface e não a área da morfologia pura. Consequentemente, o estudo das estruturas semânticas e sintácticas é, como ficará saliente, ao longo do trabalho, imperioso para o entendimento cabal da construção lexical.

De facto, ao constituir-se a genolexia como domínio de interface laborado micro-estruturalmente, decorre daqui a necessidade de se proceder ao estudo aturado da organização dessas estruturas. Só através do estudo dessas estruturas é possível determinar quais os componentes subestruturais intervenientes na produção dos lexemas. Como tal, socorrer-nos-emos de estudos sintáctico-semânticos para a compreensão quer da organização das estruturas que permitem gerar os produtos de evento e de indivíduo, quer do funcionamento das bases verbais, de modo a delimitar os caracteres das bases com intervenção na produção daqueles lexemas.

O estudo micro-estrutural dessas estruturas é impelido pela variedade e complexidade de semantismos ostentados pelos deverbais. A riqueza semântica destes objectos é visível nas designações de categorias ontologicamente delimitadas como ‘evento’, ‘local’, ‘agente’, ‘instrumento’ e nos matizes percebidos na oposição entre, por exemplo, os ‘agentes’ *falante* e *falador*, os ‘eventos’ *resinagem* e *resinação*, entre muitos outros.

Perante esta complexidade, não totalizada pelos exemplos oferecidos no parágrafo anterior, torna-se patente que a explicação para a geração desses semantismos e dos matizes dentro dos semantismos não encontra satisfação em perspectivas que encaram a semântica nem aristotélica nem Cognitivamente. Uma abordagem satisfatória terá que desenhar a semântica na sua composicionalidade muitas vezes não acessível directamente através de traços uniformes e binários. Essa composicionalidade terá de ser entendida como uma organização micro-estruturada em fiadas e numa decomponibilidade *ad infinitum*. Por conseguinte, uma abordagem que tomasse a geração de semantismos como produzida a partir de outros semantismos como blocos uniformes e estanques não será aqui colhida.

Essa abordagem incapaz de conceber a semântica na sua organização gerativa em rede, como concebida por Pustejovsky (1991; 1995), é paralela à visão prisciânica na morfologia (Aronoff 1994: 177, nota 3). Matthews (1994: 105-107) explica que os gramáticos antigos de tradição grega e latina, de que salienta Prisciano (séc. VI) e Donato (séc. IV), não possuem a noção de ‘morfema’ como unidade discernível através de uma tarefa de decomposição. Como tal, os gramáticos antigos encaram a flexão e a derivação como transformações de uma palavra como um todo noutra palavra também como um todo.

Como Matthews (1994: 107) salienta, é anacrónico julgar que essa concepção, no seu tempo, estava errada, na medida em que a função dos gramáticos de então não residia na elaboração de modelos teóricos respeitantes ao funcionamento da linguagem, mas na descrição, para a prescrição, de formas fixadas como norma do latim e do grego.

Contudo, como teremos ocasião de observar a propósito das estruturas morfológicas/morfemáticas, o que é anacrónico é perseverar actualmente numa concepção desse tipo quer para as estruturas morfológicas, quer para as estruturas semânticas. De facto, na delimitação dos deverbais construídos em português, não é plausível colocar como condição necessária para a sua determinação a atestação de uma palavra existente como um todo e com realização sintáctica. Na verdade, uma das posições assumidas neste trabalho, e que é sustentada pelo funcionamento dinâmico e mental da linguagem tal como particularizado por Jackendoff (2002), é a de que uma forma pode funcionar como base de derivação a outra desde que seja segmentável e identificável lexicalmente.

Do mesmo modo, no domínio da semântica, seria uma abordagem parasítica ou prisciânica determinar que os semantismos secundários de um produto lexical são formados a partir de outros semantismos existentes nesse produto ou ainda que o semantismo primário de um produto é formado a partir do semantismo como um todo da base

derivacional. Perante situações de inexistência do semantismo primário, a concepção deste enquanto potencial não deslaça o carácter parasítico da explicação. Na verdade, a geração de semantismos apenas necessita de unidades mais pequenas que se organizem entre si em redes.

O avanço no entendimento do processamento semântico e morfológico permite compreender que em ambos os domínios a matéria de laboração é mais fina do que o todo de um semantismo ou o todo de uma palavra.

2. *Corpus*

O *corpus* de deverbais construídos em português que serviu de objecto de análise ao nosso trabalho é constituído por 8414 deverbais a partir dos quais foram avaliadas 13708 significações. Dos 8414 deverbais, 4917 são produtos construídos com operadores sufixais prototipicamente de ‘evento’ e 3497 são produtos obtidos através de operadores sufixais prototipicamente de ‘indivíduo’. Os operadores prototipicamente de ‘evento’ tidos em consideração são *-ção, -mento, -agem, -aria, -dura, -nça, -nço, -ncia* e *-ão*. Os operadores prototipicamente de ‘indivíduo’ são *-ão, -dor, -dora, -deira, -deiro, -vel, -nte, -douro, -doura, -tório, -ório, -tória, -ória* e *-al*.

Como observável, não constituem estes operadores a totalidade de afixos actantes na formação de deverbais. Assim, da formação de deverbais de ‘evento’ não foram estudados, por exemplo, deverbais em *-ice*, como *bisbilhotice, inzonice, palrice*, ou em *-ido* como *ladrido, rosnido, zumbido*. Da formação de deverbais de ‘indivíduo’ não foram estudados, entre outros, afixos como *-alho* (*espantalho, escorralho, esfregalho*), *-eta* (*chilreta, tapeta, chupeta*), *-alha* (*acendalha, aralha*), entre outros.

Embora também estes operadores façam parte de um conjunto de objectos deverbais previamente recolhidos, optou-se por excluí-los do *corpus* para análise neste trabalho. Essa exclusão fundamenta-se no número reduzido de produtos que contêm esses afixos, na sua circunscrição diatópica e diastrática e na linearidade semântico-referencial das significações dos produtos e da relação com as bases. Não significa esta opção que o estudo destes operadores não seja pertinente para um mais cabal conhecimento dos deverbais do português. Contudo, o *corpus* deverá ser constituído por objectos o mais heterogêneos possível na sua intrinsecidade, designadamente na variedade de semantismos e de tipos semânticos de bases, e o mais homogêneos possível na coesão do sistema linguístico em

que se inserem. Essa coesão resulta da não integração de operadores afixais fortemente marcados sob o ponto de vista diatópico e diastrático.

2.1 Constituição do *corpus*

Dado que os deverbais são perspectivados neste trabalho na sua face genolexical, a constituição do *corpus* que servisse de objecto à análise empírica procurou obedecer a parâmetros que mais informação lexical disponibilizassem. A riqueza de informação esperada situa-se em três dimensões:

- i) diversidade de afixação;
- ii) quantidade de produtos gerados com o mesmo afixo;
- iii) variedade de semantismos dentro dos produtos gerados com o mesmo afixo.

Pretendia-se, pois, conseguir grande número de parâmetros possíveis em relação aos semantismos gerados nos deverbais. Como tal, para a constituição do *corpus* optou-se por proceder à recolha de objectos lexicais em fontes lexicográficas e não em textos. A possibilidade de encontrar em textos o número de produtos e de semantismos destes encontrados em obras lexicográficas, no mesmo espaço de tempo, é francamente ilusória. A desvantagem de, nas obras lexicográficas, os semantismos apresentarem definições ambíguas (sobretudo em relação aos semantismos de ‘evento’) é apenas aparente. Faz parte da nossa tarefa desambiguar co-textualmente os semantismos através de uma comparação paradigmática com outros deverbais. Repare-se que o mesmo empreendimento teria de ser levado a cabo se partíssemos da recolha dos deverbais em co-texto.

Outra desvantagem pode ser apontada à recolha em obras lexicográficas: estas não contêm lexemas gerados quase em tempo-real, quer venham a consolidar-se pelo uso, quer não venham, como os *hapax legomena*. Contudo, este tipo de lexemas apenas sublinha a produtividade de um processo genolexical verificável através de outros produtos. Em todo o caso, nada impede a inserção destes lexemas no *corpus* a analisar, quando com eles nos confrontamos. De facto, alguns itens lexicais aí inseridos foram recolhidos em co-texto.

De qualquer modo, a base de recolha por que optámos é a obra lexicográfica. Para além do acesso rápido a um grande número de lexemas e de semantismos, a obra lexicográfica disponibiliza ainda o acesso a lexemas de estados pretéritos da língua. Esses lexemas apresentam semantismos e parâmetros funcionais que auxiliam na compreensão de fases actuais da língua.

A obra lexicográfica que serviu de base à recolha do nosso *corpus* foi o *Dicionário da Língua Portuguesa* da Porto Editora em versão informática (DLP). Numa segunda fase, todos os lexemas elencados a partir do DLP foram objecto de confronto e registo dos dados lexicográficos constantes em duas obras de fases anteriores da língua: o *Vocabulário Portuguez e Latino* de Raphael Bluteau (1712-1728) (Bluteau) e o *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingoa Portugueza* (1871-1874) de Domingos Vieira (DV). A partir da consulta de Bluteau e de DV obtiveram-se ainda alguns produtos deverbais que não constavam do DLP. Em fases posteriores, recorreu-se ao *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001) da Academia das Ciências de Lisboa (Academia) e ao *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001-2002) (Houaiss) para complementação de informação semântica relativa a produtos específicos, quando não encontrada nas três obras que serviram de base para a constituição do *corpus*. Como já referido, alguns produtos foram colhidos em co-texto oral e em co-texto escrito. Em ambos os casos se registaram as fontes.

Repare-se que as obras lexicográficas serviram de fonte de recolha de produtos e de suas significações, mas a determinação destas não foi regida exclusivamente pelas informações contidas nessas obras. Para a análise e delimitação dos semantismos dos produtos e dos afixos, procedeu-se a uma comparação de semantismos entre si baseada em dados co-textuais colhidos em motores de busca da internet.

2.2 Critérios para a constituição do *corpus*

A tarefa de recolha lexical corresponde a uma primeira fase em que não se tiveram em conta os seguintes parâmetros de delimitação do *corpus*:

- i) distinção dos lexemas construídos vs. não-construídos do português;
- ii) decisão de integração ou não de lexemas adjectivais;
- iii) decisão de integração ou não de formas femininas dos lexemas.

Assim, os 8414 lexemas correspondem ao conjunto dos lexemas tomados como deverbais do português gerados lexicalmente, depois da resolução das tarefas i), ii) e iii) anunciadas, e não à totalidade de lexemas verdadeiramente analisados e filtrados.

Assim, a fase de recolha de produtos para a constituição do *corpus* não foi sujeita a uma selecção dos produtos construídos em português e dos não-construídos nesta língua. Propositadamente não se procedeu a essa filtragem em momento prematuro de constituição do *corpus*, para deixar em aberto a possibilidade de aplicação de filtros teoricamente

fundados só afinados após prévia análise desse *corpus*. Não focaremos neste momento esses filtros, pois serão explicitados no cap. III.

Em relação às categorias adjectivo vs. substantivo, deverá ter-se em conta que esta questão é suscitada pelo facto de alguns afixos gerarem quer substantivos, quer adjectivos. Encontram-se nesta situação, por exemplo, os afixos *-dor*, *-nte*, *-vel*, *-ão*, entre outros. Sem procedermos neste momento a uma reflexão acerca das categorias em causa, esclarecemos somente que optámos por considerar como elementos para o nosso *corpus* os lexemas que, ainda que categorizáveis como adjectivos, são actualizáveis directamente como substantivo, como por exemplo *trabalhador*. Quer isto dizer que o facto de um item pertencer à categoria adjectivo não funcionou como critério para o excluir de imediato do nosso estudo. Aqueles que não são directamente actualizáveis como substantivo, ou seja, sem auxílio de mecanismo co-textual de elipse, não foram incluídos no *corpus*. É o caso de produtos em *-vel*, como *domesticável*, *fabricável*, etc.

No entanto, casos houve de lexemas não categorizáveis directamente como substantivos que foram incluídos no nosso estudo. Essa opção deveu-se ao carácter valioso da informação que os semantismos dos adjectivos providenciam relativamente à carga semântica dos afixos que os geram. Trata-se muitas vezes de categorias adjectivas pertencentes a estados pretéritos da língua, mas sem as quais não teria sido possível avaliar de modo adequado o funcionamento semântico do afixo. Exemplos destes casos encontram-se, entre outros, em produtos adjectivais em *-douro*, como *casadouro*, *pagadouro*, etc.

A questão respeitante aos géneros feminino e masculino reside em decidir se se deveriam integrar todas as formas masculinas e femininas a partir de afixos também eles regidos por essa oposição, como *-dor/-dora*, *-deiro/-deira*, *-douro/-doura*. Em suma, tratava-se de saber se se deveriam considerar os elementos de cada par como meras actualizações de género ou como afixos com carga semântica própria.

Trata-se de uma questão de difícil resolução, na medida em que alguns casos parecem situar-se em domínios de transição entre uma e outra situação. Há casos, como *trabalhador/trabalhadora*, em que a oposição é meramente de género, ou seja, a forma feminina não apresenta carga semântica distinta daquela da forma não-marcada. Nestas situações, optou-se por não integrar no *corpus* a forma marcada.

Noutras situações, como *embobinador/embobinadora*, optou-se por colocar a forma feminina no *corpus*, porque esta apresenta um semantismo não coincidente com aquele disponibilizado pela forma não-marcada. A forma feminina significa ‘máquina’, enquanto a

forma masculina significa ‘agente humano’. Poderá contra-argumentar-se que se trata de uma distinção ao nível referencial, ou ao nível da enciclopédia e não do dicionário. Refutamos a contra-argumentação ao, por um lado, rejeitarmos a oposição entre enciclopédia e dicionário¹⁷ (que aqui não desenvolveremos por ser objecto de discussão no cap. II) e, por outro, entendermos que, se assim é, em extremo toda a construção semântica é uma questão referencial e, por conseguinte, que um deverbal designe um ‘evento’ ou um ‘agente’ não é problema da linguística. Ora, a análise semântica neste trabalho demonstrada vem comprovar a inadequação de uma posição desse tipo.

É necessário ter em conta que a preferência que as formas femininas mostram relativamente à construção de determinados semantismos possui carácter sistémico e, como tal, são de integrar no *corpus* formas que parecem ser geradas no léxico. Contudo, tenha-se em atenção que não é a forma feminina do afixo em si mesma que contém a significação de, por exemplo, ‘máquina’, como esclareceremos em § 1.2 do cap. VII. A carga semântica da forma feminina é igual à carga semântica da forma correspondente não-marcada. Consequentemente, o que pode ser variável é a construção do semantismo final. É essa construção final que é alvo de lexicalização e não a forma feminina do afixo em si mesma.

Em suma, não se trata de decidir se a forma feminina do afixo é um afixo distinto do afixo correspondente à forma não-marcada, mas antes de avaliar se cada um dos lexemas construídos com as duas formas do afixo são geráveis lexicalmente ou correspondem simplesmente à actualização do género. Se o semantismo da forma marcada for também ele marcado em relação ao semantismo da forma não-marcada, integra-se o lexema que encerra

¹⁷ Cf. Jackendoff (2002: 285-288) para os fundamentos desta rejeição. Na base, ela prende-se com a negação de que existe uma semântica exclusivamente linguística por oposição a uma semântica extralinguística. Jackendoff (2002: 286) apresenta como exemplo o caso de *murder* e *assassinate*. A distinção de significado entre os dois itens reside na implicação de uma motivação política na accionalidade de *assassinate*. Colocar este semantismo no dicionário vai contra a estipulação de que os traços constantes deste são simplificados. No entanto, colocá-lo no domínio da enciclopédia conduz à anulação da distinção semântica entre os dois itens lexicais, pois, a existir uma semântica linguística, esta terá a seu cargo a distintividade semântica entre as palavras (Jackendoff 2002: 286). Observe-se ainda a ambiguidade dicionário/enciclopédia que pode envolver determinado traço semântico conforme o item lexical onde está inserido. Jackendoff (2002: 288) serve-se do exemplo seguinte: «[...] both *rise* and *climb* carry content pertaining to movement in an upward direction. But *climb downwards* is perfectly sensible while *rise downwards* is anomalous. Thus the very same piece of conceptual content may belong either to “pragmatics” or to “semantics”, depending on the word.». Veja-se ainda a ilustração que Jackendoff (1992) proporciona a respeito da binarização de traços da semântica lexical, mas que aqui pode ser transposta para a oposição enciclopédia vs. dicionário. Jackendoff (1992: 43-44) refere que na distinção entre *duck* e *goose* «[...] to encode this difference in binary features, say [\pm long neck], is patently ridiculous.». Acrescentamos que, se os significados de *duck* e *goose* estão inscritos no dicionário, para que possa haver distintividade semântica entre os dois itens, por sua vez, a apreensão dos dois conceitos só pode ser feita enciclopédicamente, o que contradiz o primeiro postulado.

o primeiro no *corpus*. Se o semantismo da forma marcada não for marcado em relação ao semantismo da forma não-marcada, não é integrado no *corpus*.

Apresentadas as principais tarefas de triagem do *corpus*, avançaremos para a sistematização dos objectivos da sua análise.

3. Objectivos

O grande objectivo deste trabalho reside na compreensão dos mecanismos de geração dos substantivos deverbais do português contemporâneo. Dado que a genolexia é por nós entendida como uma área privilegiada de interface, os mecanismos avaliados localizam-se nos seguintes domínios, cujo estudo é convertido em sub-objectivos:

- estruturas morfológicas/ morfemáticas das bases verbais em relação com as estruturas de afixação. Trata-se de avaliar os constrangimentos mórficos entre os afixos nominalizadores sob análise e as estruturas morfológicas/morfemáticas disponibilizadas pelas bases verbais;
- estruturas sintáctico-semânticas das bases e sua correlação com as estruturas de afixação. Neste parâmetro procura-se dilucidar as relações entre os tipos sintáctico-semânticos das bases verbais e a selecção afixal;
- estruturas semânticas das bases, estruturas semânticas dos afixos e estruturas semânticas dos produtos. Sob este aspecto, procura-se compreender o contributo dos vários componentes semânticos das bases verbais e dos afixos intervenientes na construção dos vários semantismos emergentes nos diferentes produtos deverbais.
- mecanismos de actuação dessas estruturas para a obtenção dos produtos e de seus semantismos.

Estes principais objectivos só podem ser cumpridos através de uma prévia instanciação teórica da actuação dos vários componentes das diversas estruturas que compõem os agentes lexicais intervenientes na genolexia em causa.

O tratamento dos dados obtidos a partir da análise do *corpus* é de carácter estatístico. O tratamento numérico do *corpus* em relação a cada parâmetro analisado é justificado pela necessidade de compreender o peso real de cada tipo de estrutura na fabricação dos produtos.

Por exemplo, só um tratamento deste tipo permite observar com rigor qual o peso relativo de bases verbais transitivas causativas na construção de produtos em *-dor*. Só esse

tratamento dilucida verdadeiramente se, por exemplo, as bases inacusativas estão excluídas da produção de deverbais em *-dor* e, se o não estão, qual o seu peso relativo na sua geração.

Assim se compreende igualmente a necessidade de analisar o maior número de deverbais possível, para que os dados daí advindos não resultem de observações infundadas quer por partirem de um número insignificante de produtos, quer por não medirem os parâmetros que neles intervêm rigorosamente.

Poderá objectar-se que o pormenor numérico desse tratamento se torna excessivo num estudo de genolexia, ou seja, de uma área em que, na realidade, os objectos são em número indelimitável. Contudo, deverá ter-se em conta que qualquer tratamento estatístico, seja na área da linguística, da zoologia, da química, etc., se refere a um *corpus* artificialmente delimitado e construído por aquele que o vai analisar como representativo de um conjunto aberto de objectos. Os resultados estatísticos dizem respeito àquele *corpus* específico e não à totalidade dos objectos do real nele integráveis. Daí que o *corpus* deva ser construído com todo o rigor de modo a ser de facto representativo do que pretende representar, ou seja, de maneira a que a precisão da análise tenha correspondência com uma maior exactidão da mesma. Como tal, a utilidade da precisão dos valores percentuais revela-se na disponibilização de um modo de comparação mais fino dos parâmetros avaliados, que poderá ser usada em análises subsequentes com outros objectivos.

Duas chamadas de atenção são devidas relativamente aos totais numéricos apresentados para cada aspecto dos objectos em análise.

Em primeiro lugar, deverá ter-se em conta que os valores percentuais apresentados, incluindo os totais, são arredondamentos.

Em segundo lugar, deverá notar-se que, por vezes, não coincidem os valores totais relativos aos produtos de determinado afixo quanto ao número de produtos e quanto ao número de semantismos. O número de produtos avaliados é de 8414. Esses produtos apresentam polissemias, pelo que o número de semantismos será superior ao número de produtos. Contudo, há casos de produtos de determinados operadores afixais em que o número de semantismos apresentado é inferior ao número de produtos. Esta discrepância é devida à não contabilização de determinados semantismos que não se mostraram em acordo com os parâmetros mostrados por aqueles produtos. Constituem exemplo disto os produtos em *-nço*. Para o afixo *-nço* são avaliados 27 produtos, mas são dadas apenas 26 significações. É que o produto *picanço* apresenta uma significação não compatível com os

parâmetros das restantes (cf. § 1.8 cap. VII). Perante a escassez de dados com que se pudesse comparar essa significação, optámos por não contabilizá-la numericamente.

Não existe incongruência nestas opções. Os dados avaliados são autónomos uns em relação aos outros.

Por sua vez, o número de tipos léxico-semânticos das bases verbais é superior ao número de bases, devido à integração do mesmo verbo em tipos diferentes, polissemicamente.

4. Estrutura do trabalho

O trabalho encontra-se dividido em oito capítulos e quatro anexos. O capítulo I possui carácter introdutório, onde se pretende dar a saber o tipo de abordagem teórica aqui prestada aos deverbais, bem como a ancoragem teórica em termos de concepção de linguagem que dirigiu a elaboração do modelo de genolexia por nós proposto. Este capítulo explicita ainda o modo de construção do *corpus* e as grandes linhas de objectivos que financiaram a sua análise.

No capítulo II apresentamos a construção do modelo teórico das ‘RFPs em interfaces’ em confronto com modelos de outros autores. Como tal, avaliam-se os estatutos quer das RFPs, quer dos operadores afixais e dilucidam-se os mecanismos e as estruturas que possuem intervenção na formação dos deverbais. Avalia-se e determina-se, assim, o papel das estruturas argumental, eventiva e léxico-conceptual na construção dos deverbais e anunciam-se os mecanismos que os geram.

Dado que tanto o capítulo II, como também as secções teóricas dos capítulos seguintes avaliam abordagens de vários AA. aos diferentes aspectos em análise, optámos por não incluir um capítulo específico respeitante ao estado das questões, a bem da não-redundância.

O capítulo III diz respeito à avaliação das estruturas morfemáticas/morfológicas das bases verbais e da sua correlação com as estruturas afixais disponíveis para a geração dos deverbais. Neste capítulo, procede-se, numa primeira fase, à dilucidação de parâmetros teóricos acerca da delimitação daquelas estruturas e da definição dos lexemas construídos e não-construídos do português. Como aí se observará, encarar-se-á o auxílio dos dados diacrónicos como importante para essas tarefas, enquanto em coadjuvação de critérios

sistémicos de comparação paradigmática. Numa segunda fase, instancia-se a análise das referidas estruturas e mostram-se os seus resultados, com sua interpretação.

O capítulo IV tem como objecto as estruturas sintáctico-semânticas das bases verbais com intervenção directa ou indirecta na produção dos deverbais. Delimitam-se os tipos dessas estruturas a partir de propostas de alguns AA. situadas numa esteira léxico-conceptualista e em conjugação com a análise do nosso *corpus*. É necessário ter em conta que a análise empírica de todos os níveis estruturais se fez sempre para as bases verbais e para os produtos. Neste capítulo, apresentam-se os tipos semânticos em que se incluem as bases verbais do *corpus*, bem como os traços semânticos eventivos relevantes para a formação dos deverbais. Finalmente, oferece-se o tratamento estatístico da distribuição de tipos semânticos das bases por operador afixal de nominalização.

O capítulo V fundamenta os mecanismos de geração dos semantismos dos deverbais, através da apresentação do aparelho formal construído para a sua compreensão e explic(it)ação. Esse aparelho formal joga com uma base de símbolos cuja conjugação permite observar quais os componentes intervenientes na produção de cada semantismo particular e o modo como ocorre o mecanismo para essa conjugação. Como tal, são oferecidos os componentes das diversas fontes genolexicais (fonte afixal, eventiva verbal, léxico-conceptual verbal e extra) e os semantismos finais por aqueles construídos. Esses semantismos finais constituem o resultado de um labor de decomposição e recomposição que atestam que a informação lexicográfica serve apenas de ponto de partida para este estudo. Por fim, o capítulo oferece a distribuição de semantismos por tipo de base semântica e operador afixal.

Os capítulos VI e VII representam a demonstração empírica da aplicação do modelo teórico, do aparelho formal e da intervenção dos componentes genolexicais por nós delimitados nos capítulos anteriores. O capítulo VI focaliza os produtos deverbais prototipicamente de ‘evento’ e o capítulo VII aborda os produtos deverbais prototipicamente de ‘indivíduo’. Nos dois capítulos mostram-se para cada operador afixal os semantismos construídos e a intervenção de cada componente na sua construção. Trata-se, assim, de capítulos de mostragem prática dos mecanismos genolexicais actantes na construção dos deverbais e dos seus semantismos.

O capítulo VIII encerra as principais conclusões deste trabalho e aponta alguns domínios que são susceptíveis de estudo futuro.

Para que essa mostragem prática constante nos caps. VI e VII seja acedida, inserem-se nos anexos X e Y tabelas que resultam da aplicação do aparelho formal descrito. No anexo X constam os produtos gerados por operadores afixais prototipicamente de ‘evento’. No anexo Y encontram-se os objectos construídos através de operadores afixais prototipicamente de ‘indivíduo’.

Para cada operador afixal construíram-se tabelas organizadas verticalmente por tipos semânticos de bases verbais e horizontalmente por traços intervenientes na geração de cada semantismo de cada produto. A consolidação semântica de cada resultado faz-se através dos símbolos explicitados no capítulo V. As tabelas assim construídas apresentam a vantagem de ostentarem não os semantismos em si mesmos, mas o mecanismo de produção de cada semantismo com os seus intervenientes.

A distribuição de semantismos por operador afixal tratada estatisticamente é apresentada nos anexos A e B. Os documentos constantes no anexo A dizem respeito aos produtos prototipicamente de ‘evento’. Os documentos do anexo B são relativos aos produtos prototipicamente de ‘indivíduo’.

Convenções

N- Substantivo

V- Verbo

Adj- Adjectivo

RFP- Regra de Formação de Palavras

° - forma potencial

* - forma agramatical

subs- substância

veg-vegetal

n-arg - componente sem correspondência com argumento

ani- animado

an- animal não-humano

h- humano

instr- instrumento

máq- máquina

i a- instrumento autónomo

obj- objecto

loc- locativo

ca- causa

c- corpo

p- pequeno

exp- experienciador

t- tempo

ci- composto por operações/indivíduos iguais

op dif- composto por operações diferentes

pont- pontual

durat- durativo

intens- intenso

part- ponto de partida

cheg- ponto de chegada

tél- télico

perf- perfeito

resul- resultado

conc- concreto

col- colectivo

sist- sistema

efec- efectuação

refer- referência

proces- processo

est/cap/car- estado/capacidade/característica/aptidão/qualidade intrínseca

As convenções relativas ao aparelho formal encontram-se explicitadas no cap. V e são reproduzidas no início dos anexos X e Y.

As convenções encontram-se reproduzidas num cartão volante que acompanha o volume.

Capítulo II

Quadro teórico de concepção de genolexia: proposta do modelo de RFPs em interfaces

0. Introdução

Neste capítulo apresentaremos o modelo genolexical desenvolvido neste trabalho. Como tal, focalizaremos aspectos teóricos respeitantes à genolexia e mais especificamente à genolexia deverbal que foram por nós avaliados e sujeitos a remodelações por forma a dar corpo ao modelo que propomos. Essas remodelações foram suscitadas pela necessidade de uma maior conciliação entre o modelo explicativo e os dados empíricos genolexicais. Esses aspectos relacionar-se-ão com o estatuto das RFPs e dos operadores afixais e com os mecanismos através dos quais aqueles operam na formação dos produtos. A intervenção da estrutura argumental e da estrutura eventiva na produção dos deverbais será também alvo de discussão.

Assim, na secção 1, exporemos a nossa perspectivação teórica relativa às Regras de Formação de Palavras e aos operadores afixais nelas actuanes. Através da avaliação de diferentes quadros e entendimentos teóricos da formação de palavras, apresentaremos o nosso modelo genolexical. No âmbito deste modelo defenderemos que as RFPs se encontram em interface umas em relação às outras (§ 1.1). Essa interface é realizada através dos operadores afixais, que são por nós encarados como detentores de capacidade semântica inerente (§ 1.2). Esta visão oferece resposta quer às abordagens que tomam os afixos como pontos absolutos de convergência da genolexia (e.g. Plag 1999; 2004), quer àquelas que recorrem à concepção de RFPs como domínios exclusivos de geração lexical (e.g. Corbin 1987; Beard 1995).¹

¹ No nosso trabalho centramo-nos sobretudo em Corbin (1987) e não outros trabalhos da A., na medida em que pretendemos contrapor dois modelos antagónicos (um, como o de Corbin (1987), que encara as RFPs como pontos de convergência genolexical e os afixos como operadores daquelas; outro, como o de Plag (1999), que concebe os afixos como detentores máximos de operacionalidade genolexical e nega a necessidade das RFPs.). A distância entre estes dois modelos é avaliada para mais facilmente enfatizarmos as vantagens de um modelo que concilie as duas abordagens, como aquele que aqui proporemos. Não queremos com isto negar a evolução do trabalho de Corbin (e.g. Corbin 1990; Corbin 1991; Corbin & Corbin 1991; Corbin 2004: 1290) em direcção à postulação da identidade dos operadores afixais. Nestes trabalhos, o modelo de Corbin apresenta uma maior valorização do papel do afixo na construção do semantismo do produto, sobretudo ao conceber o afixo como detentor de propriedades semânticas próprias e de capacidade de selecção de componentes semânticos da base (e.g. Corbin 1991: 16; Corbin & Corbin 1991: 115 e Corbin 1992: 199-200). Contudo, em nenhum desses trabalhos se constrói um modelo que verdadeiramente ofereça autonomia aos afixos, no sentido de se conciliar a visão orientada para as RFPs com a visão orientada para os

Essa capacidade semântica inerente dos operadores afixais permite situar no domínio semântico o mecanismo primeiro responsável pela formação de palavras. Os operadores afixais são encarados no nosso trabalho como verdadeiros agentes com poderes semânticos e não como meras realizações morfofonológicas das RFPs. Através desta concepção estão criadas as condições teóricas para se perceber que os afixos actuates numa dada RFP não são simétricos perfeitos em termos funcionais e que, conseqüentemente, não são comutáveis entre si neutralmente. Para além de a comutabilidade entre afixos não se verificar em relação a qualquer base verbal, quando esta se verifica o resultado semântico apresenta matizes imputáveis à acção semântica afixal.

O modo primeiro como os afixos interagem com as bases manifesta-se num domínio semântico através de mecanismos de conjugação de traços semânticos que designamos por “coindexação” (§ 2) e “projecção” (§ 3).

A avaliação quer dos dados empíricos, quer das perspectivas teóricas de outros AA. e daquela que aqui desenvolvemos, permite-nos rejeitar que haja intervenção primeira da estrutura argumental da base verbal na construção quer de deverbais de evento, quer de deverbais de indivíduo (§ 4).

O facto de alguns deverbais ostentarem capacidade argumental não se deve à herança desta a partir da base verbal, mas a desenvolvimentos internos ao produto deverbal em si mesmo. A matéria herdada da base é puramente semântica, ainda que oriunda de diferentes subestruturas, como são a léxico-conceptual e a eventiva. Para além de outros, um dos argumentos com maior força probante da inexistência de acção argumental na produção dos deverbais funda-se em exemplos de dois tipos:

i) deverbais com capacidade argumental não coincidente com a estrutura argumental da base;²

ii) deverbais gerados com o mesmo afixo dos primeiros que, ao contrário desses, não apresentam capacidade argumental.

afixos. Assim, o paralelismo que aqui teceremos entre Corbin (1987) e Beard (1995) sustenta-se na visão *input-oriented* de ambos. Apesar de Corbin defender um modelo associativo e, logo, valorizador do papel semântico dos afixos e de Beard defender um modelo dissociativo, o aspecto que pretendemos analisar nestes modelos, em contraposição àquele que aqui desenvolveremos, é o da centração nas RFPs enquanto domínios exclusivos da convergência genolexical. (Cf. Booij (em publicação) para a distinção dos modelos de Corbin e de Beard.)

² Não estamos a fazer referência às necessárias diferenças de actualização sintáctica dos argumentos por verbo e substantivo, mas a diferenças situadas na interface da estrutura argumental com a estrutura léxico-conceptual.

A conjugação dos dois factores contrários consolida que a estrutura argumental dos deverbais não é inerente ao processo que os gera. No primeiro caso, desenvolvemos um mecanismo que designamos por “mecanismo de redobro da estrutura léxico-conceptual” (§ 5) que permite explicar a desfasagem não só argumental, mas também léxico-conceptual apresentada entre base e produto.

Esta perspectiva que assumimos em relação à estrutura argumental como externa ao processo genolexical dos deverbais enquanto relação entre bases e produtos fundamenta-se ainda na distinção estrutural entre estrutura argumental e estrutura eventiva (§ 6). As várias abordagens em relação à estrutura argumental analisadas no nosso trabalho enraízam a estrutura argumental na estrutura eventiva. Essa perspectiva parece aceitável em relação a deverbais que ostentam as duas estruturas em simultâneo. No entanto, ela revela-se inadequada em relação a lexemas quer deverbais, quer não deverbais com estrutura eventiva mas sem estrutura argumental e vice-versa. Pelo contrário, o que estabeleceremos no nosso modelo teórico é uma separação entre estrutura argumental e estrutura eventiva ao nível da organização arquitectural da linguagem.

Por último, o nosso modelo prevê ainda uma outra estrutura semântica que labora ao nível genolexical. Trata-se da estrutura de moldagem eventiva (§ 7), cujo estabelecimento partiu da análise empírica do *corpus*. A estrutura de moldagem eventiva é acarretada genolexicalmente através da actuação semântica dos operadores afixais. Essa estrutura parece constituir-se como ponto de divergência entre os deverbais afixados, por um lado, e, por outro, os deverbais não-afixados e os substantivos básicos designadores de ‘evento’.

A existência de subestruturas organizadas em fiadas que podem manter interfaces parciais umas com as outras, como são as estruturas eventiva, léxico-conceptual, de moldagem eventiva e argumental, é apoiada teoricamente pelo programa de Jackendoff (2002) (cf. § 1.1 do cap. I).

Em suma, este capítulo apresenta o modelo teórico que foi por nós desenvolvido com vista a uma maior adequação i) à análise dos dados empíricos; b) à própria organização interna do modelo. Essa maior adequação prevê que a matéria-prima de laboração genolexical entre afixos e bases seja de cariz semântico. As conexões semânticas mantidas entre bases, afixos e produtos permitem conceber que as RFPs funcionam em interface umas em relação às outras por via da acção semântica de cada operador afixal. Cada operador afixal relaciona-se com cada base através de uma ligação semântica que deverá ser entendida ao nível de duas estruturas primeiras: a estrutura eventiva e a estrutura

léxico-conceptual. Uma terceira estrutura semântica - a estrutura de moldagem eventiva - emerge no produto de evento como o resultado da interação semântica entre os componentes semânticos veiculados pela base verbal e aqueles veiculados pelo operador afixal. A estrutura argumental que alguns deverbais exibem resulta de operações desenvolvidas internamente ao próprio produto e não à herança da base.

1. RFPs e operadores afixais

1.1 RFPs: análise de alguns modelos

Para explicar as significações dos produtos deverbais sufixados do português partimos do pressuposto de que os operadores afixais transportam carga semântica. Assim, defendemos que os operadores afixais não funcionam como meros segmentos de nível morfómico (Aronoff 1994), pelo que se distinguem de componentes morfómicos como as vogais temáticas (Aronoff 1994). Ainda que a(s) significação(ões) do produto lexical seja(m) devedora(s) da semântica da Regra de Formação de Palavras em acção, existem peculiaridades semânticas, dentro do conjunto dos produtos da mesma RFP, dependentes de níveis mais particulares. Advogamos que essas peculiaridades semânticas, que se organizam sistemicamente à volta de operadores afixais de determinado tipo, são adscritas a traços semânticos do operador afixal em causa e sua co-relação com traços inscritos lexicalmente nas bases. Uma concepção deste tipo equaciona os operadores afixais como agentes co-responsáveis pela formatação semântica final do produto, conforme comprovaremos nos capítulos V, VI e VII, e não como meros instrumentos da operação morfológica que compõe uma determinada RFP (Beard 1995).

Um exemplo permite compreender a nossa asserção: os produtos em *-nte* (*esfoliante, adoçante*) e em *-dor* (*avaliador, aspirador, contador*) pertencem à mesma RFP, que pode ser designada por RFP de Agentivos (Cf. Rio-Torto 1993; 1998a). A semântica geral destes produtos pode ser parafraseada por ‘aquele/aquilo que V’ (Rio-Torto 1993; 1998a). Contudo, a significação dos produtos em *-nte* não é absolutamente equivalente à dos produtos em *-dor*, como demonstraremos nos §§ 1.1 e 1.10 do cap.VI. Ou seja, dentro da semântica geral proporcionada pela RFP é possível encontrar semantismos mais finos dependentes da contribuição semântica do sufixo actuante, em conjugação com os traços coindexados da base verbal.

Essa especificidade dos afixos é corroborada por dois factores divergentes. O primeiro factor é o de que nem todos os sufixos actuantes nesta RFP se agregam a qualquer verbo para formar produtos Agentivos. O segundo factor rege-se pela observação de que os produtos gerados pela mesma base verbal em conjugação com diferentes sufixos operantes na mesma RFP ostentam semantismos que não podem ser considerados sinónimos absolutos, o que contradiz as assunções de Beard (1995). O primeiro factor evidencia que a colocação de restrições à adjução de sufixos e bases se encontra fundamentada em traços não só semânticos, como de outras estruturas linguísticas, quer das bases quer dos operadores afixais. O segundo factor acentua a importância da moldagem que os traços semânticos pertencentes aos afixos conseguem na obtenção do semantismo do produto. Se é verdade que as restrições de cariz morfológico ou até pragmático podem explicar o primeiro factor, elas não são, contudo, suficientes para a sua compreensão nem muito menos extensíveis ao segundo factor.

Parte das restrições tecidas entre bases e operadores afixais pode ser desenhada de acordo com componentes morfológicos e pragmáticos, como veremos no capítulo III. Outras restrições tecem-se entre componentes semânticos localizados ao nível das bases derivacionais e ao nível dos próprios operadores afixais particulares. Nesta secção, destacaremos as restrições semânticas, que serão alvo de análise detalhada nos capítulos V, VI e VII, por forma a colocar em evidência factores de intervenção genolexical dos operadores afixais, que acarretam consequências teóricas respeitantes à adequabilidade descritiva e explicativa do modelo genolexical que aqui defenderemos. Essas restrições a nível afixal são apontadas indirectamente pelos próprios semantismos dos produtos em jogo, devedores de um mecanismo de coindexação entre traços semânticos do operador afixal e traços semânticos da base, a explicitar no § 2.

Algumas das implicações teóricas que decorrem da observação do papel de cada operador afixal na formatação semântica final do produto podem ser sintetizadas da seguinte forma:

(i) em última instância, as peculiaridades semânticas adscritas a cada operador afixal mostram que os operadores afixais actuantes dentro de cada RFP não podem ser encarados como meros segmentos alomórficos de uma unidade genérica e abstracta que encerrasse uma significação comum. Essa seria uma visão hiperbolizada da concepção que nega capacidade de intervenção semântica aos operadores afixais e os desenha como meros instrumentos ao serviço das operações morfológicas encerradas pela RFP. Pelo contrário,

com base na análise dos dados constantes no *corpus*, procuraremos demonstrar que cada sufixo deverbalizador, ao ostentar peculiaridades semânticas, possui a sua própria identidade e unidade.

(ii) a peculiaridade e a identidade semânticas de cada operador afixal permitem explicar de modo sistémico a existência de operadores afixais que não actuam apenas dentro de uma RFP, mas em várias. Por exemplo, o facto de *-aria* se agregar a verbos (*berraria*, *branquearia*), adjectivos (*calmaria*) e a substantivos (*livraria*) parece contrariar a hipótese monobásica das RFPs (Aronoff 1976; Corbin 1987), ou seja, a relação sistemática entre a categoria das bases e a categoria dos produtos.

Assim, a centração do entendimento teórico nas RFPs, podendo estas ser definidas como grandes esferas congregadoras dos traços sistémicos analisáveis entre bases e produtos, e a visão dos afixos como meros instrumentos ao serviço dessas RFPs levam a que haja uma cisão dessa sistematicidade aquando da existência de afixos actuantes em RFPs distintas.³

A solução mais simples em termos teóricos para não se operar efectivamente essa cisão, ou seja, para que o sistema não perca a sua sistematicidade, encontra-se na multiplicação de operadores afixais que partilham a mesma dimensão fonológica. Assim, em vez de se estabelecer a existência de um só sufixo *-aria*, tendo em conta a sua uniformidade semântica e a uniformidade semântica e categorial sintáctica dos seus produtos, concebem-se afixos homónimos.

A multiplicação de afixos homónimos deve-se à estipulação das RFPs como pontos de convergência para a sistematização da esfera da genolexia e à subsequente subserviência dos afixos ao serviço das RFPs. Esta solução, preconizada por Corbin (1987), como veremos, é seguida em Rio-Torto (1986a; 1986b e 1987) a propósito, respectivamente, dos sufixos *-aria*, *-ão* e *-ada*. Face às desvantagens decorrentes deste tipo de abordagem, em trabalhos posteriores (1993; 1998a) Rio-Torto abandona esta visão em favor de uma concepção arqui-estrutural das RFPs.

Na verdade, a multiplicação de afixos por via da homonímia acarreta uma atomicidade no sistema. Se, por um lado, a homonímia afixal não destrói a sistematicidade do carácter monobásico das RFPs, por outro lado, essa solução opera um atomismo ao nível

³ Para alguns exemplos de operadores afixais que seleccionam diferentes categorias de bases, veja-se Rio-Torto (1997: 818-819).

da unidade dos produtos. A opção em exclusivo pela unidade monobásica definida por cada RFP tem como desvantagem a perda dos traços semânticos sistémicos que unem os produtos gerados através do mesmo afixo a partir de diferentes bases.

Não estamos, no entanto, a postular o abandono total da visão que parte das RFPs como congregadoras de sistematicidades genolexicais. Ou seja, não estamos a defender que se deve partir exclusivamente do operador afixal e da uniformidade dos produtos por aquele construídos para estabelecer os parâmetros sistémicos da genolexia. Tal visão implicaria que, ao procurar-se satisfazer a busca de sistematicidade neste plano, se abandonasse a sistematicidade já firmemente edificada sobre a concepção das RFPs.

A concepção das RFPs enquanto campo de estipulação da categoria sintáctica das bases tem sido questionada por Plag (1999; 2004). Na verdade, tal como constatámos na análise empírica do nosso trabalho, a uniformidade genolexical construída a partir da categoria sintáctica das bases é questionada pela possibilidade que alguns afixos possuem de agregar-se a diferentes categorias sintácticas. Contudo, a reformulação da homogeneidade das bases a que se agrega um afixo com suporte não na categoria sintáctica, mas noutras estruturas, nomeadamente semânticas, vem enfatizar que o abandono da visão das RFPs, com proveito para a orientação do *output*, acarreta a anulação da sistematicidade das bases. Esta última é inegável, pelo que, se se pretende ter uma visão sistemática dos afixos e seus produtos, deverá haver conciliação com a visão das RFPs.

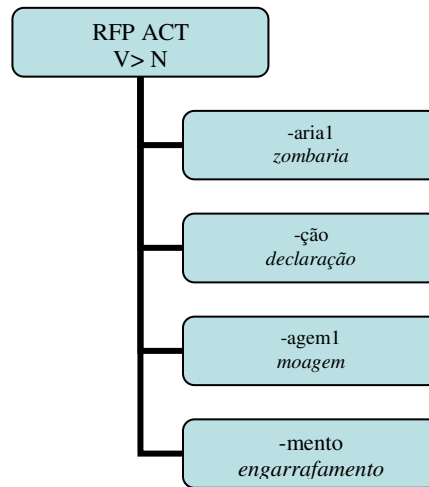
Se estipularmos os afixos e seus produtos como único ponto de convergência para elaborar um plano sistémico da genolexia, daí resultará uma assistematicidade ao nível das RFPs, ou mais especificamente, ao nível das bases definidas já não categorialmente em termos sintácticos, mas semanticamente.

Por sua vez, prosseguir com a hipótese de que as RFPs são pontos de partida para essa sistematicidade implica o esquecimento da uniformidade dos dados dos afixos e produtos. Isto significa que não é possível atingir plena sistematicidade nos dois níveis se se continuar a encarar apenas um deles como ponto de convergência de operadores afixais que, em si mesmos, se apresentam como focos de divergência.

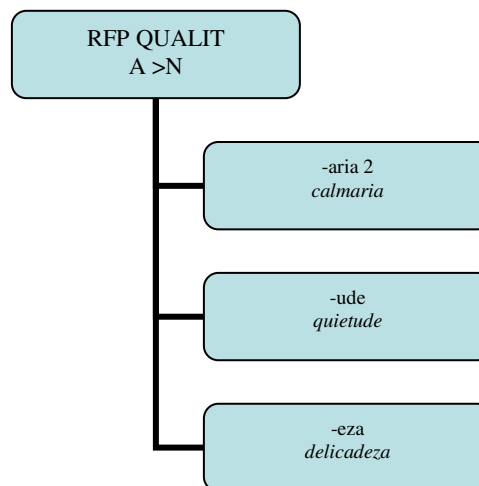
Como tal, a hipótese que nos parece suficientemente sólida para a dissolução deste problema consiste numa visão bidireccional que tome os dois níveis como ponto de convergência em simultâneo e como ponto de divergência também em simultâneo.

A formatação em figuras ajudará a conceber as visões acima delineadas, que passaremos a abordar.

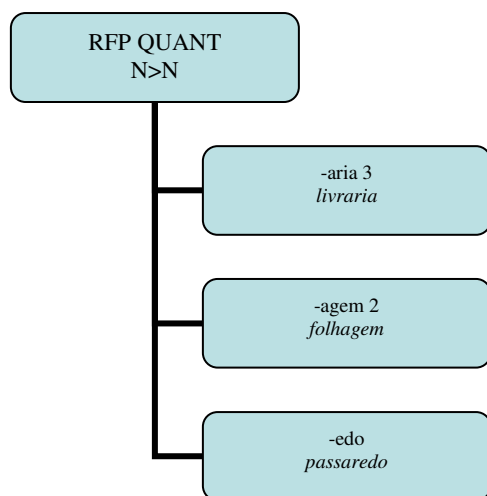
1.1.1 Hipótese monobásica das RFPs (Corbin 1987)



RFP de *nomina actionis*



RFP de *nomina essendi*



RFP de *nomina quantitatis*

Figura 1. Conceção monobásica das RFPs (Corbin 1987)

A figura 1⁴ representa uma sùmula das definições da RFP de *nomina actionis*, *nomina essendi* e *nomina qualitatis*.

A RFP de *nomina actionis* define a produção de substantivos designadores de ‘acção de Vb’ a partir da categoria sintáctica verbo através de vários operadores afixais, tais como *-aria*, *-ção*, *-agem*, *-mento*, etc. A RFP surge assim como ponto de convergência de vários sufixos cuja acção é uniforme na medida em que se agregam à mesma base – verbos – e produzem o mesmo resultado – substantivos com a significação genérica de ‘acção de V’ (Rio-Torto 1998a: 119-120).

A RFP de *nomina qualitatis* (Rio-Torto 1992) estipula a produção de substantivos que designam ‘a propriedade/qualidade de ser Adj; o facto de ser Adj’ a partir de adjectivos (Corbin 1987: 246), através de afixos como *-aria*, *-ude*, *-eza*, entre outros. O esquema que aqui apresentamos desta RFP corresponde à concepção de Corbin (1987) e não à de Rio-Torto, como compreenderemos no momento oportuno, visto a última autora preconizar no estudo de 1992 alterações à visão monobásica das RFPs.

⁴ Cf. Corbin (1987: 246) para um quadro que sistematiza este tipo de concepção homonímica dos operadores afixais em favor da visão das RFPs como detentoras absolutas de capacidade de sistematização genolexical. O quadro de Corbin sintetiza as RFPs que dão origem a produtos designadores de 1) ‘action de V’; 2) ‘ensemble de N’; 3) ‘fait d’être Adj’.

A RFP de *nomina quantitatis* permite a construção de substantivos designadores de ‘quantidade/conjunto de Nb’ a partir de substantivos, através de afixos como *-aria*, *-agem*, *-edo*, etc. (Rio-Torto 1998a: 127).

A figura 1 é demonstrativa do modelo defendido por Corbin (1987: 233). Neste modelo, cada RFP possui um paradigma de operações morfológicas. Corbin (1987) concebe que os operadores afixais veiculados por essas operações morfológicas não contribuem para a formatação semântica de cada produto. Tal concepção é baseada no argumento de que, por exemplo, para o semantismo de ‘action de V’ concorrem equitativamente vários sufixos. De acordo com a A., esta asserção é corroborada pela existência de numerosos pares lexicais. Assim, ao imputar à RFP a responsabilidade da formatação semântica do produto e ao conceber os operadores afixais como meros instrumentos das operações morfológicas que correspondem a cada RFP, Corbin (1987) abre caminho para que se estabeleça a proliferação de homónimos afixais.

Estipula a A. que, «[...] contre l’idée qu’à un même affixe puissent correspondre plusieurs sens, je propose de considérer qu’il y a autant d’affixes homonymes différents que de sens différents correspondant à une même forme affixale.» (Corbin 1987: 242). Com base neste postulado, cada sufixo é definido de acordo com o semantismo de cada RFP em que opera (Corbin 1987: 243-246). Para Corbin (1987: 482), que defende uma posição associativa da genolexia, «Tout le poids de l’opération sémantique est, dans ma théorie, à la charge des RCM, et non à celle des affixes qui, de ce point de vue, n’ont pas de rôle sémantique indépendant de la RCM à laquelle ils sont associés.».

Isto significa que Corbin (1987) desconsidera eventuais pontos de contacto semântico entre produtos de RFPs distintas gerados com afixos com a mesma formatação morfológica, ou seja, afixos cujo carácter homonímico ou polissémico está em causa.⁵ Esta abordagem permite manter a uniformidade, baseada na univocidade categorial e semântica entre bases e produtos (Corbin 1987: 245), que consolida as RFPs como pontos de convergência de paradigmas genolexicais. Observe-se que o imperativo da manutenção da univocidade categorial conduz à concepção de operação de truncação de modo a conseguir

⁵ Observe-se que as alterações que Corbin (e.g. Corbin & Corbin 1991) imprime ao modelo de 1987 em direcção a uma maior valorização do afixo na construção do produto, ao oferecer ao afixo capacidade de selecção de propriedades semânticas da base de acordo com as suas próprias características semânticas, não anulam, contudo, a manutenção da dependência do afixo em relação à RFP em que opera.

uma uniformização das categorias das bases cujos produtos mostram uniformidade semântica, uniformidade categorial e o mesmo operador afixal.⁶

Em suma, como definido pela própria A. (Corbin 1987: 257), «[...] la relation entre forme et sens dans une opération dérivationnelle est partiellement asymétrique: à un seul sens peuvent correspondre plusieurs opérations morphologiques différentes, appartenant au même paradigme, mais à une opération morphologique donnée ne correspondent qu'un sens et un rapport catégoriel.». Ou ainda «A une RCM peuvent être associés plusieurs affixes dérivationnels, mais un affixe dérivationnel donné ne peut être associé qu'à une RCM et une seule.».

São as considerações respeitantes à operação morfológica que se revelam problemáticas, ao imporem uma visão homonímica de afixos que se revelam com pontos de contacto semântico enquanto operadores em RFPs distintas, a despeito da determinação destas na construção final dos produtos.

Em trabalhos posteriores (cf. Corbin & Corbin (1991), Corbin (1991; 2004)), a A. apresenta os operadores afixais como detentores de identidade semântica, responsabilizando-os pela formatação final do semantismo do produto, bem como pela selecção nas bases de componentes semânticos adequados à sua própria enformação semântica. É desta maneira que Corbin explica que produtos construídos através da mesma RFP contenham semantismos distintos (e.g. Corbin & Corbin (1991: 115)) a propósito dos produtos em *-ier* e em *-eux*). Esta diferença é, assim, da responsabilidade das propriedades semânticas de cada afixo particular.

Contudo, Corbin não concebe que a actuação de cada afixo possa ocorrer de modo autónomo em relação ao domínio de cada RFP.

Uma concepção mais dinâmica e molecular não só do modelo genolexical, mas também da própria estrutura semântica permite ultrapassar os problemas emergentes da concepção de Corbin.

⁶ Veja-se, como exemplo, a questão dos produtos verbais em *-is(er)* em Corbin (1987: 251-252): «[...] tous les verbes apparemment construits à l'aide du suffixe -is(er) sur une base nominale et ayant un sens de "changement d'état" sont en fait construits sur une base adjectivale. [...] Si l'adjectif construit sur la base nominale apparaissant dans la structure superficielle du verbe en -is(er) n'est pas attesté, la base du verbe est un adjectif suffixé par -ique, construit sur cette base nominale. -Ique est tronqué devant -is(er).».

1.1.2 Hipótese de unitarização das categorias das bases (Rio-Torto 1992; 1993)

A hipótese monobásica, defendida por Corbin (1987), foi já alvo de mutações por parte de Rio-Torto (1992; 1993: 158-164). Essas mutações vão no sentido de adequar o modelo teórico a dados empíricos relativos ao comportamento genolexical entre determinadas bases, produtos, RFPs e operadores afixais. Esses dados colocam a hipótese monobásica em sérios problemas de sustentabilidade. Rio-Torto (1993: 162) aponta os problemas que o modelo de Corbin apresenta face à derivação avaliativa. Neste tipo de derivação, os operadores afixais actuam sobre bases de categorias distintas. Rio-Torto (1993: 162) apresenta a solução de conceber as RFPs como não apenas suportadas pela «monovalência semântico-categorial (cada regra define-se por uma relação semântico-categorial), mas também [pel]a monovalência semântico-isocategorial (cada regra assenta numa relação semântica e num mesmo tipo de relação categorial).».

Regressemos à figura 1, especificamente à RFP de *nomina qualitatis*. Nesta RFP, os produtos designam ‘a propriedade/qualidade de ser X; o facto de ser X’ e são construídos com base em adjectivos. Contudo, é possível elencar produtos com o mesmo semantismo e construídos através dos mesmos afixos que partem de bases substantivas, em vez de adjectivas. É o caso de *portugalidade*.

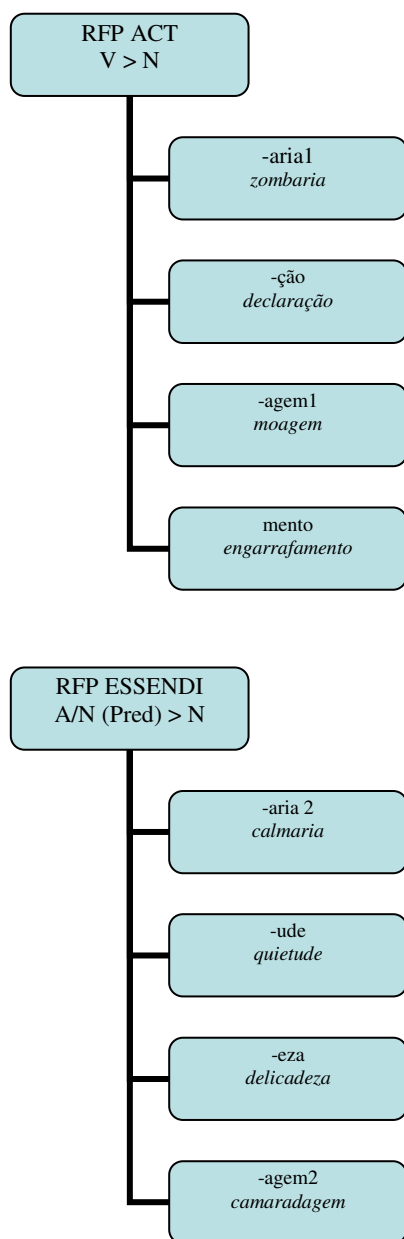
Exemplos como este põem em causa a relação unívoca entre a categoria das bases e dos produtos como absoluta. Trata-se de produtos que compartilham operadores afixais e semantismos, não obstante não compartilharem a categoria da base. Perante estes dados, Rio-Torto (1993: 162-164) condiciona a visão monobásica de Corbin (1987) através de duas formas:

- a) a já focada solução das RFPs isocategoriais (Rio-Torto 1993: 162);
- b) a solução das RFPs em arqui-estruturas (Rio-Torto 1993: 162-163).

Esta solução consiste em integrar RFPs que mantêm em comum a relação semântica, ainda que através de relações categoriais distintas, em arqui-estruturas. Essa integração faz-se através da unitarização das categorias das bases sob o domínio de um carácter comumente partilhado.

Desta visão resulta a concepção da RFP *nomina essendi* (Rio-Torto 1993: 224; 1998a: 122). Nesta RFP, a unificação categorial das bases, que podem ser adjectivais e nominais, é conseguida através da observação de que em ambas as situações as bases funcionam como predicativos.

A concepção da RFP de *nomina essendi* constitui uma alteração importante à visão monobásica das RFPs, como representado na figura 2.



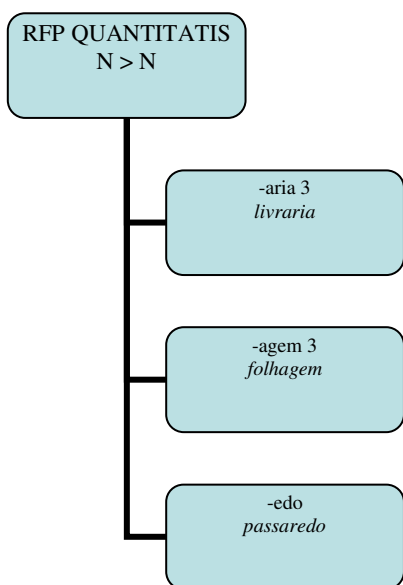


Figura 2. Visão desenvolvida por Rio-Torto (1993) de unitarização das categorias das bases

A figura 2 representa uma sùmula da visão decorrente da unitarização das categorias das bases da RFP Essivos. Nesta RFP, as bases pertencem à categoria dos adjetivos e dos substantivos com função predicativa e os produtos são substantivos. A significação genérica aportada por esta RFP é a de ‘o facto de ser A/Nb; propriedade/qualidade de ser A/Nb’ (Rio-Torto 1998a: 122). A integração de produtos substantivos com bases adjetivais e denominais na mesma RFP – a dos Essivos – é suscitada pela similaridade semântica entre os produtos em causa, que pode ser parafraseada por ‘o facto de ser X, propriedade/qualidade de ser X’.⁷

As RFPs de nomes de acção e de nomes de quantidade mantêm-se iguais nas figuras 1 e 2. Atente-se, no entanto, que a integração de substantivos nas bases da RFP de essivos acarreta a inserção da forma *-agem* neste domínio, devido à existência de nomes essivos como *camaradagem*, *gatunagem*, *vassalagem* (cf. Rio-Torto 1992: 438) e, conseqüentemente, à alteração numérica de *-agem* presente na RFP de nomes de quantidade, que passa a ser indicado por 3.

Apesar de o tipo de concepção ilustrado na figura 2 apresentar sérios avanços em relação aos problemas levantados pela concepção monobásica das RFPs, este ainda não resolve questões atinentes ao carácter homonímico/polissémico dos operadores afixais. Na

⁷ A hipótese da unitarização das bases foi apresentada por Rio-Torto (1992) e desenvolvida em Anastácio (1997), Correia (1998) e Rio-Torto & Anastácio (2004). Vejam-se em particular Rio-Torto (1992: 442-446) e Rio-Torto (1997) relativamente à unitarização das bases adjetivais e nominais em predicativas.

verdade, continuamos perante um modelo demasiadamente atómico a bem das sistematicidades categorial e semântica que perfazem as RFPs.

É inegável que a unitarização das bases N e Adj dos produtos designadores de ‘o facto de ser X/ a propriedade ou qualidade de ser X’ sob a forma de predicativos na RFP de nomes essivos resolve a questão da similitude entre, por exemplo, *portugalidade* e *amabilidade*. Contudo, a figura 2 mantém sem explicação os pontos de contacto semânticos entre, por exemplo, *palraria* ‘falatório’ (produto da RFP de nomes de acção), *judiaria* ‘atitude própria de judeu’ (produto da RFP de nomes essivos), e *judiaria* ‘grande quantidade de judeus; bairro de judeus’ (produto da RFP de nomes de quantidade),⁸ em que perpassa o semantismo de ‘conjunto/quantidade’.

Observaremos agora com mais detalhe as relações existentes entre alguns dos produtos das três regras que servem o propósito de esclarecer a nossa concepção do modelo genolexical.⁹ O exercício tomará como fonte de comparação a RFP de nomes de acção com as RFPs de essivos e de nomes de quantidade.

1.1.3 O caso dos produtos em *-aria*

A delineação das RFPs como sistemas independentes entre si, sem conexão umas com as outras, é problematizada pela existência de produtos construídos através dos (como defenderemos) mesmos sufixos a partir de bases de diferentes categorias. Se os produtos obtidos através das RFPs de *nomina quantitatis* e de *nomina qualitatis* fossem categorial e/ou semanticamente díspares em relação aos construídos na RFP de *nomina actionis*, então a solução da homonímia afixal seria claramente adequada. Contudo, os produtos obtidos apresentam similaridades não absolutas, mas consideráveis em relação aos da RFP ACT. Os produtos são substantivos e a sua semântica, ainda que não absolutamente enquadrável na mesma semântica genérica dos nomes de acção, na medida em que o contributo da base

⁸ Não esquecemos a hipótese de considerar *judiaria* ‘atitude’ como decorrente polissemicamente de *judiaria* ‘quantidade’, enquanto resultado de operações semânticas dentro da mesma RFP. Contudo, dado que é também possível a solução de fazer derivar dois itens distintos de duas RFPs distintas que compartilham a mesma base e a mesma formatação fonológica, esta segunda hipótese torna-se mais interessante para a ilustração das relações entre RFPs que aqui pretendemos evidenciar.

⁹ As RFPs utilizadas foram escolhidas com base na similitude entre alguns produtos da RFP de *nomina actionis*, sob escopo neste trabalho, e os das RFPs de *nomina essendi* e *nomina quantitatis*. O modelo que defendemos deverá ser extensível a todas as RFPs. Por outro lado, apresentamos como ilustração um número ínfimo de operadores afixais, visto ser suficiente para o pretendido. (Cf. Rio-Torto & Anastácio (2004: 194) para uma ilustração mais completa dos operadores afixais que operam em simultâneo na produção de nomes de acção e de nomes essivos.) O dinamismo das interfaces deverá, igualmente, ser extensível a qualquer operador afixal que apresente os mesmos comportamentos de interface que estes demonstram possuir.

não pode ser desdenhado para a formatação final do produto, apresenta pontos de contacto óbvios com os semantismos previstos nos nomes de acção.

Observemos os seguintes grupos de produtos em *-aria*:¹⁰

A. Produtos denominais: *contaria* (> *conta*) ‘estabelecimento onde se fazem ou vendem contas; enfiada de contas’, *feitiçaria* (> *feitiço*) ‘bruxedo; emprego de feitiços; sortilégio’, *laçaria* (> *laço*) ‘ornatos que representam objectos atados com laços de fitas; fitas enlaçadas; porção de laços’, *galhofaria* (> *galhofa*) ‘galhofada; vida de galhofeiro’, *lisonjaria* (> *lisonja*) ‘acto ou hábito de lisonjear; lisonja’;

B. Produtos deverbais: *zurraria* (> *zurrar*) ‘muitos zurrões simultâneos’, *vozearia* (> *vozear*) ‘acto de vozear; clamor de muitas vozes juntas; gritaria; berreiro; ruído; barulho’, *voaria* (> *voar*) ‘conjunto de aves, especialmente as empregadas na caça de altanaria; caçada feita às aves com falcões e outras aves de rapina; volataria; altanaria’, *refinaria* (> *refinar*) ‘oficina ou casa de refinação’, *pescaria* (> *pescar*) ‘arte ou indústria de pescar; pesca; grande quantidade de peixe’, *palraria* (> *palrar*) ‘vozearia; falatório; tagarelice’, *gritaria* (> *gritar*) ‘conjunto de gritos; alarido; berreiro’, *farfalharia* (> *farfalhar*) ‘farfalhada’, *estalaria* (> *estalar*) ‘ruído de estalos sucessivos’, *destilaria* (> *destilar*) ‘instalação fabril para destilação’, *caçaria* (> *caçar*) ‘grande caçada’, *barbearia* (> *barbear*) ‘loja ou ofício de barbeiro’, *amassaria* (> *amassar*) ‘casa ou lugar próprio onde se amassa a farinha; trabalho de amassar’.

C. Produtos depredicativos (deadjectivais e denominais): *calmaria* (> *calmo*) ‘calma, serenidade, sossego’, *algozaria* (> *algoz*) ‘acção própria de algoz’, *velharia* (> *velho*) ‘acto ou dito próprio de pessoa velha; objecto antigo a que se atribui pouco valor; costume antiquado; palavra caída em desuso; conjunto de velhos’, *porcaria* (> *porco*) ‘estado do que é porco ou de quem é sujo; estado do que está sujo, imundície, sujidade; coisa mal feita; obra mal acabada; coisa sem valor’, *selvajaria* (> *selvagem*) ‘qualidade, dito ou acções de selvagem; grosseria, rusticidade’.

Os três grupos A, B e C apresentam diferenças que obstam à sua inserção na mesma RFP. As bases de formação são distintas, sendo as do grupo A constituídas por substantivos, as do grupo B por verbos e as do grupo C por predicativos (adjectivos e substantivos que funcionam como predicativos). Desta diferença de categoria das bases decorrem diferenças ao nível semântico dos produtos. Por exemplo, qualquer produto

¹⁰ As significações elencadas são retiradas do DLP.

deverbal (grupo B) pode ser parafraseado por ‘acção de V’, semantismo suficientemente genérico para que aí caibam significações mais específicas da decorrência da acção. Quanto aos objectos do grupo A e do grupo C, as suas significações não podem ser parafraseadas por ‘acção de V’, visto não haver herança de uma base verbal que o permitisse.¹¹ Sendo as bases do grupo A substantivos, as significações emergentes dos produtos podem ser aglomeradas sob a paráfrase ‘quantidade/conjunto de Nb’. Quanto aos produtos de C, a herança predicativa das bases leva a que possam ser parafraseados por ‘o facto de ser A/Nb; propriedade/qualidade de ser A/Nb’.

Contudo, estas diferenças decorrentes da informação prestada pelo tipo de base de cada grupo não obstam à observação de semelhanças demasiado notórias para que os objectos em *-aria* verbais, denominais e depredicativos sejam simplesmente encarados como três grupos sem ponto de contacto. Na verdade, é notório o contributo unificador que o sufixo *-aria* proporciona aos seus produtos, independentemente da categoria da base. Nos grupos A, B e C emergem significações relacionadas com a ideia de ‘colectividade’.¹² Esse matiz semântico, para o qual contribui o traço [composto por indivíduos] do sufixo e que exploraremos mais detalhadamente no § 1.2 do cap. V, surge peculiarizado de acordo com o tipo semântico da base a que o sufixo se agrega.

Deste modo, se a base é um substantivo com os traços semânticos [+concreto, -dinâmico]¹³, o colectivo daí resultante terá também cariz [+concreto, -dinâmico], significando, por exemplo, o ‘conjunto de objectos concretos designados em Nb’

¹¹ As significações que aqui colocamos para os lexemas em análise foram retiradas do DLP, salvo indicação contrária. Nessas significações surgem as expressões ‘acção de x’ para *algozaria* e ‘acto de x’ para *lisonjaria*. Estas indicações lexicográficas mostram apenas a escassa sistematicidade analítica do trabalho lexicográfico. Não anulam o que dissemos acerca da não possibilidade de parafraseação destes produtos denominais por ‘acção de x’. *Algozaria* funciona mais como uma propriedade e não tanto como evento.

¹² O mesmo contributo semântico é apontado por Lieber (2004: 149) para os sufixos *-ery* e *-age* do inglês: «For forms like *jewelry*, *machinery*, *peasantry* [...] the collective reading is straightforward. Such nouns are derived on the base of nouns that are singular count nouns, most often concrete nouns, and therefore the addition of the suffix has the simple effect of changing the quantificational class of the noun, leaving the value of the feature [material] unchanged. [...] The meaning of the “behavior” or “condition” nouns also follows fairly straightforwardly from this same analysis [...]. [...] the “behavior” reading is a natural extension from the “collective” reading. So bases like *buffoon* [‘bobo’], *midwife* [‘parteira’], or *brigand* [‘bandido’] are taken to stand for “what buffoons, midwives or brigands do”, and the attachment of *-ery* or *-age* [*buffoonery*, *midwifery*, *brigandage*] then denotes the collectivity of those behavioral characteristics of buffoons, midwives, brigands, etc. The derived nouns are abstract not because the affix itself provides the feature [-material], but rather because the bases have already come to be construed as abstractions.»

¹³ Os traços [dinâmico, concreto/material] foram colhidos em Lieber (2004). A utilização que fazemos destes traços difere, no entanto, da de Lieber. Lieber (2004: 23) preconiza que os traços sejam utilizados «[...] in both an equipolent and a privative way; that is, the features that I propose will be binary in value (i.e., positive or negative), but they may also be either present or absent in the semantic skeleton of a given item.». Neste trabalho apenas usamos os traços binariamente.

(*contaria*). Se a base for um substantivo com os traços [+concreto, +dinâmico], então o lexema produzido pode significar, por exemplo, o ‘conjunto de atitudes próprias de Nb’, como em *algozaria*.

A mesma aplicação é possível nos produtos deverbais. Se a base for um verbo inergativo, consubstanciado nos traços [+dinâmico, -causa(tivo)] como *zurrar*, o produto apresentará uma significação de [+dinâmico, -causa(do)], o que resulta em semantismos de que estão ausentes valores como ‘local’ ou ‘conjunto de objectos concretos’. Nestes está presente o significado de ‘quantidade de Vb’. Pelo contrário, se a base for um verbo causativo transitivo com os traços [+dinâmico, +causa(tivo)], a significação do produto pode consubstanciar-se em ‘local onde (se) V’ (*amassaria*) ou ‘conjunto dos objectos concretos que sofrem V’ (*pescaria* ‘grande quantidade de peixe’).

Para além destas significações particulares, encontramos significações mais gerais dependentes directamente da categoria da base. Assim, a tipologia semântica de V introduz a significação de ‘acção’ e, logo, do traço [-concreto] nos seus produtos, enquanto a tipologia semântica de N proporciona a significação de ‘atitude’, caso o seu subtipo semântico aporte o traço [+concreto; +dinâmico], ou de ‘objecto concreto’, caso o subtipo seja [+concreto; -dinâmico]. Esta divisão semântica entre as bases suporta a definição das RFPs.

Contudo, é possível atestar um semantismo mais abrangente que abarque tanto os produtos denominais como os deverbais. Esse semantismo, como vimos, joga com a ideia de ‘colectividade’, ou melhor, de ‘composto por indivíduos’, sendo que ‘indivíduo não se encontra marcado quanto a [concreto]. ‘Indivíduo’ designa, assim, qualquer entidade referencial, seja um evento, um objecto concreto, uma atitude, etc. Se as bases dos grupos A, B e C são diferentes, a unidade encontrada entre os três grupos só pode advir do sufixo que em todos opera.

Se regressarmos às figuras 1 e 2, observamos que nelas não está prevista esta unidade. Mesmo na figura 2, em que a unificação das bases adjectivais e nominais dos nomes essivos acarreta um avanço na compreensão do funcionamento dinâmico e arquitectural da genolexia, a solução nela preconizada não evidencia, antes oblitera, os pontos em comum existentes entre alguns desses produtos. Assim, a figura 2 mantém a concepção de sufixos homónimos (Rio-Torto 1992: 453), em detrimento da sua unidade: *-aria* 1 agrega-se a bases verbais e, portanto, opera na RFP de nomes de acção; *-aria* 2 junta-se a bases de predicativas e, logo, actua na RFP de Essivos; *-aria* 3 agrega-se a

substantivos, actuando na RFP de nomes de quantidade. Esta solução apresenta a já discutida desvantagem de ignorar a unidade de *-aria*, visível nos paralelismos semânticos dos produtos de predicativos, denominais e deverbais.

Uma solução que parte da observação das similitudes entre os diferentes produtos das três RFPs em jogo é equacionada em trabalhos de Rio-Torto numa tendência crescente. Como não pretendemos tecer uma história do desenvolvimento desta visão, limitamo-nos a fazer uma síntese dos seus parâmetros.¹⁴

1.1.4 Hipótese das arqui-RFPs (Rio-Torto 1993; 1998 e Rio-Torto & Anastácio 2004)

A génese da visão em arqui-RFPs parte da necessidade de moldagem do modelo de Corbin (1987) sentido como excessivamente atomizador ao preconizar a univocidade categorial das RFPs. Assim, de acordo com Rio-Torto (1993: 162), é necessário que o modelo genolexical preveja «[...] a existência de arquiparadigmas que reúnam, intersectando-as, regras de formação de palavras assentes num mesmo tipo de relação semântica, mas consubstanciado em diferentes relações categoriais.».

A A. prossegue esclarecendo que «Uma solução deste tipo afigura-se promissora: sem subordinar a relação semântica à relação categorial ou o inverso, ela postula a monovalência semântico-categorial de cada RFP e, ao mesmo tempo, concebe a existência de supra-relações derivacionais, que agrupariam diversas RFP comungando de um mesmo tipo de relação semântico-derivacional.».

Propostas congregadoras das RFPs de nomes de acção e de nomes de qualidade encontram-se desenhadas em Anastácio (1997) e em Rio-Torto & Anastácio (2004).

Regressando à aplicação desta concepção em arqui-regras às três RFPs em jogo, esta concepção consiste em aglomerar as várias RFPs que apresentassem pontos de contacto em arqui-RFPs. Assim, a RFP de nomes de acção, a RFP de nomes de quantidade e a RFP de essivos não perderiam a identidade própria e seriam integradas numa RFP de carácter mais geral que as dominasse (figura 3).

¹⁴ Referimos apenas que esta visão distanciada da concepção monobásica desenvolvida por Corbin (1987) encontra já génese em Rio-Torto (1992; 1993). Em trabalhos posteriores ((Rio-Torto 1998) e (Rio-Torto & Anastácio 2004)), a concepção arquitectural das RFPs emerge totalmente consolidada.

Contudo, esta solução apresenta alguns problemas, a que a própria A. mentora não é alheia.¹⁵ Em primeiro lugar, esta solução prevê que todo e qualquer produto da RFP de nomes de acção tenha algo em comum com os produtos da RFP de essivos e com os produtos da RFP de nomes de quantidade e vice-versa. Ora, nem todos os substantivos deverbais de acção apresentam o semantismo relacionado com ‘colectividade’, ou seja, ‘composto por operações iguais’. Logo, colocar debaixo da mesma alçada produtos tão díspares como *encerramento*, *passarada* e *calmaria*, apenas porque cada um pertence ao conjunto dos produtos de RFPs que apresentam apenas a possibilidade de produzirem alguns lexemas com traços em comum, seria negar a identidade de cada RFP.

Por outro lado, um esquema de RFPs e de arqui-RFPs desenharia *ad infinitum* arqui-RFPs, de modo a explicitar analiticamente todos os pontos de contacto entre os produtos genolexicais de uma língua. O problema deste aspecto consiste num alargamento desmesurado do domínio de uma RFP com dominância máxima, abarcadora de todos os produtos. Isto desembocaria numa síntese equivalente à não diferenciação das especificidades genolexicais.

Esta solução, por nós rejeitada, é representada na figura 3. A figura 3 mostra que a arqui-RFP englobaria todos os parâmetros definidos para cada RFP sob o seu domínio. Como tal, a arqui-RFP representada na figura 3 admitiria no componente de base qualquer categoria sintáctica incluída no componente de base das RFPs dominadas (V, S, PRED), bem como qualquer semantismo (*nomina actionis*, *nomina qualitatis*, *nomina essendi*) e categoria sintáctica dos produtos. Esta solução implicaria a dissolução do carácter intrínseco das próprias regras, ao impedir a natural organização prevista por um sistema.

¹⁵ Na verdade, Rio-Torto (1993: 163) aponta que «O recurso a um tal artifício não é, contudo, susceptível de se aplicar a todo o sistema derivacional. Ele pode ser adoptado para alguns tipos de produtos derivacionais, os mais significativos dos quais são os agentivos (deverbais (*armazenador*) e denominais (*armazenista*)) e os locativos (deverbais (*destilaria*; *refinaria*), e denominais (*leprosaria*; *mouraria*)). Escapam a esta matriz diversos tipos de produtos derivacionais, de que se salientam os adjectivos denominais (construídos pela RFP REL) e os adjectivos deverbais de possibilidade em *-vel*. A menos que se postulem relações derivacionais tão genéricas e abstractas como as de “Ad em relação com Nb”, “Nd em relação com Nb”, “Vd em relação com Nb”, “Vd em relação com Ab”, dificilmente será possível conceber uma grelha de supra-relações derivacionais que contemple todos os paradigmas de formação de palavras de uma língua.».

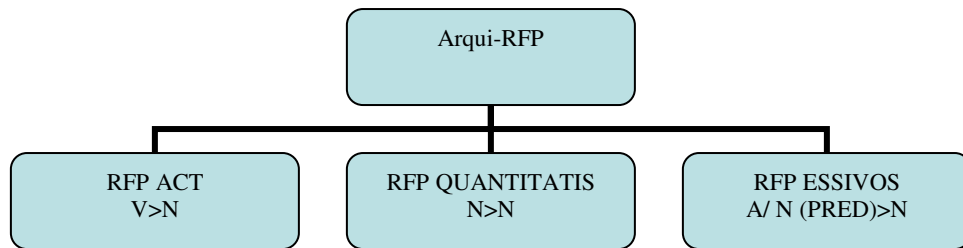


Figura 3. Archi-RFPs

De acordo com a perspectiva de Rio-Torto & Anastácio (2004:194-195) e de Anastácio (1997), a inserção numa archi-regra de produtos substantivos deverbais e deadjectivais/denominais apresenta a vantagem de resolver a dupla interpretação semântica a que alguns deles estão sujeitos. Esta dupla interpretação enraíza-se no facto de um mesmo sufixo operar na construção de produtos a partir de diferentes bases, o que acarreta muitas vezes duplicidade quanto à colocação do produto na RFP onde se origina.

Tomando exemplos de Rio-Torto & Anastácio (2004: 194-195), lexemas como *vadiagem*, *envolvência*, *variância*, *arrogância* podem ser considerados produtos deverbais ou denominais/deadjectivais. A estipulação de uma archi-RFP permite deslaçar esta duplicidade, segundo suportado por Anastácio (1997: 39-40): «Se aceitarmos as premissas expostas [relativas à unitarização das bases V e Adj sob predicativos], concluiremos que produtos como *inteligência* e *cedência* não provêm de duas RFP diferentes mas estaríamos perante uma única O[peção] C[categorial] (Pred→N) e uma única O[peção] S[emântica] ('o facto de Pred'). Tal hipótese permite resolver de forma mais económica a situação de produtos derivacionais diversos, como *abundância*, *circunstância*, *dominância* [...], etc.».

A A. prossegue: «Neste caso, os diferentes operadores sufixais [...] seriam considerados operadores morfológicos do mesmo paradigma derivacional, uma vez que estamos perante uma só categoria-base (Pred), sendo a palavra construída igualmente duma só categoria lexical (N). Assim, os referidos produtos seriam considerados produtos de uma

mesma regra, a **RFP DEPRE**D, a qual seria definida como a regra que **interliga um sufixo a uma base predicativa para dela derivar um nome.**».¹⁶

Sob este ponto de vista, a ambiguidade descritiva que rodeia um produto susceptível de ser gerado por diferentes fontes (a base e a RFP) é ultrapassada através da unificação das bases por via de caracteres partilhados por estas. À concepção de uma arqui-regra, onde as bases não se encontram marcadas como verbais ou adjectivais, mas como predicativas, não se colocam questões ameaçadoras da sua unidade.

Um possível argumento contra esta hipótese baseado na identidade e delimitação das bases, é facilmente derrubado se seguirmos uma visão dinâmica, potencial do léxico mental, explicitada no cap. I e recuperada no cap. III. A não marcação das bases é suportada por uma concepção lexical que parte do postulado de que o léxico mental é constituído por formas radicais que se encontram disponíveis para fabricação *on-line* de unidades lexicais, sem que haja necessidade de sobrecarga da memória de longo prazo com constructos fixos, marcados quanto a aspectos formais, semânticos, etc. Assim, lexemas como *variância*, *envolvência* são estipulados como constructos das bases *varia-*, *envolve-*, não marcadas quanto a verbal ou adjectival, mas apenas quanto a predicativas, visto funcionarem como temas dos verbos e dos adjectivos *variante* e *envolvente*, respectivamente.

Apesar de este contra-argumento ser facilmente afastado, parece-nos que a solução da não marcação das bases apresenta, contudo, algumas desvantagens.

Em primeiro lugar, a não marcação quanto à categoria da base como verbal ou adjectival, mas somente como predicativa, conduz a uma sobregeração de hipóteses de base, visto que a identificação da base como predicativa faz englobar qualquer base predicativa com aquele formato. Assim, seguindo esta linha de abordagem, *variância* e *envolvência* apresentariam a terceira hipótese de serem consideradas denominais, visto a sua base, que é a mesma dos adjectivos em *-nte*, ser também a dos nomes de acção *variação* e *envolvimento*.

Se é um facto que a base de *variância*, *variante* e *variação* é a mesma - a forma *varia-* -, não é possível, no entanto, estipular que se trate de uma forma que pode ser tanto verbal, como adjectival, como substantiva. Ou seja, o problema de se estipular a base de formas como *variância* face à ambiguidade da interpretação semântica entre 'qualidade do

¹⁶ A negrito no original.

que é variante’ e ‘acção de variar’ é falso. É que a base disponível é *varia-*, ou seja, uma base verdadeiramente predicativa, é certo, mas sem ambivalência em si mesma no que toca à possibilidade de actualização lexical como verbo ou adjectivo. É preciso fazer notar que o formato lexical do verbo *variar* não coincide com o formato lexical do adjectivo *variante*. Se no primeiro estamos perante uma forma plena, no segundo é necessário um operador derivacional (neste caso *-nte*) para se processar o adjectivo. Recorde-se que, em *variar*, a terminação que excede o tema é meramente flexional.

Queremos com isto dizer que, no léxico mental, a forma *varia-* não pode encerrar em simultâneo informação atinente às categorias adjectivo, verbo e substantivo. Podemos, realmente, estipular que a base de *variância* é um predicativo. Mas essa assunção não deverá ser entendida como conglomeradora de adjectivo e verbo, enquanto categorias reais, na medida em que, seguindo esta linha de pensamento, essas categorias são posteriores à marcação de predicativo.

De outro modo, se com a unitarização das bases sob o domínio de predicativos se pretende servir o propósito de manter a dupla possibilidade de as bases serem adjectivais ou verbais, então cai-se em problemas como

1) prover a unitarização das bases de mero artifício de nomenclatura, pois com ‘predicativo’ continua-se a querer significar ‘verbo’ e ‘adjectivo’;

2) incorrer em contradições teóricas que decorrem da sequencialidade derivacional. Com (2) queremos dizer que é perfeitamente tautológico conceber *variância* como derivado de *variante*, se a interpretação baseada sobretudo em critérios de parafraseação semântica for, por hipótese, veiculada da seguinte forma: *variante* é ‘aquilo que tem *variância*’.

Obviamente não nos encontramos alheia ao facto de no caso dos produtos em *-ncia/-nte* existirem dados diacrónicos facilitadores da interpretação Adj > S.¹⁷ Contudo, será interessante observar que a construção de um operador morfológico *-ncia* é acarretada justamente pelo funcionamento uno deste segmento visível na sua capacidade de gerar

¹⁷ Referimo-nos em simultâneo à problemática suscitada relativamente à identificação do sufixo como *-ncia* ou *-ia*. Vejam-se, por exemplo, Correia (1998) e Villalva (2000: 89-111). Uma visão recente acerca da combinação afixal, desenvolvida em Hay & Plag (2004), aponta argumentos teóricos a favor da identificação do sufixo como *-ncia*. De acordo com esse modelo - *complexity based ordering* -, afixos com maior grau de segmentabilidade ocorrem fora de afixos com menor segmentabilidade. Dado que *-ncia* se agrega a bases verbais em *-ec-*, o princípio formulado por Hay & Plag suportado psicolinguística e estruturalmente dá razão à hipótese de segmentação *-ncia* e não *-ia*, dado que este último apresenta pouco grau de segmentabilidade, o que o impediria de ocorrer fora de um afixo com segmentabilidade como *-ec-*.

substantivos, mesmo face a fórmulas para as quais não se encontram disponíveis adjectivos.¹⁸

O facto de, pelo contrário, existirem numerosos lexemas em *-ncia* com contraparte adjectival, mas sem contraparte verbal não é suficiente para destruir o nosso argumento. Na verdade, ou se trata, quer no caso dos adjectivos, quer no caso dos substantivos, de formas herdadas, não-construídas em português, ou se estipula o seu carácter construído apelando ao conceito de bases hipotéticas/mentais explicitado no cap. III.

Nesta última hipótese, prevê-se o funcionamento paradigmático genolexical através do fenómeno da *cross-formation* (Becker 1993: 8-18), que indica a relação marcada como bidireccional entre dois produtos lexicais. É o caso de *hedonismo/hedonista*, onde não ocorre uma base actual de que derivem um e outro produto. Nestas situações, dá-se uma substituição afixal entre os produtos sem diferença de grau de produtividade entre eles. Em todo o caso, mantém-se a hipótese de se considerar o adjectivo derivado do substantivo, do mesmo modo que o contrário, face à versatilidade interpretativa baseada em paráfrases.

Por outro lado, outros substantivos designadores de qualidade e que mantêm relação com adjectivos, como *gula/guloso*, apresentam-se antes como bases derivantes dos adjectivos, apesar de serem igualmente parafraseáveis por ‘qualidade do que é guloso’. Estipulamos, pois, que as relações derivacionais devem ser direccionalmente marcadas, sob o ponto de vista morfológico, ou na ausência deste, como é o caso da conversão, sob o ponto de vista semântico e fonológico. É que o facto de nos servirmos de estruturas sintácticas para acedermos explícita e conscientemente ao componente semântico acarreta o perigo de confundirmos o componente sob análise com a formatação usada para a ele acedermos.

Contudo, a questão que se levanta relativamente à hipótese de unitarização das bases sob a forma de predicativos, que conduz ao estabelecimento de arqui-RFPs, relaciona-se com outras conexões visíveis entre bases adjectivais e bases nominais, sem função predicativa estas últimas. Trata-se de uma questão avançada pela existência de lexemas como *judiaria* ‘maldade’ e *judiaria* ‘grande número de judeus; bairro de judeus’, entre outros, em que se assiste a uma significação de ‘qualidade’ e outra de ‘quantidade’. Ora, se a significação de ‘qualidade’ é facilmente estabelecida a partir da base predicativa, o mesmo não acontece relativamente à significação de ‘quantidade’, construída a partir de

¹⁸ Deixamos espaço para uma visão mais aprofundada deste operador morfológico no § 1.9 do cap. VI.

uma base [+concreta; -predicativa]. Todavia, é inegável a correlação entre as duas acepções de *judiaria* através de uma noção de ‘composto por indivíduos’, pois *judiaria* designa ‘atitude prototípica de ser judeu’ e ‘conjunto de judeus’. No caso do nome de quantidade ‘conjunto de judeus’, a noção semântica de ‘composto por indivíduos’ é clara, dado que o produto designa o conjunto de elementos concretos significados pela base. No caso do nome de qualidade, a noção de ‘composto por indivíduos’ ocorre na produção do semantismo de ‘atitude, qualidade’ de modo indirecto. É que *judiaria* ‘maldade’ implica uma ‘prototipicidade de atitudes de ser judeu’. Pode, assim, tratar-se não de um conjunto de atitudes, mas de uma atitude que é prototípica, ou seja, própria de um conjunto de indivíduos (‘judeus’).

Se se estabeleceu, através da unitarização das bases em predicativas, a unificação de nomes de acção e de nomes de qualidade, mantêm-se de fora deste eixo congregador produtos da RFP de nomes de quantidade que mostram relações óbvias de semelhança com os produtos de nomes de qualidade,¹⁹ mas também com os da RFP de nomes de acção.

Observa-se, pois, que não é através da unitarização das bases que se oferece a melhor solução teórica para as inter-relações observadas entre várias RFPs, pois não é possível unitarizar a base de *judiaria* nome de quantidade com a noção de predicativo avançada para os anteriores.

Em face de um possível argumento que defende que *judiaria* como designação de quantidade é facilmente explicável por regras semânticas operadoras na RFP de ‘qualidade’, tratando-se apenas de um lexema polissémico, respondemos que a mesma explicação não tem cabimento em relação a *livraria*, *contaria*, que não possuem vertente de ‘qualidade’ de que pudessem provir as significações de ‘quantidade’ polissemicamente.²⁰

Assim, é necessário estipular uma outra formatação para o modelo que permita observar que os pontos em contacto entre RFPs se fazem por parcelas e não pela totalidade de cada RFP. De outro modo, reduzir-se-ia a apenas uma arqui-regra a totalidade de operações genolexicais de cada língua, visto ser possível encontrar pontos de contacto entre todas as RFPs entre si.²¹

¹⁹ Correia (1998: 273-281 e 339-357) apresenta uma relação entre os dois tipos de produtos.

²⁰ Para as relações entre os nomes de quantidade e os locativos, veja-se Rio-Torto (1998b).

²¹ Plag (1999: 48) denuncia o mesmo problema para a unitarização das bases proposta por Aronoff (1976) dos adjetivos e dos substantivos sob a classe dos [+N]: «[...] Aronoff's escape hatch, namely the formation of natural classes, makes the U[nitary] B[ase] H[ypothesis] practically vacuous. Depending on the system of features and categories selected, even seemingly disjunct classes can be made into natural ones. [...] In essence, by choosing the appropriate feature system the UBH can be immunized against refutation.»

O modelo que defendemos neste trabalho parte da aceção de que os pontos de contacto entre as RFPs se desenham em termos de interfaces. É nosso objectivo mostrar o modo como se efectuam essas interfaces e os operadores responsáveis por elas. Observe-se antes que, a manter a versão das arqui-regras, deverá explicitar-se para um dado produto a sua génese numa região de interface entre x RFPs.

Como defenderemos com base na análise dos objectos sob análise deste trabalho, uma concepção que encare os operadores afixais como detentores de mais capacidade e não como meros instrumentos da operação morfológica desprovidos de actuação e de identidade semântica constitui, a nosso ver, a chave para a solução das interfaces entre as RFPs. Se se considerar que o afixo transporta carga semântica, condensada num vector que atravesse todos os produtos que ostentam esse afixo independentemente da RFP onde se constrói, resolvem-se em simultâneo vários problemas emergentes da visão centrada nas RFPs como pontos de convergência genolexical.

Esta concepção permite:

i) compreender por que razão produtos de diferentes RFPs apresentam semantismos similares;

ii) compreender por que motivo actuam em diferentes RFPs afixos simétricos semântica e formalmente, que apenas a questão da univocidade das RFPs obrigava a conceber como distintos;

iii) pôr fim à multiplicação de afixos homónimos, aceitando que o mesmo afixo detém carga semântica que irá prover os produtos de diferentes RFPs de uniformidade semântica.

Dado que os produtos são gerados em RFPs distintas e, logo, a partir de bases de parâmetros divergentes, está dependente do tipo de base a que se agrega, bem como da padronização própria de cada RFP, a matização dessa unidade semântica proveniente do afixo. Assim, no que diz respeito às conexões entre produtos da RFP de nomes de acção, da RFP de nomes de qualidade e da RFP de nomes de quantidade, verificáveis entre, por exemplo, *berraria*, *velhacaria*, *livraria* ou entre *moagem*, *camaradagem* e *criadagem*, trata-se de uma interface que está a cargo dos sufixos *-aria* e *-agem*.²² Os traços semânticos

²² Para uma análise dos produtos deverbais e denominais em *-agem* veja-se Tchobánova (2001). A A. concebe, na esteira do modelo de Corbin (1987), a existência de dois sufixos homónimos. Veja-se ainda Fleischman (1976-1977) para os produtos em *-age* do francês.

de *-aria* e *-agem* - respectivamente [composto de indivíduos] ([ci]) e [composto de operações diferentes] ([op dif])²³ - revelam-se na similitude que todos os produtos mantêm na constância semântica de ‘conjunto/composto’, por vezes implícito na noção de ‘prototipicidade’ como é o caso dos nomes de qualidade, e cujas variações decorrem naturalmente das especificidades das bases e das RFPs.

A actuação da base está bem patente na distinção entre *judiaria* e *judiaria*. A significação de ‘conjunto de qualidades/attitudes de ser X; qualidade/atitude prototípica de ser X’ decorre da aplicação do traço [ci] a uma base [-concreta; -dinâmica]; a significação de ‘conjunto de X’ decorre da aplicação do mesmo traço a uma base [+concreta; -dinâmica]. Quando aplicado a uma base [-concreta; +dinâmica], o traço [composto por indivíduos] origina um semantismo de ‘conjunto de acções de V’. As peculiaridades semânticas mais finas das bases dão origem a variações observáveis nos diferentes produtos.

A partilha de conteúdos entre RFPs é visualisável sob a forma da figura 4.

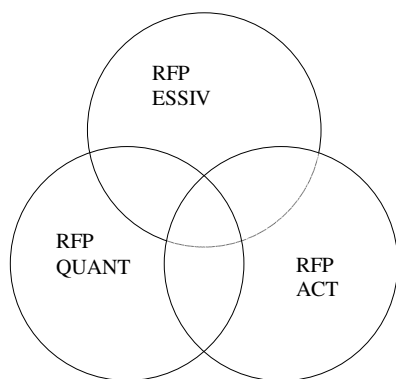


Figura 4. Zonas de interferência entre RFPs

As diferentes RFPs encontram-se em contacto em zonas de interferência que, de modo algum, correspondem à totalidade das regiões de cada RFP. Rio-Torto (1998b: 209) equaciona do seguinte modo esses pontos de contacto: «Apesar da sistematização

²³ Estes traços são alvo de explicitação aturada no cap. V, § 2.

assinhalada, subsistem naturais interferências inter- e intraparadigmáticas,¹ havendo derivados que se situam em zonas de intersecção. Este contínuo que os produtos derivacionais configuram é explicável quer pela natureza não unívoca das bases envolvidas, quer pelo percurso histórico dos operadores morfológicos, salientando-se [...] a importância que bases e afixos têm para a construção do significado de uma palavra e o contributo que o conhecimento da história dos operadores afixais pode aduzir para a compreensão dos seus valores no presente.».

Contudo, um modelo teórico demasiado centrado nas RFPs como pontos de convergência dos parâmetros regulares e sistémicos dos fenómenos genolexicais não tem capacidade para explicar esses pontos de intersecção observáveis entre as RFPs. Rio-Torto (1998b) anota que os operadores afixais sustentam parte da responsabilidade dessas intersecções, como visível no excerto acima transcrito.

Já em trabalho anterior, Rio-Torto (1993: 190-202) mostra distanciamento em relação ao modelo de Corbin (1987) também no que diz respeito ao estatuto dos operadores afixais. Rio-Torto (1993: 190) concebe que «[...] os afixos são instrumentos de formação de palavras cuja identidade não se limita à de marcadores sintácticos, ou à de agentes dos paradigmas derivacionais.», pois dispõem de «[...] uma dimensão auto-significativa, uma dimensão significativa relacional (base/produto), e uma dimensão categorial.». Contudo, a A. não prevê o modo de integração da actuação afixal em parâmetros regidos por um modelo teórico apropriado. Na verdade, a exclusiva centragem dos pontos de convergência genolexicais nas RFPs, definidas por uma relação semântico-categorial entre bases e produtos através de vários operadores afixais, não permite a concepção destes últimos como eles mesmos pontos de convergência genolexical.

1.2 RFPs: proposta do modelo das RFPs em interfaces

A solução por nós defendida consiste na manutenção das especificidades de cada RFP e na explicitação, em simultâneo, dos pontos de contacto entre os subcomponentes intervenientes em cada RFP. Repare-se que o que está em contacto não são as RFPs como todos entre si, mas apenas subcomponentes de cada uma delas. Isto significa que a interface não é construída entre uma RFP e outra RFP no seu todo, mas entre constituintes das RFPs. Esta visão permite manter as diferenças entre cada RFP e assinalar ligações entre alguns aspectos de cada uma.

A solução que aqui defendemos parte da noção de interface desenvolvida em Jackendoff (2002) e aqui apresentada no cap. I. Essa solução passa por conceber bidireccionalmente o campo de alimentação genolexical e, assim, definir tanto RFPs como operadores afixais aí actuantes como pontos de convergência de aportações semânticas.

A figura 5 representa a solução por nós defendida.

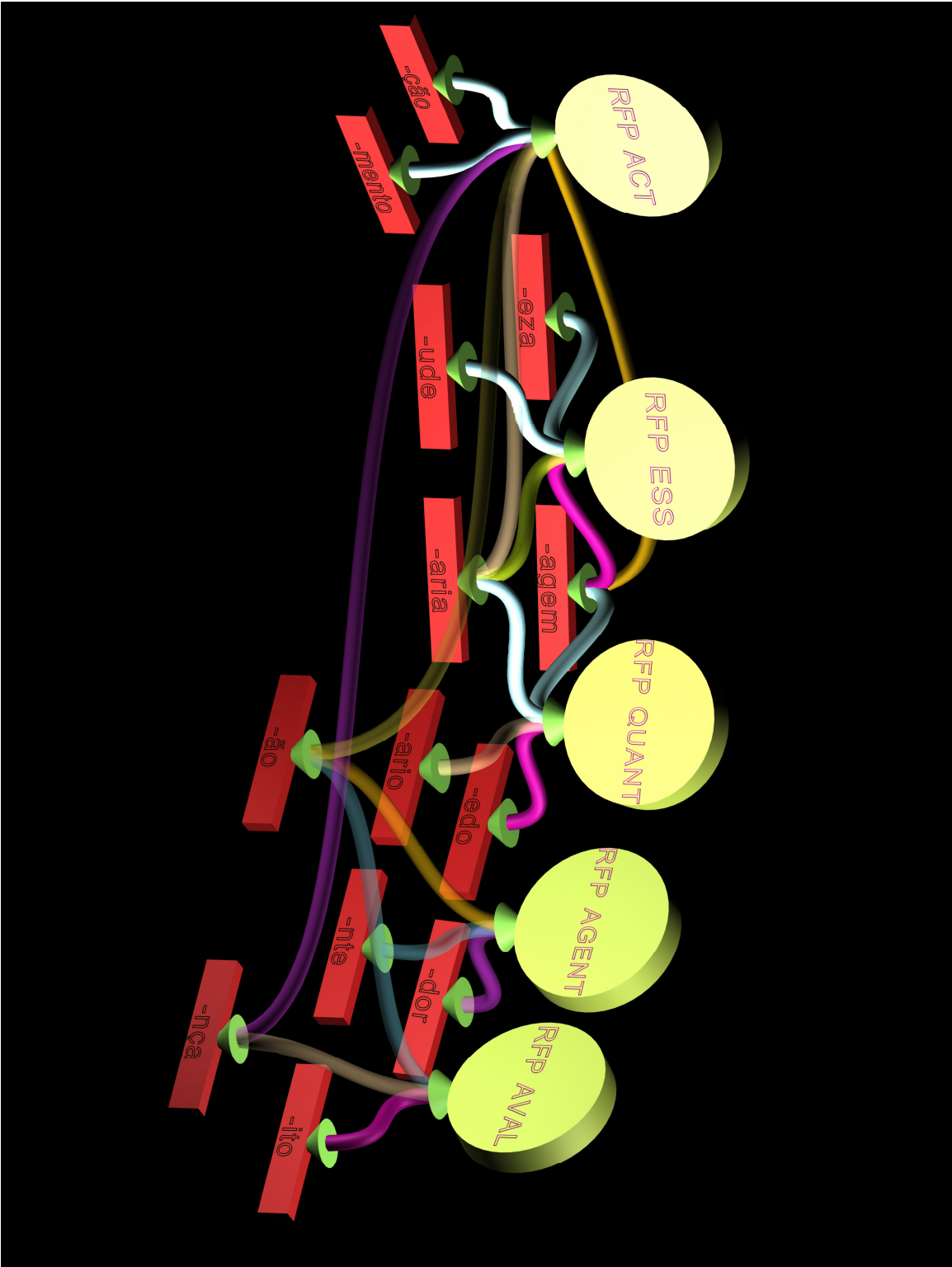


Figura 5. Modelo das RFPs em interfaces

A figura 5 representa a visão de interface da formação de palavras. A figura deve ser tomada como representativa apenas da interface que estamos a discutir e não da globalidade das interfaces que compõem a componente genlexical. Da mesma forma, a figura não representa toda e qualquer interface tecida entre as RFPs em jogo, nem em quantidade, visto não mostrar todos os operadores afixais que estão em interface com as RFPs, nem em qualidade, visto não estarem explícitos os diferentes níveis que podem tecer interface. Com a figura 5, pretendemos apenas mostrar a solução por nós desenhada de modo a dar resposta à existência de operadores afixais que actuam em diferentes RFPs, bem como à manutenção das RFPs.

Conforme visível na figura 5, o modelo advogado apresenta uma vantagem acrescida em relação aos modelos em arqui-regras. Os modelos em arqui-regras prevêm que a arqui-regra envolva apenas RFPs cujos produtos pertençam a um só domínio semântico, por exemplo, o domínio do abstracto. Na realidade, a unificação da construção de abstractos é o motivo da arqui-regra desenvolvida em Rio-Torto & Anastácio (2004) (cf. § 1.1.4 deste capítulo).

O modelo de RFPs em interfaces possui a capacidade de relacionar qualquer RFP independentemente do carácter semântico do seu produto. É assim que são relacionáveis em interface produtos abstractos e produtos de indivíduo, desde que haja actuação do mesmo operador. A actuação deste é estipulável através da análise semântica dos produtos.

A figura 5 mostra, por exemplo, que a RFP de nomes de acção se encontra em interface com a RFP de nomes essivos e com a RFP de nomes de quantidade. Essa interface dá-se, em simultâneo, através dos operadores *-aria* e *-agem*. Contudo, a RFP de nomes de acção encontra-se ainda em interface com a RFP de avaliativos através dos afixos *-ão* e *-nça*, por exemplo. Por outro lado, a RFP de nomes de acção encontra-se também em interface com a RFP de agentivos, através de *-ão*. O mesmo sufixo *-ão* constrói ainda a interface entre a RFP de avaliativos e a RFP de agentivos. Não constitui entrave às interfaces o facto de as bases das RFPs de avaliativos em *-ão* e as bases das RFPs de nomes de acção ou de agentivos serem diferentes. Também não é obstáculo que os produtos da RFP de agentivos e os produtos da RFP de nomes de acção apresentem semantismos em domínios diferentes (abstracto vs. concreto).

A unidade conseguida entre os vários produtos das RFPs que se encontram em interface, na figura 5, é laborada pela acção semântica do afixo. Como tal, as RFPs não

funcionam como classes taxonómicas de objectos, que seriam os produtos, as bases, os operadores afixais e as operações. As RFPs funcionam como domínios dinâmicos cujas interfaces são activáveis através do comportamento semântico dos afixos aí intervenientes.

Não obstante, não deve ser esquecido que as interfaces se situam também ao nível das diferentes estruturas linguísticas (fonológica, sintáctica e semântica), na concepção apresentada por Jackendoff (2002) de que um item lexical é uma interface em pequena escala.²⁴ Por sua vez, o que aqui pretendemos mostrar é que os próprios subcomponentes genolexicais estão relacionados uns com os outros através de interfaces alimentadas quer por operadores afixais, quer por semantismos, etc.²⁵

Apesar de a univocidade categorial sintáctica das RFPs ser rejeitável com base em fundamentos empíricos, como demonstram os trabalhos de Plag (1999; 2004) e os dados por nós analisados, a manutenção das RFPs revela-se adequada e necessária a um nível semântico. O facto de determinados afixos se agregarem a determinado tipo semântico de base e de se mostrarem incompatíveis com outros e de determinadas bases gerarem determinados tipos semânticos de produtos demonstra que a univocidade destas se encontra no nível semântico. Para que a pertinência das RFPs seja entendida, é necessário que se possuam os meios adequados de análise semântica, de modo a dar conta dos parâmetros semânticos por que se regem as selecções afixais.

Em suma, um modelo em interface como aquele que aqui advogamos apresenta as vantagens de

1) explicar o funcionamento transRFP de muitos afixos, com base na observação de que, apesar de agregados a bases categorialmente distintas, dão forma a produtos que são semanticamente convergentes;

2) manter a formulação das RFPs como pontos de convergência das bases a que se agregam vários afixos, não na sua univocidade categorial sintáctica, mas na sua dimensão semântica.

²⁴ O item lexical é caracterizado por Jackendoff (2002: 425) como «[...] a small-scale interface rule that helps correlate the parallel structures. Its phonology appears only in phonological structure, its syntax only in syntax structure, and its semantics only in conceptual structure; and the word as a whole establishes the linking among the three in the overall structure of a sentence.».

²⁵ O peso das propriedades fonológicas, morfológicas, semânticas e sintácticas dos afixos e das bases na obtenção de uma agregação entre dois elementos destes dois grupos é enfatizado por Plag (1996; 1999) e Hay & Plag (2004).

É assim possível continuar a abordar os *nomina actionis* como deverbais, desde que tenhamos em conta que a sua deverbalidade se prende não propriamente com a formação sintáctica das bases, mas com determinadas estruturas semânticas que estas contêm. São estas estruturas semânticas que servem de fonte de adjunção das estruturas semânticas que enformam os afixos. É por esse motivo que dentro dos afixos nominalizadores deverbais não encontramos um afixo que seja agregável a todos os verbos, a despeito do facto de esses afixos formarem substantivos com base em verbos. Estas limitações apontam que é ao nível semântico que se colocam as restrições tecidas entre as adjunções de afixo e base.

O alcance do modelo que propomos de interface das RFPs adquirirá relevância à medida que formos avaliando as abordagens que neste trabalho construímos em relação aos operadores afixais, aos mecanismos de genolexia e ao papel de determinadas estruturas linguísticas naquela.

1.3 Os operadores afixais

Esta solução de constelações em interfaces só é possível porque os operadores afixais contêm carga semântica própria. Não são, pois, apenas meros instrumentos de categorização sintáctica ou agenciadores de uma significação genérica pré-definida pela RFP em que actuam. A dimensão semântica de cada operador afixal oferece a este uma identidade própria manifestada na contribuição específica que a sua agregação a uma determinada base acarreta. É a carga semântica de ‘composto por indivíduos’, por vezes implícita na noção de ‘prototipicidade’ (cf. *calmaria*, *judiaria*), que permite que o sufixo *-aria* opere em simultâneo em três RFPs distintas. Essa operacionalidade múltipla advém da possibilidade de combinação entre os traços do sufixo em causa e os componentes pré-definidos de cada RFP. Caso os traços do afixo e aqueles definidos pela RFP não sejam compatíveis, não são produzidos lexemas de determinada RFP através desse afixo, ou seja, esse afixo não mantém interface com essa RFP.

Por exemplo, o sufixo *-idade* não actua na RFP de nomes de acção, pois a carga semântica deste afixo não é conciliável com as informações semânticas ocorrentes em bases [-concreto; +dinâmico].

Significa isto que não é possível continuar a encarar os afixos actuantes numa dada RFP como sinónimos ou como meras variações morfológicas de uma mesma unidade semântica, cuja actualização dependesse somente de constrangimentos morfológicos com

as bases. Se é verdade que factores morfológicos contribuem para a selecção de determinados operadores afixais, como veremos no cap. III, defenderemos neste trabalho que os operadores afixais dispõem de identidade semântica própria. Essa carga semântica afixal desenvolve variações, quando em contacto com a carga semântica dos itens a que se agregam os afixos.

Isto faz-nos compreender que, no que toca aos sufixos *-aria* e *-agem*, a sua carga semântica de ‘qualidade’, por exemplo, não possui carácter primário, mas secundário. Na verdade, o semantismo primário comportado por estes sufixos relaciona-se antes com a noção de ‘composto por indivíduos’. É pelo facto de a noção de ‘composto por indivíduos’ ser conciliável com traços semânticos constantes em bases verbais ([-concreta; +dinâmica]) (e.g. *pescar*), adjectivais ([-concreta; -dinâmica]) (e.g. *calmo*) e denominais ([+concreta; -dinâmica] (e.g. *livro*) ou [+concreta; +dinâmica] (e.g. *algoz*))²⁶, ou seja, quer com a presença quer com a ausência dos traços [concreto; dinâmico] e não apenas com um determinado sinal de cada um deles, que é possível encontrarmos estes sufixos em actuação em diferentes RFPs, agregando-se a diferentes bases. A formatação semântica da base é determinante para a matização do traço ‘composto por indivíduos’ do sufixo no resultado do produto.

A nossa perspectiva contraria as concepções que enformam o afixo de uma carga semântica rígida vinculada aos parâmetros de uma RFP. Nessas concepções, essa carga semântica coincide não com a identidade do afixo, mas antes com a significação do produto. Por não terem em consideração a constituição molecular da carga semântica do afixo e da operação em causa, os modelos tradicionais das RFPs defendem a multiplicação dos afixos em homónimos.

A nossa concepção, pelo contrário, advoga que decorre dessa constituição molecular a possibilidade de actuação do mesmo afixo em diferentes RFPs, desde que a sua carga semântica primária seja conciliável com a semântica das bases, compreendidas por cada RFP.

Dessa constituição molecular advém ainda outra assunção do nosso modelo: a de que os semantismos secundários advêm directamente de constituintes moleculares dos

²⁶ Os exemplos mostram que os produtos resultam da conjugação dos traços e não de cada traço isoladamente.

intervenientes genolexicais e não procedem de uma extensão semântica de um outro semantismo como bloco.²⁷

1.3.1 Os operadores afixais como meros instrumentos de realização fonológica das RFPs nas abordagens *process-oriented* (e.g. Beard 1995)

Um exemplo extremo do tipo de concepção que neste trabalho rejeitamos é oferecido em Beard (1995) através da “lexeme-morpheme base morphology”. Beard distancia a sua proposta da visão da *morpheme-based morphology*, que o A. designa por “lexical morpheme hypothesis”. Esta designação deixa compreender que nas propostas que Beard rejeita, instanciadas na *morpheme-based morphology*, os operadores afixais são tratados de modo equitativo em relação às chamadas classes maiores, pelo que são considerados como inseridos no léxico. O isomorfismo do morfema defendido por estas teorias é alvo de discussão por parte das teorias *lexeme-based*, como pode verificar-se em Anderson (1992). Um dos argumentos mais bem conseguidos para derrubar a *morpheme-based morphology* é o que parte de dados empíricos como morfemas zero e morfemas vazios, dado que estes, ao falharem o isomorfismo fonologia-semântica, servem de suporte sólido às teorias *lexeme-based*.²⁸

Apoiando-se neste tipo de dados, Beard (1995: 20) retira conteúdo semântico aos operadores afixais e assume uma posição oposta extrema: «[...] affixes are in a class with free minor class items like articles, auxiliaries, adpositions, conjunctions, and some pronouns. These items as a class bear no semantic content but reflect grammatical functions which are managed by other components, specifically by the lexicon and the syntax.». Para Beard, os afixos não se encontram, pois, no léxico.

²⁷ Para as relações entre os semantismos ‘locativo’, ‘instrumental’, ‘agente’ e ‘colectivo’, vejam-se Tchobánova (2002), Piel (1940a), Grossmann (1998), Cabré & Solé (2001), Dressler (1986) Booij (1986) e Rainer (2003). Rainer (2003) alerta para a inexactidão, no que respeita a dados históricos das línguas, de propostas Cognitivistas que pretendem explicar exclusivamente através de ‘esquemas’ semânticos fenómenos polissémicos que são explicáveis diacronicamente através de fenómenos como a elipse, a homonimização e o empréstimo. No caso da elipse, Rainer (2003: 28) apresenta os deverbais que têm paralelos adjetivais. Partir-se-ia de um sintagma nominal formado por N como *máquina* seguido do adjetivo verbal. Do uso da elipse restaria apenas o adjetivo. Para a homonimização, Rainer (2003: 28) foca a evolução fonética de um sufixo que redundava em forma homónima de outro sufixo, como -TORIUM e -TOREM, que em catalão evoluíram para -*dor*. Para o empréstimo, Rainer (2003: 28), apoiando-se em Malkiel (1988: 238), apresenta o seguinte exemplo: «the first Spanish locative formations of the type *comedor* ‘dining room’ were borrowings from Provençal (or Catalan), where the locative use [...] was due to phonetic change.». Em todo o caso, as explicações diacrónicas de Rainer não invalidam que se considerem as organizações sincrónicas actuais fundamentadas na arquitectura mental-f da linguagem.

²⁸ Cf., por exemplo, Don (1993) acerca da conversão.

Ao apelidar a sua proposta de “lexeme morpheme base morphology”, Beard (1995: 44) está a estabelecer a existência de duas categorias separadas - a dos lexemas e a dos morfemas. Os lexemas são definidos por Beard como «[...] direct associations of properly specified sequences of phonemes, grammatical features and semantic intensions, that is, noun, verb, and adjective stems.». O A. (p. 44) esclarece que «All and only the items conforming to this definition are allowed in lexical storage.».

Os morfemas são definidos por Beard (1995: 44) como «[...] morphologically spelling operations in the literal sense of “morphological”: modification of the phonological form [...] only of lexemes.».

Como sintetiza Beard (1995: 45): «The distinction of lexemes and grammatical morphemes implies that the elementary units of language are characterized by discrete ways of conveying meaning. Lexemes unquestionably are the DIRECT ARTICULATION of meaning by sound in the Saussuriam sense. Grammatical morphemes, on the other hand, are defined in terms of an indirect, context-sensitive, often paradigmatic means of reference (CONDITIONED INDIRECT ARTICULATION) [...]».

Esta separação entre lexemas e morfemas desenha-se com base na existência de morfemas que não cumprem o princípio do isomorfismo fonologia-semântica previsto nos lexemas. Esse não isomorfismo é explicado da seguinte forma pela teoria de Beard (1995: 48): «Zero morphology is derivation (lexical or syntactic) without subsequent spelling operations; empty morphemes are spelling operations without concomitant derivation. Morphological asymmetry results from using several markers to express a single derivation or a single marker to express several derivational operations. No further types of mismatches are logically possible and none occur.».

A redução do morfema a um instrumento de realização fonológica com base na anulação total do seu funcionamento semântico, ao especificarem-se os afixos actantes numa regra derivacional como sinónimos absolutos²⁹ e ao observar-se o seu não-isomorfismo, advoga, segundo Beard, a distanciação entre estes e os lexemas.

Sem pretendermos defender equidade absoluta entre lexemas e morfemas, notamos, no entanto, que sob os aspectos utilizados por Beard para operar essa distinção é verificável a assunção oposta, ou seja, aquela que prevê alguns pontos de contacto entre lexemas e

²⁹ Ontologicamente, é também criticável a caracterização dos afixos como “sinónimos”, visto Beard os desprover de semântica. Compreendemos que a “sinonímia” é funcional, mas não podemos deixar de anotar esta incongruência do A.

morfemas. Assim, ao contrário do que é previsto por Beard, os afixos constantes numa regra derivacional não são sinónimos absolutos, mas meramente aproximados tal como os lexemas, como demonstraremos ao longo deste trabalho e como já demonstrou Plag (1999), a propósito dos afixos verbalizadores do inglês, ou Rio-Torto (1993), a propósito dos afixos avaliativos do português. Por outro lado, também o não-isomorfismo é caracterizador de lexemas, conforme evidenciado por Jackendoff (2002: 132-133).³⁰

Como procuraremos demonstrar no nosso trabalho, o papel dos operadores afixais não é redutível à função que lhes consigna Beard, na medida em que não se encontram desprovidos de semântica. Na verdade, no que toca à nominalização deverbal de evento, observaremos que cada sufixo empresta matizes semânticos ao evento, naquilo a que designaremos por “estrutura de moldagem eventiva”.

A proposta separacionista de Beard (1995: 50) prevê que «[...] morphological spelling has no access to the internal working of derivation; it operates in true modular fashion, solely on the output of derivation rules.». O facto de existirem correlações entre morfemas e funções gramaticais não se deve, de acordo com o A., à possibilidade de os morfemas encerrarem essas funções, mas antes à ligação de resposta tecida entre os morfemas como instrumentos de realização fonológica e as regras derivacionais que os antecedem (Beard 1995: 69).

Em suma, para Beard (1995: 70), «[...] all bound morphemes are spelling operations which are both grammatically and semantically empty. No affix, therefore, should determine the grammatical or semantic output of a derivation.».

Este tipo de proposta prevê a maximização do poder semântico e categorizador das regras derivacionais e a anulação de qualquer poder interventivo sob esses dois aspectos dos operadores afixais, meros instrumentos de mutação fonológica entre base e produto. É

³⁰ Jackendoff (132-133) refere a existência de itens lexicais que não possuem sintaxe, apesar de possuírem fonologia e semântica. Estão nestas condições formas como *yes, no, hello, goodbye, ouch, oops, dammit, hey, shh, psst, abracadabra, cockadoodledoo*. Outras formas apresentam fonologia e sintaxe, mas não semântica. Jackendoff (2002: 133) apresenta como exemplos *it* em *It's hot in here* e *do* como auxiliar em *I didn't like him*. Outras situações linguísticas jogam com a ocorrência apenas semântica e sintáctica, mas não fonológica do item. Enquadra-se neste tipo o pronome vazio (PRO) que, em inglês, é estabelecido como sujeito das infinitivas, como em *Bill tried [PRO] to talk*. Por último, Jackendoff mostra ainda itens que apenas contêm fonologia e estão desprovidos de sintaxe e de semântica. Esses itens têm como função o preenchimento de estruturas métricas em rimas infantis (e.g. *eenie-meenie-minie-moe, hickory-dickory-dock*). Repare-se que não há absoluta categorização de cada um destes itens nos diferentes tipos deficitários. Jackendoff (2002: 132, nota 13) chama a atenção para a possibilidade de itens como *hello, no, psst*, ou seja, que contêm geralmente fonologia e semântica, mas não sintaxe, poderem, no entanto, emergir com sintaxe, numa ocorrência metalinguística.

apoiando-se no vector separacionista que Beard (1995: 78) estipula que vários operadores afixais podem ocorrer na marcação de uma mesma regra derivacional. Esta concepção é, pois, equivalente à de Corbin (1987), no que toca à focalização nas RFPs dos domínios de convergência genolexical, ainda que esta A. assuma uma posição associativa, ao defender que existe uma associação sistemática entre forma e significado, e não separacionista.³¹ É, aliás, com base no associativismo que o modelo de Corbin vai sofrer alterações de modo a enfatizar o papel dos operadores morfológicos na construção do semantismo do produto. Como se refere em Corbin & Corbin (1991: 115), «[...] ce sont les propriétés sémantiques fondamentalement associées aux opérateurs morphologiques, ainsi que les propriétés des bases auxquelles ils s’appliquent, [...] qui induisent ces comportements différenciés» observáveis entre dois produtos da mesma RFP com afixos distintos.

A proposta de Beard não concebe que não é necessário desprover os afixos de conteúdo gramatical e semântico para manter a coligação das regras derivacionais. Prosseguindo com a sua posição extrema, Beard refere que os afixos operadores na marcação de uma regra derivacional mantêm entre si uma relação de sinonímia absoluta. Assim, Beard (1995: 78) explica que «The meanings of affixes and other morphological modifications are invariable universal grammatical functions [...]. “Synonymous” affixes should express specific grammatical functions like Diminutive and Neuter without categorial “Fuzziness”...».³² Como tal, esta proposta, ao ignorar a identidade semântica própria de cada afixo e ao conceber estes como meros instrumentos de realização fonológica em cada regra derivacional, implica a multiplicação de homónimos afixais de acordo com o número de regras derivacionais.

Por último, focamos somente que Beard (1995: 202) explica a formação de substantivos deverbais através da noção de “transposição”: «This type of derivation simply provides members of one lexical class with the lexical features of another while neutralizing those of the base. Importantly, no grammatical or semantic function is provided by transposition.».

Há, pois, a considerar, para posterior refutação, as seguintes assumpções de Beard (1995):

- a) os morfemas não têm carga semântica nem gramatical;

³¹ Veja-se e.g. Booij (em publicação) para a comparação entre o separacionismo de Beard (1995) e o associativismo de Corbin (1987).

³² É suficiente consultar Rio-Torto (1993) para verificar a inadequabilidade da caracterização que Beard constrói dos afixos, especificamente dos diminutivos.

b) os afixos, como instrumentos de realização fonológica, não têm acesso às regras derivacionais;

c) o produto não é devedor gramatical nem semanticamente do afixo, que apenas o constrói fonologicamente;

d) os afixos operadores numa regra derivacional são sinónimos absolutos;

e) a relação derivacional verificada na construção de substantivos deverbais é de mera transposição, ou seja, mera mutação categorial sem alteração gramatical nem semântica.

1.3.2 Os operadores afixais como agentes semânticos no modelo *sign-based output-oriented* (Plag 1999; 2004)

Plag (1999) oferece a refutação à posição de Beard através da análise dos sufixos verbalizadores do inglês. O contributo de Plag, centrado no estudo dos constrangimentos estruturais que regulam a produtividade da formação de verbos, evidencia que os produtos verbais sufixados em *-ize*, *-ify*, *-ate*, *-en* analisados no seu trabalho, ainda que apresentem similaridades semânticas entre si, mostram sobretudo dimensões semânticas particulares de cada conjunto de derivados marcados por cada sufixo.

De acordo com Plag (1999: 237) a polissemia encontrada no seio do mesmo afixo e a divergência de semantismos através dos afixos que operam na mesma regra derivacional não são atendidas por um modelo como aquele proposto por Beard, que concebe a sinonímia absoluta entre os operadores afixais da mesma regra. Para Plag (1999: 240), ao contrário do estipulado por Beard (1995: 78), os operadores não são sinónimos absolutos, mas aproximados.

É o funcionamento polissémico e de sinonímia aproximada dos afixos que permitem que Plag (1999) conceba estas unidades como paralelas aos lexemas. Plag (1999: 240) defende que «[...] the polysemy of the derivatives follows from the same semantic mechanisms that are responsible for the polysemy of non-complex signs, i.e. simplex lexemes.». Esta equidade entre morfemas e lexemas assenta na negação dos modelos separacionistas, como o de Beard (1995), ao rejeitar que os morfemas estejam desprovidos de carga semântica.

Como veremos ao longo do nosso trabalho, a análise efectuada aos objectos sob apreço corrobora a posição de Plag (1999) no que diz respeito à dimensão semântica dos afixos, caracterizados por polissemia interna e sinonímia aproximada. Por conseguinte, os

afixos não são meros instrumentos de realização fonológica, mas verdadeiros agentes que contribuem para a formatação semântica do produto.

A nossa posição apresenta, contudo, alguns distanciamentos, que foram já sendo evidenciados nesta secção, em relação ao modelo proposto por Plag (1999).

É necessário compreendermos que o modelo preconizado por Plag, que o A. designa por *sign-based output-oriented model*, ainda que distanciado dos modelos *morpheme-based* (Plag 1999: 234), rejeita os *process-oriented* (Plag 1999: 241). Não coincide a nossa proposta com esta rejeição. O que propomos é antes um modelo que concilie a visão das RFPs como pontos de convergência e a dos afixos como pontos de convergência em simultâneo, através de mecanismos de coindexação, como veremos no § 2 deste capítulo.

O modelo de Plag assenta na rejeição dos modelos que concebem as RFPs como pontos de convergência de uma série de produtos genolexicais, congraçados pela univocidade categorial das bases. De acordo com Plag, estes modelos apresentam as desvantagens de preverem a formação de produtos mal-formados, que exemplifica com os substantivos em *-ity* gerados a partir de adjectivos em *-ous*, do inglês. Plag (1999: 6) observa que a RFP que permite explicar a formação de *curiosity* a partir de *curious* admite a geração das formas agramaticais **gloriosity* e **furiosity*, a partir de *glorious* e de *furious*, respectivamente.

A par desta sobregeração, às RFPs é apontada ainda a desvantagem oposta da subgeração; i.e., estão atestadas formas que não são previsíveis pela RFP.

Parece-nos, no entanto, que estes dois problemas que Plag atribui às RFPs enquanto frutos de um modelo *process-oriented* não são inerentes às propriedades das RFPs, mas antes a limitações do linguista que as explicita. Como o próprio Plag observa «The postulation of a word formation rule is ultimately an empirical problem which can only be finding evidence for regular form-meaning correspondences across a reasonably large set of complex words.». Significa isto que cabe ao linguista a tarefa de afinção dos parâmetros genolexicais que afectam uma determinada RFP, sem que seja necessário negar a existência mental destas.

Na verdade, parece-nos que uma visão que não se limite a equacionar uma relação genérica entre categoria e produto sob a acção de uma RFP, mas que aprofunde e agudize o desempenho genolexical que cada operador afixal mostra em relação a cada base na construção do produto final não tem de decorrer forçosamente da negação das RFPs. A evidência empírica e a adequação explicativa-descritiva destes modelos de RFPs

encontram-se amplamente demonstradas pelos trabalhos que os defendem. Contudo, a afinação do conhecimento das relações semânticas entre afixos e bases permitirá, como pensamos fazer neste trabalho, compreender de modo mais cabal os mecanismos genolexicais, através da consequente optimização do modelo teórico.

A discordância em relação aos modelos *process-oriented* por parte de Plag acarreta inerentemente a rejeição da hipótese da base unitária, ou seja, das RFPs enquanto modelos monobásicos. A este respeito já foram tecidas considerações neste capítulo que não repetiremos. Observe-se, no entanto, que a rejeição tecida por Plag (1999), baseada na observação empírica de que o mesmo afixo pode agregar-se a diferentes categorias, assenta na categorização sintáctica das bases. O A. demonstra ao longo do seu trabalho que as restrições sintácticas «[...] are in fact the result of underlying semantic restrictions.» (Plag 1999: 42). Ao concluir que a marcação da categoria sintáctica das bases para a explicação da formação de verbos do inglês resulta supérflua, Plag (1999: 241; 2004) põe em causa os modelos *process-oriented*.

Observe-se, todavia, que é possível anotar fragilidades na proposta de Plag (1999).

O A. baseia a rejeição dos modelos *process-oriented* na assunção de que a marcação sintáctica da categoria da base é absolutamente supérflua. A principal fragilidade desta proposta decorre da postulação, pelo próprio A., de que as bases não têm de ser marcadas sintacticamente, pelo facto de a categoria sintáctica decorrer da estrutura léxico-conceptual da base. Colhemos directamente Plag (1999: 131) para que possamos avaliar a sua proposta: «In a purely semantic approach, the syntactic category of the base can be disregarded because the only restriction necessary is that the base can successfully be interpreted as an appropriate argument in the L[exical]C[onceptual]S[tructure].»; Plag (1999: 144): «[...] it follows from the LCS itself that the syntactic category may be a noun or an adjective, and not, say, a verb.».

Significa pois que é supérfluo marcar as bases sintacticamente, mas não é supérfluo, antes necessário, marcá-las semântica e fonologicamente. Plag, no entanto, não parece aproveitar o alcance da sua própria proposta, na medida em que, ao discordar da marcação sintáctica das bases, rejeita totalmente a marcação das bases enquanto suportes das RFPs. De modo diferente, na nossa abordagem, a rejeição da marcação sintáctica das bases não conduz à anulação das RFPs. Estas potenciam a marcação dos constrangimentos semânticos e fonológicos exercidos na formatação das bases.

Em suma, a não marcação sintáctica dos derivantes não equivale à negação de que existem parâmetros a que aqueles têm de obedecer para potencialmente sofrerem a agregação de determinados operadores afixais. Como tal, a sua marcação é necessária e continua a servir uma visão *process-oriented*, na medida em que os parâmetros definidos para as bases são transportáveis por conjuntos de bases e, logo, são enformáveis em regras derivacionais.

1.4 Os operadores afixais na proposta do modelo de RFPs em interfaces

Como princípio, aceitamos de Plag (1999; 2004) a visão dos afixos como domínios com carga semântica, contra o postulado de Beard (1995). Mas, ao contrário de Plag, parece-nos que não é necessário, mas antes contraproducente, rejeitar os modelos *process-oriented*.

Observe-se que o estatuto de unidades semântico-fonológicas que a análise dos objectos lexicais do nosso trabalho evidencia e permite assumir para os afixos não equivale a uma retoma da visão oferecida pelas teorias *morpheme-based*, como também Plag (1999) havia alertado no que diz respeito à sua concepção.

Ao contrário das teorias *morpheme-based* (cf. Lieber 1992; Selkirk 1982), o facto de postularmos uma identidade semântica para cada afixo, o que acarreta similaridades entre morfemas e lexemas, não implica advogarmos que a genolexia seja regida pela mera combinação de morfemas. Tanto os fenómenos morfológicos concatenativos como os não-concatenativos são alvo de mais adequada explicação, a nosso ver, sob o escopo das teorias *lexeme-based*. É através destas que o estabelecimento de regras derivacionais como esquemas mentais construídos a partir de similaridades no léxico possui maior conexão com dados psicolinguísticos. Parece-nos que a linguística do sistema deverá aproximar-se da linguística processual, de modo a oferecer uma descrição dos fenómenos mais aproximada do modo como são processados mentalmente.

Defendemos, pois, que é possível integrar o afixo enquanto unidade semântico-fonológica sujeita a variação polissémica numa concepção que considere a operacionalidade da construção de esquemas mentais em termos de genolexia. Esses esquemas são constructos mentais baseados na análise implícita, para o falante, de regularidades e similaridades encontrados no léxico. Essas construções são alimentadas

quer pela constância da formatação das bases a que se agregam vários afixos, quer pela constância do afixo que se agrega a bases com formatações distintas.

Assim, os esquemas não reflectem apenas a relação base/produto. Essa seria uma visão própria dos modelos que tomam as bases como pontos de convergência das RFPs (e.g. Aronoff 1976; Corbin 1987; Beard 1995). Contudo, também não captam apenas a relação afixo/produto. Tal estaria somente de acordo com os modelos que consideram o afixo como ponto de convergência genolexical (e.g. Plag 1999). No nosso modelo, os constructos esquemáticos captam a relação base/afixo/produto. Assim, o nosso modelo concilia tanto as bases como os afixos como pontos de convergência e divergência através da activação de interfaces.

Os esquemas ou regras derivacionais, segundo a nossa perspectiva, não prescindem, assim, da noção de morfema, na medida em que é a partir da análise destes que mentalmente se operam quer a construção dos esquemas, quer a possibilidade de obter novos produtos, numa função de interacção entre o geral e o particular.³³

A noção, por nós defendida, de que o afixo possui carga semântica, o que se distancia dos modelos *word-based*,³⁴ que estipulam que os afixos não possuem carga semântica para além daquela que está presente na regra derivacional de que dependem,³⁵ não deve, assim, ser confundida com a visão estruturalista do morfema com carácter isomórfico.³⁶ Na verdade, o dimensionamento semântico que aqui apresentamos do afixo localiza a face semântica deste num dinamismo e em extensões infinitas que resultam de

³³ Parece ser uma visão semelhante à nossa aquela oferecida em Plag (2002: 189-190): «Evidence from psycholinguistic studies also points in the direction of a compromise position [entre as visões *morpheme-based* e *word-based*]. Practically all current psycholinguistic models of morphological storage and processing acknowledge that complex words can in principle be stored and processed as whole words and in a decomposed fashion. The two seemingly conflicting syntagmatic and paradigmatic approaches may be less in a conflicting than in a complementary relationship.». Prossegue o A.: «[...] we can say that eliminating either morphemes or schemas from our morphological theory leads to a more elegant theory, because the overall machinery is reduced. However, this elegance is obviously bought at the cost of a significant loss in empirical adequacy. And if theories are meant to help as to understand reality, it seems that we have to value empirical adequacy more highly than theory-internal elegance.».

³⁴ Cf. Aronoff (1976) como pioneiro deste modelo e Anderson (1992) que oferece uma visão extrema desta visão.

³⁵ Para uma súmula das teorias *word-based* vs. *morpheme-based*, vejam-se Haspelmath (2002: 44-51; 165-179) e Plag (2002: 179-190). Para uma visão crítica das teorias *morpheme-based*, veja-se Anderson (1992: cap. 3). Anderson rejeita em absoluto a noção de morfema, com base na existência de fenómenos morfológicos não-concatenativos. Carstairs-McCarthy (1992: 212), em artigo crítico de Anderson (1992), condensa da seguinte forma a proposta deste A.: «Underlying a-morphous morphology, then, is a strong version of the familiar idea that words are islands, whose inner workings are invisible to processes or rules which operate on them, whether morphological (WFRs or morphosyntactic spell-out rules) or syntactic (such as Move-Alpha).».

³⁶ Veja-se Aronoff (1994: 5-29) que oferece uma súmula das concepções de “morfema” em diferentes teorias morfológicas e autores. Também Beard (1995: 1-18) retrata uma perspectiva histórica acerca do mesmo.

interfaces semânticas entre traços e não de uma correlação perfeita entre a face semântica e a face fonológica das visões estruturalistas.

A colocação dos sufixos em zonas de interface entre RFPs levanta uma questão. Vimos que uma das motivações para a concepção em interface dos operadores afixais se encontra no semantismo transportado pelo afixo. A identidade semântica do afixo e a possibilidade de se agregar a bases categorialmente distintas impõem a necessidade e justificam a adequabilidade da concepção das interfaces.

A questão que se levanta é a seguinte: quando o mesmo afixo surge em produtos lexicais que ostentam significações várias não integráveis no semantismo definido pela RFP, será viável em todas as situações conceber que se trata de produtos homónimos construídos em diferentes RFPs em simultâneo, estando cada semantismo dependente de cada RFP? Em relação a *judiaria* ‘qualidade’ e *judiaria* ‘conjunto’ estabeleceu-se que estamos perante dois lexemas, produzidos em RFPs distintas, a partir do mesmo sufixo, mas com geração sobre duas bases semanticamente distintas. Será possível manter a mesma solução para qualquer caso de acumulação de significações pela mesma forma morfofonológica?

Um exemplo permitirá ilustrar a questão: o lexema *administração* possui uma significação de ‘acção de V’ e uma significação de ‘conjunto daqueles que V’. A primeira significação está de acordo com o semantismo genérico definido pela RFP de nomes de acção. A segunda coincide em grande parte com o semantismo definido pela RFP de agentivos. Significa esta duplicidade semântica de *administração*, desenhada a concepção de interface, que é viável localizar o sufixo *-ção* como operante nas duas RFPs?

Essa hipótese acarretaria o desdobramento em homónimos das duas significações do produto que, ostentador da significação de ‘acção de V’, seria produzido pela RFP de nomes de acção e, enquanto ostentador do semantismo de ‘aqueles que V’, seria gerado pela RFP de agentes. Repare-se que não haveria nenhum obstáculo relacionado com categorias sintácticas de base e as mesmas nos produtos, pois tanto a RFP de nomes de acção como a RFP de agentivos prevêem no seu *input* verbos e no seu *output* substantivos.

Contudo, esta solução acarretaria desvantagens em termos teóricos de sobrecarga do léxico com entradas distintas, ou seja, de homónimos, para cada semantismo distinto gerável. A observação dos objectos lexicais aponta que esta não é a solução mais adequada.

Na verdade, a significação de ‘aquele(s) que V’ é menos representada nos produtos em *-ção* do que a significação de ‘acção de V’. Ou seja, se a significação genérica destes produtos é a de ‘acção de V’, já o mesmo não se pode dizer da significação agentiva. Elas não são paralelas em termos de representatividade nos produtos em *-ção* (cf. § 1.4 do cap. VI).

Ora, como já antes ficara explícito, estipular formas homónimas no léxico apresenta desvantagens:

a) multiplicação de itens não correspondentes a unidades semânticas identificáveis de imediato em abstracto, quando se tem por fundamento a face semântica do item em causa;

b) multiplicação da activação de interfaces entre grandes domínios (RFPs) sem que o ponto de ligação seja constante (a significação de agente não é constante nos produtos em *-ção*), o que acarreta onerosidade do sistema;

c) subaproveitamento da concepção de coindexação e das possibilidades de actuação desta com a composicionalidade semântica de cada base, afixo e produto.

Não deve ser esquecido que a interface activada ao nível dos operadores afixais se fundamenta na existência de itens lexicais construídos a partir de bases diferentes (e.g. *zurrar* > *zurraria*, *velhaco* > *velhacaria* e *conta* > *contaria*), que não estão entre si numa relação possível de homonímia ou de polissemia. Não se trata de significações diferentes no mesmo item, ou seja, de um item que coloque a hipótese da homonímia ou da polissemia como em *administração* ‘acção de V’ e *administração* ‘aquele(s) que V’.

Para além disso, a hipótese da interface encontra alicerce forte na diferença da categoria das bases a que um operador afixal se agrega. A constância semântica que esse afixo acarreta nos seus produtos, independentemente das bases daqueles e das oscilações semânticas dependentes das peculiaridades dessas bases, é também fundamento da hipótese da interface.

Assim, ao contrário do estipulado para *-aria*, em que os produtos são formalmente diversos, não é sustentável explicar a ocorrência de significações do **mesmo** lexema (e.g. *administração*) através da estipulação de localizações em diferentes RFPs dos diferentes semantismos do lexema. Isto acarretaria a multiplicação de lexemas homónimos e a multiplicação de interfaces não sistémicas no léxico. É preciso ter em conta que existiria uma interface por cada significação de cada produto lexical.

1.4.1 O caso dos produtos em *-ão*

Os casos apresentados até ao momento são de simples solução. O caso de *-aria* é facilmente explicável pela interface protagonizada pelo sufixo entre RFPs distintas. Nesta situação, torna-se óbvia a existência de RFPs distintas, na medida em que *-aria* se agrega a bases categorialmente diferentes e os produtos gerados apresentam semantismos dependentes dos traços dessas bases. A manutenção de um semantismo de ‘composto por indivíduos’ nos produtos de *-aria*, independentemente das particularidades das bases, faz compreender que se trata do mesmo sufixo, e não de sufixos homónimos.³⁷ A actuação de *-aria* alcança várias RFPs.

Por sua vez, o caso de significações diferentes de um mesmo produto em *-ção* a partir da mesma base rejeita a hipótese da interface tecida pelo afixo entre RFPs distintas. Essas significações são explicáveis através de recursos semânticos internos à relação entre afixo, base e produto e RFP.

No primeiro caso, a diferença da categoria semântico-lexical da base fundamenta aquilo que no segundo caso a manutenção da mesma base contraria. Se a base é a mesma e o produto também, o afixo não está a operar através de interfaces entre RFPs. Se as bases forem diferentes em termos semântico-lexicais e se os produtos gerados apresentarem similaridade semântica por acção do mesmo afixo, o afixo actuou através de interfaces entre RFPs.

O problema surge em situações que apresentam características divergentes das dos dois primeiros casos abordados. Este terceiro grupo em análise apresenta produtos com significações genéricas, e não uma genérica e outra secundária, formados a partir de bases com a mesma categoria sintáctica. Por exemplo, produtos em *-ão* com base deverbal, tal como *abanão* ‘acto de abanar; sacudidela forte’, *apalpão* ‘apalpada forte’, *babão* ‘aquele que se baba; baboso’, *mirão* ‘aquele que gosta de mirar; espectador do jogo; mirone’, são produzidos a partir de bases verbais com um afixo que oferece o traço semântico de ‘intenso’.

Os produtos daí resultantes não são, no entanto, absolutamente uniformes. Alguns apresentam significação genérica de ‘acção de V’; logo são integráveis na RFP de nomes de

³⁷ Para a concepção, na Linguística Cognitiva, de que o mesmo afixo pode agregar-se a diferentes bases categoriais, vejam-se os trabalhos de Silva (no prelo a; 2006). Agradecemos ao Autor a gentileza com que nos facultou os textos antes da sua publicação.

acção. Outros apresentam a significação genérica de ‘aquele/aquilo que V’; logo são integráveis na RFP de agentes.

O problema é ainda aguçado pela existência de produtos homónimos ou polissémicos com as duas significações referidas. São exemplo disto os lexemas *calcão* ‘acto ou efeito de calcar; pisadela; peça do carro onde se apoia o eixo’; *arremessão* ‘impulso de arremessar; encontrão; máquina de arremessar’; *chupão* ‘mancha na pele resultante de um chupamento; beijo chuchurreado; (reg.) chaminé de cozinha; adj. que chupa.’; *desgarrão* ‘vento que faz desgarrar; impulso violento’; *regalão* ‘grande regalo; o que se regala’; *pregão* ‘Publicação de qualquer cousa, feita em voz alta nos lugares publicos para que todos o saibam; bando. [...] – Aviso, noticia dada pelo pregoeiro ou porteiro em casos de execução de justiça, e outros autos judiciaes. – Pessoa que anuncia, que lança ou deita o pregão. [...] – Palavras com que se apregoa, se anuncia altamente.’ (DV).

Os produtos deverbais de *-ão* têm em comum o traço semântico de [+intenso], a categoria sintáctica da base e a sua própria categoria. No entanto, dificilmente podem ser agregados sob a mesma RFP, tendo em conta a discrepância semântica dos produtos.³⁸

³⁸ Rio-Torto (1986b) propõe que existem 8 sufixos *-ão* homónimos, de acordo com uma visão monobásica das RFPs: *-ão* 1 que se agrega a substantivos e que gera substantivos aumentativos; *-ão* 2 que se agrega a adjectivos e que gera adjectivos; *-ão* 3 que se agrega a substantivos e que gera substantivos diminutivos; *-ão* 4 que se agrega a substantivos e que gera adjectivos relacionais; *-ão* 5 que se agrega a substantivos e que gera adjectivos de proveniência; *-ão* 6 que se agrega a verbos e que gera nomes de acção; *-ão* 7 que se agrega a verbos e que gera nomes de agente; *-ão* 8 que se agrega a verbos e que gera nomes de instrumentos. De acordo com os postulados teóricos do mencionado trabalho, «[...] a identificação de cada um destes afixos é feita a partir das relações semântica e categorial que cada RCP activa, passando a ser atribuído a cada um o significado que está associado à respectiva RCP.» (Rio-Torto 1986b: 129).

Em versão posterior do trabalho de 1986, Rio-Torto (1998c) advoga a existência de quatro sufixos *-ão* homónimos em português: *-ão* 1 que actua isocategorialmente; *-ão* 2 que se agrega a bases verbais e que gera nomes agentivos; *-ão* 3 que se agrega a bases verbais e que gera nomes de acção; *-ão* 4 que se agrega a bases substantivas e que gera adjectivos relacionais. Os três primeiros apresentam génese histórica comum - o sufixo *-ONE* - e o último representa diferente antecedente diacrónico - *-ANU*.

Nós propomos neste trabalho apenas dois sufixos *-ão* homónimos correspondentes aos dois antecedentes diacrónicos apontados. Enfatize-se que a nossa proposta não se fundamenta em dados diacrónicos, ainda que seja por eles corroborada, mas em parâmetros decorrentes do modelo teórico proposto baseado em interfaces e na visão dinâmica semântica apresentada. Observe-se ainda que a proposta por nós avançada permite ainda explicar a ocorrência de diminutivos em *-ão*, o que parecia contrariar a tendência generalizada do sufixo. Partindo do semantismo primário de [individualização], este pode ocorrer sob a forma de [aumentativo] ou [diminutivo]. Observem-se ainda dados fornecidos por Meyer-Lübke (1895: 543): «ONE servait primitivement à individualiser; il s’attache à des thèmes verbaux ou nominaux pour désigner la personne qui accomplit une action avec une prédilection particulière, qui possède une qualité à un degré supérieur, qui se fait remarquer, attire parmi les autres l’attention par son occupation, par une particularité interne ou externe.».

Acerca do semantismo de ‘individualização’ do sufixo *-ão*, veja-se Rio-Torto (1993: 247-255; 261; 270-271).

Como é visível, soluções diferentes provêm de modelos teóricos distintos. Neste caso, não podemos falar de soluções correctas ou incorrectas, mas de soluções que, estando adequadas ao enquadramento teórico

Alguns produtos designam um indivíduo; outros um evento. Ou seja, os primeiros apresentam os traços [+concreto, +dinâmico], enquanto os segundos apresentam os traços [-concreto, +dinâmico].

Destes dados emergem, mais uma vez, diferentes hipóteses relativas ao estatuto de *-ão* e ao número de RFPs em jogo. Uma das hipóteses consiste na unificação de todos os produtos deverbais em *-ão* sob o escopo da mesma RFP. Esta seria uma RFP de nomes deverbais em geral. Contudo, o facto de não ocorrer substancial aglomeração da significação de ‘acção de V’ com a significação de ‘aquele/aquilo que V’ nos produtos deverbais em *-ão* obsta a que se encare uma significação como subordinada ou secundária em relação à outra. De facto, os únicos exemplos encontrados em que os produtos exibem as duas significações em simultâneo são aqueles acima anotados e que aqui repetimos: *desgarrão, regalão, calcão, arremessão, chupão, pregão, esgarrão*. Não são estes em número suficiente para que se possa operar a unificação dos produtos deverbais em *-ão* sob a mesma RFP. Essa primeira hipótese é, desde logo, rejeitada por nós.

Uma segunda hipótese consiste, mais uma vez, na multiplicação de homónimos em *-ão*: *-ão* 1 estaria ao serviço da RFP de nomes de acção, transportando os traços semânticos de [-concreto, +dinâmico]; *-ão* 2 estaria ao serviço da RFP de nomes de agentes, transportando os traços semânticos de [+concreto, +dinâmico].

Uma terceira hipótese seria a equivalente àquela por que se optou a propósito dos produtos em *-aria*, ou seja a da interface entre RFPs operada por um sufixo *-ão*. A unicidade semântica do sufixo *-aria* e a unicidade semântica e de categoria sintáctica dos seus produtos foram os principais responsáveis por esta opção. Todavia, o impedimento para a opção imediata pela mesma hipótese para os deverbais em *-ão* radica-se na

de que resultam, apresentam mais ou menos desvantagens quer para a descrição, quer para a explicação dos fenómenos genolexicais.

Situação diversa é verificável em Fleischman (1973), em que a identificação de sufixos *-ón* (o congénere castelhano daquele que tem estado aqui sob análise) é baseada numa análise de identificação errada dos seus precedentes históricos. Assim, partindo de um elemento *-IONE* erradamente identificado, a A. identifica um sufixo *-ón* que se agrega a verbos e forma substantivos e outro sufixo *-ón*, proveniente de *-ONE*, que forma avaliativos. O facto de em ambas as classes de produtos estar presente uma dimensão semântica aumentativa ou intensificadora é explicado por Fleischman (1973: 640) da seguinte forma: «When *-ón* 1 [avaliativo] and *-ón* 2 [deverbal] ceased to be clearly distinguishable, speakers began to transfer the augmentative nuances inherent in *-ón* 1 words to forms with *-ón* 2, confusing, on the semantic level, two etymologically distinct suffixes because of their phonetic identity.».

Atente-se em Meyer-Lübke (1895: 543-548) que apresenta *-IONE* apenas para designações de animais e que atesta *-ONE* para os deverbais em apreço. Cf. ainda Diez (1874: 315-318). Acerca das formas em *-IONE*, Diez (1874: 318) refere que «Sur ces mots il n'est pas produit de formations analogiques.».

(aparente) não uniformidade semântica dos produtos, pois uns designam ‘evento’ e outros ‘agente’.

Repare-se que o que está em causa neste momento é o estatuto do sufixo, já que partimos do princípio de que não é possível assumir uma só RFP produtora de todos os lexemas deverbais em *-ão*, ao abandonar de imediato a primeira hipótese delineada.

Optar pela segunda hipótese - a que prevê a existência de sufixos *-ão* homónimos - apresenta a vantagem de salvaguardar os diferentes resultados semânticos de ‘acção de V’ e de ‘aquele/aquilo que V’ que os produtos em jogo distintamente ostentam. Como consequência teórica desta hipótese surge o estabelecimento de que os sufixos, para além de possuírem capacidade de categorização sintáctica - ambos os *-ão* instanciam nomes -, possuiriam também capacidade de categorização semântica absoluta - *-ão* 1 geraria nomes de acção e *-ão* 2 geraria nomes de agente.

A identidade dos sufixos homónimos residiria, pois, na capacidade de categorização semântica absoluta destes. Dizemos ‘absoluta’, visto não podermos esquecer que já havíamos assegurado a importância do contributo semântico que cada sufixo transporta em si mesmo, transmitindo-o aos seus produtos.

No entanto, esta hipótese tem a desvantagem de relegar para segundo plano a constância semântica que os dois hipotéticos sufixos homónimos transportam. Trata-se do traço de [+intenso].

A terceira hipótese aproveita essa constância semântica do traço [+intenso]. Assume a existência de um só sufixo *-ão* para todos os produtos deverbais, bem como para os isocategoriais,³⁹ e retira ao sufixo a tarefa de distinguir os produtos que significam ‘acção de V’ daqueles que significam ‘aquele/aquilo que V’. Esta última cláusula não anula a importância do afixo para a formatação final do produto em termos semânticos. Como veremos ao longo deste trabalho, o papel semântico de cada afixo não se encontra na indigitação directa de ‘agente do evento’, no caso dos deverbais de indivíduo. No que diz respeito ao sufixo *-ão*, a sua carga semântica resulta na atribuição do semantismo

³⁹ Excluem-se do conjunto de produtos com este sufixo *-ão* os adjectivos relacionais gerados a partir de um *-ão* meramente homónimo do primeiro. A atestar que se trata de dois sufixos distintos encontra-se, para além da diferente génese histórica já observada, a não homologia sincrónica entre ambos. Os adjectivos relacionais não apresentam qualquer traço semântico de [+ intenso] que pudesse evidenciar a presença do sufixo *-ão* que actua na nominalização deverbal e na produção de isocategoriais. Observe-se que exemplos como *montanhão* “serrano, rústico” ou *aldeão* “camponês, rústico”, produzidos com o sufixo *-ão* relacional, devem o matiz avaliativo, de acordo com Rio-Torto (1998c: 165), a «[...] especializações semânticas idiossincráticas, ainda que por vezes desencadeadas pela substantivação que o adjectivo sofre.».

[+intenso] ao semantismo do produto, em conjugação com os traços das bases que fornecem maior grau de conciliação com o do sufixo.

Dentro desta hipótese 3, surgem várias sub-hipóteses explicativas para a não uniformidade semântica dos produtos deverbais em *-ão*. Partindo do princípio de que só existe um sufixo *-ão* deverbalizador e não havendo aglomeração significativa das duas significações em causa, é necessário compreender qual o mecanismo responsável por essa variação semântica entre os produtos. Em termos imediatos, o mecanismo responsável é a própria operação semântica inerente a cada uma das RFPs em jogo. Ou seja, se temos duas RFPs, uma que gera nomes de acção e outra que gera nomes de agente, quando o sufixo *-ão* encontra a sua interface com a RFP de acção activada gera nomes de acção e quando encontra a sua interface com a RFP de agentes activada gera nomes de agentes.

Até este ponto não há incongruências descritivas. Todavia, o problema está na instanciação da operação semântica em cada RFP. Delineada em abstracto, sem que haja componentes de cariz concreto responsáveis pela sua actualização, a operação semântica fica devotada à arbitrariedade das descrições do linguista. Contudo, se o modelo que defendemos pretende ser explicativo e não meramente descritivo, é necessário que o linguista explicita as operações em jogo com base na análise empírica dos objectos. É necessário, assim, estipular quais as dimensões intervenientes em cada produto lexical particular na obtenção de um semantismo e não de outro. Ainda que a infinitude lexical constitua um entrave natural aos pressupostos destes procedimentos, parece-nos que um *corpus* constituído por 168 produtos deverbais em *-ão*, como é aquele que construímos para servir de alvo de observação do nosso trabalho, mais o mesmo número das bases correspondentes apresenta algum grau de constância que permite tomar com confiança os dados regulares que nele se colham.

A questão é a seguinte: como é que o falante sabe que, por exemplo, *pedinchão* significa ‘aquele que V’ e não ‘acção de V’ e que *empurrão* significa ‘acção de V’ e não ‘aquele que V’? Porque se retirarmos a hipótese da multiplicação de sufixos homónimos e optarmos por considerar que apenas existe um sufixo *-ão* actuante em interface com várias RFPs, estamos a indicar que não há diferenciação entre os produtos agentivos e os produtos de acção, e os isocategoriais, através da actuação do operador afixal.

Duas hipóteses emergem:

a) como se trata do mesmo sufixo, a diferenciação dos semantismos é idiossincrática; ou seja, o falante sabe que *pedinchão* significa ‘aquele que V’ e não ‘acção

de V' e que *empurrão* significa 'acção de V' e não 'aquele que V', porque essas significações se encontram armazenadas e não são geradas *on-line*.

A hipótese a) é tautológica e não apresenta solução em si mesma. Relegar para o campo do que é idiossincrático, porque armazenado na memória de longo prazo, não explica por que motivo foram armazenadas justamente aquelas significações para determinado produto construído e não outras. Para além disso, esta hipótese é contrariada pela constatação de que perante hipotéticos produtos em *-ão*, existem interpretações claras quanto à divisão 'acção de V' e 'aquele que V' consoante o tipo de base verbal (cf. § 1.3 do cap. VI e § 1.13 do cap. VII).

b) as duas significações não estão dependentes do sufixo, porque ele é o mesmo, mas das próprias características semânticas das bases. Isto significa que o sufixo *-ão* tem a capacidade de activar determinados traços semânticos quando perante verbos com esses traços e outros traços semânticos quando agregado a verbos com esses outros traços. Ou seja, o verbo A tem os traços x e y; o verbo B tem os traços k e z. O sufixo *-ão* reage a ambas as colecções de traços. Quando está perante o verbo A, o produto vai resultar dos traços x e y; quando perante o verbo B, o produto resulta com os traços k e z. Isto significa que, no caso da sufixação em *-ão*, são os próprios traços semânticos do verbo que activam as significações de 'acção de V' e de 'aquele que V', visto o sufixo em causa não possuir especificação semântica quanto à produção de semantismos de indivíduo ou de evento. Nesta hipótese, a significação de 'acção de V' só é activada por *-ão* quando perante um verbo com determinadas características semânticas. A significação de 'aquele que V', por sua vez, só é activada por *-ão* quando o verbo possui outras características semânticas.⁴⁰

A hipótese b) é, portanto, muito mais aliciante. A sua comprovação carece, no entanto, de outros dados relativos aos semantismos. Em primeiro lugar, esta hipótese só se revela adequada se for possível estabelecer classes de verbos que apenas reajam a *-ão* com a significação de 'acção de V' e outras classes de verbos que apenas reajam a *-ão* com a significação de 'aquele que V'.

Esta hipótese não é completamente desfasada, visto que nem todos os verbos respondem a todos os sufixos deverbalizadores, mesmo dentro daqueles que significam 'acção de V'. Ou seja, cada operador afixal reage apenas a determinadas bases, o que

⁴⁰ Cf. o § 1.3 do cap. VI para os produtos em *-ão* que designam 'evento' e o § 1.13 do cap. VII para os produtos do mesmo afixo que designam 'indivíduo'.

corroborar teoricamente que os traços semânticos das bases exercem atracção sobre os operadores.

Para além disso, consoante o tipo de base e o tipo de afixo, é possível construir significações quer genéricas quer secundárias cuja existência está dependente do afixo e da base em simultâneo. Ora, como veremos em § 1.3 do cap. VI e § 1.13 do cap. VII, o sufixo *-ão* não está especificado quanto ao traço [concreto], o que explica que possa ser agregado a uma diversidade tão grande de bases lexicais⁴¹ e assim produzir objectos semanticamente díspares. Como tal, a diferença de semantismo entre *pedinchão* e *empurrão* estará dependente dos traços semânticos das bases em jogo. Para evitar redundâncias, remetemos para os caps. VII e VIII, respectivamente §§ 1.3 e 1.13, onde se procede à análise dos dados empíricos relativos aos dois tipos de produtos em *-ão*.

A observação do comportamento sintáctico-semântico dos verbos que dão origem a deverbais em *-ão* designadores de ‘acção de V’ e dos verbos que dão origem a deverbais em *-ão* com o semantismo de ‘aquele/aquilo que V’ comprova a hipótese que lançámos a propósito do elemento responsável pela geração de cada um destes semantismos. Ao verificarmos que raros são os verbos que em simultâneo geram nomes de acção e nomes de agente com o sufixo *-ão* e perante a não ambiguidade semântica destes produtos, questionámos a responsabilidade do sufixo pela formatação inequívoca desses semantismos.

Ao concluirmos tratar-se do mesmo sufixo que labora em interface entre várias RFPs, colocámos a hipótese de a geração de um ou de outro semantismo estar a cargo da própria base verbal. Para tal se verificar, era necessário que o grupo de verbos que constituem o *input* dos deverbais em *-ão* agentivos ser estruturalmente distinto do grupo de verbos que gera deverbais em *-ão* de evento. Tal hipótese verificou-se correcta. De facto, os verbos geradores de nomes eventivos em *-ão* apresentam caracteres semânticos particulares, assim como os verbos base de deverbais em *-ão* designadores de agente funcionam homogeneamente entre si.

Os dados indicam que os produtos em *-ão* que significam ‘acção de V’ e aqueles que significam ‘aquele/aquilo que V’ são o resultado das próprias configurações semânticas dos verbos base.⁴²

⁴¹ Aludimos ao facto de *-ão* ser operador na RFP isocategorial de avaliativos.

⁴² Cf. Pena (1980: 220) em relação aos produtos em *-ONE* do latim: «Quizá el valor común a los nombres en *-ōn-* sea este: graduar o intensificar el significado de la palabra base, admitiendo que en algunos nombres,

Como tal, é possível neste momento asseverar com segurança que o sufixo *-ão* que possui o traço [+intenso] é apenas um sufixo e não uma série de sufixos homónimos, cujo número estaria dependente do número de RFPs em que opera.⁴³ Trata-se de um sufixo não especificado quanto a determinados traços, como o de [concreto] ou de [dinâmico]. É assim que o sufixo é operante em RFPs tão distintas quanto as de avaliativos, nomes de acção e nomes de agente.⁴⁴ A unidade do sufixo é corroborada, ainda que não implicada obrigatoriamente, pela sua origem histórica *una*. O sufixo *-ão* intensificador advém de *-ONE*. Origem divergente apresenta o sufixo homónimo gerador de adjetivos relacionais (*beirão, aldeão*), que advém de *-ANU* (cf. Meyer-Lübke (1895: 537-539) e Diez (1874: 308-310)).

O facto de não haver ambiguidade na significação ou de acção ou de agente nestes produtos, sendo o mesmo sufixo a operar as duas séries, encontra explicação no tipo léxico-conceptual da base verbal que proporciona cada um destes semantismos. Cada tipo de verbo admite apenas um tipo de produto. Isto comprova que a base é responsável pelo produto, quando o sufixo não tem capacidade para essa tarefa. Por outro lado, esta comprovação permite manter a hipótese de que o mesmo afixo opera em interface com RFPs diferentes.

concretamente en algunos postverbales, la intensificación puede venir dada por el verbo base.». Cf. Monge (1972: 229-247).

⁴³ Repare-se que a unidade de *-ão* é proposta em gramáticas tradicionais como a de Said Ali (1964: 56) e a de Cunha & Cintra (1991: 90-91) ou em visões históricas como a de Meyer-Lübke (1895: 543) e Piel (1940a: 209). Contudo, falta a essas gramáticas, sobretudo às de carácter tradicional, já que as gramáticas históricas alicerçam as descrições das línguas num pressuposto teórico diacrónico, o fundamento teórico para a assunção dessa proposta.

⁴⁴ A hipótese de que o mesmo sufixo pode servir a construção de produtos díspares é adoptada por Faitelson-Weiser (1982: 332-335) para o sufixo *-ón* do castelhano. De acordo com a A., o sufixo *-ón* pode produzir nomes como *sillón* (sendo a base *silla*), *apagón* (sendo a base *apagar*), *preguntón* (a partir de *preguntar*) e *hombrón* (a partir de *hombre*). A A. postula que o mesmo afixo cumpre funções diferentes nessas formações. Em *sillón* cumpre uma função lexicalizadora, pois o produto apresenta uma entidade nocional distinta da da base. Em *preguntón* e em *apagón* o sufixo cumpre uma função lexicalizadora-precategorizadora, pois os produtos ostentam diferente categoria sintáctica e diferente classe semântica em relação às bases. Em *hombrón* o sufixo possui uma função apreciativa, pois apenas agrega matizes de avaliação à base. O factor que leva a A. a defender que se trata do mesmo sufixo e não de sufixos homónimos prende-se com a partilha dos seus derivados de traços semânticos comuns, que a A. identifica com a noção de ‘aumento’. Faitelson-Weiser (1982: 310-316) justifica o cumprimento de diferentes funções através da noção de M1, ou seja, do «momento inicial de la integración de la sustancia nocional a la sustancia formal» (p. 311). Como refere Faitelson-Weiser (1982: 314-315), «[...] un sufijo que, interviniendo precozmente, antes de M1, se inserta en la sustancia nocional, se verá relegado a la base del derivado y desempeñará una función exclusivamente lexicalizadora; un sufijo aplicado menos precozmente, inmediatamente después de M1, modificará el núcleo sémico de la noción y determinará la clase semántica del derivado, desempeñando así una función precategorizadora, y un sufijo que interviene demasiado tardíamente, cuando el núcleo sémico ha sido determinado definitivamente, verá reducida su función a la simple apreciación, cualitativa o cuantitativa, de la noción.».

A concepção de que o mesmo afixo pode gerar produtos em diferentes paradigmas semânticos vai ao encontro de visões diacrónicas como aquela apresentada em Piel (1940a, 1940b). De acordo com Piel (1940a: 201), a formação de nomes de agentes, de instrumentos e de locativos pode ser servida pelo mesmo operador afixal. Esta característica, de acordo com Piel (1940a: 201) «[...] aparece mais frequentemente naqueles sufixos que provêm de sufixos adjectivos latinos que exprimem apenas a ideia de uma relação qualquer existente entre a palavra radical e a derivada [...]». Piel estabelece uma operação de antropomorfização para a geração de semantismos de instrumento em paralelo com as significações de agente.⁴⁵

Por sua vez, a concepção de que o mesmo afixo pode agregar-se a diferentes bases categoriais é defendida pela Linguística Cognitiva (e.g. Silva 2006; no prelo). Em Silva (2006), o mesmo afixo pode formar produtos a partir de bases categorialmente distintas, dado que «[...] a dinâmica derivacional de um afixo (a sua produtividade e as suas restrições) está directamente ligada ao seu semantismo (e ao semantismo da base) e que a produtividade de um padrão derivacional é tanto maior quanto maior for a sua capacidade de exploração de operações cognitivas como a metáfora e a metonímia ou de operações cognitivo-pragmáticas como a inferenciação e a subjectivização.». Silva concebe que o afixo possui uma estrutura semântica radial e multidimensional de cujo centro prototípico partem extensões metonímicas e metafóricas.⁴⁶

O nosso modelo destaca-se das visões anteriores, pois defendemos que as várias significações geráveis através de um mesmo afixo e a capacidade de este actuar em paradigmas distintos encontram explicação em mecanismos de interface entre componentes semânticos da base e do afixo.

A questão que se coloca em seguida tem que ver com o modo como se desencadeiam essas interfaces entre RFPs através dos operadores afixais. A resposta situa-se no conceito de “coindexação” que colhemos em Lieber (2004) e que no nosso trabalho procurámos implementar.

⁴⁵ Essa operação de antropomorfização é caracterizada por Piel (1940a: 201) da seguinte forma: «[...] o instrumento próprio para uma determinada acção é equiparado à pessoa que o executa.».

⁴⁶ Cf. Novais (2003) para outro estudo do diminutivo através da aplicação do mesmo modelo. Cf. Almeida & Gonçalves (2004) para a análise do sufixo *-eiro*, de acordo com os mesmos pressupostos Cognitivistas.

2. Coindexação

O modelo que defendemos de interface faz depender o seu sucesso de uma concepção fina de semântica, como de resto de qualquer estrutura linguística, em que se concebiam várias fiadas (cf. Jackendoff 2002) de organização dos lexemas. Os componentes dessas fiadas encontram-se ou são passíveis de se encontrarem em interacção dinâmica com os componentes de outras fiadas do mesmo lexema e com os componentes da mesma fiada noutros lexemas. É este tipo de interacção que explica por que motivo as restrições de selecção entre afixos e bases não podem ser desenhadas a partir de blocos fixos. Se assim fosse, promover-se-ia sobregeração ou, pelo contrário, subgeração de produtos por uma regra desenhada de modo excessivamente genérico. Para um entendimento adequado da genolexia, deverá ter-se em conta a arquitectura em fiadas, a complexidade dessas arquitecturas, a multiplicidade de vectores em cada fiada, em suma, a volumetridade dinâmica dos componentes lexicais.

Queremos com isto dizer que uma abordagem que pretenda analisar as motivações que concorrem para a selecção entre base e afixo deverá partir de uma abordagem fina dos vários componentes semânticos quer de bases quer de sufixos. Uma abordagem que tome as bases como blocos categoriais rígidos não permitirá compreender essas relações de selecção, visto existirem sempre contra-exemplos a refutarem a hipótese.

Por exemplo, a hipótese de que os verbos inacusativos não geram deverbais em *-dor*, para além de partir, certamente, da análise de um número reduzidíssimo de lexemas, é derrubada por vários exemplos (cf. § 1.1 do cap. VII). Procurar tecer as relações entre base e afixo com base em blocos tão rígidos e de grande dimensão como “inacusativo”, “inergativo”, etc. conduz geralmente a uma indeterminação dessas relações que obstaculiza a visão da genolexia como sistemática e regular.

O que o nosso modelo preconiza e o que a análise dos dados evidencia é que é possível observar e estabelecer regularidades entre a selecção afixo/base através de instrumentos conceptuais adequados à sua compreensão. A não atestação de regularidades, o surgimento constante de contra-exemplos mostram apenas não que a genolexia é irregular e não-explicável sistemicamente, mas somente que o linguista não encontrou os instrumentos adequados para a observação daqueles objectos.

Uma imagem com as ciências naturais permite compreender que, desprovido de microscópio, o cientista não consegue observar leucócitos e, por isso, não consegue provar

a composicionalidade hematológica nem, conseqüentemente, explicar interacções que possam ocorrer entre estes e outros microcomponentes. Também na linguagem ocorre o mesmo tipo de funcionamento: se o linguista não possuir os instrumentos adequados, para além de não poder observar que existem microcomponentes (e.g. aqueles que não são tomáveis consciente e explicitamente pelo falante), não consegue explicar fenómenos que decorrem da intervenção desses microcomponentes.

Parece-nos que a genolexia é uma área privilegiada no que a isto diz respeito. Microcomponentes em micro-interacção com microcomponentes parecem ser responsáveis pela construção de produtos que, sem instrumentos adequados, não obterão explicação satisfatória. Não queremos com isto dizer que o nosso trabalho representa a solução definitiva para as questões genolexicais, pois constitui-se somente como uma proposta em direcção a um grau maior dessa microscopia que acreditamos ser infinita.

2.1 O conceito de “coindexação” proposto em Lieber (2004)

A hipótese explicativa para a correlação entre afixos e bases em termos semânticos parte do conceito de “coindexação” desenvolvido em Lieber (2004: 45-75). O trabalho de Lieber (2004: 2) parte da necessidade de explicar fenómenos semânticos intervenientes na formação de palavras, tais como

- a) a polissemia dos afixos (o mesmo afixo apresenta variação semântica);
- b) a sinonímia entre afixos (diferentes afixos servem a mesma função semântica);
- c) a mudança semântica sem concomitante mudança formal (e.g. a conversão);
- d) o não-isomorfismo fonologia-semântica dos morfemas (e.g. morfemas vazios).

No que ao nosso trabalho diz respeito, interessam-nos as questões a) e b). São estas que se relacionam directamente com o estatuto dos operadores afixais que actuam na formação dos produtos sob escopo, bem como com o mecanismo de geração dos produtos, ou seja, com a explicitação da ocorrência das interfaces entre duas RFPs através de um mesmo afixo.

Lieber (2004: 4) postula que para resolver as questões da polissemia e da sinonímia dos afixos é necessário desenvolver um aparelho teórico de semântica lexical que apresente, entre outras,⁴⁷ as seguintes características:

⁴⁷ Não nos deteremos na explicitação do entendimento que Lieber (2004) oferece de semântica lexical, e.g. no que toca aos traços desenvolvidos e aos princípios teóricos por que se regem esses traços, por dedicarmos o §

i) decomposicionalidade («[...] it must involve some relatively small number of primitives or atoms [...]»);

ii) adequabilidade à descrição da semântica lexical («[...] such a descriptive framework must allow us to concentrate on *lexical* semantic properties, rather than semantic properties that manifest themselves at higher levels of syntactic structure [...]»).

Para tal, Lieber ancora o seu contributo no modelo de semântica léxico-conceitual de Jackendoff.

Lieber (2004: 10) assume que «[...] the semantics of word formation involves the creation of a single referential unit out of two distinct semantic skeletons that have been placed in a relationship of either juxtaposition or subordination to one another. The primary mechanism for creating a single referential unit will be the co-indexation of semantic arguments.».

O mecanismo de coindexação é passível de ocorrência pelo facto de os afixos, tal como as unidades lexicais maiores, possuírem, segundo Lieber (2004), conteúdo semântico. Esse conteúdo semântico, que a A. designa por “skeleton” em oposição à noção de “body”, que explicitaremos no § 1.3 do cap. IV, é constituído, segundo Lieber (2004: 36), por «[...] functions and arguments, just as simplex lexical skeletons do [...]» e por «[...] exactly the same atomic material that makes up simplex lexical skeletons.».

A A. providencia uma listagem de átomos caracterizadores do esqueleto dos afixos derivacionais na pág. 36. Como veremos no cap. IV, § 1.3, no nosso trabalho não nos ativemos a esta listagem. Antes desenvolvemos traços que, segundo nos parece, cumprem de forma mais adequada a função de descrever e explicar o funcionamento genolexical dos produtos e dos componentes que contribuíram para a construção daqueles que aqui pretendemos analisar.

Para compreendermos o alcance da proposta de Lieber, mostramos apenas que, na análise de sufixos do inglês como *-er*, *-ee*, *-ant* e *-ist*, Lieber (2004: 37) propõe que estes afixos apresentam em comum os traços [+material, +dynamic]. Quando em coindexação com as bases a que se agregam, produzem substantivos concretos dinâmicos. Lieber rejeita propostas baseadas em traços como [paciente, agente, instrumento], [sujeito, objecto] devido a suscitarem problemas de sobre- e subgeração.

Assim, para Lieber (2004: 37), estes afixos «[...] are not specifically “agent” or “instrument” or “patient” or “subject” or “object” affixes, but they do add semantic content:

1.3 do cap. IV a esse propósito. Neste capítulo, de apresentação de conceitos teóricos básicos utilizados no nosso trabalho, apenas focaremos a noção de “coindexação”.

specifically, they are affixes which create concrete and processual nouns, characteristics that agents, instruments, patients, experiencers all have in common. The two features [material] and [dynamic] in effect give us semantic means to characterize these affixes in a sufficiently abstract way to capture what they share. Thus, features like these appear to provide us with the right “grain size” for describing the semantics of this set of derivational affixes, unlike the primitives made available in other frameworks.».

Para explicar o modo como os átomos dos afixos se agregam aos átomos das bases, Lieber (2004) propõe o conceito de coindexação.

A A. justifica a necessidade deste aparato teórico da seguinte forma (Lieber 2004: 45): «The creation of a new complex word, whether a derived word or a compound, always involves the integration of multiple parts into a single referential unit. It is this referential unit that determines how many arguments are eventually projected into the syntax. Co-indexation is a device we need in order to tie together the arguments that come with different parts of a complex words to yield only those arguments that are syntactically active.».

Lieber (2004: 50) oferece o Princípio de coindexação: «In a configuration in which semantic skeletons are composed, co-index the highest nonhead argument with the highest [...] head argument.».

Como é visível pelos excertos apresentados, o conceito de “coindexação” apresentado em Lieber joga com questões sintáticas. Essas questões não serão tidas em consideração na adaptação que no nosso trabalho fazemos do conceito, por considerarmos que apenas os componentes semânticos são intervenientes na coindexação.

Outro vector que rejeitamos do conceito de Lieber de ‘coindexação’ tem que ver com a ideia de que o que sofre coindexação são argumentos. Por exemplo, na especificação da coindexação em deverbais eventivos, Lieber (2004: 56) propõe que o argumento-R (Williams 1981) do afixo coindexa com o argumento mais elevado da base verbal. O que procuraremos demonstrar ao longo deste trabalho é que a coindexação se dá entre traços semânticos e não argumentos.

A comprovar esta nossa asserção estão:

a) a variação semântica entre os produtos designadores de evento construídos com diferentes sufixos nominalizadores. Essa variação deve-se à coindexação entre os diferentes traços dos sufixos e das bases verbais. Se o semantismo obtido fosse invariável, como pretendem as teorias que encaram os afixos como meros mutadores fonológicos

instrumentalizados por uma RFP (cf. Anderson (1992) e Beard (1995)), seria esperável a coindexação com argumentos. Visto que os semantismos de evento apresentam variação concernente àquilo que designaremos por “estrutura de moldagem eventiva” imputada à identidade semântica do sufixo, evidencia-se que a coindexação se tece entre componentes mais atômicos do que os argumentos. Esses componentes localizam-se em diferentes fiadas semânticas, que dependem da conciliabilidade entre o traço semântico do sufixo e os traços disponibilizados pela base. De outra forma não se explicaria a maior co-relação entre determinados tipos de bases verbais e determinados sufixos do que outros.

b) a formação de produtos de indivíduo cujo semantismo não coincide com um argumento disponibilizado pela base. Observaremos que, nesta situação, podem ocorrer dois mecanismos. Um deles prevê a simples coindexação do traço do sufixo com um traço colhido de fonte extra,⁴⁸ sempre que esse traço não for inserível na estrutura léxico-conceptual em lugar hierarquicamente superior. Outro prevê um mecanismo posterior a este primeiro, que designaremos por “redobro da estrutura léxico-conceptual da base” e que definiremos no § 5 deste capítulo. Esse mecanismo insere o traço colhido de fonte extra em lugar da estrutura léxico-conceptual da base hierarquicamente superior.⁴⁹ Estes mecanismos que jogam com a estrutura léxico-conceptual da base são posteriores à coindexação entre traços semânticos que defendemos.

c) a refutação da própria noção de “argumento” alargada ao argumento “R” concebido por Williams (1981). Por exemplo, Lieber (2004: 63) postula que, para que se estipule que *biographee* tem como base *biography*, tem que se compreender que a base tem dois argumentos: «The first of these is the “R” argument, and the second the argument which is syntactically realized as the object of an *of* prepositional phrase in English. The “R” argument in this case is the referent of *biography*, which is clearly nonsentient, not a good match with the conditions on the head argument. The only co-indexing in which conditions match is the one which takes the second argument of *biography*. The result is a concrete, dynamic noun whose referent is sentient but nonvolitional, as required. There doesn't need to be a verbal base for *biographee* to be a “patient” noun of sorts».

⁴⁸ A noção de “fonte extra”, tratada no cap. V, § 2.2, refere-se a um domínio semântico interveniente na construção do produto que não pertence nem ao domínio semântico do afixo, nem ao domínio semântico da base.

⁴⁹ Cf. Levin & Rappaport Hovav (2005: 154-185) acerca da hierarquização temática.

Outro problema da noção de coindexação proposta por Lieber tem que ver com a polissemia do mesmo produto entre evento e estado, evento e agente, etc. A própria A., em nota 3, pág. 56, indica que a formação de deverbais de evento não é total nem satisfatoriamente explicável pelo princípio de coindexação conforme o havia explicitado, face à diversidade de leituras da célebre *The city's destruction/The Hun's destruction/ the Hun's destruction of the city*, em Lieber com nova versão. Lieber deixa a resolução do problema para futuras investigações.

Deste problema advém um outro, mais sério sob o ponto de vista teórico. Lieber havia estipulado a necessidade de limitar ao domínio lexical a construção da sua semântica. Contudo, ao incluir dados sintáticos e comprovações de actualizações sintáticas de argumentos (cf. Lieber 2004: nota 3, pág. 56), a A. coloca a morfologia derivacional no domínio da sintaxe. Esta perspectiva, aliás, fora um dos corolários de Lieber em trabalhos como Lieber (1981 e 1992), por exemplo, ao optar por uma versão de morfologia *morpheme-based* e, em extremo, *word-syntax*.

Outro problema de Lieber é que continua a considerar sufixos operadores numa regra derivacional como equivalentes semanticamente. Face aos sufixos *-er*, *-ee*, *-ant/-ent*, *-ist* do inglês, Lieber (2004: 61) tece o seguinte comentário: «Of course, we would want to be able to characterize what differentiates these affixes as well. I suggest that it is not the semantic content of the affixes which does so, but rather the co-indexation properties of the affixal argument in each case.».

Parece-nos que a coindexação é responsável pela diferenciação semântica entre os produtos da mesma RFP. Contudo, tal não implica que a distinção dos afixos entre si seja devedora da coindexação, na medida em que esta é ontologicamente posterior aos afixos. Podemos conceber que a identidade semântica dos afixos só é definida por operações paradigmáticas mentais de construção de esquemas, através de tarefas de comparação de produtos em que os afixos intervêm, ou seja, de constructos resultantes de coindexação. Mas, mesmo neste caso, a constância semântica visível ao longo dos produtos construídos com o mesmo afixo a partir de bases distintas, mas compatíveis com o afixo, evidencia que o afixo dispõe de identidade semântica própria. O que acontece é que essa identidade só é perceptível quando em conexão com uma base.

Um paralelismo com a fonologia deixa perceber essa identidade: uma glide possui identidade, embora só ocorra em coarticulação com uma unidade [+silábica]. De resto, também a própria identidade das bases funciona paradigmaticamente.⁵⁰

Lieber (2004: 61) defende que: «[...] when a derivational affix attaches to its base, the argument associated with the derivational affix [...] gets co-indexed with or bound to one of the arguments of its base. What co-indexing means in argument-structural terms is that the two arguments are identified referentially with each other, and must be discharged or satisfied by the same phrase in the syntax.»

Novamente chamamos a atenção para o facto de esta perspectiva não permitir dilucidar lexemas polissémicos. Se aplicássemos o princípio de coindexação entre argumentos, as significações de lexemas polissémicos resultariam da coindexação do argumento do sufixo com diferentes argumentos da base, consoante o número de significações em jogo. Para cada significação teria havido coindexação do argumento do afixo com um argumento distinto da base. Esta solução torna incoerente a concepção de que é o argumento hierarquicamente mais elevado da base que é coindexado pelo argumento do afixo. Mesmo na reformulação do princípio de coindexação, que analisaremos a seguir, não se prevê a resolução para estas polissemias. Para além disso, optar por estabelecer condicionamentos ao princípio da coindexação, conforme delineado por Lieber, acarretaria uma multiplicação de subprincípios e de excepções que quebrariam o carácter sistemático e regular que um princípio possui como suporte ontológico.

Outro problema respeitante à polissemia tem que ver com a variação de semantismos através de vários produtos construídos pela mesma RFP com afixos distintos. Lieber focaliza a diferença entre os produtos em *-ee* e os produtos em *-er*, do inglês.

Se Lieber atendesse à separação entre semântica e estrutura argumental, conseguiria explicar o motivo por que o sufixo *-ee* e o sufixo *-er* do inglês, apesar de serem unificados pelos traços comuns [+material, +dinâmico], não suscitam o mesmo tipo semântico de produtos.

Lieber tem consciência desta limitação e antevê que a solução é de teor semântico, ao indicar, seguindo Barker (1998), que o sufixo *-ee* apenas se associa a argumento «sentient but nonvolitional» (Lieber 2004: 61). Concebe, assim, que «[...] an affixal argument may sometimes impose specific semantic requirements on its co-indexed

⁵⁰ Poderá contra-argumentar-se dizendo que o critério é sintagmático. Mas a tarefa de identificação é paradigmática, o que aponta para a necessidade de colaboração entre as duas perspectivas.

arguments. In effect, the affixal argument and the base argument it is co-indexed with must be semantically compatible, or at least semantically nondistinct in certain specified ways.» (Lieber 2004: 61).

Assim, reformula o Princípio de coindexação da seguinte forma (Lieber 2004: 61): «In a configuration in which semantic skeletons are composed, co-index the highest nonhead argument with the highest [...] head argument. Indexing must be consistent with semantic conditions on the head argument, if any.».

Um exemplo de Lieber (2004: 63) permite ilustrar a nova formulação do princípio. O verbo *employ* está na base de *employee*. Este verbo possui dois argumentos. Um deles é volitivo, pelo que é incompatível com o sufixo *-ee*. O segundo argumento já corresponde aos requisitos do sufixo. Assim, obtém-se um semantismo em que «[...] the “R” argument [...] shares the “patient” reading of the co-indexed base argument.» (Lieber 2004: 63).

Os próprios exemplos de Lieber apontam para a importância da conciliabilidade semântica entre traços da base e traços do afixo e demonstram que a utilização de argumentos resulta numa imiscuição que perturba o claro entendimento do fenómeno.

O facto de o semantismo do produto coincidir com um argumento da base é uma coincidência *a posteriori* que pode não ter realização, como demonstram os produtos que resultam da coindexação de traços de fonte extra, i.e., exteriores aos campos semânticos do afixo e da base, bem como aqueles cujas bases não possuem estrutura argumental, conforme entendemos a definição desta.

Contudo, a A. continua a colocar como preponderante a coindexação entre argumentos, no que parece ser uma continuidade em relação à *word-syntax*.

No que toca ao sufixo *-er*, Lieber não concebe constrangimentos semânticos condicionadores do princípio de coindexação nos parâmetros de coindexação dos argumentos. Assim, a A. (Lieber 2004: 68) considera que este sufixo coindexa sempre com o argumento mais elevado. De acordo com a A., isto explica que ocorram derivados a partir de verbos com argumento mais elevado coincidente com Agente, mas também a partir de verbos com argumento mais elevado coincidente com Objecto/Paciente.

Na abordagem do sufixo *-ant/-ent*, Lieber (2004: 69) estabelece que não existem condições semânticas à sua agregação às bases. Por isso, a única diferença entre este e o sufixo *-er* consiste na possibilidade mostrada pelo primeiro de se juntar apenas a bases verbais. Como tal, Lieber prevê que *-ant/-ent* coindexa, tal como *-er*, com o argumento mais elevado da base.

Esta equiparação destes sufixos situada no nível da coindexação entre argumentos e não entre traços semânticos coloca-se como obstáculo à compreensão dos motivos de ocorrência de determinados fenómenos no português. Exemplificando:

a) por que razão, em português, o sufixo *-dor*, em comparação com *-nte*, gera maior número de ‘instrumentos’ (e.g. *vaporizador*, *abridor*), enquanto o segundo gera maior número de ‘substâncias’ (e.g. *desodorizante*, *corante*)?

b) por que razão *-dor* gera maior número de artefactos locativos, enquanto *-nte* não disponibiliza esse tipo de semantismo?

c) por que razão *-dor* não apresenta produtos a partir de bases incoativas, ao contrário de *-nte*?

entre outros parâmetros comparativos.

Em suma, a abordagem de Lieber não prevê os constrangimentos que impedem que determinadas bases se agreguem a certos afixos, nem aqueles que permitem validar como constantes as preferências de determinados afixos por bases com determinados traços semânticos. A proposta de Lieber também não prevê o efeito semântico da coindexação na obtenção final do semantismo do produto, nem na explicação de um semantismo, nem na explicação da existência de vários semantismos. Por este motivo, a abordagem de Lieber está direccionada para o entendimento da *word-syntax* e não para o da *genolexia*.

Frente a derivados em *-er* que violam o princípio da coindexação, por não se aterem ao argumento hierarquicamente mais elevado, Lieber (2004: 72) socorre-se do conceito de “paradigmatic pressure” desenvolvido em Booij & Lieber (2004).

Alguns desses derivados são *loaner* ‘a car that is lent as a replacement for one that is under repair’, *diner* ‘a passenger car where food is served in transit; a restaurant that resembles a dining car’, *sleeper* ‘Children's pajamas, usually with legs that cover the feet’, *jotter* ‘a small notebook for rough notes’, *stroller* ‘A light chairlike carriage with three or four wheels for transporting small children’, *walker* ‘A frame device used to support someone, such as an infant learning to walk or a convalescent learning to walk again; A shoe specially designed for walking comfortably’.⁵¹

⁵¹ Os exemplos são fornecidos por Lieber (2004: 72), que não disponibiliza, no entanto, as significações respectivas. Estas foram por nós colhidas em <http://www.thefreedictionary.com>. *Loaner* corresponderia ao objecto interno do verbo *to loan* ‘emprestar’. *Jotter* corresponderia a um locativo de *to jot* ‘apontar, anotar rapidamente’. *Diner*, *sleeper*, *stroller* e *walker* não corresponderiam a nenhum argumento dos verbos *to dine* ‘jantar’, *to sleep* ‘dormir’, *to stroll* ‘passear’ e *to walk* ‘andar, passear’, respectivamente. Estes exemplos demonstram a falibilidade da proposta de Lieber (2004) e parecem apontar que a nossa proposta, mesmo

Com o conceito de “paradigmatic pressure” pretendem os AA. justificar a existência de produtos lexicais, como os anteriormente listados, que desobedecem a princípios estruturais formulados. Segundo a “paradigmatic pressure”, quando há necessidade, provocada pragmaticamente, de construir uma designação para um dado objecto da realidade e, em simultâneo, a língua em causa não dispõe de afixo direccionado prototipicamente para tal, pode o falante socorrer-se de um afixo que seja semanticamente mais próximo do pretendido, mesmo que tal formação implique a violação de um princípio estrutural, neste caso o de coindexação.

Pela nossa parte, perante a estipulação de violação de princípios, pensamos que se um dado empírico viola um princípio é porque o princípio está mal formulado ou capta de modo errado o funcionamento do objecto. Em abstracto, não é o objecto que é desviante em relação a um princípio. Mais uma vez, é imprescindível afinar os instrumentos de análise de modo a que auxiliem na observação dos fenómenos. O estabelecimento da violação de princípios advém somente da manutenção da elegância do modelo teórico e da consequente negação de que esse modelo pode estar errado ou em grau não satisfatório de adequação ao objecto em análise.

Se um determinado afixo é chamado a formar um lexema que sirva de designação para um dado objecto é porque esse afixo apresenta condições semânticas para tal operação sem que viole um dado princípio. De outro modo, seria também inexplicável a necessidade de violação do princípio quando línguas como o inglês, o neerlandês (que estavam em causa no estudo de Booij & Lieber (2004)) e o português dispõem de mecanismos como a conversão e a composição com produtividade eficaz na geração de tais designações, sem violarem o princípio de coindexação.

Lieber justifica ainda a fraca produtividade de designações em *-er* de objectos não-pessoa através da violação do princípio de coindexação. Na nossa proposta, a menor produtividade destes é devida à menor aproximação semântica entre traços disponibilizados pelas várias fontes intervenientes no processo e o traço do sufixo. Observe-se que menor aproximação não é, de modo algum, sinónimo de inadequação.

Propomos, pois, que é possível explicar esses produtos através da separação entre traços semânticos em coindexação e argumentos estruturais. Essa separação não nega a

quando aplicada ao inglês, se apresenta coerente com os dados empíricos. Veja-se o § 1.1 dedicado ao afixo *-dor* no cap. VII do nosso trabalho para compreender o que aqui anunciamos.

importância da estrutura argumental em alguns deverbais, antes a faz localizar em zona distinta daquela que é interveniente no processo de coindexação.

2.2 O conceito de “coindexação” no modelo de RFPs em interfaces

Ao propormos a coindexação entre traços semânticos e não entre argumentos, estamos em simultâneo a resolver a questão da hierarquização argumental. Esta seria aparentemente violada quando o mesmo afixo disponibiliza produtos cujas significações partiriam de argumentos em posições hierárquicas distintas.

A coindexação semântica baseia-se no grau de conciliação e aproximação semântica entre os traços do afixo e os traços da base ou ainda de fonte extra chamados à intervenção genolexical. Dado que o conceito de “coindexação” terá aplicação nos capítulos V, VI e VII, nesta secção, dedicada à ancoragem teórica do conceito, limitamo-nos a exemplificá-lo.

Como veremos nos capítulos V, § 2.1 e VI, § 1.4, o afixo *-ção* é caracterizado pelo traço de [efectuação]. Esse traço possui maior conciliabilidade com traços de fonte eventiva do que com traços de fonte léxico-conceptual.⁵² Como tal, a significação com maior representatividade nos produtos deste afixo é a de ‘evento’. Dentro dos traços de fonte eventiva, a análise dos produtos revela que é o traço [télico] que sofre coindexação com o traço [efectuação] do sufixo *-ção*. Dessa coindexação advém uma significação de “efectuação do evento” localizável na fiada semântica da estrutura de moldagem eventiva (cf. § 7 do presente capítulo).

Já um afixo com o traço [que tem a função de], como é o sufixo *-dor*, apresenta maior conciliabilidade com o traço [causa], pelo que a significação maioral nos seus produtos é de “causa”, com as várias extensões que esta possibilita (cf. § 1.1 do cap. VII). A presença de outras significações que não a de “agente” nos produtos de *-dor* permite compreender que a coindexação do traço do sufixo não se faz em relação a um argumento da estrutura argumental do verbo, mas a um traço ou conglomeração de traços semânticos da base conciliáveis com o semantismo do traço do sufixo.

Dois últimos exemplos, desta vez com os afixos *-ão* e *-douro*, ilustrarão a intervenção semântica da coindexação. O afixo *-ão* apresenta um traço semântico que tanto é conciliável com fonte eventiva, como com fonte léxico-conceptual. Trata-se do traço

⁵² Os conceitos de “fonte eventiva”, “fonte léxico-conceptual”, bem como de “fonte extra” são explicitados no § 2 do cap. V.

[intenso], que tanto se coaduna com a enformação de um evento, quanto de um indivíduo. Contudo, não se encontrou nenhum produto “locativo” a partir deste sufixo, devido à não-conciliabilidade semântica entre [locativo] e [intenso]. Já no que diz respeito ao sufixo *-douro*, cujo traço semântico será definido como [propício a/próprio para], sobressai a ocorrência de produtos com semantismos “locativos”, devido a ser o traço do sufixo conciliável com o traço [locativo].⁵³

É necessário neste momento fazer compreender que o facto de responsabilizarmos os componentes das estruturas semânticas pela coindexação e de desviarmos dessa tarefa os componentes argumentais não equivale a negar estrutura argumental aos produtos que a possuem. Todavia, é intrigante que alguns produtos tenham estrutura argumental e outros não, mesmo partilhando os mesmos semantismos.

Não nos referimos à comparação das polissemias do mesmo produto, que apresenta um semantismo com estrutura argumental e outro sem estrutura argumental (e.g. *administração* “evento” e *administração* “locativo”). Referimo-nos sim à comparação entre produtos de afixos distintos, que as visões *process-oriented* consideram como homónimos funcionais. Por exemplo, os produtos de “agente” do afixo *-dor* podem ostentar estrutura argumental, enquanto os produtos de “agente” do sufixo *-ão* não apresentam essa capacidade. Mesmo nos produtos de evento se verifica essa discrepância. Os produtos em *-ção* ostentam capacidade argumental, enquanto nos produtos em *-ão*, mais uma vez, não se observa essa estrutura.

Tais discrepâncias de funcionamento entre afixos actuantes na mesma RFP e, logo, produtores do mesmo tipo genérico de semantismo apontam para duas constatações com efeitos teóricos:

a) a operação de promoção dos semantismos nos produtos não está a cargo da intervenção de componentes argumentais, mas de componentes semânticos;

b) os afixos não são meros instrumentos de mutação fonológica das RFPs, mas possuem identidade própria. Se fossem meros instrumentos de mutação fonológica, todos os produtos de todos os afixos actuantes na mesma RFP possuiriam as mesmas significações e, em simultâneo, a mesma capacidade ou incapacidade argumental, o que não se verifica.

⁵³ À intervenção dos diferentes traços das várias fontes, bem como à actuação do mecanismo de coindexação na produção dos vários semantismos finais serão dedicados os cap. V, VI e VII, pelo que neste momento os exemplos procuram somente ilustrar um conceito teórico e não explicar o seu funcionamento na abordagem dos dados empíricos.

Parte do funcionamento genolexical fica dilucidado ao desprovermos os componentes argumentais de responsabilidade de geração semântica dos produtos. Contudo, esta solução abre outras questões concernentes aos produtos e à estrutura argumental. Por que motivo uns afixos promovem a estrutura argumental nos seus produtos e outros não? Se produtos da mesma RFP unidos sob a mesma significação genérica apresentam discrepância quanto à capacidade argumental, parece situar-se em fase posterior a montagem da estrutura argumental no produto. Pelo menos é lícito afirmarmos que construção do semantismo e montagem da estrutura argumental são dois processos distintos que não se encontram em fase. Dizer que não estão em fase não equivale, necessariamente, a responsabilizar outros componentes pela agregação da capacidade argumental. Os mesmos componentes podem ser responsabilizados por montagens em módulos diferentes. Assim, por um lado, responsabilizamos o traço semântico dos afixos pela obtenção do semantismo do produto, em conciliação com os traços da base. Mas o mesmo traço poderá ser um dos elementos chamados a intervir na activação da estrutura argumental.

A desfasagem entre as duas operações não é impedimento para que ambas partam da mesma fonte, visto que se trata de estruturas diferentes. Quer isto dizer que o facto de accionarmos o afixo para provimento semântico do semantismo final do produto não implica que toda e qualquer acção do afixo fique completada e por isso fechada após a operação semântica. Dado que a capacidade argumental é independente da carga semântica, a fiada argumental pode ser chamada a intervir em momento não-coincidente com a intervenção semântica. É aqui que reside a versatilidade de um modelo que preveja a estruturação em diferentes fiadas dos diferentes componentes linguísticos, bem como a activação de interfaces entre aquelas.

Em suma, defendemos que o processo de coindexação é apenas semântico. A proximidade semântica entre produtos da mesma RFP, por exemplo de agentivos, deve-se a um mecanismo em comum que possibilita variações semânticas nos produtos. O mecanismo em acção não opera ao nível da coindexação entre argumentos. Consequentemente, esses semantismos variáveis dos produtos não correspondem a argumentos da base verbal. São antes explicáveis pela conciliabilidade entre traços semânticos das diferentes fontes.

A negação da coindexação argumental baseia-se:

a) na não coincidência entre semantismos e argumentos disponibilizados pelas bases (e.g. semantismos de “instrumento”, “locativo” emergem em produtos cujas bases não dispõem de argumentos correspondentes);

b) na disformidade dos semantismos face à hierarquia argumental;

c) no facto de nem todos os produtos deverbais da mesma RFP possuírem capacidade argumental.

O factor enunciado em c) deverá ser tido separadamente de a) e b) na medida em que retrata a capacidade de o produto exercer estrutura argumental e não a intervenção de um argumento da base na obtenção do semantismo do produto. Contudo, tal como a) e b), c) faz compreender que a estrutura argumental há-de ter implicação numa fase distinta daquela que é geradora directa do semantismo em si mesmo do produto. Retomaremos a questão da estrutura argumental no § 4 deste capítulo.

Estabelecer que a coindexação é operada entre traços semânticos não é implicar que as formas lexicais possam coindexar livremente. Se a coindexação entre argumentos parecia prover o mecanismo genolexical de um carácter regulado, a coindexação entre traços semânticos não faz perder esse carácter. Assim, a coindexação entre traços semânticos não equivale a abrir lugar para a sobregeração de formas através da multiplicação infinita de coindexações entre traços. O carácter pouco sistemático de que se provêm muitas vezes as descrições semânticas é devido, mais uma vez, à dificuldade que o linguista tem em aceder explicitamente a uma estrutura implícita e não estruturada exclusivamente de modo linguístico. Não é devido, pois, a uma assistematicidade inerente da estrutura.

A coindexação semântica não é equivalente a situarmos uma infinidade de traços na mente-f que livremente coindexam uns com os outros de modo desregulado. A produtividade das coindexações está dependente de um conjunto de constrangimentos localizáveis nas várias estruturas. É necessário não esquecer que um item lexical é uma interface (Jackendoff 2002) e que para a construção de um produto lexical concorrem constrangimentos localizados entre as várias estruturas em interface. Assim, apesar de a coindexação ser semântica, este não é o único componente a intervir na construção de um produto.

Para além disso, a coindexação, decorrendo da conciliabilidade entre traços, pode dar-se sob a forma de simetria perfeita ou, mais comumente, de simetria imperfeita.

Tratar-se-á de simetria perfeita se o traço do afixo coincidir em absoluto com o traço da fonte da base. Tratar-se-á de simetria imperfeita se apenas um componente do traço do afixo coindexar com um componente do traço disponibilizado pela base.

Para a simetria imperfeita concorre o facto de os traços semânticos não serem primitivos, mas arquitecturas decomponíveis. Essa decomponibilidade acarreta a versatilidade do afixo a dois níveis:

i) ao nível da geração de diferentes semantismos na mesma RFP, de acordo com a consonância respeitante aos semantismos peculiares de cada base verbal;

ii) ao nível da operação em interface em diferentes RFPs, através da agregação a bases que ostentam categorias sintácticas distintas e formatação semântica genérica também distinta.

A actuação em interface do sufixo faz que a variedade das bases a que se agrega possa convergir num ponto semântico homogéneo situável na identidade semântica do traço do sufixo. É em consonância com a variação semântica das bases que os produtos deverbais construídos a partir do mesmo afixo apresentam variação semântica.

3. Projecção

O conceito de coindexação não é suficiente, no entanto, para a compreensão cabal da construção de todos os semantismos mostrados pelos produtos em análise. A observação destes revela que existem semantismos que não se enquadram na generalidade semântica dos produtos de um determinado afixo. Quer isto dizer que esses semantismos não são entendíveis à luz da coindexação do traço semântico do afixo com traços das restantes fontes.

Encontram-se nesta situação semantismos de evento como *chiadeira*, *choradeira*, *fungadeira*, *ganideira*, *gritadeira*, entre outros e entre outras afixações. No caso do afixo *-adeira*, determinaremos que o seu traço é [que tem a funcionalidade de]. Ora, as significações de evento emergentes dos lexemas elencados não resultam da coindexação do traço [que tem a funcionalidade de]. Contudo, é necessário ter em consideração que as significações de evento aí dispostas armazenam uma carga semântica de “evento frequente/intenso/contínuo”. Essa carga semântica não é explicável pela significação de “evento” em si mesma. É que os semantismos de evento primários, como os que ocorrem

de afixos prototipicamente de evento como *-ção* e *-mento*, etc., não apresentam o mesmo tipo de formatação do evento.

De onde advém a formatação do evento como “frequente/intenso/contínuo” se não pode vir do semantismo genérico de “evento”? Não pode ser proveniente da base, já que *fungar*, *gritar*, *ganir*, etc. não integram obrigatoriamente essas especificações para os seus eventos. Todavia, também não poderá provir do traço do afixo unitariamente desenhado, ou seja, enquanto especificado como [que tem a funcionalidade de].

Uma abordagem mais fina dos componentes que constroem os traços dos afixos permite uma explicação regular destes semantismos.

É pois necessário compreender que o facto de os traços não serem monoblocos possibilita que a construção dos semantismos dos produtos lexicais não parta somente do traço unitariamente indicado para cada afixo. É que os traços são arquitecturas de outros traços, eles mesmos arquitecturas de outros traços, até ao infinito. Isto significa que a construção dos semantismos pode em alguns casos decorrer não directamente do traço do sufixo, mas de constituintes desse traço que determinam este de forma mais marcada.

No caso do afixo *-deira*, a análise dos semantismos de indivíduo (cf. § 1.4 do cap. VII) permite compreender que o traço [que tem a funcionalidade de] é constituído pelo componente semântico de [frequente].⁵⁴ Essa determinação é conseguida comparativamente com outros produtos de outros afixos, como explicitado nos capítulos V, VI e VII, para os quais remetemos.

Ora, na análise dos semantismos de evento de *chiadeira*, *choradeira*, *fungadeira*, *ganideira*, *gritadeira*, etc. questionávamos qual seria o componente genolexical responsável pela formatação de “frequente” desses eventos. A resposta aponta para o traço do sufixo, não enquanto monobloco, mas enquanto estrutura decomposicional, já que é este que contém o componente semântico [frequente]. Dado que o componente [frequente] resulta da decomponibilidade do traço [que tem a funcionalidade de], o traço [frequente] não se encontra disponível, no sufixo *-deira*, para coindexação, mas antes para projecção. A projecção opera, assim, com um constituinte semântico do traço directamente disponível para coindexação ([que tem a funcionalidade de]). Trata-se de um componente semanticamente visível directamente nos semantismos em que intervém sem

⁵⁴ De modo mais fino caracterizamos alguns componentes dos vários traços afixais, bem como a sua interacção, nas secções dedicadas a cada afixo especificamente, nos caps. VII e VIII. Nesta secção procuramos apenas explicitar conceitos teóricos. Com o uso de produtos lexicais, neste capítulo, pretendemos apenas ilustrar esses conceitos e não explicar esses produtos cabalmente.

enquadramento no traço maior [que tem a funcionalidade de] - os semantismos de ‘evento’. Nos semantismos em que intervém como enquadrado nesse traço maior - os semantismos de ‘indivíduo’ - o componente é acessível indirectamente. Concebemos que esse componente é alvo de uma projecção a partir da arquitectura do traço que o contém para a agregação a um traço da base verbal com que seja conciliável directamente, neste caso de fonte eventiva.

Em resumo, designamos por “projecção” um mecanismo semântico de geração de semantismos nos produtos lexicais que parte da decomposicionalidade da arquitectura do traço do afixo e, tomando um componente inerente ao traço, o projecta para fora dessa arquitectura que o engloba e o agrega a traço(s) de fonte verbal.

A determinação do traço projectado não é aleatória. Está antes dependente de um trabalho rigoroso de análise de decomposição do traço do afixo, através de métodos comparativos dos semantismos proporcionados pelo mesmo afixo ao longo dos seus produtos, assim como dos semantismos mostrados em produtos de outros afixos. Só assim é possível determinar com um grau satisfatório de rigor e exactidão o traço de cada afixo e os componentes desse traço, nomeadamente aqueles que contribuem em si mesmos, por projecção, para a construção de outros semantismos que não aqueles que advêm da coindexação do traço do afixo como bloco.

Em última instância, o fenómeno de projecção comprova

- a) a decomposicionalidade dos traços em constituintes semanticamente autónomos;
- b) a não-linearidade dos mecanismos semânticos envolvidos na genolexia;
- c) a versatilidade gerativa da activação de zonas de interface operada semanticamente a partir de subcomponentes não acessíveis de modo directo.

4. A estrutura argumental: delimitação do seu papel na construção do deverbal

Uma das características mais estudadas pela literatura acerca dos substantivos deverbais é a que diz respeito à sua estrutura argumental. É essa característica que tem contribuído para que predominem as abordagens sintácticas destes produtos lexicais, na medida em que é intrigante conhecer os mecanismos que possibilitam que uma estrutura típica da categoria verbal ocorra em derivados daquela.

O grande interesse que o estudo dos substantivos deverbais tem suscitado deve-se em grande parte ao comportamento situado entre verbal e nominal, ao, por um lado,

funcionarem categorialmente como nomes, e, por outro, apresentarem capacidade de estrutura argumental, prototipicamente verbal. Assim, a maioria dos estudos concernentes a estes produtos lexicais focaliza a sua capacidade argumental, no caso dos deverbais de evento, especialmente no que diz respeito à ligação sintáctica entre o predicador e os argumentos e às (as)simetrias entre a predicção do deverbais e do verbo base correspondentes (e.g. Brito (1996; 1996a; 2005); Brito & Oliveira (1997); Meinschaefer (2004); Grimshaw (1990); Alexiadou (2001); Roeper (1993)). No caso dos deverbais de indivíduo, os estudos têm-se centrado no modo como um deverbais resulta da proeminência de determinado argumento da base que seria projectado no produto (e.g. Rappaport Hovav & Levin (1992); Booij (1986); Rappaport et alii (1993)).

No nosso trabalho, pretendemos dilucidar o papel da estrutura argumental na construção dos deverbais quer de evento, quer de indivíduo e não os fenómenos sintácticos de actualização dos argumentos dos deverbais (cf. Roeper 1993). Os lexemas por nós analisados permitem colocar questões relacionadas com a estrutura argumental que, por um lado, problematizam as abordagens que responsabilizam totalmente a estrutura argumental pela construção dos deverbais de evento e de indivíduo e, por outro, possibilitam um entendimento mais aprofundado da intervenção do mecanismo argumental na formação dos deverbais.

Antes de procedermos à explicitação da nossa proposta é necessário partirmos do entendimento que comumente os vários AA. oferecem de estrutura argumental no substantivo. No entender de Grimshaw (1990: 4), a estrutura argumental «[...] is a structured representation which represents prominence relations among arguments. The prominence relations are jointly determined by the thematic properties of the predicate (via the thematic hierarchy) and by the aspectual properties of the predicate.». Assim, a estrutura argumental possui interface com o domínio léxico-conceptual, pelo que é possível fazer derivar a estrutura argumental de um item lexical a partir da sua estrutura léxico-conceptual.

Carácter capital, segundo Grimshaw (1990), para a determinação da estrutura argumental é detido também pelas propriedades aspectuais internas do lexema em causa. Apesar de existirem lexemas que constroem relações semânticas com outros, para Grimshaw a estrutura argumental só ocorre naqueles que apresentam estrutura aspectual interna. A A. opera, conseqüentemente, uma distinção entre argumentos gramaticais e participantes semânticos. Assim, de acordo com Grimshaw (1990: 5), «Not all semantically

relational lexical items have a syntactic a-structure and take syntactic arguments. I will argue that only nouns that refer to what I call complex events - nouns that have an internal aspectual analysis - have a-structure. Hence, only they have obligatory grammatical arguments of the kind that verbs have.».

Grimshaw equaciona a estrutura argumental com a estrutura aspectual interna.

O mesmo tipo de dependência parece emergir em análises propostas pela Morfologia Distribuída, ainda que com formatação sintáctica e não semântica (Alexiadou 2001: 49). Alexiadou (2001: 66) faz depender da estrutura eventiva a ocorrência de argumentos obrigatórios. Para a A., a existência de participantes formatados como argumentos depende de um evento em que aqueles participem.⁵⁵

Como demonstraremos, esta dependência é rejeitável se tomarmos como exemplos lexemas como *trovoada*. Este designa um evento sem participantes nem semântica nem argumentalmente desenhados. Observe-se que o sujeito expletivo que pode ocorrer com a base verbal *trovoar*⁵⁶ corresponde a uma função sintáctica argumentalmente vazia (cf. Alsina 1996: 72-77).

É talvez devido a esta interdependência entre estrutura eventiva e estrutura argumental, que os AA. têm vindo a enfatizar, que se têm visualizado os deverbais como devedores absolutos da estrutura argumental verbal. Assim, tradicionalmente, os deverbais de evento são alvo de análise no que diz respeito à sua estrutura argumental, enquanto os deverbais de indivíduo são observados como projecções de um argumento do verbo operadas sufixalmente.

Contudo, como defenderemos, a relação entre estrutura eventiva e estrutura argumental será mais adequadamente caracterizada como co-ocorrência prototípica do que como interdependência.

O que procuraremos demonstrar nesta secção é que, ainda que a estrutura argumental seja um factor caracterizador de alguns deverbais, ela não é a responsável primeira pela sua construção genolexical. Estrutura argumental e estrutura eventiva, ainda que prototipicamente co-ocorrentes, são estruturas independentes, como veremos no § 6.

Partimos do postulado de que é necessário separar os dois níveis de estruturação lexical, de modo a compreender, conseqüentemente, o contributo da estrutura argumental para a formação dos deverbais, objecto de análise nesta secção.

⁵⁵ Cf. van Hout & Roeper (1998) que assumem a mesma posição.

⁵⁶ Observa-se sujeito expletivo no seguinte exemplo: *Ele trovoou tanto de noite!*

As questões que se colocam são as seguintes: é a estrutura argumental do verbo base em si mesma responsável pela formação de deverbais de evento e de deverbais de indivíduo? No caso dos deverbais de evento, como *construção*, estamos simplesmente perante a transferência de um esquema argumental da base verbal para uma categoria nominal, havendo apenas as mutações sintáticas inerentes à mudança categorial que está a cargo do afixo nominalizador?

No caso dos deverbais de indivíduo, como *conquistador*, estamos perante a projecção do argumento externo da base verbal incorporado pelo sufixo *-dor*, mantendo-se a estrutura argumental original do verbo, apenas com as mutações sintáticas decorrentes dessa incorporação?

Em suma, a construção dos deverbais é mera operação sintáctica que apenas labora com a estrutura argumental do verbo? Por último, é a estrutura argumental a matéria-prima com que labora a deverbalização nominal?

As respostas a estas questões têm sido afirmativas ao longo de vários trabalhos não só sintacticistas (e.g. os trabalhos de Marantz (1998 e 2001) no âmbito da Morfologia Distribuída), mas também lexicalistas (e.g. Rappaport Hovav & Levin 1992). Visões como as de Rappaport Hovav & Levin (1992) e de Booij (1986) optam por colocar a responsabilidade da formação de deverbais de indivíduo na estrutura argumental.

Como já observámos, propostas como as de Booij & Lieber (2004) pretendem resolver o problema da não correspondência entre a semântica do deverbal de indivíduo e o argumento hierarquicamente mais elevado através da intromissão de caracteres semânticos como constrangimentos de coindexação. No entanto, Booij & Lieber (2004) acabam por prosseguir com o mesmo tipo de abordagem argumental, por não abandonarem o postulado de que é entre argumentos que se opera a coindexação dos componentes. É inegável que a proposta de Booij & Lieber (2004) se revela importante para se compreender o papel da semântica do afixo na obtenção do produto lexical, nomeadamente na atribuição de conteúdo semântico ao afixo (Booij & Lieber 2004: 342). Todavia, a manutenção do nível argumental como matéria de laboração genolexical nestes deverbais impede uma análise satisfatória dos produtos aparentemente marginais.

Tal como já referimos a propósito do modelo de Lieber (2004), a respeito da noção de “coindexação”, a proposta de Booij & Lieber (2004) não separa a estrutura argumental da estrutura semântica dos lexemas (cf. Booij & Lieber 2004: 349-350). Assim, os AA. concebem que os elementos a coindexar genolexicalmente são argumentos, apesar de

desenvolverem um modelo de representação semântica lexical que consideram laborar com «[...] atoms of the right grain size [...]» (Booij & Lieber 2004: 339). Porque continuam a trabalhar com níveis argumentais, os AA. falham, entre outros aspectos, a explicação de produtos denominais em *-er*. Ainda que utilizem a noção do argumento “R”, proposto por Williams (1981), parece-nos que este recurso serve apenas para introduzir na abordagem maior confusão entre os níveis de análise argumental e semântico. Aliás, a aceitar a existência do argumento “R”, este localizar-se-ia na estrutura léxico-conceptual, enquanto os argumentos se localizam na estrutura argumental, o que implica imiscuição de níveis diferentes de modo aleatório.⁵⁷

As respostas que nos propomos oferecer neste trabalho às questões acerca da intervenção da estrutura argumental na produção dos deverbais são, pelo contrário, negativas. Não queremos negar a importância da estrutura argumental nos deverbais, mas apenas dilucidar o nível em que esta é chamada a intervir nestes itens lexicais. O que defenderemos é que, apesar de muitos deverbais possuírem estrutura argumental, factor que os aproxima da categoria verbal e os distancia da nominal, a estrutura argumental não intervém na sua construção genolexical em termos de matéria-prima.

A estrutura argumental, porque situada num nível não semântico, mas com interface com este, ocorre posteriormente à montagem semântica do produto, se a congregação resultante dos componentes semânticos for favorável à sua ocorrência. Se não for favorável, obtém-se um deverbal sem estrutura argumental.

Estabelecer que a estrutura argumental é posterior à construção do deverbal não equivale a dizer que os deverbais com estrutura argumental são secundários ou derivados dos deverbais ou dos semantismos, no caso das polissemias, que não têm estrutura argumental. Pelo contrário, na medida em que os deverbais que apresentam estrutura argumental se localizam numa maior proximidade em relação à base, equivale é a estabelecer níveis distintos de operacionalidade genolexical.

A solução que propomos emerge da observação de que existem deverbais de evento básicos sem estrutura argumental, assim como existem itens lexicais com estrutura argumental sem estrutura eventiva. Responsabilizar a estrutura argumental pela construção dos deverbais não é coerente com esses dados empíricos.

⁵⁷ Laczkó (2000: 220): «[...] I view argument structure as a level of representation for semantic arguments that are also active syntactically, that is arguments that are realized by major lexical categories [...], therefore, I do not include semantic arguments like R and Ev.».

Como dedicaremos o § 6 à questão da estrutura eventiva, centrar-nos-emos nesta secção no problema da projecção de argumentos.

Este problema tem já vindo a ser alvo de abordagens por AA. como Lieber & Booij (2004), Heyvaert (2004) ou Kelling (2003a), que questionam a intervenção da estrutura argumental na construção semântica dos deverbais. Todavia, parece-nos que essas abordagens pecam por falta de capacidade de explicação teórica.

4.1 O caso dos deverbais em *-er* do inglês

4.1.1 As abordagens argumentais (Rappaport Hovav & Levin 1992; Booij 1986; Booij & Lieber 2004)

A proposta de Rappaport Hovav & Levin (1992) equaciona a construção de deverbais em *-er*, do inglês, com o argumento externo do verbo base. De acordo com as AA., esta solução permite subsumir sob a mesma entidade a variedade de papéis-teta que podem corresponder ao referente dos produtos em *-er*. Contra a proposta de Sproat (1985), que defende que a estes deverbais corresponde um papel-teta agentivo, Rappaport Hovav & Levin (1992: 131-132) consideram que é irrelevante o estabelecimento de condições temáticas para explicar os produtos em *-er*, pois todos eles, não sendo redutíveis a agente (Rappaport Hovav & Levin 1992: 129), apresentam correspondência com o argumento externo.⁵⁸

As AA. consideram que a separação a ter em conta entre estes produtos passa pela herança argumental de uns e a incapacidade de assumir esta por outros. Esta discrepância, para Rappaport Hovav & Levin (1992: 133-134), é devida ao facto de apenas alguns produtos possuírem estrutura de evento. É esta estrutura que vai possibilitar a herança argumental do produto. Um paralelismo com os deverbais de evento, que apresentam estrutura argumental quando sujeitos a uma leitura de processo e não a apresentam quando sujeitos a uma leitura de resultado, é usado pelas AA. (p. 135) como comprovação da sua hipótese. Quanto aos deverbais em *-er*, os produtos agentivos dispõem mais facilmente de estrutura argumental, enquanto os produtos instrumentais estão mais vulgarmente dissociados dessa estrutura. Rappaport Hovav & Levin (1992: 134) defendem que «[...] the

⁵⁸ Posição mais abrangente é a de Lüdtke (1976), que considera que os produtos em *-eur* e *-ant* do francês designam nomes de agente através da topicalização do sujeito da base verbal.

reason for this has to do with the nonlinguistic, or perhaps nongrammatical, fact that it is usually instruments and not people that are defined as “intended to do” a particular action.».

Esta distinção, que pretende explicar a tendencial correlação entre estrutura argumental e deverbais em *-er* agentivos e a inexistência de estrutura argumental e deverbais em *-er* instrumentais, parte, de acordo com as AA., da instanciação eventiva dos primeiros.

A mesma perspectiva é seguida por Gràcia i Solé (1995), a propósito dos deverbais em *-dor* do catalão. Estes produtos correspondem ao argumento externo da base verbal (Gràcia i Solé 1995: 42-44). O facto de alguns desses produtos ostentarem estrutura argumental e outros não está dependente do factor de eventividade. Quando o produto é eventivo, pode ocorrer realização sintáctica do argumento interno. Quando o produto é não-eventivo, designando nomes de profissões ou de instrumentos, essa realização sintáctica encontra-se bloqueada (Gràcia i Solé 1995: 56). Para a A., um eventual complemento introduzido por *de* não representa, nos não-eventivos, um argumento, mas o segundo elemento de uma forma composta.⁵⁹

Contudo, na nossa proposta, a correlação entre estrutura argumental e agentivos e a sua tendencial ausência em instrumentais é devida à congregação semântica de cada semantismo e da propriedade de esta construir interface com a estrutura argumental. Parece-nos que a relação entre estrutura eventiva e estrutura argumental não é de causa-efeito, como observaremos no § 6.

Neste momento, pretendemos apenas questionar o papel da herança argumental na construção de deverbais de indivíduo.

Os lexemas em *-er* apontados por Booij & Lieber (2004: 329), como *fryer* ‘small young chicken suitable for frying’, *sinker* ‘weight that sinks (as to hold nets or fishing lines under water)’, *loaner* ‘a car that is lent as a replacement for one that is under repair’,⁶⁰ etc., ilustram a inadequabilidade da proposta baseada na herança do argumento externo defendida em

⁵⁹De acordo com Gràcia i Solé (1995) os agentivos não-eventivos instanciam aquilo que Benveniste (1948: 7-62) designa por «nome de agente». Os agentivos eventivos correspondem aos «nomes de autor» de Benveniste (1948). De acordo com Benveniste (1948: 62), em indo-europeu, os dois tipos de agentivos eram formados com diferentes sufixos: «*-tor indique l’«auteur», désigné à partir de l’acte qu’il a accompli, et caractérisé par la possession de cet accomplissement. [...] le nom en *-tor transforme en prédicat personnel la performance d’un acte, unique ou répété, intériorisé dans l’auteur et qui devient sa propriété;

-ter [...] indique l’«agent», voué par destination, aptitude ou nécessité à une certaine activité. [...] Il se construit donc souvent comme prédicat de futurité, d’intention, d’aptitude, et dans le vocabulaire, il manifeste sa valeur comme indice de noms d’instruments.».

⁶⁰Os semantismos foram colhidos por nós em www.thefreedictionary.com.

Rappaport Hovav & Levin (1992). Os semantismos destes lexemas não correspondem ao argumento externo das bases, mas ao argumento interno.

Por sua vez, *sleeper* ‘train in which one sleeps’, *stroller* ‘baby carriage with which one strolls’⁶¹ demonstram que a abordagem argumental não é satisfatória. É que os seus semantismos não apresentam correspondência com nenhum argumento das bases.

O facto de a maioria dos produtos em *-er* ser interpretável como correspondendo ao argumento externo não é suficiente para estabelecer que a estrutura argumental do verbo determina o produto deverbal. Muitos destes produtos, ou porque correspondem a argumentos internos, ou porque não correspondem a nenhum argumento, ficariam assim sem explicação.⁶² Se em alguns casos é possível apelar a argumentos oblíquos de modo a manter a coerência da explicação argumental, noutros casos tal mecanismo revela-se artificioso.

Assim, propostas argumentais, ou seja, que correlacionam o semantismo do deverbal com a herança da estrutura argumental ou de um argumento da base verbal, como aquelas adoptadas por Rappaport Hovav & Lieber (1992), Booij (1986), Sproat (1985), são incoerentes face à diversidade argumental, e não apenas temática, dos produtos.⁶³

Outros AA. criticaram já estas abordagens argumentais, chamando a atenção para o comportamento semântico dos afixos actuantes na construção desses produtos. Contudo, estas abordagens, embora abandonem e alertem para as desvantagens das explicações argumentais, não possuem ainda adequação explicativa satisfatória. Antes de procedermos à explicitação da nossa proposta, focaremos algumas dessas abordagens semânticas.

Uma das propostas direccionadas para a semântica dos afixos como interventor decisivo na obtenção dos semantismos dos deverbais é a de Booij & Lieber (2004). Não desenharemos com detalhe os princípios desta proposta, visto já a termos referenciado a

⁶¹ Exemplos e significações retirados de Booij & Lieber (2004: 329).

⁶² A mesma crítica pode ser apontada à perspectiva de Beniers (1991) que utiliza o modelo valencial para explicar a formação dos deverbais. Para Beniers (1991), o semantismo destes estaria dependente dos actantes da base verbal.

⁶³ Ryder (2000: 293-296) apresenta uma listagem da diversidade de bases categoriais a que *-er* se agrega (e.g. verbos (*writer*), substantivos (*glover*), adjectivos (*foreigner*), preposições (*upper*), verbo + advérbio (*reader-aloud*), entre outros). Elenca ainda a diversidade de semantismos referenciais dos produtos deste sufixo (pessoas (*singer*), animais (*mouser*), plantas (*creeper*), instrumentos (*sweeper*), locais (*diner*), eventos (*no-trumper*), vestuário (*romper*)). Roeper mostra também para estes produtos os diversos papéis-temáticos em relação a bases verbais (agente (*baker*), instrumento (*stapler*), locativo (*diner*), paciente (*put-to-sleeper* ‘an animal that is going to be put to sleep’), etc.) e as diversas relações semânticas em relação a bases nominais (actuante sobre a base (*mouser*), utilizador da base como instrumento (*shotgunner*), localizado em base espacial (*villager*), ocorrente em base temporal (*weekender*), actuante como a base (*twinnners* ‘people looking alike in ways they have control over’) etc.).

propósito do conceito de “coindexação” e das abordagens argumentais. Limitamo-nos a recordar que a abordagem preconizada pelos AA. face à variedade temática e argumental dos produtos em *-er* e *-ee* do inglês e correspondentes do neerlandês se tece em torno da noção de que os afixos possuem traços semânticos coindexáveis com argumentos, desenhados semanticamente, das bases.

A principal desvantagem desta proposta, como já referimos, localiza-se na manutenção do nível de coindexação na estrutura argumental e não, como nós defendemos, na estrutura semântica. No fundo, esta proposta continua a conceber a estrutura argumental como matéria-prima de construção genolexical, pelo que a consideramos argumental, como as analisadas anteriormente.

4.1.2 As abordagens semânticas (Barker 1998; Ryder 1999; Panther & Thornburg 2002; Heyvaert 2003)

A proposta de Barker (1998), relativa aos produtos em *-ee* do inglês, equaciona a existência de papéis-temáticos independentes do sistema verbal e concebe que existem contrangimentos de ordem semântica e não sintáctica na formação desses produtos. Os produtos em questão apresentam diversidade em relação aos papéis-temáticos das bases verbais. Em contrapartida, apresentam uma uniformidade relativa a determinados contrangimentos semânticos.

Barker (1998: 710) defende que os produtos em *-ee* denotam sempre um referente senciente, com ligação episódica e sem controlo volitivo em relação ao evento designado pela base. Conforme refere Barker (1998: 710), «[...] these semantic requirements cannot be derived from the syntactic argument structure of the stem, they must be independently associated with the suffix *-ee*. Furthermore, since they do not correspond to any traditional verbal thematic role [...], they constitute a thematic role independent of the verbal system.». São esses contrangimentos semânticos que funcionam como constantes nos produtos em *-ee* que levam Barker a concebê-los, enquanto bloco, como um papel-temático gramaticalizado.

Esta abordagem apresenta a vantagem inquestionável de prover os afixos de maior responsabilidade genolexical.

Contudo, parece-nos questionável a visão da combinação dos requisitos semânticos como um monobloco. É que, apesar de decomponível, é em bloco que é caracterizada essa combinação como indicador de *-ee*.

Essa visão, que conduz à hipótese da constituição dos requisitos semânticos como papéis-temáticos, é refutável empiricamente. O próprio Barker apresenta contra-exemplos a essa combinação, especificamente quanto ao requisito ‘senciente’ (cf. Barker 1998: 710-711). Esses contra-exemplos são as formas *raisee*, *ascendee*, *controllee*, *governee*, usados no âmbito da Gramática Relacional, e ainda *catapultee* (“catapulted aeroplane”) e *razee* (“a war-ship or other vessel reduced in height by the removal of her upper deck or decks”).⁶⁴

Parece-nos que a proposta de Barker perde força ao não prever oscilações de combinações de requisitos semânticos para cada afixo, propondo, pelo contrário, os requisitos como combinatórias fixas.

Como indicíamos, a abordagem que propomos situa ao nível semântico os componentes que servem de matéria-prima à construção dos deverbais. É necessário fazer aqui uma chamada de atenção, para que não nos seja imputada uma visão Cognitiva que rejeitamos.

No que aos deverbais diz respeito, os trabalhos de Ryder (1999) e de Panther & Thornburg (2002) parecem localizar a formação dos deverbais em esferas semânticas regidas Cognitivamente e não arquitecturalmente. Ryder propõe que a homogeneidade dos produtos em *-er*, quer sejam deverbais quer sejam denominais, se encontra na expressão da entidade envolvida num evento com maior grau de saliência. Porque o agente é prototipicamente o participante de um evento com maior saliência, Ryder (1999: 288) defende que, mesmo no caso dos produtos em *-er* que não designam agente, se opera uma extensão baseada na noção de saliência, que faz aproximar os não-agentivos dos agentivos. Para além de esta proposta não ter em consideração aspectos arquitecturais da genolexia, apresenta a desvantagem de não explicar polissemias do mesmo lexema que lançam no campo da ambiguidade a noção de “saliência”. Lexemas como *cuspidor* ‘recipiente’, *suador* ‘aquilo que faz suar’, entre outros exemplos, apresentam, nas polissemias apontadas, contradição do princípio de saliência proposto por Ryder (1999).

Panther & Thornburg (2002: 193) propõem que os produtos em *-er* possuem um centro semântico que definem como «[...] human Agent who performs an action or engages in an activity to the degree that doing so defines a primary occupation[...]». Os produtos em *-er* que não apresentam um semantismo coincidente com o central, ou seja, de agente humano, são, segundo Panther & Thornburg (2002: 177), gerados através de mecanismos

⁶⁴ Barker (1998) oferece os exemplos de *catapultee* e de *razee*, bem como as suas significações por nós transcritas, na nota de rodapé 11, pág. 711.

metafórico de personificação ou de metonímia. Quanto aos produtos denominais, os AA. (2002: 158) defendem que designam, tal como os deverbais, um participante da acção. Contudo, se os deverbais designam directamente esse participante, os denominais fazem-no através de um processo de metonímia, já que a base a partir da qual são construídos não designa uma acção mas um componente de uma acção.

Ambas as propostas jogam com conceitos vagamente definíveis e que prestam a genolexia a sobregerações, já que não prevêem a colocação de constrangimentos arquitecturais à construção dos produtos em apreço. A construção de metonímias, metáforas (Panther & Thornburg 2002) ou o processo de salientação de um componente de um evento (Ryder 1999) prestam-se à geração aleatória de semantismos não coincidentes com a organização arquitectural destes.

Outra proposta semântica é oferecida por Heyvaert (2003). Heyvaert (2003: 9-10) assume um quadro teórico funcional e Cognitivo.⁶⁵ O fundamento teórico funcional assenta na noção de que a linguagem serve funções sociais e pessoais e que essas funções modalizam a linguagem. No seguimento das abordagens Cognitivas, Heyvaert nega a autonomia da linguagem, ao considerar que esta é moldada de acordo com outras funções cognitivas humanas.

Heyvaert (2003: 3) critica estudos gerativistas sintácticos: «Following Lees's (1960) influential analysis of nominalization in English, nominalizations are still basically regarded as clause-like constructions used in nominal units in an unfathomable way.». Mas o estudo por ela apresentado acaba por centrar-se no mesmo domínio, ainda que sob quadro teórico divergente: «The main theoretical motif in this study is that nominalization strongly calls for a *functional* rather than purely structural approach. Crucially, the reclassification from verbal/clausal starting point into nominal class is *functional* in nature: nominalization involves the functional reclassification of a particular level of assembly in the organization of the clause into a nominal structure.» (Heyvaert 2003: 3).

⁶⁵ A utilização de maiúscula em “Cognitiva” permite fazer referência inequívoca à Gramática Cognitiva, reservando a minúscula “cognitiva” para visões cognitivas como sinónimas de “conceptuais”. Jackendoff (1992: 31) sintetiza o hiato entre a semântica conceptual, que Jackendoff advoga, e a Semântica Cognitiva, estabelecendo para a semântica conceptual os seguintes princípios: «(i) it is committed to an autonomous level of syntactic representation rather than its abandonment; (2) it is committed to rigorous formalism, insofar as possible, on the grounds that formal treatment is the best way of rendering a theory testable; (3) it makes contact with relevant results in perceptual psychology rather than leaving such relationships tacit; (4) it is committed to exploring issues of learnability and hence to the possibility of a strong innate basis for concept acquisition.».

A reclassificação na organização oracional é visível, segundo Heyvaert (2003), através de processos de agnação e enação que a A. colhe em Gleason. Trata-se de dois conceitos estruturalistas cuja função reside na mostração de similitudes paradigmáticas. A agnação consiste na relação sistemática entre dois tipos de estruturas sintácticas gramaticalmente desenhadas como diferentes que partilham os mesmos itens lexicais (Heyvaert 2003: 35; Gleason 1965: 202). A enação é definida como uma relação entre duas estruturas sintácticas gramaticalmente iguais com variação nos itens lexicais (Heyvaert 2003: 35; Gleason 1965:199).

Para que seja observável a relação de agnação é necessário proceder à comparação de enação, de modo a identificar o maior número possível de estruturas paradigmaticamente similares (Heyvaert 2003: 36). O facto de as agnações serem definidas de acordo com um grande número de frases permite a elaboração de esquemas ocorrentes nas estruturas agnatas. Como tal, as agnações, de acordo com a A., apresentam a vantagem de potenciarem não só a identificação desses esquemas linguísticos (Heyvaert 2003: 54), mas também a observação das relações entre esses esquemas (Heyvaert 2003: 56). É a relação de agnação entre as nominalizações e determinadas estruturas frásicas que a A. pretende evidenciar no seu trabalho.

A ênfase que a A. coloca no nível frástico das nominalizações condu-la à visão de que estas construções apenas serão analisadas de modo adequado quando em análise de agnação com estruturas frásicas (Heyvaert 2003: 58-59).⁶⁶

Observemos agora qual o tipo de estruturas frásicas que Heyvaert define como em agnação com a nominalização em *-er*.

A proposta de Heyvaert (2003: 116-117), situada no quadro teórico cognitivo-funcional, parte da observação correcta de que os deverbais em *-er* podem ser formados com base em verbos inacusativos, o que invalida as propostas de Rappaport Hovav & Levin (1992), Booij (1986), entre outros.

Heyvaert defende que os nominais em *-er* correspondem ao sujeito do verbo base, tendo em conta as relações de agnação entre as nominalizações em *-er* e as frases que contêm voz média, em inglês. De acordo com a A. (2003: 123), «[...] an analysis of *-er*

⁶⁶ Heyvaert (2003: 58-59): «[...] nominalizations are reclassifications of various levels of assembly of the *clause* and it is *clauses* which they most typically agnate with. A natural account of the component functions of nominalizations and of the meanings which they encode can therefore only be arrived at when nominalizations are analyzed not only in terms of the *nominal* but also in terms of the *clausal* functional categories that they realize. More specifically, analyses of nominalization patterns should be focused on the way in which nominalizations *integrate* nominal and clausal categories.».

nominalization in terms of the Subject function provides a more accurate generalization for the present distributional properties of *-er* nominalization than one in terms of agency. In particular, I will show that the various types of non-agentive *-er* nominalizations are systematically equivalent to the Subject of middle constructions [...]. The correspondences between the clausal Subject-Finite unit and *-er* nominalization elucidate the semantics of the *-er* suffix significantly.».

Em relação a deverbais como *broiler, cooker, steamer, fryer*, que contradizem o carácter agentivo vulgarmente observado nos deverbais em *-er*, Heyvaert (2003: 157) estabelece relações de agnação entre eles e frases de voz média como *this type of chicken broils well/ this type of apple cooks well/ this type of clam steams well/ this type of chicken fries well*.

Para Heyvaert (2003: 143), a função que o sujeito cumpre neste tipo de estruturas é o de «[...] the locus of the potency or force that is directed towards the process.». A A. esclarece (p. 143) que «The Subject's potency and the fact that that potency is directed towards the realization of the process is what was characterized earlier as the *conduciveness* of the middle Subject to the process. Importantly, the relationship of *conduciveness* that characterizes middle constructions is not to be interpreted as one of agentivity, but as one of 'letting'. The middle Subject is not itself the energy source of the process (it is not agentive), but it is - or is not - conducive to the implied Agent carrying out the process.».

Heyvaert (2003: 149; 154) estipula que o esquema por que se regem as nominalizações em *-er* é o da função de sujeito em termos oracionais. A A. baseia esta assunção em dois factores. Primeiro: o sujeito de uma frase pode ser agentivo ou não-agentivo. Segundo: existe relação de agnação entre os deverbais em *-er* não agentivos e os sujeitos de orações em voz média, na medida em que ambos são condutivos de um processo.⁶⁷

Parece-nos que o estudo de Heyvaert não é um estudo em genolexia, mas em relações paradigmáticas entre construções localizadas em níveis distintos. Veja-se por exemplo a aplicação das noções de agnação e enação que a A. colhe em Gleason (1965). O estudo de Heyvaert não explica a construção dos deverbais, mas apenas observa

⁶⁷ Heyvaert (2003: 176): «[...]the most fundamental *generalization* behind *-er* nominalizations is constructional: *-er* nominals profile an entity that is related to a process, much like a clausal Subject is related to the finite verb. In agentive *-er* nominals, the profiled entity is typically also the 'doer' of the process. In non-agentive *-er* nominals, by contrast, we can observe the *added* meaning that is associated with the Subject of the clausal middle construction, viz. that of *conduciveness*.».

semelhanças ocorrentes entre os deverbais e construções sintácticas, sem que haja força probante da relação derivacional entre ambos. Parece-nos que as coincidências que poderão ser observadas entre as duas construções não provam que as duas construções se situam uma em relação à outra numa posição derivacional.⁶⁸

Assim, as conclusões de Heyvaert localizam-se num plano sem ponto de contacto genolexical. Parece basear-se na capacidade humana de tecer analogias e de comparação, o que aliás é induzido pela visão funcional e Cognitiva que a A. advoga.

Que o estudo de Heyvaert apresenta limitações é demonstrado pela incapacidade de estender os seus pressupostos a outras afixações deverbais. A sua abordagem não tem poder explicativo sobre a distinção entre os vários afixos deverbalizadores.

Para além disso, propositadamente, a A. limita-se a estudar os deverbais em *-er*, excluindo os denominais, ignorando assim dados relativos às semelhanças entre estes produtos, que, à luz da sua perspectiva, não são explicáveis.⁶⁹

No que à nossa abordagem diz respeito, embora centrada empiricamente nos produtos deverbais, a concepção dos afixos como unidades com capacidade de actuação em interface, bem como a sua visão como unidades semânticas, e não como meros instrumentos cumpridores de uma dada comutação categorial, permite visualizar o funcionamento do mesmo afixo através de várias categorias de bases e, conseqüentemente, explicar as semelhanças entre os produtos gerados a partir das diferentes bases.

As considerações tecidas em volta de Heyvaert (2003) demonstram que a necessidade de uma abordagem semântica à genolexia não atinge grau de satisfatoriedade apenas porque se trata de uma abordagem semântica. É necessário tratar-se de uma abordagem semântica adequada aos objectos a analisar, que foque os níveis implicados na construção genolexical, e não níveis que a ultrapassam. De outro modo, não se irá para além da esfera impressionista de que algumas análises linguísticas estão impregnadas.

⁶⁸ Outro estudo que utiliza os paralelismos frásticos entre produtos deverbais e as suas bases para fundamentar a formação dos primeiros é o de Beniers (1977). Curiosamente, a A. faz enraizar o seu postulado de que os deverbais do castelhano são gerados morfologicamente a partir das formas do participio no facto de haver um paralelismo sintáctico entre frases como «*La distribución de desayunos escolares por las autoridades fue eficiente*» e «*Los desayunos escolares fueron distribuidos eficientemente por las autoridades.*» (p. 319). Mais uma vez, consideramos que as simetrias frásticas não comprovam a derivação dos lexemas. O mesmo tipo de paralelismo, num contexto transformacionalista, é usado em Dubois (1968).

⁶⁹ Fazemos referência aos denominais, mas Ryder (2000: 293-294) apresenta uma lista de diversas bases a que o sufixo *-er* se pode agregar, como preposições, verbo+advérbio, frase adjectival, compostos verbais, compostos preposicionais, etc.

4.2 O papel da estrutura argumental na construção dos deverbais no modelo das RFPs em interfaces

Regressemos ao plano argumental sugerido por Rappaport Hovav & Levin (1992) e comparemo-lo com os dados do português.

Analisaremos agora exemplos do português, para que possamos compreender a nossa contra-argumentação em relação às abordagens argumentais.

Observemos o deverbal *deflagrador*. A sua base é inacusativa sem possibilidade de construção transitiva causativa. Não obstante, *deflagrador* apresenta a significação de ‘aquilo que faz deflagrar’, não compatível com um argumento da base verbal.⁷⁰ Este tipo de deverbal é mais intrigante do que aqueles que mostram argumento não situado em posição hierárquica dominante, porque estes apresentam correspondência com algum argumento da estrutura argumental.

Deflagrador comprova que não é a matéria argumental que é chamada a intervir na construção dos deverbais em termos primários. Se assim fosse, haveria sempre correspondência entre o semantismo do produto e um argumento da base verbal.⁷¹ O caso de *deflagrador*, entre outros, comprova que a activação da estrutura argumental no produto deverbal não é co-ocorrente com (nem ela própria interveniente em) o mecanismo de fabricação do semantismo do produto. É antes o resultado da congregação do afixo, formatado semanticamente, com os restantes traços semânticos das estruturas em interacção genolexical que activa a estrutura argumental no deverbal produzido.⁷²

A estrutura argumental activada no deverbal pode apresentar correspondência com a do verbo base. Isto acontece se a estrutura léxico-conceitual do deverbal coincidir com a

⁷⁰ O verbo *deflagrar*, que é inacusativo, apresenta apenas um argumento que é um argumento interno (e.g. *O incêndio deflagrou.*). *Deflagrador* significa ‘aquilo que faz deflagrar’, ou seja, uma Causa que corresponderia a um argumento externo (e.g. **O fósforo deflagrou o incêndio.*) que, no entanto, não está previsto na base verbal.

⁷¹ Cf. Barker (1998: 713) a propósito dos produtos em *-ee* do inglês: «Since syntactic argument structure is irrelevant for the semantic analysis, nothing in the semantic analysis prevents an *-ee* noun from selecting as its referent an entailed participant for which the stem verb provides no corresponding syntactic argument.»

⁷² As circunstâncias em que ocorre activação da estrutura argumental no produto por parte dessa congregação carecem de um estudo aturado. Através da análise que fizemos dos deverbais, neste trabalho, pensamos que a responsabilidade dessa activação recai em grande parte na hierarquia temática. Assim, será necessário que o resultado semântico da congregação obedeça ao máximo de adequabilidade em relação aos papéis-temáticos inseríveis em posição temática hierarquicamente superior. Contudo, para além do factor dessa adequabilidade máxima, parece que a ausência/presença de determinados componentes semânticos dessa congregação tem capacidade para activar ou não activar a estrutura argumental. Por exemplo, aparentemente, os deverbais construídos com afixos com traços que enformam algum tipo de avaliação, nomeadamente [intenso], [frequente] não apresentam capacidade argumental (e.g. *-ão*, *-aria*). Em todo o caso, é necessária uma análise exhaustiva para determinar se assim é e por que motivos.

estrutura léxico-conceitual do verbo base e, necessariamente, se houver condições para a activação da estrutura argumental do deverbal. Essa activação é interna ao deverbal.

Se não houver correspondência entre a estrutura argumental do produto deverbal e aquelas disponibilizadas pelo verbo base, é porque a estrutura argumental activada no deverbal decorreu de um processo de redobro da estrutura léxico-conceitual da base (§ 5 deste cap.).

Em ambos os casos, a estrutura argumental adapta-se ao resultado semântico da congregação dos vários traços intervenientes, incluindo o do sufixo. Dado que as estruturas léxico-conceituais de verbo e derivado podem divergir, devido, por exemplo, ao contributo da semântica do afixo nominalizador, as estruturas argumentais de um e outro podem apresentar diferenças.

O facto de introduzirmos o afixo como primeiro na activação da estrutura argumental não deve ser confundido com

a) a atribuição de um argumento, no caso de afixos construtores de deverbais de indivíduo, ou da estrutura argumental, no caso de afixos construtores de deverbais de evento, como interiores ao afixo;

b) a responsabilização total do afixo na activação da estrutura argumental.

No entanto, também não é casual essa importância dada ao afixo. O traço do afixo coloca-se desde logo como entrave ou abertura primeiros à activação da estrutura argumental, mesmo que o processo de activação seja filtrado pela congregação total dos traços em jogo. Por exemplo, há sufixos, como *-dor*, cujos traços, neste caso [que tem a função de V], se disponibilizam para activação argumental. Outros afixos, como *-ão*, que possui o traço [intenso], não são semanticamente adequados à activação argumental.

A análise dos dados empíricos de que dispomos neste trabalho permite validar que:

a) a estrutura argumental não está no afixo nem está no verbo enquanto monobloco. Ou seja, não é o afixo *-dor* que contém o argumento externo ou o argumento hierarquicamente dominante que emerge no deverbal.

b) a estrutura argumental que pode emergir no deverbal não é a estrutura argumental do verbo, ainda que possa ser simétrica a esta.

c) a estrutura argumental é autónoma em relação à estrutura léxico-conceitual e à estrutura sintáctica. Que a estrutura argumental é autónoma em relação à estrutura semântica de cada verbo, ou seja, que este não funciona como um bloco rígido com essa

estrutura, é mostrado pela repetibilidade da mesma estrutura argumental através de vários verbos. A estrutura argumental é um esquema e não um tecido inseparável do verbo particular.

d) a concepção teórica de activação de interfaces entre fiadas paralelas é empiricamente viável;

e) a activação das interfaces genolexicais é suscitada semanticamente, quando certos traços dos afixos são adeuados (ou não) a tal activação.

A estrutura argumental que ocorre, por exemplo, em *conquistador* (*Hubble: o conquistador do espaço*) não é inerente ao afixo. Na formação de *conquistador* não há, no primeiro nível genolexical de construção semântica, incorporação do argumento externo do verbo base por parte do afixo *-dor* e conseqüente externalização do argumento interno. Essa estrutura argumental é activada num nível posterior ao da anexação do afixo à base e construção semântica do produto. Só assim se explica por que motivo produtos do mesmo afixo e do mesmo tipo de bases apresentam diferentes capacidades de estrutura argumental.

Defendemos, pois, que a construção semântica do produto é operada numa primeira fase em que não intervém a estrutura argumental, embora possam intervir componentes da estrutura léxico-conceptual da base. Nessa primeira fase, a operação consiste, em termos simples, na coindexação de traços semânticos (cf. § 2 deste capítulo). Apenas a congregação adequada de traços resultante das coindexações pode suscitar activação de estrutura argumental no produto. Uma congregação centrífuga da combinação prototípica gera impossibilidade de estrutura argumental, como são os locativos (e.g. *corredor*, *toucador*, *obrador*).

Pode então dizer-se que o deverbal *herda* a estrutura argumental do verbo? Tal formulação tem razão de ser apenas na medida em que o produto deverbal é formado com base num verbo; ou seja, existe uma direcção derivacional que implica que o produto final tenha características da base. Contudo, o que a análise dos dados revela, sobretudo à luz do modelo teórico que defendemos, é que o deverbal *não herda exactamente* a estrutura argumental do verbo que lhe dá origem. Se assim fosse, o facto de um produto ser deverbal acarretaria que possuísse estrutura argumental. Acontece que existem muitos deverbais que não disponibilizam essa estrutura. Há deverbais com determinados afixos (e.g. *-aria*) cujos produtos parecem não deter essa capacidade em nenhuma circunstância (**A pescaria de sardinha pelo António*; **A refinaria de açúcar pelo António*). Outros afixos (*-dor*, *-ncia*)

co-ocorrem, em determinados itens lexicais, com estrutura argumental (*Hubble: o conquistador do espaço; A transferência do dinheiro pelo João*) e noutros sem estrutura argumental (**O toucador do cabelo da Joana é um móvel do séc. XIX*⁷³; **A rapinância do dinheiro pelo assaltante*).

A existência de produtos com determinados afixos que nunca sustentam estrutura argumental poderia indicar que a capacidade de estrutura argumental do deverbais está dependente do afixo em si mesmo. Todavia, o facto de existirem afixos (e.g. *-ncia, -dor*) cujos produtos por vezes mostram estrutura argumental e outras vezes não aponta que o afixo em si mesmo não corresponde à estrutura argumental ou, no caso dos construtores de indivíduo, não corresponde a um argumento do verbo.

O resultado da congregação entre traços semânticos que constrói o produto é o responsável pela activação da estrutura argumental. Coloca-se especial ênfase no traço do afixo, na medida em que este possui desde logo carácter decisivo na negação da activação da estrutura argumental, caso não seja compatível com ela. Contudo, não é em si mesmo o mecanismo de afixação o responsável exclusivo dessa activação. Em primeiro lugar, recordemos que a conversão é também mecanismo de deverbalização quer de eventos quer de indivíduos, com e sem estrutura argumental, sem que aí ocorra acção afixal. Em segundo lugar, a presença do mesmo afixo e, logo, do mesmo traço não assegura activação da estrutura argumental, se houver intervenção de outros traços de fonte não-afixal que a impossibilitem.

4.2.1 O suporte teórico proveniente da Gramática Léxico-Funcional para a desambiguação do papel da estrutura argumental na formação dos deverbais

Aquilo que o deverbais herda do verbo são componentes da estrutura léxico-conceptual e da estrutura eventiva. No fundo, é uma ilusão natural que a estrutura argumental ocorrente no deverbais tenha correspondência com a estrutura argumental do verbo. Vejamos:

a) a estrutura argumental procede da estrutura léxico-conceptual, seguindo a visão da Gramática Léxico-Funcional;^{74 75}

⁷³ Observe-se que *toucador* designa neste exemplo «móvel com espelho para servir a quem se touca ou penteia» (DLP). Como tal o sintagma *do cabelo* não funciona como argumento de *toucador*.

⁷⁴ Cf. por exemplo Alsina (1996: 6), na linha da Gramática Léxico-Funcional: «Since the argument structure is sensitive to semantics, we can say that the syntactic frame of a predicate (the number and type of grammatical functions that it takes) is - indirectly - constrained by its semantics.».

b) o deverbal herda a estrutura léxico-conceitual do verbo;

c) então é esperável que, quando o deverbal tem estrutura argumental, esta apresente similitudes com a do verbo, na medida em que as duas estruturas argumentais partem, geralmente, da mesma estrutura léxico-conceitual (que o deverbal herda do verbo) e da mesma estrutura eventiva, ou melhor de duas estruturas léxico-conceituais/eventivas moldadas com os mesmos parâmetros, ainda que pertençam a unidades lexicais diferentes.

É no entanto fácil perceber que o erro de análise se encontrará na imiscuição da estrutura argumental do verbo e do mesmo nível de representação no substantivo. O que há sob partilha entre o verbo e o nome é a estrutura léxico-conceitual. Se verbo e substantivo são duas categorias sintáticas distintas, como defendemos que são, então é mais apropriado conceber que a estrutura argumental de um e de outro, sendo já um nível de interface com a sintaxe, são independentes uma da outra. O facto de existirem inegáveis paralelismos deve-se à partilha de componentes da estrutura léxico-conceitual da qual deriva a estrutura argumental.

⁷⁵ Embora não dediquemos espaço neste trabalho à discussão sobre as vantagens/desvantagens das perspectivas projeccionista e construcional acerca da relação entre a estrutura léxico-semântica e a estrutura argumental, assumimos neste trabalho uma perspectiva projeccionista, como aquela oferecida em Levin & Rappaport Hovav (1995) e não construcional, como aquela desenhada em Goldberg (1995). Remetemos para os trabalhos de Rappaport Hovav & Levin (1998: 127-130) e Levin & Rappaport Hovav (2005: 186-236) para uma síntese das duas abordagens. Para uma aplicação da abordagem construcional, veja-se, por exemplo, Ritter & Rosen (1998). Citemos Rappaport Hovav & Levin (1998: 127-128) para destacar que, enquanto a abordagem projeccionista concebe que «[...] verbs have structured lexical semantic representations from which syntactic structures are projected [...]», a abordagem construcional «[...] denies that verbs have structured lexical semantic representations from which syntactic structures are projected [...]». Seguindo ainda as palavras de Rappaport Hovav & Levin (1998: 129), «In the constructional approach, the idiosyncratic component of meaning itself constitutes the lexical representation of the verb, while the structural aspects of meaning do not reside in the lexical entries of individual verbs, but rather are associated with certain basic syntactic structures, those which are associated with skeletal event interpretations.». Recorde-se que para a abordagem projeccionista os aspectos estruturais semânticos são aqueles que são comuns aos verbos pertencentes à mesma classe e que apresentam relevância gramatical (Rappaport Hovav & Levin 1998: 106).

Mohanan & Mohanan (1998) desdobram a abordagem projeccionista em Hipótese Forte e Hipótese Fraca. A primeira estipula que a estrutura léxico-semântica determina a estrutura argumental do verbo, enquanto a segunda concebe que a estrutura léxico-semântica não determina, mas constrange a estrutura argumental do verbo. Para os AA. (1998: 166), a hipótese forte considera que o conteúdo semântico (componente idiossincrático) determina a sintaxe, enquanto a hipótese fraca toma a estrutura semântica, e não o conteúdo semântico, como determinante da estrutura sintática. A Hipótese Forte advoga que existe uma relação biunívoca entre o conteúdo semântico e a estrutura semântica (cf. e.g. Teorias da Regência e da Ligação. Veja-se, por exemplo, Alsina (1996: 7-12), para uma crítica a estas teorias). Pelo contrário, a Hipótese Fraca estabelece diversidade na correspondência entre conteúdos semânticos e estruturas semânticas, logo, entre conteúdos semânticos e estruturas sintáticas, mas univocidade entre a estrutura semântica e a estrutura sintática. Esta é a versão anotada para os trabalhos de Rappaport Hovav & Levin, como o de (1998). Mohanan & Mohanan (1998: 166) propõem, assumindo uma visão da Gramática Léxico-Funcional, que a correspondência entre estrutura semântica e estrutura sintática é também múltipla («[...] the same semantic structure can be projected into more than one argument structure [...]» (Mohanan & Mohanan 1998: 179)).

Uma visão deste tipo encontra-se já delineada em Hoekstra & Putten (1988). Ao analisarem a relação entre bases verbais e produtos nominais, os AA. concluem que a herança não se situa a nível sintáctico, mas antes a nível de uma partilha da estrutura semântica. Contudo, falta ao trabalho de Hoekstra & Putten (1988) um suporte teórico sólido que fundamente o estipulado.

Estipularmos que

a) só a estrutura léxico-conceptual funciona como matéria-prima genolexical⁷⁶

e que

b) a genolexia não ocorre na sintaxe

não é negar que a estrutura argumental tenha interface com o léxico. A estrutura argumental é componente de interface entre o léxico e a sintaxe, embora não funcione como matéria-prima genolexical. Como cada nível é independente, é plausível que apenas um deles intervenha genolexicalmente. Os restantes são activados a partir do resultado obtido genolexicalmente na estrutura léxico-conceptual. Até porque se a estrutura argumental é constrangida pela estrutura léxico-conceptual, é necessária a obtenção desta em primeiro lugar, como constructo, para que se possa aceder à estrutura argumental. Observe-se que a independência das estruturas faz compreender que também a estrutura fonológica intervenha genolexicalmente.

Não se está assim a negar estrutura argumental ao deverbal, mas antes a oferecer-se-lhe uma estrutura argumental própria, em interacção com a sua própria estrutura léxico-conceptual, e não aquela que seria herdada, como normalmente se crê, da base verbal. Isto acarreta que o deverbal seja lexicalmente autónomo do verbo, ou seja, que seja inviável a concepção de raízes não marcadas.

Em suma, a matéria-prima que labora genolexicalmente é semântica e fonológica. Cada deverbal tem inscrita lexicalmente a sua estrutura argumental (ou não) como decorrente da sua estrutura léxico-conceptual e não como herança da estrutura argumental do verbo. A interface deste nível com a estrutura sintáctica salienta que a diferenciação em termos de ligação a funções sintácticas e à estrutura-c é necessariamente diversa entre

⁷⁶ Obviamente, não estamos assim a excluir a estrutura fonológica, mas apenas a medir as estruturas argumental e léxico-conceptual.

deverbal e verbo. Deverbal e verbo são entidades em si mesmos, com formatações sintacticamente diversas, e com estruturas argumentais próprias.⁷⁷

Estas observações acarretam consequências teóricas:

a) é viável a concepção de categorias sintácticas como substantivo, verbo, adjectivo;

b) não é viável a concepção de partilha de raízes comuns, como defendido pela Morfologia Distribuída.

A não partilha de raízes comuns é ainda vincada pelo facto de a formação de deverbais acarretar mutações de ordem semântica, que devem estar inscritas no léxico. Observe-se que o léxico pode ser encarado como um constructo *on-line*. Essas particularidades não admitem a concepção de raízes comuns.

Como atrás dizíamos, é viável, seguindo a proposta da Gramática Léxico-Funcional, conceber a existência de um nível de representação semântica, um nível de representação argumental e um nível sintáctico, em delineação paralela (Bresnan 2001).

Esta concepção da Gramática Léxico-Funcional assoma como resposta à questão da variação argumental em relação a uma estrutura léxico-conceptual. A estrutura argumental possui carácter autónomo e serve de mediação entre «[...] the lexical semantics of a predicate and the surface realization of arguments.» (Butt & Holloway King 2000: 2). Está a cargo das regras de ligação a construção de correspondências entre argumentos e funções sintácticas. Assim, não existem blocos rígidos constituídos por, por um lado, papel-temático e argumento e, por outro, entre argumento e função sintáctica e, logo, entre papel-temático e função sintáctica.

Uma versão da Gramática Léxico-Funcional encontra-se em Alsina (1996). A A. demonstra a adequabilidade teórica e empírica da concepção da estrutura argumental como uma interface entre o léxico e a sintaxe. A interface com o léxico faz-se através das relações de ligação com a estrutura léxico-conceptual.

A estrutura argumental é concebida como autónoma em relação à sintaxe, visto ser, de acordo com Alsina (1996: 168), «[...] a level of representation that encodes information distinct from and nonisomorphic with that of any other level of representation. In particular, as a level of representation that constrains the syntax, it is distinct from syntactic levels of

⁷⁷ A postulação de que a estrutura argumental de um deverbais não é herdada directamente do verbo, ou seja, não corresponde a uma transferência da estrutura argumental do verbo para o substantivo, mas antes decorre internamente ao deverbais como consequência da sua construção semântica, não inviabiliza a colocação da estrutura argumental como um dos critérios probantes da deverbalidade de um substantivo (e.g. o caso dos conversos, não marcados morfologicamente). Se o substantivo deverbais detém estrutura argumental é porque tem como base a herança de uma estrutura léxico-conceptual que a viabiliza - a do verbo.

representation that encode information about syntactic category, dominance relations, and linear precedence (c[onstituent]-structure) or about syntactic function, agreement relations, case, etc. (f[unctional]-structure).». A estrutura argumental interage com a estrutura-f que, por sua vez, interage com a estrutura-c.

Fazem parte das funções da estrutura argumental, seguindo Alsina (1996: 275), «[...] providing an invariant representation of the arguments of each predicate, expressing syntactically significant relations and distinctions among the arguments of a predicate, and denoting the number of arguments of a predicate.». Em suma, a estrutura argumental «[...] is both a lexical and a syntactic level of representation, in that it constitutes the information that lexical items bring into the syntax to determine the syntactic functions they may be associated with.» (Alsina 1996: 176).

A solução por nós apresentada resolve a questão da diferença de actualização argumental entre verbo e deverbal, que tanto tem ocupado os linguistas (cf. Brito (1996; 1996a; 2005), Brito & Oliveira (1997), Comrie (1976), Zubizarreta & Haafte (1988), Grimshaw (1990), Koptjevskaja-Tamm (1993), Alexiadou (2001), Marantz (1998), Meinschaefer (2004)).⁷⁸ Se seguirmos as visões tradicionais, ou seja, se partirmos do princípio de que o substantivo deverbal herda a estrutura argumental do verbo ou que com este a partilha, não conseguimos explicar coerentemente o motivo por que os argumentos dependentes de verbo e de substantivo não são sintactizados igualmente. A incoerência desta estipulação reside no facto de a estrutura argumental ser uma estrutura localizada em interface também com o nível sintáctico (cf. Gramática Léxico-Funcional, e.g. Bresnan (2001)), enquanto a partilha derivacional de componentes entre verbo e deverbal se localiza a nível semântico.

Parece-nos que a diferença entre as estruturas argumentais do substantivo deverbal e do verbo é justificada pela diferenciação dos níveis que são herdados pelo deverbal daqueles que são gerados ou montados pelo deverbal a partir das estruturas léxico-conceptual e eventiva herdadas da base. Cada vez mais parece que o mecanismo primeiro interveniente na genolexia é léxico-semântico.

⁷⁸ Para uma referência global às relações entre a genolexia e a sintaxe, veja-se Piera & Varela (1999). Comrie & Thompson (1985) analisam as diferenças entre as bases verbais e os deverbais no que diz respeito a categorias como Número, Aspecto, Tempo, Voz, Modo e Caso, se expressas morfologicamente no produto.

A questão da diferença entre o modo de relação sintáctica entre o predicado verbal e os seus argumentos e o modo de relação sintáctica entre o predicado nominal deverbal e os seus argumentos é explicada por Meinschaefer (2004) através da distinção a nível das funções sintácticas do verbo e do seu deverbal. Meinschaefer (2004: 2) defende que «[...] the linking algorithm relating argument structure and syntactic argument positions (grammatical functions) works differently for verbs and nouns.», mas que «the argument structures of the verbal basis and of the derived noun do not differ.». Meinschaefer faz radicar a diferenciação entre verbo e deverbal nas funções sintácticas e não na estrutura argumental.

Se seguirmos a proposta da Gramática Léxico-Funcional (e.g. Bresnan 2001: 304), compreendemos que a «[...] argument structure has two faces, semantic and syntactic. On the semantic side, argument structure represents the core participants in events (states, processes) designated by a single predicator. From this point of view it appears as a type of representation of event structure. On the syntactic side, argument structure represents the minimal information needed to characterize the syntactic dependents of an argument-taking head. From this point of view, it appears as a type of syntactic subcategorization or valence register. Thus argument structure is an interface between the semantics and syntax of predicators [...].».

A A. prossegue esclarecendo que «Argument structure encodes lexical information about the number of arguments, their syntactic type, and their hierarchical organization necessary for the mapping to syntactic structure. It is therefore fundamentally a lexical syntactic construct, not a semantic one [...].» (Bresnan 2001: 304).⁷⁹

Aquilo que assumimos neste trabalho é que não é apenas a nível da estrutura sintáctica que se encontram as diferenças entre verbo e deverbal, como defendem Meinschaefer (2004: 2) e Laczkó (2000: 200), mas também ao nível da estrutura argumental. A nossa assunção baseia-se na análise de lexemas deverbais que ostentam estrutura argumental não correspondente às estruturas argumentais que sobressaem nas

⁷⁹ Jackendoff (2002: 148-149) elabora uma síntese acerca da questão da estrutura argumental. O A. aponta que esta é uma área privilegiada para a demonstração de que a linguagem é uma arquitectura paralela com componentes independentes gerativos em interface, visto que a «Argument structure provides a rich illustration of this decomposition: it can be accounted for only in a system that discriminates syntactic formation rules, conceptual formation rules, and rich syntax-semantics interface principles.». De acordo com Jackendoff (2002: 149) este postulado apresenta-se em divergência com duas posições opostas: «[...] in one hand, it constitutes an argument against Chomsky's syntactocentric architectures. On the other hand, it also constitutes an argument against purely semantically based theories that deny an independent role to syntax, of the sort often advocated by opponents of the generative approach.».

construções possíveis do verbo base.⁸⁰ Na verdade, ainda que vulgarmente o deverbal apresente estrutura argumental simétrica à do verbo base, como é o caso dos deverbais de evento produzidos a partir de verbos inergativos, como *ondulação*, *oscilação*, *cintilação*, existem deverbais que ostentam estrutura argumental que não é simétrica à(s) do verbo base. Encontram-se nesta situação deverbais de indivíduo, como *deflagrador* ou *chovedor*. O único nível partilhado - e partilha não é sinónimo de simetria - é o da estrutura léxico-conceptual.⁸¹

A figura 6 sintetiza a nossa concepção:

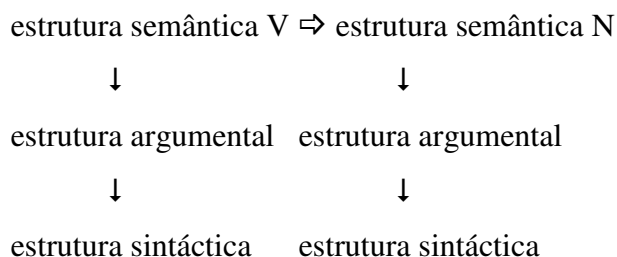


Figura 5. Processo de geração de deverbais

A figura 6 representa o processo de geração de deverbais. O nível sob partilha derivacional entre verbo e substantivo é o da estrutura semântica. \Rightarrow representa uma transmissão derivacional direccionalmente marcada. A colocação de duas colunas indica tratar-se de duas entradas lexicais. \downarrow representa processo dentro da mesma entrada lexical. Como se vê, não existem relações \Rightarrow entre N e V a nível argumental.

Esta formulação pode levantar objecções: se estabelecemos que a estrutura argumental se encontra em interface com a estrutura léxico-conceptual e se dizemos que o

⁸⁰ A nossa posição não é absolutamente paralela à de Kelling (2003). Kelling (2003: 177) assume que deverbais e verbos «[...] have the same number of arguments, and the arguments have the same proto-roles entailments [...]. However, the arguments map to different grammatical functions. In particular, the nominal's arguments have restricted oblique functions, whereas the verb's arguments have unrestricted subject and other functions. Therefore, it should be more appropriate to say that verbs and nominals share the semantic part of their argument structure, i. e., proto-properties and roles.». A nossa análise revela que deverbal e verbo podem ter um número diferente de argumentos, como atesta o lexema *deflagrador*. Repare-se que não estamos a referir-nos à possibilidade de tornar opcional algum argumento do verbo no deverbal, ou seja, da redução aparente da estrutura argumental, mas antes da sua expansão numérica através da introdução de um argumento inexistente na estrutura argumental do verbo. Concordamos com Kelling no que diz respeito à divergência sintáctica entre deverbal e verbo («[...] assignment of features and mapping onto syntactic structure [...]» (Kelling 2003: 178)), mas alargamos essa divergência à estrutura argumental no seu aspecto semântico.

⁸¹ Para a pertinência da postulação dos três níveis - léxico-conceptual, argumental e sintáctico -, vejam-se, por exemplo, Jackendoff (2002: 132-151), Laczko (2000: 190), Alsina (1996: 15-79) e Bresnan (2001: 302-321).

deverbal herda componentes léxico-conceptuais do verbo, então seria de esperar que a estrutura argumental do deverbal fosse igual à estrutura argumental do verbo.

Essas objecções são no entanto refutadas por nós:

Isso seria verdade se a estrutura léxico-semântica do deverbal fosse simétrica à do verbo base. Contudo, temos de contar com a intervenção semântica de outros componentes que não os de fonte verbal na formação léxico-semântica do deverbal, com a selecção e inerente rejeição de componentes da estrutura léxico-conceptual e da estrutura eventiva do verbo para o deverbal e com o contributo semântico do afixo para a determinação final da estrutura semântica do produto. Ou seja, ainda sem passarmos ao nível sintáctico, a composicionalidade do substantivo resulta numa estrutura léxico-semântica distinta da do verbo. Como tal, mesmo a estrutura léxico-semântica do verbo e a do seu deverbal não podem ser dimensionadas como um radical único não marcado categorialmente.

Isto explica por que são incorrectas as abordagens transformacionistas da deverbalização, assim como abordagens como as da Morfologia Distribuída, que atribuem à sintaxe a exclusividade gerativa. Por fim, sendo a estrutura argumental um nível de interface com a sintaxe, categorias sintácticas distintas, como verbo e substantivo, dispõem de estruturas argumentais sintactizadas diferentemente (cf. Laczkó 2000: 197). Para além destes aspectos, há ainda a salientar que dados provenientes da análise de várias línguas demonstram, como evidenciam Mohanan & Mohanan (1998), que a mesma estrutura léxico-semântica pode apresentar correspondências com várias estruturas argumentais, e não apenas com uma.

Se estabelecemos que o que é herdado pelo deverbal do verbo é a estrutura léxico-conceptual ou componentes desta e a estrutura eventiva ou componentes desta, significa que a estrutura argumental não é automática na deverbalização. A activação da estrutura argumental está a cargo do resultado obtido da congregação de traços. Isto explica que haja deverbais com estrutura eventiva mas sem estrutura argumental.

Recordamos que o nosso objectivo nesta secção não é o de descrever o processo de ligação entre a estrutura argumental e as funções sintácticas no deverbal, objecto de estudo de numerosos artigos, mas o de analisar se a estrutura argumental é uma estrutura interveniente na genolexia dos deverbais ou se é operante noutros níveis. Como tal, remetemos para estudos como os de Laczkó (2000), Laczkó (2003), Kelling (2003) ou Meinschafer (2004) para análises acerca da correspondência entre argumentos e funções sintácticas nos deverbais, no âmbito da Gramática Léxico-Funcional.

Estabelecemos que a activação da estrutura argumental no deverbal está a cargo da formatação semântica final conseguida pela congregação de traços. Contudo, indiciámos que o traço do afixo ocupa lugar de destaque na determinação dessa estrutura, pois existem afixos cujos produtos nunca a exibem, enquanto outros apresentam duplo comportamento.

Resta, assim, perceber por que motivo determinados afixos autorizam a estrutura argumental no produto, enquanto outros nunca o fazem. Não deverá ser aleatório que haja afixos que autorizam estrutura argumental e outros não. O facto de os próprios afixos que mostram capacidade argumental surgirem também em produtos sem essa capacidade, a partir de bases categorialmente iguais, ou ainda de o mesmo produto apresentar polissemias com e sem estrutura argumental indicia que não está a cargo do acaso a ocorrência da estrutura em apreço em determinados semantismos e produtos e noutros não.

Em primeiro lugar, é preciso perceber que a estrutura argumental não está inscrita no afixo, mas é activada pela significação final do produto. Essa significação final é produzida através de processos de congregação semântica de traços semânticos. A formatação semântica final é que determina a ligação com a estrutura argumental ou não.

Por que dizemos então que o afixo ou o mecanismo autoriza a activação da estrutura argumental? Porque desde logo existem afixos com semantismo apropriado à activação dessa estrutura ou não. O traço [que tem a função de] possui adequabilidade própria à activação de estrutura argumental. O traço [intenso] não possui adequabilidade para tal. Assim, a adequabilidade entre o traço semântico do afixo e o argumento ou a estrutura argumental é à partida um factor importante para que o produto possua ou não essa estrutura. Essa adequabilidade é a que rege a separação entre afixos cujos produtos nunca sustentam estrutura argumental (*-aria, -ão*) e afixos cujos produtos podem ou não apresentar essa estrutura (*-dor, -ção, -agem*).

Esta duplicidade mostra que o afixo não é o único responsável pela estrutura argumental do produto. Assim, dizemos que o afixo *autoriza* a activação da estrutura argumental, mas que é a configuração semântica final do produto que *opera* essa activação. O exemplo de um afixo interfácico, como *-agem*, revela que é a congregação total dos traços envolvidos que activa a estrutura argumental. Porque derivado de base nominal, como *criadagem*, o produto de *-agem* não possui estrutura argumental, dado que a base não apresenta traços suscitadores dessa estrutura. Já no caso de *parasitagem* ocorre estrutura argumental (*a parasitagem da tribo pelas ruas da cidade.*)

Assim, o veredicto final está a cargo da adequabilidade do traço do afixo, com os traços com que coindexou. A nossa análise revela que o facto de o traço de um afixo que autorize estrutura argumental coindexar com traços eventivos não é suficiente para suscitar aquela estrutura, se esses traços forem já a um nível secundário. Isto comprova que estrutura argumental e estrutura eventiva são fiadas autónomas.

A nossa abordagem comprova ainda que não é a RFP em si mesma que provê os deverbais de estrutura argumental. Se assim fosse, todos os deverbais teriam essa estrutura. Para além disso, a nossa abordagem enfatiza a identidade própria de cada afixo particular. O modelo que defendemos apresenta carácter explicativo não apenas para os deverbais, mas também para produtos denominais como em inglês *Londoner* ‘a resident of London’, *villager* ‘one who has lived in a village most of their life’, *freighter* ‘a cargo ship’, *fiver* ‘a five-dollar bill’,⁸² entre outros (Booij & Lieber 2004: 331), que «[...] nevertheless have a sort of dynamic or situational meaning in spite of the lack of a verbal base.» (Booij & Lieber 2004: 334). Nestes casos, a carga semântica do afixo produz os efeitos semânticos referidos nos denominais. Isto comprova que os produtos em *-er* e o seu carácter prototipicamente agentivo não advêm da herança da estrutura argumental das bases verbais.

Por último, a activação da estrutura argumental enquanto estrutura autónoma mostra que a genolexia possui carácter dinâmico, mental e interfácico e que labora molecularmente.

4.3 Síntese da abordagem acerca da estrutura argumental no modelo de interfaces

Defendemos que o mecanismo de formação dos deverbais não é argumental. Ou seja, não se trata de haver projecção/incorporação/herança de um argumento do verbo, que seria inerente ao sufixo, no caso dos deverbais de indivíduo, ou de toda a estrutura argumental, no caso dos deverbais de evento.

O processo de construção dos deverbais toma como matéria-prima dimensões semânticas que designamos por “traços” e que se agregam uns aos outros através do princípio da coindexação e/ou projecção. Neste nível, podem intervir traços provenientes da estrutura léxico-conceitual do verbo base, mas não formatados como argumentos, dado não estar em jogo a fiada da estrutura argumental da base.

⁸² Os semantismos foram colhidos em www.thefreedictionary.com.

De acordo com a congregação de traços obtida no semantismo construído, activar-se-á a interface do nível semântico do produto com o nível da estrutura argumental também do produto.

O grau da adequabilidade entre traços determina a tendência para haver posterior ligação à estrutura argumental. Se ocorrer adequabilidade congregacional em direcção a um argumento, o argumento vai corresponder àquele que obedecer a maior número de condicionantes de tipo semântico. Por exemplo, o semantismo locativo de *corredor* não apresenta ligação com a estrutura argumental, visto a congregação de traços deste semantismo não obedecer ao princípio máximo de condicionantes para “agente”.⁸³

Por fim, se a estrutura argumental num substantivo fosse de origem derivacional directa, não haveria estrutura argumental em substantivos não-construídos, como *concepção*. Ainda que se possa contra-argumentar apelando ao carácter deverbal histórico ou à relação paradigmática entre *conceber/concepção*, a segunda relação não é derivacional e a primeira não é mentalmente direccionada. *Defesa, ofensa* mostram que a estrutura argumental não é activada directamente por herança derivacional entre verbo e substantivo. Tem de haver estruturas semânticas dentro do substantivo que possibilitem estrutura argumental.

Exemplos como *proximidade, amizade, vergonha*, sendo o segundo e o terceiro não-construídos, indiciam o mesmo. Exemplos com o lexema *afinidade*, não-deverbal, mostram que a estrutura argumental não é herdada da categoria verbo:

«A **afinidade** das proteínas pelos iões»

dequim.ist.utl.pt/bbio/67/pdf/Cromatografia%20de%20Afinidade%20com%20metal%20imobilizado.pdf

«Sempre tive certa **afinidade** com o aeroporto»

devaneiosconstant.es.blogspot.com/2007/07/afinidade-com-o-aeroporto.html

«os antipsicóticos típicos são os que têm elevada **afinidade** para os receptores D2 e produzem frequentemente efeitos extrapiramidais graves»

www.infarmed.pt/prontuario/navegavalores.php?id=56&flag=0

⁸³ A activação da estrutura argumental deverá estar dependente de circunstâncias e mecanismos relacionados com a hierarquia temática (cf. e.g. Belletti & Rizzi 1988; Fillmore 1968; Jackendoff 1990, entre outros estudos sobre a hierarquia temática). Contudo, encontra-se fora do escopo deste trabalho o estudo desses fenómenos.

«tirar partido da **afinidade** dessas moléculas para os diversos estados do canal ... na sua **afinidade** para o estado inativado da molécula do canal.»
www.fcm.unl.pt/departamentos/fisiologia/actividadecientifica.htm

«A **afinidade** para o octanol é uma indicação da **afinidade** do composto para as ... enquanto que a **afinidade** para a água serve de modelo para a **afinidade** da ...»
www.ff.ul.pt/paginas/constant/tl/tecnicas/kdaspirina.htm

Inclusivamente substantivos básicos (*ânsia/orgulho/alergia*) e adjectivos básicos (*ávido/apto/fácil/próximo*) ostentam estrutura argumental. Estes exemplos demonstram que esta estrutura não é exclusiva de verbos, nem existe noutras categorias por herança deverbal (ou deadjectival, se quiséssemos equacionar adjectivo com o traço [+V] e assim simetrizar uma suposta, mas não atestada, inerência de estrutura argumental às categorias [+ V]).

5. O mecanismo de redobro da estrutura léxico-conceptual

A secção anterior desenha uma solução teórica para os problemas revelados empiricamente e suscitados por abordagens que condicionam a geração de deverbais de indivíduo à formatação argumental. Esses problemas são ilustrados por:

a) semantismos em produtos com determinado afixo que fogem ao rótulo temático de um argumento verbal prototípico desses produtos (o caso dos produtos em *-dor* que não enformam um agente/ causa, mas um paciente, como *sofredor*, *carecedor*);

b) produtos não deverbais gerados através de afixos comumente deverbalizadores, como o sufixo do inglês *-er* em formas como *Londoner*, que, apesar de não deverbais, mantêm semantismo de agentividade;

c) semantismos em produtos com determinado afixo que, para além de não se coadunarem com o rótulo temático de um argumento verbal prototípico desses produtos, não coincidem com nenhum papel-temático correspondente a um argumento do verbo (e.g. *bramadeiro* que designa ‘local’);

d) a assimetria de funcionamento entre a capacidade argumental de produtos como *vindimador*, *colonizador*, *devorador* e a incapacidade argumental de produtos como *vindimadeiro*, *aguçadoura*, face à simetria semântica de ‘agente’ que todos partilham;⁸⁴

⁸⁴ Cf. **O vindimadeiro de touriga nacional* vs. *O Vindimador de touriga nacional*; **Uma aguçadoura de lápis*. Observe-se que a construção *uma aguçadoura de lápis* se torna gramatical quando paralela a *Esta*

e) a assimetria de funcionamento entre a in-/capacidade argumental de produtos com o mesmo afixo como *arrumador*, *colonizador*, *vindimador* “agente” e *aparador*, *toucador*, *corredor* ‘local’.

Todas estas situações em que não existe estrutura argumental demonstram que o produto que foge à caracterização argumental bem como à capacidade de exercer essa estrutura não é um caso marginal no âmbito da formação dos deverbais. Pelo contrário, estes são casos comuns, o que corrobora o estipulado na secção anterior em relação à não intervenção directa da estrutura argumental na construção semântica dos produtos.

Os casos sistematizados de a) a e) constituem situações em que um componente da estrutura argumental falta no produto, face à estipulação de um argumento prototípico de cada afixação. Os casos que observaremos nesta secção jogam, pelo contrário, com a existência de um semantismo do produto coincidente com uma posição argumental que, no entanto, está ausente da base verbal.

Em ambos os casos estamos perante a não coincidência do semantismo do produto com um argumento do verbo ou com o argumento que prototipicamente emerge nesses produtos.

Esta não coincidência pode desenvolver-se de acordo com dois mecanismos. Um deles prevê a simples coindexação do traço do sufixo com um traço colhido de fonte extra,⁸⁵ sempre que esse traço não for inserível na estrutura léxico-conceptual em lugar hierarquicamente superior.⁸⁶ Trata-se do mecanismo que está na base das situações c) acima descritas.⁸⁷

A segunda situação prevê um mecanismo posterior a este primeiro, que designaremos por “redobro da estrutura léxico-conceptual da base” e que definiremos nesta secção. Este mecanismo insere o traço colhido de fonte extra em lugar hierarquicamente superior da estrutura léxico-conceptual da base. Este mecanismo que joga com a estrutura

aguçadoura é de lápis, em que *de lápis* não corresponde a argumento, mas a modificador. Cf. Grimshaw (1990: 91-97) acerca da oposição entre argumentos e modificadores dos substantivos.

⁸⁵ A noção de “fonte extra”, explicitada no cap. V, § 2.2., refere-se a um domínio semântico exterior aos domínios semânticos do afixo e da base.

⁸⁶ Não focaremos as várias propostas existentes acerca da hierarquia temática. Vejam-se Levin & Rappaport Hovav (2005: 154-185) e Newmeyer (2002) para uma visão crítica acerca das mesmas. Em todo o caso, em todas elas é unânime a colocação do Agente/Actor em posição superior (cf. por exemplo Fillmore 1968; Belletti & Rizzi 1988; Grimshaw 1990; Jackendoff 1990).

⁸⁷ O deverbal *bramadeiro* designa ‘local’. Ora, a base verbal *bramar* não apresenta nenhum argumento que corresponda a um papel-temático Locativo. No nosso modelo, prevemos que o traço ‘local’ que enforma a significação final de *bramadeiro* seja proveniente de um domínio semântico exterior ao da base e ao do afixo em jogo. Dado que o ‘local’ não representa um papel-temático que domine a hierarquia temática, não dá origem ao mecanismo de redobro da estrutura léxico-conceptual sob análise.

léxico-conceitual da base é posterior à coindexação entre traços semânticos que já descrevemos (§ 2 deste cap.).

Esta segunda situação, que já foi sendo anunciada no § anterior, é descrita como aquela em que um argumento parece ser excedente no produto em relação aos argumentos da estrutura argumental da base verbal. Ilustramos esta situação com o produto *deflagrador*.

Este é um caso muito interessante e de especial relevo para o nosso modelo teórico, na medida em que, aparentemente, anula o nosso modelo, mas, afinal, corrobora-o.

A base de *deflagrador* é um verbo inacusativo, ou seja, sem argumento externo. O argumento interno do verbo coincide com um Proto-Paciente, se quisermos utilizar o esquema de Dowty (1991), que sofre o evento descrito pelo verbo sem que haja intervenção de uma causa externa (Levin & Rappaport Hovav 1995). A ausência de causa externa reflecte-se na não transitivização do verbo, que apresenta apenas versão inacusativa. O sujeito de *deflagrar* corresponde, assim, em termos semânticos a uma causa interna cujas propriedades intrínsecas são o motivo do desencadear do evento (Levin & Rappaport Hovav 1995).

O interesse do produto *deflagrador* reside no facto de ostentar a significação de ‘causa’, coincidente com a causa externa de um evento formatado transitivamente. Para além disso, o produto apresenta capacidade argumental, como verificável em

«Guardamos que a Fundação Prefeito Faria Lima- CEPAM, cumpra o papel de **deflagrador** desse processo no âmbito municipal.»

www.fd.unl.pt/web/Anexos/Downloads/216.pdf.

Ora, este produto vem reintroduzir a questão da estrutura argumental e, aparentemente, poderá favorecer a posição que defende que o afixo deverbalizador carrega uma função argumental. Tal argumento decorreria do seguinte raciocínio:

- a) o verbo base *deflagrar* não possui argumento externo;
 - b) o deverbal *deflagrador* possui internamente argumento externo;
- logo,
- c) é o sufixo *-dor* que carrega a função de argumento externo.

Este raciocínio, contudo, revela-se omissivo em relação a todas as situações de omissão argumental focadas acima. Se o afixo *-dor* carregasse função argumental de argumento externo, não haveria produtos com este sufixo a partir de verbos inacusativos e

que não desenvolveram significação de causa/agente e, em suma, todos os produtos com este afixo teriam essa função argumental.

Assim, o caso de *deflagrador* corrobora, em vez de contradizer, que a função argumental é posterior à formação semântica do produto e não é carregada intrinsecamente pelo afixo interveniente. No fundo, o afixo transporta carga semântica e não carga argumental.

Como se explicam, então, casos como o de *deflagrador*?

O nosso modelo recorre a um mecanismo que designamos por ‘redobro da estrutura léxico-conceptual’. Este mecanismo é concebido como uma operação mental que opera ao nível da estrutura léxico-conceptual proveniente do verbo base e não ao nível da estrutura argumental deste. Vários argumentos favorecem a localização do mecanismo ao nível da primeira e não da segunda estruturas.

Em primeiro lugar, a localização do redobro ao nível da estrutura argumental da base verbal acarretaria que o próprio verbo apresentasse possibilidade de alternância transitiva, o que não se verifica. Essa alternância transitiva teria efeitos visíveis ao nível da sintaxe, na medida em que a estrutura argumental é uma interface com a sintaxe. Ora, na verdade, essa transativização do verbo não se realiza.

Em segundo lugar, o redobro de que falamos nem sempre acarreta consequente capacidade argumental, como demonstrável pelo produto *chovedor* ‘qualquer coisa que faz chover’. Repare-se que o problema não se prende com o carácter supletivo do argumento externo de *chover*, mas com a estruturação de uma ‘causa externa’ não conciliável com esse argumento externo supletivo.⁸⁸ O produto *chovedor* desenvolve uma significação de ‘causa’ não coincidente com o argumento externo da base, mas não desenvolve consequente capacidade argumental. Essa capacidade argumental era esperável, na medida em que uma causa externa ocorre sempre em eventos transitivos com relação com um objecto, enquanto um evento intransitivo, seja inacusativo ou inergativo, apresenta causa interna no lugar de sujeito (Levin & Rappaport Hovav 1995). Ou seja, se são possíveis enunciados como *deflagrador de incêndios*, *deflagrador de paixões*, não são gramaticais **chovedor de chuva ácida*, **chovedor de aguaceiros*.

Em terceiro lugar, se é ao nível da estrutura semântica que agem os mecanismos genolexicais de agregação afixal, não poderíamos localizar em níveis posteriores a sua

⁸⁸ O argumento externo supletivo da base verbal seria preenchido por uma causa interna, enquanto o argumento de *chovedor* corresponde a uma causa externa.

ocorrência. Estipulamos, assim, que em termos semânticos ocorre, apenas para efeitos genolexicais específicos de geração de *deflagrador* (entre outros exemplos) e não para todos os produtos em *-dor*, um redobro da estrutura léxico-conceptual disponibilizada pela base verbal, operada mentalmente. Nesse redobro, verifica-se a estruturação semântica de uma causa externa responsável pelo desencadear do evento. Na análise empírica dos dados, essa ‘causa’ será rotulada de ‘fonte extra’, por provir de um domínio semântico que não pertence nem ao afixo, nem à base, e como ‘não-argumental’. Observe-se que o rótulo ‘não-argumental’ não significa que os restantes sejam argumentais, no sentido de advirem da estrutura argumental, mas apenas que são coincidentes com componentes léxico-conceptuais que serão ligados a argumentos na estrutura do verbo base. Ou seja, esses traços do produto apresentam correspondência com componentes que têm realização argumental no verbo, mas não provêm desse nível argumental.

O facto de defendermos que o mecanismo de redobro focado opera em produtos específicos e não nos conjuntos de produtos do mesmo afixo deve-se à constatação de que muitos produtos em *-dor* mantêm correspondência com a inacusatividade da base verbal e não se apresentam como produtos do desenvolvimento do redobro da estrutura léxico-conceptual (e.g. *migrador*. Cf. § 1.1 do cap. VII).

Para além de explicar a ocorrência de dados como *deflagrador* ou *chovedor*, o mecanismo de redobro da estrutura léxico-conceptual, acarreta consequências de carácter teórico: prova que a coindexação se dá entre fiadas semânticas e que o desenvolvimento de estrutura argumental é posterior.

Não existe contradição na concepção do mecanismo de redobro da estrutura léxico-conceptual da base, em casos como *deflagrador*, face ao postulado de que a matéria-prima da genolexia é semântica e não argumental. Tal contradição apenas se verificaria se tivéssemos concebido o mecanismo de redobro ao nível da estrutura argumental. Localizando o redobro na estrutura léxico-conceptual estamos a explicar o acrescentamento semântico de um participante correspondente a uma causa externa e, em simultâneo, a ressalvamos a imiscuição argumental da base verbal do processo. Em paralelo, abrimos lugar para a interface com a organização argumental interna ao produto. Assim, o facto de alguns destes produtos, cujo semantismo de ‘causa’ é gerado através de um mecanismo de redobro da estrutura léxico-conceptual, ostentarem capacidade argumental e outros não

é devido ao nível argumental da base, mas à organização da ligação da estrutura léxico-conceptual do produto com o seu eventual nível argumental.

O mecanismo descrito é pertinente na medida em que permite distinguir casos em que, apesar de os traços serem igualmente de fonte extra, ou seja, não provenientes nem do afixo, nem da base, não são inseríveis em posições da estrutura léxico-conceptual hierarquicamente superiores, como são os locativos.

Não nos deteremos mais neste mecanismo, visto os dados empíricos que fundamentaram a sua teorização serem dele esclarecedores nos capítulos V e VII.⁸⁹

6. A estrutura eventiva e a estrutura argumental

6.1 A estrutura eventiva e a estrutura argumental como dependentes: algumas abordagens

Tradicionalmente, a estrutura eventiva de um deverbal tem sido apontada como financiadora da estrutura argumental do deverbal. Recordem-se, por exemplo, as aceções de Grimshaw (1990) e de Bresnan (2001). Ainda que situados em quadros teóricos distintos, estes trabalhos encaram a estrutura eventiva como condição para a emergência da estrutura argumental, na medida em que um evento é constituído por indivíduos que se relacionam entre si. Essas relações entre os indivíduos são projectadas na estrutura argumental. Esta visão de dependência entre a estrutura eventiva e a estrutura argumental ocorre em extremo nas abordagens que equacionam tipos eventivos com a ocorrência de

⁸⁹ Recusamos a hipótese de que os deverbais como *deflagrador* provenham de uma estrutura verbal subjacente transitiva. Essa hipótese basear-se-ia na concepção de que os verbos inacusativos possuem uma estrutura transitiva reduzida (cf. Reinhart 2000). Assim, *deflagrador* demonstraria o argumento externo reduzido dessa estrutura transitiva. Contudo, parece-nos que a hipótese que aqui desenvolvemos e defendemos do mecanismo de redobro da estrutura léxico-conceptual é mais adequada à explicação deste tipo de deverbais. O mecanismo de redobro da estrutura léxico-conceptual prevê que a categoria a ser introduzida nessa estrutura exista como categoria abstracta, e não como um argumento de facto existente na estrutura do verbo base determinado. Casos como *lambedor* ‘xarope que faz *lamber*’ mostram que o elemento introduzido nos deverbais não corresponde a um argumento externo de uma base transitiva, visto *lambedor* não corresponder ao argumento externo de *lamber*. A seguir a hipótese do argumento externo reduzido, teria de se conceber uma estrutura para cada verbo em que houvesse dois argumentos externos, estando um deles reduzido no verbo e emergente no deverbal. Um corresponderia ao elemento a negrito de ***O Amigotchi lambeu o recipiente da comida***. O outro corresponderia ao elemento a negrito de ***O xarope fez que o Amigotchi lambesse o recipiente da comida***. É esta última construção aquela que tem paralelo com o semantismo de *lambedor*. Para além disso, o facto de muitos destes deverbais não apresentarem capacidade argumental, como *chovedor* e *lambedor*, acentua que a hipótese de que estes deverbais seriam formados a partir de estruturas que se encontram reduzidas no verbo é redundante.

Para a aplicação da proposta de Reinhart (2000) às nominalizações do português, veja-se Miguel (2004, cap. 2).

tipos argumentais, como são as de Dowty (1991), Pustejovsky (1991) Ramchand (1997), Tenny (1994), Verkuyl (1993), Ritter & Rosen (1998; 2000), que assumem uma visão sintacticamente composicional dessas estruturas (Verkuyl 1993: xii-xiii; Verkuyl 1999: 19).

Como exemplo, focamos apenas a correlação entre o traço de telicidade e a presença do argumento interno directo num predicado, apontado por Tenny (1994: 2) como a Hipótese de Interface Aspectual, que aqui transcrevemos: «The universal principles of mapping between thematic structure and syntactic argument structure are governed by aspectual properties. Constraints on the aspectual properties associated with direct internal arguments, indirect internal arguments, and external arguments in syntactic structure constrains [sic] the kinds of event participants that can occupy these positions. Only the aspectual part of thematic structure is visible to the universal linking principles.».

Assim, de acordo com a visão que faz derivar a presença de um argumento interno directo (Tenny 1994: 10-13) do aspecto delimitado/télico do evento, um verbo intransitivo que admita instanciação de objecto adquire leitura de evento aspectualmente delimitado. Esse mecanismo de transitivização e de delimitação aspectual é operado através, por exemplo, de objectos cognatos e de objectos reflexos (Tenny 1994: 38-43).⁹⁰

Essa ligação entre caracteres aspectuais e argumentos leva Tenny (1994: 135) a conceber que a estrutura aspectual se encontra integrada numa parte da estrutura eventiva, que designa por ‘event nucleus’. O núcleo do evento é constituído apenas pela parte do evento que contém argumentos regidos aspectualmente. Este dado exclui o argumento externo que não é caracterizado como papel aspectual (Tenny 1994: 83 e 136).⁹¹

Levin & Rappaport Hovav (2004), Levin (1999) e Levin (2000) questionam a correlação entre caracteres aspectuais do verbo e a presença de determinados argumentos.

Levin & Rappaport Hovav (2004)⁹² demonstram que a instanciação do objecto só ocorre em predicados que designam eventos complexos. A noção de evento complexo que as AA. definem rege-se pela ausência de dependência temporal entre dois eventos numa única oração (Levin & Rappaport Hovav 2004). Esta definição não possui relação com as

⁹⁰ Apresentamos alguns exemplos fornecidos por Tenny (1994). Para os objectos cognatos, veja-se o enunciado *Josie danced a silly dance* (exemplo 60, pág. 39); para os objectos reflexos, veja-se *John shaved himself* (exemplo 68, pág. 41). Tenny apresenta ainda os casos de construção, no inglês, com reflexos falsos, como no exemplo *I laughed myself sick* (exemplo 73, pág. 42).

⁹¹ Outro trabalho acerca do aspecto da frase é o de Verkuyl (1993), em que também se tecem relações entre caracteres aspectuais e argumentos. De acordo com Verkuyl (1993: 3), «[...] terminative aspect is compositionally formed on the basis of semantic information expressed by different syntactic elements, in particular the verb and its arguments.».

⁹² Citamos o texto de fonte online www.stanford.edu/~belevin/paris02.pdf.

noções de accomplishment nem de telicidade, ou seja, com noções aspectuais.⁹³ É através da Condição de Argumento por Subevento, que estipula que «There must be at least one argument XP in the syntax per subevent in the event structure.» (Levin & Rappaport Hovav 2004: 5), que se explica que verbos intransitivos que semanticamente veiculam dois subeventos temporalmente independentes admitem objecto. As AA. oferecem, entre outros, o seguinte exemplo (Levin & Rappaport Hovav 2004: 6, exemplo 8): *Sam sang enthusiastically during the class play. He woke up hoarse the next day and said: 'Well, I guess I've sung myself hoarse'.*

A forma verbal de intransitivo que ocorre com objecto é *I've sung myself hoarse*. Dada a independência temporal, que não causal, entre *to sing* e *to get hoarse*, estamos perante um evento complexo.

Pelo contrário, o exemplo que as AA. oferecem na pág. 8, com o número (12a.) (*The clothes steamed dry on the radiator.*) mostra um evento com dois subeventos temporalmente dependentes. Observe-se que em ambos os exemplos há carácter delimitado/télico do evento e que, conseqüentemente, este não determina, como mostra o segundo exemplo, a instanciação de argumento objecto.

Em trabalhos anteriores, Levin questiona igualmente a correlação entre estrutura eventiva e estrutura argumental, especificamente no que à instanciação da segunda pela primeira diz respeito. Em Levin (2000: 2), por exemplo, a A. refere que «[...] it is right to ground lexical semantic representations in a theory of event structure, but that the ontological types of events relevant to argument realization may not all be aspectual in nature.»⁹⁴

Os trabalhos de Levin e de Rappaport Hovav questionam a intromissão de noções aspectuais na instanciação de argumentos. Contudo, continuam a conceber uma íntima tessitura entre a estrutura eventiva e a estrutura argumental. Ao fazerem depender, através da condição de argumento por subevento, da ocorrência de um argumento por um subevento estão a estipular, citando Levin (1999: 17), que «[...] argument realization reflects event complexity [...]».⁹⁵ Esta dependência explica, segundo Levin, a diferença entre verbos transitivos centrais (*core transitive verbs*) e verbos transitivos não-centrais

⁹³ Levin & Rappaport Hovav (2004: 10): «[...] the notion of complex event [...] is insensitive to whether an event has an endpoint, a criterial property not only to accomplishments, but telic events in general: rather it is associated with the semantic property of lack of necessary temporal dependence of subevents and the syntactic property of requiring an argument XP for each subevent.»

⁹⁴ Citamos o texto de fonte online <http://www.stanford.edu/~bclevin/bls00.pdf>

⁹⁵ Citamos o texto de fonte online <http://www.stanford.edu/~bclevin/cls99.pdf>

(*noncore transitive verbs*). Os primeiros possuem dois argumentos, estando cada um em correspondência com um subevento, de acordo com a Condição de Argumento por Subevento. Os segundos podem ter dois argumentos, mas, ao possuírem apenas um subevento, apenas um dos argumentos advém da estrutura eventiva. O segundo argumento advém da semântica idiossincrática do verbo e não da estrutura semântica que coloca um verbo numa classe de verbos com os quais partilha essa estrutura. A distinção entre os dois tipos de argumentos encontra-se radicada na distinção entre estrutura semântica e semântica idiossincrática explicitada em Rappaport Hovav & Levin (1998). O argumento advindo da semântica idiossincrática apresenta grande grau de variabilidade semântica e de realização sintáctica, em consonância com o carácter idiossincrático da fiada de que provém (Levin 1999:19-20).

Pelo contrário, porque ambos os argumentos dos verbos transitivos centrais provêm da estrutura semântica, estes verbos apresentam constância na realização sintáctica do segundo argumento, bem como na sua relação semântica (Levin 1999: 20). Em consequência, Levin (1999: 21) defende que um quadro numericamente delimitado de papéis-teta é apenas aplicável aos argumentos dos verbos transitivos centrais, ou seja, apenas àqueles argumentos licenciados pela estrutura semântica.

Se os trabalhos de Levin e de Rappaport Hovav põem em causa a equação de argumentos particulares com traços aspectuais também particulares, esses trabalhos, no entanto, continuam a fazer depender a estrutura argumental da estrutura eventiva do lexema, como demonstrável através da Condição de Argumento por Subevento. Contudo, a hipótese de que existem argumentos que não são instanciados pela estrutura semântica de evento do verbo, que Levin (1999) define como argumentos constantes,⁹⁶ mas apenas pela semântica idiossincrática, constitui um avanço na abordagem da estrutura argumental e da estrutura eventiva como duas estruturas autónomas sem relação necessária entre si.

Não é nosso objectivo esclarecer as relações particulares entre caracteres de evento e caracteres argumentais. Nesta secção, pretendemos discutir se é rigoroso continuar a descrever as relações entre as duas estruturas como dependentes enquanto estruturas em si e não no que diz respeito à relação entre os caracteres de uma e de outra.

⁹⁶ O argumento *constant* corresponde em Pesetsky (1995) à designação de *root*. A designação de *root* é adoptada em Levin & Rappaport Hovav (2005).

A questão não é tecer ou destecer no nosso trabalho pontos particulares entre determinados tipos de argumentos e determinados tipos eventivos, como tem sido preocupação de muitos estudos (e.g. Ramchand 1997; Tenny 1994). Esses estudos possuem uma visão composicional, frástica (Verkuyl 1993; 1999) do fenómeno e não lexical, ao fazerem variar a estrutura aspectual do verbo de acordo com a variação argumental do mesmo. Estudos como os de Tenny (1994), Verkuyl (1993; 1999), ainda que de alguma validade para o domínio da análise do enunciado, não apresentam pertinência para o estudo genolexical dos lexemas.⁹⁷

6.2 A estrutura eventiva e a estrutura argumental como independentes no modelo das RFPs em interfaces

Enfatizamos que o nosso propósito não é o de analisar os deverbais na sua ocorrência em co-texto, mas nos fenómenos lexicais que os geram, visto que assumimos uma visão não-sintacticista da genolexia.⁹⁸ Como tal, não nos deteremos mais na abordagem desses estudos nem nas questões que eles implicam. É de facto inquestionável que o aspecto é variável co-textualmente (cf. Verkuyl 1993: 4). Contudo, o nosso objectivo não se localiza nesse domínio, mas no domínio da associação lexical entre evento e estrutura argumental. Pressupomos, pois, uma distinção entre estrutura aspectual - variável co-textualmente - e estrutura eventiva - situada lexicalmente. O que focaremos não é a variação co-textual do deverbal, ou seja, a sua estrutura aspectual, mas antes a sua estrutura eventiva. A distinção entre estrutura eventiva e estrutura aspectual será particularmente focada no § 6.2.1 deste capítulo.

Especificamente, a questão por que se rege esta secção do nosso trabalho consiste na determinação da possibilidade de haver ou não ligação entre as duas estruturas eventiva e argumental em termos lexicais. Assumimos desde já que a resposta a esta questão é negativa. Procuraremos demonstrar que, ainda que essa relação possa ocorrer, ela não é uma relação de inerência em termos lexicais.

Assumimos, pois, uma posição contrária à de Grimshaw (1990) e Grimshaw & Williams (1993), em que se pressupõe que apenas «[...] complex event nominals have event

⁹⁷ A explicação aspectual para a realização argumental, que toma as noções de *agente* e de *paciente* como *iniciador* e *ponto de conclusão* do evento, respectivamente, é alvo de análise crítica em Levin & Rappaport Hovav (2005: 86-128). Segundo as AA., mesmo relativamente à realização argumental em enunciado, a explicação aspectual apresenta incapacidades de aplicação.

⁹⁸ Tal visão não exclui, no entanto, que dados co-textuais sejam utilizados para comprovar dados lexicais.

structure, an essential component of argument structure, while the others lack event structure and hence argument structure.» (Grimshaw & Williams 1993: 98).

Deste postulado, negamos que

- a) apenas os nominais de evento complexos possuam estrutura eventiva;
- b) que a estrutura eventiva seja um componente da estrutura argumental;
- c) que o motivo por que os nominais de evento simples não possuem estrutura argumental se deva à ausência de estrutura eventiva. Na verdade, os nominais de evento simples apresentam estrutura eventiva.⁹⁹

A dissociação entre as estruturas eventiva e argumental é estipulável com base na observação de dados empíricos relativos aos produtos deverbais. Se analisarmos deverbais prototipicamente de evento, observamos que há tendência para que estes produtos ostentem em simultâneo estrutura eventiva e estrutura argumental. Todavia, existem alguns produtos formados a partir de determinados afixos que detêm estrutura eventiva, mas não dispõem de estrutura argumental.

Um dos afixos que produz substantivos de evento sem estrutura argumental é o sufixo *-ão*. Os deverbais de evento em *-ão* mostram que o facto de se tratar de designadores de evento não obriga a que possuam estrutura argumental (cf. exemplos 5 e 6).¹⁰⁰

Essa dissociação entre estrutura argumental e estrutura eventiva encontra paralelismo em substantivos básicos como *guerra*, *festa*, *epidemia*, *catástrofe*, em cuja estrutura semântica se encontra espaço para estrutura eventiva (exemplos a), mas não para estrutura argumental (exemplos b). Esta aceção é visível através dos exemplos (1), (2), (3) e (4).

- (1) a. *A guerra entre Lancasters e Yorks durou 30 anos.*
b. **A guerra dos Lancasters pelos Yorks.*
- (2) a. *A festa durou a noite toda.*
b. **A festa do aniversário pela Ana.*
- (3) a. *A epidemia durou meses.*
b. **A epidemia da população pela gripe.*

⁹⁹ Um outro aspecto de que discordamos de Grimshaw (1990) tem que ver com a assunção da A. de que as nominalizações de verbos inacusativos não apresentam significação de ‘evento complexo’, mas apenas de ‘resultativo’, e logo, não possuem estrutura argumental. Brito (2005) apresenta exemplos e fundamentação teórica que demonstram que a visão de Grimshaw, quanto aos inacusativos, é errada.

¹⁰⁰ Cf. Alexiadou 2004: «[...] it is not simply the presence of an event interpretation that allows for A[rgument]S[tructure] properties, since simple event nouns have clearly an event reading but still do not allow for arguments.».

- (4) a. *A catástrofe deu-se num minuto.*
b. **A catástrofe da população pelas cheias.*

No que diz respeito aos deverbais de evento sufixados em *-ão*, o seu comportamento é equiparável ao dos substantivos básicos acima enunciados. Os exemplos (5) e (6) assinalam que estes deverbais são co-textualizáveis com expressões indiciadoras de evento. A sua co-textualização com pretensos argumentos revela-se agramatical, ao contrário do que acontece com deverbais eventivos construídos com outros sufixos.

- (5) a. *A Joana empurrou a Ana.*
b. *O empurrão deu-se num segundo.*
c. **O empurrão da Ana pela Joana.*
d. *A empurração da carroça pela Joana.*
- (6) a. *O corte de energia apagou as luzes.*
b. *O apagão deu-se num segundo.*
c. **O apagão das luzes pelo corte de energia.*
d. *O apagamento das luzes pelo corte de energia.*

Note-se que a ausência de estrutura argumental não está dependente do facto de se tratar de achievements, visto verbos de achievement, assim como os seus deverbais com outros sufixos, possuírem estrutura argumental, como atestam (7) e (8).

- (7) a. *O cão mordeu o Rui às cinco horas.*
b. *O mordimento do Rui pelo cão deu-se às cinco horas.*
- (8) a. *A cabeleireira arrepelou a Ana.*
b. *A arrepelação da Ana pela cabeleireira.*
c. **O arrepelão da Ana pela cabeleireira.*

Repare-se ainda que a substituição, por possessivo, quer do complemento correspondente ao objecto interno do verbo (exemplos (b) e (c)), quer do complemento correspondente ao argumento externo (exemplos (d) e (e)), (Brito & Oliveira 1997: 72-73; Brito 2003: 335; Picallo 1991: 285-286; Picallo 1999: 376)¹⁰¹ só ocorrem gramaticalmente

¹⁰¹ Para a organização sintáctica do sintagma nominal com deverbais veja-se Brito (1996). Para a estrutura argumental dos deverbais de verbos inacusativos de ‘aparecimento/desaparecimento’ e de ‘movimento’, veja-se Brito (2005).

com deverbais com sufixos que não *-ão* (exemplos 9, 10 e 11). Os exemplos (f) mostram que os produtos em *-ão* ostentam estrutura eventiva.

- (9) a. *A abanação do arbusto pela Ana.*
b. *A sua abanação pela Ana.*
c. **O seu abanão pela Ana.*
d. *A sua abanação do arbusto.*
e. **O seu abanão do arbusto.*
f. *O abanão deu-se às cinco horas.*
- (10) a. *A empurração do carrinho pela Ana.*
b. *A sua empurração pela Ana.*
c. **O seu empurrão pela Ana.*
d. *A sua empurração do carrinho.*
e. **O seu empurrão do carrinho.*
f. *O empurrão deu-se às cinco horas.*
- (11) a. *O apagamento da luz pelo técnico.*
b. *O seu apagamento pelo técnico.*
c. **O seu apagão pelo técnico.*
d. *O seu apagamento da luz.*
e. **O seu apagão da luz.*
f. *O apagão deu-se às cinco horas.*
- (12) a. *A arrepelação da Ana pela cabeleireira.*
b. *A sua arrepelação pela cabeleireira.*
c. **O seu arrepelão pela cabeleireira.*
d. *A sua arrepelação da Ana.*
e. **O seu arrepelão da Ana.*
f. *O arrepelão deu-se às cinco horas.*

Se os substantivos de evento em *-ão* possuem estrutura eventiva, mas não estrutura argumental, significa que é de questionar a ligação entre as duas estruturas como ligação inerente. O facto de o sufixo *-ão* não instanciar estrutura argumental é corroborado pela

ausência desta estrutura em deverbais de indivíduo construídos com o mesmo sufixo.¹⁰²
Remendão, respondão, vendão não admitem estrutura argumental, como se verifica pela agramaticalidade dos enunciados (13) a (15).

- (13) a. **O Luís é remendão de sapatos.*
b. *O Luís é remendador de sapatos.*
- (14) a. **O João é respondão de adivinhas.*
b. *O João é respondedor de adivinhas.*
- (15) a. **O Rui é vendão de carros.*
b. *O Rui é vendedor de carros.*

Observe-se que a comutação do complemento correspondente ao argumento interno do verbo só resulta gramatical nos deverbais em que ocorre estrutura argumental¹⁰³ (exemplos 16 e 17):

- (16) a. *O Luís é remendador de sapatos.*
b. *O seu remendador.*
c. **O Luís é remendão de sapatos.*
d. **O seu remendão.*
- (17) a. *O Rui é vendedor de carros.*
b. *O seu vendedor.*
c. **O Rui é vendão de carros.*
d. **O seu vendão.*

¹⁰² Piera & Varela (1999: 4395) defendem que formações adjectivais em castelhano como *abusón, llevadero e asustadizo* não possuem estrutura argumental. Os AA. enfatizam com estes exemplos que o facto de um lexema ser verbal não obriga à instanciação de estrutura argumental.

¹⁰³ O critério acima utilizado serve ainda para distinguir verdadeiros argumentos de complementos não argumentais de carácter determinativo, como o complemento presente em *a aguçadoura de lápis*. *De lápis* não representa um argumento. Não é gramatical **a sua aguçadoura*. *De lápis* é paralelo aos complementos presentes em *médico dos ouvidos, robot de cozinha*, não gramaticais quando convertidos em **o seu médico, *o seu robot*. Por sua vez, as frases com argumentos (*o conquistador do espaço*) não podem converter-se em **o conquistador é do espaço*, enquanto as frases com complementos determinativos podem (*a aguçadoura é de lápis; o médico é dos ouvidos*). Repare-se que os deverbais em *-ão* não admitem, no entanto, este tipo de complemento (**o remendão é de sapatos; *o vendão é de carros*).

Esta distinção corresponde à oposição entre produtos de indivíduo ‘eventivos’ e ‘não-eventivos’ de Gràcia i Solé (1995: 46-49) para o catalão. A A. esclarece que os complementos que ocorrem com os não-eventivos não ocorrem com demonstrativos, facto que comprova que não se trata de argumentos. Aplicando esse critério ao português, é possível *o vendedor daqueles carros*, mas é agramatical **o vendão daqueles carros; *a aguçadoura daqueles lápis*.

Esta uniformidade de não instanciação argumental oferece ao afixo um papel determinante na sua instauração e retira-o à RFP em jogo. O facto de *-ão* se tratar de um afixo de interface, com disponibilidade para se agregar a bases de categorias díspares - verbal e nominal (substantivo e adjetivo) -, acentua a sua não formatação de instaurador argumental.

Por outro lado, o facto de um produto deverbal de evento se encontrar desprovido de estrutura argumental vem enfatizar que a hipótese que lançámos na secção anterior acerca dessa estrutura é correcta. Essa hipótese definia que a estrutura argumental não é herdada da base verbal. É antes obtida dentro do próprio produto deverbal através de licenciamentos de carácter interno instigados pela combinatória semântica conseguida através da congregação de traços genolexicamente activados. Em relação aos produtos em *-ão* é possível, pois, determinar que a combinatória conseguida não oferece articulação com estrutura argumental.

É necessário dilucidar antes de mais estrutura eventiva de estrutura argumental, para compreendermos que, embora possam ocorrer interligadas, elas não são dependentes nem inerentes uma em relação à outra.

Para consolidarmos a sua independência, é necessário observar os eixos por que se rege uma e outra estrutura.

6.2.1 Breve nota sobre Estrutura eventiva e estrutura aspectual

No que toca à estrutura eventiva, assumimos que esta joga com caracteres dispostos no eixo do tempo enquanto conceito lexical (*time*). Não deve ser confundida com a variação expressa através da flexão Tempo (*tense*), que marca uma relação dêictica do elocutor em relação à referência (Reichenback ([1947] 2005: 71); Tenny (1994: 3)). Também não deve tomar-se como equivalente à variação de Aspecto, construída composicionalmente em co-texto.

Isto significa que, no nosso trabalho, assumimos que Tempo, Aspecto e Evento são noções diferentes. Numa abordagem simplista, podemos referir que a categoria Tempo pressupõe interface entre semântica-sintaxe-morfologia flexional-pragmática. A categoria Aspecto pressupõe interface entre semântica-sintaxe-morfologia flexional. A categoria

Evento situa-se no domínio do léxico, sem interface directa com a sintaxe nem com a pragmática, mas com actuação da morfologia derivacional.

Genolexicalmente, podem construir-se tipos de Eventos, mas não tipos de Aspecto, nem tipos de Tempo, o que corrobora a ligação da morfologia derivacional ao léxico e não à sintaxe. Para usar terminologia tradicional, as noções de Tempo e Aspecto possuem significação gramatical, enquanto a noção de Evento que aqui defendemos possui significação lexical. O Evento é independente da sintaxe. Consequentemente, o Evento não está sujeito lexicalmente à variação proveniente da co-textualização a que estão sujeitos Aspecto e Tempo. Este último está ainda sujeito a variação pragmática. Assim, o Evento não apresenta mutação co-textual.

Apresentaremos um simples exemplo para esclarecer o que intendemos: *comer* designa um Evento durativo. Co-textualmente pode fazer-se variar o Aspecto em que se insere esse Evento. Para isso basta anexar um argumento interno, que, segundo autores como Tenny (1994) e Verkuyl (1993), provê o predicado de uma leitura delimitada e, logo, de não-actividade, como em *O Rui comeu a maçã*.

Ora, na verdade, o que se faz variar através da colocação do argumento interno é o Aspecto e não o tipo de Evento. O Evento continua a ser durativo. Tal facto é comprovado pela agramaticalidade de **O Rui comeu um comprimido*. O enunciado é agramatical devido à incompatibilidade entre o factor momentâneo inerente ao Evento de ‘ingerir comprimido’ e o factor durativo inerente ao Evento ‘comer’.

Este exemplo demonstra que o argumento anexado não tem capacidade de alterar o tipo de Evento. O Evento não está sujeito a variação co-textual, por pertencer a um domínio onde não intervém a sintaxe. O argumento interno anexado pode apenas alterar o Aspecto, ou seja, o componente sujeito a variação co-textual, porque situado em domínio de interface com a sintaxe. A relação entre o verbo *comer* e o seu argumento interno é tecida no léxico, na face léxico-conceptual, pelo que é do léxico e não da sintaxe que advêm os constrangimentos entre o tipo de Evento e os argumentos.

Em suma, que peso têm os trabalhos sobre Aspecto como os de Verkuyl e de Tenny no nosso trabalho? Nenhum, visto lidarem com objectos ontologicamente distintos. Defendemos no nosso trabalho a distinção entre Evento e Aspecto e não a anulação dessa distinção como pretende Verkuyl (1993). Essa distinção corresponde em Smith (1991) à oposição entre ‘situation aspect’ e ‘viewpoint aspect’ e em Rothstein (2004) à oposição

entre ‘Aspecto lexical’ («properties of event-types») e ‘Aspecto gramatical’ («distinction in perspective on events») (Rothstein 2004: 1).¹⁰⁴

A distinção entre Evento e Aspecto é equivalente, sem com ela se confundir, à distinção entre tempo lexical (*time*) e Tempo gramatical (*tense*). O primeiro diz respeito a conceptualizações de âmbito lexical visíveis, por exemplo, em lexemas como *século*, *minuto*, *momento*, enquanto o segundo lida com a localização temporal proposicional em relação à situação de enunciação.

6.2.2 Retoma de estrutura eventiva vs. estrutura argumental

6.2.2.1 Evento

A presença do eixo temporal, porque é inerente a evento, permite a distinção de eventos de não-eventos, na medida em que os últimos são preferencialmente situáveis linguisticamente em eixos espaciais euclidianos. Assim, os eventos são mensuráveis temporalmente, enquanto os não-eventos são mensuráveis espacialmente.

É necessário colocar neste ponto um caveat importante: a caracterização que aqui tecemos de evento e de não-evento é, necessariamente, uma caracterização linguística e não física.¹⁰⁵ Uma caracterização física nega a focalização espacial dos não-eventos bem como a focalização temporal dos eventos, pois qualquer um destes objectos ontológicos depende fisicamente das quatro dimensões, que são indissociáveis (espaço de Minkowski) à luz da física da relatividade. O nosso objectivo não é analisar o evento nos seus moldes físicos, tarefa para a qual não possuímos competência alguma e que seria despropositada num trabalho de linguística que começa por enfatizar que a realidade física não é acessível linguisticamente em termos objectivos. A física é uma ciência, enquanto a linguagem comum, que aqui pretendemos analisar, não é uma ciência que analisa o real. Isto significa que a linguagem focaliza de modos distintos as dimensões do espaço de Minkowski quanto aos eventos e aos não-eventos. O evento formatado linguisticamente não é igual ao evento

¹⁰⁴ Uma simples citação de Rothstein (2004: 34) condensa e justifica a necessidade da distinção entre Evento e Aspecto: «*Build a house* and *build houses* are, respectively, telic and atelic VPs headed by an accomplishment verb, and *run to the store*, or *run a mile* are both telic VPs headed by an activity verb.».

¹⁰⁵ O mesmo tipo de distinção é feito por Moens & Steedman ([1998] 2005) em relação às categorias temporais linguísticas.

físico. Para o primeiro concorrem conceptualizações baseadas em constructos perceptivos que, necessariamente, são ilusórios.¹⁰⁶

A dimensão temporal que caracteriza um evento faz parte da sua estrutura lexical e não decorre da instanciação em enunciado do lexema, embora tenha reflexos enunciativos. Podemos dizer que a classe ‘evento’ é uma classe semântico-referencial, paralela à de ‘animados’ e ‘não-animados’, ‘qualidades’, etc.

É necessário alertar para a distinção entre Evento e substantivos que significam medidas temporais como *hora*, *minuto*, *segundo*, *século*, etc. Estes últimos são designadores de medida, enquanto o Evento não designa uma medida, mas algo que é mensurável por essas medidas.

De acordo com Verkuyl (1999: 240), esta distinção prende-se com uma ramificação primeira entre ‘nomes contíguos’ e ‘nomes discretos’. Os nomes contíguos são exemplificados por *hora*, *minuto*, *século*, *ano* e são caracterizados da seguinte maneira (Verkuyl 1999: 240): «Every contiguous unit *ci* is immediately followed by a unit *ci+1* of the same length. Moreover, any union of a set of consecutive temporal units yields an interval.».

Os nomes discretos, pelo contrário, implicam a não contiguidade entre as unidades. Os nomes discretos ramificam num tipo exemplificado por nomes como *noite*, *verão* e num tipo ilustrado por nomes como *férias*, *passeio*. No primeiro tipo, pressupõe-se que haja um intervalo equidistante entre uma unidade e a unidade seguinte da mesma instância. No segundo tipo, não se pressupõe a existência de intervalos equidistantes entre as unidades da mesma instância (Verkuyl 1999: 240-241).

Parece-nos que há a fazer mais distinções entre os nomes como *férias*, *passeio* e as classes de contíguos e de discretos equidistantes em conjunto. No que toca às duas classes de contíguos (*hora*, *minuto*) e discretos equidistantes (*verão*, *noite*), aduzimos que os contíguos possuem semântica de medida intrínseca invariável,¹⁰⁷ pelo que a sua

¹⁰⁶ A discrepância entre os objectos definidos fisicamente e definidos pelo senso comum é ilustrada, por exemplo, pelo conceito de ‘segundo’. Um ‘segundo’ corresponde fisicamente a «[...] the duration of 9 192 631 770 periods of the radiation corresponding to the transition between the two hyperfine levels of the ground state of the caesium-133 atom.» (www.wikipedia.org). Contudo, essa noção não é necessária ao uso comum do lexema segundo.

¹⁰⁷ Observe-se que não é semanticamente aceitável um enunciado como **o século XX durou cem anos e o século XIX durou 99 anos*.

mensuração se torna redundante, enquanto *noite*, *verão* possuem semântica de medida intrínseca variável.¹⁰⁸

Os contíguos (*hora*, *minuto*) e os discretos de medida de tempo (*verão*, *noite*) distanciam-se dos discretos como *férias* e *passeio*, pelo facto de os primeiros conterem no seu domínio semântico apenas a dimensão temporal, enquanto *férias* e *passeio*, para além de integrarem a dimensão temporal no seu domínio semântico, integram outros vectores que os distanciam do outro grupo de substantivos indicadores de tempo.

Vejamus: definimos que o que caracteriza um Evento é a sua instanciação no eixo do tempo. Será o vector tempo suficiente para que haja um Evento? Serão os substantivos *hora*, *minuto*, *tempo* Eventos?

A resposta é negativa, na medida em que um Evento pressupõe a localização lexical de uma entidade no eixo do tempo. A especificação da localização como 'lexical' permite distinguir Evento de Proposição.¹⁰⁹ Uma unidade como *O Rui nasceu em 1976* localiza a entidade *Rui* no eixo do tempo. No entanto, a unidade é sintáctica e não lexical, pelo que se trata de uma proposição e não de um Evento. Seguindo Pustejovsky (1995: 157), uma proposição está dependente da ocorrência de tempo gramatical.

O A. fornece através dos exemplos (36a) *Mary arrived at 3 pm.*, (36b) *Mary's arrival at 3 pm.* e (37) *Mary's arrival was at 3 pm.* (Pustejovsky 1995: 157) a distinção entre evento e proposição. Embora (36a), (36b) e (37) possam referir-se ao mesmo evento, apenas (36a) e (37) são proposições, visto serem os únicos enunciados com marcação temporal. De acordo com Pustejovsky (1995: 157), «[...] only through tensing of an event-selecting predicate can the event in (36b) contribute propositional information [...]», como mostra o exemplo (37) acima transcrito.

Em suma, retomando as palavras de Pustejovsky (1995: 157-158), «[...] both untensed sentences and NPs may denote event descriptions, but the manner with which they denote is quite different, distinguished by their types. A proposition is seen as the result of applying tense to an event description.». Evento não é sinónimo de proposição, visto o

¹⁰⁸ É verdade que substantivos como *verão* podem também designar intervalos temporais fixos, mediados por balizas convencionalizadas. Contudo, se *verão* for utilizado num enunciado como *este verão só durou um mês, por causa da chuva*, torna-se saliente o que pretendemos dizer a respeito da variabilidade/invariabilidade das medidas de tempo. Situação diversa desta é aquela ocorrente em *esta semana passou muito depressa esta hora demorou a passar*, em que o que temos não é uma medição objectiva, mas subjectiva do tempo. Correspondente à *durée* definida por Henri Bergson, esta versão subjectiva não tem pertinência para o que pretendemos.

¹⁰⁹ Não nos serviremos da distinção entre evento e proposição operada em Zucchi (1993) por este se reger pelo domínio discursivo e não lexical (mesmo no caso dos eventos).

primeiro lidar com a noção de tempo lexical, enquanto o segundo lida com a instanciação temporal gramatical.

Regressando ao problema da distinção de lexemas que significam Eventos e de outros lexemas que, ainda que lidem com a noção de tempo, não são eventos, podemos observar que a localização temporal de cariz lexical, por nós definida como carácter essencial de Evento, não ocorre em substantivos como *hora*, *tempo* ou *minuto*. É verdade que *hora* e *minuto* podem, em usos metaconceptuais, ser inseridos em enunciados como *Uma hora dura 60 minutos/Um minuto dura 60 segundos*. Estes enunciados, no entanto, demonstram que *hora* e *minuto* (este último no segundo enunciado) estão a ser localizados no eixo do tempo sintacticamente, pelo que entramos no domínio da proposição.

6.2.2.2 Interfaces activadas na construção de ‘Evento’: sua arquitectura lexical

Para que haja Evento é, assim, necessário que se conceptualize uma ocorrência num eixo temporal, lexicalmente. Contudo, falarmos em ‘ocorrência’ corre o risco da tautologia em relação a ‘evento’. Uma outra formulação seria a de que um Evento possui participantes. Todavia, esta nova formulação acarreta o risco de cairmos na imiscuição da qual pretendemos sair acima: a da inerência - que negamos - entre estrutura eventiva e estrutura argumental.

Para além disso, um evento não tem obrigatoriamente participantes linguisticamente convertidos, como atestam *trovoada* e *catástrofe*.

Duas dimensões parecem, no entanto, fundamentais: a de tempo e a de entidades que se localizam no tempo. Se nos limitarmos a esta formulação, todavia, caímos no domínio da proposição.

Para deslaçar essa ligação, é necessário redefinir que o Evento localiza lexicalmente (pelo menos) uma entidade no eixo do tempo, sob conceptualização semântica, mas sem obrigatória activação dessa relação em termos sintácticos, ou seja, sem inerente gramaticalização da relação entre participantes e ocorrência. Essa activação sintáctica pode co-ocorrer em Evento, mas no decurso da estrutura léxico-conceptual em conexão com a estrutura argumental e não directamente da estrutura eventiva.

Em suma, o Evento é definido semanticamente através de dois vectores conceptuais: tempo e participantes. Se ocorrer gramaticalização dos participantes do Evento, é porque ocorreram as seguintes operações:

1) conversão de um vector conceptual - participantes - em componentes da estrutura léxico-conceptual;

2) interface da estrutura léxico-conceptual com a estrutura argumental;

3) interface da estrutura argumental com a estrutura sintáctica.

Para ocorrer interface com a sintaxe, o nível semântico de actuação não é o da estrutura eventiva, mas o da estrutura léxico-conceptual, ou seja, aquele em que se integram as relações entre os participantes, independentemente do eixo do tempo. Isto significa que não é a estrutura eventiva que instancia a estrutura argumental. Observe-se ainda que os participantes se localizam na fiada conceptual e não na léxico-conceptual. Pode ocorrer conversão dos participantes em elementos da estrutura léxico-conceptual, se se der algum tipo de lexicalização, ou seja, de mutação em fenómeno linguístico, dos mesmos.

Um exemplo como *guerra* mostra que os participantes deste Evento não se localizam apenas na fiada conceptual, mas que possuem conversão léxico-conceptual. Tal é visível pela admissão de complementos em *a guerra entre gregos e troianos*, que, no entanto, não parecem corresponder a argumentos verdadeiros.¹¹⁰ *Catástrofe*, pelo contrário, possui participantes a um nível meramente conceptual e não léxico-conceptual. Apenas se houver acesso da fiada conceptual à fiada léxico-conceptual é que poderá ocorrer posterior gramaticalização dos participantes em termos argumentais.

Em termos de organização das estruturas, podemos dizer que:

Existe a estrutura semântica onde se encontram estruturas conceptuais. Dentro destas encontram-se, entre um número infinito de outras, ‘tempo’ e ‘participantes’. Estas não possuem carácter linguístico; antes funcionam em interface com dados não-linguísticos

¹¹⁰ Pustejovsky (1995: 162) analisa o evento *war* e indica que «The basic predicative force of the nouns is to denote an event between two individuals, both of which are represented as default arguments, and are optionally expressed in the syntax. They must be logically represented, however, because of the interpretation necessary for NPs such as [...] the war between the U.S. and the Vietnam. [...] France’s war with Russia. [...]». Pustejovsky (1995: 63) define os *default arguments* como «Parameters which participate in the logical expressions in the qualia, but which are not necessarily expressed syntactically [...]». Também Grimshaw (1990) apresenta forma de distinguir os participantes que ocorrem em moldes argumentais daqueles que estão no domínio da estrutura léxico-conceptual, mas não argumental. Grimshaw (1990: 91-93) designa os primeiros por “argumentos” e os segundos por “complementos”. Grimshaw concebe ainda os “modificadores” que se relacionam com o substantivo através de predicação, enquanto «a complement must be licensed by direct relationship to the lcs» e um argumento por «theta-marking». No caso dos modificadores, encontram-se exemplos como *John’s dog* (pág. 93), em que o modificador não faz parte da estrutura léxico-conceptual do nome. No caso do complemento, Grimshaw apresenta o exemplo *John’s murder*. Dado que o modificador se relaciona com o nome predicativamente, apenas o modificador pode ocorrer em construções copulativas (Grimshaw 1990: 97), o que não é aceitável no caso do complemento. Tal é atestado pela gramaticalidade de *the dog is John’s* face à agramaticalidade de **the murder is John’s*.

(Jackendoff 2002: cap. 9).¹¹¹ A mutação de ‘tempo’ em semântica lexical ocorre sob a forma de estrutura eventiva. A mutação de ‘participantes’ em semântica lexical ocorre sob a forma de estrutura léxico-conceptual. As estruturas eventiva e léxico-conceptual são, assim, estruturas paralelas e não possuem entre si relação de inclusão.

Para que haja um Evento, é necessário um conceito de ‘tempo’ formatado lexicalmente em estrutura eventiva e um conceito de ‘participante’. Dado que não há ligação em série entre estrutura eventiva e estrutura léxico-conceptual, o componente semântico ‘participante’ não tem de ser formatado lexicalmente para que ocorra Evento. A assimetria da obrigatoriedade do tipo de organização das fiadas comprova a arquitectura paralela de interfaces.

Em resumo, Evento não é ‘participantes’ nem é ‘tempo’. Evento é composto por estes dois elementos conceptuais: a) participantes e b) tempo. Estes componentes são independentes um do outro. Porque são independentes, a conversão lexical de um e de outro acarreta derivas estruturais diferentes e independentes uma da outra. Por sua vez, porque são independentes, podem combinar-se ou não num lexema. Por exemplo, *digno de* apenas possui o componente ‘participantes’, que é convertido linguisticamente em relações gramaticais, e não o componente ‘tempo’.

Pelo contrário, *catástrofe* possui componente conceptual de ‘tempo’, e a sua consequente deriva em estrutura eventiva, e possui o componente ‘participantes’ em termos semânticos. Contudo, este último não sofrerá conexão com a estrutura léxico-conceptual e, consequentemente, não desenvolverá interface com estrutura argumental.

Por último, *comer* possui componente conceptual de ‘tempo’ e componente conceptual de ‘participantes’. Os dois componentes conceptuais desenvolvem conexões com as estruturas lexicais que lhes dizem respeito, ou seja, ‘tempo’ com a estrutura eventiva e ‘participante’ com a estrutura léxico-conceptual. Esta última desenvolve interface com a estrutura argumental.

¹¹¹ Recordamos que para Jackendoff (2002: 282) as estruturas conceptuais mantêm ligação com a linguagem, mas não são desta exclusivas («[...] consider the domain of linguistic semantics to be continuous with human conceptualization as a whole.»). Por outro lado, as estruturas conceptuais mantêm interface com a percepção e a acção. Na mente-f, encontram-se as estruturas do pensamento que são regidas por regras de formação específicas. Essas estruturas mantêm relações de interface com a percepção e a acção, que, por sua vez, também mantêm ligações entre si e com o mundo exterior. A relação do mundo com a acção faz-se desta para o primeiro, enquanto a relação do mundo com a percepção se faz, obviamente, do mundo para a percepção. As estruturas do pensamento apresentam ainda interface com a fonologia e a sintaxe, sendo que a primeira, por sua vez, se relaciona com o mundo através de sinais sonoros.

Através do carácter paralelo das estruturas léxico-semântica e eventiva desenvolvidas a partir, respectivamente, dos conceitos ‘participante’ e ‘tempo’ torna-se patente a incorrecção de formulações como as de Grimshaw (1990), que fazem depender estrutura argumental de evento.¹¹² A observação por Grimshaw (1990: 58-59) de que existem substantivos eventivos, como *trip, race, event, exam*, que a A. designa por “simple event nominals”, sem estrutura argumental é comprovativa da dissociação entre os dois tipos de estrutura. Contudo, a definição teórica de estrutura argumental que a A. segue, em que a estrutura argumental está dependente de uma estrutura eventiva complexa, impõe a Grimshaw a separação entre eventos simples e complexos. Os primeiros não associam estrutura argumental, enquanto os segundos o fazem. Trata-se de uma solução teoricamente tautológica e que não prevê o carácter paralelo das estruturas eventiva e argumental em termos de arquitectura da linguagem.

Se tivermos em consideração a arquitectura paralela, compreendemos que as várias estruturas, ao funcionarem em paralelo, podem seguir as suas interfaces dentro do mesmo lexema, mas de modo independente. Isto explica

i) por que motivo o mesmo lexema apresenta estrutura argumental em alguns significados e noutros não;

ii) por que motivo uns eventos apresentam participantes gramaticalizados e outros eventos não.

A activação das interfaces não está a cargo do lexema em si, mas das estruturas que entram em interface umas com as outras.

Este modelo demonstra que não é necessário recorrer a propostas, como aquela apresentada em Gross & Kiefer (1995), que colocam um substantivo eliptizado a anteceder um substantivo que mostra estrutura eventiva sem estrutura argumental, como *film* (em francês). Segundo Gross & Kiefer (1995: 47), a elipse, no caso de *film*, será do deverbal *projection*, dentro de outras hipóteses que decorrem do nosso conhecimento do mundo e da sua adequação ao contexto enunciativo.

Contudo, perante substantivos como *école* que pode exibir estrutura eventiva,¹¹³ Gross & Kiefer sustentam que não é possível conceber a eliptização de um substantivo

¹¹² Cf. e.g. Grimshaw (1990: 49): «Since argument structure is composed from the aspectual and thematic analysis of a predicate, we can now hypothesize that any predicate lacking an aspectual analysis will also lack an argument structure and will never take any grammatical arguments at all.»

¹¹³ Cf. exemplos 15 apresentados pelos AA. na pág. 48: *L'école a commencé/s'est terminée à quatre heures. L'école a duré toute la journée.*

deverbal, devido à complexidade da rede de eventos relacionáveis com ‘escola’. Propõem antes um ‘décalage conceptual’ a mediar o semantismo de ‘établissement scolaire’ e o de ‘processus’.

Gross & Kiefer (1995: 50) chegam à seguinte formulação: «Un substantif (non déverbal) ne peut fonctionner en tant que substantif d’événement que dans le cas où il peut être considéré comme résultat d’un décalage conceptual ou d’une extension métonymique aboutissant à la lecture dynamique (‘processus’). Ce décalage introduit à la fois la structure aspectuelle d’un processus [...]».

No entanto, os AA. referem outros substantivos de evento que entendem não ser explicáveis à luz do ‘décalage conceptual’. São estes *tempête, guerre, campagne, croisade, accident, aventure, cérémonie, épidémie, choléra, peste*, entre outros (pág. 50). Gross & Kiefer (1995: 51) definem que, nestes casos, o traço ‘eventivo’ se encontra inscrito na entrada lexical de cada um destes itens.

Como é visível, Gross & Kiefer tecem origens diversas para a estrutura eventiva dos vários substantivos. Quando as soluções primeiras falham, recorrem à explicação mais simples de que é nas próprias entradas lexicais que se encontra estabelecido o carácter eventivo dos semantismos.

A nossa proposta permite unificar a razão dos semantismos eventivos de todos estes substantivos, sem a necessidade de multiplicação de explicações oriundas de níveis diversos da linguagem (lexical (*guerra*), derivacional (substantivos deverbais), sintáctico-enunciativo (*filme*), semântico-enunciativo (*escola*)) para um fenómeno que é lexical. Se concebermos a paralelização das estruturas eventiva e argumental, bem como internamente a cada uma destas estruturas que as constituem, é possível compreender o funcionamento eventivo dos diversos substantivos.

A figura 7 formaliza os constituintes em interface e sua estruturação para um item lexical de Evento.

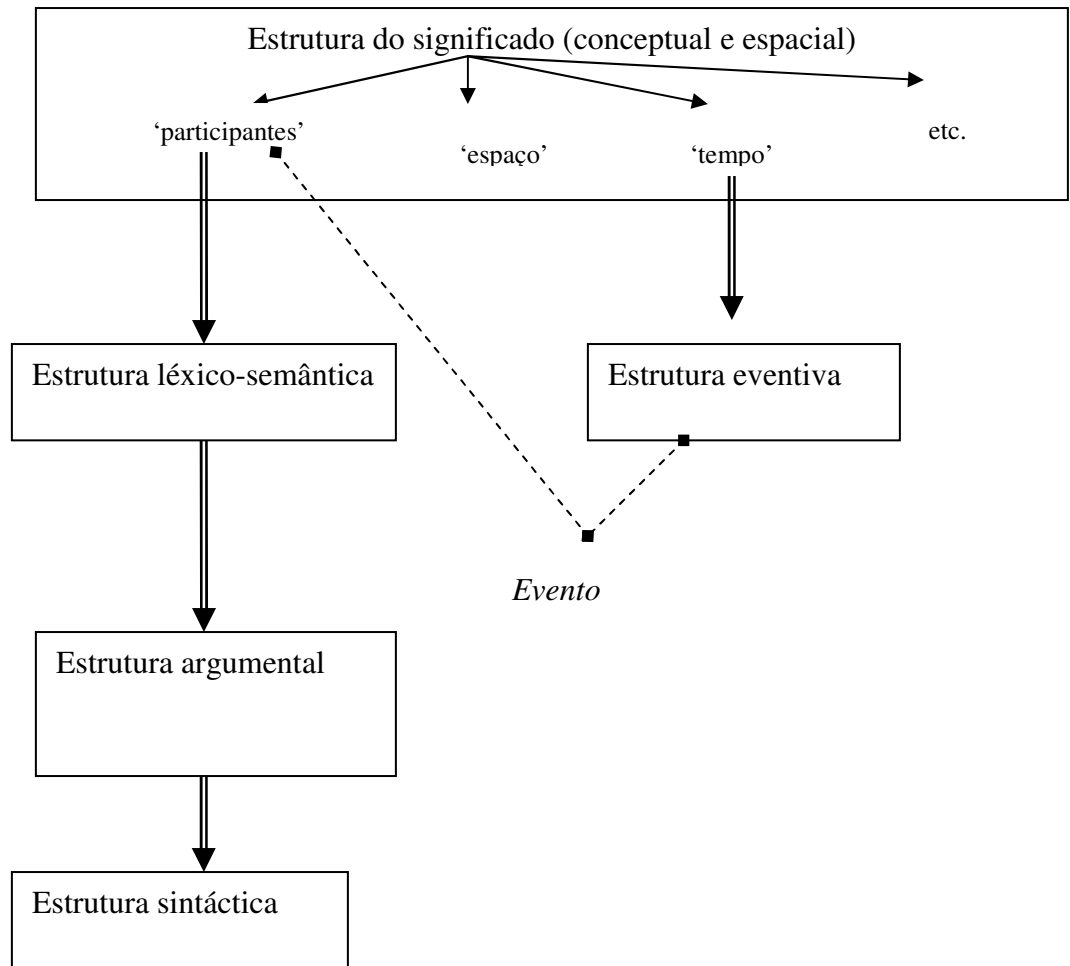


Figura 6. Arquitectura lexical da categoria ‘Evento’

Em primeiro lugar, focando a figura 7, observe-se que a concepção que aqui utilizamos de Evento pressupõe que este se refere a um tipo de semantismo enformado lexicalmente. Se se tratasse de uma unidade inscrita meramente na estrutura do significado, não poderíamos referi-la como constituída por uma estrutura eventiva, visto que esta se encontra já no domínio linguístico e não meramente conceptual. É necessário, pois, recordar a concepção de Jackendoff (2002) acerca da interface entre semântica, sintaxe e fonologia, e ainda acerca da interface entre a estrutura do significado e a linguagem. Como refere Jackendoff (2002: 123), «[...] the thoughts expressed by language are structured in

terms of a cognitive organization called *conceptual structure* (CS). Conceptual structure is not part of language per se - it is part of thought.».

O uso que aqui fazemos de Evento não situa este no domínio do pensamento, mas no domínio da interface deste com a linguagem. Concebemos, pois, que os constituintes da estrutura do significado que se encontram em Evento são os de ‘participante’ e de ‘tempo’. Observe-se que a interface da estrutura do significado com a percepção e a acção (Jackendoff 2002) se revela aqui de modo claro. As noções de ‘tempo’ e ‘participantes’ estão dependentes de constructos realizados através dessas interfaces.

É necessário ainda esclarecer que sob a designação de ‘participantes’ como conceito se encerra uma complexidade conceptual que aqui abreviamos sob este termo. Apesar de ‘participantes’ surgir, na figura 7, igualitariamente a ‘espaço’ e ‘tempo’, deve ter-se em atenção que ‘participantes’ é apenas uma forma de sintetizar uma infinidade de objectos ontológicos já definidos relacionamente.¹¹⁴ Os ‘participantes’ não devem ser entendidos como equivalentes a entidades articuláveis com papéis-temáticos, nem com entidades concretas, nem com entidades discretizáveis linguisticamente sob a forma de complementos. Muitas vezes, esses participantes não se oferecem como entidades de

¹¹⁴ Observe-se que mesmo os conceitos de ‘tempo’ e ‘espaço’ não são monoconceitos. Em relação a ‘espaço’, muito para lá de simples distinções entre as três dimensões euclidianas, há a ter em conta vectores que Jackendoff (2002) integra na estrutura espacial. A estrutura espacial lida com o modo como entendemos espacialmente o mundo físico. Esta função não joga somente com a percepção espacial imediata, mas também com o armazenamento dessas informações na memória de longo prazo (Jackendoff 2002: 346). Da estrutura espacial fazem parte informações relativas à forma, ao movimento, à disposição no espaço percebidas através dos sistemas visual, tátil, auditivo e somato-sensório. De acordo com Jackendoff (2002: 346), «This integration is what enables you to know by looking at an object where to reach for it, and what it should feel like when you handle it.». Na verdade, a estrutura espacial «[...] must encode the shape of objects in a form that is suitable for recognizing an object at different distances and from different perspectives, i. e. it must solve the classic problem of object constancy.» (Jackendoff 2002: 346). A estrutura espacial suporta, assim, a identificação e a categorização de objectos captados sob diferentes perspectivas e proporciona as aptidões necessárias à navegação e ao alcance de objectos (Jackendoff 2002: 346). As duas estruturas, conceptual e espacial, encontram-se em interface. Cf. Jackendoff (1996) e Jackendoff & Landau (1992). Jackendoff (2002: 348) aproxima a estrutura espacial de um semantismo daquilo que é designado por “imagem de uma instância prototípica de uma categoria” por autores como Rosch & Mervis (1975) e Putnam (1975). O A. (2002: 348) dá o exemplo do conceito de *cat*. Este conterá uma estrutura conceptual, onde se incluem noções como as de ‘animal’, ‘felino’ e ‘de estimação’, e uma estrutura espacial, onde estão previstos os traços da forma, das possíveis cores e do modo de locomoção do objecto.

Quanto à figura 7 do nosso trabalho, a bem do rigor, ‘espaço’ e ‘tempo’ deveriam ser colocados na estrutura espacial e não conceptual, ambas dentro da estrutura do significado. Essa divisão é simplificada na figura 7. Tal redução esquemática tem apenas como objectivo a simplificação e não a anulação ou o esquecimento da identidade da estrutura espacial e baseia-se na assunção de Jackendoff (2002: 347) de que «[...] there is overlap between the two levels [spacial and conceptual], in that the notions of physical object, part-whole relationships, locations, force, and causation have reflexes in both systems. It is this shared components that enable the two systems to communicate with each other through an interface of the usual sort.».

segmentação discretizável perceptivamente. E mesmo conceptualmente, a sua discretização está dependente de instrumentos adequados à sua análise.

Por exemplo, um Evento como *guerra* é de imediato identificável com os ‘participantes’ correspondentes a duas facções contrárias: ‘gregos’ e ‘troianos’, por exemplo. Neste caso, estes participantes encontram eco na estrutura léxico-conceptual do item *guerra*. Contudo, outros ‘participantes’ semânticos como ‘armas’, ‘efeitos’, etc. não são relacionáveis com posições léxico-semânticas de *guerra*. Um Evento como *catástrofe* não apresenta de modo imediato ‘participantes’, se nos regermos pela correspondência destes com unidades linguísticas. Não há um ‘participante’ que possua interface com a estrutura linguística de *catástrofe*. Contudo, o conceito de ‘catástrofe’ encerra um conjunto de ‘participantes’, como ‘conjunto de indivíduos afectados’, ‘entidade que afecta os indivíduos’, ‘efeitos’. Por último, *trovoada*, *tornado* contêm ‘participantes’ que são fenómenos naturais em grande parte apenas discretizáveis por instrumentos de análise científicos. Em todo o caso, é essencial que não se confunda o conceito ‘participantes’ com unidades ou estruturas linguísticas, muito menos na sua redução a correspondentes argumentais.¹¹⁵

É pelo facto de muitos Eventos não equacionarem os ‘participantes’ com a face léxico-conceptual que indicamos na figura 7 que o componente conceptual ‘participantes’, em conexão com o componente ‘estrutura eventiva’, inscrito na linguagem, e com interface com o componente conceptual ‘tempo’, é suficiente para o constructo Evento. Ou seja, o componente ‘participante’ não necessita de estar em interface com a estrutura léxico-conceptual para construir Evento. Já o componente conceptual ‘tempo’ tem obrigatoriamente de estar em interface com a estrutura linguística que é a estrutura eventiva para poder formar Evento.

Dado que o componente conceptual ‘participante’ mantém possibilidade de activação de interface com a estrutura léxico-conceptual, não está fechada a activação desta para um item Evento. Daí que haja Eventos com estrutura léxico-conceptual que enforma os ‘participantes’ e ainda com as estruturas que estão em interface com esta (estrutura argumental e estrutura sintáctica).

¹¹⁵ Jackendoff 2002: 349: «With or without language, the mind has to have a way to unify multimodal representations and score them as units (that is, to establish long-term memory “binding” in the neuroscience sense). The structures that make this a “lexical item” rather than just a “concept” simply represent an additional modality into which this concept extends: the linguistic modality.».

6.2.2.3 Clarificação dos conceitos de ‘estrutura léxico-conceptual’, ‘evento’ vs. ‘estrutura eventiva’ e ‘argumento’ vs. ‘modificador’

Após tecermos estas considerações acerca de Evento/estrutura eventiva e estrutura argumental, resta-nos observar determinados conceitos não-explicitados.

Um desses conceitos diz respeito a ‘estrutura léxico-conceptual’ ou ‘estrutura léxico-semântica’. Nesta estrutura integramos os participantes/intervenientes numa relação e excluímos os componentes de evento. A relação entre os participantes pode ser de evento, mas esta explicitação não está integrada nesta estrutura. Esta postulação pode suscitar refutações: se os componentes da estrutura léxico-conceptual resultam de uma organização relacional entre si e se essa organização relacional está dependente do evento em si mesmo, como é possível manter que evento não está incluído na estrutura léxico-conceptual?

A esta questão respondemos que é necessário ter em conta que

1) existem relações que não são eventos, como aquelas expressas em *digno de*, *próximo de*, *orgulho em*, etc.;

2) no caso das relações que são eventos, é o próprio evento que conglomera as estruturas eventiva e a léxico-conceptual. Assim, a decomponibilidade das estruturas assegura a viabilidade da separação entre participantes e a instanciação da relação dos mesmos no eixo temporal.

Ainda que se trate de uma fiada da estrutura semântica, a estrutura léxico-conceptual, conforme a sua designação, acarreta já conexões lexicais, ou seja, interrelações semânticas entre participantes formatadas lexicalmente. Daí que se tenha concebido no nosso trabalho uma fonte extra a par das fontes léxico-conceptual e eventiva. Por exemplo, no que diz respeito a uma significação de um verbo como *comer*, os únicos intervenientes léxico-conceptuais são um Agente e um Objecto e não um Local, ainda que *comer* pressuponha conceptualmente um ‘local’. Se houver intervenção de ‘local’ num enunciado que inclua *comer*, será proveniente de fonte extra, através da sintaxe, da estrutura semântica, e não léxico-conceptual. Se o mesmo componente intervier na genolexia de um lexema a partir de *comer* (e.g. *comedouro*), será igualmente proveniente de fonte extra da estrutura semântica, mas não através da sintaxe.

Em segundo lugar, é necessário explicitar que Evento e estrutura eventiva não designam o mesmo objecto ontológico. ‘Evento’ designa uma classe léxico-semântico-referencial que contém estrutura eventiva, a par de componente ‘participante’, este situado

noutro nível de outra fiada. ‘Estrutura eventiva’ designa tipos de traços que desenham ‘Evento’. O facto de referirmos que um Evento possui estrutura eventiva é justificado pela composicionalidade semântica de cada Evento. Cada Evento possui uma estrutura composta por traços semânticos eventivos, ou seja, é uma unidade molecular e não um primitivo. Como ficará explicitado no cap. IV, § 1.3, rejeitamos a utilização de nomenclaturas que tratam o Evento como bloco monolítico e adoptamos um conjunto de traços de montagem lexical.

Por último, um esclarecimento é devido ao carácter argumental ou não de objectos sintácticos como os sublinhados nos enunciados que se seguem:

(18) a. *A dignidade do Rui.*

b. *Digno de pena.*

Este esclarecimento emerge de havermos estipulado que a estrutura argumental e a estrutura eventiva não se encontram inerentemente interligadas e que, por isso, é possível existirem lexemas com estrutura argumental e sem estrutura eventiva e vice-versa. Contudo, não é o simples facto de ocorrência de um substantivo com apêndices sintácticos introduzidos preposicionalmente que confere carácter argumental a esses apêndices.

Regressando aos exemplos *a dignidade do Rui* e *digno de pena*, assumimos que *de pena* é um argumento, enquanto *do Rui* não é um argumento. Tal distinção é justificada pela ancoragem do argumento *de pena* no léxico (a estrutura argumental está em interface com o léxico), apesar de, mas também por, ter efeitos na sintaxe (a estrutura argumental está em interface simultânea com a sintaxe) e na não-ancoragem do componente *do Rui* no léxico. Este último é antes emergente na sintaxe, sem passar pelas estruturas léxico-conceptual e argumental. Utilizando a nomenclatura de Grimshaw (1990), *do Rui* no co-texto *a dignidade do Rui*, é um modificador. Já *de pena*, no co-texto *digno de pena*, é um argumento.¹¹⁶

Vejam-se, com o mesmo propósito, as distinções entre *a festa da Ana/o festejo dos anos pela Ana/o filme de Manoel de Oliveira do V Império/ a filmagem do V Império pelo Manoel de Oliveira/a cólera de Aquiles/ a encolerização de Aquiles*. Apesar de os primeiros elementos de cada par comportarem Eventos, estes não transportam estrutura argumental. Os apêndices preposicionais que os rodeiam funcionam como modificadores e não como argumentos.

¹¹⁶ A propósito da estrutura argumental dos adjectivos, vejam-se Bosque (1999: 217-310) e Brito (2003: 383-386).

A mesma situação no que toca à classificação dos apêndices ocorre em lexemas como *pai/mãe/filho*, etc. Apesar de estes implicarem significações relacionais, estas situam-se a um nível semântico-referencial e não léxico-conceptual e, logo, muito menos argumental.¹¹⁷ As abordagens como as de Williams (1981), que concebe que cada substantivo contém um argumento “R” que é semântico e não argumental, é que sustêm que um apêndice como *do João* em *o pai do João* é um argumento. Esta concepção fundamenta-se na relação de predicação entre *do João* e *o pai* instaurada através da coindexação dos argumentos “R” de um e de outro substantivo.¹¹⁸

Já tivemos ocasião de demonstrar a nossa rejeição do conceito de argumento “R”, tendo em conta a sua inscrição em domínios que não o da estrutura argumental. Mas o próprio facto de essas teorias utilizarem esta argumentação a favor do carácter argumental destes apêndices demonstra que a relacionalidade entre *pai* e *João* é de âmbito semântico-referencial e não argumental. O argumento “R” situa-se nos domínios semântico-referenciais e não no domínio da estrutura argumental.

Situação simétrica é apresentada em exemplos como *uma caixa de dióspiros/uma cesta de figos*. Contudo, estes modificadores possuem valor partitivo, ausente dos exemplos dos substantivos relacionais. Por sua vez, exemplos como *um livro de Calvino / *um livro por Calvino, uma teoria de Kant / *uma teoria por Kant, a imperatriz Isabel de Portugal de Ticiano / *a imperatriz Isabel de Portugal por Ticiano* atestam que, mesmo quando os apêndices possuem uma marca semântica de agente/criador, não são introduzíveis pela preposição *por*, por não serem argumentos. A preposição *por* é viável quando essa marca semântica de agente/criador ocorre em argumentos. Nestes exemplos, ainda que semanticamente a relação de Calvino, Kant e Ticiano com as obras respectivas seja de agentividade/criação, essa relação é referencial e não gramatical.

¹¹⁷ Cf. Kiefer (1999: 58) que preconiza que estes substantivos possuem estrutura argumental por serem relacionais: «[...] tous les substantifs simples qui expriment une relation ont forcément une structure argumentale.».

¹¹⁸ Cf. Grimshaw (1990: 97): «For modifiers the relationship between the head and the modifier is one of predication in which the modifier is predicated of the external argument of the head noun, its *R* argument in a theory like that of Williams [...]. Anything predicated of the head will be coindexed with *R* and thus predicated of the referent of the NP. In a phrase like *large dog*, the argument of *large* is coindexed with the *R* argument of *dog*. For *John's dog* the same applies: *John's* is predicated of the *R* argument of *dog*.». Discordamos da utilização do conceito de argumento “R”. Contudo, a demonstração por Grimshaw de que os apêndices em questão são modificadores e não argumentos é relevante para o nosso propósito.

No que toca aos argumentos de adjetivos como *digno de*, *apto para*, *orgulhoso de*, *ansioso por*, *alérgico a*, *fácil de*, *semelhante a*, *difícil de*, *capaz de*, *ávido de*, Bosque (1999) apresenta exemplos que fazem compreender o carácter argumental de uns complementos e o não-argumental de outros. Sem nos determos na abordagem da estrutura argumental dos adjetivos, citamos apenas dois exemplos de Bosque (1999: 237): *apto para trabalhar* vs. *cauteloso para no molestar* ilustram que, no primeiro caso, o adjetivo possui estrutura argumental, enquanto no segundo o complemento é um modificador e não um argumento. Em face de adjetivos como *digno*, *orgulhoso*, *decidido*, que ocorrem com argumentos em enunciados como *O Rui está orgulhoso de si mesmo/ O Luís está decidido a trabalhar* e sem argumentos em enunciados como *O Rui é orgulhoso (*de si mesmo)/ O Luís é decidido (*a trabalhar)*, Bosque (1999: 262-263) esclarece que apenas na denotação de qualidades inerentes à entidade o adjetivo bloqueia o argumento. Se o adjetivo qualificar uma atitude e não a entidade que a possui, já ocorre argumento.

Em resumo, a estrutura argumental joga com interrelações com carácter gramatical entre instâncias. Os lexemas que possuem estrutura argumental são gramaticalmente relacionais, e não apenas referencialmente relacionais. Observe-se que para que um lexema possua estrutura argumental não é condição suficiente que o seu semantismo veicule ou pressuponha relações referenciais entre identidades. Dado que as relações entre os itens são de carácter gramatical e não referencial, a estrutura argumental não deve ser confundida com as relações tecidas entre um item lexical sincategoremático e outros itens lexicais. A definição de item sincategoremático prende-se com relações referenciais e não gramaticais, como definido por Kleiber (1981: 40). Um item sincategoremático indica um referente que não tem existência sem outro referente, como é o caso de *brancura*.¹¹⁹ Essas relações têm obrigatoriamente de ser explicitadas gramaticalmente.

Também distinguimos as relações argumentais das relações referenciais que podem ser sintactizadas, mas não a partir de estrutura argumental, em substantivos relacionais como *pai*, *mãe*, *amigo*, etc. Os substantivos relacionais enformam a relacionalidade referencialmente e não gramaticalmente.¹²⁰

¹¹⁹ Cf. Kleiber & Galmiche (1996: 27-28) apontam os sincategoremáticos como caracterizados por dependência ontológica em relação a outros referentes. Martin (1996: 45) refere os sincategoremáticos como «[...] le lieu d'une incomplétude référentielle». Cf. Rémi-Giraud (1996: 105).

¹²⁰ Veja-se Grimshaw (1990: 5-6) que distingue os «nouns semantically relational» dos «nouns syntactically relational». Apenas os últimos admitem argumentos gramaticais; os primeiros surgem apenas com complementos não-argumentais. A nossa visão distancia-se da de Grimshaw, como demonstrado ao longo deste secção, no que diz respeito à imposição da estrutura eventiva com análise interna de evento (pág. 49) à

Por outro lado, o factor de relação gramatical conduz à negação do argumento “R” defendido em Williams (1981), pois este tem carácter meramente semântico-referencial.

6.3 Conclusão

Rejeitamos a equação tradicional entre estrutura argumental e estrutura eventiva. Essa equação baseia-se no facto de os verbos, como categoria que mais prototipicamente possui as duas estruturas, desenharem, em simultâneo, ocorrências de interrelações (instanciadoras de estrutura argumental) com mensuração temporal (instanciadora de estrutura eventiva).

Outras categorias mostram que as duas estruturas podem ocorrer isoladamente uma da outra. Por exemplo, *digno de, ansioso por* mostram interrelações gramaticalmente explicitadas (estrutura argumental), mas não mensurabilidade temporal (ausência de estrutura eventiva). Observe-se que é possível medir temporalmente essas interrelações em enunciado através da inclusão de expressões adverbiais aspectuais. Contudo, daqui não resulta um Evento, mas uma proposição. Assim, um enunciado como *O Rui foi digno de reconhecimento durante um dia*, é equiparável ao enunciado *O lápis durou dois meses*.

É de salientar que é imprescindível que as interrelações que fundamentam a estrutura argumental sejam de carácter gramatical. Não pode esquecer-se que a estrutura argumental é uma estrutura em interface com a semântica e com a sintaxe, sendo este factor determinante do seu carácter gramatical.

Deste modo, o vector que define a existência de estrutura argumental não reside no facto de haver participantes num evento, porque estes podem não ter representação linguística. Este é o problema que vem de visões que enraízam factores semânticos em circunstâncias da realidade.¹²¹ Um exemplo ilustrará o intencido: o lexema *guerra* possui

estrutura argumental. Para Grimshaw (1990: 5) «[...] only nouns that refer to what I call complex events - nouns that have an internal aspectual analysis - have a[rgument]-structure. [...] Each verb and noun has a lexico-semantic representation (a lexical conceptual structure or lcs) that includes, among other things, the participants in the activities or states described by the verb [...]. Some of these participants are realized as grammatical arguments and projected into an a-structure representation. However, the ability to project arguments in this way is limited among nouns to a subclass that I will refer to as *process* or *event nominals*. Other nouns do not have a-structure as part of their lexical representation, even though they may very well have semantic arguments appearing in their lcs definitions.».

¹²¹ No entanto, posições sintacticistas como as que reduzem a morfologia ao domínio da sintaxe também fazem depender a projecção de posições argumentais de eventos, como defendido por exemplo em van Hout & Roeper (1998: 2): «AspP is the locus for telicity checking and creates a syntactic position for the object in its

estrutura eventiva, mas não possui estrutura argumental. Se a estrutura argumental dependesse em exclusivo de haver um evento e, logo, dos participantes no evento, o lexema *guerra* teria estrutura argumental, pois o referente possui participantes.

A confusão entre ambas as estruturas está em

- a) colar semântica à realidade;
- b) colar evento a participantes da realidade desse;
- c) colar participantes da realidade a argumentos;
- d) colar evento a argumento.

Este encadeamento interpretativo é perigoso, pois faz derivar duas estruturas independentes da ocorrência uma da outra. Pelo contrário, estamos perante uma organização em arquitectura da linguagem. O que acontece é que a arquitectura linguística possibilita várias estruturas paralelas sem que haja obrigatória combinação entre elas. É por isso que são estruturas que se encontram organizadas em fiadas distintas, que podem estar em interface, mas que mantêm autonomia.

Em suma, a noção de que a estrutura argumental advém da estrutura eventiva é causada pelo seguinte:

- i) a categoria prototipicamente detentora de estrutura argumental é o verbo; logo quando se pensa em estrutura argumental, pensa-se em verbo;
- (ii) o verbo retrata eventos;
- (iii) logo, aliam-se dois caracteres prototípicos da mesma categoria V.

Assim, estrutura eventiva e estrutura argumental andam aliadas porque ambas ocorrem prototipicamente em verbo. Contudo, uma e outra estrutura ocorrem noutras categorias e ocorrem isoladamente. Que a estrutura eventiva é autónoma da estrutura argumental e vice-versa é confirmado pela existência de lexemas com estrutura argumental e sem estrutura eventiva, como *desejoso de*, *apto a*, *ansioso por*, *ânsia de*, *orgulho em*, *perto de*, *certo de*, *próximo de*, *receoso de*, etc., bem como de lexemas com estrutura eventiva e sem estrutura argumental, como substantivos básicos como *guerra*, *gripe*, *filme*, *paz*, *greve*, *peste*, *epidemia*, etc.

Que ambas as estruturas não estão dependentes da categoria verbo ou da categoria de deverbal é mostrado por verbos como *chover* (possui estrutura eventiva, mas não estrutura argumental) e substantivos como *trovoada*, *empurrão*.

Os exemplos que se seguem sintetizam as possíveis ocorrências das duas estruturas:

A cólera de Aquiles: evento; não-argumental

A dignidade de Aquiles: não-evento; não-argumental

Digno de honra: argumental; não evento

A dignificação de Aquiles pela guerra: argumental e evento

Estas observações corroboram que a estrutura eventiva é no deverbal anterior à estrutura argumental.

7. A estrutura eventiva e a estrutura de moldagem eventiva

Após havermos dedicado a secção anterior aos conceitos de ‘Evento’, ‘estrutura eventiva’ e ‘estrutura argumental’, focaremos nesta secção a distinção entre ‘estrutura eventiva’ e ‘estrutura de moldagem eventiva’. Esta última é introduzida por nós neste trabalho como um nível de interface entre a organização semântica e a morfologia derivacional. Como veremos no cap. VI, a estrutura de moldagem eventiva é responsável pela distinção semântica eventiva entre as diferentes sufixações nominalizadoras deverbais.

Em primeiro lugar, é necessário esclarecer que a localização da estrutura eventiva diverge da localização da estrutura de moldagem eventiva. Na secção anterior, estipulámos que reservamos a estrutura eventiva para os parâmetros definidores de evento situáveis ao nível lexical. Ou seja, a estrutura eventiva é uma estrutura que não está dependente da volubilidade co-textual e, por isso, não apresenta variações de acordo com a manifestação do item lexical em sintaxe.

Em consequência, como veremos no cap. IV., § 1.3, optamos por rejeitar classes eventivas tradicionais, como as de Vendler (1967). Estas apresentam a desvantagem de suscitarem ligação à estrutura eventiva. Outra desvantagem reside no carácter de bloco rigidamente constituído dessas classes. Esse carácter revela-se inadequado, porque não-pertinente, ao modelo de coindexação de traços por nós apresentado para a construção das significações dos deverbais.

O facto de alguns traços definidores de Evento serem coincidentes com traços usados para a descrição da estrutura aspectual não é sinónimo de contradição na nossa estipulação. Na verdade, por um lado, o mesmo significado pode ser veiculado por diferentes estruturas, em interacção com níveis diferentes que, consequentemente,

ocasionam semânticas estruturalmente diversas. Por outro lado, o próprio carácter indirecto dos conceitos conduz à dificuldade na sua expressão. Assim, assumimos que o emprego que fazemos da mesma nomenclatura de traços referentes à estrutura eventiva e à estrutura aspectual é perfeitamente viável, dada a independência das duas estruturas originada pela diferença de níveis de actuação dos conceitos.

Regressando à divergência da localização da estrutura eventiva e da estrutura de moldagem eventiva, já observámos que a primeira se localiza no domínio lexical. Na construção de um substantivo deverbal, a estrutura eventiva está situada no campo da base verbal, enquanto componente semântico do seu significado. A estrutura de moldagem eventiva não se localiza no campo da base verbal, mas provém antes do campo do afixo derivacional, no que se refere especificamente ao componente de ‘moldagem’.

A estrutura de moldagem eventiva revela-se, pois, como uma estrutura que advém da interface da estrutura semântica com a morfologia derivacional e que se manifesta no resultado semântico do produto. Assim, a estrutura de moldagem eventiva advém dos componentes afixais quando em contacto com os componentes da estrutura eventiva de base verbal. Mesmo no caso em que a base verbal possui estrutura de moldagem eventiva, esta advém de estruturas afixais, como é o caso de verbos sufixados em *-iz-*. Assim, como apenas os verbos afixados ostentam estrutura de moldagem eventiva, é possível manter que esta advém da morfologia derivacional.

Mas localizar-se-á a estrutura de moldagem eventiva nos afixos? É a estrutura de moldagem eventiva coincidente ontologicamente com os traços semânticos dos afixos? A resposta é negativa para as duas questões. Em primeiro lugar, se a estrutura de moldagem eventiva coincidissem ontologicamente com os traços semânticos dos afixos e, logo, se se localizasse nos afixos, os afixos que detivessem esta estrutura serviriam somente para produzir semantismos de ‘Evento’. Ora, o modelo que defendemos de interface de afixos explica que o mesmo afixo possa operar em RFPs distintas e, conseqüentemente, construir lexemas de semantismos diferentes. Por exemplo, o sufixo *-ão* produz designações de ‘evento’, mas também de ‘causa’ e de aumentativos isocategoriais.

Em segundo lugar, o factor ‘eventivo’ advém da base verbal e não do afixo. Assim, a estrutura de moldagem eventiva emerge no produto, como consequência da combinação entre a estrutura eventiva da base verbal e o tipo de traço semântico oriundo do afixo. Como tal, a estrutura de moldagem eventiva é inerentemente construída genolexicamente e é inerentemente uma estrutura de interface. Em segundo lugar, aquilo que prevemos para o

afixo é um traço semântico. Ora, um traço semântico não perfaz uma estrutura do nível daquela que aqui estamos a descrever. Uma estrutura é um nível organizacional e não um traço isolado, ainda que um traço seja um complexo e não um primitivo. Cabe ao afixo a tarefa de moldagem da componente eventiva oriunda da base verbal.

A moldagem da componente eventiva está dependente do traço semântico carregado pelo afixo. É a conjugação dos dois factores semânticos - a moldagem protagonizada pelo traço semântico do afixo e a eventividade fornecida pela base verbal - que é emergente no semantismo do produto genolexical. O que observaremos neste trabalho é que a distinção semântica entre os produtos deverbais das diferentes afixações se rege em primeiro lugar por matizes semânticos. Estes matizes não podem ser confundidos com a classificação em tipos de eventos nem na protagonização de traços de evento, nem na medição em termos de espaço de tempo de ocorrência do evento.

A semântica que é aportada pelo traço do afixo e que, combinada com a semântica eventiva da base verbal, resulta no produto em moldagem eventiva pode ser caracterizada como uma estrutura. O estatuto de estrutura advém-lhe do carácter genolexicalmente construído e com implicações gramaticais a nível da morfologia derivacional. Não se trata, assim, de simples matiz semântico sem enraização organizacional. Não se trata de matiz semântico advindo de variação co-textual, mas de um nível obtido através da activação de interfaces de outros níveis organizacionais.

Como definir a estrutura de moldagem eventiva? Sem querermos entrar em detalhes empíricos, dado que esses se encontram explicitados nos cap.V e VI, caracterizaremos a estrutura em análise como a aportação da configuração do Evento sob um determinado molde ou forma. Nesta estruturação, o que é revelado não é a medição/localização do evento no tempo (estrutura eventiva), mas sim a configuração que se dá ao evento.

Por exemplo, o verbo *lavar* é um verbo eventivamente durativo com ponto de chegada. Os vários deverbais de evento que são construídos a partir deste verbo ostentam variações na configuração desse Evento, de modo alheio à sua estrutura eventiva. Deste modo, *lavação* oferece o evento como ontologicamente unitário e efectuado. *Lavagem* oferece o evento como constituído por diferentes operações e com ponto de chegada. *Lavadura* apenas identifica ou referencializa o Evento.

Os mesmos tipos de moldagens ocorrem em relação a bases eventivas opostas à de *lavar*. Por exemplo, o verbo *morder* é eventivamente pontual. Dele são formados *mordimento* e *mordedura*. *Mordimento* configura o evento como estando em

processamento; *mordedura* configura o mesmo evento na sua identificação. Observe-se que a afixação nominalizadora não tem a seu cargo a informação da estrutura eventiva. Se assim fosse, seria de esperar que bases eventivamente durativas sofressem sufixação mais próxima desse carácter, como *-mento* que configura o evento no seu ‘processamento’. Por sua vez, bases eventivamente pontuais deveriam sofrer sufixação também de carácter mais próximo do pontual, como *-dura* que aporta semantismo de ‘referencialização’ e *-ção* que aporta semantismo de ‘efectuação’.¹²²

O facto de não se assistir a essa correlação demonstra que os semantismos veiculados a evento através da afixação em análise não se localizam no domínio da estrutura eventiva, mas no campo da outra estrutura que trabalha com Evento. A estrutura de moldagem eventiva não funciona simetricamente com a estrutura eventiva, nem positiva nem negativamente. Ou seja, a estrutura de moldagem eventiva não é mera transferência nominal da estrutura eventiva das bases verbais. Aliás, a estrutura eventiva existe também em substantivos quer básicos, quer derivados, pelo que não poderia ser agora tida como domínio verbal, para que a estrutura de moldagem eventiva fosse o seu reflexo nominal.

Por outro lado, a estrutura de moldagem eventiva também não funciona como inversão da estrutura eventiva. Por havermos assinalado que bases eventivamente pontuais podem sofrer afixação de estrutura de moldagem de ‘processamento’ ou que bases verbais eventivamente durativas podem sofrer afixação atidas a semantismos de ‘evento ontologicamente unitário efectuado’, não estamos a dizer que a estrutura de moldagem eventiva tem como função inverter negativamente o tipo eventivo da base. Se tal fosse, não recorreríamos a nomenclaturas distintas entre os traços de uma e de outra estrutura.

Para além disso, a multiplicidade de afixações para a mesma base verbal comprova que a estrutura de moldagem eventiva não age negativamente como inversão da estrutura eventiva: uma base verbal pontual pode ser objecto de afixação com semantismo próximo. Veja-se, e.g., *tropeçar > tropeção*, em que a base é eventivamente ‘pontual’ e o derivado moldado como ‘súbito’. Observe-se ainda *envelhecer > envelhecimento*, em que a base é eventivamente ‘durativa’ e o deverbal com moldagem ‘processual’. A estrutura de moldagem eventiva pode oferecer ao deverbal semantismo próximo ou em acordo com aquele proveniente da estrutura eventiva do verbo ou semantismo afastado deste.

¹²² Não dilucidaremos neste capítulo estes semantismos da moldagem eventiva, visto serem apresentados e demonstrados empiricamente nos cap. V e VI.

Por último, que a estrutura de moldagem eventiva não mostra o tipo eventivo do evento, mas antes a sua configuração, é demonstrado por sufixações como *-dura*, cujo semantismo não pode ser reduzido à de medição/localização do evento no tempo.

Um exemplo co-textual providenciará uma mais clara ilustração da estrutura de moldagem eventiva proporcionada por este sufixo.

Observemos o seguinte diálogo entre Henrique e Madalena, em *A Morgadinha dos Canaviais* de Júlio Dinis (pág. 285):

«- Sejam os francos. A prima deve confessar que a minha presença aqui foi um desagradável contratempo. Uma certa altivez e consciência de invulnerabilidade, de que tinha o incómodo de se revestir sempre que tratava comigo, depois desta importuna ocorrência, terá de se modificar.

- Não havia dado por essa...*revestidura*¹²³ que diz; mas, se ela existiu, far-me-á o favor de dizer: porque não pode continuar?»

O deverbal *revestidura* é aqui empregado como formatação da referencialização do evento. Henrique acusa Madalena de se *revestir* de uma certa altivez e consciência de invulnerabilidade. Madalena retoma o *delito* de que é acusada através da sua referencialização. Com o deverbal *revestidura* Madalena aponta, identificando, o evento semântico-referencial, circunscrevendo-o referencialmente e não temporalmente. *Revestidura* não indica se o evento é homogéneo ou heterogéneo ontológica ou temporalmente; apenas o identifica, segmentando-o semântico-referencialmente de outros eventos.

Por hipótese absurda, a possibilidade de ocorrer sufixação vária a partir da mesma base verbal poderia ser explicada através da variação aspectual, ou seja, da variação co-textual na perspectivização do evento. Por exemplo, a distinção entre *tiragem*, *tiramento* e *tiração* poderia partir do aproveitamento distinto das estruturas aspectuais de *tirar*. A partir de uma estrutura aspectual exemplificada por um enunciado como *O João tirou três maçãs da fruteira*, em que há triplicação do evento, ocorreria, por hipótese, o deverbal *tiragem*, cujo afixo *-agem* possui semantismo de ‘operações diferentes’. A partir de uma estrutura aspectual exemplificada por *O João demorou três horas a tirar as maçãs das caixas*, ocorreria o deverbal *tiramento*, cujo sufixo contém o semantismo de ‘processamento’. A partir da estrutura aspectual exemplificada por *O João tirou a maçã da fruteira*, ocorreria o

¹²³ Em itálico no original.

deverbal *tiração*, cujo sufixo carrega semantismo de ‘efectuação do evento ontologicamente unitário’.

Várias razões obstaculizam essa explicação. Em primeiro lugar, uma razão de ordem teórica: se estipulamos que a genolexia não ocorre na sintaxe e que a estrutura aspectual decorre da sintaxe, estaríamos a imiscuir níveis e a enraizar um processo lexical em processos sintácticos posteriores a que não têm acesso. Em segundo lugar, dados empíricos demonstram a falibilidade de tal hipótese: um deverbal em *-agem* como *aterragem* não resulta da nominalização da multiplicidade de um evento como em *o avião aterrou três vezes em Heathrow*. Na verdade, *aterragem* corresponde a um evento não multiplicado (*o avião aterrou às 15 h em Heathrow / a aterragem do avião ocorreu às 15 h em Heathrow*).¹²⁴

Tropeçamento não poderia ocorrer devido à impossibilidade de tornar aspectualmente durável um evento pontual como *tropeçar*. Enunciados como *A Maria tropeçou três vezes / A Maria passa a vida a tropeçar* não mostram que *tropeçar* seja durativo, mas antes a multiplicação do evento. Tal estaria de acordo com um deverbal como **tropeçaria*, que é agramatical.

Por último, as variações aspectuais não estariam de acordo com a sufixação em *-dura*, já que a ‘referencialização’ que caracteriza a moldagem proporcionada por este afixo não encontra ponto de equiparação na estrutura aspectual.

Por outro lado, também não existe correlação entre a estrutura eventiva e a estrutura de moldagem eventiva. O tipo de estrutura eventiva não funciona como constrangimento ao tipo de estrutura de moldagem eventiva. O que se deduz da análise do *corpus* que construímos como objecto empírico deste trabalho é que a estrutura de moldagem eventiva é constrangida por semantismos do mesmo nível, ou seja, de semantismos provenientes da estrutura de moldagem eventiva da base verbal.

Tal constrangimento é exercido sob a forma de constrangimentos entre unidades morfológicas, que são o sufixo da base verbal e o sufixo a agregar a essa base para a formação do substantivo. A impossibilidade de adjunção do sufixo *-ção* a verbos com o sufixo *-ec-* e a ligação entre aquele sufixo nominalizador e as bases verbais em *-iz-* e *-ific-*, bem como a ligação dos sufixos nominalizadores *-mento* e *-ncia* a bases verbais em *-ec-* e *-esc-* são exemplos de constrangimentos morfológicos com raiz na convergência/divergência

¹²⁴ A comparação entre frases com verbo e frases com substantivo deverbal não significa relação derivacional entre as frases, mas somente comparação semântica.

de estruturas de moldagem eventiva da base verbal e do afixo nominalizador. Os verbos que não ostentam marca afixal apresentam menor grau ou mesmo grau zero de especialização semântica ao nível da estrutura de moldagem eventiva. Isto explica a sua menor selectividade em relação ao sufixo nominalizador.

Tal facto permite compreender que

- i) a estrutura de moldagem eventiva é aportada afixalmente;
- ii) as restrições existem entre os caracteres pertencentes ao mesmo nível estrutural da base e do afixo. Tal comprova que a inexistência de correlação entre tipos eventivos e afixos se deve à não-implicação dos primeiros nos segundos e não à inexistência total de constrangimentos semânticos entre os dois intervenientes genolexicais;
- iii) a postulação de uma estrutura de moldagem eventiva é suportada empiricamente, com base na simetria de cargas semânticas desse nível no verbo e no produto (através do afixo) e com base na não-pertinência das cargas semânticas da estrutura eventiva da base na selecção do afixo nominalizador.

Assim, no seguimento de iii), se existem correlações semânticas entre determinadas afixações verbalizadoras e determinadas afixações nominalizadoras deverbais e se não existem correlações ao nível da estrutura eventiva, postula-se um nível organizacional distinto que denominamos como ‘estrutura de moldagem eventiva’.

Por último, resta-nos observar que a estrutura de moldagem eventiva parece ser um factor de distinção entre substantivos eventivos deverbais sufixados e outros não deverbais. Substantivos de Evento como *guerra*, *cólera*, *peste*, *sismo*, etc., possuidores de estrutura eventiva, parecem não ostentar estrutura de moldagem eventiva.

Os substantivos básicos de evento ostentam estrutura eventiva, como atestam os enunciados seguintes:

- (19) a. *A guerra de Tróia durou dez anos.*
b. *A guerra das Rosas terminou em 1485.*
c. *A guerra das Rosas começou em 1455.*

Contudo, não ocorre, nos substantivos básicos de evento, espaço para a configuração do evento. Essa configuração apenas pode ser oferecida sintacticamente e não lexicalmente, através de co-textualizações do tipo apresentado nos exemplos de (20) a (24). Nestes exemplos mostra-se o contraste entre a configuração do evento sintacticamente (exemplos a) e a hipotética correspondência lexical (exemplos b). A agramaticalidade do

correspondente lexical mostra que a moldagem eventiva não ocorre em substantivos básicos.

- (20) a. *A guerra rebentou intensamente num segundo e terminou abruptamente.*
b. **guerrão.*
- (21) a. *O sismo foi súbito e intenso.*
b. **sismão.*
- (22) a. *O sismo decorreu homogeneamente ao longo de um tempo infindável.*
b. **sismamento*
- (22) a. ?*A efectuação da guerra.*
b. **guerração*
- (23) a. *A guerra decorreu homogeneamente ao longo de um tempo infindável.*
b. **guerramento.*
- (24) a. *As diferentes operações de guerra do exército napoleónico.*
b. **guerragem*

Comparem-se os exemplos anteriores com os que se seguem. Nestes, a contextualização coincide semanticamente com a moldagem eventiva apresentada por cada deverbais

- (25) a. *O abanão foi súbito e intenso.*
b. *A efectuação da congelação de plasma.*
c. *O processo de envelhecimento do vinho.*
d. *As diferentes operações de aterragem do avião.*

Para além de a estrutura de moldagem eventiva estar ausente dos eventos designados por substantivos básicos, esse nível estrutural parece igualmente estar ausente dos deverbais não-sufixados, como *corte*, *abalo*, *mordo*, *choro*, *passeio*, *destrinça*, *desbulha*, *grito*, etc. Matizes semânticos como ‘efectuação’, ‘operações diferentes’, ‘súbito e intenso’, entre outros, não se manifestam nos semantismos destes deverbais. Estes apenas mantêm em termos de eventividade a estrutura eventiva veiculada pela base verbal, sem acrescentarem outra estrutura: a estrutura de moldagem eventiva.

O facto de tanto os substantivos básicos de evento, como *guerra*, *peste*, *epidemia*, quanto os substantivos deverbais não-afixados, como *mio*, *salto*, *talha*, possuírem apenas

estrutura eventiva e não estrutura de moldagem eventiva, acrescido aos dados que demonstram que os verbos que possuem afixos com estrutura de moldagem eventiva apresentam selectividade mais fina em relação aos sufixos nominalizadores do que aqueles verbos que não dispõem desses afixos, demonstram que a estrutura de moldagem eventiva é da responsabilidade dos afixos derivacionais.

8. Síntese

Ao longo deste capítulo, procurámos apresentar o modelo que construímos para a abordagem genolexical dos substantivos deverbais. Em paralelo com a revisão de várias abordagens de diferentes autores, fomos tecendo as nossas opções respeitantes a diferentes aspectos da genolexia.

Em primeiro lugar, avaliámos várias concepções de RFPs, para concluirmos que um modelo adequado à explicação genolexical deverá conciliar em simultâneo as RFPs e os afixos como domínios de convergência e divergência genolexical. Assim, assumindo que os operadores afixais possuem capacidade e identidade semântica, propomos que um modelo da genolexia em interface proporciona um entendimento cabal de fenómenos que ficam por compreender se nos ativermos à visão das RFPs como domínio exclusivo da convergência genolexical.

Tal modelo em interface é conseguido através da assunção de que os afixos não são meros instrumentos de actuação das RFPs, mas antes possuem agentividade própria que é devida à sua capacidade de actuação semântica.

Essa capacidade de actuação semântica dos afixos revela-se em mecanismos como são os de coindexação e de projecção, que definimos respectivamente nos § 2 e 3. Estes mecanismos demonstram que a matéria-prima de laboração genolexical é de carácter semântico.

Esta delimitação conduziu-nos à avaliação da actuação da estrutura argumental na fabricação dos produtos deverbais, através da comparação de diferentes abordagens de diferentes AA. com aquela que é emergente da análise dos dados constantes no nosso trabalho. Concluimos que a estrutura argumental, quando existente num deverbal, não resulta da herança da estrutura argumental da base verbal, mas antes de processos internos

ao deverbal. Assim, o que é herdado da base verbal são componentes semânticos localizados nas estruturas léxico-conceptual e eventiva e não a formatação argumental desses componentes (§ 4).

O facto de a estrutura argumental num deverbal não corresponder ao mecanismo envolvido directamente na formação do deverbal nem como herança da base verbal, nem como projecção afixal, é corroborado por produtos que resultam do mecanismo que designamos por “redobro da estrutura léxico-conceptual” (§ 5).

A existência de deverbais de evento que não possuem estrutura argumental conduziu-nos à avaliação da relação entre estrutura eventiva e estrutura argumental, comumente observada como inerente por diversos AA. (e.g. Grimshaw 1990; Alexiadou 2001). O nosso trabalho permite-nos deslaçar essa inerência e explicar, em termos teóricos no nosso modelo de interfaces, que as duas estruturas se encontram dissociadas na arquitectura linguística (§ 6).

Por último, em conexão com a capacidade semântica dos operadores afixais, desenvolvemos a concepção da estrutura de moldagem eventiva (§ 7). Trata-se de uma estrutura de nível semântico com interface com a morfologia derivacional que adquire especial visibilidade nas restrições existentes entre determinados sufixos nominalizadores e outros sufixos constantes na estrutura morfológica das bases verbais.

Em suma, é possível estipular que

a) os afixos actantes numa RFP não são absolutamente comutáveis entre si, na medida em que não são meros actualizadores lexicais de uma RFP.

b) o mecanismo de construção dos semantismos é semântico e não argumental. A adjunção de estrutura argumental é posterior ao processo semântico, conforme houver ou não condições favoráveis à activação da interface entre o nível semântico e o nível argumental. Essa interface ocorre ao nível do produto e não entre o produto e a base. Como tal, o produto não herda a estrutura argumental do verbo.

c) dado que a estrutura argumental é um nível de interface com o nível sintáctico, é de prever que categorias sintácticas distintas possuam as suas próprias estruturas argumentais. A herança da base é de carácter semântico, quer de nível eventivo, quer de nível léxico-conceptual.

Capítulo III

Estruturas morfemáticas/morfológicas das bases e sua correlação com as estruturas morfológicas dos produtos

0. Introdução

A avaliação dos substantivos deverbais formados em português exige que se teça uma fronteira entre os lexemas cujas estruturas indiciam tratar-se de facto de lexemas gerados em português daqueles que não se revelem como construídos na mesma língua. Os lexemas construídos deverão estar de acordo com os parâmetros genolexicais do português, ao contrário dos não-construídos, não obstante estes poderem ostentar uma estrutura mórfica semelhante à dos primeiros. Este capítulo ocupar-se-á, assim, da dilucidação da tipologia das diversas estruturas morfemáticas /morfológicas com que laboramos. Essa dilucidação é pertinente para estabelecermos se todos os lexemas com origem deverbal são ou não interpretáveis como construídos em português e para analisarmos as estruturas morfológicas das bases dos deverbais.

O objecto do nosso estudo é constituído pelos substantivos deverbais formados em português. Por conseguinte, foi necessário proceder à filtragem, dentro do *corpus* de que partimos, dos substantivos existentes em português e geráveis em português daqueles que, ainda que existentes nesta língua, não são interpretáveis como geráveis nela. Ou seja, ainda que o nosso trabalho não focalize directamente os deverbais herdados do latim, por não constituírem dele objecto, foi necessário proceder à sua triagem prévia (§ 4).

As considerações de carácter teórico que aqui explicitaremos são válidas quer para a filtragem dos substantivos deverbais construídos em português dentro do conjunto dos substantivos que assumem uma decomponibilidade mórfica deverbal, quer para a identificação das estruturas morfológicas das bases verbais dos substantivos em análise, quer, de resto, para a avaliação morfológica de qualquer lexema. A filtragem a que nos referimos tem que ver com a distinção de, por exemplo, substantivos sufixados em *-ção* construídos em português daqueles que apresentam o mesmo constituinte sufixal mas que resultam da herança latina. Quanto à identificação das estruturas morfológicas dos verbos que servem como base à formação deverbal sufixada, serão estabelecidos para cada agente sufixal nominalizador os constituintes morfológicos que compõem os verbos derivantes.

A análise da estrutura morfemática/morfológica das bases verbais tem como objectivo identificar entraves de carácter morfémico à produção de deverbais com determinado sufixo.

Para tal, proceder-se-á, por um lado, à sistematização dos constituintes morfológicos que operam como instrumentos derivacionais num determinado produto verbal e, por outro, à distinção de formas verbais construídas ou passíveis de serem construídas em português daquelas que apresentam uma configuração morfémica não identificável com nenhuma operação de formação verbal da mesma língua. Neste último caso, cabem dois tipos de formas: i) formas não-construídas não-compósitas e ii) formas não construídas compósitas. O que está em causa nesta distinção não é uma análise meramente etimológica dos verbos em jogo, ou seja, uma abordagem estritamente histórica, nem uma abordagem localizada exclusivamente sob o ponto de vista do falante.

1. A perspectiva organizacional-f vs. a perspectiva histórica

A análise aqui proposta releva da conjugação de factores do funcionamento do léxico mental com dados etimológicos captáveis, porque segmentáveis e identificáveis, pela organização mental-f da língua (cf. § 1.1 do cap. 1 e Jackendoff (2002: caps. 2 e 3)). Pressupõe-se, pois, que os princípios de organização do léxico mental, como qualquer estrutura mental-f, não se encontram acessíveis na consciência. Por conseguinte, optar por classificar formas como compósitas ou não-compósitas ou construídas e não-construídas pelo grau de consciencialização que o falante possa ter da etimologia de cada forma vai contra o postulado do nível inconsciente da organização-f dos sistemas linguísticos. Como agravante, esse grau de consciencialização estaria sujeito às variações de conhecimento explícito de cada falante, ou seja, do seu grau de conhecimento externo acerca da língua, dependente de factores como cultura, áreas de trabalho, áreas de estudo, de interesse, etc.

Uma análise que tome os dados etimológicos, baseados em informações de carácter histórico, como critério absoluto para a identificação de formas construídas ou não-construídas, compósitas ou não-compósitas, transforma o léxico mental num mero acervo de memória colectiva de palavras. Essas palavras, em vez de tecerem entre si relações sincrónicas funcionais de, por exemplo, derivação, manteriam relações sobretudo de carácter evolutivo fonético com formas do passado.

Não é nosso propósito negar essas relações de herança diacrónica, mas enfatizar a possibilidade efectiva de a mente-f operar com essas formas como produtos do português, porque estão de acordo com os princípios genolexicais desta língua.

Observemos o exemplo: uma abordagem meramente diacrónica toma uma forma como *declaração* como proveniente da forma latina DĒCLĀRĀTĪŌNEM. Desta maneira, nega-se o carácter derivacional (genolexical) sincrónico existente entre o substantivo *declaração* e o verbo *declarar*. Que evidências existem para que se considere que essa relação genolexical é, de facto, operante? As evidências são de carácter semântico, sintáctico e morfológico, para além da obviedade fonológica. O facto de *declaração* possuir como semantismo fundamental o de ‘acção de declarar’ e um comportamento sintáctico-temático apoiado na sua origem deverbal – a sua estrutura argumental – evidencia que na mente-f *declaração* e *declarar* se encontram relacionados derivacionalmente.

É importante notar que as relações situadas no léxico de que falamos são, de facto, derivacionais e, como tal, desenhadas com uma determinada direcionalidade. Não se trata, pois, de tessituras baseadas apenas na semelhança fonológica das formas, ou na sua carga semântica. As relações genolexicais entre duas formas mantêm activadas as várias estruturas que perfazem o léxico como uma interface (Jackendoff 2002).

Por exemplo, entre o substantivo *ornamento* e o verbo *ornamentar* existe uma relação na mente-f. O tipo de direcionalidade não está estabelecido aleatoriamente. Antes resulta de factores de conjugação das várias estruturas que formam a arquitectura da linguagem, na acepção de Jackendoff (2002). Assim, a direcionalidade derivacional existente entre *ornamento* e *ornamentar* é resultado¹ da análise das estruturas morfológicas e das estruturas semânticas das duas formas. A observação de que *ornamento* é um substantivo com estrutura argumental e, logo, com origem verbal, sem que se atenda à sua constituição morfológica pode conduzir ao erro de se estabelecer este objecto lexical como produto deverbal originado através de uma operação de conversão, em paralelo com outros substantivos. Contudo, se se atender à sua estrutura morfológica, é visível, através da presença do sufixo nominalizador *-ment-*, em conjugação com as características semânticas do mesmo substantivo, que este se relaciona derivacionalmente

¹ Dizemos aqui que o modo como as relações genolexicais são estabelecidas direcionalmente são o “resultado”, no sentido em que as análises que o linguista faz das estruturas da língua são tanto mais válidas, na nossa perspectiva e de acordo com os princípios teóricos explicitados nos capítulos I e II, quanto mais fiéis ao processamento real da linguagem. Assim, pressupomos que os dados obtidos na análise genolexical, em vez de meras descrições da exterioridade da língua, deverão ser espelho, porque dela explicativos, da própria organização-f da linguagem.

como derivado não com o verbo *ornamentar*, mas sim com o verbo *ornar*. A relação que *ornamento* mantém com *ornamentar* é de direccionalidade oposta, ou seja, é o verbo *ornamentar* que é derivado denominal do substantivo, através da conversão.

São estes os parâmetros que conduzem às relações derivacionais entre os lexemas. Como dizíamos, postular de uma forma exclusivamente diacrónica as semelhanças entre palavras do português e aquelas que representam o seu passado latino não deixa perceber a organização polidimensional que as relações genolexicais entretecem no léxico mental. Esta perspectiva não pretende, no entanto, anular essa herança latina. Aquilo que se prevê, numa abordagem arquitectural das línguas, é que não apenas sejam passíveis de serem herdadas formas lexicais da língua-mãe para a língua resultante, mas qualquer estrutura da sua organização. As assimetrias entre as duas línguas não são, todavia, incompreensíveis nesta perspectiva. O *continuum* temporal entre as duas línguas, muitas vezes segmentado classificatoriamente através de critérios assentes em factores históricos extra-linguísticos, não é contrário à compreensão das diferenças entre as duas arquitecturas. Aliás, existem diferenças quer diacrónica, quer sincronicamente, esta última diatopicamente, dentro da mesma língua histórica, sem que haja, por isso, impedimento à sua conceptualização de unidade. O facto de existirem parâmetros genolexicais em latim não repetíveis em português não é suficiente para anular a ideia de *continuum* entre as duas línguas, da mesma forma que dentro da mesma língua existem operações do mesmo teor confinadas a um determinado espaço de tempo.

É possível sustentar que, assim como as palavras são herdadas da matriz latina, também os mecanismos genolexicais o são. É possível, pois, manter que *declaração* e *declarar* possuem uma relação derivacional de nominalização deverbal em português, sem negar a matriz latina assente em *DĒCLĀRĀTĪŌNEM* e *DĒCLĀRŌ*. Trata-se, assim, de observar o *continuum* entre as duas línguas.

Não é nosso objectivo, todavia, estabelecer os arquiparâmetros genolexicais do latim e das línguas românicas. Procuramos somente esclarecer a necessidade de conciliação entre uma visão que medeie entre os dados históricos das línguas e a sua obvedade sincrónica e funcional.

Por outro lado, como dissemos, uma perspectiva que trate os objectos genolexicais através de uma centragem exclusiva no falante conduz, necessariamente, a erros e a resultados parciais. Isto significa que os resultados obtidos estariam dependentes da arbitrariedade de cada falante em

particular, do seu grau de explicitude em relação aos mecanismos da língua, etc. Uma perspectiva que lide com o falante deverá ter em conta o carácter inconsciente da linguagem.

Assim, analisar o modo como as estruturas genolexicais se encontram na mente-f não passa por definir o modo como o falante tem delas conhecimento. Passa sim pela explicitação, recorrendo à observação da própria organização que as línguas espelham, do modo como a mente-f poderá operar essas estruturas. Daí a importância da conjugação de dados etimológicos com dados sincrónicos.

Não é esperável que o falante tenha acesso consciente à etimologia de uma forma como *conceber*. Contudo, é inegável o carácter compósito desta forma, não apenas porque o conhecimento histórico do latim assim o impele, mas sobretudo porque a mente-f trabalha com operações de segmentação, identificação de unidades mórficas, que lhe permitem constatar as simetrias de *conceber* com *receber*, por exemplo, e com as restantes formas lexicais relacionadas.

Mais uma vez, esse conhecimento não é consciente e, por outro lado, não está dependente do conhecimento de latim que o falante possa ter. Contudo, os dados históricos funcionam como instrumento para que o linguista possa aceder a alguns desses segmentos mórficos mais facilmente. Trata-se, no fundo, de aceder através de meios de análise científica de modo consciente àquilo a que a criança acede inconscientemente no momento da aquisição da sua língua materna. Os dados históricos funcionam de facto como auxílio válido nesta compreensão das unidades morfolexicais de uma determinada língua. Não podem, no entanto, funcionar como entrave à concepção mental-f da mesma. Como já observámos, descrever apenas através das relações de semelhança fonética a origem de um lexema do português obscurece o modo como se encontra tecida a arquitectura da língua em termos mentais.

2. Delimitação de lexemas construídos vs. não-construídos e seus tipos

Começamos por esclarecer a distinção entre os lexemas construídos e os não-construídos. Esta distinção pressupõe que, não obstante a existência do *continuum* entre o latim e o português, existem parâmetros genolexicais próprios de cada língua. Assim, não é possível analisar à luz da genolexia do português lexemas apenas produzíveis de acordo com os parâmetros do latim. Esses lexemas são, então, classificáveis como não-construídos. Dentro do conjunto dos lexemas não-construídos cabem igualmente lexemas de origem outra que não o latim, desde que não coadunáveis com as operações geradoras lexicais do português.

Por sua vez, são classificados como construídos os lexemas que possuem uma estrutura conforme com as operações genolexicais do português, bem como uma relação derivacional com uma base que pode ser potencial e não necessariamente actual. A correspondência histórica que estes lexemas possam apresentar com lexemas latinos não é obstáculo à sua classificação como construídos em português.² O critério decisivo para se estabelecer um lexema como construído no português assenta, então, na concordância entre a estrutura semântica, sintáctica e morfológica do lexema em apreço com as mesmas estruturas de outros lexemas. É a partir destas relações que se podem inferir as regras e as operações genolexicais do português.

A simples oposição entre lexemas construídos e não-construídos não é, no entanto, suficiente para uma descrição plenamente satisfatória dos dados morfolexicais da língua. Uma oposição deste tipo, sem mais nenhuma matização, força à equiparação de formas como *lavar*, *rir*, sem decomponibilidade mórfica no radical, com *obstringir*, *ascender*, cujos radicais apresentam segmentabilidade mórfica. É, de facto, inegável que as quatro formas apresentam carácter não-construído, mas também é inegável que a segunda série se distancia da primeira pela sua estrutura compósita.

É neste momento que intervêm conjuntamente factores de carácter histórico e de carácter funcional para a dissolução da homogeneidade, afinal não total, das formas não-construídas. As ligações morfolexicais estabelecidas na mente-f deverão prever a decomponibilidade de *obstringir* e de *ascender*. O modo como no léxico mental se poderá realizar essa tarefa está a cargo de operações baseadas na comparação, identificação e segmentação de estruturas de outras formas, que, aliás, concorrem também para a compreensão da composicionalidade das formas construídas. A diferença entre a decomponibilidade das formas construídas e a das formas não-construídas reside na autonomia que os constituintes salientes das primeiras revelam em relação aos das segundas. Assim, comparando a estrutura de *ascender* com a de *descender*, *condescender*, *transcender*, assim como a de *obstringir* com a de *adstringir*, *restringir*,

² Não esquecemos, assim, a possibilidade de se encararem, sob uma perspectiva historicista, como herdados do latim lexemas interpretáveis como construídos nas línguas românicas através de paradigmas distintos dos da forma latina. Monge (1972: 236 e 1977: 162) refere lexemas como *empujón* e *torzón* que podem ser avaliados como construídos em castelhano pelo sufixo *-ón* e que, em simultâneo, apresentam possibilidade de origem latina nas formas IMPULSIONE- e TORTIONE-, respectivamente. Para Malkiel (1959: 225-226), o par *empuxar/empuxon*, sendo o nome proveniente de IMPULSIONE-, serviu como paradigma à formação de deverbais em *-ón*. Cf. Pena (1980: 221) para esta hipótese.

Para um estudo diacrónico dos deverbais, veja-se Hall (1983).

constringir, a mente-f poderá identificar os morfemas em comum entre as várias formas, de que resultará a saliência da decomponibilidade dessas estruturas morfematicamente.

No entanto, por se tratar de segmentos que não se encontram disponíveis para a produção de novos lexemas em português, os constituintes das formas não-construídas, apelidados de morfemáticos, revelam falta de independência, não apenas formal,³ mas muitas vezes de teor semântico. Ou seja, muitas vezes estes constituintes morfemáticos das formas não-construídas, ainda que segmentáveis formalmente, apresentam interpretabilidade semântica apenas co-ocorrente com outros constituintes. É este o caso do elemento *-scend-*, comum a *descender*, *ascender* e *transcender*, assim como o de *-string-*, comum a *obstringir*, *adstringir*, *restringir* e *constringir*.

O papel dos dados históricos situa-se na instrumentalização que deles pode fazer o linguista para corroborar o carácter compósito destas formas não-construídas em português.

Contudo, o critério histórico não pode ser usado em exclusivo na classificação das formas em não-construídas compósitas e não-compósitas, ou com estrutura morfemática opaca ou transparente. Da mesma maneira, esse critério não se revela suficiente na oposição entre formas construídas e não-construídas. Os dados obtidos através da exclusividade do critério histórico para a distinção entre formas não-construídas com estrutura morfemática transparente vs. opaca entram muitas vezes em contradição com as implicações que o nível da mente-f sugere relativamente à morfologia dos lexemas.

Se é verdade que os dados históricos revelam que *castigar* é uma forma compósita, constituída pelos elementos CASTUS e ĀGŌ, de que resulta o verbo CASTĪGŌ, essa informação é, para o português, extra-funcional, na medida em que parece não encontrar equivalência na tessitura do léxico mental. Assim, ainda que etimologicamente *castigar* esconda uma estrutura pretérita compósita, na sincronia do português contemporâneo essa composicionalidade encontra-se opacizada. Nessa medida, optamos por designar as formas não construídas cuja estrutura não revele condições para ser analisada pela mente-f como compósita como de estrutura morfemática opaca. *Castigar* surge assim ao lado de *lavar* e não ao lado de *obstringir*.

³ A independência formal de que falamos é aplicável aos constituintes com significação lexical e não a formas como são os afixos que, apesar de autónomos semanticamente, não ocorrem formalmente de modo isolado. Em última instância até os próprios radicais de lexemas com índice temático (e.g. *gato*, *lama*, *ponte*) carecem de autonomia a esse nível.

Esta opção pela utilização de critérios funcionais releva da necessidade de descrever a língua na sua organização interior, assente em mecanismos cerebrais, e não apenas na sua exterioridade perspectivada historicamente. Estabelecer que o verbo *castigar* vem do latim CASTĪGŌ, que resulta da conjugação de CASTUS e ĀGŌ, apresenta validade num estudo etimológico. Mas não apresenta pertinência num estudo, como pretende ser o nosso, que toma como postulado teórico a arquitectura de base mental da linguagem para cumprir os objectivos de descrever e de explicar os fenómenos genolexicais do português. Parece-nos, pois, que a organização mental do léxico não tem meios de conceber a composicionalidade de *castigar*, visto que o semantismo etimológico se encontra diluído e não há pontos de equiparação morfemática e semântica com outros lexemas da língua.

Este é o critério fundamental para que possamos fazer a distinção entre formas com estrutura compósita e não-compósita, ou, utilizando rótulos que talvez deixem subentender melhor o fulcro da questão, entre formas com estruturas morfemáticas opacas vs. transparentes. Não se trata, pois, de decidir se um lexema é integrável no conjunto das formas com estrutura opaca ou se no das formas com estrutura transparente através do grau de consciência que o falante possa ter da etimologia das formas. Esses dados seriam escassos em termos de objectividade, pois estariam dependentes de cada falante em particular. Acresce-se ainda que esse critério entraria em desacordo, como já dissemos, com o estabelecido de que a linguagem é operada a nível do inconsciente.

O critério funcional de que falamos apoia-se, pelo contrário, na existência de outras formas na língua que possuam equivalência morfemática e semântica entre si. É por ser susceptível de equiparação com *descender* e *transcender* que *ascender* revela uma estrutura morfemática transparente. Esta é avaliada pela simetria semântica existente nos componentes morfemáticos obtidos.

Em *castigar*, colocámos a hipótese de se manter uma estrutura morfemática transparente. Contudo, ao depararmos com lexemas como *fustigar* e *fumigar*, parece-nos que a equivalência funcional entre estas três formas é nula. Na verdade, apesar de *fustigar* provir do verbo latino FŪSTĪGŌ, que contém os elementos FŪSTIS e ĀGŌ, e de *fumigar* provir de FŪMĪGŌ, que contém os elementos FŪMUS e ĀGŌ, não parece haver equivalência tecida entre estas formas no léxico do português. Essa não equivalência deve-se ao facto de a composicionalidade semântica decorrente da combinatória das duas formas de cada um dos lexemas verbais latinos se ter

cristalizado em semantismos relacionados com a totalidade do lexema e não com os seus componentes morfolexicais.

É, assim, óbvia a inclusão no conjunto das formas não-construídas de lexemas que, numa abordagem plenamente etimológica, seriam colocados na classe das construídas. Do mesmo modo, não deverá estranhar-se a colocação de lexemas como *declaração* na categoria dos deverbais do português, não obstante a sua relação genética com a forma latina *DĒCLĀRĀTĪŌNEM*, à luz do funcionamento mental do léxico e das contexturas entre lexemas aí activas.

A obtenção destas classificações não é, todavia, sempre atingida de modo linear. A complexidade das estruturas quer morfológica, quer semântica, em simultâneo, de produtos construídos e de lexemas herdados impõe muitas vezes dificuldades à classificação dos lexemas.

Em suma, a distinção entre lexemas construídos e não-construídos compósitos ou transparentes baseia-se em critérios funcionais. Os lexemas construídos apresentam em simultâneo morfemas com independência semântica e segmentabilidade formal próprias dos constituintes que operam activamente na genolexia do português. Os lexemas não-construídos compósitos ou transparentes apresentam apenas autonomia e não independência semântica dos constituintes mórficos com segmentabilidade formal. Obviamente, a segmentabilidade formal dos constituintes é inerente à noção de morfema.

É necessário perceber bem que a independência formal de um constituinte não apresenta, muitas vezes, por si só carácter decisivo para a classificação de um lexema como construído. Paralelamente, a não-independência formal de outro constituinte não equivale necessariamente ao estabelecimento do lexema que o contém como não-construído.

Analisemos alguns exemplos: será possível estabelecer como verbo construído em português o verbo *accionar*? Devido à não total simetria formal entre *accionar* e o substantivo eventualmente na sua origem – *acção* – a solução mais rápida e simples estaria em recorrer aos critérios histórico-etimológicos. De acordo com estes, seria possível estabelecer um hipotético verbo **ACTIONĀRE*⁴. Assim, a pista etimológica conduziria à classificação do verbo português como não-construído.

⁴ Não se encontra atestado em Gaffiot (2000) este hipotético verbo. Em Corominas & Pascual (1991) não é indicada ascendência latina para *accionar*. Em Meyer-Lübke (1935) não se encontra este verbo. Em Diez (1874: 364) estes verbos são tidos como gerados a partir dos substantivos latinos e não como correspondentes a verbos latinos.

O problema reside na rede semântica funcional que ressalta entre o substantivo e o verbo em português. Este não é, no entanto, critério suficiente para declarar uma relação derivacional entre dois lexemas. Entre *solver* e *solução* existe também uma relação semântica, ainda que neste caso a direccionalidade seja de V para N e não de N para V. Contudo, não existe a mesma linearidade morfológica activada na actual sincronia do português. É necessário recorrer a outros pares formal e semanticamente relacionados da mesma maneira de *acção* e *accionar*.

Quer isto dizer que a decisão de se classificar *accionar* como construído em português passa pela análise de outros pares em que haja um substantivo fechado à direita pelo grupo fonológico representado na grafia por *-ão* e um verbo no qual ocorra *-ion-* na posição de *-ão*.

Pares que preenchem estes requisitos⁵ são, por exemplo, *relação/relacionar*, *congestão/congestionar*, *ambição/ambicionar*, *caução/caucionar*, *colecção/coleccionar*, *comoção/comocionar*, *confeção/confeccionar*, *decepção/decepcionar*, *estação/estacionar*, *lição/leccionar*, *menção/mencionar*, *petição/peticionar*, *puncção/puncionar*, etc. Se os verbos em causa não se encontram atestados em latim e se a relação quer semântica quer formal é saliente entre substantivo e verbo destes pares, surgem duas hipóteses explicativas para a formação destes verbos:

a) são verbos gerados em português a partir dos substantivos latinos correspondentes, à luz das regras e das operações genolexicais do latim;

b) são verbos gerados em português a partir de um alomorfe do substantivo disponível em português, mas com formatação alatinada, à luz das regras e das operações genolexicais do português.

A primeira hipótese pressupõe que a mente-f tenha acesso a dois tipos de estrutura do latim. Por um lado, as estruturas lexicais e, por outro, os mecanismos de formação de palavras. Não se trata de estipular estruturas lexicais e genolexicais do português com formatação latina, mas antes de imiscuir formas e operações do latim na arquitectura do português.

A segunda hipótese prevê que a mente-f tenha a possibilidade de armazenar alomorfes morfolexicais, sem que haja necessidade de estipular o conhecimento-f dos materiais do latim.

À primeira hipótese ergue-se a dificuldade de explicar como é que a mente-f tem acesso aos lexemas e aos mecanismos latinos, sem que esteja a eles exposta. Note-se que os verbos elencados para discutir esta questão são verbos de uso comum e não de uso culto. Logo,

⁵ No DLP encontraram-se 62 verbos em *-cionar-*.

argumentar que se trata de formações restritas a falantes com acesso às fontes latinas não parecer suficiente força para derrubar este entrave. Mas suponhamos que estas formas foram criadas por falantes cultos a partir do acesso directo às formas latinas. Suponhamos que essas formas foram perdendo carácter culto através da sua propagação diastrática. Essa perda do carácter culto acarretaria que as relações derivacionais entre N e V de formatação latina se fossem perdendo, pois haveria a introdução dos vocábulos em estratos de falantes sem acesso aos parâmetros genolexicais latinos.

Repare-se ainda que os contra-argumentos que estamos a lançar a esta hipótese não contradizem o estipulado acerca do *continuum* entre o latim e o português. Esse *continuum* não pressupõe que os falantes de uma determinada sincronia do português tenham acesso inconsciente ou consciente a uma determinada sincronia do latim enquanto tal. Esse *continuum* pressupõe tão-somente que, havendo uma continuidade entre as duas línguas, é esperável que não seja apenas o léxico o objecto dessa continuidade, mas também as restantes estruturas, incluindo os mecanismos genolexicais. Esta preservação das estruturas não se constrói através de rupturas, mas de continuidades. Não se trata de uma determinada operação genolexical ser transferida em hiato temporal do latim para o português, mas antes de, diacronicamente, haver continuidade dessa operação. Como tal, essa operação é parte integrante dos mecanismos de formação de palavras do português e não um empréstimo.

Não estamos com isto a querer dizer que não haja a possibilidade de gerar lexemas em português, como noutra língua, a partir de lexemas não integrados na arquitectura lexical dessa língua. No entanto, ainda que tomem como matéria de derivação elementos extra-sistema, essas construções são moldadas de acordo com os parâmetros do sistema de chegada. Atente-se, por exemplo, em verbos como *mailar* ou *clicar*. Apesar de a fonte advir do inglês, a formatação ocorre de acordo com os parâmetros do português. Tal é revelado pela adequação morfológica a que se sujeita essa fonte (VT e morfemas modo-temporais e pessoa-numerais, sendo que a VT é *a-*, a única disponível para a geração de verbos em português).

A primeira hipótese não é adequada à concepção mental-f do léxico, visto não explicar por que razão se mantém activa a ligação direccionalmente construída entre, e.g., *ambição* e *ambicionar*. É importante enfatizar a ideia da relação derivacional entre os lexemas no léxico. Na verdade, esta não se constitui como o único tipo de relação lexical, pelo que, falando de genolexia, é necessário que a relação seja derivacional e não de outro tipo. Nem sempre uma

relação derivacional correspondente a uma sincronia pretérita, seja do português ou do latim, se mantém activa na actual sincronia.

Por exemplo, é difícil sustentar a manutenção de uma relação derivacional entre o verbo *conjungir* e o substantivo *conjunção*. Contudo, essa relação derivacional existia em latim entre o verbo CONJUNGŌ e o seu deverbal CONJUNCTĪŌ. Apelar, para as formas do português, para um processo de alomorfia para explicar as diferentes configurações formais entre o radical do verbo e o do substantivo não é suficiente para restaurar a relação derivacional morfológica, semântica e mesmo pragmática dos dois lexemas. De facto, parecem divergentes os usos, pragmaticamente definidos, em que cabem verbo e substantivo. Para além disso, a relação morfológica e, logo, semântica parecer estar dissolvida devido à diferença entre a formação da base latina dos deverbais em -ION- e o correspondente português -*ção*.

Voltaremos a este problema a propósito da hipótese de a alomorfia aniquilar a necessidade de estabelecer lexemas não-construídos compostos e de colocar apenas como não-construídos os lexemas não-compósitos.

Regressamos à especificidade da avaliação das hipóteses acerca do carácter construído vs. não-construído de verbos como *ambicionar*. Já vimos que a primeira hipótese que desenha tais verbos como não-construídos, apesar de não herdados de verbos equivalentes do latim, emerge como redutora e pouco consistente. Essa hipótese deixa por explicar a relação derivacional activa que os pares mantêm no léxico do português, para além de não apresentar uma solução credível para a alimentação na mente-f de estruturas e mecanismos, não com formação latina, mas de facto latinas (ou assim encaradas na hipótese).

Analisemos de seguida a segunda hipótese. Esta hipótese prevê que existam no léxico alomorfes para o mesmo lexema, cuja formação pode ser [\pm latina], mas cujo estatuto é [+ português]. O conceito estruturalista de alomorfia carece de um suporte teórico mental-f suficientemente sólido que lhe ofereça um estatuto plenamente adequado para a explicação destes fenómenos. A alomorfia, sendo um instrumento que permite descrever fenómenos de disparidade formal relacionados com o mesmo lexema, tem de ser observada à luz de pressupostos teóricos acerca da arquitectura da linguagem para que possa ultrapassar a mera versatilidade descritiva e atingir o mesmo nível explicativo.

2.1 A alomorfia à luz da abordagem mental-f

Parece-nos que a concepção de arquitectura paralela de Jackendoff, especificamente a sua noção de léxico, se adequa a um desenvolvimento teórico da noção de alomorfia. Um dos problemas que a alomorfia suscita relaciona-se com o modo como um signo linguístico, que a partir da concepção de Saussure é encarado como uma unidade entre um significante e um significado, pode apresentar mais do que um significante. Nessa concepção, a alomorfia parece destruir essa unidade. Para além disso, alguns alomorfes são encarados como que desviantes em relação a outros, na medida em que a sua configuração formal se afasta daquela que é tida como própria do uso mais comum ou [+ nativo] do português.

A concepção de léxico que é desenvolvida por Jackendoff permite anular esse carácter periférico da alomorfia. Recordamos que, para Jackendoff (2002: 131), um item lexical funciona como interface, em pequena escala, das estruturas fonológica, sintáctica e semântica, visto que o léxico é encarado como um componente de interface. A unidade Saussureana do signo linguístico é nesta concepção da arquitectura paralela ultrapassada pela possibilidade de haver itens lexicais em que as correspondências entre as diferentes estruturas estão ou não activadas. É neste sentido que Jackendoff (2002: 131-132) referencia os itens lexicais defectivos. Mas é também neste sentido que é possível conceber que para o mesmo item lexical, pequeno ponto de interface dentro da componente de interface que é o léxico, existam diferentes estruturas fonológicas.

A alomorfia, segundo estes moldes, não tem de ser encarada como uma forma de uma palavra gramatical específica, mas como uma das formas possíveis de um determinado lexema.

Booij (1997) apresenta um estudo acerca da formação de palavras do neerlandês em que a alomorfia das bases suporta a ocorrência das estruturas formais de determinados produtos. Esses produtos são analisados à luz de relações paradigmáticas e não sintagmáticas com as bases, pois a palavra gramatical que ocorre com esse alomorfe não é interpretável como base desse produto, tendo em atenção a não correlação semântica entre ambos. A proposta de Booij (1997), condensada nos princípios de que a alomorfia é um fenómeno interveniente na morfologia derivacional paradigmática, baseia-se nos postulados de Aronoff (1994).

Em Aronoff (1994), é estipulado, através de dados obtidos da análise dos temas dos verbos latinos, um nível morfológico puro, ou seja, um nível a que o autor chama 'morphomic'. Trata-se de formas não previsíveis fonologicamente e não correlacionadas com uma carga

semântica. Essas formas, no entanto, apresentam um papel relevante na determinação dos constituintes morfológicos flexionais pertencentes ao mesmo paradigma.

Aronoff (1994) oferece o exemplo do particípio futuro activo dos verbos latinos (e.g. PUGNATURUS), que é tradicionalmente descrito como formado a partir do tema do particípio passado (e.g. PUGNATUS)⁶. Aronoff (1994: 32-33) encontra nesta relação morfológica um paradoxo, que consiste na não correlação semântica entre as formas do particípio futuro, com carga semântica activa, e as do particípio passado, com carga semântica passiva, para além da diferença de construção sintáctica entre ambas.

Em vez de optar por uma explicação baseada na formação parasítica ou prisciânica,⁷ Aronoff estabelece antes que quer as formas do particípio futuro quer as do particípio passado são formadas a partir de um terceiro tema, não especificado quanto à carga semântica passiva ou activa. Segundo Aronoff (1994: 34), «[...] there are a number of morphological operations, both inflectional and derivational, that are based on this same stem, with little evidence that any one of them is basic to another.». Esta hipótese, segundo o A., permite explicar a ocorrência de verbos que, por serem intransitivos, não oferecem formas do particípio passado, mas apenas as do particípio futuro. Este terceiro tema dos verbos latinos é comum às formas do supino, do particípio passado e do particípio futuro, bem como às bases derivantes de produtos sufixados em -OR, -ION- e -UR-.⁸

Aronoff (1994: 39-41) concebe o tema como contendo apenas carga fonológica em relação ao complexo fonologia/sintaxe/semântica que compõe um lexema. Isto significa que o mesmo lexema pode apresentar mais do que um tema, sendo cada um actualizado por imperativo de regras conjugacionais.

Qual a vantagem desta perspectiva para o nosso trabalho? A vantagem consiste na apreciação de alomorfes ocorrentes em determinados produtos lexicais não como necessariamente advindos de palavras gramaticais, mas de estruturas morfómicadas (ou seja, não

⁶ Os exemplos são de Aronoff (1994: 31-32).

⁷ Veja-se Aronoff (1994: 177, nota 3): «In the system of classical Latin Grammarians, e.g. Donatus (fourth century) or Priscian (sixth century), and in subsequent traditional Western school grammars based on the Latin model, one member of an inflectional paradigm was formed from another, rather than both being formed from a third more abstract form, as in the Sanskrit and modern formal traditions. Hence the name *Priscianic* for such a formation when it is called for in modern terms.». Aronoff localiza Matthews (1972) como fonte geradora desta designação. Veja-se Matthews (1994) para o fundamento e descrição dessa visão.

⁸ Veja-se o quadro 2.4 da pág. 38 de Aronoff (1994) para a visualização de exemplos de produtos latinos formados a partir do terceiro tema.

correlacionadas com um alossemantismo) de um determinado lexema, activadas por circunstâncias formais. Esta abordagem de Aronoff ganha consistência sob os postulados da arquitetura paralela de Jackendoff (2002), ao conceber-se que o item lexical funciona como uma interface das estruturas fonológica, sintáctica e semântica e não como um ponto absolutamente fixo da juntura destas três estruturas.

Cada uma das estruturas fonológicas correspondentes ao mesmo item lexical é activada de acordo com a intervenção das regras específicas para cada construção. O exemplo de *síntese* e *sintetizar* pode ajudar a esclarecer esta questão. Uma forma de salvaguardar as diferentes estruturas fonológicas dos radicais em jogo consiste na concepção de alomorfia que estamos aqui a explicitar. Para explicar a ocorrência do verbo *sintetizar*, pode apelar-se à noção de truncação (cf. Corbin (1987: 341-370) e Aronoff (1976)) para esquematizar a relação derivacional entre *sintético* e *sintetizar*. *Sintetizar* seria um verbo deadjectival formado a partir da forma truncada de *sintético*. O sufixo adjectival *-ic-* seria truncado, dando lugar à forma *sintet-*, à qual seria agregado o sufixo verbalizador *-iz-*.

Esta hipótese levanta alguns problemas. Desde logo, o problema da economia do mecanismo em causa. A estipulação de um mecanismo de truncação a operar dentro da esfera da genolexia revela-se dispendioso e pouco operativo se o resultado final não consistir, de facto, em formas encurtadas. Tal mecanismo já se revela pertinente em casos como os de, e.g., *expo*, *heli*, *prof*. Nestas formas, os elementos truncados não correspondem a unidades mórficas e, como tal, não são precedidos por unidades também elas mórficas, ou seja, com autonomia a nível do léxico. Se os lexemas podem ser constituídos por unidades mórficas que lhe oferecem o carácter de decomponibilidade, nada obsta a que não se opte pela denominada formação parasítica ou prisciânica e sim por uma morfologia não concatenatória para explicar fenómenos genolexicais.

Por outro lado, estabelecer que *sintetizar* é formado a partir de *sintético* com a truncação do elemento *-ic-* deixa em aberto uma outra questão: como se explica, mais uma vez, a assimetria fonológica entre *síntese* e *sintético*? É óbvio que não está em causa uma eventual desvalorização do carácter não-construído destas formas e das subsequentes explicações de mutação fonética desenhada diacronicamente, à luz dos parâmetros da língua grega. Ou seja, não estamos a querer negar esses factores que modelam as estruturas fonológicas dos itens lexicais. Contudo, é também inegável a relação existente no léxico entre *síntese* e *sintético*, relação essa enfatizada pelos laços semânticos entre as formas.

Se em relação a *conjunção* e a *conjungir* a relação não apenas derivacional, mas também meramente lexical, existente entre os dois lexemas em latim, aparece diluída em português, o mesmo não acontece com *síntese* e *sintético*. Ou seja, ainda que se opte por uma explicação de carácter histórico para a divergência fonética destas formas e, conseqüentemente, se opte por colocar *sintético*, legitimamente, de resto, no conjunto das formas não-construídas, fica por explicar a manutenção da relação derivacional entre o substantivo e o adjectivo.

A alomorfa concebida de acordo com a noção de léxico como interface parece solucionar estes casos. Assim, é possível conceber que para o item lexical ‘síntese’ existem duas estruturas fonológicas possíveis. Uma é activada nas correspondências com a estrutura sintáctica Substantivo e semântica ‘operação intelectual [...]’ e a outra é activada nas correspondências com a estrutura sintáctica Adjectivo e semântica ‘relativo a síntese’. A activação da estrutura fonológica respectiva faz-se no conjunto da interface do item lexical, de acordo com as estruturas sintáctica e semântica também activadas. Assim, *sintetizar* pode ser definido como construído a partir de *síntese*, através da activação de um determinado alomorfe do radical.

Esta visão de alomorfa apresenta a vantagem de ser válida tanto para lexemas não-construídos como para os construídos. No caso dos lexemas construídos, a activação de determinado alomorfe da base é efectuada pelo operador afixal interveniente na construção do produto lexical ou pelo mecanismo de operação, no caso de estarmos perante um fenómeno de conversão.

A alomorfa permite, pois, explicar a formação de verbos como *ambicionar*, *solucionar*, *coleccionar*, *emocionar* dentro do português e à luz da segunda hipótese que aqui repetimos para efeitos de maior clareza. Esta hipótese sustém que estes verbos são gerados em português a partir de um alomorfe do substantivo disponível em português, mas com formatação alatinada, à luz das regras e das operações genolexicais do português.

Na concepção que enforma a alomorfa aqui defendida, as bases nominais que estão na origem destes verbos não são os substantivos latinos, mas sim os alomorfes com formatação identificável como mais próxima do latim, mas não deste exclusiva, visto emergirem em lexemas construídos em português. A operação que labora nestas construções é a conversão denominal, pelo que deverá ser a responsável pela activação deste formato do radical. Neste caso, não havendo constrangimentos entre operadores afixais, a conversão formatará o radical base de acordo com aquela configuração por razões de eufonia.

Todo este excuro que nos lançou no domínio da alomorfia foi gerado pela necessidade de dilucidar a classificação de alguns lexemas como construídos do português, apesar de, em aparência, as bases que lhes estão na origem não apresentarem existência nesta língua. Vimos que a alomorfia, à luz da concepção de léxico de Jackendoff (2002), permite estabelecer essas bases como variantes formais activadas no momento de interface das várias estruturas que perfazem um item lexical. Daqui resulta a dissolução do problema de considerar como construídas formas verbais como *ambicionar* ou *emocionar*. Os verbos em *-cionar* são interpretáveis como construídos, tendo em conta o estabelecido para os restantes verbos paralelos do português, bem como a sua relação derivacional semântica com as respectivas bases nominais.

A hipótese assim formulada da alomorfia levanta outras questões e outras hipóteses de interpretação acerca do carácter construído ou não-construído dos lexemas. Se a mediação entre derivante e derivado se faz com base na transparência das relações de identidade fonológica, morfológica e semântica, através da mediação de regras de formação de palavras, e se a noção de alomorfia vem satisfazer a relação de identidade fonológica entre uma eventual base e um seu eventual derivado com estruturas formais aparentemente assimétricas, então a alomorfia permite estabelecer qualquer lexema composto do português como construído, desde que haja um potencial derivante que lhe possa estar na origem.

Vem esta hipótese a propósito do esclarecimento acerca da concepção que suporta este trabalho relativamente às fronteiras e aos critérios que norteiam a classificação quer de determinadas bases quer de determinados deverbais como construídos ou não-construídos. É necessário explicitar os critérios que nos conduziram a determinadas classificações quer dos substantivos deverbais, quer de algumas bases daqueles. Já aqui indicámos que tomamos como construídos em português itens lexicais que obedeçam aos parâmetros genolexicais desta língua e que apresentem estruturas morfofonológica e semântica relacionáveis derivacionalmente, o que implica direcionalmente, com as mesmas estruturas das bases. É condição suficiente que essas bases sejam potenciais no léxico da língua.

Consequentemente, como já dissemos, um lexema como *declaração* é encarado como um deverbal construído do português, não obstante a atestação da forma latina com que se pode ligar geneticamente. O carácter transparente da decomponibilidade dos constituintes morfológicos desse substantivo e a sua coadunação com os parâmetros genolexicais do português consolidam a visão de que o léxico mental trata esse item como construído.

Lexemas como *concepção*, *difusão*, *solução*, etc. são alvos da mesma indagação, para nos centrarmos em exemplos de deverbais em *-ção*, cujos correspondentes atestados em latim são em número não descurável. Se seguíssemos o critério histórico, que já avaliámos no início desta secção, qualquer atestação de lexemas latinos seria argumento para considerar infalivelmente os lexemas correspondentes do português na classe dos não-construídos. Não repetiremos os argumentos aqui avançados para a dissociação do critério absolutamente histórico do conjunto dos critérios directamente envolvidos para a resolução do carácter construído vs. não-construído dos lexemas. Não obstante, é relevante enfatizar o carácter precário das atestações das formas latinas, bem como sublinhar a constância das relações derivacionais que subsistem no léxico-mental entre determinados itens lexicais. Como veremos, esta posição não é, no entanto, sinónima do completo abandono do critério histórico, desde que usado como instrumento coadunável com a visão da arquitectura aqui explorada.

Assim, não seguimos esse critério histórico meramente baseado na atestação de formas latinas. Estabelecemos, como já ficou explícito, que lexemas cujas estruturas se revelem como o resultado de operações genolexicais conformes com aquelas que são definidas para o português são classificados como construídos. Está nesta categoria o substantivo *declaração*.

Posteriormente, colocou-se-nos a questão de lexemas como *ambicionar*. Resolvemos esta questão classificando o lexema como construído. Para tal aplicámos a noção de alomorfia com o auxílio dos instrumentos teóricos acerca do léxico como interface desenvolvido em Jackendoff (2002).

É esta hipótese da alomorfia como potenciadora da activação de uma determinada estrutura fonológica em parceria com as correspondências com as estruturas semântica e sintáctica que faz avançar uma hipótese reversa relativamente à manutenção da oposição entre lexemas não-construídos compósitos e construídos.

A hipótese é a seguinte: qualquer lexema que possua uma relação lexical com outro lexema, mesmo que este tenha carácter potencial, é definível como derivado do segundo, ainda que existam disparidades ao nível da estrutura formal entre ambos, desde que correlacionáveis alomorficamente.

No fundo, é esta constatação acima delineada como hipótese que ressalta da classificação de *ambicionar* como construído em português a partir de um alomorfe do substantivo *acção*, activado pela interface das várias estruturas que irão compor o verbo resultante de conversão.

Trata-se agora de experimentar até que ponto é possível fazer espriar os resultados da mesma proposição para outros lexemas, como os já indicados *concepção, difusão e solução*.

Em síntese, surgem duas hipóteses:

i) *concepção, difusão e solução* são definíveis como substantivos não geráveis em português, logo, não-construídos, devido à disparidade formal entre as formas do radical dos verbos correspondentes e as formas dos radicais segmentáveis nos substantivos (*concebe/concep, difund/difus, solv/solu*).

ii) *concepção, difusão e solução* são definíveis como geráveis, logo, construídos em português, tal como *declaração*, sendo a disparidade existente entre as formas dos radicais dos substantivos e dos verbos explicáveis à luz da alomorfia definida como decorrente da interface operante do léxico.

A hipótese i) parece ignorar os dados obtidos a propósito de *ambicionar*. A hipótese ii) parece aliciante, apoiada nesses dados, para transpor, de forma teoricamente suportada, para a genolexia do português lexemas que parecem ter um carácter ambíguo. É que estes lexemas são descritos como heranças latinas e, em simultâneo, são segmentáveis em unidades mórficas, o que lhes empresta a possibilidade de serem montados on-line no léxico do português.

A hipótese ii) permite conceber que *concepção, difusão e solução* são gerados em português a partir de um alomorfe do radical dos verbos *conceber, difundir e solver*, respectivamente. Assim, no momento da activação das correspondências de interface entre as estruturas que perfazem um item lexical, o operador sufixal *-ção* colocaria um constrangimento na escolha do alomorfe a conjugar com a estrutura sintáctica N e com a estrutura semântica ‘acção de V’. O alomorfe activado seria, nestas circunstâncias, não coincidente com o alomorfe activado para o item verbo.

De acordo com esta hipótese, não é necessário manter uma classe de lexemas compostos não-construídos, desde que relacionáveis com outros lexemas potenciais do português.

Para que esta hipótese tenha plena validade, é necessário estipular regras que permitam depreender em que condições estruturais é que o sufixo derivacional *-ção* (também caracterizado pelo fenómeno da alomorfia) activa um alomorfe do radical da base distinto daquele que é activado quando essa base ocorre como palavra⁹. Por outro lado, é ainda necessário demonstrar

⁹ Neste contexto, usamos a distinção entre *lexema* e *palavra*, tal como preconizado por Jackendoff (2002: 153), para distinguir o item lexical, ou seja, a unidade armazenada no léxico, da palavra, ou seja, da sua actualização em texto.

que, nessas mesmas condições e estando a deverbalização em *-ção* actualmente disponível em português, continuam a formar-se deverbais com o mesmo tipo de alomorfe do radical da base.

Relativamente à primeira tarefa, constata-se, de um modo sincronicista e alheio propositadamente às fontes históricas, que:

a) tal como *solução* está para *solver* também *resolução* está para *resolver* e *dissolução* para *dissolver*. Assim, é estipulável que o alomorfe escolhido para a deverbalização como possuidor de uma vogal posterior fechada depois de consoante lateral áptico-alveolar tem como contraparte no radical do item actualizado como verbo uma consoante fricativa vozeada lábio-dental antecedida de consoante lateral áptico-alveolar posdorso-alveolar.¹⁰

b) tal como *concepção* está para *conceber* também *recepção* está para *receber* e *percepção* para *perceber*. Assim, é possível estabelecer que o alomorfe activado para o substantivo deverbal é constituído por segmento bilabial não-vozeado na posição em que o alomorfe activado para o verbo possui um segmento bilabial vozeado.

c) tal como *difusão* está para *difundir*, também *fusão* está para *fundir*, *efusão* para *efundir*, *confusão* para *confundir*, *difusão* está para *difundir*; assim é possível concluir que o alomorfe activado para o substantivo deverbal é constituído por marca zero no lugar em que o radical escolhido para o verbo apresenta o segmento consoante oclusiva áptico-alveolar vozeada. Há ainda a considerar a diferença vocálica dos radicais do verbo e do substantivo. No primeiro ocorre vogal nasal; no segundo vogal oral. É necessário ainda estipular um mútuo constrangimento de alomorfia entre o radical e o sufixo *-ção*, pois este apresenta-se sob o alomorfe *-são* correspondendo fonologicamente a uma alternância entre um segmento consonântico não-vozeado e o correspondente vozeado.

Estabelecidas as regras, é necessário avaliar a sua operacionalidade, ou seja, é necessário passar à segunda tarefa. Nas mesmas condições de co-texto fonológico e derivacional, os produtos gerados em português deverão obedecer aos mesmos constrangimentos de activação do mesmo tipo de alomorfe, em consonância com a regra de formação em análise. Isto significa que:

a) qualquer verbo da segunda conjugação que apresente a terminação do radical em *-lv-* dá origem a um deverbal em *-ção* com terminação do radical da base formatada como *-lu-*;

b) qualquer verbo da segunda conjugação com radical terminado em *-eb-* apresenta deverbal formado com o sufixo *-ção* com terminação do radical da base formatada em *-p-*;

¹⁰ A escolha deste sistema de traços fonético-fonológicos foi aleatória.

c) qualquer verbo com radical terminado em *-nd-* pertencente à terceira conjugação suscita a criação de um deverbais com segmento nulo no lugar correspondente ao que é ocupado pelos segmentos indicados para o radical do item actualizado como verbo, havendo constrangimentos do mesmo tipo ao sufixo que ocorre com alomorfe *-são*.

Se estas hipóteses se verificarem, então é possível concluir que *fusão*, *solução* e *concepção*, assim como todos os elementos deverbais de pares lexicais que activem alomorfes distintos de acordo com cada estrutura sintáctica e semântica em causa são construídos em português.

Comecemos por avaliar a disponibilidade da geração de deverbais simétricos aos parâmetros revelados por *concepção*. Para tornarmos a tarefa mais interessante sob o ponto de vista morfológico e atendendo à identificação morfemática da raiz destes verbos, limitar-nos-emos a lidar com verbos que contenham o constituinte morfemático *-ceb-*. Aquilo que é revelado pela possibilidade de formação de um deverbais em *-ção* a partir de verbos como *desaperceber* e *desperceber* é a agramaticalidade da formatação esperada **desapercepção* e **despercepção*. Repare-se que *desaperceber* e *desperceber* são verbos formados em português, pelo que a sua capacidade de gerar um deverbais em *-ção* com o formato paralelo ao de *percepção* seria probante do carácter construído desta série de deverbais.

Podemos ainda recorrer a um outro critério para verificar da plausibilidade do carácter construído destes substantivos. Trata-se de pesquisar todos os substantivos terminados em *-cepção* e verificar se todos eles têm ligação lexical com um verbo correspondente, sendo que este verbo pode ser apenas potencial. O DLP oferece doze substantivos com esta terminação. São eles *acepção*, *apercepção*, *concepção*, *contracepção*, *decepção*, *excepção*, *intercepção*, *intuscepção*, *intussuscepção*, *percepção*, *preconcepção* e *recepção*. As únicas formas verbais correlatas encontradas são *aperceber*, *conceber*, *perceber*, *preconceber* e *receber*. Isto significa que sete dos doze substantivos não dispõem de verbo com que se relacionem lexicalmente. A tentativa de formar paradigmaticamente os eventuais verbos desses sete substantivos revela-se infrutífera, pois as formas obtidas resultam agramaticais e até ininterpretáveis: **aceber*, **contraceber*, **deceber*, **exceber*, **interceber*, **intusceber* e **intussusceber*. Repare-se, no entanto, no verbo inglês *decieve* que mantém relação lexical com o substantivo *deception*.

Quanto aos substantivos simétricos a *solução*, notam-se as mesmas contrariedades para que se possam considerar como construídos em português. Perante verbos como *absolver*, é

esperável que o deverbal em *-ção* dele construído obedeça aos parâmetros descritos. Contudo, a forma **absolução* não ocorre, ocorrendo antes *absolvição*, ou seja, o deverbal com a formação que obedece aos parâmetros da formação de substantivos em *-ção* em português. Esses parâmetros estipulam que o sufixo *-ção* seja agregado a um tema do verbo. Esse tema é o mesmo a que se agrega o morfema de particípio (e.g. *moição* de *moer* e *absolvição* de *absolver*) (cf. Aronoff 1994). Interessante é também notar a ausência de um substantivo como **volução* que se relacionasse com *volver*, tanto mais interessante se se reparar na sua ausência também em latim, o que poderá indiciar a herança latina destes substantivos.

Quanto aos substantivos simétricos a *fusão*, a existência do substantivo *fundição*, formado em português através da agregação do sufixo derivacional *-ção* ao tema do verbo *fundir* parece ser um bom exemplo para comprovar que os parâmetros actuais de formação destes substantivos apenas admitem como formato da base verbal o tema do particípio.

A hipótese de que a alomorfia é suficiente para considerar todas as estruturas compósitas como construídas em português sai assim derrubada pela constatação de que o carácter construído de um lexema só pode ser atestado se o seu formato se revelar conforme com os parâmetros genolexicais do português. A existência de simetrias inegáveis entre os substantivos e os verbos que formam as séries aqui focadas (*-ceb-/cep-*, *-fund-/fu-*, *-olv-/olu-*) mostra o carácter compósito desses itens (os verbos em jogo contêm elementos mórficos relacionados, respectivamente, com CAPIŌ, FUNDŌ, e, por último, SOLVŌ e VOLVŌ) e deixa transparecer os parâmetros de formação de deverbais no latim. A alomorfia entre base verbal e radical do substantivo aponta que os deverbais em *-ION-* do latim resultavam da agregação deste sufixo ao tema comum ao do supino do verbo.¹¹ Este parâmetro é absolutamente transparentizado pelo substantivo *translação*.

Perante a ausência de um verbo potencial como **translar*, torna-se óbvia a radicação deste substantivo no latim TRĀNSLĀTĪŌNEM, deverbal do verbo TRĀNSFĒRŌ, cujo supino, como o de qualquer derivado de FĒRŌ, é em *-LĀTUM* (TRĀNSLĀTUM). Este verbo tem o equivalente em português *transferir*. Perante a ausência de **translar* e de **transferição*, é possível estabelecer uma relação derivacional entre *transferir* e *translação*? Não nos parece plausível esta hipótese, visto a flexão dos verbos latinos não ter sido preservada em português de

¹¹ O sufixo *-ção* resulta da autonomização morfológica acarretada foneticamente do sufixo *-ION-* agregado ao segmento *-T-* do terceiro tema.

forma total. Por conseguinte, não se encontra activa no léxico do português a correlação entre a forma equivalente à do supino e aquela equivalente ao tema do presente do verbo latino. Inclusivamente apelando à noção de alomorfia, não parece ser possível promover essa relação.

Estes dados significam, em resumo, que não pretendemos anular o recurso aos dados históricos para explicar o estado morfolexical dos itens lexicais do português, ao contrário do que poderia pensar-se ao colocarmos em destaque a necessidade de modalizar o critério histórico e de enfatizarmos o aspecto da organização mental do léxico em termos sincrónicos. Assim, o fenómeno da alomorfia torna-se precioso na explicitação de relações derivacionais entre uma base e um produto com disparidades formais, desde que mostrem obedecer aos parâmetros genolexicais do português. Os casos de pares alomórficos que não obedecem a esses parâmetros encontram explicação histórica não necessariamente coincidente com a sincronia actual do português.

Deste modo, revela-se necessária e operatória a manutenção da distinção entre lexemas não-construídos compósitos e não-compósitos. É que nem todos os compósitos são passíveis de serem lidos à luz dos mecanismos genolexicais do português, ainda que a sua decomponibilidade seja operável pelo léxico.

Estes dados trazem também implicações ao nível do entendimento do funcionamento do léxico mental. O léxico não pode ser entendido como o repositório de tudo o que é irregular (Bloomfield 1933; Chomsky 1965), mas também não é possível concebê-lo como o espaço da regularidade absoluta. Como alguns lexemas não são passíveis de serem interpretados on-line, é necessário entender que o léxico também está dependente do funcionamento da memória de longo prazo.

3. Estruturas morfemáticas/morfológicas das bases: parâmetros de delimitação dos seus tipos

A análise das estruturas morfemáticas/morfológicas das bases dos deverbais obedece à finalidade de avaliar quais os constrangimentos deste nível estrutural que regulam a formação dos substantivos deverbais sufixados. Nesta secção, é nosso objectivo estabelecer quais as estruturas morfológicas/morfemáticas que ocorrem nos verbos derivantes dos substantivos construídos com cada um dos operadores sufixais em jogo.

Como ficou estabelecido a propósito das considerações acerca dos critérios usados para a dilucidação do estatuto construído ou não-construído dos lexemas do português, a base para esta primeira oposição formal situa-se no fundamento mental-f do léxico. Assim, tal como para os substantivos deverbais, as bases verbais são classificadas como construídas se apresentarem correspondência a todos os níveis estruturais com os mecanismos genolexicais do português. Serão classificadas como não-construídas as bases cujas estruturas formal e semântica não forem coadunáveis com esses mecanismos.

Também nesta fase se procede à distinção entre lexemas não-construídos compostos e não-compostos, que preferimos designar por ‘com estrutura mórfica transparente’ e ‘com estrutura mórfica opaca’. Estas designações, segundo nos parece, deixam entender a importância da decomponibilidade desses lexemas operável pelo léxico mental e não de um conhecimento externo dos mesmos protagonizado por critérios meramente históricos.

A classificação formal das estruturas das bases verbais aqui oferecida apresenta-se segundo a tipologia seguinte:

- A) bases não-construídas
 - i) com estrutura mórfica opaca
 - ii) com estrutura mórfica transparente
- B) bases construídas por
 - i) conversão
 - ii) prefixação
 - iii) sufixação
 - iv) circunfixação
 - v) composição
 - vi) cruzamento

Esta tipologia não é representativa da totalidade das estruturas morfemáticas/morfológicas que caracterizam o léxico do português, mas apenas daquelas que foram encontradas na análise das bases dos substantivos deverbais do português. Como já explicitado, optámos por subdividir as bases não-construídas em opacas e transparentes. As bases opacas apresentam uma estrutura morfemática monolítica (excluindo os componentes flexionais verbais, que não são especificados

no lexema¹²), isto é, não são decomponíveis em unidades morfo-lexicais mais pequenas que as revestissem de um carácter composto. São exemplos deste tipo de bases os verbos *lavar, ler, comer, moer, chorar, ceder, servir, castrar, danar, florir, berrar, coaxar, matar, lidar, parar, etc.* Esta opacidade estrutural de um dado lexema é visível não tomando o lexema em causa exclusivamente, mas comparando-o com os restantes objectos do léxico.

Se a visão de léxico em que se funda o nosso trabalho é arquitectural e mental-f, só é possível classificar um lexema como de estrutura opaca ou transparente através de um processo de comparação com outros lexemas. É neste sentido que a análise dos dados que iremos observar apresenta como opacas formas que, à luz de critérios etimológicos, seriam classificadas como compostas e, logo, como transparentes. Exemplo desta disparidade classificatória entre a aplicação de critérios etimológicos, que deixam de lado a visão mentalista do léxico, e aquela que aqui advogamos, que parte da organização mental-f do fenómeno linguístico, é oferecido pelo lexema *peregrinar*.

A etimologia de *peregrinar* revela tratar-se de um verbo de carácter composto em latim. O próprio semantismo do verbo latino, ‘viajar por países estrangeiros’, indicia essa composicionalidade. O verbo PEREGRĪNOR tem por base o adjectivo PEREGRĪNUS, que, por sua vez, se radica no advérbio PERĒGRĒ, cujo semantismo de localização espacial ‘estrangeiro’ é baseado no seu constituinte AGER ‘campo’.

O constituinte AGER ‘campo’ é facilmente reconhecido em formas do português como *agrícola, agricultor, agrografia, agronomia, etc.* No entanto, o mesmo constituinte surge opacizado em *peregrinar* (*peregrino, peregrinação*), devido, por um lado, à distância semântica entre o vocábulo latino ‘viajar por países estrangeiros’ e o português ‘ir em romagem a lugares santos ou de devoção’ e, por outro, à diferença vocálica entre o primeiro fonema de *agri(lo)* e o correspondente em *peregrinar*. Neste caso, como acontece com outros lexemas do português herdados do latim, a relação paradigmática entre as duas formas é insustentável devido à inexistência em português de (i) outros lexemas em que o elemento AGER ocorra sob a forma de EG- e da (ii) correlação de mutação vocálica em jogo nas formas latinas.

O verbo *ambular* oferece-se igualmente em português como de estrutura morfemática opaca, ainda que em latim esta seja transparente. A forma AMBŪLŌ é resultado de uma operação

¹² Recordamos que o uso, no nosso trabalho, da forma do infinitivo, forma citacional, visa facilitar a percepção de cada lexema.

de sufixação avaliativa a partir da base AMBIŪ, que, por sua vez, ostenta estrutura também compósita, ao tratar-se de um composto de AMBI ‘à volta de’ e EŪ ‘ir’. Em português, *ambular* não mantém relação paradigmática com nenhum outro lexema que manifestasse os mesmos constituintes que emergem nas formas latinas. Como tal, não existem, em português, lexemas que pudessem servir de orientação de segmentação e identificação morfemática dos correspondentes constituintes latinos. Devido a esse isolamento paradigmático, *ambular* revela-se como morfematicamente monolítico, em português, e, logo, é por nós classificado como de estrutura opaca.

A mesma situação surge para o verbo *comer*. Em português, está opacizada a estrutura compósita latina de COMĒDŪ, verbo formado por CUM e ĒDŪ ‘comer’, já que não existem formas paradigmaticamente correlacionáveis com *comer*, facto acentuado pelo resultado da síncope de [d] na passagem do latim para o português.

Em situação paralela, ainda que com ligeiras diferenças, se encontram formas como *navegar*, *castigar*, *fustigar*, *fumegar*, já aqui referenciadas a propósito dos esclarecimentos gerais relativamente ao carácter morfematicamente opaco ou transparente dos objectos lexicais, e formas como *mastigar*, *sossegar*, *folgar*, *outorgar*, *madrugar*, por um lado, e *salgar*, *cavalgar*, *carregar*, por outro.

Aparentemente trata-se de um mesmo grupo morfemático de lexemas. Contudo, uma análise em primeiro lugar de carácter histórico revela que etimologicamente estamos na presença de dois grupos. Um grupo engloba os vocábulos *navegar*, *castigar*, *fustigar*, *fumegar* e o outro grupo abarca os lexemas *mastigar*, *sossegar*, *salgar*, *cavalgar*, *carregar*. De facto, as informações históricas mostram que o primeiro grupo lida com verbos compostos de AGŪ. Assim, os verbos latinos NĀVĪGŪ, CASTĪGŪ, FŪSTĪGŪ e FŪMĪGŪ revelam, respectivamente, os constituintes NĀVIS, CASTUS, FŪSTĪS e FŪMUS, a que se agrega o verbo AGŪ.

O segundo grupo, etimologicamente, revela um constituinte sufixal -ICARE, em que o vozeamento da consoante oclusiva velar conduziu a uma solução fonética paralela à constante no primeiro grupo (*navegar*, *castigar*, etc.). Assim, Meyer-Lübke (1895: 657-659) faz radicar os vocábulos do português *mastigar*, *sossegar*, *folgar*, *outorgar*, *madrugar*, *salgar*, *cavalgar* e *carregar* nos latinos MASTICĀRE, SESSICĀRE, FOLLICĀRE, AUTORICĀRE, MATURICĀRE, SALICĀRE, CABALLICĀRE e CARRICĀRE, respectivamente.

A comprovar que no nosso trabalho não pretendemos seguir uma via exclusivamente sincronicista, que rejeita o auxílio dos dados históricos para a descrição sincrónica das línguas, mas antes que consideramos aqueles como instrumento de esclarecimento destes, está o discernimento de dois tipos de origem etimológica para estes verbos. A comparação dos constituintes morfemáticos e sua identificação não pode basear-se somente na observação da sua aparência fonética. Esse percurso inevitavelmente conduziria a uma mesma classificação de todos os verbos terminados em *-gar*, quando o que a análise histórica evidencia é uma origem diversa de dois tipos desses verbos. Reiteramos que é neste sentido que a análise diacrónica se revela como crucial para o entendimento da sincronia de uma língua, pelo que não deve ser reduzida a um mero carácter atestatório de formas lexicais cuja presença em documentos escritos está dependente da aleatoriedade que circunscreve, por exemplo, as condições de preservação física desses documentos.

A tarefa de identificação de determinado constituinte como morfemático e não como mera cadeia fonológica passa, em primeiro lugar, pela comparação com outros lexemas que contenham a mesma cadeia. Para esta tarefa, é utilizado o DLP disponibilizado em www.infopedia.pt, que permite a pesquisa de vocábulos com qualquer cadeia de segmentos introduzida na *text box*. Caso sejam obtidos resultados positivos, em segundo lugar, é necessário fazer certificar essas cadeias em cada um dos vocábulos encontrados como representativas do mesmo constituinte morfemático através do recurso às informações histórico-etimológicas.

Exemplificando: no *corpus* de análise ocorre o deverbal *navegação*. Neste momento, a nossa tarefa consiste na análise das estruturas morfemáticas/morfológicas das bases dos verbais. Estabelecida a base do verbal em jogo – *navegar* – introduzimos a cadeia **gar* na *text box* do DLP. Em seguida, comparamos etimologicamente os constituintes de *navegar*, lexema de ponto de partida, com os constituintes com a mesma estrutura fonética disponibilizados pelos vocábulos seleccionados pelo DLP. Se em *navegar* etimologicamente *-gar* corresponde a AGŌ, para que se possa entender que esse elemento é identificado em português como morfema, ainda que de carácter apenas morfemático e não morfológico, é necessário que outros vocábulos terminados em *-gar* apresentem a mesma radicação etimológica. Neste sentido, constata-se que *navegar* está para *castigar*, mas não para *sossegar*.

A identificação etimológica não é, no entanto, suficiente para que se possa introduzir a base *navegar* na classe das bases com estrutura morfemática transparente. O carácter de

“transparente” de um constituinte advém-lhe também da sua consistência semântica e não apenas da sua exterioridade fonética. É necessário, então, que o semantismo de *navegar* mostre uma constância semântica do constituinte em causa partilhada pelos restantes verbos que o contêm. A semântica de *navegar* deve estar em correlação com as semânticas de *castigar*, *fumegar* e *fustigar*, tal como acontecia nos correspondentes vocábulos latinos, enquanto produtos do semantismo de AGÕ.

O facto de a relação derivacional entre este verbo e os seus compostos se encontrar diluída em português e o facto de existirem outros verbos com a mesma terminação sem correlação com AGÕ conduzem a uma anulação do carácter de constituinte de *-gar* mesmo a um nível meramente morfemático.

Colocamos, assim, na classe das bases com estrutura opaca verbos como *navegar*, *castigar*, *fumegar* e *fustigar*. Não ignorámos a etimologia destas formas. Mas, depois de a termos analisado, observámos que o elemento correspondente ao constituinte latino, nestes verbos do português, é morfematicamente nulo, pois não apresenta condições de interpretabilidade mórfica. Esta é dificultada pela existência de outras cadeias foneticamente iguais na mesma posição final dos vocábulos. Não existe, pois, correlação absoluta entre os dados etimológicos e os dados oferecidos pela visão mental-f do léxico.

Quanto aos verbos em *-gar* resultantes do sufixo *-ICARE*, optámos por duas soluções classificatórias distintas, consoante a interpretabilidade emergente de cada lexema em particular. Demos como exemplos destes verbos *mastigar*, *sossegar*, *folgar*, *outorgar*, *madrugar*, *salgar*, *cavalgar* e *carregar*. Apesar de todos eles advirem da mesma origem sufixal, os três últimos (*salgar*, *cavalgar* e *carregar*), ao contrário dos restantes, ostentam interpretabilidade mórfica devido à transparência não de *-gar*, que, ademais, não se encontra genolexicamente activo em português, mas do primeiro elemento constituinte (*sal-*, *caval-* e *carr-*).

Deste modo, optámos por classificar estes três verbos como morfematicamente transparentes e os restantes como morfematicamente opacos. Não resulta daqui qualquer negação dos dados histórico-etimológicos relativos aos afixos, mas da manifestação da sua opacização na arquitectura do português em lexemas como *mastigar*, *sossegar*, *folgar*, *outorgar* e *madrugar*.¹³

¹³ A opacização do constituinte *-ICARE* é reforçada se tivermos em conta outros dados diacrónicos relativos ao destino que outros vocábulos constituídos por *-ICARE* sofreram. Na verdade, devido a constrangimentos de evolução fonética, o constituinte *-ICARE* apresenta resultados divergentes, exemplificados por *cascar* (< QUASSICARE), *rascar*

Exemplo paralelo da necessidade de conjugação de critérios histórico-etimológicos com critérios mentais-f, em que se inscrevem a comparação de segmentos de cadeias fonéticas ocorrentes em vocábulos do português e a sua correlação semântica, é também oferecido por verbos como *facilitar*, *capacitar*, *felicitar*, *dificultar*, *possibilitar*, *debilitar*, *necessitar*, *nobilitar* e *exercitar*. A constância de uma cadeia segmentável em *-itar* e a interpretabilidade dos constituintes radicais a que aquela se agrega leva à colocação da hipótese de que a base de formação destes verbos é um adjectivo, sob a forma de radical, a que se agrega o hipotético sufixo *-itar*.¹⁴ Assim, *facilitar* seria uma base construída por sufixação, se se comprovasse que para a sua formação concorreriam o adjectivo *fácil* e o sufixo *-it-* (com valor de causatividade). O mesmo processo descreveria a formação de *capacitar*, a partir de *capaz*, *felicitar*, a partir de *feliz*, *debilitar*, a partir de *débil*, *possibilitar*, a partir de *possível*, havendo activação de radicais alomórficos em determinados casos.

O problema desta hipótese surge quando se constata a impossibilidade de equiparação dos verbos *dificultar*, *necessitar* e *exercitar*, em português, com os da primeira série. Nestes verbos, não se encontram formatações de adjectivos identificáveis em português.¹⁵ Como tal, integramos-os no conjunto dos verbos não-construídos em português.

Devido à interpretabilidade dos constituintes desses verbos, optámos por inseri-los na classe dos não-construídos transparentes, à excepção do verbo *exercitar*, cuja estrutura não é possível classificar como transparente. A comparação com os restantes verbos e a sua análise etimológica revela que este é um verbo cuja formação não é paralela à de *felicitar*, *nobilitar*, etc. Ou seja, a semelhança formal entre *exercitar* e *felicitar* é meramente aparente. Na verdade, os dados etimológicos apontam EXERCITARE como verbo frequentativo de EXERCĒO. *Exercitar* não pertence, pois, à mesma série de *felicitar*.

(<RASICARE) (Meyer-Lübke 1895: 658), facto que dificultará a sua identificação pelos mecanismos de comparação exercitados pela mente-f.

¹⁴ Não se confunda este hipotético sufixo com o avaliativo presente em *saltitar*.

¹⁵ De acordo com Diez (1874: 365, especialmente nota 1), o verbo latino DIFFICULTARE é formado a partir da base substantiva que designa 'qualidade'. Assim se explica a ocorrência do verbo DIFFICULTARE, em que o formato DIFFICUL- não é identificável com um adjectivo, mas com o substantivo DIFFICULTĀS, ĀTIS.

Contudo, ao basear a sua opção pela conversão de substantivos em verbos na discrepância entre a qualidade vocálica entre o verbo DIFFICULTARE e o adjectivo DIFFICILIS e a convergência do primeiro com o substantivo DIFFICULTĀS, Diez esquece que, sendo este um substantivo de 'qualidade', terá de ter uma base adjectival. Ora, em Gaffiot (2000) atesta-se o formato arcaico do advérbio DIFFICUL e em Ernout (1953: 51) mostra-se que «Quelques adjectifs-substantifs en *-lis* ont à date ancienne un nominatif en *-l*, comparable à *famul* [...]» e que «Les adjectifs *facilis* et *difficilis* ont [...] à l'époque républicaine un nominatif neutre *facul* et *difficul* [...]». Estes dados permitem equacionar de novo a hipótese de que os verbos latinos em causa são formados a partir de adjectivos.

Resta saber se *exercitar* é conjugável com as bases de estrutura não-construída opaca ou se com as de estrutura não-construída transparente. Os dados obtidos por comparação com eventuais verbos partilhadores dos mesmos constituintes morfemáticos mostram que, ainda que se trate de um verbo compósito em latim, cuja base EXERCĒO é ela própria compósita (EX-ARCĒO), não restam em português outros vocábulos em que a presença dos mesmos constituintes proporcionassem a manutenção do seu carácter morfemático em português. Como tal, optámos por classificar este verbo como de estrutura opaca.

Quanto às bases construídas em português, foram considerados os processos genolexicais de conversão, prefixação, sufixação, circunfixação, composição e cruzamento, por serem aqueles que emergiram da análise das bases dos deverbais.

Como já foi explicitado, sempre que um verbo ostente estrutura enquadrada nos produtos genolexicais do português, mesmo que esteja já atestado em latim, consideramo-lo como construído e não como não-construído. É esse o caso de muitos dos verbos sufixados em *-ific-* (*amplificar*, *falsificar*, *beatificar*, *certificar*, etc.), cujas heranças latinas AMPLIFICĀRE, FALSIFICĀRE, BEATIFICĀRE, CERTIFICĀRE não são negadas, mas redimensionadas através da continuidade genolexical entre as duas línguas. O facto de este sufixo verbalizador se mostrar activo no português contemporâneo fortalece a opção de classificar os seus produtos verbais como construídos em português, desde que possuidores de constituintes de base integrados no léxico do português. No entanto, o segundo factor enunciado – o de apresentarem uma base identificável em português – é decisivo para essa classificação. Assim, sempre que um verbo em *-ific-* mostrar uma base não interpretável em português, esse verbo é inserido nas bases não-construídas transparentes. O carácter de transparente advém-lhe, então, do sufixo.¹⁶

¹⁶ É este o caso de *edificar*, cuja significação ‘construir’ não permite manter activa, em português, a correlação com a base etimológica AEDĒS, que tem a significação de ‘templo’. A única forma com que poderia relacionar-se é *edil*. Contudo, a significação de *edil* limitada ao contexto romano de ‘magistrado romano encarregado da inspecção e manutenção dos edifícios públicos; vereador’ não satisfaz o critério de correlação paradigmática semântica que permita a identificação de uma base do português **edi-*. Assim, classificámos *edificar* como não-construído transparente. O carácter de transparente advém-lhe do constituinte sufixal *-ific-*.

Outras razões levaram à mesma classificação de *caprificar*, que significa ‘polinizar as flores femininas de uma figueira-mansa com pólen de flores de figueira-brava’. Os dados etimológicos apontam que só em aparência se pode colocar o verbo *caprificar* na mesma série dos verbos em *-ific-*. Neste caso, não se trata de um impedimento proporcionado pela ininterpretabilidade da base *capri-*, mas pelo facto de o segundo constituinte não ser herdeiro de FĀCĪO, mas do substantivo FĪCŪS ‘figo’. CAPRIFICĀRE não é, pois, um verbo composto de FĀCĪO, mas um converso resultante do substantivo composto CĀPRĪFĪCUS ‘figueira-brava’.

A série de verbos em *-ific-* é boa exemplificadora do nível paradigmático com que a genolexia joga. Explicitámos que, para que um verbo seja construído em português, é necessário, em termos gerais, que mantenha correlação derivacional com uma base do português e que se apresente conforme com as operações genolexicais desta língua. Defendemos que as bases lexicais não têm de ter autonomia formal, no sentido de não terem de funcionar como morfemas livres (cf. Mattoso Câmara 1970: 69-70). A sua identificação pode, pois, decorrer da comparação com outros vocábulos que contenham esse lexema, apresentando este constância semântica através dos seus produtos.

Verbos como *caseificar*, *deificar* ou *turificar*, que poderão levantar questões relativamente ao seu carácter construído pelo facto de não apresentarem bases correspondentes a formas livres em português, são inseríveis nos produtos do português, se tivermos em conta a interpretabilidade das bases emergentes noutros vocábulos. Para *caseificar* ‘transformar (leite) em queijo’ é possível conceber a base *case-* ‘queijo’ por comparação com *caseiforme* ‘que tem aparência ou consistência de queijo’, *caseína* ‘prótido derivado do caseinogénio do leite, principal constituinte do queijo, empregado no fabrico de plásticos, colas, fibras têxteis, etc.’, *casease* ‘fermento que dissolve a albumina e coagula a caseína’, *caseoso* ‘da natureza do queijo; com aparência de queijo’. Para *deificar*, é identificável a base *dei-* ‘deus’, em análise paradigmática com *deia* ‘deusa’, *deicida* ‘que mata um deus’, *deícola* ‘que adora uma divindade’, *deidade* ‘divindade’. Para a identificação da base *turi-* ‘incenso’ ocorrente em *turificar*, concorrem *turíbulo* ‘*incensório*’, *turífero*, adjectivo que qualifica a ‘árvore que produz incenso’, *turícremo*, adjectivo que designa algo ‘em que se queima incenso’ ou *turino* ‘relativo a incenso’.

Estas considerações metodológicas significam que, para efectuarmos a inserção de qualquer base numa determinada classe morfemática/morfológica, procedemos

i) à comparação dos eventuais constituintes mórficos com outros existentes noutros vocábulos, através da *text box* do DLP constante em www.infopedia.pt,

ii) à sua certificação etimológica e semântica, através da pesquisa em dicionários etimológicos (Meyer-Lübke (1935) e Corominas & Pascual (1991)) e em obras de gramática histórica comparativa (Meyer-Lübke (1895), Diez (1874), Nunes ([1919] 1989), Said Ali (1964)) e

iii) à sua comparação com constituintes morfológicamente activos do português.

Todas as bases em análise passaram pelo crivo destes critérios, que funcionam como métodos para a obtenção da classificação justa à luz da visão mental-f do léxico.

Outros exemplos poderiam ser dados relativos à classificação. Contudo, não teceremos uma explicação para cada uma das bases e opções relativas à sua classificação, visto que os esclarecimentos proporcionados visam servir de guia para qualquer um dos verbos particulares.

4. Metodologia

No cômputo das bases dos substantivos deverbais aqui analisadas foram usados os parâmetros descritos relativamente ao carácter construído/não-construído dos lexemas e à sua correlação derivacional. Assim, o total de 8414 bases aqui analisadas forma a totalidade de pares derivacionais S/V do português e não a totalidade de substantivos deverbais que constitui o *corpus* que funciona como ponto de partida para esta análise. É necessário lembrar que alguns desses deverbais são herdados sem que tivesse havido o mesmo processo de transmissão da sua base (e.g. *decepção* < DĒCEPTĪŌNEM, mas **deceber* < DĒCIPĪŌ). Noutros casos, como o já referido par *conjungir* e *conjunção*, apesar de ter ocorrido herança tanto do substantivo verbal como da sua base latina, não se mantém em português a correlação derivacional entre ambos, devido à perda, na passagem para o português, de alguns sistemas dos processos flexionais dos verbos latinos, ou seja, da manutenção de um terceiro tema verbal do qual pudessem derivar activamente os deverbais em *-ção*.

A ocorrência de deverbais em português sem contraparte verbal é particularmente notória nos substantivos em *-ncia*, sufixo cujo percurso diacrónico indicia uma autonomização a partir das formas do particípio presente. Os casos em que o substantivo em *-ncia* apresenta somente correlação, em português, já meramente paradigmática com um adjectivo em *-nte* e não com um lexema verbal não foram, pois, tidos em conta para a análise das bases.

No entanto, dando seguimento prático ao postulado teoricamente em relação ao funcionamento do léxico, foram contabilizadas neste total de 8414 bases as bases não existentes mas potenciais, marcadas por (°), muitas delas geradas a partir de alomorfes, desde que obtidas paradigmaticamente a partir de formas ocorrentes em lexemas do português.

É este o caso de °*fulvescer*, °*cobaltar*, °*preflorescer*, °*apisinar* [*apisinação* ‘intoxicação produzida pelo veneno das abelhas’], °*nidar*, °*foliar*, °*impanar*, etc. As bases de °*fulvescer*, °*cobaltar*, °*preflorescer*, °*apisinar* são autónomas, na medida em que correspondem a formas lexicais ocorrentes autonomamente (*fulvo*, *cobalto*, *florescer* e *apisina*, respectivamente).

As bases de °*nidar*, °*foliar*, °*impanar* são desenhadas paradigmaticamente a partir de formas não-autónomas formalmente, ainda que semanticamente independentes. Assim, é possível estabelecer um potencial verbo °*nidar* como base de *nidação* (‘fixação do ovo na mucosa uterina ou noutro local do aparelho sexual feminino’), construído por um processo de conversão de uma base *nid-*. Essa base não ocorre isoladamente, mas em formas como *nidícula*, adjectivo que qualifica uma ‘ave que se mantém no ninho até ser capaz de voar’, *nidificar* ‘fazer ninho’, *nidificação* ‘acção de fazer o ninho’, *nidiforme* ‘que tem forma de ninho’, *nidífugo* ‘ave que abandona o ninho pouco depois do seu nascimento’.

O mesmo mecanismo permite conceber o potencial °*foliar* a partir de ocorrências como *foliáceo* ‘da natureza ou da forma das folhas’, *foliagudo* ‘que tem folhas agudas’, *folícula* ‘que vive nas folhas dos vegetais’, *folífago* ‘que come folhas’, *folífero* ‘que produz ou possui folhas’, *foliforme* ‘em forma de folhas’, etc.

Para o deverbal *impanação*¹⁷, apresentado por Domingos Vieira com a significação de ‘coexistência do pão com o corpo de Jesus Cristo depois da consagração, segundo a opinião dos luteranos’, é possível postular a base °*impanar* a partir da tarefa de segmentação e identificação de um elemento comum a *panífero* ‘que produz cereais’, *panificar* ‘transformar em pão’ e seus deverbais *panificador*, *panificação* e *panificável* e ainda *panar*, verbo que significa ‘envolver em pão ralado’, e *panar*, adjectivo cujo significado é ‘referente a pão’.

O estabelecimento de formas potenciais está assim dependente da existência de lexemas onde a forma lexical em questão esteja presente. Deste modo, não estabelecemos para deverbais desprovidos em português de contraparte verbal como *vomição* um hipotético **vomir* ou **vomer*.¹⁸ Em primeiro lugar, essa rejeição suporta-se na ocorrência, no deverbal *vomição*, de uma VT *-i-*, o que obrigaria à formatação em tema em *-i-* do hipotético verbo. Ora, a única

¹⁷ Este lexema não se encontra no DLP.

¹⁸ A dupla solução da VT apresentada deve-se ao seguimento histórico da perda da terceira conjugação do latim para o português, consubstanciada no enquadramento dos verbos pertencentes àquela conjugação em latim na conjugação em *-er* ou em *-ir* do português. Veja-se Maia ([1986] 1997: 723-731) para uma perspectiva sobre este processo de mutação morfológica.

conjugação disponível para novos verbos é a primeira, à excepção dos que são formados com os sufixos *-ec-* e *-esc-*.

Repare-se que este tipo de obstáculo, referente à vogal temática do verbo, mostra nitidamente que, ao fazer referência a lexemas potenciais, não se está a reconstruir uma forma que possa estar na origem, no passado, ou seja, noutra arquitectura linguística, de um lexema derivado nessa mesma esfera temporal. Não se trata de dar formatação portuguesa ao verbo latino VOMŌ, IS, VOMĒRE, derivante de VOMITĪŌNEM, de que provém *vomição*. Esse exercício de formatação permitiria dar conta dos processos diacrónicos regulares de mutação fonética e morfológica ocorrentes na transformação de uma língua em outra língua. Permitiria, assim, imaginar o formato que teria um determinado lexema latino se tivesse chegado ao português. **Vomir* ou **vomer* seriam dois possíveis formatos de um lexema potencial na medida em que, se existia em latim, poderia existir em português. Este é, no entanto, um tratamento atomicista do léxico, pois não permite perceber o léxico dentro de uma arquitectura linguística como tecido de correlações formal, sintáctica e semanticamente fundadas.

A potencialidade de um lexema como *°foliar*, por exemplo, baseia-se na tessitura de relações paradigmáticas estabelecidas entre a mesma forma semanticamente autónoma ocorrente num número de lexemas suficiente para que as operações de comparação, segmentação e identificação, desencadeadas pela mente-f de modo inconsciente, possam destacar um elemento lexical. Ao falarmos de ‘número suficiente’ de lexemas não pretendemos estabelecer um número predefinido que sirva de fronteira para o estabelecimento de bons e maus candidatos a formas potenciais do léxico. Contudo, é notório o hiato entre a operacionalidade da tarefa de identificação em *°foliar* por comparação com os vocábulos acima elencados que contêm o lexema *foli-* e a inoperacionalidade da mesma tarefa relativa a **vomir/*vomer* a partir de *vómito* e de *vomitar* e dos derivados deste (*vomitador, vomitado, vomitivo*).

Desde logo, os derivados de uma determinada base não têm suficiente força probante da autonomia de uma forma lexical contida nessa base. Isto porque os derivados não derivam dessa forma directamente, mas sim da forma que a contém. Ou seja, o facto de existirem *vomitador, vomitado* e *vomitivo* não implica a autonomia de um lexema *vom-*, mas apenas a existência da base *vomit-*.

As relações entre as formas têm de ser sustidas paradigmaticamente e não derivacionalmente. O facto de existirem deverbais como *lavagem, lavadura, lavação, lavamento*

não pressupõe a existência de uma forma *lava-* que não a do verbo *lavar*. Pressupõe justamente apenas a existência da forma do verbo *lavar*. Diferente situação é suscitada em *foliar*. Porque não mantêm entre si relação derivacional mas tão-somente paradigmática, por partilha do mesmo elemento lexical, as formas *foliáceo*, *foliagudo*, *folícula*, *folíago*, *folífero*, *foliforme* e *foliação* ostentam a autonomia de *foli-*. Este elemento lexical em si mesmo apresenta autonomia suficiente de modo a servir de base a novos lexemas.

O mesmo não ocorre em relação à potencial base de *vomição*. Como a solução estaria nas formas **vomir/*vomer*, estaríamos a forjar um verbo com estrutura morfemática opaca, o que entraria em desacordo com a intrinsecidade morfológica do verbo potencial. Isto porque, de acordo com o já referido, se actualmente apenas se encontra disponível em português a geração de verbos em *-a-*, ou em *-e-*, desde que o operador seja *-ec-* ou *-esc-*, e se a construção de verbos potenciais decorre da preexistência de uma forma lexical que possa servir de derivante desse verbo (e.g. *apisinar* é construído por conversão a partir do lexema semântica e formalmente autónomo *apisina*; *foliar* a partir do lexema semanticamente mas não formalmente autónomo *foli-*), qualquer verbo potencial é um verbo construído. Ora, se é construído, tem de obedecer a estes parâmetros da VT.

A estes obstáculos morfológicos, que partem da VT inserida em *vomição*, acresce-se ainda a ininterpretabilidade de **vomir/*vomer*.

A colocação de bases hipotéticas tem, pois, de obedecer a parâmetros que estejam de acordo com a globalidade da tessitura lexical e genolexical da língua em questão, neste caso o português.

Os mesmos critérios foram seguidos na delimitação e identificação de determinados operadores afixais ocorrentes nas bases em análise. Falamos de verbos como *levantar*, *quebrantar*, *aviventar*, *afugentar*, *apodrentar*, que constam no *corpus* das bases em análise. Várias hipóteses de classificação das estruturas constituintes destas séries de verbos são possíveis.

Uma primeira hipótese coloca os verbos em *-ntar* como verbos conversos a partir de formas correspondentes a participípios presentes. Assim, *levantar* seria produzido por conversão a partir do participípio presente *levante* do verbo *levar*; *quebrantar* a partir de *quebrante* de *quebrar* (ou do substantivo *quebranto*).

A segunda hipótese permite identificar um sufixo verbalizador *-nt-*, que admite a formação de verbos a partir de temas verbais ou a partir de adjectivos e substantivos. Em síntese, a primeira hipótese consolida a conversão como actuante no processo de verbalização. Neste caso, *-nt-* é um sufixo apenas encontrável nas formas relacionáveis com participípios presentes. A segunda hipótese equaciona a possibilidade de existir um sufixo *-nt-* outro que não o do participípio presente, cuja acção é de verbalização.

O método usado para medir a legitimidade de cada uma das hipóteses foi a comparação destes verbos com outros que manifestassem a mesma terminação em *-ntar*. Mais uma vez, usou-se a *text box* do DLP constante em www.infopedia.pt para efectuar essa pesquisa. Não faremos uma descrição exaustiva dos objectos encontrados, pois o nosso objectivo não é o estudo da formação de verbos. Limitamo-nos a referenciar que o facto de existirem verbos como *aformosentar*, *envelhentar*, *enfraquentar*, que não dispõem de eventuais bases como **aformoser/*aformosir*, **formosir/*formoser*, **envelher/*envelhir*, **velher/*velhir*, **enfraquer/*enfraquir*, **fraquir/*fraquer*,¹⁹ de cujos participípios presentes pudessem advir, dá legitimidade à segunda hipótese, ou seja, àquela que postula a identificação de um sufixo verbalizador *-nt-*.

Isto não nega, no entanto, a possibilidade real de conversão de adjectivos em *-nt-* para a formação de verbos, exemplificada por *agigantar*, *contentar*, *frequentar*, etc. Contudo, optámos por considerar esta hipótese da conversão para os verbos cujas bases não anunciem a possibilidade de segmentação interna a *-nt-* (**conte+nte*, **freque+nte*). Para os restantes, optámos pela consideração da acção de um sufixo verbalizador *-nt-*. É que optar em simultâneo pela conversão e pelo sufixo apenas para os casos em que não se aplicasse a primeira conduziria à multiplicação de processos genolexicais para produtos homogéneos quer semântica quer formalmente.

5. Distribuição dos sufixos nominalizadores por tipos mórficos das bases

A análise elaborada mostra a relação existente entre as estruturas morfemáticas/morfológicas das bases com cada operador sufixal deverbalizador. Assim, a análise

¹⁹ A dupla solução dos eventuais, mas agramaticais, verbos sugeridos deve-se à necessidade de, ao fazer coincidir o formato da VT anterior a *-ntar* com a VT anterior aos pretensos participípios, se proporem os temas possíveis para os participípios em *-nt-* com *-e-* (e.g. *diluir* > *diluyente*; *ferver* > *fervente*).

permite observar quais os tipos de bases morfológica/morfematicamente definidos admitidos como geradores de cada mecanismo sufixal de nominalização deverbal. Os sufixos deverbalizadores constantes nesta análise são, por ordem crescente de número de produtos respectivos:

-al: 5
-vel: 5
-ório: 13
-(t)ória: 16
-doura: 18
-nço: 27
-dora: 33
-aria: 35
-deiro: 50
-ão1: 54
-nça: 95
-ão 2: 114
-douro: 160
-tório: 234
-ncia: 246
-deira: 254
-agem: 294
-dura: 364
-nte: 394
-mento: 1458
-dor: 2201
-ção: 2344

A numeração em *-ão1* e *-ão2* não significa que se trata de sufixos homónimos. Essa numeração permite simplesmente distinguir a actuação do mesmo sufixo *-ão* na produção de nomes de ‘evento’ (1) e de nomes de ‘indivíduo’ (2). Como tal, essa numeração apenas será usada em algumas tabelas e alguns gráficos, ou em formatações que se prestam a ambiguidades.

O gráfico III 1 apresenta percentualmente os produtos de cada um dos operadores sufixais.

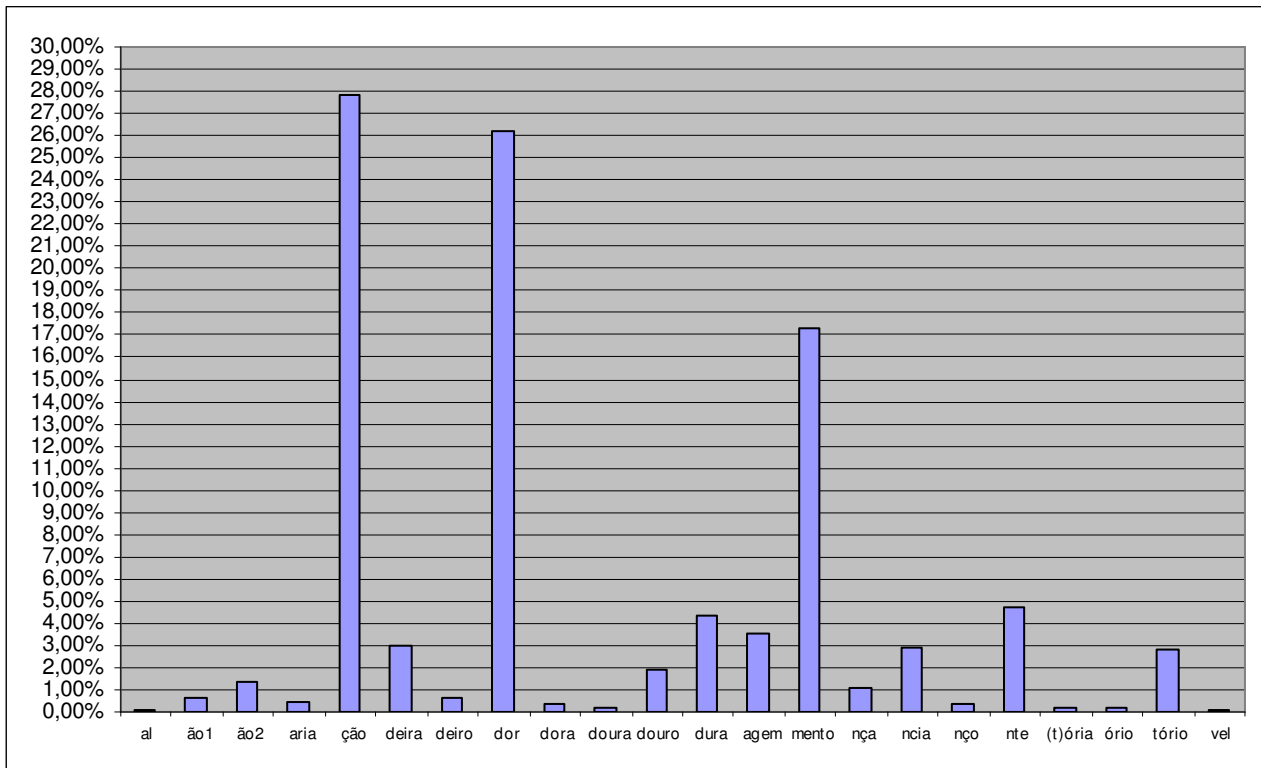


Gráfico III 1. Percentagens de substantivos deverbiais de cada operador sufixal deverbalizador

Conforme mostrado pelo gráfico III 1, o operador sufixal deverbalizador de que resulta um maior número de produtos substantivos é *-ção*, apresentando 2344 (27,86%) produtos dos 8414 que perfazem o total de substantivos derivados de bases verbais. Seguem-se-lhe *-dor* com 2201 (26,16%), *-mento* com 1458 (17,33%), *-nte* 394 (4,68%), *-dura* com 364 (4,33%), *-agem* com 294 (3,49%), *-deira* com 254 (3,02%), *-ncia* com 246 (2,92%), *-tório* com 234 (2,78%), *-douro* com 160 (1,90%), *-ão2* com 114 (1,35%) *-nça* com 95 (1,13%), *-ão1* com 54 (0,64%), *-deiro* com 50 (0,59%), *-aria* com 35 (0,42%), *-dora* com 33 (0,39%), *-nço* com 27 (0,32%), *-doura* com 18 (0,21%), *-(t)ória* com 16 (0,19%), *-ório* com 13 (0,15%), *-al* com 5 (0,06%) e *-vel* com 5 (0,06%) produtos substantivos deverbiais.

Se fizermos uma divisão em dois grupos, de acordo com dois tipos de significação mais prototípica que cada um dos operadores sufixais permite construir, sendo uma a de evento e outra a de indivíduo, observam-se os seguintes resultados:

Evento:

Total 4917

Indivíduo:

Total 3497

Os gráficos III 2 e III 3 mostram o número de substantivos resultantes da deverbalização acarretada prototipicamente por operadores sufixais de evento e por operadores sufixais de indivíduo, respectivamente.

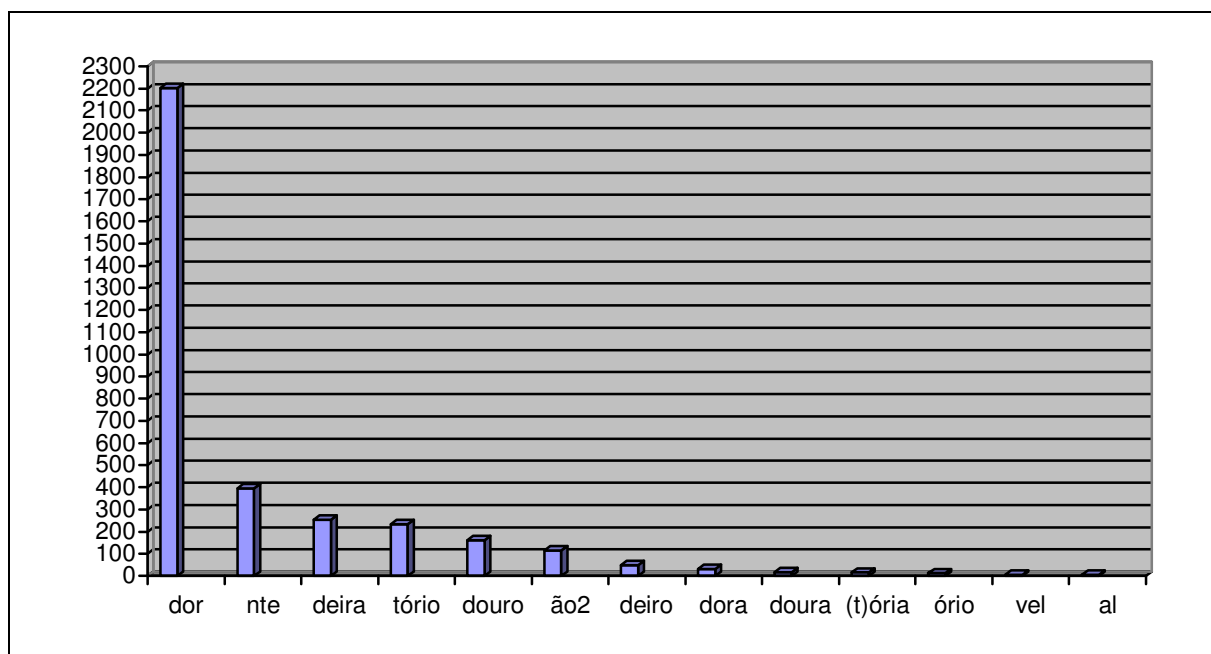


Gráfico III 2. Número de substantivos produzidos por cada sufixo deverbalizador de indivíduo

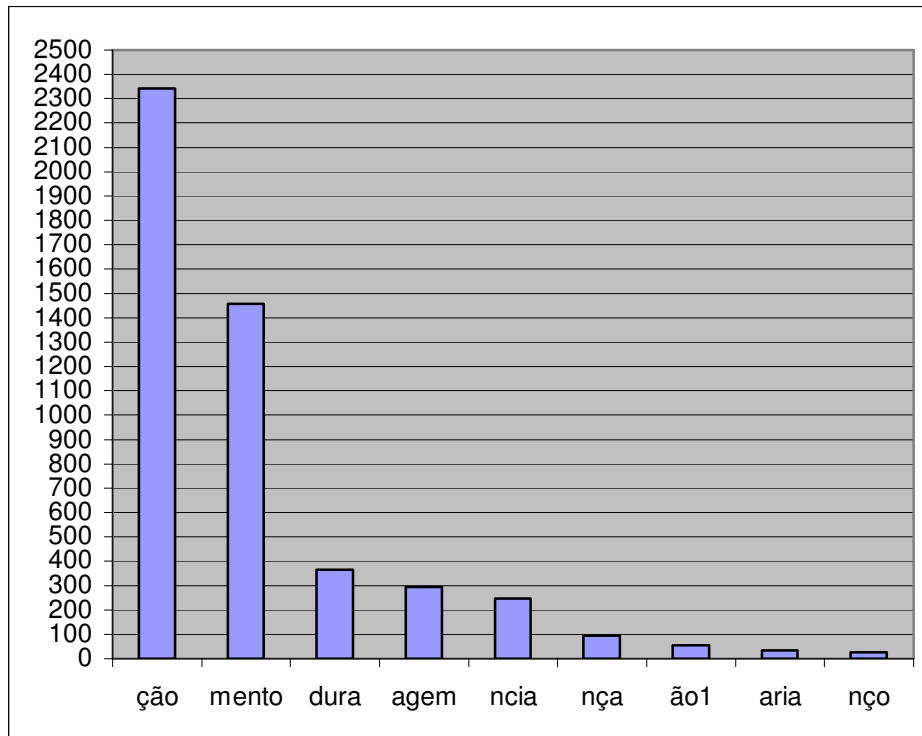


Gráfico III 3. Número de substantivos produzidos por cada sufixo deverbalizador de evento

Observaremos agora a distribuição de cada tipo de base verbal relativamente a cada operador sufixal deverbalizador. Para que seja visível alguma conexão entre estes e as significações mais prototípicas e de carácter mais genérico que desenvolvem no produto deverbal, mostraremos a correlação base/produto de evento separadamente dos de indivíduo.

Iniciaremos a abordagem pelos produtos de evento e passaremos de seguida aos de indivíduo. Dentro de cada um destes grupos, mostraremos os resultados de acordo com o valor decrescente do tipo de base seleccionada por cada sufixo.

Salvo indicação contrária, as referências a operadores afixais das bases pressupõem que a estrutura em jogo seja construída. A referência a componentes afixais não engloba componentes morfemáticos de estruturas não-construídas transparentes, mas apenas os operadores morfológicos activos na construção de determinada base. Assim, ao discriminarmos, por exemplo, bases com o prefixo *re-* estamos apenas a englobar aquelas em que este afixo operou activamente na construção daquela e não toda e qualquer base verbal que contenha esse constituinte, independentemente de ele se apresentar como constituinte morfemático ou

morfológico. Se necessário particularizar os constituintes morfemáticos de uma base, será indicado explicitamente que se trata de estruturas não-construídas transparentes.

É necessário enfatizar que o *corpus* em análise é constituído por substantivos e apenas alguns adjectivos (cf. § 2.2 do cap. I para as razões de inserção de alguns adjectivos no *corpus*). Este facto conduz a uma diminuição do número de produtos aqui tidos em conta de sufixos como *-vel*, *-nte*, *-douro*, *-dor*, *-dora*, *-deiro*, *-deira*. A mesma triagem leva ainda a que não constem determinados tipos de bases em relação com produtos de determinados sufixos, devido ao facto de aquelas emergirem apenas na produção de adjectivos e não de substantivos. É este o caso de bases construídas com o sufixo *-iz-* em relação com adjectivos deverbais em *-vel*. Das 47 formas em *-izável* elencadas pelo DLP nenhuma delas é substantivo, ainda que não estejam afastadas da possibilidade de recategorização.

Da mesma maneira, os deverbais que dão origem a substantivos através de operações prefixais e de que se exclui peremptoriamente a possibilidade de origem deverbal não são contabilizados neste total de 8414 bases, exclusivamente verbais. Por exemplo, *precognição* advém de *cognição*, não havendo potencial verbo português que lhe estivesse na origem. Assim, a base *cognição*, não sendo verbo, não está inserida nas 8414 bases verbais. Contudo, quando o processo de prefixação não indicia se o substantivo em apreço resulta de um outro substantivo a que se agregou um prefixo ou se de um verbo prefixado (e.g. *reconcentração*, *remineralização*, *descalcificação*), essa dupla possibilidade é indicada através da notação [ou dN] (ou denominal), sendo a hipótese da origem deverbal contabilizada no total das 8414 bases deverbais.

6. Resultados

6.1 Produtos prototipicamente de evento

A distribuição de tipos morfológicos/morfemáticos de bases que dão origem a substantivos deverbais designadores de eventos é apresentada em valores absolutos na tabela III 1 e em valores percentuais na tabela III 2.

6.1.1 Produtos em *-ção*

O sufixo *-ção* (que apresenta 2344 produtos dos 4917 deverbais de evento) selecciona bases verbais de características morfemáticas/morfológicas várias. Ainda que haja

preponderância de determinadas estruturas, não foram encontradas restrições ao nível do tipo básico de estrutura (construída vs. não-construída; opaca vs. transparente), nem ao nível das operações genolexicais geradoras de verbos. Deste modo, todos os grandes tipos de estruturas (opacas, transparentes, conversas, prefixadas, sufixadas e circunfixadas) se revelaram como fonte de derivação dos verbos derivantes dos substantivos em *-ção*. As restrições encontram-se antes ao nível particular de determinados operadores sufixais, como veremos.

Encontram-se, assim, 524 (22,35% do total de 2344) deverbais que resultam da agregação do sufixo *-ção* a bases com estrutura transparente (*denunciar, aplicar, aferir*), 398 (16,98%) que derivam de verbos com estrutura opaca (*criar, estuar, partir*), 374 (15,96%) derivados de verbos conversos (*aguardentar, documentar, lixiviar*), 293 (12,50%) derivados de verbos em *-iz-* (*angelizar, modernizar, nomadizar*), 155 (6,61%) formados a partir de verbos prefixados por *des-* (*desatinar, descorticar, destronar*), 120 (5,12%) gerados de verbos em *-ific-* (*acidificar, gasificar, solidificar*), 88 (3,75%) formados de verbos com o prefixo *re-* (*retelhar, retemperar, ressecar*), 77 (3,28%) derivados de verbos com o prefixo *a-* (*abandalhar, aprofundar, aproximar*), 53 (2,26%) derivados de verbos em *en-* (*embalsamar, encerar, enrugar*), 42 (1,79%) gerados de verbos em *-e-* (*baleiar, clarear, pratear*), 32 (1,37%) derivados de bases verbais em *de-* (*dealbar, decorticar, degolar*), 27 (1,15%) derivados de verbos em *con-* (*concelebrar, concentrar, contemporizar*) e 25 (1,07%) formados de bases compostas (*aeronavegar, pirogravar, electrocoagular*).

Os restantes operadores afixais encontrados nas bases dos deverbais em *-ção* apresentam valores inferiores a 1%. São eles: os prefixos *ante-* (0,04%) (*anteocupar*), *circun-* (0,09%) (*circunvalar, circum-navegar*), *contra-* (0,26%) (*contradecclarar, contra-indicar*), *dis-* (0,13%) (*dissociar*), *es-* (0,60%) (*estripar, esganar, esfumar*), *ex-* (0,34%) (*exautorar, exulcerar*), *extra-* (0,04%) (*extravasar*), *in-* (0,64%) (*incriminar, intoxicar*), *in-* de negação (0,04%) (*indeterminar*), *inter-* (0,17%) (*intercomunicar, interligar*), *per-* (0,13%) (*perfurar*), *pre-* (0,47%) (*preanunciar, preordenar*), *sob-* (0,13%) (*soterrar*), *sub-* (0,30%) (*subnutrir*), *sobre-* (0,30%) (*sobressaturar*), *super-* (0,47%) (*superlotar*), *trans-* (0,55%) (*transcoar*), *ultra-* (0,09%) (*ultrafiltrar*); os sufixos avaliativos (0,21%) (*mordicar, dormirar*); os circunfixos *a-...-alh-* (0,04%) (*atrapalhar*), *a-...-e-* (0,17%) (*aperrear*), *a-...-nh-* (0,04%) (*aporrinhar*), *a-...-nt-* (0,13%) (*amamentar*), *a-...-iz-* (0,09%) (*amortizar*), *de-...-e-* (0,04%) (*devanear??*), *de-...-iz-* (0,04%) (*deglobulizar*), *des-...-iz-*

(0,09%) (*desratizar*), *en-...-iz-* (0,09%) (*empulmonizar*), *es-...-e-* (0,04%) (*escabrear*) e *es-...-ific-* (0,04%) (*escarnificar*).

Das ausências de operadores afixais destacam-se as dos sufixos *-ej-*, *-ec-* e *-esc-*. Os mesmos operadores afixais estão também ausentes enquanto componentes de circunfixos das bases dos deverbais em *-ção*.

6.1.2 Produtos em *-mento*

Os deverbais em *-mento* seleccionam os seguintes tipos de bases, sendo o total 1458: 328 (22,50%) bases opacas (*correr*, *cair*, *calar*), 201 (13,79%) bases com o prefixo *a-* (*agrupar*, *abarracar*, *ajardinar*), 169 (11,59%) bases transparentes (*absorver*, *descender*, *pronunciar*), 167 (11,45%) verbos com o prefixo *en-* (*empeçonhar*, *empedrar*, *emperrar*), 166 (11,39%) verbos prefixados em *des-* (*desovar*, *desmascarar*, *desarrolhar*), 146 (10,01%) bases conversas (*azedar*, *azular*, *balizar*), 50 (3,43%) verbos sufixados em *-e-* (*branquear*, *bronzear*, *ondear*), 44 (3,02%) bases com o prefixo *re-* (*rebaixar*, *recobrar*, *refrescar*), 39 (2,67%) verbos com o circunfixo *en-...-ec-* (*emouquecer*, *enraivecer*, *enfraquecer*), 21 (1,44%) verbos em *-ej-* (*arejar*, *gotejar*, *negrejar*), 18 (1,23%) bases em *es-* (*esfarelar*, *esmigalhar*, *espreguiçar*).

Os operadores que apresentam menos de 1% do total de bases dos deverbais em *-mento* são: os prefixos *ante-* (0,07%) (*anteconhecer*), *con-* (0,21%) (*congraçar*), *de-* (0,96%) (*decair*), *entre-* (0,34%) (*entrelinhar*, *entretecer*), *extra-* (0,07%) (*extravasar*), *in-* (0,21%) (*inebriar*, *intoxicar*), *in-* de negação (0,14%) (*indeferir*, *intemperar*), *per-* (0,07%) (*perfulhar*), *pre-* (0,14%) (*preencher*), *sob-* (0,34%) (*solapar*, *soterrar*), *sub-* (0,55%) (*submeter*, *subentender*), *sobre-* (0,14%) (*sobrepujar*, *sobreaquecer*), *super-* (0,07%) (*superpovoar*), *trans-* (0,34%) (*transvasar*, *transbordar*); os sufixos *-ec-* (0,82%) (*amarelecer*, *humedecer*), *-esc-* (0,14%) (*florescer*, *tumescer*), *-iz-* (0,07%) (*arcaizar*), *-nt-* (0,14%) (*levantar*, *quebrantar*); os circunfixos *a-...-e-* (0,55%) (*acarear*, *assenhorear*), *a-...-ec-* (0,55%) (*abolorecer*, *amadurecer*), *a-...-ej-* (0,07%) (*apedrejar*), *a-...-nt-* (0,27%) (*afugentar*, *apodrentar*), *a-...-iz-* (0,07%) (*atemorizar*), *des-...-ec-* (0,07%) (*desvanecer*), *en-...-e-* (0,07%) (*engradear*), *en-...-esc-* (0,07%) (*enrubescer*), *en-...-iz-* (0,07%) (*entronizar*), *es-...-e-* (0,21%) (*esbasear*, *esfaquear*), *es-...-ec-* (0,21%) (*esclarecer*, *estremecer*), *es-...-ej-* (0,07%) (*esquartejar*), *in-...-esc-* (0,07%) (*intumescer*), *re-...-e-* (0,07%) (*recensear*), *re-...-esc-* (0,07%) (*rejuvenescer*). Os verbos compostos representam apenas 0,21% das bases dos deverbais em *-mento* (*malbaratar*, *teleprocessar*).

Das bases destes deverbais estão ausentes verbos formados com o sufixo *-ific-*, a relacionar com a escassa representatividade de verbos em *-iz-* (1 (*arcaiizar*) no total de 1458) e os sufixos avaliativos. Dos operadores *-ific-* e *-iz-* enquanto componentes de circunfixos, apenas *-iz-* ocorre numa base constituída por *a...-iz-* (*atemorizar*) e noutra constituída por *en...-iz-* (*entronizar*).

6.1.3 Produtos em *-dura*

Os deverbais em *-dura* (364) apresentam bases distribuídas da seguinte maneira: 178 (48,90%) bases opacas (*arfar*, *ferver*, *lavar*), 47 (12,91%) bases conversas (*albardar*, *sachar*, *zonchar*), 39 (10,71%) verbos em *en-* (*embicar*, *encabelar*, *engessar*), 25 (6,87%) verbos em *a-* (*abocar*, *abotoar*, *amassar*), 14 (3,85%) verbos em *-e-* (*arquear*, *coxear*, *rabear*), 13 (3,57%) bases transparentes (*debater* *perfumar*, *salgar*), 12 (3,30%) verbos em *des-* (*desabotoar*, *descalçar*, *destecer*), 8 (2,20%) verbos em *es-* (*escaldar*, *escoar*, *escorrer*), 6 (1,65%) verbos em *re-* (*remoer* *retalhar*, *retorcer*), 6 (1,65%) verbos em *-ej-* (*rastejar*, *varejar*, *versejar*).

Os operadores encontrados que apresentam valores inferiores a 1% são: os prefixos *de-* (0,82%) (*defumar*, *degolar*), *entre-* (0,55%) (*entretalhar*, *entretecer*), *in-* (0,27%) (*imprimir*), *sob-* (0,27%) (*sopontar*), *trans-* (0,27%) (*trasfegar*); os sufixos avaliativos (0,82%) (*cuspinhar*, *escrevinhar*) e *-nt-* (0,27%) (*levantar*); os circunfixos *a...-nh-* (0,27%) (*agatanhar*) e *es...-ej-* (0,27%) (*espojar*). As formas compostas representam apenas 0,55% do total de bases dos deverbais em *-dura* (*electrossoldar*, *salpicar*).

Para este sufixo enfatizamos a escassa ou nula presença de bases de carácter erudito, quer não-construídas transparentes, quer as construídas através de operadores afixais (*ante-*, *circun-*, *con-*, *dis-*, *ex-*, *extra-*, *inter-*, *per-*, *sub-*, *super-*, *ultra-*, *-ific-*, *-iz-*). Saliente-se ainda a ausência de bases em *-ec-* e *-esc-*, como sufixos ou como componentes de circunfixos.

6.1.4 Produtos em *-agem*

Os deverbais construídos com *-agem* apresentam bases de maioria conversa (158 que representam 53,74% num total de 294 bases) (*albuminar*, *cinzelar*, *parasitar*). De modo decrescente, seguem-se-lhe 83 bases de estrutura opaca (28,23%) (*alçar*, *chocar* *vender*), 13 verbos prefixados em *a-* (4,42%) (*afinar*, *amarar*), 8 verbos prefixados em *des-* (2,72%) (*descolar*, *desempenar*, *desleitar*), 7 bases em *re-* (2,38%) (*rebordar*, *remondar*, *repicar*), 6 bases

em *en-* (2,04%) (*embarrilar empapar, engarrafar*), 6 bases sufixadas em *-e-* (2,04%) (*cobrear, enxamear, marear*), 5 bases compostas (1,70%) (*cronometrar, terraplenar*), 4 bases em *de-* (1,36%) (*decapar, decruar*).

Os componentes afixais que representam valores menores de 1% são: *retro-* (0,34%) (*retropedalar*) e *-iz-* (0,34%) (*cobaltizar*). As bases de estrutura não-construída transparente ocupam apenas 0,68% do total de 294 bases de deverbais em *-agem*. São apenas 2 os verbos com este tipo de estrutura (*endereçar, reportar*).

Tal como nas bases de deverbais em *-dura*, destacam-se nas bases dos substantivos em *-agem* a escassez ou quase ausência de bases de carácter erudito. Esta característica é visível pelo reduzido número de bases não-construídas transparentes, pela ausência de verbos construídos com os prefixos *ante-*, *circun-*, *con-*, *dis-*, *ex-*, *extra-*, *inter-*, *per-*, *sub-*, *super-*, *ultra-* e com os sufixos *-esc-* e *-ific-*. Repare-se que o sufixo *-iz-* apenas apresenta uma base no conjunto de 294 (*cobaltizar*). Estão também ausentes deste conjunto os verbos circunfixados, bem como os de sufixação avaliativa.

6.1.5 Produtos em *-ncia*

Os deverbais construídos com os sufixos *-ncia* são em número de 246. As suas bases distribuem-se da seguinte maneira: 113 (45,93%) verbos de estrutura transparente (*absterger, aderir, inferir*), 55 (22,36%) verbos de estrutura opaca (*ceder, florir, planger*), 21 (8,54%) verbos formados com o sufixo *-esc-* (*fluorescer, rubescer, opalescer*), 12 bases em *re-* (4,88%) (*reentrar, ressurgir, retinir*), 6 bases conversas (2,44%) (*rapinar, fulgurar*), 5 bases em *con-* (2,03%) (*coexistir, coincidir, co-reger*). Os operadores *des-*, *ex-*, *in...-esc-* e as bases compostas apresentam cada uma 3 (1,22%) objectos verbais (*desfalecer, desassistir, desconcordar; excrescer, exorbitar, exsurgir; °insurdescer, intumescer, inturgescer; equidistar, equiponderar, equivaler*).

Os valores inferiores a 1% são ocupados pelas bases em *es-*, *extra-*, *sub-*, *sobre-*, *-ej-* e *en...-ec-* (0,41% cada um) (*escorrer; extravagar; subintender; sobreviver; verdejar; entumecer*), *in-* de negação, *inter-*, *pre-*, *super-*, *trans-*, *-ec-*, *en...-esc-* e *re...-esc-* (0,81% cada) (*improceder, independer; intercorrer, interdepende; preexistir, °preflorescer; superabundar, superintender, transumar, transcorrer; grumecer, esplendecer; enlanguescer, ensurdecere; rejuvenescer, revivescer*).

Não se encontraram bases construídas com os prefixos *a-* e *en-*. No primeiro caso, também não se encontraram bases com o mesmo elemento enquanto constituinte circunfixal. No caso do constituinte circunfixal *en-*, este aparece representado em conciliação com *-esc-* e *-ec-*, ainda que em número reduzido. Salientem-se também as ausências dos operadores *-ific-* e *-iz-*, quer enquanto sufixos, quer enquanto componentes de circunfixos. As bases avaliativas encontram-se igualmente fora deste conjunto.

6.1.6 Produtos em *-nça*

Os deverbais construídos em *-nça* (95) apresentam as seguintes bases: 46 verbos de estrutura opaca (48,42%) (*andar, crer, parar*), 11 verbos conversos (11,58%) (*liderar, maridar, mimar*), 10 verbos de estrutura transparente (10,53%) (*confiar, deter, conferir*), 9 verbos em *des-* (9,47%) (*desaliar, descreer, deslembrar*), 6 verbos compostos (6,32%) (*benquerer, mal-andar, malquerer*), 5 verbos em *re-* (5,26%) (*relembrar, renascer, retornar*), 2 verbos em *a-* (2,11%) (*abstar, aliar*), 2 verbos em *de-* (2,11%) (*decrecer, demudar*). Os operadores *dis-*, *en-*, *in-* de negação e *sub-* apresentam cada um uma base que perfaz 1,05% do total de 95 bases dos deverbais em *-nça* (*dissemelhar; embirrar; intemperar; subfiar*).

Destas bases estão ausentes verbos sufixados e circunfixados, independentemente do operador afixal. Da mesma maneira, não se encontraram bases prefixadas com os prefixos eruditos já acima elencados a propósito de *-dura* e *-agem*.

6.1.7 Produtos em *-ão*

O sufixo *-ão* apresenta 54 produtos de evento. Desses produtos 29 são formados a partir de bases opacas (53,70%) (*abanar, puxar, sacar*), 5 são derivados de verbos com estrutura transparente (9,26%) (*escorregar, recuar, estorcegar*), 5 de verbos prefixados em *a-* (9,26%) (*abrasar, arrastar, arrojado*), 4 de verbos com *re-* (7,41%) (*repelar, repuxar, revirar*). Os prefixos *en-* e *es-* disponibilizam 3 bases cada um (5,56% cada) (*encontrar, entalar, empuxar; esgarrar, escaldar, estirar*). As formas conversas são 2 (3,70%) (*borrar, estacar*), bem como as formadas com *des-* (3,70%) (*desgarrar, despenhar*). Este é o único operador encontrado que apresenta uma base resultante de cruzamento (*borbotar*).

Para os produtos de evento em *-ão* não foram encontradas bases sufixadas nem circunfixadas. Também não se encontraram bases avaliativas nem bases construídas com prefixos de carácter erudito.

6.1.8 Produtos em *-aria*

Os deverbais em *-aria* constantes no *corpus* por nós constituído são 35. As suas bases distribuem-se da seguinte maneira: 22 verbos com estrutura opaca (62,86%) (*berrar, palrar, pescar*), 6 verbos sufixados em *-e-* (17,14%) (*barbear, branquear, vozear*), 5 verbos resultantes de conversão (14,29%) (*aceirar, albergar, alquilar*), 1 verbo com o prefixo *a-* (2,86%) (*amassar*) e 1 verbo com *re-* (2,86%) (*refinar*).

Não se encontraram bases com estrutura transparente, bases circunfixadas, compostas e avaliativas. Para além da sufixação em *-e-*, os restantes operadores afixais mostram escassa ou nula presença nas bases dos produtos em *-aria*.

6.1.9 Produtos em *-nço*

O último sufixo que opera na construção de deverbais de evento por nós tratados é *-nço*. Apresenta somente 27 produtos. O conjunto das suas bases é constituído por 14 verbos de estrutura opaca (51,85%) (*chegar, gabar, gamar*), 7 verbos conversos (25,93%) (*amigar, mimar, palmar*), 3 verbos com o prefixo *en-* (11,11%) (*empinar, encornar, entalar*), 2 verbos com estrutura transparente (7,41%) (*habilitar, recuar*) e 1 verbo prefixado em *es-* (3,70%) (*espalhar*).

Não se acharam verbos sufixados nem circunfixados. As bases compostas também não são representadas neste conjunto.

6.2 Produtos prototipicamente de indivíduo

6.2.1 Produtos em *-dor*

Os deverbais de indivíduo estudados (3497) apresentam predominância do sufixo *-dor*. As bases seleccionadas por este sufixo são as seguintes, num total de 2201: 660 verbos de estrutura opaca (29,99%) (*carpir, chiar, dormir*), 392 verbos de estrutura transparente (17,81%) (*ab-rogar, conferir, declinar*), 363 verbos resultantes de conversão (16,49%) (*alfabetar, azedar, datar*), 149 verbos prefixados em *a-* (6,77%) (*amolar, amontoar, amortilhar*), 110 verbos em *des-* (5,00%) (*descascar, descobrir, descorçoar*), 83 bases com o sufixo *-e-* (3,77%) (*larguear, lisonjear*,

macaquear), 81 com o sufixo *-iz-* (3,68%) (*nebulizar, organizar, ozonizar*), 68 bases prefixadas em *en-* (3,09%) (*enfeitiçar, enformar, enfrear*), 49 verbos em *-ific-* (2,23%) (*fortificar, gaseificar, glorificar*), 45 bases prefixadas por *re-* (2,04%) (*rebater, recalificar, recortar*), 38 verbos prefixados por *es-* (1,73%) (*escornar, esfarrapar, esfarripar*), 22 bases com o sufixo *-ej-* (1,00%) (*arejar, bafejar, bracejar*).

Os restantes operadores representam individualmente menos de 1% das bases em foco: *con-* (0,64%) (*compartilhar, concentrar*), *de-* (0,95%) (*degelar, degolar*), *dis-* (0,05%) (*dissimular*), *entre-* (0,09%) (*entretalhar, entretecer*), *ex-* (0,09%) (*exportar, expropriar*), *extra-* (0,05%) (*extraviar*), *in-* (0,23%) (*infiltrar, imprimir*), *in-* de negação (0,05%) (*insubordinar*), *per-* e *pre-* (0,09% cada) (*perfilhar, perfurar; preanunciar, prelibar*), *sob-* (0,18%) (*soletrar, sopear*), *sub-* (0,09%) (*subministrar*), *trans-* (0,36%) (*transbordar, transfigurar*), *-ec-* (0,45%) (*escarnecer, escurecer*), *-nt-* (0,09%) (*levantar, quebrantar*), avaliativos (0,50%) (*beijocar, choramingar*), *a...-e-* (0,23%) (*aformosear, alancear*), *a...-ec-* (0,18%) (*amolecer, amortecer*), *a...-alh-* (*atrapalhar*), *a...-ej-* (*apedrejar*), *a...-nh-* (*agafanhar*), *a...-iz-* (*atemorizar*), *de...-e-* (*devanear*), *des...-ec-* (*desvanecer*), *es...-ec-* (*esclarecer*), *re...-e-* (*recensear*) e *re...-esc-* (*rejuvenescer*) (0,05% cada), *a...-nt-* (0,27%) (*afugentar, amamentar*), *en...-ec-* (0,55%) (*embrutecer, enaltecer*), *es...-e-* (0,23%) (*esbofetear, escoicear*), *es...-inh-* (0,09%) (*escoicinhar, esgraminhar*), compostas (0,39%) (*malbaratar, malversar*).

O operador sufixal *-dor* não apresenta restrições salientes relativamente às estruturas morfemáticas/morfológicas das bases que selecciona.

6.2.2 Produtos em *-nte*

O sufixo *-nte* dispõe de 394 deverbais substantivos. As suas bases são dos seguintes tipos: 146 bases de estrutura opaca (37,06%) (*agir, fugir, ler*), 137 de estrutura transparente (34,77%) (*abjurar, impetrar, substituir*), 52 verbos conversos (13,20%) (*disciplinar, doutrinar, esmolar*), 9 verbos em *-iz-* (2,28%) (*evangelizar, fertilizar, hebraizar*), 7 verbos em *-ific-* (1,78%) (*certificar, justificar, rubificar*), 7 verbos em *a-* (1,78%) (*adoçar, agravar, apresentar*), 7 verbos em *con-* (1,78%) (*coabitar, coadjuvar, coadquirir*), 6 bases com *des-* (1,52%) (*descoagular, descolorar, descrer*), 5 em *re-* (1,27%) (*reconfortar, reconstituir, reconvalescer*), 4 bases em *-e-* (1,02%) (*marear, passear, pleitear, veranear*).

Os operadores com menos de 1% são: *ante-*, *contra-*, *de-*, *en-*, *es-*, *ex-*, *per-*, *sobre-*, *super-*, *-esc-* (0,25% cada) (*anteocupar*; *contraemergir*; *decapar*; *englobar*; *escoar*; *exorbitar*; *perfilhar*; *sobreviver*; *superintender*; *°lactescer*), *sub-* (0,51%) (*subintender*, *subtender*) e os compostos (0,51%) (*equivaler*, *maldizer*).

Não se encontraram substantivos formados por *-nte* a partir de verbos circunfixados e verbos avaliativos.

6.2.3 Produtos em *-deira*

Os deverbais em *-deira* são em número de 254. As suas bases são as seguintes: 135 verbos de estrutura opaca (53,15%) (*beber*, *dar*, *ganir*), 35 verbos conversos (13,78%) (*bobinar*, *misturar*, *trançar*), 22 verbos prefixados em *a-* (8,66%) (*abraçar*, *acarretar*, *acolchoar*), 20 verbos em *en-* (7,87%) (*empacotar*, *empalhar*, *encarretar*), 11 bases de estrutura transparente (4,33%) (*inculcar*, *procurar*, *recuar*), 9 verbos em *des-* (3,54%) (*desandar*, *descalçar*, *descascar*), 6 verbos com o prefixo *es-* (2,36%) (*esfarrapar*, *espalhar*, *espreguiçar*), 5 verbos em *re-* (*repartir*, *repassar*, *respigar*) e 5 em *-e-* (*prantear*, *preguear*, *rabanear*) (1,97% cada).

Os avaliativos representam 0,79% (*escarnicar*, *raspinhar*) do total de 254 bases; os operadores *de-*, *sob-*, *-ej-* e os compostos ocupam cada um 0,39% desse total (*degranar*; *solinhar*; *topejar*).

Estes deverbais não são formados a partir de verbos circunfixados. Os únicos sufixos verbalizadores seleccionados são *-e-* e *-ec-*. Os restantes estão ausentes do conjunto das suas bases. Prefixos de carácter erudito estão também ausentes deste conjunto.

6.2.4 Produtos em *-tório*

O sufixo *-tório* apresenta 234 deverbais com relação com verbos que sustentam as seguintes estruturas: 120 com estrutura transparente (51,28%) (*abdicar*, *deprecar*, *exclamar*), 77 com estrutura opaca (32,91%) (*amar*, *orar*, *arar*), 17 produtos de conversão (7,26%) (*infamar*, *laborar*, *lagrimar*), 8 verbos em *-ific-* (3,42%) (*magnificar*, *notificar*, *purificar*), 3 verbos em *des-* (1,28%) (*desembargar*, *destampar*, *desobrigar*).

Os prefixos *a-*, *de-* e *re-* ostentam cada um 0,85% (*agravar*, *anular*; *demarcar*, *depurar*; *recompilar*, *reconciliar*) e *dis-*, *sub-* e *trans-* 0,43% do total de 234 bases (*dissimular*; *sub-rogar*; *transmigrar*).

Não se encontraram verbos circunfixados como bases deste tipo de deverbal. O único sufixo encontrado foi *-ific-*.

6.2.5 Produtos em *-douro*

O sufixo *-douro* apresenta 160 deverbais. As suas bases são: 91 verbos de estrutura opaca (56,88%) (*ferver, moer, piar*), 25 verbos conversos (15,63%) (*agulhar, aliviar, ancorar*), 8 verbos com o prefixo *a-* (5,00%) (*acarrar, ajuntar, alagar*), 7 verbos com *en-* (4,38%) (*embarcar, encabar, encarrar*), 7 com *es-* (4,38%) (*esborralhar, escoar, escorrer*), 6 verbos com o prefixo *des-* (3,75%) (*desaguar, descarregar, desembarcar*), 4 bases com estrutura transparente (2,50%) (*absorver, aquecer, escorregar, respirar*), 3 bases com *de-* (1,88%) (*defumar, degolar, dejejuar*), 2 bases com *re-* (1,25%) (*resfolegar, resfriar*), 2 com *sob-* (1,25%) (*soborralhar, sorrascar*), 2 sufixadas em *-e-* (1,25%) (*fundear, passear*).

Os avaliativos e os circunfixos *a-...-ec-* e *es-...-ej-* apresentam cada um 0,63% do total das 160 bases analisadas dos deverbais em *-douro* (*chamuscar; abastecer; espojar*).

As bases de carácter erudito são de representação nula ou escassa para estes deverbais, quer sob a forma de estruturas transparentes, quer sob a forma de operadores afixais.

6.2.6 Produtos em *-ão*

O sufixo *-ão* apresenta 114 produtos deverbais de indivíduo. As suas bases são: 84 verbos de estrutura opaca (73,68%) (*chiar, chorar, mandar*), 13 verbos conversos (11,40%) (*badalar, feirar, martelar*), 7 verbos com o prefixo *re-* (6,14%) (*remexer, revender, retardar*), 2 verbos com estrutura transparente (1,75%) (*demandar, resmungar*), 2 com o sufixo *-ej-* (1,75%) (*carrejar, varejar*) e 2 com sufixos avaliativos (1,75%) (*corricar, pedinchar*). Os operadores *des-*, *es-*, *-e-* e *es-...-ec-* apresentam apenas cada um 1 produto (0,88% cada) (*desgarrar, esgarrar, guerrear, estremecer*).

6.2.7 Produtos em *-deiro*

O sufixo *-deiro* oferece um total de 50 produtos deverbais. As suas bases são maioritariamente de estrutura opaca (33 que representam 66,00%) (*atar, cevar, comer*), seguindo-se-lhes 6 bases conversas (12,00%) (*casar, fiar, maçar*), 5 verbos prefixados em *a-* (10,00%) (*apear, arrastar, arribar*), 3 verbos em *des-* (6,00%) (*descansar, desfilar, despenhar*), 2 verbos

de estrutura transparente (4,00%) (*traduzir, transpirar*) e 1 verbo com o prefixo *con-* (2,00%) (*conrezar*).

As bases circunfixadas, sufixadas e compostas não são seleccionadas pelo sufixo deverbalizador *-deiro*.

6.2.8 Produtos em *-dora*

O sufixo *-dora* apresenta 33 deverbais substantivos. Destes, 9 (27,27%) contêm estrutura opaca (*coser, cavar, pesar*), 7 resultam de um processo de conversão (21,21%) (*fresar, granular, metralhar*), 4 ostentam estrutura transparente (12,12%) (*condensar, debulhar, incubar, separar*), 4 são derivados em *en-* (12,12%) (*embobinar, empilhar, encerar, encobrir*), 4 são bases compostas (12,12%) (*autocopiar, autometralhar, fotocopiar, motonivelar*). *Retro-, a-, des-, es-* e *per-* atingem apenas 3,03% (1 verbo) cada (*retroescavar, aveludar, desfilar, escavar, perfurar*).

A sufixação e a circunfixação não são operações cujos produtos sejam seleccionados pelo sufixo *-dora* para a construção de substantivos.

6.2.9 Produtos em *-doura*

O sufixo *-doura* gera apenas 18 produtos. 16 deles (88,89%) são de estrutura opaca (*cantar, correr, dobar*). Foram encontrados 1 verbo prefixado por *es-* (*espalhar*) e outro por *re-* (*respigar*) (5,56% cada). Todas as restantes estruturas estão ausentes desta geração.

6.2.10 Produtos em *-(t)ória*

O sufixo *-(t)ória* apresenta apenas 16 deverbais. 11 (68,75%) são bases transparentes (*convocar, declinar, dedicar*) e 5 (31,25%) são bases opacas (*jacular, orar, oscilar*). Isto significa que apenas as bases não-construídas encontram correlação derivacional com estes derivados.

6.2.11 Produtos em *-ório*

O sufixo *-ório* disponibiliza 13 bases para os produtos em análise. As suas estruturas são maioritariamente transparentes (6 que representam 46,15%) (*dejectar, expulsar, reportar*), seguindo-se-lhes as opacas (5 que correspondem a 38,46%) (*esposar, velar, vomitar*). Só foram

encontradas duas bases construídas: uma através do prefixo *des-* (*desinfectar*) (7,69%) e outra através de conversão (*completar*) (7,69%).

6.2.12 Produtos em *-vel*

A partir de bases com o sufixo *-vel* apenas foram encontrados 5 substantivos: 2 de estrutura opaca (40,00%) (*miserar*, *variare*) e 3 de estrutura transparente (60,00%) (*consumir*, *dirigir*, *submergir*). Não foi encontrada nenhuma base construída.

6.2.13 Produtos em *-al*

O sufixo *-al* apresenta apenas 5 produtos deverbais substantivos. 3 das suas bases têm estrutura opaca (60,00%) (*passar*, *tender*, *tremere*), 1 apresenta-se como resultado de conversão (20,00%) (*firmar*) e 1 como produto do prefixo *es-* (20,00%) (*estender*).

7. Interpretação dos resultados

Os dados numéricos obtidos permitem compreender a existência de duas classes de operadores sufixais deverbalizadores. Essas classes fundamentam-se no carácter erudito das bases a que se agregam e cuja formatação é ela própria devedora desse carácter.

Para salientarmos a opção que os operadores fazem relativamente a estruturas morfemáticas/morfológicas que se coadunem com a sua própria marca de [\pm erudito], relacionámos percentualmente cada um dos operadores sufixais deverbalizadores com o tipo de base a que se agrega ou não. Os tipos de estruturas morfemáticas/morfológicas de bases mostrados nesta relação foram escolhidos com base na sua caracterização prototípica como [\pm erudito]. As percentagens obtidas mostram o peso das referidas estruturas no total das bases de cada um dos operadores sufixais de deverbalização.

Para as estruturas morfemáticas/morfológicas prototipicamente [+eruditas], foram escolhidas as de estrutura não-construída transparente, os prefixos *ante-*, *circun-*, *contra-*, *dis-*, *ex-*, *extra-*, *in-*, *inter-*, *per-*, *sub-*, *super-*, *trans-* e *ultra-* e os sufixos *-esc-*, *-ific-* e *-iz-*. As percentagens mostradas mostram o peso das referidas estruturas no total das bases de cada um dos operadores sufixais de deverbalização.

Para as estruturas morfemáticas/morfológicas prototipicamente [-eruditas], foram seleccionadas as de estrutura não-construída opaca, as construídas conversas, as prefixadas em *a-*, *en-* e *es-*, as sufixadas com operadores avaliativos e as sufixadas em *-e-*, *-ec-* e *-ej-*.

Esta selecção parece ser suficiente para mostrar que o tipo [\pm erudito] das bases funciona como constrangimento à actividade dos sufixos deverbalizadores. Os restantes operadores não foram tidos em conta nesta análise particular devido (i) à sua escassa representatividade na formação dos produtos no seu total; (ii) ao seu carácter não prototipicamente nem [-erudito] nem [+erudito]. Na primeira situação localizam-se os circunfixos, cuja relação com o tipo de produto irá ser avaliada a propósito de outros níveis de constrangimentos. Já no segundo caso, podemos enunciar prefixos como *des-*, *con-* e *re-* e o processo de composição.

A comparação entre estruturas [\pm eruditas] e operador deverbalizador foi feita tomando a divisão entre os sufixos que permitem, prototipicamente, a formação de deverbais de evento e os sufixos que, prototipicamente, operam na construção de deverbais de indivíduo.

A tabela III 3 mostra os sufixos de deverbais de evento e sua relação com bases prototipicamente [+eruditas]. O gráfico III 4 escalona essa relação, de modo a que mais facilmente se visualize a distribuição dos operadores e das suas bases. A tabela III 3 e o gráfico III 4 mostram que há uma escala crescente que parte dos operadores *-aria*, *-agem*, *-dura*, *-nço*, *-ão*, *-mento* e atinge o pólo máximo em *-ção* e *-ncia*, com relação às bases de estrutura [+erudita].

O pólo negativo é ocupado pelo operador *-aria* que apresenta 0 (zero) bases com este tipo de estrutura. *-agem* apresenta 1,02% de bases prototipicamente [+eruditas], *-dura* ostenta 4,11%, *-nço* 7,41%, *-ão* 9,26%, *-nça* 12,63% e *-mento* 13,18%.

No pólo positivo surgem *-ção*, com 43,48% de bases prototipicamente [+eruditas] e, no extremo, *-ncia* com 58,94%. A maioria destas percentagens é ocupada por bases de estrutura transparente. Trata-se de bases que revelam, na sua maioria, constituintes genolexicais latinos que mantêm a formatação latina (*anunciar*, *denunciar*, *enunciar*, *preenunciar*, *renunciar*; *constituir*, *destituir*, *instituir*, *prostituir*, *restituir*, *substituir*; *afluir*, *defluir*, *influir*, *refluir*, *confluir*, *difluir*, *efluir*, *circunfluir*; *ascender*, *condescender*, *descender*, *transcender*).

A seguir às bases de estrutura transparente surgem as bases sufixadas. Neste caso, tem de se ter em conta constrangimentos particulares entre operadores sufixais. A percentagem de 8,54% de bases com sufixos eruditos de deverbais em *-ncia* é preenchida na totalidade por verbos em *-esc-* (*arborescer*, *flavescer*, *florescer*, *fluorescer*). Já no caso de *-ção* concorrem dois sufixos – *-ific-* (*aurificar*, *basificar*, *beatificar*, *bestificar*, *clarificar*, *classificar*, *codificar*, *coisificar*, *corporificar*, *crucificar*, *danificar*, *deificar*, *desertificar*, *dignificar*) e *-iz-* (*banalizar*, *barbarizar*, *bestializar*, *bolchevizar*, *brutalizar*, *granitizar*, *guturalizar*, *harmonizar*, *hegemonizar*, *helenizar*) – para a percentagem de 17,62 destas estruturas.

Os fracos valores percentuais de bases prefixadas devem-se à pouca produtividade dos prefixos em causa. No entanto, o facto de os seus valores serem maiores em *-ncia* e *-ção* corrobora a aliança entre operadores deverbalizadores de carácter prototipicamente erudito com o mesmo tipo de base.

Como seria de esperar, a escala inversa emerge quando são postos em paralelo os mesmos operadores deverbalizadores com bases prototipicamente [-eruditas], como representado na tabela III 4 e no gráfico III 5. Ainda que o percurso escalar não seja tão nitidamente acentuado quanto em relação às bases prototipicamente eruditas, mantém-se a correlação entre *-ncia* e *-ção* com os valores mais baixos de bases prototipicamente [-eruditas]. *-ncia* apresenta apenas 26,43% de

bases prototipicamente [-eruditas] e *-ção* 41,47%. Valores mediais são apresentados por *-nça* (63,16%) e *-mento* (64,67%). Os restantes sufixos apresentam valores superiores a 75% de bases [-eruditas]: *-ão* (77,78%), *-dura* (87,91%), *-agem* (90,47%), *-nço* (92,59%) e *-aria* (97,15%).

Com base nestes dados, podemos estabelecer sufixos deverbalizadores de evento de carácter [\pm erudito]. No pólo dos sufixos [-eruditos] encontram-se *-aria*, *-agem*, *-dura*, *-nço*, *-ão* e *-nça*. No pólo dos sufixos [+eruditos] encontra-se *-ncia*. Os sufixos *-mento* e *-ção* representam uma zona média, sendo que *-mento* encontra propensão para o pólo [-erudito] e *-ção* para o pólo [+erudito]. De qualquer das formas, trata-se de fronteiras contínuas e não discretas, assim como de comportamentos prototípicos tanto das bases quanto dos operadores deverbalizadores em jogo.

	<i>-ção</i>	<i>-mento</i>	<i>-ão</i> l	<i>-aria</i>	<i>-dura</i>	<i>-agem</i>	<i>-nça</i>	<i>-ncia</i>	<i>-nço</i>
Transp	22,35	11,59	9,26	0	3,57	0,68	10,53	45,93	7,41
Prefix erud	3,51	1,38	0	0	0,54	0	2,1	4,47	0
Sufix erud	17,62	0,21	0	0	0	0,34	0	8,54	0
Total	43,48	13,18	9,26	0	4,11	1,02	12,63	58,94	7,41

Tabela III 3. Percentagens de bases eruditas para cada sufixo deverbalizador de evento

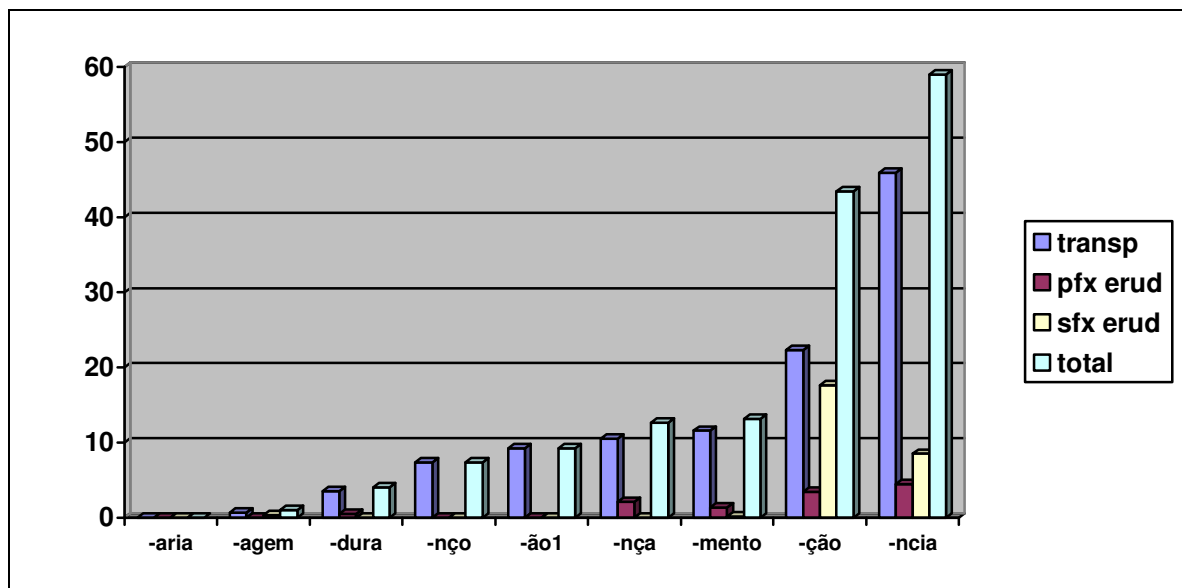


Gráfico III 4. Percentagens de bases eruditas para cada sufixo deverbalizador de evento

	-ção	-mento	-ão1	-aria	-dura	-agem	-nça	-ncia	-nço
opaca	16,98	22,50	53,70	62,86	48,90	28,23	48,42	22,36	51,85
conversa	15,96	10,01	3,70	14,29	12,91	53,74	11,58	2,44	25,93
Prefix n-er	6,14	26,47	20,38	2,86	19,78	6,46	3,16	0,41	14,81
Sufix n-er	2,18	5,69	0	17,14	5,5	2,04	0	1,22	0
avaliat	0,21	0	0	0	0,82	0	0	0	0
Total	41,47	64,67	77,78	97,15	87,91	90,47	63,16	26,43	92,59

Tabela III 4. Percentagens de bases não-eruditas para cada sufixo deverbalizador de evento

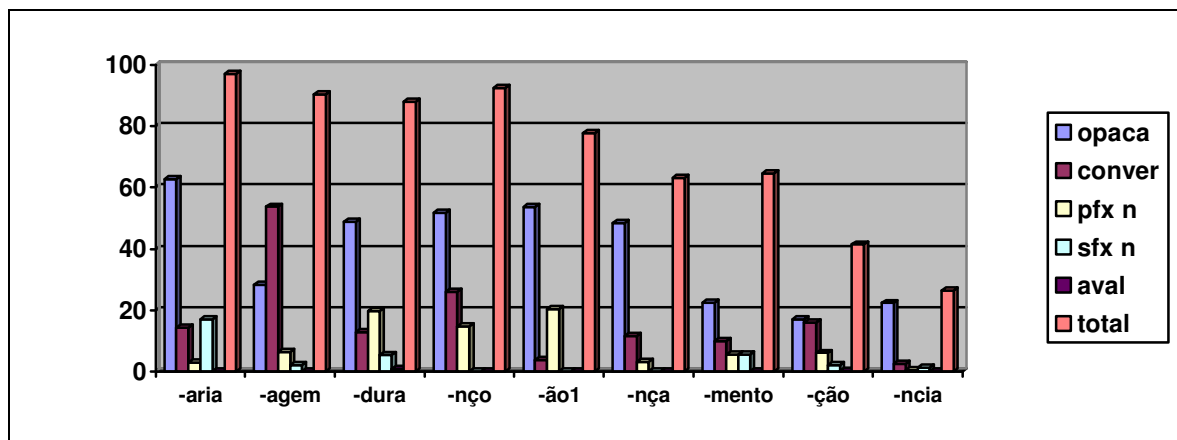


Gráfico III 5. Percentagens de bases não-eruditas para cada sufixo deverbalizador de evento

A mesma relação escalar entre operadores e estruturas [\pm eruditas] encontra-se no paralelismo entre estruturas e sufixos deverbalizadores de indivíduo. A tabela III 5 e o gráfico III 6 mostram a distribuição de bases prototipicamente eruditas pelos operadores afixais de deverbais de indivíduo. Os sufixos que não optam por bases eruditas são *-al* e *-doura* (0%). Seguem-se-lhes *-ão* (1,75%) *-douro* (2,5%), *-deiro* (4%), *-deira* (4,33%) e *-dora* (12,12%). *-dor* apresenta 24,68% de bases prototipicamente eruditas. Os sufixos *-nte* (40,84%), *-ório* (46,15%), *-tório* (55,99%) *-vel* (60%) e *-tória* (68,75%) emergem com as percentagens mais altas deste tipo de bases. Mais uma vez, são as bases de estrutura transparente que ocupam a maioria desses valores.

O fenómeno inverso é observado na tabela III 6 e no gráfico III 7, que mostram a relação entre os operadores deverbalizadores de indivíduo e as bases de estrutura morfológica/morfemática prototipicamente [-erudita]. O pólo negativo, ou seja, aquele em que há menor número de bases [-eruditas] é ocupado por *-tória* (31,25%), *-vel* (40%), *-tório* (41,02%) e *-ório* (46,15%). *-nte*, *-dor* e *-dora* apresentam-se como mediais, com 53,56%, 63,70% e 66,66%, respectivamente, de bases [-eruditas]. O pólo positivo é ocupado por *-douro* (86,9%), *-deiro* (88%), *-deira* (88,97%), *-ão* (90,34%), *-doura* (94,45%) e, no extremo, *-al* (100%).

É possível, com base nestes dados, estabelecer a seguinte escala de relação entre bases prototipicamente eruditas e sufixos deverbalizadores de indivíduo: no pólo positivo encontram-se *-tória*, *-vel*, *-tório*, *-ório*. No pólo negativo, encontram-se *-al*, *-doura*, *-ão*, *-douro*, *-deiro*, *-deira* e *-dora*. Com valores intermédios surgem *-dor* e *-nte*. Enquanto *-dor* apresenta percentagens que o indicam como pendente para o pólo das bases [-eruditas], *-nte* apresenta inclinação para as do pólo oposto.

	-al	-ão2	-deira	-deiro	-dor	-dora	-doura	-douro	-nte	-tória	-ório	-tório	-vel
Transp	0	1,75	4,33	4,00	17,81	12,12	0	2,50	34,77	68,75	46,15	51,28	60,00
Prefix erud	0	0	0	0	0,96	0	0	0	1,76	0	0	1,29	0
Sufix erud	0	0	0	0	5,91	0	0	0	4,31	0	0	3,42	0
total	0	1,75	4,33	4,00	24,68	12,12	0	2,50	40,84	68,75	46,15	55,99	60,00

Tabela III 5. Percentagens de bases eruditas para cada sufixo deverbalizador de indivíduo

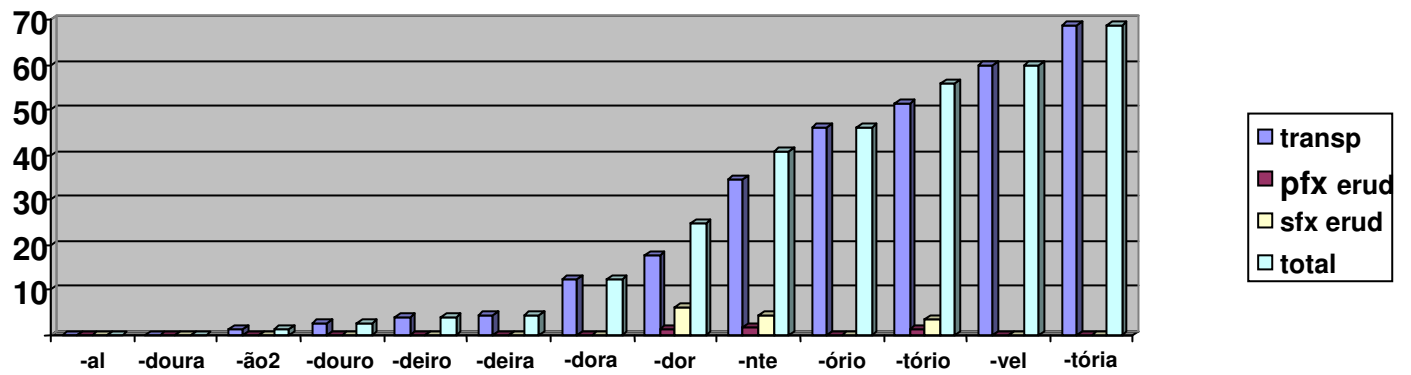


Gráfico III 6. Percentagens de bases eruditas para cada sufixo deverbalizador de indivíduo

	-al	-ão2	-deira	-deiro	-dor	-dora	-doura	-douro	-nte	-tória	-ório	-tório	-vel
opac	60,00	73,68	53,15	66,00	29,99	27,27	88,89	56,88	37,06	31,25	38,46	32,91	40,00
conver	20,00	11,4	13,78	12,00	16,49	21,21	0	15,63	13,20	0	7,69	7,26	0
Prefi n	20,00	0,88	18,89	10,00	11,50	18,18	5,56	13,76	2,28	0	0	0,85	0
Sufix n	0	2,63	2,36	0	5,22	0	0	0	1,02	0	0	0	0
aval	0	1,75	0,79	0	0,50	0	0	0,63	0	0	0	0	0
total	100	90,34	88,97	88,00	63,70	66,66	94,45	86,90	53,56	31,25	46,15	41,02	40,00

Tabela III 6. Percentagens de bases não-eruditas para cada sufixo deverbalizador de indivíduo

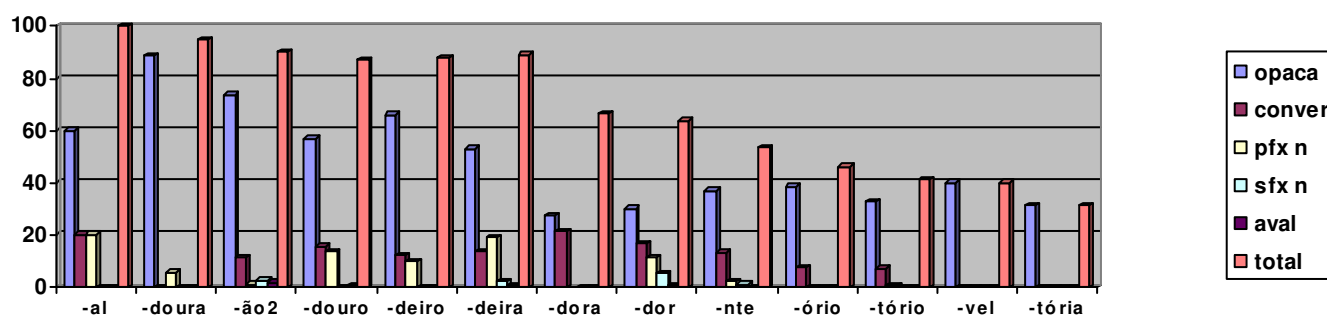


Gráfico III 7. Percentagens de bases não-eruditas para cada sufixo deverbalizador de indivíduo

Todos estes dados mostram que a formatação [\pm erudita] das bases funciona como veículo de constrangimento no que toca à selectividade operada pelos sufixos deverbalizadores. Outros constrangimentos, relacionados com factores semânticos, etc, intervêm nessa selectividade. Esses serão analisados nos capítulos seguintes.

De qualquer modo, a análise das estruturas das bases permite levantar ainda uma hipótese relativa ao teor [\pm abstracto] dos semantismos de evento e de indivíduo produzido prototipicamente por cada um dos operadores. Observando o semantismo de evento dos produtos de *-agem* e dos produtos de *-ção* ou *-ncia*, apesar de poderem ser conglobados na mesma esfera de accionalidade, os produtos de *-agem* mostram eventos de cariz mais concreto do que os construídos pelos sufixos *-ção* e *-ncia*. A esta tendência, a confirmar no capítulo VI, não será alheio o facto de as bases de estrutura erudita possuírem tendencialmente significações de teor mais abstracto, enquanto as de estrutura [\pm erudita] referenciarão sobretudo significações de tipo

mais concreto. No caso de *-agem*, por exemplo, a selecção maioritária de bases conversas salienta esta inter-relação.

8. Síntese

Neste capítulo procurámos apresentar as diferentes tipologias de estruturas morfemáticas/morfológicas a que pertencem os verbos derivantes de substantivos deverbais do português. Partimos da oposição entre bases construídas e não-construídas, de acordo com uma visão que enfatiza a organização mental-f da linguagem como uma arquitectura dinamicamente construída que labora, em termos morfolexicais, com operações de comparação e segmentação paradigmáticas capazes de distinguir unidades mórficas com actuação genolexical activa e unidades mórficas sem actuação genolexical activa.

Dentro das estruturas não-construídas, optou-se por fazer uma separação entre aquelas que mostram decomponibilidade morfemática, que designámos por ‘de estrutura transparente’, e aquelas que se apresentam como morfematicamente monolíticas, que designámos por ‘de estrutura opaca’. Estas designações ‘opaca’ e ‘transparente’ visam esclarecer que o carácter assim definido de uma estrutura morfemática se baseia numa conjugação de dados etimológico-históricos com uma abordagem mental-f do léxico. A consideração de que existem lexemas que, ainda que não formáveis em português, são decomponíveis em unidades mórficas segmentáveis através de processos de comparação e identificação com outros lexemas que os contêm vem enfatizar a visão mental-f da linguagem e conciliar a perspectiva sincrónica com os dados diacrónicos.

Por outro lado, esta separação entre as bases não-construídas de estrutura opaca e as de estrutura transparente permite dar conta de singularidades de selecção de bases de cada um dos operadores sufixais deverbalizadores. Se tivéssemos colocado no mesmo grupo todas as bases não-construídas, não seria possível entender, nem sequer visualizar, as opções definidas prototipicamente entre bases de carácter [+erudito] e de carácter [-erudito] que caracterizam operadores sufixais possuidores dos mesmos traços, consubstanciadas em grande escala pela oposição entre lexemas de estrutura transparente e lexemas de estrutura opaca, respectivamente.

A descrição das estruturas morfológicas/morfemáticas permite observar se há ou não correlação entre alguns desses tipos de estruturas e possíveis efeitos de ordem semântica, sintáctica e pragmática nos objectos lexicais em causa.

Capítulo IV

Estruturas semânticas das bases

0. Introdução

O presente capítulo visa a descrição dos tipos de estruturas semânticas encontrados nos verbos bases dos deverbais em análise. Na introdução, justificamos a necessidade de proceder a uma análise aturada das semânticas das bases verbais (§ 0.1) e esclarecemos o estatuto e o modo de funcionamento organizacional dos componentes semânticos em jogo (§ 0.2). O § 1 será dedicado aos fundamentos teóricos em que se alicerçam os materiais semânticos elaborados com vista à análise semântica das bases verbais. Esses materiais semânticos baseiam-se em duas grandes séries de instâncias semânticas.

A primeira série contém as grandes classes semânticas que mantêm interação com a sintaxe, especificamente as classes de verbos transitivos causativos, inergativos e inacusativos, tal como formuladas em Levin & Rappaport Hovav (1994; 1995) (§ 1.1) e a dos tipos semânticos subsumidos nessas classes (§ 1.2). Esses tipos semânticos serão por nós construídos a partir dos contributos de Plag (1999) (§ 1.2.1) e de Levin (1993) e de Levin & Rappaport Hovav (1994; 1995) (§ 1.2.2), com base na observação empírica dos verbos derivantes dos deverbais que constituem o nosso *corpus*. A adequação dos tipos semânticos à descrição dos dados adquire maior saliência no § 1.2.3. Os tipos elencados neste § foram construídos com base no *corpus*, por vezes, mas nem sempre, em consonância com tipos definidos tradicionalmente. Esclarecimentos acerca do modo como se construíram esses tipos, especificamente do modo como se resolveram problemas relacionados com comportamentos polissémicos ou homonímicos e da delimitação dos caracteres semânticos pertinentes para a formação dos deverbais encontram-se no § 1.2.4.

A segunda série de instâncias semânticas contém não classes ou tipos, mas antes traços semânticos (§ 1.3). Esses traços possuem carácter eventivo e foram desenhados com base no contributo de Lieber (2004).

Postulados os materiais semânticos das bases verbais que apresentam pertinência para a formação dos deverbais, procede-se no § 2 à mostragem da distribuição das classes ou tipos semânticos verbais por operador sufixal nominalizador. Pretende-se com esta tarefa compreender

os constrangimentos que existem a nível semântico entre as bases verbais semanticamente desenhadas e cada operador sufixal que constrói os deverbais.

0.1 Pertinência da análise das estruturas semânticas das bases verbais

A pertinência da análise das estruturas semânticas das bases verbais advém do postulado de que a formação de deverbais labora ao nível da tessitura semântica das bases verbais. Essa laboração emerge quer ao nível da selecção sufixal dentro dos operadores disponíveis, quer ao nível da semântica dos produtos construídos. Isto significa que o tipo de traços semânticos dispostos nas estruturas léxico-conceptual e eventiva do verbo base pode funcionar como restrição à escolha do sufixo nominalizador e como condicionante à formatação da semântica do produto. A determinação das classes léxico-semânticas das bases verbais revela-se importante para entendermos quais os componentes léxico-semânticos de cada verbo é que sofrem processo de coindexação e quais as preferências dos afixos em relação a tipos de classes verbais.

Esta concepção não equivale, por conseguinte, a postular que o resultado semântico do produto seja apenas devedor da semântica idiossincrática do verbo base particular¹ e da carga semântica genérica apresentada pela RFP em jogo. Como veremos ao longo deste trabalho, o que a análise da correlação entre bases verbais, operadores sufixais e semantismos dos seus produtos permite concluir é que os operadores sufixais são detentores de capacidade de restringimento e particularização das semânticas dos produtos dentro da semântica geral da RFP. Tal concepção activa dos operadores sufixais, já amplamente discutida no cap. II, é baseada em duas constatações:

i) produtos deverbais enquadráveis na mesma RFP formados a partir do mesmo verbo com sufixos distintos apresentam traços semânticos divergentes;

ii) produtos com o mesmo sufixo construídos a partir de verbos com traços semânticos distintos apresentam traços semânticos semelhantes.

As duas constatações mostram que a tendência homogeneizadora se encontra no operador sufixal e não na base.

Esta asserção poderá ser contrariada pela divergência entre, por exemplo, dois deverbais formados através do mesmo sufixo, como o são *saltão* e *empurrão*. Como demonstrado no cap.

¹ Referimo-nos ao componente designado por *constant* em Rappaport Hovav & Levin (1998) e por *root* em Pesetsky (1995).

II, concebemos tratar-se do mesmo sufixo *-ão* e não de dois sufixos homónimos, em face da constância semântica do traço de [intenso] revelada pelos dois tipos de produtos. Contudo, a divergência semântica entre a acepção genérica de ‘acção de V’ encontrada em *empurrão* e a de ‘aquele/aquilo que V’ presente em *saltão* surge como aparente obstáculo à visão unificadora do operador sufixal e à sua concepção de entidade com autonomia semântica e com capacidade de restrição. Postularemos que essa divergência semântica é devida aos parâmetros semânticos dos verbos bases, o que indicia a existência de uma correlação entre os traços semânticos da base e os traços semânticos do operador sufixal. Estes jogos de contribuições entre bases e sufixos poderão parecer imiscuídos em contradições: ora se estipula a autonomia semântica do sufixo, ora se mostra o contributo inegável das bases para a significação final do produto.

Contudo, não existe contradição nesta combinatória de forças semânticas. Antes de mais, é necessário esclarecer que diferentes níveis semânticos estão em jogo numa relação genolexical. A dilucidação desses níveis passa por compreender que a formatação semântica dos produtos não cabe exclusivamente à significação genérica caracterizadora de uma determinada RFP. Se assim fosse, os operadores sufixais poderiam ser descritos como meros alomorfes de um arqui-operador responsável pela geração dos produtos de cada RFP. Desse modo, *-ção*, *-mento*, *-dura*, *-agem*, *-ncia*, entre outros, não disponibilizariam aos seus produtos matizes semânticos particularizadores. Qualquer produto deverbal com estes sufixos apresentaria exactamente os mesmos traços semânticos. Todavia, o que é constatável pela análise comparativa destes produtos é que, ultrapassando esse valor semântico geral de ‘acção de V’, os produtos apresentam matizes semânticos, que irão reflectir-se sintacticamente. Devido à sua constância, esses matizes são imputáveis ao exercício da autonomia semântica do sufixo. Esses matizes semânticos terão de estar em consonância com os traços semânticos das bases verbais, facto que funciona como restrição à selecção das bases por cada afixo.

O exemplo de uma série de produtos a partir do mesmo verbo permite compreender melhor a questão. A série composta por *cravadura*, *cravanço*, *cravaria* e *cravagem* mostra comportamento contextual distinto, derivado da distinta sufixação. *Cravanço* designa a ‘acção de pedir’ com um traço avaliativo; *cravagem* designa a ‘acção de cravar pregos’ e ainda ‘doença das gramíneas’; *cravadura* designa ‘acção de cravar pregos’ e ‘ferimento nas patas dos solípedes’ e *cravaria* ‘o ofício de craveiro’.

Estas diferenças apontam que há co-textos onde não é verificável a comutação de um deverbais por outros. Não significa isto que a significação de ‘ferimento’ de *cravadura* se deva ao sufixo; i.e, que o sufixo *-dura* transporte em si mesmo esta significação, dado que nem todos os deverbais com este sufixo apresentam esse semantismo. Contudo, não deve desdenhar-se o número saliente de produtos com este operador sufixal que ostentam a significação de ‘ferimento’. Esta significação, pelo contrário, não se encontra em produtos em *-nço* ou em *-agem*. Assim, a significação em causa deverá desenvolver-se a partir de um determinado traço semântico do sufixo. Do mesmo modo, o valor avaliativo de *cravanço* está contido no sufixo e não na base verbal. Quanto à significação de ‘doença das gramíneas’ contida em *cravagem*, ela encontra também explicação no sufixo. Sendo o sufixo *-agem* designador de pluralidade, observando a significação detalhada que Domingos Vieira oferece para este lexema - «Doença que ataca o centeio, e as junças, e que consiste em uns pontos denegridos, como preguinhos, que algumas vezes se observam nas suas sementes.» -, compreende-se este semantismo como extensão dessa noção de pluralidade.²

Os exemplos mostram que cabe ao sufixo a matização do semantismo genérico de ‘acção de V’ conglobado na RFP de nomes de acção. A especificidade semântica do sufixo acarreta, por conseguinte, que nem todos os tipos semânticos das bases verbais sejam conciliáveis com os traços semânticos dos sufixos. A simpatia entre traços semânticos de bases e operadores sufixais conduz a que haja restrições de selecção de carácter semântico das bases verbais. A disponibilidade destas estará dependente da (in)adequabilidade dos seus traços semânticos aos traços semânticos dos sufixos. É necessário dilucidar que “adequabilidade” não significa “identidade, paridade”, no sentido de ter de haver coexistência dos mesmos traços semânticos na base e no operador. Essa identidade pode ocorrer, mas não é o único tipo de adequabilidade entre os traços que autoriza a adjunção de determinado sufixo a determinada base.

Em suma, compreendemos, em primeiro lugar, que os operadores sufixais possuem carga semântica autónoma, responsável pela matização do semantismo genérico que caracteriza a RFP em causa. Em segundo lugar, é precisamente devido à existência dessas particularidades semânticas dos sufixos que existem restrições de selecção ao nível das bases. Se os sufixos se comportassem como meros alomorfes, qualquer sufixo nominalizador poderia ser agregado a

² Neste momento estamos apenas a dar um exemplo do contributo do sufixo para o resultado final que é o produto. Assim, não forneceremos neste § detalhes nem acerca das significações em jogo, nem da explicação do mecanismo que as gera. Estes assuntos serão alvo de análise no cap. VI.

qualquer base verbal. Isto acarretaria que qualquer verbo poderia apresentar produtos deverbais com todos os sufixos nominalizadores.³

Ora, a preferência que determinados sufixos mostram por determinados tipos sintáctico-semânticos de verbos testifica a autonomia dos operadores. Essa autonomia e o grau de complexidade que atingem as redes de restrições colocadas a um processo de formação de palavras mostram que a genolexia não resulta de meras operações sintácticas, mas da gerência de diferentes níveis da linguagem em interacção.

0.2 Estatuto e funcionamento dos caracteres semânticos descritos

Com o objectivo de compreendermos quais os tipos semânticos de verbos que se adequam a cada operador sufixal, traçamos neste capítulo uma descrição das bases verbais encontradas com cada sufixo nominalizador. Dado que nem todos os traços semânticos se revelam pertinentes para a permissão da adjunção de cada sufixo e para o resultado semântico do produto assim conseguido, haverá traços semânticos das bases que referiremos a propósito de alguns produtos e de outros não.

Por outro lado, o que a análise do *corpus* obriga a sustentar é que os traços semânticos activados nas bases verbais por cada relação genolexical, assim como os traços semânticos activos nos operadores sufixais não possuem paridade de nível. Quer isto dizer que é possível, como veremos no cap. V, que um operador afixal, ou mais especificamente, o seu traço semântico, seja sensível em relação a determinado traço semântico verbal, enquanto outro operador afixal mostre sensibilidade em relação a um traço semântico verbal pertencente a outro domínio semântico. Existe, assim, um funcionamento em rede, e não em série, do material semântico genolexical.

Vamos exemplificar, para refutação, a hipótese do funcionamento em série da genolexia. Tomemos a estrutura eventiva e a estrutura léxico-conceptual como dois níveis distintos com

³ Esclarecemos que neste momento não estamos a esquecer as selecções de tipo morfofonológico que regeriam a escolha dos pretensos alomorfes. Estamos apenas a focar o que acarretaria essa visão a um nível semântico. Contudo, não devemos igualmente descurar que, como veremos neste trabalho, se se constatasse a inocuidade semântica dos sufixos, muitas das restrições localizadas entre componentes morfológicos das bases e os operadores sufixais enquanto unidades morfológicas não ocorreriam. A causa dessa não-ocorrência residiria no facto de existirem motivações de ordem semântica na origem de algumas preferências que alguns sufixos manifestam relativamente a determinados componentes morfológicos das bases verbais, bem como da rejeição mostrada em relação a outros. Nestes casos, a (in)compatibilidade não tem como raiz mais profunda factores morfofonológicos, mas factores semânticos, num sentido alargado, que se concretizam na ordem dos primeiros. Veja-se, a título de exemplo, a preferência entre o sufixo nominalizador *-ncia* e o sufixo verbalizador *-esc-* (cap.VI).

domínio na estrutura semântica. Se a sensibilidade dos afixos mostrasse paridade por esses níveis, todos os afixos seriam equitativamente sensíveis em relação a todos os componentes de cada nível. Se um afixo fosse sensível em relação ao factor de um verbo ser uma actividade ou um achievement, então todos os sufixos jogariam com estes traços em relação às hipotéticas bases. Se um afixo fosse sensível em relação ao factor de um verbo ter ou não um argumento interno preenchido por Paciente, então todos os sufixos procurariam este traço nos verbos de base. Os dois níveis de análise poderiam inclusivamente alimentar a selecção das bases pelo sufixo. Contudo, essa alimentação implicaria o varrimento de todos os componentes de cada nível, dado haver, nesta hipótese, pertinência para a formação do produto. A passagem para o nível seguinte far-se-ia apenas após a conclusão do varrimento do nível anterior.

Um processamento em série deste tipo não é, no entanto, verificável na relação entre os sufixos e as bases verbais. É por este motivo que os traços semânticos que apontaremos para as bases verbais em análise se revelarão ecléticos, pertencentes a níveis distintos e sistematizáveis em graus também distintos. Não deverá esse eclectismo ser tomado como tentativa de inclusão num mesmo nível de parâmetros que, pela sua heterogeneidade, dificilmente assim seriam considerados. Nem deverá ser interpretado como desatenção da nossa parte em jogarmos com parâmetros desnivelados. Com esses parâmetros não pretendemos construir classes semânticas equidistantes, mas apenas revelar evidências semânticas manifestadas na selecção das bases. Este eclectismo, em vez de significar ausência de sistematicidade, revela antes um modo não serial do processamento genolexical e da organização e do modo de acesso que uns elementos linguísticos possuem em relação aos outros.

Que o processamento em interface defendido por Jackendoff (2002) em relação à linguagem é visível particularmente na genolexia e que essa interface se desenvolve inclusivamente em relação à interioridade de cada estrutura é defendido como corolário teórico deste trabalho. Contudo, não é apenas, ou por si só, o pressuposto da arquitectura paralela o único vector teórico a reter, e a confirmar, do contributo de Jackendoff (2002).

A complexidade que o A. concebe em relação à estrutura semântica, manifestada na necessidade de esta ser encarada como um domínio de interface com estruturas não-linguísticas ainda não satisfatoriamente sistematizado pelos instrumentos do conhecimento, revela-se de modo peculiar na área da genolexia. Os traços semânticos que utilizaremos para dar conta do aproveitamento semântico entre bases e operadores sufixais revelam-se heteróclitos quanto à

natureza da sua inserção em fiadas ou níveis distintos. Isto corrobora a visão de Jackendoff (2002: 335) de que a estrutura semântica apresenta níveis de decomponibilidade não atreitos à definibilidade.

É esse obstáculo colocado ao nível da definibilidade de componentes semânticos, pela não total coincidência de fronteiras entre estruturas semânticas e estruturas linguísticas, que induz em grande parte à apresentação, neste trabalho, de traços semânticos não coincidentes com classes semânticas.

Por sua vez, esses traços semânticos não funcionam ou não são por nós tidos como primitivos. E o facto de assim o não serem não constitui entrave ao plano de sistematização da estrutura semântica. Recordamos a posição de Jackendoff (2002: 335) a propósito da intangibilidade dos primitivos: em física a descoberta de novos componentes da matéria, alguns deles não ocorrentes isoladamente, é encarada como um avanço do conhecimento e não, como o tomam algumas correntes linguísticas em relação à decomponibilidade das estruturas semânticas, como um entrave à sistematização do conhecimento. É necessário ainda ter em conta que a indefinibilidade dos componentes não pode ser tomada como sinónimo da sua insustentabilidade. É que componentes de outras estruturas, como a fonológica, são também unidades a que o falante não tem acesso conscientemente nem possibilidade de discriminar intuitivamente.

A tentativa de mostragem dos componentes semânticos activados na formação de deverbais é por nós feita através de uma rotulagem que nem sempre é satisfatória. Com ela pretendemos, no entanto, permitir o acesso a esses componentes de forma intuitiva. Daí a utilização de rótulos simplistas e que possam funcionar como arquitraves dos componentes em jogo. Constituem exemplo disso rotulagens de componentes localizados na estrutura espacial, para cuja compreensão concorrem mais factores de ordem sensorial do que linguísticos. Falamos de noções contidas, por exemplo, em verbos de movimento, cuja distinção é dificilmente armazenada mentalmente em termos linguísticos, estando antes dependente de dados integrados por Jackendoff (2002: 350) na estrutura espacial.⁴

Contudo, devido à necessidade que temos no nosso trabalho de dar conta dos dados semânticos pertinentes para a formação dos deverbais, procuraremos explicitar esses traços

⁴ Para a estrutura espacial e sua distinção em relação à estrutura conceptual vejam-se Jackendoff (2002: 346-348 e 1996) e Jackendoff & Landau (1992).

linguisticamente. Estes saldar-se-ão, muitas vezes, em resultados perifrásticos. Esse carácter perifrástico advém da indefinibilidade dos traços semânticos, não acessíveis consciente e linguisticamente, pelo menos em português, e da necessidade de explicitar o mais possível o tipo de saliência semântica do traço em causa. A rotulagem usada não deve ser confundida com o objecto em si mesmo. Ou seja, ao usarmos um rótulo como ‘movimento sem alteração espacial’, não pretendemos que este rótulo em si mesmo funcione como componente semântico. A rede de noções que o rótulo encerra é que constitui o componente semântico.

A assunção de que os traços não são primitivos acarreta que uma visão mais apurada do domínio semântico poderá proporcionar a utilização de traços mais finos. Por sua vez, um estudo deste tipo pode igualmente revelar-se como auxiliador em pesquisas do domínio específico da semântica. Este género de análise alerta para a possibilidade de existência de diferentes componentes semânticos particulares localizados em diferentes níveis, ainda que por nós não determinados, despertando o interesse por essa mesma tarefa investigatória e a ela fornecendo dados.

Não sendo objectivo em si mesmo deste trabalho o estudo da organização das fiadas semânticas, não nos dedicaremos à sua estruturação. Como tal, não procederemos à construção de um modelo semântico com a explicitação do modo como se encontram organizadas as fiadas, a sua constituição, a sua natureza, bem como a sua interconexão. Limitar-nos-emos, pois, a explicitar o que entendemos por cada um dos traços e dos tipos semânticos encontrados como pertinentes para a formação dos deverbais. Essa explicitação, como esperamos estar a demonstrar, não deve ser entendida como abrangente da complexidade da estrutura semântica.

1. Fundamentos teóricos para os instrumentos semânticos utilizados

Os grandes fundamentos teóricos de que partimos para o estudo do contributo da semântica na genolexia dos deverbais encontram-se já explicitados nos capítulos I e II deste trabalho.

Neste §, procederemos à explicitação das fontes e dos instrumentos semânticos nelas colhidos de que nos serviremos particularmente para a análise das estruturas semânticas que influenciam a selecção das bases e dos operadores em jogo.

Por dedicarmos o capítulo V especificamente à combinatoriedade dos traços semânticos das bases e dos sufixos, neste capítulo apenas sistematizaremos os traços semânticos das bases, restringindo-nos àqueles que são pertinentes para a formação dos deverbais.

As obras que serviram de fonte para os instrumentos de análise semântica são essencialmente Levin & Rappaport Hovav (1994) e (1995), Levin (1993), Plag (1999), no que toca a tipos semânticos de verbos, e Lieber (2004), no que diz respeito a traços semânticos. A concepção léxico-conceptual em que se baseiam estes modelos justifica a sua utilização neste trabalho.

Começaremos por explicitar que nesta descrição e no elenco de tipos semânticos se encontram imiscuídos determinados traços sintácticos. Não queremos com isto negar a autonomia das diferentes esferas linguísticas, mas antes aproveitar a noção que Jackendoff (2002) constrói acerca de interface.

Por outro lado, a concepção de que «[...] the syntactic classification of verbs is semantically determined», de Levin & Rappaport (1995: 13-14), legitima que nos socorramos dessa imiscuição, visível em noções como *inergatividade*, *inacusatividade*, *causatividade*. No fundo, a descrição que neste capítulo fazemos das bases verbais conjuga factores semânticos e sintácticos. No entanto, para a genolexia em causa, os factores semânticos ressaltam como mais poderosos, ainda que muitas vezes na sua relação com a sintaxe, do que factores especificamente sintácticos. Como tal, optámos por não elaborar um capítulo dedicado em exclusivo às estruturas sintácticas das bases dos deverbais. Tal capítulo resultaria num mero elenco descritivo dessas estruturas sem pertinência para a formação dos deverbais.

1.1 Inergatividade, inacusatividade e transitividade (Levin & Rappaport Hovav 1994; 1995)

Para a observação dos factores sintáctico-semânticos intervenientes na relação de selecção entre bases verbais e operadores sufixais, partimos de três grandes classes de verbos, que constituem objecto de investigação de Levin & Rappaport Hovav. Nos trabalhos das AA. de 1994 e de 1995, encontramos alicerces sólidos quer teóricos, quer empíricos, que permitem considerar essas três classes como resultantes de comportamentos e de constâncias semânticas relevantes. Ora, essas classes e os factores que as desenham revelam-se igualmente pertinentes na formação

dos deverbais. As classes são 1) a dos verbos inergativos; 2) a dos verbos inacusativos; 3) a dos verbos causativos.

Dado que iremos usar a designação *causativo* para a explicitação de um tipo específico de estrutura léxico-conceptual de verbos, torna-se necessário reformular a designação de *causativo* respeitante à grande classe de verbos que se opõe à dos inergativos e à dos inacusativos. Optaremos por designar esta por verbos *transitivos de causatividade* ou simplesmente *transitivos*.

As linhas definidoras dessas três classes de verbos encontram-se explicitadas em Levin & Rappaport Hovav (1995: 79-133). Levin & Rappaport Hovav (1995: 21) partem do postulado de que as mencionadas classes verbais são «[...] semantically determined but syntactically represented [...]». Trata-se, assim, de classes «[...] defined in terms of their lexical semantic representation and their associated argument structure, and hence in terms of their syntactic configuration.» (Levin & Rappaport Hovav 1995: 133).

A classe dos verbos diádicos causativos⁵ é composta por verbos com dois argumentos, sendo um externo e o outro interno. O argumento externo é ocupado por uma causa externa. Alguns destes verbos podem apresentar uma alternância monádica inacusativa. Trata-se de verbos que designam um evento susceptível de ocorrer de modo espontâneo sem que para tal tenha actuado externamente um agente volitivo (Levin & Rappaport Hovav (1994: 61-61) e (1995: 102-106)). As AA. (1995: 102-106) fornecem como exemplos, entre outros, os verbos *to break* ‘quebrar’ e *to murder* ‘assassinar’. Enquanto *to break* enforma um evento que pode ocorrer sem que haja intervenção de um agente com controlo, *to murder* perspectiva, pelo contrário, que o evento apenas seja desencadeado pela actuação de um agente desse tipo. Devido a essas características semânticas, a sintaxe de *break* admite alternância inacusativa, enquanto a de *murder* apenas admite a construção diádica, com expressão obrigatória da causa externa.

A classe dos verbos inergativos inclui verbos monádicos, cujo único argumento é externo. Esse argumento externo corresponde semanticamente a uma causa interna (Levin & Rappaport Hovav 1995: 91). Destes verbos destacam-se os verbos de emissão de som (*ladrar, estrepitar*), de emissão de luz (*brilhar, faiscar*), de emissão de cheiro (*recender, trescalar*) e de emissão de substância (*transpirar, cuspir*), assim como os de modo de locomoção (*correr, nadar*).

⁵ Como já referido, reservaremos a designação de ‘causativo’ para um tipo semântico específico dentro da classe dos verbos diádicos de causatividade. Neste passo, no entanto, utilizamos as designações das AA, por estarmos a descrever o seu trabalho.

A classe dos verbos inacusativos apresenta variação quer semântica, quer, necessariamente, à luz da visão das AA, sintáctica. Existem verbos inacusativos com causa interna. Trata-se de verbos que indicam uma mudança de estado que não apresentam alternância transitiva, como *arder, florir*.

Para outros verbos inacusativos, a noção de causa não apresenta pertinência. Nestes, incluem-se verbos diádicos cuja estrutura argumental não inclui nenhum argumento externo. São deste tipo os verbos de aparição (*emergir, acontecer*) e existência (*prevalecer, existir*) (Levin & Rappaport Hovav 1995: 119-126). Estes verbos possuem dois argumentos internos: um corresponde a um locativo e o outro a um tema.

Para além das três classes de verbos definidas, Levin & Rappaport Hovav (1995: 90-101) e (1994: 49-50) introduzem as noções de *eventos causados internamente* e de *eventos causados externamente*. Esta distinção entre causa interna e causa externa revelar-se-á essencial na compreensão de alguns fenómenos de selecção entre bases verbais e operadores sufixais. Como tal, a sua referência não serve apenas para ilustrar os princípios de análise gerados e trabalhados por Levin & Rappaport Hovav, mas para descrever os traços semânticos de que nos socorreremos neste trabalho.

O evento causado internamente é definido por Levin & Rappaport Hovav (1995: 91) como aquele cuja ocorrência depende de uma determinada propriedade inerente ao argumento do verbo. A causa interna pode ser agentiva ou não-agentiva, no sentido de poder esse argumento encerrar uma entidade com controlo sobre o evento ou não. Por exemplo, o verbo *passar* apresenta uma causa interna em simultâneo controladora, enquanto o verbo *brilhar* apresenta causa interna não-controladora. Assim, agentividade e causa interna não podem ser vistos como equivalentes nem em termos positivos, nem em termos negativos.

Os eventos causados externamente evidenciam a actuação de uma causa externa como interveniente na ocorrência do evento. As AA. estipulam que a causa externa está relacionada com os eventos representados sintacticamente por estruturas diádicas causativas. Quanto à causa interna, ela pode ocorrer tanto em verbos inergativos, como inacusativos sem alternância transitiva.

Levin & Rappaport Hovav (1995: 94) apresentam as seguintes estruturas léxico-conceptuais para os eventos causados externa (1) e internamente (2), respectivamente:

(1) [[x DO-SOMETHING] CAUSE [y BECOME STATE]]

(2) [*x PREDICATE*]

Para a distinção entre eventos causados interna ou externamente concorre a intervenção cognitiva humana, pois, de acordo com o postulado de Levin & Rappaport Hovav (1995: 98-99), «The distinction between internally and externally caused eventualities is a distinction in the way events are conceptualized and does not necessarily correspond to any real difference in the types of events found in the world. In general, the relation between the linguistic description of events and the events taking place in the real world is mediated by the human cognitive construal of events, which we take our lexical semantic representation to represent.». Esta concepção encontra-se em acordo com a visão de Jackendoff (2002), bem como com aquela que aqui advogamos.

Dado que os conceitos de inergatividade, inacusatividade e alternância causativa são amplamente conhecidos, ainda que sujeitos a controvérsias, não os focaremos em mais detalhe.⁶ Remetemos, pois, para Levin & Rappaport Hovav (1995) para o fornecimento de informação pormenorizada acerca destas classes. Para a translação desses princípios para o castelhano, remetemos para Mendikoetxea (1999: 1575-1629) e para o português para Duarte (2003: 507-521).

1.2 Tipos semânticos de verbos

Dentro de cada uma das três grandes classes de verbos – inergativos, inacusativos e transitivos – é possível encontrar subclasses para cuja definição nos socorreremos dos trabalhos de Levin & Rappaport Hovav já mencionados, Levin (1993) e Plag (1999). Trata-se sobretudo de tipos de verbos delimitados semanticamente, ainda que comportamentos sintácticos possam neles ser salientes.

Dedicaremos os §§ 1.2.1, 1.2.2 e 1.2.3 não a uma mera descrição dos quadros concebidos por estes AA., mas sobretudo ao aproveitamento que deles faremos em função das bases e dos produtos sob análise neste trabalho. É necessário ter em conta que os tipos semânticos que aqui apresentamos não resultam de uma transposição directa daqueles preconizados pelos AA. em que nos baseámos para a sua construção. Na verdade, a determinação dos componentes semânticos

⁶ Acerca das questões levantadas pela distinção entre verbos inergativos e inacusativos vejam-se Alexiadou, Anagnostopoulou & Everaert (2004) na “Introdução” do mesmo volume e os artigos que o constituem.

das bases a considerar pertinentes para a construção dos deverbais foi conduzida por operações de alimentação mútua entre a análise dos objectos do *corpus* e a avaliação de caracteres semânticos.

Em primeiro lugar, quer isto dizer que, antes de chegarmos a estes tipos semânticos, se realizou experimentação de outros caracteres semânticos - como, por exemplo os das classes eventivas de Vendler (1967). Esses caracteres foram abandonados por apresentarem distribuição aleatória na mediação entre verbos e operadores sufixais.

Em segundo lugar, a análise das bases verbais do *corpus* ofereceu verbos que obrigavam à constituição de tipos semânticos não previstos mesmo nos AA. em que nos baseámos. Nesses casos, foi necessária a construção de novos tipos semânticos. Por outro lado, muitas vezes os dados empíricos obrigaram à moldagem dos tipos propostos pelos AA., especialmente no que diz respeito à compreensão desses tipos, não suficientemente esclarecedora nas fontes.

De qualquer modo, a opção por modelos de tipos semânticos verbais baseados nestes AA. enraíza-se na moldagem léxico-conceptual que estes oferecem e que já tivemos ocasião de defender nos cap. I e II como determinante para o entendimento do funcionamento genolexical.

1.2.1 Tipos semânticos de verbos baseados em Plag (1999)

Começaremos por abordar os tipos semânticos de verbos elencados em Plag (1999: 220). Estes semantismos são referidos pelo A. a propósito dos verbos conversos. Trata-se, no entanto, de semânticas encontráveis noutros verbos, pelo que o seu domínio não é daqueles exclusivo. Limitar-nos-emos a elencar esses tipos sem explicitar os seus fundamentos. O próprio Plag (1999: 220) parte do princípio de que a rotulagem utilizada e a sua paráfrase são suficientes para a compreensão de cada um desses semantismos. O A. não apresenta a seu respeito particular as suas bases teóricas e empíricas. No entanto, Plag (1999: 120-121) situa as suas opções ao nível da semântica no domínio da semântica léxico-conceptual de Jackendoff.

Da nossa parte referimos que a utilização que fazemos desses instrumentos de descrição semântica procura estar igualmente de acordo com a visão conceptualista de Jackendoff (1990; 2002). Os rótulos são condensações de estruturas léxico-conceptuais definidas à maneira de Jackendoff (1990), ainda que não façam uso do mesmo aparato formal e terminológico.

São os seguintes os tipos semânticos elencados em Plag (1999: 220):

Locative ‘put (in)to X’

Ornative	‘provide with X’
Causative	‘make (more) X’
Resultative	‘make into X’
Inchoative	‘become X’
Performative	‘perform X’
Similative	‘act like X’
Instrumental	‘use X’
Privative	‘remove X’
Stative	‘be X’

O uso que destes tipos semânticos faremos prevê a adaptação terminológica, em alguns casos, e o desdobramento, noutros casos. Na adaptação terminológica incluímos a substituição de ‘privative’ por ‘desprover de’, por nos parecer esta terminologia mais transparente. O desdobramento de tipos semânticos refere-se sobretudo aos verbos indicadores de movimento. Visto que a paráfrase ‘put in(to) X’ do locativo não prevê outros tipos de movimento que não os que resultam da causatividade externa e que desembocam num espaço específico, optamos por utilizar traços diacríticos para podermos dar conta de subtipos relacionados com a noção de espaço.

Dever-se-á notar que alguns dos tipos semânticos de Plag comportam informação sintáctica. Outros, no entanto, são ambíguos quanto ao número de argumentos do verbo. Assim, verbos causativos, ornativos e privativos (‘desprover de’) são verbos transitivos; verbos estativos e incoativos são monádicos. Já os verbos instrumentais, resultativos e performativos são ambíguos quanto à estrutura argumental. As paráfrases que os ilustram ‘use X’, ‘make into X’ e ‘perform X’ indiciam que os dois tipos de verbos podem ser quer monádicos, quer diádicos. Esta ambiguidade deve-se ao facto de a paráfrase ser representativa da semântica derivacional do verbo; ou seja, das operações semânticas co-ocorrentes com os processos morfológicos derivacionais.

Não devemos esquecer que estes rótulos são usados por Plag para a análise derivacional de conversos. Isto significa que o componente X integrado na paráfrase corresponde à base de

derivação do verbo converso e não a um argumento do verbo. Por exemplo, o verbo *martelar*⁷, sendo em português um verbo converso, possui uma estrutura derivacional que indica ‘usar martelo’. A estrutura derivacional implica a existência de dois argumentos (o argumento externo, aqui não expresso; e o argumento interno de *usar* que é a base derivacional *martelo*). Assim, genolexicamente, *martelar* significa *usar martelo*.

Contudo, se atentarmos na estrutura argumental do verbo *martelar* e não na estrutura léxico-conceptual encerrada na derivação de *martelo* para *martelar*, constatamos que há divergências entre ambas. *Martelar* inclui um argumento externo obrigatório e um argumento interno opcional. Em *O João martelou todo o dia*, temos apenas o argumento externo. Se acrescentarmos o argumento interno – *O João martelou a mesa todo o dia* –, o argumento interno não coincide com o argumento interno de *usar X*. Ou seja, não coincide com o argumento interno da paráfrase da derivação do verbo *martelar*.

Significam estas constatações que as análises das estruturas léxico-conceptuais são contraditórias e por isso devem ser abandonadas? Não. Significa apenas que há a distinguir pelo menos dois níveis distintos em termos de estrutura léxico-conceptual do verbo. Num nível encontra-se a relação semântica derivacional entre a base e o produto mediada pelo contributo da RFP e do operador sufixal. É a esse nível que podemos dizer que *martelar* possui um argumento interno incorporado morfológicamente correspondente à base do produto verbal. Esta é uma fiada da estrutura semântica em interface com os processos genolexicais. Muitas vezes, essa estrutura léxico-conceptual derivacional acaba por ser opacizada diacronicamente, ao atenuar-se o grau de consciência por parte do falante da relação derivacional entre base e produto. É este o caso dos verbos *castigar*, *fustigar* analisados no capítulo III.

O outro nível da estrutura léxico-conceptual, ainda que possa ter uma ligação com o primeiro, apresenta autonomia em relação a ele. De resto, o facto de qualquer verbo, independentemente de ser básico ou derivado, possuir este nível de estrutura léxico-conceptual comprova a autonomia de um em relação ao outro. O verbo *ver*, sendo um verbo básico, não possui a fiada da estrutura léxico-conceptual derivacional, mas possui estrutura léxico-conceptual que fornece dois argumentos à sua estrutura argumental.

⁷ Plag propõe *hammer* como exemplo de converso com semantismo de instrumental. Pelo facto de *hammer* e *martelar* disporem de uma construção monádica e de outra diádica, usamos o exemplo em português para a demonstração que pretendemos.

Este é um caveat a ter em consideração na nossa análise. Se há verbos cujo semantismo se encontra fortemente adscrito à sua semântica derivacional, outros há cuja classificação semântica seria divergente ao tomarmos em linha de conta as duas fiadas semânticas referidas. Um verbo como *desalmar* seria classificado como verbo de ‘desprover de’ ou *privative*, no dizer de Plag (1999), de acordo com a semântica derivacional. Contudo, o semantismo de *desalmar* não será propriamente ‘tirar a alma a alguém’, mas ‘tornar alguém desumano’, ou seja, ‘como se não tivesse alma’. A relação semântica de *alma* e do prefixo *des-* com o semantismo final do produto não é uma relação linear.

O aproveitamento que fazemos dos rótulos de Plag passa por uma filtragem com que se pretende uma maior adequabilidade da descrição semântica dos verbos aos objectivos que perseguimos nesta secção. Dado que tanto verbos básicos como derivados funcionam como bases de deverbais e visto que apenas os segundos ostentam a fiada de estrutura léxico-conceptual derivacional, procuraremos a descrição da estrutura léxico-conceptual não-derivacional.⁸ No caso dos verbos derivados pode haver ou não coincidência entre ambas as fiadas. Não constitui, no entanto, nosso objectivo o seu estudo.

Assim, a utilização que aqui fazemos dos rótulos de Plag (1999) visa não uma descrição das relações derivacionais entre verbo derivado e sua base, mas da estrutura léxico-conceptual de qualquer verbo. No fundo, utilizamo-los como meras nomenclaturas que nos serviram de auxílio para o estabelecimento dessas estruturas. A seu lado, empregamos outros tipos semânticos quer colhidos em Levin (1993), quer construídos a partir de constâncias observadas no *corpus*.

Apresentamos em seguida os tipos semânticos que adaptámos com base em Plag (1999). Como já referido, o A. não explicita os parâmetros de definição de cada um e o seu uso localiza-se no âmbito da estrutura semântica derivacional dos verbos conversos. Assim, a definição que deles aqui apresentamos parte desses rótulos e das suas paráfrases, mas resulta da nossa própria análise aos verbos sob observação.

- *causativos*: como já referido anteriormente a propósito da designação de ‘causativo’ nos trabalhos de Levin & Rappaport Hovav, houve necessidade da nossa parte de destrinçar dois usos de ‘causativo’. Por um lado, e de acordo com Levin & Rappaport Hovav (1995), verbos causativos são verbos diádicos, em cuja estrutura argumental há um argumento externo e um

⁸ Vejam-se os estudos de Rio-Torto (2004) e Pereira (2004) onde se focam as estruturas léxico-conceptuais derivacionais de verbos construídos em português.

argumento interno. O argumento externo corresponde conceptualmente a uma causa externa que é responsável pelo evento sofrido pelo argumento interno. Por outro lado, de acordo com Plag (1999: 220) a paráfrase de *causativo* é ‘make (more) X’. Paralelamente, surgem tipos como *resultativo* ou *ornativo* cujas paráfrases respectivas ‘make into X’ e ‘provide with X’ fazem que estes se considerem como verbos causativos na acepção de Levin & Rappaport Hovav.

De facto, um verbo como *construir*, que é resultativo, apresenta estrutura diádica preenchida por um argumento externo e por um argumento interno em consonância com os transitivos causativos. Também *açucarar*, verbo ornativo, cumpre os mesmos requisitos para ser colocado dentro da classe dos transitivos causativos. Por sua vez, os verbos classificados por Plag como causativos são igualmente instâncias dos transitivos causativos definidos por Levin & Rappaport Hovav. O verbo *adoçar* é disso exemplo, pois na sua estrutura argumental está previsto um argumento externo correspondente a uma causa externa sem a qual não se dá a ocorrência do evento descrito pelo verbo, assim como um argumento interno que funciona como tema.

Pelo facto de haver necessidade de destringer quais os subtipos semânticos de verbos transitivos causativos, dado que nem todos recebem tratamento equivalente pelos diferentes operadores sufixais, optamos por reservar a designação ‘causativo’ para um subtipo de verbo transitivo – aquele que implica que a actuação da causa externa no tema produza neste uma mudança num *continuum*. Essa mudança não desemboca num objecto de outra categoria, mas da mesma do objecto antes de sofrer o evento desencadeado pela causa externa. Por exemplo, o verbo *adoçar* inclui-se nos verbos causativos porque o evento descrito em *adoçar o café* prevê uma mudança no tema, mas essa mudança não altera as propriedades definitórias de *café*. Assim, essa mudança não é discreta, mas contínua. Nos verbos causativos que indicam uma mudança de estado gradativa, pode ocorrer sintacticamente um adverbial como *muito, pouco*, indicador dessa gradação. O exemplo (3) elucida a sua ocorrência:

(3) *O João adoçou muito o café.*

Quando se trata de um verbo resultativo, que prevê que o evento desencadeado pela causa externa opere uma transformação discreta no objecto, os mesmos adverbiais não podem ocorrer, como demonstrado em (4).

(4) **O Papa canonizou muito o beato.*

Repare-se, contudo, que é possível a ocorrência de *muito* como determinante com verbos resultativos (exemplo 5). Nesse caso, o enunciado significa que o Papa fez muitas canonizações de muitos beatos e não que proveu o beato de um grau maior ou menor de canonização.

(5) *O Papa canonizou muito beato.*

Note-se que esta construção é perfeitamente adequada nos verbos causativos (6)

(6) *O João adoçou muito café.*

cuja leitura é igual à de (5) e não à de (3).

A utilização do adverbial como critério para distinguir verbos causativos de outros verbos deve ser feita com cuidados, na medida em que ela serve sobretudo para a oposição com verbos resultativos e é apenas aplicável nos causativos de mudança de estado gradativa. Este critério não é igualmente utilizável na oposição com verbos de ‘prover de’ e de ‘desprover de’, visto estes lidarem igualmente com a noção de gradação, como constatável através dos enunciados (7) e (8)⁹.

(7) *O João açucarou muito o café.*

(8) *O João descortiçou muito o sobreiro.*

Isto poderá indiciar uma maior aproximação entre os verbos de ‘prover de’ e de ‘desprover de’ e os causativos do que entre estes e os resultativos. Contudo, será necessário proceder a um estudo aprofundado das possibilidades de co-textualização destes verbos para compreender o grau de fiabilidade deste e de outros critérios. Esse estudo não será realizado neste trabalho.

A não-ocorrência dos adverbiais com verbos resultativos mostra que estes, ao contrário dos causativos, concebem uma eventualidade que desemboca na transformação do objecto que se constitui como argumento interno do verbo num objecto de outra instância. Essa transformação é concebida como discreta e não como contínua, independentemente de ser momentânea ou durativa.

⁹ Verbos performativos também admitem construção com adverbial (*O João falou muito./ O João dançou muito./ O João interpelou muito o professor.*). No entanto, a leitura que nestes verbos parece sobressair é a de frequência (*O João falou frequentemente./ O João dançou frequentemente./ O João interpelou frequentemente o professor*). Estes enunciados parecem ser equivalentes a *O João passou a noite a falar./ O João passou a noite a dançar./ O João passou a aula a interpelar o professor*. Parecem ter uma leitura de frequência e não de amplitude. Nos verbos causativos, *O João adoçou muito o café* tem uma leitura imediata de *O João fez que o café ficasse muito doce* e não *O João passou a noite a adoçar o café*, embora esta leitura não seja aberrante. É esta transferência do semantismo do adverbial para o argumento interno que é implicada na estrutura léxico-conceptual causativa destes verbos. Nos verbos performativos transitivos, como *interpelar*, *dizer* essa transferência não ocorre: *O João disse muitos disparates./ O João interpelou muito o professor* não correspondem a *O João fez que os disparates ficassem muito ditos/ O João fez que o professor ficasse muito interpelado*.

De qualquer modo, estas análises são extremamente rudimentares para que possam tomar-se como critérios infalíveis na determinação da instância do verbo e carecem de um estudo aturado que aqui não encontrará resposta.

Em suma, reservamos para a designação de ‘causativos’ verbos que indiquem uma mudança de estado contínua do objecto e não discreta. Essa mudança é proporcionada por uma causa externa correspondente ao argumento externo do verbo. Note-se que, neste contexto, *contínuo* se opõe a *discreto*, sendo sinónimo de *analógico* e antónimo de *digital*. Não estão aqui imiscuídas quaisquer noções de aspectualidade. São exemplos de verbos causativos *democratizar, poluir, deturpar, acalmar, etc.*

Para distinguirmos este subtipo de verbos, utilizaremos a designação de verbos diádicos ou transitivos de causatividade para a classe definida por Levin & Rappaport Hovav (1995).

- *resultativos*: são verbos integrados nos diádicos de causatividade (*trociscar, saponificar*), sendo que alguns deles admitem alternância inacusativa (*fossilizar, caramelizar*). Alguns deles são verbos inergativos (*nidificar, superfetar*). No caso de serem diádicos, mostram um evento produzido por uma causa externa sobre um tema. De acordo com Levin & Rappaport Hovav (1995: 102), esses verbos podem apresentar construção inacusativa se o evento puder ocorrer sem a intervenção da causa externa.

Quanto ao facto de existirem verbos resultativos inergativos, não deve ser aí observada nenhuma contradição. Se é verdade que para a definição de verbos resultativos concorre a existência de um argumento externo e de um argumento interno na estrutura argumental do verbo, não pode ser descuidado que a não coincidência total entre estrutura argumental e estrutura léxico-conceptual acarreta divergências explicadas à luz dessa própria descoincidência.

A semântica de *nidificar* ‘fazer o ninho’, que, neste caso, coincide com a morfologia do verbo, mostra uma causa externa (a ave) e um objecto construído pela acção dessa causa (o ninho). A formatação sintáctica da estrutura léxico-conceptual não é paralela desta, provavelmente devido à conciliação de dois factos:

1) o facto de a estrutura léxico-conceptual derivacional encontrar projecção directa na estrutura morfológica do verbo e

2) o facto de, neste verbo, a estrutura léxico-conceptual derivacional se mostrar transparente e coincidente com a estrutura léxico-conceptual não-derivacional.

O facto 1 prevê a projecção do tema semântico à superfície sob a forma da base do verbo; o facto 2 aponta que o facto 1 só tem pertinência se se observar em simultâneo o facto 2.

Observe-se que o exemplo de *nidificar* não contradiz as afirmações que fizemos relativamente ao verbo *martelar*. Para *martelar* apontámos que a estrutura léxico-conceptual derivacional não coincidia com a estrutura léxico-conceptual não-derivacional tal como projectadas nas respectivas estruturas argumentais. *Martelar* apresenta na estrutura léxico-conceptual derivacional os componentes *usar martelo*, em que *martelo* é um argumento interno de *usar* (exemplo 9a). O mesmo esquema não é mantido na estrutura não-derivacional de *martelar*, como demonstrado pelos enunciados (9b) e (9c).

- (9) a. *O João usou um martelo de aço.*
b. **O João martelou um martelo de aço.*
c. *O João martelou com um martelo de aço.*

O elemento que corresponde a um argumento interno na estrutura derivacional (*martelo*) (9a) passa a adjunto preposicionado (9c).

Em *nidificar* não há o mesmo tipo de mudanças, conforme atestam os enunciados (10a) a (10c).

- (10) a. *O chapim-rabilongo nidificou.*
b. *O chapim-rabilongo construiu um ninho.*
c. *O chapim-rabilongo nidificou um ninho de musgo.*

O argumento interno da estrutura derivacional de *nidificar* (10b) é mantido léxico-conceptualmente na estrutura não-derivacional (10a), pelo que é admitido um argumento interno quando especificador desse objecto (10c). Trata-se de um argumento sombra¹⁰ (Pustejovsky 1995) à semelhança dos exemplos conhecidos de *viver uma vida feliz*, *sonhar um sonho cor-de-rosa*, etc.

Os verbos resultativos distinguem-se dos causativos por conceptualizarem uma mudança discreta no tema. A transformação em jogo faz que a entidade integrada no argumento interno resulte numa entidade doutra instância (e.g. *farinar*, *lenhificar*). O tipo de aspectualidade do evento – pontual ou durativo – não intervém na definição dos verbos resultativos. O ponto

¹⁰ A tradução ‘argumento sombra’ é usada por Duarte & Brito (2003: 184) para a denominação de ‘shadow argument’ apresentada em Pustejovsky (1995: 65): «[...] shadow arguments are expressible only under specific conditions within the sentence itself; namely, when the expressed arguments stands in a subtyping relation to the shadow argument [...]».

definitório tem que ver com a mudança discreta atingida no ponto final do evento e não com a possibilidade de esse ponto final ser ou não mediado por um espaço de tempo durativo.

Fazem parte de verbos resultativos verbos de criação. Neste caso, não se assiste a uma transformação de um objecto noutra objecto, mas à criação de um objecto de chegada. São exemplos destes verbos *construir*, *escrever*, *conceber*, etc.

São também classificados por nós como verbos resultativos verbos como *levigar* ‘reduzir (uma substância) a pó muito fino’, *pulverizar* na acepção de ‘reduzir a pó’, *farinar* ‘reduzir a farinha’, *metamerizar* ‘dividir em metâmeros, ou seja, em segmentos, especificamente os anéis de um verme ou de um artrópode’. Apesar de nestes verbos não se enformar a transformação do objecto noutra objecto, especificamente através da manutenção da entidade numérica do objecto a transformar naquele que se atingiu, não há manutenção da instância do objecto. O objecto resultante não é da mesma instância do objecto de origem. Deste modo, um *metâmero* não é um *artrópode*, assim como um conjunto de *metâmeros* também não constitui por si só um *artrópode*. Da mesma maneira, uma porção de farinha não é um grão de cereal. Estes verbos que indicam redução do objecto a partes menores, quer estas representem componentes discretizáveis do primeiro (e.g. *metamerizar*), quer subprodutos daquele, mas nele não existentes discretamente sob essa forma (e.g. *farinar*), funcionam, pois, como verbos resultativos.

Os traços de discreto/contínuo (não sobreponíveis com as designações de contável e não-contável) surgem como definidores da distinção entre verbos causativos e resultativos.

Em alguns casos, no entanto, a opção por uma destas classificações revela-se dificultada pela natureza discreta e contínua de alguns objectos. Damos como exemplo o seguinte enunciado:

(11) *O João esverdeou o amarelo do quadrado.*

O conhecimento que temos do mundo indica-nos que a discretização do espectro das cores resulta de um processo de conceptualização arbitrário, na medida em que os matizes contínuos podem ser segmentáveis discretamente de formas diversas. Este é um dos melhores exemplos demonstrativos da acção conceptualizadora da mente com base em realidades contínuas. Ao concebermos, em relação ao enunciado (11), a causa externa (*O João*) a pintar o amarelo com, provavelmente, azul, até atingir o verde, estamos a lidar com um processo de transformação de um objecto x num objecto y, ou seja num objecto distinto? Ou, pelo contrário, sabendo que o processo físico é contínuo e que é a mente-f que o concebe como discreto, estamos

a lidar com um processo de mudança do objecto x no mesmo objecto x, mas com uma determinada alteração gradativa?

A dificultar a resposta está a não funcionalidade do critério de gradação ocorrente nos verbos causativos gradativos. Se é verdade que pode ocorrer um enunciado como o de (11a)

(11) a. *O João esverdeou muito o amarelo do quadrado.*

também é verdade que (11) pode ser vertido num enunciado típico dos verbos resultativos, mostrado em (11b).

(11) b. *O João transformou em verde o amarelo do quadrado.*

Os enunciados (12) e (13) mostram que a construção ‘transformar x em y’ é típica dos verbos resultativos:

(12) a. *O João farinou o trigo.*

b. *O João transformou o trigo em farinha.*

(13) a. *A meia-noite aboborizou a carruagem da Cinderela.*

b. *A meia-noite transformou a carruagem da Cinderela em abóbora.*

Observe-se que da mesma construção em (14), feita a partir de um verbo causativo, resulta uma leitura metafórica e não literal, sendo esta última agramatical (*).

(14) a. *O João adoçou o café.*

b. (*) *O João transformou o café em doce.*

A dubiedade dos verbos como *esverdear* manifesta-se igualmente em relação a verbos como *sonorizar*, *labializar*, *palatalizar*, que lidam igualmente em simultâneo com entidades discretas (os fonemas) e entidades analógicas (os sons). Num enunciado como *não palatalizeis tanto a consoante*, a leitura corresponde à de um verbo causativo, enquanto em *se sonorizares [t], transforma-lo em [d]*, sobressai a leitura resultativa.

Esta dupla solução mostra a concepção quer discreta, quer contínua em relação a alguns objectos e acrescenta argumentos a favor da visão conceptualista de Jackendoff relativamente à semântica e sua conexão com o mundo.

Estes verbos são classificáveis quer como causativos quer como resultativos, dependendo do tipo de focalização pretendida, se na gradação contínua da mudança, se no resultado final dessa gradação concebido como instância diversa pela mente-f.

- *incoativos*: são verbos inacusativos em si mesmos ou resultantes de alternância inacusativa de verbos causativos e resultativos diádicos. Neste último caso, a causa externa pode ser apagada, de acordo com o estipulado por Levin & Rappaport Hovav (1995: 102), desde que o evento possa ocorrer de modo espontâneo sem que haja intervenção de um agente volitivo. A significação destes verbos envolve uma mudança de estado que altere o objecto (argumento interno do verbo) de modo contínuo ou discreto. Nos dois casos, pode haver verbos resultantes da alternância inacusativa de verbos diádicos ou não. Encontram-se na primeira situação verbos como *aclarar*, *secar*, *ulcerar*, *supurar*. São exemplo de verbos incoativos sem alternância transitiva *arder*, *sedimentar*, *recrudescer*, *adolescer*, entre outros. Os verbos incoativos constituem um tipo semântico dentro da classe dos verbos inacusativos ou de construções inacusativas.

- *ornativos* ou verbos de ‘prover de’: são verbos diádicos com uma causa externa que procede a uma intervenção no argumento interno definida como provedora de um elemento exterior a esse argumento interno. Esse elemento exterior corresponde, quando morfológica e semanticamente transparente, à base do verbo, se este for derivado (e.g. *açúcar* > *açucarar*; *gafeira* > *gafeirar*; *leite* > *aleitar*), ou a um componente da estrutura léxico-conceptual não-derivacional, se se tratar de um verbo não-construído ou com estrutura semântica não-literal. O verbo *nutrir* constitui um exemplo de verbos de ‘prover de’ não-construídos. O verbo *condecorar* exemplifica os verbos de ‘prover de’ com estrutura semântica não-literal.

O evento de ‘prover de’ pode ou não acarretar mudanças no objecto (argumento interno). Contudo, essas mudanças não são inseríveis na estrutura léxico-conceptual do verbo. *Macadamizar* ‘pavimentar (rua ou estrada) com pedra britada’ por exemplo, acarreta mudanças no objecto. Em termos reais, pode afirmar-se que o objecto se transformou num novo objecto, ou seja, num objecto de instância diferente da do primeiro. Contudo, conforme já sublinhado, não está em causa o processo que ocorre no mundo real, mas o modo como é conceptualizado. Em *macadamizar* não ocorre conceptualização equivalente a ‘transformar o caminho em macadame’, mas prover o caminho de macadame’, o que resulta na manutenção da integridade do objecto. Outro exemplo: *a mãe alimenta a Joana* prevê que ocorram mudanças na intrinsecidade da Joana. Mas essas mudanças não se encontram enformadas no verbo *alimentar*.

O elemento externo de que a causa externa provê o tema pode ser contável (*encabrestar*) ou não-contável (*untar*). Pode também corresponder a um conjunto de contáveis (*telhar*).

Deverá ter-se atenção na distinção entre alguns ornativos e alguns locativos, já que ambos lidam com um elemento locativo e com um elemento transferido¹¹. Observemos os verbos *amanteigar* e *engarrafar*. A significação do primeiro é ‘prover de manteiga/ pôr manteiga em’ e a do segundo é ‘pôr em garrafa’. *Amanteigar* é um verbo ornativo, enquanto *engarrafar* é um verbo locativo. Nos verbos ornativos o elemento transferido funciona como argumento incorporado no item lexical que é o verbo, sob a forma de constituinte morfológico ou não, como vimos. *Manteiga* em *amanteigar* é o elemento transferível. O componente locativo é expreso exteriormente à forma verbal, como mostra o enunciado (15),

(15) *O João amanteigou o pão.*

em que *o pão* constitui esse elemento locativo.

Nos verbos locativos, o elemento locativo funciona como argumento incorporado no item lexical, também sob a forma de constituinte morfológico ou não. Em *engarrafar*, *garrafa* representa o locativo. O enunciado (16) mostra que o elemento transferido é realizado exteriormente à forma do verbo:

(16) *O João engarrafou o vinho.*

Verbos como *plantar* e *semeiar* são integráveis nas duas classes. A sintaxe destes verbos admite uma realização locativa (17ab) e uma realização ornativa (18ab).

(17) a. *O João plantou oliveiras (na lameira).*

b. *O João semeou batatas (no lameiro).*

(18) a. *O João plantou a lameira (de oliveiras).*

b. *O João semeou o lameiro (de batatas).*

Em (17), a realização é locativa, como demonstrado pela parafraseação dos enunciados por ‘O João pôs oliveiras na lameira’/ ‘O João pôs batatas no lameiro’. O elemento locativo surge incorporado no item lexical verbal e por isso só pode ser expreso exteriormente, se com isso se fornecer especificação do locativo (*na lameira/no lameiro*).

Em (18) é o elemento transferido que se encontra incorporado semanticamente no item lexical. Trata-se de uma realização ornativa, conforme mostrado pela parafraseação em ‘O João proveu a lameira de oliveiras’/ ‘O João proveu o lameiro de batatas’. O elemento transferido pode ocorrer expreso sob a condição de que haja particularização do seu tipo (*de oliveiras/de batatas*).

¹¹ Os verbos ornativos correspondem aos *butter verbs* de Levin (1993: 9.9) e os locativos aos *pocket verbs* (Levin 1993: 9.10). A paráfrase apresentada pela A. para os *butter verbs* é ‘put X on/in something’ e para os *pocket verbs* é ‘put something on/in X’.

Trata-se de argumentos por defeito (Pustejovsky 1995: 63).¹² Ao contrário dos argumentos sombra, não mantêm com o argumento que expressam uma relação de cognatismo.¹³

Os verbos *semear* e *plantar* representam exemplos dos verbos de *spray/load* analisados por Levin (1993: 117-119). São verbos que admitem, como vimos, “alternância locativa”.

- *privativos* ou verbos de ‘desprover de’: são verbos que representam o evento contrário àquele que é descrito pelos verbos ornativos ou de ‘prover de’. Como tal, lidam com um elemento extraído de um locativo. Como nos verbos de ‘prover de’, o elemento transferido é aquele que está semanticamente incorporado no item lexical. Constituem exemplos de verbos de ‘desprover de’ *despiolhar*, *abnodar*, *escamar*, entre outros.

- *performativos*: são verbos com uma heterogeneidade acentuada, pois fazem parte deles verbos inergativos e transitivos. No caso de o verbo ser transitivo, o argumento interno não é directamente afectado pelo evento. Quando dizemos ‘directamente afectado’ queremos fazer referência à mudança de estado ou de local de que o argumento interno não é, neste caso, objecto. Os verbos performativos focalizam a acção do argumento externo. São exemplos de verbos performativos inergativos *brincar*, *jejuar*, *vadiar*. São exemplos de verbos performativos transitivos *namorar*, *galantear*, *adivinhar*, *celebrar*, entre outros. O nível performativo destes eventos possui um grau variável de concretude. Nos verbos performativos, incluem-se, pois, verbos cujo evento é interno (*adivinhar*) ou externo à mente-f (*jejuar*, *brincar*) ou que resulte da conjugação das duas esferas (*namorar*, *galantear*, *celebrar*).¹⁴

- *instrumentais*: são verbos cujo foco se centra no instrumento usado pela causa externa para realizar o evento descrito pelo item lexical. Esse instrumento pode estar incorporado no item lexical sob a forma morfológica, como é o caso do já referido *martelar*, ou ainda de *arpoar*,

¹² A tradução ‘argumento por defeito’ é usada por Duarte & Brito (2003: 184) para a designação de *default argument* de Pustejovsky (1995: 63). O A. define os *default arguments* como «[...] Parameters which participate in the logical expressions in the qualia, but which are not necessarily expressed syntactically [...]».

¹³ Pustejovsky (1995: 63-65) apresenta outras distinções entre os argumentos sombra e os argumentos por defeito: «Unlike default arguments, [...] which are optionally expressed due to conditions above the level of the sentence (i.e., discourse and contextual factors), shadow arguments are expressible only under specific conditions within the sentence itself; namely, when the expressed arguments stands in a subtyping relation to the shadow argument [...]».

¹⁴ Não estamos a negar que um evento como *brincar* seja dependente do processamento mental. Qualquer evento com causa animada o é. Mas a conceptualização de *brincar* não prevê a inclusão dessa esfera mental, ao contrário de um evento como *adivinhar*.

peneirar, tamisar. Noutros casos, o componente instrumental está apenas incorporado semanticamente no item lexical. É o caso de *arar* e de *coar*, que pressupõem a utilização de instrumentos com características predeterminadas na estrutura qualia do verbo.

- *locativos*: reservamos a designação de locativos para os verbos cuja estrutura léxico-conceptual contém um espaço, pertencente a qualquer uma das quatro dimensões, desenhado como ponto de chegada do objecto que para aí é deslocado. Um verbo locativo apresenta esse espaço como lugar definitivo dessa deslocalização; ou seja, a deslocalização não pode avançar para além desse espaço. O facto de o lugar de chegada ser definitivo é independente de aspectualmente o evento ser enformado como perfeito ou não-perfeito. A distinção entre um verbo como *engarrafar* e um verbo como *recuar* mostra o que entendemos por ‘lugar definitivo’. O evento designado por *engarrafar* prevê que *garrafa* seja o lugar de chegada do produto a deslocar. Já o verbo *recuar* designa um evento que, ainda que apontando uma direcção alvo (‘para trás’), não especifica o lugar de chegada desse movimento. Isto significa que o evento de *recuar* pode prolongar-se infinitamente no espaço, enquanto o evento de *engarrafar* é delimitado espacialmente pelo lugar ‘garrafa’. Como é visível, o (não-)prolongamento não está dependente da estrutura aspectual. O prolongamento do evento de *engarrafar* resultaria na multiplicação do evento em vários eventos e não na continuidade do mesmo. Os exemplos (19) ilustram o observado:

- (19) a. *O João engarrafou o vinho até de manhã.*
b. *O João recuou o automóvel até de manhã.*
c. **O João engarrafou o vinho até ao gargalo.*
d. *O João recuou o automóvel até ao cruzamento.*

Os enunciados (19a) e (19b) representam o prolongamento dos eventos no eixo do tempo (não pertencente à estrutura léxico-conceptual dos verbos em apreço). O verbo *engarrafar* mostra que se opera a multiplicação do evento, pois sendo *garrafa* um continente de reduzidas dimensões em relação ao conteúdo é necessário multiplicar os continentes, o que acarreta multiplicação de eventos. Repare-se que este resultado aspectual se encontra constringido por estas características do continente; um verbo como *alfandegar* não apresenta a mesma solução semântica.

Mas o que queremos demonstrar com os exemplo de (19) é a não coadunação de verbos locativos com o prolongamento do espaço enformado como lugar de chegada na estrutura léxico-conceptual do verbo. Em (19d), não sendo *recuar* um verbo locativo, mas de ‘mover em direcção específica’, ou seja, não possuindo um lugar de chegada definitivo, pode ocorrer com expressões de continuidade. Já o verbo *engarrafar*, conforme demonstrado em (19c), não é compatível com expressões de continuidade, pois o lugar definitivo de chegada não admite outra transferência que não aquela constante dentro das suas fronteiras.

Os verbos locativos podem ser transitivos, correspondendo directamente à paráfrase que para eles indica Plag (1999: 120) de ‘put in(to) X’, ou intransitivos. No primeiro caso, estamos perante verbos inseríveis dentro dos verbos de causatividade, na medida em que existe uma causa externa que é a responsável pela deslocalização do objecto para um espaço definitivo. *Engarrafar*, *entronizar*, *armazenar* constituem exemplos destes verbos. No caso de serem intransitivos, trata-se de verbos inacusativos como *culminar*, *alunar*, *amarar*.

Para evitarmos desdobramento excessivo de tipos de locativos, inserimos neste grupo verbos com significação oposta àquela que aqui está desenhada. Verbos que designam a remoção de um objecto de um local específico, sem que haja concepção continuada do ponto de chegada, são igualmente classificados como locativos. Assim, verbos como *desalfandegar*, *destronar*, *desenterrar* encontram-se nesta classificação. Os eventos designados mostram a deslocalização de um objecto para fora de um lugar específico, sendo que essa deslocalização não implica que haja transferência continuada numa determinada direcção ou alvo. A incompatibilidade destes verbos com expressões de continuidade é disso prova, como atestam os enunciados (20).

- (20) a. **O Rui desalfandegou as encomendas até à avenida.*
b. **Zeus destronou os Titãs até ao interior da Terra.*
c. **A Laica desenterrou o osso até ao portão.*

São estes os rótulos que colhemos em Plag (1999). A descrição que deles fizemos parte da análise da estrutura léxico-conceptual dos verbos do nosso *corpus* e, como tal, não corresponde totalmente à concepção de Plag que, aliás, não tece explicitações acerca dos tipos por ele rotulados. A descrição que aqui apresentámos é sumária, muito distanciada da explicação exhaustiva destes verbos.

1.2.2 Tipos semânticos de verbos baseados em Levin (1993) e Levin & Rappaport Hovav (1995)

Os rótulos que apresentaremos em seguida têm como ponto de partida os trabalhos de Levin & Rappaport Hovav (1995) e especialmente de Levin (1993). São rótulos em si mesmos pouco sintéticos, ao contrário dos que foram colhidos em Plag. Emergem quer como paráfrases quer como destaques de elementos que compõem o conjunto por esses designados.

Começaremos pelos verbos que contêm na sua estrutura léxico-conceitual a noção de ‘moção’. Os tipos de verbos que lidam com ‘moção’ são em número considerável. Inicialmente, considerámos a hipótese de reuni-los a todos na mesma classe, em conjunto com os locativos acima referenciados, a fim de evitar prolixidade. No entanto, as diferenças conceptuais entre uns e outros e a hipótese de particularidades na concepção de moção terem reflexo a nível das restrições dos operadores sufixais levaram-nos à multiplicação dos tipos de verbos de moção. Essa proliferação pode ser interpretada como um defeito para um quadro sistemático de tipos de verbos. Contudo, também aqui nos parece que a imagem que Jackendoff apresenta da física como ciência a que não assusta a multiplicação de “primitivos” é valorosa. Um quadro com um número reduzido de componentes pode apresentar-se elegante. Mas a sua elegância versátil coaduna-se mais com a sistematicidade do próprio quadro do que propriamente com a adequabilidade à descrição dos factos linguísticos.

De qualquer modo, tentámos reduzir o número de tipos ao mínimo possível, procurando não descurar diferenças de relevo entre eles e necessidades descritivas e explicativas da sua relação com os produtos deverbais.

Mais uma vez, a fonte encontra-se em Levin (1993) e Levin & Rappaport Hovav (1995), mas os tipos que aqui apresentamos foram modelados de acordo com os dados do *corpus* do nosso estudo. Isto significa que, em alguns casos, quer as designações das classes quer a sua caracterização poderão apresentar desconformidade em relação às fontes.

- *mover objecto em direcção específica*: são verbos cuja estrutura léxico-conceitual contém a indicação da direcção em que o objecto é movido. Ao contrário dos verbos locativos acima referenciados, estes verbos não desenham um espaço de chegada definitivo, pelo que são compatíveis com expressões de continuidade espacial. Fazem parte deste grupo verbos transitivos e inacusativos. No caso de inacusativos, o rótulo é modulado para *mover-se em direcção específica*. Os verbos *elevantar*, *exportar*, *adiar*, entre outros, exemplificam esta classe nos verbos

transitivos. Os verbos *sair*, *chegar*, *cair* representam esta classe nos verbos inacusativos. Verbos como *recuar*, *descer*, *baixar* apresentam construções transitiva e inacusativa.

Repare-se que a versão inacusativa dos pares causativos não corresponde a uma alternância causativa equiparável àquela do verbo *secar*. À luz da explicação de Levin & Rappaport Hovav (1995: 131-132) e de Levin (1993: 112-113; 255-256) a propósito dos verbos de configuração espacial, o uso inacusativo mantém um certo grau de agentividade do objecto, ao contrário do que ocorre no objecto de verbos com verdadeira alternância causativa/inacusativa. Por isso, Levin & Rappaport Hovav (1995:110) reservam a designação de *alternância causativa* para os verbos que apresentem verdadeira conexão causativa/inacusativa entre as duas construções. As AA. preferem a designação de *par causativo* para aqueles em que a construção inacusativa não representa dependência derivacional (quer descendente, quer ascendente) da causativa.

Nestes casos, afirmam Levin & Rappaport Hovav (1995: 131-132): «[...] we propose that the causative and simple position senses do not involve a single lexical semantic representation, as we proposed for the two uses of *break*, where the intransitive use arises from the lexical binding of an argument in the lexical semantic representation that is common to both uses. In contrast, causatives pairs involving verbs of spatial configuration involve the association of a single constant specifying a particular spatial configuration with two distinct lexical semantic templates. These are thus two verbs, belonging to two semantic classes, that happen to involve the same constant and therefore may have the same name. Intransitive *hang*, for example, belongs to the class of simple position verbs, whereas transitive *hang* belongs to the same class as causative *put* [...]. The fact that these two verbs *hang* share the same “name” is due to the fact that they both involve the same spatial configuration.».

Estas considerações estendem-se a verbos de modo de movimento como *roll* (Levin & Rappaport Hovav 1995: 208-212).

- *colocar em configuração espacial*: tal como na classe anterior e como já entrevisto pelas referências a Levin & Rappaport Hovav (1995), estes verbos apresentam possibilidade de construção transitiva, inergativa e inacusativa. Trata-se de verbos que representam uma deslocalização do objecto culminada numa determinada posição. Verbos como *sentar*, *pendurar*, *estender* são inseríveis neste grupo. As AA. (1995: 163) estipulam que, quando intransitivos, numa versão de ‘assumir posição’, os verbos se comportam como verbos inacusativos e, numa

versão de ‘manter posição’, como verbos inergativos. O traço de ‘posição’ ou ‘configuração espacial’ é determinante na sua distinção relativamente aos verbos de *mover(-se) em direcção específica* e aos *locativos*.

- *mover-se (o sujeito) em relação a objecto*: os verbos de moção observados até agora representam no uso transitivo a existência de uma causa externa cuja acção provoca a alteração espacial do objecto (*o menino subiu o pano*). Nos correspondentes usos intransitivos, o objecto sofre a moção de modo agentivo (*o menino subiu*) ou não-agentivo (*a temperatura subiu*) e o verbo comporta-se como inacusativo. Situação diferente é apresentada por verbos como *ultrapassar, varar, cruzar, atravessar*. Estes verbos implicam dois argumentos, mas, ao contrário dos tipos anteriores, o sujeito é que se deslocaliza em relação ao objecto. Faz, pois, sentido conceber uma classe à parte para estes verbos diádicos que manifestam a deslocalização do sujeito em relação a um objecto expresso.

- *mover-se*: trata-se de verbos monádicos, inacusativos, que representam deslocalização do objecto interno sem especificação de direcção, posição ou modo de locomoção. Incluem-se neste grupo verbos como *passar, migrar e fluir*. O verbo *correr*, tipicamente um verbo inergativo de modo de locomoção, apresenta comportamento inacusativo na significação de ‘passar’.¹⁵ O mesmo se aplica ao verbo *andar*, nas acepções de ‘passar, seguir, estar, existir, decorrer’.¹⁶ Veremos (e.g. § 1.1 do cap. VII) que as construções inacusativas destes verbos tipicamente inergativos apresentam consequências a nível genolexical.

- *lançar*: são verbos transitivos cuja causa externa é em simultâneo o lugar de partida da deslocalização do objecto. Os verbos de *lançar* implicam a ideia de ‘força’ em direcção de afastamento da fonte. Distinguem-se dos verbos de *enviar* devido à ausência de ‘força’ nestes últimos. São exemplo dos verbos de lançar *arremessar, disparar* e o próprio verbo que serve de rótulo ao grupo. Levin (1993: 146-147) designa-os por *throw verbs*. A A. salienta a não-ocorrência de acompanhamento por parte da causa externa da deslocalização do objecto.

- *mover através de força*: ainda que a ideia de ‘força’ seja comum a este grupo e ao grupo dos verbos de *lançar*, apenas os de *mover através de força* apresentam a possibilidade de a força

¹⁵ Veja-se o exemplo apresentado em Domingos Vieira, na entrada de **correr**: «Corria o anno de 59 antes da vinda de Christo, quando o tal Julio Cesar entrou [...]», Antonio Cordeiro, *Historia Insulana*, Liv. I, cap. 15. ou «Romaria que se prometeu correndo tormenta, já mais se cumprio.», Francisco Manoel de Mello, *Apologos Dialogaes*, p.32.

¹⁶ Veja-se o exemplo contido em Domingos Vieira, na entrada de **andado**, que mostra a inacusatividade de algumas construções de *andar*: «A trinta dias andados, chegaram de socorro ao inimigo trinta galés bem providas de gente.», Brandão, *Monarquia Lusitana*, part. iv, Liv. 13, cap. 12.

ser exercida na direcção da causa externa, ainda que possam igualmente exprimir força exercida na direcção oposta à da causa externa. Para além disso, os verbos de *mover através de força* que indicam direcção contrária àquela em que se encontra a causa externa (*empurrar, arrojado*) admitem que a causa externa acompanhe o objecto, ao contrário dos verbos de *lançar*. *Puxar, empurrar, arrepelar, tirar* são exemplos deste grupo de verbos.

- *enviar*: são verbos transitivos que configuram a causa externa como coincidente com o lugar de partida da deslocalização do objecto. Como nos verbos de *lançar*, a causa externa não acompanha a deslocalização do objecto. Ao contrário destes, no entanto, os verbos de *enviar*, de que constituem exemplo os verbos *enviar, remeter, expedir*, não implicam exercício de força por parte da causa externa. Por sua vez, distinguem-se dos verbos de *mover objecto em direcção específica*

i) pelo facto de a única direccionalidade admitida nos verbos de *enviar* ser de afastamento em relação à causa externa, enquanto nos de *mover objecto em direcção específica* não existe constrangimento na direccionalidade a não ser aquele decorrente de ii);

ii) pelo facto de nos verbos de *mover objecto em direcção específica* a causa externa não funcionar em simultâneo como lugar de partida da deslocalização, ao contrário dos verbos de *enviar*.¹⁷

- *cercar*: apresentam moção que implica que um objecto desenhado como fixo seja *cercado* por um objecto movido. Dada a possibilidade de estes verbos enformarem a causa externa como simples instigadora do evento, e não como elemento que se deslocaliza, ou como elemento que se deslocaliza nesse movimento circundante, estes verbos têm que distinguir-se quer dos verbos de *mover objecto em direcção específica* quer dos de *mover-se (o sujeito) em relação a objecto*. O enunciado *As tropas cercaram as muralhas* exemplifica a construção em que a própria causa externa é o elemento deslocado. O enunciado *As tropas cercaram as*

¹⁷ Aparentemente, reside contradição no estipulado relativamente a exemplos como *adiar* ou *exportar*, classificados como verbos de *mover objecto em direcção específica*, ao dizermos que nestes verbos a causa externa não coincide com o lugar de partida para a deslocalização. Aparentemente, *adiar* e *exportar* representam exemplos contraditórios, visto que as deslocalizações parecem enformar movimentos de afastamento em relação ao lugar de origem marcado pela causa externa. Os enunciados *O Rui adiou a reunião para as cinco da tarde* e *A empresa exporta cortiça* permitem o esclarecimento dessa falsa contradição. Em *O Rui adiou a reunião para as cinco da tarde* a causa externa (*O Rui*) e o lugar de origem (um ponto temporal) não se encontram subsumidos na mesma entidade. A causa externa é uma entidade humana, enquanto o lugar de origem é um ponto temporal. Pode acontecer que a causa externa sirva para implicar esse ponto temporal (ou espacial) – o *ego-hic-nunc* da enunciação –, mas não é com ele identificada. No caso do verbo *exportar*, a mesma não-identidade entre causa externa e lugar de partida ocorre. Mesmo num enunciado como *Portugal exporta muita cortiça*, *Portugal* enquanto causa externa recebe uma interpretação metonímica que o distingue de *Portugal* lugar de partida da deslocalização.

muralhas com canhões mostra que o objecto movido coincide com o sintagma preposicional, independentemente de a causa externa acompanhar essa deslocalização. Quando o objecto movido por uma causa externa assume a posição de sujeito, o verbo adquire uma leitura estativa e não de moção. *Os canhões cercaram as muralhas* representa um evento desse tipo.¹⁸ Outros verbos deste grupo são *circundar, rodear, abraçar*, etc.

- *carregar/rebocar objecto*: são verbos de moção transitivos. A distinção em relação aos restantes verbos de moção diádicos encontra-se no facto de, obrigatoriamente, a causa externa acompanhar o objecto na sua deslocalização. Esse acompanhamento pode ser através da utilização de um instrumento (*carregar, acarretar*) ou não (*guiar, transportar*). Note-se que os verbos como *carregar, acarretar*, ainda que morfologicamente ostentem esse instrumento (*carro, carreta*), admitem leitura sem instrumento.

- *mover objecto*: este grupo é reservado para os verbos de moção transitivos em que a causa externa deslocaliza o objecto sem que haja indicação quanto à direccionalidade, ao exercício ou não de força, em suma, aos traços que servem de especificação dos restantes grupos. Localizamos neste grupo verbos como *movimentar, transladar, deslocar*, etc.

- *mover sem alteração espacial*: trata-se de verbos diádicos ou monádicos que configuram a moção de um objecto, sem que essa moção implique

- a) deslocalização em nenhuma dimensão;
- b) mudança na configuração espacial.

Verbos deste tipo são, por exemplo, *abandar, agitar, librar, vibrar, virar, voltear*, etc. Quando diádicos (*o menino girou a bola*), consistem numa causa externa que desencadeia um movimento no objecto, sem que esse movimento faça deslocar o objecto de um lugar de origem para um lugar de chegada, nem alterar a posição do mesmo. Isto significa que o movimento pode ser cíclico. Estes verbos podem ainda ocorrer monadicamente como verbos *inergativos* ou *inacusativos*. No primeiro caso, o evento é concebido como ocorrente num sujeito que corresponde a uma causa interna (*a Terra gira*). No segundo, o objecto movido não tem capacidade própria para que o movimento ocorra sem o auxílio de uma causa externa que, no entanto, se encontra apagada (*a bola girou, depois de um pontapé pouco certo*). Levin & Rappaport Hovav (1995: 208-212) apresentam argumentos a favor desta tripla solução

¹⁸ Note-se que esta leitura estativa não é anulada pela formatação do verbo no pretérito perfeito do indicativo. Ao anunciar um evento acabado, esta formatação não implica anulação de estatividade. Esta situa-se num determinado espaço temporal que já pode ter terminado no momento de enunciação.

classificatória para os *roll verbs* que, no fundo, coincide com aquela que já aqui referimos a propósito dos verbos de configuração espacial e de direcção. Trata-se da concepção de que não existe relação derivacional entre as construções diádica e monádicas, ao contrário dos verbos com verdadeira alternância causativa como *secar*.¹⁹

- *contacto por impacto*: são verbos diádicos em que a moção acarretada desemboca num contacto repentino e violento entre os dois elementos que ocupam os argumentos verbais. *Abalroar, chocar, atracar* constituem exemplos destes verbos. Sintacticamente, estes verbos apresentam heterogeneidade, como demonstrado pelas diferenças sintácticas entre *chocar* e *abalroar*, por exemplo. O verbo *chocar* admite simetriação do sujeito e colocação do segundo par deste num sintagma preposicional (*Os navios chocaram/ O navio inglês chocou com o navio francês*). O verbo *abalroar* implica um argumento externo e um argumento interno (*O navio inglês abalroou o navio francês*).

- *parar*: é necessário esclarecer que usamos esta designação na acepção de ‘estancar’, ou seja, de supressão de movimento. É que o verbo *parar* apresenta também uma significação estativa equivalente a ‘estar’, implicada em alguns deverbais, que nesta designação pretendemos pôr de lado. Os verbos de *parar* podem ser transitivos ou inacusativos. *Desligar, encalhar, estagnar, estancar, imobilizar* representam este grupo de verbos.

A par destes verbos de moção existem grupos de verbos, desta vez exclusivos dos inacusativos, que contêm na sua estrutura léxico-conceptual o elemento ‘moção’, ainda que de forma esbatida em relação àqueles que referimos anteriormente. São os verbos designados por *verbs of appearance, verbs of occurrence* e *verbs of disappearance* por Levin & Rappaport Hovav (1995).

- *verbos de aparecimento*: contêm exemplos como *aflorar*, na versão inacusativa, *aparecer, surgir, nascer*, entre outros.

¹⁹ Citamos Levin & Rappaport Hovav (1995: 210-211) para maior clareza da assunção: «[...] not all verbs need have a single basic sense. In particular, it appears to us that the constant associated with the verb *roll* – the manner or means component of its meaning – can equally well be associated with the lexical semantic template of either an internally or an externally caused verb. Therefore, in formulating an account of the variable behavior of verbs like *roll*, there is no need to posit a lexical rule that will map the members of one semantically coherent verb class onto another, in this instance a rule mapping the nonagentive verbs of manner of motion or vice versa. The variable behavior of certain verbs of manner of motion is simply the result of the existence of a lexical semantic constant that, by virtue of its nature, is basically compatible with more than one lexical semantic template.»

- *verbos de ocorrência*: fazem parte deste grupo *ocorrer, acontecer, suceder*.

- *verbos de desaparecimento*: destes constam *desaparecer, morrer, perecer*.

Segundo Levin & Rappaport Hovav (1995: 164-166), para a caracterização destes verbos é indiferente a distinção entre causa externa e interna, na medida em que nem uma nem outra se assumem como determinantes na sua classificação. Nestes grupos de verbos inacusativos não é admitida a alternância causativa, ou seja, não é admitida a colocação de uma causa externa a produzir o evento (Levin & Rappaport Hovav 1995:119). O facto de estes verbos serem descritos como diádicos não é contrário à estipulação da impossibilidade de ocorrência de uma causa externa. As AA. (1995: 120-126) esclarecem que os dois argumentos são internos, sendo um representante do tema e outro da locação desse tema.²⁰

Da nossa parte acrescentamos que essa locação se encontra subsumida na ideia de ‘*moção*’ nos três grupos acima desenhados.

Devido ao pequeno número de bases verbais de ‘*aparecimento*’ e de ‘*ocorrência*’, à sua similaridade semântica e à não pertinência da sua distinção para a genolexia em causa, no nosso trabalho reunimos os dois grupos sob a designação de verbos de ‘*aparecimento*’.

Num quarto grupo destes verbos inacusativos diádicos – o dos

- *verbos de existência* – a locação é estática e não de *moção*. Fazem parte deste grupo os verbos *estar, parar*, na acepção de ‘*estar*’, *pousar*, na acepção de ‘*estar*’, *morar, residir, habitar, hibernar*, etc.

Devido ao facto de os verbos de existência apresentarem a noção de locação como estática, incluímos neste grupo verbos de estado diádicos cujo segundo argumento não representa propriamente uma locação no sentido físico, mas cuja correspondência com esta ontologicamente admite essa classificação. Falamos de verbos como *conotar, significar, sustentar, suportar*,²¹ nas leituras que implicam inexistência de causa externa ou interna, como as exemplificadas pelos enunciados *water significa água; a trave suporta as tábuas*.

²⁰ Em relação aos verbos de existência, que veremos a seguir, Levin & Rappaport Hovav (1995: 120) assumem que um dos argumentos tem como função «[...] describing the entity that exists and the other describing the location at which this entity exists. Thus, we claim that verbs of existence are basically dyadic, although [...] we propose that they take two internal arguments rather than an internal and an external argument like verbs of change of state.».

²¹ Em Levin (1993: 257) *support* surge no subgrupo dos verbos de *contiguous location*, dentro dos verbos de existência.

Falta ainda fazer referência a verbos inergativos que indicam o modo de moção, como os verbos *correr, andar, nadar, voar, saltar*. Para uma análise aturada dos *verbos de modo de moção*, veja-se Levin & Rappaport Hovav (1995: 147-148 e 155-158). Estes verbos apresentam como argumento externo uma causa interna. Atente-se, todavia, conforme já indiciado, que verbos como *correr* e *andar* podem funcionar, em português, como verbos *inacusativos*, quando na acepção de ‘passar’ ou seja, na acepção de moção e não de modo de moção. Como veremos, esta possibilidade inacusativa encontra eco a nível da formação de alguns produtos deverbais.

Para além dos verbos de

- *modo de moção*,

Levin & Rappaport Hovav (1995) oferecem um quadro de outros verbos monádicos inergativos. Trata-se dos verbos de emissão, cujo argumento externo é ocupado por uma causa interna. Esses verbos subdividem-se em verbos de

- *emissão de luz* (*brilhar, fulgir, resplandecer*);

- *emissão de som* (*gritar, uivar, rugir*);

- *emissão de cheiro* (*trescalar, rescender, tresandar*);

- *emissão de substância* (*borbulhar, borbotar, cuspir*).

1.2.3 Tipos semânticos verbais baseados na análise do *corpus* e em tipos tradicionais

Os restantes tipos de verbos foram por nós destacados da análise do *corpus* com base na frequência com que determinadas estruturas léxico-conceptuais nele ocorrem. A construção destes grupos tem por base

a) tipos tradicionais (como é o caso dos verbos declarativos);

b) significações relevantes quer sob o ponto de vista do seu eco nos produtos deverbais, quer sob o ponto de vista da distanciação semântica que alguns verbos demonstram relativamente a uma classe semântica demasiado alargada. Sentimos necessidade de desdobrar algumas classes semânticas devido ao facto de os parâmetros semânticos que as orientam não se encontrarem completamente reflectidos em alguns verbos.

Regressamos agora aos verbos causativos descritos acima. Referimos que a paráfrase que mais adequadamente mostra a sua estrutura léxico-conceptual é aquela que se encontra em Plag (1999: 220), a saber, ‘make (more) X’. Trata-se de verbos que encerram um evento de mudança

de estado do argumento interno causado por uma causa externa. Concebe-se, pois, que exista um objecto anteriormente ao acontecer do evento e que a esse objecto sejam incutidas modificações que não lhe alterem a identidade. Essa mudança de estado é produzida num *continuum* e prevê a manutenção da integridade do objecto. Como já observámos no momento de caracterização dos verbos causativos, o uso que aqui fazemos de *causativo* baseia-se num sentido estrito do mesmo, de modo a distinguir diferentes modos de *causatividade*. Nesse momento, distinguimos verbos causativos de verbos resultativos e de verbos ornativos, por se tratar de tipos desenhados em Plag (1999).

Procederemos à destrição de outros subtipos de verbos diádicos de causatividade suscitados pela análise do *corpus*. Mais uma vez, as designações escolhidas apresentam os defeitos de qualquer designação: a arbitrariedade da escolha entre outras possibilidades, a necessidade de esclarecimento do conceito que se pretende expressar de modo a evitar ambiguidades distorcedoras do intencido, o não-paralelismo formal relativamente a outras designações (e.g. *causativo*, *resultativo* apresentam-se formalmente mais elegantes do que *emissão de cheiro*, *contacto por impacto*). Para estes podíamos sugerir *coliditivos*; para os primeiros *odorativos*. Mas repare-se que o mesmo grau de arbitrariedade seria mantido e a mesma necessidade de esclarecimento. No caso de *odorativos*, não seria claro se se trataria de verbos de emissão ou de percepção, por exemplo. Por isso, a bem da inteligibilidade, sacrificamos o formalismo elegante dos *-ivos*).

- verbos de *objecto negativo*: são verbos de causatividade cuja causa externa opera uma mudança de estado no objecto (argumento interno). No entanto, ao contrário dos verbos causativos, os verbos de objecto negativo não prevêem que seja mantida a essência do objecto, de maneira a considerá-lo objecto da mesma instância. A mudança de estado acarretada por estes eventos provoca um efeito negativo no objecto. Em *negativo* não se pretende colocar juízos de valor, ainda que em muitos verbos haja coincidência entre estes dois sentidos de *negativo*, mas antes significar a anulação do objecto. Assim, através destes eventos, o objecto que preexistia ao evento deixa de existir ou adquire um estado simetricamente negativo ao anterior. Verbos como *matar*, *abolir*, *anular*, *extirpar* mostram o que se entende por *objecto negativo*. Por outro lado, verbos como *escavar*, *furar*, são também enquadráveis neste grupo, na medida em que a modificação desencadeada por estes eventos implica uma negatividade, neste caso ausência, física do objecto.

- verbos de *ferir*: o argumento interno destes verbos apresenta características de tema e de experienciador, em simultâneo. Fazem parte deste grupo os verbos *dilacerar*, *escoriar*, *flagelar*, entre outros. Não são verbos causativos, no sentido estreito, na medida em que dificilmente se pode conceber uma mudança do estado do objecto equiparável, por exemplo, à do verbo *secar*. Estes verbos mais facilmente admitem a alternância parte do corpo-possuidor do corpo, como visível nos enunciados (21).

- (21) a. *O homem feriu-a num dedo.*
b. *O homem feriu-lhe um dedo.*
c. *O homem flagelou-a nas costas.*
b. *O homem flagelou-lhe as costas.*

A mesma alternância resulta agramatical com verbos causativos (22):

- (22) a. *O homem secou-lhe um dedo.*
b. **O homem secou-a num dedo.*
c. *O homem bolchevizou-lhe a cabeça.*
d. **O homem bolchevizou-a na cabeça.*

Os verbos de *ferir* admitem instrumento que pode ascender à posição de sujeito:

- (23) a. *O homem feriu-lhe um dedo com um martelo.*
b. *O martelo feriu-lhe um dedo.*

- verbos de *medir objecto*: é necessário colocar explicitamente *objecto* como argumento de *medir*, para que a designação esclareça que estes verbos de *medir* não indicam os valores de medida de x, mas a acção de y avaliar a medida de x. *Objecto* é aqui um objecto directo verdadeiro, como o que consta do enunciado *O Manuel mediu o muro*. Não poderiam ser classificados como verbos causativos, visto que o evento não desencadeia qualquer tipo de mudança de estado no objecto. São exemplo destes verbos: *aférir*, *avaliar*, *quantificar*, *aquilatar*. Os verbos em apreço admitem sintagma preposicional indicador do valor da medida (*O Rui avaliou o terreno em € 6000.*).

- verbos de *dividir/distribuir por*: estes verbos subtipificam os verbos locativos, na medida em que especificam uma deslocalização do objecto para um lugar definido. Contudo, os verbos de *distribuir por* apresentam a particularidade de mostrarem o lugar de chegada como

múltiplo e não singular. Verbos como *categorizar*, *cotizar*, *areolar*, *partir* apresentam significações enquadráveis neste grupo.

- verbos de *dividir em*: ao contrário dos verbos de *dividir/distribuir por*, que mostram a multiplicidade do lugar de chegada, os verbos de *dividir em* mostram a operação de multiplicar o próprio objecto em partes. É necessário distinguir estes de outros verbos que havíamos colocado no grupo dos verbos resultativos, como *farinar*. Ao contrário desses verbos resultativos, os verbos agora em jogo não implicam necessariamente a mutação discreta do objecto. *Graduar* uma régua não transforma o objecto noutra objecto de outra instância. De qualquer maneira, alguns destes verbos são colocáveis nas duas categorias, de modo a explicitar o seu duplo funcionamento.

- verbos de *percepção*: o sujeito dos verbos de percepção é um experienciador que recebe estímulos do mundo exterior através dos órgãos periféricos. Situam-se no grupo destes verbos *auscultar*, *ver*, *indagar*, *investigar*. Alguns deles evidenciam um tratamento conceptual e não apenas perceptual desses estímulos.

- verbos *declarativos e actos de fala*: integramos neste grupo alargado não só os verbos tradicionalmente descritos como declarativos, ou seja, aqueles que admitem um objecto sob a forma oracional (*dizer*, *contar*), mas qualquer verbo que indique a produção de fala. Daí que se incluam neste grupo verbos como *falar*, no seu uso inergativo, *ralhar*, *mussitar*. O mesmo grupo poderia ser designado por verbos de *comunicação verbal*. No entanto, a especificação de verbos declarativos e actos de fala permite a englobação explícita dos dois subtipos no mesmo grupo. Por outro lado, verbos que admitem objecto oracional, mas cuja estrutura léxico-conceptual não especifica o modo verbal do evento, foram colocados nos verbos performativos. Falamos de verbos como *considerar*, *recusar*, que não implicam necessariamente que a eventualidade corresponda a um acto de fala.

Pelo mesmo motivo de não coincidência necessária entre o ocorrer da eventualidade com um acto de fala, colocámos num grupo à parte os

- verbos de *pedir*: são membros deste grupo os verbos *pedir*, *reivindicar*, *implorar*. Se é possível conceber os eventos por estes designados como co-ocorrentes com um acto de fala, na verdade este torna-se prescindível, o que é visível em enunciados como *O prisioneiro implorou clemência com o olhar/ Os manifestantes reivindicaram justiça numa marcha silenciosa*.

- verbos de *transferência de posse*: são verbos que indicam transacções de um objecto (móvel ou imóvel) não em termos espaciais/temporais, mas em termos de possuidor. Destacam-se, assim, dos verbos de moção porque a transferência que está em jogo nos verbos de transferência de posse não tem em conta a noção de espaço, mas de posse. Incluem-se neste grupo verbos como *dar, oferecer, vender, alugar, ofertar, etc.*

- verbos de *posse*: são verbos estativos que indicam a relação de pertença entre duas entidades. *Possuir, ter* exemplificam estes verbos.

- verbos de *contacto*: não devem ser confundidos com os verbos *de contacto por impacto*, que analisámos dentro dos verbos de moção. Os verbos de *contacto por impacto* implicam a existência de uma entidade que se mova em direcção a outra entidade e cujo resultado dessa aproximação seja repentino, instantâneo e impulsivo. O contacto derivado do impacto é pontual e não durativo. Pelo contrário, os verbos de *contacto* enformam uma aproximação não-impulsiva de duas entidades, sendo que a moção envolvida nessa aproximação não tem de ser necessariamente do todo da entidade activa, podendo ser apenas de uma parte. O contacto de que resulta essa aproximação não é marcado pelos traços de ‘instantâneo’, ‘repentino’ nem ‘pontual’. Verbos como *apalpar, beijar, roçar* exemplificam este grupo.

- verbos *modativos*: o grupo assim designado integra elementos de transcategorialidade considerável. Na verdade, muitos destes verbos são em simultâneo membros de outros grupos. No entanto, pelo facto de a sua estrutura léxico-conceptual evidenciar o modo como o evento é levado a cabo, decidimos deixar espaço para essa evidenciação através da integração deste grupo na nossa lista. *Fotomultiplicar, pirogravar, termomultiplicar* parecem-nos verbos que acentuam o modo como se atinge um determinado resultado.

- verbos de *unir*: trata-se de um grupo de verbos que integram a causa externa e dois argumentos internos. A causa externa pode ser apagada, resultando dessa operação uma construção inacusativa. A acção da causa externa consiste na aproximação de duas entidades que ficam contíguas. Verbos como *associar, conglutinar, ligar* exemplificam este grupo.

- verbos de *desunir*: os eventos destes verbos mostram a operação contrária àquela que está prevista nos verbos de *unir*. Mais uma vez, existe uma causa externa e dois argumentos internos. Essa causa externa pode ser apagada, dando origem à alternância causativa. Contudo, a acção desencadeada consiste no afastamento das duas entidades que funcionam como argumentos

internos. Verbos como *desanexar, desarticular, desassociar, descimentar, desconciliar* são membros deste grupo.

- verbos de *reunir*: *compilar, coleccionar, acumular, constelar* mostram que existem diferenças entre os verbos de *reunir*, em que estes se integram, e os verbos de *unir*, observados acima. Os verbos de *unir* pressupõem a existência de pelo menos duas entidades separadas que passam a existir contiguamente. A aproximação é feita entre as entidades em si mesmas. Os verbos de *reunir* pressupõem um número indeterminado de entidades existentes de modo disperso e que são transferidas para um novo espaço – o espaço de *reunião* – para formarem um conjunto. Como resultado dessa reunião surge esse espaço. Nos verbos de *unir* não está implicado o surgimento desse espaço. Veja-se a diferença entre os enunciados seguintes:

- (24) a. *Os filhos de Gil Vicente uniram as peças do pai *e criaram a Copilaçam.*
b. *Os filhos de Gil Vicente reuniram as peças do pai e criaram a Copilaçam.*

Alguns destes verbos podem ser transcategoriais entre os dois grupos.

- verbos de *obstar*: integrámos neste grupo verbos como *coibir, evitar, frustrar, impedir, inibir, interceptar*, entre outros. À primeira vista, trata-se de um grupo redundante em relação ao grupo dos verbos de *objecto negativo*. Todavia, se os verbos de *objecto negativo* compreendem a anulação do objecto, o mesmo não acontece com os verbos de *obstar*. Nestes, não há indicação relativamente ao prosseguimento da existência do objecto a que a causa externa colocou impedimento. Ou seja, o impedimento não é necessariamente definitivo.

- verbos de *capturar/apanhar*: são verbos como *rapinar, colher, caçar, pescar, angariar* que contêm um argumento externo e um argumento interno. De certa forma, este grupo é dominado pelo grupo dos verbos de transferência de posse. Contudo, reservamos a designação de transferência de posse para verbos que admitem na sua estrutura argumental um argumento introduzido pela preposição *a* (o objecto indirecto) e a de verbos de *capturar/apanhar* para verbos que apenas envolvem na estrutura argumental o argumento externo e um argumento interno. Nestes verbos pode ser expresso um complemento introduzido por aquela preposição (*A Joana colheu a maçã à Ana*); contudo, terá o carácter de adjunto e não de argumento. Os verbos de *capturar/apanhar* impõem que a causa externa faça um movimento em direcção ao objecto que culmine num contacto que irá dar lugar a um novo movimento na direcção da causa externa.

- verbos de *prender*: *atar, morder, firmar, engarrar* exemplificam estes verbos. Alguns deles são transcategoriais em relação aos verbos instrumentais, já que especificam o instrumento

usado na imobilização do objecto. Distinguem-se dos verbos de *parar* na medida em que estes apresentam um objecto a exercer um movimento que é interrompido pela causa externa, enquanto os verbos de *prender*, por um lado, não configuram um movimento actual do objecto, mas a sua eventualidade e, por outro, necessitam de um instrumento, que pode coincidir com a causa externa, que fixa o objecto a um determinado local.

- verbos *psicológicos*: reservamos esta designação para eventos que se localizem num domínio mental, como *imaginar*, *idear*, *matutar*, *devanear*, *memorizar*, e que mostrem um tratamento conceptual do objecto. Deste modo, consegue-se a distinção entre outros verbos psicológicos, como os:

- verbos de *estímulo-sujeito*: esta designação permite aglomerar sob um domínio os verbos tradicionalmente designados por verbos psicológicos que mostram a suscitação de emoções por parte de estímulos enformados na estrutura argumental como sujeito. Fazem parte destes verbos *amofinar*, *irritar*, *intimidar*, *enganar*, entre outros. A construção de estímulo-sujeito e, em simultâneo, experienciador-objecto pode alternar com uma construção reflexa em que o estímulo passa a ser introduzido por sintagma preposicional com *com*, com um valor causativo. Os enunciados (25) exemplificam essa alternância.

- (25) a. *A chuva irritou a Ana.*
b. *A Ana irritou-se com a chuva (por causa da chuva).*
c. *A má sinalização enganou a Ana.*
d. *A Ana enganou-se com a má sinalização (por causa da má sinalização).*

- verbos de *experienciador-sujeito*: ao contrário dos verbos anteriores, nestes verbos o enfoque é dado ao experienciador, passando o estímulo a ser desenhado com um carácter mais passivo.²² Como tal, não são admitidas construções em que o estímulo seja integrado em sintagmas que exprimem causa. Fazem parte deste grupo verbos como *amar*, *odiar*, *estimar*, *execrar*. Os enunciados (26) mostram o carácter não-causativo do estímulo nestes verbos.

- (26) a. *A Ana odeia o Miguel.*

²² Cf. Levin & Rappaport Hovav (2005: 159-160): «[...] experiencers can be expressed as subjects of psych-verbs such as *fear* [...] or objects of psych-verbs such as *frighten* [...]. The realization of the experiencer depends on the semantic role of the nonexperiencer argument of the verb [...]. With *frighten* verbs, the semantic role of the nonexperiencer argument could be characterized as an agent, instigator, effector, or cause [...]. In contrast, with the *fear* verbs, the nonexperiencer argument cannot be analyzed as bearing an agent-like role, but is better analyzed as bearing the stimulus (or theme) role.».

b. *A Ana odeia-se com o Miguel.

Integramos neste grupo verbos de desejo, como *desejar*, *anelar*, visto colocarem o experienciador como sujeito e designarem um evento psico-emotivo.

São estes os grupos semânticos de verbos que encontramos no *corpus analisado*. Pequenos detalhes de significação sob o domínio de alguns destes grupos serão especificados particularmente quando emergirem frequentemente no *corpus*, em relação a cada domínio de verbos a que se agregam os respectivos operadores sufixais.

1.2.4 Comentários acerca dos tipos verbais

As informações fornecidas acerca de alguns dos grupos semânticos deixam perceber que não existem fronteiras absolutamente estanques entre os grupos. Como vimos, cada grupo é definível por uma série de comportamentos quer semânticos quer sintáticos, na linha dos trabalhos de Levin e de Rappaport Hovav, e como tal existem pontos de contacto entre os vários membros dos diferentes grupos. Muitos verbos apresentam um funcionamento transcategorial. Essa transcategorialidade é devida a diversos factores:

a) o verbo pode situar-se em duas classes que apresentam uma ligação natural derivacional. Essa ligação encontra actualização nas alternâncias de construções. É o caso dos verbos causativos e dos incoativos. Ainda que seja necessário manter a distanciação necessária entre as duas classes de maneira a preservar a autonomia de cada uma delas, visto não existir sempre uma relação derivacional entre um causativo e um incoativo, a alternância causativa é característica de um número considerável de verbos causativos e de incoativos. Essa alternância tanto pode partir de um verbo basicamente causativo, dando origem a uma construção segunda inacusativa, como de um verbo basicamente inacusativo, dando origem a uma construção segunda causativa. Trata-se de uma alternância frequente nos verbos que configuram um evento de mudança de estado provocável por uma causa externa de que, em simultâneo, se pode prescindir. Um verbo como *secar*, basicamente transitivo causativo, apresenta ocorrência inacusativa incoativa. Ao contrário, um verbo como *envelhecer*, basicamente monádico, apresenta ocorrência diádica causativa. Os dois tipos de processos são correntes.

No caso da derivação causativo > incoativo, segundo Levin & Rappaport Hovav (1995: 102), esta encontra condições favoráveis à sua ocorrência nos eventos que designam mudanças de

estado que podem acontecer sem a intervenção de uma causa externa volitiva. É por esse motivo que verbos como *matar*, *escrever*, *construir* não desenvolvem construção inacusativa.

No caso da derivação incoativo > causativo, as AA. referem que se trata de um percurso natural em verbos inacusativos designadores de mudança de estado, ou seja, incoativos, estando ausente de verbos inacusativos com outras semânticas. Recorde-se o que dissemos a propósito de verbos como *descer* e *subir*. Apesar de em português mostrarem construção monádica e construção diádica, não podem estas ser consideradas como alternâncias causativas/incoativas simétricas à do verbo *secar*, mas apenas como pares causativos (Levin & Rappaport Hovav 1995: 110). É que nos *pares* causativos mantém-se na versão inacusativa uma autonomia do argumento interno assumido como sujeito que o provê de um certo grau de agentividade.

A derivação incoativo > causativo justifica-se, pois, em verbos que designam uma mudança de estado que pode ser imputada à acção de uma causa externa.

Segundo Levin & Rappaport Hovav (1995: 83-84), assumimos que neste tipo de transcategorialidade, reflectido na possibilidade de alternâncias de construção, como a causativa/incoativa, o verbo deverá corresponder lexicalmente a uma única estrutura léxico-conceptual que contém dois subeventos. Um subevento inicial correspondente à causa e um subevento final correspondente à mudança de estado sofrida pelo argumento interno. Duas soluções sintácticas correspondem a duas projecções diferentes dessa única estrutura léxico-conceptual na estrutura argumental. Assim, para verbos com alternância causativa, Levin & Rappaport Hovav (1995: 106-110) propõem a existência de apenas uma estrutura léxico-conceptual que representa dois subeventos.

É na projecção da estrutura léxico-conceptual na estrutura argumental que se dá o apagamento da causa externa na construção inacusativa e a sua manutenção na construção transitiva. Consequentemente, a causa externa não encontra projecção na sintaxe, visto já não possuir lugar na estrutura argumental.²³ Segundo as AA., a comparação destas construções inacusativas com construções passivas mostra que nas passivas o apagamento da causa externa decorre na projecção da estrutura argumental para a sintaxe e não na projecção da estrutura léxico-conceptual para a estrutura argumental. É que nas passivas a causa externa pode ser

²³ Levin & Rappaport Hovav (1995: 108) explicitam que «[...] the binding of the external cause takes place in the mapping from the lexical semantic representation to argument structure. Just as the binding of a position in argument structure prevents that position from being projected onto the syntax, so the binding of a position in the lexical semantic representation prevents the projection of that position to argument structure. Since the position is not projected into argument structure, there is no argument associated with this position in the syntax.»

expressa através de sintagma preposicional, o que mostra que a causa externa está integrada na estrutura argumental.

Em suma, verbos como *secar* apresentam uma estrutura léxico-conceptual, condensada em

[[*x* FAZER ALGO] CAUSAR [*y* TORNAR-SE *SECO*]].²⁴

Quando em construção causativa, ambos os eventos encontram projecção na estrutura argumental que é constituída por um argumento externo (*x*) e um argumento interno (*y*).

Quando em construção inacusativa, apenas o segundo subevento encontra projecção na estrutura argumental, que, por isso, apresenta apenas um argumento, que é o interno (*y*) (Levin & Rappaport Hovav (1995: 108).

b) o verbo pode situar-se em duas classes devido ao facto de apresentar não uma (como em (a)) mas duas estruturas léxico-conceptuais distintas. Neste caso, Levin & Rappaport Hovav (1995: 131-132) concebem uma constante semântica associada a duas estruturas léxico-conceptuais distintas. É esta a explicação que as AA. defendem para verbos caracterizados como pares causativos e não como alternâncias causativas, como é o caso de verbos de mover em direcção específica ou de colocação em configuração espacial.

Levin & Rappaport Hovav (1995: 132) fornecem o exemplo do verbo *hang* que em inglês mostra comportamento monádico e diádico. As AA. defendem a impossibilidade de conceber uma relação derivacional entre os dois comportamentos em virtude de, entre outros, o subevento segundo da construção diádica ter uma leitura dinâmica, devido ao seu carácter de mudança de estado, enquanto o evento correspondente da construção monádica recebe uma leitura estativa.

Mesmo em eventos dinâmicos como os envolvidos em verbos de mover em direcção específica, em que não se assiste à oposição estativo/ dinâmico entre o único evento da construção inacusativa e o segundo subevento da construção transitiva, o argumento interno da construção inacusativa mantém agentividade, como já observado na nossa sumária abordagem a estes verbos. Essa agentividade do argumento interno leva à obstaculização de uma causa externa e, consequentemente, ao impedimento de uma relação derivacional causativa entre as duas construções.

Assim, estes verbos possuem duas estruturas léxico-conceptuais distintas. A estrutura léxico-conceptual da construção transitiva é

²⁴ O esquema é retirado de Levin & Rappaport Hovav (1995: 108), que o aplicam ao verbo *break*.

[[x FAZER ALGO] CAUSAR [y FICAR EM z]].

A estrutura léxico-conceptual da construção monádica é:

[x ESTAR EM z].²⁵

A unir as duas estruturas léxico-conceptuais encontra-se a mesma constante semântica que, para darmos um exemplo, para o verbo *descer* será a de ‘direcção descendente’.

Servimo-nos das palavras de Levin & Rappaport Hovav (1995: 132) para sintetizar a distinção entre os verbos de (a) e os de (b):

«[...] causative pairs of the type exhibited by verbs like *break* involve two distinct argument structures associated with a single lexical semantic representation. In contrast, with the verbs of spatial configuration causative pairs arise because two distinct lexical semantic representations, one causative and one not, share the same constant.»²⁶

Estes dois tipos de configuração não são, no entanto, a nosso ver, os únicos fundamentos para a transcategorialidade que alguns verbos exibem. Não estamos com esta observação a apontar limites ao trabalho de Levin & Rappaport Hovav (1995), na medida em que a afirmação destas duas configurações distintas entre pares causativos e alternâncias causativas não foi construída pelas AA. com o objectivo de explicarem a transcategorialidade dos verbos. O estabelecimento das duas configurações serve nesse trabalho o propósito de dilucidar as várias relações entre construções transitivas causativas e construções monádicas do mesmo verbo, de modo a explicitar que nem todas as variantes inacusativas correspondem a verdadeiras alternâncias causativas/incoativas. Da nossa parte é que houve aproveitamento das asserções das AA. para distinguir diferentes razões para a transcategorialidade. Pelo facto, não seria esperável que todas elas se encontrassem em Levin & Rappaport Hovav (1995). Da nossa parte, também não constitui nosso objectivo estabelecer um quadro completo explicativo de todos os tipos de transcategorialidade, mas apenas acrescentar outros fundamentos para o fenómeno, que foram visíveis através da análise do *corpus*.

Os fundamentos descritos em Levin & Rappaport Hovav (1995) jogam com a relação entre diádicos causativos e monádicos. Aqueles que nós aprofundaremos jogarão com outras circunstâncias, que passamos a explicitar:

²⁵ Os esquemas das duas estruturas foram colhidos em Levin & Rappaport Hovav (1995: 132). As AA. exemplificam as estruturas com o verbo *hang*.

²⁶ As AA. utilizam a designação de ‘lexical semantic representation’ como sinónima de estrutura léxico-conceptual.

c) o verbo pode apresentar transcategorialidade entre duas classes transitivas. Encontra-se nesta situação o verbo *fortificar*. O verbo *fortificar* é classificável como verbo causativo e como verbo resultativo. No primeiro caso, está em destaque a significação de ‘tornar mais forte’ e na segunda a de ‘construir um forte’. Para demonstrar que as duas significações são distintas e não redundantes entre si, veja-se o seguinte enunciado (27):

(27) a. *Os militares tornaram a cidade mais forte, construindo um forte.*

que pode ser convertido em

(27) b. *Os militares fortificaram a cidade, fortificando-a.*

Obviamente que o enunciado (27b) resulta ambíguo, mas não redundante.

Que os dois semantismos se encontram dissociados em duas classes distintas é demonstrado pelos enunciados seguintes:

(28) a. *Os militares fortificaram a cidade com a sua presença.*

b. *A cidade fortificou-se com a presença dos militares.*

(29) a. *Os militares fortificaram a cidade com granito.*

b. **A cidade fortificou-se com granito.*

Em (29b) encontra-se barrada a leitura inacusativa do verbo *fortificar* resultativo. Note-se que em (29b) é possível uma leitura de *-se* nominativo (Brito, Duarte & Matos 2003: 836-837) e uma leitura passiva de *-se* (Duarte 2003: 531), como demonstrado pelos enunciados (29c) e (29d), respectivamente.

(29) c. *Alguém fortificou a cidade com granito.*

d. *A cidade fortificou-se com granito propositadamente para maior solidez da construção.*

A leitura que permanece agramatical é a inacusativa (29e).

(29) e. **A cidade fortificou-se com granito por si só.*

A razão é fornecida pelos dados de que já dispomos acerca do comportamento dos verbos transitivos de causatividade em relação à possibilidade inacusativa: apenas os verbos que codificam eventos que podem ocorrer espontaneamente sem a acção de uma causa externa volitiva podem alternar inacusativamente. O que acontece com *fortificar* na acepção de ‘construir forte’ é a colocação da causa externa como condição necessária à ocorrência do evento. Assim, não é possível a construção inacusativa. Pelo contrário, na acepção de ‘tornar mais forte’, própria da classe causativa, a causa externa torna-se prescindível, o que leva à gramaticalidade de (28b).

Nesta situação, defendemos a existência de duas estruturas léxico-conceptuais distintas. Uma delas transitiva constituída por um primeiro subevento subsumido na causa externa e por um segundo subevento especificado como resultativo. O carácter deste impede o apagamento na estrutura argumental da causa externa correspondente ao primeiro subevento. Trata-se, assim, de uma estrutura léxico-conceptual que apenas encontra projecção numa estrutura argumental diádica e não simultaneamente noutra monádica.

O esquema de *fortificar* na acepção resultativa pode ser representado por:

[x FAZER ALGO] CAUSAR [y EXISTIR]].

A outra estrutura léxico-conceptual é também transitiva, constituída por um primeiro subevento correspondente à causa externa e um segundo subevento especificado como incoativo. É esta especificação do segundo subevento que permite o apagamento da causa externa a nível da estrutura argumental. Neste caso, a mesma estrutura léxico-conceptual, representada no esquema [x FAZER ALGO] CAUSAR [y TORNAR-SE]], é projectada de duas formas para a estrutura argumental, obtendo-se assim duas estruturas argumentais – uma diádica e outra monádica.

Até este ponto não parece haver controvérsia nesta solução. Resta explicar o modo como *fortificar* resultativo e *fortificar* causativo se encontram relacionados. A hipótese da partilha da constante semântica tal como desenhada para explicar verbos como *descer* na situação (b) não parece aqui encontrar o mesmo grau de adequabilidade. No verbo *descer*, a constante semântica - ‘direcção descendente’ - era comum a ambas as estruturas léxico-conceptuais. No caso de *fortificar*, parece haver decorrido um processo de derivação semântica na própria constante semântica que, por isso, já não pode ser assim designada. A base semântica *forte* que fundamentaria a partilha da constante semântica apresenta divergência não só semântica, mas também sintáctico-categorial.

A solução estará em prever não a partilha de uma constante semântica, mas de uma base derivacional que mostra radiação semântica. Cada uma das acepções do verbo será construída a partir de um dos raios semânticos dessa base. Assim, concebe-se *forte* como radiando variações semânticas, que poderão ter, em alguns casos, consequências sintáctico-categoriais, sendo que cada variação semântica pode ser projectada para o subevento segundo do evento desenhado pelo verbo. As duas estruturas léxico-conceptuais não partilham, assim, uma constante semântica, mas apoiam-se antes em diferentes radiações de um centro radiador semântico.

d) o verbo pode apresentar transcategorialidade devido à interface entre as categorias. Verbos como *escavar*, *filtrar*, *coar* destacam em simultâneo um evento de causatividade – no primeiro caso de objecto negativo e no segundo e terceiro de causativo – e um evento instrumental. Inerentemente, os três verbos designam eventos que só podem ser levados a cabo com o auxílio de um instrumento.²⁷ Como tal, estes verbos são classificados simultaneamente como instrumentais, devido à inerência de instrumento na sua estrutura léxico-conceptual, e causativos, nos casos de *filtrar* e *coar*, e de objecto negativo, no caso de *escavar*, de acordo com o segundo subevento que especifica a relação do evento com o argumento interno. Situação semelhante é demonstrada pelo verbo *guindar*, que designa ‘mover objecto em direcção específica’ e paralelamente o instrumento de que se socorre a causa externa para levar a cabo esse evento. Por estes factos se incluíram estes verbos e seus congéneres em duas classes.

A questão que pretendemos esclarecer é a seguinte: significa essa inclusão em duas classes que os verbos em causa possuem duas estruturas léxico-semânticas distintas, uma para a versão instrumental e outra para a causativa/ de objecto negativo/ de mover em direcção específica, etc.?

Para que a resposta fosse afirmativa, seria necessário que se observassem construções contextuais distintas para uma e outra classificação. Essa duplicidade não é observável, na medida em que as duas semânticas emergem como uma unidade só. Ou seja, se no caso de *fortificar* resultativo e de *fortificar* causativo estamos perante duas semânticas independentes uma da outra, resultantes de duas estruturas léxico-conceptuais distintas, no caso destes instrumentais, a versão instrumental é indissociável, em termos de funcionamento e não em termos de análise, obviamente, da versão respeitante ao segundo subevento localizado no argumento interno.

Trata-se, pois, de verbos com apenas uma estrutura léxico-conceptual explicitadora das duas semânticas. Essa estrutura léxico-conceptual pode ser condensada no seguinte esquema, para verbos instrumentais e causativos, como *filtrar* e *coar*:

[[x USAR ALGO] CAUSAR [y TORNAR-SE]].

O carácter instrumental do verbo é especificado no primeiro subevento, ou seja, naquele que diz respeito à causa externa. O carácter causativo é especificado no segundo subevento, ou seja, no que se centra no argumento interno. A relação de causatividade entre os dois subeventos é da

²⁷ Repare-se que, num enunciado como *escavou a terra com as próprias mãos*, se pressupõe a instrumentalização de uma parte constituinte da causa externa.

responsabilidade da função CAUSAR. A natureza do segundo subevento é que permite determinar a classificação do verbo como causativo, de objecto negativo, de mover objecto em direcção específica, etc., para além de instrumental, que é da responsabilidade do primeiro subevento.

Se se concebe uma só estrutura léxico-conceptual para um verbo que acumule em simultâneo o traço de instrumental e um outro que determine o subevento que afecte o objecto, não seria mais lógico criar uma outra classe léxico-conceptual designada por ‘verbos instrumento-causativos’ em vez de inserir um verbo deste tipo em duas classes distintas?

Uma solução desse tipo acarretaria a multiplicação de classes, dado que não estaríamos apenas a conceber mais uma classe – a dos instrumento-causativos –, mas a estabelecer um número indeterminado de classes – a dos instrumento-resultativos, a dos instrumento-objecto negativo, a dos instrumento-mover objecto em direcção específica e assim sucessivamente até se esgotar a capacidade combinatória das classes. Apontarmos esta consequência como desvantagem parece entrar em contradição com o estipulado de que o número de classes não deve ser condenado a bem da elegância do sistema, sob pena de se ignorarem aspectos pertinentes mostrados pelos dados empíricos. Contudo, se as ferramentas teóricas de que dispomos possibilitarem explicações coerentes, que não ignorem a multiplicidade dos dados empíricos e que permitam, em simultâneo, fornecer economia ao sistema, então deverá optar-se por uma solução desse tipo, em vez da simples multiplicação de classes transversais.

Parece-nos, na verdade, que o conceito de interface permite explicar essa relação entre um subevento instrumental e um subevento centrado no argumento interno indeterminadamente. Se concebêssemos, pelo contrário, uma classe distinta para cada aliança de subeventos, estaríamos a encarar de forma rígida e estanque combinações de carácter dinâmico. Com a concepção de interface, delimitamos vários tipos de eventos desenhados como átomos, e logo, susceptíveis em si mesmos de decomponibilidade, que podem agrupar-se entre si dinamicamente, como subeventos de eventos.

No fundo, é esta a visão que está latente na concepção de vários tipos de eventos de moção, por exemplo. Ao estabelecermos eventos de mover objecto em direcção específica, mover objecto, mover-se o sujeito, locativo, estamos a jogar com diferentes combinações dos vários átomos disponíveis como intervenientes na produção do evento. Mas se assim é, ou seja, se para qualquer classe léxico-conceptual concebemos a interface de domínios semânticos, por que razão

multiplicámos a série dos verbos que envolvem moção ou de causatividade, em vez de explicitarmos a dinâmica das interfaces?

Não existe contradição na nossa atitude de, por um lado, construirmos classes complexas cuja distinção em relação a outras classes se faz apenas, muitas vezes, por um átomo (veja-se o caso da classe de ‘lançar’ e de ‘mover através de força’, por exemplo) e, por outro, preferirmos não explicitar classes e optarmos por conceber que a semântica de um dado verbo resulta da interface de suas classes. Na verdade, se optássemos em todos os verbos pela solução de estabelecer átomos em interface, resultaria uma enumeração de átomos para cada classe que dificultaria a sua inteligibilidade.

Significa então que seguimos duas soluções de acordo com a inteligibilidade de cada uma. Optámos pelo estabelecimento de classes nos casos em que aquele tipo de verbo assomava como uma constante no *corpus*, devido ao número de exemplares e à estabilidade, ou manutenção regular, da combinação semântica. Optámos por inserir o verbo em duas classes distintas, ou seja, pela interface, nos casos em que aquele tipo de combinação não se assemelhou como estável no *corpus*, quer devido ao escasso número de exemplares que a ostenta, quer à instabilidade da combinação que, aliás, assenta também no primeiro factor.

Em suma, a concepção que defendemos para as classes de verbos é a de interface, o que, aliás, é visível através do carácter de decomponibilidade que defendemos para as estruturas léxico-semânticas. A opção de exibir classes já construídas prende-se, apenas, com uma necessidade de versatilidade da descrição formal. As classes, em termos de funcionamento do léxico, são interfaces de átomos semânticos em rede e não espaços estanques onde esses significados estão presos.

Não deverá, pois, estranhar-se que muitos verbos sejam integrados em diferentes instâncias semânticas em simultâneo. A estrutura semântica é volumétrica e não plana, muito menos linear. Contudo, não procuraremos elencar todas as possíveis instâncias semânticas em que cada verbo pode ser integrado. Como o nosso objectivo visa a relação entre as bases verbais e os seus produtos nominais, apenas a construção e a significação destacadas num determinado produto serão tidas em conta. De outro modo, resultaria a nossa análise das bases numa listagem de verbos e suas classes e não na verificação de traços pertinentes para a genolexia particular com cada operador sufixal.

A integração dos verbos nas classes semânticas rege-se, assim, pela necessidade de observar os níveis que interferem na produção dos deverbais. Por exemplo, no deverbal *encontrão* apenas se regista a significação do verbo ‘ir de encontro a’ e não a de ‘descobrir, achar’. A demonstrá-lo está a não comutabilidade de *encontrão* com, por exemplo, *achamento*, como é visível em **Carta a El-Rei Dom Manuel sobre o encontrão do Brasil*. Como tal, nos derivados em *-ão*, *encontrar* está apenas registado nos verbos de contacto por impacto.

A tarefa de classificação semântica dos verbos é dificultada pelo carácter volumétrico destes. Atente-se no verbo *helenizar*. O DLP fornece dois tipos de significação para este verbo: uma significação de ‘tornar conforme ao carácter grego’, correspondente a uma construção transitiva do verbo, e outra de ‘dedicar-se ao estudo do grego; escrever em grego’, correspondente a uma construção inergativa. A primeira pode ser exemplificada por *O João helenizou a sua escultura* e a segunda por *O João heleniza aos sábados, traduzindo a Odisseia*.

O verbo *helenizar* produz um deverbal em *-ção* (*helenização*). Se em *helenização* ressaltarem as duas construções transitiva e inergativa, procederemos à inscrição de *helenizar* nos transitivos causativos e em simultâneo nos inergativos performativos. Se apenas uma das construções se mantiver no produto deverbal, apenas registaremos essa construção para o verbo.

Muitas vezes é difícil perceber se há este tipo de selecção na produção do deverbal e, se existe, qual das construções se encontra projectada nesse produto. A tarefa é dificultada devido à escassez de informação a nível dos dicionários. Para o exemplo de *helenizar/ helenização*, no DLP fornecem-se as duas construções do verbo; mas no que toca ao substantivo a informação resume-se a ‘acto ou efeito de helenizar’, sem indicações quanto à construção de *helenizar* activada.

A solução encontra-se na pesquisa do deverbal em co-texto. Para tal, recorreremos a um motor de busca da internet. Neste caso, os co-textos obtidos indiciam de modo claro que apenas a construção transitiva se encontra projectada no deverbal. Como tal, apenas registamos *helenizar* no grupo dos verbos transitivos causativos, no tratamento relativamente aos produtos em *-ção*. Todavia, outros lexemas não encontram resposta tão imediata. Os deverbais em *-dura* são aqueles que se salientam como menos frequentes nos resultados de busca na internet. Por exemplo, *abaladura* e *abanadura* não suscitaram resultados co-textuados. Nestes casos, a comparação com as construções mais prototípicas dos restantes produtos com o mesmo operador sufixal e com o mesmo tipo de verbo permite com algum grau de segurança fazer opções.

Em suma, as classes de bases verbais a ter em conta regem-se por critérios de comparação das significações/construções destas com as significações/construções do produto através da mediação das informações decorrentes da totalidade dos produtos com o operador sufixal em jogo e da mediação da tipicidade de verbos aí constantes. De outro modo, a classificação dos verbos resultaria numa listagem de características dos verbos sem conexão com os efeitos genolexicais que pretendemos analisar.

1.3 Traços semânticos eventivos baseados em Lieber (2004)

Para além destes grupos semânticos que, em si mesmos, reúnem traços de significação, servimo-nos de traços isolados para especificar informação semântica relativamente a verbos. Esses traços estão sobretudo relacionados com a eventividade, tal como definimos no § 6 do cap. II. Para esses traços, socorremo-nos do trabalho de Lieber (2004), cuja análise nos pareceu apresentar soluções para determinados problemas que outras descrições já tradicionais, como a de Vendler (1967), não conseguem ultrapassar.

Deste trabalho de Lieber obtiveram-se instrumentos descritivos de ordem vária, que vão desde traços semânticos até processos semânticos. Neste momento, interessa-nos focar os traços semânticos, dos quais destacamos a vantagem de oferecerem um tratamento semântico lexical independentizado do co-texto. Não estamos a negar a intervenção do co-texto no resultado final semântico de um enunciado, mas a defender a necessidade de distanciação entre um nível semântico lexical e a modalização semântica operada em co-texto. Começaremos por mostrar o enquadramento teórico do trabalho de Lieber (2004) quanto aos traços semânticos, para depois explicitarmos estes, bem como as suas vantagens em relação a outras abordagens.

O trabalho de Lieber (2004) localiza-se na esteira da semântica léxico-conceptual de Jackendoff. Para se demarcar de visões opostas como as de Fodor,²⁸ Lieber (2004: 15 nota 1) opta por designar os componentes semânticos por ‘atoms’ em vez de ‘primitives’, na expectativa de que outros componentes mais pequenos sejam encontrados na descrição da estrutura semântica lexical. Lieber procede à concepção de diversos átomos semânticos que, de acordo com a A., possibilitam uma descrição mais aturada da estrutura léxico-conceptual de itens derivados e básicos.

²⁸ Cf. § 1.1 do cap. I deste trabalho.

Para tal, Lieber (2004: 4 e 15) parte de determinados princípios que permitem a construção de um quadro descritivo léxico-semântico adequado à compreensão dos fenómenos semânticos envolvidos em processos genolexicais. Esses princípios são:

- 1) a decomposicionalidade já acima focada;
- 2) a autonomia da semântica lexical em relação a processos semânticos localizados em níveis mais elevados da sintaxe;
- 3) a transcategorialidade dos átomos semânticos relativamente às categorias verbo, substantivo, adjectivo, etc., de modo a conseguir uma visão igualitária das diversas categorias;
- 4) o tratamento semântico igualitário entre lexemas básicos e lexemas derivados.

Lieber (2004: 9) parte ainda do princípio de que existe uma separação entre aquilo que a A. designa por ‘Semantic/Grammatical Skeleton’ e o ‘Semantic/pragmatic Body’. Esta oposição corresponde à distinção entre Dicionário e Enciclopédia, por nós focada em § 2.2 do cap. I. Como nesse capítulo explicitámos, discordamos desta oposição, seguindo os argumentos fornecidos por Jackendoff (2002) que a refutam. Como tal, não nos basearemos nesta distinção entre Body e Skeleton para compreendermos o funcionamento semântico quer dos deverbais quer das suas bases. No entanto, temos de esclarecer que é no Skeleton que Lieber localiza o sistema de átomos semânticos que se propõe oferecer. Segundo a A., o Body contém informação semântica não tratada decomposicionalmente, como a que joga com «[...] orientation, shape, color, dimensionality, origin, purpose, function, and so on [...]» (Lieber 2004: 10).

Trata-se de informações tratadas na estrutura espacial, de acordo com Jackendoff (2002) e que intervêm na conceptualização de modo não necessariamente linguístico. Daí a dificuldade em conceber primitivos ou, em suma, decomposicionalidade, para esses factores de conceptualização. Todavia, o próprio facto de Lieber (2004) integrar no seu sistema de traços átomos como *directed path* ou *random path* ou qualquer outro traço demonstrativo de espacialidade mostra que o obstáculo de decomposicionalidade consiste nos nossos próprios limites de conversão de parâmetros espaciais em parâmetros linguísticos e não na existência de uma oposição entre o Skeleton e o Body, ou, seguindo nomenclatura mais usual, entre o Dicionário e a Enciclopédia.

De qualquer das formas, pondo de lado essa oposição, nada obsta a que a concepção de átomos semânticos apresentada por Lieber (2004) não possua pontos de relevo para o nosso trabalho.

Os átomos semânticos são concebidos por Lieber como equipolentes e privativos em simultâneo. Com esta dupla caracterização, Lieber (2004: 23) pretende mostrar que «[...] the features that I propose will be binary in value (i.e., positive or negative), but they may also be either present or absent in the semantic skeleton of a given item. Absence from a representation will indicate the irrelevance of the semantic feature for the item in question.».²⁹

Neste momento, focaremos somente os traços de Lieber (2004) que utilizámos para a descrição semântica dos verbos em apreço. Remetemos, pois, para a A. para uma visão completa do sistema.

Alguns dos traços propostos por Lieber que não utilizaremos vão ao encontro de traços das classes léxico-conceptuais que apresentámos acima. Não faria sentido a multiplicação de designações de traços que resultaria conceptualmente redundante. Recordemos que o motivo que nos levou, nesses casos, a optar pelos traços de Levin, Rappaport Hovav e Plag prende-se com o facto de os traços nestes últimos autores se encontrarem desenhados de modo a abrirem passagem para classes léxico-conceptuais.

Em Lieber (2004), esses traços são formatados apenas enquanto tal, embora possam sofrer o mesmo processo, ao serem combinados entre si em feixes. Por exemplo, os traços *directed path* e *random path* correspondem, no fundo, à distinção entre verbos de mover em direcção específica (inacusativos) e verbos de modo de moção (inergativos). No entanto, como julgamos ter feito transparecer na abordagem das classes léxico-conceptuais dos verbos, a obtenção de tais tipos verbais passa pela conjugação de diversos factores semânticos. Assim, os simples traços *directed* ou *random path* não são suficientes para a delineação desses tipos.

O que retirámos então de válido para o nosso trabalho do sistema de Lieber (2004)? Retirámos traços tratados como tal, ou seja, tratados como um componente semântico e não como uma classe léxico-conceptual. Os traços como componentes atómicos revelam-se, como veremos,

²⁹ Lieber (2004: 23) justifica a sua opção deste modo: «While it is generally frowned upon in syntactic or phonological theory to use features simultaneously in a binary and privative fashion – such use is said to impart extra and unwanted power to the grammar – I suggest that the lexicon should be treated differently. Specifically, the issue of power does not arise in the same way with respect to the lexicon. Although we should be concerned with the overall parsimony of the framework, we nevertheless need a way to say that a particular semantic dimension is or is not relevant to a particular set of lexical items. For instance, while animacy is a feature that we might use for partitioning nouns, it is irrelevant for the characterization of verbs; there are no animate or inanimate verbs. Instead of assigning verbs a value for the feature [animate], I would suggest that it is better to say that verbs are characterized by an absence of the feature [animate] in their skeletons.» Como é saliente, a necessidade de postular os traços em simultâneo como binários e privativos deve-se ao princípio proposto pela A. de que os traços deverão ser transcategoriais.

preciosos para a explicação de selecções entre verbos e operadores sufixais, sobretudo se essas selecções forem observadas à luz de um outro contributo valioso de Lieber (2004) – a noção de co-indexação, já aqui focada no § 2 do cap. II.

Neste momento elencaremos os traços de Lieber (2004) por nós aproveitados na descrição semântica dos verbos. Esses traços situam-se no domínio do sistema de quantidade, ou seja, de acordo com Lieber (2004: 135), no domínio de noções como «[...] duration, internal individuation, and boundaries.». O tratamento que Lieber dá a estas noções distancia-se de outros tratamentos, como o tradicional de Vendler (1967) que delimita estados, actividades, accomplishments e achievements, ao estabelecer uma distância entre «[...] those quantificational characteristics that are manifested in lexical items from those that arise from subtle interactions of lexical items when composed into higher-order syntactic and semantic units.» (Lieber 2004: 135).

São os seguintes os traços propostos por Lieber (2004):

- *bounded*: refere-se à delimitação espacial ou temporal da entidade designada pelo item lexical (Lieber 2004: 136);

- *composed of individuals*: refere-se à composicionalidade da entidade em unidades internas semelhantes. Se o item em questão comportar este traço negativamente, designará uma entidade homogénea espacial ou temporalmente ou internamente indiferenciada (Lieber 2004: 136).

A A. demonstra que estes traços são aplicáveis transcategorialmente. Assim, nomes [+bounded] correspondem aos contáveis e [-bounded] aos massivos. Nomes [-composed of individuals] designam entidades que não contêm subunidades com replicabilidade. Lieber (2004: 137) oferece o exemplo de *person*. Nomes [+composed of individuals] correspondem a entidades com subunidades replicáveis. Lieber exemplifica com designações de agregados, como *committee* (Lieber 2004: 137). Nos verbos, a aplicação destes traços permite fazer uma separação entre traços aspectuais inerentes ao item lexical e traços aspectuais que oscilam de acordo com a actualização sintáctica do verbo. Lieber qualifica como [+bounded] verbos que designam eventos pontuais e como [-bounded] os que se referem a eventos durativos. Para os primeiros Lieber (2004: 137) oferece os exemplos de *explode*, *jump*, *flash* e *name*; para os segundos, *descend*, *walk*, *draw*, *eat*, *build* e *push*. Quanto ao traço [composed of individuals], nos verbos está presente naqueles que designam eventos iterativos, como *giggle* (Lieber 2004: 139). Está

marcado como ausente naqueles que designam eventos «[...] not composed of multiple, repeated, relatively identical actions.», como *laugh* (Lieber 2004: 139).

Corresponde à nossa visão do léxico a necessidade que Lieber (2004) declara de distinção dos traços semânticos que pertencem inerentemente ao item lexical daqueles que, situando-se em níveis de organização sintáctico-semântica mais elevados, não intervêm na formação de palavras.³⁰ Isto não equivale a dizer que não há contactos entre os vários níveis, mas a assegurar a independência da formação de palavras da sintaxe.

Por este motivo, não usamos o sistema de Vendler (1967), por se encontrar demasiado arreigado aos níveis co-textuais. Por outro lado, as classes de Vendler são exactamente *classes* e precisamos de *traços* para perceber o funcionamento de algumas opções de selecção dos operadores afixais. Os traços com que trabalhamos vão ao encontro das noções de estado, actividade, achievements e accomplishments de Vendler, na medida em que lidam com noções de fronteirização do evento e duratividade. Contudo, em Vendler essas noções encontram-se cristalizadas em feixes que são as classes.

Para se perceber que a opção de não usar as classes de Vendler é uma opção fundamentada, diremos que começámos por utilizá-la na análise dos verbos sob foco. Contudo, a sua aplicabilidade obtinha fracos resultados no que respeita à discernibilidade dos aspectos relevantes para a selecção dos operadores sufixais. Em suma, os resultados resumiam-se a uma listagem de verbos numa ou noutra categoria, sem que se percebessem, de modo geral, constantes e/ou particularidades na relação entre as classes de Vendler e a opção dos sufixos. Por esse motivo, decidimos abandonar o sistema de Vendler e optar por um sistema de traços quantitativos.

Esse sistema de traços foi-nos inspirado pelo trabalho de Lieber (2004). Todavia, a análise dos verbos do nosso *corpus* não encontrava grau de satisfação suficiente através da aplicação de apenas dois traços (*bounded* e *composed of individuals*). Decidimos, pois, acrescentar e dilucidar o conteúdo destes dois traços, de acordo com as necessidades que a análise do *corpus* vinha ditando.

³⁰ Lieber (2004: 136): «[...] only those quantitative aspects of meaning which are relevant to the simplex lexicon should manifest themselves in the derivational system of a language. That is, the system which I am developing makes a prediction that if there are quantitative features that are specifically lexical, as I will argue that there are, then it is these features that should be exploited by derivational morphology, and not quantitative characteristics that appear at higher levels of syntactic organization.»

Dos princípios de Lieber, manteve-se o da separação entre traços eventivos do léxico e aqueles que se obtêm co-textualmente. A partir daí procuraram-se traços que não se afastassem demasiado de sistemas já tradicionais, mas que fornecessem informações lexicais dos itens em apreço. A sua referência abriga-se na relevância mostrada na formação dos deverbais.

São os seguintes os traços de quantidade com que trabalhamos na análise semântica dos verbos:

- [pontual]: corresponde ao [+bounded] de Lieber (2004). Refere eventos situados num ponto do eixo temporal e não numa série de pontos. A preferência pela designação *pontual*, em detrimento de *delimitado* prende-se com a necessidade de distinção entre eventos desenrolados ao longo de uma série de pontos temporais, ou seja, eventos durativos, com um ponto de chegada e sem ponto de chegada. A designação *delimitado* poderia suscitar confusão com o ponto de chegada. São exemplos de verbos pontuais *saltar*, *estalar*, *tropeçar*. Repare-se que é visível a separação entre noções eventivas lexicais e aquelas que decorrem de níveis co-textuais. A possibilidade de construir um enunciado com estes verbos com expressões durativas não faz destes verbos ambíguos entre serem pontuais ou durativos. Um enunciado como *O Luís saltou durante duas horas* implica a replicabilidade de um evento pontual numa série de eventos pontuais e não o aumento da duração do evento.

- [durativo]: corresponde ao [-bounded] de Lieber, recusado pelas razões apontadas em relação a *pontual*. Um verbo durativo designa um evento desenrolado ao longo de uma série de pontos temporais, como *caminhar*, *estudar*, *saltitar*.

O facto de existirem verbos não-marcados nem como pontuais nem como durativos levou à manutenção dos dois traços em vez da substituição de um deles pelo traço negativo do outro. Verbos como *aprender*, *ladrar* representam esta situação. Neste caso, quer um quer outro traço pode ser focado genolexicamente.

- [composto de indivíduos]: o traço é igual ao *composed of individuals* proposto por Lieber. Refere-se, assim, a eventos compostos por partes individualizáveis simétricas, como *saltitar*, *dobar*, *girar*. Estes eventos implicam a repetição de partes iguais. A observação de que existem eventos compostos por partes individualizáveis assimétricas levou-nos à concepção do traço

- [composto de operações diferentes]: ao contrário do traço anterior, em que as partes individualizáveis não são discerníveis internamente por serem iguais entre si, este traço prevê que

existam eventos que resultam de uma série de operações – logo, não é um evento homogéneo – não simétricas. Essas operações são distintas entre si e a sua totalidade perfaz o evento. Nos eventos compostos de indivíduos, o número destes é não-delimitado. Por exemplo, para se perfazer o evento *saltitar*, não está definido o número de subpartes que perfazem o evento. Pelo contrário, um evento como *conduzir* pressupõe subpartes definidas, tais como ‘ligar a ignição’, ‘embraiar’, ‘travar’, ‘acelerar’, de que estão excluídas outras acções eventualmente co-ocorrentes com estas (e.g. ‘ligar o rádio’), mas não envolvidas no evento de ‘conduzir’. O evento *cozer*, ou o correspondente em inglês *bake*, refere-se igualmente a uma série de subpartes não-replicáveis, mas distintas. O enunciado *hoje a Maria cozeu*, refere-se não à acção de pôr pão no forno, mas a todo o conjunto de subpartes envolvidas na produção de pão. Poderá neste momento argumentar-se que *cozer*, *conduzir* e *bake* apresentam também significações [-compostas de operações diferentes] e que, por isso, só co-textualmente são criadas as significações que apresentam este traço positivamente.

Refutamos este argumento através da comparação com outros verbos. As significações [+compostas de operações diferentes] encontram-se inscritas no léxico. De outro modo, qualquer verbo permitiria a sua actualização, bastando para isso a sua co-textualização adequada. Um verbo como *caminhar* não sofre esse tipo de transformação. Pode, no mundo real, existir uma série de subpartes discerníveis nesse evento, mas não se encontram inscritas semanticamente no lexema. No enunciado *hoje a Maria caminhou* não se pressupõe que tenha havido subpartes do tipo: ‘saltar obstáculo’, ‘subir ladeira’, ‘atravessar ponte’, ‘deslizar pela descida’, ‘desviar-se de obstáculo’, etc., ainda que elas possam ter ocorrido no mundo real. A diferença está na lexicalização semântica que ocorre em exemplos como *conduzir*, *cozer* e na não lexicalização em *caminhar*. As várias subpartes de *cozer* estão presentes na definição do evento, enquanto as eventuais subpartes enumeradas para *caminhar* não têm um carácter obrigatório.

Defendemos, pois, que as significações compostas de *conduzir* e *cozer* não são meras variações co-textuais, mas lexicais. O facto de serem discerníveis em co-texto apenas vai ao encontro do funcionamento normal de qualquer item lexical. Nos itens homónimos e, por isso, inscritos no léxico, a discernibilidade faz-se também em co-texto, não sendo esse facto anulador do estatuto lexical dos itens em questão.

- [ponto de partida]: este traço, conjuntamente com o seguinte – *ponto de chegada* –, resolve noções relacionadas com a delimitação do evento. Um evento com *ponto de partida*

mostra que uma determinada ocorrência tem início num determinado ponto temporal. O evento designado por *caminhar* tem um ponto de partida; um evento designado por *amar* não tem ponto de partida. Este traço permite distinguir verbos durativos que representam actividades dos durativos que representam estados.

- [ponto de chegada]: este traço indica que o evento em causa tem uma delimitação temporal intrínseca. Por exemplo, *construir* pressupõe que haja uma conclusão do evento enformado; enquanto *trabalhar* não pressupõe esse ponto de finalização. O ponto de chegada mostra a distinção entre verbos durativos de accomplishment e verbos durativos de actividade. Ambos possuem duratividade, ambos possuem ponto de partida, mas só os primeiros apresentam ponto de chegada. Esta comparação com o sistema de Vendler serve para corroborar o que acima estipulámos: o sistema de Vendler trabalha com classes já construídas, enquanto no nosso trabalho sentimos necessidade de operar, a nível da semântica quantitativa, com traços isolados.

- [téliico]: este traço é dos que mais controvérsia pode gerar, na medida em que a sua utilização tem sido alvo de diversas concepções por parte de vários autores.³¹ Geralmente, o traço [téliico] é apresentado no sentido em que nós aqui apresentámos o traço [ponto de chegada], isto é, como a delimitação final do evento. É nesse sentido que Levin & Rappaport Hovav (1995: 172) falam de verbos atélicos. No nosso trabalho, utilizamos a designação *téliico* na acepção de ocorrência de um evento que envolve uma mudança de estado, ou seja, que pressupõe que se atinja um determinado objectivo. Esta acepção encontra-se em Smith (1991: 42-43). A semelhança entre o traço [téliico] e o traço [ponto de chegada] é apenas aparente. Por exemplo, um evento como *escrever* pressupõe o traço [téliico] como positivo, mas não o traço [ponto de chegada]; pelo contrário, um evento como *estalar* pressupõe um ponto de chegada mas não telicidade. Já um evento como *construir* pressupõe que os dois traços sejam positivos, enquanto *estar* pressupõe que ambos sejam negativos. Recordamos que o tratamento quantitativo de que falamos se situa no domínio lexical e não no domínio co-textual.

- [perfeito]: não deve ser confundido com o traço designado da mesma maneira para o aspecto inscrito no sistema flexional no português. Esse decorre de variações co-textuais e não é, por isso, intrínseco ao item lexical. O traço [perfeito] lexical refere-se ao carácter irreversível e não-prolongável de alguns eventos. Por exemplo, *matar* é caracterizado pelo traço [+perfeito], na medida em que a mudança de estado atingida não pode ser reversível (não se pode voltar atrás) e

³¹ Cf. a síntese que Lieber (2004: 139-144) apresenta sobre as diferentes concepções de telicidade.

não-prolongável (não se pode continuar). Um evento como *construir* é [-perfeito], visto ser prolongável (pode continuar a construir-se uma casa, mesmo depois de atingido o ponto de chegada inscrito no evento) e reversível (pode destruir-se o que se foi construindo).

Estes são os traços referentes ao componente eventivo quantitativo dos verbos em análise.

Devido ao facto de não ser nosso objectivo o estudo dos sistemas aspectual e eventivo, abdicamos de uma visão exaustiva das vantagens e desvantagens de diferentes quadros. Regemo-nos pela necessidade de laborar com traços impermeáveis ao manuseamento do verbo em contexto, de compreender a interferência desses traços na formação de deverbais, através da escolha que alguns operadores sufixais deles mostram e do resultado final que sobressai no produto.

A secção seguinte será dedicada à mostragem dos resultados obtidos quanto à distribuição de classes verbais por operador sufixal. O mesmo tratamento quantitativo não será oferecido relativamente aos traços eventivos. Estes serão tratados qualitativamente no momento de explicitar as relações tecidas entre bases, operadores e produtos finais.

2. Distribuição das classes léxico-semânticas verbais por operador sufixal

2.1 Objectivo

Como já explicitado, a observação das classes léxico-semânticas dos verbos por operador sufixal visa compreender se existem classes léxico-semânticas que são mais permeáveis do que outras à selecção de cada sufixo. Intendemos com isto delimitar se qualquer tipo de verbo pode dar origem a qualquer tipo de deverbal ou se a adjunção do sufixo é filtrada por delimitações que passam por características semântico-conceptuais de uns e de outros.

2.2 Metodologia

A classificação dos verbos em análise obteve-se através de uma contínua alimentação mútua entre a construção das classes e a análise dos verbos. A diversidade de classes apresentada mostra essa mútua alimentação. Isto significa que não se partiu de um sistema de classes rigidamente pré-construído em que se integrariam posteriormente os itens verbais. Partiu-se, antes, de uma série de princípios teóricos e de contributos teórico-práticos que foram sendo

moldados de acordo com as informações léxico-conceptuais que a análise dos verbos disponibilizava.

Como o objectivo se centra na relação entre verbos, produtos e operadores, procurámos restringir a mostragem semântica dos verbos àqueles traços e características aproveitados de cada verbo na produção de cada deverbal. Esta informação metodológica já havia sido fornecida aquando da descrição das classes verbais, mas repetimo-la por fazer parte dos princípios adoptados para a metodologia.

Devido ao facto de lidarmos nesta secção com classes léxico-conceptuais não poderemos falar de “percentagens de verbos”, mas de “percentagens de ocorrências”. Esta limitação prende-se com o facto de, como demonstrado, muitos verbos funcionarem transcategorialmente, sem que com isso haja necessidade de postular verbos homónimos. Assim, o número de distribuição por estas classes será mais elevado do que o número de lexemas verbais.

Para se obter a classificação, partiu-se de uma análise comparativa entre significações disponibilizadas pelo verbo e pelo seu deverbal, numa primeira fase. Numa segunda fase, essa comparação estendeu-se ao conjunto dos deverbais desse verbo e ao conjunto dos deverbais do operador sufixal em jogo. Por exemplo, para se analisar a relação entre *congelar* e *congelação*, compararam-se primeiramente as significações do verbo com as do deverbal. Numa segunda fase, estendeu-se a comparação com os deverbais de *congelar* da mesma ordem (i.e. os designadores de ‘acção’ (*congelamento*, *congelação*) e depois com os deverbais em *-ção* (e.g. *cremação*, *solidificação*, *globalização*). Estas fases baseiam-se em busca de dicionário. Numa terceira fase, procedeu-se a uma busca em co-texto do deverbal em jogo, para o que se utilizou um motor de busca na internet. Esta terceira fase revela-se imprescindível para situações não desambiguadas dicionaristicamente. Mas também se revela útil para complementação das primeiras fases, sobretudo as que se regem pela comparação entre produtos do mesmo verbo e produtos entre si.

Contudo, para alguns itens é necessário recuar para a segunda fase, por não se encontrarem resultados na busca em co-texto. Nessa situação, só a comparação dos restantes deverbais com o mesmo operador sufixal com as respectivas bases verbais ou com os deverbais formados a partir do mesmo verbo pode auxiliar na inferência da classe léxico-conceptual do verbo em jogo interveniente na produção daquele deverbal.

É este o caso de *abaladura*. O verbo *abalar* pode ser transitivo de causatividade, inergativo ou inacusativo. Será transitivo na acepção de ‘fazer tremer’, inergativo na acepção de

‘tremer’ e inacusativo na acepção de ‘ir-se embora’. A nossa tarefa consiste em verificar qual/quais das construções intervém/intervêm na fabricação de *abaladura*. O DLP fornece a indicação de ‘acção de abalar; partida’. Quer isto dizer que intervém apenas a acepção inacusativa? O facto de o DLP apresentar ‘partida’ não exclui a possibilidade de outras construções do verbo base estarem presentes na construção de *abaladura*. De outro modo, seria suficiente a colocação de ‘partida’. Assim, esta pode ser entendida como especificadora da totalidade de ‘acção de abalar’ ou como apontadora de uma parte de ‘acção de abalar’. Não fica, pois, esclarecida a dúvida.

A consulta de Domingos Vieira também não presta auxílio, visto aí não constar o deverbais *abaladura*. Depreende-se, no entanto, uma informação preciosa relativa ao verbo *abalar*, a de se tratar de um verbo monádico e não diádico, o que pode ajudar na avaliação da direccionalidade semântica das diferentes construções e, conseqüentemente, na compreensão de sua influência nos deverbais. A mesma informação quanto ao verbo e a mesma ausência quanto ao substantivo são colhidas em Bluteau. O Houaiss disponibiliza para a entrada de *abaladura* a informação: ‘acto ou efeito de abalar; abalamento’. Por sua vez, na entrada de *abalamento* é indicado ‘acto ou efeito de abalar(-se); abalo, abalada, abaladura’, o que também não traz grande acrescento de informação. Quanto ao Dicionário da Academia, este não contém a entrada *abaladura*.

Dado a procura de dados co-textuais sair também gorada, visto não se ter encontrado nenhum resultado no motor de busca na internet, regressa-se à comparação da fase dois. Compara-se *abalar* com os verbos que dão origem a deverbais em *-dura*. A existência de verbos inergativos, transitivos de causatividade de moção e de inacusativos de moção nesse conjunto apenas deixa em aberto a possibilidade de a base de *abaladura* pertencer a qualquer uma (se não a todas) dessas construções.

Resta a comparação com deverbais do mesmo verbo fornecidos pelas obras lexicográficas como equivalentes a *abaladura*. São elas *abalamento*. Mas o facto de para *abalamento* serem fornecidos *abalo*, *abalada* e *abaladura* não significa que estes sejam equivalentes perfeitos uns dos outros. A reavaliação consistirá na apreensão do ponto em comum entre *abaladura* e *abalamento*, de que se saldará uma classificação inergativa de *abalar* em *abaladura*. Da indicação da equivalência com *partida* sobressai a classificação inacusativa. Repare-se que, no DLP, a indicação de *partida* na entrada de *abaladura* não é especificadora da totalidade

semântica desta, já que a partir de *abalamento* se chega à classificação inergativa. O esclarecimento quanto a *abalamento* é obtido em Domingos Vieira, que para este indica ‘O estado de tremura. Termo antiquado que exprime o terremoto’.

Em algumas situações a solução está em manter o item em análise na classe dos interrogados. Há exemplos desses como *embolação* de que não se vislumbra se se trata de derivado de *embolar* ‘reduzir a bolo’, se do seu homónimo ‘pôr bolas ou almofadas em (chifres dos touros)’ ou se da construção monádica ‘formar bola, empolar’, todas atestadas no DLP. Na verdade, qualquer destas construções pode dar origem ao deverbal *embolação*, a avaliar pelo conjunto das bases dos verbais em *-ção*. Uma possível solução estaria na distribuição do verbo pelas várias classes a que pertence, estabelecendo assim como segura a existência de três verbais *embolação*. No entanto, como neste caso, a solução acarretaria a multiplicação de homónimos verbais, perante a escassez de informação, optamos por deixar esse caso como interrogado.

2.3 Resultados

Os resultados obtidos para os verbais de evento mostram o comportamento heterogéneo na escolha que determinados operadores sufixais fazem relativamente ao tipo de base verbal. É visível que os operadores sufixais não se agregam às bases verbais aleatoriamente ou apenas regidos por constrangimentos morfológicos. A distribuição nesta secção apresentada mostra existirem tendências de atracção semântico-lexical entre bases e operadores. Apresentam-se os dados obtidos em valores absolutos na tabela IV 1 e em valores percentuais na tabela IV 2. Dado que os resultados se reportam a ocorrências e não a lexemas, optámos por apresentar em detalhe apenas valores percentuais e não absolutos. Estes são fornecidos apenas na tabela IV 1.

	-al	-ão 1	-ão 2	-aria	-ção	-deira	-deiro	-dor	-dora	-doura	-douro	-dura	-agem	-mento	-nça	-ncia	-nço	-nte	-(t)ória	-ório	-tório	-vel
Inerg																						
e som				17	10	20	18	3	69		1	6	9		5		10		5			4
e luz					13				5						4		16		2			1
e subs		2		2		26	4	2	7			3	2		4			1	1			3
e cheiro																	3					
m moção	1	4	10	1	34	13	5	50		1	9	17	9	15	2	3		16	1			13
resulta					3			1														
perform		1		15	4	69	9		81		5	6	26	13	6	22	1	43		1		11
dec act fala				3	3	16	4	3	36						2			3		1		10
instrum			1					2						1								
psico					11			9							1							
Inac																						
locat					7					1			6		1		3			3		
direc esp		2			8	3	2	2		3	4			30	4	19	1	19		2		4
conf espa					2										11			3				
mover-se					4	1		2		2	1	1	1	6	2	7		3				1
m s/ alt esp																						
parar															2				1			
aparecime					7			1		5	1			18	2	12	1	4				
desaparecim								1		2	1			6		1						
existê/estad					22			1	24		8	1	1	8	10	57		34				
incoa					157					7	28			224	19	35		15				1
resultativo					34					2				16		7						1
Trans																						
locat					136	15	3	86	2		8	19	21	116	2		1	5	1			2
direc esp		5	4	3	54	7	3	48		1	12	6	3	60	2	4	1	4				8
conf espa	2				6	1		11		3	3			17		1		2				1
m suj					16			12	1		6		1	9				6				1
lançar		2			5	1		7			3			6			3	1	3			2
m força		14			3	6		13		2				5				1				
enviar					3			4					1	5		1		2				1
cercar					1	4		9						5				2				
carre/reboc			2		1	2	2	8					7	5								1
m obj	1				29			24			1	1	4	15	1	4		1				2
m s/ alt esp		7	2		6	4		11		2		6		17								1
impacto		3			1									1								
parar		1			10	1		2				3										1
causat		11	6	3	638	56	5	461	10	2	21	71	30	438	11	10	1	55	1	2		38
result				3	272	22	3	156	4	1	5	26	30	53				9				6
obj negat		2	6	2	80	13	1	90	1	1	12	25	9	35	2	1		6		3		11
ferir		12			23	1		37	2		12			6				3				
medir obj					14			15	1			1	9	2								
distrib por					13	1		6						9								
dividir em			1		23	2		15				4	4	25								
percepção			2		50	4		73	1		3	2	2	12	2			10		1		3
ornat			2	3	269	22	2	193	2	1	18	58	69	188	3		1	9				4
desprover			1		112	16	2	90			6	21	8	67				4				10
perform		30	9		372	33	7	503	6	2	26	39	34	125	13	22	4	101	3	4		75
decl act fal			4	4	123	2	1	95						15		5	1	30	5			27
pedir			2		17			10						2			1	9		2		8
instrum			3	1	58	14	2	102	5	3	14	40	34	61				2				2
transf poss			2	2	59	1		41		1	1	2	19	3				12				6
posse								1							1							1
contacto		21			4	1				1				2		1		1				1
modativos					13			12	2					6								
unir			1		44	5		26	2		5	7	7	17	3		1	2				3
desunir					17			3						2	1							
reunir					24			15			1			2					1			3
obstar			1		11	1		16					4	2	1			1		2		6
capturar			1	1	7			2	38			2	7	1	4	1	1	7	5			2
prender	1					4					3	1						1				1
psic			1		28			24							21	5	1	2	2	1		1
estím-suj			2		85	2		105			1				88	1	3		6			6
experi-suj					21			30							18	10	4		7			2
total	5	87	120	50	3081	293	49	2682	39	17	201	433	325	1846	107	253	27	452	23	11		283

Tabela IV 1. Distribuição em valores absolutos das classes léxico-semânticas verbais por operador sufixal

Mostraremos em primeiro lugar os resultados obtidos na distribuição de classes de bases verbais por operadores sufixais construtores de substantivos de evento. Condensámos os dados nas três grandes classes inergativa, inacusativa e transitiva na tabela IV 3 e no gráfico IV 1.

	ão 1	aria	ção	dura	agem	mento	nça	ncia	nço
inerg	8,05%	36,00%	6,23%	7,86%	11,08%	2,38%	7,48%	21,34%	7,40%
inac	2,30%	0,00%	7,82%	8,31%	2,46%	17,44%	34,58%	55,74%	18,52%
trans	89,65%	64,00%	85,95%	83,83%	86,46%	80,18%	57,94%	22,92%	74,08%

Tabela IV 3. Distribuição percentual das classes verbais inergativa, inacusativa e transitiva por operador sufixal de evento

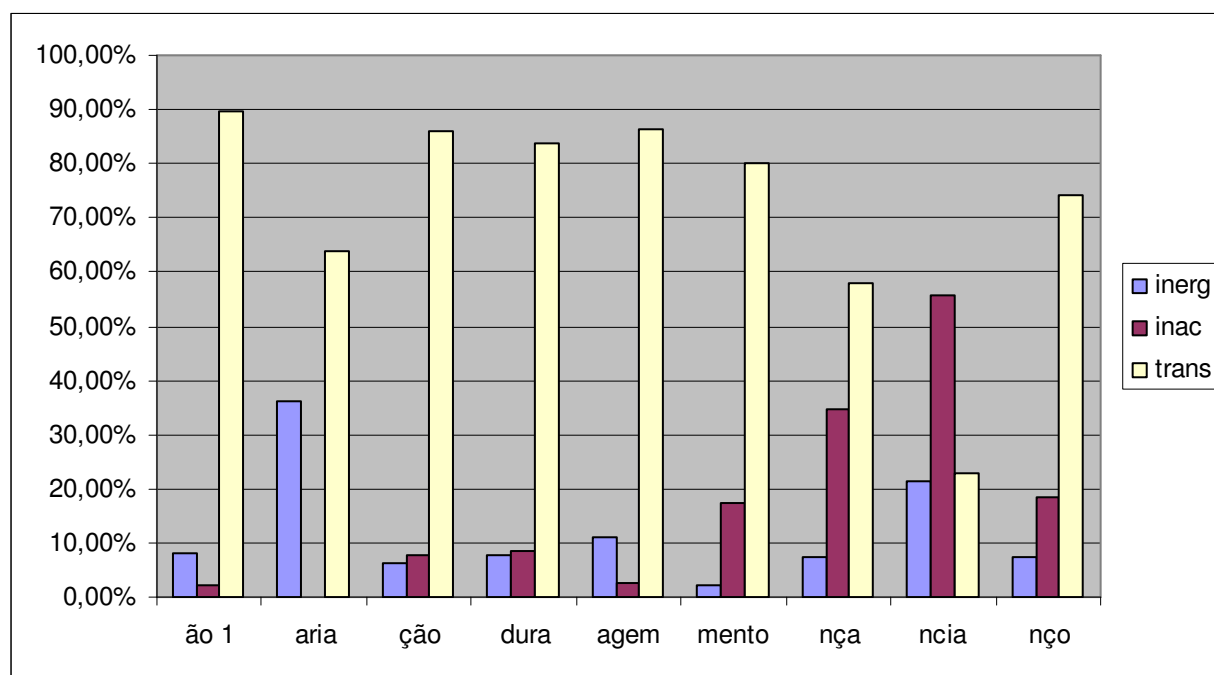


Gráfico IV 1. Distribuição percentual das classes verbais inergativa, inacusativa e transitiva por operador sufixal de evento

2.3.1 Produtos prototipicamente de evento

2.3.1.1 Produtos em *-ncia*

Nos deverbais de evento, destacam-se os produtos em *-ncia* que apresentam bases maioritariamente inacusativas (55,74%), seguindo-se-lhes as bases transitivas (22,92%) e as

bases inergativas (21,34%). Das bases inacusativas de *-ncia*, 22,53% são designadoras de estado/existência (*existir, constar, viver*), 13,83% correspondem a ocorrências incoativas (*ensurdecer, entumecer, erubescer*), 7,51% a mover-se em direcção específica (*emergir, excrescer, exorbitar*) e 4,74% a aparecimento (*exurgir, incidir, ocorrer*). As ocorrências de mover-se (*refluir, transcorrer, transumar*) e de resultativo (*florescer, frondescer, frutescer*) apresentam-se cada uma com 2,77%. Os verbos locativos surgem em 1,19% das ocorrências (*aderir, coerir, coalescer*); os verbos de desaparecimento mostram apenas 0,40% de ocorrências (*falir*).

As características que se destacam destes verbos são: 1) ausência de verbos com causa externa; 2) eventos durativos; 3) ausência de verbos com causa interna com pleno controlo ou voluntariedade relativamente ao evento. Esta terceira característica é visível, por exemplo, nos verbos de mover-se em direcção específica. Sendo este grupo constituído por verbos que admitem que o sujeito possua controle sobre o evento, como os verbos *subir, descer*, e outros que apenas admitem sujeitos não controladores do evento (*descender, excrescer*, para além de *subir* e *descer* em co-textos de clara agentividade do sujeito), as ocorrências encontradas para as bases de *-ncia* situam-se no domínio daqueles que não admitem controle do evento pelo sujeito.

Quer se trate de verbos designadores de eventos de movimento ou de mudança de estado, os verbos inacusativos mostram eventos desenroláveis ao longo do eixo do tempo,³² sem controlo do sujeito. Os eventos estão dependentes de propriedades internas da entidade que ocupa o argumento interno correspondente ao sujeito (*pubescer, pulverescer, putrescer, rarescer*) e não da voluntariedade dessa entidade.

As bases transitivas dos produtos em *-ncia* emergem com 8,70% de ocorrências performativas (*dominar, gerir, intender, presidir*). Dessas bases performativas, a maioria pertence ao subgrupo de verbos de *reger*, ou seja, de verbos que indicam o exercício do domínio do sujeito. Aparentemente, estes dados mostram contradição com o estipulado relativamente às bases inacusativas quanto à não voluntariedade do sujeito. Se é verdade que para os verbos performativos transitivos é previsível um certo grau de voluntariedade do sujeito, aquilo que ressalta da análise dos verbos performativos transitivos de produtos em *-ncia* é que esse factor de voluntariedade do sujeito não se encontra activado. Pelo contrário, o que parece estar activado é a

³² Neste capítulo limitamo-nos a fazer uma caracterização geral das bases. Nos capítulos VI e VII, de análise da conjugação entre bases e operadores, as características das bases semânticas serão alvo de observação mais detalhada, ao ter-se em conta o efeito que o operador produz na base.

propriedade interna da entidade-sujeito que possibilita a esta o exercício do evento. Recorde-se que essa activação decorre da acção do operador sufixal e que aqui surge visível pelo facto de, de acordo com a metodologia já explicitada, colocarmos em relevo as propriedades das bases usadas na produção de cada deverbal. Assim, eventos como *reger*, *presidir*, *dominar* estão dependentes não exactamente ou não apenas da voluntariedade do sujeito, mas sobretudo das propriedades internas, vistas, nos performativos, como capacidades para o exercício dos eventos.

Das bases transitivas destacam-se, depois das performativas, as causativas com 3,95% de ocorrências. *Adstringir*, *adurir*, *comburir*, *dissolver* são exemplos dessas bases. Observe-se, no entanto, que também neste campo existe convergência relativamente à importância da propriedade interna e não da voluntariedade da entidade sujeito. Embora se trate de verbos causativos, os verbos constantes neste grupo designam eventos ocorridos não devido à imposição voluntária e com controlo do sujeito, mas antes a uma propriedade deste que não lhe oferece o carácter voluntário nem de controlo dos causativos prototípicos. Os exemplos acima oferecidos apontam para propriedades de uma entidade que a própria não controla.

Os restantes verbos transitivos apresentam-se com valores baixos. São eles verbos declarativos e actos de fala (1,98% (*referir*, *advertir*)); verbos de mover objecto em direcção específica (*absorver*, *influir*, *refranger*), mover objecto (*traficar*, *transferir*, *transumar*) e de experienciador-sujeito (*preferir*, *tolerar*, *transigir*) (1,58% cada tipo); verbos de estímulo-sujeito (*deprimir*, *importunar*, *repugnar*) (1,19%); verbos de colocar em configuração espacial (*apender*), enviar (*expedir*), de objecto negativo (*rescindir*), de contacto (*tanger*), de capturar (*rapinar*), psicológico (*ignorar*) (0,40% cada). Mais uma vez se destaca a importância, apenas visível no produto deverbal, que as propriedades das entidades possuem relativamente ao evento.

Os verbos inergativos são aqueles que surgem em terceiro lugar no que diz respeito à sua totalidade. Contudo, subtipos de inergativos apresentam valores de ocorrência reveladores da homogeneidade dos produtos em *-ncia*. Dentro dos verbos inergativos, encontraram-se bases maioritariamente performativas (8,70%) (*delinquir*, *dormir*, *implicar*), seguidas de bases designadoras de emissão de luz (6,32%) (*esplendecer*, *fluorescer*, *fosforescer*, *fulgir*), bases de emissão de som (3,95%) (*fremir*, *planger*, *ressonar*, *retumbar*), de modo de moção (1,19%) (*ambular*, *fremir*) e de emissão de cheiro (1,19%) (*rescender*, *trescalar*). Saliente-se que o sufixo *-ncia* é o único para o qual encontrámos bases designadoras de emissão de cheiro. Tal facto está de acordo com o carácter mais estativo destes produtos e com o mesmo carácter dos verbos de

emissão de cheiro relativamente a outros verbos de emissão (Levin & Rappaport Hovav 1995: 169). A mesma explicação fundamenta a existência em maior número de bases de emissão de luz relativamente às de emissão de som. Para Levin & Rappaport Hovav (1995: 169), os verbos de emissão de som são os mais semelhantes a processos, enquanto os de emissão de luz se situam entre a estatividade dos de emissão de cheiro e a processualidade dos de emissão de som. Repare-se que os verbos de emissão de som que constam das bases dos produtos em *-ncia* têm carácter durativo e não pontual, o que corrobora a estatividade eventiva destes produtos. Quanto aos verbos de emissão de cheiro, o seu pequeno número nas bases em apreço é explicável pela sua exiguidade no léxico.

Em suma, as bases dos produtos em *-ncia* apresentam-se tendencialmente como de sujeito não-controlador do evento, mas detentor de propriedades internas que influem no evento. Os eventos são de carácter durativo e de causa interna. Mesmo nos verbos transitivos causativos se destacam estas características.

2.3.1.2 Produtos em *-nça*

As bases dos produtos em *-nça* começam a inverter a tendência dominante dos verbos inacusativos mostrada por *-ncia*. Contudo, apresentam ainda um número considerável de verbos inacusativos. Estes surgem com 34,58%, os transitivos com 57,94% e os inergativos com 7,48%.

Dos verbos transitivos fazem parte verbos performativos (12,15%) (*provar, velar, vingar*), verbos causativos (*quebrar, segurar, viltar*) (10,28%), verbos de experienciador-sujeito (*bem-querer, confiar, crer, desconfiar, descrer*) (9,35%), verbos psicológicos (*deslembrar, lembrar, relembrar, lembrar, saber*) (4,67%), verbos de prover de (*abastar, ensinar, fartar*), de transferência de posse (*cobrar, ganhar, herdar*) e de unir (*aliar, liar, maridar*) (2,80% cada). Os verbos locativos (*lembrar, ordenar*), de mover objecto em direcção específica (*esquivar, retardar*), de objecto negativo (*matar, raspar*) e de percepção (*comparar, espreitar*) apresentam cada um 1,87% de ocorrências. Por último, dentro dos transitivos, surgem os verbos de mover objecto (*mudar*), posse (*ter*), desunir (*desaliar*), obstar (*deter*), capturar (*rapinar*) e de estímulo-sujeito (*desesperar*), com 0,93% cada.

Dos verbos inacusativos constam bases incoativas (17,76%) (*ferver, livrar, medrar, mingar, mudar, quebrar, reconvalescer*); bases designadoras de existência/estado (9,35%) (*parar, parecer, prestar, semelhar, viver*); bases de movimento em direcção específica (3,74%)

(*diferir, entrar, retornar*) e bases de mover-se (*correr, mudar*) e de aparecimento (*nascer, renascer*) (1,87% cada).

As bases inergativas são de tipo performativo (5,61%) (*comilar, militar*) e de tipo de modo de moção (1,87%) (*andar, mal-andar*).

2.3.1.3 Produtos em *-nço*

Os produtos em *-nço* aproveitam ainda um número considerável de bases inacusativas (18,52%). No entanto, as bases transitivas atingem mais destaque, com 74,08% de ocorrências. As bases inergativas emergem com 7,40% de ocorrências.

Dentro das bases transitivas, as indicadoras de capturar são as mais numerosas (25,93%). Trata-se sobretudo de verbos designadores de roubo (*pescar, gamar, nicar, palmar, pilhar, rapinar, surripiar*). Seguem-se as bases de performativos com 14,81% de ocorrências (*chegar* ‘sovar’, *falhar, mimar, picar*) e as bases psicológicas com 7,41% (*empinar, encornar*). Os verbos de unir (*amigar-se*), pedir (*cravar*), declarativos e actos de fala (*gabar*), ornativos (*habilitar*), causativos (*lixar*), de mover objecto em direcção específica (*recuar*) e locativos (*entalar*) apresentam somente valores de 3,70% cada um.

As bases inacusativas situam-se entre os domínios de colocar-se em configuração espacial (11,11%) (*espalhar-se, espetar-se, esticar-se*), mover-se em direcção específica (*recuar*) e aparecimento (*calhar*) (3,70% cada).

As bases inacusativas mostram os domínios de emissão de substância (*cagar*) e de performativos (*cosipar*), cada um com 3,70% de ocorrências.

2.3.1.4 Produtos em *-mento*

Os produtos em *-mento* são os que se seguem na escala aleatória da inacusatividade. Os verbos transitivos ocupam aqui 80,18% das ocorrências, seguidos dos inacusativos (17,44%) e dos inergativos (2,38%).³³

³³ Esta distribuição contradiz o postulado por Beniers (1998: 76) de que o sufixo *-miento* prefere bases intransitivas inactivas. A colocação de bases transitivas na nossa listagem fez-se na condição da aceitação do argumento externo do verbo nas construções com o nominal. Esta aceitação demonstra que a assunção de Bordelois (1993: 162) de que os deverbais em *-miento* excluem o argumento agente é incorrecta. Bordelois oferece o exemplo de *movimiento*, em *el movimiento de la rueda *por Juan*. Bordelois não nota que, obviamente, por ser construída a partir da construção *la rueda se mueve*, e não *Juan mueve la rueda*, a nominalização focada rejeita, de facto, o argumento Agente.

Nos verbos transitivos surgem bases maioritariamente causativas (23,73%) (*empeçonhar, limpar, polir, nivelar, danar*). Seguem-se as bases ornativas com 10,18% de ocorrências (*enfarinhar, enfartar, enfeitar, enferrujar, enfilelar, enfrear, engessar*), as bases performativas com 6,77% (*policar, preitejar, prestar ‘conceder serviço’*), as bases locativas com 6,28% (*encurrular, enfardar, enfasar, enfeixar, enfiar, enfilelar*), as bases de estímulo-sujeito com 4,77% (*aborrecer, acanhar, acirrar, acobardar*), as bases de desprover de com 3,63% (*destelhar, desterroar, destorroar, desvergonhar*), as bases de instrumentais com 3,30% (*apalear, aparafusar, apedrar, apedrejar, aplinar*), as bases de mover objecto em direcção específica com 3,25% (*derramar, derrocar, derrubar, derruir, desabar*) e as bases de resultativos com 2,87% (*abarracar, abolorecer, abrasar*). As bases de objecto negativo representam 1,90% de ocorrências (*abolir, afogar, aniquilar, apagar*); as de dividir em 1,35% (*abairrar, acoirelar, acourelar, afolhar, aldear, alqueirar*); as psicológicas 1,14% (*desperceber, discernir, entender, esquecer, julgar*); as de transferência de posse 1,03% (*arrendar, empossar, fretar, leiloar, oferecer, ofertar, outorgar, pagar*).

As restantes bases oferecem-se em valores inferiores a 1%: experienciador-sujeito (*aborrir, aceitar, afeiçoar, amercear, ansiar*) com 0,98%; as bases de colocar objecto em configuração espacial (*assentar, descruzar, desdobrar, prosternar, prostrar*), de mover objecto sem alteração espacial (*acocorar, acuar, agachar, agitar, arrebatat, brandir, destorcer*) e de unir (*acasalar, acoplar, acorrentar, aglutinar, ajoujar, amalgamar*) 0,92% de ocorrências cada; as declarativas e de actos de fala 0,81% (*pronunciar, recontar, referir*); as de percepção 0,65% (*discernir, descobrir, perceber, rastejar ‘seguir o objecto’, reconhecer, visionar*); as de mover-se o sujeito (*atravessar, cruzar, escalar, ladear, revezar*) e as de distribuir por (*acamar, agrupar, aquadrilhar, aquartelar*) 0,49% cada; as de lançar (*arremessar, desferir, lançar*), ferir (*acutilar, alancar, atropelar*) e as modativas (*atropelar, cercear*) 0,33% cada; as de mover através de força (*arrancar, arrojat, tirar*), enviar (*endereçar, expedir, enviar, remeter*), cercar (*abarcar, abraçar, abranger*), carregar/rebocar (*acarretar, acartar, arrastar, guiar*) 0,27% cada; as de capturar 0,22% (*apanhar, colher, recrutar*); as de medir objecto (*afilar, dimensionar*), pedir (*pedir, requerer*), contacto (*apalpar, tocar*), desunir (*desapegar, descolar*), reunir (*acumular, ajuntar*) e de obstar (*estorvar, travar*) 0,11% cada; as de impacto 0,05% (*abalroar*).

Nos verbos inacusativos, os que apresentam percentagem mais elevada são os verbos incoativos com 12,13% de ocorrências (*humedecer, inchar, intumescer, melhorar, obscurecer*).

As restantes bases inacusativas compreendem bases de mover-se em direcção específica (*ascender, cair, chegar, decair, decampar, decrescer, desbordar*) com 1,63%; de aparecimento (*acontecer, aflorar, aparecer, arrebentar, brotar*) com 0,98%; resultativas (*espigar, florescer, reflorescer, refolhar*) com 0,87%; de colocar-se em configuração espacial (*aluir, arriar, arruinar, derruir, desmoronar*) com 0,60%; de existência/estado (*prestar, prevalecer, preceder*) com 0,43%; as de desaparecimento (*falecer, falir, perecer*) e de mover-se (*escoar, escorrer, passar*) com 0,33% cada; de parar (*encalhar, estancar*) com 0,11%; e de locativos (*ensimesmar-se*) com 0,05%.

As bases inergativas compreendem verbos de modo de moção (0,81%) (*andar, rastejar, resvalar*); verbos performativos (0,70%) (*funcionar, respirar, bracejar*); verbos de emissão de som (0,27%) (*zunir, atroar*); verbos de emissão de luz (*luzir, relampaguear*) e de emissão de substância (*gotejar, rever* ‘ressumar’) (0,22% cada) e de verbos psicológicos (*razoar*) (0,05%). Saliente-se que estes verbos inergativos designam eventos não controlados pelo sujeito, indo ao encontro do tipo de sujeito prototípico dos verbos base dos produtos em *-mento*. Repare-se que nestes produtos as bases que ressaem com mais ocorrências são depois das causativas, as incoativas.

2.3.1.5 Produtos em *-dura*

Os produtos em *-dura* mostram preferência por bases transitivas (83,83%), seguidas das inacusativas (8,31%) e, por último, das inergativas (7,86%).

Nas bases transitivas, encontram-se verbos causativos (*chamuscar, coalhar, cozer, crestar, crisspar, curtir*) com ocorrências de 16,40%. Seguem-se os verbos ornativos (*encorrear, encravar, engessar, engomar, enlamear, ensaboar*) com 13,39% de ocorrências. Os verbos instrumentais (*gradar, grudar, legurar, ligar, limar, pentear*) apresentam-se em 9,24% das ocorrências; os performativos (*galar, lambar, mamar, morder*) 9,01%. Com 6,00% de ocorrências surgem os verbos resultativos (*escrever, escrevinhar, fazer, fiar, forjar*), seguidos dos verbos de objecto negativo (*escalavrar, esganar, esgarçar, mochar, podar, rachar*) com 5,77%. As bases designadoras de desprover de (*descalçar, descarnar, descascar, descoser, desfolhar, escamar, esfolar*) apresentam 4,85% de ocorrências; as locativas (*embutir, encabeçar, encapelar* ‘introduzir no calcêz a enxárcia’) 4,39%; as de ferir (*moer, picar, pisar, quebrar, queimar*) 2,77%. Seguem-se os verbos de capturar (*apanhar, empolgar* ‘agarrar com as unhas a presa’),

empunhar, represar DV, tomar, vindimar) e os de unir (*amarrar, coser, grudar, ligar, pegar, soldar*) com 1,62% de ocorrências cada. Surgem as bases designadoras de mover objecto em direcção específica (*enxotar, escoar, levantar, levar, vazar, verter*) e as de mover objecto sem alteração espacial (*estorcegar, estortegar, mexer, retorcer, torcer, voltear*) com 1,39% cada. Com 0,92% de ocorrências aparecem as bases que designam o evento de dividir em (*atassalhar, desfiar, esquartelar, retalhar*). Seguem-se as bases de colocar objecto em configuração espacial (*colgar, estender, tender*), de lançar (*espojar, lançar, sacudir*), de mover através de força (*arrancar, arrastar, tirar*) e de parar (*arretar, represar, travar*) com 0,69% cada. Com 0,46% cada, surgem os verbos de percepção (*olhar, provar*) e os modativos (*cercear, electrossoldar*); com 0,23% cada, surgem os verbos de mover objecto (*trasfegar*), medir objecto (*maquiar*), transferência de posse (*investir*), contacto (*tocar*), reunir (*arrebanhar*) e prender (*embraçar*).

Nas bases inacusativas encontraram-se verbos incoativos (*branquear, coalhar, crestar, crispar, derreter, desbotar*) com 6,47% de ocorrências; verbos de mover-se em direcção específica (*desembocar, embicar* (o navio), *escorrer*) com 0,92% e, por último, verbos de mover-se (*correr*), aparecimento (*desabotoar*), desaparecimento (*sumir*) e de existência/estado (*falhar*) com 0,23% cada.

Nas bases inergativas, encontraram-se verbos de modo de moção (*andar, bambaleiar, resvalar, tremer, voar*) em 3,93% das ocorrências; verbos de emissão de som (*ladrar, miar, chalrear, chiar*) em 2,08%; verbos performativos (*esgrimir, arfar*) em 1,39% e verbos de emissão de substância (*cuspinhar, cuspir*) em 0,46%.

2.3.1.6 Produtos em -ção

O sufixo *-ção* é aquele que se segue como diminuidor das bases inacusativas. Estas constituem 7,82% do total das bases. As bases transitivas ocupam aqui 85,95% e as inergativas 6,23% das ocorrências.

Nas bases transitivas, destacam-se as que designam eventos causativos (*permeabilizar, peroxidar, perpetuar, personalizar, sagrar, salubrificar*) com 20,71% de ocorrências; as performativas (*mangar, manifestar, manipular, manusear, marear, mastigar*) com 12,07%; as resultativas (*acetificar, acidar, acidificar, aerificar, ionizar, iotizar, isomerizar, labializar, lapidificar*) com 8,83% e as ornativas (*ferrar, florestar, gafeirar, galvanizar, gaseificar*) com 8,73%. Seguem-se as bases locativas (*imbricar, implantar, incardinar, incorporar, incrustar,*

indexar, inervar, infernar, infiltrar, instalar) com 4,41% de ocorrências; as bases declarativas e actos de fala (*proclamar, proferir, pronunciar, reafirmar, recitar, recomendar*) com 3,99%; as bases de desprover de (*desmilitarizar, desmineralizar, desmonetizar, desnatar, desnaturalizar, desnudar, desnutrir*) com 3,64%; as de estímulo-sujeito (*admirar, aliciar, amofinar, aperrear, apoquentar, aporrinhar, arreliar, assombrar, atarantar, atemorizar, atiçar, atormentar*) com 2,76%; as de objecto negativo (*exterminar, extirpar, fissurar, fulminar, imolar, jugular, lacerar, liquidar, machucar, matar*) com 2,60%; as de transferência de posse (*abalienar, abjudicar, adjudicar, adquirir, aforar*) com 1,91%; as instrumentais (*agarrar, algaliar, amarrar, apalear, aplinar, apolear*) com 1,88%; as de mover objecto em direcção específica (*exportar, exteriorizar, externar, extravasar, importar*) com 1,75%; as de percepção (*avaliar, averiguar, colimar, comparar, consultar, contemplar, degustar, delibar*) com 1,62%; as de unir (*acasalar, adunar, amarrar, amigar, anexar, articular, associar, atar*) com 1,43%. As bases que designam mover objecto (*transladar, translinear, transliterar, transmudar, transmutar, transpassar, transplantar*) ocupam 0,94% das ocorrências; as de eventos psicológicos (*compenetrar, considerar, dedicar, deliberar, desconsiderar, devanear, especular*) 0,91%; as de reunir (*aglomerar, aglutinar, agregar, agremiar, amontoar, coleccionar, compilar*) 0,78%; as de ferir (*exulcerar, flagelar, fustigar, lapidar, macerar*) e as de dividir em (*compartir, craticular, departir, dimidiar, equipartir*) 0,75% cada; as de experienciador-sujeito (*abominar, aceitar, adorar, anelar*) 0,68%; as de mover-se o sujeito (*penetrar, permear, povoar, pré-ocupar*) 0,52%; as de pedir (*deprecar, exorar, expostular, impetrar, implorar, imprecar*) e as de desunir (*desagregar, desanexar, desarticular, desassociar, descimentar*) 0,55% cada; as de medir objecto (*aferir, almudar, aquilatar, arrobar, avaliar, comensurar*) 0,45%; as de distribuir por (*acamar, areolar, categorizar, classificar, compartilhar, cotizar*) e as de modativos (*eterizar, faradizar, fumigar, insidiar, microdissecar, microgravar*) 0,42% cada; as de obstar (*frustrar, impedir, inibir, interceptar, limitar*) 0,36%; as de parar (*frenar, imobilizar, interceptar, paralisar, restagnar*) 0,32%; as de capturar (*cativar, depredar, herborizar, resinar*) 0,23%; as de colocar objecto em configuração espacial (*acocorar, inclinar, prosternar, prostrar, reclinar, verticalizar*) e as de mover objecto sem alteração espacial (*abandar, agitar, librar, vibrar, virar, voltear*) 0,19% cada; as de lançar (*ejacular, exalar, jacular, projectar, regurgitar*) 0,16%; as de contacto (*apalpar, oscular, palpar, velicar*) 0,13%; as de mover através de força (*arrepelar, extirpar,*

empurrar) e as de enviar (*deportar, expedir, reexpedir*) 0,10% cada; as de cercar (*circundar*), de contacto por impacto (*abalroar*) e de carregar/rebocar (*transportar*) 0,03% cada.

As bases inacusativas representam-se por bases incoativas (*enrugar, entrevar, enturvar, enublar*) (5,10%), resultativas (*abotoar, aparrar, apostemar, arborizar, caulificar, crisalidar*) (1,10%), de existência/estado (*estar, estivar, estuar, habitar, hibernar, penar*) (0,71%), de mover-se em direcção específica (*arribar, declinar, descambar, emigrar, exundar, imigrar*) (0,26%), locativas (*castrametar, culminar*) (0,23%), de aparecimento (*aflorar, deflagrar*) (0,23%), de mover-se (*migrar, transmigrar*) (0,13%) e de colocar-se em configuração espacial (*ajoelhar, ressupinar*) (0,06%).

As bases inergativas representam-se por bases performativas (*macaquear, manducar, mendigar, minerar, namorar, parasitar*) (2,24%), de modo de moção (*aeronavegar, ambular, claudicar, deambular, flutuar, gingar*) (1,10%), de emissão de substância (*defecar, esputar, exsudar, fagulhar, faiscar*) (0,84%), de emissão de som (*berrar, buzinar, coaxar, crepitar, deblaterar*) (0,65%), declarativas e actos de fala (*dialogar, intercomunicar, mussitar, orar, palrar, perorar, ralhar*) (0,52%), de emissão de luz (*fulgurar, fulminar, lucilar, prefulgurar, rutilar, cintilar*) (0,42%), psicológicas (*cerebrar, cogitar, devanear, divagar*) (0,36%) e resultativas (*nidificar, ovular, superfetar*) (0,10%).

2.3.1.7 Produtos em -agem

Os deverbais em -agem disponibilizam 2,46% de bases inacusativas, 11,08% de bases inergativas e 86,46% de bases transitivas.

As bases transitivas são ocupadas por 21,23% de verbos ornativos (*albuminar, alcatroar, aluminar, anielar, aramar, betonar, brear, calafetar, chumbar, clorar*), 10,46% de instrumentais (*dragar, escovar, escovilhar, esmerilar, espadelar, frenar, fresar, gradar*) e 10,46% de performativos (*guerrilhar, chocar, marear, maridar*). As bases causativas (*reciclar, remendar, remondar, secar, serenar, terraplenar, torrar*) e as resultativas (*filigranar, filmar, fotomontar, gaiivar, granular, laminar, maltar*) apresentam-se cada uma com 9,23% de ocorrências. As bases locativas (*albergar, alfandegar, armazenar, bobinar, embalar, embarrilar, enfasar, engarrafar, ensilar*) com 6,46%; as de objecto negativo (*cegar, cortar, decepar, furar, linchar, sabotar, serrar*) e as de medir objecto (*arrobar, contar, cronometrar, cubar, cubicar, dosar, pesar, recontar*) com 2,77% cada; as de desprover de (*criodecapar, decapar, decepar, desempanar,*

desleitar, desniquelar, drenar) 2,46%; as de carregar /rebocar (*atoar, atrelar, carretar, guiar, portar, recovar, sirgar*) e as de unir (*aliar, colar, embraiar, embrear, entrosar, soldar*) 2,15% cada; as de mover objecto (*agulhar, passar, rodar, virar*), as de dividir em (*aduar, clivar, desmontar, dosar*) e as de obstar (*barrar, bloquear, frenar, travar*) 1,23% cada; as de mover objecto em direcção específica (*alar, arvorar, guindar*) 0,92%; as de percepção (*espiar, sondar*) e as de transferência de posse (*fretar, vender*) 0,62% cada; as de mover-se o sujeito (*ultrapassar*), enviar (*repicar*), cercar (*açambarcar*) e de capturar (*rapinar*) 0,31% cada.

Nas bases inergativas encontraram-se verbos performativos (*galopinar, guerrilhar, jardinar, trampolinar, vadiar, vagabundar*) com 8,00% de ocorrências; verbos de modo de moção (*patinar, pedalar, cavalgar, derrapar*) com 2,77% e verbos instrumentais (*prumar*) com 0,31%.

Nas bases inacusativas, encontraram-se verbos locativos (*alunar, amarar, ancorar, aterrar*) com 1,85% e verbos de mover-se (*passar*) e de existência/estado (*parar*) com 0,31% de ocorrências cada.

2.3.1.8 Produtos em -ão

O sufixo *-ão*, aqui designado por *-ão 1* quando serve para formar deverbais de evento, apresenta 2,30% de bases inacusativas, 8,05% de bases inergativas e 89,65% de bases transitivas.

Nas bases transitivas, estão presentes verbos designadores de contacto (*apalpar, apertar, arranhar, arrepelar, atracar, calcar, cutucar*) (24,14%), mover através de força (*arrancar, arrastar, arrepelar, arrojado, empurrar, empuxar, esticar, estirar, imponentar, puxar, repelar, repuxar, sacar, tirar*) (16,09%), ferir (*aleijar, arranhar, arrepelar, atracar, beliscar, entalar, escaldar*) (13,79%), causativos (*abrasar, borrar, borrarar*) (12,64%), mover objecto sem alteração espacial (*abanar, atracar, beliscar, estorcegar, revirar, torcegar, torcer*) (8,05%), mover objecto em direcção específica (*chupar, desgarrar, despenhar, esgarrar*) (5,75%), contacto por impacto (*atracar, cutucar, encontrar*) (3,45%), de objecto negativo (*apagar, rasgar*) (2,30%), de lançar (*arremessar, remessar*) (2,30%) e de parar (*estacar*) (1,15%).

Nas bases inergativas estão presentes verbos de modo de moção (*escorregar, estremecer, tropeçar, tropicar*) (4,60%), emissão de substância (*gorgolar, gorgolhar*) (2,30%) e performativos (*arrebentar*) (1,15%).

Nas bases inacusativas encontram-se verbos de mover-se em direcção específica (*arrecuar, recuar*) com 2,30% de ocorrências.

2.3.1.9 Produtos em *-aria*

Os produtos em *-aria* apresentam 64,00% de bases transitivas e 36,00% de bases inergativas. Não foi encontrada nenhuma base inacusativa para estes produtos.

As bases transitivas dividem-se em performativas (*alcovitar, amassar, blasonar, caçoar*) (18,00%), declarativas e actos de fala (*babujar, caçoar, pregar*) (8,00%), ornativas (*aceirar, acerar, pregar*) (6,00%), mover objecto em direcção específica (*albergar, hospedar, sacar*) (6,00%), causativas (*branquear, destilar, refinar*) (6,00%), resultativas (*estampar, marchetar, trefilar*) (6,00%), de objecto negativo (*barbear, serrar*) (4,00%), de transferência de posse (*alquilar, mercar*) (4,00%), de dividir em (*sesmar*) (2,00%), de capturar (*pescar*) (2,00%) e de instrumentais (*tornear*) (2,00%).

As bases inergativas são de emissão de som (*berrar, estalar, gritar, roncar*) (20,00%), performativas (*°sevandijar, zombar*) (8,00%), declarativas e actos de fala (*pregar* ‘falar’, *palrar*) (6,00%) e de modo de moção (*voar*) (2,00%).

2.3.1.10 Síntese

Dada a grande quantidade de dados referiremos as quatro classes de bases com maior percentagem de ocorrências para cada operador sufixal.

Para o sufixo *-ão* destacam-se as bases transitivas de contacto (24,14%), as transitivas de mover através de força (16,09%), as transitivas de ferir (13,79%) e as transitivas causativas (12,64%).

Para o sufixo *-aria*, em primeiro lugar surgem as bases inergativas de emissão de som (20,00%), seguidas das transitivas performativas (18,00%) e das transitivas declarativas e de actos de fala em igualdade com as inergativas performativas (8,00% cada).

O operador *-ção* apresenta maioritariamente transitivas causativas (20,71%), transitivas performativas (12,07%), transitivas resultativas (8,83%) e transitivas ornativas (8,73%).

O sufixo *-dura* opta por bases maioritariamente transitivas causativas (16,40%), transitivas ornativas (13,39%), transitivas instrumentais (9,24%) e transitivas performativas (9,01%).

O sufixo *-agem* mostra-se em bases preferentemente transitivas ornativas (21,23%), transitivas instrumentais e transitivas performativas (10,46% cada) e transitivas causativas e transitivas resultativas (9,23% cada).

O operador *-mento* mostra-se em bases maioritariamente transitivas causativas (23,73%), inacusativas incoativas (12,13%), transitivas ornativas (10,18%) e transitivas performativas (6,77%).

O operador *-nça* opta por bases inacusativas incoativas (17,76%), transitivas performativas (12,15%), transitivas causativas (10,28%) e transitivas de experienciador-sujeito e inacusativas de existência/estado (9,35% cada).

O sufixo *-ncia* exhibe-se agregado a bases inacusativas de existência/estado (22,53%), inacusativas incoativas (13,83%), transitivas performativas e inergativas performativas (8,70% cada).

O sufixo *-nço* prefere bases transitivas de capturar (25,93%), transitivas performativas (14,81%), inacusativas de colocar-se em configuração espacial (11,11%) e transitivas psicológicas (7,41%).

2.3.2 Produtos prototipicamente de indivíduo

Nos produtos deverbais de indivíduo observaram-se os seguintes resultados, condensados na tabela IV 4 e no gráfico IV 2:

	-al	-ão 2	deira	deiro	dor	dora	doura	douro	n-te	(t)ória	ório	tório	vel
inerg	20,00%	40,00%	16,38%	26,53%	9,69%	0	11,76%	11,45%	15,49%	8,70%	9,09%	14,84%	0,00%
inac	0,00%	0,00%	1,37%	6,12%	1,12%	0,00%	0,00%	14,93%	17,48%	8,70%	0,00%	2,12%	16,67%
trans	80,00%	60,00%	82,25%	67,35%	89,19%	100,00%	88,24%	73,62%	67,04%	82,60%	90,91%	83,04%	83,33%

Tabela IV 4. Distribuição percentual das classes verbais inergativa, inacusativa e transitiva por operador sufixal de indivíduo

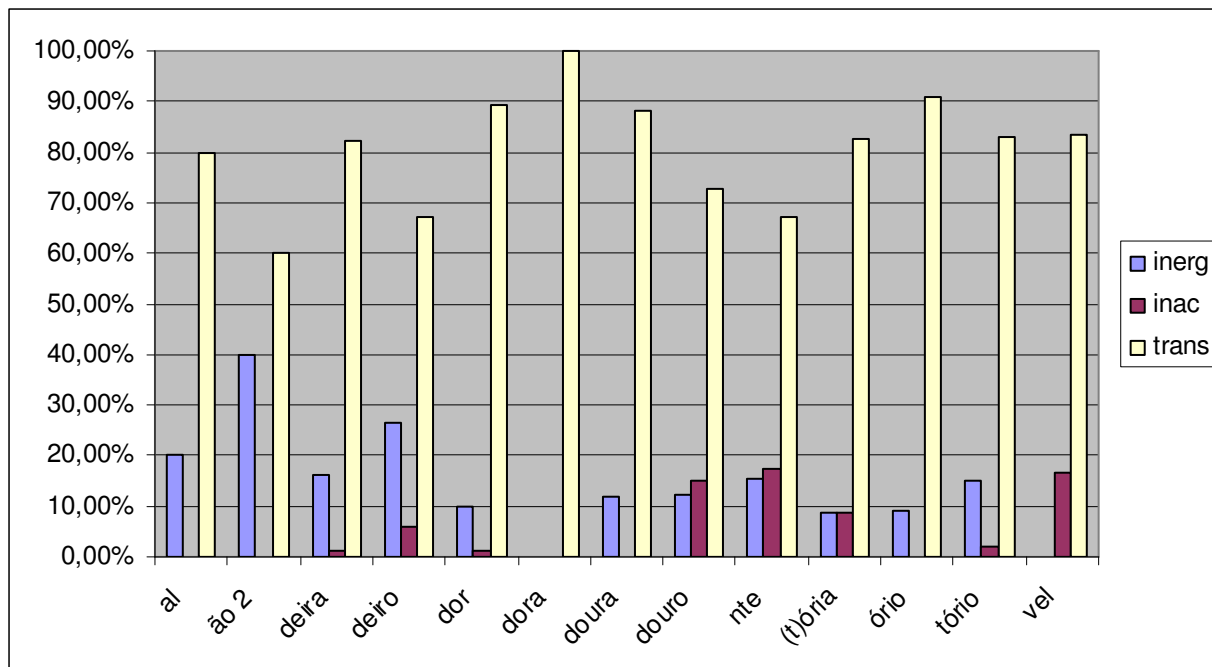


Gráfico IV 2. Distribuição percentual das classes verbais inergativa, inacusativa e transitiva por operador sufixal de indivíduo

2.3.2.1 Produtos em *-dora*

Para os produtos em *-dora*, obtiveram-se 100% de ocorrências transitivas. Dentro destas, 25,64% são causativas (*aveludar, condensar, desfilar*); 15,38% são performativas (*cavar, escavar, governar*); 12,82% são instrumentais (*fresar, lixar, metralhar*); 10,26% são resultativas (*autocopiar, fotocopiar, granular, incubar*). Seguem-se as bases locativas (*embobinar, empilhar*), as de ferir (*autometralhar, metralhar*), as ornativas (*encerar, numerar*), as modativas (*motonivelar, retroescavar*) e as de unir (*coser, misturar*) com 5,13% de ocorrências cada. Com 2,56% surgem as bases de mover-se o sujeito (*visitar*), as de objecto negativo (*perfurar*), as de medir objecto (*pesar*) e as de percepção (*auscultar*).

2.3.2.2 Produtos em *-ório*

O sufixo *-ório* agrega-se a bases tendencialmente transitivas (90,91%) e escassamente a bases inergativas (9,09%). Não se encontraram bases inacusativas a que se agregasse este sufixo.

As bases transitivas são constituídas por verbos performativos (*consultar, desposar, esposar, executar*) (36,36%), de lançar (*dejectar, vomitar, expulsar*) (27,27%), verbos causativos (*completar, desinfectar*) (18,18%) e por verbos de percepção (*velar*) (9,09%).

A única base inergativa encontrada designa um evento performativo (*consultar*) (9,09%).

2.3.2.3 Produtos em *-doura*

O sufixo *-doura* apresenta-se com bases verbais inergativas (11,76%) e transitivas (88,24%). Não foram encontradas bases inacusativas com este sufixo.

Os verbos transitivos encontrados são de tipo instrumental (*aguçar, torcer, varrer*) (17,65%), mover através de força (*puxar, tirar*), mover objecto sem alteração espacial (*torcer, tornar*), causativo (*aguçar, respigar*) e performativo (*manjar, rapar*) (11,76% cada). Os verbos de mover objecto em direcção específica (*levar*), resultativos (*dobrar*), de objecto negativo (*roçar*) e ornativos (*tapar*) representam 5,88% das ocorrências cada.

Nas bases inergativas, encontraram-se verbos de emissão de som (*cantar*) e de modo de moção (*correr*) (5,88% cada).

2.3.2.4 Produtos em *-al*

O sufixo *-al* apresenta-se em 80,00% de bases transitivas e em 20,00% de bases inergativas. Nas bases transitivas existem 40,00% designadoras de colocar objecto em configuração espacial (*estender, tender*), 20,00% de mover objecto (*passar*) e 20,00% de prender (*firmar*). Nas bases inergativas, a designação é de modo de moção (*tremar*) (20,00%).

2.3.2.5 Produtos em *-ão*

Com o operador sufixal *-ão*, inscrito como *-ão 2* na origem de deverbais de indivíduo, não se encontrou nenhuma base inacusativa. As bases transitivas dominam com uma percentagem de 60,00%, seguidas das inergativas com 40,00%.

Nas bases transitivas, encontraram-se verbos performativos (*beber, benzer, calcar, chuchar, comer*) (25,00%); verbos causativos (*lavajar, picar, pisar, queimar*) e de objecto negativo (*ceifar, podar, segar, trinchar*) (5,00% cada); verbos de mover objecto em direcção específica (*desgarrar, esgarrar, mergulhar, retardar*) e verbos declarativos e actos de fala (*gabar, perguntar, responder, rezar*) (3,33% cada); verbos instrumentais (*cavar, rapar, varejar*) (2,50%); verbos de carregar/rebocar (*carregar, carretar*), de mover objecto sem alteração espacial (*mexer, remexer*), de percepção (*espiar, mirar*), de pedir (*demandar, pedinchar*), de transferência de posse (*revender, vender*), de estímulo-sujeito (*seringar, zangar*) e ornativos (*besuntar, regrar*)

(1,67% cada); verbos de desprover de (*capar*), unir (*pegar*), obstar (*travar*), capturar (*ganhar*) e psicológicos (*saber*) (0,83%).

Nas bases inergativas, os verbos encontrados pertencem aos tipos: de emissão de som (*berrar, chiar, chorar, farfalhar*) (14,17%), performativos (*gulapar, lambarar, mandriar, marrar, turrar*) (12,50%), de modo de moção (*choutar, corricar, gingar, mancar*) (8,33%), declarativos e actos de fala (*palrar, ralhar, refilar*) (2,50%), emissão de substância (*cagar, mijar*) (1,67%) e instrumentais (*martelar*) (0,83%).

2.3.2.6 Produtos em *-dor*

Com o sufixo *-dor* encontraram-se bases maioritariamente transitivas (89,19%), seguidas das inergativas (9,69%) e por último das inacusativas (1,12%).

As bases transitivas compreendem os seguintes tipos: performativas (*controlar, convidar, convocar, coordenar, copejar, correger*) (18,75%); causativas (*bestificar, branquear, britar, brochar, bronzear, brunir, brutificar*) (17,19%); ornativas (*abastecer, acafelar, acairelar, acoimar, acolchetar*) (7,20%); resultativas (*ozonizar, panificar, perpetrar, petrificar, prefaciare*) (5,82%); estímulo-sujeito (*confortar, confranger, consternar, constranger, contristar, conturbar*) (3,91%); instrumentais (*abrochar, açoutar, acutilar, aferroar, aferrolhar, afuroar, agadanhar*) (3,80%); declarativas e actos de fala (*declamar, declarar, definir, denotar, denunciar*) (3,54%); objecto negativo (*abater, abolir, abortar, ab-rogar, aniquilar, anular, apagar, assassinar*), de desprover de (*escalpelizar, escanhotar, escarnar, escarolar, escorchar*) (3,36% cada); locativas (*embobinar, embutir, empacotar, encaixotar, encalacrar, encaminhar, encarrilhar*) (3,21%); percepção (*espiar, espreitar, esquadrinhar, estimar, examinar, experimentar, explorar*) (2,72%); mover objecto em direcção específica (*abaixar, absorver, chegar, afastar, alçar*) (1,79%); transferência de posse (*adquirir, aforar, afretar, alhear, alquilar, alugar*) (1,53%); capturar (*laçar, murar, pegar, pescar, presar, quitar*) (1,42%); ferir (*mortificar, sarjar, supliciar, surrar, trucidar*) (1,38%); experienciador-sujeito (*deplorar, desamar, desejar, desestimar, desprezar*) (1,12%); unir (*combinar, compaginar, concatenar, conciliar, congraçar*) (0,97%); mover objecto (*deslocar, dilatar, disseminar, dissipar*) e psicológicas (*conhecer, conjecturar, decorar, devanear, duvidar, entender*) (0,89% cada); obstar (*bloquear, embargar, embromar, empatar, empresar*) (0,60%); medir objecto (*escrutinar, lotar, maquiare, medir, mensurar, pesar*), dividir em (*graduar, lotar, pilular, quadrar, quintar*) e reunir (*amealhar, amontoar, arrebanhar,*

bandear, coleccionar) (0,56% cada); mover através de força (*empuxar, esticar, estirar, extirpar, puxar, repuxar*) (0,48%); mover-se o sujeito (*montar, ocupar, penetrar, revezar, rondar*), modativas (*pirogravar, termomultiplicar*) (0,45% cada); colocar objecto em configuração espacial (*assentar, depositar, esborralhar*) e mover objecto sem alteração espacial (*agitar, folhear, friccionar, girar, mexer*) (0,41% cada); pedir (*pedir, postular, requerer*) (0,37%); cercar (*cercar, enlear, rodear, sitiar*) (0,34%); carregar/rebocar (*rebocar, transportar, trazer*) (0,30%); lançar (*arremessar, atirar, disparar*) (0,26%); distribuir por (*aquinhoar, categorizar, distribuir*) (0,22%); enviar (*aviar, despachar, despedir*) (0,15%); desunir (*apartar, desagregar, desatar*) (0,11%); parar (*descontinuar, estagnar*) (0,07%); posse (*possuir*) (0,04%).

As bases inergativas são constituídas por verbos: performativos (*rixar, sabadear, sarrafaçar, senhorear*) (3,02%); de emissão de som (*gargantear, gazar, gemer, gorjear, gralhar, grazinar*) (2,57%); de modo de moção (*calcorrear, caminhar, cavalgar, choutar*) (1,86%); declarativos e actos de fala (*orar, palavrear, palrar, perorar, praguejar*) (1,34%); psicológicos (*cismar, devanear, divagar, meditar, parafusar*) (0,34%); de emissão de substância (*chover, cuspinhar, defecar, escumar, suar*) (0,26%); de emissão de luz (*cintilar, faiscar, fulminar, irradiar, radiar*) (0,19%); instrumentais (*cachimbar, zingar*) (0,07%) e resultativos (*lenhar*) (0,04%).

As bases inacusativas apresentam exemplares de existência/estado (*ocupar, padecer, remerecer, sofrer, simbolizar, significar*) (0,89%); mover-se em direcção específica (*emigrar, migrar*) (0,07%) e de mover-se (*transmigrar, correr*) (0,07%), aparecimento (*deflagrar*) e desaparecimento (*expirar*) (0,04% cada).

2.3.2.7 Produtos em *-tório*

O sufixo *-tório* anexa-se a bases maioritariamente transitivas (83,04%), seguindo-se as bases inergativas (14,84%) e as bases inacusativas (2,12%).

Nas bases transitivas foram encontrados os seguintes tipos: bases performativas (*jurar, mastigar, mercar, namorar, fumar*) (26,50%); causativas (*refrigerar, reparar, sanar, secar, sublimar*) (13,43%); declarativas e actos de fala (*exclamar, exortar, explanar, exprobrar*) (9,54%); de objecto negativo (*derrogar, eliminar, redibir, reprovar*) (3,89%); de desprover de (*abjurgar, desembargar, desobrigar, destampar*) (3,53%); de mover objecto em direcção específica (*alienar, aspirar, derivar, elevar*), de pedir (*pedir, reivindicar, rogar, suplicar*) (2,83%

cada); resultativas (*beatificar, evaporar, legislar, provocar*), de obstar (*frustrar, inibir, negar, proibir*), de estímulo-sujeito (*alucinar, consolar, vexar*) e de transferência de posse (*adjudicar, alienar, comprar*) (2,12% cada); ornativas (*fumigar, irrigar, remunerar*) (1,41%); de percepção (*explorar, indagar, observar*), de unir (*articular, combinar, conciliar*) e de reunir (*compilar, recompilar, somar*) (1,06% cada); locativas (*recordar, reservar*), de lançar (*ejacular, jacular*), de mover objecto (*sub-rogar, transplantar*), instrumentais (*gladiar, seringar*), de experienciador-sujeito (*amar, execrar*) e de capturar (*depredar, usurpar*) (0,71% cada); de colocar objecto em configuração espacial (*reclinar*), de mover-se o sujeito (*infestar*), de enviar (*expedir*), de carregar/rebocar (*portar*), de mover objecto sem alteração espacial (*librar*), de parar (*sustar*), de contacto (*oscular*), de prender (*vincular*) e psicológicas (*recordar*) (0,35% cada).

As bases inergativas são de tipo: de modo de moção (*ambular, circular, deambular, girar*) (4,59%); performativas (*conspirar, dormir, gladiar, laborar*) (3,89%); declarativas e actos de fala (*falar, orar, palrar, parlar*) (3,53%); de emissão de som (*berrar, esternutar*) (1,41%); de emissão de substância (*mictar, transpirar*) (1,06%) e de emissão de luz (*reverberar*) (0,35%).

As bases inacusativas são de tipo: mover-se em direcção específica (*emigrar, escapar, imigrar, migrar*) (1,41%); mover-se (*transmigrar*) e incoativo (*pasmar*) (0,35%).

2.3.2.8 Produtos em *-deira*

O operador sufixal *-deira* foi encontrado agregado a 82,25% de bases transitivas e a 16,38% de bases inergativas e 1,37% de bases inacusativas.

Nas bases transitivas, os verbos causativos (*afiar, aguçar, cerzir, cozer, crestar* ‘queimar’, *amolar*) ocupam 19,11% das ocorrências. Seguem-se os verbos performativos (*governar, guardar, escrever, fumar, mamar*) com 11,26% de ocorrências; os ornativos (*enxofrar, gaspear, palmilhar, pregar, salgar, sulfatar*) e os resultativos (*chocar, criar, parir, pôr*) com 7,51% cada; os de desprover de (*descalçar, descascar, desmamar, desnatar, escamar*) com 5,46%; os locativos (*empacotar, encarretar, enfardar, enformar, engarrafar*) com 5,12%; os instrumentais (*malhar, charruar, esmerilar, espadelar*) com 4,78%; os de objecto negativo (*cortar, fender, podar, rachar, roçar* ‘cortar’, *segar*) com 4,44%; os de mover objecto em direcção específica (*achegar, alçar, apear, chegar*) com 2,39%; os de mover através de força (*espichar, estirar, puxar, tirar*) com 2,05%; os de unir (*abotoar, chegar, ajuntar*) com 1,71%; os de cercar (*abraçar, cercar, cingir*), de mover objecto sem alteração espacial (*retorcer, torcer*,

virar), os de percepção (*espreitar, reparar, vasculhar*) e os de prender (*apernar, abraçar, engarrar*) com 1,37% cada; os de carregar/rebocar (*acarretar, arrastar*), os declarativos e actos de fala (*chamar, murmurar*), os de estímulo-sujeito (*moer, lograr*) e os de dividir em (*rabanear, repartir*) com 0,68% cada; os de colocar objecto em configuração espacial (*tender*), os de lançar (*lançar*), os de parar (*estancar*), os de ferir (*carregar*), os de transferência de posse (*revender*), os de contacto (*apalpar*), os de obstar (*travar*) e os de distribuir por (*repartir*) com 0,34% cada.

Nas bases inergativas destacam-se os verbos de emissão de som (*ganir, gritar, grunhir, guinchar*) com 6,14% das ocorrências. As bases com percentagem de ocorrências seguinte são as designadoras de modo de moção (*andar, arruar, engatar, engatinhar*) (4,44%); as performativas (*dormir, rabiscar, almoçar*) (3,07%); as de emissão de substância (*pingar, escarrar, cuspir*) e as declarativas e actos de fala (*rezar, falar*) (1,37% cada).

Nas bases inacusativas, os verbos que designam mover-se em direcção específica (*arribar, descer, subir*) ocupam 1,02% e os de mover-se (*passar*) 0,34%.

2.3.2.9 Produtos em *-deiro*

Com o operador sufixal *-deiro* surgem 67,35% de verbos transitivos, 26,53% de verbos inergativos e 6,12% de verbos inacusativos.

Os verbos transitivos compreendem os seguintes tipos: performativos (*benzer, casar, comer, mandar, namorar*) (14,29%); causativos (*arranjar, assar, cremar, lavar, picar*) (10,20%); mover objecto em direcção específica (*apear, despenhar, esbarrondar*), locativos (*atascar, atolar, pousar*) e resultativos (*fiar, traduzir*) (6,12% cada); carregar/rebocar (*arrastar, trazer*), ornativos (*agasalhar, cevar*), desprover de (*mondar, moscar*), capturar (*ganhar, vindimar*) e instrumentais (*maçar, malhar*) (4,08% cada); objecto negativo (*tragar*) e declarativos e actos de fala (*rezar*) (2,04% cada).

Os verbos inergativos são de tipo: modo de moção (*desfilar, deslizar, resvalar*) (10,20%); emissão de som (*palrar, piar, bramar*) (6,12%); declarativos e actos de fala (*mentir, rezar, palrar*) (6,12%) e emissão de substância (*mijar, transpirar*) (4,08%).

Os verbos inacusativos apresentam-se como de mover-se em direcção específica (*arribar, cair*) (4,08%) e de existência/estado (*parar*) (2,04%).

2.3.2.10 Produtos em *-(t)ória*

Com o sufixo *-(t)ória* observaram-se 82,60% de bases verbais transitivas. As bases inergativas e as inacusativas apresentaram os valores de 8,70% cada uma.

As bases transitivas são declarativas e actos de fala (*dedicar, objurgar, revocar*) (21,74%), de objecto negativo (*eliminar, revocar*) e performativas (*declinar, executar*) (13,04% cada), de pedir (*invocar, rogar*) e de obstar (*declinar, inibir*) (8,70% cada), locativas (*recordar*), de lançar (*jacular*), causativas (*conservar*) e psicológicas (*recordar*) (4,35% cada).

As bases inergativas encontram-se divididas em verbos de modo de moção (*oscilar*) e declarativos e actos de fala (*orar*) com 4,35% cada.

As bases inacusativas são totalmente preenchidas por verbos de mover-se em direcção específica (*declinar, escapar*) (8,70%).

2.3.2.11 Produtos em *-douro*

O sufixo *-douro* apresenta 73,62% de bases transitivas, 14,93% de bases inacusativas e 11,45% de bases inergativas.

Nas bases transitivas observou-se a seguinte distribuição: performativos (*beber, calcar, casar, coçar, comer*) (12,94%); causativos (*enxugar, esfriar, lavar, pejar, puir*) (10,45%); ornativos (*aguar, alagar, atolar, babar, cevar, chumbar*) (8,96%); instrumentais (*amarrar, arar, assucar, cilhar*) (6,97%); mover objecto em direcção específica (*descarregar, desembarcar, despejar*) e de objecto negativo (*fanar, matar, segar*) (5,97% cada); locativos (*abrigar, atracar, embarcar*) (3,98%); desprover de (*desfolhar, esfolar, sangrar*) e mover-se o sujeito (*atravessar, passar, varar*) (2,99% cada); resultativos (*criar, fiar, gerar, germinar*) e de unir (*amarrar, cingir, liar*) (2,49% cada); colocar objecto em configuração espacial (*esborralhar, estender, soborralhar*), prender (*apertar, morder, pear*) e percepção (*achar, empelar, mirar*) (1,49% cada); capturar (*cobrar, pegar*) (1,00%); mover objecto (*tornar*), transferência de posse (*vender*), estímulo-sujeito (*moer*) e experienciador-sujeito (*temer*) (0,50% cada);

Nas bases inacusativas encontraram-se os seguintes tipos: existência/estado (*invernar, parar, pousar, viver, aturar, esperar*) (3,98%); incoativos (*coalhar, esfriar, ferver, secar*) (3,48%); aparecimento (*assomar, calhar, germinar, nascer, surgir*) (2,49%); mover-se em direcção específica (*fundear, sair, subir*) (1,49%); mover-se (*desaguar, escorrer*),

desaparecimento (*morrer, perecer*), resultativos (*desovar, germinar*) (1,00% cada); locativos (*ancorar*) (0,50%).

Nas bases inergativas observaram-se verbos de modo de moção (*correr, escorregar, passear, resvalar*) (4,48%); de emissão de som (*piar, zuir, chiar*) (2,99%); performativos (*dejejuar, dormir, bailar*) (2,49%) e de emissão de substância (*suar, cuspir*) (1,49%).

2.3.2.12 Produtos em *-nte*

O operador sufixal *-nte* foi encontrado anexado a 67,04% de bases transitivas, 17,48% de bases inacusativas e 15,49% de bases inergativas.

Nas bases transitivas registaram-se as seguintes ocorrências: 22,35% de performativos (*manifestar, mercar, ministrar, negociar*); 12,17% de causativos (*corar, descoagular, descolorar, desinfectar, despolarizar, detergir*); 6,64% de declarativos e actos de fala (*anunciar, apelar, arguir, argumentar*); 2,65% de transferência de posse (*conceder, delegar, mutuar, ofertar, outorgar*); 2,21% de percepção (*espreitar, farar, mirar, ouvir*); 1,99% de resultativos (*debuxar, escrever, executar, fabricar*), de pedir (*deprecar, impetrar, implorar, pedir, requerer*) e de ornativos (*lactar, lubrificar, nutrir, recalcificar*) cada; 1,55% de experienciador-sujeito (*amar, crer, descrer*); 1,33% de mover-se o sujeito (*opor-se, rondar, substituir, visitar*), de estímulo-sujeito (*aliciar, azoinar, estimular, excitar*) e de objecto negativo (*devorar, fulminar, imolar, matar*) cada; 1,11% de locativos (*apresentar, depositar, englobar, inventariar*) e de capturar (*filar, pilhar, rapinar, unhar*) cada; 0,88% de mover objecto em direcção específica (*absorver, alienar, aspirar*) e de desprover de (*decapar, descolorar, desodorizar*) cada; 0,66% de lançar (*arremeter, lançar*) e de ferir (*flagelar, pungir*) cada; 0,44% de colocar objecto em configuração espacial (*depositar, subtender*), de instrumentais (*broxar, malhar*), de unir (*casar, colar*), psicológicos (*deliberar, ignorar*), enviar (*despachar, remeter*) e cercar (*abarcar, sitiari*) cada; 0,22% de mover objecto (*traficar, deslocar*), mover através de força (*tirar*), posse (*possuir*), contacto (*tanger*), reunir (*congregar*), obstar (*embargar*) e prender (*morder*) cada.

Nas bases inacusativas os tipos encontrados foram: existência/estado (*circunstar, coabitar, concernir, constar, conviver*) (7,52%); mover-se em direcção específica (*chegar, retroceder, contraemergir, descender, descer*) (4,20%); incoativos (*convalescer, crescer, deliquescer, minguar*) (3,32%); aparecimento (*contraemergir, incidir, nascer*) (0,88%); locativos (*aderir, pôr*), mover-se (*passar, correr*) (0,66% cada); parar (*cessar*) (0,22%).

Nas bases inergativas, observou-se a seguinte distribuição: verbos performativos (*judaizar, militar, moinar, oficiar, pecar*) (9,51%); de modo de moção (*rodopiar, viajar, viandar, cavalgar, navegar, peregrinar*) (3,54%); de emissão de som (*chiar, consoar, estridular, soar, tonar*) (1,11%); declarativos e actos de fala (*depor, falar, maldizer*) (0,66%); de emissão de luz (*brilhar, fulminar*) (0,44%); de emissão de substância (*espumar*) (0,22%).

2.3.2.13 Produtos em *-vel*

Com o operador sufixal *-vel* observaram-se substantivos formados a partir de 83,33% de verbos transitivos e 16,67% de verbos inacusativos. Não se encontrou nenhum substantivo com este sufixo formado a partir de verbos inergativos.

As bases transitivas são de tipo mover objecto em direcção específica, mover objecto, causativos, objecto negativo e de experienciador-sujeito. Todas elas apresentam valores de 16,67% cada.

As bases inacusativas são de tipo incoativo (16,67%).

2.3.2.14 Síntese

Para que seja mais visível o tipo de bases mais representado para cada tipo de deverbal, mostramos agora as quatro classes de bases com mais percentagem em cada operador sufixal.

Para o sufixo *-al*, as bases mais escolhidas são transitivas de colocar objecto em configuração espacial (40,00%). As restantes classes surgem igualmente com 20,00% de ocorrências cada. São elas as transitivas de mover objecto, de prender e as inergativas de modo de moção. Não se encontraram bases inacusativas.

O sufixo *-ão*, na produção de deverbais de indivíduo, prefere bases transitivas performativas (25,00%), seguidas das bases inergativas de emissão de som (14,17%), das bases inergativas performativas (12,50%) e das bases de modo de moção (8,33%). Destacam-se, assim, as bases que focalizam o sujeito. Não se encontraram bases inacusativas.

O sufixo *-deira* foi encontrado sobretudo com bases transitivas causativas (19,11%), transitivas performativas (11,26%), transitivas ornativas (7,51%) e transitivas resultativas (7,51%).

O sufixo *-deiro* mostrou-se juntamente com bases tendencialmente transitivas performativas (14,29%), transitivas causativas (10,20%); inergativas de modo de moção

(10,20%) e inergativas de emissão de som, inergativas declarativas e de actos de fala, transitivas locativas, transitivas de mover objecto em direcção específica e transitivas resultativas de modo equitativo (6,12%).

O sufixo *-dor* surge agregado a bases maioritariamente transitivas performativas (18,75%), transitivas causativas (17,19%), transitivas ornativas (7,20%) e transitivas resultativas (5,82%).

O operador sufixal *-dora* emerge sobretudo com bases transitivas causativas (25,64%), transitivas performativas (15,38%), transitivas instrumentais (12,82%) e transitivas resultativas (10,26%). Destaca-se a ausência de bases inergativas e inacusativas.

Com o sufixo *-doura* surgem verbos maioritariamente transitivos instrumentais (17,65%), seguidos de verbos transitivos de mover através de força, transitivos de mover objecto sem alteração espacial, transitivos causativos e transitivos performativos, igualmente com 11,76% cada. Não se encontraram bases inacusativas.

O sufixo *-douro* foi encontrado agregado a bases preferencialmente transitivas performativas (12,94%), transitivas causativas (10,45%), transitivas ornativas (8,96%) e transitivas instrumentais (6,97%).

O sufixo *-nte* mostra preferência por verbos transitivos performativos (22,35%), transitivos causativos (12,17%), inergativos performativos (9,51%) e inacusativos de existência/estado (7,52%).

O sufixo *-(t)ória* mostra-se com bases maioritariamente transitivas declarativas e actos de fala (21,74%), transitivas performativas e transitivas de objecto negativo (13,04% cada) e transitivas de obstar, transitivas de pedir e inacusativas de mover-se em direcção específica (8,70% cada).

O operador sufixal *-ório* agrega-se a bases preferentemente transitivas performativas (36,36%), transitivas de lançar (27,27%), transitivas causativas (18,18%). O quarto e, neste caso, último lugar é ocupado igualmente por verbos transitivos de percepção e por inergativos performativos (9,09% cada). Não se encontraram bases inacusativas.

Com o sufixo *-tório* acham-se maioritariamente as seguintes bases: transitivas performativas (26,50%), transitivas causativas (13,43%), transitivas declarativas e actos de fala (9,54%) e inergativas de modo de moção (4,59%).

O sufixo *-vel* foi encontrado de modo equitativo com bases inacusativas incoativas, transitivas de mover objecto em direcção específica, transitivas de mover objecto, transitivas causativas, transitivas de objecto negativo e transitivas de experienciador-sujeito com 16,67% de ocorrências cada. Não se encontraram bases inergativas.

2.4 Interpretação dos resultados

A interpretação dos resultados só pode ser levada a cabo no momento de conjugação das características das bases verbais com as características dos operadores sufixais e, logo, na observação da semântica dos produtos deverbais. O facto de a mesma base verbal se encontrar disponível para a formação de diferentes produtos nominais através de diferentes sufixos (e.g. *lavagem, lavação, lavamento, lavadura*) mostra que não é a análise por si só das bases verbais que deixa perceber as peculiaridades de funcionamento de cada operador sufixal. Isto significa que, se para cada base verbal existisse apenas uma só possibilidade de escolha de operador sufixal, a observação das bases distribuídas por sufixos seria suficiente para concluir sobre o contributo das bases em cada produto ou o motivo de opção de cada operador por tipo de base.

Ora, o que observamos é que, salvo determinados operadores sufixais, que apresentam clara tendência para bases com um determinado conjunto de características, como *-ncia* e *-al*, a maioria dos operadores sufixais não apresenta tanta transparência ao nível das características das bases a que se agregam. Este motivo pode dever-se, em alguns casos, ao facto de essas características se situarem em níveis não directos de observação. Elas só são observáveis no próprio produto deverbal que contém o sufixo e a base em jogo e, muitas vezes, como veremos, quando em confronto com outros deverbais construídos a partir da mesma base. É este o caso de *congelamento* e *congelação*.

Queremos pois afirmar que, apesar de se deslindarem tendências de opção nesta análise, os motivos de que essas tendências decorrem só serão entendidos através da visibilidade semântica dos produtos (caps. VI, VII e VIII). É nestes que se constata a ligação entre classes verbais que, sem essa confrontação, permanecem invisíveis.

Do mesmo modo se saldará a eventual inocuidade em que a referência a traços quantitativos eventivos construída neste capítulo se poderá ter transformado. Neste caso, não se fez um tratamento quantitativo destes dados eventivos devido ao facto de, na maioria dos casos de distribuição base/sufixo, não se mostrarem, por si só, relevantes. O que acontece é que o

operador sufixal pode não só acentuar, mas adaptar esses traços eventivos da base, o que, mais uma vez, só será observável através da confrontação da base, do sufixo e do resultado final que é o produto.

3. Síntese

Neste capítulo procedeu-se à análise semântico-lexical das bases verbais que dão origem aos substantivos sob escopo neste trabalho. Para tal, teceram-se considerações acerca das necessidades que moveram a opção por determinados quadros teóricos e classificatórios dessa análise. A inventariação das classes léxico-semânticas verbais é relevante para o nosso trabalho sob dois aspectos:

i) só através da sua observação é possível determinar que componentes da estrutura léxico-conceitual de cada verbo é que vão servir de matéria para a coindexação genolexical;

ii) a classificação léxico-semântica das bases permite compreender se existem preferências por cada afixo em relação a determinadas classes.

Essa análise desdobra-se em tipos semânticos verbais e em traços eventivos. Para a construção dos tipos semânticos concorreram as propostas de Plag (1999), Levin & Rappaport Hovav (1994; 1995) e Levin (1993). A opção por estas abordagens fundamentou-se na perspectiva léxico-conceitualista por elas seguida, bem como na sua adequação à construção de classes semânticas com enformação sintáctica. Os traços eventivos que apresentamos tomam como ponto de partida a proposta de Lieber (2004). A delimitação quer dos tipos semânticos, quer dos traços eventivos fez-se em conciliação com os dados provenientes da análise das bases verbais que constituem o nosso *corpus*.

Num segundo momento, fez-se o tratamento quantitativo da distribuição das classes léxico-semânticas verbais por cada operador sufixal.

A pertinência da inventariação das classes semânticas e dos traços eventivos apresentados tornar-se-á saliente quando estes materiais das bases forem alvo de confronto com os materiais semânticos provenientes dos afixos operadores. Esse confronto será objecto de estudo nos capítulos que se seguem.

Capítulo V

Semântica dos produtos

0. Introdução

A divisão por que optámos relativamente às designações dos produtos deverbais sufixados – deverbais de evento e deverbais de indivíduo – deverá ser entendida como um resultado da necessidade de descrever dois funcionamentos prototípicos dos objectos lexicais em apreço. O carácter prototípico desses dois grupos de deverbais constitui-se como um argumento a favor da utilização dessas designações que, em termos reais, não descrevem a totalidade dos semantismos nem de um, nem de outro grupo. De facto, a divisão operada entre deverbais designadores de evento e deverbais designadores de indivíduo segue tendências semânticas dos dois tipos de deverbais e não pode ser entendida como respeitante à totalidade dos semantismos dos produtos em causa.

De facto, dentro dos deverbais de evento encontram-se, por um lado, lexemas cujo semantismo de evento se afasta de um funcionamento típico deste e, por outro, lexemas que ostentam significações de indivíduo. Por sua vez, dentro dos deverbais de indivíduo, encontram-se semantismos de evento que mais facilmente deslocariam esse verbal para o grupo dos deverbais de evento e não para os de indivíduo.

No primeiro caso, encontram-se significações de ‘estado’ de lexemas como *abundância*. Casos mais extremos são exemplificados por *matadura* que, na significação de ‘ferida’, ao contrário de *abundância*, não apresenta possibilidade de estrutura argumental nem eventiva. Uma segunda situação, dentro dos deverbais integrados no grupo dos deverbais de evento, é representada por, por exemplo, *agência*, que significa ‘local’ e não ‘evento’, ou *administração*, que, a par do semantismo de ‘acção’, ostenta o de ‘causa colectiva’.

No caso dos deverbais de indivíduo, a existência de semantismos de acção em produtos como *tremedouro*, *passeadouro*, que não apresentam nenhum significado de indivíduo, ou em *choradeira*, *carpideira*, *murmuradeira*, que acumulam o significado de ‘acção’ com o de indivíduo ‘causa’, mostra que não existe uma linha divisória absoluta entre os dois campos semânticos relativamente aos operadores sufixais.

Conforme explicitado no § 1.4 do cap. II, o cruzamento de significações de diferente índole nos diferentes deverbais não constitui em si mesmo motivo para a

estipulação de formas homónimas provenientes da acção geradora de diferentes RFPs. Para além da disponibilidade de uma explicação polissémica, o modelo de interfaces defendido permite reduzir ao mínimo o número de RFPs actuantes em cada língua, bem como a homonimização desnecessária de operadores sufixais. Evita-se assim a proliferação demasiado onerosa para o sistema de objectos lexicais cuja homogeneidade de polissemias é explicável e salientável de modo satisfatório pelo modelo proposto.

Remetemos, assim, para o cap. II para a argumentação a favor da solução que opta por explicar polissemicamente estes fenómenos de multiplicação de semantismos de diferentes tipos. Nesta breve referência pretendemos apenas dilucidar que o uso das designações de *deverbais de evento* e de *deverbais de indivíduo* segue apenas a necessidade de apresentar de um modo sistemático dados de funcionamento dos produtos de um e de outro tipo de sufixos.

As duas designações servem pois um propósito metodológico de sistematização dos objectos e não deverão ser encaradas como absolutamente coincidentes com a totalidade de todos os semantismos sob escopo. A falibilidade do seu uso só decorrerá de uma utilização demasiado poderosa de extensão do conteúdo das designações para a totalidade dos semantismos dos produtos. É necessário ter em atenção que, para além dos semantismos prototípicos de cada um dos operadores sufixais, existem outros semantismos comparecentes nos seus produtos que resultam ou da aplicação sistemática de projecções do traço semântico do sufixo em conexão com determinados traços dos verbos base, ou de coindexações casuais não sistematizáveis e, por isso, dificilmente integráveis em RFPs paralelas. Só assim se compreende que é possível manter as designações em foco sem prejuízo para a compreensão semântica detalhada dos produtos.

Da mesma forma relativa deverão ser entendidas designações de semantismos que reúnem comportamentos heterogéneos. Assim, a designação do semantismo de ‘acção’, por exemplo, é por nós utilizada para fazer referência a tipos não absolutamente homogéneos de semantismos. Na análise semântica dos produtos que efectuámos, há dois objectivos movidos por forças contrárias. Por um lado, procuramos dar conta das particularidades que cada produto exhibe. Por outro lado, é necessário de igual forma destacar as vertentes semânticas conglobadoras de dimensões sémicas equiparáveis entre os diferentes produtos. Por conseguinte, nas circunstâncias visadoras deste segundo objectivo, utilizam-se essas

designações genéricas, de forma a vincar o funcionamento em constelação dos semantismos dos itens lexicais em apreço.

Queremos com isto afirmar que existem diferentes tipos de semantismo de acção, decorrentes das particularidades dos traços semânticos do sufixo em jogo, bem como da conciliação destes com os traços de cada tipo de verbo. Essas particularidades, que aqui mostraremos, funcionarão hiponimicamente em relação a hiperónimos como ‘acção’. O objectivo máximo do nosso trabalho prende-se com a descrição e explicação das peculiaridades dos produtos de cada operador sufixal. Contudo, a hipótese das interfaces permite uma abordagem conciliatória entre a visão hiperonímica e a hiponímica, pelo que se utilizará a primeira sempre que necessário.

Neste capítulo, visaremos a descrição e a explicação dos semantismos dos produtos deverbais sufixados a partir dos conceitos de coindexação e de projecção, explicitados nos §§ 2 e 3 do cap. II. Dado que o suporte teórico por que nos regemos se encontra já dilucidado, neste capítulo explicitaremos os componentes semânticos encontrados na análise dos deverbais enquanto produtos da interacção de bases e operadores sufixais. Tendo partido de dois grupos de deverbais semanticamente delimitados – os deverbais de evento e os deverbais de indivíduo -, constitui-se nosso objectivo compreender as relações de selecção entre as bases verbais e os operadores sufixais.

Um dos princípios orientadores desse objectivo é sustentado pela constatação empírica de que, se existem constrangimentos não apenas formais mas também semânticos à selecção de bases pelos operadores sufixais, então certamente que existem peculiaridades semânticas em cada operador sufixal que os impede de funcionarem como meros transformadores morfo-sintácticos da categoria verbo na categoria nome. Ou seja, se os operadores sufixais que dão origem a deverbais de evento não tivessem cargas semânticas particulares, então as restrições entre os operadores e as suas bases seriam somente accionadas por motivações formais e não semânticas. Isto teria como consequência uma total uniformidade semântica entre os produtos de evento produzidos com qualquer operador sufixal a partir do mesmo tipo de verbos.

Exemplificando, se observarmos os deverbais de evento produzidos a partir do verbo *moer*, como *moedura*, *moagem*, *moição*, *moimento* e *moidela*, ou do verbo *travar*, como *travamento*, *travação*, *travagem* e *travadura*, ou ainda do verbo *serrar*, como *serradura*, *serração*, *serramento*, *serradela* ou *serraria*, dificilmente um olhar atento

permite a colocação dos produtos de cada verbo sob a mesma perífrase semântica. Não fazemos somente referência às disparidades de semantismo encontradas, por exemplo, entre *serradura* ‘serrim’ e *serração* ‘local’, mas sobretudo ao próprio carácter de ‘acção’ que cada um encerra. Os matizes semânticos entre os semantismos de evento dos produtos de cada verbo, ainda que muitas vezes destacáveis apenas em co-texto, são devedores das particularidades semânticas do operador sufixal. Da mesma forma, em muitos casos, os semantismos não-eventivos dos mesmos produtos, como é o caso do semantismo de ‘serrim’ presente em *serradura*, são reflexo dessas particularidades semânticas dos operadores sufixais.

Constituem-se, pois, como objectivos deste capítulo

- 1) discernir os semantismos de cada um dos operadores sufixais;
- 2) discernir os semantismos de cada um dos produtos deverbais na relação entre classe de verbo e operador sufixal. Porque lidando com morfemas presos, a carga semântica dos operadores sufixais é apenas visível na integração destes em produtos lexicais e na oposição destes entre si. Significa isto que a estipulação quer de 1 quer de 2 foi realizada através do auxílio da análise de ocorrências co-textuais dos vários produtos;
- 3) compreender os processos de formação de cada semantismo dos produtos;
- 4) explicar o aparelho formal desenvolvido de modo a suportar 3.

Possuindo como suporte teórico as noções de projecção e de coindexação já analisadas, bem como a visão semântica defendida por Jackendoff (2002) e por Pustejovsky (1991 e 1995), neste capítulo trataremos em primeiro lugar de explicitar os traços semânticos e o modelo formal que utilizaremos para descrever os semantismos dos produtos localizados ao nível dos sufixos e no produto final. Os traços semânticos das bases verbais foram já alvo de análise no cap.IV. Como tal, só serão aqui explicitados aqueles traços que não são exclusivos das bases, mas que podem ser partilhados por bases e sufixos, bem como aqueles emergentes nos produtos lexicais.

Numa segunda fase, trataremos da demonstração da conciliação entre traços na produção dos semantismos dos deverbais. Nessa fase, daremos conta dos tipos de semantismos ocorrentes em cada um dos produtos deverbais na relação entre operador sufixal e base verbal, bem como do modo de produção de cada um deles.

Havendo já delineado os conceitos de projecção e de coindexação, é necessário determinar os formalismos adequados à sua descrição.

1.O aparelho formal

1.1 Princípios orientadores da sua construção

As concepções de semântica defendidas por Jackendoff (2002) e por Pustejovsky (1991; 1995) e por nós adoptadas permitem compreender a existência de traços semânticos decomponíveis em traços mais ínfimos que se encontram organizados entre si de uma forma dinâmica, infinita e não estática nem limitada. Queremos com isto dizer que defendemos que a construção dos semantismos dos produtos lexicais decorre da activação de interfaces entre pontos semânticos, que são os traços. Estes traços, por sua vez, resultam eles próprios de activações de interfaces entre pontos semânticos e assim *ad infinitum*.

Salienta-se com esta afirmação o carácter não primitivo, no sentido de último, dos traços aqui apresentados. Os traços são tidos como eles mesmos decomponíveis e não como últimas unidades a que a decomposicionalidade chega. Não são, assim, primitivos semânticos.¹ Eles próprios resultam de constelações de interface que podem encontrar-se ou não activadas. O facto de muitas vezes haver dificuldade na designação dos traços retrata justamente o carácter dinâmico dessas constelações. Se se tratasse de uma constelação fixa no léxico mental, certamente seria imediata a sua designação. Por outro lado, o facto de estarmos a lidar com componentes semânticos constelados e não fixos conduz a essa mesma dificuldade aumentada pelo carácter não-linguístico de parte da componente semântica, como observado em § 1.1 do cap. I a propósito do modelo teórico oferecido por Jackendoff (2002).

Como tal, os rótulos que aqui apresentamos para os traços deverão ser entendidos como meros rótulos, pela necessidade de nomeação do objecto a analisar, e não como o conteúdo em si mesmo. Os rótulos utilizados sofrem dos mesmos inconvenientes apontados para os rótulos que utilizamos na descrição semântica das bases verbais. O uso de perífrases não deve ser entendido como sinonimização de um traço decomponível, assim como o uso de apenas uma unidade lexical para um rótulo não deve ser entendido como sinónimo de

¹Observe-se a concepção de Pustejovsky (1991: 37-38): «We present a conservative approach to decomposition, where lexical items are minimally decomposed into structured forms (or templates) rather than sets of features.». Contudo, «What we would like to do is to propose a new way of viewing primitives, looking more at the generative or *compositional* aspects of lexical semantics, rather than the decomposition of words into a specified number of primitives.». Por último, «We would like to suggest that lexical (and conceptual) decomposition is possible if it is performed *generatively*. Rather than assuming a fixed set of *primitives*, let us assume a fixed number of *generative devices* that can be seen as constructing semantic expressions.».

traço não-decomponível. Todos os traços são decomponíveis. O que é variável é a nossa capacidade de nomeação para cada um dos traços.

Neste sentido, é difícil perceber se um rótulo perfeito seria de carácter perifrástico, de modo a explicitar a decomposicionalidade do traço em causa, se de carácter monolexical, de modo a deixar explícito que se trata de *um* traço, ou seja de *uma* constelação e não de uma série de componentes semânticos não-constelados. Neste caso, o rótulo só seria perfeito se a sua decomposicionalidade semântica fosse perfeitamente coincidente com a decomposicionalidade do traço assim nomeado. Ora, essa simetria é teoricamente impossível devido ao próprio carácter infinito e dinâmico da composicionalidade semântica.

Para a construção dos semantismos dos produtos lexicais concebemos que existem diferentes níveis ou diferentes fontes para os traços a conglumar.

Em primeiro lugar, é necessário ter em conta que determinados traços semânticos têm origem no operador sufixal, outros na base verbal e que a própria base verbal é constituída semanticamente por diferentes níveis. O que determinamos através da análise dos produtos e sua relação com bases e sufixos é que os traços provenientes da base verbal não decorrem sempre do mesmo nível semântico. Assim, é igualmente necessário discernir as diferentes origens destas.

Por outro lado, constatou-se que em alguns casos os traços encontrados nos produtos não decorrem nem do operador sufixal, nem do verbo base, nem da RFP em jogo. Nestas situações, é necessário estipular uma fonte extra para esses traços. O carácter dessa fonte extra é objecto de um tratamento que permite conciliar linguisticamente a sua existência, não sendo necessário recorrer a explicações extralinguísticas para a sua ocorrência, como veremos. É da coindexação e, em determinadas situações, da projecção de traços que resulta a produção dos vários resultados semânticos dos produtos.

Contudo, estipular a coindexação e a projecção como fenómenos responsáveis pelo semantismo do produto só obterá cabal poder explicativo se nos socorrermos de instrumentos formais que permitam descrever rigorosamente o modo como se processam esses fenómenos em cada um dos produtos deverbais, no momento de análise dos semantismos disponibilizados por cada produto particular.

Por exemplo, a conceptualização de coindexação permite-nos perceber que para a obtenção do semantismo de evento do lexema *administração* se deu a coindexação entre o traço definido como prototípico do sufixo *-ção* que, como veremos, é o traço de

[efectuação] e o traço [télico] do verbo. A coindexação destes dois traços permite a obtenção de um valor de evento cuja particularidade em relação a outros valores de evento presentes em deverbais com outros sufixos se encontra no carácter de efectuação do evento enunciado pelo verbo.

No momento de especificar quais os semantismos disponibilizados por cada produto, é necessário um aparelho formal que deixe perceber o modo como cada semantismo foi construído, ou seja, é necessário estabelecer quais os traços activados, bem como as fontes desses traços. De outro modo, se tivermos descrito teoricamente o fenómeno de coindexação e se, no momento de estabelecer os significados de cada produto, apenas nos limitarmos a construir uma listagem desses significados sem aplicarmos o conceito teórico da coindexação, então haverá um total desligamento entre o suporte teórico escolhido e a sua aplicação à análise do objecto. Como tal, a formalização do fenómeno da coindexação é exigida na análise dos dados de modo a obter cabal aproveitamento da riqueza e do potencial que esta explicação teórica disponibiliza. A estipulação dos semantismos deverá formalmente explicitar o modo como se procedeu à coindexação.

Para tal, conforme visível nos anexos X e Y, procurámos desenvolver um formalismo que obedecesse aos seguintes princípios:

1) uniformidade: que fosse suficientemente genérico para poder descrever qualquer produto lexical. Num primeiro momento, a necessidade prendia-se com a genericidade aplicada aos produtos deverbais sufixados. Ou seja, era necessário estipular um conjunto de princípios e de formalismos aplicáveis a qualquer objecto sob escopo neste trabalho. Assim, era necessário que os formalismos tivessem aplicação quer a deverbais de evento, quer a deverbais de indivíduo. Aparentemente, não há problemas que resultem deste princípio.

Contudo, como veremos, o facto de existirem deverbais de indivíduo com semantismos de evento e deverbais de evento com semantismos de indivíduo não permite formalizar da mesma maneira semantismos que numa esfera são genéricos daquele mecanismo genolexical, enquanto na outra esfera são secundários. Foi necessário desenvolver formalismos capazes de, em simultâneo, destacar a homogeneidade de significação entre, por exemplo, a significação agentiva de *administração* e a de *contador* e a heterogeneidade de formação das mesmas, visto tratar-se de um valor secundário no primeiro lexema e básico no segundo. Embora apenas tenhamos atestado a capacidade de aplicação destes formalismos aos deverbais em apreço, em princípio ela deverá estender-se a qualquer produto lexical.

2) especificidade: que fosse suficientemente específico para permitir dilucidar quer tipos de significação, quer os diferentes modos de construção desses tipos; em suma, que permitisse gerar qualquer significação, básica ou secundária, de qualquer deverbal.

Guiando-nos por estes dois princípios gerais, desenvolvemos um aparelho formal que, como qualquer outro, deverá ser entendido como aparelho formal e não como conteúdo. Com isto queremos significar que os formalismos apresentados não são em si mesmos pretensos constituintes do léxico mental, mas meras representações formais do modo como os constituintes do léxico mental se encontram organizados entre si para construírem semantismos de produtos lexicais.

Esses formalismos, que apresentamos estruturados em tabelas (anexos X e Y) para mais fácil leitura da correlação entre traços e semantismos, partem da estipulação de traços semânticos que, de acordo com o índice mostrado, se situam no produto, na fonte verbal, na fonte sufixal, na fonte extra ou ainda na fonte produto, tendo em conta que existem semantismos que são construídos a partir de componentes de outros semantismos do mesmo produto.

O aparelho formal construído resume-se em seguida.

1.2 Constituição do aparelho formal

Parte-se de uma tabela cujas colunas contêm os traços em jogo na construção dos deverbais (cf. anexos X e Y). As colunas do lado direito representam traços tendencialmente relacionados com semantismos localizados na estrutura eventiva da fonte verbal. Segue-se o traço localizado na fonte sufixal. Nas colunas da esquerda representam-se traços que podem situar-se na estrutura léxico-conceptual da fonte verbal ou na fonte extra.

Essa fonte extra é definida como um campo semântico reflectido num semantismo do produto deverbal não presente nem nas estruturas eventiva nem léxico-conceptual da fonte verbo, nem na fonte sufixal. Por ser igualmente alheia ao semantismo genérico da RFP em jogo, é necessário estipular que esse traço encontrado no produto, mas alienado das fontes morfológicas dos produtos, provém de uma fonte semântica ‘extra’, no sentido de não estar presente nem no verbo base, nem no sufixo. Falamos, por exemplo, de significações de ‘local’ de deverbais como *serração*. O sufixo *-ção* não carrega o traço locativo, que também não é inerente à estrutura léxico-conceptual do verbo *serrar*.

Uma visão Cognitiva do fenómeno recorreria à intromissão de dados extralinguísticos para explicar a ocorrência deste semantismo locativo. Pelo contrário, a perspectiva que nós apresentamos neste trabalho permite equacionar o carácter ‘extra’ da fonte sem o alienar da própria linguagem. Queremos com isto defender que não é necessário recorrer ao mundo exterior para explicar a produção do semantismo locativo em *serração*. Tal explicação entraria em conflito, porque inconsistentemente suportada, com a perspectiva conceptual que adoptamos da abordagem de Jackendoff (2002).² Não é necessário recorrer ao mundo exterior para entender este significado, na medida em que a semântica de ‘locativo’ se encontra estruturada dentro da esfera linguística. A fonte extra por nós defendida refere-se a um domínio semântico, logo, mental e não a um domínio do mundo exterior. O carácter ‘externo’ da fonte é definido em relação aos valores do sufixo e do verbo em causa e não em relação às fronteiras entre a conceptualização e o mundo exterior.

² Essa perspectiva conceptual advoga que está a cargo da mente-f a mediação entre a linguagem e o mundo. Inclusivamente tipos de objectos que partem de algum teor de concretude são apontados por Jackendoff (2002: 300-303) como dificilmente integráveis nos parâmetros dos objectos concretos existentes sem a acção da mente humana. Exemplos como caracteres de ficção (e.g. «Sherlock Holmes»), objectos geográficos (e.g. «the Mississippi River»; «the distance between New York and Boston»), objectos visuais (e.g. quadrados imaginados a partir de quatro pontos reais que formam os vértices), entidades sociais (e.g. «the value of my watch»; «Morris Halle’s Ph.D. degree», «your reputation»), objectos percebidos auditivamente («Mahler’s Second Symphony»; «the words *banana* and *despite*») e finalmente o conjunto de elementos como «the set of all possible worlds» e «the best of all possible worlds». Estes exemplos mostram que localizá-los exclusivamente no mundo exterior não permite explicar o seu verdadeiro estatuto de objectos dependentes da construção mental humana. Para resolver o problema de como é que a linguagem, localizada na mente-f, pode fazer referência a objectos não totalmente concretos, ou seja, não totalmente apreensíveis sensorialmente, Jackendoff (2002: 303) propõe que se conceba uma realocação do mundo para dentro da mente-f. O mundo “exterior” perde o carácter de exclusivamente “exterior” e adquire um teor mental. O facto de o objecto existir ou não no mundo exterior não é nem condição necessária nem condição suficiente para que se dê a referenciação. O que é necessário é que haja conceptualização do objecto. Recorde-se que Jackendoff concebe autonomia entre as estruturas linguísticas e as estruturas conceptuais. Não se trata, pois, de haver conceptualização pela linguagem, mas sim pela mente-f, onde também a linguagem se situa, embora de forma autónoma. (O mesmo tipo de visão surge em Chomsky (2000 b: 37).) O único ponto de contacto entre os conceitos e o mundo exterior é realizado por interfaces com a percepção e a acção, ambas igualmente situadas dentro da mente-f, que, por sua vez, mantêm relação com os objectos do mundo exterior (Jackendoff 1992: 160-161 e 2002: 305, fig. 10.5).

Posição oposta é a de Frege. Tendo concebido a diferença entre ‘referente’, ‘ideia’ e ‘sentido’, através do conhecido exemplo da imagem da Lua no telescópio e na retina, Frege (1892: 62) toma a referenciação como intrinsecamente dependente do real: «The sentence ‘Odysseus was set ashore at Ithaca while sound asleep’ obviously has a sense. But since it is doubtful whether the name ‘Odysseus’, occurring therein, has reference, it is also doubtful whether the whole sentence has one.». Para posições realistas fundadas em Frege, vejam-se e.g. Lewis (1972) e Katz (1981).

A perspectiva conceptualista que Jackendoff oferece não é equivalente à hipótese de Sapir-Whorf. Nesta, a própria linguagem modela o mundo, ou seja, o modo como apreendemos o mundo; enquanto no modelo conceptualista de Jackendoff não é à linguagem que cabe o papel de moldagem do mundo, mas às estruturas conceptuais. Cf. e.g. Whorf (1956).

Equacionar a fonte extra como componente linguístico é suportado por modelos como aquele desenvolvido por Pustejovsky (1995), em que o A. concebe a existência de uma estrutura de qualia para cada unidade do léxico, onde se integram informações atinentes a dimensões não integradas no léxico pela semântica lexical formal (Pustejovsky 1995: 76). Essas dimensões mostram, por exemplo, dados como aqueles ilustrados em (Pustejovsky 1995: 76) «[the relation between an object and its constituent parts [...]]; «[...]its purpose and function[...]»; «[...] factors involved in its origin or “bringing it about”[...]»; etc.

A fonte extra que neste trabalho equacionamos não é, no entanto, entendida como correspondente à estrutura de qualia. Isto porque o componente de fonte extra não apresenta limites interiores à base verbal em questão.³ Esse componente localiza-se antes em domínios semânticos exteriores a essa base verbal. Em todo o caso, a visão de que dados semânticos aparentemente assistemáticos são enquadráveis em estruturas permite conceber que o domínio semântico é entendível como um todo orgânico de carácter mental. Como tal, não é necessário recorrer a explicações de carácter referencial ou mesmo Cognitivo para fazer introduzir noções de ‘locativo’, por exemplo, na geração de deverbais.

A concepção da fonte extra baseia-se na visão de que existem interfaces activadas dentro do próprio domínio semântico. Assim, não é necessário que um componente chamado a intervir na geração de um lexema esteja previamente inserido numa das estruturas semânticas do item derivante ou no operador afixal. Na verdade, o componente pode advir de outro domínio, que pode inclusivamente não corresponder a uma formatação lexical, mas somente semântica. Ao provir de outro domínio que não aquele que diz respeito ao item lexical em causa enquanto derivante, o componente de fonte extra não é coincidente com um componente da estrutura de qualia desse item.

A pertinência para se conceber uma fonte extra, para além das situações de significação aqui apontadas que lidam com valores não presentes nem na fonte base nem na

³ A estrutura de qualia é concebida por Pustejovsky (1995: 76-81) «[...] as that set of properties or events associated with a lexical item which best explain what that word means. For example, in order to understand what nouns such as *cookie* and *beer* mean, we recognize that they are a foodstuff and a beverage, respectively. [...] the noun *foodstuff* denotes by making functional reference to what we *do with* something, i. e., how we use it. In this case, the term is defined in part by the fact that food is something one eats, for a specific purpose, and so on.». Assim, a estrutura de qualia refere-se a traços semânticos que são internos ao significado de um item. Esses traços, de acordo com Pustejovsky, podem explicar a construção de novos semantismos, estando assim na base de formação semântica. Contudo, a estrutura de qualia, pelo menos como definida por Pustejovsky (1995), não explica a formação lexical. Nesse sentido, propomos a noção de “fonte extra” entendida como externa a um dado lexema e mediando pelo menos dois lexemas, numa relação genolexical.

fonte sufixal, adquire especial relevo na compreensão da formação de deverbais não-afixados. Devido à inexistência de um operador sufixal responsável pelas cargas semânticas, que nestes substantivos são justamente de variação acentuada, a hipótese da fonte extra permite uma explicação sistémica e mental do fenómeno, sem haver necessidade de recorrer a uma ligação com o mundo exterior, dificilmente concebível como directa, conforme demonstrado por Jackendoff (2002: cap.10).

Regressando à descrição da tabela utilizada para formalizar os semantismos dos deverbais (anexos X e Y), nas linhas encontram-se os produtos e os verbos. Estes são apresentados em conjuntos de acordo com as classes léxico-semânticas verbais apresentadas no capítulo IV. Esta disposição dos produtos e das suas bases verbais deve-se à hipótese de existirem condicionantes que partem das estruturas próprias de determinadas classes léxico-semânticas verbais na produção de alguns semantismos dos produtos. Os resultados da análise mostrarão se esta hipótese é ou não validada.

É da conciliação entre diversos traços das diferentes fontes que se obtêm os diversos semantismos dos produtos. Dado que os traços, localizados nas colunas mais à esquerda, retratam componentes da estrutura eventiva da fonte verbal ou ainda da fonte sufixal, pois defendemos, com base na observação do *corpus*, que os sufixos contêm carga de moldagem eventiva, deduz-se facilmente que o preenchimento das células respeitantes a esses traços dizem respeito a significações de ‘evento’ e não de ‘indivíduo’.

No que diz respeito aos traços, localizados mais à direita, relativos quer a componentes da estrutura léxico-conceptual do verbo inserido em linha quer a componentes da fonte extra, estes dimensionam sobretudo componentes concretos delimitados espacialmente. Neste caso, estes traços originam significações de indivíduo.

Os traços de fonte verbo e de fonte extra encontram-se repetidos para cada conjunto de produtos de cada operador sufixal, inclusivamente quando alguns traços não são usados em determinados produtos. Os traços definidos para a fonte sufixal são apenas colocados quando presentes naquele conjunto de produtos daquele sufixo. Ou seja, para cada conjunto de produtos de cada operador sufixal só é apresentado o traço da fonte sufixal presente naquele sufixo e não todos os traços sufixais.

Aparentemente pode existir contradição nestas opções, por não optarmos por uma solução uniforme respeitante a todo o tipo de traços. Justificamos esta solução pela necessidade de, por um lado, prover o quadro formal de carácter económico e, por outro, de

providenciar uma mais fácil comparação entre os diversos produtos. Neste último sentido, colocam-se todos os traços das fontes verbal e extra. Para facilitar a leitura, deixam-se em branco as células preenchíveis negativamente e marcam-se somente as que representam contribuição para a formulação semântica do produto.

2. Os traços

Os traços apontados para a descrição quer do contributo semântico das diferentes fontes, quer do resultado semântico do produto foram obtidos através de um processo de comparação semântica entre os diversos produtos. Os traços são construídos *a posteriori* e não *a priori* da análise dos objectos. Trata-se de um método já por nós discutido relativamente às estruturas léxico-semânticas das bases verbais (cap. IV) e que aqui reiteramos para mostrar a sua continuidade relativamente a qualquer análise semântica dos deverbais e de suas fontes.

Ainda que a delimitação dos parâmetros teóricos por que se rege este trabalho o tenha já dilucidado, reiteramos que a concepção de ‘traço’ que aqui aplicamos não parte da visão estruturalista que concebe traços como primitivos absolutos, cuja conjugação em termos de ausência/presença os provê, aristotelicamente, de carácter necessário e suficiente na determinação de uma significação. A concepção que possuímos da formatação semântica dos produtos lexicais, em particular, e do léxico, em geral, não reflecte a visão ‘trácica’, para usar um termo usado ironicamente por Weinrich (1979: 328). Reflecte antes uma visão conceptualista, especificada num molde de interfaces dinâmicas entre objectos semânticos decomponíveis e recombinaíveis *ad infinitum* que, apenas por comodidade, continuamos a designar por ‘traços’.

Como também referido a propósito das estruturas semânticas das bases, a identificação e a delimitação destes traços são, muitas vezes, dificultadas pela escassez de informação lexicográfica e de fontes co-textuais, através das quais se possam dilucidar as por vezes muito ténues diversidades semânticas entre os produtos de cada operador sufixal. A utilização de conhecimento implícito por parte de falantes é escassa neste trabalho. Entre outros motivos que levaram à não utilização sistemática de informações dedutíveis a partir de falantes destacamos a necessidade de desenvolvimento de metodologias e de suportes imprescindíveis à obtenção de resultados rigorosos, por nossa parte, que sairiam em demasia fora do escopo deste trabalho.

Os traços referentes à estrutura eventiva constantes nas tabelas (anexos X e Y) de análise de todos os produtos são os seguintes:

- [pontual]
- [durativo]
- [composto de indivíduos]
- [composto de operações diferentes]
- [ponto de partida]
- [ponto de chegada]
- [téllico]
- [perfeito]

A apresentação destes traços foi já levada a cabo no § 1.3 do cap. IV a propósito das estruturas semânticas das bases verbais.

Saliente-se, no entanto, que alguns destes traços, nomeadamente o traço de [composto de indivíduos] e de [composto de operações diferentes], podem igualmente emergir de fonte sufixal e não apenas de fonte verbal.

Os traços que dizem respeito a fonte sufixal e que constam apenas nas tabelas dos produtos dos sufixos que os contêm são os seguintes em relação aos produtos de evento:

- para o sufixo *-agem*, o traço [composto de operações diferentes];
- para o sufixo *-ão*, os traços [súbito] e [intenso];
- para o sufixo *-aria*, o traço [composto de indivíduos];
- para o sufixo *-ção*, o traço [efectuação];
- para o sufixo *-dura*, o traço [referenciação];
- para o sufixo *-mento*, o traço [processo];
- para o sufixo *-nça*, o traço [constância];
- para o sufixo *-ncia*, o traço [estado/capacidade/característica/aptidão/qualidade intrínseca];
- para o sufixo *-nço*, o traço [intenso].

Em relação aos produtos de indivíduos, os traços sufixais são os seguintes:

- para o sufixo *-ão*, o traço [intenso];
- para os sufixos *-deira* e *-deiro*, o traço [que tem a funcionalidade de];
- para os sufixos *-dor* e *-dora*, o traço [que tem a função de];
- para os sufixos *-douro* e *-doura*, o traço [propício a /próprio para];

- para o sufixo *-nte*, o traço [que tem a propriedade de];
- para os sufixos *-ória*, *-ório*, *-tória*, *-tório*, o traço [relativo a /próprio de];
- para o sufixo *-vel*, o traço [possível];
- para o sufixo *-al* [relativo a/próprio de].

2.1 Os traços de fonte sufixal

A obtenção dos traços de fonte sufixal fez-se através de uma análise contrastiva entre produtos gerados a partir da mesma base com afixos distintos, mas também através da observação dos constrangimentos e das preferências de selecção de ordem semântica que os afixos demonstram em relação às bases e de semantismos particulares dos produtos de cada sufixo.

Assim, os matizes semânticos especificados nos traços de cada sufixo revelam-se sobretudo a um nível a que se acede indirectamente. Não se trata propriamente de traços que sejam coincidentes literalmente com o semantismo do produto. Deste modo, para a significação de evento dos produtos em *-ção* concorre, entre outros traços provenientes da base, o traço [efectuação], proveniente do sufixo. [Efectuação] reflecte-se indirectamente no semantismo do produto através sobretudo das escolhas que o afixo faz das bases, bem como de matizes de contraste do produto discerníveis em co-texto.⁴

Descreveremos os traços dos sufixos de evento em primeiro lugar.

- traço [composto de operações diferentes]. Trata-se do traço que propomos para o preenchimento semântico do sufixo *-agem*. Por ser um traço que pode também possuir como fonte a estrutura eventiva dos verbos, não repetiremos aqui tudo o que referimos a seu respeito no § 1.3 do cap. IV. Limitamo-nos a evidenciar que a sua presença providencia uma leitura de ‘conjunto de indivíduos diferentes’. Quando utilizamos neste co-texto a designação de ‘indivíduo’, fazemo-lo atribuindo-lhe um carácter lato. ‘Indivíduo’ designa para este traço, assim como para o traço [composto por indivíduos], qualquer unidade assim

⁴ Observaremos no cap. VI, entre outros exemplos, que os semantismos de ‘resultado concreto’ dos produtos em *-dura* de ‘porção’ e de ‘ferida’ advêm do traço [referenciação] deste sufixo (§ 1.6), ou que a atracção do sufixo *-mento* por bases que designam ‘dividir em’ se justifica pelo traço [processo] deste operador afixal (§ 1.5), ou que a preferência de *-ncia* por bases performativas, de existência/estado e incoativas não é contraditória, se compreendermos que se trata de bases que desenham o sujeito como não controlador não do evento, mas de uma propriedade que o relaciona com o evento, em conciliação com o traço [estado/capacidade/característica/aptidão/qualidade intrínseca] (§ 1.9).

referida porque delimitada ou por fronteiras espaciais ou por fronteiras temporais, o que inclui, assim, indivíduos não concretos como são os eventos.

- traço [composto de indivíduos]. Referente ao sufixo *-aria*, este traço havia já sido alvo de discussão no § 1.3 do cap.IV. Limitamo-nos apenas neste capítulo a destacar o carácter homogéneo dos indivíduos constituintes de determinada significação, o que o distingue do traço [composto por operações/indivíduos diferentes].

- traço [súbito]. Diz respeito a uma das possíveis actualizações do sufixo *-ão*, especificamente, à sua actualização na produção de deverbais de evento. Não deverá estranhar-se que, depois de termos defendido a existência de apenas um sufixo *-ão* quer para os nomes aumentativos denominais, quer para os substantivos deverbais de evento, quer para os substantivos deverbais de indivíduo, venhamos neste momento estipular a actualização de traços diferentes do mesmo sufixo de acordo com o produto realizado. A contradição é apenas aparente, já que não se retrocede em direcção à hipótese da homonímia ao estabelecer-se cargas semânticas diferentes para o sufixo na presença de diferentes produtos. Na verdade, esta multiplicação de traços para o mesmo sufixo é permitida pela própria concepção de interface que defendemos e pela visão construída e composicional da semântica. Ao compreendermos que os traços apresentados se constituem como constelações de outros traços, é salientada a possibilidade de decomposicionalidade do hipertraço do sufixo em hipotraços ou do traço rede em traços que o compõem.

Neste sentido, o traço básico apontado para o sufixo *-ão* será, seguindo uma continuidade diacrónica, o traço [individualização], de acordo com as informações colhidas em Meyer-Lübke (1895: 543) a propósito do sufixo latino *-ONE* e que aqui transcrevemos: «servait primitivement à individualiser; il s'attache à des thèmes verbaux ou nominaux pour désigner la personne qui accomplit une action avec une prédilection particulière, qui possède une qualité à un degré supérieur, qui se fait remarquer, attire parmi les autres l'attention par son occupation, par une particularité interne ou externe.». Em Piel (1940a: 209) foca-se o mesmo traço para este sufixo.

Ao analisarmos o contributo deste sufixo nos vários tipos de produtos que origina, é necessário compreender de que modo esse traço de [individualização] se faz sentir em cada um deles. Trata-se, pois, de perceber se o traço [individualização] surge sem outra formatação nos derivados, ou se, pelo contrário, se procede a uma decomposição ou até metamorfoseação desse traço de modo a adequar-se semanticamente às bases com que actua.

O processo de adaptação do semantismo primitivo de -ONE de [individualização] a outros semantismos que, aparentemente, não são imediatamente desse deriváveis é explicável através da adaptabilidade desses semantismos ao tipo semântico da nova unidade com que se conjugam.

Assim, se a função principal de *-ão* é a de individualização, ou noutras palavras, a de destaque da base a que o sufixo se agrega, o tipo semântico de individualização resultante no produto variará conforme a base se trate de nomes ou verbos e, no que toca a este últimos, de acordo com os diferentes tipos semânticos de verbos. Essa individualização destaca-se sob a forma de aumentativo quando o sufixo se anexa a bases nominais. No entanto, se o sufixo nominalizador se anexar a bases verbais, não poderá resultar dessa operação um verbo de carácter aumentativo, dado que o sufixo transporta a função sintáctica de nome. O que resulta dessa operação é a colocação em destaque, ou seja, a individualização, da acção descrita pelo verbo, se se tratar de uma base verbal com características x ou de um interveniente na acção, se se tratar de uma base verbal com as características y.

Num caso, o resultado semântico do produto caracteriza-se por designar um evento apresentado como ocorrendo subitamente. Em alguns casos, alia-se ao carácter súbito um valor de intensidade, compreensível sobretudo à luz do valor aumentativo que o sufixo mantém em conexão com bases nominais. O traço [súbito] surge em semantismos de evento cuja ocorrência se manifesta de forma repentina e inesperada, espontânea ou não. Tendencialmente, essa ocorrência repentina é essencialmente pontual. Neste sentido, o evento realiza-se num ponto temporal e extingue-se tão rapidamente quanto havia começado.

Contudo, esta tendência combinatória não deve ser entendida como permanente nos produtos que ostentam este traço. O traço [súbito] não pode ser confundido com o traço [pontual], pois, na verdade, existem produtos designadores de evento súbito que não especificam se são pontuais ou durativos. É o caso do substantivo *apagão* que manifesta evento de ocorrência súbita, inesperada, repentina e que pode conter uma leitura durativa ou uma leitura pontual. De qualquer modo, a leitura durativa focalizará uma duração temporal do efeito dessa ocorrência súbita e não da própria ocorrência. O traço [súbito] localiza-se, pois, no eixo do traço [ponto de partida] referente à estrutura eventiva dos verbos. Não deve ser com ele confundido, na medida em que não designa o ponto de partida, antes especifica o modo como se manifestou esse ponto de partida. O traço [súbito]

mostra um funcionamento equiparável ao de uma oclusiva, para usarmos uma imagem com a fonética.

- traço [intenso]. Emerge, como referimos no traço anterior, em produtos do sufixo *-ão*. Trata-se de um dos matizes semânticos adoptados pelo traço genérico e primitivo de [individualização], em combinação com o traço [súbito], dando origem a produtos em *-ão* designadores de evento, ou isoladamente, dando origem a produtos em *-ão* designadores de indivíduo. O mesmo traço é caracterizador do sufixo *-nço*.

No entanto, parece haver um distanciamento entre o traço [intenso] num e noutro sufixo. Se no sufixo *-ão* tendencialmente parece existir um valor quantitativo aliado a este traço, no sufixo *-nço* parece haver uma aplicação qualitativa do mesmo. Perante estas diferenças, é necessário ter em conta a possibilidade de o traço que aqui designamos uniformemente por [intenso] poder enraizar-se semanticamente em traços diferentes, ou, pelo menos, em matrizes de traços diferentes. Parece-nos, pois, que o traço [intenso] presente no sufixo *-nço* tem um carácter derivado, ainda que em muitos dos seus produtos ele se evidencie como primeiro. Podemos dizer que, no sufixo *-ão*, o traço [intenso] é simultâneo do traço [frequente]; no sufixo *-nço* o traço [intenso] é derivado do traço [constante]. Podemos dizer que em *-ão* o valor do sufixo é [intenso] e [frequente], enquanto em *-nço* o valor do sufixo é [intenso] *porque* [constante].

O traço [intenso] manifesta-se, nos produtos em *-ão* designadores de indivíduo, sob a forma de frequência com que entidades animadas ou não-animadas efectuem uma acção determinada. Essa entidade é, assim, destacada, ou seja, ‘individualizada’, pela frequência intensa com que se dedica à efectuação da acção. Não nos encontramos alheia ao facto de introduzirmos cruzamento de conceitos distintos ao utilizarmos a expressão ‘frequência intensa’. Na verdade, a observação dos produtos permite e obriga a esse cruzamento, na medida em que o indivíduo destacado por *-ão* não só realiza a acção com frequência, como em simultâneo com intensidade.

No caso dos deverbais em *-nço*, o traço [intenso] parece apenas aliado ao carácter de intensidade e não de frequência da acção ou da efectuação da acção. Talvez por esse motivo o traço [intenso] no sufixo *-nço* tenha uma leitura qualitativa, enquanto no sufixo *-ão* o traço em enfoque possua um carácter mais quantitativo, proveniente do valor de frequência.

O tratamento heterogéneo de um traço que, afinal, revela origens matriciais distintas possibilita a manutenção da relação genética do sufixo *-nço* com os sufixos *-nça* e *-ncia*. O traço primitivo [constante], que avaliaremos para o sufixo *-nça*, é visível no valor de [intenso] manifestado de modo maioritário por *-nço*, em relação a outros valores disponíveis para a mesma matriz semântica. A mesma relação matricial é dedutível pelas informações fornecidas por Piel (1940 b: 233) relativamente a *-nça*, a propósito do valor aumentativo presente nos denominais *festança*, *mestrança* ou no deverbal *papança*.

Chama-se ainda a atenção para o facto de [intenso] não especificar um evento ou um indivíduo. Nesse sentido, deixa-se em aberto a possibilidade de os sufixos que contêm este traço poderem dar origem a nomes de evento e a nomes de indivíduo, simultaneamente.

- traço [efectuação]. Como a formatação deste traço deixa indiciar, o sufixo que o transporta dá origem a nomes de evento em termos de formação semântica imediatamente disponibilizada como básica, e excluindo os semantismos secundários decorrentes de semantismos básicos e não da acção imediata da adjunção do sufixo à base verbal. O traço [efectuação] manifesta-se no sufixo *-ção*. É um dos traços especificadores do tipo de evento configurado e é o traço que permite a distinção dos produtos de *-ção* de outros produtos deverbais sufixados designadores de ‘evento’. Através do traço [efectuação], o evento designado é apresentado de forma realizada, actual. O evento é oferecido como uma ocorrência terminada, cuja actualização é dada como real, ainda que em mundos possíveis, no sentido de se ter realizado completamente. O traço [efectuação] não pode confundir-se com os traços [ponto de chegada] e [perfeito], avançados para a explicitação das estruturas eventivas dos verbos. Na realidade, o carácter [efectuado] de um evento é alheio ao facto de o evento ser ou não [perfeito] ou ter ou não um [ponto de chegada] inerente.

Exemplos de deverbais como *deambulação*, construído a partir de um verbo inergativo de moção e, logo, sem [ponto de chegada] e sem carácter [perfeito], mostram que aquilo que o sufixo *-ção* permite destacar do evento é o modo completo, actual como foi realizado. Ou seja, em *deambulação* enfatiza-se a realização efectiva da acção e não o processamento da mesma. A acção é dada como acabada independentemente de o verbo designar eventos pontuais ou durativos, com ou sem ponto de chegada. O evento designado é desenhado como unitário em termos temporais. Se se tratar de uma mudança de estado, retrata-se a mudança em si mesma e não o processamento da mudança.

- traço [referenciação]. Este traço emerge nos produtos em *-dura*. Ao designarmos o traço semântico deste sufixo por [referenciação] pretendemos dar conta do efeito peculiar deste sufixo que irá ter visibilidade nos semantismos secundários dos seus produtos. Esse efeito prende-se com o facto de este sufixo operar uma segmentação e uma identificação de segmentos eventivos da realidade. Ou seja, o que este sufixo permite é a segmentação do *continuum* de eventos em discretos, fornecendo-lhes referencialidade. Dá-se assim uma operação de identificação de um dado evento, delimitando-o dos que o rodeiam e circunscrevendo as suas fronteiras individualizadoras. Mais do que dimensionar o evento como efectuado ou não, como no caso dos produtos de *-ção*, o sufixo *-dura* identifica o evento, dando-lhe um carácter referencial. No fundo, trata-se de uma função de nomeação de um segmento da realidade. A referenciação é como que um *apontar* para o segmento eventivo pretendido, identificando-o.

Como veremos, a função de segmentação que antecede a função de identificação peculiariza-se em determinados semantismos dos produtos do sufixo que transporta este traço, como são os semantismos concretos que designam resultados do evento, especificamente aqueles que significam ‘ferida’, ‘restos’ ou ‘porção’.

- traço [processo]. Este traço caracteriza os produtos do sufixo *-mento*. Pode considerar-se como contraposição do traço [efectuação] acima explicitado. Ao contrário deste último, que representa a realização efectiva do evento, o traço [processo] permite que o deverbal que ostenta o sufixo que o contém enforme o evento de uma forma processual e não efectuada. Quer isto dizer que através deste traço há enfoque da decorrência do evento, independentemente de existir ou não um ponto terminal desse evento. Desta forma, obtém-se associado a estes produtos um matiz durativo, que, no entanto, não deve ser encarado como caracterizador absoluto deste sufixo. Na verdade, a duratividade é neste caso efeito, em parte aparente, do carácter processual do evento. Se relativamente ao traço [efectuação] foi referido o seu carácter unitário temporal, na medida em que aquilo que é mostrado é o evento dado em si mesmo e não o seu processamento, já no que diz respeito ao traço [processo] resulta da sua aplicação o carácter não-unitário da dimensão temporal de desenvolvimento do processo. Se se tratar de uma mudança de estado, o traço [processo] oferece o processamento dessa mudança independentemente de se ter chegado a um ponto final ou não. É pelo facto de não se incluir esse ponto final do evento que este adquire um valor durativo ou que aqui preferimos designar por ‘não-unitário temporalmente’, para que

não se confunda este efeito semântico com o traço [durativo] dos verbos. É que podem construir-se semantismos processuais a partir de verbos durativos ou pontuais.

- traço [constância]. É aplicável ao sufixo *-nça*. Designa o carácter contínuo e em simultâneo homogéneo do evento descrito. Como tal, aparece associado a eventos durativos, mas também pontuais. A capacidade que os sufixos possuem de impor ao verbo a sua própria carga de moldagem eventiva, visível na conciliação de eventos pontuais com moldagem processual ou de eventos durativos com moldagem de unitarização temporal através do traço [efectuação], é também destacável no caso do sufixo que contém este valor semântico de [constância]. Em princípio, seria apenas aplicável a verbos durativos.

Contudo, a poderosa adaptabilidade semântica que os traços de fonte sufixal apresentam é também visível neste caso particular. O carácter constante aplicado a um evento pontual desenvolve no produto semantismos de multiplicação da acção descrita no evento ou de aumento da envergadura da acção, como veremos no capítulo seguinte. É nesse sentido que se desenvolve a partir deste traço um valor de [intensivo] referido a propósito do sufixo *-nço*, mas não do sufixo *-ão*, também presente em produtos de *-nça*.

- traço [estado/capacidade/característica/aptidão/qualidade intrínseca]. Esta designação compósita do traço característico do sufixo *-ncia* resulta da necessidade de explicitar o abarcamento semântico que o sufixo atinge e demonstra, em simultâneo, a dificuldade na rotulação dos traços por nós sentida, bem como a organização complexa em constelação desses mesmos traços. Apesar da manifestação divergente deste traço relativamente aos traços apontados para os sufixos *-nço* e *-nça* geneticamente relacionados com *-ncia*, essa divergência é fruto da instanciação da variabilidade semântica inerente aos traços semânticos e à diferenciação relativa dos sufixos e não espelha uma total fronteirização entre os mesmos.

Na medida em que é possível observar a relação entre os traços de [constância] e de [estado/capacidade/característica/aptidão/qualidade intrínseca] e ainda de [intensidade], derivado do primeiro grau do traço, a origem comum dos três sufixos é reflectida na preservação da matriz dos traços respectivos. Assim, no traço anunciado para *-ncia* [estado/capacidade/característica/aptidão/qualidade intrínseca] encontra-se implícito o traço [constância], visto resultarem os componentes do traço explicitamente compósito⁵ do

⁵ Dizemos que este traço é explicitamente compósito, visto termos assumido que, por princípio, todo e qualquer traço é compósito, na medida em que é organizado em constelação decomponível. É pelo facto de

carácter constante dos tópicos enunciados no traço. Não pretendemos estabelecer o primitivo genético desta matriz ao anunciarmos a presença do carácter constante no traço de *-ncia*.

Este traço refere a conglobação de diferentes tópicos situáveis na esfera das qualidades e não propriamente na dos eventos. A conciliação entre este traço com os traços inerentes à classe que prototipicamente enforma eventos – a dos verbos – dá origem a designações de qualidades instanciadas eventivamente, pelo que emergem sob a forma de estados, capacidades, características, aptidões relacionadas com V.

Ao contrário dos produtos do sufixo *-ção*, que resultam da aplicação do traço [efectuação], os produtos de *-ncia* evidenciam um carácter predominantemente mais estático, demonstrando um evento cujo desenvolvimento se encontra dependente de qualidades intrínsecas de um determinado componente envolvido na sua ocorrência e que acompanha a existência dessas qualidades. O paralelismo entre o desenvolvimento do evento e a existência das qualidades que o suportam é um dado importante para a compreensão dos produtos construídos com este traço.

São estes os traços de fonte sufixal que foram obtidos para a descrição e a explicação dos substantivos designadores de evento. Passaremos em seguida ao elenco dos traços respeitantes aos sufixos construtores de deverbais de indivíduo. Não repetiremos informações relativas a traços constantes no elenco anterior, designadamente, ao traço [intenso].

-traço [que tem a funcionalidade de]. Este traço define o comportamento semântico dos sufixos *-deiro* e *-deira*. A sua peculiaridade só poderá ser entendida por confronto com os traços dos restantes sufixos construtores de deverbais de indivíduo, especificamente, com os traços [que tem a função de] e [que tem a propriedade de], definidos para os sufixos *-dor/-dora* e *-nte*, respectivamente. O traço [que tem a funcionalidade de] revela um indivíduo que possui a capacidade de exercer uma função. O exemplo de *trabalhadeira* parece ilustrar o intencido. *Trabalhadeira* designa indivíduo que tem capacidade de exercer a função de *trabalar*. Esse indivíduo é uma entidade delimitada espacialmente, pelo que pode ser um animal, um humano, um instrumento, um local, etc.

neste caso sentirmos necessidade de fazer albergar no rótulo do traço vários desses componentes que designamos essa composicionalidade por explícita.

Este traço possui aliado a si o traço de [frequente] que irá ser projectado em determinadas construções lexicais, como observaremos. Esta conexão entre o traço [frequente] e o carácter de [capacidade] aparece já na relação matricial entre os valores dos traços dos sufixos *-ncia*, *-nça* e *-nço*, pelo que deverá ter-se em consideração não como uma conexão semântica exclusiva de determinados traços, mas como uma constelação habitual no domínio semântico.

- traço [que tem a função de]. Define o valor semântico dos sufixos *-dor* e *-dora*. Os indivíduos que detêm este traço não ostentam a efectuação da função representada pela base como conseqüente de uma capacidade. A oposição entre *trabalhadora* e o acima apontado *trabalhadeira* ilustra esta diferença. *Trabalhadora* indica o indivíduo que exerce a função de trabalhar, independentemente de ter para tal capacidade ou não, enquanto *trabalhadeira* anuncia a presença da capacidade na efectuação da função.

- traço [que tem a propriedade de]. É o traço definidor do sufixo *-nte*.⁶ Ao contrário dos dois traços anteriores, o traço agora em análise não prevê a efectuação de uma função. Isto é visível através do facto de muitos dos eventos designados pelos verbos a que o sufixo se agrega não se referirem a funções desligáveis do indivíduo que as efectua, mas a ocorrências dependentes da existência, nesse indivíduo, de determinada propriedade. O evento decorre da propriedade do indivíduo naturalmente. A distinção entre *falante* e *falador* permite observar a diferença. A expressão *o grilo falante* mostra que *falar* é em *falante* tecido como uma propriedade inerente ao referido grilídeo. Trata-se de uma propriedade natural de cuja inerência depende a decorrência do evento descrito pelo verbo base. Para além de *falante* o conhecido ortóptero também é *falador*. Neste caso, não se faz referência a uma propriedade natural que conduz à realização de um evento, mas à função que o indivíduo realiza efectivamente.

Relativamente à distinção entre ‘propriedade’ e ‘funcionalidade’, que permite distinguir *-nte* de *-deiro/-deira*, ela resume-se ao facto de a ‘propriedade’ ser vista como uma característica inerente a um indivíduo, não especificamente direccionada para a realização de uma função, enquanto a ‘funcionalidade’ passa pela existência de uma capacidade direccionada para o cumprimento/realização de uma dada função.

⁶ Repare-se na relação entre o traço definido para *-nte* [que tem a propriedade de] e o traço definido para *-ncia* [estado/capacidade/característica/aptidão/qualidade intrínseca], que permite observar a correlação genética entre *-ncia* e *-nte*.

- traço [propício a/próprio para]. Respeitante aos sufixos *-douro/-doura*, a formatação deste traço indicia a versatilidade de aplicações que os sufixos que o contêm apresentam. Este traço mostra que a entidade designada pelo lexema por ele construído ostenta um carácter adequado à ocorrência do evento semantizado pela base. Esse carácter ‘propício ou próprio para’ caracteriza qualquer entidade que assim possa ser definida em relação ao evento descrito pela base verbal, sem que essa entidade seja envolvida no evento como interveniente propulsor. Neste sentido, este traço é adequável a entidades que propiciem V, ou que sejam próprias para V, sem que haja inclinação para um dado papel-temático a actualizar o significado final do produto.

- traço [relativo a/próprio de]. A proximidade entre este traço e o definido anteriormente é notória, assim como a proximidade genética entre o formato de *-douro/-doura* e de *-ória/-ório/-ório/-ória* a que este traço se aplica. Em relação ao formato não-culto do sufixo de matriz latina *-TORIUS* (Meyer-Lübke 1895: 579), o formato culto, ou seja, aquele que foneticamente mais se aproxima da origem, apresenta carga semântica menos específica do que o primeiro. O traço [relativo a/próprio de] torna-se menos específico do que o traço [propício a /próprio para], na medida em que o primeiro refere uma relação entre o evento designado pela base verbal e o produto construído por este traço, sem que seja indiciada qual a especificação dessa relação. Pelo contrário, ainda que tenhamos observado que o traço indicado para *-douro/-doura* apresenta versatilidade de aplicação ao não determinar previamente o tipo de intervenção temática do indivíduo designado pelo produto no evento, pelo menos o traço [propício a /próprio para] especifica tratar-se de relação favorável a V. O facto de utilizarmos preposições distintas - *de* e *para* - na rotulação do carácter ‘próprio’ que cada tipo de produto mostra em relação ao evento deverá indiciar que o indivíduo ‘próprio para V’ é favorável ao evento, ainda que possa não ser dele motor, enquanto o indivíduo ‘próprio de V’ designa apenas uma relação não especificada entre o indivíduo e o evento.

O traço [relativo a/próprio de] caracteriza ainda o sufixo *-al*, mostrando-se assim a matriz original do sufixo, que produzia adjectivos relacionais (Piel 1940: 204; Meyer-Lübke 1895: 524-525; Diez 1874: 325-326).

- traço [possível] apresentado para o sufixo *-vel* designa um indivíduo que apresenta como propriedade a possibilidade de funcionar como objecto da base que o sustenta lexicalmente.

A apresentação que fizemos dos traços de fonte sufixal foi propositalmente breve, tendo apenas recorrido à exemplificação através de produtos lexicais quando assim se tornou necessário. Um entendimento mais completo e complexo das mesmas reserva-se para os capítulos VI e VII de descrição e explicação da interrelação entre os traços das diferentes fontes na obtenção do produto final.

2.2 Os traços de fonte léxico-conceptual e os traços de fonte extra

Em seguida, apresentaremos os traços que podem provir da estrutura léxico-conceptual das bases ou de fonte extra. Na tabela situam-se à direita. Esta estipulação arbitrária de localização à direita de traços transferíveis ou de fonte extra ou da estrutura léxico-conceptual do verbo e de localização à esquerda de traços provenientes da estrutura eventiva da bases foi seguida no intuito de manter uma divisão facilmente visualizável, aquando da leitura das tabelas dos anexos X e Y, entre os semantismos de evento do produto e os semantismos de indivíduo do mesmo.

Os semantismos de evento provêm de traços da estrutura eventiva da base. Determinados semantismos de não-evento, ou indivíduo, como ‘resultado concreto’, ‘resultado colectivo’, ‘estado’ são igualmente devedores dos componentes da estrutura eventiva verbal.

Os semantismos de não-evento, ou seja, de indivíduo, como ‘causa’, ‘objecto’, ‘instrumento’, ‘locativo’ são originários de componentes da estrutura léxico-conceptual, seja esta de fonte verbal ou extra.

Para todas as significações, quer de evento, quer de não-evento, concorrem igualmente o traço do sufixo e pelo menos um traço eventivo. Mesmo as significações de indivíduo geradas a partir de componentes léxico-conceptuais necessitam de um traço de fonte eventiva. Esse traço de fonte eventiva mostra a relação que o indivíduo designado pelo produto mantém com o evento formatado pela base.

Nesse sentido, a visualização da fronteira entre traços de fonte eventiva e traços de fonte léxico-conceptual facilita a percepção dos dados.

Os traços da estrutura léxico-conceptual ou de fonte extra dão origem a significações de indivíduo como ‘causa’, ‘objecto’, ‘locativo’, ‘instrumento’. São traços que consolidam componentes intervenientes no evento e que, consoante o verbo em causa, podem estar ou não inseridos na sua estrutura léxico-conceptual. Mais uma vez, é visível a composicionalidade dos traços que, em determinados casos, optámos por explicitar, de

modo a permitir uma leitura facilitada das tabelas dos anexos X e Y, bem como dos seus dados. A origem em fonte extra ou em fonte léxico-conceptual verbal de cada traço varia de acordo com cada produto na relação entre operador sufixal e base verbal. O modo de determinação dessa origem é marcado, como veremos, através de símbolos próprios na célula respeitante a cada objecto lexical em análise e não no traço em si. Em suma, nas tabelas, os traços, na sua enunciação, não se encontram especificados quanto à fonte, dado esta variar para cada complexo produto/verbo/sufixo.

Os traços de estrutura léxico-conceptual ou de fonte extra são os seguintes:

- [causa]. O traço [causa] caracteriza um indivíduo que assuma na estrutura léxico-conceptual do verbo a função de instigação do evento. Na interface com a estrutura argumental, a [causa] assume o lugar de argumento externo. Embora maioritariamente o traço [causa] esteja localizado na estrutura léxico-conceptual do verbo, em alguns casos encontraram-se produtos com a significação de ‘causa’ sem que esta pudesse provir do traço homónimo de fonte léxico-conceptual verbal, devido ao facto de o verbo em questão não o apresentar.

Nestes casos, o traço é extraído de fonte extra, desde que a estrutura léxico-conceptual do verbo admita a sua conceptualização. Opera-se, assim, um redobro da estrutura léxico-conceptual do verbo (cf. § 5 do cap. II) para a produção do semantismo particular de um dado produto. Esse redobro é episódico no verbo, visto não se manter fixo no léxico mental. O que se mantém fixo é o resultado desse redobro momentâneo no produto que mantém essa significação. Daí que mantenhamos que nestas situações o traço é de fonte extra, apesar de em simultâneo nos socorrermos da intervenção da sua validação por parte da estrutura léxico-conceptual verbal. Essa validação, apresentada sob a forma de redobro dessa estrutura operado momentaneamente, não acarreta, no entanto, a fixação do mesmo na estrutura do verbo. Observe-se que o redobro momentâneo operado na estrutura léxico-conceptual do verbo não acarreta o mesmo redobro a nível da sua estrutura argumental. É, provavelmente, por este motivo que esse redobro não é mantido acessível no léxico mental no que diz respeito ao verbo.

O acesso a essa chave de validação é feito de forma lexicalmente indirecta, dado que esse redobro não se encontra disponibilizado no verbo em termos de acesso directo.

O recurso à validação por parte da estrutura léxico-conceptual de traços provenientes de fonte extra não é necessário para todos os traços, mas apenas para aqueles

que potencialmente são inseríveis em posições hierarquicamente superiores da estrutura léxico-conceptual do produto, como é o caso do traço [causa].

Os traços provenientes de fonte extra não prototipicamente inseríveis em posição hierarquicamente superior da estrutura léxico-conceptual não estão sujeitos à validação por parte da estrutura léxico-conceptual do verbo. Encontram-se nesta situação alguns semantismos locativos sem conexão com causa, por exemplo.

O traço [causa] não é simples, mas complexo, podendo consolidar-se em constelações de componentes variáveis. O modo como mostramos em tabela essas constelações é variável de acordo com o grau de subtipificação de [causa]. Assim, apresentamos uma divisão entre [causa] e [causa animada] nas tabelas respeitantes aos produtos prototipicamente de ‘indivíduo’ (anexo Y). No anexo Y, [causa] designa a ‘causa não-animada’ e não o traço mais genérico que engloba causas animadas e não-animadas. Visa-se, assim, simplificar a leitura dos dados da tabela, especialmente nos produtos que apresentam significações simultâneas de vários tipos de ‘causa’.

No anexo X, relativo aos produtos prototipicamente de ‘evento’, apenas colocamos uma coluna com [causa]. As subespecificações de [causa] são feitas diacriticamente dentro dessa célula. Esta diferença entre o anexo X e o anexo Y deve-se à grande quantidade de semantismos de ‘causa’ e de ‘causa animada’ no anexo Y, em oposição à fraca representatividade destes semantismos no anexo X.

Dentro desta possível divisão explícita em tabela, encontram-se assinaladas diacriticamente outras variações respeitantes a [causa] e a [causa animada].

Assim, relativamente a [causa], ou seja, a ‘causa não-animada’, são especificadas, quando necessário, variações marcadas pelo símbolo ‘s’ se a causa for uma substância, pelo símbolo ‘v’ se a causa for um vegetal e ainda pelo símbolo ‘c’ se a causa for uma parte do corpo’. Não é utilizado nenhum símbolo adicional se [causa] não encontra nenhuma destas especificações. Estes símbolos são colocados em cada célula específica de cada significação de cada produto.

A [causa animada] encontra-se especificada pelo símbolo ‘h’, se a causa for um humano e pelo símbolo ‘an’ se a causa for um animal não-humano. Muito esporadicamente podem surgir especificações através do símbolo ‘D’, ou seja ‘Deus’, ou ainda ‘ES’, ‘Espírito Santo’ se a causa for de carácter divino. Se a significação do produto não apresentar especificação quanto a estas variações, não é marcado qualquer símbolo adicional na marcação da [causa animada].

Se a significação do produto for extensível quer a causa não-animada quer a causa animada, marcam-se as duas células respectivas.

O traço [causa], ou seja, a causa não-animada, pode ter extensões relativas a outros traços mais ou menos óbvios.

A extensão entre [causa] e o traço [instrumento] é mais óbvia do que a extensão entre [causa] e o traço [locativo].

- traço [instrumento]. O traço [instrumento] encontra-se explicitamente subdividido em tabela (anexos X e Y) sob a forma de [instrumento] e de [instrumento autónomo]. Sob a designação de [instrumento] designam-se artefactos materiais cuja capacidade de instigação da acção é nula sem a co-acção de uma [causa animada]. Um *martelo*, por exemplo, cairia nesta classe. Sob a designação de [instrumento autónomo] englobam-se artefactos materiais cuja capacidade de desencadear ou efectuar a acção não está dependente de causa animada, embora a sua existência e funcionalização o estejam, como é óbvio.

Dentro dos instrumentos autónomos, o símbolo ‘mq’ especifica que o instrumento é uma máquina. Observe-se que o carácter ‘autónomo’ do instrumento não advém do seu carácter ‘mecanizado’. Um artefacto como *tampa*, ainda que não mecanizado, é descrito como [instrumento autónomo] e não como [instrumento] visto exercer por si só a acção de *tapar*. O facto de necessitar de acção animada para colocar o artefacto a servir de *tampa* é exactamente equiparável ao facto de um ‘instrumento máquina’ como *tritadora* necessitar de acção humana para a sua construção e para a sua activação. No caso de *tampa* a sua função é cumprida sem haver a co-presença de causa animada, enquanto no caso de *martelo* (manual) a sua função só é cumprida através da co-acção de causa animada.⁷

A relação existente entre o [instrumento], em sentido lato, e a [causa], cuja distinção pode passar pelo carácter indirecto de ‘causa’ do primeiro, é necessariamente relevante. O carácter indirecto de ‘causa’ apontado para o instrumento resume-se na necessidade de intervenção de uma ‘causa’ na instrumentalização de um objecto,⁸ quer através da fabricação do artefacto, quer através da utilização de um objecto não-fabricado com uma função determinada. Ainda que não instigue directamente a acção, visto ser imprescindível a co-acção de uma causa animada, o instrumento é interveniente na sua decorrência, acto que o aproxima da ‘causa’.

⁷ Propositadamente referimos ‘causa animada’ e não ‘humana’ pelo facto conhecido de que outras espécies animais possuem capacidade de instrumentalização de objectos, construídos e não-construídos.

⁸ Nesta passagem o uso de *objecto* não adquire carácter metalinguístico.

O modo como marcamos essa relação entre ‘causa’ e ‘instrumento’ obedece em simultâneo à marcação da sua distinção. Assim, colocamos colunas diferentes para estes traços, mas marcamos o seu relacionamento através do símbolo de indexação ‘ σ ’, cujo funcionamento explicitaremos em momento devido.

- traço [objecto]. É necessário ter em atenção que o uso metalinguístico que fazemos desta designação é referente ao traço paralelo a [causa], definido de acordo com parâmetros linguísticos da estrutura léxico-conceptual. Não se trata, pois, de uma classe ontológica definida por carácter concreto referente ao mundo exterior. Esse tipo de classe ontológica é representado no nosso trabalho pelo conteúdo dos traços [instrumento] e [instrumento autónomo], bem como locativos especificados como ‘pequenos’ ou de ‘parte do corpo’, assim como através do diacrítico ‘conc’ (‘concreto’), inserido na especificação de determinadas significações, como observaremos oportunamente.

Assim, o traço [objecto] diz respeito a uma categoria léxico-conceptual verbal, ou temática, seguindo uma designação variante, paralela a ‘causa’, que em termos de estrutura argumental acede ao lugar de argumento interno do verbo, seja na posição de objecto nos verbos transitivos, seja na posição de sujeito nos verbos inacusativos.

É necessário esclarecermos um aspecto relativo aos traços de fonte léxico-conceptual. Definimos estes traços através de parâmetros léxico-conceptuais verbais. Contudo, estipulamos que esses traços podem ter origem ou na estrutura léxico-conceptual da base verbal, ou em fonte extra. Isto significa

1) que a origem em fonte léxico-conceptual da base diz respeito ao verbo particular que funciona como base do produto dado;

2) que a formatação de um traço léxico-conceptual no produto pode depender da validação operada pelo mecanismo de redobro momentâneo da estrutura léxico-conceptual;

3) que estes traços possuem uma formatação léxico-conceptual verbal genérica, mesmo que apenas accionada de fonte exterior através do mecanismo focado em 2).

- traço [experienciador]. Diz respeito à entidade animada que experiencia o estado de coisas descrito por verbo de percepção, psicológico ou de experienciador-sujeito.

- traço [locativo]. Este traço, ao contrário dos restantes, se provier de fonte extra, não necessita de ser validado pelo mecanismo de redobro de estrutura léxico-conceptual do

verbo. Por se tratar de um traço definido fora dos parâmetros das estruturas léxico-conceptual, adquire maior liberdade de funcionamento.

Em tabela (anexos X e Y), o traço [locativo] é colocado unitariamente numa coluna. As suas subespecificações são apresentadas em cada célula para cada significação de cada produto em particular.

A subespecificação através de ‘p’ aponta um locativo ‘pequeno’. Com esta anotação referimos objectos de dimensão reduzida relacionados com a decorrência do evento anunciado por V. Por exemplo, *dejectório*, *esfriador*, *fervedor* são designados como ‘locativo p’.

A subespecificação através de ‘c’ designa uma parte de um corpo, ou seja, de uma entidade física, logo, um locativo. O corpo de que falamos pode ser um corpo animal ou qualquer entidade com carácter concreto. *Respiradouro* ‘orifício destinado a deixar entrar e sair o ar’, aplicável quer a corpo animado quer a inanimado, *travadouro* ‘parte delgada da perna da cavalgadura onde se prende a trava ou a peia’ constituem exemplos de ‘locativos c’.

A subespecificação ‘t’ (‘temporal’) é utilizada para referir espaços de tempo. *Renascimento*, por exemplo, é um ‘locativo t’, ao designar uma época histórica.⁹

Se não se apresenta subespecificação, o ‘locativo’ designa qualquer lugar relacionado com V, desde que não pertencentes aos subtipos indicados.

Como anunciámos a propósito do traço [causa], pode existir correlação entre o traço [causa] e o traço [locativo] e suas subespecificações. Essa correlação resulta numa entidade definível como locativa, mas, em simultâneo, apresentadora de caracteres próprios de [causa], como o são a instigação da acção. Geralmente, trata-se de semantismos confundíveis com o de [instrumento], mas que aqui distinguimos.

Observemos os semantismos de *assoprador*, *cuspidor* e *refrigerador*. À primeira vista todos parecem ser enquadráveis na classe dos instrumentos. Propositadamente colocamos a designação *instrumentos* sem marcação, visto a sua não delimitação/definição técnica permitir a classificação dos três objectos nessa classe. Contudo, o uso que neste trabalho fazemos de *instrumento* obedece a critérios de delimitação rigorosa da sua aplicação. O facto de existirem entidades cujo carácter entrecruza linhas definitórias de diferentes classes apenas enfatiza o pendor de constelação e de complexidade da

⁹ Uma mais clara definição das subespecificações de ‘locativo’ encontra-se no § 3.2 deste capítulo.

conceptualização dessas entidades e, por outro lado, enfatiza a relevância de tratarmos os vectores de definição das entidades como traços e não como classes fixas.

Se, em determinados casos, a definição de uma entidade parece ser exprimível através de um só traço e, logo, esse traço funcione como nomeação de classe, noutros casos, a entidade possui um carácter mais complexo de organização só compreensível através da conjugação de traços vários. Os exemplos de *conquistador* e de *incubadora* são suficientes para ilustrar o pretendido. *Conquistador* é definível através do traço [causa humana]. Este traço é, assim, suficiente para explicitar o semantismo obtido através das relações entre as fontes genolexicais.¹⁰ Por sua vez, o semantismo de *incubadora* emerge como contendo em simultâneo características que levariam a classificá-lo como [instrumento máquina], assente no carácter de artefacto desenhado com uma determinada funcionalidade e accionado por co-acção de uma ‘causa humana’, como [causa], na medida em que representa a entidade que efectua o evento de ‘incubar’, ainda que dependente da co-acção de ‘causa humana’, e, finalmente, como [locativo pequeno], visto apresentar-se como um continente. Em relação a *conquistador*, esta interdependência semântica não é observável.

Regressemos aos exemplos de *assoprador*, *cuspidor* e *refrigerador* com que pretendemos ilustrar a correlação entre o traço [causa] e o traço [locativo] e suas subespecificações. Essa correlação já se tornou perceptível através da ilustração de *incubadora*, mas os três produtos em *-dor* permitem aprofundar a sua compreensão.

O lexema *assoprador* designa ‘engenho, com que se assopra o lume’, de acordo com Bluteau, ou seja, ‘fole’, seguindo a definição sintética do DLP. Trata-se de um [instrumento] coindexado com [causa]. O lexema *cuspidor* designa ‘vaso, em que se cospe’, como se deduz pelas remissões oferecidas pelo DLP e por Domingos Vieira. Este semantismo possui um carácter de ‘locativo p’, mas dele está ausente o traço [instrumento], visto não funcionar como auxílio de efectuação de acção.

Para percebermos que o auxílio de efectuação de acção é um dado pertinente para a delimitação de instrumento, observemos que só se efectua a acção de *martelar* através de um instrumento *martelo*, mesmo que não seja este a entidade convencional, mas uma entidade utilizada com o propósito anunciado momentaneamente. Pelo contrário, efectua-se a acção designada pela base de *cuspidor* independentemente de se dispor desta entidade.

¹⁰ O traço é suficiente para a explicitação do semantismo obtido e não para a explicitação das relações entre as fontes que a ele conduziram.

Cuspidor funciona, assim, como simples [locativo pequeno], independentemente de ser um artefacto humano construído com uma determinada funcionalidade. É que para a definição de [instrumento] contribui não só o carácter de artefacto com determinada funcionalidade, mas também a sua intervenção necessária na efectuação da acção.

Por último, *refrigerador* é, em simultâneo, um [locativo p], sendo este traço proveniente de fonte extra, na medida em que se trata de um continente, um [instrumento] e uma [causa], devido ao carácter de artefacto usado propositadamente para a efectuação de uma acção ([instrumento]/ [causa]).

É este tipo de cruzamento de traços que explica não só a complexidade semântica dos produtos, mas também o motivo por que ocorrem determinados semantismos locativos, por exemplo, em produtos de operadores sufixais prototipicamente relacionáveis com [causa], como veremos. O cruzamento de traços adquire relevância numa dimensão mais prática de descrição dos lexemas, mas também numa dimensão de âmbito mais teórico de explicação de determinadas construções.

Resta-nos explicitar o traço

- [imposto] em alguns casos apontado como o complexo [imposto/pagamento/quantia], nomeadamente para significações de produtos de *-agem*. Este traço apresenta um carácter menos básico do que os restantes traços. A sua colocação em paralelo com traços mais básicos como [causa] pode levantar objecções.

No entanto, parece-nos que o carácter mais ou menos básico de cada traço está dependente de conceptualizações cujo grau de complexidade é dificilmente mensurável à luz do conhecimento actual e através dos instrumentos de análise de que hoje dispomos.

Por outro lado, o próprio relativismo cultural e, logo, conceptual com que se enformam os conceitos não nos permite neste momento asseverar rigorosamente o grau absoluto de basicidade de qualquer traço. À luz da antropologia, o conceito de ‘fogo’ poderá parecer mais básico do que o próprio conceito de ‘causa’, na medida em que a conceptualização da entidade ‘fogo’ assenta sobretudo em dados perceptivos, enquanto a conceptualização de ‘causa’ necessita da conciliação de dados provenientes da percepção e da intervenção da lógica, delineando a questão de uma forma mínima.

À luz da semântica que concebe uma separação entre ‘dicionário’ e ‘enciclopédia’, o conceito de ‘causa’ poderá parecer mais básico do que o conceito de ‘fogo’, na medida em que a definição de ‘fogo’ necessitaria da intromissão de dados exteriores à língua, enquanto a definição de ‘causa’, sendo do domínio da lógica, não necessitaria de

ultrapassar esse domínio e, logo, dependeria mais do dicionário do que da enciclopédia, ou seja, obteria definição no interior da mente e não necessitaria da interacção desta com o exterior.

De qualquer modo, este brevíssimo excursão não pretende solucionar a questão do carácter básico dos traços conceptuais, mas apenas apontar a sua relatividade.

Se é verdade que a definição de ‘imposto’, com toda a sua carga semântica proveniente do modo de organização financeira das sociedades, mostra um pendor complexo, a sua conversão num conceito como ‘pagamento’ ostenta já uma simplicidade que, antropologicamente, pode ser colocada em termos paralelos ao de ‘causa’. ‘Pagamento’ resulta de uma interacção, assim como ‘causa’ se resume a uma interacção. Por que motivo não colocamos o rótulo ‘pagamento’ para designar este traço, em vez do rótulo ‘imposto’? Apenas pela necessidade de fazer uma aproximação à significação específica dos produtos. De facto, poderíamos ter optado por colocar como rótulo deste traço ‘pagamento’ e colocar a subespecificação ‘imposto’ quando necessário, do mesmo modo operado para [causa animada] através das subespecificações ‘humano’ e ‘animal’.

Contudo, o facto de a subespecificação ‘imposto’ se revelar num maior número de produtos do que o genérico ‘pagamento’ determinou que, a bem da economização do processo de subespecificação que, em termos práticos, tem efeitos na simplificação da leitura da tabela (anexos X e Y), optássemos pelo rótulo ‘imposto’. Assim, este rótulo foi escolhido em atenção à sua adequabilidade face ao maior número de significações que o ostentam, ainda que tenhamos que entender que se trata, na realidade, de uma subespecificação.

De qualquer modo, o facto de ser uma subespecificação não deverá ser encarado como duplicidade de critérios da nossa parte, visto que, na verdade, tendo em conta o princípio de organização em constelação dos traços, qualquer traço é, em teoria, uma subespecificação de outro traço ou de um complexo de traços. Por este motivo dizíamos que a limitação do conhecimento e dos seus aparelhos de observação actual não nos possibilita uma análise absolutamente rigorosa do carácter mais ou menos básico destes objectos conceptuais.

O traço [imposto] ou [imposto/pagamento/quantia] designa um valor semântico proveniente de fonte extra cuja presença num produto não está dependente da validação por parte da estrutura léxico-conceptual da base. O seu conteúdo diz respeito à quantificação de um valor estipulado numa interacção cambial.

São estes os traços de fonte léxico-conceptual e de fonte extra.

Havendo descrito os traços desenhados para a compreensão do mecanismo de construção semântica dos produtos, bem como feitas algumas considerações de carácter teórico sobre o seu estatuto, observaremos em seguida as significações obtidas através desses traços. São essas as significações mostradas indirectamente nas tabelas de análise (anexos X e Y) e directamente nas tabelas de mostragem numérica dos resultados (anexos A e B).

3. As significações

As significações que propomos para os produtos resultam de uma reconstrução semântica que partiu da decomposição em traços dos semantismos. Essas significações, cujo tratamento numérico apresentamos no § 6 e nos anexos A e B, não reflectem o número de significados fornecidos por uma obra lexicográfica para um dado produto, mas sim da aplicação do modelo que desenvolvemos neste trabalho.

As significações dos produtos em análise são a maior parte das vezes designadas pelo mesmo rótulo que servira para designar determinados traços. Contudo, é necessário ter em conta que, para além da possibilidade de a significação ser representável apenas pela designação de um traço, como é o caso de *conquistador*, em muitas situações a significação construída resulta de um conglomerado de traços que obrigam a uma rotulagem perifrástica da significação, tomando como ponto de partida as designações de vários traços, como é o caso de *incubadora*. Tenha-se, não obstante, em atenção que em ambos os casos as significações obtidas resultam da conjugação de traços de diferentes fontes.

No caso de *conquistador*, que representa o número mínimo de traços necessários para a produção de um semantismo num deverbal construído através de sufixo, existem pelo menos três traços coindexados. São eles o traço de fonte sufixal, o traço de fonte eventiva verbal e o traço de fonte extra ou léxico-conceptual verbal. Este último é co-responsável, ao lado do traço sufixal específico de *-dor*, pelo semantismo de indivíduo. Ao dizermos, assim, que *conquistador* designa ‘causa animada humana’ não estamos a esquecer os traços envolvidos na sua produção, ainda que não explicitados no rótulo da

significação. Sabendo que a significação resulta de uma constelação de traços, designamo-la apenas por aquele que parece mais próximo do resultado final do semantismo.

No caso de semantismos que resultam da conjugação de mais do que um traço da fonte léxico-conceptual ou extra, a sua rotulagem será feita de acordo com o objectivo de tornar a sua identificação o mais simples e directa possível. Assim, se necessário marcar um complexo do tipo ‘locativo pequeno’ e ‘causa’, a significação será designada por ‘locativo pequeno causa’.

Há situações, porém, em que, ainda que a significação resulte de um complexo de traços, sendo dois ou mais destes provenientes do mesmo tipo de fonte, a rotulação da significação é monolítica. Encontramos nestes casos, significações de evento, como são as designadas por ‘processos’, em que o rótulo pode ser coincidente com o traço do sufixo (e.g. derivados em *-mento*), ou não coincidente com o rótulo de nenhum traço presente para aquele produto (e.g. *-ncia, -nça*).

Outras significações são designadas por rótulos não colocados para nenhum tipo de traços, como é o caso da significação de ‘estado’.

Em suma, o facto de designarmos algumas significações através da mesma designação utilizada para os traços não mostra que haja coincidência ontológica entre os dois níveis de objectos. Como tal, reservaremos a notação entre parênteses rectos ([]) para os traços e a notação entre plicas (‘ ’) para as significações.

Não deve, porém, esquecer-se que se trata de um procedimento convencional, na medida em que, se as significações resultam de constelações de traços, os traços são eles próprios significações e, conseqüentemente, constelações de outros traços, *ad infinitum*. No fundo, a distinção que aqui sentimos necessidade de fazer entre *significação* e *traço* resume-se à abordagem que aqui estamos a operar relativamente aos produtos deverbais como objecto final.

Se estivéssemos a analisar os deverbais como bases de outros lexemas, como no lexema *operacional*, então desmembraríamos os deverbais em traços que constituiriam outras significações e não nos traços provenientes de fontes outras que formam as suas próprias significações. Neste sentido, podemos dizer que falamos de *traço* ao designar um vector semântico perspectivado como fonte, enquanto falamos de *significação* ao designar vector semântico perspectivado como fim. Em ambos os casos, estamos perante complexos de constelações decomponíveis e recicláveis.

À desvantagem de alguma ambiguidade que possa surgir da representação de traços e significações através da mesma designação, facilmente combatida através do uso das notações diferenciadas de plicas e parênteses rectos, contra-argumentamos com a simplicidade de leitura imediata proporcionada pela mesma.

Avaliemos, em seguida, as diversas significações encontradas nos deverbais sufixados analisados. A sua apresentação será sumária, contendo somente as informações indispensáveis para a sua compreensão. A interpretação dos resultados da análise dos produtos proporcionará momento adequado ao detalhamento das significações e, sobretudo, ao processo da sua construção. Começaremos pelas significações genericamente designadas por ‘de evento’.

As significações de evento dos deverbais em apreço apresentam heterogeneidade de funcionamento. São representadas em tabela (anexo X) por E, o que, como veremos, deixa indiciar um carácter de proximidade entre estas significações e os vectores da estrutura eventiva dos verbos. A confluência de células marcadas com E e com o índice de marcação de coindexação com o traço do sufixo (^s) mostra o tipo de significação obtida. Temos ainda que ter em atenção que a significação eventiva pode ser básica em determinados produtos, ou seja, nos produtos resultantes de operadores sufixais de ‘evento’, ou pode ser derivada noutros produtos, ou seja, naqueles que provêm de operadores sufixais designados por ‘de indivíduo’.

Recordem-se as observações que fizemos no início deste capítulo com respeito à existência de significações de evento em produtos prototipicamente de indivíduo como *chiadeira*, que, aliás, acumula os dois tipos semânticos, e de significações de indivíduo em produtos prototipicamente de evento, como *administração*, que também congrega os dois tipos semânticos. Perante a necessidade de marcar, em simultâneo, que num e noutro caso as significações básicas não coincidem, nem as secundárias, mas que se trata do mesmo tipo semântico, reserva-se para a significação eventiva, ou seja, aquela localizada no lado esquerdo da tabela (anexo X), a notação E com coindexação com o traço do sufixo (^s). O facto de ser básica ou não naquele tipo de produto é mostrado por esse índice.

A presença deste índice (^s) marca carácter básico da significação, independentemente de esta ser de evento ou de indivíduo. Há, no entanto, significações que não são nem básicas nem propriamente de evento que aparecem no mesmo lado esquerdo da tabela (anexo X) em células coincidentes com a marcação de significações de evento. Trata-se de significações de ‘estado’ ou com carácter concreto, como são as de ‘resultado

concreto' e 'resultado colectivo', que, embora não designem eventos, são originárias de traços da estrutura eventiva e, por isso, aí são assinaladas. Nestes casos, a significação é marcada por -E. Esta marcação mostra qualquer significação não-eventiva. Como tal, é utilizada também para marcar significações de indivíduo, ou seja, aquelas que estão localizadas à direita na tabela (anexos X e Y).

Falaremos dos símbolos a seu tempo. De momento, tentaremos restringir-nos à mostragem das significações.

3.1 Significações de 'evento' ou destas resultantes

As significações de evento ou destas resultantes são condensadas nos diferentes tipos apresentados em seguida e mostrados directamente nas tabelas (anexo A), que contêm o tratamento numérico dos resultados:

- 'acção';
- 'processo';
- 'composto por operações iguais' ('ci');
- 'operações diferentes' ('op dif');
- 'chegada';
- 'estado';
- 'resultado concreto';
- 'resultado colectivo'.

A significação de 'acção', manifestada como significação genérica de evento nos produtos dos operadores sufixais *-ção* e *-dura*, designa um evento concebido homogeneamente e que resulta da coindexação do traço sufixal cujo valor permita essa conceptualização homogénea do evento, como o fazem os traços [efectuação] e [referenciação] respeitantes aos sufixos *-ção* e *-dura*, respectivamente. 'Acção' especifica um evento concebido temporal e, sobretudo, ontologicamente unitário.

A significação de 'processo', manifestada como básica nos produtos dos sufixos *-mento*, *-nço*, *-ncia* e *-nça*, decorre da existência de um traço indiciador de uma continuidade operada não necessariamente a nível do eixo temporal, na medida em que podemos estar perante eventos processuais e não durativos, mas a nível ontológico (e.g. *estremecimento*, *tropeçamento*). Um 'processo' indica a decorrência de um evento. Essa decorrência pode advir da conjugação de um traço eventivo [durativo] com o traço sufixal que determine a manutenção dessa decorrência, como acontece em *andança*. Neste caso, o traço sufixal

[constância] coindexa com o traço [durativo] de fonte eventiva verbal, donde resulta a significação de ‘processo’, ou seja, de decorrência contínua do evento. No caso de *regência*, a significação de ‘processo’ também resulta de um traço eventivo [durativo] coindexado, desta vez, com o traço de fonte sufixal [estado/capacidade/característica/aptidão/qualidade intrínseca].

Já os produtos do sufixo *-mento* exemplificam que o ‘processo’ não deve confundir-se com a continuidade temporal representada eventivamente através do traço [durativo], na medida em que o ‘processo’ pode decorrer da conjugação do traço [processo] com bases de carácter eventivo [pontual]. *Estremecimento*, *tropeçamento*, provenientes de verbos [pontuais], mostram que o carácter contínuo de que falamos para caracterizar o ‘processo’ não está dependente do traço eventivo [durativo], ainda que a co-presença deste permita a obtenção de um significado mais óbvio de ‘processo’.

O carácter processual de um evento pode decorrer da acção directa de um traço sufixal, como é o caso do traço especificado para *-mento*, ou de outros traços que não indiquem [processo] em si mesmos, mas cujos caracteres o admitam e enformem, como é o caso do traço [constância] e o traço [estado/capacidade/característica/aptidão/qualidade intrínseca], relativos a *-nça* e a *-ncia*, respectivamente. Nos produtos obtidos através destes, a relação de inerência que estes traços mantêm com o carácter de [continuidade] é reforçada pela coindexação dos traços dos sufixos com o traço [durativo] de fonte eventiva verbal.

A significação de evento ‘composto por indivíduos’, representada por ‘ci’, transmite um evento conceptualizado como constituído por uma série de partes - indivíduos - homogéneas entre si. O verbo *saltitar* exemplifica um evento ‘ci’. Quanto aos deverbais que designam este tipo eventivo, eles são construídos através do sufixo *-aria* que ostenta o traço homónimo.

A significação de evento ‘composto por operações diferentes’ representa um evento constituído por uma série de subeventos. Contudo, ao contrário dos eventos ‘compostos por operações iguais’, essas partes são heterogéneas e predeterminadas, como é o caso de *lavagem*.

Por último, a significação de evento ‘chegada’ apresenta um enfoque no [ponto de chegada] do verbo base, através de sufixos como *-nço*, *-ão* e *-agem*. Nos primeiros casos, o traço [intenso] coindexa com o traço [ponto de chegada] das bases. No caso de *-agem*, como veremos, a obtenção deste tipo de significação representa um interessante mecanismo de enfoque de uma parte do traço do sufixo que é [operações diferentes]. Adiantaremos

apenas que, tratando-se ‘operações diferentes’ de uma série de eventos predeterminados, essa predeterminação exige que haja colocação de subevento de chegada, ou subevento último, que complete ‘operações diferentes’. Em alguns produtos de *-agem* dá-se, assim, enfoque desse subevento último perfazedor de ‘operações diferentes’.

Os restantes semantismos não são de evento, mas são obtidos através de traços de estruturas eventivas ou mesmo de significações de evento existentes.

A significação de ‘estado’ aponta para uma continuidade ontologicamente homogénea que é resultante de um evento. O ‘estado’ é um resultado que pode oscilar entre um teor abstracto e um teor a tender para o concreto, sem nunca coincidir com este. O carácter mais ou menos¹¹ abstracto que o estado em causa pode atingir está dependente do tipo de efeito concebido pelo evento designado pela base. O mesmo verbo pode, aliás, fornecer configuração de estado ambíguo relativamente ao teor mais ou menos abstracto.

Por exemplo, *envelhecimento* pode indicar um estado de teor abstracto, relativo a um efeito geral, sobretudo de carácter psicológico, numa determinada entidade. Num co-texto como *O envelhecimento da população acarreta custos em termos de produtividade* é o teor mais abstracto que sobressai. Se o efeito for relativo a vertentes concretas da entidade, o estado possuirá um carácter a tender para o pólo do concreto, sem que o atinja. É este o caso resultante num co-texto como *O envelhecimento do vinho deu-lhe um sabor especial*. Em todo o caso, um estado não tem fronteirização espacial em si mesmo, ao contrário das significações de ‘resultado’ que avaliaremos. Assim, um estado não faz parte das significações de indivíduo, mas também não é uma significação de evento, embora seja desta derivado.

As significações de ‘resultado’ apontam para entidades com dimensões concretas, ou seja, fronteirizadas espacialmente, cuja conceptualização decorre do traço [télico] da estrutura verbal. Trata-se de significações de indivíduo provenientes de deverbais prototipicamente de evento. Embora os traços do sufixo possam interferir no tipo de significação de ‘resultado’, o que é particularmente visível neste tipo de significação dos produtos em *-dura*, como veremos no § 1.6 do cap. VI, essas significações são directamente devedoras da acção do traço [télico], ou seja, de um traço localizado na fonte eventiva verbal e não da acção de traços provenientes de fonte léxico-conceptual verbal ou de fonte extra, responsáveis maioritárias pela construção de significações de indivíduo.

¹¹ O ‘mais/menos’ é utilizado neste co-texto gradativamente e não tem carácter de ‘presença/ausência’.

O ‘resultado’ encontra três subespecificações. O ‘resultado conc’, ou seja, ‘concreto’, diz respeito a uma entidade com fronteiras espaciais cuja unidade não permite a sua divisão noutras unidades. *Galadura, serradura*, nas acepções respectivas de ‘ponto branco na gema do ovo fecundado’ e ‘serrim’, segundo o DLP, ilustram a significação de ‘resultado conc’.

O ‘resultado col’, ou ‘resultado ‘colectivo’, especifica uma entidade concreta cuja divisão permite a obtenção de outras unidades homogéneas entre si. *Abarracamento, ondulação, gesticulação* nas designações respectivas de ‘conjunto de barracas’, ‘conjunto dos gestos’, ‘conjunto das elevações e depressões de uma superfície’, colhidas no DLP, mostram ‘resultados colectivos’, cujas subunidades são conceptualizadas homogeneamente.

O facto de as significações de ‘resultado’, ainda que designadoras de ‘indivíduo’, serem devedoras da vertente eventiva do verbo e não de traços protagonizantes das significações prototípicas de ‘indivíduo’ é evidenciado pela ausência das significações de ‘resultado’ a partir da acção de operadores sufixais de ‘indivíduo’.

3.2 As significações de ‘indivíduo’

As significações de ‘indivíduo’ são designadas através de rótulos usados para traços, como já referimos. Muitas vezes, devido ao carácter vincadamente complexo das significações, utiliza-se um rótulo analítico, contendo um acúmulo de designações de vários traços. A pertinência da distinção entre as diversas combinatórias foi já apontada através de exemplos como *incubadora*. Em tabela (anexo Y), podem surgir esporadicamente combinatórias de traços resultantes em significações específicas, que serão abordadas particularmente nos capítulos dedicados à interpretação dos resultados. Não obstante, nas tabelas de análise numérica dos dados (anexo B), assim como na sistematização de significações que estamos neste momento a operar, apenas são mostradas como fixas as constelações resultantes em significações numericamente importantes. Assim, algumas combinações resultam tão esporádicas que a sua amostragem é feita somente em tabela de análise de todos os produtos (anexo Y) e não na tabela que avalia numericamente os resultados (anexo B). O peso numérico dessas significações possui um carácter tão residual que lhes estaríamos a emprestar um falso pendor de sistematicidade se as apontássemos no espaço onde se pretende que esta impere.

Mostraremos em seguida as significações de ‘indivíduo’ numericamente relevantes. A sua definição será sumária, na medida em que os traços por cujo entendimento passa a compreensão destas significações foram já explicitados.

- ‘causa’: especifica um instigador ou um actuante directo não-animado de um evento, coincidente com o argumento externo do verbo,¹² como é o caso de *chião*, aplicável a qualquer entidade que efectue V.

- ‘causa n-arg’: a ‘causa não-argumental’ indica um instigador ou um actuante directo de um evento que não coincide com nenhum componente léxico-conceptual do verbo base inserível em posição argumental do mesmo verbo. A ‘causa não-argumento’ não subespecifica o subtipo semântico de instigador/actuante. Essa subespecificação está a cargo de indicadores como ‘subs’ (substância), ‘an’ (animada não-humana), ‘veg’ (vegetal), etc. Como tal, é necessário colocar em paralelo a ‘causa não-argumento’ a subespecificação ‘subs’, ‘an’, ‘veg’, etc., de modo a compreender-se qual o subtipo semântico em questão. A validação desse não-argumento depende, no entanto, do mecanismo de redobro momentâneo da estrutura léxico-conceptual do verbo base (cf. § 5 do cap. II).

Apesar de não se tratar de uma subespecificação semântica de ‘causa’, a sua inclusão em paralelo com aquelas justifica-se pela pertinência que o factor ‘não-argumental’ evidencia em relação ao modo como se processa o fenómeno genolexical. Um exemplo de uma ‘causa não-argumento’ é *chovedor*, que significa ‘qualquer coisa que faça chover’ ou *deflagrador* ‘qualquer coisa que faz deflagrar’. O redobro da estrutura léxico-conceptual realiza-se através do conceito FAZER que é anexado ao verbo base. Sendo *deflagrar* um verbo inacusativo, não contém na sua estrutura léxico-conceptual o elemento ‘causa’ que é, assim, anexado através do mecanismo de redobro. O mesmo se passa em relação a *chover*, ainda que por razões diferentes, que se prendem com o facto de ser este um verbo inergativo de emissão de substância, de que está ausente o conceito de causatividade. Repare-se que não se trata de uma questão levantada pelo carácter supletivo do sujeito deste verbo, mas da ausência de causatividade da sua estrutura.

¹² Enfatizamos que ao fazermos referência a argumentos do verbo estamos somente a apontar correspondências entre componentes léxico-conceptuais e argumentais a nível da base verbal e não a supor que é ao nível argumental que se verifica o aproveitamento da matéria para a construção dos deverbais. A referência a essas correspondências visa clarificar o tipo léxico-conceptual em jogo. Cf. § 4.2 e 4.3 do cap. II. Os mesmos comentários são extensíveis ao carácter não-argumental de ‘causa n-arg’, por exemplo, que, aliás, corrobora que a matéria de construção não é argumental.

- ‘causa subs’: especifica um instigador ou um actuante directo de um evento que é uma ‘substância’, como exemplificado por *espumante* ‘tipo de bebida’, ou *fulminante* ‘tipo de explosivo’;

- ‘causa veg’: especifica um instigador ou um actuante directo de um evento que é um ‘vegetal’, como *trepadeira* ou *engatadeira*, designações de plantas;

- ‘causa ani’: indica uma causa animada, que tanto pode ser ‘humana’ como ‘animal’, como *afugentador* ou *dominador*;

- ‘causa an’: subespecifica uma ‘causa animada animal’, como exemplificado por *trepadeira* ‘ave’, *saltão* ‘gafanhoto’;

- ‘causa h’: subespecifica uma ‘causa animada humana’, como *trabalhador*, *conquistador*;

- ‘causa col’: indica uma ‘causa colectiva’, ou seja, uma unidade divisível em subunidades homogêneas entre si, exemplificável por *guerrilhagem*, na acepção de ‘conjunto de guerrilheiros’, e *mendigagem*, na acepção de ‘conjunto de mendigos’;

- ‘causa sist’: indica uma ‘causa sistema’, isto é, uma unidade formada por componentes heterogêneos entre si, como exemplificado por *aramagem* ou *engrenagem*. Esta significação pode coincidir com o ‘elemento de que se provê um objecto’, no caso dos verbos ornativos. Pelo facto de ser colocável como argumento externo nos verbos deste tipo que admitem alternância do género ‘x provê y de w’/ ‘w provê y’,¹³ decidimos integrar estas significações como ‘causa’, a fim de não alargar, desnecessariamente, o sistema de significações.

- ‘causa adj’: não mostra uma subespecificação semântica de ‘causa’, mas apenas que aquele produto é um adjectivo e não um substantivo. A sua inclusão faz-se somente quando a significação desse adjectivo é auxílio precioso na dilucidação do semantismo do traço do sufixo, por exemplo. Não é, conseqüentemente, por nós utilizado na marcação de todos os produtos de categoria adjectivo, mas apenas naqueles que, simultaneamente, não são facilmente convertíveis em substantivo e que apresentam dados importantes para a análise dos produtos que mantêm o mesmo sufixo (cf. § 2.2 do cap. I). Encontram-se nesta situação os lexemas *agasalhadeiro* e *lavradeiro* nas acepções de ‘hospitaleiro’ e de ‘qualidade do animal empregado na lavoura’, respectivamente.

¹³ Essa alternância ocorre por exemplo em *O João adoçou o leite com mel* *O mel adoçou o leite*.

- ‘objecto’: refere uma entidade concreta coincidente com o argumento interno de verbo transitivo, na função de objecto, ou de verbo inacusativo, na função de sujeito. *Babadouro* ‘babeiro’ exemplifica a primeira situação e *convalescente* a segunda.

- ‘objecto colectivo’: subespecifica um objecto colectivo, ou seja, constituído por subunidades homogéneas entre si. Constituem exemplos deste tipo os lexemas *vegetação* e *emigração*, este último na acepção de ‘emigrantes’.

- ‘objecto adj’: não mostra uma subespecificação semântica de ‘objecto’, mas que o produto lexical em questão não é um substantivo, mas um adjetivo. Tal como no caso de ‘causa adj’, só se utiliza esta marcação categorial nos casos em que o valor semântico desse adjetivo se revelou determinante para a obtenção do traço do sufixo em acção. É o caso de *vivedouro* e *criadouro*, nas acepções de ‘que vive muito’ e de ‘que dá esperanças de se desenvolver’, respectivamente.

- ‘objecto an’: subespecifica um ‘objecto animal’, como *amarelante* ‘tipo de ave’;

- ‘objecto h’: subespecifica um ‘objecto humano’, como *naufragante*, *adolescente*;

- ‘objecto veg’: subespecifica um ‘objecto vegetal’, como *descendente* ‘parte mais grossa da raiz, da qual nascem lateralmente ramos que lançam varias radículas, por cujo meio ella chupa a substancia succosa que nutre a planta’, de acordo com Domingos Vieira.

- ‘objecto subs’: subespecifica um objecto que é uma ‘substância’, como *aderente*.

- ‘causa instrumento’: indica artefacto utilizado por causa animada para efectuação de evento. O factor ‘causa’ é menos poderoso neste tipo de instrumento do que nos que se seguem, na medida em que o efeito da sua acção está dependente da co-acção directa da causa animada. Exemplos: *abridor*, *ralador*.

- ‘causa instrumento autónomo’: indica artefacto não-mecanizado utilizado por causa animada para a efectuação de um evento. A co-acção da causa animada é indirecta. Exemplos: *silenciador*, *pulverizador*.

- ‘causa instrumento máquina’: indica artefacto mecanizado utilizado por causa humana para efectuação de um evento. A co-acção da causa humana é indirecta. Exemplos: *ozonizador*, *transformador*.

- ‘experienciador’: refere entidade animada suportadora de um evento de percepção, psicológico ou emotivo, como *observador*, *conhecedor*, *lastimador*.

- ‘imposto/pagamento/quantia’: refere ‘quantificação de um valor estipulado numa interacção cambial’, como *portagem* ‘«Direyto Real, que se paga das cargas de cousas miudas, como alhos, cebollas, &c. que entraõ nas Cidades para se venderem, ou tributo, que

se paga das mercadorias, que se transportaõ de huma parte para outra, & passaõ por pontes, & rios» (Bluteau), *cubagem* ‘volume em medidas cúbicas’ (DLP), *fretagem* ‘comissão que ganha o fretador’ (DLP).

- ‘locativo’ (‘loc’): designa um espaço fronteirizado através de 3D (três dimensões), como *passagem*, *bramadeiro* ‘lugar de reunião dos veados com cio’ (DLP);

- ‘locativo causa’: designa um espaço fronteirizado através de 3D que funciona em simultâneo como instigador/actuante de um evento, como *germinadouro* ‘lugar onde se faz germinar a cevada para o fabrico da cerveja’ (DLP), *aquecedouro* ‘lugar onde se aquece ou se pode aquecer’ (DLP);

- ‘locativo corpo (‘loc c’): subespecifica um espaço fronteirizado através de 3D coincidente com um segmento de um corpo animado ou não, como *nascedouro* ‘orifício do útero’ (DLP), *pousadouro* ‘nádegas’;

- ‘locativo corpo causa’: subespecifica um espaço fronteirizado através de 3D, coincidente com um segmento de um corpo animado ou não, que é, em simultâneo, instigador/actuante do evento, como *ruminadouro* ‘estômago dos ruminantes’ (DLP), *suadouro* ‘coxim da sela que assenta no costado do cavalo’ (DLP);

- ‘locativo pequeno’ (‘loc p’): subespecifica um espaço fronteirizado através de 3D com dimensão pequena, com transportabilidade, que funciona como um continente, como *amassadeira* ‘maseira’, *cuspidor* ‘vaso onde se cospe’;

- ‘locativo pequeno causa’: subespecifica um espaço fronteirizado através de 3D com dimensão pequena que funciona como um continente que é, simultaneamente, instigador/actuante do evento, como *esfriadouro* ‘vasilha ou lugar onde se põe alguma coisa a esfriar’ (DLP), *embarcadouro* ‘Logar ou sitio que reúne as commodidades de caes para facilitar o embarque de gente, fazenda, etc’ (Domingos Vieira). Recorde-se que a ‘causa’ pode ser não-argumental.

- ‘locativo tempo’ (‘loc t’): subespecifica um espaço fronteirizado através da quarta dimensão, ou seja, temporalmente, como *Renascimento*, *Renascença*;

- ‘locativo resultado’: subespecifica um espaço 3D que é resultado do evento, como *abarracamento*, *acampamento*.

- ‘locativo objecto’: designa um espaço 3D que funciona como objecto da base verbal, como *atravessadouro* ‘passagem ou serventia particular em terreno privado’ (DLP), *furadouro* ‘atalho por onde alguém foge sem ser visto’ (DLP).

Os semantismos marcados pelas subespecificações ‘sist’ (‘sistema’), ‘col’ (‘colectivo’) e ‘resul’ (‘resultado’), assim como a significação de ‘imposto’, apenas emergem em produtos construídos a partir de operadores sufixais prototipicamente de ‘evento’. Estão, pois, ausentes de produtos obtidos através de sufixos prototipicamente de ‘indivíduo’.

As significações mostradas podem parecer em número elevado. No entanto, a sua análise mostra que muitas delas são subespecificações e outras são conglomerados dos traços já por nós definidos. Este pormenor na categorização das significações é justificado pela necessidade de mostrar a relevância que determinados traços possuem na fabricação de semantismos particulares.

Resta-nos explicar e descrever o sistema de simbolização das significações e das relações de coindexação entre os traços, tarefa a que nos dedicaremos em seguida.

4. Sistema de notação

Já fomos deixando antever que o aparelho formal que construímos no intuito de prover a análise dos significados dos deverbais de um carácter explicativo e não meramente descritivo faz uso de simbolização que, necessariamente, temos de explicitar.

A articulação entre essa simbolização e o modo como os traços estão colocados em tabela (anexos X e Y) permite a leitura das diversas significações dos vários produtos deverbais. É necessário, pois, ter em atenção este dado imprescindível para uma correcta leitura da tabela: cada símbolo isoladamente não representa uma significação; é antes a conjugação dos símbolos entre si e entre os espaços da tabela que nos fornece a mesma.

Começamos por mostrar os símbolos maiores que indiciam o espaço onde se encontra ou donde provém determinado traço. Esses símbolos maiores são:

S - mostra o traço do sufixo. Necessita de um índice, ^s, para apontar a coindexação deste traço com os traços do verbo.

E - isoladamente indica traços provenientes da estrutura eventiva do verbo base. Surge, assim, na parte esquerda da tabela (anexo X e Y). A colocação de E na co-presença do índice do sufixo ^s indica que estamos perante uma significação eventiva básica do produto. Se não houver co-presença desse índice do sufixo, a presença de E indica somente

um traço da estrutura eventiva do verbo base que não sofre processo de coindexação e, logo, não é directamente interveniente na feitura daquela significação, mas cuja presença no próprio verbo se revela importante para que este possa produzir aquele tipo de significação ou aquele tipo de produto.¹⁴

A co-presença de E, que marca um traço de fonte eventiva verbal, e o índice do sufixo ^s marca a coindexação do traço eventivo do verbo e o traço do sufixo e revela uma significação de tipo eventivo, ou seja, uma significação que se situa muito próxima do carácter próprio da categoria verbo. Quando existe coindexação horizontal entre pelo menos dois traços do verbo, essa relação é marcada pelo índice ^e. Este índice ^e indica coindexação horizontal entre traços do verbo entre si sem indicar significação do produto.

Isto significa que E isoladamente não tem capacidade para mostrar nenhuma significação. Apenas um sistema de traços o permite fazer. É imprescindível a marcação do índice do traço do sufixo para marcar significação básica, ou seja, imediatamente resultante da coindexação daquele sufixo com o(s) traço(s) do verbo. Os índices vão separados por vírgulas.

Um fragmento (fragmento 1) de tabela auxilia na compreensão deste aparelho formal.

produto	pont	durat	ci	súbito	intens	Op dif	part	Cheg	Tél/resul	perf	efectuação	caus	obj	instr	Instr aut	exp	imposto	loc
<i>aeronavegação</i>		E ^e							E ^{e,s}		S ^s							
<i>deambulação</i>		E ^e							E ^{e,s}		S ^s							

Fragmento 1.

O fragmento 1 mostra o processo de construção das significações de ‘acção’ dos produtos obtidos através de dois verbos inergativos de moção com o sufixo *-ção*. O tipo de significação obtido é mostrado pelo sistema de coindexação entre o traço do verbo E e o índice do traço do sufixo ^s, cuja co-presença mostra que a significação é básica.

¹⁴ Por exemplo, a formação do semantismo de ‘ponto de chegada’ de *alunagem* está dependente da coindexação dos traços [ponto de chegada] e [téllico] com o traço do sufixo. No entanto, o traço [ponto de chegada] não tem função directa na construção do semantismo de ‘evento múltiplo’ do mesmo deverbal, embora o ‘evento múltiplo’ desenhado como ‘operações diferentes’ dependa inerentemente desse [ponto de chegada]. Assim, é necessário marcar com E o traço [ponto de chegada] na base, dado que a presença do traço no semantismo do verbo é pertinente para a significação de ‘operações diferentes’ (dependente de um subevento final), e fazendo-o coindexar somente com os traços respectivos nas significações para as quais contribui essa coindexação (cf. tabela X a 4).

Observando a tabela, verificamos que para os dois produtos (*aeronavegação* e *ambulação*) há uma significação localizada na célula respeitante à coluna do traço [télico/resultado]. É nessa célula que surge marcado o traço do verbo que, por ser eventivo, se simboliza por E coindexado directamente através de ^s com o traço do sufixo S. A coindexação com o traço do sufixo é marcada pelo índice ^s. O facto de não usarmos simplesmente S, que marca o traço do sufixo, como marca simultânea do índice do mesmo traço mostra a necessidade de distinguir traços e os seus índices. De outro modo não seria possível distinguir as fontes de cada traço e o destino desses traços, quando objectos de coindexação. Por sua vez, o facto de usarmos E para marcar o traço do verbo não deve confundir-se com a sua presença na marcação da significação obtida. Tendo definido a significação como uma constelação de traços coindexados, E só indica significação quando em simultâneo estiver na co-presença de índice de coindexação com fonte sufixal.

Isto significa que, relativamente ao fragmento 1, a significação obtida se localiza na célula [télico/resultado]. É nessa célula que se encontra o traço eventivo do verbo E coindexado com o traço [efectuação] do sufixo S, através do índice do traço do sufixo ^s. O índice ^e mostra coindexação entre os traços [durativo] e [télico/resultado] do verbo. A notação E^e que aparece na célula do traço [durativo] mostra que este traço eventivo do verbo foi coindexado ^e com o traço [télico/resultado] do mesmo, visto neste também aparecer o índice ^e. Dado que essa intervenção não se faz directamente na significação final desses produtos, não surge coindexação na célula [durativo] com o traço do sufixo através do índice deste (^s).

A leitura do fragmento 1 permite concluir que, em *aeronavegação* e *ambulação*, existe a significação de ‘evento (mostrado por E) com carácter télico (proveniente do verbo E) e de efectuação (proveniente do sufixo S^s)’. É a conjugação dos vários componentes que perfaz a significação eventiva de efectuação apontada para os produtos do sufixo *-ção*.

Uma questão pode agora levantar-se: a célula onde se coloca o sistema de traços coindexados é a respeitante a [télico/resultado], definido anteriormente como traço de fonte eventiva verbal. Isto significa que é esta célula que funciona como ponto de congregação dos traços em causa. Não seria mais lógico deslocar a célula de congregação para o traço do sufixo, visto ser este determinante para a subespecificação do tipo de evento ou do tipo de indivíduo descritos? Várias razões nos levaram a optar pela solução adoptada em vez de esta hipotética.

Em primeiro lugar, se a célula de congregação deverá funcionar como indiciadora da significação obtida, ainda que não deva com ela ser confundida, essa célula deverá localizar-se numa esfera que mostre um maior grau de proximidade com a significação obtida no produto. Assim, se a significação obtida no produto for uma significação de evento, emerge como solução mais naturalmente indicadora dessa proximidade a de colocar como célula de agregação uma que seja respeitante aos traços eventivos. No entanto, pode colocar-se aqui um contra-argumento: os traços do sufixo que permitem a construção de significações eventivas possuem indubitavelmente carga eventiva. Estando o tipo de significação de evento de cada produto tão dependente do traço do sufixo, não seria mais natural que a célula de agregação fosse coincidente com o traço do sufixo?

É preciso ter em atenção que os produtos designadores de evento podem igualmente designar indivíduos. Fazer localizar no traço do sufixo prototipicamente eventivo a agregação de traços para a obtenção da significação de indivíduo resultaria em ambiguidade.

Em segundo lugar, a configuração do evento no produto deverbal está ontologicamente mais próxima da configuração do evento no verbo do que no sufixo. O sufixo pode configurar o tipo de evento em abstracto; o sufixo não representa ele próprio o evento, enquanto o verbo, tal como o substantivo deverbal, configura ele próprio o evento.

Em terceiro lugar, o sufixo especifica o subtipo de evento e não o evento em si. Isto significa que o tipo de significação mostrado pela célula congregadora diz respeito à divisão básica entre significações de evento e de indivíduo. A especificação dentro de cada uma destas é que está a cargo da conjugação dos vários traços.

Em último lugar, se optássemos por colocar a célula congregadora na célula que diz respeito ao sufixo, perante sufixos detentores de traços neutros relativamente à configuração ontológica da significação que permitem construir, como é o caso de *-ão* que admite a construção básica quer de eventos quer de indivíduos, ficaria por determinar se o tipo de significação em causa seria de evento ou de indivíduo.

A opção por uma célula de congregação situada ou nos traços relacionados com estrutura eventiva ou naqueles relacionados com as tipologias de indivíduo revela-se, assim, mais natural na leitura da tabela (anexos X e Y).

No entanto, é preciso ter em atenção que a célula congregadora é mera solução convencional para se efectuar a leitura das constelações semânticas.

Que uma significação não deve ser confundida com a célula em si mesma é revelado pela existência de significações para as quais não se indica uma só célula congregadora. Nestes casos, a significação obtida é a conjugação de conjugações mostradas em várias células em simultâneo. Estão nesta situação significações como ‘locativo causa’ ou significações de ‘instrumento’ que, devido ao carácter profundamente compósito, resultam de coindexações entre células de congregação. Isto significa que essas significações, para serem directamente representadas em tabela (anexos X e Y), necessitariam de uma formatação sob a forma de pirâmide que mostrasse que as células congregadoras iriam, por sua vez, congregar-se numa esfera superior de organização. Todavia, o sistema de coindexação desenvolvido permite ler essa congregação superior sem que seja necessário explicitá-la directamente através de formatação piramidal.

O fragmento 2 ilustra uma significação que resulta da congregação de células de congregação entre si.

produto	p o nt	dur at	ci	sú bit o	int en s	op dif	pa rt	c h e g	Tél/ resul	pe rf	Pr oc es so	ca us	ob j	ins tr	In str au t	ex p	im po sto	lo c
<i>abalamento</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Fragmento 2.

O fragmento 2 mostra o produto de *abalar* em conjugação com o sufixo *-mento*. O carácter processual do evento designado em *abalamento* é o resultado da coindexação do traço do sufixo S, que é [processo], através do índice de traço do sufixo (^s), com os traços de fonte eventiva verbal (E) [durativo] e [télico/resultado] através do índice de traço verbal que se encontram coindexados horizontalmente através de ^e. Isto significa que a significação eventiva deste deverbal se encontra numa célula não marcada na tabela, correspondente a um nível mais alto de organização, mas apontada como sendo a conjugação de todas as células que se encontram marcadas por E^s.

O carácter convencional do aparelho formal é revelado pela possibilidade de termos optado por outra representação formal que adoptasse um símbolo diferente para cada traço, para cada índice de traço, para cada significação geral e para cada significação específica e cuja congregação fosse mostrada em célula final, à parte de qualquer outra célula usada para a indicação de traços. No entanto, essa solução teria a desvantagem de apagar o carácter geral que caracteriza as relações de coindexação entre traços, ao tornar o sistema

de representação dessas relações demasiado particularizado. Como agravante, teria ainda a desvantagem de dificultar a leitura da tabela ao ser necessário um conjunto demasiado numeroso de símbolos, cuja descodificação seria, conseqüentemente, dificultosa e pouco sistemática.

Em resumo, estes são os símbolos e as relações que deverão ser tidas em conta para a leitura de significações básicas de evento:

- um traço de sufixo S;
- um ou mais traços de evento do verbo E;
- índice de coindexação do traço de sufixo ^s;
- índice de coindexação horizontal entre traços verbais ^e. Só surge se dois ou mais traços do verbo coindexarem entre si;
- a congregação E^s mostra a significação obtida como básica;
- várias células E^s apontam que deverá proceder-se a uma tarefa de congregação entre elas, de modo a completar a significação,
- E^e mostra traço do verbo não directamente coindexado com o sufixo, mas coindexado no verbo (com qualquer traço marcado por ^e).

Como já referido, os sufixos que permitem prototipicamente a construção de significados de evento podem também dar origem a significações de indivíduo ou simplesmente de não-evento, como é o caso de significações de 'estado'. Passamos a observar a notação que permite ler em tabela (anexo X) significações de indivíduo ou de não-evento derivadas, ou seja, provenientes de sufixos prototipicamente de evento.

A significação de não-evento é marcada por -E. Tratando-se de uma significação construída não directamente a partir da junção do traço do sufixo com o(s) traço(s) do verbo, a sua marcação prescinde do índice do traço do sufixo ^s. Ou seja, uma significação derivada não apresenta índice do sufixo ^s.

Esta regra é, no entanto, quebrada sob uma condição: a de que o produto em apreço não apresente nenhuma significação eventiva que, como básica, pudesse funcionar no léxico como fixadora da relação derivacional fonológica entre aquele verbo e aquele sufixo específicos. A presença do índice do traço do sufixo serve pois para fazer denotar que é aquela ligação específica entre sufixo e verbo que surge como básica no léxico mental e que aí se fixa com uma determinada formatação fonológica. Uma significação derivada

possui como suporte de fixação lexical fonológica uma significação básica. Daí que prescindamos do índice ^s na sua marcação.

O fragmento 3 ilustra uma significação de não-evento derivada.

produto	pont	du rat	ci	sú bit o	int en s	Op dif	par t	c h e g	Tél/ resul	p e r f	efe ctu aç ão	ca us	obj	ins tr	Ins tr aut	ex p	im po sto	loc
<i>gesticulação</i>		E ^c							E ^{c,s} -Ecol		S ^s							

Fragmento 3.

No fragmento 3, surge uma significação básica de ‘evento télico de efectuação’ marcada por E^s. A importância indirecta do traço [durativo] do sufixo faz-se notar na coindexação horizontal entre este e o traço [télico/resultado] através de E^c. Para além desta significação, emerge uma significação localizada noutra nível, pelo que se situa em linha diferente da da primeira, que é uma significação de não-evento (-E). Ao localizar-se na dependência da célula respeitante a [télico/resultado] mostra-se que esta significação de não-evento é devedora directa deste traço do verbo, ou seja, é uma significação de ‘resultado’ especificado através de ‘col’ como ‘colectivo’.

Se se tratar de uma significação de não-evento de ‘resultado colectivo’, teremos a simbolização de -E na célula do traço télico/resultado especificada como ‘col’.

Existe ainda outro tipo de significação de não-evento localizado na parte esquerda da tabela (anexo X), ou seja, devedor directo de traços eventivos do verbo. Trata-se da significação de ‘estado’. Como um ‘estado’ é um ‘resultado’, marca-se a sua simbolização por -E na célula respeitante ao traço verbal [télico/resultado]. Se a significação de ‘estado’ for ainda devedora de mais algum traço, marca-se novamente -E na célula do traço respectivo. Para mostrar que há coindexação horizontal entre traços no produto de significação de não-evento usa-se o índice ^σ. Este índice aponta que a contribuição desses traços não serve a fabricação de significações eventivas, para o que seria usado ^ε, por ser o índice de coindexação horizontal entre traços do verbo, mas de significações não-eventivas. Digamos que ^σ é o índice de coindexação horizontal entre traços do produto entre si, enquanto ^ε é o índice de coindexação horizontal entre traços do verbo entre si.

A ocorrência de σ mostra que se deverá proceder à conjugação num nível superior piramidal das células de congregação por aquele marcadas, para se obter a significação pretendida. O fragmento 4 exemplifica o exercício.

produto	pont	durat	ci	s ú bi to	inte ns	op dif	pa rt	c h e g	Tél/ resul	pe rf	Pr oc es	ca us	ob j	in str	In str aut	ex p	im po sto	lo c
<i>acanhamento</i>		E ^{c,s} -E ^{σ}							E ^{c,s} -E ^{σ}		S ^s							

Fragmento 4.

No fragmento 4, para além da significação eventiva básica que resulta da congregação das congregações apontadas nas células E^{c,s}, o produto *acanhamento* apresenta ainda uma significação secundária (logo, não marcada por índice de traço do sufixo ^s, visto já existir no léxico a associação formatada fonologicamente entre esse sufixo e esse verbo através de E^s) não-eventiva -E. Esta significação, ao não estar subespecificada, é de ‘estado’ e resulta da congregação entre a congregação formulada na célula [durativo] e a congregação formulada na célula [télico/resultado] explicitada através de σ .

A significação de não-evento pode, no entanto, ser devedora não da fonte eventiva, mas de fonte léxico-conceptual verbal ou de fonte extra. Nesse caso, marca-se -E numa célula do lado direito da tabela. Neste caso, visto os traços não especificarem em si mesmos se são de fonte verbal ou extra, ao contrário dos de fonte eventiva que são sempre verbais, é necessário formatar essa fonte. Se se tratar de fonte léxico-conceptual verbal, utiliza-se o índice ^v. Se se tratar de fonte extra, utiliza-se o índice ^{ex}. Dado que, em tratando-se de fonte extra, tem de haver coindexação dessa fonte com um traço do verbo de modo a produzir-se aquela significação naquele produto e não noutra, marca-se ^{ex} para mostrar com que traço do verbo a fonte extra coindexou.

O fragmento 5 ilustra fonte extra na significação de não-evento.

produto	po nt	du rat	ci	sú bit o	int en s	Op dif	p a r t	che g	Tél/ resul	p e r f	efe c	ca us	obj	ins tr	Ins tr aut	ex p	i m p o s t o	loc	
<i>frutificação</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,ex,s}		S ^s								-Et ^{ex}

Fragmento 5.

O fragmento 5 apresenta uma significação básica de evento que resulta da congregação das células que contêm E^{e,s}. Para além desta significação básica de evento, emerge uma significação de não-evento -E derivada (não marcada por ^s). Essa significação resulta em ‘locativo t em que se opera V’. O facto de o traço [locativo tempo] não provir da estrutura léxico-conceptual do verbo, mas de fonte extra é visível através de ^{ex}. Dado tratar-se da significação específica de ‘tempo em que frutificar’, marca-se ^{ex}, o índice de fonte extra, com o traço [téllico] do verbo.

O fragmento 6 mostra significação de não-evento secundária proveniente de fonte léxico-conceptual verbal.

produto	po nt	du rat	ci	sú bit o	int en s	Op dif	par t	ch eg	Tél/ resul	per f	efe c	ca us	obj	i n s t r	Ins tr aut	ex p	im po sto	loc	
<i>emigração</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s		-Ecol ^v						

Fragmento 6.

Neste caso, para além da significação básica de evento fornecida por E^{e,s}, a significação de ‘emigrantes’ é marcada por -E com a especificação ‘col’. A sua fonte verbal, e não extra, é marcada pelo índice ^v. Não é necessário efectuar aqui mostraçã de mais nenhuma coindexação verbal, pois ^v é suficiente para indicar o verbo derivante, dado simbolizar fonte verbal.

Em síntese, para compreendermos as significações não-eventivas derivadas precisamos de conhecer os seguintes símbolos e relações:

-E - marca significação de não-evento;

^σ - mostra coindexação horizontal entre traços reflectidos na obtenção da significação de não-evento;

^{ex} - indica fonte extra do traço e coindexa verticalmente este com um traço do verbo;

^v - indica coindexação vertical de traço de fonte léxico-conceptual verbal.

Passamos agora à abordagem das notações utilizadas na marcação dos processos de formação semântica de produtos prototipicamente de indivíduo.

Nesta tarefa levantaram-se questões relacionadas com a necessidade de distinguir significações de indivíduo básicas das significações de indivíduo derivadas ocorrentes nos deverbais de evento, bem como as significações de evento básicas destas das que ocorrem com carácter derivado nos produtos prototipicamente de indivíduo. Dado que o aparelho formal desenvolvido deverá possuir carácter explicativo e não meramente descritivo, é importante que esteja apto a mostrar as distinções não só entre ‘evento’ e ‘indivíduo’, mas também entre o carácter básico ou derivado de cada uma delas.

Surgiram duas hipóteses para a notação dessas distinções:

a) uma hipótese consiste no fornecimento de quatro símbolos distintos para cada tipo de significação, a saber: 1) significação de evento básica; 2) significação de evento derivada; 3) significação de não-evento básica; 4) significação de não-evento derivada. Por exemplo, manter-se-ia E para significações básicas de evento nos deverbais prototipicamente de evento; -E para significação secundária de não-evento nos deverbais de evento; \$ para significações básica de não-evento nos deverbais de indivíduo; & para significações derivadas de evento nos deverbais de indivíduo. Esta solução permitiria destrinçar os quatro tipos de significação, mas perderia a capacidade de evidenciação das semelhanças entre os dois tipos de básicas, os dois tipos de derivadas, os dois tipos de evento e os dois tipos de indivíduo.

b) a segunda hipótese prevê que se mantenha o menor número possível de símbolos no sistema de notações, para que este adquira carácter sistémico. Assim, de acordo com esta hipótese, mantém-se a distinção em termos de notação entre significações de evento, marcadas por E, e significações de não-evento, marcadas por -E. A distinção entre o carácter básico e derivado de um e de outro tipo de significação é mostrado através do modo como os índices se encontram organizados em torno de cada notação. Assim, esta hipótese permite manter em termos práticos o postulado teórico de que é o processo em si

mesmo, e não a significação, que permite observar a diferença entre carácter básico ou derivado de uma significação.

A hipótese por que optámos é a apresentada em b). Dado que os símbolos E e -E mostram não o processo em si, mas o tipo de significação conseguido por um determinado processo, é possível manter apenas estes dois símbolos unificadores de todos os semantismos de evento, de um lado, e de todos os semantismos de não-evento, do outro, se desenvolvermos um sistema de indexação consistente que represente o processo de formação de cada significação.

Deste modo, concebeu-se a colocação do índice ^s, ou seja, o índice do traço do sufixo, na marcação das significações básicas, quer sejam de evento ou de não-evento. No caso dos derivados em *-ão* esta solução acarreta a vantagem de se marcar sempre como básicas, através de ^s, as significações de evento e de indivíduo, visto a sua selecção estar dependente do tipo semântico do verbo derivante. A colocação do índice do traço do sufixo para marcar as significações básicas parte do pressuposto de que uma significação básica carrega como função lexical a fixação do formato fonológico daquele produto no léxico. Ora, a presença de ^s numa dada significação mostra que aquela é a significação mais básica que resulta da agregação do sufixo à base.

Se uma dada significação não contiver ^s, é porque já existe uma congregação no léxico com aquela estrutura formal, sendo que o segundo semantismo que se lhe junta assenta fonologicamente no do primeiro. Portanto, tem que se olhar ao total da congregação de cada significação, ao modo como está construída a indexação, para julgarmos do seu carácter básico ou construído.

Esta solução por que optámos permite observar que a diferença, por exemplo, entre os semantismos agentivos de *a administração da empresa* e de *o administrador da empresa* encontra-se no processo de construção do produto e que é essa diferença processual que se reflecte no produto. Assim, para *administração* irá surgir a notação presente no fragmento 7.

produto	po nt	du rat	ci	sú bit o	int en s	O p dif	p a rt	che g	Tél/ resul	p e r f	ef ec	caus	o b j	i n s t r	In str au t	ex p	im po sto	lo c
<i>administração</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s	-Eh ^v						

Fragmento 7.

A conglomeração das células marcadas por E^{e,s} fornece a significação básica de *administração*. Trata-se de uma significação eventiva (E). O carácter básico de cada significação é devedor do tipo de traço do sufixo. Assim, se o sufixo contém o traço de [efectuação], ‘evento’ é a significação mais directamente formável através da sua actuação. Daí que o índice do traço do sufixo se apresente na marcação da significação básica, manifestando em simultâneo a fixação do formato fonológico daquela construção no léxico e a intervenção semântica directa do sufixo naquela significação.

A significação de ‘administradores’ é não-eventiva (-E). A ausência da notação do índice do sufixo mostra que essa significação não é directamente devedora do traço do sufixo que, pelo seu formato, permite construir naturalmente ‘evento’ e não ‘indivíduo’.

O fragmento 8 mostra o processo por que foi obtido o lexema *administrador*.

produto	pont	durat	ci	Op dif	part	cheg	tél	perf	Q tem a função de	caus	obj	Caus anim	instr	Instr aut	exp	loc
<i>administrador</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Fragmento 8.

O fragmento 8 mostra uma significação não-eventiva (-E). Ao contrário do que ocorria com a significação equivalente de *administração*, a significação de ‘causa animada’ de *administrador* possui carácter básico marcado pelo índice do traço do sufixo ^s. Sendo o traço do sufixo formatado semanticamente como [que tem a função de], a significação que dele se forma naturalmente é de indivíduo e não de evento.¹⁵

Estas observações permitem concluir sobre um aspecto crucial acerca do fenómeno genolexical, que passa pela determinação básica ou derivada das significações de evento e de não-evento. Essa determinação não fica devotada à acção da mera casualidade, mas é antes proporcionada pela formatação semântica do sufixo, como exemplificado no parágrafo anterior.

¹⁵ Recorde-se que a diferença entre as tabelas apresentadas nos fragmentos 7 e 8 relativamente à inclusão de uma célula [causa animada] é meramente notacional. No fragmento 7, a ‘causa animada’ é especificada como h na célula [causa]. Devido à escassez de semantismos de ‘causa animada’ e de ‘causa não-animada’ nos produtos prototipicamente de ‘evento’, a explicitação de duas células tornaria a tabela pesada injustificadamente.

Por outro lado, a especificação do carácter básico ou derivado de uma significação de indivíduo, por exemplo, permite concluir se essa significação foi originada numa RFP de acção ou numa RFP agentiva. Em *administração*, a não marcação do índice do sufixo na significação de indivíduo deixa antever que a significação de ‘administradores’ não foi criada numa RFP agentiva, pois esta provê-la-ia de um carácter básico. Já no caso de *administrador*, a marcação de ^s indicia que a significação de indivíduo em causa foi gerada em RFP agentiva, donde lhe advém o carácter básico. Pode, pois, concluir-se que é o processo de indexação que marca a RFP em jogo.

Esta explicação adquire especial relevo quando aplicada aos produtos em *-ão* ou a qualquer produto formado a partir de afixos actantes em diversas interfaces. Que *-ão* permite construir deverbais de indivíduo e deverbais de evento, para além de objectos denominais, com carácter básico em simultâneo é comprovado pela sua geração em RFPs distintas, de acordo com as bases disponíveis, e admitido pelo carácter neutro da formatação semântica do sufixo.

Em suma, o índice ^s mostra onde se encontra a significação básica, que é directamente proveniente da RFP, do sufixo e da base verbal. Se é o processo em si que tem a seu cargo a mostração destes dados, optar por notações diferentes para os quatro tipos de significação acarretaria desvantagens: a) proliferação de notações que tornaria o sistema pesado; b) cada significação seria vista como rígida, em vez de conglomerada.

Pelo contrário, através da solução adoptada de especificar o carácter básico ou derivado das significações através do sistema de indexação, as significações são vistas como interfaces em construção com carácter composicional. Por sua vez, esta solução permite ainda observar o carácter de versatilidade dos traços. O facto marginal de existirem significações de indivíduo em RFP de acção sem que haja o correspondente significado de acção e que é marcado por ^s mostra essa versatilidade.

As significações de indivíduo com carácter básico encontrar-se-ão, então, marcadas pelo índice ^s. É ainda necessário esclarecer a presença/ausência de outros índices nestas significações.

Como anunciámos, as significações de indivíduo podem provir de fonte extra ou de fonte léxico-conceptual verbal. Como dissemos, o índice ^v marca a origem na estrutura léxico-conceptual, enquanto o índice ^{ex} marca a fonte extra. Para manter o sistema coerente, é ainda necessário providenciar um conjunto de especificações de índices. Assim, no caso

das significações de indivíduo básicas, ao contrário do que havíamos convencionado para as de indivíduo derivadas de fonte verbal, é necessário estabelecer, para além de ^s, o índice ^e com as estruturas eventivas verbais. Assim, marcamos ^e na conglomeração da significação construída e num traço eventivo do verbo, de modo a evidenciar a coindexação horizontal entre a fonte léxico-conceptual verbal e a fonte eventiva do mesmo, na medida em que as significações de indivíduo construídas deverbalmente possuem relação com ‘evento’. A necessidade de colocar o índice ^e é evidenciada em significações de fonte extra, como é o caso de *deflagrador*. Estando a significação de causatividade ausente da estrutura léxico-conceptual do verbo base, se marcarmos a significação de *deflagrador* como $-E^{ex,s}$, indicamos tratar-se de uma significação de não-evento (-E), de carácter básico (^s) e de fonte extra (^{ex}).

Esta notação apresenta um problema: se a fonte da significação é uma fonte extra e se só utilizamos índice do traço do sufixo, não há nenhuma notação que mostre a relação deverbal do produto com a sua base, visto a fonte extra estar localizada externamente à dimensão semântica da base. Essa marca não é necessária quando existe significação de evento,¹⁶ marcada por E, visto este símbolo indicar fonte verbal de estrutura eventiva, nem quando a significação é derivada, visto existir previamente no léxico a marcação da relação entre aquele produto e aquele derivante específicos através do conglomerado fornecedor da significação básica. Todavia, nos casos de significações de não-evento de indivíduo, visto poderem provir de fonte extra, a não colocação de índice ^e resultaria em desprover o produto do seu derivante, ou seja, resultaria em algo teoricamente nulo, visto o derivado estar dependente de um derivante para existir.

Como tal, decidimos marcar o índice ^e nas significações básicas de indivíduo quer tenham fonte extra quer tenham fonte léxico-conceptual verbal, como forma de manter a relação entre a formatação eventiva do verbo e a formatação eventiva do produto designador de indivíduo. Se, no caso dos derivados de fonte extra, esta opção resulta da necessidade de marcar o derivante verbal e em simultâneo de prover a significação de indivíduo como envolvido num evento, no caso dos de fonte verbal apenas este segundo factor interveio nesta decisão.

Na produção das significações básicas de indivíduo, a coindexação por ^e pode fazer-se em relação a componentes eventivos ou em relação a componentes da estrutura

¹⁶ A não ser, como já sabemos, que haja coindexação horizontal entre traços do verbo na produção daquele semantismo.

idiossincrática da semântica da base. No primeiro caso, a fonte da base verbal para a coindexação localiza-se em [téllico]. No segundo, a fonte da base verbal para a coindexação situa-se no componente [significado idiossincrático], que corresponde a *constant* em Levin (1999) e a *root* em Pesetsky (1995).¹⁷ A coindexação com componentes localizados na semântica idiossincrática da base (*root/constant*) observa-se particularmente nos derivados em *-nte* (tabelas Y i). Nestes, a relação de coindexação não pode operar-se com o traço [téllico], em face de muitas das bases não o possuírem e de o semantismo do produto não o revelar.

O fragmento 9 condensa a notação desenvolvida, que tem a vantagem de funcionar uniformemente para os vários tipos de verbos.

produto	pont	durat	ci	Op dif	part	cheg	tél	perf	Q tem a função de	caus	obj	Caus anim	instr	Instr aut	exp	loc
<i>trabalhador</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>chovedor</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,ex,s}						
<i>deflagrador</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,ex,s}						

Fragmento 9.

No fragmento 9, mostram-se três verbos sintacticamente diversos. O verbo *trabalhar* é inergativo, com sujeito explícito. O verbo *chover* é inergativo com sujeito expletivo. O verbo *deflagrar* é inacusativo. O verbo *trabalhar* possui com o seu derivado *trabalhador* uma relação directa, na medida em que, designando este produto ‘aquele que tem a função de V’ coincidente com o argumento externo do verbo, pode colocar-se como de fonte léxico-conceptual verbal a origem da significação de ‘causa’ do produto.

O verbo *chover* possui um sujeito expletivo, mas este não coincide com o semantismo de ‘aquilo que faz chover’ presente em *chovedor*. Neste caso, é impossível manter que a significação de ‘causa’ deste produto advém de fonte léxico-conceptual verbal. Provém, pois, de fonte extra, marcada por ^{ex}.

A mesma situação surge em relação a *deflagrador*. Também neste caso é preciso colocar como de fonte extra a significação de ‘causa’ ausente da estrutura léxico-conceptual do verbo, visto tratar-se este de verbo inacusativo.

Os três produtos encontram-se uniformizados ao estipular-se o carácter básico de todos e a coindexação (^c) com o traço [téllico] do verbo entre o traço [causa] de fonte léxico-conceptual verbal (^v) ou de fonte extra (^{ex}).

¹⁷ Cf. § 6.1, cap. II do nosso trabalho.

Relativamente às significações de indivíduo, resta referirmos aqueles que resultam de congregações piramidalmente não explicitadas de congregações de células, como é o caso das significações ‘causa instrumento’, ‘loc causa’, etc. Nestes casos, marca-se todo o processo de fabricação da célula que parece mais próxima em termos semânticos do traço do sufixo e marca-se a célula paralela com $-E^\sigma$, marcando este índice, como já sabemos, coindexação horizontal entre traços do produto. O fragmento 10 ilustra o pretendido.

produto	pon t	dur at	c i	O p di f	par t	c h e g	tél	per f	Q tem a funçã o de	caus	o bj	Caus anim	instr	Instr aut	exp	loc
<i>polidor</i>							E^c		S^s	$-E^{e,v,s,\sigma}$		$-Eh^{e,v,s}$	$-E^\sigma$			

Fragmento 10.

O produto *polidor* apresenta duas significações paralelas. Uma significação é de ‘causa humana’. Esta significação é de não-evento ($-E$), básica (c), resultante de coindexação do traço do sufixo (s) com traço de [causa] de fonte léxico-conceptual verbal (v) e com o traço [téllico] verbal (e). Ao não ser marcada por $^\sigma$ mostra-se que não há congregação com outras células para a obtenção desta significação.

Paralelamente, surge marcação de significação de ‘causa’ como de fonte léxico-conceptual, mas com índice $^\sigma$. Este índice aponta para a completação da significação na célula que contiver o mesmo índice, que é a célula ‘instrumento’. Dado que parece estar mais próximo do traço do sufixo o carácter de ‘causa’, marca-se nesta célula o processo de indexação.

Quando para o mesmo produto surgirem coindexações $^\sigma$ para a obtenção de duas ou mais significações a partir das mesmas células, a congregação respectiva de cada significação faz-se em linha, desdobrando-se a marcação em número igual ao número de significações, conforme mostra o fragmento 11.

produto	pont	durat	ci	Op dif	part	cheg	tél	perf	Q tem a função de	caus	obj	Caus anim	instr	Instr aut	exp	loc
<i>condensador</i>							E^c		S^s	$-E^{e,v,s,\sigma}$ $-E^{e,v,s,\sigma}$				$-Emq^\sigma$ $-E^\sigma$		

Fragmento 11.

O primeiro conglomerado em ‘causa’ liga-se ao primeiro conglomerado em ‘instrumento autónomo’, designando ‘causa instrumento máquina’, enquanto o segundo se liga ao segundo da seguinte célula, designando ‘causa instrumento autónomo’. Essa ligação é explicitada obrigatoriamente pelo índice σ . Nestes casos, a célula segunda não necessita de mais nenhuma marcação quanto a fonte extra ou fonte verbal, na medida em que se assume que essas relações foram estabelecidas na célula primeira. Neste sentido, tratando-se, por exemplo, de uma significação de ‘loc causa’ como é o caso de *assador*, *refrigerador*, *esfriador*, *congelador*, *enxugador*, *escalfador*, a célula relativa a ‘locativo’ preenche-se apenas com $-E^\sigma$ a coindexar com a célula ‘causa’, como assinala o fragmento 12.

produto	pont	durat	ci	Op di	part	cheg	tél	perf	Q tem a função de	caus	obj	Caus anim	instr	Instr aut	exp	loc
<i>escalfador</i>							E^c		S^s	$-E^{e,v,s,\sigma}$						$-E^\sigma$

Fragmento 12.

No entanto, se se tratar de um ‘locativo’ sem ‘causa’, como *cuspidor*, mostrado no fragmento 13, apenas a célula ‘locativo’ se encontra marcada necessariamente com todo o processo de indexação. A marcação da célula ‘causa animada’ mostra independência relativamente à de ‘locativo’.

produto	pont	durat	ci	Op dif	part	cheg	tél	perf	Q tem a função de	caus	obj	Caus anim	instr	Instr aut	exp	loc
<i>cuspidor</i>							E^c		S^s			$-E^{e,v,s}$				$-E^{p,e,x,s}$

Fragmento 13.

Por último, resta-nos explicitar a notação configurada para as significações de evento presentes em deverbais prototipicamente de indivíduo. Estas significações designam eventos, mas carecem de estrutura argumental. Trata-se de significações especiais que não podem ser desenhadas como básicas, apesar do seu carácter eventivo que lhes conferiria proximidade relativamente à base verbal. O carácter não básico destas significações advém-lhes do facto de decorrerem de sufixos cujo traço semântico é configurado como de não-evento, e da não capacidade de estrutura argumental resultante da não possibilidade de configuração léxico-conceptual contentora de intervenientes na ocorrência do estado-de-coisas descrito. Assim, se em *murmuração* o estado-de-coisas ‘murmurar’ é configurado de

modo a inserir os intervenientes, facto que possibilita projecção em estrutura argumental, em *murmuradeira*, apesar de haver referenciação do estado-de-coisas ‘murmurar’, essa referenciação não permite a englobação dos intervenientes e, logo, não permite projecção em estrutura argumental.

Estas considerações têm consequências ao nível da obtenção destas significações de evento não-básicas. Assim, ao contrário do ocorrente para significações de evento básicas, não é possível estabelecer o desenho E^s para explicitar a sua formação, na medida em que não ocorre coindexação directa entre o traço do sufixo e o traço eventivo do verbo. Essa impossibilidade é mostrada pela incompatibilidade descritiva entre, por exemplo, o traço do sufixo *-deira*, estabelecido como [que tem a funcionalidade de] e a significação de ‘acção contínua de V’ presente em *murmuradeira*. Já no que toca a significação de ‘causa humana’ também presente em *murmuradeira*, existe plena adequabilidade descritiva entre o traço do sufixo e o semantismo de ‘causa’. É por estas circunstâncias que inferimos que, na produção de *murmuradeira* evento, não houve coindexação directa entre o traço do sufixo e o traço eventivo do verbo.

A solução está em conceber que apenas uma parte do traço do sufixo, que, como já determinámos, possui um carácter de constelação, como qualquer componente semântico, se encontra na relação com o produto. Não se tratando, assim, de coindexação, falamos de *projecção* de traço (cf. § 3, cap. II). A maneira que concebemos para notar essa projecção é através de índice de traço sublinhado (^s). O sublinhado mostra que apenas parte do traço interveio na formação daquele semantismo do produto. No caso de *-deira* a significação de evento contínuo ou intenso presente nos significados de evento advém, segundo a nossa proposta, de projecção da mesma significação contida na noção de ‘funcionalidade’ que configura o traço deste sufixo.

produto	pont	durat	ci	Op dif	part	cheg	tél	perf	Que tem a <u>funcionalidade</u> de	causa	obj	Causa anim	instr	Instr aut	exp	loc
<i>murmuradeira</i>			E ^s				E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Fragmento 14.

A notação E^{\S} marca então significação de evento derivada, resultante da projecção de parte do traço do sufixo. É o carácter de constelação semântica que permite este tipo de operação de decomposição e reciclagem de parte do traço.

Para finalizar esta secção dedicada à explicitação da notação, elencaremos os símbolos para facilitar a sua leitura:

E marca traço de fonte eventiva verbal

-E marca significação de não-evento

S marca traço do sufixo

^e indica indexação horizontal entre traços do verbo

^s índice de traço do sufixo

^v índice de fonte léxico-conceptual verbal

^{ex} índice de fonte extra

^σ marca indexação horizontal entre componentes de significação derivada do produto

[§] marca projecção de parte do traço do sufixo.

Cada significação particular resulta de um sistema de coindexação e conglomeração de traços. Nesse sentido, é imprescindível que a leitura da tabela (anexos X e Y) tenha em conta todo o complexo organizacional entre traços. Isto significa que a leitura da tabela não pode ser feita analisando símbolo por símbolo isoladamente, mas na conjugação com o sistema de notação que o rodeia.

A apresentação que fizemos do sistema de notação procurou ser o mais sintética possível. Não se fizeram observações, apenas quando estritamente necessário, acerca de opções de construção deste sistema, de modo a aliviar a leitura da sua descrição.

Tratando-se de um sistema convencional, o sistema apresentado possui falhas naturalmente decorrentes da necessidade de economia e de sistematização que, por seu lado, procuraram ser seguidas como vantagens. Não descartamos, pois, a necessidade de imagem deste sistema. Contudo, como o sistema não se constitui como objecto em si mesmo deste trabalho, mas como instrumento, dado que a sua formatação parece suficientemente sólida e coesa para cumprir a função para que foi delineado, a de auxiliar imageticamente a compreensão dos processos de formação semântica, não procedemos a essa tarefa de aperfeiçoamento do sistema.

De qualquer modo, a sua cabal compreensão só será sentida no momento de interpretação dos resultados, visto nesta secção apenas pretendermos descrever o sistema nos moldes imprescindíveis para a sua leitura.

5. Metodologia

Para a análise dos semantismos dos produtos deverbais seguiu-se uma metodologia escalonada em diferentes níveis. Como já observado, o objectivo da análise consiste não apenas no elenco das significações encontradas nos deverbais, mas também num detalhamento mais fino que permita discernir subtipos de significação entre si, como são aquelas que são localizáveis sob a designação de ‘evento’, mas que apresentam matizes devidos à acção de traços semânticos finos. A acrescentar a esta tarefa de discernimento de matizes de significação, que permite distinguir, por exemplo, que o tipo de ‘evento’ designado em *congelamento* não é o mesmo designado em *congelação*, constitui-se como objectivo o desenvolvimento de um quadro explicativo para a formação desses matizes.

A metodologia para a observação dos dados partiu de uma primeira tarefa de elencagem, para todos os deverbais em análise, das informações lexicográficas fornecidas em DLP, Bluteau e Domingos Vieira. Estas três fontes lexicográficas foram aquelas usadas com carácter sistemático. Nos casos em que estas três fontes não se revelaram suficientes, recorreu-se aos dicionários da Academia e de Houaiss.

A análise dos dados lexicográficos permitiu construir uma primeira tabela auxiliar, não anexada neste trabalho, em que se assinalaram as significações encontradas para cada produto. Essas significações eram designadas genericamente por ‘acção’, ‘estado’, ‘causa’, ‘locativo’, ‘instrumento’ ou ainda outras designações capazes de produzirem a identificação da entidade designada pelo produto. Esta primeira elencagem, como se deduz, não permite distinguir os subtipos de significação, nem compreender a intervenção de cada componente genolexical na fabricação dos semantismos. Serve apenas como guia de que se parte para tarefas posteriores e mais decisivas em termos de obtenção de resultados.

Num segundo nível, deu-se início à conjugação dos dados lexicográficos com dados co-textuais para obtenção dos matizes semânticos. Os dados co-textuais foram procurados na internet, como já referido, através de motor de busca.

Os resultados obtidos através desta segunda tarefa já permitiram a construção de uma segunda tabela em que se assinalavam não os tipos semânticos gerais anunciados no

primeiro nível, mas os matizes que permitem distinguir *congelamento* de *congelção*, por exemplo. Destaque-se que a obtenção destes matizes requer uma avaliação cuidadosa dos dados lexicográficos interpenetrados com os dados co-textuais, através de processos de comparação dos objectos deverbais entre si e nunca observados isoladamente. Esta tarefa é dificultada pela escassez de dados lexicográficos em termos particulares, pela ausência de resultados de busca de dados co-textuais e ainda pela possibilidade de ocorrência no mesmo co-texto que alguns produtos mostram. Como tal, o desambiguação decorre de uma análise por comparação entre produtos com o mesmo sufixo e entre produtos construídos a partir do mesmo verbo com sufixos diferentes.

É só a partir desta segunda fase que se obtêm dados suficientes para proceder a uma terceira fase de sistematização de dados. Nesta terceira fase, que coincide com a obtenção dos resultados que aqui se mostram em tabela (anexos X e Y), procede-se à análise do processo de formação em si dos semantismos obtidos. É nesta fase que se sistematizam os diversos traços das várias fontes e que se avalia o contributo de cada um deles nos processos de congregação nos vários semantismos. Os semantismos são agora obtidos num exercício de construção holística a partir de componentes. Partira-se de semantismos gerais, que se decompueram em traços de diferentes fontes, a partir dos quais se construíram novamente semantismos gerais. O tipo de semantismo geral a que se chega não possui o mesmo pendor meramente empírico dos semantismos gerais de que se partira. Os segundos resultam de uma reconstrução analítica cuja validação depende da sua articulação com postulados teóricos concernentes aos processos de geração semântica nos produtos deverbais.

Os resultados obtidos que elencamos na próxima secção mostram essas significações reconstruídas e não as significações primeiras de que se partira para uma primeira e primária avaliação dos produtos a um nível semântico. Dado que se procurou analisar a possível pertinência do tipo semântico das bases verbais, objecto de estudo assim justificado no capítulo IV, na semântica dos produtos, a análise a que se procedeu dos produtos conjugou os subtipos semânticos das bases verbais com os seus produtos de acordo com cada sufixo nominalizador.

Como já explicitámos, os resultados contidos em tabela (anexos X e Y) mostram os processos em si e não tanto as significações. Estas são reconstruídas a partir dos dados acerca dos processos. Como tal, os resultados que aqui resumiremos não são mera descrição dos dados constantes em tabela (anexos X e Y), mas antes complementadores

daqueles, na medida em que representam o referido exercício de reconstrução analítica a partir desses dados decomposicionais. Uma abordagem mais directa da tabela (anexos X e Y) será instanciada na interpretação dos resultados (caps. VII e VIII).

6. Resultados

A decomposição dos componentes semânticos de fonte eventiva verbal, de fonte léxico-conceptual verbal, de fonte extra e de fonte sufixal de cada produto deverbal constante do *corpus*, cruzando o subtipo semântico das bases com a intervenção do sufixo, permitiu um exercício de direcção contrária cujo resultado pode ser resumido na obtenção de semantismos reconstruídos analiticamente através da análise dos processos compreendidos por essa decomposição.

São esses semantismos reconstruídos que iremos focar neste secção e que foram sistematizados e contabilizados nas tabelas dos anexos A e B.

Começaremos por explicitar os resultados a partir dos produtos prototipicamente de ‘evento’. As tabelas do anexo A mostram, em valores absolutos, os semantismos reconstruídos analiticamente conjugando tipos de verbos com operadores sufixais prototipicamente de ‘evento’, bem como os mesmos resultados em valores percentuais.

Dado que o sufixo *-ão* admite a construção básica quer de produtos de ‘evento’ quer de produtos de ‘indivíduo’, tal como em tabelas anteriores relativas à análise de aspectos concernentes às bases verbais (tabelas V), desdobramos a sua referência em *-ão1* e *-ão2*, respectivamente, colocando-os nas tabelas próprias.

Os valores apresentados dizem respeito a significações e não a lexemas.

São os seguintes os resultados obtidos em relação a produtos prototipicamente de ‘evento’ (anexo A):

Relativamente ao sufixo *-agem* (tabelas A 1 e A 2), a maioria das significações encontradas para os produtos construídos com este sufixo é de ‘operações diferentes’. Num total de 441 significações avaliadas, 310 (70,29%) são de ‘operações diferentes’ (*armazenagem, aterragem, resinagem*). Ainda dentro das significações de ‘evento’, seguem-se as significações de ‘chegada’ com 36 (8,16%) ocorrências (*alunagem, amaragem, ancoragem*). As significações de não-evento encontram à cabeça as significações de ‘imposto/pagamento/quantia’ com 23 (5,22%) ocorrências (*armazenagem,*

desalfandegagem, guindagem). Seguem-se as significações de ‘causa sistema’ com 16 (3,63%) representações (*aramagem, blindagem, maquilhagem*); as de ‘causa colectiva’ com 15 (3,40%) (*cravagem, arbitragem, pilotagem*); as de ‘locativo’ com 10 (2,27%) (*cardagem, pesagem, cromagem*); as de ‘resultado concreto’ com 8 (1,81%) (*sondagem, tiragem, tatuagem*); as de ‘causa instrumento autónomo’ com 6 (1,36%) (*atrelagem, embraiagem, engrenagem*); as de ‘causa instrumento’ com 5 (1,13%) (*aparelhagem, apeiragem, agulhagem*); as de ‘causa’ (*calafetagem, tapagem, zincagem*) e as de ‘objecto’ (*moagem, amostragem, pilhagem*) com 4 (0,91%) cada uma e finalmente as de ‘estado’ (*concupinagem, mestiçagem*) e as de ‘locativo tempo’ (*pupilagem, estiagem*) com 2 (0,45%) cada.

Os produtos de evento produzidos pelo sufixo *-ão* (tabelas A 3 e A 4) apresentam significações maioritariamente de ‘chegada’ marcada como ‘súbita’ (*escorregão, tropeção, esticão*). Esta significação eventiva representa 71,55% (83) das significações disponibilizadas num total de 116. Segue-se a significação de ‘resultado concreto’ com 30 (25,86%) ocorrências (*aleijão, arranhão, beliscão*). A significação de ‘estado’ representa apenas 0,86% (1) das ocorrências (*apagão*). Igual valor é apresentado por ‘causa’ (*arrebentão*) e ‘objecto’ (*arrastão*), respectivamente, cuja colocação na esfera dos produtos em *-ão* de evento advém apenas do facto de serem produtos que disponibilizam também uma significação eventiva.

O sufixo *-aria* (tabelas A 5 e A 6) apresenta 33 (58,93%) significações de evento ‘composto por operações iguais’ (*estalaria, zombaria, marchetaria*) num total de 56 significações. A significação que apresenta valor igualmente importante é a de ‘locativo’ com 17 (30,36%) ocorrências (*branquearia, destilaria, refinaria*). A significação de ‘objecto’ disponibiliza-se somente 3 vezes (5,36%) (*pregaria, sesmaria, pescaria*); as de ‘resultado concreto’ (*marchetaria*), ‘causa colectiva’ (*voaria*) e ‘locativo pequeno’ (*serraria*) 1 vez cada (1,79%).

Os objectos construídos pelo sufixo *-ção* (tabelas A 7 e A 8) apresentam os seguintes tipos de significação num total de 4030: 3066 (76,08%) ocorrências de ‘acção’ (*actuação, alteração, fabricação*); 521 (12,93%) ocorrências de ‘estado’ (*formicação, febricitação, impação*); 276 (6,85%) de ‘resultado concreto’ (*cavilação, conspiração, dissertação*); 55 (1,36%) de ‘resultado colectivo’ (*ondulação, fagulhação, fasicção*); 27 (0,67%) de ‘locativo’ (*culminação, ancoração, serração*); 21 (0,52%) de ‘causa’ (*acusação, fiscalização, governação*) e de ‘causa sistema’ (*vacinação, vedação*,

alimentação) cada; 17 (0,42%) de ‘causa colectiva’ (*povoação, ornamentação, notação*); 14 (0,35%) de ‘locativo tempo’ (*vereação, navegação, lactação*); 5 (0,12%) de ‘objecto colectivo’ (*vegetação, emigração, imigração*); 4 (0,10%) de ‘imposto/pagamento/quantia’ (*capitação, vereação, taxação*) e 1 (0,02%) de ‘objecto’ (*sustentação*), ‘locativo pequeno’ (*embarcação*) e ‘locativo corpo’ (*confrontação*) cada.

Quanto aos produtos em *-dura* (tabelas A 9 e A 10), encontraram-se as seguintes significações num total de 667: 382 (57,27%) de ocorrências de ‘acção’ (*ceceadura, roncadura, miadura*); 150 (22,49%) de ‘resultado concreto’ (*sarrafaçadura, apoiadura, arcadura*); 34 (5,10%) de ‘objecto’ (*assadura, coalhadura, escorredura*); 23 (3,45%) de ‘causa’ (*atestadura, caiadura, cercadura*); 20 (3,00%) de ‘estado’ (*embreadura, engomadura, pavesadura*); 15 (2,25%) de ‘causa instrumento autónomo’ (*amarradura, arreteadura, atadura*); 12 (1,80%) de ‘causa colectiva’ (*picadura, enfrechadura, encabeladura*) e de ‘locativo corpo’ (*seladura, enfiadura, embocadura*) cada; 8 (1,20%) de ‘locativo’ (*desembocadura, envasadura, vertedura*); 4 (0,60%) de ‘resultado colectivo’ (*alimpadura, alçadura, encabeladura*) e de ‘locativo tempo’ (*mamadura, veladura, apanhadura*) cada; 2 (0,30%) de ‘objecto colectivo’ (*ensedadura, carpeadura*); 1 (0,15%) de ‘imposto/pagamento/quantia’ (*enxalaviadura*).

Os produtos em *-mento* (tabelas A 11 e A 12) disponibilizam as significações num total de 2966 nos valores que se seguem: 1845 (62,20%) de ‘processo’ (*deslizamento, formigamento, envelhecimento*); 752 (25,35%) de ‘estado’ (*atroamento, abandalhamento, abespinhamento*); 233 (7,86%) de ‘resultado concreto’ (*abaulamento, achatamento, afunilamento*); 42 (1,42%) de ‘causa’ (*municipamento, ornamento, petrechamento*); 31 (1,05%) de ‘objecto’ (*planeamento, urdimento, traçamento*); 28 (0,94%) de ‘resultado colectivo’ (*enramamento, enrolamento, entrançamento*); 13 (0,44%) de ‘locativo’ (*acantoamento, alojamento, aparcamento*); 10 (0,34%) de ‘locativo resultado’ (*acampamento, acantonamento, abarracamento*); 5 (0,17%) de ‘causa colectiva’ (*mantimento, armamento, bastimento*); 2 (0,07%) de ‘locativo pequeno’ (*acostamento, assentamento*) e de ‘locativo tempo’ (*respiramento, renascimento*) cada; 1 (0,03%) de ‘causa instrumento autónomo’ (*aquecimento*), de ‘imposto/pagamento/quantia’ (*acarretamento*) e de ‘locativo corpo’ (*unhamento*) cada.

Os produtos em *-nça* (tabelas A 13 e A 14) mostram as seguintes significações num total de 135: 83 (61,48%) de ‘estado’ (*chibança, mal-andança, perseverança*); 22 (16,30%) de ‘processo’ (*medrança, mudança, decrescença*); 20 (14,81%) de ‘resultado

concreto' (*quebrança, crescença, corrença*); 4 (2,96%) de 'causa' (*mantença, segurança, governança*) e de 'objecto' (*ordenança, poupança, herdança*) cada; 1 (0,74%) de 'causa colectiva' (*militança*) e de 'locativo tempo' (*renascença*).

Os produtos em *-ncia* (tabelas A 15 e A 16) apresentam as seguintes significações num total de 354: 238 (67,23%) de 'estado' (*delinquência, dominância, fremência*); 48 (13,56%) de 'resultado concreto'; 35 (9,89%) de 'processo' (*confluência, emergência, reflúência*); 8 (2,26%) de 'objecto' (*excrecência, ocorrência, resultância*) e de 'locativo tempo' (*intendência, presidência, latência*) cada; 7 (1,98%) de 'locativo' (*estância, dependência, agência*); 5 (1,41%) de 'causa' (*presidência, regência, vigilância*); 3 (0,85%) de 'resultado colectivo' (*correspondência, convivência, pubescência*); 2 (0,56%) de 'objecto colectivo' (*ascendência, descendência*).

Finalmente, as significações dos produtos em *-nço* (tabelas A 17 e A 18) apresentam-se da seguinte forma, num total de 26: 13 (50,00%) de 'processo' (*gamanço, rapinanço, nicanço*); 9 (34,62%) de 'chegada' (*espalhanço, espetanço, esticanço*); 2 (7,69%) de 'resultado colectivo' (*caganço, cosipanço*); 1 (3,85%) de 'estado' (*amiganço*) e de 'objecto' (*calhanço*) cada.

As significações dos produtos de operadores sufixais prototipicamente de 'indivíduo' (anexo B) são apontadas em seguida.

O sufixo *-deiro* (tabelas B 1 e B 2) apresenta um total de 68 significações distribuídas da seguinte forma: 13 (19,12%) de 'causa humana' (*arranjadeiro, vindimadeiro, benzedeiro*); 12 (17,65%) de 'locativo causa' (*tragadeiro, atascadeiro, atoladeiro*); 9 (13,24%) de 'locativo' (*apeadeiro, malhadeiro, fiadeiro*); 9 (13,24%) de 'causa não-argumento' (*arribadeiro, deslizadeiro, atascadeiro*); 5 (7,35%) de 'objecto adjectivo' (*assadeiro, trazedeiro, fiadeiro*); 4 (5,88%) de 'causa adjectivo' (*mentideiro, agasalhadeiro, casadeiro*); 3 (4,41%) de 'causa' (*arrastadeiro, manadeiro, mondadeiro*), de 'locativo pequeno' (*picadeiro, pousadeiro, mijadeiro*) e de 'locativo pequeno causa' (*cremadeiro, cevadeiro*), cada um; 2 (2,94%) de 'causa animada' (*palradeiro, comedeiro*) e de 'causa animal' (*lavradeiro, piadeiro*) cada; 1 (1,47%) de 'causa instrumento' (*moscadeiro*), de 'causa instrumento autónomo' (*arribadeiro*) e de 'locativo corpo causa' (*transpiradeiro*) cada.

O sufixo *-deira* (tabelas B 3 e B 4) disponibiliza um total de 354 significações dos seguintes tipos: 98 (27,68%) de 'causa humana' (*bailadeira, pranteadeira, arrumadeira*);

83 (23,45%) de ‘causa instrumento’ (*amalhadeira, embutideira, zunideira*); 49 (13,84%) de ‘causa instrumento máquina’ (*bobinadeira, encarretadeira, enroladeira*); 25 (7,06%) de ‘acção’ (*brincadeira, dormideira, grunhideira*); 19 (5,37%) de ‘causa animal’ (*engatadeira, engatinhadeira, trepadeira*) e de de ‘locativo pequeno causa’ (*escoadeira, assadeira, estufadeira*); 12 (3,39%) de ‘causa instrumento autónomo’ (*embotadeira, apremedeira, embaladeira*) e de ‘locativo pequeno’ (*passadeira, tendedeira, amassadeira*) cada; 8 (2,26%) de ‘causa vegetal’ (*trepadeira, engatadeira, estancadeira*); 7 (1,98%) de ‘causa’ (*manadeira, rangedeira, grunhideira*); 4 (1,13%) de ‘locativo causa’ (*cernideira, ensecadeira, sangradeira*), de ‘locativo corpo causa’ (*cingideira, puxadeira, empolgadeira*) e de ‘experenciador’ (*espreitadeira, procuradeira, vasculhadeira*) cada; 3 (0,85%) de ‘objecto’ (*arribadeira, descedeira, subideira*); 2 (0,56%) de ‘causa não-argumento’ (*mijadeira, dormideira*) e de ‘causa adjectivo’ (*caçadeira, parideira*); 1 (0,28%) de ‘causa animada’ (*parideira*), ‘objecto adjectivo’ (*capadeira*) e de ‘locativo’ (*conversadeira*) cada.

O sufixo *-douro* (tabelas B 5 e B 6) apresenta as seguintes significações num total de 238: 76 (31,93%) de ‘locativo’ (*bailadouro, pastadouro, espolinhadouro*); 26 (10,92%) de ‘locativo causa’ (*resvaladouro, escorregadouro, corredouro*); 25 (10,50%) de ‘acção’ (*chiadouro, piadouro, zuidouro*); 19 (7,98%) de ‘causa instrumento’ (*esborralhadouro, soborrolhadouro, assucadouro*); 17 (7,14%) de ‘locativo objecto’ (*saltadouro, trepadouro, atravessadouro*); 16 (6,72%) de ‘locativo pequeno’ (*enroladouro, estendedouro, batedouro*); 14 (5,88%) de ‘causa instrumento autónomo’ (*cerradouro, tornadouro, enxugadouro*); 12 (5,04%) de ‘objecto’ (*chupadouro, babadouro, chumbadouro*); 9 (3,78%) de ‘causa’ (*defumadouro, marcadouro, muradouro*) e de ‘locativo corpo’ (*apertadouro, pousadouro, encabadouro*) cada; 7 (2,94%) de ‘objecto adjectivo’ (*segadouro, sementeado, criadouro*); 3 (1,26%) de ‘causa não-argumento’ (*ruminadouro, dejejuadouro, aquecedouro*) e de ‘locativo pequeno causa’ (*escoadouro, esfriadouro*) cada; 2 (0,84%) de ‘locativo corpo causa’ (*suadouro, ruminadouro*).

As 22 significações dos produtos em *-doura* (tabelas B 7 e B 8) distribuem-se da seguinte forma: 12 (54,55%) de ‘causa instrumento’ (*aguçadoura, rapadoura, roçadoura*); 5 (22,73%) de ‘causa instrumento autónomo’ (*levadoura, tangedoura, tapadoura*); 2 (9,09%) de ‘locativo pequeno’ (*manjadoura, levadoura*); 1 (4,55%) de ‘causa’ (*cantadoura*), de ‘locativo causa’ (*corredoura*) e de ‘acção’ (*varredoura*) cada.

O sufixo *-dor* (tabelas B 9 e B 10) disponibiliza 3157 significações a partir dos seus produtos. 1860 (58,92%) são de ‘causa humana’ (*esgrimidor, ensalmador, digladiador*); 9

(0,29%) são de ‘causa não-argumento’ (*chovedor, suador, deflagrador*); 367 (11,62%) são de ‘causa’ (*arremessador, disparador, flutuador*); 229 (7,25%) de ‘causa animada’ (*estrugidor, flanador, rastejador*); 183 (5,80%) de ‘causa instrumento’ (*lançador, arrumador, calçador*); 169 (5,35%) de ‘causa instrumento máquina’ (*bobinador, catalogador, concatenador*); 124 (3,93%) de ‘experenciador’ (*averiguador, indagador, inquiridor*); 60 (1,90%) de ‘causa instrumento autónomo’ (*inalador, retardador, espalhador*); 57 (1,81%) de ‘causa animal’ (*ululador, urrador, trinador*); 34 (1,08%) de ‘locativo pequeno causa’ (*assador, congelador, cristalizador*); 29 (0,92%) de ‘objecto’ (*emigrador, migrador, transmigrador*); 22 (0,70%) de ‘causa substância’ (*cintilador, adormentador, amolecedor*); 7 (0,22%) de ‘locativo pequeno’ (*apontador, copiador, talhador*); 3 (0,10%) de ‘causa vegetal’ (*trepador, balador, penteador*); 2 (0,06%) de ‘locativo’ (*toucador, obrador*); 1 (0,03%) de ‘locativo corpo causa’ (*puxador*); 1 (0,03%) de ‘locativo objecto’.

Os produtos de *-dora* (tabelas B 11 e B 12) mostram as seguintes significações num total de 41: 30 (73,17%) de ‘causa instrumento máquina’ (*embobinadora, empilhadora, ratinadora*); 7 (17,07%) de ‘causa humana’ (*aveludadora, visitadora, governadora*); 1 (2,44%) de ‘causa instrumento’ (*lixadora*), de ‘causa instrumento autónomo’ (*condensadora*), de ‘locativo pequeno causa’ (*incubadora*) e de ‘experenciador’ (*auscultadora*) cada.

O sufixo *-ão* (tabelas B 13 e B 14) enquanto operador na RFP de agentivos fornece as seguintes significações num total de 131: 64 (48,85%) de ‘causa humana’ (*carreção, picção, cavção*); 18 (13,74%) de ‘causa animada’ (*pinção, retoução, ronção*); 17 (12,98%) de ‘causa animal’ (*mergulção, saltção, tremção*); 11 (8,40%) de ‘causa instrumento’ (*marrção, mexção, picção*); 7 (5,34%) de ‘causa’ (*desgarrção, esgarrção, chição*); 5 (3,82%) de ‘objecto’ (*pegção, capção, rapção*); 4 (3,05%) de ‘causa vegetal’ (*mamção, chorção, queimção*); 2 (1,53%) de ‘causa instrumento máquina’ (*pisção, carretção*) e de ‘experenciador’ (*espição, mirção*) cada; 1 (0,76%) de ‘causa instrumento autónomo’ (*travção*).

O sufixo *-nte* (tabelas B 15 e B 16) apresenta as 548 significações encontradas distribuídas da seguinte forma: 233 (42,52%) de ‘causa humana’ (*aniversariante, casante, comungante*); 71 (12,96%) de ‘causa’ (*implicante, imperante, intrigante*); 61 (11,13%) de ‘objecto’ (*cambiante, minguate, variante*); 58 (10,58%) de ‘causa substância’ (*fulminante, brilhante, espumante*); 28 (5,11%) de ‘objecto humano’ (*adolescente, naufragante, emigrante*); 18 (3,28%) de ‘causa animada’ (*lactante, pimpante, parturiente*) e de

‘experienciador’ (*ouvinte, consultante, vigilante*); 16 (2,92%) de ‘objecto animal’ (*invernante, amarelante, vivente*); 13 (2,37%) de ‘causa animal’ (*ruminante, reptante, estridulante*); 12 (2,19%) de ‘locativo objecto’ (*montante, vazante, vertente*); 6 (1,09%) de ‘objecto substância’ (*afluente, aderente, confluyente*) e de ‘objecto vegetal’ (*montante, descendente, vivente*) cada; 3 (0,55%) de ‘causa vegetal’ (*dormente, absorvente, abarcante*) e de ‘locativo causa’ (*escoante, lançante, restaurante*); 2 (0,36%) de ‘causa instrumento’ (*tirante, trinchante*).

Os produtos em *-ória/-tória* (tabelas B 17 e B 18) apresentam as seguintes significações num total de 26: 16 (61,54%) de ‘causa’ (*eliminatória, revogatória, rogatória*); 4 (15,38%) de ‘causa não-argumento’ (*recordatória, jaculatória, executória*); 2 (7,69%) de ‘locativo causa’ (*conservatória, executória*) e de ‘acção’ (*oratória, rogatória*) cada; 1 (3,85%) de ‘causa vegetal’ (*oscilatória*) e de ‘locativo’ (*escapatória*) cada.

Os produtos em *-ório* (tabelas B 19 e B 20) disponibilizam um total de 12 significações distribuídas por: 7 (58,33%) de ‘locativo’ (*consultório, desinfectório, velório*); 3 (25,00%) de ‘causa não-argumental’ (*executório, vomitório, expulsório*); 1 (8,33%) de ‘locativo pequeno’ (*dejectório*) e 1 (8,33%) de ‘acção’ (*casório*).

O sufixo *-tório* (tabelas B 21 e B 22) apresenta um total de 307 significações, cuja distribuição é a seguinte: 216 (70,36%) de ‘causa adjetivo’ (*ambulatorio, circulatorio, giratorio*); 16 (5,21%) de ‘locativo’ (*deambulatorio, dormitorio, palratorio*) e de ‘acção’ (*falatorio, palratorio, berratorio*) cada; 14 (4,56%) de ‘objecto adjetivo’ (*escapatório, emigratório, migratório*); 12 (3,91%) de ‘locativo pequeno’ (*reclinatório, conservatório, crematório*); 7 (2,28%) de ‘causa’ (*lavatório, purificatório*); 6 (1,95%) de ‘causa não-argumental’ (*esternutatório, exsudatório, transpiratório*); 4 (1,30%) de ‘locativo causa’ (*purgatório, recreatório, reformatório*); 3 (0,98%) de ‘objecto’ (*mastigatório, seringatório, osculatório*); 2 (0,65%) de ‘locativo pequeno causa’ (*purificatório, separatório*) e de ‘experienciador’ (*amatório, execratório*) cada; 5 (1,63%) de ‘causa substância’ (*vesicatório*), 1 (0,33%) de ‘causa humana’ (*oratório*), de ‘causa instrumento’ (*respiratório*), de ‘causa instrumento máquina’ (*evaporatório*) e de ‘locativo corpo’ (*evaporatório*).

O sufixo *-vel* (tabelas B 23 e B 24) apresenta 5 significações distribuídas por: 4 (80,00%) de ‘objecto’ (*dirigível, variável, consumível*); 1 (20,00%) de ‘objecto humano’ (*miserável*).

Por último, o sufixo *-al* (tabelas B 25 e B 26) apresenta um total de 8 significações distribuídas por: 3 (37,50%) de ‘locativo’ (*estendal, tendal, passal*); 2 (25,00%) de ‘acção’ (*tremedal, estendal*); 1 (12,50%) de ‘locativo pequeno’ (*tendal*), de ‘locativo causa’ (*tremedal*) e de ‘locativo corpo causa’ (*firmal*).

7. Interpretação dos resultados

A interpretação dos resultados terá em conta a conciliação dos resultados obtidos na análise dos semantismos dos produtos deverbais e dos resultados concernentes à distribuição de produtos formatados pelo operador sufixal respectivo por classes léxico-semânticas verbais. Estes últimos dados, constantes no capítulo IV e cuja interpretação havia sido anunciada como suspensa até capítulo adequado, serão agora recuperados. É por esse motivo que neste capítulo, apesar de os dados serem incluídos nas tabelas dos anexos A e B, não se explicitaram as relações entre os tipos de bases verbais e cada significação do deverbal.

Dada a complexidade e extensão da interpretação dos resultados relativos aos semantismos dos deverbais, optámos por dedicar dois capítulos (caps. VI e VII) próprios à sua explicitação.

8. Síntese

Neste capítulo procedeu-se à análise dos semantismos constantes nos produtos deverbais. Para tal, explicitou-se o aparelho formal desenvolvido para suportar a explicação do processo de geração dos vários semantismos. Apresentaram-se os vários traços, cuja congregação permite a obtenção das significações, localizáveis em quatro fontes distintas (fonte eventiva verbal, fonte léxico-conceptual verbal, fonte extra e fonte sufixal). Determinaram-se os traços de cada fonte sufixal e os de fonte léxico-conceptual e extra e mostrou-se o modo de conciliação entre estes e os das restantes fontes. Consequentemente, essa abordagem do modo de conciliação entre os traços permitiu a reconstrução analítica das várias significações dos produtos deverbais, ao observar-se que tipos de traços e de congregação de traços servem cada tipo de significação.

O sistema de notação que desenvolvemos de modo a permitir a explicitação formal do processo de congregação dos vários traços para a obtenção dos diferentes tipos de significação foi alvo de demonstração.

Em seguida, explicitou-se a metodologia de análise utilizada, ainda que de forma pouco detalhada, na medida em que os mesmos processos metodológicos haviam sido já enunciados relativamente à análise das bases verbais (§ 2.2, cap. IV). Por fim, procedeu-se à mostragem dos resultados avaliados numericamente.

Os dois próximos capítulos dedicar-se-ão, como dissemos, à interpretação dos resultados mostrados neste capítulo em conjugação com os que haviam sido mostrados no capítulo IV, a propósito dos caracteres léxico-semânticos das bases verbais.

Capítulo VI

Interpretação dos produtos de ‘evento’

0. Introdução

No capítulo anterior efectuámos a explanação do aparelho formal desenvolvido com vista à explicação e à descrição dos semantismos dos produtos deverbais, bem como dos traços semânticos envolvidos no processo e dos resultados do mesmo nível ostentados pelos produtos. Tendo observado as ferramentas explicativas e descritivas dos semantismos dos produtos deverbais, assim como a distribuição destes, numericamente avaliada, por operador sufixal, surge agora espaço para a interpretação desses resultados, em conjugação com os resultados mostrados para as classes léxico-semânticas das bases verbais, bem como das estruturas morfológicas das mesmas.

Se o capítulo anterior permite compreender todo o suporte instrumental desenvolvido para analisar os semantismos dos deverbais, o presente capítulo apresenta a intervenção de cada mecanismo e de cada operador de formatação semânticos na feitura de cada tipo de verbal. Como tal, procederemos a uma abordagem direccionada para o *corpus* que se constituiu como objecto de análise deste trabalho, através da descrição de correlações entre semantismos dos produtos, operadores sufixais, classes léxico-semânticas verbais e suas estruturas morfológicas/morfemáticas.

Esta tarefa será efectuada tomando como ponto de partida os deverbais de cada operador sufixal, para os quais se procederá a uma abordagem de tipos semânticos em conjugação com tipos semânticos verbais (cf. Anexos A e X).

O presente capítulo focaliza os operadores sufixais prototipicamente construtores de semantismos de evento. Analisam-se os produtos de cada operador sufixal, tendo em atenção os semantismos disponibilizados e o cruzamento destes com as estruturas léxico-semânticas das bases. Com isto, procuraremos entender se, para além dos traços de fonte verbal descritos no capítulo anterior e cuja indexação revela pertinência na produção dos semantismos dos deverbais, existirá ou não influência das classes léxico-semânticas verbais na obtenção de determinados semantismos dos produtos. Uma vez que a avaliação das classes léxico-semânticas verbais disponíveis para a adjunção dos vários operadores sufixais foi empreendida no capítulo IV, trata-se agora de analisar de que modo se opera a

intervenção dessas classes léxico-semânticas das bases verbais na produção de efeitos semânticos nos seus produtos.

A existência de diversos produtos deverbais construídos a partir da mesma base verbal indica que não existe uma especialização absoluta entre bases e operadores sufixais.¹ Na verdade, numerosos verbos mostram conjugabilidade com diferentes operadores sufixais nominalizadores, tanto no que diz respeito à sua formatação morfemático-morfológica (cap. III), quanto à sua caracterização léxico-conceptual (cap.IV).

O facto de o mesmo verbo dar origem a produtos distintos através da agregação de operadores sufixais distintos mostra a versatilidade genolexical na configuração de matizes semânticos resultantes do aproveitamento de particularidades semânticas advindas dos traços do sufixo. Assim, o mesmo estado-de-coisas, formatado por um determinado verbo, pode ser configurado de modos diversos, como já vimos a propósito dos diferentes valores de ‘evento’ ocasionados pelos diferentes traços semânticos dos sufixos em acção.

Em suma, os constrangimentos existentes na escolha verbo/sufixo parecem passar sobretudo pela acção de selecção acarretada pela especificidade semântica de cada operador sufixal. É devido a os sufixos conterem traços semânticos particulares, que permitem a produção de matizes semânticos em deverbais construídos a partir da mesma base verbal mas com diferentes sufixos, que emergem as restrições referidas: existem verbos cujas estruturas semânticas são coadunáveis com os traços semânticos de diversos sufixos, enquanto outros, que dispõem de estruturas semânticas direccionadas para uma determinada configuração do estado-de-coisas descrito, surgem apenas agregados a sufixos cujos traços semânticos mostrem maior grau de conciliação com os do verbo.

Essa possibilidade de adjunção de diferentes sufixos ao mesmo verbo apenas aparentemente pode ser encarada como sinónima de total liberdade de conjugação entre bases verbais e sufixos. Na verdade, para além de constrangimentos relacionados com as estruturas morfológicas/morfemáticas de verbos e do operador sufixal, há formações léxico-semânticas que parecem favorecer não só a escolha do operador sufixal, como também determinados matizes semânticos.

¹ Ressalve-se que essa especialização pode existir em casos particulares, como o são os constrangimentos por caracteres morfemáticos/morfológicos das bases condicionantes da agregação de operadores. Nesta situação, basta recordar a quase exclusiva correlação entre produtos verbais em *-iz-* e *-ific-* que escolhem translinguisticamente o operador nominalizador representado em português por *-ção* ou ainda a apetência que verbos em *-ec-* e *-esc-* mostram pelos operadores *-mento* e *-ncia*.

É neste momento que se evidenciará na prática o que havíamos estipulado como corolário teórico acerca da função dos operadores sufixais: a análise efectuada aos objectos lexicais revela que os sufixos que os constroem não são meros mutadores sintácticos ou agentes morfológicos de RFPs. Os operadores sufixais transportam carga semântica que se revela importantíssima na definição do semantismo do produto, quer ao nível da sua significação genérica, quer ao nível das significações secundárias. As capacidades do operador sufixal não se atêm à função de nominalização, antes se estendem a dimensões muito finas de carácter semântico, apenas reveladas comparativamente, como já demonstrado através da explanação da metodologia seguida para compreender a força da intervenção semântica de cada operador na produção de cada produto, e na preferência que os afixos demonstram em relação a determinadas bases.

Os dados descritos neste capítulo encontram-se inscritos em tabelas (anexos X), funcionando este capítulo como explanação daquela. Mais uma vez referimos que as tabelas que compõem o anexo X mostram directamente o modo como se processa a construção dos significados apresentados pelos produtos em análise e não os significados em si. Estes são reconstruídos analiticamente através dos dados fornecidos pelos mecanismos de coindexação e de projecção de traços. É igualmente pertinente recordar que os traços das diversas fontes não são vectores abstractos assumidos *a priori* da análise do *corpus*, mas antes constructos obtidos *a posteriori* a partir da análise comparativa dos produtos. Apenas através deste comportamento metodológico se poderiam isolar os traços actuantes nas diversas significações dos produtos.

Neste capítulo procederemos à interpretação dos dados relativos aos produtos prototipicamente de evento, analisando operador sufixal um a um.

Para cada sufixo são comentadas as significações mais representativas numericamente ou os produtos que ostentem relevância explicativa ou exemplificadora.

1. Produtos prototipicamente de ‘evento’

No conjunto de produtos deverbais ostentadores de significação básica de ‘evento’ é possível observar comportamentos semânticos distinguíveis comparativamente entre produtos portadores de diferentes operadores sufixais. No capítulo anterior, deixámos explícito que cada operador sufixal transporta um traço semântico caracterizado por ser um

conglomerado semântico decomponível. Esse traço semântico ou, em alguns casos, um componente desse traço em coindexação ou projecção com outros traços de fonte eventiva verbal, léxico-conceptual verbal ou extra possibilita a construção de subtipos de ‘evento’, que especificam o modo como um determinado estado-de-coisas é configurado.

Nas tabelas dos resultados numéricos obtidos (anexo A), optámos por condensar essas especificidades em significações simultaneamente genericistas para englobar os matizes agrupáveis e com suficiente especificidade para desdobrar os eventos em subtipos. É neste sentido que emergem nas tabelas de mostração numérica dos resultados (anexo A) as designações de, por exemplo, ‘processo’ e de ‘acção’, com suficiente genericidade para concentrar sob a sua alçada os eventos designados por produtos construídos através dos sufixos *-mento* e *-ncia*, e *-dura* e *-ção*, respectivamente, quando o que concluímos da análise destes objectos é que o tipo de ‘processo’ enformado através de *-mento* não é igual ao designado por *-ncia*, assim como o tipo de ‘acção’ designado por *-ção* não se apresenta nos mesmos moldes que o abrangido por *-dura* (cf. § 3.1, cap. V).

Como iremos observar, a identidade semântica do afixo não se faz sentir somente no matiz de ‘evento’ de cada produto, mas sobretudo nas relações de selecção entre afixo e base e ainda na produção de determinados semantismos secundários e no mecanismo por que estes são construídos.

1.1 Produtos em *-agem*

O sufixo *-agem*,² assim formatado por nós, rejeitando a hipótese de *-gem*, devido à existência de produtos como *moagem*, cujas bases não apresentam vogal temática *-a-*, disponibiliza um traço semântico designado por [composto de operações diferentes] (tabelas X a). Como o processo de coindexação prevê, o traço do sufixo tem a função de escolher bases verbais cuja composicionalidade semântica contenha um vector coindexável com o traço do sufixo em jogo. Muitas vezes, a coindexação desenha-se sob a forma de simetria perfeita entre o traço do sufixo e o traço do verbo, se houver coincidência absoluta entre estes, e, noutros casos, resulta em simetria imperfeita se apenas um componente de um traço do verbo coincidir com um componente do traço do sufixo, ou ainda se, na ausência de coincidência, ocorrer conciliabilidade entre os traços. A situação de simetria

² Para uma análise dos produtos em *-agem* veja-se Tchobánova (2001). Para os produtos em *-age* do francês, veja-se Fleischman (1976-1977).

perfeita é de carácter sobretudo teórico. É que a contribuir para a assimetização entre verbo e sufixo estão as próprias disparidades naturalmente decorrentes da complexidade de estruturação que o verbo encerra, ao conglomerar diversas faces semânticas que vão desde vectores eventivos a vectores léxico-conceptuais internamente organizados e complexos, em comparação com a relativa simplicidade de estruturação semântica própria de um sufixo.

É necessário enfatizar que a simplicidade de estruturação semântica é meramente relativa, face à diversidade de níveis semânticos que um verbo acarreta. O sufixo não dispõe, como o verbo, de especificidades semânticas decorrentes da própria significação lexical do segundo. O traço semântico que o sufixo carrega possui um pendor tão genérico que é adequável a um número infinito de significações verbais. A sua capacidade atém-se à moldagem dessas significações lexicais em termos de configuração e não altera o estado-de-coisas em si mesmo.

A evidenciar a versatilidade do traço semântico do sufixo está, para além da referida adequabilidade deste a uma infinidade de semantismos lexicais peculiares de cada verbo, a possibilidade de alguns sufixos serem agentes interfaticamente em diferentes RFPs, agregando-se a bases sintacticamente distintas e, necessariamente, com formatação semântica genérica distinta, conforme mostrado no § 1.4 do cap. II.

A acção do sufixo está em fazer convergir essa variedade das bases numa uniformidade focal que decorre da especificidade do traço semântico do sufixo. Devido à diversidade semântica das bases a que o mesmo sufixo se agrega, os produtos deverbais do mesmo sufixo podem apresentar variação semântica dependente das estruturas semânticas das bases.

O caso da formação de produtos em *-agem* revela-se como evidenciador do acima estipulado. O sufixo *-agem* possui um traço semântico cuja versatilidade lhe permite ser aplicado a diferentes tipos de bases. Assim, o traço [composto por indivíduos diferentes] é aplicável a substantivos como *pêlo*, dando origem a um *nomen quantitatis* (*pelagem*), a substantivos como *camarada*, dando origem a um *nomen essendi* (*camaradagem*) e a verbos como *alunar*, dando origem a um *nomen actionis* (*alunagem*). Neste último caso, tratando-se os ‘indivíduos diferentes’ de ‘eventos’, o mesmo traço surge especificado como [composto de operações diferentes]. Quanto à provável argumentação de que no caso de *pelagem* não se trata de ‘indivíduos diferentes’, mas de ‘indivíduos iguais’, o que iria ao encontro do traço do sufixo *-aria*, contra-argumentamos dizendo que *pelagem* não designa

mero ‘conjunto de pêlos’, mas antes um ‘sistema de pêlos’, com o sentido de heterogeneidade de valores que ‘sistema’ acarreta.³ Quanto a *camaradagem*, o valor de ‘indivíduos diferentes’ ressalta no produto no matiz de ‘atitudes próprias de Nb’, sendo que os ‘indivíduos diferentes’ são referentes às ‘atitudes várias’.

No que aos objectos do nosso trabalho diz respeito, os produtos deverbais em *-agem* apresentam como resultado da aplicação do traço semântico do sufixo variações semânticas de acordo com o tipo de base verbal em jogo.

É possível estabelecer que o processo de formação destes produtos acarreta uma simetria perfeita entre traços do verbo e do sufixo. Nos dois casos, estamos perante o traço [composto de indivíduos diferentes], especificados como [operações] no caso dos verbos e no caso de aplicação do sufixo a este tipo de bases.

Vejamos de que modo se encontra actualizado o traço de [composto por operações diferentes] nos verbos base. Os verbos inergativos a que se agrega este sufixo designam modos de moção, performances e modos instrumentais.

No caso dos verbos inergativos de moção é notória a presença do referido traço como condição para a agregação deste sufixo, na medida em que estão ausentes das bases verbos de moção que não implicam [operações diferentes]. Hipotéticos produtos formados a partir de verbos inergativos de moção sem este traço revelam-se agramaticais, como se verifica pelos exemplos **passeagem*, **saltagem*, **corragem*, dos verbos *passear*, *saltar* e *correr*, respectivamente. Os verbos inergativos de moção que compreendem as bases dos produtos em *-agem* designam eventos constituídos por operações heterogéneas cuja realização desemboca na efectuação do evento descrito assim unitariamente. São exemplo do que asseveramos verbos como *cavalar*, *patinar*, *cabotar*, ostentadores do traço [composto por operações diferentes], na medida em que englobam uma série de operações que no todo constituem os eventos designados por cada um desses verbos.

Os verbos inergativos performativos designam sobretudo *modi vivendi* com características particulares de cuja conglomeração resultam essas práticas. Localizam-se nestes domínios verbos como *guerrilhar*, *vadiar*, *mendigar*, *parasitar*, entre outros, cujos deverbais em *-agem* designam quer o evento em si, moldando-o como evento múltiplo, quer o conjunto dos protagonistas do evento, na significação de ‘causa colectiva’.

³ É necessário compreender que o conjunto de pêlos que constitui a pelagem no mesmo indivíduo apresenta diversidade estrutural (cor, textura, etc.) de acordo com a sua função. Veja-se, por exemplo, o texto <http://www.isa.utl.pt/def/waterlobby/VERTEBRATES/MAMIFEROS.pdf>.

Que o traço pertencente aos verbos que serve como agente de atracção do sufixo -*agem* é o de [composto de operações diferentes] é destacado por informações lexicográficas. A significação de *arfagem*, incluída no DLP de «movimento longitudinal de balanço de um comboio», é coadunável com a caracterização que fazemos dos produtos em -*agem*. A relação desta com o verbo base é salientada através de uma informação apresentada por Bluteau relativamente ao verbo *arfar*. «Levantar a não com alternadas agitaçoens a popa, & a proa.», referente a *arfar a nau*, é informação suficiente para compreender a vinculação do traço [composto por operações diferentes] do verbo, reflectido no semantismo de ‘alternar’, ao mesmo traço do sufixo.

A informação que Domingos Vieira fornece acerca do deverbal *bafagem* permite igualmente verificar como correcta a predição de que é o traço [composto por operações diferentes] o traço actuante na atracção entre o sufixo e os verbos seleccionados para bases. *Bafagem* não é simples ‘brisa’, mas, conforme refere Domingos Vieira, «sopro brando e interrompido». É justamente no carácter ‘interrompido’ que reside o traço [composto por operações diferentes]. O facto de o sopro ser interrompido faz conceber uma intermitência que proveja o evento de múltiplos subeventos necessariamente heterogéneos entre si, de acordo com diferentes intensidade e duração.

Os deverbais em -*agem* provenientes de verbos inergativos caracterizam-se, seguindo o conjunto destes deverbais, por significarem em termos básicos eventos constituídos por subeventos. Trata-se de eventos que funcionam como sistemas de eventos, cuja completude está dependente da existência das partes. Nos deverbais provenientes de verbos inergativos, o factor de completude não se encontra tão salientado quanto nos restantes, pois os verbos inergativos não apresentam tendencialmente [ponto de chegada]. No entanto, este vector é importante neste tipo de deverbais, já que permite a configuração da significação do evento no [ponto de chegada] desse evento. Esta significação pode surgir em paralelo com a significação de evento ou isoladamente.

No caso dos deverbais provenientes de verbos inacusativos locativos, como *alunagem*, *amaragem*, *ancoragem*, *aterragem*, entre outros, existe uma significação de evento constituído por vários eventos. Assim, a *aterragem* só se apresenta como completa se se realizarem todas as operações necessárias à sua completação. Por fim, é essa completação que aparece designada numa significação também de carácter básico nos deverbais produzidos a partir deste tipo de verbos e que condensa o evento no ponto de chegada do mesmo. É assim que *alunagem*, *aterragem*, *ancoragem*, para além de

designarem a totalidade dos eventos que as formam, designam a culminação do evento múltiplo, configurando num ponto temporal apenas o momento de completção do evento múltiplo.

Repare-se que verbos inacusativos locativos que não designam eventos múltiplos não dão origem a este tipo de deverbais. Verbos como *aderir*, *coerir*, *coalescer* não apresentam possibilidade de criar deverbais em *-agem*.

Como vimos a propósito de *alunagem* e congéneres, determinados produtos em *-agem* que são formados a partir de bases verbais que designam eventos múltiplos cuja completção depende da realização dos seus componentes possuem uma significação de ‘ponto de chegada’. Essa significação depende da existência, na estrutura eventiva do verbo, de um [ponto de chegada] que perfaça o sistema. Contudo, essa significação é implicitamente inerente ao sufixo *-agem*, na medida em que o traço que o caracteriza de [composto por indivíduos diferentes], neste caso de aplicação a bases verbais [operações], formata esse conjunto como sistema e não como mero aglomerado de indivíduos sem relação entre si. Neste sentido, o facto de ser sistema provê os seus elementos de carácter necessário. Como tal, em termos eventivos, cada subevento é necessário à completção do evento e, conseqüentemente, haverá um subevento responsável pelo ponto de chegada do evento.

É essa focalização do ponto de chegada cuja relevância o impele a ganhar autonomia que dá origem a *derrapagem*. Neste deverbal o componente relacionado com a completção do evento próprio do processamento dos deverbais em *-agem* é projectado e coindexado com o [ponto de chegada] da estrutura eventiva do verbo base. Este deverbal é assim descrito como perfeitamente enquadrável na formação destes produtos, não através da coindexação entre traços simétricos do verbo e do sufixo, mas da projecção de parte do traço do sufixo em congregação com o traço do verbo com ele conciliável, o de [ponto de chegada], proporcionada pelo relevo que essa parte do traço do sufixo adquire em produtos que contêm as duas significações eventivas referidas. A mesma explicação é aplicável a *viragem* (tabela X a 13).

A significação de ‘operações diferentes’ é congregadora dos deverbais em *-agem* (cf. tabela A 1 e A 2). Para além de ocupar 70,29% do total de significações encontradas nestes produtos, esta significação emerge em 292 deles (no total de 294 produtos (cf. tabela III 1)) à excepção dos dois casos já explicados à luz do conceito de projecção de *derrapagem* e *viragem*. Neste sentido, não existe co-relação entre cada classe léxico-

semântica em particular e a fomentação desta significação, na medida em que os verbos que compõem essas classes se encontram seleccionados através do traço [composto por operações diferentes]. É de salientar que, ao cumprirem esse requisito, esses verbos compreendem sobretudo aqueles que designam operações de carácter técnico, em particular, ou, em geral, um determinado *modus operandi*, que se pode especificar quer nas actuações técnicas de carácter profissional, como é o caso de *resinar*, *afinar*, *assedar*, *terraplenar*, *filigranar*, *cobaltizar*, quer nos *modi vivendi*, como *parasitar*, *mendigiar*, *vadiar*, cujas diversas acções compõem a totalidade própria de cada evento. Saliente-se que também os verbos de moção representam eventos de carácter técnico, como comprovado através dos exemplos de *cavalar*, *pedalar*, *costear*, *patinar*.

A presença do traço [ponto de chegada] na composição do próprio traço de [composto de operações diferentes] de bases e sufixo encontra reflexo no carácter de evento “fechado” dos muitos produtos. A comprovar esta asserção encontram-se também os deverbais em *-agem* obtidos a partir de verbos de ‘medir objecto’ como *arrobar*, *contar*, *cronometrar*, *cubar*, *pesar*, *dosar*, entre outros.

Estes deverbais enformam o evento como fechado, no sentido de finito, facto que explica a inexistência de deverbais em *-mento* a partir dos mesmos (**arrobamento*, **contamento*, **cronometramento*, **cubamento*, **pesamento*, **dosamento*). Este sufixo, ao servir a designação do desenrolar processual do evento e não do sistema de operações que compõe o evento e, logo, da sua completação, não é adequado à nominalização destes eventos (cf. § 1.5 deste capítulo). Observe-se que já é possível o deverbal *doseamento*, a partir de verbo constituído por sufixo *-e-* que oferece ao mesmo um carácter de desenrolar processual infinito do evento.

Como vimos no capítulo anterior, a significação de ‘imposto/pagamento/quantia’ é aquela que apresenta maior número de ocorrências depois das significações de ‘operações diferentes’ e de ‘ponto de chegada’.⁴

⁴ Recorde-se que esta significação foi apenas encontrada, para além de nestes produtos, em produtos em *-ção* e *-dura*. Contudo, *-agem* é o sufixo que suporta maior percentagem desta significação (5,22% (23 em 441), de acordo com as tabelas A 1 e A 2), enquanto *-ção* (tabelas A 7 e A 8) apresenta apenas (0,10% (4 em 4030)) e *-dura* (tabelas A 9 e A 10) (0,15% (1 em 667)). Os deverbais em *-ção* e *-dura* que apresentam esta significação são: *capitação* (DLP: «o que se paga ou recebe por cabeça ou pessoa»), *vereação* (Domingos Vieira: «Taxa em cousas de venda, ou maneiço»), *prestação* (Domingos Vieira: «Tributo que pagavam aos recebedores das rendas d’el-rei, as pessoas que as deviam.»), *taxação* (DLP: «cada uma das quantias que se devem pagar em certos prazos, a fim de solver uma dívida ou encargo») e *enxalaviadura* (DLP: «quantia paga pelo trabalho de enxalaviar»). Observe-se que em *prestação* (tabela X d 44) e *taxação* (tabela X d 35) a coindexação do traço [imposto/pagamento/quantia] é coindexada como ^v, por se tratar de significações coincidentes com uma fonte léxico-conceptual do verbo, neste caso o [objecto].

Como pode explicar-se esta significação representativa nos produtos em *-agem*?

A significação de ‘imposto’ ocorrente em, por exemplo, *ancoragem*, *armazenagem*, *desalfandegagem*, *portagem*, *passagem*, entre outros, decorre da coindexação do traço de fonte extra [imposto/pagamento/quantia] com o traço [ponto de chegada] de fonte eventiva que, nas bases verbais em apreço, coincide com o último evento constituinte que perfaz o sistema de eventos designado por cada verbo. O facto de o [ponto de chegada] ser coincidente com um evento em si mesmo é revelador do traço [composto de operações diferentes] caracterizador destes produtos e dos verbos que os suportam.

Em relação aos lexemas *portagem* e *passagem*, é necessário esclarecer que a significação primeira de ‘imposto’ de *portagem* é de ‘imposto por portar bens’ e não de ‘imposto por passar em’, conforme se atesta documentalmente, por exemplo, no *Foral de Bragança, dado por Dom Manoel*, de 1514.⁵

Lexicograficamente, podemos observar a significação de *portagem* em Bluteau: «Direyto Real, que se paga das cargas de cousas miudas, como alhos, cebollas, &c. que entrão nas Cidades para se venderem, ou tributo, que se paga das mercadorias, que se transportã de huma parte para outra, & passã por pontes, & rios.». Em Domingos Vieira fornece-se a seguinte informação acerca do mesmo lexema: «Tributo pelos cargos de cousas miudas, que entram pelas portas da cidade, e passam pelas pontes, rios, e ficam no logar para venda e consumo. – O lugar onde este tributo se arrecada.».

Outras significações não-eventivas que mostram dependência em relação ao traço do sufixo são as de ‘causa colectiva’ e ‘causa sistema’. Das 15 significações de ‘causa colectiva’, 12 delas decorrem de verbos performativos (tabelas A 2 e X a 2), cujas

⁵ Transcrevemos algumas passagens do *Foral* que elucidam a distinção entre o imposto de *portagem* e o de *passagem* (o negrito é da nossa responsabilidade):

«que aquellas pesoas ham somente de pagar **portagem** em alguuma villa ou lugar que non forem moradores e vizinhos e termo delle e de fora do tal lugar e termo delle ajam de trazer as cousas pera hy vender de que a dita **portagem** ouverem de pagar [...]. E asy queremos que das cousas que adiante no fim de cada hum capitollo mandamos que se non pague **portagem** decramos que das taaes cousas se non aja mais de fazer saber na portagem [...]. »

«Cousas de que non paga **portagem**» [segue-se lista]

«**Pasagem**

E de quaaesquer mercadorias que aa dita cidade ou termo vierem asy per agoa como per terra que forem de **pasagem** pera fora do termo da dita cidade pera quaaesquer partes nam se pagara direito nenhum de **portagem** nem seram obrigados de ho fazerem posto que hy descarreguem e pousem a qualquer tempo e ora e lugar [...].»

«Do cavallo, rocim ou egoa e de muu ou mulla hum real e cinco ceptiis; e do asno ou asna hum real; e se as egoas ou asnas se venderem com **crianças** nom pagarão **portagem** senomn pollas mãaes [...].»

significações permitem compreender a significação de ‘causa colectiva’. Trata-se de verbos como *arbitrar, pilotar, chatinar, guerrilhar, politicar, vadiar, vagabundar, pasquinar, parasitar*, etc. Como já observado a propósito da significação de ‘operações diferentes’ dos deverbais destas bases, estes verbos designam *modi vivendi* que encerram várias atitudes e actuações diferentes. Esses *modi vivendi* são próprios de intervenientes ou agentes que, na maior parte dos casos, são designados pelas próprias bases dos verbos (*árbitro, piloto, chatim, político, vadio, vagabundo, pasquim, parasita*). Observa-se, pois, que as significações de ‘causa colectiva’ ocorrentes nestes deverbais se encontram vinculadas à própria estrutura léxico-conceptual dos verbos, designando o conjunto de agentes que tomam o *modus vivendi* em causa (tabela X a 2).

O facto de classificarmos estas causas como ‘causa colectiva’ e não como ‘causa sistema’, ou seja, como um conjunto e não como um sistema, o que estaria mais de acordo com o traço de [composto de operações/indivíduos diferentes] do sufixo, não contraria a estipulação deste. Na verdade, tratando-se de verbos que designam *modi vivendi* e não operações de carácter técnico, definido em sentido estrito, as diferentes operações/atitudes/acções que compõem cada um deles não são delimitáveis em número suficiente e necessário. Como tal, o carácter de sistema não é caracterizador destes verbos como o é em verbos designadores de operações técnicas, como *aterrar, amarar, resinar, montar*,⁶ etc. Assim, a causa que suporta esses eventos não funciona também como sistema, mas como conjunto, pois os indivíduos que constituem ‘causa’ também não são delimitados em número suficiente e necessário.

Estes produtos são aqueles que apresentam um forte ponto de contacto com os produtos em *-agem* designados por *nomina essendi*. De facto, essa proximidade acarreta a hipótese de se estipular para os produtos como *vagabundagem, parasitagem*, em suma, para aqueles que apresentam bases verbais conversas a partir de nomes, uma origem denominal e não deverbal. Defendemos no entanto a hipótese deverbal, com base na presença da significação de evento desses produtos. Não é descurável, todavia, a proximidade entre estes e os *nomina essendi*, como já salientámos (cf. Rio-Torto (1998a: 122; 127-128); Rio-Torto & Anastácio (2004); Correia (1999: 351-357)), que destaca a orgânica em interface do sistema genolexical.

⁶ Observe-se que em *montagem* se encontra designado o conjunto de operações de construção de um objecto e não a de ‘subir para’. Neste caso, a sufixação em *-agem* resultaria agramatical, como atestado por **a montagem de Babieca por El Cid*.

A significação de ‘causa sistema’ (16 ocorrências) ocorre majoritariamente em produtos a partir de verbos ornativos (8 ocorrências), de obstar (4 ocorrências) e de unir (3 ocorrências) (tabela A 2). Nos três casos, trata-se sobretudo de componentes que sintacticamente se encontram envolvidos na alternância exemplificada por *o João selou a carta com lacre/ o lacre selou a carta* e que, por poderem emergir argumentalmente como causa, são aqui designados por tal. Apresentam este tipo de significação lexemas como *aramagem, blindagem, ferragem, legendagem, molduragem, barragem, travagem*, nas acepções de ‘sistema que V’, cujo carácter de sistema provém do factor de valor que cada constituinte proporciona para a consolidação do evento em jogo, o que está de acordo com o traço caracterizador destes produtos.

Quanto aos produtos que significam ‘resultado concreto’, estes provêm majoritariamente de verbos resultativos, através da fabricação de significação secundária com base no traço [téllico] de fonte eventiva verbal (tabela X a 15). Encontram-se nesta situação lexemas como *tiragem, montagem, tatuagem* e ainda *sondagem*, sendo este último gerado de um verbo de percepção. *Embalagem* e *listagem*, gerados a partir de verbos transitivos locativos, devem as significações de ‘resultado concreto’ à coindexação entre os traços [téllico] e [ponto de chegada] secundariamente (tabela X a 7).

Quanto aos locativos, não parecem mostrar correlação com o tipo léxico-semântico verbal, pois encontram-se distribuídos por vários tipos, com escassa representatividade numérica em cada um deles. Em todo o caso, os locativos emergem majoritariamente da coindexação de traço de fonte extra com traço [composto de operações diferentes] de fonte verbal, como *moagem* ‘fábrica de conversão dos cereais em farinha’, *dobagem* ‘oficina onde se doba’, *cromagem* ‘oficina onde se faz cromagem’, *pesagem* ‘*lugar onde são pesados os jóqueis que entram nas corridas de cavalos*’, *cardagem* ‘oficina de cardar’, entre outros.⁷

Saliente-se que nenhum dos locativos em *-agem* encontra especificação em ‘p’ ou ‘c’, mas apenas em ‘t’ (*pupilagem* ‘tempo que dura [a] educação [do pupilo]’ (DLP), *estiagem* ‘tempo sereno que sucede à chuva’ (DLP)). Em suma, os locativos designam ‘lugar onde se procede ao conjunto de operações diferentes de V’ (*moagem, cardagem*) ou ‘lugar onde se procede ao evento de completação de V’ (*ancoragem* ‘logar ou sitio proprio para ancorar as embarcações’, de acordo com DV; cf. Bluteau).

⁷ As significações apontadas foram retiradas do DLP.

Esta diversidade de mecanismos para a produção da mesma significação é mostrada através da coindexação. No caso dos produtos como *moagem* ou *cardagem* (tabelas X a 14 e X a 25, respectivamente), cuja significação locativa se refere ao local onde se procede ao total das operações diferentes que constituem o evento múltiplo, dá-se coindexação do traço extra [locativo] com o traço eventivo do verbo [operações diferentes]. No caso dos produtos como *ancoragem*, que designam o local onde se procede ao último evento do evento múltiplo, a coindexação dá-se entre o traço [locativo] e o traço eventivo verbal [ponto de chegada] (tabela X a 4).

Em resumo, a produção de deverbais em *-agem* resulta em significações de evento moldados como compostos de operações diferentes. Esses eventos múltiplos são maioritariamente constituídos por um evento de completação, que lhes oferece um carácter finito ou fechado. Estes eventos múltiplos são sobretudo operações técnicas controladas humanamente. Neste sentido, os verbos que servem de base a estes produtos apresentam tendencialmente sujeito controlador, independentemente de esse sujeito ser causa ou objecto. No entanto, os verbos inacusativos aqui representados são em número reduzido, pois apenas aqueles que designam operações múltiplas controladas são preferencialmente escolhidos por este sufixo.

É pelas características enunciadas que se encontram ausentes das bases destes produtos verbos incoativos, que não implicam operações técnicas controladas por sujeito. Por sua vez, é relevante o número de verbos ornativos, que ultrapassam os causativos, que designam operações técnicas. Por exemplo, não se encontram deverbais a partir de *açucarar* (**açucaragem*), *amanteigar* (**amanteigagem*), pois estes verbos ornativos não possuem [operações diferentes] nem carácter técnico. Observe-se, no entanto, que a colocação do sinal de agramaticalidade deixa de fazer sentido se concebermos co-textualizações dessas formações capazes de lhes fornecer esses dois caracteres. Assim, se co-textualizarmos essas formações em *a açucaragem dos gelados é noutra secção/ a fábrica de amanteigagem de madalenas*, estas formações resultam gramaticais, o que não acontece em co-textos desprovidos destes caracteres, como o são os exemplos **a açucaragem do café pela Joana/ *a amanteigagem do pão pela Joana*.

A evidenciar o carácter técnico dos produtos em *-agem* surge a acepção de actividade profissional em muitos destes produtos, que a comparação com produtos em *-ção* coloca em destaque. Assim, comparando *desencubagem* e *desencubação*, *resinagem* e *resinação*, observamos que apenas os produtos em *-agem* podem ocorrer no co-texto *a*

desencubagem é uma actividade profissional/ a resinagem é uma actividade profissional. Os produtos em *-ção* não estão admitidos nesse co-texto: **a desencubação é uma actividade profissional/ *a resinação é uma actividade profissional.* O motivo desta diferença reside no facto de os produtos em *-ção* mostrarem a efectuação do evento em si mesma e não o conjunto de eventos que conduz a essa efectuação.

O exemplo de *cortagem* evidencia ainda a tecnicidade dos produtos em *-agem*. Este lexema não ocorre em co-texto como o de **a cortagem do dedo com uma folha de papel foi accidental*, mas num co-texto como o de *O Paulo trabalha na cortagem de carne*.

A oposição entre *raspagem* e *raspão* corrobora o afirmado. *Raspagem* é aplicável tecnicamente como evento múltiplo, enquanto *raspão* emerge em co-textos não técnicos e evidenciadores do traço [súbito] de *-ão*, como

«A **raspagem** profunda de pele e posterior observação ao microscópio é a melhor forma de diagnóstico. O pêlo deve ser cortado na área de **raspagem**, de seguida aperta-se gentilmente a pele entre o dedo indicador e o polegar para facilitar a saída dos ácaros dos folículos pilosos. A **raspagem** com lâmina de bisturi deve ser suficientemente profunda até que a zona raspada sangre.»

www.hospvetporto.pt/artigos/detalhe/61

e

«Quem diria que a electrónica iria atingir de **raspão** a estética e apanhar em cheio a epistemologia? A aparição do caos foi, ela própria, imprevisível, tão imprevisível como vai ser, afinal, a sua influência nos anos 90 na rearticulação dos vários saberes.»⁸
nautilus.fis.uc.pt/softc/Read_c/gradiva/r2038.htm

O lexema *lavagem*, de cuja base se formam igualmente *lavação*, *lavamento*, *lavadura*, designa não a mudança de estado que o objecto sofre, a passagem de sujo a lavado, mas antes o conjunto de diferentes operações que conduzem a essa mudança.

Chamamos ainda a atenção para um processo de multiplicação do evento através da sufixação em *-agem* que resulta na multiplicação do objecto desse evento. Os exemplos provêm de lexemas como *carimbagem*, *endereçagem*, *covagem*, entre outros. Em princípio, os verbos que os compõem não possuem carácter [operações diferentes]. Contudo, a sufixação em *-agem* fornece-lhes esse carácter através de um mecanismo de multiplicação do objecto da sua estrutura léxico-conceptual. Assim, *carimbagem*, *endereçagem* e *covagem* são aplicáveis ao evento exercido sobre uma série de objectos. Atente-se ainda na

⁸ Os negritos são da nossa responsabilidade.

diferença entre *endereçagem* e *endereçamento*. O primeiro é usado na acepção de ‘colocar endereços numa série de correspondência’, enquanto o segundo é usado na acepção de ‘dirigir correspondência a’.

Por último, recuperando dados mostrados e analisados no § 6.1.4 do cap. III, salientamos que os deverbais em *-agem*, por assumirem uma significação básica de ‘operações diferentes’, com carácter técnico, apresentam escassa formação a partir de verbos com estruturas não-construídas morfematicamente transparentes, visto estas tendencialmente emergirem em verbos que designam eventos abstractos. Os únicos verbos com este tipo de estrutura são *reportar* e *endereçar*. Saliente-se ainda a forte presença de verbos conversos como bases destes produtos. Trata-se de verbos formados a partir de substantivos, cujas significações implicam geralmente actividades técnicas de teor concreto.

1.2 Produtos em *-aria*

O sufixo *-aria* (tabelas X c), tal como o sufixo *-agem*, é interveniente em diferentes RFPs, mostrando capacidade de geração de *nomina actionis*, *nomina quantitatis* e *nomina essendi*. Esta semelhança entre a actuação dos dois sufixos não é sinónima, no entanto, de inteira equidade entre ambos. Na verdade, ainda que ambos partilhem funcionalidades como resultado da proximidade semântica entre os traços semânticos dos dois sufixos, existem pontos de divergência que provêm da diferença semântica que sistematizámos na caracterização desses traços. Assim, se o traço que definimos para o sufixo *-agem* corresponde a [composto de indivíduos/operações diferentes], aquele que especifica o sufixo *-aria* apresenta-se como [composto de indivíduos], onde se encontra implícito que esses indivíduos sejam iguais. Recordamos que o traço [composto de indivíduos] foi colhido em Lieber (2004). A A. utiliza este traço para definir quer a actuação do sufixo *-ery*, quer a do sufixo *-age*.

A análise aturada dos produtos de um e de outro mostra, contudo, que, ainda que ambos os sufixos apontem para ‘conjuntos’, existe a diferenciação por nós determinada entre ‘conjunto de indivíduos diferentes’, própria de *-agem*, e ‘conjunto de indivíduos iguais ou indiferenciados’, própria de *-aria*.

De facto, os produtos deverbais em *-aria* revelam que é esse o traço deste sufixo. O próprio tipo de bases verbais a que o sufixo se agrega aponta nesse sentido. Ressaltam a

ausência de verbos inacusativos e a presença de inergativos e de transitivos que implicam carácter concreto. Tal como nos verbos base dos produtos em *-agem*, também os de *-aria* adoptam carácter concreto e não abstracto e, como tal, estão ausentes destas bases verbos com estrutura morfemática não-construída transparente. Ao contrário dos verbos de *-agem*, que apresentavam grande percentagem de estruturas conversas, os de *-aria* são sobretudo de estrutura não-construída opaca, o que indicia uma tendência em relação a eventos concretos mas não técnicos, a avaliar pelos verbos que constituem esse conjunto.

Outro aspecto comparativo interessante no que diz respeito às bases verbais de um e de outro tipo de produtos tem que ver com a escassa representatividade de verbos em *-e-* (cf. §§ 6.1.4 e 6.1.8 do cap. III) nas bases dos deverbais em *-agem* (onde ocupam apenas 2,04%), em comparação com o relativo peso que este tipo morfológico de verbo apresenta nos deverbais em *-aria* (17,14%). Este é um dado importante para compreender a distinção que defendemos entre *-agem* e *-aria*. Os únicos verbos em *-e-* que aparecem disponíveis nos produtos em *-agem* são verbos que designam actividades técnicas, compostas não por uma repetição indefinida de subeventos indiferenciados, mas por um conjunto determinado de eventos em número necessário e suficiente. Damos os exemplos de *costear* e de *cobrear* para ilustrar o referido.

Pelo contrário, os verbos em *-e-* que produzem lexemas em *-aria* são de tipo [composto por operações iguais], como *rotear* ou *vozear*.

Os verbos base dos produtos em *-aria* são sobretudo designadores de eventos concretos, que podem ou não ser desenhados como [compostos de indivíduos], mas não correspondem a eventos múltiplos no sentido de ‘sistema’ em que estes foram definidos a propósito da actuação do sufixo *-agem*.

Um factor de distinção fundamental entre os produtos de *-agem* e *-aria* consiste na ausência do traço [ponto de chegada] dos verbos base dos deverbais em *-aria* e a sua presença, como referido, nos verbos base deverbais em *-agem*. A intervenção deste traço nos deverbais em *-agem* proporciona às significações de evento destes uma qualidade não-gradativa. Isto significa que as operações inseridas nos eventos múltiplos não oferecem possibilidade de gradação, em termos de conceptualização. É talvez por esse motivo que os deverbais em *-agem* não encontram bases verbais deadjectivais, cuja formatação encerraria mais facilmente a possibilidade de gradação.

Pelo contrário, os produtos em *-aria*, mesmo quando designam actividades técnicas, mostram possibilidade de conceptualização do evento como gradativo. Por exemplo,

branquearia aponta que a actividade em si não tem ponto de chegada inerente, pois o evento de *branquear* pode ser prosseguido gradativamente até ao infinito.

O carácter de [composto de indivíduos] que se reflecte numa conceptualização reiterada do evento encontra actualização, nos produtos, em duas significações distintas maiormente representadas: a de evento e a de locativo. O mais interessante em relação a estas significações é que elas apresentam uma tendência, que deve ser encarada como tal e não como relação absoluta, de ligação com o tipo de verbo base. Assim, as significações de evento encontram-se tendencialmente em produtos gerados de verbos inergativos, enquanto as significações locativas se apresentam, neste caso totalmente, nos produtos gerados a partir de verbos transitivos, conforme a consulta das tabelas A 5 e A 6 pode atestar. As significações locativas decorrem de verbos que encerrem significações observáveis como actividades profissionais, factor não disponibilizado pelos verbos inergativos que compõem estas bases.

As significações de evento, especificado como ‘composto por operações iguais’, produzem-se sobretudo a partir de verbos inergativos de emissão de som, fala e performativos. Devido à inexistência de [ponto de chegada] nestes verbos e ao facto de estes verbos serem marcados semanticamente pelo traço [intenso], a coindexação entre o traço [composto por operações/indivíduos iguais] do sufixo e dos traços [intenso] e [télico] do verbo resulta na significação de ‘evento composto por operações iguais’. O resultado traduz-se numa conceptualização do evento como ‘conjunto de eventos reiterados’, como exemplificado por *berraria*, *zurraria*, *gritaria*, *vozeria*, *zombaria*, *caçoaria*, *pregaria*, *palraria*, cujo efeito semântico é de salientação da intensidade do evento (tabelas X c 1, X c 3 e X c 4).

Quanto às significações de evento apresentadas pelos verbos transitivos, as mais representadas numericamente são as que provêm de verbos performativos (8,93% (tabela A 5; tabela X c 12)). São os seus produtos *amassaria*, *granjearia*, *blasonaria*, *picaria* e *rotearia*. Em relação aos restantes verbos transitivos, as significações eventivas apresentam fraca representatividade. Aquelas que existem designam actividades profissionais que mostram repetição de um evento infinitamente, distinguíveis dos produtos em *-agem* igualmente designadores de actividades profissionais, por, ao contrário destes, não moldarem o evento como compósito, mas reiterado. É o caso de *marchetaria*, *refinaria*, *barbearia*, *mercaria*, etc.

Para estes lexemas, a coindexação entre o traço [composto por operações iguais] do sufixo e o traço [téllico] do verbo produz a significação de ‘profissão/ arte de’, já que o que oferece o carácter de ‘profissão’ é justamente a reiteração do evento (tabelas X c 6 e X c 7).

É o traço [composto por operações iguais] do sufixo que permite a construção do semantismo locativo inclusivamente em lexemas que não apresentam semantismo de evento. Como dissemos e atestamos pelos dados das tabelas A 5 e A 6, os semantismos locativos localizam-se na totalidade nos produtos construídos a partir de verbos transitivos. O facto de existirem formas como *aceiraria*, *serraria*, *estamparia*, *trefilaria*, *branquearia*, *destilaria*, *albergaria*, *hospedaria*, para as quais não foram encontradas significações de evento nem lexicográfica nem co-textualmente, mas apenas significações locativas, mostra que a formação do semantismo locativo não está directamente dependente de um semantismo de carácter genérico que lhe desse origem. Ou seja, o semantismo locativo não é gerado a partir do semantismo de ‘evento’ previamente formatado (cf. e.g tabela X c 5).

O que aqui defendemos é que as significações secundárias não são geradas a partir de outras significações, num mecanismo de carácter derivacional evolutivo, mas são antes geradas a partir de traços provenientes das quatro fontes básicas que propusemos (fonte eventiva verbal, fonte léxico-semântica verbal, fonte extra e fonte sufixal) que podem encontrar-se já em outros semantismos do produto.

Relativamente aos lexemas em *-aria* que designam ‘local’ sem designarem ‘evento’, poder-se-ia colocar a hipótese de produção potencial do semantismo de ‘evento’ a partir do qual se gerasse a significação de ‘locativo’. Seria esta uma solução que não contrariaria nem os parâmetros semânticos dos produtos em *-aria*, nem a própria concepção mentalista que aqui advogamos. De facto, poder-se-ia conceber que *albergaria* sustenta o significado de ‘lugar’ através de uma evolução semântica de uma significação potencial de ‘evento’, especificado como ‘profissão’. *Albergaria* seria, assim, o ‘lugar onde se exerce a profissão de albergar’.

Ainda que mentalmente nos pareça exequível este tipo de operação, parece-nos que a versatilidade do modelo que propomos torna mais económica a hipótese, que aqui defendemos, de considerar que não é necessária a fabricação, ainda que em potência, de um semantismo que servisse como intermediário entre os traços de fontes várias e o semantismo de locativo. Na verdade, ao estipularmos que *albergaria* é entendível como ‘lugar onde V ci’, facilmente os mecanismos de coindexação propostos mostram que esta significação é directamente gerável dos traços das várias fontes. Assim, nos casos de

albergaria e *hospedaria*, que mostram traço [locativo] na estrutura léxico-conceptual verbal, este traço é coindexado com o traço [composto por operações iguais] do sufixo e com o traço [téliico] de fonte eventiva verbal (tabela X c 5). Nos casos de *branquearia* e *destilaria* (tabela X c 6), o processo é o mesmo; apenas deverá ter-se em atenção que o traço [locativo] é proveniente, nestes dois produtos, de fonte extra. Como tal, a coindexação entre este traço extra e o traço [téliico] deverá marcar-se com o índice ^{ex}. Em ambas as situações, interessa salientar que os locativos são explicáveis através do entendimento de que representam lugares onde se faz o evento reiteradamente, ou seja, onde o evento designado pelo verbo é [composto por operações iguais].

O facto de existirem muitos produtos em *-aria* e não, por exemplo, produtos em *-nço* designadores de locativos sem designarem eventos tem que ver com o próprio traço do sufixo. Ao designar [composto por operações/indivíduos iguais], é fácil que a coindexação entre [locativo] e o primeiro traço ([ci]), especificado este através do traço [téliico] do verbo que indica qual o evento em particular designado pela base, origine a significação de ‘lugar onde V ci’, especialmente se o evento designado for uma mudança de estado de teor concreto protagonizada por uma causa humana em relação a um objecto. É que a significação locativa não ocorre, nestes produtos, a partir de verbos inergativos, nem com transitivos designadores de actos de fala, que possuem apenas a significação eventiva.

Pelo facto de não estarmos perante um encadeamento de significações existentes para todos os produtos, parece-nos mais viável defender que não se trata de significações derivadas umas das outras, mas geradas directamente a partir dos traços, de acordo com o que cada tipo de verbo base proporciona. De outro modo, seriam igualmente geráveis locativos a partir das significações eventivas dos verbos inergativos, o que não acontece.

1.3 Produtos em *-ão*

Os produtos em *-ão* designadores de evento resultam de verbos com características léxico-conceptuais homogeneizadoras dessas bases (tabelas X b). Estabelecemos, no capítulo anterior, que tanto as significações de evento quanto as de indivíduo manifestadas em produtos em *-ão* possuem um carácter básico. Dada a divisão clara entre os verbos que dão origem a um e a outro tipo de significação, defendemos que deverá ser da responsabilidade da base verbal a fabricação de um ou de outro semantismo. O sufixo *-ão* desempenha acção em RFPs distintas, de que provêm objectos lexicais distintos cujo ponto em comum resulta da actuação do traço do sufixo.

No caso dos produtos designadores de evento, o sufixo *-ão* opera selecção de verbos inergativos, inacusativos e transitivos. As classes léxico-semânticas em que se inserem são aparentemente díspares entre si, dado incluírem verbos que vão desde inergativos de emissão de substância, inergativos de moção, inergativos performativos, inacusativos e transitivos de mover em direcção específica, transitivos de lançar, mover através de força, parar, mover sem alteração espacial, contacto por impacto, causativos, objecto negativo, ferir e contacto. Contudo, uma análise transversal destas classes através da observação dos lexemas em concreto que a elas pertencem e que são escolhidos pelo sufixo *-ão* deixa perceber que há homogeneidade entre eles. Essa homogeneidade é tecida pelo carácter de força impulsiva dos eventos designados por estes verbos. Ao designarem forças impulsivas, os eventos retratam ocorrências, voluntárias ou não, que começam e acabam bruscamente com carácter durativo nulo (e.g. *beliscão, apalpão*).

Observe-se que o verbo base pode ter a possibilidade de actualizar-se como durativo. No entanto, a selecção que o sufixo dele faz é da sua possibilidade pontual. Este dado acerca do comportamento de selecção do sufixo corrobora que esta se processa de modo dinâmico. A selecção que o sufixo faz dos verbos não se baseia no verbo como um bloco sólido e indecomponível, cuja presença de um traço anula a possibilidade de adjunção ao sufixo, mas antes colhe no verbo componentes que o formatam como base possível. Deste modo, não se trata de rejeitar verbos porque possuem uma característica não coadunável com o sufixo e que anularia qualquer possibilidade de adjunção, mas antes de analisar o verbo em componentes que, ao serem coadunáveis, são focalizados pelo sufixo e, ao não serem coadunáveis, são apagados pelo operador sufixal. Assim, a selecção das bases operada pelo sufixo revela-se fina e analítica. O sufixo tem capacidade para absorver os componentes semânticos verbais que se adequam à sua formatação e de apagar, tornando como nulos, aqueles componentes que são contrários aos seus parâmetros semânticos.

É por este motivo que o mesmo verbo pode ser seleccionado por operadores sufixais de evento distintos, obtendo-se significações de evento distintas. O dinamismo genolexical, a decomponibilidade, a recursividade e a combinatorialidade saem assim evidenciadas.

No caso dos produtos em *-ão*, a situação torna-se mais complexa, na medida em que o mesmo sufixo de acordo com o tipo de verbo que selecciona origina produtos diferentes. Dado que este sufixo não apresenta especificidade suficiente que o canalizasse genolexicalmente em direcção a apenas um tipo de produto e perante a especialização que

cada produto mostra de acordo com o verbo base de que é formado, constatamos que o verbo possui um papel de relevo na obtenção do semantismo final.

Poderá parecer esta uma posição ambígua entre a responsabilização do sufixo ou da base relativamente à formatação semântica do produto final. O que a análise dos dados revela é que o sufixo não pode ser encarado como mero instrumento nominalizador. A sua função de especificação semântica revela-se na capacidade analítica de selecção das bases. O que está agora em causa é perceber como é que *-ão*, perante determinados verbos, forma substantivos de evento e, perante outros verbos, forma substantivos de indivíduo.

Podemos dizer que determinadas estruturas semânticas verbais despertam a significação eventiva, enquanto outras despertam a significação de indivíduo. O que acontece é o seguinte: dado que *-ão* serve a ‘individualização’ da base a que se agrega, está dependente do tipo de base o tipo de significação do produto. Se a base for um nome concreto, o tipo individualizado será a entidade concreta; se a base for um verbo de evento dependente de força impulsiva, o tipo individualizado será a força impulsiva; se a base for um verbo com argumento externo a que corresponda uma causa controladora e activa em relação a um evento reiterável concreto, comezinho e doméstico, o tipo individualizado será ‘causa’.

Continuamos a ter em acção a actuação do sufixo, cuja função está em ‘individualizar’, segundo o traço semântico mais genérico e primário que o caracteriza, os vectores que em cada tipo de base já se encontram destacados pela própria base.

No caso dos produtos eventivos, as bases são seleccionadas por *-ão* por designarem eventos dependentes de forças impulsivas, como dissemos.

Em termos de estrutura eventiva, o carácter impulsivo destes eventos faz-se notar através do traço [ponto de chegada]. Porque o factor ‘impulsivo’ não é localizável na estrutura eventiva verbal, mas resulta antes da tessitura de vários intervenientes semânticos que perfazem a significação do verbo, optamos por não conceber este factor ‘impulsivo’ como traço de coindexação, assim como fizemos em relação ao factor ‘técnico’, essencial nos verbos base escolhidos pelo sufixo *-agem*.

Dizemos, pois, que estes são factores de selecção, ou seja, restrições colocadas léxico-conceitualmente entre sufixo e verbo, mas não traços de coindexação. O traço de coindexação em relação aos eventos em *-ão* é o [ponto de chegada], que corresponde, de certo modo, em termos eventivos, ao factor ‘impulsivo’. Não podemos assim dizer que o traço do sufixo coindexa com o factor ‘impulsivo’, mas que este se apresenta como factor

determinante para que *-ão* efectue selecção daquele verbo para formar designação de evento.

A geração hipotética de deverbais em *-ão* a partir de verbos que não designam eventos originados por forças impulsivas demonstra tratar-se este do vector determinante da significação de evento nestes produtos. O exercício consiste em predizer que tipo de significação ocorre no produto de cada verbo. Utilizaremos verbos pertencentes às mesmas classes semânticas dos verbos geradores de eventos, mas sem designarem força impulsiva, de modo a evidenciar que é este factor que determina a designação de evento.

O verbo *gorgolhar* é um verbo inergativo de emissão de substância cuja anexação a *-ão* produz um eventivo. Observemos agora que tipo de significação é previsível a partir de outros verbos de emissão de substância como *lacrimejar*, *rorejar* e *gotejar*. Os produtos obtidos *°lacrimejão*, *°rorejão*, *°gotejão* são interpretados como designadores de ‘indivíduo’ e não como de ‘evento’. O mesmo acontece com hipotéticos produtos de verbos inacusativos de mover em direcção específica, como *°subão* de *subir*, que, ao contrário de *arrecuar* e *recuar* que formam eventivos, é interpretado como de ‘indivíduo’. O exercício obtém o mesmo resultado quando aplicado a verbos inergativos de moção, como *nadar*, *saltar*, *trotar*, que revelam deverbais de ‘indivíduo’, sendo *°nadão* hipotético e *saltão* e *trotão* actuais. Mais uma vez, se o verbo inergativo de moção for de força impulsiva, produz-se o semantismo de evento, como atestado por *escorregão*, *tropeção*, *tropicão*. Outros verbos de movimento, mas exclusivamente durativos, como *carretar*, *carrejar* produzem significação de indivíduo e não de evento nos derivados em *-ão*.

A partir de verbos que acarretam um evento de força impulsiva produzem-se deverbais que designam a ocorrência de um evento de carácter pontual, cujos desencadeamento e finalização se dão brusca e subitamente. Esses eventos podem ser movimentos ou do sujeito, tratando-se de verbos inergativos e inacusativos, ou do sujeito em relação a um objecto de que resulta prejuízo para o objecto. É o factor de ‘força impulsiva’ que explica a presença maioritária (16,09%, como observável na tabela IV 2) de verbos transitivos de mover através de força (*arrancar*, *puxar*, *tirar*, *arrepelar*, *sacar*) nas bases dos produtos eventivos em *-ão*, em relação a produtos de outros operadores sufixais. Também os verbos de contacto por impacto (*atracar*, *cutucar*, *encontrar*) (3,45%, cf. tabela IV 2) ocorrem em maior percentagem nas bases em apreço do que nas bases dos restantes produtos. Os verbos de contacto apresentam igualmente relevante percentagem nestas bases (24,14% cf. tabela IV 2), sendo que o tipo de interacção entre sujeito e objecto nestes

eventos é de tipo brusco e súbito, como exemplificado por verbos como *apalpar*, *entalar*, *estorcegar*, *apertar*, entre outros. Os verbos de *ferir*, como *beliscar*, *escaldar*,⁹ *arranhar*, *aleijar* são também majoritários nestas bases (13,79% cf. tabela IV 2) em comparação com as bases de outros produtos. Repare-se que muitos verbos são transcategoriais, o que evidencia que o modo como as bases são seleccionadas joga com conglomerados de traços e de factores semânticos e não com blocos estanques.

A individualização que o sufixo *-ão* opera no evento leva a que, mesmo com verbos que ostentem possibilidade de semantismo durativo, como *empurrar*, *esticar*, *puxar*, seja apenas aproveitado do verbo um momento único da ocorrência do evento. Tal facto é destacado pela oposição entre, por exemplo, *empurrão* e *empurração*. Este último designa, de acordo com Domingos Vieira, «Occupação enfadonha, negocio fastidioso, molesto, desagradavel, incomodativo, que alguém lança de si sobrecarregando outrem.», não sinonimizável com *empurrão*, para o qual o mesmo autor apresenta a significação de «impulso que se dá a alguma coisa ou pessoa para desviar-a de si ou fazel-a cair, encontrão.».

O mesmo tipo de oposição é encontrável em *arrastão/arrastamento*, *estremeção/estremecimento*.

É ainda interessante fazer notar que no *corpus* analisado são raros os verbos que funcionam como bases de produtos em *-agem* e em simultâneo como bases de produtos em *-ão*. Este dado vai ao encontro do estabelecido como caracterizador das bases de ambos os produtos. Eventos designados por verbos que dão origem a deverbais em *-agem* não são facilmente focalizáveis como ocorrências súbitas e impulsivas próprias de deverbais em *-ão*, dado desenharem eventos múltiplos.

Deste modo, a significação com mais percentagem neste tipo de produtos, como atestável pelas tabelas A 3 e A 4, é a de ‘chegada’, especificada como ‘súbita’, com 71,55% de ocorrências. Outra significação de relevo é a de ‘resultado concreto’ com 25,86% de ocorrências.

O peso que a significação de ‘resultado concreto’ apresenta esclarece um dado importante relativamente a estes produtos. Observe-se que o estipulado de que estes deverbais são designadores de ocorrências súbitas, impulsivas, poderia ser derrubado pela

⁹ Observe-se que o deverbal *escaldão* é apenas aplicado no contexto de ‘ferida’ e não de ‘processo culinário’, por exemplo, como atesta a agramaticalidade de **Dê um escaldão às amêndoas para pelá-las*. Neste co-texto pode ocorrer *escaldadela*.

constatação da significação ‘durativa’ de *apagão*. Realmente, *apagão* mostra significação co-textualizável com expressões adverbiais durativas, como se vê através de

«um "apagão" de várias horas lançou, ontem de manhã, o caos em Moscovo, afectando cerca de dois milhões de pessoas.»

dn.sapo.pt/2005/05/26/internacional/apagao_moscovo_gera_o_caos_e_motiva_.html

Contudo, o carácter durativo de *apagão* advém de uma significação de ‘estado’, ou seja, não-eventiva e, logo, marcada por -E (tabela X b 12), que surge como consequência do evento *apagão*, de carácter pontual, especificamente súbito e brusco, conforme observável em

«O apagão deu-se cerca das 22:00 horas de terça-feira na sequência de um...»
www.radioelmo.com/index.asp?idEdicao=50&id=3847&idSeccao=396&Action=noticia

Repare-se que o mesmo tipo de construção não é coadunável com deverbais durativos como *trabalho* (**o trabalho deu-se às 22:00*).

Esta significação de ‘estado’ de *apagão* revela-se importante para compreendermos que, relativamente aos deverbais em geral, existem significações durativas que não devem ser confundidas com significações de evento, sob pena de não se manterem deslindados os limites entre significações verdadeiramente de evento e as de não-evento, como são as de ‘estado’, e que, relativamente aos deverbais eventivos em *-ão*, o carácter pontual estabelecido como traço de coindexação para a construção destes lexemas não é refutável pela existência de significações de carácter durativo nestes produtos. Na verdade, essas significações de carácter durativo não são significações de evento, mas antes funcionam semanticamente como consequências da ocorrência do evento.

Para além do mencionado exemplo da significação de estado de *apagão*, encontram-se nessas condições, ainda que com formatação ‘concreta’, as significações de ‘resultado concreto’. Este tipo de significação ocorre sobretudo em produtos construídos a partir de verbos causativos e de ferir, como o são *borrão*, *borratão*, *chupão*, para os causativos, e *aleijão*, *beliscão*, *arranhão*, *entalão*, *escaldão*, para os verbos de ferir. Trata-se, assim, de marcas físicas, resultantes do evento pontual designado pelo mesmo lexema, cuja duração, em consequência da sua concretude, é prolongável para além da ocorrência do evento (cf. tabelas X b 11, X b 12 e X b 13).

Mantemos, pois, que as designações de evento destes produtos possuem carácter pontual, advindo da coindexação do traço [súbito/intenso] do sufixo com o traço eventivo [ponto de chegada] do verbo base. O carácter pontual retrata a ocorrência do evento em si e não as consequências que se situam para lá dessa ocorrência.

Uma chamada de atenção para a colocação do traço [intenso] em tabela (anexo X b) e referido no § 2.1 no cap. IV a propósito dos traços dos sufixos. Alguns dos produtos eventivos actualizam o semantismo genérico de ‘individualização’ do traço do sufixo em [intenso] e não ou não só em [súbito]. Remetemos para a referida secção desse capítulo para a mostraçãõ da relação entre os dois traços. Neste momento desejamos apenas referir que o traço [intenso] é compreensível à luz do carácter de força impulsiva que atravessa os deverbais de evento em *-ão*. É este traço que surge enfatizado nos produtos que designam ‘feridas’ como especificações de ‘resultado concreto’, bem como no semantismo de ‘estado’ de *apagão*. É ainda esse traço que surge coindexado em exclusividade no lexema *buzinão*.

1.4 Produtos em *-ção*

O operador sufixal *-ção* (tabelas X d) é aquele que maior número de produtos apresenta, conforme atestado no § 6.1.1 do capítulo III. No capítulo V, propusemos que o traço caracterizador deste sufixo é o de [efectuaçãõ]. Através deste traço, os produtos gerados obtêm uma significação básica de evento que nas tabelas A 7 e A 8 é designada por ‘acção’, mas que se distingue de outras especificações deste como a que está presente na ‘acção’ dos produtos em *-dura*, cujo traço é marcado como [referenciaçãõ].

O traço [efectuaçãõ] reflecte-se não apenas no matiz de ‘evento’ próprio destes deverbais, mas sobretudo na obtenção de determinados semantismos secundários, como de ‘estado’ ou ‘causa’. Exemplificando, nos produtos em *-ção*, o ‘estado’ não acompanha temporalmente o decurso do evento, mas decorre da ‘efectuaçãõ’ desse evento. Pelo contrário, nos produtos em *-mento*, construídos a partir do traço [processo] (§ 1.4), o estado é paralelo ao decurso do evento e o seu fim só aconteceria se acontecesse o fim do evento.

Como veremos, é pela presença desse traço em *-ção* que se explica ainda a conciliabilidade deste sufixo com sufixos verbalizadores, como *-iz-* e *-ific-*, por exemplo.

Assim, os traços semânticos não são muitas vezes observáveis directamente no semantismo dos produtos. Mas a explicação da formação destes só é plenamente entendida através da compreensão desses traços.

O traço [efectuação] provê os produtos deste sufixo de uma significação de evento realizado como unitário, independentemente de o evento ter carácter durativo ou pontual, com ponto de chegada ou não. O modo como este sufixo molda o evento resulta numa configuração da efectuação do mesmo. Como tal, ainda que a predominância de bases transitivas (85,95%) (cf. § 2.3.1.6 do cap. IV; tabela IV 3) seja um dado a destacar pela sua relação com os parâmetros semânticos do traço de [efectuação], do conjunto de derivantes não estão excluídos verbos inergativos (6,23%) e inacusativos (7,82%), cuja presença atesta que o traço do sufixo é [efectuação] e não outro que destacasse a actuação de um agente com capacidade perfectivizadora.

Na verdade, este último vector semântico ocorre como deriva consequente do traço [efectuação] e não deverá ser tomado por este. O que verdadeiramente congrega os deverbais em *-ção* é a sua configuração como ocorrências de eventos levadas a efeito unitariamente em termos de composicionalidade eventiva e temporal. O que queremos dizer é que, ao contrário dos deverbais em *-agem* que configuram o evento como múltiplo, no sentido de ser composto por uma série determinada de eventos que perfazem o evento designado pelo produto, os deverbais em *-ção* configuram-no como uno, ao não o enformarem como composto por subeventos discretamente distinguíveis. Deste modo, o evento é configurado como ontologicamente uno. Essa configuração é de ordem linguística e não deve ser confundida com o evento em termos referenciais. Assim, um deverbal como *transformação*, ainda que possa corresponder a eventos referencialmente múltiplos, designa a realização do ‘transformar’ enquanto unitária, como se houvesse apenas o ponto de mutação do que não está transformado ao que está transformado, sem configuração de eventuais subeventos dessa mutação.

Por outro lado, o carácter unitário é ainda visível em termos temporais. Este aspecto é verificável através da comparação com os produtos em *-mento*. Estes moldam o evento como ontologicamente uno, mas temporalmente disperso. Pelo contrário, os deverbais em *-ção* apontam o evento como temporalmente uno, centrado num ponto, não confundível, mais uma vez, com o traço [durativo] ou [pontual] do evento. Esse ponto é o ponto de efectuação do evento, ou seja, o momento em que se dá a sua realização. Não é igualmente confundível com o [ponto de chegada], visto verbos sem [ponto de chegada], como

inergativos de moção como *deambular*, darem origem a deverbais em *-ção*, conforme observámos no § 2.1 do capítulo V, a propósito da explanação do traço [efectuação].

Deverbais como *edificação* não constituem entrave a esta abordagem. Apesar de se considerar que *edificação* é um verbal com carácter aspectual durativo, constituído por subeventos distribuídos ao longo de pontos que formam o eixo temporal, o que é constatável através da sua integração em co-textos com expressões durativas como *a edificação do castelo demorou 5 décadas.*, deveremos aqui recordar aquilo que colocámos como postulado do nosso trabalho (§ 6.2.1, cap. II) e que colhemos de Lieber (2004). Esse postulado adverte que os traços lexicais, apesar de poderem ser verificados em co-texto, não devem ser com eles variáveis, ou seja, não devemos confundir os traços aspectuais que estão dependentes da variação co-textual e que, por isso, se situam a um nível de organização superior como o sintáctico, com os traços eventivos localizados ao nível lexical e que perfazem o semantismo do produto enquanto objecto lexical. Como exemplo, recordamos que o facto de um item como *lápiz* ser coadunável com co-texto durativo (*o lápis durou uma semana*) não faz dele um lexema com carácter [durativo] ou sequer com estrutura eventiva, ainda que tal co-texto seja usado para comprovar o carácter de actividade de, por exemplo, *deambular*.

O que dizemos é que o co-texto é importante para perceber os traços que caracterizam sufixos e produtos; contudo, o co-texto deve ser usado cuidadosamente, sob pena de se tomar a variação co-textual fabricada nos níveis sintáctico e textual pela caracterização lexical dos produtos. É por este motivo que o co-texto, como instrumento de verificação semântica, deverá ser usado comparativamente e não em termos isolados e absolutos. A ocorrência de um co-texto não é suficiente para deduzir-se da lexicalidade de um traço semântico; é atitude mais prudente proceder à comparação dos deverbais entre si em co-textos também avaliados entre si.

Assim, relativamente ao carácter durativo de *edificação*, encontrado também em *deambulação*, ele advém directamente do facto de os verbos base serem durativos. Como tal, o carácter de ‘efectuação’ observável nos deverbais em apreço não advém da estrutura eventiva do verbo base, mas antes do traço semântico do sufixo cuja actuação é superior, no sentido de dominante, por situar-se hierarquicamente acima do tipo eventivo verbal. Por conseguinte, se *deambulação* e *edificação* admitem co-texto durativo, tal facto deve-se ao tipo de estrutura aspectual formatado no verbo base e variável em co-texto. É que se torna necessário não esquecer que, em simultâneo, ambos os deverbais podem também ocorrer

em co-texto pontual, indicado por *a edificação deu-se às cinco horas/ a deambulação deu-se às cinco horas*.

Como vemos, quer o co-texto durativo quer o co-texto pontual são coadunáveis não apenas com as estruturas eventivas, tradicionalmente desenhadas, dos lexemas que as incluem nas suas estruturas semânticas, mas também com estruturas que de certo modo são também eventivas, mas que se localizam num nível diferente: o de moldagem do evento.

É por este motivo que decidimos usar traços eventivos para caracterizar os verbos base em vez de classes eventivas já construídas como blocos, como o são as de *accomplishment*, *achievement*, *atividade*, etc. (§ 1.3 do cap. IV), dado que a composicionalidade das mesmas revela que não é no seu todo que se localizam as relações de coindexação com os traços do sufixo, nem no seu todo funcionam, de modo geral, como condições de restrição àquelas.

Mesmo no que diz respeito aos traços eventivos verbais, estes funcionam como traços de coindexação, mas não possuem força em si mesmos e de modo geral para exercerem condição de restrição. Como já foi observado, não é a variação co-textual que é colhida pela indexação genolexical de traços, mas antes um dos traços possíveis situados lexicalmente. Os traços aspectuais é que estão sujeitos a essa variação co-textual num nível sintático.¹⁰

Devido às condições de operabilidade genolexical, amplamente referidas em secções anteriores, podemos encontrar o mesmo verbo na base de produtos moldados eventivamente de forma díspar. Encontram-se sobretudo sujeitos a esta multiplicidade genolexical os verbos que maior número de possibilidades apresentam de estrutura de moldagem eventiva. Pelo contrário, aqueles que apresentam estas de forma rígida

¹⁰ Assim, como observámos em 1.3, não podemos dizer que uma condição para a formação de deverbais de evento em *-ão* seja a de terem estrutura eventiva de *achievement*. A presença de muitos verbos nas suas bases não seria explicável. O que podemos afirmar é que esses verbos têm potencialmente o traço [pontual] que é coindexável com o traço do sufixo, que tem a capacidade de focalizar aquele. A tessitura de relações semânticas de coadunação entre traço do sufixo e componentes semânticos do verbo é que constrói as condições de selecção que não podem localizar-se apenas num único traço ou carácter. A capacidade de moldagem do evento que é detida pelo sufixo possui inegável força para aproveitar do lexema verbo os traços e os vectores que são ajustáveis ao seu próprio carácter semântico. Assim, o traço [pontual] não funciona como condição de selecção, mas como traço de coindexação.

Observe-se ainda que o traço do sufixo não é equivalente ao semantismo do produto. Por exemplo, no caso dos eventos em *-ão*, não é o sufixo que contém o traço [força impulsiva]. Mas também não podemos dizer, se medirmos todos os co-textos de ocorrência dos verbos base, que se trata de um traço destes. Na verdade, trata-se de um vector situável lexicalmente nessas bases e despertado pelo traço [individualização], especificado como [súbito/intenso] do sufixo.

encontram-se canalizados para os sufixos que se adequem especificamente àquela moldagem.

Por exemplo, os verbos em *-izar* mostram-se como verbos delimitados (Ritter & Rosen 2000: 203), ou, como preferimos dizer, como de efectuação, pelo que vão ser escolhidos pelo sufixo *-ção*. Não é casual que a presença de determinados afixos nos verbos condicione a agregação do sufixo nominalizador: é que estando o afixo provido de carga semântica fortemente moldadora do evento que designa é natural que um verbo já com evento moldado de determinada forma pelo seu afixo esteja sujeito a maior grau de restrições na adjunção do sufixo nominalizador do que aqueles verbos que, ao não possuírem eles próprios forte moldagem protagonizada afixalmente, se encontram numa espécie de grau zero relativamente às hipóteses dessas moldagens.

É por esse motivo que um verbo como *lavar* dá origem a tão diversos deverbais (*lavação, lavagem, lavadura, lavadela, lavamento*). Repare-se que não é possível um evento designado por **lavão* (a construção é interpretável de imediato como designadora de ‘indivíduo’), dado que, como estipulámos, surge como condição de restrição para esses lexemas que o verbo possibilite uma leitura de força impulsiva.

Pelo contrário, um verbo como *helenizar*, que aponta a efectuação do evento, só pode dar origem a um deverbal cujo sufixo apresente o mesmo tipo de moldagem. Observe-se que o efeito de efectuação de *-iz-* parece não ser coadunável com o efeito ‘processual’ de *-mento*, do que resulta a agramaticalidade de formações como **helenizamento, *apostolizamento*

Atente-se, mais uma vez, no carácter durativo de *apostolizar* e *helenizar*, que não devem confundir-se com os traços intervenientes neste processo. Se os traços [durativo] e [pontual] fossem os intervenientes nestas formações, não seriam construíveis *helenização* e *apostolização*, visto não serem combináveis o traço durativo dos verbos com o traço pontual do sufixo, se continuássemos a confundir os traços da estrutura eventiva com os traços da estrutura de moldagem eventiva.

Este excuro em torno de questões teóricas não deverá afastar-nos do objectivo desta secção, centrado na descrição e interpretação dos deverbais em *-ção*. Como dissemos, a sua particularidade encontra-se na moldagem do evento como uma efectuação e, logo, como um evento moldado como unitário ontológica e temporalmente.

A dedução deste cariz semântico partiu da comparação em co-texto de deverbais em *-ção* com outros produtos de evento formados a partir do mesmo verbo, bem como de dados lexicográficos.

Começamos por mostrar a oposição entre deverbais em *-ção* e deverbais em *-agem*, de modo a opor a moldagem ontologicamente uma dos primeiros à moldagem múltipla dos segundos. Os pares *aluminação/aluminagem*, *ancorção/ancoragem*, *colação/colagem*, *ferração/ferragem*, *granulação/granulagem*, *rapinação/rapinagem*, *resinação/resinagem*, *secação/secagem*, *afinação/afinagem*, *mendigação/mendigagem*, *parasitação/parasitagem* são suficientes para destacar a oposição entre os dois tipos de produtos.

À excepção dos produtos em *-agem* formados a partir de verbos inergativos (*mendigagem*, *parasitagem*) que apontam um *modus vivendi* constituído por uma série de atitudes prototípicas, os restantes lexemas com o mesmo sufixo designam eventos moldados como actividades técnicas. Nos produtos equivalentes em *-ção*, o mesmo evento é moldado como simples realização ou efectuação, podendo, conseqüentemente, ser abordado como ocorrência não controlada pelo sujeito, mas apenas configurada como evento efectuado unitariamente. O seguinte co-texto comprova o que estipulamos:

«Na armazenagem de componentes, que não foram previamente preenchidos com fluídos anti-corrosivos, ou tratados, poderá ocorrer **resinação**.»
www.boschrexroth.com/.../country_units/south_america/brasil/pt/catalogs/a_downloads/manutencao/rp07900.pdf

No mesmo co-texto, não encontra cabimento o lexema *resinagem*, visto este indicar o ‘resinar’ como evento tecnicamente controlado pelo sujeito e desenvolvido numa série de subeventos não paralelizáveis com o evento tecido como único, visível através do co-texto com o verbo *ocorrer* em *resinação*.

Os co-textos em que encontrámos *ancorção* permitem compreender que este produto não é revestido obrigatoriamente de carácter técnico, pelo que emerge em usos como os apresentados:

«Faculdade da UM ganhou a **ancorção** do curso de medicina no HSO.»
www.guimaraesdigital.com/index.php?op=show&aftersid=4214

«Esta **ancorção** a uma taxa de câmbio contribuiu para que Malta. [sic] conseguisse uma estabilidade dos preços considerável.»

europa.eu.int/comm/enlargement/malta/pdf/op_malta_portugese.pdf

«reconciliação da necessidade de uma maior **ancorção** central da instituição em matéria de intercâmbio e de cooperação, por um lado, com a necessidade de assegurar uma motivação contínua de departamentos e académicos individualizados para a cooperação europeia/internacional;»

www.ipv.pt/millennium/Millennium21/21_pt2.htm

Nos três co-textos apresentados não conciliáveis com o produto em *-agem*, o deverbal *ancorção* designa não uma actividade técnica, sinónima de «o trabalho de ancorar» (DLP) próprio de *ancoragem*, mas apenas a acção simples de *ancorar*. Podemos dizer que *ancorção* corresponde ao ponto de chegada, ou seja, ao subevento de completação de *ancoragem*, dado que este, tal como o deverbal em *-ção*, aponta para o acto em si de efectuação do evento.

Quanto à oposição *afinagem/afinação*, esta faz-se sentir na especialização técnica do primeiro lexema em usos referentes à indústria metalúrgica e vidreira, como exemplificado pelos seguintes excertos:

«[...] um forno onde se processam as diferentes fases do processo de produção: enfora, fusão, **afinagem**, repouso e finalmente a colha para o trabalho vidreiro.»

in3.dem.ist.utl.pt/novovidro/NVV-SITE/ProjForno/intro.html

«As bolhas resultam fundamentalmente de uma afinagem deficiente e os infundidos da fusão incompleta da carga.»

«Durante a fusão propriamente dita porque uma mistura homogénea dos diferentes componentes da carga facilita as reacções químicas; durante a afinagem, porque a libertação dos produtos de reacção gasosos é fundamental para a obtenção de um fundido homogéneo [...]»

<http://www.univ-ab.pt/~framos/webpage/2600TMV/TF-2600.rtf>

Por sua vez, o deverbal *afinação* ocorre em co-textos não especializados que digam respeito à acção efectiva de ‘afinar’. Note-se, por exemplo, que não se encontraram co-textos de co-ocorrência de *afinagem* e lexemas pertencentes ao domínio de ‘actividades musicais’ e de ‘automóveis’, domínios em que *afinação* adquire já co-textualização.

Quanto a oposições como *rapinagem/rapinação*, *mendigagem/mendigaço*, *parasitagem/parasitaço*, o paralelismo de construção entre os membros apresenta-se como exemplo curioso do modo como a acção do operador sufixal se faz exercer na escolha dos parâmetros disponibilizados pela base verbal. Assim, os co-textos em que ocorrem *parasitaço*, *rapinação* e *mendigaço* indiciam que estes produtos são fabricados a partir da construção transitiva das bases verbais, que apresentam possibilidade transitiva e inergativa.

Ao optar pela construção transitiva, o operador *-ço* está a justificar a sua operacionalidade como construtor da moldagem dos eventos como ‘efectuaço’, carácter mais adequável à transitividade do que à inergatividade. Como dissemos, é maioritária a presença de verbos transitivos nas bases destes produtos. A presença de verbos inergativos e inacusativos não deve, no entanto, ser encarada como argumento de refutação da maior adequabilidade entre transitividade e efectuaço, na medida em que mostra, por um lado, a necessidade de distinguir estes dois níveis de estruturas no verbo e, por outro, a capacidade e independência que o operador sufixal demonstra de moldar os tipos verbais ao seu próprio carácter.

Os deverbais *parasitaço*, *mendigaço* e *rapinação* designam a acção única efectuada de *parasitar*, *mendigar* e *rapinar*. Ao designarem eventos efectuados, estes deverbais mostram não *modi vivendi*, como os correspondentes em *-agem*, mas actos realizados isoladamente. Interessante ainda é fazer notar que, para além do carácter de acto isolado, os deverbais em *-ço* mostram a efectuaço da acção. Assim, *parasitaço* aponta para o acto de *parasitar* efectivamente ocorrido, ou seja, colonização efectiva do hospedeiro por parasitas, como ilustram os co-textos:

«Os glóbulos vermelhos talassémicos são mais resistentes à **parasitaço** pelo agente da malária.»
www.saudenainternet.pt/guia/?file=guia-artigo&cod=69

«Dado que existe uma relação de dependência do *A. azoricum* em relação ao *Juniperus brevifolia*, procurou-se interpretar as condições em que essa **parasitaço** se poderá verificar»
www.angra.uac.pt/.../Caracterizaço/Elementos%20Directiva/Plantas/Arceuthobium/Arceuthobium.pdf

«20 horas de **parasitaço** pelo artrópode. Qualquer estágio (larva, ninfa, adulto) do *R. sanguineus* pode parasitar...»

www.ordemosmedicos.pt/ie/institucional/publicacoes/ACTA/62003/2228%20Sobre%20Reali.pdf

e

«Um alto nível de **parasitação** provoca danos aos animais, quer por competição directa pelos nutrientes, quer pelas lesões que provocam no tubo digestivo»

cavalonet.dgtdesign.pt/noticias/noticias2.php?id=220&type=at&firstpage=checked

Atente-se na impossibilidade de comutação de *parasitação* por *parasitagem*, especialmente revelada no último co-texto transcrito. *Um alto nível de parasitagem provoca danos aos animais* colocaria como responsável dos danos aos animais o facto de estes serem parasitas e não o facto de serem parasitados, ou seja, hospedeiros. A comutação acima sugerida só poderia ocorrer se se especificasse **Um alto nível de parasitagem por pulgas provoca danos aos animais*. Contudo a indicação de um agente como *por pulgas* acarretaria que a base de *parasitagem* fosse transitiva. Ora, dado que *parasitagem* designa ‘vida de parasita’ e não ‘efectuação de um parasita parasitar um hospedeiro’, defendemos que *parasitagem* decorre da construção inergativa de *parasitar*, ao contrário de *parasitação*.

Parasitação ocorre ainda em co-textos não-técnicos, como mostra o co-texto que se segue, apesar de proveniente de fonte de que seria esperável o co-texto de sanidade:

«A depauperização do SNS, o seu subfinanciamento crónico e a sua **parasitação**. [sic] por pseudo sistemas de prestação de cuidados de saúde, factos que se agravam ...»

www.fnam.pt/informacao/infromacao_files/imagens/CONTRAPROPOSTA_ACT_FNAM.pdf

O mesmo tipo de ocorrência é mostrado em

«expansão transnacional, redimensionamento pela utilização de novas tecnologias de informação, **parasitação** do sistema bancário e financeiro.»

www.mai.gov.pt/data/001/005/ralseginterna2000.htm

Pelo contrário, *parasitagem* surge em co-textos indiciadores de uma série de comportamentos e atitudes que cumprem um *modus vivendi* de ser parasita, de estar a parasitar e não a acção de efectuação de *parasitar*, como ilustram

«haverá quem transforme o acto educativo numa corrida de obstáculos vencida à força de copianço nos testes e da **parasitagem** de "trabalhos de grupo"?»
www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=1882

«leva-nos à descoberta de animais de diferentes espécies que vivem juntos, quer numa associação de mútua conveniência, quer em situação de **parasitagem**.»
www.iie.min-edu.pt/inovbasic/recursos/video/0024.htm

Também para *mendigaçã* é possível encontrar co-textos que indiciem a significação de ‘efectuação da acção’:

«Há três tipos de alimentos — frutas e framboesas, o alimento obtido pela **mendigaçã**, e aquele alimento recebido de doadores bondosos.»

www.dharmanet.com.br/zen/zuimonki6.htm

«Acabada a **mendigaçã**, reuniram-se fora da cidade para comer em um lugar onde havia uma bela fonte e junto uma bela pedra larga, sobre a qual cada um...»

san-francesco.org/fonti/fioretti2_fonti_pt.html

Observe-se que o primeiro co-texto não admite ocorrência de *mendigagem* (*o alimento obtido pela *mendigagem*) como sinónimo de ‘evento’, mas conduz de imediato à sua leitura de ‘causa colectiva’.

Passamos agora à oposição visível comparativamente entre o carácter de efectuação como condição de unitarização temporal dos eventos enformados por *-çã* e o carácter processual dos deverbais em *-mento*.

A diferença entre estes traços é indiciada lexicograficamente em Domingos Vieira, nas entradas de *abalroamento* e *agravamento*. Em relação a *abalroamento*, o A. explica tratar-se de:

«O estado proveniente do acto de abalroação, ou abalroada. Este tres substantivos são synonymos, mas tem características que estabelecem uma diferença de significação: Abalroação é a acção abstracta, possível e tendendo a effectuar-se; Abalroada, o facto dado e actuante; abalroamento é o estado resultante, e por onde se julga. Na linguagem da jurisprudencia commercial tem todos o mesmo sentido.»

Na entrada de *agravamento*, Domingos Vieira esclarece a oposição entre

«Aggravamento, agravação. Ambos estes substantivos exprimem a idéia de aumento, mas o primeiro exprime uma simples realidade, o estado, o resultado; o segundo exprime a acção. A agravação é relativa ao facto, á causa que a produz; o agravamento, ao estado de que é consequencia.».

Não podemos colher nestas informações lexicográficas traços sistémicos de distinção entre uns e outros produtos. Contudo, a ligação destas informações a dados colhidos a partir de co-textos, de condições de selecção das bases e de mecanismos de produção de semantismos particulares permite deduzir que o deverbais em *-ção* é caracterizável pela efectuação unitária do evento, enquanto o deverbais em *-mento* é designador de uma continuidade temporal, por Domingos Vieira designada por ‘estado’, ainda que com sentido divergente daquele que neste trabalho enformamos. Estes caracteres apresentam extensões tendenciais de ‘agentividade’ e de ‘passividade’ do evento, respectivamente, a que faremos referência a seu tempo.

Antes de dilucidarmos as extensões agentivadoras e passivadoras de um e outro sufixo, mostraremos alguns co-textos que esclarecem a unitariedade temporal da efectuação do evento em *-ção*, contraposta à distributividade ou dispersão temporal do processamento acarretado por *-mento*, visível em pares como *salvamento/salvação*, *afloração/afloramento*, *compartimento/compartição*, *despovoamento/despovoação*, *ordenamento/ordenação*, *estancamento/estancamento*, *desencantamento/desencantação*, *povoamento/povoação*, *rendimento/rendição*, *congelamento/congelação*, *apuramento/apuração*, *isolamento/isolação*, *embarcamento/embarcação*, *escoamento/escoação*, *estragamento/estragação*, *estrangulamento/estrangulação*, *ligamento/ligação*, *reportamento/reportação*, *reptamento/reptação*, *arrecadação/arrecadamento*.

Os co-textos em relação a *salvamento* são os seguintes:

«CURSO **SALVAMENTO**. PADI - RESCUE DIVER COURSE (RD). Aprender a cuidar dos outros e gerir eventuais emergências no mergulho. Apresentação. ... »
www.aquadive.pt/CursosDetalhe.asp?IdCurso=18

«Projecto de **Salvamento** de Bracara Augusta O projecto de **salvamento** de Bracara Augusta foi institucionalizado em 1976, na sequência ... »
www.geira.pt/arqueo/bracara/projecto.html

«Estacionamento indevido no centro histórico prejudica **salvamento** em caso de sinistro. Carros estacionados afligem bombeiros.»
www.bragancanet.pt/picote/portugues/imprensa/2000-08/jn_estacionamento_indevido.htm

«e Jardim Botânico da Universidade de Lisboa eo departamento de Geociências da Universidade de Évora, iniciou no terreno o processo de **salvamento** do narcissus ... »
www.edia.pt/.../Dimensao_Ambiental_de_Alqueva/Salvamento_do_Narcissus/salvamento_do_narcissus.html

«Proceder a operações de **salvamento** de pessoas, animais e bens e ao derrube ou remoção de elementos construtivos ou vegetação;»
portal.iefp.pt/pls/gov_portal_iefp/url/ITEM/D91F74DBD56447D0E030A8C00A2A49D7

«para o conjunto das equipas que intervêm no território a submergir pelo futuro regolfo de Alqueva, trabalhos de investigação e **salvamento** arqueológico de ... »
www.uc.pt/iauc/ark/proj.html

Nestes co-textos ressalta o carácter inconclusivo de *salvamento*, dado enformar o *evento* de *salvar* como o decurso processual do mesmo e não a obtenção imediata do efeito do evento como acontece em *salvação*. *Salvamento* designa, assim, o evento em construção, pelo que é seleccionado para co-textos cujo objecto implique actuação espraçada temporalmente sem indicação de ponto de completude, como o são o de *salvamento de Bracara Augusta* ou *salvamento de narcissus*.

Se colocássemos *salvação* em referência a plantas ou espaços arqueológicos ou ainda a indivíduos humanos, obter-se-ia uma leitura de *salvar* atingido de modo completo e definitivo. Enunciados reconstruídos como *salvação de Bracara Augusta* ou *salvação de narcissus* ou ainda *salvação do homem* implicam que os objectos de cada enunciado estejam salvos de modo ultimado. Como tal, apenas com *salvação* e não com *salvamento* ocorre o verbo *atingir*. A agramaticalidade de **atingir o salvamento* deve-se ao carácter inconclusivo de *salvamento*, pelo que não pode ser desenhado como alvo, ou seja, como esfera unitariamente simples para que se possa ‘atingir’, ou seja, ‘conseguir de um só acto’.

É este carácter de acção una, ultimada e definitiva, no sentido de não dimensionar o evento como gradativo, que sobressai nos co-textos que a seguir apresentamos relativamente a *salvação*. Destes co-textos destacamos aqueles que dizem respeito à dimensão religiosa. É que o evento *salvar*, tal como concebido teologicamente, apenas pode ser enformado através do sufixo *-ção*, devido ao seu carácter definitivo e temporalmente uno. A mesma moldagem ocorre num título de Camilo Castelo Branco - *Amor de salvação* - onde não caberia *salvamento* (**amor de salvamento*).

Apresentam-se os co-textos:

«Programa da Junta de **Salvação** Nacional Junta ... 2. A Junta de **Salvação** Nacional decretará: a ... »
www.instituto-camoes.pt/bases/25abril/progrjunta.htm

«Igreja de Nossa Senhora da **Salvação** - Precedida de um amplo adro, a ... »
viajar.clix.pt/com/tesouros.php?lid=127&lg=pt

«"A **SALVAÇÃO** DE GRACE". ... Será ele o Salvador ou uma fraude?
A paixão de Grace será um amor de **salvação** ou um amor de perdição? ... »
www.caleida.pt/fantasporto/loja/ver_produto.php?id=67&tabela=videocassetes

«EM BUSCA DA **SALVAÇÃO** "É feita, ao mesmo tempo uma crítica à sociedade dos nossos dias, em que os jovens passam a maior parte ... »
www.esec-emidio-navarro-alm.rcts.pt/sarilho/busca.htm

«... **Salvação** do Zêzere. ... Finalmente, a **salvação** do Zêzere está a tornar-se, cada vez mais, uma preocupação generalizada das populações e dos autarcas. ... »
www.freipedro.pt/tb/050996/guarda2.htm

«A Sabedoria é a Nossa **Salvação**. ... Embebedem-nos com o poder que nos dão. A única salvação está na sabedoria. ... »
citador.weblog.com.pt/arquivo/031790.html

«Empenhar os anéis ainda é a "**salvação**" para milhares Ir ao prego Casas de penhores são cada vez menos mas continuam a registar muita afluência Companhia ... »
jn.sapo.pt/2004/11/28/grande_porto/empenhar_aneis_ainda_salvacao_para_m.html

«Ele é o rei que traz a paz e a **salvação**, proporcionando ao Povo de Deus uma era de felicidade sem fim..»
www.leiria-fatima.pt/Downloads/Liturgia/Natal-missa%20do%20dia.htm

«Cremos no perdão dos pecados através de Jesus e Sua expiação; cremos na **Salvação** eterna e perfeita como uma dádiva da graça divina, na justificação ... »
www.convencao-assembleias-deus.org/declaracao_fe.htm

«O único fundamento da Igreja é Jesus Cristo. É Ele que a convoca e a envia, anunciando a **salvação** através da pregação e dos sacramentos. ... »
www.igreja-metodista.pt/leuenb.html

«Palavra da **Salvação**. Sacerdote: Homilia. Sacerdote: ... Coro / Ass.: Cântico de Acção de graças: És Senhor minha força, meu rochedo e **salvação**.»
www.leiria-fatima.pt/downloads/catequese/Festa%20da%20Cruz%20e%20da%20Vida.htm

«O objectivo é conseguir ajudas comunitárias Organização de Produtores pode ser a tábua de **salvação** da amêndoa. O futuro da ... »
www.novaguarda.pt/190203/g_reg7.htm

«Descrever um método de **salvação** e desembaraçar-se de um naufrago. ... 4 - Atirar um cabo com bóia de **salvação** a um nadador afastado a 10 metros. ... »
www.cne-escutismo.pt/progresso/competencias/nadadorsalvador.htm

O mesmo tipo de oposição é visível nos pares elencados acima. Assim, *afloramento* mostra o decurso do evento de *aflorar*, cujas consequências semânticas resultam numa significação de ‘resultado concreto’, que observaremos no espaço dedicado a este sufixo e que exemplificamos com o seguinte co-texto:

«**Afloramento** Rochoso de basaltos ou doleritos ou outras rochas eruptivas básicas afins»

www.idrha.min-agricultura.pt/cartografia/notaexplisol.htm

O resultado concreto *afloramento* é consequência do processo gradual e temporalmente disperso do evento em causa e não de uma efectuação do evento dada como realizada num ponto único do tempo.

Por sua vez, *afloração* apresenta-se como o evento que se atinge de modo definitivo, como atesta o seguinte co-texto:

«A nata resulta, habitualmente, da desnatação do leite de vaca, que consiste, basicamente, na **afloração** natural da gordura à superfície do leite.»

www.conselhos.continente.pt/tema/alim/lacticinios/natas.asp

Também a partir de *congelamento/congelação* é possível observar que *-mento* contribui para a configuração do evento como disperso ao longo do tempo, enquanto *-ção* formata o evento como dado num determinado ponto absoluto. A comprovação desta asserção é visível na não-obtenção de resultados em motores de busca da internet de co-textos para a expressão *congelação gradual*, opostamente à ocorrência elevada de resultados para *congelamento gradual*.¹¹

Atente-se que o acima asserido não equivale a estipular que os deverbais em *-ção* não ocorrem com o adjectivo *gradual*. Numerosas ocorrências atestam o contrário. Contudo, essa ocorrência não implica um semantismo de ‘desenrolar do mesmo evento ao longo do tempo’, mas de ‘reiteração do evento em vários números’. Esta leitura é verificável em

«reimplantação **gradual** da raça Merina na produção De [sic] leite para Queijo»
pubol.ipbeja.pt/Edi/Queijos.doc

A reimplantação da raça merina não se faz ininterruptamente ao longo do tempo, mas em fases unitárias correspondentes cada uma delas a um evento de ‘reimplantar’. Não se trata de um só evento ininterrupto de ‘reimplantar’, mas de vários localizados sucessivamente no eixo temporal. Mais uma vez se destaca a necessidade de lidar com os co-textos cuidadosamente, de forma a não confundir determinada co-ocorrência como prova de uma significação lexical que, afinal, pode revelar-se aspectual. A possibilidade de co-textualização de produtos em *-ção* com o adjectivo *gradual* pode atestar a variação

¹¹ Retomaremos os exemplos de *congelamento/congelação* no § 1.5 dedicado ao sufixo *-mento*.

aspectual dos mesmos e não a anulação do semantismo de moldagem eventiva, lexical, que é necessário distinguir do primeiro.

Como consequências desta moldagem eventiva, ocorrem, por um lado, a selecção que *-ção* opera relativamente a determinadas estruturas morfológicas verbais e, por outro, extensões semânticas, que não podem ser concebidas como traços do sufixo, devido ao facto de não corresponderem a formações encontráveis em todos os produtos em *-ção*.

Começaremos pela consequência formal de *-ção*. Dado que este sufixo formata o evento como efectuação, é natural que selecione bases verbais que, pela presença de determinado afixo verbalizador, constituam em si mesmas uma moldagem do evento desse tipo. Falamos dos sufixos verbalizadores *-iz-* e *-ific-*, cuja ocorrência com *-ção* é multilinguística.¹² A presença de verbos base de deverbais em *-ção* com o sufixo *-iz-* é de 12,50% (293) e a de verbos em *-ific-* é de 5,12% (120) num total de 2344 verbos (cf. § 6.1.1 do cap. III; tabelas III 1 e III 2). Deverá ter-se em atenção que estes são números resultantes da análise de um *corpus*, pelo que não deve esquecer-se a produtividade actual quer de formação de verbos em *-iz-*, quer de nominalizações destes em *-ção*, impossível de contabilizar num trabalho deste teor.

Observe-se que, pelo contrário, os verbos que contêm os sufixos verbalizadores *-ec-* e *-esc-* não são seleccionados por *-ção*, mas por sufixos que possuem traços coadunáveis com o carácter temporalmente disperso de *-ec-* e *-esc-*. Trata-se de *-mento* e *-ncia*, cuja caracterização de ‘processo’ e de ‘estado’ é condicionadora da selecção de verbos que já se encontram num grau de moldagem eventiva não correspondente a zero.

Apenas foi encontrado um lexema, *atemorizamento*, que Houaiss indica como “pouco usado”, que contradiz a tendência de selecção de *-ção* por *-iz-* e não de *-mento*. Contudo, este contra-exemplo é facilmente explicável pelo semantismo de *atemorizar*. Na verdade, este verbo designa um evento psicológico de carácter processual, espreado no tempo e não unitarizado num ponto deste. Neste caso, o valor psicológico semântico do evento sobrepõe-se ao valor inculcado pelo próprio sufixo *-iz-*, pelo que ficam disponibilizadas duas formações do evento. A formação que parte da moldagem operada pelo sufixo oferece a nominalização em *-ção*, enquanto a formação que foca a moldagem oferecida pelo semantismo psicológico implicado no evento verbal disponibiliza a sufixação em *-mento*.

¹² Cf. para o francês Kerleroux (1997: 168), para o espanhol Santiago Lacuesta & Bustos Gisbert (1999: 4515), Rainer (1993:435) e Pena (1980: 204), para o inglês Bauer (1983: 221-223 e 277) e Plag (1999: 68-76)

Foi ainda encontrado um deverbal em *-agem* a partir de um verbo em *-iz-* (*cobaltizagem*) (tabelas III 1 e III 2). Este exemplo é igualmente explicável à luz da formatação [operações diferentes], condição de selecção por parte do sufixo *-agem*, que ressalta na técnica de *cobaltizar*. Mais uma vez, a formação *cobaltização* resulta da focagem do tipo de moldagem eventiva protagonizada pelo sufixo verbalizador *-iz-*, enquanto *cobaltizagem* é consequência da enfatização da moldagem protagonizada pelo carácter [operações diferentes] do evento.

A razão em que fazemos radicar a relação genolexical entre os verbos em *-iz-* e *-ific-* é pois de ordem da estrutura de moldagem eventiva. Se o verbo base for caracterizado por grau zero desta moldagem, irá mostrar-se como mais disponível para a moldagem protagonizada pelos operadores lexicais. Como tal, um verbo em grau zero apresenta mais deverbais com diferentes sufixos, como é o caso de *lavar*. Pelo contrário, um verbo que se encontra já formatado quanto à moldagem eventiva, irá ser seleccionado por sufixo que mostre maior grau de coadunação com a sua própria moldagem eventiva. Isto acontece nos verbos em *-iz-* e *-ific-*, que moldam o evento como ‘efectuado’, ou, no dizer de Ritter & Rosen (2000: 203), como ‘delimitado’, carácter coincidente em absoluto com o traço do sufixo *-ção*.

Descartamos, assim, as hipóteses que localizam em condições morfofonológicas e fonéticas as correlações entre *-iz-* e *-ific-* com *-ção* e *-ec-* e *-esc-* com *-mento*. A explicação baseada no fenómeno de haplologia, definido em Plag (1999: 185), de que seria para evitar sequências fonéticas similares que não ocorrem deverbais em *-ção* a partir de verbos em *-ec-/esc-* é facilmente derrubada pela constatação de que esta correlação existia já em latim, cuja pronúncia restaurada deixa perceber não existirem choques fonéticos cacofónicos em tais combinações não ocorrentes.

A produtividade e o carácter translinguístico quer de *-iz-* quer de *-ção* explicam-se pela própria formatação em jogo. Dado estes sufixos formatarem os eventos, em verbo e em substantivo, como a sua efectuação unitarizada em termos ontológicos e temporais, estas são talvez as formas mais óbvias de mostraçãõ do próprio evento em jogo, como um acto, sem ter em conta possíveis variações mais complexas, como as disponibilizadas por *-agem*, *-mento*, *-ncia*, etc. Estas são mais complexas apenas no sentido em que em vez de formatarem um evento como uno, ocorrente num ponto temporal, dão lugar à sua espraiação quer ontológica, como é o caso de *-agem*, quer temporal, como *-mento* e *-ncia*. Note-se que estes dois últimos não pressupõem completação do evento. Isto significa que a

maneira mais simples e directa de fazer referência a um evento é através da sua moldagem como efectuação.

Em contraste, para além da já referida ausência de verbos sufixados em *-ec-* e *-esc-*, salienta-se nas bases dos deverbais em *-ção* uma presença débil de verbos prefixados em *a-* (3,28% em *-ção* contra 13,79% em *-mento*), *en-* (2,26% em *-ção* contra 11,45% em *-mento*), *es-* (0,60% contra 1,23%) que formatam o evento verbal não unitariamente (cf. § 6.1.1 do cap. III, tabela III 2).¹³

Em termos de classes léxico-conceptuais dos verbos base (cf. tabelas IV 1 e IV 2), alerte-se para o facto de os verbos que indicam eventos psico-emotivos, ou seja, verbos psicológicos, verbos de experienciador-sujeito e verbos de estímulo-sujeito apresentarem maior número de bases nos deverbais em *-mento* do que nos em *-ção*. Mais uma vez, socorremo-nos do pendor processual que quase sempre caracteriza este tipo de evento para explicar a predominância do sufixo *-mento* em comparação com *-ção* na sua nominalização.

Relativamente a estas classes desenhadas semanticamente, a distribuição que estas mostram dentro dos deverbais em *-ção* é bastante neutra. É natural que a moldagem de ‘efectuação’ operada por *-ção* mostre adequação relativamente a qualquer tipo de evento, desde que não suportador de uma moldagem eventiva prévia. Ressaltam, no entanto, os verbos causativos (20,71%), cuja oposição é sobretudo visível em relação a *-ncia* (3,95%) (tabela IV 2). A fraca representatividade que nestes apresentam deve-se à pouca adequabilidade que uma mudança de estado acarretada por um verbo causativo demonstra face ao traço semântico de cariz estativo ostentado pelo sufixo *-ncia*.

Mas o verdadeiro factor a salientar tem que ver com os verbos resultativos (8,83% em *-ção* contra 2,87% em *-mento* (tabela IV 2)), cujo carácter delimitado vai ao encontro da formatação de ‘efectuação’ dos deverbais em *-ção*. Os verbos resultativos que nominalizam em *-mento* mostram carácter não-delimitado, como são aqueles que designam formações naturais, cujos eventos não têm termo, como *abolorecimento*, *enramamento*, *enraizamento*, etc.

A formatação de ‘efectuação’ apresenta ainda uma extensão semântica, que, por não ser caracterizadora da totalidade das suas bases verbais, nem pode ser integrada no traço do sufixo, nem pode ser encarada como condição de selecção. Trata-se, como dizemos, de uma extensão consequente do traço ‘efectuação’ e que se reflecte no cariz tendencialmente

¹³ Para as semânticas destes prefixos, veja-se Pereira (2000).

controlável por sujeito do evento formatado por *-ção*. A este opõe-se o cariz tendencialmente não-controlável por sujeito do evento formatado por *-mento*.

Mais uma vez, alertamos para o facto de nem estarmos a lidar com caracteres absolutos quer de um quer de outro sufixo nem com condições de selecção das bases. Numerosos contra-exemplos mostram que nas bases de *-ção* ocorrem verbos designadores de eventos não-controláveis por sujeito, como *deflagrar*, *proliferar*, *predominar* entre outros, assim como nas bases de *-mento* ocorrem verbos que designam eventos controláveis por sujeito, como *esfaquear*, *arrolhar*, *embalsamar*, etc.

Contudo, assiste-se a uma tendência para que os deverbais em *-ção* indiciem eventos com controlo pelo sujeito, enquanto os deverbais em *-mento* apresentam tendência para significação de não-controlo por parte do sujeito. Esta tendência é consequência dos traços de ‘efectuação’ e de ‘processo’ dos sufixos. Na verdade, relativamente ao sufixo *-ção*, o facto de este formatar o evento como efectuação, ou seja, como acção ocorrida como completa e una, conduz a que este tipo de formatação esteja mais de acordo com a actuação de um sujeito controlador, ou seja, um sujeito com capacidade para determinar a completação da acção. Já no que diz respeito ao sufixo *-mento*, o cariz de ‘processo em construção’, sem ponto de delimitação inerente, coaduna-se com um sujeito que não tem capacidade para conduzir o evento a um ponto de completação que o desse como efectuado.

São estas extensões que ressaltam da predominância de verbos inacusativos (17,44% nos deverbais em *-mento* contra 7,82% nos deverbais em *-ção* (tabela IV 3)), especificamente em verbos incoativos que são aqueles, dentro dos inacusativos, que mais relação têm com sujeito não-controlador (12,13% em *-mento* contra 5,10% em *-ção* (tabela IV 2)). Note-se que o facto de existirem estes em percentagens a não desleixar nos deverbais em *-ção* corrobora o estatuto de extensão e não de traço sistémico destes vectores.

De qualquer forma, em co-textos comparativos, essas extensões são visíveis, como observável em *agravamento/agravação*:

«em tal caso, responsável o lesante pela **agravação** dos danos derivados da ... demonstrados factos que imputem à lesante culpa na **agravação** dos danos»
www.dgsi.pt/jstj.nsf/0/2ca915a42523d9e280256f6b005a7800?OpenDocument

«Entre os vários propósitos que justificam a revisão destaca-se a necessidade de corrigir o desequilíbrio entre as penas previstas para os crimes contra as pessoas e os crimes contra o património, propondo-se uma substancial **agravação** para os primeiros.»

www.policiajudiciaria.pt/hm/legislacao/dr_informatica/declei48_95.htm

«A **agravação** prevista no número anterior é aplicável ao agente que se dedicar habitualmente a prática ilícita do aborto ou que realizar aborto ilícito»

www.terravista.pt/enseada/1881/legislacao.html

«OMS alerta para o **agravamento** do vírus de Marburg em Angola. 2005-05-17 17:31:02. Luanda - A Organização Mundial de Saúde (OMS), depois de ter declarado»

www.ibinda.com/noticias.php?noticia=1691

«provavelmente capazes de atrasar ou parar o **agravamento** da artrose, ...mesmo na prevenção do **agravamento** da destruição articular e suas consequências.»

www.alternet.pt/olympica/diartro/artrose.html

«A situação clínica manteve-se instável, com **agravamento** progressivo do ponto de vista respiratório.»

www.ordemdosmedicos.pt/.../publicacoes/ACTA/2-

[2005/163168%20PROTEINOSE%20ALVEOLAR%20CONGÉNITA.pdf](http://www.ordemdosmedicos.pt/.../publicacoes/ACTA/2-2005/163168%20PROTEINOSE%20ALVEOLAR%20CONGÉNITA.pdf)

«eventual e hipotético risco do aparecimento ou **agravamento** de autismo.»

www.appda-lisboa.org.pt/files/Folha%20Informativa%20Novembro-%20B.pdf

Deverá, no entanto, notar-se que estes co-textos representam tendências, na medida em que foram encontradas ocorrências opostas.

Atente-se, em paralelo, na leitura processual dos co-textos em que ocorre *agravamento*, salientada por *atrasar o agravamento da artrose e agravamento progressivo do ponto de vista respiratório*. Comparem-se com os co-textos de *agravação*, onde a colocação de *atrasar a agravação das penas* conduz a uma leitura sinónima de ‘adiar o momento de agravação das penas’ e não de ‘dispersar ao longo do tempo o evento contínuo, ininterrupto e homogéneo de agravar as penas’. Esta segunda leitura é a que ocorre com *agravamento*. Do mesmo modo, *a agravação progressiva das penas* corresponde a vários eventos de agravar as penas, cada um situado num ponto temporal distinto, e não a uma continuidade ininterrupta do mesmo evento.

Retomando as extensões semânticas de controlo/não-controlo do sujeito, deverá salientar-se que se trata apenas de extensões e não de caracteres sistemáticos. O carácter de

extensão é demonstrado pela existência de deverbais como *placentação*, para cuja base inacusativa não é pressuponível uma causa externa com controlo sobre o evento.

Defendemos, pois, que o vector de sujeito controlador apresenta maior ocorrência com os deverbais em *-ção* não como inerência deste, mas sim como consequência do carácter de efectuação da acção. Pelo contrário, deverbais em *-mento* que desenham o evento como processual, naturalmente apontam preferência por eventos não controláveis por sujeito, pois o controlo operável por este acarreta efectuação do evento.

Tal é indiciado por dois lexemas como *aparicação* e *aparecimento*. Apesar de o carácter de deverbal não-construído poder ser usado para não validar a utilização destes exemplos, parece-nos que este par oferece comportamento interessante. Note-se que *aparicação* representa a forma APPĀRĪŦĪONEM, do verbo APPĀRĒŦ. *Aparecimento* é analisável como construído em português a partir de *aparecer*. Repare-se, pois, que os próprios verbos básicos, para além de pertencentes a sistemas diferentes, são morfológica e semanticamente diferentes. Apenas importa aqui destacar que os co-textos de ocorrência de *aparicação* vão ao encontro do traço de [efectuação] e apresentam a extensão de sujeito com controlo, enquanto *aparecimento*, que parece contradizer o traço do sufixo *-mento*, ocorre em co-textos em que o sujeito não controla o evento. Os co-textos de ambas as formas corroboram os dados lexicográficos avançados para uma e outra. Segundo Domingos Vieira, *aparicação*

«Emprega-se em sentido especial para exprimir toda a figuração sobrenatural, visão mystica, ou manifestação em espirito; n'este sentido, proprio da linguagem poetica e theologica. – Em sentido geral, manifestação, publicação, chegada, exposição. [...] – Em Astronomia, apparicação, indica que uma estrella ou outro corpo luminoso começam a tornar-se visiveis depois de terem estado occultos.».

Observe-se que o contexto astronómico mostra que o traço sistémico não é o de sujeito com controlo.

Em relação a *aparecimento*, Bluteau fornece o dado simples, mas esclarecedor: «O aparecer». Este dado mostra que, se em *aparicação* se obtém, para além da leitura eventiva, uma leitura de 'causa', em *aparecimento* a leitura de 'causa' não tem lugar, mas apenas a de evento. Em *aparicação*, que apresenta sobretudo contextualização em usos religiosos, é vulgar que se refira a 'causa', como atestado em:

«A narrativa indígena fala de uma **aparicação** no céu na forma de "uma árvore maravilhosa", que foi interpretada pelos antropólogos como sendo a...»

www.lideranca.org/cgi-bin/index.cgi?action=forum&

board=atualidades&op=post&num=44"e=6...

«No dia 13 de maio daquele ano, três pequenos pastores viram **uma aparição**, descrita por eles como a figura de **uma** "luminosa senhora".»

www.portugal-linha.pt/opinioao/RJunior/rj17.html

Este semantismo de ‘causa’ só é compatível com o traço [efectuação], na medida em que se trata de uma ‘causa’ discreta e ontologicamente una, logo, conciliável com o carácter ontológica e temporalmente uno do evento. O traço [processo] apenas dá origem a designações de ‘indivíduo’ ‘causa’ ontologicamente massivos ou não unos, ontologicamente, como *acompanhamento*, *mantimento*, *bastimento*, *enchimento*, *entabuamento*, de que salientam os que partem de bases transitivas ornativas (tabela X f 36). Como se verifica, a identificação dos semantismos dos traços dos sufixos revela-se sobretudo de modo indirecto, nestes exemplos em matizes semânticos das significações secundárias.

Pelo contrário, *aparecimento* não acarreta a significação de ‘causa’. Os co-textos encontrados para este deverbal apontam para o carácter de sujeito sem controlo e para o carácter processual. Este que, porventura, poderá parecer inexistente neste deverbal é corroborado pelas co-textualizações:

«O APARECIMENTO DA ESCRITA – Um processo evolutivo»

www.revista-temas.com/contacto/NewFiles/Contacto8.html

«Conhece os fenómenos que conduziram ao **aparecimento** dos primeiros organismos vivos. ... foram-se criando as condições para o **aparecimento** da vida.»

www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=1688&iLingua=1

«algumas excepções, o leite materno é substituído pelo biberão, depois surgem as papas, mais tarde as sopas até ao **aparecimento gradual** dos sólidos.»

www.educaportugal.weblog.com.pt

«**aparecimento gradual** de páginas Web.»

www.eq.uc.pt/~jorge/aulas/internet/ti4-pagina.html

A comutação, nos co-textos acima apresentados, de *aparecimento* por *aparição* não é possível, dado que *aparição* não se mostra compatível com o carácter de dispersão no tempo do processo do evento. Por exemplo, em *a aparição da escrita* revela-se uma

significação de efectuação num só ponto temporal e de modo completo do evento em causa, não conciliável com o decurso naturalmente processual do mesmo.

Como observámos, a tendência para o carácter de ‘efectuação’ pressupor um sujeito controlador do evento não apresenta extensibilidade suficiente de modo a inseri-la no traço do sufixo ou como condição de selecção. Contudo, a importância do componente sujeito neste tipo de produtos é visível na possibilidade de construção que já observámos a respeito de *aparição* e que é encontrável noutros produtos. Exemplos como *Deus é a nossa salvação*, contraponível com a agramaticalidade de **Deus é o nosso salvamento*, apontam para essa enfatização do sujeito através da significação secundária de ‘causa’.

As significações de ‘causa’ e suas especificações (‘causa colectiva’ e ‘causa sistema’) apresentam-se em número não descurável nos produtos em *-ção*, apesar de reduzido face às significações eventivas (cf. tabelas A 7 e A 8). O que interessa aqui enfatizar é que as significações de ‘causa’ e suas especificações revelam-se como ‘causas’ com capacidade de controlo do evento.

Note-se que o valor superior de ‘causa’ em deverbais em *-mento* pode ser enganosa, se não tivermos em conta que estes designam ‘causas’ não controladoras, de que se destacam numericamente as que resultam da alternância de verbos ornativos (tabela A 11).

Prosseguindo a descrição dos produtos em *-ção*, observamos apenas que, para além das significações de ‘acção’, que ocupam 76,08% das significações disponibilizadas por estes deverbais, ocorrem em percentagens a destacar as significações de ‘estado’ (12,93%) e as de ‘resultado concreto’ (6,85%) (tabela A 7), que, no entanto, não são superiores àquelas que ocorrem em deverbais de operadores como *-mento* (25,35%) (tabela A 11) e *-ncia* (tabela A 15) (67,23%), para ‘estado’, ou em *-dura* (tabela A 9), para ‘resultado concreto’ (22,49%).

Nas significações de ‘estado’ destacamos as que decorrem de verbos causativos, como *desertificação*, *deseducação*, *civilização*, atestáveis nos seguintes co-textos:

«Os algarismos na **civilização** suméria. [...] De origem desconhecida [...] a **civilização** Suméria é a mais antiga **civilização**.»

www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/algarismos/sumeria.htm

«**A desertificação** aumenta a secura do ambiente, contribuindo para os fogos florestais ...»

www.partidodaterra.org/default.asp?m=2&s=11&p=1

«Mas lá achou alguma **deseducação** na atitude pois foi rodando, lentamente, para ficar de perfil.»
web.ipn.pt/literatura/oneves06.htm

Repare-se que a significação de ‘estado’ daqui resultante redonda da efectuação do evento, ao contrário do que ocorre nos estados protagonizados por deverbais em *-mento*, que, como observaremos, não revelam carácter terminado, por dependerem do traço [processo] deste sufixo. Mais uma vez, destacamos que os traços semânticos dos operadores afixais se revelam de modo indirecto na fabricação de matizes dos semantismos secundários.

Quanto à significação de ‘resultado concreto’, salientamos as que decorrem de verbos transitivos declarativos ou actos de fala em geral. Exemplos como *admoestação*, *afirmação*, *atestação*, *declaração* são suficientes para ilustrar o carácter concreto destes semantismos ocorrentes em co-textos como:

«Permite cumprir a obrigação da entrega da **declaração** de rendimentos de uma pessoa singular, referente a um determinado ano.»

www.portaldocidadao.pt/PORTAL/entidades/

MFAP/DGCI/pt/SER_entrega+da+declaracao+de+irs.htm - 44k

«**declaração** deve ser anexada à restante documentação relativa a IRS e arquivada ...»
www.adse.pt/page.aspx?idCat=341&IdMasterCat=306&MenuLevel=2

«[moastica] por monastica; é a mais antiga **atestação** da síncope de ... doce] por docet; é a **atestação** mais antiga da apócope de ...»

www.fcsh.unl.pt/clunl/Linha4_Ficheiros/Cete_m.1_n.1_Tipo4.pdf

«A primeira **atestação** escrita literária de que há. notícia surge em Anrique da Mota, em Vicente aparecera já na Frágoa. d'amores. ...»

www.quimera-editores.com/vicente/pdf/Nau.pdf

«Em terceiro lugar, a **afirmação** de **que** a informação digital é densa significa **que** é possível armazenar muita informação em forma digital num pequeno ...»

www.educ.fc.ul.pt/hyper/laboratorio/rvaz/lab-digital2.htm

«**afirmação** de **que** determinada pessoa sofreu um acidente de trabalho não é de... Também não podia ser incluída na especificação a **afirmação** de **que** o ...»

www.dgsi.pt/jstj.nsf/0/4392528af08e570780256fb20058e017?OpenDocument

Estas significações são aquelas que funcionam como *conceptual shells* (Schmid 2000), integrando sintagmas oracionais apositivos, conforme demonstram Hoekstra & Putten (1988: 170), Grimshaw (1990: 73-80 e 91-101) e Rodrigues (2004).

Mais uma vez, é de destacar a importância do traço de [efectuação] para estas significações, já que, no caso de pertencerem a produtos em *-ção*, demonstram dependência em relação à completude do evento.

Chamamos ainda a atenção para o lexema *dentição*. Consideramos que este representa um verbal não-construído em português, mas em latim, devido à inexistência de base, em português, formalmente equivalente ao tema que constitui este lexema. Na verdade, o verbo disponível em português possui vogal temática *-a-* (*dentar*), enquanto o referido substantivo ostenta tema da base *-i-*. Tal facto só é interpretável à luz do latim. Em latim, segundo Gaffiot (2000), *DENTIŦIONEM* (*dentition, pousse des dents*) é construído com base no verbo *DENTIŦŦ, ĪS, ĪRE*, cuja significação é, de acordo com a mesma fonte, «faire ses dents [...] croître, pousser [en parl. des dents]». *Dentição*, em português, designa igualmente não só o evento de odontíase, mas também o resultado colectivo desse evento, significação ocorrente em 1,36% dos verbais em *-ção*.

A significação eventiva não é alheia, da mesma maneira, aos correspondentes do lexema latino noutras línguas. Por exemplo, em inglês, de acordo com www.wordreference.com/definition/dentition, *dentition* designa não apenas o resultado colectivo ‘theeth’, mas também o evento de ‘theething’.

Apesar de não se tratar de lexema construído em português, facto esclarecido pela disparidade entre a vogal temática do verbo *dentar* e aquela que assoma na base de *dentição*, as significações do lexema em português mostram-se em consonância com os parâmetros desta língua.

1.5. Produtos em *-mento*

Grande parte dos dados pertinentes a reter em relação a estes produtos foi já objecto de explicitação na secção anterior a propósito da distinção destes e dos objectos em *-ção*. Não pretendemos repetir essas informações, mas tentaremos revelar outras em complemento daquelas.

Como ficou já estabelecido e ilustrado, o sufixo *-mento* (tabelas X f) opera uma moldagem eventiva que designámos por ‘processo’.

Tal como referido no § 1.3 a propósito dos produtos em *-ção*, é necessário compreender que os traços semânticos dos sufixos se revelam sobretudo no modo de obtenção de determinados semantismos (e.g. a diferença entre ‘estado’ e ‘causa’ nos produtos em *-ção* e nos produtos em *-mento*) e nas preferências relativamente à formatação morfológica (e.g. a selecção de bases em *-iz-* e *-ific-* por *-ção* e não por *-mento* vs. a selecção de *-ec-* e de *-esc-* por *-mento* e não por *-ção*) e léxico-conceptual (e.g. a maior percentagem de bases incoativas seleccionadas por *-mento* do que por *-ção*) de determinadas bases.

De qualquer modo, para além de o traço se revelar indirectamente nos processos de montagem dos semantismos e dos produtos, também se revela, por vezes de modo ténue e apenas apreendido contrastivamente, na própria matização do semantismo básico de ‘evento’.

O traço [processo] implica que o evento seja moldado como ontologicamente homogéneo e temporalmente disperso. A dispersão temporal é também homogénea. Esta caracterização não é refutável pela existência de deverbais como *passamento*, *finamento* ou *falecimento*, visto as suas significações estarem presas a processos. Em relação ao verbo *finar*, Bluteau esclarece o seu carácter processual: «Estar consumindo pouco a pouco. Hirse reduzindo ao seu fim.».

Quanto a *falecimento*, Domingos Vieira observa a sua significação primitiva de ‘carência, míngua’. Já *passamento* indica, de acordo com Bluteau, «Estar alguém em passamento, he o mesmo que estar em agonia, passando desta vida para a outra.».

Os três vocábulos designam, pois, o processo de agonia e não a efectuação da morte em si mesma, pelo que não contradizem o traço [processo] estipulado para este sufixo.

A moldagem ‘processo’ distingue-se daquela que é oferecida pela sufixação em *-ção* por, ao contrário desta, não apresentar o evento como completado, mas antes como espraído ao longo do eixo temporal. Repare-se que, apesar de ser esta uma designação e uma definição que parece coincidir com as que pertencem ao domínio de uma estrutura eventiva como *actividade*, no quadro de Vendler (1967), mantemos a distinção entre ambas as esferas. Observe-se que verbos de *actividade* como *trabalhar* e *nadar* não desenvolvem deverbal correspondente em *-mento* e que, pelo contrário, verbos de *achievement* como *bater* o fazem, o que permite concluir que as estruturas eventivas tal como desenhadas tradicionalmente não funcionam neste caso como condições de selecção sufixal. O que funciona como condição de selecção é a própria moldagem que sufixos deverbalizadores

conseguem no lexema verbal, como indicado no § 1.4 em relação aos operadores *-iz-* e *-ific-*.

Em relação a *-ção*, a distinção de *-mento* faz-se através da unitariedade temporal do primeiro. Em relação a *-agem*, podemos dizer que, se este sufixo apresenta o evento como constituído por eventos diferentes entre si, sendo por isso ontologicamente múltiplo, *-mento* apresenta o evento como ontologicamente simples. O deverbal em *-mento* não desenha o evento como um sistema cuja completação está dependente de um último evento, visto que nem enforma diferentes eventos de modo a funcionarem como valores, ou seja, como entidades opositivas e relativas entre si, nem possui carácter de completação inerente ao conceito de sistema.

Por sua vez, em relação ao sufixo *-aria*, este é moldador do evento como constituído por um conjunto indeterminado de eventos iguais entre si que podem acumular-se no mesmo ponto temporal (*gritaria*, *vozearia*) ou estender-se ao longo de um eixo temporal (*zurraria*, *estalaria*). Os deverbais em *-mento* não concebem o evento como constituído por vários eventos, mas apenas por um só, homogeneamente distribuído temporalmente.

Continuando a comparação entre os produtos em *-mento* e *-ção* a partir de bases comuns, assiste-se à tendência de os deverbais em *-mento* caberem em usos de carácter abstracto e concreto, enquanto os deverbais em *-ção* parecem pender para usos concretos. Ressalve-se que não significa esta observação que deverbais em *-ção* designem eventos concretos e deverbais em *-mento* eventos abstractos. Não é possível tecer essa separação, na medida em que tanto um tipo de evento como o outro ocorrem com um e outro sufixo. O que constatamos é antes que, quando existem deverbais em *-ção* e *-mento* formados a partir da mesma base verbal, o primeiro parece ser reservado para significações concretas e o segundo aparece tanto em usos concretos como abstractos.

Observem-se os seguintes co-textos:

«Governo anuncia **congelamento** dos salários de dirigentes de institutos públicos»
www.mp.gov.pt/mp/pt/GabImprensa/NoticiasLusa/20040128

«Exemplo de aplicação da técnica de **congelamento** artificial do terreno em contenção periférica»
www.construlink.com/mn_fund_2003_12_02_6p.pdf

«**Congelamento** de escadões é ilegal»
www.stfpn.pt/comunica/ni_03_01_2003.html

«Miguel Cadilhe incomodado com anúncio do **congelamento** do choque fiscal»
www.semanarioeconomico.iol.pt/artigos/artigo.php?sec=1&div_id=&art_id=448878&pai_id=448877

«**congelamento** das rendas»
www.negocios.pt/upload/CN/PDFs/PPLei_Autorizacao_2004-09-23.doc

«O Governo adopta uma política de **congelamento** salarial»
www.engenharia.com.pt/esxx_investigacao_22.asp?cronologia=52906

«**Congelamento** das contas ameaça produção»
tsf.sapo.pt/online/economia/interior.asp?id_artigo=TSF153730

«avanços no **congelamento** e transplante de tecido»
www.cienciaviva.pt/imprensa/index.asp?acao=showartigo&id_media_artigo=219

«Técnicas de melhoramento de solos CONSTRULINK PRESS 1 1. Tratamentos Térmicos – **Congelamento** Artificial Do Terreno»
www.construlink.com/mn_fund_2003_12_02_6p.pdf

«ARCAS DE **CONGELAÇÃO** DE ALIMENTOS»
www.anemm.pt/servicos.php?id=180

«Ponto de **Congelamento** do Leite de Ovelha.»
www.esab.ipbeja.pt/~adctalimentos/investigacao.htm

«Como dificultar a **congelamento** da água. É mais ou menos do conhecimento geral que o sal dificulta a **congelamento** da água.»
www.ajc.pt/ciencia/n12/marado.php3

«Estruturas de frio, armazenagem, **congelamento** e transformação de produtos da pesca.»
www.netindex.pt/links/NEGOCIOS/ALIMENTAR/Produ2/

«**Congelamento** de C. elegans Estirpes de C. elegans podem ser mantidas indefinidamente se estiverem congeladas.»
ecs2002.ecsaude.uminho.pt/postgrad/2004/nce/manip_animais.pdf

«**Congelamento** de carne, pizzas, etc.»
www.ineti.pt/proj/cienciaviva/estagios_2002/apresenta/FUMO100FOGOX1.pdf

«mais quente teria de percorrer uma "distância termométrica" maior que a água fria (ambas à mesma velocidade), até atingir o ponto de **congelamento** a zero»
www.ajc.pt/ciencia/n21/hciencia.php

«temperatura de **congelamento** é igual à de: temperatura de fusão temperatura de ebulição temperatura de condensação.»
cienciaemcasa.cienciaviva.pt/questmateria.html

«Os sistemas de **congelamento** IQF, mediante o uso de Azoto líquido, permitem congelar de forma individual («produto solto») alimentos como framboesas, morangos»
www.gasin.pt/html/your_business/Food_IQFFreezing.htm

«Aproveitando a grande capacidade frigorífica do Azoto líquido para uma refrigeração e **congelamento** rápida e económica de todo o tipo de líquidos»
www.gasin.pt/html/your_business/Food_LiquidProcessing.htm

Os co-textos apresentados mostram que *congelamento* é utilizado em referência não só ao processo físico de *congelar*, mas também a processos metafóricos, como *congelamento de salários*, *congelamento de rendas*, *congelamento de contas*, etc.

Os mesmos resultados foram obtidos na pesquisa de co-textos para *refinamento/refinação*:

«estrutura de **refinamento** de objectivos fornece uma. estrutura mais compreensível à documentação. • O **refinamento** de objectivos alternativos permite a ...»
ctp.di.fct.unl.pt/~ja/mei-es/goalsCES.pdf

«parece-nos essencial o **refinamento** da definição "áreas percorridas por incêndios". ...»
www.lpn.pt/Parecer_DL_BasesGeraisleicaca.htm

«facilitando o processo de **refinamento** de uma pesquisa por descritores. Este processo de **refinamento** permite a criação de agrupamentos de documentos ...»
terra.di.fct.unl.pt/~gpl/publicacoes/rel_PGR_final-2000_pq.html

«como instrumentos de trabalho na definição e/ou **refinamento** de políticas educativas tendentes a melhorar a preparação dos jovens para a sua vida futura. ...»
www.gave.pt/pisa2.htm

«O petróleo bruto tem que passar por uma **refinação** antes de ser consumido. A **refinação** consiste numa série de tratamentos físicos e químicos que visam a ...»
histpetroleo.no.sapo.pt/refina_1.htm

«Gases para **Refinação na Produção de Ferro e Aço**. Estas tecnologias incluem: a eliminação das impurezas com gases como o Oxigénio eo Árgon;»
www.gasin.pt/html/your_business/Metals_Production_Refining.htm

«AJUDA DE ADAPTAÇÃO À **REFINAÇÃO DE AÇÚCAR BRUTO DE CANA** PREFERENCIAL CAMPANHA 2005/2006. LEGISLAÇÃO APLICÁVEL. Regras e Informações Básicas ...»
www.inga.min-agricultura.pt/ajudas/vegetais/refinacao/legisla.html

Parece-nos que o que promove a tendência para usos de carácter abstracto nos deverbais em *-mento* e não nos deverbais em *-ção* é o carácter de ‘efectuação’ do segundo, ausente do primeiro. Este carácter de ‘efectuação’ provê o evento de uma delimitação que o desenha como completo e definitivo. São de facto estas características que parecem ser

inerentes a eventos como *refinar açúcar*, *refinar sal*, *refinar petróleo*, *refinar óleos e gorduras*, etc., em que se pressupõem efeitos definitivos e não reversíveis decorrentes do traço de [efectuação]. Observe-se que, em termos de realidade, é possível, pelo menos teoricamente, *refinar* mais e mais o *açúcar*, por exemplo. Mas o que está em causa na moldagem dos eventos não é a realidade deles, mas o modo como linguisticamente são enformáveis. O que o sufixo *-ção* faz é desenhar o evento de *refinar* como definitivo.

Efeito contrário é obtido pela sufixação em *-mento*. Como enforma o evento como um processo, ou seja, como um desenvolver em decurso ao longo do tempo, para o qual não se prevê ponto de completação, o sufixo *-mento* adequa-se a eventos de carácter gradativo, não definitivos e reversíveis, como o são *refinar objectivos*, *refinar pesquisa*, *refinar políticas*.

Esta tendência para eventos de carácter abstracto que se nota nos deverbais em *-mento* sobressai ainda na preferência constatável entre este sufixo e verbos designadores de processos de carácter psico-emotivo que mostram desenvolvimento ao longo do tempo sem carácter definitivo. Situam-se nesta esfera eventos como *desanojar*, *desacanhhar*, *desalmar*, cuja nominalização ocorre como *desanojamento*, *desacanhamento*, *desalmamento* e não como **desanojação*, **desacanhação*, **desalmação*. Repare-se que, não obstante a sua agramaticalidade, **desalmação* sofre interpretação de ‘evento físico de extracção de’, perfeitamente inserível num domínio de ficção científica.

Revele-se, a propósito, o peso que verbos prefixados em *des-* mostram ter nas bases destes produtos (11,39%) (cf. § 6.1.2 do cap. III, tabela III 2), sobretudo se designadores de eventos processuais, como *desencaminhar*, *desemperrar*, *desmembrar*, *desajustar*, *despiolhar*, etc.

Este carácter de processo não delimitado faz-se sentir ainda na presença considerável de bases verbais que indicam ‘dividir em’, como *abairrar*, *acoirelar*, *acourelar*, *afolhar*, *aldear*, *alqueirar*, *aparcerar*, *aquadrelar*, *aquinhoar*, *arraçoar*, *arruar*, *compartir*, *departir*, etc. (tabela X f 48). Pelo facto de designarem a divisão de um objecto em partes teoricamente infinitas, estes eventos não possuem carácter delimitado, mostram o decurso do evento ao longo de um eixo temporal e, logo, são seleccionáveis pelo sufixo *-mento*.

Já no § 1.4, respeitante aos produtos em *-ção*, fizemos referência a uma extensão semântica que emerge como consequência do traço de [efectuação] naqueles produtos e que

se resume na tendência que os mesmos demonstram em direcção a evento controlado por sujeito. Na mesma linha, indicámos notar-se tendência oposta, em direcção a evento não controlado por sujeito, decorrente do traço [processo], enquanto evento não delimitado nos produtos em *-mento*. Nesse momento indicámos tratar-se de meras tendências não confundíveis com traços sistemáticos ou condições de selecção. Nesta secção pretendemos regressar ao tema, para apresentar outras implicações práticas do mesmo.

Assim, já apontámos no § 1.4 que o sufixo *-ção* selecciona bases em *-iz-* e *-ific-* devido à simetria entre a moldagem eventiva dos operadores verbalizadores e aquele operador nominalizador. Por sua vez, os verbos em *-ec-* e *-esc-* são seleccionados por *-mento* e *-ncia*, o que é explicável pelo mesmo género de atracção entre moldagens eventivas simétricas. O que não indicámos na secção anterior foi que há uma ligação entre os verbos em *-iz-* e *-ific-* e a causatividade, logo, a existência de uma causa externa (Levin & Rappaport Hovav 1995), bem como uma ligação entre os verbos em *-ec-* e *-esc-* e a inacusatividade, muitas vezes, ainda que não sempre, relacionada com sujeito sem controle do evento. Estas ligações, não absolutas, dado existirem construções inergativas em *-iz-*, como em *hebraizar* ‘praticar a religião dos Hebreus’ e construções causativas em *-ec-*, como em *favorecer*, fazem-nos regressar à questão do sujeito com ou sem controlo do evento na especificação do sufixo nominalizador.

Relembremos as percentagens de verbos inergativos e inacusativos nas bases dos produtos em *-mento* e em *-ção* (cf. tabela IV 3). O sufixo *-mento* é, no conjunto dos sufixos de significação prototípica de ‘evento’, aquele que menor percentagem apresenta de verbos inergativos nas bases a que se agrega (2,38%). Em contrapartida, ainda que não seja o detentor de maior percentagem de bases inacusativas, dado que os sufixos *-ncia*, *-nça* e *-nço* apresentam valores superantes para estes, *-mento* associa-se a uma percentagem considerável (17,44%) de bases inacusativas. O que, aliás, estes dados revelam é que à medida que se dá uma progressão no valor de passividade do sujeito em relação ao evento, progressão essa que atinge o cúlmen nos deverbais em *-ncia*, observa-se um aumento proporcional de bases inacusativas e um decréscimo de bases transitivas (cf. tabelas IV 3).

O que deverá estar em causa nesta simetria deverá ser não tanto a inergatividade em si mesma, mas o tipo de exercício de controlo por parte do sujeito em relação ao evento. Mais uma vez sublinhamos que estas tendências decorrem mais do carácter de efectuação de *-ção* e do carácter de ‘processo’, ou seja, evento não delimitado de *-mento* do que de um traço que desenhasse sistemicamente o tipo de sujeito a seleccionar

por cada sufixo. Assim, o facto de os verbos em *-ec-* apresentarem tendencialmente sujeito sem controlo será consequência da não delimitação temporal do evento, pois o evento decorre espreado no tempo e não há sujeito com capacidade para o prover de efectuação. Da mesma maneira, os verbos em *-iz-* apontam tendência para sujeito controlador como consequência de moldarem o evento como efectuado. Ora, se o evento é efectuado, então é natural que esse carácter de perfeição decorra da acção de sujeito controlador.

Aquilo que constatamos é que das bases inergativas que dão origem a deverbais em *-mento*, apenas é possível a obtenção de eventos sem controlo pelo sujeito. Esta delimitação oferece-se quer na selecção de verbos que em si mesmos já designam eventos com sujeito não controlador, quer no facto de, quando perante verbos que não especificam o tipo de exercício de controle do sujeito, a nominalização em *-mento* acarretar a neutralização do controle do sujeito.

Os verbos inergativos constantes nas bases de *-mento* são, por exemplo, *abalar*, *gotejar*, *bater*, *formigar*, *luzir*, *relampaguear*, *atroar*.

Em relação a *abalamento*, Domingos Vieira esclarece a sua significação, face às várias hipóteses suscitadas pela volumetria semântica de *abalar*, com a seguinte informação: «O estado de tremura. Termo antiquado que exprime o terremoto.». Trata-se, pois, de base inergativa com carácter de não-controle pelo sujeito, como visível em *abalamento de terra*.

O mesmo tipo de sujeito é observável para os verbos *gotejar*, *formigar*, *luzir*, *relampaguear* e *atroar*. Em relação a *bater*, *ciciar* e *balbuciar*, os sujeitos interpretáveis em *batimento*, *ciciamento* e *balbuciamiento* são não controladores do evento. Como tal, *batimento* não decorre de construções de *bater* como aquelas de que resultam, por exemplo, a significação de ‘bater à porta’, que, aliás, não seria coadunável com o traço [processo] de *-mento*, nem com a significação de ‘bater em alguém’, que já seria conciliável com este traço. *Batimento* apresenta-se apenas como «efeito da interferência de oscilações electromagnéticas de frequências muito próximas; existência simultânea de duas notas musicais de intensidade semelhante mas de frequências ligeiramente diferentes, de que resulta uma nota com flutuações na intensidade e com uma frequência dada pela diferença das frequências das duas notas.», de acordo com os dados do DLP.

Em todo o caso, destaca-se nestes verbos inergativos o carácter de eventos continuados temporalmente, visível na presença de sufixos verbalizadores como *-ej-* (*gotejar*) e *-e-* (*relampaguear*) na fabricação desse carácter.

Opostamente, os verbos inergativos constantes nas bases dos produtos em *-ção* apresentam tendência para sujeito com controle. Desta tendência surge como exemplo a presença maioritária de verbos inergativos performativos (2,24% cf. tabela IV 2) como (*missionar, batalhar, copular, manducar, protestar*) e a presença de verbos inergativos psicológicos como *cerebrar, cogitar, devanear, divagar, meditar, matutar*. Dado tratar-se de verbos inergativos, inerentemente não delimitados com ponto final, a sufixação em *-ção* produz ‘efectuação’ destes eventos.

Interessante é sobretudo a comparação entre as bases inergativas de moção de uns e de outros produtos. Nas bases de *-ção* a tendência vai na direcção de eventos controláveis pelo sujeito, como os designados por *aeronavegar, ambular, circum-navegar, deambular, peregrinar*, etc., enquanto nas bases de *-mento* a tendência é em direcção a eventos sem controle pelo sujeito, como *balancear, balo(i)uçar, deslizar, escorregar, resvalar, tropeçar*.

Gostaríamos ainda de chamar a atenção para a ocorrência de verbos inacusativos de mover-se em direcção específica como *descender/descer*. É curiosa a distribuição que deverbais a partir destes verbos mostram. Bluteau oferece para *descendimento* a seguinte informação: «O descer, & abaxar o corpo de Jesus Christo, Senhor nosso do madeiro da Cruz.».

Para *descimento* Domingos Vieira fornece dados correlatos dos primeiros: «Acção de descer ou de ser descido; acção de baixar ou tirar alguma cousa do logar elevado onde estava para a pôr em baixo. = Usa-se ordinariamente d’este termo quando se falla do corpo de Jesus Christo que foi descido da cruz.».

Em ambos os casos, parece haver tratamento daquilo que é descido como passivo. Ou seja, *descendimento* e *descimento* mostram Cristo a ser descido e não a descer pelos próprios meios.

Já no que diz respeito a *descensão*, parece ocorrer cotextualização de sujeito com controle.

Na verdade, se fabricarmos co-textos, parece-nos agramatical * *o descendimento voluntário do gato da árvore* e gramaticais *o descimento do gato da árvore pelos bombeiros*, bem como *a descensão do gato da árvore*.

A significação que surge com maior peso depois da significação de ‘processo’, que atinge percentagem de 62,20%, é a de ‘estado’, com 25,35% de ocorrências (cf. tabela A 11).

O sufixo *-mento* mostra ‘estados’ coincidentes com o seu processamento, sem haver limite temporal. O estado não decorre de um ponto de chegada, mas é co-ocorrente com o processo. Por esse motivo o estado designado nos deverbais em *-mento* não é perfeito nem tem propriamente ponto de chegada, dado resultar de processos dispersos ao longo do tempo. Esta característica destaca-se daquilo que havíamos proposto para as designações de ‘estado’ provenientes de deverbais em *-ção*. Este é um dado importante para a corroboração dos traços que estipulámos para os dois sufixos.

Como exemplos, avançamos as significações de ‘estado’ decorrentes em *acalmamento/acalmação* e *relaxamento/relaxação*. *Acalmamento* e *relaxamento* indicam ‘estados’ com existência temporal paralela ao decurso dos processos designados pelas mesmas formas. Pelo contrário, *relaxação* e *acalmação* designam ‘estados’ que apenas existem a partir do momento de efectuação das acções correspondentes. Assim, o mecanismo de fabricação das significações de estado não é o mesmo para os produtos em *-mento* e em *-ção*. No caso de *-mento*, a significação de ‘estado’ decorre da coindexação horizontal por σ dos traços [durativo] e [téllico] já coindexados entre si através da conglomeração operada por E^{e,s} na significação eventiva de ‘processo’ (e.g. tabela X f 30, *relaxamento*). O facto de a coindexação para a significação de ‘estado’ operar com os mesmos traços chamados à construção de ‘processo’ acarreta a coincidência entre o decurso de um e de outro.

Já no que diz respeito aos ‘estados’ dos produtos em *-ção*, a sua fabricação resulta apenas do traço [téllico], enquanto a significação de ‘acção’ aglomera os traços [ponto de chegada] e [téllico] através da coindexação ^s com o traço do sufixo (e.g. tabela X d 30, *relaxação*).¹⁴ O ‘estado’ é consequência da efectuação da acção e não com ela coincidente em termos temporais.

As significações de ‘estado’ dos produtos em *-mento* sobressaem em produtos cujas bases são causativas (11,02%) e incoativas (5,70%) (tabela A 11). Dentro destas destacam-se morfologicamente as que contêm os sufixos *-esc-* e *-ec-*. *Amadurecimento*, *amolecimento*, *deprecimento*, *emouquecimento*, *emurchecimento*, *enlouquecimento*, *enrubescimento*, *envaidecimento*, *recrudescimento* são alguns exemplos destes produtos. Repare-se que em todos eles se retratam estados co-ocorrentes com processos gradativos,

¹⁴ Apesar de poder parecer que a significação de ‘estado’ neste produtos, visto ser decorrente da efectuação da ‘acção’, deveria depender do traço [ponto de chegada], na verdade a não integração deste na sua produção mostra que o ‘estado’ não é coincidente com o momento de efectuação, pois se assim o fosse estaríamos perante um semantismo com decurso paralelo ao do evento, o que não acontece.

para os quais é difícil determinar um limite máximo que constitua o processo como terminado, no sentido de não existirem mais graus de cada evento.

Como tal, ocorrem em *-mento* muitas designações de qualidades (*achatamento, aguçamento, azougamento, comprazimento, desavisamento, descaramento, emperramento, estrugimento*), sentimentos (*anojamento, aprazimento, descontentamento, desencantamento*) e doenças (apontadas em baixo). O modelo por nós proposto permite entender as significações de ‘doença’, ‘qualidade’ e ‘sentimento’ como manifestações da significação de ‘estado’ enquanto continuidade de um efeito co-ocorrente com o próprio evento, devido ao carácter processual não-delimitado protagonizado pelo sufixo *-mento*.¹⁵

Outra significação que atinge valores percentuais interessantes é a de ‘resultado concreto’ (7,86% cf. tabela A 11). Não podemos dizer que haja uma tendência de determinadas classes léxico-semânticas verbais em relação à produção desta significação, visto observar-se uma distribuição bastante equitativa desta por aquelas. Damos exemplos de produtos que apresentam esta significação formados a partir de verbos inacusativos resultativos, como *enfrutecimento, enraizamento, enramamento, espigamento*, em cuja produção se assiste à coindexação horizontal por σ entre a significação concreta de [télico] e o traço [durativo] (tabela X f 9). Isto significa que mesmo nas significações concretas o objecto tem existência temporal paralela à existência temporal do evento, facto não ocorrente nas significações do mesmo tipo nos deverbais em *-ção* (tabela X d 9).

Nos produtos em *-mento* destaca-se ainda uma significação não encontrada noutros produtos. Trata-se da significação de ‘locativo resultado’. Esta significação conseguida a partir de bases transitivas locativas, de mover em direcção específica, de configuração espacial, causativas, resultativas e ornativas representam apenas 0,34% das significações disponibilizadas por estes produtos (tabela A 11). Mas, dada a sua inexistência nos restantes, é fenómeno a destacar.

Abarracamento, acampamento, acantonamento especificam locativos cujo traço [locativo] de fonte verbal é coindexável por σ com o traço de [resultado colectivo] localizado no traço [télico] (tabela X f 18). Já o caso de *apartamento* apresenta coindexação de [locativo] proveniente de fonte extra com a especificação [resultado concreto] do traço [télico] (tabela X f 19).

¹⁵ Cf. Correia (1999: 358-366) que equaciona os deverbais em *-mento* com os nomes de qualidade.

Quanto à significação de ‘imposto’, esta só foi encontrada num produto (*acarretamento*). A sua escassez é representativa do carácter não delimitado dos eventos protagonizado por *-mento*. Como vimos em relação a esta significação decorrente de produtos em *-agem* e *-ção*, a significação de ‘imposto’ parece estar dependente de um traço de delimitação do evento, que em *-ção* é protagonizado pelo traço de [efectuação] e em *-agem* pela visão do evento constituído por evento de completação.

Os deverbais em *-mento*, por designarem processos não delimitados, muitas vezes de ocorrência espontânea sem controle do sujeito, apresentam designações de estados físicos de doença, como *agravamento*¹⁶, *aguamento*¹⁷, *amolecimento*¹⁸, *ardimento*¹⁹, *crestamento*²⁰, *encarquilhamento*²¹, *esfriamento*²², *resfriamento*²³, *derramamento*²⁴, *engorduramento*²⁵, *estazamento*²⁶ e *estiolamento*²⁷. Este tipo de significação irá ser alvo de confrontação com aquela congénere que decorre em deverbais em *-dura*, que analisaremos de seguida.

Em síntese, como visível através dos exemplos das significações secundárias encontradas a partir de cada produto, o acesso ao traço do sufixo não é directo. Muitas vezes faz-se através dessas significações secundárias, que são elas mesmas apenas explicáveis pela existência desses traços. Assim, a distinção entre o ‘estado’ dos produtos em *-mento* e o ‘estado’ dos produtos em *-ção*, em que o primeiro é co-ocorrente com o decurso do evento, enquanto o segundo é consequente da efectuação do evento, só é entendido através da estipulação destes traços. O mesmo é extensível em relação à significação de ‘resultado concreto’ dos produtos em *-mento*, como *aflorescimento*,

¹⁶ DV: «Em Veterinaria, agravamento, doença do pé nos cães, a qual consiste em uma inflamação do tecido vascular situado abaixo da epiderme espessa e dura, cujos tuberculos plantares são descobertos na sua superficie de apoio.»

¹⁷ DLP: «inflamação nas extremidades dos membros locomotores do cavallo ou de outros animais, causada por resfriamento ou excesso de trabalho.»; DV: «Em Veterinaria, relaxação ou constipação no peito do cavallo ou outro qualquer animal, d’onde resulta mover-se com difficuldade; doença proveniente do excessivo trabalho, de ter bebido estando suado, de ter visto comer e não lh’o darem, etc.»

¹⁸ DV: «Em Medicina, amolecimento é uma lesão organica, caracterizada por uma diminuição da cohesão natural a cada tecido, consecuencia de certas perturbações na digestão.»

¹⁹ DLP: Doença das oliveiras.

²⁰ DV: «Molestia dos vegetaes devida aos grandes calôres.»

²¹ DLP: «doença dos pessegueiros, caracterizada pelo enrugamento das folhas».

²² DV: «Esfriamento *da junta*, é quando ao cavallo, pondo alguma mão violentamente em qualquer pedrinha movente, ou mettendo-a em cova, e torcendo-a para alguma parte, se estiram, e violentam os nervos, ou musculos, ou ligamentos da junta; e o ar estranho a penetra e altera.»

²³ DLP: «estado mórbido produzido pelo frio; o m. q. aguamento (nos cavalos e noutros animais).»

²⁴ «Raiva, hydrophobia de cães e outros animaes.»

²⁵ DLP: Doença dos vinhos.

²⁶ DV: «doença do cavallo mui puxado».

²⁷ DV: «doença dos vegetaes que estão privados da luz necessaria á sua vegetação».

enfrutecimento, enraizamento, enramamento, e à preferência que este sufixo demonstra em relação a bases construídas com afixos como *des-*, *-ec-*, *en-*, etc. que se adequam ao tipo de moldagem eventiva de *-mento*.

1.6 Produtos em *-dura*

Os produtos em *-dura* (tabelas X e) foram aqueles que mais dificuldade suscitaram na sua caracterização face à escassez de ocorrências nas buscas efectuadas na internet, escassez que pode ser interpretada como consequência da baixa frequência actual destes objectos.

Estes produtos apresentam como significação maioritária a de ‘acção’, que ocupa 57,27% das suas significações (tabela A 9). A significação de ‘acção’ veiculada por este sufixo foi por nós caracterizada como de ‘referenciação’. Este traço tem a seu cargo a segmentação e identificação do *continuum* eventivo da realidade em eventos individualizados. Está ausente do traço do sufixo qualquer especificação respeitante ao carácter efectuado ou não do evento, pelo que não é oponível aos produtos de *-ção* nem de *-mento*.

Deverbais como *rosnadura, roncadura*, formados a partir de bases inergativas de emissão de som, *remadura, bambaleadura*, com bases inergativas de moção, *encrespadura, desbotadura*, com bases inacusativas incoativas, *esganadura, esgarçadura*, com bases transitivas de objecto negativo, *engomadura, defumadura*, com bases transitivas ornativas constituem apenas alguns exemplos dos produtos construídos através do sufixo *-dura*.

Em todos estes produtos sobressai a identificação do evento em si, independentemente de este ser [pontual] ou [durativo], visto existirem bases pertencentes ao primeiro caso, como *falhar, lançar, degolar*, assim como bases pertencentes ao segundo caso, como *urdir, destecer, serrar*, entre outros.

Das bases destes produtos sobressai uma característica: a de dizerem respeito a eventos de carácter concreto, o que pode ser explicado pela maior facilidade que há na operação de referenciação do que é concreto em relação ao que é abstracto. No entanto, em oposição a *-agem* que pende para os eventos concretos técnicos, o sufixo *-dura* não apresenta essa especificação, pois designa qualquer tipo de evento concreto. Registe-se, a título de exemplo, a ocorrência de *fazedura*, cuja envergadura semântica engloba qualquer tipo de *fazer*.

A escassez de bases não-construídas transparentes, fornecedoras, para além de carácter erudito, de muitas significações de tipo abstracto dos verbos que as contêm, vai ao encontro da preferência que o sufixo mostra em relação a eventos concretos. No mesmo sentido é interpretável a ausência de bases designadoras de eventos psico-emotivos.

Por outro lado, há ainda a destacar a ausência de bases que designem eventos necessariamente não delimitados, como aqueles que são indicados por verbos formados com os sufixos *-ec-* e *-esc-*, dos quais não foi encontrada nenhuma ocorrência (cf. § 6.1.3 do cap. III). Assim, apesar de o sufixo *-dura* não mostrar selectividade em relação ao factor pontual/durativo das bases, mostra, no entanto, que a operação de referenciação exercida por este sufixo acarreta que o evento tenha uma delimitação inerente, de modo a que a segmentação que antecede o processo de identificação do mesmo seja cabalmente conseguida.

Como tal, hipóteses como **envelhecedura*, **amarelecedura*, **amolecedura*, **ensurdecedura*, **enriquecedura* resultam agramaticais, devido à inconciliação entre a segmentação e identificação de um todo da realidade e o carácter de evento infinitamente espreado no tempo mostrado por *-ec-* e *-esc-*. Em suma, há dificuldade na delimitação referencial de um evento se este é inerentemente não-delimitado.

O modo como o traço do sufixo [referenciação] se destaca nas significações não-eventivas apresenta grande interesse, na medida em que fornece tipos de significação não ocorrentes noutros produtos, pelo menos não nos mesmos parâmetros por que se delineiam estes. Essas significações inserem-se no domínio das significações de ‘resultado concreto’ que atingem nestes produtos a percentagem de 22,49% (cf. tabela A 9) e as suas especificações são ‘doença’, ‘ferida’, ‘porção’, ‘restos’. Estas significações não decorrem de bases inergativas, das quais, aliás, se formam apenas três significações não-eventivas (uma de ‘causa’: *cavalgadura*; duas de ‘locativo’: *andadura* e *singradura*. Nestas duas ressalta o traço de [referenciação] do sufixo, ao designarem ‘porção de caminho andado’ e, de acordo com Bluteau, «O que anda hum navio no espaço de hum dia natural.», respectivamente).

As significações de ‘resultado concreto’ provêm de bases inacusativas e transitivas, sendo que dentro das primeiras obtêm maior percentagem as bases incoativas (*inchadura*, *rachadura*) (2,25%) e das segundas são as causativas as que mais produzem as significações de ‘resultado concreto’ (*amolgadura*, *aguçadura*) (6,45%). Os verbos transitivos resultativos (*entalhar*, *entrançar*), de objecto negativo (*cortar*, *romper*),

instrumentais (*cinzelar, limar*), ornativos (*bordar, cair*) e de ferir (*maçar, pisar*) apresentam produção destas significações nas percentagens de 2,85%, 2,55%, 1,95%, 1,50% e 1,50%, respectivamente. O excedente percentual encontra-se distribuído por outras classes verbais (tabela A 9).

As significações de ‘resultado concreto’ mostradas pelos produtos de bases inacusativas incoativas apontam uma formação/efeito física/o decorrentes do evento referenciado. É importante fazer notar que, se nos casos dos produtos em *-ção* e *-mento*, os ‘resultados concretos’ eram consequências da efectuação e do processo enquanto seus desencadeadores, no caso de *-dura* estas significações não resultam de um traço de realização do evento, mas da sua identificação. Ou seja, em termos ontológicos os resultados concretos *fossilização* e *abaulamento* dependem respectivamente da efectuação de *fossilizar* e do processo de *abaular*, enquanto *apojadura* não depende ontologicamente da referenciação de *apoiar*, pois este não é um traço que defina o modo de acontecer do evento, mas somente um seu identificador.

O modo como o resultado concreto está dependente do traço [referenciação] não é ontológico, na medida em que a *apojadura* não existe a partir do momento em que se referencia o evento de *apoiar*, enquanto uma *fossilização* existe a partir do momento em que se efectua o evento de *fossilizar*. O traço [referenciação] é, no entanto, determinante na produção destas significações, no sentido em que, da mesma forma que segmenta e identifica o evento designado pelo verbo a que o sufixo que o porta se agrega, também opera a segmentação e a identificação do que decorre do traço [téllico] de fonte verbal. Assim, a obtenção da significação de ‘resultado concreto’ está dependente da existência do traço [téllico] no verbo base. Contudo, se o tipo de ‘resultado concreto’ é modificado pelo tipo de traço moldador do evento pertencente ao sufixo, como acontece de maneira saliente com os produtos em *-ção* e *-mento*, o sufixo *-dura* limita-se a identificar os resultados concretos dos eventos por ele referenciados.

Para compreendermos melhor a acção do sufixo *-dura*, diremos que esta é equiparável a uma função dêictica, de apontar para um determinado conceito eventivo.²⁸

Como dizíamos, nos verbos incoativos, surgem ‘resultados concretos’, como os ocorrentes em produtos como *apojadura, arcadura, arqueadura, bojadura, estaladura* ‘rachadela’, que apontam para efeitos físicos dos eventos designados pelos verbos base.

²⁸ Em relação ao francês, Lecomte (1997: 192) defende que o significado construído nos produtos em *-ure* é o de ‘manifestation visible du procès’.

Outros produtos, contudo, apresentam maior interesse semântico, visto os efeitos físicos referenciados serem especificados como ‘feridas’, como *gretadura*, *inchadura*, *peladura*, ou ‘doenças’, como *geladura*.

Os outros ‘resultados concretos especificados como ‘feridas’ são: *estorcegadura*, *estortegadura*, *escalavradura*, *mochadura*, *rascadura*, *rasgadura*, *sarjadura*, *encabrestadura*, *cravadura*, *descarnadura*, *descascadura*, *escamadura*, *esfoladura*, *escaldadura*, *esmagadura*, *golpeadura*, *maçadura*, *machucadura*, *picadura*, *pisadura*, *queimadura*, *trilhadura*, *torcedura*, *retorcedura*, *arranhadura*, *beliscadura*, *estoqueadura*, *rizadura*, *mordedura*, *roedura*, *atassalhadura*, *alcançadura* e *tomadura*.

Observem-se, a título de ilustração, os seguintes co-textos de Teixeira de Aragão (1894) [os negritos são da nossa responsabilidade]:

«E para curar **quebraduras**, e **deslocaduras** o fazia pondo a mão na parte leza da pessoa enferma, e nomeando-a dizia. Assim como Nosso Senhor foi de setenta e dois espinhos coroado, de tres pregos na cruz pregado, de cinco chagas chagado, dos judeus cuspidos e esbofeteado, pela rua da amargura com a cruz ás costas levado, e seu corpo em membros desconjuntados, e depois de seu logar se tornaram a seu logar, assim se tornem estas **estortegaduras**, **quebraduras**, **desfiaduras**, **desmentiduras** que logo fiques são, e salvo, o que também repetia por tres vezes.» pp. 99-100.

«E que tambem curava as **escaldaduras** [...]» p. 101

Os resultados concretos especificados como ‘doenças’ são o já focado *geladura* e *quebradura*. Dever-se-á fazer notar que a escassez de designações de doenças, face à grande quantidade de designações de feridas, acompanha a fraca representatividade de significações de ‘estado’ (3,00% cf. tabela A 9) nos produtos em *-dura*. Se compararmos estas com as significações de doença nos produtos em *-mento*, observamos que este sufixo proporciona maior número deste semantismo, como consequência do efeito processual do mesmo na produção de significações de ‘estado’.

Assim, os produtos em *-mento* suportam o semantismo de ‘estado’ em que cabe a especificação de ‘doença’. Nestes, como *ardimento*, *aguamento*, *amolecimento*, esta especificação apresenta-se como o conglomerado dominado pela coindexação do traço do sufixo [processo] da coindexação por σ do traço [durativo] com o traço [télico] já atualizado como ‘concreto’. A doença designada por um produto em *-mento* surge como

um resultado concreto, mas durativo e dominado processualmente. Pelo contrário, as doenças designadas por *-dura*, que são apenas *geladura* e *quebradura*, são o efeito da especificação como ‘concreto’ do traço [téllico] de fonte verbal sob o domínio da coindexação por ^s do traço do sufixo [referenciação]. Ao não haver coindexação horizontal com o traço [durativo], nem o domínio do traço [processo], a doença tal como mostrada pelos deverbais em *-dura* não é moldada como ‘estado’, mas como simples efeito, ou seja, ‘resultado concreto’ do traço [téllico] através da coindexação com o traço [referenciação] (tabela X e 5 para *geladura*; tabela X e 19 para *quebradura*).

Como tal, em *-dura* surgem apenas duas designações de ‘doença’ - *quebradura* e *geladura* - cujos semantismos acentuam a sua aproximação a ‘feridas’ e não tanto a ‘estados de enfermidade’. *Geladura* designa, de acordo com o DLP, «perda do viço, nos vegetais, por motivo da acção das geadas», que Domingos Vieira indica como «doença das plantas». A *quebradura*, de acordo com Bluteau, «chamaõ alguns impropriamente toda a casta de Hernia, porque esta palavra propriamente se ha de entender só da Hernia intestinal, quando se relaxa, & estende, ou (segundo a duvidosa opiniaõ de alguns) se rompe o Peritoneo, & cahem as tripas na bolsa.». Domingos Vieira também indica tratar-se *quebradura* de «Hernia; descida das tripas ou dos intestinos no escroto.».

Situação inversa é visível nos produtos em *-mento*. Nestes só foram encontradas três designações de ‘feridas’: *laidamento*, *alanceamento* e *ferimento*. O primeiro foi colhido em Domingos Vieira e designa «Ferida, golpe que afeia, chaga, contusão.». *Alanceamento*, também de acordo com Domingos Vieira, designa «Ferida de lança». *Ferimento* serve de hiperónimo para qualquer tipo de ferida.

Quanto a designações de doenças foram encontradas dezassete formas em *-mento* (*adoecimento*, *agravamento*, *aguamento*, *ardimento*, *encarquilhamento*, *engorduramento*, *estazamento*, *estiolamento*, *vaziamento*, *atroamento*, *esquentamento*, *esfriamento*, *resfriamento*, *quebramento*, *crestamento*, *derramamento*, *amolecimento*) face a duas em *-dura* (*quebradura*, *geladura*).

Não se esgota na significação de ‘resultado concreto’ a fabricação de designações de ‘ferida’ nos produtos em *-dura*. Na verdade, produtos como *matadura* e *moedura*, provenientes do traço [causa] de fonte léxico-conceptual verbal com que coindexa o traço de [referenciação] do sufixo (tabela X e 20), especificam, respectivamente, «[*matadura*] Contusaõ, ou chaga nas costas da besta, causada da albarda, ou sella.», de acordo com

Bluteau, e «[*moedura*] dor prolongada e surda», segundo o DLP, em que não especifica se se está perante ‘doença’ ou ‘ferida’.

Encontramo-nos perante 39 designações de ‘ferida’ nos produtos em *-dura*, face a 3 em *-mento* e 17 designações de ‘doença’ em *-mento* face a 2 em *-dura*. Se tivermos em conta que o total de produtos em *-dura* é de 364 (tabela III 2), concluímos que 10,71% destes designam ‘ferida’, o que é uma percentagem considerável. Face ao total de 1458 produtos em *-mento* (tabela III 2), a percentagem de 1,16% de designações de ‘doença’ é despreciable.

Para além das já referidas ‘feridas’, outras significações concretas dos produtos em *-dura* decorrem do facto de o traço semântico deste sufixo instanciar uma segmentação do referente. É notável a quantidade de lexemas em *-dura* que apresentam quer ‘resultados concretos’, quer ‘resultados colectivos’, ‘causas’, ‘causas colectivas’ e ‘objectos’ e ‘objectos colectivos’ que oferecem o designado como segmentado em porções, quantidades, ou resíduos.

Começaremos pelas designações de ‘porções’. Estas podem decorrer de traços [locativo] como *andadura* (DLP: «caminho andado») e *singradura* (‘BLUTEAU: «O que anda hum navio no espaço de hum dia natural.»), [objecto] como *enfiadura* (DLP: «porção de linha que se enfia de uma vez na agulha»), *arrancadura* (DLP «porção arrancada de uma vez»), *chupadura* (DLP: «o que se chupa de uma só vez»), *ensaboadura* (DV: «A porção de roupa que se ensabôa de uma só vez»), *semeadura* (DLP: «quantidade de cereal para se semear um terreno»), *descosadura* (DLP: «porção descosida»), *amassadura* (DV: «Porção de farinha que se amassa de uma só vez e dá para uma fornada.»), *assadura* (DLP: «porção de carne assada de uma vez»), *cozedura* (DLP: «quantidade que se coze de uma só vez»), *moedura* (Bluteau: «Em algumas partes são vinte & cinco cestos de azeitona, que se deitão na tulha para os moer de huma vez»), *aradura* (DV: «a terra que dous bois podem arar no espaço de um anno, ou colheita»), *provadura* (DLP: «porção que serve para provar») e [télico] como *envergadura* (DLP: «distância entre as extremidades das asas, quando abertas, em especial nas aves»), *encetadura/encertadura* (DLP: «porção que se tira quando se enceta»), *mungidura* (DLP: «porção de leite mungido») ou ainda de [causa] como *atestadura* (DLP: «porção de líquido com que se atesta uma pipa ou um tonel»).

As significações de ‘resíduos’ ou ‘o que fica depois do evento’ podem surgir dos traços [objecto], como *corredura* (DLP: «líquido que fica aderente à medida em que se mede, com prejuízo do comprador»), *vertadura* (DV: «O azeite, vinho, ou vinagre que os taberneiros

deixam entornar por cima da medida»), *capaduras* (Bluteau e DV: «Testículos cortados»), [téllico] como *serradura* ‘serrim’, *cevadura* (DV: «O resto da ave em que se cevou a de rapina.»), *alimpaduras* (Bluteau: «Grança, ou palha, que fica do trigo, depois de limpo, & crivado.»), *raladura* (DLP: «fragmentos das substâncias passadas pelo ralador»), *limadura* (DV: «Partículas, pó que se separa do corpo que se lima; limalha»), *varredura* (Bluteau: «O lixo da casa varrida»), *cerceadura* (Bluteau: «Os fragmentos, que ficaõ da materia cerceada.»).

O interesse destas significações consiste no carácter de entidades segmentadas mensuravelmente, no caso das que designam ‘porção’, ou de matérias massivas que restam do evento cujo objectivo não é a produção dessas matérias, no caso das que designam ‘resíduos’, não encontráveis em produtos de outros sufixos.

Parece-nos que estas significações, bem como as de ‘ferida’ já analisadas, são obtidas através da actuação dos semantismos de ‘segmentação’ e de ‘identificação’ que perfazem a ‘referenciação’ caracterizadora do traço do sufixo *-dura* e dos seus produtos. Assim, o traço [referenciação], com os traços que o perfazem, determina não apenas o tipo de moldagem do evento, mas também o tipo de significações não-eventivas de carácter secundário. Dado que o traço é [referenciação], a operação de mostrar um segmento da realidade facilmente redundante numa significação de carácter concreto, incentivado pelo teor também concreto dos eventos designados pelos verbos base.²⁹

Para exemplificarmos a acção do traço de [referenciação] comparemos produtos obtidos a partir das mesmas bases ou de bases polissémicas através de operadores sufixais distintos. Por exemplo, *abotoadura* e *abotoação* designam, respectivamente, de acordo com o DLP, «acto de abotoar; conjunto ou jogo de botões para uma peça de vestuário» e «acção de abotoar; aparecimento de botões nas plantas». Em *abotoadura*, a base verbal é transitiva e o carácter de [referenciação] do sufixo consegue uma significação de ‘segmento’. Em *abotoação*, a base verbal reporta-se ao evento resultativo de ‘produzir flor’, estando em destaque a ‘efectuação’ eventiva.

Em *cerradura* e *cerramento*, o primeiro significa ‘cerca’, enquanto o segundo designa apenas o evento.

²⁹ Explicação diversa é aquela que Cabré & Rigau (1985: 61) apontam para as significações de ‘resíduos’ dos produtos em *-dural-dures* do catalão (*llimadures; serradures*): «És evident que les característiques semàntiques dels radicals verbals a què s’afegeixen els sufixos determinen les possibilitats semàntiques de les noves unitats lèxiques. Així, posen per cas, de *serrar* o *llimar* no en podem obtenir una sola partícula, sinó moltes [...]».

Em *encabrestadura/encabrestamento*, a primeira designa, segundo Bluteau, «Chagas, & golpes, que os cavallos muytas vezes fazem nas quartelas, embaraçandose com as cadeas, ou cordas das prisoens, ou seião as dos cabrestos, ou soltas, travoens, & maniotas, com que algumas vezes fazem tão grandes golpes, que chegão a descobrir os ossos.» e a segunda, segundo o mesmo autor, o evento de «Pôr o cabresto».

Escoamento designa evento, enquanto *escoadura*, para além do evento, designa, seguindo o DLP, o «líquido que se escoou».

Matadura designa ‘ferida causada pelos arreios nas bestas’ e é nesta acepção que surge co-textualmente em:

Emquanto isto assi durar,/ matae com agoa a segura,/ ou ide a outrem enganar,/ que eu nam m’hey-de fiar/ de mula com **matadura**.»
Gil Vicente, *Pranto de Maria Parda*, p.514

«Albarda nova em burro velho, **matadura** pela certa. »
www.clinica-informatica.com/animais.html

«Pessival: Achaste a tua burra, Andre!?!// André: Bofá, nam.// Pessival: Nam pode ser./ Busca bem, leyxa o fardel;/ que a burra nam era mel,/ que haviam de comer.// André: Saltariam pêgas nela,/ por causa da **matadura**?»
Gil Vicente, *Auto de Mofina Mendes*, p. 153

Matação e *matança* não apresentam o valor concreto de *matadura*. *Matação* ocorre como ‘evento’ e ‘aflição’, enquanto *matança* implica o evento moldado como constante, como veremos no § 1.7.

Outro efeito interessante do traço de [referenciação] tem que ver com o facto de as significações de ‘locativo corpo’ obterem percentagem mais elevada nos produtos em *-dura* relativamente a outros construídos com sufixos de evento. A consulta das tabelas A 9, A 11 e A 7 mostra que apenas *-dura*, *-mento* e *-ção* admitem esta especificação de locativo. A comparação das percentagens de ‘locativo corpo’ nos três tipos de produtos aponta para a escassez de ‘locativo corpo’ quer nos produtos em *-ção* quer nos em *-mento*, a que cabem respectivamente 0,02% e 0,03%, a que corresponde apenas 1 lexema com esta significação para cada um destes sufixos.

Já em *-dura*, os lexemas designadores de ‘locativo corpo’ são 12, ou seja, 1,80%. Ainda que não seja uma percentagem determinante, face ao comportamento dos restantes produtos, é salientável. Constituem exemplos de ‘locativo corpo’ lexemas como *embraçadura* (DV: «Correias por detraz do escudo, pelas quaes se enfiava o braço para o segurar», *enfiadura* (DV: «Logar por onde se enfia alguma cousa.»), *empunhadura* (DLP: «lugar por onde se empunha a arma»), *sangradura* (Bluteau: «Sangradouro [ou seja] A parte

interior do braço, oposta ao cotovelo, em que costuma o Barbeyro picar a vea, para sangrar.»), entre outros. O último representa traço [locativo] de fonte extra, enquanto os restantes aqui apresentados são de fonte léxico-conceptual verbal.

1.7 Produtos em *-nça*

Relativamente aos objectos sufixados observados até agora, os produtos em *-nça* (tabelas X g) destacam-se daqueles imediatamente devido à prevalência que apresentam de significações de ‘estado’ em relação a significações ‘eventivas’: 61,48% do total de 135 significações encontradas nestes produtos são de ‘estado’ e apenas 16,30% são de ‘processo’. O outro tipo de significação bem representado é o de ‘resultado concreto’, com 14,81% (cf. tabelas A 13 e A 14)

Havendo definido para o sufixo *-nça* o traço [constância], os semantismos produzidos através deste sufixo apresentam-se como uma moldagem eventiva que mantém homogeneidade temporal e ontológica. Dada a autonomia da estrutura de moldagem eventiva em relação à estrutura eventiva verbal, a primeira, operada pelos sufixos, tem a capacidade de adaptar aos seus moldes a estrutura eventiva dos verbos, inclusivamente quando parece haver incompatibilidade entre ambas.

Assim, um traço como [constância], ao definir-se como regular e contínuo, parece ser apenas compatível com bases verbais de tipo [durativo] e sem indicação de mudança de estado. Acontece, no entanto, que encontramos nas bases destes deverbais verbos [durativos], como *andar, militar, perseverar*, sem indicação de mudança de estado, ao lado de *mudar, reconvalescer, crescer*, ainda [durativos] mas com mudança de estado, e ainda verbos como *matar, mudar, ordenar*, cujo carácter [pontual] é aparentemente não conciliável com o traço do sufixo *-nça*.

Contudo, observa-se que a aplicação do traço [constância] a eventos de tipo [pontual] resulta em semantismos de multiplicação do evento em foco ou no aumento da envergadura do mesmo. Este resultado ‘intensivo’ do evento é explicável como derivado do traço [constância], na medida em que facilmente aquilo que é constante se torna intenso, ao ser mantido temporalmente. Assim, face a um verbo como *matar*, de carácter [pontual], a sufixação em *-nça*, ao não poder veicular a um evento único ‘matar’ um carácter constante temporal, desenvolve um semantismo daquele derivado que acentua a intensidade do

evento sob duas formas. Uma das formas permite a multiplicação do evento através da multiplicação do objecto directo. É este resultado visível em, por exemplo:

«Como a notícia de que teria nascido aquele que seria o rei dos judeus, e como não sabia do seu paradeiro, **Herodes** ordenou uma **matança** de todas [sic] os meninos de ...»
www.e-biografias.net/especial/apostolos/jesus_cristo.php

Neste co-texto, o objecto do evento é múltiplo, pelo que o carácter [pontual] do evento isolado dá lugar a uma continuidade não de cada evento em si, mas da totalidade dos eventos efectuados em espaços temporal e espacial fronteirizados conceptualmente. A constância advém da multiplicação do mesmo tipo de evento, que provê o evento de intensidade.

É essa intensidade advinda da multiplicação do evento que se denota em:

«Quantas mais espécies desaparecerão antes de nos convenceremos de que a **matança** tem de parar? A caça às Peles.»
www.prof2000.pt/users/defanimais/comercio.htm

e em

«A **matança** ruandesa ensina-nos que não estamos protegidos nem pela cultura nem pela religião e que a barbárie está inscrita à flor da pele, à espera de ... »
www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=3285

A outra forma de produção de semantismo de intensidade e não propriamente de constância parte, não da multiplicação do evento através da multiplicação do objecto directo, mas antes da grande dimensão ou da complexidade do evento. É este o caso de *matança do porco*, em que não há multiplicação do evento, mas sim intensificação do evento devido à complexidade que este acarreta.

O valor intensivo que *matança* carrega é explicitado lexicograficamente em Domingos Vieira e Bluteau. O primeiro fornece a seguinte significação para o lexema: «Mortandade que se faz na guerra á força d'armas. – Carnificina, carnagem.». O segundo indica a oposição entre *matança* e *mortandade*: «Estrago de muita gente morta por mão do inimigo em huma batalha. Nisto se diffrença da mortandade, que se diz da muita gente, que morre de males contagiosos, de fome, & outras calamidades.».

Se o verbo não apresenta este carácter [pontual], a significação do produto representa um evento continuado ao longo do tempo em termos constantes. A distinção que há entre esta significação e aquela que é acarretada por deverbais em *-mento* resulta no carácter mais estativo dos produtos em *-ança* relativamente aos deverbais em *-mento*. Apesar

de ambos enformarem o evento como homogéneo ontológica e temporalmente, o traço [processo] implicado em *-mento* oferece ao evento um pendor mais eventivo do que aquele que é proveniente do traço [constância]. Este último acentua a continuidade do evento, como é esclarecido lexicograficamente por Domingos Vieira em relação a *medrança*: «Continuação da medra; estado d'ella.».

Isto significa que, apesar de tanto os deverbais em *-mento* e os deverbais em *-nça* veicularem os eventos como ‘processos’ homogéneos ontológica e temporalmente, o traço [processo] dos primeiros oferece-lhes um carácter de eventividade, espelhado na maior percentagem de significações de ‘processo’ do que de significações de ‘estado’ dos produtos em *-mento*, que nos produtos em *-nça* parece estar quase nulo, mesmo nas significações de ‘processo’, que, aliás, são ultrapassadas numericamente pelas de ‘estado’. Esta tendência para ‘estado’ é reveladora do carácter mais estativo destes produtos.

Se em *-mento* o processo acarreta o acontecer de algo, em *-nça* parece haver uma desaceleração do efeito temporal sobre o processo. O que é focalizado nos produtos em *-nça* é a manutenção do processo temporalmente sem que se mostre o seu desenvolvimento, enquanto em *-mento* se enfatiza o desenvolvimento do processo ao longo do tempo.

Esta distinção é visível se compararmos produtos da mesma base construídos com sufixos diferentes, como *abastança/abastamento*, *ensinança/ensinamento*, *crecença/crescimento*, *nascença/nascimento*, *andança/andamento*, *corrença/corrimento/corredura* e *diferimento/diferença*.

Abastança encontra-se desprovido de semantismo eventivo. A sua significação é de ‘estado’, como mostrado por Domingos Vieira através da indicação «Abundancia, suficiencia, copia, fartura, largueza de meios» e como atestável nos seguintes co-textos:

«Foi nos áureos tempos da nobreza, um imponente edifício de linhas avantajadas, feito para traduzir a **abastança** dos seus possuidores.»

www.cm-sabrosa.pt/visita_concelho/visita_patrimonio_casas_e_solares1.html

e

«as camélias eram consideradas no Porto como o símbolo da **abastança**; em certas casas havia, a ladear a entrada principal, dois leões em ferro forjado.»

www.portoturismo.pt/a_cidade/estrangeiros/brasileiros.asp

Abastamento, pelo contrário, encontra-se em co-textos onde há indiciação do processo de ‘prover de’, decorrente de *abastar*:

«Instituto de Engenharia Biomédica. Ministério do Ambiente.2000 "Programa estratégico de **Abastamento** de Água e de Saneamento de águas residuais".»
hosting.netc.pt/~nc20522a/GRI.htm

Quanto a *ensinança* e *ensinamento*, a tentativa de comutação de *ensinança* num título como «RODRIGUES EBORENSE, André, 15--. Sentenças para a **ensinança** e doutrina do príncipe D. Sebastião / André Rodrigues de Évora ; introd. Luís de Matos.»
www.sg.min-cultura.pt/Publicacoes/BoletimInformativo/BI_350_MONOGRAFIAS.htm

por *ensinamento* (*sentenças para o ensinamento e doutrina do príncipe D. Sebastião*) parece prover o segmento de um carácter menos contínuo do que *ensinança*, como se este último mostrasse a necessária longura desse processo.

O carácter menos extenso e particular de *ensinamento* ressalta em «O referido exemplum do Orto do Esposo, visando igualmente um **ensinamento** ... texto deva ser restringida a esse **ensinamento** moral que se destaca da sua ...»
www.eventos.uevora.pt/comparada/Volumell/O%20EXEMPLUM%20E%20A%20EDIFICACAO%20ROMANESCA.pdf

A oposição *crecença/crescimento* apresenta-se em co-textos interessantes, como o que aqui se transcreve:

«**crescimento**: espécie de **crescimento** muito rápido, pode atingir, em solos adequados, **crecença** de 1,2 a 2,4 metros por ano. Com 15 anos, podem atingir diâmetros de 24cm. e 16 metros de altura. Aos 20 anos, 30cm. de diâmetro e 20 metros de altura.»
http://willow.ncfes.umn.edu/silvics_manual/volume_1/pinus/radiata

Neste co-texto é saliente que o produto em *-mento* traduz o desenvolvimento acarretado pelo evento, enquanto o produto em *-nça* foca a continuidade desse evento ao longo do tempo. Se nos produtos em *-ção* o evento é oferecido como a sua efectuação, sem o desenvolvimento dessa efectuação e se em *-mento* se mostra esse desenvolvimento sem a efectuação, em *-dura* mostra-se a continuidade sem mutação própria do desenvolvimento do evento. *Creacença* parece, assim, sinónimo de ‘capacidade de crescimento’ e não de ‘crescimento’, peculiaridade que lhe advém do traço [constância], que nestes produtos surge actualizado sobretudo sob um ponto de vista temporal. Quer isto dizer que *crecença*, em relação a *crescimento*, adquire um valor de evento moldado como mais “lento”, porque temporalmente mais constante.

Observemos os seguintes co-textos:

«Relatório breve do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa sobre bloqueios ao **andamento** dos processos e propostas de solução.»

www.dgsi.pt/bsge.nsf/0/84f92da16956f21780256e72003437ce?OpenDocument

«veículo em **andamento**.»

www.renault-trucks.pt/J46PAYS/web/

ImageServlet?imageCode=72217&codeSite=J46PAYS&etat=1

«Autarquias dão **andamento** a balneários termais. FOTO Foi publicado, na última semana, o Decreto-Lei que estabelece o regime jurídico da actividade termal.»

www.novaguarda.pt/160604/g_reg18.htm

Em nenhum destes co-textos é operável a comutação de *andamento* por *andança*, devido a esses co-textos requererem o carácter de ‘desenvolvimento’ do primeiro e não admitirem o pendor de ‘constância’ do segundo.

No que respeita aos deverbais *corrença*, *corrimento* e *corredura*, os co-textos seguintes justificam a colocação que efectuámos relativamente ao verbo *correr* em classes distintas. Para *corredura*, perante as significações diferenciadas de 1) ‘tipo de locomoção’, oposta por exemplo a *bambolear*, *saltar*, e 2) ‘resíduos’, colocámos, respectivamente, *correr* na classe dos inergativos e na classe dos inacusativos. Já em relação a *corrimento* e *corrença* o verbo é inacusativo. Os co-textos que se seguem comprovam essa classificação:

«Má **corrença** que te acuda! Par el Deu, que te sacuda coa beca nos focinhos! Fazes burla dos meirinhos? CAV.: À barca, à barca segura, barca bem guarnecida»
web.ipn.pt/literatura/gvicente.htm

«O **corrimento** mamilar é um sintoma relativamente frequente. ... **Corrimento** avermelhado/acastanhado - A sua cor é devida à presença de sangue vivo,»
senologia.no.sapo.pt/corrimento.htm

«O **corrimento** lacrimal excessivo também pode ser devido ao pólen, vento, fumo ou irritação»
www.educare.pt/artigo_novo.asp?fich=ESP_20050316_462

«nariz entupido ou **corrimento** nasal. ...bloqueado ou um nariz que apesar de bloqueado tem **corrimento** contínuo»

www.janssen-cilag.pt/disease/detail.jhtml?itemname=coughcold

«**Corredura**, Ordem de sequência, pela qual cada vizinho tem direito a moer em certo dia da semana. Ex. *Pela corredura do moinho da horta tenho o direito de moer às quartas.*»
www.bragancanet.pt/cultura/vocabulario/c.html

«O texto em análise, "A Vida de Sancto Amaro" [:] "as portas do paraíso "poderyã ser tamanhas como **corredura** de huu caualo"»
web.ipn.pt/literatura/letras/ensaio40.htm

Também em relação ao par *diferimento/diferença* é constatável a adequação que cada sufixo faz na selecção das construções disponibilizadas pelo verbo base. *Diferimento* parte da construção transitiva, enquanto *diferença* mostra que o sufixo optou pela construção inacusativa. É esta a construção que consolida uma significação estativa adequada ao traço [constância] do sufixo, como atestam os co-textos:

«E o **diferimento, pelo** legislador, da vigência destes preceitos legais só pode. ter tido por objectivo o de permitir aos media o tempo razoavelmente exigível ...»
www.ic.pt/cdocumentacao/pubdownload/Relatorio_da_CACMP.pdf

«Qual a **diferença entre** Certidão de Assento de Casamento e Certidão de Nascimento com Casamento Averbado?»
www.portaldocidadao.pt/PORTAL/pt/informacao+geral/FAQ/certidoes_online/FAQ_registo+civil+++qual+a+diferen...

A clara tendência que os deverbais em *-nça* revelam em direcção a uma moldagem estativa do evento ou, mais fortemente, ao próprio estado justifica a preponderância nas bases destes produtos de verbos inacusativos (34,58%) (§ 2.3.1.2 do cap. IV, tabela IV 3).

O peso das significações de ‘resultado concreto’ não contradiz o efeito estativo, na medida em que nestes produtos o resultado concreto não decorre da efectuação da acção, mas da constância do evento. Se nos é permitida a utilização de uma imagem, a formação de ‘resultado concreto’ num produto em *-nça* é como a formação de uma estalactite. É a constância de um evento de precipitação que leva à formação sedimentar. Nos resultados concretos em *-nça* ressalta essa constância que solidifica, no sentido de concretizar, o efeito do evento. É interessante notar que são justamente os verbos com tendência a maior estatividade, os verbos inacusativos, que apresentam maior número de ‘resultados concretos’, como pode observar-se na tabela A 13. Destes destacam-se os verbos incoativos (4,44%) e os de estado/existência (2,96%). Vejam-se a título de exemplo os lexemas

crecença que designa ‘formação à superfície da pele’ e *bojança* que designa ‘ampola, bolha’.

1.8 Produtos em *-nço*

Os produtos em *-nço* (tabelas X i) constituem um pequeno conjunto de deverbais cujas significações mais representadas são eventivas.

Sendo definido o traço de *-nço* como [intenso], o tipo de moldagem acarretado por *-nço* é adequável a ‘processo’, bem como a ‘ponto de chegada’, pois a intensidade qualitativa a que um e outro o traço oferece é coadunável quer com o traço [durativo] de um, quer com o [pontual] do outro.

Assim, quando o traço [intenso] coindexa com o traço [ponto de chegada] de fonte verbal, a significação obtida de ‘ponto de chegada’ adquire um valor de evento acontecido abruptamente, advindo do traço [intenso]. Quando o traço [intenso] coindexa com o traço [durativo] de fonte verbal, a significação obtida é de ‘processo’ formatado como ‘constante’ e, por isso, ‘intenso’.

De um total de 26 significações, 50,00% são de ‘processo’ e 34,62% são de ‘ponto de chegada’ (tabelas A 17 e A 18). É relevante a distribuição que as duas moldagens eventivas apresentam relativamente às classes verbais definidas léxico-conceitualmente. A tabela A 17 mostra que as significações de ‘ponto de chegada’ partem de verbos inacusativos de configuração espacial e de mover em direcção específica e transitivos locativos, mover em direcção específica, causativos e performativos. As significações de ‘processo’ decorrem de verbos transitivos performativos, capturar, pedir, actos de fala e psicológicos. Note-se ainda que das bases inergativas não se obteve nenhuma significação eventiva de nenhum tipo.

As significações de ‘processo’ e de ‘ponto de chegada’ decorrentes de verbos transitivos performativos não partem das mesmas bases. Encontra-se a significação de ‘processo’ a partir de bases com traço [durativo] (*mimar*) ou com traço [iterativo] (*picar*), enquanto a significação ‘ponto de chegada’ decorre de bases verbais que apresentam o traço com a mesma designação (*chegar* ‘sovar’, *falhar*).

As significações de ‘ponto de chegada’ produzidas com base em verbos que jogam com noções de espaço (inacusativos de configuração espacial e de mover em direcção específica e transitivos locativos, mover em direcção específica) adquirem valores similares

àqueles que dominam os eventos enformados pelo sufixo *-ão*. Contudo, ao contrário destes, que reflectem um ponto de chegada súbito e impulsivo, os deverbais em *-ção* mostram um ponto de chegada intenso sobretudo sob um ponto de vista qualitativo, ou seja, de juízo de valor por parte do locutor. Os pares *recução/recuação*, *esticão/esticção*, *entalão/entalção* deixam perceber a diferença. Se em *entalão* se entende uma intensidade objectiva, em *entalção* a intensidade do evento é medida subjectivamente através de juízos de valor relativamente ao evento por parte do falante.

«Bem para teres o pé nesse estado e com umas botas para TT q [sic] creio deveres de ter ..dá para ver a violência do **entalção**...as botas não tem [sic] uma protecção ...
www.motonline.pt/left/clube_motonline/forum2/forum_posts.asp?TID=3373&PN=1&TPN=1

«Como é óbvio, Cavaco Silva é o último Presidente da República que convém a Santana Lopes. Este, [sic] fará tudo para que aquele não o seja. Daí o **entalção** do discurso de abertura do Congresso. A reacção não se fez esperar. Ouvir Cavaco Silva dizer que a política portuguesa está pouco estimulante em pleno fim de semana de Congresso do PSD é a pior crítica que se pode fazer ao PSD. Pedro percebeu então que o tiro o tinha posto a descoberto e teve de corrigir o tiro às duas da manhã de domingo. Muito provavelmente o Professor, a essa hora, dormia.»

tomarpartido.weblog.com.pt/arquivo/2004_11.html

«A primeira, a do **entalção**, que resulta da participação directa de Vítor Cruz na política centralista de Lisboa e da sua consequente associação às ... »
www.psacores.org/artigos/hg_enlatados.doc

«Risco:, Perigo de **entalão**, podendo causar ferimentos nos dedos do utilizador. Ao levantar a cadeira pelo assento os dedos do utilizador ficam presos entre a ...»
bdseguranca.consumidor.pt/pls/bdcomseg/comseg.listdocs?p_doctype=NOTIF&p_part=19

«**entalão** do pé esquerdo do Autor entre a aludida passadeira movediça do barco e a caixa do pontão teve como consequências directas e necessárias o esfacelo ...»
www.dgsi.pt/jtrl.nsf/0/a43c82fe3a26223980257007003641d1?OpenDocument

«pouca sensibilidade para a temperamentalidade das maquinas fui vítima de um violento **entalão**, que só por sorte não se traduziu numa ida ao hospital.»
alfacinha.weblog.com.pt/arquivo/cat_sociedade.php

Destaque-se que o co-texto abstracto em que ocorre *entalanço* não é adequado para *entalão* que, apenas metaforicamente, poderá ocupar o lugar do primeiro nessas circunstâncias.

Para *recução* e *recuanço* não foram encontrados co-textos através de busca na internet.

Em relação a *esticão/esticanço* o segundo apresenta semantismo aplicável a esferas de carácter mais abstracto, enquanto o primeiro parece preso a co-textos concretos.

«Roubo por **Esticão**. Caminhe sempre no sentido contrário do trânsito e transporte o saco ou a mala na mão ou no ombro do lado interior do passeio.»
inseguranca.no.sapo.pt/seguranca_esticao.html

«Estas subluxações provocam a compressão, **esticão**, ou torcimento do sistema, tendo como resultado o desalinhamento na coluna vertebral.»
www.quiropratica.com/oque.htm

«Os novos encostos de cabeça reduzem substancialmente o risco de traumatismos por “**esticão**”: numa colisão traseira reduzem a distância entre a cabeça e o ...»
www.volkswagen.pt/Gama/Phaeton/seguranca_02.htm

«E enchendo-me de coragem dei um **esticão** ao elástico. De imediato, fiquei estatelada no chão, de costas, como se alguém me tivesse empurrado.»
www.os-fazedores-de-letras.pt/ler/faz21/21_R_homem.html

«sofreu um **esticão** provocado por uma fortíssima descarga eléctrica»
www.tre.pt/jurisp/371-99bc.htm

«Estive quase para nem comentar, mas só de saber que desta vez, num **esticanço** final, te ganhei em cima da recta da meta, não resisti:»
100nada.weblog.com.pt/arquivo/058983.html

No que diz respeito às significações de ‘processo’, focaremos aquelas que decorrem de bases que pertencem à classe ‘capturar’. 26,92% do total das significações são ocupadas por estes produtos (tabela A 17): *pescanço*, *gamanço*, *nicanço*, *palmanço*, *pilhanço*, *rapinanço*, *surripiança*. Nestes sobressai o carácter [constante] que avançámos como fonte matricial agregadora dos sufixos *-ncia*, *-nça* e *-nço*. É visível nestes produtos que o traço

[intenso] se perfaz como consequência do traço [constância]. Em produtos que designam ‘ponto de chegada’ apenas o traço derivado sobressai.

Devido ao traço [intenso], o sufixo mostra adequabilidade face a eventos de teor negativo, como aliás o são quase todos os que são enformados por este sufixo. Apenas *calhanço* e *caganço* parecem estar desprovidos desse sentido negativo.

Os produtos gerados a partir de verbos inergativos mostram somente significações de ‘resultado colectivo’ (tabela A 17). São eles *caganço*³⁰ e *cosipanço* ‘pontos de costura mal dados’, de acordo com o DLP.

Por último, referimos uma única significação de ‘causa’, não integrada nas tabelas A 17 e A 18 propositadamente devido à inexistência de outros produtos com o mesmo semantismo com que se pudesse comparar e, assim, ser objecto de análise. Perante outros produtos de ‘causa’ seria possível determinar com mais acuidade se o semantismo de ‘causa’ presente em *picanço* é encarável como significação secundária ou básica. Recorde-se que a avaliação dos derivados em *-ão* conduziu ao estabelecimento da actuação em interface com diferentes RFPs do mesmo sufixo.

Tal solução só é válida perante duas condições gerais:

a) que o modelo teórico disponibilize essa versatilidade dinâmica dos operadores afixais;

b) que os dados obtidos da análise dos objectos lexicais parta de um número suficiente destes para poder haver validação desses dados.

Ora, no caso dos produtos em *-nço*, a condição a) é preenchida, mas a condição b) não. A existência de apenas um produto com uma significação de ‘causa’ não é suficiente para concluir do comportamento em interface do sufixo, cuja hipótese é suscitada pela equiparação de funcionamento semântico com o sufixo *-ão*.

Por outro lado, o facto de existirem deverbais de evento em *-nço* a partir de verbos que, quando bases de sufixação em *-ão*, dão lugar a agentivos (como *comilar*, *gabar*) aponta para o não paralelismo de comportamento do sufixo. Esse não paralelismo pode ser interpretado de duas formas:

³⁰ Registado em Arcas, Macedo de Cavaleiros, Verão 2003, de informante masculino com 60 anos, agricultor. Designa ‘grande quantidade de dejectos produzidos por aves ainda no ninho, visíveis no solo ou no exterior do ninho e que identificam a locação deste’.

1) o sufixo *-nço* não funciona em interface com RFPs distintas, pois produz nomes de evento a partir de verbos que, com *-ão*, produzem nomes de agentes, quando pela partilha de traço [intenso] seria esperável funcionamento análogo;

2) o sufixo *-nço* pode funcionar em interface com RFPs distintas, sendo que como produto de uma só se encontrou o lexema *picanço*. O facto de não reagir da mesma maneira aos verbos com que reage *-ão* significa apenas que os dois sufixos apresentam tipos de selecção diferentes. Estas diferenças seriam até suportadas pela fonte matricial distinta do traço [intenso] no sufixo *-ão* e no traço [intenso] no sufixo *-nço*.

Dada a inexistência de mais objectos lexicais de cuja análise se pudessem retirar conclusões, não optamos por nenhuma das hipóteses. Excluímos, no entanto, uma hipótese de não considerar *picanço* como produto do sufixo *-nço* com o traço [intenso], visto haver adequação da designação ao comportamento alimentar da ave (Reino 2004). Limitamo-nos, assim, a registar a ocorrência de *picanço* como ‘ave’, sem contabilizar o lexema numericamente.

1.9 Produtos em *-ncia*

Os produtos em *-ncia* (tabelas X h) destacam-se dos restantes produtos pelo facto de apresentarem o maior número de significações de ‘estado’ (tabelas A 15 e A 16). 67,23% do total de 354 significações correspondem a este tipo de significação. Recordemos que já os produtos em *-nça* apresentavam mais significações de ‘estado’ do que de evento (61,48%) (tabela A 13), facto não descurável se tivermos em conta a partilha matricial dos dois sufixos. No entanto, o sufixo *-ncia* acrescenta ainda uma particularidade a reter: a significação eventiva de processo atinge apenas 9,89%, ficando atrás da significação de ‘resultado concreto’ que atinge uma percentagem de 13,56% (tabela A 15). Nos produtos em *-nça*, apesar de o peso das significações eventivas ser pouco relevante, a percentagem destas de 16,30% ainda supera a de 14,81% apresentada por ‘resultado concreto’ (tabela A 13).

Esta distribuição numérica não é alheia ao traço do sufixo, que caracterizámos como [estado/capacidade/característica/aptidão/qualidade intrínseca], nem ao tipo de verbos que funcionam como bases. Destes se destaca a predominância de verbos inacusativos, que em nenhuma outra sufixação em análise atingiram essa posição. Assim, no § 2.3.1.1 do cap. IV mostrámos que os verbos inacusativos aparecem numa percentagem de 55,74% nos

produtos em *-ncia* (tabela IV 3). Interessante é observar que também os verbos inergativos atingem grande percentagem na sufixação em *-ncia* com 21,34%, apenas ultrapassada na sufixação em *-aria* (36,00%). Assim, são os verbos transitivos que sofrem decréscimo acentuado de presença, com apenas 22,92%. Note-se que nos restantes produtos os verbos transitivos ultrapassam os 50,00% (cf. tabela IV 3).

Consultando a tabela IV 2, recordamos que, dos verbos inacusativos, sobressaem os de estado/existência com 22,53% e os incoativos com 13,83%. Nos verbos inergativos destacam-se os verbos performativos com 8,70%, o que pode parecer contraditório face ao carácter estativo dos produtos em jogo, os verbos de emissão de luz (6,32%) e de emissão de som (3,95%). Apesar de escassa, a percentagem de verbos de emissão de cheiro (1,19%) revela-se preciosa para a compreensão destes produtos, face à ausência absoluta destes verbos nos restantes produtos. Destaque-se ainda a reduzida presença de verbos causativos (3,95%) e a ausência de verbos transitivos resultativos, bem como de verbos que implicam noção de espaço com acção de exercício de força como os verbos de lançar, mover através de força, carregar/rebocar, impacto.

Outros verbos que implicam papel activo de sujeito em relação a objecto, como verbos transitivos de ferir, medir objecto, distribuir por, dividir em, prover de e desprover de, unir, desunir, obstar e prender estão também ausentes. Poderá estranhar-se a presença de produtos a partir de verbos de capturar (*rapinância*) e de enviar (*expediência*), mas a observação dos produtos em si desfaz essa estranheza.

A presença de verbos causativos também é facilmente coadunável com a caracterização destes produtos, pois os poucos verbos deste tipo que comparecem apontam estados não controlados pelo sujeito, mas antes decorrentes de características intrínsecas deste. Trata-se de verbos como *absterger*, *adstringir*, *adurir*, *comburir*, cujos produtos apenas admitem a especificação de sujeito não-animado e, logo, sem controlo. Isto mostra que o sufixo opera selecção das possíveis construções determinadas no verbo de acordo com o seu traço. Os co-textos seguintes ilustram estes deverbais:

«Por exemplo, o álcool aumenta o sabor doce e **adstringência** dos vinhos tintos, mas diminui a sensação amarga.»

www.e-mercatura.net/html/pt/curiosidades.asp?codCuriosidade=37

«Os taninos produzindo **adstringência**»

www.whisky.com.pt/tudo_sobre/maturacao/maturacao_nat_casco.html

«Os taninos dão uma sensação desagradável de **adstringência** especialmente notada nos vinhos novos. Com a evolução e o estágio os taninos evoluem para sensações ...»

www.quintadosvinhos.pt/learn/sugestoes/sugestoes_02_3.asp

«Pigmentos (antocianinas), substâncias que conferem **adstringência** e sabores amargos ao vinho incluem-se neste grupo de compostos (procianidinas, taninos).»

www.fct.mct.pt/projectos/pub/2001/index.asp?dados=true&ficha=true&pID=40724&areaID=11

Repare-se que não é possível uma leitura com estrutura argumental deste tipo de produto, como atesta a agramaticalidade de enunciados construídos como

*A *adstringência do palato pelos taninos*.

*A *adstringência da boca pelo vinho é desagradável*.

O mesmo tipo de funcionamento é mostrado por *comburência*:

«não será necessário determinar as propriedades de explosividade, **comburência**, extrema inflamabilidade, fácil inflamabilidade ou inflamabilidade de uma determinada preparação»

www.diramb.gov.pt/data/basedoc/TXT_LN_25927_1_0001.htm

«As soluções e misturas de matérias comburentes ou de matérias que apresentem um risco subsidiário de **comburência** podem ter propriedades explosivas.»

www.diramb.gov.pt/data/basedoc/TXT_LN_26511_1_0001.htm

Dado o carácter não argumental dos complementos destes produtos, esses complementos não podem ocorrer introduzidos pela preposição *por*, mas apenas por *de*, ao contrário do que ocorre em situação argumental ao elemento sujeito de construção transitiva. Assim, é apenas constatável uma construção como *a adstringência do vinho* e não **a adstringência pelo vinho*.

É a aproximação de designações de qualidade acarretada pelo traço do sufixo que provê estes deverbais de uma percentagem valorizável de significações de 'estado', ou seja de significações não-eventivas decorrentes, no entanto, de traços provenientes da estrutura eventiva de fonte verbal. Encontramo-nos assim perante objectos lexicais aparentemente ambivalentes: por acção do sufixo *-ncia* adquirem semantismos que os aproximam dos nomes de qualidade; por acção dupla da base verbal aproximam-se de nomes de acção. Essa acção dupla da base relaciona-se com o facto de, em termos imediatos, serem verbos as bases destes lexemas e, de modo menos imediato ou menos visível, serem de fonte

eventiva verbal os traços das bases que coindexam com o traço do sufixo. Assim, ao contrário dos produtos de sufixos como *-ção*, que adquirem eventividade não só pelo tipo de base, mas também pelo traço do sufixo, os produtos em *-ncia* são devedores da eventividade apenas à fonte verbal, visto o sufixo lhes oferecer carácter mais próximo das qualidades devido ao traço semântico.

As significações de ‘estado’ ocorrentes nestes produtos adquirem um valor de ‘qualidade’ em face do sufixo que assim se encontra definido semanticamente. Contudo, é preciso ter em conta que é esse semantismo do sufixo que conduz à selecção de bases verbais que, pelas suas significações e tipos de relações entre os elementos que constituem as suas estruturas léxico-conceptual e eventiva, deverão postular o evento que designam como decorrente de capacidade/aptidão/característica inerentes aos sujeitos que os suportam. O evento definido segundo esses parâmetros emerge necessariamente como de carácter geralmente [durativo], o que acentua a tendência para a significação de ‘estado’.

O facto de os eventos serem definidos como decorrentes de capacidades/aptidões/características intrínsecas aos sujeitos justifica que estes mantenham uma relação de não controlo com o evento.

Noutros casos, o sujeito controla o evento, mas a partir de propriedades que o seu detentor não controla.

O factor de que o evento seja realizado como consequência de capacidades intrínsecas ao sujeito explica a coexistência de verbos inergativos e verbos inacusativos nas bases destes produtos.

Os verbos inergativos aí constantes dividem-se em dois tipos: aqueles que mostram sujeito sem controle e aqueles que mostram sujeito com controle sobre o evento, mas não sobre a capacidade/aptidão que permite o evento. No primeiro caso, encontram-se os inergativos de emissão de luz, de emissão de som, de emissão de cheiro e de moção. No segundo caso, encontram-se os inergativos performativos.

O caso das bases inergativas de emissão de luz sobressai nestes produtos com percentagens de 6,32% (tabela IV 2). Em nenhum outro tipo de sufixação deverbal analisado ocorre uma tão elevada percentagem destes verbos. Aliás, apenas se registam bases inergativas de emissão de luz nos produtos em *-ção* (0,42%) e nos produtos em *-mento* (0,22%) (tabela IV 2). A diferença percentual registada é suficiente para verificar que este tipo de verbo adquire maior relevo nos produtos em *-ncia*. *Esplendecência*, *fluorescência*, *fosforecência*, *fulgência*, *fulgurância*, *luminância*, *luminescência*,

metalescência, opalescência, rutilância, verdejância, radiância são alguns exemplos de produtos com base inergativa de emissão de luz.

Estes produtos designam ‘estado decorrente de evento decorrente da capacidade/propriedade de *esplendecer, fluorescer, fosforecer*, etc.’ Em termos semânticos de uso, sob o ponto de vista do falante, os produtos designam essas capacidades/propriedades. Contudo, a duplicação semântica que inserimos justifica-se pela necessidade de a sua explicitação analítica não poder ater-se à descrição do semantismo tal como assoma no lexema quando em uso, ou enquanto acedido pelo falante, mas dever explicitar os percursos ou mecanismos semânticos na fabricação do produto. Como tal, se nos limitarmos a caracterizar estes produtos como ‘qualidades’, estaremos a olvidar uma parte determinante da sua produção, que é o componente verbal.

Os produtos obtidos a partir de verbos inergativos não apresentam significações eventivas. As significações são de ‘estado’. Estes produtos não ocorrem com estrutura argumental, nem com expressões temporais a não ser de carácter durativo. Mais uma vez se comprova que estas expressões não ocorrem somente com lexemas com estrutura eventiva.

«identificaram, a partir do observatório orbital de raios X Chandra, uma **fulgurância** de energia de raios X que vinha das regiões limítrofes do local onde ...»
astro.oal.ul.pt/caaul/imprensa/8SetPub.htm

«Tudo é sincopado, mas tudo deve ser fluido de modo a que subsista a incrível energia e **fulgurância** de Stravinsky.»
www.musica.gulbenkian.pt/pdf/2000_2001_ballet_programa_2.pdf

A comparação com o deverbal correspondente em *-ção* atesta a diferença entre a continuidade proveniente do carácter de estado da propriedade *fulgurância* e a efectuação do evento mostrada em *fulguração*. Repare-se que só é possível comutar *fulguração* por *fulgurância*, no primeiro excerto que se segue, na primeira ocorrência do deverbal; nos restantes está obrigada a moldagem de efectuação. Essa moldagem encontra-se implícita na definição de *fulguração* apresentada no terceiro excerto.

«Verificou-se depois que essas correntes anómalas estavam relacionadas com o fenómeno das auroras boreais. O primeiro indício de uma possível ligação com o Sol surgiu em 1859, quando Carrington notou uma **fulguração** intensa na vizinhança de um grande complexo de manchas solares. Algum tempo após essa **fulguração** ocorreu uma aurora boreal, e algumas pessoas

sugeriram uma ligação entre os dois fenómenos. Carrington recusou a associação, pois embora as auroras boreais fossem um fenómeno relativamente frequente, as **fulgurações** na superfície do Sol nunca antes tinham sido observadas. Na verdade, as **fulgurações** são um fenómeno bastante frequente, e estão de facto relacionadas com auroras boreais, embora as **fulgurações** como a observada por Carrington sejam bastante raras. A energia emitida pelo Sol sob a forma de luz visível é tão intensa que a contribuição da maioria das **fulgurações** passa despercebida. No entanto, em comprimentos de onda *invisíveis*, como os raios-X ou ultravioleta, a contribuição das **fulgurações** pode exceder por um grande factor a emissão do Sol calmo.»

www.oal.ul.pt/observatorio/vol7/n2/vol7n2_2.html

«A análise da **radiação** reflectida pelo solo lunar durante a **fulguração** solar de 15 de Janeiro permitiu distinguir certos elementos químicos que compõem a superfície da Lua, entre eles, o cálcio, o alumínio, o silício e o ferro.»

www.portaldoastronomo.pt/noticias.php

«os astrónomos detectaram uma potente **fulguração fulguração**

Uma **fulguração** é uma libertação de energia de forma explosiva da qual resulta um aumento rápido do brilho do astro no qual ocorre. São exemplo deste tipo de fenómenos as **fulgurações** solares, associadas às manchas solares, bem como as **fulgurações** de raios-X, que ocorrem em estrelas de neutrões, e de raios gama, que se sabe estarem relacionadas com as explosões de supernova.»

www.portaldoastronomo.pt/noticia.php?id=406

«Uma análise comparativa de diferentes fontes de **radiação** térmica num navio típico nas bandas dos infravermelhos médios e longos revela que a **radiância** nos infravermelhos médios da secção visível de uma conduta de evacuação pode ser cerca de 700 vezes superior à das obras mortas, ou 13 vezes superior à da pluma na banda quando comparada à dos infravermelhos longos.»

www.marinha.pt/extra/revista/ra_ago2003/pag_8.html

«O corpo ideal é o corpo negro, um corpo que absorve toda a **radiação** que nele incida e não reflecta nenhuma, sendo por isso mesmo também um emissor perfeito, e a **radiação** emitida por ele só depende da sua temperatura e não da sua constituição.»

form.ccems.pt/cfq/Stefan_Boltzmann/Lei_Stefan_Boltzmann.html

«Qual a razão entre a intensidade da **radiação** emitida pelo Sol e a intensidade da **radiação** emitida pelo corpo humano?»

form.ccems.pt/cfq/Stefan_Boltzmann/Lei_Stefan_Boltzmann.html

«A intensidade da **radiação** emitida depende da temperatura absoluta do corpo sendo que a curva da intensidade em função do comprimento de onda $I(\lambda)$ em função do λ é designada por **radiância** espectral, é suave passando por um máximo.»

w3.ualg.pt/~pjsilva/guias/Guia%20do%20Cubo.htm

A existência de produtos em *-ncia* com base em verbos inergativos de emissão de cheiro justifica-se por ser o semantismo proporcionado por este sufixo o mais conciliável com o pendor estativo destes verbos, bem como do carácter não controlador do sujeito. De facto os eventos designados por verbos de emissão de cheiro parecem ser os mais estativos e os menos controláveis pelo sujeito dentro dos verbos de emissão. Os produtos destes verbos são *recendência*, *rescendência* e *trescalância*.

Quanto aos verbos inergativos de emissão de som, ressaltamos o não controlo do sujeito visível por exemplo em *sibilância* e *balbuciência*. Esta última designa uma característica articulatória fora do controlo do sujeito, como corroborado lexicograficamente por Domingos Vieira:

«Defeito dos que gaguejam ou pronunciam mal as letras b e l. Defeito da palavra que é hesitante, intercortada e pouco distincta; é accidental ou habitual; contráe-se ás vezes nas febres nervosas.»

Os registos encontrados na internet, ainda que em páginas do Brasil, visto não termos encontrado nenhuma ocorrência em páginas portuguesas, mostram que *balbuciência* é uma característica involuntária:

«que nunca mais terá problemas de "surdez, **balbuciência** [...], *artrite, asma, alergias, sinusite, cardiopatias, alta pressão, constipações, miopia, esquizofrenia, psicose maníaco-depressiva, neuroses, psicopatias*»

xenu.freewinds.cx/pt/presentaz.htm

«A leitura em voz alta Exercícios de respiração e articulação Inibição Nervosismo Causas Como combater A **Balbuciência** A timidez ... »

www.fortestreinamentos.com.br/mostra_detalhes.php?cod_curso=42&periodo=2

A mesma tessitura semântica é visível nos co-textos em que ocorre *sibilância*, esta já em páginas de Portugal:

«Os principais diagnósticos foram: atraso estatura-ponderal, infecção do tracto urinário, malformações uro-nefrológicas, **sibilância** recorrente, anemia e atraso do desenvolvimento psicomotor.»

www.asic.pt/resuAbr2003.html

«Num lactante com **sibilância** recorrente cuja evolução não é compatível com diagnósticos comuns deve colocar-se a hipótese de malformação anatómica congénita. [...]

O estridor e a **sibilância** são frequentes em idade pediátrica e traduzem obstrução a diferentes níveis da via aérea.»

No que diz respeito aos deverbais formados a partir de verbos inergativos performativos, a selecção de bases não se aplica propriamente sobre o não-controlo do sujeito sobre o evento, ainda que em alguns casos se verifique a manutenção desta característica, mas sobre o não-controlo do sujeito sobre a capacidade/propriedade que lhe é inerente e que lhe permite operar o evento. Localizam-se nesta esfera verbos como *dormir*, *presidir*, *dominar*, cujos deverbais mostram apenas significações de estado e não de ‘evento’. Os estados designados em *dormência*, *presidência*, *dominância*, assim como de todos os que decorrem de produtos em *-ncia*, duram enquanto durarem as propriedades necessárias ao suporte do evento.

O carácter de não-controlo do sujeito está bem patente no tipo de verbos inacusativos que implicam espaço. Os verbos inacusativos locativos são *coerir*, *aderir* e *coalescer*. Os inacusativos de mover em direcção específica são *afluir*, *confluir*, *convergir*, *exorbitar*, *reentrar*, *transcender*, entre outros. Nenhum deles implica na sua estrutura léxico-conceptual uma relação controlada entre o sujeito e o evento, mas antes a existência de propriedades nesse sujeito que favoreçam o evento.

Se tentarmos formar produtos em *-ncia* a partir de verbos inacusativos que envolvam espaço mas com possibilidade de haver controlo por parte do sujeito, as construções revelam-se agramaticais, como é o caso de **chegância*, **partiência*, **descência*. Observe-se, no entanto, que a existência de *descendência* já é possível dado o carácter de não-controlo do evento pelo sujeito. Refira-se ainda que o facto de os verbos *chegar* e *partir* não ostentarem traço [durativo] coloca-se como mais um entrave a este tipo de derivação.

Os verbos inacusativos de aparecimento denotam o mesmo tipo de sujeito, como saliente em verbos como *excrescer*, *exsurgir*, *incidir*, *ocorrer*, *resultar*, *revivescer*, etc. Os produtos destas bases permitem consolidar a solução de não se considerar como cabal a significação de ‘qualidade’ na caracterização destes produtos. Apesar de *excrescência*, *exsurgência*, *ocorrência*, etc. serem obtidos a partir de qualidades, ou seja, propriedades inerentes ao sujeito que as suporta, não estamos perante lexemas que designem ‘qualidade’, mas ‘estados’ e ‘resultados concretos’ decorrentes de eventos suportados pelas qualidades

que não precisam de estar explícitas nem no semantismo final, nem no próprio processo de formação.

Esta motivação indirecta da existência de propriedades do sujeito que lhe permitem relacionar-se com o evento, como tal, mostra que os mecanismos genolexicais se baseiam em relações de conciliação entre o traço do sufixo e traços que podem não estar directamente representados nas fontes verbais disponibilizadas para coindexação com o traço do sufixo.

Comprovam esta asserção, para além dos produtos já mostrados, os deverbais provenientes de inacusativos de estado/existência que suportam 15,82% das significações de ‘estado’ (tabela A 15). Exemplos destes são *abundar*, *anteceder*, *coexistir*, *constar*, *equivaler*, *prestar*, *residir*, etc.

As propriedades do sujeito como condição para a coindexação entre o traço do sufixo e o traço [durativo] de fonte eventiva verbal ressaltam nos verbos inacusativos resultativos e incoativos. Para os produtos dos verbos situados em ambas as classes, não é autorizada construção causativa, quando esta já é possível em produtos dos mesmos verbos formados com outros sufixos. Por exemplo, não é possível a concepção da construção causativa de *ensurdecer* quando o deverbal é *ensurdecência* (**A ensurdecência do Rui pelo ruído das máquinas*), mas já é possível quando o deverbal é *ensurdecimento* (*O ensurdecimento do Rui pelo ruído das máquinas*). Repare-se que é possível conceber uma causa externa para *ensurdecência* (*o ruído das máquinas foi a causa da ensurdecência do Rui*), equivalente, no entanto, a causas lógicas não acarretadas argumentalmente (*a chuva foi causada por processos químicos*/**a chuva por processos químicos*).

O facto de a causa externa não poder ser marcada argumentalmente vem corroborar que na formação de produtos em *-ncia* se toma da base a construção em que o sujeito é não-controlador do evento e em que se relaciona com este involuntariamente. Outros exemplos de verbos inacusativos resultativos e incoativos atestam-no. Verbos resultativos são ilustrados por *florir*, *florescer*, *frutescer*, *grumecer*; verbos incoativos são ilustrados por *arborescer*, *arder*, *enlanguescer*, *intumescer*, *lactescer*, *pulverescer*.

As significações de ‘resultado concreto’ decorrem sobretudo dos verbos inacusativos, de que sobressaem as dos verbos de estado/existência com 3,39% (tabela A 15). Constituem ‘resultados concretos’ a partir destes verbos *excrecência*, *exurgência*, *incidência*, *ocorrência*, *ressurgência*, *resultância*. Nestes lexemas, o processo de construção desta significação parte da conglomeração de coindexações já realizadas dos

traços [durativo], de fonte eventiva, e [objecto], de fonte léxico-conceitual. Assim, *excrescência* decorre de uma significação de ‘resultado’ de teor concreto da coindexação do traço do sufixo com o traço [durativo] de fonte verbal e, em simultâneo, de uma significação também de teor concreto protagonizada pelo traço [objecto] (tabela X h 9).

Estas duas células de significações são coindexadas horizontalmente por σ de modo a darem lugar à conglomeração denotada na significação do produto. É que uma *excrescência*, na significação de «qualquer tumor saliente na pele ou mucosa» (DLP) é o resultado do evento de *excrescer*, mas corresponde em simultâneo ao elemento Objecto da estrutura léxico-conceitual deste verbo inacusativo.

A mesma solução de conglomeração foi adoptada para produtos em *-mento* decorrentes de verbos inacusativos de aparecimento como *acontecimento*, *acaecimento*, *afloramento*. Para demonstrar que esta significação resulta da referida conglomeração, notamos que, ainda que num tom redundante, é entendível uma construção como *esta é a excrescência que excresceuleste é o afloramento que aflorou*, enquanto resultam agramaticais **esta é a circunstância que circunstou/*esta é a extravagância que extravagou/*esta é a competência que competiu* com deverbais cuja significação de ‘resultado concreto’ não foi coindexada por σ com a célula de [objecto] (tabela X f 14).

Ao contrário do que poderia esperar-se, não foram encontradas significações de ‘resultado concreto’ a partir dos verbos inacusativos resultativos. A partir dos inacusativos incoativos obtiveram-se apenas três significações deste tipo comparecentes nos deverbais correlatos *tumescência*, *intumescência*, *entumescência*.

Quanto às significações de ‘locativo’, sobressaem as de especificação ‘locativo tempo’, que com nenhum outro sufixo atingira tanta preponderância. Nos produtos em análise as significações de ‘locativo tempo’ atingem o valor percentual de 2,26% (tabela A 15), o que, não sendo de sobrevalorizar, não é também de descurar face à ligação entre a especificação temporal e o carácter estativo destes produtos. Estas significações emergem sobretudo de verbos inacusativos de estado/existência (1,13%) (*latência*, *vagância*, *vigência*, *vacância*) (tabela A 15). *Frutescência* decorre de verbo inacusativo resultativo, *adolescência* de verbo inacusativo incoativo e *intendência* e *presidência* de verbos inergativos performativos. Repare-se novamente que, tal como os estados denotados duram enquanto durarem as propriedades dos sujeitos que os suportam, também o ‘locativo tempo’ é de duração simétrica à dos dois anteriores.

Em suma, os produtos em *-ncia* moldam o evento de forma a desprovê-lo de carácter eventivo e a provê-lo de pendor de ‘estado’. Esta comutação semântica é protagonizada pelo traço do sufixo e favorecida pelo tipo de verbos seleccionados por aquele operador. Os eventos distinguidos estão dependentes de propriedades intrínsecas ao sujeito que corresponde maioritariamente a uma causa interna, nos verbos inacusativos e nos verbos inergativos. O que há em comum a estes verbos, bem como aos verbos transitivos cujos sujeitos funcionam como causas externas, é o carácter de não controlo a mediar o sujeito e o evento ou o sujeito e a propriedade que este possui e que suporta o evento.

Ao designarem estados provenientes de propriedades do sujeito que este não controla, assiste-se a uma proliferação de produtos em *-ncia* em tecnoléxicos científicos altamente especializados, sobretudo do domínio da física, a que não deverá ser também alheio o pendor erudito dos verbos seleccionados por este sufixo. Recorde-se, através do § 6.1.5 do cap. III, que 45,93% das bases destes produtos são preenchidas por estruturas não-construídas morfematicamente transparentes e que o sufixo verbalizador *-esc-*, de teor mais erudito do que o seu congénere *-ec-*, atinge 8,54% (tabela III 2).

2. Conclusões

A análise dos deverbais construídos com operadores sufixais prototipicamente de ‘evento’ denota que estes não cumprem somente uma função sintáctica de mutação categorial entre verbo e substantivo, mas que possuem capacidades de fina intervenção situáveis em esferas do léxico de carácter semântico. Esta actuação dos operadores afixais comprova que a genolexia não se situa na sintaxe, já que um conjunto de factores que lidam com as estruturas morfológicas e semânticas condicionam a selecção das bases por parte dos afixos. A nível semântico, a multiplicidade de diferentes estruturas organizadas em diferentes níveis mas com interfaces entre si que são chamadas a intervir na produção do lexema derivado, quer como traço de coindexação, quer como factor de conciliação ou de selecção, alerta para a finura semântica com que operam os seus intervenientes.

Para além da corroboração de que a formação dos produtos lexicais não é situável na sintaxe e de que existem interfaces activadas quer entre diferentes estruturas, quer entre subestruturas dessas estruturas, a análise dos dados mostra funcionamentos mais particulares respeitantes à formação de deverbais de evento. Assim, os dados apontam para

a existência no léxico de uma estrutura de moldagem eventiva distinta da estrutura eventiva. Essa estrutura de moldagem eventiva é trabalhada pela acção dos operadores sufixais que têm a capacidade de

1) seleccionar as bases coadunáveis com o tipo de moldagem acarretada pelo traço semântico que eles próprios transportam;

2) condicionar as estruturas eventivas verbais à moldagem eventiva que lhes é própria. Esta segunda capacidade corrobora que a estrutura eventiva e a estrutura de moldagem eventiva laboram com traços distintos.

São estas capacidades sufixais que levam a que haja tendências de selecção que passamos a sintetizar.

Os operadores sufixais analisados mostram moldagens eventivas dos seguintes tipos:

- ‘operações diferentes’: protagonizada pelo sufixo *-agem*, concebe o evento como constituído por eventos que funcionam como integrados num sistema. Como tal, o evento múltiplo só é encarado como completo se existirem todos os eventos que o constituem. Esta moldagem acarreta que o sufixo em questão opte por bases verbais que indiquem eventos múltiplos, de carácter técnico, muitas vezes de âmbito industrial, geralmente com controlo do sujeito. O traço deste sufixo adapta-se igualmente a verbos inergativos designadores de *modi vivendi*. Neste caso, o produto designará o conjunto de atitudes próprias do *modus vivendi* em jogo. Ao serem estes eventos múltiplos concebidos como sistemas, a sua completação está dependente de um evento último, cuja focalização conduz a uma moldagem eventiva do ‘ponto de chegada’. Este tipo de significação é decorrente sobretudo de produtos de verbos que envolvam moção, quer sejam inergativos, inacusativos ou transitivos.

O carácter técnico industrial dos produtos é sobretudo espelhado, ao nível da selecção semântica das bases, no grande número de verbos ornativos, instrumentais, performativos, causativos e resultativos (cf. § 2.3.1.7 do cap. IV). Os verbos ornativos mostram técnicas de aplicação de substâncias, como *albuminar*, *alcatroar*, *aluminar*, *niquelar*, *parafinar*, *platinar*. Em termos de selecção das estruturas morfológicas/morfemáticas das bases, a preferência que o sufixo *-agem* demonstra relativamente a verbos conversos denominais corrobora os destaques avançados para os níveis semânticos, na medida em que os verbos conversos constantes destas bases designam técnicas industriais.

- ‘composto por operações/indivíduos iguais’: especifica que a moldagem do evento, própria do sufixo *-aria*, multiplica este em séries indeterminadas simétricas. As bases que mais se prestam a este tipo de enformação são as inergativas de emissão de som. Os seus produtos designam séries de eventos homogêneos ontologicamente realizados em simultâneo ou em extensão temporal indeterminada. O carácter ‘composto por operações/indivíduos iguais’ pode desenvolver, nos verbos transitivos a que se agrega, uma significação locativa. Os verbos inacusativos não são seleccionados por este sufixo, dado não se prestarem a este tipo de moldagem. O carácter básico, não técnico e não erudito destes produtos alimenta a selecção de bases morfológicas não-construídas opacas.

- ‘chegada súbita’: é a moldagem conseguida pelo sufixo *-ã* quando agregado a bases verbais que designem eventos que impliquem exercício de força impulsiva. Os produtos construídos enformam um ponto de chegada concebido como súbito e intenso, e impulsivo. Assim, as bases que mais se destacam são as que indicam mover através de força, ferir e de contacto. Em termos de estruturas morfemáticas/morfológicas, tal como apontado para o sufixo anterior, o carácter básico, não-erudito e não técnico destas formações explicam o peso das bases não-construídas opacas.

- ‘efectuação’: trata-se da moldagem, acarretada pelo sufixo *-ção*, com carácter mais abarcante dos eventos, na medida em que os enforma como a realização efectiva da acção, enquanto situável num ponto temporal e ontológico uno. Mesmo que o verbo base possua carácter [durativo], a moldagem de efectuação é alheia a essa formatação, dado que representa o evento na sua realização delimitada em ponto uno. Esta moldagem vai ao encontro do tipo de moldagem efectuado pelos sufixos verbalizadores *-iz-* e *-ific-*, que pode ser também resumida no carácter de ‘efectuação delimitada do evento’. É este factor que explica a ligação genolexical entre os verbos que contêm estes sufixos e a nominalização em *-ção*. Esta ligação enraizou-se translinguisticamente. Pelo contrário, sufixos verbalizadores que moldam o evento como não delimitado nem efectuado, como *-ec-* e *-esc-*, não proporcionam boas condições para que os verbos que os contêm sejam seleccionados pelo sufixo *-ção*. Ainda que quase todos os tipos semânticos de verbos sejam adequados a esta moldagem, a predominância de verbos que acarretam sujeito com controlo é explicada pela ligação existente entre a efectuação delimitada do evento e de um sujeito que tenha a capacidade de efectuar esta, encerrando o evento. Por sua vez, a predominância de verbos causativos nestas bases encontra conexão com a efectuação delimitada levada a cabo por sujeito desenhado como causa externa com controlo sobre o evento. Por último, a

distribuição mais ou menos equitativa de bases opacas, transparentes e construídas aponta para a versatilidade deste sufixo em relação ao carácter erudito ou básico das construções.

- ‘referenciação’: é a moldagem de grau zero acarretada pelo sufixo *-dura*. Esta moldagem funciona como segmentação e identificação do evento, como se se tratasse de apontar para cada conceito. Esta moldagem possui efeitos interessantes a nível de significações não-eventivas, caracterizadas como de ‘resultado concreto’ e de ‘objecto’. Essas significações designam ‘resíduos’, ‘feridas’ e ‘porções’ facilmente compreensíveis à luz das operações de segmentação e de identificação que compõem a referenciação. Deste tipo de formação, estão em destaque as bases transitivas, sobretudo causativas e ornativas. Quanto às estruturas morfológicas, são em grande número as bases opacas e destacam-se ainda as construídas por operadores afixais não-marcados como eruditos. Trata-se, assim, de um processo de deverbalização não-culto e não-técnico.

- ‘processo’: decorre da moldagem do sufixo *-mento*. Esta moldagem conceptualiza o evento como homogéneo ontologicamente, mas espreado ao longo de um eixo temporal indeterminado. O evento é moldado como decurso processual e não como efectuação delimitada. Ainda que o sufixo tenha capacidade de adequar qualquer tipo de estrutura eventiva verbal aos seus parâmetros, se o verbo em causa já possuir uma estrutura de moldagem eventiva determinada por um afixo verbalizador, o sufixo *-mento* mostra preferência por aquela que for equiparável à sua. É por esse motivo que nestas bases há representatividade de verbos constituídos pelos sufixos *-ec-* e *-esc-*, apontadores do decurso processual do evento sem delimitação definida, assim como há ausência de verbos sufixados em *-iz-* e *-ific-*. As estruturas verbais constituídas por *a-*, *en-* e *es-* são também de salientar, dado o carácter processual destes sufixos. Em termos de estruturas léxico-semânticas, assiste-se a uma distribuição mais ou menos equitativa de cada tipo de base, visto o sufixo ser adaptável a grande parte daquelas. Contudo, gostaríamos de destacar as bases inacusativas incoativas, as transitivas causativas e as transitivas de estímulo-sujeito.

Comparativamente com os produtos em *-ção*, os deverbais em *-mento* mostram equiparidade relativamente às bases causativas. Contudo, o efeito alcançado pelo sufixo *-mento* a partir destas bases é caracterizado por uma tendência de sujeito sem controlo sobre o evento, explicável pela inexistência de delimitação/efectuação da mesma. Esta tendência vai ao encontro do peso dos verbos inacusativos incoativos nos deverbais em *-mento*, que nos produtos em *-ção* não emergem tão numerosamente. Pelo contrário, os verbos resultativos, quer sejam inergativos, inacusativos ou transitivos, são para os produtos em -

ção mais valorosos do que para os deverbais em *-mento*, visto esses verbos, geralmente, incluírem a delimitação do evento.

O carácter processual pode desenvolver nestes produtos uma significação não-eventiva de ‘estado’. O ‘estado’ designado por estes produtos é paralelo ao decurso do evento, enquanto o ‘estado’ emergente em produtos em *-ção* é consequente à efectuação do evento.

Quanto ao carácter mais ou menos culto destes produtos, a versatilidade de *-mento* aponta para um carácter tendencialmente não-culto, corroborado pela relativamente fraca presença de bases não-construídas transparentes e de estruturas construídas marcadas como cultas.

O semantismo de ‘processo’ decorre ainda do sufixo *-nço*, que, no entanto, apresenta significações opostas de ‘chegada’. Tal efeito dúbio deste sufixo deve-se ao facto de a moldagem que este opera nos eventos ser de carácter qualitativo e não quantitativo. A moldagem avançada por *-nço* é a moldagem

- ‘intenso’, coadunável quer com eventos durativos, quer com eventos pontuais. A coindexação do traço responsável por esta moldagem com o traço [durativo] acarreta a significação de ‘processo’, enquanto a coindexação com o traço [pontual] acarreta a significação de ‘chegada’. Destes produtos destacam-se as bases transitivas de capturar, de carácter não-culto, que é, aliás, vincado pela predominância de estruturas opacas, cuja conceptualização qualitativa negativa vai ao encontro da mesma conceptualização avançada pelo sufixo.

- ‘constância’: representa a moldagem reflectida em significações de ‘processo’ e sobretudo de ‘estado’ dos produtos construídos por *-nça*. Esta moldagem pode desenvolver uma variante de ‘intensidade’, equiparável à que ocorre nos produtos em *-nço*. O carácter estativo destes produtos reflecte-se na selecção que o sufixo faz relativamente às estruturas das bases. Estas apresentam valorização considerável dos verbos inacusativos. Este sufixo é de carácter não-culto, como também a maioria de bases opacas.

- ‘estado decorrente de evento decorrente de propriedades do sujeito’: é a moldagem conseguida pelo sufixo *-ncia*. Esta moldagem encerra em si mesma as condições de selecção que enformam este tipo de sufixação. Os verbos seleccionados por este sufixo apresentam um sujeito que mantém uma relação de não-controlo ou com o próprio evento ou com a propriedade necessária ao decurso do evento. Como tal, predominam nestas bases verbos inacusativos e inergativos que consolidam esse tipo de sujeito. Esta sufixação possui

um carácter culto, visível na quantidade de bases de estrutura transparente ou bases construídas com afixos com esse carácter, como é o caso de *-esc-*. Esse carácter culto mostra-se ainda no carácter translinguístico do sufixo e na sua importância em tecnolêxicos da área das ciências, especialmente da física. Compare-se com o carácter técnico dos produtos em *-agem*, tendencialmente da área das indústrias.

Por último, é de registar a tendência que existe entre a selecção de bases inacusativas e a moldagem processual/estativa dos produtos, cujos exemplos máximos são os produtos em *-nça* e *-ncia*. Estes produtos apresentam predomínio da significação de ‘estado’ que ultrapassa a eventiva de ‘processo’. Repare-se que os produtos em *-mento*, que ostentam maioria de significação ‘processo’, avançam em direcção a uma maior percentagem de inacusativos, sem que, contudo, esta supere a de verbos transitivos. Já os produtos em *-ção*, *-ão* e *-dura*, que apontam o evento como ‘acção unitária’ sob a forma de ‘efectuação’, ‘chegada súbita’ e ‘referenciação’, respectivamente, escolhem sobretudo bases transitivas e inergativas.

Destaca-se ainda a valorização de bases inergativas pelo sufixo *-aria*. Parece, aliás, que o carácter múltiplo da moldagem é adequável aos eventos enformados por verbos inergativos, já que *-agem* mostra também percentagem não descurável deste tipo de bases. No entanto, as razões que levam a esta tendência deverão ser diferentes para um e outro sufixo. Para os produtos em *-aria*, a conciliação entre a replicabilidade do evento e os tipos de verbos inergativos é mostrada pelo facto de estes designarem eventos sobretudo de emissão de som e de actos de fala, conceptualizados como ontologicamente simples. Estes tipos estão ausentes das bases dos produtos em *-agem*, que opta por inergativos indicadores de *modi vivendi*. São estes que, pela sua heterogeneidade ontológica, se adequam à moldagem ‘operações diferentes’.

Os dados mostrados neste capítulo não correspondem a uma descrição cabal da totalidade de informações obtidas acerca dos produtos. Essa totalidade encontra-se nas tabelas do anexo X. O capítulo visa somente a esquematização dos dados que numericamente e em comparação uns com os outros se revelam mais importantes.

Com esta esquematização, procuraram estabelecer-se as grandes linhas orientadoras de cada sufixação sob o ponto de vista da moldagem eventiva que esta opera e dos aproveitamentos semânticos, em sentido lato, que cada uma desenvolve. Esses aproveitamentos têm implicações não só ao nível das estruturas eventiva e léxico-

conceptual das bases verbais, mas também ao nível das suas estruturas morfológicas/morfemáticas.

Os dados disponibilizados mostram, em suma, que, quando existem séries de deverbais construídos a partir do mesmo verbo a partir de operadores sufixais diferentes, dificilmente podem ser considerados sinónimos, a despeito de anunciarem o mesmo evento. Na verdade, cada operador sufixal molda esse evento de forma a oferecer uma configuração diferente, conciliável com co-textos diferentes, que exemplificámos.

Capítulo VII

Interpretação dos produtos de ‘indivíduo’

0. Introdução

O presente capítulo comporta a análise dos semantismos dos produtos portadores de sufixos prototipicamente de indivíduo (anexos Y e B), na sua conjugação com os tipos de bases verbais, quer na sua dimensão léxico-semântica, quer na sua dimensão morfemática/morfológica.

A interpretação será feita nos moldes que foram utilizados no capítulo VI para os nomes de evento. Assim, tal como para aqueles, também neste capítulo não procederemos a uma descrição total de todos os resultados obtidos para todos os lexemas em particular, pois procuramos sobretudo, por um lado, explicar e descrever comportamentos prototípicos e, por outro, significações que sejam relevantes para o entendimento do funcionamento do modelo proposto. Destaque-se ainda que, defendendo que cada operador sufixal contribui para a matização semântica do produto deverbal, é de especial interesse a manifestação de oposições e semelhanças entre os operadores, motivo por que a apresentação dos dados obtidos se constrói muitas vezes em torno dessas comparações.

Todavia, ao contrário do capítulo anterior, em que utilizámos exemplos de co-textos, neste capítulo serão usadas sobretudo informações lexicográficas para ilustrar o semantismo dos produtos. Tal discrepância de critérios é devida a dois factores:

1) os dados lexicográficos relativos aos produtos de ‘indivíduo’ não apresentam a ambiguidade que demonstram em relação aos de ‘evento’. Nestes as informações faziam muitas vezes coincidir sinonimicamente designações de evento construídas a partir da mesma base verbal, quando o que comprovámos é que o efeito do operador sufixal acarreta uma heterogeneidade nas designações de evento;

2) essa heterogeneidade é mais facilmente visível através de co-textos por não lidar com distinções referenciais, mas de conceptualização. Ou seja, referencialmente, o evento é o mesmo; a sua moldagem eventiva conseguida conceptualmente é que varia. Como tal, torna-se mais difícil ilustrar lexicograficamente essas distinções e mais fácil fazê-lo co-textualmente.

Nos produtos de ‘indivíduo’, as distinções operadas pelos sufixos são também de moldagem conceptual, mas passam em grande parte por instanciações referenciais distintas.

Consequentemente, é natural que os constructos lexicográficos disponibilizem informação mais coerente com a descrição semântica destes produtos do que com os de evento.

Dado que os produtos de indivíduo são disponibilizados por sufixos que integram o lexema em paradigmas de género masculino ou feminino (e.g. *-dor/-dora*, *-deiro/-deira*, *-douro/-doura*, etc.), optámos por contabilizar as duas formas apenas quando as significações de uma e de outra são distintas. Pelo contrário, se as formas masculina e feminina correspondentes a um sufixo não apresentam distintividade semântica, optamos por contabilizar somente a forma não-marcada, ou seja, a forma masculina (cf. cap. I e § 5 do cap. III).

Assim, o facto de figurarem nos dicionários, por exemplo, *trabalhador* e não *trabalhadora* implica que se desenhou o masculino como forma de representação dos lexemas que possuem variação de género, factor que se aplica aos substantivos denotadores de seres animados. A fim de evitar redundâncias não pertinentes sob o ponto de vista semântico, optámos por analisar somente os lexemas lexicografados na forma feminina que ostentam semantismos pertinentes, isto é, que não são apenas paralelos das formas masculinas. Tal decisão, que segue de resto a tradição lexicográfica, tem fundamento lexical, na medida em que a geração de formas marcadas quanto ao género é operável flexionalmente de forma on-line (cf. § 2.2 do cap. I e § 5 do cap. III).

A nossa opção de considerar dois sufixos paralelos sempre que na presença de forma masculina e feminina (e.g. *-deiro/-deira*, *-douro/-doura*, *-dor/-dora*) deve-se ao facto de as formas femininas não apresentarem total equivalência semântica com as formas masculinas, facto deduzido através dos resultados numéricos obtidos. Tal divergência é sobretudo manifestada nos sufixos *-deira/-deiro* e *-doura/-douro*, como veremos, que apresentam diversidade de semantismos. Quanto a *-dor/-dora* a divergência não se manifesta tanto em diferentes semantismos, mas mais propriamente nos valores percentuais que alguns deles manifestam numa e noutra forma.

1. Produtos prototipicamente de ‘indivíduo’

1.1. Produtos em -dor

Na análise dos produtos deste sufixo, procederemos em primeiro lugar à distinção semântica entre o traço deste operador [que tem a função de] e os traços de outros operadores de indivíduo ([que tem a funcionalidade de] de *-deiro*; [que tem a propriedade

de] de *-nte*). Dilucidaremos o tipo de relação do traço [que tem a função de] com o traço [causa] e explicaremos as consequências semânticas que essa relação, avaliada como não-inerente, acarreta nas várias significações encontradas. Dentro dessas significações, daremos relevo aos diferentes tipos de ‘locativos’ e de ‘causas’. Em paralelo, compararemos os produtos em *-dor* com os produtos em *-nte*, no intuito de evidenciar os seus matizes semânticos.

Os produtos construídos através do operador sufixal *-dor* (tabelas Y e) são aqueles que mais se destacam numericamente no conjunto dos deverbais de indivíduo. Analisados 2201 produtos (tabela III 1), não é de estranhar que o número de significações ostentadas por estes lexemas atinja um valor de 3157 (tabela B 10). Dentro deste número, destacam-se os semantismos de ‘causa humana’ com um valor absoluto de 1860, correspondente a um valor percentual de 58,92%. A relevância deste valor é sobretudo visível quando em comparação com o valor dos semantismos que se lhe seguem. Assim, a significação que se encontra mais próxima em termos numéricos dos valores numéricos de *-dor* é a de ‘causa’, com apenas 11,62%, e a de ‘causa animada’ com 7,25%. Seguem-se a de ‘causa instrumento’ e a de ‘causa máquina’, com 5,80% e 5,35%, respectivamente.¹

Dos semantismos dos produtos em *-dor* destaca-se a escassez de ‘locativos’, especialmente se estes não forem correlatos de ‘causa’, ou seja, se não tiverem a especificação de ‘causa’ a indicar que a sua fabricação está dependente da conglomeração de célula ‘locativo’ com célula ‘causa’ através de coindexação horizontal por σ (cf. tabelas Y e). Observe-se, através das tabelas B 9 e B 10, que se registaram apenas 0,06% (2) de ‘locativo’, 0,22% (7) de ‘locativo pequeno’ e 0,00% de ‘locativo corpo’. Não se registou nenhum ‘locativo causa’, mas registaram-se 0,03% (1) de ‘locativo corpo causa’ e 1,08% (34) de ‘locativo pequeno causa’. Assim, ainda que não haja nenhum ‘locativo causa’, o resultado do somatório de ‘locativo corpo causa’ e de ‘locativo pequeno causa’ (1,11%) é superior ao de ‘locativo’ e ‘locativo pequeno’ (0,28%). Quanto à especificação do tipo de locativo, sobressai claramente o ‘locativo pequeno’, aliado a ‘causa’ ou não.

Estas prevalências de, por um lado, ‘locativo pequeno’ em relação a ‘locativo corpo’ ou ‘locativo’ e, por outro, de significações locativas que resultam da correlação de

¹ No que diz respeito aos produtos em *-dor*, é sobejamente conhecida a disponibilidade que este sufixo demonstra na construção de adjectivos. Como havíamos esclarecido no § 2.2 do cap. I, apenas os adjectivos que mostram incontestável auxílio na delimitação quer do traço do sufixo em jogo, quer dos semantismos dos produtos são considerados no nosso trabalho. É esse o caso dos produtos em *-douro*, por exemplo.

‘locativo’ com ‘causa’ em relação a significações locativas sem correlação com ‘causa’ são explicáveis através do tipo de traço semântico que identifica o valor de *-dor*.

Esse traço implica em primeiro lugar, como de resto todos os que contêm a formatação [que], um semantismo de ‘indivíduo’ como genérico. À possível objecção de que estamos com isto a fazer imiscuir formações sintácticas com formações semânticas, contra-argumentamos dizendo que, não tendo acesso directo às estruturas puramente semânticas, temos de fazer uso de sintaxe de modo a poder descrever as estruturas semânticas. Trata-se de um uso metalinguístico, equiparável ao uso de nomenclatura em qualquer ciência, em que há o cuidado de não se confundir o designado com a designação.

Em segundo lugar, a especificação de [função] na relação do indivíduo com a base a partir de que é formado reduz o âmbito semântico dos produtos de *-dor* àqueles indivíduos, ou seja, identidades delimitadas espacial e temporalmente, em sentido lato, que se encontrem formatados para o cumprimento ou exercício de determinada actividade, sem que se prescreva como obrigatória a existência de capacidade para tal efectuação. Através do formato [que tem a função de] compreende-se, pois, que tais indivíduos tenham como ponto de fundamento o elemento semântico [causa], definido, no § 2.2 do cap. V, como instigador do evento. O modo como a causa se reveste na coindexação com o traço [que tem a função de] é decorrente da definição deste em oposição aos traços [que tem a funcionalidade de], especificado para os sufixos *-deira* e *-deiro*, e [que tem a propriedade de], especificado para o operador *-nte*. O traço [que tem a função de] implica que o indivíduo cumpra determinada actividade, independentemente de possuir capacidade para tal ou não. Essa capacidade, aliada a um valor de [frequente], já deverá estar presente nos produtos construídos com o traço [que tem a funcionalidade de]. Se o produto retratar um indivíduo que se relaciona com um evento através de uma propriedade que lhe é inerente e sem a qual não ocorreria o evento, estamos perante o traço [que tem a propriedade de].

Regressando ao papel da conglomeração da célula ‘causa’ na produção de locativos, o que se retira da análise dos produtos em *-dor* é que, sendo o traço do sufixo [que tem a função de], é natural que o ponto de base de qualquer produto que com ele seja construído se encontre radicado na ideia de [função]. Consequentemente, a maioria dos locativos designa espaços definidos de acordo com o exercício de uma função. Repare-se que não se trata, maioritariamente, de designar um local onde uma causa cumpre uma função. Sendo o traço [que tem a função de] coindexado com o traço [causa], cuja conglomeração coindexa

horizontalmente com o traço [locativo], o semantismo locativo resultante designa um espaço que tem a seu próprio cargo o exercício da função para que foi desenhado.

Se o traço [que tem a função de] explica por que motivo predominam os locativos especificados como causas, a determinação do espaço como causa especificada, ou seja como identidade que tem uma função - e não uma propriedade ou capacidade (cf. cap. V, § 2.1 para a sua distinção) -, explica por que razão predominam os 'locativos pequenos' e não os 'locativos simples' ou os 'locativos corpo'. Na verdade, os locativos pequenos designam, como explicitado no cap. V, § 3.2, espaços delimitados como 'pequenos', ou seja, como continentes definidos através de 3D, cuja particularidade tem que ver, muitas vezes, com a sua transportabilidade ou mobilidade, face aos 'locativo' e aos 'locativo corpo'. São estas características que proporcionam a formação de locativos cumpridores de uma função através da conglomeração com 'causa'.

Genericamente, é mais difícil a concepção de um 'locativo' ele próprio a cumprir uma função, devido à maior inclinação que um 'locativo' de grandes dimensões, imóvel ou intransportável, possui para ser continente de causas que cumpram essa função do que para funcionar ele próprio como causa. Recorde-se, a propósito, a inexistência de 'locativo causa' com o sufixo *-dor*.

Recorde-se que produtos de evento com semantismo locativo, como *moagem*, *refinaria*, *arrecadação*, *fundição*, entre outros, designam espaços imóveis onde agentes (causa) cumprem determinadas funções, e não espaços que exercem eles próprios as funções, ou seja, que são eles próprios causas. Isto deve-se ao facto de a formação de locativos nos produtos prototipicamente de evento estar desprovida de formatação inerente a indivíduo que se relaciona com o evento como interveniente nele, formatação essa que existe nas semânticas dos traços dos sufixos prototipicamente de indivíduo. Os locativos dos produtos de evento são definíveis como espaços onde ocorre o evento, sem condensarem naqueles um interveniente deste. Pelo contrário, os locativos dos produtos de indivíduo mostram possibilidade de designarem espaços enquanto intervenientes no evento.

Esta diferença deve-se ao tipo de formatação dos traços dos sufixos. Os traços dos sufixos prototipicamente de evento equacionam o semantismo através do corolário evento (moldado de acordo com o carácter de cada um); os traços dos sufixos prototipicamente de indivíduo equacionam o semantismo através do corolário de um interveniente do evento. Neste sentido, a formação dos significados locativos de *moagem*, *refinaria*, *arrecadação*,

fundição parte da moldagem do evento em si mesmo (especificado no traço do sufixo) e, como tal, redundante no ‘local onde ocorre o evento’.

A formação de *assador*, *congelador*, *refrigerador*, ao partir do traço do sufixo como determinante de [que tem a função de], parte da coindexação vertical deste com [causa] através de ^s e desta para a coindexação horizontal com ‘locativo’ através de ^σ (tabela Y e 29). Esta diferença explica um dos motivos por que ocorre coindexação do traço do sufixo na formação de semantismos de indivíduo de *assador*, *congelador*, *refrigerador*. A designação de indivíduo enquanto primária decorre directamente da coindexação do traço do sufixo com o traço de fonte léxico-conceptual ou extra em jogo, já que a própria formatação semântica do traço a isso conduz. Pelo contrário, a designação de indivíduo enquanto secundária não decorre, em geral, directamente da coindexação do traço do sufixo com o traço de fonte léxico-conceptual ou extra em jogo, na medida em que a sua formação passa pelo mediador ‘evento’, constituindo-se este como significação primária, devido ao facto de nesses moldes se encontrar formatado o traço semântico dos sufixos prototipicamente de evento.

Por sua vez, um ‘locativo corpo’ também não se mostra como o mais adequado para se activar como causa no exercício de uma função. Um ‘locativo corpo’, recordamos, é um segmento de um corpo, facto que lhe retira autonomia necessária ao seu funcionamento como ‘causa’. O único exemplo de ‘locativo corpo causa’ encontrado no *corpus* analisado foi *puxador* (DLP: «peça de madeira, de metal, de porcelana, etc., por onde se puxa para abrir gavetas, portas de móveis, etc.»), funcionando mais precisamente como adjuvante da causa do que propriamente como causa em si mesmo. O factor de não-autonomia de ‘locativo corpo’, por ser segmento de um corpo, explica por que não foram encontrados ‘locativo corpo’ formados através de *-dor*.

Em suma, ao traço do sufixo [que tem a função de] é devida a predominância de ‘locativos’ conglomerados com ‘causa’, por um lado, visto ser concebido o ‘locativo’ em jogo como detentor da função designada pelo verbo base, e, por outro, de ‘locativos pequenos’, visto a autonomia derivada da dimensão destes se mostrar como mais adequada ao seu funcionamento como ‘causa’. Tal já não acontece com os ‘locativo corpo’, por serem segmentos de corpos, e com os ‘locativos’, devido à sua adequabilidade, derivada da sua dimensão que os provê de intransportabilidade/imobilidade, e ao seu funcionamento como contentores de intervenientes no evento, designando assim mais apropriadamente espaços de ocorrência do evento pela qual não são responsáveis.

Os ‘locativos’ encontrados nos produtos em *-dor* não possuem, como se depreende, carácter simétrico às ‘causas’, visto funcionarem como subordinações destas. Este facto, para além de permitir directamente a compreensão do funcionamento destas deverbalizações, permite, indirectamente, enfatizar a importância que estudos de carácter explicativo possuem nesta determinação. Se nos limitássemos a descrever os semantismos encontrados, diríamos que o sufixo *-dor* dá origem a ‘causas’ e a ‘locativos’, para além de outros, e não discerniríamos que o processo de formação dos ‘locativos’ está subordinado ao processo de formação de ‘causas’ e não em paralelo a este. Parece-nos, pois, que o modelo que avançámos, assim como o aparelho formal que desenvolvemos permitem uma satisfatória distinção desses processos.

Existem escassos ‘locativos’ em *-dor* sem conglomeração de ‘causa’, designando ‘locativo pequeno’ e ‘locativo’. Trata-se de nomes com fraca representatividade numérica (0,22% para ‘locativo pequeno’ e 0,06% para ‘locativo’ (tabela B 9. Os ‘locativos’ encontrados são *toucador* (Domingos Vieira: «A casa onde alguém touca a cabeça.») e *obrador* (Domingos Vieira: «Dá-se este nome, nas terras de lanificio da Serra da Estrella, á casa ordinariamente terrea, ou loja, onde cardam a lã, e mesmo onde teem algum tear.»).

Os ‘locativos pequenos’ são *cuspidor* (Domingos Vieira: «Cuspideira, escarradeira»), *defecador* (DLP: «vaso em que se defeca; bacio.»), *apontador* (DLP: «livro para apontamentos»), *copiador* (DLP: «livro onde se copia a correspondência expedida»), *talhador* (DLP: «prato onde se trincha») e *toucador* (Bluteau: «Receptaculo dos instrumentos, & ornamentos, com que se enfeita a mulher.»). Nenhum destes locativos concentra este semantismo com o semantismo de ‘causa’.

Contudo, no que diz respeito a estes ‘locativos pequenos’, em todos eles se encontra a determinação do traço do sufixo [que tem a função de]. Ao contrário dos ‘locativos pequenos causa’ cuja formação resulta da coindexação do traço do sufixo com o traço [causa], cujo resultado é que coindexa com [locativo], estes ‘locativos pequenos’ manifestam que o traço do sufixo coindexou directamente de modo vertical com o traço [locativo]. Apesar de não representarem a tendência de fazer depender o traço [que tem a função de] de [causa], a presença do traço do sufixo é neles manifesta, na medida em que funcionam como coadjuvantes da efectuação do evento. A sua função não reside, assim, na efectuação da função, mas na coadjuvação da mesma.

Por último, a sua formação pode ter sido auxiliada pela simetria com os ‘locativos pequenos causa’ gerados por *-dor*, sem realização da coindexação com [causa]. Ou seja, a

existência de ‘locativos pequenos causa’ proporciona que se criem objectos homólogos de um dos componentes, neste caso ‘locativo pequeno’ sem ‘causa’. O exemplo de *toucador* permite refutar a hipótese de que os ‘locativos’ são gerados como derivação do semantismo de ‘colectividade de objectos’. Apesar de um *toucador* ‘locativo pequeno’ designar ‘locativo pequeno onde estão vários objectos de tocar’, não nos parece ser a sua formatação derivável da noção de ‘colectivo’, que não está presente nos restantes ‘locativos’ em *-dor*, mas antes do papel do sufixo cuja formatação [que tem a função de] é adequável ao semantismo ‘locativo pequeno’ deste lexema, ou seja, de ‘locativo pequeno que tem a função de coadjuvar uma causa no cumprimento de um evento’.

O interesse de exemplos como *toucador*, *cuspidor*, cuja formulação sem ‘causa’ resulta marginal face à prototipicidade de derivados de ‘causa’ em *-dor*, reside na força probante que manifestam de que o traço do sufixo é [que tem a função de] sem inclusão inerente da noção de ‘causa’. Repare-se que o traço [causa] que é alvo de coindexação e que contribui grandemente para a formatação do tipo de semantismo final não está localizado na fonte sufixal, mas em fonte extra ou verbal. Apenas se estivesse localizado no sufixo poderia ser chamado à formação de todos os produtos deste, ou se emergisse como condição de selecção, o que não se verifica. Na verdade, registam-se produtos em *-dor* que manifestam experienciador (3,93%) e objecto (0,92%) (tabela B 9), nas situações respectivas em que os verbos base são transitivos de percepção (*achador*, *apreçador*), de experienciador-sujeito (*cobiçador*, *expectador*) e psicológicos (*pensador*, *razoador*); e inacusativos de mover-se em direcção específica (*emigrador*, *migrador*), mover-se (*corredor*, *transmigrador*), estado/existência (*sustentador*) e desaparecimento (*expirador*).

Os locativos sem causa mostram que a causa não é inerente aos produtos em *-dor*, no sentido de não estar integrada no traço do sufixo, nem se revelar como condição de selecção. Estes locativos evidenciam, assim, o traço do sufixo [que tem a função de].

Em resumo, o facto de existirem locativos sem ‘causa’ aponta que esta não é inerente ao traço do sufixo, nem condição de selecção, mas que o traço do sufixo é [que tem a função de], vector semântico presente em todos estes lexemas. A grande percentagem de coindexações horizontais com a célula ‘causa’, no caso de semantismos conglomerados, ou verticais com o traço [causa], no caso de semantismos sem conglomeração entre células, demonstra a atracção semântica que o traço [que tem a função de] exerce relativamente a [causa].

Quanto aos ‘locativos’ *obrador* e *toucador*, referiremos apenas que a instanciação do primeiro é claramente marginal quer diatópica quer funcionalmente. Já *toucador* ‘locativo’ é explicável pelo traço do sufixo [que tem a função de], ainda que o carácter de intransportabilidade seja marginal na fabricação dos locativos em *-dor*, maioritariamente ‘locativos pequenos’.

Resta fazermos referência a *corredor* na acepção de «passagem estreita no interior de uma casa», transcrita do DLP/«passagem mais ou menos estreita ao longo dos quartos, salas, para onde dão as portas d’estes.», transcrita de Domingos Vieira.

Várias hipóteses se levantam para explicar a formação do locativo *corredor*:

a) a base verbal é a construção bivalente com sujeito com controlo exemplificável em *O João correu a casa toda (à procura do livro) (=percorreu)*.

b) a base verbal é a construção bivalente com sujeito sem controlo ilustrada por *A electricidade corre a casa toda (=atravessa/percorre)*.

Para a dilucidação do semantismo locativo de *corredor* deverá considerar-se um componente semântico desse semantismo. A particularidade do componente semântico a que nos referimos centra-se na existência de um segundo elemento espacial por cuja relação é definido o componente espacial referido em *corredor*. O *corredor* de uma casa é, de acordo com Domingos Vieira, «passagem mais ou menos estreita ao longo dos quartos, salas, para onde dão as portas d’estes.». O elemento espacial referido em *corredor* é «passagem» definível através da relação com o segundo elemento espacial que é «salas, para onde dão as portas d’estes». O mesmo segundo elemento espacial é observável na acepção de ‘fortificação’ de *corredor*, constante nos dados colhidos em Bluteau: «(Termo da fortificação) He hum caminho alem do fosso em roda da praça, amparado de hum parapeyto, que vay fenecer no nivel da campanha.». Nas duas acepções, um *corredor* é definido em relação a outro espaço.

A presença do segundo elemento espacial obriga, pois, a que se rejeite qualquer hipótese de construção inacusativa monovalente, por não incluir a existência do segundo elemento espacial.

Ora, as hipóteses a) e b) prevêm o segundo elemento espacial, como visível nas construções que aqui repetimos: a) *O João correu a casa toda (à procura do livro) (=percorreu)*. b) *A canalização corre a casa toda (atravessa/percorre)*.

A construção a) implica um sujeito com controlo e com mobilidade. A construção b) implica um sujeito sem controlo sem mobilidade. A inexistência de imobilidade em *corredor* foi já notada por nós. Logo, podemos estipular que *corredor* é um ‘espaço que atravessa outro espaço em relação ao qual é definido’. Apesar de se tratar de uma construção bivalente, esta é inacusativa (cf. Levin & Rappaport Hovav 1995). Esta explicação suporta, pois, a hipótese b). Nesta hipótese, o processo de formação de *corredor* implica que o traço do sufixo coindexe verticalmente por ^s com o traço [objecto] de fonte léxico-conceptual verbal, correspondente em termos argumentais ao argumento interno do verbo.² Por último, a célula ‘objecto’ coindexa horizontalmente através de ^σ com o traço [loc] (tabela Y e 11).

O facto de existirem diversos produtos em *-dor* formados a partir da coindexação de [objecto] de verbos bivalentes inacusativos, como *sustentador*, *ocupador*, *habitador*, *morador*, *simbolizador*, entre outros, reforça a aceitabilidade desta hipótese (tabela Y e 12).

A inexistência de locativos a partir desses verbos não é entrave a essa aceitabilidade por duas razões:

- 1) os locativos são secundários nos produtos em *-dor*;
- 2) o carácter locativo de *corredor* advém de fonte léxico-conceptual, na medida em que o verbo *correr*, na acepção de *atravessar/percorrer* com sujeito sem controlo, insere na sua estrutura léxico-conceptual um objecto especificado como ‘espaço’.

Contudo, a existência de uma forma como *comedor*, do castelhano, que indica ‘espaço de uma casa onde se come’, alerta para a possibilidade de *corredor* ser explicável através da hipótese a). Esta hipótese parte da construção transitiva com sujeito com controlo exemplificável em *O João correu a casa toda (à procura do livro)*.

Tal como *comedor* é lido como ‘espaço onde uma causa come’, *corredor* pode ser lido como ‘espaço através do qual uma causa corre (=percorre) outro espaço’. Neste caso, estamos perante um processo análogo ao da formação de *toucador* ‘locativo’ e de *obrador*, que prevê a coindexação vertical entre o traço do sufixo e o traço [loc], sem mediação da coindexação com [causa] (ou [objecto]).

A hipótese permite ainda considerar que *corredor* representa uma causa não-argumental resultante do redobro da estrutura léxico-conceptual do verbo. Neste caso,

² Recordamos que a utilização da expressão “correspondente em termos argumentais” visa salientar que não se trata de coindexação ao nível da estrutura argumental, mas léxico-conceptual. A referência a essa correspondência argumental tem como objectivo facilitar a identificação do traço.

operar-se-ia coindexação vertical do traço do sufixo com [causa] de fonte extra. *Corredor* seria ‘espaço que faz que (que coadjuva) uma causa (a) (per)corra(er) um espaço’. Rejeitamos esta hipótese do redobro, visto esta implicar uma causa instigadora, vector ausente dos parâmetros semânticos de *corredor*.

Quanto à hipótese a) sem redobro, ainda que não pareça despropositada, assemelha-se-nos menos convincente do que a b) face à não necessidade de estipular um traço de fonte extra, ou pelo menos de fonte léxico-conceitual mas com carácter oblíquo, processo obrigatório na hipótese a), mediante a existência da construção b) que prevê o ‘espaço’ como coincidente com componente recto da estrutura léxico-conceitual. Parece-nos, pois, que a hipótese b) resolve a questão de um modo sistematicamente mais simples do que a hipótese a), para além de explicitar de modo mais simples a relação de definição entre espaços contida nas acepções observadas. Note-se, no entanto, que a hipótese a) não apresenta motivos sistémicos de rejeição.

A propósito dos lexemas que apresentam semantismo locativo, verificámos já que o traço [que tem a função de] não insere o conceito de ‘capacidade’. Tal característica é observável em produtos que designam ‘causa humana’, como por exemplo, *trabalhador*. Este lexema comporta a indicação de ‘indivíduo que tem uma função’ e não de ‘indivíduo que tem uma capacidade’ (cf. cap. V, § 2.1).³

Repare-se que nestas construções não pretendemos fazer uso dos lexemas em *-dor/-dora* como sujeitos a graduação, do tipo *esta ave é uma grande corredora/esta ave é uma*

³ Poderá, no entanto, contestar-se a definição de [que tem a função de] através da exclusão de [capacidade] reservado para a compreensão do traço [que tem a funcionalidade de]. Essa contestação basear-se-á no facto de determinados produtos em *-dor* designarem indivíduos carregados com uma capacidade. Por exemplo, um *aspirador* ou um *carregador* só cumprem as funções de *aspirar* e de *carregar* se tiverem as capacidades necessárias ao cumprimento dessas funções.

No entanto, é salientável que o cumprimento de funções decorrentes de capacidades para tal se encontra preso aos operadores *-deiro/-deira*. É através destes sufixos que se designam nomes de animais e de plantas, como *cuspidora* (réptil), *trepadeira* (ave e planta), *subideira* (ave), *escrevedeira* (ave), para os quais não seriam possíveis as formulações *cuspidora*, *trepadora*, *subidora*, *escrevedora*, que parecem mais apontar para categorias supra-espécies e não tanto para espécies. Esta característica deve-se ao facto de os produtos em *-dor* possuírem sobretudo função apositiva (modificação, de acordo com Croft (1991:108)) e não individualizadora (referenciação (Croft 1991:108)).

A tendência para função apositiva não é alheia ao facto de alguns destes produtos serem conversos de adjectivos e de, devido à sua grande disponibilidade, não possuírem o grau de lexicalização ocorrente nos produtos em *-deira/-deiro* em conexão com a sua escassa disponibilidade. Assim, os produtos em *-dor* que designam ‘causa animal’ possuem sobretudo a particularidade semântica de modificarem o tipo de indivíduo designado. Tal particularidade, prototípica da categoria dos adjectivos, é explicável nos produtos em *-dor* devido à possibilidade de aposição que ressalta em fórmulas como *ave corredora/ave palradora animal ornejador* expressáveis através da substantivação *esta ave é uma corredora/esta ave é uma palradora/este animal é um ornejador*.

grande palradora/este animal é um grande ornejador, situação que aproximaria mais os lexemas dos adjectivos, mas antes como epítetos como em *esta ave pertence à categoria das corredoras/ esta ave pertence à categoria das palradoras/ este animal pertence à categoria dos ornejadores*. Ainda que ambas as construções sejam possíveis, a distinção entre uma versão mais próxima de adjectivo e outra mais afastada permite compreender que a inclusão dos produtos em *-dor* que apresentam valor de modificação na nossa análise se revela apropriada, na medida em que esse valor de modificação funciona como epitetização instanciadora de referencialidade.

Como tal, *baloucador, choutador, galopador, planador, tremedor, trotador, voador*, construídos a partir de verbos inergativos de moção, *arrulhador, balador, bramador, cacarejador, ladrador, mugidor, nitridor, trucilador, uivador, zurrador*, construídos com base em verbos inergativos de emissão de som e *cobrador, murador, quitador, sacador, saltador*, construídos a partir de verbos transitivos de capturar, podem funcionar como epítetos em expressões do tipo *este animal pertence à categoria dos trotadores/muradores/uivadores*, sem que constituam estas posições categorias taxonómicas científicas, mas apenas categorias taxonómicas criadas conceptualmente por qualquer falante.

É interessante observar que as percentagens de relevo de ‘causa animal’ resultam destes três tipos de verbos acima indicados. Também relativamente ao semantismo de ‘causa animal’ em produtos de outros sufixos os verbos inergativos de modo de moção e de emissão de som se mostram mais relevantes na sua formação (vejam-se os dados fornecidos nas tabelas B 15, B 13, B 3 e B 2 relativos aos sufixos *-nte, -ão, -deira e -deiro*).

Situação diversa é a que decorre de *imperador*, que, de acordo com Domingos Vieira, designa «diversos animaes que se distinguem por suas grandes dimensões, ou por côres brilhantes, notavel ao peixe denominado *Xiphias espadon*, do genero holocantho; a uma borboleta diurna chamada vulgarmente *Tabaco d’Hespanha*; a algumas aves cuja cabeça é adornada com um brilhante diadema». Neste caso, parece haver propriedade de referenciação e não modificação.

Esta discrepância corrobora, no entanto, a nossa explicação de que os semantismos de ‘causa animal’ nestes produtos decorrem sobretudo da propriedade de modificação que explica a tendência que estes produtos possuem para designarem categorias supra-espécie e não espécies. Tratando-se *imperador* de substantivo absolutamente lexicalizado, sem capacidade de modificação, é natural que a sua utilização na designação de um animal

opere a referenciação deste e não uma modificação apenas conseguida com o apoio de um grau menos especializado do tipo de semantismo. Assim, apenas se *imperador* fosse utilizável como ‘aquele que tem a função de imperar’ - semantismo que lhe é genericamente inerente, mas que se encontra subsumido na lexicalização específica de «Soberano de um imperio», de acordo com Domingos Vieira - seria possível a sua integração em enunciados com a função de modificação. O facto de que *imperador* se encontra lexicalizado é demonstrável pelo escasso grau de aceitabilidade de um enunciado como (*O Rui impera nas aulas com as suas respostas* >) ?*O Rui é o imperador das aulas com as suas respostas*. Repare-se que tal enunciado só é aceitável numa leitura metafórica de *imperador*.

Observe-se, aliás, que apenas foram encontradas 1,81% (57) de significações ‘causa animal’ no total de 3157 semantismos dos produtos em *-dor* (tabelas B 8 e B 9) e 0,00% nos produtos em *-dora* (tabelas B 11 e B 12). Em oposição, a significação de ‘causa animal’ atinge 5,37% (19) do total de 354 semantismos dos produtos em *-deira* (tabelas B 3 e B 4) e 2,94% (2) do total de 68 semantismos dos produtos em *-deiro* (tabelas B 1 e B 2). Esta diferença residirá no facto de *-dor/-dora* expressar indivíduos com função e não com funcionalidade, tal como definidas neste trabalho, acrescido ao seu carácter apositivo e não individualizador.⁴

A definição do traço do sufixo [que tem a função de] é identificadora da distinção que os produtos em *-dor* mostram face aos produtos em *-nte*. O factor determinante para a sua distinção reside no componente de ‘propriedade’ inerente ao traço do sufixo *-nte*, ausente do traço do sufixo *-dor*.

A importância dos traços semânticos dos sufixos é patente na inexistência de uma correlação unívoca entre sufixos nominalizadores e tipos de bases verbais. Ou seja, apesar de existirem tendências que se prendem com a selectividade do sufixo, já tivemos ocasião de observar que a selecção das bases verbais não se fundamenta na totalidade do lexema, mas antes em componentes do lexema, o que demonstra a versatilidade e a finura dos processos genolexicais.

⁴ Esta separação entre *individualização/referenciação* e *modificação/epitetização* não é gerida pelos mesmos parâmetros com que o é a distinção entre substantivos *classificadores*, *caracterizadores* e *identificadores* desenvolvida por Laca (1986: 271-294). A distinção que utilizamos no nosso trabalho faz reunir sob *modificação/epitetização* os *classificadores* e os *caracterizadores* de Laca. A *individualização/referenciação* já terá ligação com os *individualizadores*. Para uma aplicação da proposta de Laca (1986) ao espanhol, veja-se Santiago Lacuesta & Bustos Gisbert (1999: 4543-4544).

O modo como a selecção é operada mostra que a adequabilidade das faces semânticas das bases verbais face ao sufixo se baseia na proximidade daquelas com o traço semântico deste. Essa proximidade, que, em alguns casos, se revela no bloqueio de classes maiores de verbos, é, no entanto, na maior parte das vezes visível nas operações de aproveitamento da decomponibilidade mais fina dos elementos das estruturas semânticas. Assim, não se trata de jogar com grandes classes de tipologia semântica, como as que são representadas pelos tipos inergativo ou inacusativo ou pelas classes eventivas definidas compositamente como em Vendler (1967), mas antes de colher componentes mais finos de composição.

Como tal, a estipulação de Duarte (2003a: 301) e de Villalva (2000: 95-96) de que os produtos em *-dor* não são formados a partir de verbos inacusativos, é desmentida pela análise dos dados concretos. A existência de deverbais em *-dor* a partir de verbos inacusativos é representativa do *modus operandi* a partir de componentes finos das estruturas semânticas. A sua existência não contraria a caracterização de *-dor*, se esta for feita a partir de uma análise aturada dos produtos e que não se prenda a conclusões baseadas apenas num tipo maioritariamente representado, nem tome extensões de significação pela significação central.

Queremos com isto dizer que uma análise que não tenha em consideração que a genolexia trabalha com elementos que se agrupam em composições, e não propriamente com essas composições em si mesmas, tomadas como blocos unitários, confundirá traços de fonte que não o sufixo com o semantismo final dos produtos.

Por exemplo, a ligação forte que existe entre os produtos em *-dor* e o traço [causa] pode levar a que se estipule ‘agente’ como semantismo final destes lexemas. É, no entanto, necessário percebermos (i) que [causa] é um traço que não se encontra inscrito no sufixo, mas na estrutura léxico-conceptual do verbo ou em fonte extra; (ii) que a relevância do traço [causa] nos nomes em *-dor* decorre da coindexação numericamente relevante entre esse traço e o traço do sufixo [que tem a função de]; (iii) que este último traço não se define por ‘causa’, mas por um valor que é coadunável com ‘causa’. Só assim compreenderemos que ‘agente’ não é proposto por acção do sufixo, pelo que não ocorrerá em todos os produtos em *-dor*, mas apenas em parte deles, ou seja, naqueles cuja determinação resulta de componentes verbais e não sufixais.

O traço de *-dor* define [que tem a função de] e os componentes verbais e de fonte extra, que são chamados a intervir devido a coadunação com o traço sufixal, determinam

fortemente o resultado semântico final. Assim, se quiséssemos definir a selecção do sufixo *-dor* através, por exemplo, do carácter activo/passivo dos sujeitos das bases verbais, do carácter de argumento externo/argumento interno do mesmo ou do factor de controlo/ não-controlo, não obteríamos resultados válidos.

Vem este excuro teórico a propósito da oposição entre os produtos em *-dor* e os produtos em *-nte*. Perante pares como *falante/falador*, *conservador/conservante* seria estipulável que os produtos em *-dor* mostrassem indivíduos com controlo sobre o evento, enquanto os produtos em *-nte* mostram indivíduos sem controlo sobre o evento. Realmente, não existe controlabilidade por parte dos sujeitos *falante* nem *conservante*, enquanto os sujeitos *falador* e *conservador* já controlam o evento.

Contudo, exemplos como *sofredor*, *padecedor*, *merecedor*, *predominador* não ostentam capacidade de controlo do evento, enquanto *arguente*, *veraneante*, *intendente*, *caminhante* mostram capacidade de controlo do evento.

A oposição *horripilador/horripilante* mostra-se interessante ao permitir observar que a partir do mesmo verbo se obtêm semantismos diferentes, sem que se passe pelo carácter de controlo/não-controlo. *Horripilador* designa, de acordo com o DLP, «músculo liso que existe na pele, e que, contraindo-se, obriga a levantar o pêlo a que está ligado.». *Horripilante* qualifica qualquer ‘indivíduo que provoque horripilação a outro’, ou seja, ‘que lhe ponha os cabelos em pé’, seguindo o étimo latino de HORRIPILĀRE. Em ambos os casos estamos perante indivíduos sem controlo sobre o evento. Mesmo no caso de *horripilador*, o tipo de relação que o referido músculo tem com o evento não cabe nos moldes de controlo do evento a que nos referimos, na medida em que a acção do músculo é instigada por estímulos e pelo órgão central e não pelo músculo em si mesmo, que não efectua o evento voluntariamente e, como tal, não controla a sua actuação sobre o evento.

A hipótese de colocar como ponto de oposição entre *-dor* e *-nte* o carácter transitivo das bases do primeiro e o carácter inacusativo das bases do segundo também não mostra adequação à realidade. É verdade que não deve descurar-se a fraca representatividade de bases inacusativas nos produtos em *-dor* (1,12%) face às bases transitivas (89,19%) (cf. § 2.3.2.6 do cap. IV, tabela IV 4), nem a presença acrescida de bases inacusativas nos produtos em *-nte* (17,48%) face a um decréscimo de bases transitivas (67,04%) (cf. § 2.3.2.12 do cap. IV, tabela IV 4).

Contudo, estas tendências, que, de resto, são de grande interesse por permitirem dimensionar o tipo de semântica operado pelo sufixo, não devem ser com este confundidas.

Se não é descurável a escassez de bases inacusativas nos produtos em *-dor*, a sua presença não pode, no entanto, ser esquecida. Se existem bases inacusativas nos produtos em *-dor* é porque a selecção deste produto não se finca nestes caracteres. De igual modo, se existem bases transitivas nos produtos em *-nte*, como existem também inacusativas e inergativas, a selecção de *-nte* não se baseia nestas classes.

Significa isto que a escassez de bases inacusativas em *-dor* e o seu aumento em *-nte* é meramente casual e, por isso, não deverá ser tida em conta na nossa análise? A resposta é indubitavelmente negativa. Assim como a presença destes tipos de bases mostra que a selecção do sufixo não é pelas bases determinada, também os valores numéricos mencionados mostram tratar-se de consequências do tipo de traço de sufixo em acção.

Estamos perante o mesmo tipo de consequência/extensão estrutural que analisámos relativamente aos deverbais em *-ção* e em *-mento* a propósito das extensões de sujeito com controlo/sem controlo resultantes dos traços de [efectuação] e [processo] de cada um (cf. §§ 1.4 e 1.5 do cap. VI).

Já aqui referimos que o traço [que tem a função de] exerce atracção sobre o traço [causa] devido à adequabilidade semântica entre o ‘cumpridor de uma função’ e o ‘instigador de um evento’. Ora, o instigador de um evento possui maior proximidade com um sujeito com controlo do que com um sujeito sem controlo. Destas proximidades/adequabilidades semânticas decorre a tendência que os produtos em *-dor* manifestam em desenharem indivíduos controladores. Ora, o carácter de sujeito com controlo é maior nos verbos de tipo transitivo do que nos verbos de tipo inacusativo, pelo que assim se justifica a presença maioritária de bases transitivas face à escassez de bases inacusativas.

Contudo, o facto de existirem contra-exemplos a esta tendência prova que o traço do sufixo não é [causa com controlo], mas antes [que tem a função de], ou seja, um traço que atrai aquele tipo de causa, mas que não exclui o seu contrário, ou ainda outros tipos de sujeitos, como experienciador e objecto.

Em síntese, é o traço do sufixo que permite validar por que motivo se formam produtos em *-dor* a partir de verbos inacusativos, por exemplo, do mesmo modo que também produtos em *-nte*. A validação das bases não é obtida, para estes sufixos, através do factor inergatividade/inacusatividade/transitividade, na medida em que existem produtos quer de um quer de outro sufixo a partir dos três tipos de verbos mencionados.

A oposição entre os produtos em *-dor* e *-nte* é verificável pela análise de pares com os dois sufixos gerados a partir da mesma base verbal. Como exemplos, destacamos *pensador/pensante*, *seguidor/seguinte*, *definhador/definhante*, *absorvedor/absorvente*, *aliciador/aliciante*, *carburador/carburante*, *coagulador/coagulante*, *extenuador/extenuante*, *fatigador/fatigante*, *fascinador/fascinante*, *gratificador/gratificante*, *habitador/habitante*, *horripilador/horripilante*, *trucidador/trucidante*, *falador/falante*, *conservador/conservante* e *navegador/navegante*.

Os produtos em *-dor* mostram indivíduos ‘que têm a função de’, enquanto os produtos em *-nte* mostram indivíduos ‘que têm a propriedade de’. Estes últimos efectuam o evento porque possuem inerentemente características que proporcionam a sua efectuação. Recordamos os exemplos de *falante* e *falador*, *horripilante* e *horripilador*. O grilo falante é-o porque tem propriedades inerentes que lhe possibilitam falar. O ser humano é falante porque tem essas propriedades e não porque cumpre a função de falar. Ora, acontece que, por extensão, devido ao carácter inerente das propriedades, o indivíduo não controla essas propriedades, facto que explica a tendência que os produtos em *-nte* possuem em representar sujeitos sem controlo. É que na definição do traço do sufixo *-dor* não tem lugar a noção de ‘propriedade inerente’. Como tal, a tendência está na expressão de sujeitos com controlo sobre o evento, visto a efectuação deste não depender de propriedades inerentes do sujeito, ou seja, por este incontroláveis.⁵ Observaremos com mais detalhe esta distinção no § 1.10 dedicado aos produtos em *-nte*.

Também os semantismos de ‘causa vegetal’ (*penteador*, *trepador*, *balador* apostos de plantas, de acordo com Domingos Vieira) e ‘causa substância’ (*trepador* apostado de *vinho*, de acordo com Domingos Vieira, *cintilador* «substância capaz de produzir luminescência», de acordo com o DLP, *isolador* «substância que opõe uma resistência eléctrica muito elevada à passagem de uma corrente», tomado do DLP, *adormentador* «Que produz dormencia, somnolencia, esquecimento; sedante, sedativo, soporífero, narcótico.», de acordo com Domingos Vieira, *aquietador* «sedante, sedativo», de acordo com Domingos Vieira,

⁵ O relevo do traço [que tem a função de] desconectado da noção de controlo é visível no número de designadores de músculos ou partes do corpo em *-dor*. *Inspirador*, *expirador*, *rotador*, *ejaculador*, *abaixador*, *levantador*, *dilatador*, *horripilador*, *obturador*, *bucinador* exemplificam esses lexemas.

Saliente-se que não foi encontrada nenhuma designação de músculo nos produtos em *-nte*, pois estes não designam indivíduos que cumprem funções. Ora, a definição dos músculos passa pela noção de ‘função’ e não de ‘propriedade’. Não deverá esquecer-se que estamos a lidar com conceptualizações e não propriamente com dados do real.

branqueador «lixívia», de acordo com o DLP, *bronzeador* «produto para bronzear», de acordo com o DLP, *moderador* «materiais usados nos reactores nucleares para diminuir as velocidades dos neutrões rápidos criados nos processos de cisão nuclear, de que os mais usuais são a água, a água-pesada, a grafite e o berílio.», tomado do DLP, entre outros) comprovam que *-dor* se relaciona com o traço [que tem a função de] e não com o factor de controlo do evento por parte do sujeito.

Mais uma vez, o facto de estes semantismos se mostrarem em número reduzido (0,70% os ‘causa substância’ e 0,10% os ‘causa vegetal’ (tabela B 9)) comprova que tais significações são mais naturais quanto maior for a adequação entre o traço do sufixo e os restantes traços disponíveis para coindexação, o que é visível em comparação com os produtos em *-nte*, como observaremos.

A extensão convergente para ‘causa’ produz selecção de construções verbais por parte de *-dor*, quando o verbo apresenta várias possibilidades, que se coadunem com o traço do sufixo. Assim, apesar de referirmos que existe possibilidade de *-dor* se agregar a bases inacusativas, quando o verbo apresenta variantes inacusativa e transitiva, o produto resulta da variante transitiva, mesmo que esta seja secundária em relação à inacusativa (e.g. *chegador*, *acabador*, *ressuscitador*, analisados em baixo). Assim, os produtos em *-dor* com base em verbos sufixados em *-ec-* designam, geralmente, o indivíduo correspondente ao elemento da estrutura léxico-conceptual relacionável com o argumento externo da construção transitiva e não com o argumento interno das construções quer transitiva quer inacusativa, como atesta o deverbal *escurecedor*, que designa, segundo Domingos Vieira, «O que escurece, que tira o brilho.».

Se é possível a construção transitiva que implique integração de causa externa na estrutura léxico-conceptual do verbo (Levin & Rappaport Hovav 1995), o produto em *-dor* mostra que o traço [que tem a função de] coindexa com [causa] e não com [objecto], pois na relação transitiva entre ‘causa’ e ‘objecto’ cabe à primeira e não ao segundo o cumprimento de uma função.

É assim que os produtos em *-dor* dos verbos *adormecer*, *amolecer*, *amortecer*, *arrefecer*, *desvanecer*, *embrutecer*, *encarecer*, *endoidecer*, *endurecer*, *enfraquecer*, *engrandecer*, *enlouquecer*, *enobrecer*, *ensurdecer*, *enternecer*, *escurecer*, *ferver*, *rejuvenescer* ostentam não a coindexação com o traço de fonte léxico-conceptual com correspondência com o argumento interno da construção inacusativa, mas com aquele que corresponde ao argumento externo da construção transitiva.

Isto evidencia que não se trata de fazer coindexar o traço do sufixo com o argumento sujeito, situado a um nível sintáctico, visto que se assim fosse seria natural que *adormecedor*, *amolecedor*, *endoidecedor*, *fervedor*, etc. mostrassem o sujeito da construção básica que é a inacusativa. O que acontece, na realidade, é que ao escolher o elemento [causa] para coindexação, ainda que corresponda a um argumento de uma construção secundária, o sufixo mostra que a sua actuação é enraizada semanticamente e que lida com componentes e não com blocos lexicais.

Exemplos como *chegador*, *acabador*, *ressuscitador*, *relaxador* corroboram o estipulado. As suas significações são de ‘causa’, partem da construção transitiva e não da inacusativa. *Chegador* designa não ‘aquele que chega a um local’, mas, de acordo com o DLP, «operário que chega o carvão para a fornalha». *Acabador* designa não ‘aquilo que acaba/ que tem fim’, mas, de acordo com o DLP, «que ou o que acaba ou aperfeiçoa uma obra». *Ressuscitador* designa não ‘aquele que ressuscita’, mas, de acordo com o DLP, «que ou aquele que faz ressuscitar». *Relaxador* designa igualmente a causa e não o objecto.

As construções inacusativas parecem ser alvo de selecção de *-dor* quando não apresentam possibilidade transitiva e, obviamente, o objecto se mostra conciliável com o traço do sufixo. É por este motivo que não se encontram nas bases destes produtos verbos inacusativos incoativos sem construção transitiva, como *arder*, *florescer*. Os que existem são usados na construção transitiva e por isso não foram contabilizados verbos incoativos nestas bases.

Quanto aos produtos em *-dor* que jogam de facto com construções inacusativas, estes situam-se em classes léxico-semânticas em que não se coloca uma relação causativa entre dois intervenientes do evento, como é o caso de *significador*, *simbolizador*, *denotador*, ou em que o objecto apresenta relação com evento de função, mas não de causatividade, como *migrador*, *sustentador*, *transmigrador*, entre outros.

A relevância do traço [que tem a função de] regista-se ainda em formas como *recordador*, *lembrador*, que designam a causa que faz recordar, lembrar e não o indivíduo que recorda/lembra. Neste caso, perante as construções de experienciador-sujeito, presente em *o João recordou a data* e a de causa-sujeito, presente em *O João recordou a data ao Rui.*, verifica-se que é a segunda que serve de base a estes produtos.

Interessante é fazer notar o produto *deflagrador*, construído a partir de verbo inacusativo, sem construção transitiva. A significação de *deflagrador* é de, segundo o DLP, «instrumento para incendiar, à distância, substâncias explosivas; aquilo que faz rebentar ou

manifestar-se subitamente». A operação de redobro da estrutura léxico-conceitual do verbo acarretada pela coindexação do traço do sufixo com um traço de fonte extra é possível devido à atracção entre [causa] e [que tem a função de].

Aliás, a existência de causas não-argumentais designadas pelos produtos em *-dor*, ainda que em número escasso (0,29%) (tabela B 9), não é de descurar, na medida em que salienta que a [causa] pode não advir de fonte verbal, mas de fonte extra. *Suador* (DLP: «que faz suar», *chovedor* (DLP: «que faz chover»), a partir de inergativos de emissão de substância, *deflagrador* a partir de inacusativo de aparecimento, *inalador* (DLP: «instrumento próprio para inalações») de transitivo de mover em direcção específica, *lambedor* (Bluteau: «Composição pharmaceutica, de mediana consistencia, entre xarope, & a dos julepes electuarios molles, assim chamada, porque o enfermo, que o deixa ir deslizando pouco, & pouco pela garganta, não o bebe propriamente, mas em certo modo lambe-o.»⁶) de transitivo performativo, *esquecedor* (DLP: «que ou aquilo que faz esquecer») a partir de transitivo de experienciador-sujeito são os lexemas que indicam causa não-argumental.

A sua importância revela-se na mostraçãõ 1) de que ‘causa’ não é traço do sufixo, visto existirem outros semantismos nos seus produtos e 2) de que o sufixo não coindexa com sujeito. Se o sufixo coindexasse com a função sintáctica de sujeito, não ocorreria redobro da estrutura léxico-conceitual, sobretudo se tivermos em conta que algumas destas ‘causas não-argumentais’ decorrem de verbos com sujeitos-causa controladores do evento, como *lamber*, e que o factor experienciador-sujeito não é impedimento a *-dor*, como mostram *aborrecedor*, *abominador*, *admirador*, *respeitador*, entre outros.

Não devemos esquecer, mais uma vez, que a ‘causa’ não funciona como corolário dos produtos deste sufixo. Os lexemas *capador*⁷ e *penteador* mostram claramente o imperativo do traço [que tem a função de] isolado de conexões com [causa]. O primeiro lexema designa, para além de ‘causa humana’, segundo Bluteau, «Instrumento pastoril de varios canos em diminuição, que se tange correndo pela boca, & se chama capador, porque o costumaõ tanger aquelles, que vem às villas a caparem porcos.». Ora, nesta significação não se verifica qualquer papel de causa, mas de instrumento que acompanha a ‘causa humana’, sem que coadjuve directamente na efectuaçãõ do evento.

⁶ Poderíamos colocar a hipótese de considerar *lambedor* como tecido através de coindexação com [objecto]. Contudo, rejeitamos essa hipótese, pois *lambedor* não é ‘aquilo que se lambe’, mas ‘aquilo que faz lambe’, ou seja, que obriga o sujeito a operar desse modo e não de outro.

⁷ A explicação que sugerimos para o semantismo de *capador* não anula a explicação metonímica. Contudo, a nossa proposta apresenta a vantagem de analisar quais os componentes semânticos envolvidos no processo genolexical de modo coeso e gerativo (cf. Pustejovsky 1995).

Quanto a *penteador*, Bluteau refere a significação de «O panno de linho, que se poem ao redor do pescoço, & com que se cobrem os hombros, por não sujar o vestido com cabellos, ou carepa da cabeça, quando alguém se pentea.». Trata-se, como o anterior, de instrumento sem conglomeração com causa. A intervenção do traço do sufixo [que tem a função de] é patente no facto de estes dois instrumentos cumprirem funções relacionadas com os eventos designados, mas não com a sua efectuação directa.

Casos como *penteador* e *capador* são marginais, na medida em que os instrumentos designados pelos produtos em *-dor* ocorrem maioritariamente conglomerados à célula ‘causa’. Comparativamente com *-nte*, o relevo torna-se maior, pois os produtos destes não apresentam semantismos de instrumentos. O motivo dessa ausência prende-se com o facto de os instrumentos não dependerem de propriedades inerentes, mas de funções para que são desenhados.

As significações de ‘instrumento’ são sobretudo de ‘causa instrumento’ (5,80%) e ‘causa instrumento máquina’ (5,35%). Os ‘causa instrumento autónomo’ aparecem apenas em 1,90% das significações (tabela B 9). Verificaremos estas com mais atenção a propósito dos produtos em *-dora*.

Por último, focamos que, apesar de haver possibilidade de mostração do experienciador, o facto de existir maior número de bases verbais de estímulo-sujeito (3,91%) do que de experienciador-sujeito (1,12%) (cf. § 2.3.2.6 cap. IV, tabela IV 2) mostra a maior adequabilidade entre o traço [que tem a função de] com o instigador do evento do que com o experienciador.⁸

Interessante é o caso de *aborrecedor* que apresenta duas significações, a saber: «que ou o que causa aborrecimento» (DLP) e «Aquelle que detesta, e que, para certa pessoa ou cousa, sente só aborrecimento.» (Domingos Vieira).

Esta acepção correspondente ao experienciador vai ao encontro da construção *O João aborreceu o leite*, enquanto a acepção correspondente ao estímulo se baseia na construção *A notícia aborreceu o Mário*. Nestas construções, quer o elemento [experienciador], quer o elemento estímulo ([causa]) possuem grau equiparável de adequação à coindexação com [que tem a função de].

Em resumo, o sufixo *-dor* apresenta a extensão de causa activa, com controlo sobre o evento, como decorrente da adequação ao traço do sufixo. Assim se explica a ocorrência

⁸ Recorde-se o mencionado no § 1.2.3 do cap. IV a propósito dos verbos de experienciador-sujeito e de estímulo-sujeito. Veja-se Levin & Rappaport Hovav (2005: 159-160).

de produtos a partir de verbos psicológicos com sujeito com controlo, como *divagador*, *cismador*, *devaneador*, *raciocinador*, *meditador*, *razoador*, *sonhador* que representam cumpridores de funções. Observe-se que a base *pensar* que designa função e propriedade, dá origem a *pensador* e a *pensante*. Tal não acontece com os verbos que designam funções e não propriedades, como os que dão origem aos produtos em *-dor* acima elencados.

A caracterização semântica do sufixo e dos seus produtos deixa compreender que a existência de bases em *-iz-* e *-ific-* para estes produtos se baseia na adequação entre a semântica de ‘efectuação’ acarretada por estes sufixos verbalizadores e o traço [que tem a função de] de *-dor*.

1.2 Produtos em *-dora*

Para a descrição destes objectos (tabelas Y f), é necessário ter em conta que os resultados numéricos relativos ao total de produtos em *-dora* (tabela B 12) e às significações desenvolvidas se revelam substancialmente mais baixos do que os relativos aos produtos em *-dor* devido ao carácter citacional da forma masculina.

Foram apenas contabilizadas 33 formas marcadas em *-dora*, face a 2201 formas genéricas correspondentes a *-dor* (tabela III 1). Significa isto que 33 lexemas apresentam semantismos diferenciados e lexicalizados relativamente aos semantismos dos nomes em *-dor*. Os 33 lexemas em *-dora* sustentam 41 significações (tabela B 12), face a 3157 significações correspondentes aos 2201 de formas em *-dor* (tabela B 10).⁹

Dos 33 lexemas constantes do *corpus* Bluteau apenas oferece entrada para dois lexemas (*encobridora* e *governadora*); Domingos Vieira também (*governadora* e *calculadora*). Não é alheia a este facto a diacronia dos semantismos que, ao apresentarem tendencialmente ‘causas instrumentos máquina’, representam referentes de cronologia posterior a estes objectos lexicográficos.

⁹ Mais uma vez alertamos para o facto de as formas em *-dor* funcionarem de modo genérico, sobretudo as que contêm as significações de ‘causa’, ‘causa animada’, ‘causa animal’, ‘causa humana’ e ‘objecto’. As significações de ‘causa instrumento’, ‘causa instrumento máquina’ e ‘causa instrumento autónomo’, bem como as que indicam ‘locativos’, independentemente da especificação do tipo de locativo, não apresentam carácter genérico, mas são consolidadas na fórmula feminina ou masculina em que ocorrem fixamente. Observe-se que estas significações de relação fixa ou com o masculino ou com o feminino demonstram maior grau de lexicalização, assim como carácter referencial a que não é alheio o maior grau de carácter de substantivo e menos de adjectivo, enquanto as significações que emergem numa e noutra forma revelam ser menos lexicalizadas, o que se reflecte no facto de possuírem pendor mais modificador do que referencial.

Passemos à observação dos semantismos referenciais em *-dora* (cf. tabelas B 11 e B 12). Dos 41 semantismos deste tipo, 73,17% (30) são de ‘causa instrumento máquina’. Seguem-se as ‘causas humanas’ com 17,07% (7). ‘Causa instrumento’, ‘causa instrumento autónomo’, ‘locativo pequeno causa’ e ‘experienciador’ apresentam somente 1 ocorrência cada, correspondente a 2,44 valores percentuais. Significa, pois, que os semantismos particulares em jogo não se encontram em formas masculinas.

No que toca aos designadores de ‘causa humana’, as formas femininas designam profissionais, como *aveludadora* (DLP: «mulher que, nas fábricas têxteis, está encarregada de aveludar os tecidos.»), *visitadora* (DLP: «agente do serviço social que faz visitas domiciliárias de inquérito.»), *fechadora* (DLP: «mulher que fecha as caixas ou os pacotes, nas fábricas de tabaco.»), *cosedora* (DLP: «mulher que cose velas, seiras de figos, etc.»), *auscultadora* (DLP: «religiosa que acompanhava outra ao locutório para ouvir a conversa.»).

A importância do carácter de profissão das ‘causas humanas’, bem como do vector ‘máquina’ especificadora do tipo de ‘causa instrumento’, revela-se no carácter técnico de ambos, resultante do traço [que tem a função de]. Quer as profissionais quer as ‘causas instrumentos máquinas’ mostram indivíduos que são definidos de acordo com a sua função. No que toca a ‘causa instrumento máquina’, como a qualquer ‘instrumento’, como já elucidamos no cap. V, § 3.2, a função não resulta de propriedade inerente, mas antes do propósito com que foram construídos por ‘causa humana’ ou ‘animal’, no caso de não se tratar de máquina. As ‘causas instrumentos máquinas’ dos produtos em *-dora* manifestam maior carácter técnico, relacionado com actividades profissionais, como por exemplo *embobinadora*, *empilhadora*, *desfiladora*, *ratinadora*, *niveladora*, *granuladora*, *escavadora*, *tabuladora*, *misturadora*.

Saliente-se que o único semantismo ‘experienciador’ possui também carácter de função a tender para tarefa profissional (*auscultadora*), assim como o único ‘locativo pequeno causa’ (*incubadora*).

Esta prevalência de carácter profissional nos produtos em *-dora*, ou seja, naqueles que mostram especialização no género feminino, é explicável pelo grau de lexicalização que estes lexemas ostentam que é concentrado em simultâneo no semantismo com maior lexicalização construído com o traço [que tem a função de]. Assim, a lexicalização deste traço consolida-se no domínio em que ‘função’ encontra maior grau de referenciação: o domínio técnico-profissional. Em suma, as significações de pendor mais referencial e menos modificativo, que representam uma maior lexicalização do traço do sufixo,

apresentam vectores semânticos em que o traço [que tem a função de] emerge de modo mais sólido. Trata-se do campo relacionado com técnicas profissionais. Daí que os lexemas em *-dor*, apesar de também mostrarem ‘causa instrumento máquina’, apresentem maior tendência para ‘causa instrumento’ e ‘causa ‘instrumento autónomo’ do que *-dora*. É que formas como *aspirador, tapador, aferidor, analisador, mexedor*, ainda que mostrem instrumentos com função de, não possuem carácter técnico-profissional vincado como os ‘causa instrumento máquina’ desenvolvidos em *-dora*, na medida em que apontam funções cumpridas comezinamente e não tanto profissionalmente.¹⁰

Observe-se que a ausência de verbos inacusativos bem como de verbos inergativos das bases dos produtos em *-dora* (cf. § 2.3.2.1 do cap. IV), não especificadores de técnicas profissionais, é justificada por este factor.¹¹

Em suma, o facto de a forma *-dora* veicular maior percentagem de ‘causa instrumento máquina’ deve-se à circunstância de haver uma correlação entre a forma morfológica que se presta a mostrar maior lexicalização - a forma marcada - e os semantismos que mostram maior lexicalização do traço [que tem a função de]: os semantismos técnico-profissionais. Não existe correlação entre feminino e máquina, mas antes entre forma marcada que se presta a mostrar maior lexicalização e semantismo mais lexicalizado.

Refutamos pois a hipótese que considera que as formas em *-dora* pressupõem a existência sintáctica eliptizada do lexema *máquina*, na medida em que este poderia ser comutado por um masculino como *aparelho, mecanismo, maquinismo, engenho*, etc., que proporiam forma masculina. Tal explicação é defendida, por exemplo, por Grossmann (1998: 387) relativamente aos produtos em catalão, que explicita que a escolha entre o masculino e o feminino se faz com base na distribuição respeitante ao primitivo uso adjectival dos produtos, a partir do qual se obtêm nominalizações elípticas em que se

¹⁰ Observe-se que *analisador de partículas* adquire carácter técnico-profissional apenas devido à co-presença do elemento *de partículas*. O deverbais isolado não obtém esse carácter.

¹¹ Este dado é corroborado pelo facto de, nos produtos em *-dor*, apenas ter sido encontrado um lexema ‘instrumento’ a partir de verbos inacusativos. Trata-se de *deflagrador* que, como vimos, resulta de operação de redobro da estrutura léxico-conceptual do verbo, o que por si só é representativo da não adequabilidade da inacusatividade em si mesma, sem causa externa, na efectuação de eventos técnico-profissionais. Quanto ao facto de existirem ‘instrumentos’ em *-dor* a partir de verbos inergativos, é necessário observar que são numericamente escassos e que não representam semantismos de domínio técnico-profissional. Ilustram estes dados *radiador* (DLP: «aparelho electrodoméstico destinado ao aquecimento do ambiente interno de edifícios.»), *circulador* (DLP: «aparelho que faz circular a água na caldeira das máquinas a vapor.»), que, ainda que técnicos, não são de carácter profissional, *respirador* (DLP: «aparelho que facilita a respiração.»), *assoprador* (‘fole’), *andador* (DLP: «carrinho em que as crianças aprendem a andar.»).

basearão substantivos analógicos. A própria A., contudo, assinala formas femininas e formas masculinas que contradizem essa estipulação. É, em parte, devido à existência de instrumentos mecanizados em *-dor* e de não-mecanizados em *-dora*, mas também com base no suporte teórico que já explicitámos, que refutamos esta hipótese da elipse.

A questão da lexicalização explica ainda a escassez de semantismos locativos em *-dora*. O único produto encontrado foi *incubadora*. Observe-se, no entanto, que se trata de um ‘locativo pequeno’ gerado com congregação de ‘causa instrumento máquina’ e não de um locativo puro (cf. tabela Y f 6).

Em suma, os produtos em *-dora* mostram indivíduo com função técnico-profissional sobretudo industrial. Não são correntes os domínios tradicionais trabalhados de modo manual e rudimentar. Os poucos que podem ser aplicados ao domínio da agricultura e da construção civil (*escavadora, cavadora, retroescavadora*) não são deste exclusivo, para além de apresentarem um afastamento em relação às actividades operadas rudimentarmente.

Outra consequência do alto grau de lexicalização do traço [que tem a função de] emerge na ausência de ‘causas’ que não ‘humanas’ ou produzidas por mão humana especificamente com função técnico-profissional. Assim, não se encontraram lexicalizadas, ou seja, sem contraparte masculina, como será de enfatizar, ‘causas’ como forças da natureza, vegetais ou substâncias, ou ‘causas animais’.

1.3 Produtos em *-deiro*

Os produtos em *-deiro* (tabelas Y d) apresentam um total de 68 semantismos (cf. tabelas B 1 e B 2), dentre os quais se destacam numericamente ‘causa humana’ (19,12%) e, seguidamente, ‘locativo causa’ (17,65%) e ‘locativo’ (13,24%). O somatório das designações locativas (‘locativo causa’: 17,65%; ‘locativo’: 13,24%; ‘locativo pequeno’: 4,41%; ‘locativo pequeno causa’: 4,41%; ‘locativo corpo causa’: 1,47%) atinge 41,18%. O somatório de ‘causas’ (‘causa humana’: 19,12%; ‘causa’: 4,41%; ‘causa animada’: 2,94%; ‘causa animal’: 2,94%; ‘causa não-argumento’: 13,24%) é de 42,65%. Em lugar numérico afastado ficam os ‘causas instrumentos’ cujo somatório é apenas de 2,94% (causa instrumento: 1,47%; ‘causa instrumento autónomo’: 1,47%). Interessante é o número considerável de ‘objectos adjectivos’ (7,35%) face a zero ‘objectos substantivos’.

O traço que especifica a actuação semântica deste sufixo é [que tem a funcionalidade de]. Como explicitado no cap. V, § 2.1, este traço diverge do traço correspondente ao sufixo *-dor*, [que tem a função de], pelo facto de o primeiro considerar a existência de uma capacidade dirigida para o cumprimento de uma função. Repare-se que propositadamente colocamos ‘cumprimento de uma função’ e não ‘cumprir uma função’ de modo a deixar espaço para a designação de objectos correspondentes a elementos léxico-conceptuais relacionáveis com argumentos internos de verbos transitivos. Essa é aliás uma das distinções entre ‘função’ e ‘funcionalidade’ com que aqui jogamos para a destrição semântica dos sufixos que as acarretam. A ‘função’ tende para indivíduos sujeito, enquanto a funcionalidade é ambígua relativamente ao carácter de ‘sujeito’ ou ‘objecto’ do indivíduo, usados em acepções lógicas e não sintácticas nem léxico-conceptuais.

O componente ‘capacidade’ inerente a ‘funcionalidade’ acarreta uma extensão semântica de ‘frequente’ cuja actuação será relevante nos valores finais dos lexemas.

Os semantismos de ‘causa humana’ indicam indivíduo humano que possui capacidade para efectuar a função indicada pelo evento. Essa capacidade predispõe o indivíduo para efectuar-la frequentemente, como ressalta nos lexemas *andadeiro*, *rezadeiro*, *pousadeiro*, *lavadeiro*, *fiadeiro*, *cevadeiro*, *benzedeiro*, *namoradeiro*, *traduzideiro*, *ganhadeiro* e *vindimadeiro*.

Observe-se que o modo como a extensão de frequência é resultante nestes produtos é duplo. Nuns casos a extensão de ‘frequente’ oferece ao produto um semantismo de ‘profissão’, aliado ao próprio semantismo central do sufixo de [que tem a funcionalidade de], como é ilustrado por *pousadeiro*, *lavadeiro*, *fiadeiro*, *cevadeiro* e *vindimadeiro*. Noutros casos, em que a base verbal não impõe evento que seja uma actividade desenhada profissionalmente, o semantismo final obtido adquire um valor avaliativo como em *rezadeiro*, *traduzideiro*, *ganhadeiro*, *benzedeiro*, *namoradeiro*.

As ‘causas animadas’ como *palradeiro* e *comedeiro* atestam o valor de ‘frequente’ como extensão de ‘capacidade’, bem como a tendência avaliativa.

As ‘causas animais’ como *piadeiro*, designador de ave (DLP: «peto-da-chuva»), e *lavadeiro* (DLP: «ratinho da América que costuma lavar o alimento antes de o comer.») corroboram as noções de ‘capacidade’ e de ‘frequência’ como caracterizadoras destes produtos.

Os adjectivos que indicam ‘causa’ que foram encontrados são *agasalhadeiro* (DLP: «amigo de agasalhar, de hospedar; hospitaleiro»), *casadeiro* (DLP: «casadouro», ou seja, «que

está em idade de casar») e *lavradeiro* (DLP: «diz-se do animal que se emprega nos serviços da lavoura»).

A inclusão das formas adjectivas nesta análise é justificada pela pertinência que mostram relativamente à compreensão do semantismo do sufixo. Este apresenta como valor central a noção de ‘funcionalidade’, ou seja, de ‘capacidade para o cumprimento de função’. A noção de ‘frequente’, não estando presente nas formas adjectivas, demonstra ser apenas uma extensão.

Os objectos adjectivos acentuam a primazia da noção de ‘funcionalidade’. Ilustram-no as formas *caideiro* (DLP: «que ameaça ruína; caduco»), *assadeiro* (DLP: «próprio para se assar»), *fiadeiro* (DLP: «fácil de fiar»), *malhadeiro* (DLP: «malhadiço»). Apenas *trazedeiro* (DLP: «que se costuma trazer») denuncia já a extensão de ‘frequente’. Note-se que apenas *caideiro* parte de base verbal inacusativa, pelo que o objecto corresponde neste caso a um sujeito lógico e sintáctico. Os restantes lexemas partem de bases verbais transitivas, pelo que o objecto corresponde a um objecto lógico e sintáctico.

Relativamente ao lexema *assadeiro*, Domingos Vieira fornece a indicação específica de utilização deste lexema: «Que é proprio para ser assado; nome especialmente dado a um certo queijo de Salamanca, proprio para assar.». Domingos Vieira atesta esse uso através de: «*Os queijos assadeiros de Salamanca.*» Nunes de Leão, Descrição de Portugal, p. 35».

A busca que efectuámos na internet devolve apenas *assadeiro* como ‘assador’, ou seja, ‘locativo pequeno causa’. A busca que efectuámos relativamente à forma do castelhano, *asadero*, apresenta co-textos frequentemente associados ao referido queijo. Como tal, podemos estar perante um empréstimo semântico do castelhano.¹²

A noção de funcionalidade apresenta-se de modo claro nos semantismos que designam ‘locativos’. Os ‘locativos causa’ correspondem a lexemas como *desfiladeiro*, *deslizadeiro*, *resvaladeiro*, *singradeiro*, *atascadeiro*, *atoladeiro*, *despenhadeiro*, *esbarrondadeiro*, *tragadeiro*. Apenas o último lexema apresenta traço [causa] de fonte léxico-conceptual verbal. Os restantes colhem o traço [causa] de fonte extra. Inclusivamente aqueles que prevêm [causa] na sua estrutura léxico-conceptual, como *atascar*, *atolar*, de bases transitivas locativas, e *despenhar* e *esbarrondar*, de bases

¹² A ser um empréstimo da forma castelhana, verifica-se intromissão fonética entre os sufixos *-deiro* e o castelhano *-dero* que corresponde à solução de *-TORIUS*, ou seja, *-douro* em português. (Cf. Meyer-Lübke 1895: 582).

transitivas de mover em direcção específica, sustentam ‘causas’ não correspondentes àquelas desenhadas nas bases verbais.

Por exemplo, os verbos *despenhar* e *atascar* apresentam possibilidade de construção transitiva cujo argumento externo não corresponde ao local propiciador do evento. Ou seja, podemos ter um enunciado como *O cavalo despenhou o Miguel do alto de um penhasco*, mas não **O penhasco despenhou o Miguel*. O mesmo acontece com *O Miguel atascou o carro na lama./*A lama atascou o carro*. Curiosamente, os deverbais em *-deiro atascadeiro, atoladeiro, despenhadeiro* e *esbarrondadeiro* focalizam o locativo que em termos lógicos funciona, de facto, como causa, e não a causa correspondente àquela prevista na sua estrutura léxico-conceptual.

Também assim sucede com os deverbais derivados de bases inergativas, como *deslizadeiro, resvaladeiro, singradeiro*, que designam ‘causa’ de fonte extra e não a causa que tem correspondência na estrutura léxico-conceptual dos verbos. Essa ‘causa’ de fonte extra proporciona a operação de redobro momentâneo da estrutura léxico-conceptual. Assim, *deslizadeiro* designa ‘local que faz deslizar’, *resvaladeiro* ‘local que faz resvalar’, *singradeiro* ‘local que faz singlar’. O traço [locativo] é, ao contrário do traço [causa], proveniente do próprio semantismo verbal, na medida em que estes verbos incluem o componente de [espaço] nas suas estruturas léxico-conceptuais. É esse componente locativo, inerente aliás aos tipos destas bases (moção, locativas e de mover em direcção específica), que é concebido como possuidor de capacidade para fazer cumprir o evento designado pela base.

Os locativos sem inclusão de ‘causa’ são ilustrados por *bramadeiro* (DLP: «lugar de reunião dos veados com cio»), *mijadeiro, mentideiro* (DLP: «lugar donde habitualmente se propagam boatos e mentiras»), *fiadeiro* (DLP: «fogueira em volta da qual se reúnem as mulheres da aldeia para fiar, cantar ou rezar») com projecção de componente de ‘frequência’ saliente, e *paradeiro, apeadeiro, cremadeiro, malhadeiro*. Os que desenvolvem projecção do componente ‘frequente’ participado pela noção de ‘capacidade’ possuem valor avaliativo. Todos estes semantismos implicam que os locais visados possuam funcionalidade para os eventos envolvidos, sem que essa funcionalidade seja enformada como capacidade voluntária ou controlável, vectores excluídos desde logo do tipo de referentes designados.

Ainda que o vector ‘funcionalidade’ mantenha ligação especial com ‘causa’, a sua comparação com os produtos do sufixo *-dor* deixa perceber que o grau de ligação é menor

entre ‘causa’ e [que tem a funcionalidade de] do que entre ‘causa’ e [que tem a função de]. Tal facto é visível numericamente na ascensão dos valores de ‘locativos’ sem causa nos deverbais em *-deiro* comparativamente com os deverbais em *-dor*, mas também na diminuição nos primeiros do pendor de artefacto criado ou utilizado voluntariamente por ‘causa animada’, sobretudo ‘humana’, caracterizador dos locativos em *-dor*. É de notar que os ‘locativos’ sem causa como *toucador*, *obrador* e os ‘locativos pequenos’ sem causa *cuspidor*, *defecador*, *apontador*, *copiador*, *talhador*, *toucador* são artefactos concebidos por mão humana com determinada função.

Pelo contrário, os ‘locativos’ em *-deiro* são antes lugares existentes previamente à acção humana que podem ser usados por esta com uma funcionalidade dependente da capacidade que o ‘locativo’ demonstra possuir sem intervenção humana que a molde. Em extremo, são ‘locativos’ não usados por acção humana propositada, como os ‘locativos causa’ apontados.

Destas características decorre a escassez de ‘locativos pequenos’ e de ‘locativos pequenos causa’, cujo carácter ‘pequeno’ se revela mais tendente à noção de ‘função’, conforme explicitámos no § 1.1, a propósito dos deverbais em *-dor*. Os ‘locativos pequenos’ são *mijadeiro*, *pousadeiro* (DLP: «poleiro») e *picadeiro* (DLP: «cepo sobre o qual os tanoeiros encurvam as aduelas»). Os ‘locativos pequenos causa’ são *assadeiro*, *cremadeiro* (DLP: «pira») e *cevadeiro* (DLP: «pia ou lugar onde se faz a ceva»).

Encontrou-se somente um ‘locativo corpo causa’, que é *transpiradeiro* (DLP: «poro»), de que se salienta a ausência de carácter de artefacto.

Encontraram-se apenas um lexema ‘causa instrumento’ (*moscadeiro* (DLP: «enxotamoscas»)) e um lexema ‘causa instrumento autónomo’ (*arribadeiro* (DLP: «cabo que se alado mar para a terra depois de lançada a rede de arrastar.»)). Esclareça-se que o factor ‘causa’ de *arribadeiro* é de fonte extra, dado que se trata de ‘cabo que faz alguém arribar’ e não ‘cabo que arriba’.

Em suma, tanto os locativos como os instrumentos podem indicar uso humano, por via da capacidade que os referentes demonstram para determinada funcionalidade, bem patente nos lexemas adjectivos, e não por via da focalização no carácter de manipulação humana.

1.4 Produtos em *-deira*

Os produtos em *-deira* (tabelas Y c) suportam 354 significações (cf. tabela B 4). A ‘causa humana’ possui destaque ao ocupar 27,68% dessa totalidade (tabela B 3). Seguem-se as ‘causas instrumento’ com 23,45%, as ‘causas instrumento máquina’ com 13,84% e, o que constitui interesse, as designações de ‘acção’ com 7,06%.

Face aos produtos em *-deiro*, é observável em *-deira* o aumento considerável de significações de ‘instrumentos’ cujo somatório atinge os 40,68% (23,45% ‘causa instrumento’, 13,84% ‘causa instrumento máquina’, 3,39% ‘causa instrumento autónomo’), contra 2,94% (1,47% ‘causa instrumento’, 1,47% ‘causa instrumento autónomo’, 0,00% ‘causa instrumento máquina) dos presentes nos produtos em *-deiro* (tabela B 1).

É ainda relevante a diminuição de significações locativas ‘locativos’ e ‘locativos causa’, que nos produtos em *-deiro* sustentavam, respectivamente, 13,24% e 17,65% (tabela B 1), enquanto nos produtos em *-deira* emergem apenas com 0,28% e 1,13% (tabela B 3). Os restantes tipos de ‘locativos’ apresentam valores percentuais similares. A presença de semantismos de ‘acção’ constitui novidade face à sua ausência dos produtos em *-deiro* e reproduz a projecção do componente de ‘frequência’ do traço do sufixo [que tem a funcionalidade de].

As designações de ‘causa humana’ seguem os parâmetros do mesmo tipo de semantismo desenvolvido em *-deiro*: se as bases verbais enformam evento concebido como actividade profissional, ‘causa humana’ referirá uma profissional, como *bobinadeira*, *bordadeira*, *engarrafadeira*, *assedadeira*, *brunideira*, *cerzideira*, *dobradeira*, *encartadeira*, *lavadeira*, *pregueadeira*, *fiadeira*, *empalhadeira*, *enceradeira*, etc. Se as bases verbais não evidenciarem o evento como actividade profissional, ‘causa humana’ apresentará o componente de ‘frequência’ desenvolvido em carácter avaliativo, como atestam *arruadeira* (DLP: «meretriz»), *choradeira*, *murmuradeira*, *pranteadeira*, *conversadeira*, *faladeira*, *rezadeira*.

Que o carácter de actividade profissional está dependente da sua conceptualização enquanto tal é mostrado por *carpideira*, *choradeira* e *pranteadeira*, que, por um lado, ostentam designações de cumpridoras de ofícios e, por outro, denotam carácter avaliativo.

Faça-se notar que as designações de profissionais referentes a indústria se localizam no domínio dos têxteis, de laboração ainda tradicional (*tecedeira*, *fiadeira*, *espadeladeira*, *assedadeira*: DLP: «mulher que asseda o linho, passando-o pelos dentes do sedeiro»),

tascadeira: DLP: «mulher que tasca ou espadela o linho», *cerzideira*: DLP: «mulher que se emprega em cerzir», *estiradeira*: DLP: «operária que estira os panos nas fábricas de tecidos», *debruadeira*, *dobadeira*), dos curtumes (*espichadeira*: DLP: «operária que, nas fábricas de curtumes, espicha os couros para eles secarem») e da imprensa (*dobradeira*: DLP: «mulher que dobra as folhas de impressão na encadernação»), que, no entanto, se referem igualmente a indústrias tradicionais. As restantes designações de cumpridora de actividade profissional são referentes a actividades domésticas (*lavadeira*, *abotoadeira*, *amassadeira*, *assadeira*, *brunideira*, *enceradeira*, *enchadeira* (DLP: «mulher que se emprega em encher chouriços»), *engomadeira*, *esfregadeira*) e agricultura (*lavradeira*, *mondadeira*, *respigadeira*, *alimpadeira*).

O mesmo carácter tradicional emerge nas designações de ‘instrumentos’. Apesar de estarmos na presença de uma percentagem considerável de ‘causa instrumento máquina’ (13,84%), estas são suplantadas por ‘causa instrumento’ (23,45%) (tabela B 3), o que mostra estarmos sobretudo perante instrumentos que necessitam de intervenção humana directa para que a sua funcionalidade seja activada. As ‘causa instrumentos máquinas’ mostram igualmente estados de indústria tradicional, para a nossa época, sobretudo do domínio têxtil (*encarretadeira*: DLP: «maquinismo das fábricas de fiação», *enroladeira*: DLP: «maquinismo que enrola os tecidos nas fábricas de tecelagem», *retorcedeira*: DLP: «máquina de torcer dois ou mais fios»), ou de processos agrícolas, que apesar de mecanizados, se mostram já tradicionais para os moldes actuais, como *empacotadeira* (DLP: «máquina agrícola para enfardar palha ou feno»), *enfardadeira* (DLP: «máquina agrícola que serve para enfeixar e comprimir a palha ou o feno»), etc.

As ‘causa instrumento’ desenvolvem-se igualmente em domínios tradicionais e domésticos, como atestam *bulideira* (DLP: «pá com que se separam os pães no forno»), *zinideira* (DLP: «pedaço de verga espalmada, preso por um fio a um pau que os rapazes agitam para o fazerem zunir»), *enquerideira* (DLP: «corda com que se prende a enquerida»), *apeadeira* (DLP: «poial ou escadinha que serve de degrau a quem monta ou desce do cavalo»), *lançadeira* (DLP: «peça do tear, em forma de naveta, com um pequeno cilindro ao meio (canela) em que se enleia o fio que os tecelões ou tecedeiras fazem passar pela urdidura»), *arrasadeira* (DLP: «pau cilíndrico que serve para arrasar (medidas»)), *calcadeira* (DLP: «pau com que os moleiros calcam a farinha nos sacos»), entre outros.

As ‘causas instrumentos autónomos’ continuam os domínios tradicionais dos restantes ‘instrumentos’, como revelam *alçadeira* (DLP: «fita que serve para prender a roupa

que é muito comprida»), *embaladeira* (DLP: «pl. peças curvas na parte inferior de um berço, para lhe facilitar o balanço»), *tapadeira* (DLP: «grande rolha»), *desmamadeira* (DLP: «chupeta de trapos embebida numa substância amarga, que se dá a chupar às crianças por ocasião do desmame»), etc.

Independentemente da especificação do ‘instrumento’, os semantismos deste tipo mostram domínios domésticos e tradicionais, mesmo nos casos de indústrias, como a têxtil. Não estamos perante semantismos fabricados actualmente, como divulgam os domínios industriais em jogo e os de actividades e eventos domésticos. Como tal, estes produtos são distintos dos produtos em *-dora*, que sustenta carácter mais tecnologicado das indústrias envolvidas.

Este facto vai ao encontro do tipo de bases morfológicas encontradas para estes produtos, dominadas por 53,15% de formas morfematicamente opacas e apenas 4,33% de formas morfematicamente transparentes (cf. § 6.2.8 do cap. III, tabela III 2). Estas últimas revelam-se de uso não-erudito, o que corrobora o carácter não-culto destes produtos.

O traço [que tem a funcionalidade de] é visível nos semantismos de ‘causa animal’. Dentro destas emergem designações de espécie, baseadas na ‘funcionalidade’ do animal em causa. Recorde-se que, pelo contrário, os produtos em *-dor* designam categorias supra-espécie. Interessante é o facto de cinco produtos designarem a mesma ave (*engatadeira*, *engatinhadeira*, *marinhadeira*, *trepadeira*, *engarradeira*), que, embora comum, nem é prototípica de Portugal. Outras designações de aves são *assobiadeira* e *piadeira* (‘alfanado’), *chiadeira* (‘felosa’), *choradeira* (‘galispo’), *lavadeira* (‘alvéola’), *cantadeira* (‘cotovia’) e *escreveadeira*. Encontraram-se ainda as designações de peixes *balhadeira* e *tremedeira* e a de réptil *cuspidadeira* (‘naja’).

As duas ‘causa não-argumentais’ que foram encontradas - *mijadeira* e *dormideira* - designam ‘causas vegetais’ que produzem num ser animado os efeitos concebidos como eventos pelas respectivas bases. Mais uma vez, é o traço [que tem a funcionalidade de] que permite este tipo de semantismo aliado a ‘causa vegetal’.

Interessante é notar que os semantismos que adquirem projecção do componente ‘frequente’ e de sua extensão ‘avaliativo’ ocorrem sobretudo em produtos de bases verbais inergativas. Tal facto é de maior relevo se tivermos em consideração que também outro tipo de projecção do componente ‘frequente’ e da extensão ‘avaliativo’, que origina os semantismos de ‘acção’, se encontra sobretudo desenvolvido a partir de bases igualmente inergativas, ainda que não seja destas exclusivo.

No caso dos produtos em *-deira*, a maior concentração deste semantismo encontra-se nos produtos provenientes de bases inergativas de emissão de som (3,95% no total de 7,06% ocupado pelos semantismos de ‘acção’ (tabela B 3)). Constituem exemplos destes semantismos *carpideira*, *chiadeira*, *choradeira*, *fungadeira*, *ganideira*, *gritadeira*, *grunhideira*, *guinchadeira*, *murmuradeira*, *piadeira*, *rangedeira*, *roçadeira*, *zoadeira*, *zunideira*. A partir de verbos de emissão de substância, encontra-se *pingadeira*; de verbos inergativos performativos *brincadeira*, *dormideira*, *mamadeira* e de actos de fala *murmuradeira*. A partir de verbos transitivos de objecto negativo encontram-se *chuchadeira*, *quebradeira*, de verbos de ferir *carregadeira*, de performativos *bebedeira*, *comedeira*, *trincadeira* e de estímulo-sujeito *moedeira*.

Tal como explicitado no capítulo V, a produção do semantismo de ‘acção’ em produtos construídos com sufixo prototipicamente de indivíduo desenvolve-se a partir da coindexação de um traço de fonte eventiva da base verbal com um componente projectado do traço do sufixo, marcado por ^s (e.g. tabelas Y c 2). No caso de *-deira*, o componente projectado é ‘frequente’, cuja relação com ‘funcionalidade’ já foi aqui demonstrada. O facto de emergirem estes semantismos a partir de determinadas bases, sobretudo inergativas, deve-se ao factor de adequabilidade que tem de haver entre o componente projectado do traço sufixal e os parâmetros semânticos da base verbal. Tal adequabilidade é notória através da carga avaliativa que surge como extensão de ‘frequente’ em designações de indivíduo de base inergativa, como vimos. Trata-se de eventos sob avaliação quer qualitativa quer quantitativa, como os de emissão de som ou os performativos que indicam consumo como *beber*, *comer*, *trincar*.

Os locativos obtidos com maior percentagem são os de ‘locativo pequeno causa’ (5,37%) (tabela B 3). São exemplos deste semantismo *escoadeira*, *assadeira*, *estreladeira*, *estufadeira*, *frigideira*, *fritadeira*, *geladeira*, *guisadeira*, *secadeira*, *chocadeira*, *criadeira*, entre outros. Prosseguem estes com os domínios referenciais em simultâneo tradicionais e domésticos. Os ‘locativos pequenos’ (3,39%) apresentam objectos como *pingadeira*, *escarradeira*, *cuspeadeira*, *tendedeira*, *amassadeira*, *passadeira* (DLP: «lugar onde se põe fruta a secar»), *salgadeira* que corroboram o mesmo teor tradicional e doméstico. Os ‘locativos causa’ são exemplificados por *bailadeira* (DLP: «zona de águas agitadas») e *ensecadeira* (DLP: «tapume que cerca as construções feitas em nível mais baixo que o da água, para se trabalhar em seco») e os ‘locativos’ por *conversadeira* (‘pedra junto das janelas’). ‘Locativo corpo causa’ apresenta os exemplos de *empolgadeira* (DLP: «buraco em que se

enfiava a corda, em cada uma das extremidades do arco da besta»), *puxadeira* (DLP: «aselha na extremidade superior do cano das botas»), *cingideira* (DLP: «o dedo médio, nas aves de rapina»). Trata-se de semantismos que, aliados ou não ao traço de [causa], mostram a ‘funcionalidade’ dos referentes face aos eventos designados pelas bases.

Que o traço do sufixo em jogo é [que tem a funcionalidade de] e que neste se encontram os componentes ‘capacidade’ e ‘frequente’ é salientado por dois lexemas que reservamos para síntese deste produtos. São eles *parideira* e *poedeira*. O primeiro designa fêmea de mamífero em idade de parir, ou seja, com a capacidade de e, em simultâneo, que é fecunda, ou seja, que apresenta o traço ‘frequente’. O segundo rege-se pelos mesmos moldes, mas é aplicado a ovíparas. Não são concebíveis *?poedora* e *?paridora*, não atestados lexicograficamente, como designações de [que tem a funcionalidade de]. A serem possíveis, são interpretáveis como [que tem a função de], ou seja, por exemplo, ‘galinha (e.g.) usada especificamente com a função de pôr ovos’; ‘égua (e.g.) usada especificamente com a função de procriar’.

1.5 Produtos em *-douro*

Os produtos em *-douro* (tabelas Y h) sustêm um total de 238 significações (tabela B 6), cujas peculiaridades em relação aos produtos analisados anteriormente são visíveis desde logo na ausência de semantismos de ‘causa humana’, ‘causa animal’ e ‘causa animada’, ou seja, na ausência de qualquer ‘causa’ que tenha a possibilidade, mesmo que hipotética, de controlar o evento. Ainda que existam semantismos de ‘causa’ nestes produtos, especificados como ‘causa não-argumento’ (1,26%), ‘causa’ (3,78%), ‘causa instrumento’ (7,98%), ‘causa instrumento autónomo’ (5,88%), ‘locativo causa’ (10,92%), ‘locativo corpo causa’ (0,84%) e ‘locativo pequeno causa’ (1,26%), assistimos a uma anulação, comparativamente com os sufixos apontados nas secções anteriores, de valores semânticos relacionados com a instigação voluntária do evento, bem como a um decréscimo percentual dos semantismos de ‘causa’, mesmo que involuntária. Esse decréscimo é comprovado pelo somatório superior dos semantismos ‘locativos’ sem especificação de ‘causa’ em relação aos que especificam ‘causa’. É de 42,43% o valor atingido pelo somatório de ‘locativos’ (31,93%), de ‘locativos pequenos’ (6,72%) e de ‘locativos corpo’ (3,78%). O somatório de ‘locativos causa’ (10,92%), de ‘locativos

pequenos causa' (1,26%) e de 'locativos corpo causa' (0,84%) atinge apenas 13,02%. O total de semantismos de 'causa' é de 31,92%.

Salienta-se ainda a percentagem de 10,50 de 'acção' e o peso de semantismos de 'objecto' (5,04%), 'objecto adjectivo (2,94%) e de 'locativo objecto' (7,14%). Os semantismos de 'objecto' perfazem um total de 15,12%.

Estes valores são devidos ao tipo de traço do sufixo, que definimos como [propício a/próprio para], cuja formatação não inclui inerentemente a representação de 'causa' e menos ainda de 'causa voluntária'. De facto, este traço indica indivíduo com características que propiciam o evento, sem necessariamente o instigarem. Como tal, estão ausentes destes produtos semantismos de 'causa' especificada como 'humana', 'animal', ou 'animada', especificações que, pelo seu carácter, representam indivíduos com possibilidade de controlarem o evento. Por outro lado, o traço [propício a/próprio para] abre campo a diferentes tipos ontológicos de indivíduos - 'locativos', 'instrumentos', 'causas naturais' e mesmo 'objectos' - que mostrem a relação de propiciação com o evento. Estamos, pois, afastados dos traços [que tem a função de] e [que tem a funcionalidade de] que mantinham relações mais estreitas com a instigação do evento.¹³

Começaremos por observar os 'instrumentos'. Estas significações decorrem apenas de verbos transitivos. Os 'causa instrumento' são exemplificados por *esborralhadouro* (DLP: «varredouro do borrarho»), *soborralhadouro* (DLP: «varredouro do borrarho»), *vertedouro* (DLP: «espécie de pá ou escudela com que se despeja a água das embarcações»), *aliviadouro* (DLP: «peça com que se aproximam ou afastam as mós do moinho para se obter farinha mais fina ou mais grossa»), *fanadouro* (DLP: «espátula grosseira para alisar as superfícies ou gravar os ornamentos em obras de olaria»), *sugadouro* (DLP: «prolongamento que certas plantas parasitas introduzem nas plantas parasitadas para as sugarem; peça ou conjunto de peças da armadura bucal de certos insectos utilizada para sugar»), *tapadouro* (DLP: «peça que cobre a parte do eixo que ressaia da roda, em alguns veículos»), *aradouro* ('arado'), *cingidouro* (Bluteau: «Ourelo, cadarço, ou rede de seda, com que se cingem Clerigos, & Religiosos»), entre outros.

Os 'causa instrumento autónomo' são exemplificados por *alevadouro* (DLP: «pau que levanta e baixa a pedra do moinho»), *tornadouro* (DLP: «cabo preso à grade de lavoura

¹³ A este funcionamento semântico do sufixo não é alheia a formatação de que este operador dispunha historicamente como adjectivizador de 'possibilidade' (Meyer-Lübke 1895: 579; Diez 1874: 327; Piel 1940a: 206).

para a dirigir e manobrar nas voltas»), *cerradouro* (DLP: «cordão de abrir e fechar bolsas, sacos, etc.»), *enxugadouro* (Domingos Vieira: «Especie de camilha redonda para enxugar ou aquecer a roupa, mettendo-se-lhe brazas por baixo.»), *pejadouro* (Domingos Vieira: «Nos engenhos, é o mesmo que adufa nos moinhos da agua; serve de pejar o engenho de agua, fazendo parar as rodas, e moendas»), *tolhedouro* (DLP: «tábua suspensa sobre o rodízio do moinho para o fazer parar, cortando-lhe a água.»), *ensogadouro* (DLP: «tiras de couro que prendem os bois ao jugo»), *mordedouro* (DLP: «peça de ferro cavilhada no convés destinada a travar as amarras de um navio.»), etc.

Os domínios referenciais dos produtos mostram que a actuação de *-douro* está reservada para campos tradicionais e domésticos.

As significações de ‘causa’ situam-se nos mesmos domínios referenciais: *coalhadouro* (DLP: «que faz coalhar»), *defumadouro* (DLP: «substância com que se defuma»), *apertadouro* (DLP: «coisa que aperta»).

As causas não-argumentais são ilustradas por *suadouro* (Bluteau: «Remedio, provocativo do suor. Xarope para suar.»), *dejejuadouro* (DLP: «pequena refeição antes do almoço»), entre outros, onde está patente o traço [propício a/próprio para].

A delimitação deste traço foi conseguida através dos dados provenientes dos semantismos de ‘objecto’, especialmente dos que são adjectivos. Estes são constituídos por lexemas como *morredouro*, *perecedouro*, *vivedouro*, *aturadouro*, *criadouro*, que formatam [propício a], formados a partir de bases inacusativas e, como tal, com coindexação com o elemento [objecto] da estrutura léxico-conceptual que tem correspondência com o argumento interno que é realizado com a função sintáctica de sujeito dos verbos.

Contudo, a existência de ‘objectos’ a partir de bases transitivas e, como tal, coincidentes com o argumento interno correspondente à função sintáctica de objecto faz compreender que o sufixo *-douro* não se rege nem pelo teor léxico-conceptual dos argumentos, visto coindexar com [causa] e [objecto], nem pelo teor sintáctico dos mesmos, visto coindexar com elementos que correspondem sintacticamente quer a sujeito quer a objecto. Esta não-especificidade corrobora o traço ambivalente [propício a/próprio para] deste sufixo, ao formatar um indivíduo que propicie um evento quer no papel de ‘causa’, desde que involuntária, quer no papel de ‘objecto’, quer ainda como ‘local’.

Recorde-se que os ‘objectos’ disponibilizados nos produtos de *-dor* apenas decorrem de bases inacusativas, ou seja, de elementos léxico-conceptuais ‘objecto’ com correspondência com argumentos internos na estrutura argumental que se realizam como

sujeitos na estrutura sintáctica. Os ‘objectos’ disponibilizados em *-deiro* mostram já possibilidade de ocorrerem a partir de bases transitivas, ou seja, de elementos léxico-conceptuais ‘objecto’ com correspondência com argumentos internos que se realizam como objectos na estrutura sintáctica. Esta diferença resulta da diminuição de correlação do traço do sufixo com ‘causa’ ou com sujeito lógico a que se assiste de [que tem a função de] para [que tem a funcionalidade de] e deverá relacionar-se com mecanismos que actuam também na hierarquização temática. Essa diminuição é crescente no traço do sufixo *-douro*.

Os ‘objectos’ adjectivos construídos com bases transitivas são ilustrados por *segadouro* (Domigos Vieira: «Propicio para se ceifar ou segar.») e *semeadouro* (Domingos Vieira: «Terra, campo que se ha de semear, proprio para semeados.»).

Os objectos construídos a partir de bases inacusativas desenvolvem-se a partir do mesmo traço, como atestam *agostadouro* (DLP: «restolho que fica nos campos depois de ceifado o cereal») e *fervedouro* (Domingos Vieira: «Preparação de drogas, ou operação para fazer conciliar amor, que alguns embusteiros faziam por supposta arte do diabo, talvez com alguns ingredientes naturaes; philtro amoroso.»). Os objectos construídos a partir de bases transitivas são exemplificados por *chupadouro* (DLP: «chupeta»), *babadouro* (DLP: «peça de vestuário que se põe sobre o peito das crianças para as resguardar da baba ou da comida»), *coadouro* (DLP: «coada»).

A grande percentagem de ‘locativos’ corrobora que o traço [propício a/próprio para] mantém inespecificado o tipo de intervenção do indivíduo no evento e, conseqüentemente, o tipo ontológico de indivíduo. Como tal, os ‘locativos’ assumem especial relevo, na medida em que cumprem o traço definido para *-douro* ao mostrarem propiciação para o evento. Os locativos sem causa são numericamente superiores aos que resultam da conglomeração com causa, independentemente da especificação do locativo.

Os ‘locativos’ apresentam maior ocorrência. Ilustram-nos formas como *bailadouro* (DLP: «lugar onde se baila»), *passadouro* (Bluteau: «Lugar onde se costuma passear.»), *espojadouro* (DLP: «lugar onde um animal se espoja»), *espolinhadouro* (‘espojadouro’), *pastadouro* (DLP: «lugar onde o gado pasta»), *dormidouro* (‘dormitório’) de traço [locativo] de fonte extra marcado por ^{ex} (e.g. tabelas Y h 1 e Y h 4). *Assomadouro*, *surgidouro*, *desaguadouro* são ‘locativos’ que resultam da coindexação do traço sufixal [propício a/próprio para] com traço [locativo] de fonte léxico-conceptual verbal (tabelas Y h 5 e Y h 9).

Os ‘locativos causa’ representam ‘locativos propícios a V’, cuja propiciação redundante em instigação do evento, através de redobro da estrutura léxico-conceitual verbal, pois o traço [causa] resulta de fonte extra. São exemplos deste semantismo *corredouro*, *escorregadouro*, *resvaladouro*, *singradouro*, *germinadouro*, *saidouro*, *subidouro*, *embarcadouro*. Os três últimos lexemas deixam saliente que o traço do sufixo é [propício a/próprio para], como atestam as suas significações respectivas de «lugar, na margem de um rio, que oferece boa saída a quem o atravessa.» (*saidouro*: DLP), «caminho íngreme» (*subidouro*: DLP) e «Logar ou sitio que reúne as commodidades de caes para facilitar o embarque de gente, fazenda, etc.» (*embarcadouro*: Domingos Vieira). Trata-se, assim, de ‘locativos’ designados por deverbal em *-douro* por este sufixo focalizar a condição de o local ser propício/próprio para o evento do verbo base.

Este factor distingue estes locativos de locativos em *-dor* e *-deiro*, na medida em que só os em *-douro* se formatam através do carácter de serem propícios a V. Recorde-se que *-dor* implica uma função e *-deiro* uma funcionalidade. Em ambos os casos, embora de modo mais vincado no primeiro, há tendência para uma extensão de ‘causa’. Em *-douro* a eventual conglomeração com ‘causa’ não resulta de uma extensão, na medida em que o traço que especifica este operador sufixal formata o indivíduo designado como ‘propício ao evento’, mas sem definição do tipo de papel através do qual essa propiciação se desempenha.

É devido à não implicação do papel a desempenhar que se desenvolvem semantismos de ‘objecto’ e de ‘causa’, não só em si mesmos, como já vimos, mas também em conglomeração com as células respeitantes a ‘locativos’. Não é, pois, de descurar 7,14% (tabela B 5) de semantismos ‘locativos objecto’ apenas desenvolvido, nos produtos de indivíduo, através do sufixo *-douro*. Assim, *atravessadouro* (DLP: «passagem ou serventia particular em terreno privado»), *furadouro* (DLP: «atalho por onde alguém foge sem ser visto»), *saltadouro* (DLP: «lugar em que um muro ou vedação é mais fácil de saltar») e *trepadouro* (DLP: «lugar onde se trepa») são ‘locativos objecto’, na medida em que se desenvolvem através da coindexação do traço [propício a /próprio para] com os traços [locativo] e [objecto], ambos de fonte verbal, visto estarem os traços [locativo] e [objecto] inseridos na estrutura léxico-conceitual destes verbos de mover-se o sujeito, que irão coindexar horizontalmente entre si (tabela Y h 15).

A componente ‘objecto’ desenvolve-se, não apenas com o componente ‘locativo’, mas com outras especificações de ‘locativo’, como ‘corpo’. Quando ‘objecto’ se

desenvolve com ‘locativo’, ‘locativo’ provém do domínio da estrutura léxico-conceitual da base verbal, pois estas são de mover-se o sujeito. Quando ‘objecto’ se desenvolve com o componente ‘locativo corpo’, este componente não provém da estrutura léxico-conceitual das bases, já que estas são causativas, de objecto negativo, ornativas, de desprover de, unir, instrumentais, capturar e prender.

Os ‘locativos corpo objecto’ indicados especificam partes do corpo que se mostram propícias a servirem de ‘objecto’ a um determinado evento. É esta a significação de, e.g., *degoladouro* (Domingos Vieira: «Logar do pescoço onde se dá o golpe para degollar.»), *travadouro* (Bluteau: «he a parte delgada da mão, ou perna, logo por cima da pata. Chama-se assim, por se travarem nesta parte as bestas.»), *peadouro* (DLP: «lugar onde se colocam as peias às cavalgaduras»), *seladouro* (Domingos Vieira: «A parte das costas da besta, onde se colloca a sella.»), *sangradouro* (Bluteau: «A parte interior do braço, opposta ao cotovelo, em que costuma o Barbeyro picar a vea, para sangrar.»), *cilhadouro* (DLP: «sítio do corpo das bestas onde se aperta a cilha»), *pegadouro* (DLP: «parte por onde se pega num objecto»).

Os ‘locativos corpo’ podem conglomerar com ‘causa’, produzindo designações de partes do corpo que se relacionam com o evento causalmente. As bases verbais de que se formam estes semantismos são inergativas, o que é compreensível atendendo ao factor de não autonomização de ‘locativo corpo’ em relação ao todo a que pertence e, consequentemente, à incapacidade que ‘locativo corpo’ demonstra na instigação de um evento transitivo. *Suadouro* (DLP: «parte do lombo do cavalo que a sela cobre») e *ruminadouro* (DLP: «o estômago dos ruminantes, ou qualquer das suas partes, mas, em especial, o bandulho ou pança») mostram partes do corpo que funcionam como causas internas sem controlo sobre o evento que produzem.

‘Locativo corpo’ pode desenvolver-se sem conglomeração das células ‘causa’ nem ‘objecto’. *Resfolegadouro* (Domingos Vieira: «Orificio por onde se respira. – Respiradouro, aberta, por onde se respira, e inspira o ar puro, ou os vapores e exalações de canos, poços, adegas, machinas em que o fogo e vapor entram, como moveis, etc.»), *respiradouro* (‘resfolegadouro’), *nascedouro* (DLP: «orifício do útero»), *jogadouro* (DLP: «articulação dos ossos»), *invernadouro* (Domingos Vieira: «Termo de Botanica. Todas as partes das plantas que abrigam os renovos do rigor do inverno, como o botão, bolbos, etc.»), *encabadouro* (DLP: «abertura onde entra o cabo de qualquer utensílio.») desenham-se como ‘locativos corpo’ propícios ao evento, sem intromissão de traços [causa] ou [objecto].

Como especificações de ‘locativos’ emergem ainda produtos que designam ‘locativos pequenos’ e ‘locativos pequenos causa’. ‘Locativo pequeno’ apresenta exemplos como *enroladouro* (DLP: «qualquer objecto que serve de núcleo ao novelo»), *batedouro* (DLP: «pedra em que as lavadeiras batem a roupa»), *sumidouro* (Bluteau: «Cova, cano, buraco, terra fofa, ou agua, que absorbe, & em que se rouba à vista, & se perde, o que se mete.»), *empeladouro* (DLP: «pedra polida sobre a qual se examina a argila, nas olarias.»), entre outros. ‘Locativos pequenos causa’ emerge em produtos como *escoadouro* (DLP: «cano, regueira ou vala por onde se escoam as águas; qualquer lugar por onde um líquido se esco, escorre ou sai») e *esfriadouro* (DLP: «vasilha ou lugar onde se põe alguma coisa a esfriar»).

As significações apresentadas são de indivíduo e, assim, são produzidas através de mecanismos genéricos e primários. Os produtos em *-douro* apresentam, no entanto, uma significação de ‘acção’ que, pelas suas características, não é devedora desses mecanismos genéricos, mas antes de um processo de projecção de componente do traço do sufixo, que passaremos a observar.

Os produtos que designam ‘acção’ são *corredouro*, *passeadouro*, *tremedouro*, *chiadouro*, *gemedouro*, *piadouro*, *zuidouro*, *suadouro*, *fervedouro*, *cambadouro*, *batedouro*, *fiadouro*, *chupadouro*, *matadouro*, *ensogadouro*, *calcadouro*, *çoçadouro*, *vessadouro*, *coadouro* e *moedouro*. As significações de ‘acção’ desenvolvem-se ou partir de um eixo [composto por operações iguais] ou de um eixo [durativo], pelo que ou significam ‘acção continuada’ (*corredouro*, *passeadouro*, *fiadouro*), ou ‘acção repetida’ (*tremedouro*, *chiadouro*, *gemedouro*).

No caso dos semantismo de ‘acção’ produzidos em lexemas construídos através de *-deira*, assistia-se à projecção do componente [frequente] do traço do sufixo. Nos produtos em análise este semantismo parece dever-se à projecção da extensão de [frequente] acarretada pelo componente [propício] que desemboca na ocorrência contínua ou iterada do evento.

O paralelismo de [propício a/próprio para] e [frequente] não se faz apenas sentir nos semantismos de ‘acção’, mas também nos de ‘indivíduo’. A delimitação, por exemplo, de locativos, faz-se através do traço [frequente], o que é verificável através de, por exemplo, *enterradouro*. Este significa, segundo o DLP, «lugar onde se enterram os cadáveres, sobretudo de animais», ou seja, ‘locativo propício a V’, ou seja, ‘locativo onde se faz V frequentemente e não apenas uma vez’.

Em síntese, a oposição entre *-dor*, *-deiro* e *-douro* faz-se através de uma diminuição gradual da extensão de ‘causa’ entre os três sufixos. Essa diminuição acarreta valores numéricos distintos dos vários tipos de semantismos. Em *-dor* o peso de ‘causa humana’, bem como de ‘causa’ conglomerada a ‘locativo’ desembocado num aumento de ‘locativo pequeno causa’, como vimos, é explicado através da coadunação que o traço [que tem a função de] mantém com ‘causa’. Em *-douro*, pelo contrário, não emergem ‘causas’ animadas de nenhum tipo e aumentam os ‘locativos’ sem conglomeração com ‘causa’. Em termos simples, podemos dizer que *-dor* produz designações de indivíduo que cumprem a função de V e que, por isso, emergem correntemente em conglomeração com ‘causa’; *-douro* designa indivíduos que são propícios ao evento, mas não especificamente promotores do mesmo, pelo que escasseia a relação com ‘causa’; *-deiro* representa um caso intermédio entre os anteriores, visto o traço [que tem a funcionalidade de] abrir possibilidade para ‘objecto’, embora haja ainda forte tendência para a extensão de ‘causa’. Os três tipos de produtos deixam perceber que as significações obtidas são em grande parte fomentadas pela formatação do traço do sufixo.

A comparação entre *respirador* e *respiradouro* corrobora a nossa assunção. *Respiradouro* é um ‘locativo corpo’ sem conglomeração com ‘causa’, visto designar ‘parte do corpo’ que não ‘cumprir a função de respirar’, nem ‘serve a funcionalidade de respirar’, mas antes ‘é propícia a respirar’. *Respirador* designa ‘órgãos que cumprem função de respirar’. Não foi encontrada a forma *?respiradeiro*, mas o exemplo de *transpiradeiro* mostra, por um lado, que estamos a lidar com conceptualizações que acarretam diferentes focalizações do mesmo referente e que, por outro, conseqüentemente, o sufixo *-deiro* é mais adequado à base verbal *transpirar* e menos a *respirar*, por formatar um ‘indivíduo com funcionalidade’. Ora, ‘poro do corpo’ é mais linearmente concebível como ‘funcional para transpirar’ do que como ‘funcional para respirar’, embora possa ser concebível como ‘propício a’ ambos os eventos.

Observe-se que *-douro* é, dentre estes sufixos já analisados, o único capaz de produzir ‘locativo corpo’ sem conglomeração com ‘causa’. Aliás, apenas *-tório*, correlato culto de *-douro*, apresenta essa capacidade, embora em nível inferior. Tal facto deve-se à adequação entre ‘parte do corpo’ e [propício a] e à não adequabilidade entre o primeiro e traços que desenhem o indivíduo com função ou funcionalidade. Por exemplo, referimos que existe número considerável de produtos em *-dor* que designam ‘músculos’. Tal não se

verifica em *-douro*, visto este sufixo disponibilizar uma significação de carácter mais tendente à não instigação directa do evento.

1.6 Produtos em *-doura*

Estes produtos (tabelas Y g) mostram significações que corroboram o traço do sufixo explicado no § 1.5 a propósito de *-douro*, bem como o carácter tradicional e doméstico deste. Assim, estes produtos não disponibilizam semantismos de ‘causa animada’, qualquer que seja a sua especificação (‘humana’, ‘animal’, ‘animada’), nem de ‘causa instrumento máquina’.

Ao contrário dos produtos em *-douro*, valorizam-se os semantismos de ‘instrumentos’ e não os de ‘locativos’, ainda que haja representação de ambos. Assim, o total de ‘causa instrumento’ (54,55%) e de ‘causa instrumento autónomo’ (22,73%) atinge a percentagem de 77,28 valores (tabela B 7). Observe-se que o total das significações mostradas pelos produtos em *-doura* é de 22 contra 238 em *-douro* (tabelas B 8 e B 6, respectivamente).

As significações de ‘causa instrumento’ são ilustradas por *tornadoura* (Bluteau: «Instrumento de pao, como cepo, com que os que torcem os arcos de pipas, vão torcendo os vimes.»), *aguçadoura* (Bluteau: «Pedra de aguçar, de afiar, ou amolar»), *respigadoura* (DLP: «utensílio para respigar, usado nas fábricas de serração»), *rapadoura* (DLP: «instrumento próprio para rapar; pequena pá com que se rapa a massa nas masseiras»), *roçadoura* (Bluteau: «fouce»), entre outros.

As significações de ‘causa instrumento autónomo’ são exemplificadas por *levadoura* (DLP: «alavanca de madeira que serve para regular a altura da mó do moinho»), *tapadoura* (Bluteau: «A que serve de tapar panella de cobre, caldeyrão, &c»), *tangedoura* (DLP: «cada um dos prumos de madeira que sustentam o fole das forjas dos ferreiros.»), *varredoura* (Bluteau: «rede. A que pregada por baixo do barco, tendo hum palmo, ou meyo de rasto, varre em certo modo o rio, & ajuntando o peyxe, he causa de que salte fóra da agoa.»), etc.

Observe-se que não estamos perante semantismos de ‘máquinas’ ou de ‘instrumentos’ de alto grau de mecanização, ao contrário dos produtos em *-dora*.

Os semantismos de ‘locativos’ encontrados foram apenas de ‘locativo pequeno’ (2, o que corresponde a 9,09%) e de ‘locativo causa’ (1, o que corresponde a 4,55%) (tabelas B 7 e B 8). Os ‘locativos pequenos’ são *levadoura* (DLP: «embarcação com aparelhagem para

tirar carga de outra») e *manjadoura* (Domingos Vieira: «Especie de taboleiro de páo, de pedra, etc., em que se põe de comer ás bêstas na estrebaria.»). O ‘locativo causa’ é *corredoura* (DLP: «rua larga e direita, própria para corridas; caminho declivoso»), cuja célula ‘causa’ advém de fonte extra.

Encontrou-se apenas uma significação de ‘causa’ e uma de ‘acção’ (tabela B 8). A primeira é *cantadoura* (DLP: «cada um dos pares de peças verticais que, atravessando o chedeiro, abraçam o eixo do carro de bois, aos lados do cocão»); a segunda *varredoura* (DLP: «grande morticínio ou destruição»).

1.7 Produtos em *-tório*

Em primeiro lugar é necessário esclarecer que *-tório* e *-ório*, aqui tratados separadamente, são o resultado do mesmo sufixo latino (Nunes ([1919] 1989: 371); Said Ali (1964: 238); Diez (1874: 327-328); Meyer-Lübke (1895: 579-583); Pensado (1999: 4487)), de acordo com a formatação do terceiro radical¹⁴ a que se unia. Essa dupla formatação conduziu a uma segmentação diferente em *-tório* e *-ório*, que mantemos separados apenas por facilidade de sistematização dos dados formais. Por outro lado, mantêm-se ambas as formas como sufixos do português por ambas as formas darem origem a lexemas do português. Não se trata, assim, de formas congeladas do mesmo tipo que *construtor*, *professor*, etc.¹⁵

O sufixo *-tório* representa a formatação culta de *-TORIUS* (Nunes [1919] 1989: 400), que é historicamente antecedente do sufixo *-douro*, como demonstram Meyer-Lübke (1895: 579), Piel (1940a: 206) e Diez (1874: 327). Como tal, não apenas formal mas também semanticamente, é visível essa relação histórica entre os sufixos. Se para *-douro* delimitámos o traço [propício a/próprio para], para *-tório* apresentamos um traço próximo daquele, mas com carácter mais ambivalente. Trata-se do traço [relativo a/próprio de]. Recordamos que este traço (cf. capítulo V, § 2.1) revela apenas ‘indivíduo que tem relação com V’, mas sem especificação do tipo de relação. Neste sentido, é menos específico que *-douro*, na medida em que este especifica que a relação é de propiciação. Também a

¹⁴ Para a definição de *terceiro radical* e sua pertinência ontológica na genolexia latina, veja-se Aronoff (1994: 31-59).

¹⁵ A propósito da variação fonológica apresentada pelo sufixo *-TOR* em formas não-construídas em português, vejam-se Said Ali (1964: 237) e Nunes ([1919] 1989: 370).

diferença marcada pela preposição em ‘próprio de’ e ‘próprio para’ marca a ambivalência dessa relação no primeiro e a sua especificidade no segundo.

Tal como para o sufixo *-douro*, também para *-tório* marcamos os produtos adjectivos (tabelas Y 1), pelo facto de os seus semantismos se terem revelado preciosos para a compreensão do traço do sufixo. Estes produtos são numericamente salientes, visto representarem 74,92% de um total de 307 semantismos (tabelas B 21 e B 22). Os adjectivos em foco mostram ‘causa’ (70,36%) ou ‘objecto’ (4,56%). São representantes dos adjectivos ‘causa’ formas como *deambulatório*, *circulatório*, *giratório*, *libratório*, *ondulatório*, *oscilatório*, *pulsatório*, *procrastinatório*, *infestatório*, *purificatório*, *refrigeratório*, entre outros, que qualificam ‘causas relativas a V’.

Os adjectivos ‘objecto’ partem de bases quer inacusativas, quer transitivas, o que mostra a não correlação do sufixo nem com funções sintácticas nem com formulações argumentais. São exemplo de produtos construídos a partir de bases inacusativas *emigratório*, *escapatório*, e de produtos com bases transitivas *alienatório*, *aspiratório*, *transplantatório*. Esta última forma oferece testemunho do que afirmamos relativamente à não correlação do sufixo com funções sintácticas nem lugares argumentais, visto designar em simultâneo um semantismo de ‘causa’ (Bluteau: «Virtude transplantatoria. A que tem efficacia para transplantar huma doença do corpo de hum sogeito em outro.»), para o que participou a coindexação do traço do sufixo com o traço [causa] de fonte verbal, e um semantismo de ‘objecto’ (DLP: «que é transplantável»), para o que foi operada coindexação do traço do sufixo com o traço [objecto] de fonte verbal (tabela Y 1 11). Também *reprovatório* apresenta a mesma duplicidade (tabela Y 1 25).

Tal como os produtos em *-douro*, os semantismos ‘locativos’ que estes disponibilizam mostram de modo escasso correlação com ‘causa’. São estes sobretudo de tipo ‘locativo’ (5,21%) e ‘locativo pequeno’ (3,91%) (tabela B 21). Os ‘locativos’ são exemplificados por *deambulatório*, *dormitório*, *parlatório*, *oratório*, *pasmatório*, *reservatório*, etc. Os ‘locativos pequenos’ são ilustrados por *laboratório*, *libatório*, *oratório*, *reclinatório*, *escorificatório*, etc. Os ‘locativos causa’ que foram registados fabricam-se, curiosamente, a partir de bases transitivas causativas (tabela B 21), como atestam *recreatório*, *reformatório*, *sanatório* e *purgatório*. O mesmo acontece com os ‘locativos pequenos causa’ (*purificatório*, *separatório*).

Foi apenas encontrada 1 (0,33%) ‘causa humana’ (*famulatório*), 5 (1,63%) ‘causa substância’ (*vesicatório*) (Bluteau: «Medicamento externo, que applicado sobre a cutis, lhe

rompe a textura, levantando borbulhas, ou bexigas, cheas de agoa.»)) e 6 (1,95%) de ‘causa não-argumento’ (*defecatório, exsudatório, transpiratório*), que também representam ‘causa substância’. As ‘causas’ (*lavatório, supuratório*) representam 2,28% das significações (tabelas B 21 e B 22).

Um dado curioso relativo aos produtos em análise é que enquanto adjectivos são aplicáveis a actividades humanas ou a ocorrências físicas, das quais se salientam os que são formados a partir de verbos inergativos de modo de moção e que designam movimentos cíclicos (*ondular, nutar, librar, oscilar, pulsar, vacilar, vibrar, etc.*), mas não são aplicáveis a seres humanos em si mesmos. Ou seja, não é possível uma construção do tipo **O Rui é um atentatório/ *conspiratório/ *gladiatório/ *dissimulatório/ *emigratório/ *recordatório/ *provocatório, etc.*

Para tais co-textos aplicam-se os produtos que naturalmente exibem semantismos de ‘causa humana’, como são os produtos em *-dor* e *-deiro*.

Os produtos em *-tório* são, no entanto, aplicáveis à qualificação de actividades controladas ou instigadas indirectamente por mão humana, como o são as que qualificam actos jurídicos e eclesiásticos.

Os campos referenciais em que se situam comumente estes produtos pertencem aos domínios jurídico (*judicatório, juratório, legatório, legislatório, negatório, notificatório, redibitório, revogatório, sancionatório, etc.*), eclesiástico (*beatificatório, blasfematório, concionatório, execratório, expiatório, expurgatório, lavatório, etc.*) e médico (*evacuatório, esternutatório, exploratório, fumigatório, inflamatório, etc.*). Trata-se de tecnoléxicos que justificam o carácter culto destes produtos relacionado com o carácter culto predominante nas bases morfológicas/morfemáticas de que partem. Recorde-se que 51,28% das bases a que se agrega este sufixo são não-construídas transparentes (cf. § 6.2.4 do cap. III, tabela III 2).

É a partir deste carácter culto e técnico, fixo e fossilizado, que se produz um efeito semântico curioso manifestado nos semantismos de ‘acção’. Esse efeito reduz o carácter culto e técnico a um carácter inverso, conseguido através de um processo de caricaturização desse carácter original tanto mais bem conseguido quanto mais fossilizado for o domínio de origem, já que é este pendor que favorece maior parodização. A caricaturização é obtida através da transferência do sufixo próprio de tecnoléxicos específicos para campos

referenciais comuns (e.g. *palratório*, *gabatório*).¹⁶ É essa inadequação entre o carácter culto do sufixo, oriundo dos tecnoléxicos em que se encontra fossilizado, e a sua nova aplicação que fabrica o semantismo marcado como avaliativo.

O semantismo de acção assim gerado surge em 5,21% das significações (tabela B 21) dos produtos em *-tório*. *Falatório*, *palratório*, *berratório*, *pasmatório*, *lavatório*, *fumigatório*, *destampatório*, *gabatório*, *interrogatório*, *peditório* constituem exemplos deste semantismo. À excepção de *peditório* e *interrogatório*, os restantes produtos não apresentam correlatos latinos no que toca ao semantismo de acção. *Lavatório*, por exemplo, apresenta correlato em latim para as significações locativas, mas *falatório*, *gabatório*, *pasmatório* emergem sem correlação com formas latinas. Tal facto corrobora que se mantenha o sufixo *-tório* como sufixo do português.

O mecanismo que conduz a este semantismo em produtos como *berratório*, *gabatório*, *falatório* assenta na projecção da extensão ‘frequente’, tal como havíamos observado em relação ao seu congénere *-douro*. Trata-se de extensões de carácter avaliativo que fornecem a ‘acção’ um valor de [composto por operações iguais] e/ou [contínuo]. Isto significa que o facto de a aplicação avaliativa redundar nos produtos em *-tório* em semantismos de ‘acção’ e não noutros está de acordo com os parâmetros de projecção do componente ‘frequente’ verificado nos produtos em *-douro* e *-deira*. Esse paralelismo é reforçado se tivermos em atenção que *-tório* e *-douro* apresentam a mesma matriz latina. A diferença entre o resultado obtido nos semantismos de ‘acção’ em *-tório* é que o tipo de avaliação conseguido é qualitativamente mais marcado através de juízo de valor negativo resultante do processo de caricaturização do sufixo. Se em *chiadouro*, *chiadeira*, *batedouro*, *grunhideira* se verifica avaliação quantitativa, ao haver coindexação com [composto por operações iguais] ou [contínuo], mas também avaliação qualitativa, ao exprimir-se o volume - dado psicológico - do evento, em *falatório*, *gabatório*, *parlatório*, entre outros, a projecção da extensão ‘frequente’ converte-se em avaliação qualitativa e quantitativa equiparável à dos anteriores.¹⁷ No entanto, o verdadeiro efeito de choque da caricaturização é devido à transferência de domínio referencial a que se sujeita o sufixo como um todo morfológico-semântico-pragmático e não em componentes semânticas.

¹⁶ Rainer (2005:432) documenta o mesmo tipo de processo semântico com a formação de produtos em *-itis* (português *-ite*) para a designação de doenças metafóricas (e.g. *telephonitis*, *electionitis*, *fiscalitis*).

¹⁷ Para o comportamento avaliativo do sufixo veja-se Rio-Torto (1993: 373-381).

Essa transferência é fomentada pela extensão ‘frequente’ que opera a partir de bases que mostrem adequação para coindexar com esse componente projectado. Essas bases são sobretudo inergativas de emissão de som (*berrar, palrar*) e de actos de fala (*falar*), ou que, independentemente da classe léxico-conceptual a que pertençam, veiculem em si mesmas ou proporcionem uma atitude avaliativa, como é o caso de *pasmar* (incoativo), *lavar* (causativo), *fumigar* (ornativo), *destampar* (desprover de). Os mesmos parâmetros haviam sido observados para as bases dos produtos que ostentam este tipo de semantismo em *-douro* e *-deira*.

1.8 Produtos em *-ório*

Variante dependente da formatação original do terceiro radical latino a que o sufixo se agregava (Pena 1980: 93-101), este formato apresenta-se em português como operador sufixal, visto dar origem a produtos sobretudo de carácter avaliativo (Rio-Torto 1993: 373-381). Em número reduzido (12) (tabelas B 19 e B 20), as significações encontradas centram-se em ‘locativo’ (58,33%), ‘locativo pequeno’ (8,33%), ‘causa não-argumento’ (25,00%) e ‘acção’ (8,33%). Exemplos de ‘locativos’ são *consultório, desinfectório, velório*, etc. O único exemplo de ‘locativo pequeno’ é *dejectório*. As ‘causas não-argumentos’ são ilustradas por *vomitório* e *executório* (tabelas Y k).

Também este formato se encontra activo em português, sobretudo na produção avaliativa de caricaturização, como atestado por produtos isocategoriais como *alegrório, escadório, estudantório, finório, farelório, foguetório, gamelório, milagrório, palavrório, pedantório, quelhório*.

Como lexema deverbal produzido segundo esses moldes, regista-se *casório*.¹⁸

1.9 Produtos em *-ória/-tória*

Estes produtos (tabelas Y j) apresentam um total de 26 significações (cf. tabela B 18), distribuídas por ‘causa’ (61,54%), ‘causa não-argumento’ (15,38%), ‘locativo causa’ (7,69%), ‘acção’ (7,69%), ‘causa vegetal’ (3,85%) e ‘locativo’ (3,85%) (tabela B 17). *Eliminatória, revogatória, dedicatória, declinatória, convocatória* ilustram o semantismo

¹⁸ Carolina Michäelis de Vasconcelos (1911-1913) apresenta a seguinte explicação: «É possível que os que terminam em *-ório, -ória*, derivem da solene fórmula eclesiástica *in saecula saeculorum*. Pelo menos ela já apareceu encurtada e estropeada em escritos antigos - em cantares de escarnho galego-portugueses del Rei Afonso X de Castela [...]».

de ‘causa’. As ‘causas não-argumentos’ são exemplificadas por *recordatória*, *jaculatória* e *executória*. Os ‘locativos causa’ são constituídos por produtos como *conservatória* e *executória* e os ‘locativos’ por *escapatória*. As ‘causas vegetais’ mostram-se em *oscilatória*, designação de planta. *Oratória* e *rogatória* são os lexemas que preenchem a significação de ‘acção’.

É necessário ter em consideração que, ao contrário dos semantismos de ‘acção’ construídos em produtos prototipicamente de ‘indivíduo’ que resultavam da projecção de um componente ou da extensão de um componente do traço semântico do sufixo, as designações de ‘acção’ encontradas nos produtos em *-ória/-tória* resultam de coindexação do traço do sufixo com um traço eventivo da base verbal - o traço [télico] - que se cumpre através de $-E^{e,s}$ e não através de E^s (tabelas Y j 1 e Y j 10).

Significa esta notação que o semantismo obtido, apesar de partir da componente eventiva da base verbal e apesar de ser por nós designado por ‘acção’, não apresenta proximidade com o carácter de evento em modo suficiente para que se aplique a notação E. Na verdade, *oratória* (Domingos Vieira: «A arte de orar. – Eloquencia do fôro, a eloquencia sagrada em orações dos tres generos.») e *rogatória* (Domingos Vieira: «Rogação, supplica, pedido, rogativa.») parecem dever estes semantismos anotados a uma formatação de ‘resultado’ a partir do traço [télico] de fonte eventiva verbal.

Oratória e *rogatória* não obtêm efeito avaliativo parodizante observado nos produtos em *-tório/-ório*, pois não resultam nem da transferência de campo referencial do uso do sufixo nem da projecção de componente ‘frequente’.

Estes produtos mantêm carácter culto próprio do sufixo, o que é corroborado pelo mesmo padrão presente nas bases morfológica/morfematicamente caracterizadas, que são maioritariamente não-construídas transparentes (cf. § 6.2.10 do cap. III). Não estamos a referir-nos à flexão de género própria das formas adjectivas, cuja versão feminina acompanha o semantismo avaliativo da versão masculina.

1.10 Produtos em *-nte*

O traço que definimos para o sufixo em apreço é o de [que tem a propriedade de] (tabelas Y i). A caracterização nestes termos da acção semântica deste sufixo resolve questões relacionadas com a diferenciação dos produtos com este construídos de outros construídos, por exemplo, com o sufixo *-dor*. A definição de [que tem a propriedade de]

permite compreender determinadas extensões semânticas destes produtos que, se avaliadas de modo sobrevalorizado, podem ser tomadas como definidoras da totalidade destes lexemas. O traço [que tem a propriedade de] define um indivíduo com propriedades inerentes delimitadas pelo evento determinado pela base. Neste sentido, o sufixo *-nte* formata indivíduos que se relacionam com o evento através dessa propriedade. Sendo uma ‘propriedade’ uma característica inerente ao indivíduo, é natural que o indivíduo não possua controlo sobre o evento, embora possa ser dele instigador, na medida em que o evento não está dependente do indivíduo em si mesmo, mas do facto de o indivíduo possuir essa propriedade. A propriedade, como dado inerente ao indivíduo, não é por este controlada. Assim, é natural que decorra como extensão semântica destes produtos a noção de carácter não-controlador do indivíduo, muitas vezes verificado como passivo, em oposição aos indivíduos designados por *-dor* que, como já observámos, apresentam extensão ‘activo’ por este carácter ser extensivo do traço [que tem a função de].

A diferença entre estes dois traços foi já por nós avaliada e ilustrada na secção dedicada aos produtos do sufixo *-dor*. Recordamos o exemplo de *falante* e *falador*, em que o primeiro aponta indivíduo que possui características inerentes, ou seja, propriedades, que lhe permitem cumprir o evento *falar* (*grilo falante*), enquanto o segundo formata um indivíduo que cumpre o mesmo evento através de atitude controlada.

Os exemplos de *dormente/dormidor* atestam esta oposição, na acepção de ‘indivíduo humano’. Bluteau indica «Os sette dormentes» com respeito a um tema hagiográfico em que se relata que sete santos permaneceram dormentes numa gruta durante 372 anos.¹⁹ Pelo contrário, *dormidor* indica apenas indivíduo que dorme muito, cumprindo uma função.²⁰

O traço [que tem a propriedade de] permite, então, a formatação de indivíduos que apresentam propriedades, como tal, não-controladas, que os direccionam para o evento. Enfatizamos que o factor de não-controlo se situa na relação entre a propriedade e o indivíduo que a possui e não entre este e o evento.

¹⁹ Para o relato hagiográfico, veja-se *Legenda Áurea*, vol. II, p. 39-41. Nesta tradução, surge *adormecidos* por *dormente*. Tal opção poderá ter-se devido à maior actualidade de *adormecido* face a *dormente*, quando aplicado a seres animados. No entanto, *adormecido* não retrata a ‘propriedade de’ de *dormente*. Observe-se que, em castelhano, continua actual o produto em *-nte*, como ilustra *la bella durmiente*, enquanto em português o mesmo título de Charles Perrault se encontra fixo em *a bela adormecida*.

²⁰ Para mais dados relativos ao factor [propriedade], veja-se o § 2.1 do capítulo V. Sobre os produtos em *-ncia*, historicamente relacionados de modo forte com os produtos em *-nte*, vejamos Villalva (2000: 89-111), Nunes ([1919] 1989: 369) e Correia (1999: 366-380).

A maioria das significações produzidas através deste sufixo localiza-se nas esferas de ‘causa’, sobretudo especificada como ‘humana’ (tabelas B 15 e B 16). A ‘causa humana’ atinge assim 42,52% do total de 548 semantismos. Seguem-se as significações de ‘causa’ (12,96%), ‘causa substância’ (10,58%), ‘causa animada’ (3,28%), ‘causa animal’ (2,37%), ‘causa vegetal’ (0,55%) e ‘causa instrumento’ (0,36%).

O tipo de semantismo que emerge seguidamente com percentagens consideráveis é o de ‘objecto’. Para além de ‘objecto’, que atinge 11,13%, encontraram-se especificações deste que vão desde ‘objecto humano’ (5,11%), a ‘objecto animal’ (2,92%), a ‘objecto substância’ (1,09%) e ‘objecto vegetal’ (1,09%). Desenvolvem-se ainda ‘locativos objecto’ (2,19%) e ‘locativos causa’ (0,55%).

A distribuição dos semantismos por tipo ‘objecto’/ ‘causa’ apresenta conformidade com a formatação sintáctica dos componentes das estruturas argumentais das bases verbais. Assim, os semantismos de ‘objecto’, incluindo os de ‘locativo objecto’ partem na sua totalidade de bases verbais inacusativas, enquanto os de ‘causa’, incluindo os de ‘locativo causa’, partem de bases verbais ou inergativas ou transitivas. Os ‘objectos’ apresentam correspondência com o argumento interno das bases inacusativas, ou seja, o seu sujeito sintáctico, e as ‘causas’ com o argumento externo das bases inergativas ou transitivas, ou seja, o seu sujeito sintáctico também. Esta ligação com componentes que irão corresponder num outro domínio - o domínio vertical interno ao verbo e não o domínio horizontal entre verbo e deverbal - à função sintáctica de sujeito é relevante nestes produtos, na medida em que é verificável noutros produtos, como os sufixados em *-douro*, uma não-correlação entre os semantismos obtidos e as funções sintácticas delimitadas pelas bases verbais. Recorde-se que foram encontrados produtos em *-douro* que correspondem a argumentos internos-sujeito, a argumentos internos-objecto e a argumentos externos.

A existência de produtos ‘experienciador’ (3,28%) corrobora a correlação de *-nte* com componentes léxico-conceptuais que irão manter ligação à função de sujeito, dentro do verbo, a que não deverá ser alheia a formatação histórica deste sufixo do português enquanto operador flexional (Nunes ([1919] 1989: 303-304; 369; Said Ali (1964: 146)).²¹

²¹ Nunes ([1919] 1989: 303-304) oferece alguns exemplos do português medieval em que o sufixo sob análise é ainda usado com valor de participio presente e esclarece que «[Em latim], o participio do presente, embora por vezes se usasse com a significação de verbo e em sentido idêntico ao do gerúndio, na maioria delas valia por adjectivo. Isto explica o duplo papel que ele desempenhou no antigo português, no qual nos aparece já como verbo e portanto invariável, já como verdadeiro adjectivo, em concordância com o nome a que se referia [...], e ainda nesta última qualidade, a sua passagem por vezes à classe dos substantivos [...]. De uso frequente na língua arcaica, o participio do presente acabou por desaparecer, como tal, suplantado decerto

Embora contemporaneamente não seja já usual o valor flexional do sufixo *-nte*, observam-se ainda as expressões *homem temente a Deus*, *homem amante da cultura*, que continuam esse valor.

Facto interessante e que, ainda que paradoxalmente, confirma esta correlação é a inexistência de ‘causa não-argumento’ a partir deste sufixo. Ao estar ainda demasiado preso ao estatuto flexional, o sufixo não desenvolveu ainda autonomia que lhe oferecesse capacidade de operar redobro da estrutura léxico-conceptual das bases com que labora genolexicamente. Por outro lado, a inexistência de ‘causas não-argumentos’ é explicada pelo próprio traço do sufixo: ao especificar [que tem a propriedade de] como ‘causa’ do evento, este sufixo é alheio à formatação de uma ‘causa externa’ (Levin & Rappaport Hovav 1995) que não manteria uma relação de inerência com o evento.

As significações de ‘causa humana’ mostram preferência por bases inergativas ou transitivas de tipo performativo e de actos de fala. Do total de 17,52% de significações geradas a partir de bases transitivas performativas, 15,33% são de ‘causa humana’ (tabela B 15). O total de 4,93% de significações construídas a partir de bases transitivas de actos de fala é ocupado por ‘causa humana’. No que toca a bases inergativas, do total de 9,67% de tipo performativo, 6,39% são de ‘causa humana’, e do total de 0,73% de tipo de acto de fala, 0,55% são de ‘causa humana’. Trata-se de bases que designam eventos cuja ocorrência está dependente da existência de propriedades dos indivíduos que os cumprem.

Registe-se, a propósito, a tendência inversa de relação entre *-dor* e *-nte* e bases causativas e performativas (cf. §§ 2.3.2.6 e 2.3.2.12 do cap. IV, tabela IV 2). Ainda que *-dor* apresente grande percentagem de bases transitivas performativas (18,75%), o que está de acordo com o traço [que tem a função de] especificado para aquele sufixo, em *-nte* estas bases crescem para 22,35%. Esta tendência revela-se de modo mais saliente nas bases performativas de tipo inergativo: as que servem de base a produtos em *-dor* são 3,02%, enquanto as que servem de base a produtos em *-nte* são 9,51% (tabela IV 2). Tal aumento no domínio das inergativas deve-se ao facto de estas, comparativamente com as transitivas, especificarem a causa em relação ao evento como ‘causa interna’ (Levin & Rappaport Hovav 1995), o que prevê de modo mais prototípico uma configuração de [propriedade inerente] a causa na sua relação com o evento do que no caso de a causa ser formatada como ‘externa’.

pelo gerúndio, com que por vezes de confundia no seu emprego, e passou a ser tido como simples adjectivo, deixando contudo vestígios do seu emprego [...]».

Consequentemente, também as bases causativas decrescem numericamente no conjunto das bases dos produtos em *-nte*, que mostram 12,17% destas, face a 17,19% mostradas pelos produtos em *-dor* (tabela IV 2).

Pelo contrário, bases que especificam o sujeito como detentor de propriedades como os verbos inacusativos de estado/existência ocupam nos produtos em *-nte* especial lugar (7,52%), enquanto nos produtos em *-dor* emergem apenas em 0,89% (tabela IV 2). O aumento de bases inacusativas, de modo geral, bem como de bases inergativas (cf. §§ 2.3.2.6 e 2.3.2.12, cap. IV, tabela IV 4), que formatam a causa²² como ‘interna’, o que confere à sua relação com o evento maior dependência de propriedades inerentes, em relação ao sufixo *-dor*, é testemunho dos diferentes traços semânticos dos dois sufixos.

As significações de ‘causa humana’ são ilustradas por produtos como *aniversariante*, *contendente*, *cooperante*, *debutante*, *dormente*, *veraneante*, formados a partir de bases inergativas performativas. Exemplos como *caminhante*, *viajante*, *cavalgante*, *navegante*, *peregrinante*, construídos a partir de bases inergativas de modo de moção, ilustram que a relação entre o indivíduo e o evento é mediada por propriedades inerentes ao indivíduo.

Navegante e *navegador* destacam a oposição defendida. *Navegante* formata o ‘indivíduo que tem a propriedade de navegar’ (Bluteau: «Aquelle que anda navegando, que faz viagem, ou viagens no mar.»), enquanto *navegador* formata o ‘indivíduo que tem a função de navegar’, como testemunhado pelas acepções, colhidas no DLP, de «tripulante que calcula a rota do avião; tripulante de automóvel em prova de rally que informa o piloto (motorista) das características do trajecto.».

Observe-se que não são possíveis os produtos **aniversariador*, **debutador*, **veraneador*, na medida em que se assiste a uma incompatibilidade entre o traço de [que tem a função de] de *-dor* e os semantismos que fazem depender da existência de propriedades do indivíduo ‘causa’ a ocorrência do evento.

Se tomássemos como traço do sufixo *-nte* o carácter de ‘passivo’ que está presente em alguns destes produtos, não se compreenderia a ocorrência numericamente significativa de ‘causas humanas’ que designam ‘agentes’ concebidos em domínio jurídico. Formas como *abjurante*, *caucionante*, *contestante*, *contribuinte*, *litigante*, *contraente*, *alegante*,

²² Neste co-texto, na oposição entre ‘causa interna’ e ‘causa externa’, usamos o termo *causa* na acepção que lhe dão Levin & Rappaport Hovav (1995) e que explicitámos no cap. IV, § 1.1 e não naquela que neste trabalho utilizamos que caracterizámos no cap. V, § 3.2. Como tal, aplicamos *causa* também para nos referirmos a sujeitos de verbos inacusativos, enquanto no nosso trabalho estes são designados por *objecto*.

argumentante, atestante, contestante, citante, declarante, entre outros, não podem ser observadas à luz desse traço ‘passivo’, na medida em que demonstram indivíduos que se relacionam com o evento de modo activo e controlado. Esta caracterização aparentemente entra em choque com aquela que pode advir de lexemas como *ignorante, sobrevivente, vivente, padecente, naufragante, adolescente*, que mostram indivíduos passivos face ao evento.

Por sua vez, o carácter controlador que os indivíduos anotados do domínio jurídico demonstram face ao evento entra igualmente em choque com o não-controlo que indivíduos como ‘causas substância’ ilustradas por *reagente, absorvente, abstergente, adoçante, coagulante*, ou mesmo indivíduos humanos como *adolescente, naufragante, padecente* mostram face ao evento.

Significam estas duas linhas de choque que nem o traço ‘passivo’ nem o traço ‘não-controlador’, que emergem em alguns destes produtos e que funcionam como extensões do traço do sufixo, podem ser tomados como traços caracterizadores de *-nte*, por não serem identificáveis na totalidade destes constructos.²³

O facto de existir número considerável de designações em *-nte* de grupos sociais organizados, de que se destacam os seguidores de correntes religiosas, aponta a não-passividade e o controlo que os indivíduos designados por *-nte* podem ter em relação ao evento. Estas designações são valiosas para a demonstração de que os indivíduos formatados por *-nte* são definidos com base em ‘propriedade’. Tais designações são ilustradas por

- *adoptantes* (Domingos Vieira: «Em Historia Ecclesiastica, Adoptantes, hereges do seculo VII, que sustentavam não ser Jesus filho de Deus na accepção rigorosa da palavra, mas simplesmente filho adoptivo por meio do baptismo e da regeneração.»);

- *apelantes* (DLP: «bispos franceses e professores da Sorbona que, em 1717, apelaram para um futuro concílio contra a bula Unigenitus, do papa Clemente XI (1700-1721).»; Domingos Vieira: «Em Historia ecclesiastica, nome dado no principio do seculo passado a alguns bispos e outros ecclesiasticos, que haviam interposto appellação ao futuro concilio, da Bulla *Unigenitus*, dada pelo papa Clemente XI.»);

²³ Veja-se, por exemplo, Laca (1993: 201-202), que defende que, em espanhol, os produtos em *-dor* prototipicamente incorporam «[...] sujetos que corresponden a instancias causales de procesos agentivos controlados por humanos [...]», enquanto os produtos em *-nte* representam prototipicamente «[...] sujetos que corresponden a entidades directamente involucradas en un estado de cosas no controlado, en particular en procesos intransitivos.». Em português, a correlação de *-nte* com verbos intransitivos é testemunhada como falsa através dos dados apresentados.

- *crentes* (Domingos Vieira: «Os crentes, os herejes albigenses.»);

- *flagelantes* (DLP: «membros de uma seita religiosa do séc. XIII que se flagelavam em público.»; Bluteau: «Flagellantes. He o nome de huns penitentes, cuja extraordinaria mortificação degenerou em horrivel Heresia. *Flagellantes* (como denota a palavra) val o mesmo que *Açoutados*.»; Domingos Vieira: «Flagellantes. S. Fanaticos que se flagellavam em publico.»);

- *insurgentes* (Domingos Vieira: «milicia hungara organizada em circunstancias extraordinarias para o serviço do estado.»);

- *predicantes* (Bluteau: «He o nome, que costumamos dar aos prégadores dos Hereges, & ministros da Heresia de Luthero, Calvino»);

- *protestantes* (Bluteau: «He o nome que se deu aos Lutheranos de Alemanha, & outros Hereges de algumas Cidades Imperiaes no anno de 1529. porque protestarão de hum Decreto de Ferdinando Archiduque, & de outros Principes Catholicos [...]. Estendeo-se depois este nome aos Calvinistas, & professores da Religião Anglicana.»).

Sendo estes grupos constructos sociais humanos, estão dependentes da acção activa e controladora do homem, mas também de propriedades que lhes permitem funcionar como grupos coesos e não como meros aglomerados. É com base nessas propriedades que são configuradas estas designações.

O carácter passivo ou de não-controlo que caracteriza determinados deverbais em *-nte* está mais dependente da informação léxico-conceptual de cada base verbal, em que se inclui a configuração do tipo de componentes léxico-conceptuais com base na relação destes com o evento, do que propriamente com a especificação do traço semântico do sufixo em si mesmo, embora ‘propriedade’ possa apresentar naturalmente extensões na direcção de ‘passivo’ e de ‘não-controlador’.

Não entra, assim, no domínio do inexplicável a ocorrência de ‘causa humana’ a partir de verbos performativos que implicam que essa ‘causa humana’ seja activa e controladora do evento. O que se observa é que, como consequência da actuação de *-nte* para formar designações de ‘indivíduo que tem a propriedade de V’, estes semantismos, ao contrário dos que são formados através dos sufixos *-dor* e *-deiro*, não fornecem designações de profissionais. *Contestante*, *contribuinte*, *litigante*, *contraente* não assinalam profissionais, pois não representam ‘o que cumpre uma função’, mas ‘o que tem uma propriedade’. Assim, *regedor* e *regente* opõem-se através do vector ‘função’ presente no primeiro, que o provê de carácter de profissional, e do vector ‘propriedade’ presente no segundo, que, ainda que possa referir desempenhante numa actividade profissional, focaliza

este como dependente de caracteres intrínsecos que lhe fornecem a possibilidade desse desempenho e não como dependente de uma função externa ao indivíduo.

A distinção entre ‘propriedade’ e ‘função’ explica por que motivo ocorrem apenas 2 (0,36%) lexemas com semantismo ‘instrumento’ em *-nte* (tabela B 15), face ao número considerável de ‘instrumentos’ e de ‘locativos pequenos causa’, cuja correlação com o carácter instrumental foi por nós observada no § 1.1 nos produtos em *-dor*, e de ‘causa instrumento máquina’ em *-dora* (§ 1.2). Os únicos lexemas de semantismo ‘instrumento’ constantes no *corpus* por nós analisado pertencem ao domínio específico de ‘causa instrumento’. São eles *tirante* (Bluteau: «Tirantes, as cordas, ou correas, porque tirão as bestas, coches, & seges.») e *trinchante* (DLP: «conjunto de faca e garfo, próprio para trincar»). Um ‘instrumento’ é utilizado com uma determinada função ou segundo uma funcionalidade. O ‘instrumento’ não possui propriedade. Uma *debulhadora* não tem a ‘propriedade de debulhar’, mas a ‘função’.

São, pois, naturalmente decorrentes do componente ‘propriedade’ as designações de ‘causa substância’ que atingem o seu valor máximo nos produtos em *-nte* (10,58%) (tabela B 15). Recorde-se que em *-dor* ‘causa substância’ atinge apenas (0,70%) (tabela B 9) e em *-tório* (1,63%) (tabela B 21). Repare-se que em *-tório* ‘causa substância’ surge maioritariamente aliado a ‘causa não-argumento’ (*esternutatório, defecatório, exsudatório, transpiratório*). Em *-dor*, *trepador, cintilador, isolador, abridor, adormentador, amolecedor, quietador, bronzeador, branqueador, catalisador, coagulador, despolarizador, fertilizador, fixador, inebriador, preservador, sossegador, tranquilizador, vitalizador, mineralizador, revelador, marcador, obturador, desengordurador, indicador* corroboram que, ainda que designadores de ‘substâncias’, estes produtos em *-dor* são formados por focalização da sua ‘função’ e não da sua ‘propriedade’.²⁴

Os ‘causa substância’ são ilustrados por *peccante* (Domingos Vieira: «Termo usado na Medicina. *Humor peccante*; humor que predomina na doença.»), *reagente*, de bases inergativas performativas; *brilhante, fulminante*, de bases inergativas de emissão de luz; *absorvente*, de base transitiva de mover em direcção específica. Têm especial destaque os que são formados com base em verbos transitivos causativos. Do total de 12,59% semantismos produzidos a partir destes verbos, 6,93% são de ‘causa substância’ (tabela B

²⁴ Cf. Winther (1975: 81) que, em relação aos deverbais em *-eur* e *-ant* do francês, defende que os primeiros se baseiam na noção de ‘função’ e os segundos na noção de ‘propriedade’, independentemente de designarem ‘instrumentos’ ou ‘produtos’.

15). São exemplo destes *abluyente, abstergente, adoçante, adstringente, adurente, anestesiante, calmante, coagulante, conservante, corante, descoagulante, descolorante, desinfectante, detergente, diluente, dissolvente, esterilizante, estimulante, excitante, exsicante, fertilizante, poluente, refrigerante, relaxante, restringente, solubilizante, solvente, tranquilizante*, entre outros. *Carburante, vesicante*, de bases transitivas resultativas; *lubrificante, nutriente, recalcificante*, de bases transitivas ornativas; *decapante, desodorizante*, de bases transitivas de desprover de; *mordente*, de base transitiva de prender, são outros exemplos de ‘causa substância’.

Estes produtos são designadores de agentes químicos focalizados não no uso instrumental que deles se pode fazer, mas antes nas propriedades intrínsecas que os equacionam como responsáveis pelos eventos indicados pelas bases. A focalização no uso instrumental acarreta sufixação em *-dor*, como testemunhado pelos produtos deste sufixo designadores de ‘causa substância’ acima elencados.

A distinção entre *carburador* (DLP: «aparelho no qual se faz a mistura explosiva, nos motores de combustão interna») e *carburante* (DLP: «combustível para alimentar os motores de explosão»), *conservante* (‘agente químico’) e *conservador* (DLP: «funcionário público encarregado do registo predial ou do registo civil»), *refrigerador* (DLP: «utensílio ou vaso que serve para refrigerar; frigorífico») e *refrigerante* (DLP: «refresco»), *mordente* (DLP: «espécie de verniz para fixar o ouro em objectos prontos a dourar; reagente usado para fixar os corantes nas fibras») e *mordedor* (‘causa animada’), entre outros, serve o propósito de dilucidar que, tendencialmente, o traço [que tem a função de] acarreta a produção de ‘causa humana’ ou ‘causa instrumento’ (utilizado propositadamente com função) e que o traço [que tem a propriedade de] conduz a ‘causa substância’ ao focalizar a propriedade do indivíduo e não a sua instrumentalização.

Consequentemente, o sufixo *-nte* é dominante em tecnolémicos do domínio da química, de carácter culto, visível na escolha de bases constituídas, por exemplo, por *-iz-* e *-ific-*, na designação de agentes químicos ‘que têm a propriedade de ‘efectuar V’’, sendo o traço de evento (‘efectuar V’) especificador destes dois sufixos verbalizadores. Quando proveniente de bases sufixadas por estes dois operadores, o indivíduo é equacionado como ‘causa externa’. Quando proveniente de bases sufixadas por *-esc-*, o indivíduo é equacionado como ‘causa interna’ de um evento processual. Não estamos perante contradições, já que em ambos os casos o evento decorre de propriedades intrínsecas ao indivíduo.

As ‘causas animal’ designam propriedades caracterizadoras de grupos supra-espécie, como *ruminante*, *reptante*, *estridulante*, ou identificadoras de espécies, como é o caso de *amarelante*, que designa a ave ‘papa-figos’.

A maioria das anotações ‘causa animal’ refere, no entanto, caracteres heráldicos descritivos da propriedade que determinado componente simbólico ostenta num escudo de armas, como atestam *contraemergente* (Domingos Vieira: «Diz-se dos animaes unidos costas com costas, cuja cabeça e mãos saem de uma peça do escudo.»), *ameaçante* (Bluteau: «Usso, ou outro animal ameaçante, he o que no escudo das armas està pintado, ou esculpido de maneira, que parece, que ameaça.»), *arremetente* (Bluteau: «Diz-se dos animaes abertos, ou esculpidos nas armas de modo, que parece, que arremetem.»), *espreitante* (Bluteau: «Dizse dos animaes, que no escudo das armas, estão pintados, ou esculpidos de maneira, que parece, que estão espreitando.»), *fugente* (Bluteau: «Dizse dos animaes, pintados, ou esculpidos nas armas, de modo, que parece, que fogem.»), *nascente* (Bluteau: «Diz-se dos animaes, que no escudo das armas não mostram mais que a cabeça, a qual vem sahindo pela extremidade, ou da parte inferior da faixa.»), *corrente* (Bluteau: «Dizse de certos animaes, que no escudo das armas devem ser representados em acto de correr.»), entre outros.

Explicita-se a propósito de *corrente* acima transcrito que esta acepção parte do verbo inergativo de modo de moção. No entanto, nas acepções de ‘corrente eléctrica’, ‘corrente de ferro’ e ‘corrente de água/ar’ ou ainda de «aquilo que se passa no momento actual; ano ou mês que decorre» (DLP), a base *correr* é inacusativa (cf. § 1.1 sobre *corredor*).

Como já referimos, apenas surgem 3 semantismos de ‘locativo causa’ (tabela B 16) (*escoante* ‘declive’, *lançante* ‘declive’, *restaurante* ‘estabelecimento onde se servem refeições’), cujos parâmetros de formação partem da conglomeração das células ‘locativo’ e ‘causa’. Esta última recebe a coindexação vertical do traço do sufixo com o traço de fonte verbal [causa] (tabelas Y i 15, Y i 16, Y i 23). Os três ‘locativo causa’ possuem as propriedades que lhes permitem desencadear os eventos designados pelas bases.

Quanto aos semantismos de ‘objecto’, estes corroboram o traço definido para este sufixo e apresentam os mesmos moldes semânticos dos de ‘causa’. A diferença consiste na correspondência que mantêm com argumentos internos de verbos inacusativos, enquanto as ‘causas’ correspondem a argumentos externos de inergativos e de transitivos.

A corroborar que é condição para a formação destes produtos que a base verbal admita a instanciação do indivíduo, quer seja ‘causa’ ou ‘objecto’, como contentor de

propriedades que lhe permitem relacionar-se com o evento estão as opções de coindexação apresentadas em produtos como *poente, baixante, chegante, minguate, cambiante, levante*.

As bases verbais destes produtos apresentam construção transitiva e inacusativa. Ora, verifica-se que a sufixação em *-nte*, quando perante este tipo de duplicidade, opera com a versão inacusativa, na medida em que é esta que constrói o sujeito como detentor de ‘propriedade’, facto não ocorrente com o sujeito argumento externo das versões transitivas. *O João pôs o livro na mesa./O João baixou o volume do rádio./ O João chegou o livro à Ana./ O frio mingou a massa./ O João levou o livro./O João mudou o livro* não apresentam sujeitos com ‘propriedade de’. Mesmo em *o frio mingou a massa*, existe uma ‘funcionalidade’ e não uma ‘propriedade’.

Os deverbais apontados apresentam correspondência com os elementos da estrutura léxico-conceptual relacionados argumental e sintacticamente com argumentos internos-sujeitos de construções exemplificadas por *O sol pôs-se./A maré baixou./O calor chegou./A água mingou./A cor mudou./O sol levou (=‘levantou’)*.

Interessantes são os semantismos de ‘locativo objecto’, totalmente decorrentes de bases inacusativas. *Poente, ascendente, levante, montante, vazante, vertente, nascente, instante* (espaço de tempo) não podem ser caracterizados como meros locativos, pois essa descrição decorreria de uma visão parcial e superficial destes objectos. Na verdade, a sua formação está dependente da coindexação vertical do traço do sufixo com o traço [objecto] de fonte léxico-conceptual verbal, coincidente com o argumento interno destas bases inacusativas. Por se tratar de verbos que focalizam um ‘espaço’ como argumento interno, é assim explicável a coindexação horizontal da célula ‘objecto’ com o traço [locativo] de que resulta semantismo conglomerado (tabela Y i 9).

Estes dados mostram que o traço do sufixo coindexa com traços de fonte léxico-conceptual verbal com que se coaduna semanticamente. Esses traços são componentes de elementos da estrutura léxico-conceptual que, no verbo, irão ter correspondência com formatações na estrutura argumental. Como tal, o facto de os produtos em *-nte* mostrarem diversidade de correspondência (com argumentos externos que funcionam como ‘causas internas’ de bases inergativas, com argumentos externos que funcionam como ‘causas externas’ de bases transitivas, com argumentos internos que funcionam como ‘causas internas’ ou que não têm formatação de ‘causa’ à luz das acepções desenvolvidas em (Levin & Rappaport Hovav 1995)) é justificado pela constância semântica ‘propriedade’

existente entre os elementos. O ponto em comum a esta diversidade é o tratar-se de sujeitos sintácticos.

Contudo, não pode especificar-se a actuação de *-nte* como actuante neste princípio da função sintáctica, pois deste modo restaria inexplicável a opção por construções inacusativas frente às transitivas em determinados casos e a opção oposta em casos como *tranquilizante, corante, relaxante*, entre outros. Nestes últimos, o produto designa a ‘causa’ correspondente ao sujeito da construção transitiva e não o ‘objecto’ correspondente ao sujeito da construção inacusativa. Esta opção deve-se ao facto de o traço [que tem a propriedade de] ocorrer nas ‘causas’ interferentes nos eventos designados pelas bases e não nos ‘objectos’. *O cardo coagulou o leite/a tinta corou a folha/o medicamento tranquilizou a Ana/o medicamento relaxou a Ana* ilustram que são os sujeitos ‘que têm propriedade de’ e não os ‘objectos’, pelo que resultariam agramaticais **a folha é corante/*a Ana é tranquilizante/*A Ana é relaxante*²⁵.

Atente-se na ambiguidade de *o leite é coagulante*, que pode indiciar ‘propriedade de causar evento’ ou ‘propriedade de sofrer evento’. Esta segunda acepção é mediatizada pelo facto de *leite* ter a propriedade de sofrer coagulação e não de causar coagulação. Isto atesta que o sufixo procura o componente que contenha ‘propriedade’.

1.11 Produtos em *-vel*

São escassos os produtos em *-vel* que ostentem a formatação sintáctica de substantivo (tabelas Y m). Não contabilizámos aqueles que funcionam como adjectivos, por não apresentarem informação valiosa sobre o sufixo. Os semantismos encontrados são de ‘objecto’ e ‘objecto humano’. Os escassos exemplos suscitam correlação entre o traço do sufixo [possível] (Meyer-Lübke 1895: 498-499) e o traço [objecto] enquanto elemento léxico-conceptual correlato de argumento interno de verbo transitivo. Dois dos objectos são ‘máquinas’ (*dirigível, submergível*), dois são genéricos (*variável, consumível*) e um é especificado como ‘humano’ (*miserável*) (tabelas B 23 e B 24).

²⁵ Repare-se que o que é agramatical é uma construção como **A Ana é tranquilizante/* A Ana é relaxante* que pretendam mostrar *A Ana* como argumento interno de construção inacusativa. Se se tratar de argumento externo de construção transitiva (*A Ana tranquiliza o Rui./ A Ana relaxa o Rui*), as construções são gramaticais.

A pouca representatividade de substantivos retira interesse à abordagem deste sufixo no campo da nominalização.²⁶

1.12 Produtos em *-al*

Os produtos em *-al* (tabelas Y a) situam os seus semantismos no campo de ‘locativo’, ‘locativo causa’, ‘locativo corpo causa’ e ‘locativo pequeno’ (tabelas B 25 e B 26). O único domínio que sai fora do âmbito de ‘locativo’ é o de ‘acção’ produzido como semantismo secundário. Os ‘locativos’ encontrados são *estendal* (DLP: «lugar onde se estendem roupas, etc.; local das tipografias onde se seca o papel de impressão»), *passal* (DLP: «propriedade agrícola anexa à igreja ou residência paroquial para rendimento do pároco»), *tendal* (DLP: «lugar onde se tosquam as ovelhas»).

O ‘locativo causa’ é *tremedal* (Bluteau: «Campo ensopado em agoa, ou espaço de agoas lamarentas, em que com pouco movimento, que se faça treme tudo»); o ‘locativo corpo causa’ é *fimal* (Bluteau: «São as pontas do cabresto, que se ataõ nas argolas das ilhargas»); o ‘locativo pequeno’ é *tendal* (Domingos Vieira: «Nos engenhos d’assucar, o espaço, onde se assentam as fôrmas do assucar nas casas da caldeira; nas casas de purga assentam-se em furos, ou taboas furadas postas sobre andainas, e purgam-se; nos tendaes esfriam e coalham.»).

As ‘acções’ são *tremedal* (DLP: «degradação moral; torpeza») e *estendal* (DLP: «alarde; ostentação; exposição de coisas; explanação fastidiosa»).

A escassez de produtos deverbais em *-al* obstaculiza uma análise rigorosa dos efeitos deste sufixo quando anexado a bases verbais. Pela observação dos exemplos recolhidos, é possível, contudo, constatar que, tratando-se de um sufixo que opera em interface, o efeito do traço que carrega de [relativo a/próprio de] adquire enformação locativa, tal como quando agregado a bases nominais.²⁷ A formatação deste traço permite compreender, por um lado, a ambivalência de interface do sufixo, visto apresentar suficiente genericidade para ser aplicado a bases categorialmente distintas, bem como para poder originar quer substantivos quer adjetivos, e, por outro, a matriz genética do sufixo.²⁸ A matriz latina *-ALIS* operava na construção de adjetivos relacionais (Piel 1940: 204; Meyer-Lübke 1895: 524-525; Diez 1874: 325-326).

²⁶ Para uma análise dos produtos adjetivos em *-ble* em espanhol, veja-se Val Álvaro (1981).

²⁷ Para um estudo do comportamento de *-al* com bases nominais, veja-se Rio-Torto (1998b).

²⁸ Tchobánova (2002) apresenta uma descrição da variedade dos processos derivacionais com *-al*.

1.13 Produtos em *-ão*

A não-especificidade do sufixo *-ão* justifica, como já vimos no cap. II, § 1.4.1, que este sufixo dê origem a produtos de diferentes RFPs, através de um mecanismo de interface. Havendo retratado o comportamento deste sufixo na geração de designações de ‘evento’ no § 1.3 do capítulo VI, dedicamos agora este § à caracterização da acção do sufixo na formação de designações de ‘indivíduo’ (tabelas Y b).

O traço primitivo do sufixo *-ão* é de [individualização]. O modo como esse traço primitivo irá coadunar-se com o tipo de base verbal a que se agrega irá resultar em [intenso] ou [intenso/súbito]. Se as bases verbais possuírem formatação semântica de ‘força impulsiva’, o traço será [intenso/súbito] e o produto designará um evento de ‘ponto de chegada súbito’, como observado no § 1.3 do capítulo VI.

Passemos então a observar que circunstâncias permitem a geração de ‘indivíduo’ com acção da versão [intenso] do traço em jogo. A manifestação do traço [intenso] na produção de designações de ‘indivíduo’ encontra-se aliada à extensão de ‘frequente’, pelo que o produto designará indivíduo ‘individualizado pela frequência e intensidade’ com que efectua um evento.

A delimitação nestes termos do produto resultante faz compreender que estejam excluídos das bases destes lexemas verbos inacusativos pela inconsistência que os objectos que incluem na sua estrutura léxico-conceitual e que irão corresponder argumentalmente a argumentos internos demonstram face aos factores de ‘frequência’ e ‘intensidade’. As bases destes produtos apresentam-se distribuídas pelas classes inergativa (40,00%) e transitiva (60,00%) (cf. § 2.3.2.5 do cap. IV, tabela IV 4). Das bases inergativas possuem especial relevo as de emissão de som (14,17%), as performativas (12,50%) e as de modo de moção (8,33%). Das bases transitivas destacam-se as performativas (25,00%) (tabela IV 2).

À semelhança de outros produtos, os verbos inergativos de modo de moção e de emissão de som concentram-se na formatação de ‘causa animal’ (tabelas B 13 e B 14). Dos 18,32% de semantismos gerados por verbos inergativos de emissão de som 4,58% encontram-se ocupados por ‘causa animal’. A mesma significação ocupa a mesma percentagem do total de 7,63% de bases inergativas de modo de moção. As causas ‘animais’ assim obtidas são ‘individualizadas’ por efectuarem os eventos de modo ‘intenso’ e ‘frequente’.

Essa individualização pode resultar em categorização de espécie ou em focalização de um comportamento prototípico de indivíduo e não de classes de indivíduos. Assim, *relinhão*, *zornão*, *remanchão*, *choutão*, *trotão*, *turrão* caracterizam um membro particular de uma espécie, de acordo com um comportamento que o individualiza e identifica, e não uma espécie.

As designações de espécie são ilustradas por *saltão* (espécie de insecto ‘gafanhoto’) e *tremão* (espécie ictiológica ‘tremelga’), *chião* (ave e peixe), *chorão* (ave e peixe), *rinchão* (ave), *corricão* (ave) e *mancão* (ave).

Em ambos os casos a individualização é feita com base em comportamentos que, pela frequência e intensidade com que são efectuados pela ‘causa animal’ particular, se tornam evidenciadores daquela.

As designações de ‘causa humana’, que ocupam 48,85% do total de 131 significações (tabelas B 13 e B 14), referem comportamentos de indivíduo que são alvo de avaliação quer pela sua frequência e intensidade, quer pelo juízo de valor negativo suscitado pelo primeiro. Pela frequência e intensidade surgem exemplos como *palrão*, *ralhão*, *refilão*, *berrão*, *fungão*, *bailão*, *gingão*, *falhão*, etc. Como resultado da extensão de juízo de valor, surgem formas como *martelão* (DLP: «indivíduo que decora apenas à custa de muito repetir o assunto»), *badalão* (DLP: «o que fala muito e sem acerto»), *mandrião*, *turrão* (DLP: «indivíduo teimoso»), *lavajão* (DLP: «indivíduo sujo; aquele que come com muita sofreguidão»), *fossão* (DLP: «muito estudioso; martelão; que estuda muito, mas sem perceber grande coisa»), entre outros.

Para além da individualização com base em comportamentos, ocorrem também individualizações com base em actividades profissionais, como atestado por *feirão* (DLP: «feirante; negociante de gado bovino»); *carreirão* (DLP: «homem que, das estações do caminho-de-ferro, transporta bagagens para o lugar indicado pelo passageiro»), *remendão* (Bluteau: «Sapateyro. O official que remenda sapatos velhos. Remendaõ alfayate, Official que remenda vestidos velhos»), *ceifão*, etc.

A individualização operada através de [intenso] é também coadunável com a identificação de ‘causa vegetal’. Da mesma forma que nas significações observadas anteriormente, também em ‘causa vegetal’ o sufixo *-ão* pode individualizar uma espécie, como testemunham *chorão* e *rinchão*, ou individualizar um carácter, como *queimão* (referente a ‘pimento’) e *mamão* (DLP: «rebento que rouba o suco à planta»).

A capacidade individualizadora de *-ão* abarca ainda ‘instrumentos’ distribuídos por ‘causas instrumentos’ (8,40%), ‘causas instrumentos máquinas’ (1,53%) e ‘causas instrumentos autónomos’ (0,76%) (tabela B 13). Como exemplos de ‘causas instrumento’ surgem *marrão*²⁹, *mexão*, *calcão*, *picão*, *podão*, *segão*, *trinchão*, *esfregão*, *rapão*, *varejão*. As ‘causas instrumentos máquinas’ são ilustradas por *carretão* e *pisão*. A única ‘causa instrumento autónomo’ encontrada foi *travão*.

Curiosamente, surgem designações de ‘objecto’ coincidentes com o elemento da estrutura léxico-conceptual que tem correspondência com o argumento interno de verbos transitivos. Tais lexemas são *mergulhão* (Domingos Vieira: «Mergulhão da *vide*; vara comprida que nasce ao pé da videira junto da terra, a qual se mergulha n’ella, abrindo-se conforme a sua extensão um fosso de dous palmos de altura, e igual largura, deixando-se de fóra a ponta, que se torna depois videira nova.»), *rapão* (DLP: «pequenas ervas e detritos que se rapam, à enxada, nos matos.»), *capão* (Domingos Vieira: «Gallo capado. [...] Mata que se corta para lenhas, roçada, por opposição a *mata virgem*.»), entre outros.

O modo como opera nos ‘objectos’ o traço de individualização não parece mediar-se pelo traço [intenso] nem pela extensão deste [frequente]. Aparentemente, trata-se de aplicação directa do traço [individualizar] primitivo, na medida em que estes lexemas designadores de ‘objecto’ parecem resultar de processo de identificação apenas, sem auxílio de teor de ‘intenso’ que facilite aquele. No entanto, a exiguidade de ‘objectos’ não permite construir solidamente conclusões acerca da sua geração.

Um facto importante a ter em conta para compreendermos o melhor possível a actuação de *-ão* tanto na laboração de ‘indivíduo’ quanto de ‘evento’ tem que ver com a inexistência de ‘causa não-argumento’, que parece ter ligação com o facto de o traço do sufixo não formatar ‘causa’ em si mesmo, nem de a colocar como extensão, ao contrário do traço [que tem a função de] do sufixo *-dor*. Este carácter genérico do sufixo, que lhe permite funcionar em interfaces com várias RFPs, poderá ser responsável pela inexistência de estrutura argumental nos produtos de ‘evento’ e nos de ‘indivíduo’, assim como é responsável pela incapacidade de dobrar a estrutura léxico-conceptual do verbo base.

A capacidade de *-ão* está apenas na ‘individualização’ mediada através de caracteres que mais facilmente a ela conduzam, como o são os de ‘intenso’ e ‘frequente’. De acordo com o tipo de bases a que se agrega o sufixo que transporta essas cargas

²⁹ A significação de ‘instrumento’ foi colhida em DV: «Martello grande á maneira de uma pipa, ou cylindrico, e roliço, encavado, que serve de quebrar pedra, derribar paredes, etc.».

semânticas, assim se obtêm produtos de RFPs distintas. Se as bases que permitem a geração de produtos de evento são caracterizadas por designarem ‘força impulsiva’, as bases que dão origem a produtos de indivíduo têm como condição que a estrutura léxico-conceitual possua uma ‘causa’ com controlo, mesmo que não voluntário, sobre o evento. Esta é instituída argumentalmente na base verbal como argumento externo. Estão, pois, ausentes destas bases verbos inacusativos. A focalização no indivíduo envolvido no evento e não no próprio evento é facilitada pelo carácter activo que os indivíduos encapsulados no verbo como argumentos externos possuem em relação ao evento. Em termos gerais, esse carácter activo é acompanhado por carácter controlador, intensificado pelo pendor de ‘intensivo’ e ‘frequente’. Assim, o indivíduo controla o evento que efectua frequente e intensamente. Inclusivamente em semantismos de ‘causa vegetal’ e ‘causa’, em que não existe carácter voluntário, o evento depende da causa externa que o instiga e, conseqüentemente, controla, ainda que não voluntariamente.

Funcionam, em suma, como condições para que se formem designações de ‘indivíduo’ os caracteres concreto, comezinho (e.g. *roncar, beber, papar*) e doméstico (e.g. *comer, lambarar*) do evento designado pela base, o carácter activo (e.g. *ralhar, refilar*) e controlador (e.g. *mandriar, mangar*) do indivíduo, que pode ser uma causa interna (e.g. *galrar, fungar*) ou externa (e.g. *pilhar, besuntar*), correspondente a argumento externo em termos argumentais do verbo, o carácter de reiterabilidade do evento (e.g. *marrar, badalar*) e ainda a possibilidade de este ser alvo de juízo de valor (e.g. *resmungar, chorão*).

Funcionam como condições de exclusão o semantismo de ‘força impulsiva’ - que origina deverbais de evento - e a inacusatividade. Verbos como *estar, morar, aparecer, morrer*, que implicam sujeito inactivo, não são alvo de sufixação em *-ão*. Outros verbos inacusativos, como os incoativos, que implicam que o sujeito seja passivo, como *envelhecer, arder, emurchecer, enriquecer*, também não produzem este tipo de lexemas, facto que explica a ausência de verbos em *-ec-* das suas bases.

Os eventos designados pelas bases verbais destes produtos de ‘indivíduo’ são de carácter concreto, doméstico, comezinho. Tal caracterização entra em consonância com o carácter não-culto da formatação morfológica/morfemática das bases (cf. § 6.2.6 do capítulo III).

A existência de bases constituídas por elementos morfológicos avaliativos vai ao encontro do mesmo teor dos produtos, o que comprova a adequabilidade entre base e sufixo.

2. Conclusões

O presente capítulo visa oferecer uma súmula das principais significações produzidas pelos sufixos que prototipicamente dão origem a semantismos básicos de ‘indivíduo’. Apesar de estes sufixos serem operadores na mesma RFP, tal como em relação aos operadores sufixais construtores prototipicamente de ‘evento’, a análise dos produtos e das suas bases e dos mecanismos que os geram demonstra que não é possível considerar os sufixos como meros operadores de mutação sintáctica, sob pena de se subvalorizarem as suas funções.

Ao delimitarmos traços semânticos para cada um dos operadores e ao estabelecermos mecanismos de coindexação, mediados por condições de selecção, entre bases e sufixos, observamos que o papel destes é fulcral no que toca a dois pontos principais:

1) a especificação dos moldes que caracterizam o ‘indivíduo’, que leva a que duas significações de ‘causa humana’, por exemplo, obtenham moldagens diferentes, de acordo com o traço do sufixo em acção;

2) a determinação da classe de indivíduo (‘causa humana’, ‘locativo’, ‘locativo pequeno’, ‘locativo corpo causa’, etc.).

O ponto 1 explica, por exemplo, por que razão os pares *dormente/dormidor*, *falante/falador*, *trabalhadora/trabalhadeira*, embora designadores de ‘causa humana’ e formados a partir da mesma base, moldam diferentemente ‘causa humana’.

O ponto 2 explica, por exemplo, por que há tendência de fabricação de ‘locativo pequeno causa’ nos produtos em *-dor* e não em *-douro*, ou ‘causa instrumento máquina’ em *-dora* e não em *-nte*, etc.

A identificação dos traços dos sufixos pautou-se, propositadamente, pela genericidade suficiente para mostrar o funcionamento de interface dos sufixos que assim operam. O exemplo do sufixo *-al*, ainda que analisado neste trabalho de uma forma extremamente rudimentar devido à escassez de substantivos deverbais com este produzidos, demonstra o pretendido. O traço identificado para *-al* é [relativo a/próprio de]. Observe-se que a não marcação no traço do tipo de base a que o sufixo pode agregar-se deixa em aberto a operação de interface. Por sua vez, semanticamente, [relativo a/próprio de] é aplicável à caracterização quer dos produtos adjectivais, quer dos nominais por este sufixo construídos. A mesma genericidade é adequada ao funcionamento de *-tório/-tória/-ório/ória*, cuja

utilização de caricaturização é operável com diferentes bases, como os exemplos mostrados nas respectivas secções deixam perceber.

Este tipo de identificação dos traços dos sufixos deixa compreender que os semantismos de, por exemplo, ‘locativo’ não se encontram encerrados no semantismo do sufixo, inclusivamente em casos, como é o de *-al*, que parecem cumprir este semantismo de forma forte. O modelo de coindexação por nós desenvolvido abre espaço à conciliação da aplicabilidade do mesmo operador afixal a bases divergentes categorial e semanticamente, bem como à diversidade de produtos conseguida. Se restringíssemos o modelo genolexical à acção de um traço do sufixo monopolizador de um semantismo rígido correspondente ao semantismo numericamente mais representado de um tipo de produtos, não haveria possibilidade de explicar a ocorrência de outros semantismos nos mesmos produtos ou a fabricação de outros produtos pelo mesmo operador afixal.

O modo como um determinado sufixo se agrega a uma determinada base é mediado pela adequabilidade entre o traço do sufixo e caracteres semânticos, em sentido lato, da base verbal. As condições que funcionam como restrições de selecção entre sufixo e base verbal são desenhadas de modo analítico e fino, já que o aproveitamento que um sufixo faz ou não de uma base verbal joga não com o verbo em bloco, mas com componentes das várias estruturas semânticas deste tomadas decomposicionalmente. Por exemplo, o sufixo *-ão* produz ‘indivíduo’ e não ‘evento’ em contacto com verbos com causa externa ou interna (Levin & Rappaport Hovav 1995), desde que esta demonstre carácter activo e controlador do evento. O sufixo *-nte* agrega-se a bases com causa externa ou interna, desde que o indivíduo seja destacável por propriedades intrínsecas que o predispõem para o evento. Em consequência, o sufixo *-ão* rejeita bases inacusativas para a produção de ‘indivíduo’, na medida em que o traço semântico deste sufixo não é coadunável com sujeitos passivos e não-controladores. Quanto ao sufixo *-nte*, a definição de ‘propriedade’ faz crescer o número de bases inacusativas e inergativas, mas não rejeita as transitivas desde que mostrem eventos que dependem da propriedade intrínseca do sujeito, independentemente de mostrarem ou não controlo ou actividade em relação ao evento em si mesmo.

A moldagem que cada operador sufixal acarreta depende das conexões semânticas que o traço semântico daquele pode construir. Trata-se, pois, de um funcionamento a partir de componentes semânticos com que se opera dinamicamente e em interface, e não em blocos estanques e rígidos.

Capítulo VIII

Conclusões

O presente trabalho ancora-se na concepção de linguagem desenvolvida por Jackendoff (2002) no programa “arquitetura paralela”, como descrito no § 1.1 do capítulo I. Os principais pontos de fundamentação nesse programa regem-se pela concepção de linguagem como arquitetura constituída por estruturas com capacidade geratriz, o que retira a exclusividade desta capacidade à sintaxe e corrobora que o carácter gerativo da genolexia não está dependente da inserção daquela na sintaxe.

Essa arquitetura em estruturas paralelas com organização e complexidade internas próprias apresenta-se também como uma base teórica determinante da abordagem levada a cabo no nosso trabalho. Esse modelo prevê que cada estrutura que constitui o léxico, encarado como uma interface, interaja dinamicamente na construção daquele através da activação de redes de interface. Ao prever o funcionamento lexical como constructo de interfaces dinamicamente activadas através da intervenção da memória processual, o programa de Jackendoff (2002) indisponibiliza a visão sintacticista que desenha o léxico como mero acervo de unidades não formatáveis por regularidades. Essas regularidades são verificáveis se se operar com a organização em fiadas de cada estrutura interveniente na genolexia em moldes micro-estruturais decomponíveis e muitas vezes apenas acessíveis indirectamente através de correlações entre essas micro-estruturas.

Assim, na aplicação do modelo de Jackendoff (2002) à análise genolexical, verifica-se que essa organização em fiadas em interacção dinâmica sustenta que a geração de produtos deverbais não se constrói com base numa relação derivacional entre categorias sintáctica e semanticamente rígidas, mas entre componentes das diversas estruturas, e das diversas fiadas que constituem estas, das bases e dos operadores afixais.

A concepção de Jackendoff (2002) de que as interfaces constituem módulos e não contactos de transição entre módulos permite consolidar um avanço importante na concepção da formação de palavras. Esse avanço tem que ver com a nossa assunção de que as RFPs não funcionam como compartimentos estanques que contêm um determinado número de operações e de operadores, sem conexão umas com as outras, mas antes como domínios onde podem actuar operadores e operações comuns a outras RFPs.

No fundo, o modelo de linguagem de Jackendoff (2002) permite equacionar um modelo de genolexia mais dinâmico, de conciliação entre o processamento e o conhecimento mental-f da linguagem, assim como compreender que as dimensões semânticas actuates neste domínio se encontram organizadas em fiadas decomponíveis.

Tendo por base esta visão de linguagem, foi possível resolvermos questões e conflitos teóricos gerados por abordagens opostas da formação de palavras. Essas resoluções resultaram na formulação do nosso ‘modelo das RFPs em interfaces’.

Assim, no capítulo II, avaliámos vários modelos que consideram as RFPs como pontos de partida genolexical e outros que concebem os operadores afixais como o domínio desse ponto de partida (§ 1, cap. II). A visão unilateralmente centrada quer dos modelos orientados para o input (§ 1.3.1, cap. II) - que tomam as bases e, logo, as RFPs como o domínio da regularização dos produtos que as partilham -, quer dos modelos orientados para o output (§ 1.3.2, cap. II) - que tomam os operadores afixais como o domínio da regularização dos produtos que os partilham - impede um tratamento satisfatório dos fenómenos genolexicais que mostram ambiguidade na sua formação, à luz tanto de uma como de outra perspectiva.

Com o modelo que propomos, advogamos que é possível explicar o funcionamento uniforme de determinados operadores afixais que se agregam a bases categorial e semanticamente distintas sem recorrer à multiplicação de operadores homónimos nem à anulação da existência das RFPs. Consegue-se, assim, manter a identidade de cada RFP e, em simultâneo, preservar o contributo semântico uniforme dos afixos em produtos construídos a partir de diferentes bases.

Para esse entendimento em interface das RFPs (§ 1.2, cap. II) concorreu em termos empíricos a observação de que os afixos não são meros operadores de actualização da categoria sintáctica de acordo com a formatação desta prescrita na RFP, mas verdadeiras entidades com capacidade de actuação semântica própria (§ 1.4, cap. II). Essa observação consolidou-se em termos teóricos na visão das RFPs em interfaces proposta.

O modelo proposto apresenta a vantagem de conseguir explicar a actuação do mesmo afixo em RFPs não sobreponíveis ou agregáveis em arqui-RFPs, como o são a RFP de nomes de acção, a RFP de agentivos e a RFP de avaliativos. Devido às diferenças entre as operações semântico-categoriais de cada uma destas RFPs, tornava-se inconcebível explicar, de acordo com propostas tradicionais, que o mesmo afixo pudesse operar em todas elas.

Exemplificando, a proposta de arqui-RFPs consegue explicar que o sufixo *-agem* produza nomes de acção e nomes de qualidade. As bases são agrupáveis como predicativas e os produtos são classificáveis como nomes abstractos. Contudo, o nosso modelo apresenta maior alcance. O modelo das RFPs em interfaces permite compreender que o mesmo sufixo (e.g. *-ão*) pode gerar nomes de acção (*apagão*), nomes de agente (*chorão*) e avaliativos (*carrão*), em simultâneo, não obstante a divergência entre as bases e os produtos entre si. O modelo das RFPs em interfaces oferece resposta teórica a esse problema e apresenta coadunação com os dados empíricos que rejeitavam essa divisão rígida entre as RFPs.

O modo como se dá a interacção dos operadores afixais com as bases foi definido como um mecanismo de ‘coindexação’ actuante com matéria semântica (§ 2, cap. II). Esse conceito de ‘coindexação’ foi colhido em Lieber (2004), mas reformulado de acordo com os avanços que a análise empírica do nosso *corpus* e as consolidações teóricas permitiam. A ‘coindexação’ foi definida no nosso modelo como um mecanismo de agregação entre traços semânticos e não argumentais, ou seja, sem formatação sintáctica, provenientes do afixo e das bases em jogo (§ 2.2, cap. II).

Significa isto que inclusivamente as relações tecidas entre as estruturas morfológicas/morfemáticas das bases e as estruturas morfológicas dos afixos encontram fundamentação enraizada semanticamente, ou seja, que alguns constrangimentos entre afixos se devem à não conciliação semântica dos seus traços. Tal fundamentação desenvolve-se, de acordo com o que os dados empíricos revelaram, a partir da necessidade de coadunação entre

1) os traços semânticos eventualmente envolvidos nas estruturas morfemáticas/morfológicas das bases e no afixo e

2) as correlações entre formas com efeito pragmático culto vs. não-culto.

A fronteirização da matéria de coindexação ao âmbito semântico e não sintáctico conduziu e foi conduzida à/pela avaliação do papel da estrutura argumental na construção dos produtos deverbais (§ 4, cap. II). Em face (i) da possibilidade de capacidade de estrutura argumental em deverbais quer de evento, quer de indivíduo e (ii) da ocorrência de deverbais de indivíduo com semantismos coincidentes com um dos argumentos da estrutura argumental da base verbal, procedeu-se à avaliação de propostas de alguns AA. que consideram que a estrutura argumental é actuante na construção de deverbais de indivíduo e de evento (§ 4.1.1, cap. II).

A análise dos dados empíricos, bem como o suporte teórico da Gramática Léxico-Funcional, permitiu-nos compreender que a estrutura argumental não actua derivacionalmente na construção do deverbal nem de evento nem de indivíduo (§ 4.2 e § 6, cap. II). A ocorrência de estrutura argumental nestes produtos desenvolve-se verticalmente internamente ao produto e não como herança horizontal entre a base e o produto. Assim, determinou-se que as estruturas herdadas pelo produto a partir da base verbal se restringem ao domínio semântico - eventivo, léxico-conceptual - sem interface com a sintaxe (§ 6.2.2.2, cap. II). Esses domínios semânticos são alvo de herança decomposicionalmente e não em bloco.

O discernimento de que a estrutura argumental e a estrutura eventiva constituem domínios independentes permitiu a consolidação teórica dos dados empíricos que negavam o papel da estrutura argumental na construção dos deverbais (§ 6, cap. II).

O modelo das RFPs em interfaces proposto parte, pois, do princípio de que existem estruturas decomponíveis em fiadas *ad infinitum* com organização própria, cujos resultados de decomponibilidade se encontram disponíveis para interagir com componentes de outras fiadas e estruturas, desde que pertencentes a domínios conciliáveis entre si. Por conseguinte, delimitaram-se ainda as noções de estrutura eventiva em relação à estrutura aspectual variável por acção do domínio da sintaxe (§ 6.2.1, cap. II). Visto que a sintaxe não age na genolexia, a compreensão dos elementos eventivos pertinentes para a formação dos deverbais parte da distanciação das duas estruturas e dos domínios em que ambas operam.

Elaborado o modelo teórico das RFPs em interfaces, ofereceram-se nos capítulos seguintes os dados específicos de cada estrutura em interacção na formação dos 8414 produtos e 8414 bases analisados e das 13708 significações estudadas.

Numa fase de abordagem teórico-prática dos objectos deverbais, no cap. III procedeu-se à análise das estruturas morfológicas/morfemáticas das bases verbais e da sua correlação com as estruturas morfológicas dos produtos deverbais. Nesse capítulo, consolidaram-se critérios práticos e balizas teóricas para a delimitação dos lexemas definíveis como construídos em português e dos lexemas não-construídos em português (§ 2, cap. III). Esta oposição serve a delimitação quer dos substantivos deverbais incluídos na análise do nosso trabalho, quer do tipo de estrutura mórfica das bases verbais daqueles.

Ainda que a oposição entre lexemas construídos e não-construídos se baseie numa fronteirização diacrónica, foi necessário avaliar o papel da análise histórica na determinação desse estatuto (§ 1, cap. III). Ao advogarmos uma abordagem mental-f, na esteira de Jackendoff (2002), do fenómeno genolexical, equacionámos os dados históricos como auxiliares do linguista, mas não como balizadores totais da distinção entre os lexemas construídos e os não-construídos. Os dados históricos revelam-se importantes para a decomposição e a identificação mórficas, mas não são encarados por nós como decisivos e sobretudo não são confundidos com a atestação temporalmente datada de determinada forma lexical.

Assim, ainda que os dados históricos revelem, por exemplo, que em latim existia um substantivo formalmente correlacionado com o substantivo do português, a abordagem mental-f preconiza que a organização da linguagem em termos mentais labora com eixos de correlação lexical sincrónica e não diacrónica. A continuidade histórica entre duas línguas enfatiza, e não destrói, a manutenção dessa correlação lexical sincrónica, ao revelar que ao longo das diversas sincronias se preservou na mente-f uma correlação derivacional (no sentido de genolexical e não evolutivo) entre um verbo e um substantivo.

Como tal, o facto de existir em latim um substantivo evolutivamente originante do seu correspondente em português não é suficiente para que se considere que o substantivo do português não é construído nesta língua. Na verdade, desde que exista na mente-f uma base verbal, seja ela actual ou potencial, que se correlacione genolexicalmente com o substantivo, é mais conforme com a visão mental-f da linguagem a estipulação da continuidade da correlação genolexical entre substantivo e verbo do que a estipulação da continuidade evolutiva entre substantivo da primeira língua e substantivo da segunda e entre verbo da primeira língua e verbo da segunda. A genolexia não deve ser encarada, conseqüentemente, como um ponto acontecido num momento temporal determinado, mas antes como uma continuidade desse ponto tecida e suportada pela organização dinâmica da mente-f.

O tipo de organização da linguagem acarretado pela visão da mente-f permite ainda sustentar a genolexia como operante não apenas com lexemas formalmente autónomos, mas também com variantes formais de lexemas apenas acessíveis paradigmaticamente. Para esta compreensão, retomou-se o conceito de “alomorfia”, entendido neste trabalho como o resultado de uma activação dinâmica de formatos lexicais, através de operações de

comparação e identificação laboradas pela mente-f, a partir de lexemas em que essas variantes surgem inseridas (§ 2.1, cap. III).

O mesmo tipo de operações mentais-f de comparação e identificação permite a construção genolexical a partir de bases potenciais, que, pela sua constância formal e semântica em outras unidades lexicais da língua, são passíveis de serem autonomizadas enquanto matéria para a formação de palavras.

Em suma, a abordagem mental-f permite equacionar as estruturas mórficas da matéria lexical não como um acervo estacionário de itens, mas antes como uma fonte dinamicamente construída através de operações baseadas na comparação e na identificação paradigmáticas de unidades que, muitas vezes, não correspondem a categorias com realização sintáctica actual.

Dado que o tipo de operações acima referido não sustenta somente a genolexia, mas serve igualmente outras tarefas da linguagem (e da mente-f em geral), dentro dos lexemas definidos como não-construídos, operámos uma separação entre aqueles que não são decomponíveis morficamente através dessas operações de comparação e identificação paradigmáticas e aqueles que são decomponíveis morficamente, de acordo com essas operações em jogo (§ 3, cap. III). No primeiro caso, estamos perante lexemas não-construídos opacos e, no segundo, perante lexemas não-construídos transparentes. Apesar de serem ambos os tipos não-construídos, a maneira como a mente-f lida com uns e com outros é potencialmente divergente, na medida em que os que ostentam estrutura opaca não são passíveis de decomponibilidade, enquanto os de estrutura transparente o são. Mais uma vez, para a determinação da decomponibilidade mórfica foi utilizado o auxílio diacrónico com o cuidado de não o confundir com o conhecimento mental-f da linguagem.

Esclarecidos os parâmetros teóricos e a metodologia (§ 4, cap. III) utilizada para a determinação das estruturas morfológicas e morfemáticas das bases bem como da triagem dos substantivos a incluir no nosso estudo, mostraram-se os resultados obtidos na avaliação da distribuição dos tipos de estruturas morfemáticas/morfológicas das bases e as estruturas morfológicas dos derivados (§ 5 e § 6, cap. III).

Para além da apuração exaustiva das possibilidades/impossibilidades das combinatórias entre operadores sufixais nominalizadores e estruturas mórficas das bases, a interpretação dos resultados (§ 7, cap. III) deixa observar que existe uma correlação nessa distribuição entre bases cujas estruturas mórficas são prototipicamente [+ eruditas] e determinados operadores sufixais nominalizadores também prototipicamente [+ eruditos].

A correlação oposta também foi observada; ou seja, as bases verbais com estruturas mórficas prototipicamente [- eruditas] apresentam maior grau de correlação com os operadores sufixais nominalizadores prototipicamente [- eruditos]. Este tipo de correlação aponta que, para além de outros factores de constrangimento entre a selecção bases/afixos, também a simetria erudito/-erudito se revela como um constrangimento. Ressalve-se que o traço [erudito] não é um traço conscientemente acessível pelo falante, mas antes um constructo do linguista para identificar formatações com que a mente-f labora discretamente.

O capítulo IV inicia a análise semântica do funcionamento genolexical de construção de deverbais. Dado que os operadores sufixais de nominalização não apresentam homonímia entre si, i.e., não surgem agregados a qualquer base verbal, mas mostram antes capacidade de selecção (§ 1.4, cap. II), foi necessário proceder a uma avaliação dos caracteres semânticos a que os operadores sufixais se mostram sensíveis. Assim, o cap. IV mostra o resultado de uma experimentação da adequabilidade de caracteres semânticos verbais à genolexia em causa.

Como tal, os tipos e os traços semânticos aí apresentados emergem do confronto entre as bases verbais que constituem o *corpus* entre si, a sua relação com os semantismos dos produtos, e a articulação de modelos avançados por alguns AA. com os objectos do *corpus*. Quer isto dizer que o uso que fizemos desses modelos (Plag 1999; Levin 1993; Levin & Rappaport Hovav 1994; 1995; Lieber 2004), que partem de uma abordagem léxico-conceptual dos verbos, fundamentada nos trabalhos de Jackendoff, não foi um uso passivo de mera integração de cada base verbal particular em classes dadas, mas antes um processo de mútua alimentação entre a construção das classes baseadas nos modelos desses AA. e os dados empíricos advindos dos objectos do *corpus* (§ 1, cap. IV). Dado que o objectivo se prendia com o entendimento dos componentes semânticos das bases verbais em relação aos quais os operadores sufixais se mostram sensíveis, as classes semânticas apresentadas não são meras listagens do comportamento semântico-sintáctico dos verbos, mas antes o resultado da avaliação dos componentes semânticos verbais susceptíveis de desencadearem sensibilidade nos operadores sufixais.

As grandes classes de que se partiu são as dos verbos inergativos, inacusativos e transitivos, com base no entendimento que delas tecem Levin & Rappaport Hovav (1994; 1995) (§ 1.1, cap. IV). Essa tripartição mostra relação com alguns operadores sufixais,

conforme demonstrado pelos resultados da análise da distribuição das classes verbais por operador sufixal (§ 2, cap. IV).

Dentro de cada uma dessas três grandes classes, definiram-se tipos semânticos com arquitetura sintáctica (§ 1.2, cap. IV). O eclectismo desses tipos semânticos mostra que os níveis semânticos das bases verbais a que os operadores sufixais são sensíveis não estão situados num só nível da estrutura semântica. Na verdade, parece haver uma tessitura em rede de caracteres semânticos onde os traços semânticos dos sufixos nominalizadores podem colher aqueles que mais se adequam ao seu próprio carácter.

Dado que os operadores afixais de nominalização mostram coindexibilidade com traços provenientes da estrutura eventiva dos verbos, procedeu-se também no cap. IV à inventariação e à descrição dos traços eventivos das bases verbais pertinentes para a genolexia em causa (§ 1.3). A articulação entre os traços eventivos e os operadores sufixais é apenas alvo de discussão nos capítulos V, VI e VII. A integração da sua inventariação e descrição no capítulo IV deve-se ao facto de este ser dedicado à explicitação dos componentes semânticos das bases verbais em acção na construção dos deverbais.

No capítulo V procedeu-se à explicitação do labor dedicado ao estudo da construção dos produtos deverbais na sua componente semântica. Tendo sido oferecidos no capítulo IV os tipos semânticos de verbos base dos deverbais, bem como os traços semânticos provenientes da fiada eventiva da estrutura semântica desses verbos, o capítulo V dedica-se ao processo de construção dos semantismos dos produtos (§ 1, cap. V).

Para tal, oferece-se uma listagem explicativa dos traços que foram encontrados como pertinentes para essa construção. Esses traços localizam-se em fontes diversas: a) fonte eventiva verbal; b) fonte léxico-conceptual verbal (§ 2.2, cap. V); c) fonte sufixal (§ 2.1, cap. V); d) fonte extra (§ 2.2, cap. V). Os traços de fonte eventiva haviam sido já explicitados no capítulo IV. Os traços de fonte léxico-conceptual verbal resultam em caracteres coincidentes com componentes integrados na estrutura léxico-conceptual dos verbos base. Para a sua determinação em relação ao produto de cada verbo particular concorre necessariamente a prévia categorização da classe e subclasse ou tipo semântico do verbo.

Torna-se, assim, compreensível a pertinência da análise aturada dos tipos semânticos verbais desenvolvida no capítulo IV. Apenas através de uma sistematização do comportamento semântico-sintáctico de cada base verbal - e de cada possibilidade de construção de cada verbo desde que pertinente para a obtenção do produto deverbal - é

possível proceder à extracção dos traços de fonte léxico-conceptual verbal que agem na formação semântica do deverbal. Para além da extracção de traços que são alvo de coindexação, os tipos semânticos verbais permitem ainda compreender factores semânticos de selecção que, não funcionando eles mesmos como objecto de coindexação, accionam a selecção entre bases e sufixos. Os factores de selecção revelam-se importantes, por exemplo, na distinção da construção de produtos de ‘evento’ e de ‘indivíduo’ através do sufixo *-ão* (cap. VI, § 1.3 e cap. VII, § 1.13, respectivamente).

Os traços de fonte extra foram definidos com base na observação de que existem semantismos de indivíduo nos deverbais não coincidentes com componentes da estrutura léxico-conceptual do verbo. Alguns desses traços são, em abstracto, integráveis em posições hierarquicamente superiores daquela estrutura. Para essas ocorrências, desenvolveu-se um processo explicativo que designamos por ‘redobro da estrutura léxico-conceptual’, explicitado em termos teóricos no cap. II, § 5, onde laboram os traços de fonte extra. Dado que a nossa concepção de semântica se apoia nas visões conceptualistas de Jackendoff (2002) e em rede de Pustejovsky (1995), é possível encarar essa fonte extra como localizada na estrutura semântica e não numa esfera extra-linguística.

Por fim, a visão que assumimos dos operadores afixais como detentores de carga semântica própria e, como tal, de verdadeiros construtores de matizes semânticos dos deverbais dentro da significação genérica de cada RFP, explicitada no cap. II, § 1.4, ganha no cap. V visibilidade empírica. Assim, foram explicitados os traços de fonte sufixal dos operadores observados. Dado que os operadores funcionam como formas presas, morfológicamente, a determinação da sua carga semântica esteve dependente de uma análise comparativa entre os produtos que ostentam o mesmo operador e entre os produtos da mesma base verbal com operadores distintos. Esta metodologia teve como suporte dados lexicográficos e dados co-textuais.

A determinação dos traços do sufixo faz-se sobretudo de forma indirecta. Por exemplo, a estipulação dos traços de [efectuação], [processo] e [referenciação] relativos aos sufixos *-ção*, *-mento* e *-dura*, respectivamente, só é conseguida através da avaliação de comportamentos semânticos e morfológicos dos produtos em relação às bases. Por exemplo, o traço de *-mento* é reflectido na fabricação de determinados semantismos, como o semantismo de ‘resultado concreto’ de *aquartelamento*, *abairramento*, na selecção de determinadas classes semânticas das bases, como as que indicam ‘dividir em’, nas significações de ‘estado’ co-ocorrente com o desenrolar do evento, ou ainda na selecção de

bases com os afixos *-ec-* e *-esc-*. Estas condições da sufixação em *-mento* revelam indirectamente que o traço do sufixo é [processo] (cf. § 1.5, cap. VI).

Pelo contrário, o semantismo de ‘estado’ como consequente da efectuação do evento, a selecção de bases em *-ific-* e *-iz-* corroboram que o traço do sufixo *-ção* é [efectuação] (§ 1.4, cap. VI). Quanto ao traço de [referenciação] de *-dura*, este é visível indirectamente em semantismos de ‘restos’, ‘porção’ existentes nestes lexemas (§ 1.6, cap. VI).

É necessário destacarmos que numa fase inconclusiva do trabalho tínhamos, de um lado, significações finais resultantes de uma análise primeira e primária dos produtos em jogo e, de outro lado, traços de fontes várias que, desligados de entre si, não consubstanciam essas significações. Era necessário desconstruir as significações primárias, tarefa que já havia conduzido à obtenção dos traços, confrontá-las com os traços, para entender o processo de conjugação desses traços e, finalmente, configurar significações de âmbito já reconstruído (§ 3, cap. V). No fundo, tratava-se de compreender os mecanismos de construção semântica dos produtos.

Destaque-se que estas tarefas foram feitas em constante vaivém entre a análise empírica e a fundamentação teórica geral, mas também entre a construção indutiva dos traços e a decomposição e posterior recomposição dos semantismos dos produtos.

Através deste método foi possível compreender que a composição semântica que constitui cada semantismo dos produtos não é um bloco unitariamente gerado e que esse semantismo não coincide em bloco com o semantismo do sufixo.

A título de ilustração, o facto de muitos produtos em *-dor* significarem ‘causa’ não pode levar a que se tome ‘causa’ como proveniente como bloco do semantismo do sufixo. É necessário compreender que [causa] é um traço oriundo não do sufixo, mas de fonte léxico-conceptual ou extra e que a sua saliência enquanto semantismo ‘causa’ nos produtos em *-dor* se deve ao número elevado de coindexações entre o traço do sufixo e o referido traço. Como tal, o semantismo de ‘causa’ não ocorrerá em todos os produtos de *-dor*, pois não está inscrito neste sufixo, mas somente naqueles que resultarem da coindexação do traço [que tem a função de] com parâmetros regidos pela estrutura do verbo e não do sufixo (§ 1.1, cap. VII).

Foi assim necessário integrar os componentes intervenientes na formação dos semantismos num aparelho formal sistémico e coerente que permitisse dar conta dos processos de conciliação dos traços entre si para a obtenção dos semantismos (§ 1, cap. V).

O aparelho formal, para além de prever um conjunto de mecanismos inseríveis nos fenómenos de coindexação e de projecção, explicitados no cap. II, prevê um conjunto de notações formais capazes de simbolizar não os componentes semânticos intervenientes como átomos isolados, mas como agentes de interacção em rede, ao formalizarem os próprios modos de interacção (§ 4, cap. V).

Os semantismos reconstruídos foram entendidos como o resultado de operações de congregação de traços, sendo que os próprios traços são decomponíveis. Advoga-se, assim, uma visão dinâmica e em rede de semântica (§ 3, cap. V).

Um factor determinante que foi possível observar através do aparelho formal desenvolvido é que a mesma significação final, por exemplo de ‘acção’ ou de ‘locativo’, pode ser o resultado de mecanismos e de componentes diferentes. Na verdade, o processo de decomposição analítica de cada significação revela que diversos componentes e mecanismos podem gerar significações aparentemente iguais, mas que, pela sua composição, ostentam matizes semânticos revelados quer em co-texto, quer na oposição entre os produtos que os contêm.

Outro factor importante a reter do aparelho formal e conceptual desenvolvido prende-se com a concepção de que uma dada significação secundária do produto não é gerada a partir de outra significação enquanto bloco estanque, de acordo com uma derivação evolutiva, mas sim a partir de traços oriundos de fontes preexistentes à própria significação primeira. Essas fontes - léxico-conceptual verbal, eventiva verbal, sufixal e extra - constituem o domínio de origem da matéria de laboração genolexical e semântica quer das significações primárias, quer das secundárias.

Os semantismos de ‘evento’ são gerados a partir dos traços de fonte eventiva verbal, em coindexação com o traço de fonte sufixal. Os semantismos de ‘não-evento’ de ‘resultado’ e de ‘estado’ são igualmente devedores dos traços de fonte eventiva. Os semantismos de ‘indivíduo’, como ‘causa’, ‘locativo’ ‘instrumento’, etc. são gerados a partir de traços de fonte léxico-conceptual verbal ou extra e a partir de, pelo menos, um traço eventivo verbal, com coindexação com o traço do sufixo. A intervenção do traço de fonte eventiva na produção dos semantismos de ‘indivíduo’ como ‘causa’, ‘locativo’, etc. é justificada pela relação que estas significações mantêm com ‘evento’.

O funcionamento em rede e a partir da decomponibilidade semântica das bases explica que o operador sufixal seleccione os componentes semânticos da base que são adequáveis à sua própria formatação semântica e que, em simultâneo, anule, em termos de

selecção genolexical, os componentes dessa base que não mostram adequabilidade aos seus parâmetros semânticos. Como consequência deste comportamento, a mesma base verbal pode agregar-se a diferentes operadores sufixais. As significações resultantes nesses produtos, mesmo designando a mesma categoria ontológica, por exemplo de ‘evento’, apresentam matizes semânticos entre si que são devedores da especificidade do traço semântico de cada sufixo e, conseqüentemente, dos traços da base com que aquele coindexou.

Os resultados obtidos acerca da distribuição de semantismos por produtos/afixos/bases verbais deixam perceber que as restrições semânticas entre operadores e bases são matéria a valorizar no entendimento da genolexia.

Os capítulos VI e VII são dedicados à interpretação das conexões entre tipos de semantismos dos produtos deverbais, tipos semânticos das bases, tipos de traços coindexados para a construção dos semantismos e formatações morfológicas/morfemáticas das bases e dos produtos. O cap. VI é específico dos deverbais prototipicamente de ‘evento’ e o cap. VII dos deverbais prototipicamente de ‘indivíduo’. Os capítulos VI e VII constituem assim não um mero elenco de significações encontradas, mas a explicação dos mecanismos e dos componentes em jogo na geração dessas significações.

A distribuição entre semantismos dos produtos, tipos semânticos verbais, traços de coindexação e tipos morfemáticos/morfológicos corrobora que existem dois níveis de trabalho na selecção entre bases e sufixos:

- i) um nível de coindexação e projecção, em que a matéria actuante é definida sob a forma de traço;
- ii) um nível de condições de restrição, em que existem factores estruturais que condicionam a formação de determinado produto.

De modo geral, os componentes da estrutura eventiva da base verbal situam-se no primeiro nível e não no segundo. Assim, em termos globais, a estrutura eventiva do verbo torna-se aleatória como factor de restrição, na medida em que o traço do sufixo tem capacidade para seleccionar o componente, dentro dos disponíveis, que mais se adequa à sua formatação semântica. Torna-se também saliente que a matéria eventiva genolexical não está sujeita à variação co-textual protagonizada sintacticamente, pelo que se comprova a necessidade de delimitar traços eventivos e não categorias eventivas rígidas para as bases verbais. Como demonstrado em relação aos produtos de ‘evento’ do sufixo *-ão*, a sua semântica de evento súbito não anula que verbos com possibilidade de co-textualização

durativa sejam bases destes (§ 1.3, cap. VI). O sufixo tem a capacidade de seleccionar e coindexar-se apenas com o(s) traço(s) com que se concilia semanticamente.

Essa capacidade do sufixo rege-se, nos sufixos de ‘evento’, pela estrutura de moldagem eventiva. A estrutura de moldagem eventiva definida como a formatação da configuração do evento não se confunde com a estrutura eventiva (§ 7, cap. II). Tal é comprovado por exemplos como *helenização* e *apostolização*. As bases verbais destes produtos possuem estrutura eventiva de carácter [durativo] e estrutura de moldagem eventiva de [efectuação]. A configuração oferecida aos eventos pela sufixação em *-ção* é de moldagem eventiva de [efectuação] (§ 1.4, cap. VI) e não de estrutura eventiva.

Esta capacidade dos sufixos acarreta que quanto mais diversa for a formatação semântica eventiva do verbo base, mais possibilidade este tem de ser seleccionado por um maior número de sufixos. Por conseguinte, a mesma base verbal pode dar origem a produtos com estrutura de moldagem eventiva díspar. Por outro lado, se o verbo base possuir ele mesmo uma moldagem eventiva já formatada, apenas os sufixos adequados a essa moldagem o seleccionarão. A formatação da moldagem eventiva da base verbal está a cargo de afixos como *-iz-* e *-ific-*. O constrangimento morfológico entre bases formadas por estes sufixos verbalizadores e a sufixação em *-ção* rege-se, assim, por factores de nível semântico (§ 1.4, cap. VI), mais especificamente de moldagem eventiva.

Se na construção dos produtos de evento se salienta a capacidade de matização semântica protagonizada pelos operadores sufixais através da actuação da sua própria força semântica (cap. VI), nos produtos de indivíduo, para além da actuação particular de cada sufixo em termos de construção semântica, destaca-se também a diversidade de combinação entre traços e células semânticas para a obtenção de semantismos (cap. VII).

Torna-se assim importante salientar mais uma vez que o simples elenco dos semantismos encontrados para cada produto, sem a análise da sua construção e dos componentes que nela actuam, não permitiria observar as relações entre os vários componentes semânticos dentro de cada operador sufixal. Para isso contribui também de forma eficaz o tratamento estatístico do *corpus*. Através deste tratamento é possível estabelecer com segurança se, por exemplo, um dado semantismo é de facto valorizável em determinados produtos. Só uma análise que concilie dados empíricos numericamente tratados com uma concepção em rede de semântica genolexical permite avaliar que, por exemplo, nos produtos em *-dor* o semantismo de ‘locativo’ surge como subordinado ao semantismo de ‘causa’ e não é a este paralelo (§ 1.1, cap. VII).

Deste modo, a delimitação dos traços semânticos para cada um dos operadores e o estabelecimento dos mecanismos de coindexação, em conjugação com os factores de selecção, entre bases e sufixos, permite compreender a importância do comportamento semântico do sufixo de ‘indivíduo’ sob dois aspectos. O primeiro aspecto lida com a matização semântica do tipo de ‘indivíduo’, subsumida na especificação de [que tem a função de], [que tem a propriedade de] aplicados ao traço [causa humana], como ilustrado pela oposição entre *falador* e *falante*, por exemplo (§ 1.1 e § 1.10, cap. VII). O segundo aspecto joga com a instanciação da classe de indivíduo, a saber, ‘locativo’, ‘locativo pequeno’, ‘causa humana’, ‘causa instrumento autónomo’, etc.

O relevo dado ao estatuto do traço do sufixo em conciliação com o modelo de coindexação desenvolvido permite estipular que o mesmo afixo pode laborar em várias RFPs, ao ajustar-se a bases divergentes categorial e semanticamente e ao formar produtos com diversidade considerável. Se o operador afixal fosse concebido como atreito rigidamente ao semantismo mais representativo em termos numéricos de cada produto, restariam sem explicação a construção de outros semantismos no mesmo produto ou a actuação do mesmo sufixo em relação a outras bases.

Em suma, em termos teóricos, o nosso trabalho representa um avanço no entendimento genlexical, ao formular de modo teórico coeso o funcionamento de interfaces entre RFPs desenhadas como constâncias semânticas em rede entre bases e produtos, através da actuação de operadores afixais com identidade própria e operacionalidade semântica ao nível do produto e ao nível da selecção das bases com que se coadunam.

Por outro lado, a definição de que o modo de actuação entre afixo e base se localiza num domínio semântico e não argumental vem estabilizar conflitos gerados quer por concepções sintacticistas da linguagem, quer por dados empíricos não conciliáveis com o tipo de entendimento próprio daquelas, bem como esclarecer a arquitectura das estruturas eventiva, léxico-conceptual e argumental entre si.

Por último, a formulação de um aparelho formal capaz de explicar e não meramente de descrever a construção dos semantismos dos deverbais permite encarar de modo sólido a actuação genlexical dos componentes semânticos de forma dinâmica e criativa.

Em termos empíricos, o estudo aturado e estatisticamente suportado dos deverbais sufixados vem contribuir para um conhecimento mais cabal da formação de palavras do português.

Contudo, o entendimento do funcionamento dos deverbais não se esgota neste estudo. Delimitada a actuação entre afixos e bases ao domínio semântico, ficam por estabelecer os mecanismos responsáveis dentro do deverbal pela actualização da capacidade de estrutura argumental. Como fomos observando ao longo deste trabalho, existem produtos quer de evento, quer de indivíduo de determinados operadores afixais que nunca evidenciam capacidade de estrutura argumental, enquanto outros apresentam variação dessa capacidade. As razões e os mecanismos que obstaculizam vs. proporcionam total ou parcialmente essa capacidade em determinados produtos e significações ficam por estipular e são objecto certamente a ter em conta em trabalho futuro.

Outro aspecto interessante para futura investigação prende-se com a aplicabilidade do modelo proposto a outros operadores afixais em interacção com outras RFPs. Neste trabalho analisámos a actuação de *-agem* e *-aria* na RFP de nomes de acção. Seria importante dilucidar o seu comportamento nas restantes RFPs com que mantêm interface, bem como alargar o estudo aos restantes operadores dessas RFPs.

Por sua vez, a construção de deverbais não se circunscreve aos operadores afixais aqui analisados. Outros operadores como *-da*, *-ido*, *-ice* servem a formação deverbal. Avaliar o seu contributo bem como a adequabilidade da nossa proposta ao seu fundamento pode ser alvo de futuras investigações.

Um domínio em que seria importante testar este modelo é o da formação de deverbais não-afixados. Dada a importância que colocámos neste trabalho na actuação afixal na construção dos vários semantismos dos produtos, constitui-se como um desafio estudar a formação dos semantismos em deverbais em que não ocorre afixação.

Por último, a advocação teórica, fundamentada em Jackendoff (2002), de que um maior emparceiramento entre a linguística do sistema e a linguística do processamento é requerido ganha especial relevo na área da genolexia. Como tal, seria importante consolidar através de experimentações psicolinguísticas o modelo proposto neste trabalho.

Anexos

Anexos A e B

O anexo A mostra a distribuição numérica dos tipos de semantismos encontrados nos produtos construídos com operadores afixais prototipicamente de ‘evento’ de acordo com os tipos léxico-semânticos das bases verbais.

O anexo B mostra os mesmos dados respeitantes aos produtos construídos com operadores afixais prototipicamente de ‘indivíduo’.

Cada tabela diz respeito a um operador afixal. Os dados são apresentados em valores absolutos e em valores percentuais.

Os semantismos resultam da aplicação do modelo que apresentamos neste trabalho e não reflectem directamente os dados elencados por obras lexicográficas.

Anexo A

Distribuição numérica de semantismos em produtos prototipicamente de ‘evento’

<i>-agem</i>	acção	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	instr	in mq aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	totais	
inerg																							
moção				1,59%		0,23%					0,23%			0,45%									2,49%
perform				5,67%	0,23%						2,04%											0,23%	8,16%
instrume				0,23%																			0,23%
inac																							
locativo				1,36%		1,36%											0,23%	0,23%					3,17%
mover-se				0,23%		0,23%											0,23%	0,23%					0,91%
existência				0,23%		0,23%												0,23%					0,68%
trans																							
locativo				4,76%		1,36%	0,45%										0,45%						7,03%
dir esp				0,68%														0,23%					0,91%
mov suj				0,23%		0,23%																	0,45%
enviar				0,23%		0,23%																	0,45%
cercar				0,23%		0,23%																	0,45%
carregar				1,59%											0,23%		0,91%	0,23%					2,95%
mov obj				0,45%		0,45%					0,23%		0,23%										1,36%
causativo				6,80%		0,45%							0,23%				0,23%	0,23%					7,94%
resultativo				6,58%	0,23%		1,13%										0,23%	0,23%					8,39%
percepção				0,45%			0,23%																0,68%
obj negat				2,04%													0,23%						2,27%
ornativo				15,87%						0,91%	0,23%	1,81%		0,45%			0,23%	0,23%					19,73%
desprover				1,81%																			1,81%
med obj				1,81%		1,81%											0,91%	0,23%					4,76%
dividir em				0,91%		0,23%																	1,13%
unir				1,59%								0,68%			0,91%		0,23%						3,40%
performat				5,67%							0,68%		0,45%				0,45%					0,23%	7,48%
transf pos				0,45%													0,45%						0,91%
instrumen				7,71%		0,23%						0,23%	0,23%		0,23%		0,45%	0,23%					9,30%
capturar				0,23%																			0,23%
obstar				0,91%		0,91%						0,91%											2,72%
totais				70,29%	0,45%	8,16%	1,81%			0,91%	3,40%	3,63%	0,91%	1,13%	1,36%		5,22%	2,27%				0,45%	100,00%

Tabela A 1. Valores percentuais de significações dos produtos em *-agem* por tipo léxico-semântico de base

-agem	acção	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	instr	in mq aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	totais	
inerg																							
moção				7		1					1			2									11
perform				25	1						9											1	36
instrume				1																			1
inac																							
locativo				6		6											1	1					14
mover-se				1		1											1	1					4
existência				1		1												1					3
trans																							
locativo				21		6	2										2						31
dir esp				3														1					4
mov suj				1		1																	2
enviar				1		1																	2
cercar				1		1																	2
carregar				7											1		4	1					13
mov obj				2		2					1			1									6
causativo				30		2							1				1	1					35
resultativo				29	1		5										1	1					37
percepção				2			1																3
obj negat				9													1						10
ornativo				70						4	1	8		2			1	1					87
desprover				8																			8
med obj				8		8											4	1					21
dividir em				4		1																	5
unir				7								3			4		1						15
performat				25							3		2				2					1	33
transf pos				2													2						4
instrumen				34		1						1	1		1		2	1					41
capturar				1																			1
obstar				4		4						4											12
totais				310	2	36	8			4	15	16	4	5	6		23	10				2	441

Tabela A 2. Valores absolutos de significações dos produtos em *-agem* por tipo léxico-semântico de base

-ão 1	acção	processo	ci	op dif	estado	cheg sub	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	instr	in mq aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	totais	
inerg																							
subs						1,72%																	1,72%
moção						3,45%																	3,45%
performat						0,86%				0,86%													1,72%
inac																							
dir esp						1,72%																	1,72%
trans																							
dir esp						2,59%	0,86%																3,45%
lançar						1,72%																	1,72%
mov força						12,07%							0,86%										12,93%
parar						0,86%																	0,86%
m s alt es						5,17%	3,45%																8,62%
impacto						2,59%																	2,59%
causativo						8,62%	9,48%																18,10%
obj negat					0,86%	1,72%	0,86%																3,45%
ferir						10,34%	7,76%																18,10%
contacto						18,10%	3,45%																21,55%
totais					0,86%	71,55%	25,86%			0,86%			0,86%										100,00%

Tabela A 3. Valores percentuais de significações dos produtos em -ão 1 por tipo léxico-semântico de base

-ão 1	acção	processo	ci	op dif	estado	cheg sub	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	instr	in m q aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	totais	
inerg																							
subs						2																	2
moção						4																	4
performat						1				1													2
inac																							
dir esp						2																	2
trans																							
dir esp						3	1																4
lançar						2																	2
mov força						14							1										15
parar						1																	1
m s alt es						6	4																10
impacto						3																	3
causativo						10	11																21
obj negat					1	2	1																4
ferir						12	9																21
contacto						21	4																25
totais					1	83	30			1			1										116

Tabela A 4. Valores absolutos de significações dos produtos em -ão 1 por tipo léxico-semântico de base

-aria	acção	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	instr	in mq aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	totais	
inerg																							
som			17,86%																				17,86%
moção											1,79%												1,79%
perform			7,14%																				7,14%
act fala			5,36%																				5,36%
trans																							
locativo																		3,57%					3,57%
causativo			1,79%															5,36%					7,14%
resultativo			1,79%				1,79%											3,57%					7,14%
obj negat			1,79%															3,57%		1,79%			7,14%
ornativo													1,79%					3,57%					5,36%
dividir em													1,79%										1,79%
transf pos			3,57%															3,57%					7,14%
performat			8,93%															3,57%					12,50%
act fala			7,14%																				7,14%
instrum			1,79%															1,79%					3,57%
capturar			1,79%										1,79%					1,79%					5,36%
totais			58,93%				1,79%				1,79%		5,36%					30,36%		1,79%			100,00%

Tabela A 5. Valores percentuais de significações dos produtos em *-aria* por tipo léxico-semântico de base

<i>-aria</i>	acção	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	instr	in mq aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	totais	
inerg																							
som			10																				10
moção											1												1
perform			4																				4
act fala			3																				3
trans																							
locativo																		2					2
causativo			1															3					4
resultativo			1				1											2					4
obj negat			1															2		1			4
ornativo													1					2					3
dividir em													1										1
transf pos			2															2					4
performat			5															2					7
act fala			4																				4
instrum			1															1					2
capturar			1										1					1					3
totais			33				1				1		3					17		1			56

Tabela A 6. Valores absolutos de significações dos produtos em *-aria* por tipo léxico-semântico de base

-ção	ação	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	obj col	instr	in mq aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	totais
inerg																							
performat	1,64%				0,17%		0,25%				0,05%							0,05%				0,02%	2,18%
resultativo	0,07%																						0,07%
psico	0,27%																						0,27%
moção	0,84%							0,05%														0,02%	0,92%
luz	0,30%						0,25%																0,55%
subs	0,65%						0,37%	0,12%														0,02%	1,17%
act fala	0,40%						0,20%																0,60%
som	0,47%						0,30%																0,77%
inac																							
resultativo	0,84%						0,10%	0,17%														0,10%	1,22%
incoativo	3,72%				1,09%		0,27%							0,02%									5,11%
dir esp	0,20%				0,02%		0,02%							0,05%									0,30%
mover-se	0,10%																						0,10%
locativo	0,17%																		0,02%				0,20%
conf espa	0,05%				0,02%																		0,07%
est/exist	0,55%				0,32%		0,02%						0,02%						0,07%			0,02%	1,02%
aparecim	0,15%						0,05%							0,02%					0,02%			0,02%	0,27%
trans																							
locativo	3,33%				0,40%		0,12%	0,12%											0,12%	0,02%	0,02%		4,14%
dir esp	1,34%				0,05%		0,02%												0,02%				1,44%
mov suj	0,40%				0,02%						0,02%								0,02%				0,47%
cercar	0,02%																						0,02%
mov obj	0,72%				0,05%																		0,77%
conf espa	0,15%				0,05%																		0,20%
enviar	0,07%																						0,07%
lançar	0,12%																		0,05%				0,17%
carregar	0,02%				0,02%																		0,05%
m s alt es	0,15%																						0,15%
mov força	0,07%				0,02%																		0,10%
parar	0,25%				0,05%																		0,30%
impacto	0,02%																						0,02%
causativo	15,83%				3,90%		0,20%	0,12%			0,02%								0,02%			0,07%	20,17%
resultativo	6,75%				0,74%		0,65%	0,15%		0,02%									0,02%			0,02%	8,36%
percepção	1,24%				0,12%																		1,36%
obj negat	1,99%				0,27%		0,02%			0,02%									0,02%				2,33%
ferir	0,57%				0,12%		0,10%																0,79%
ornativo	6,67%				0,84%		0,07%	0,30%		0,17%	0,22%	0,47%		0,02%				0,02%	0,05%				8,86%
desprover	2,78%				0,32%																		3,10%
med obj	0,35%																						0,35%
distribuir	0,32%				0,10%																		0,42%
dividir em	0,57%				0,27%														0,02%				0,87%
performat	9,23%				0,89%		0,74%	0,05%		0,20%	0,07%								0,02%				11,22%
act fala	3,05%						1,44%	0,02%		0,02%													4,54%
pedir	0,42%						0,25%																0,67%
instrume	1,44%				0,02%		0,02%	0,02%				0,02%							0,05%				1,59%
transf pos	1,46%						0,15%	0,10%										0,02%	0,07%		0,02%		1,84%
contacto	0,10%																						0,10%
modativo	0,32%																						0,32%
reunir	0,60%						0,40%																0,99%
obstar	0,27%				0,12%		0,02%																0,42%
unir	1,09%				0,12%		0,37%	0,12%				0,02%							0,02%				1,76%

-ção	acção	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	obj col	instr	in mq aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	totais		
desunir	0,42%				0,07%		0,07%																	0,57%	
capturar	0,17%				0,02%		0,02%				0,02%														0,25%
est-suj	2,11%				2,03%					0,02%															4,17%
exp-suj	0,52%				0,50%		0,02%																		1,04%
psico	0,69%				0,12%		0,30%			0,05%															1,17%
totais	76,08%				12,93%		6,85%	1,36%		0,52%	0,42%	0,52%	0,02%	0,12%				0,10%	0,67%	0,02%	0,02%	0,35%		100,00%	

Tabela A 7. Valores percentuais de significações dos produtos em -ção por tipo léxico-semântico de base

-ção	ação	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	obj col	instr	in mq aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	totais
inerg																							
performat	66				7		10				2							2				1	88
resultativo	3																						3
psico	11																						11
moção	34							2														1	37
luz	12						10																22
subs	26						15	5														1	47
act fala	16						8																24
som	19						12																31
inac																							
resultativo	34						4	7														4	49
incoativo	150				44		11							1									206
dir esp	8				1		1							2									12
mover-se	4																						4
locativo	7																		1				8
conf espa	2				1																		3
est/exist	22				13		1						1						3			1	41
aparecim	6						2							1					1			1	11
trans																							
locativo	134				16		5	5											5	1	1		167
dir esp	54				2		1												1				58
mov suj	16				1						1								1				19
cercar	1																						1
mov obj	29				2																		31
conf espa	6				2																		8
enviar	3																						3
lançar	5																		2				7
carregar	1				1																		2
m s alt es	6																						6
mov força	3				1																		4
parar	10				2																		12
impacto	1																						1
causativo	638				157		8	5			1								1			3	813
resultativo	272				30		26	6		1									1			1	337
percepção	50				5																		55
obj negat	80				11		1			1									1				94
ferir	23				5		4																32
ornativo	269				34		3	12		7	9	19		1				1	2				357
desprover	112				13																		125
med obj	14																						14
distribuir	13				4																		17
dividir em	23				11														1				35
performat	372				36		30	2		8	3								1				452
act fala	123						58	1		1													183
pedir	17						10																27
instrume	58				1		1	1				1							2				64
transf pos	59						6	4										1	3			1	74
contacto	4																						4
modativo	13																						13
reunir	24						16																40
obstar	11				5		1																17

-ção	ação	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	obj col	instr	in mq aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	totais
unir	44				5		15	5				1							1				71
desunir	17				3		3																23
capturar	7				1		1				1												10
est-suj	85				82					1													168
exp-suj	21				20		1																42
psico	28				5		12			2													47
totais	3066				521		276	55		21	17	21	1	5				4	27	1	1	14	4030

Tabela A 8. Valores absolutos de significações dos produtos em -ção por tipo léxico-semântico de base

<i>-dura</i>	acção	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	obj col	instr	in mq aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	totais
inerg																							
som	1,35%																						1,35%
subs	0,30%																						0,30%
moção	2,40%									0,15%										0,30%			2,85%
performa	0,90%																						0,90%
inac																							
incoativo	4,20%				0,90%		2,25%						0,30%										7,65%
dir esp	0,45%												0,15%							0,15%			0,75%
estado	0,15%						0,15%																0,30%
mover-se													0,15%										0,15%
desapare	0,30%																						0,30%
trans																							
locativo	1,80%				0,15%		0,30%	0,15%		0,15%			0,30%					0,15%	0,30%	0,75%			4,05%
mov obj	0,15%																						0,15%
dir esp	0,75%									0,15%			0,45%							0,15%			1,50%
m s alt es	0,90%						0,60%																1,50%
lançar	0,45%																						0,45%
mov força	0,45%												0,15%										0,60%
obj negat	3,45%						2,55%						0,30%										6,30%
ornat	7,80%						1,50%			1,80%	1,65%		0,60%	0,15%					0,30%	0,15%			13,94%
desprov	2,85%						0,75%	0,15%					0,45%								0,15%		4,35%
causativo	9,75%				1,50%		6,45%	0,15%		0,90%	0,15%		0,90%	0,15%									19,94%
ferir	1,20%						1,50%			0,30%													3,00%
resultati	3,90%				0,15%		2,85%	0,15%															7,05%
instrum	5,55%						1,95%						0,45%			1,65%				0,15%			9,75%
performa	3,90%				0,30%		0,75%						0,60%									0,30%	5,85%
contacto	0,15%																						0,15%
modativ	0,30%						0,15%																0,45%

<i>-dura</i>	acção	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	obj col	instr	in mq aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	totais
dividir em	0,60%						0,30%																0,90%
unir	1,05%						0,15%						0,15%			0,45%				0,30%			2,10%
reunir	0,15%																						0,15%
percepç	0,30%												0,15%										0,45%
obstar	0,45%															0,15%							0,60%
capturar	0,90%						0,30%													0,15%		0,30%	1,65%
medir	0,15%																						0,15%
trans pos	0,15%																						0,15%
prender	0,15%																				0,15%		0,30%
totais	57,27%				3,00%		22,49%	0,60%		3,45%	1,80%		5,10%	0,30%		2,25%		0,15%	1,20%	1,80%		0,60%	100,00%

Tabela A 9. Valores percentuais de significações dos produtos em *-dura* por tipo léxico-semântico de base

<i>-dura</i>	acção	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	obj col	instr	in mç aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	totais	
inerg																								
som	9																							9
subs	2																							2
moção	16									1									2					19
performa	6																							6
inac																								
incoativo	28				6		15						2											51
dir esp	3												1						1					5
estado	1						1																	2
mover-se													1											1
desaparec	2																							2
trans																								
locativo	12				1		2	1		1			2					1	2	5				27
mov obj	1																							1
dir esp	5									1			3						1					10
m s alt es	6						4																	10
lançar	3																							3
mov força	3												1											4
obj negat	23						17						2											42
omat	52						10			12	11		4	1					2	1				93
desprover	19						5	1					3							1				29
causativo	65				10		43	1		6	1		6	1										133
ferir	8						10			2														20
resultativo	26				1		19	1																47
instrum	37						13						3				11			1				65
performa	26				2		5						4										2	39
contacto	1																							1
modativo	2						1																	3
dividir em	4						2																	6
unir	7						1						1				3			2				14
reunir	1																							1
percepção	2												1											3
obstar	3																1							4
capturar	6						2													1			2	11
medir	1																							1
trans pos	1																							1
prender	1																				1			2
totais	382				20		150	4		23	12		34	2			15		1	8	12		4	667

Tabela A 10. Valores absolutos de significações dos produtos em *-dura* por tipo léxico-semântico de base

<i>-mento</i>	ação	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	obj col	instr	in mq aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	loc resul	totais
inerg																								
perform		0,44%			0,10%		0,07%																0,03%	0,64%
moção		0,51%			0,03%																			0,54%
subst		0,13%																						0,13%
som		0,17%			0,03%		0,03%																	0,24%
act fala		0,07%																						0,07%
luz		0,13%			0,03%																			0,17%
psico		0,03%			0,03%																			0,07%
inac																								
incoativo		7,55%			5,70%		0,98%																	14,23%
resultativo		0,54%			0,17%		0,37%																	1,08%
locativo		0,03%			0,03%																			0,07%
conf esp		0,37%			0,27%		0,10%												0,03%					0,78%
dir esp		1,01%			0,40%		0,10%																	1,52%
mover-se		0,20%			0,10%								0,07%						0,07%					0,44%
aparecim		0,61%					0,13%						0,10%									0,03%		0,88%
desaparec		0,20%																						0,20%
exist/est		0,27%			0,27%																			0,54%
parar		0,07%																						0,07%
trans																								
locativo		3,91%			0,37%		0,44%	0,10%											0,27%	0,03%	0,03%		0,10%	5,26%
dir esp		2,02%			0,34%		0,10%	0,03%											0,03%				0,03%	2,56%
lançar		0,20%			0,03%																			0,24%
mov suj		0,30%					0,10%																	0,40%
mov obj		0,51%			0,03%								0,03%						0,03%					0,61%
mov força		0,17%			0,03%																			0,20%
conf esp		0,57%			0,07%																	0,03%	0,03%	0,71%
enviar		0,17%																						0,17%
carregar		0,17%																0,03%						0,20%
impacto		0,03%			0,03%																			0,07%
m s alt es		0,57%			0,20%		0,03%																	0,81%
cercar		0,17%			0,03%																			0,20%
causativo		14,73%			11,02%		1,69%	0,03%		0,10%	0,03%								0,03%				0,03%	27,68%
resultativo		1,79%			0,24%		0,67%	0,17%		0,03%				0,24%									0,03%	3,17%
obj negat		1,18%			0,17%		0,10%						0,03%											1,48%
ferir		0,20%																						0,20%
percepção		0,40%			0,03%																			0,44%
transf		0,64%			0,03%								0,03%											0,71%
ornativo		6,34%			0,20%		1,15%	0,61%		1,25%	0,07%		0,30%										0,10%	10,01%
desprover		2,26%			0,44%		0,13%																	2,83%
med obj		0,07%																						0,07%
modativo		0,20%			0,10%		0,03%																	0,34%
performa		4,21%			0,34%		0,37%				0,07%		0,17%											5,16%
act fala		0,51%			0,20%		0,20%						0,03%											0,74%
pedir		0,07%					0,03%																	0,10%
instrum		2,06%																						2,06%
unir		0,57%			0,13%		0,03%						0,03%											0,78%
desunir		0,07%			0,03%																			0,10%
reunir		0,07%					0,07%																	0,13%
contacto		0,07%																						0,07%
dividir		0,84%					0,67%																	1,52%
distribuir		0,30%					0,24%																	0,54%
obstar		0,07%																						0,07%
capturar		0,13%																						0,13%
est-suj		2,97%			2,97%																			5,93%
exp-suj		0,61%			0,61%																			1,21%
psico		0,71%			0,71%					0,03%														1,45%
totais		62,20%			25,35%		7,86%	0,94%		1,42%	0,17%		1,05%				0,03%	0,03%	0,44%	0,03%	0,07%	0,07%	0,34%	100,00%

Tabela A 11. Valores percentuais de significações dos produtos em *-mento* por tipo léxico-semântico de base

-mento	acção	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	obj col	instr	in mq aut	exp	imposto	loc	loc e	loc p	loc t	loc resul	totais	
inerg																									
perform		13			3		2																1		19
moção		15			1																				16
subst		4																							4
som		5			1		1																		7
act fala		2																							2
luz		4			1																				5
psico		1			1																				2
inac																									
incoativo		224			169		29																		422
resultativo		16			5		11																		32
locativo		1			1																				2
conf esp		11			8		3													1					23
dir esp		30			12		3																		45
mover-se		6			3								2							2					13
aparecim		18					4						3									1			26
desaparec		6																							6
exist/est		8			8																				16
parar		2																							2
trans																									
locativo		116			11		13	3												8	1	1		3	156
dir esp		60			10		3	1												1				1	76
lançar		6			1																				7
mov suj		9					3																		12
mov obj		15			1								1							1					18
mov força		5			1																				6
conf esp		17			2																	1		1	21
enviar		5																							5
carregar		5																	1						6
impacto		1			1																				2
m s alt es		17			6		1																		24
cercar		5			1																				6
causativo		437			327		50	1		3	1						1							1	821
resultativo		53			7		20	5		1			7											1	94
obj negat		35			5		3						1												44
ferir		6																							6
percepção		12			1																				13
transf		19			1								1												21
ornativo		188			6		34	18		37	2		9											3	297
desprover		67			13		4																		84
med obj		2																							2
modativo		6			3		1																		10
performa		125			10		11				2		5												153
act fala		15					6						1												22
pedir		2					1																		3
instrum		61																							61
unir		17			4		1						1												23
desunir		2			1																				3
reunir		2					2																		4
contacto		2																							2
dividir		25					20																		45
distribuir		9					7																		16
obstar		2																							2
capturar		4																							4
est-suj		88			88																				176

<i>-mento</i>	ação	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	obj col	instr	in mq aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	loc resul	totais
exp-suj		18			18																			36
psico		21			21					1														43
totais		1845			752		233	28		42	5		31			1		1	13	1	2	2	10	2966

Tabela A 12. Valores absolutos de significações dos produtos em *-mento* por tipo léxico-semântico de base

<i>-nça</i>	ação	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	obj col	instr	in mq aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	loc resul	totais
inerg																								
moção					1,48%																			1,48%
performa					4,44%						0,74%													5,19%
inac																								
incoativo		4,44%			10,37%		4,44%																	19,26%
dir esp					1,48%		1,48%																	2,96%
mover-se		1,48%			0,74%		0,74%																	2,96%
aparecim		1,48%					0,74%															0,74%		2,96%
est/exist					4,44%		2,96%																	7,41%
trans																								
locativo					0,74%		0,74%																	1,48%
dir esp					1,48%																			1,48%
causativo		0,74%			5,19%		1,48%			1,48%			0,74%											9,63%
obj negat		0,74%			1,48%																			2,22%
ornativo					2,22%																			2,22%
performa		2,96%			8,15%					1,48%			1,48%											14,07%
capturar		0,74%																						0,74%
unir					2,22%		1,48%																	3,70%
desunir					0,74%																			0,74%
est-suj					0,74%																			0,74%
exp-suj					7,41%																			7,41%
psico					3,70%		0,74%																	4,44%
transf pos		0,74%			1,48%								0,74%											2,96%
posse		0,74%			0,74%																			1,48%
obstar		0,74%			0,74%																			1,48%
percepção		1,48%			1,48%																			2,96%
totais		16,30%			61,48%		14,81%			2,96%	0,74%		2,96%									0,74%		100,00%

Tabela A 13. Valores percentuais de significações dos produtos em *-nça* por tipo léxico-semântico de base

-nça	acção	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	obj col	instr	in mq aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	loc resul	totais
inerg																								
moção					2																			2
performa					6						1													7
inac																								
incoativo		6			14		6																	26
dir esp					2		2																	4
mover-se		2			1		1																	4
aparecim		2					1															1		4
est/exist					6		4																	10
trans																								
locativo					1		1																	2
dir esp					2																			2
causativo		1			7		2			2			1											13
obj negat		1			2																			3
ornativo					3																			3
performa		4			11					2			2											19
capturar		1																						1
unir					3		2																	5
desunir					1																			1
est-suj					1																			1
exp-suj					10																			10
psico					5		1																	6
transf pos		1			2								1											4
posse		1			1																			2
obstar		1			1																			2
percepç		2			2																			4
totais		22			83		20			4	1		4									1		135

Tabela A 14. Valores absolutos de significações dos produtos em *-nça* por tipo léxico-semântico de base

-ncia	acção	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	obj col	instr	in mq aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	loc resul	totais
inerg																								
perform					6,21%		0,28%			0,28%									0,85%			0,56%		8,19%
moção					0,85%					0,28%														1,13%
luz					4,52%																			4,52%
som					2,82%		2,82%																	5,65%
cheiro					0,85%																			0,85%
inac																								
locativo		0,28%			0,85%																			1,13%
dir esp		1,69%			3,67%		2,82%							0,56%										8,76%
mover-se		0,28%			1,98%		0,28%						0,28%											2,82%
aparecim		1,69%			2,54%		1,69%						1,69%											7,63%
desparec		0,28%			0,28%																			0,56%
est/exist		1,69%			15,82%		3,39%	0,56%					0,28%						1,13%			1,13%		24,01%
resultativo					1,98%																	0,28%		2,26%
incoativo					9,89%		0,85%	0,28%														0,28%		11,30%
trans																								
dir esp					1,13%																			1,13%
conf esp					0,28%																			0,28%
mov obj		0,85%			1,13%																			1,98%
enviar					0,28%																			0,28%
capturar					0,28%																			0,28%
obj negat					0,28%																			0,28%
causativo					2,82%																			2,82%
performat		2,26%			5,08%		0,56%			0,85%														8,76%
act fala		0,56%			1,13%		0,56%																	2,26%
est-suj					0,85%																			0,85%
exp-suj		0,28%			1,13%																			1,41%
psic					0,28%																			0,28%
contacto					0,28%		0,28%																	0,56%
totais		9,89%			67,23%		13,56%	0,85%		1,41%			2,26%	0,56%					1,98%			2,26%		100,00%

Tabela A 15. Valores percentuais de significações dos produtos em *-ncia* por tipo léxico-semântico de base

-ncia	acção	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	obj col	instr	in mq aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	loc resul	totais
inerg																								
perform					22		1			1									3			2		29
moção					3					1														4
luz					16																			16
som					10		10																	20
cheiro					3																			3
inac																								
locativo		1			3																			4
dir esp		6			13		10							2										31
mover-se		1			7		1						1											10
aparecim		6			9		6						6											27
desparec		1			1																			2
est/exist		6			56		12	2					1						4			4		85
resultativo					7																	1		8
incoativo					35		3	1														1		40
trans																								
dir esp					4																			4
conf esp					1																			1
mov obj		3			4																			7
enviar					1																			1
capturar					1																			1
obj negat					1																			1
causativo					10																			10
performat		8			18		2			3														31
act fala		2			4		2																	8
est-suj					3																			3
exp-suj		1			4																			5
psic					1																			1
contacto					1		1																	2
totais		35			238		48	3		5			8	2					7			8		354

Tabela A 16. Valores absolutos de significações dos produtos em *-ncia* por tipo léxico-semântico de base

-nço	acção	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	obj col	instr	in mq aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	loc resul	totais
inerg																								
subst								3,85%																3,85%
perform								3,85%																3,85%
inac																								
aparecim													3,85%											3,85%
conf esp						11,54%																		11,54%
dir esp						3,85%																		3,85%
trans																								
locativo						3,85%																		3,85%
dir esp						3,85%																		3,85%
causativo						3,85%																		3,85%
performat		7,69%				7,69%																		15,38%
capturar		26,92%																						26,92%
pedir		3,85%																						3,85%
act fala		3,85%																						3,85%
psicol		7,69%																						7,69%
unir					3,85%																			3,85%
totais		50,00%			3,85%	34,62%		7,69%					3,85%											100,00%

Tabela A 17. Valores percentuais de significações dos produtos em *-nço* por tipo léxico-semântico de base

-nço	acção	processo	ci	op dif	estado	chegada	resul conc	resul col	resul sist	causa	causa col	causa sist	obj	obj col	instr	in mç aut	exp	imposto	loc	loc c	loc p	loc t	loc resul	totais
inerg																								
subst								1																1
perform								1																1
inac																								
aparecim													1											1
conf esp						3																		3
dir esp						1																		1
trans																								
locativo						1																		1
dir esp						1																		1
causativo						1																		1
performat		2				2																		4
capturar		7																						7
pedir		1																						1
act fala		1																						1
psicol		2																						2
unir					1																			1
totais		13			1	9		2					1											26

Tabela A 18. Valores absolutos de significações dos produtos em *-nço* por tipo léxico-semântico de base

Anexo B

Distribuição numérica de semantismos em produtos prototipicamente de ‘indivíduo’

-deiro	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	acção	totais
inerg																					
som					1,47%	1,47%								1,47%							4,41%
subs														1,47%		1,47%	1,47%				4,41%
moç	5,88%						1,47%								5,88%						13,24%
act fala							1,47%	1,47%						1,47%							4,41%
inac																					
dir espec	1,47%										1,47%		1,47%	1,47%			1,47%				7,35%
est/exist														1,47%							1,47%
trans																					
loc	2,94%						1,47%								2,94%						7,35%
dir esp	2,94%													1,47%	2,94%						7,35%
carr/reboc		1,47%											1,47%								2,94%
causat						1,47%	2,94%						1,47%	1,47%	2,94%		1,47%	2,94%			14,71%
resulta		1,47%					2,94%						1,47%	1,47%							7,35%
obj neg															1,47%						1,47%
prover de							1,47%	1,47%										1,47%			4,41%
despro de		1,47%							1,47%												2,94%
perform					1,47%		4,41%	2,94%													8,82%
instrum													1,47%	1,47%	1,47%						4,41%
capturar							2,94%														2,94%
totais	13,24%	4,41%			2,94%	2,94%	19,12%	5,88%	1,47%		1,47%		7,35%	13,24%	17,65%	1,47%	4,41%	4,41%			100,00%

Tabela B 1. Valores absolutos de significações dos produtos em *-deiro* por tipo léxico-semântico de base

-deiro	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	acção	totais
inerg																					
som					1	1								1							3
subs														1		1	1				3
moção	4						1								4						9
act fala							1	1						1							3
inac																					
dir espec	1										1		1	1				1			5
est/exist														1							1
trans																					
loc	2						1								2						5
dir esp	2													1	2						5
carr/reboc		1											1								2
causat						1	2						1	1	2		1	2			10
resulta		1					2						1	1							5
obj neg															1						1
prover de							1	1											1		3
despro de		1							1												2
perform					1		3	2													6
instrum													1	1	1						3
capturar							2														2
totais	9	3			2	2	13	4	1		1		5	9	12	1	3	3			68

Tabela B 2. Valores percentuais de significações dos produtos em *-deiro* por tipo léxico-semântico de base

<i>-deira</i>	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	acção	exp	totais
inerg																						
moção		0,28%		0,56%		1,98%	1,41%		0,56%						0,28%							5,08%
som		0,85%		0,28%		1,41%	1,13%		0,56%									0,28%		3,95%		8,47%
subs	0,28%	0,28%		0,28%		0,28%											0,85%					1,98%
perform	0,28%			0,28%			0,85%								0,28%					0,85%		2,54%
act fala							1,13%							0,28%						0,28%		1,69%
inac																						
dir esp												0,85%										0,85%
mover suj																	0,28%					0,28%
trans																						
loc							1,13%		1,41%	1,98%					0,28%							4,80%
dir esp							0,56%		1,13%		0,28%								0,28%			2,26%
conf esp																	0,28%					0,28%
mov força							0,85%		0,56%	0,28%						0,56%						2,26%
carregar							0,28%															0,28%
cercar		0,28%					0,28%			0,28%	0,28%											1,13%
lançar									0,28%													0,28%
m s alt es							0,28%		0,28%	0,56%	0,28%											1,41%
parar				0,28%																		0,28%
causat						0,56%	3,95%		5,93%	5,37%	0,56%						0,85%	2,26%				19,49%
result		0,28%			0,28%	0,28%	2,82%	0,28%	0,85%	2,26%								1,13%				8,19%
obj negat							0,85%		2,54%											0,56%		3,95%
ferir							0,28%		0,28%											0,28%		0,85%
percepção									0,28%								0,28%				1,13%	1,69%
ornativos				0,28%			2,82%		1,98%	1,13%	0,28%						0,56%	0,28%				7,34%
desprover							0,56%		2,54%	0,85%	0,28%		0,28%		0,28%		0,28%					5,08%
dividir em							0,28%		0,28%									0,28%				0,85%
distribuir							0,28%											0,28%				0,56%
trans pos							0,28%															0,28%
instrum							1,69%		1,98%	0,56%	0,56%											4,80%
perform				0,28%		0,56%	3,11%		0,56%											0,85%		5,37%
act fala							0,28%															0,28%
unir							1,13%		0,56%	0,28%												1,98%
capturar							0,85%	0,28%	0,56%	0,28%	0,28%					0,28%		0,56%				3,11%
contacto							0,28%															0,28%
prender						0,28%					0,28%					0,28%						0,85%

<i>-deira</i>	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc e ca	loc p	loc p ca	loc c	acção	exp	totais	
est-suj							0,28%														0,28%		0,56%
obstar									0,28%		0,28%												0,56%
totais	0,56%	1,98%		2,26%	0,28%	5,37%	27,68%	0,56%	23,45%	13,84%	3,39%	0,85%	0,28%	0,28%	1,13%	1,13%	3,39%	5,37%		7,06%	1,13%	100,00%	

Tabela B 3. Valores percentuais de significações dos produtos em *-deira* por tipo léxico-semântico de base

<i>-deira</i>	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	acção	exp	totais
inerg																						
moção		1		2		7	5		2						1				0			18
som		3		1		5	4		2									1		14		30
subs	1	1		1		1											3					7
perform	1			1			3								1					3		9
act fala							4							1						1		6
inac																						
dir esp												3										3
mover suj																	1					1
trans																						
loc							4		5	7					1							17
dir esp							2		4		1										1	8
conf esp																	1					1
mov força							3		2	1						2						8
carregar							1															1
cercar		1					1			1	1											4
lançar									1													1
m s alt es							1		1	2	1											5
parar				1																		1
causat						2	14		21	19	2						3	8				69
result		1			1	1	10	1	3	8										4		29
obj negat							3		9											2		14
ferir							1		1											1		3
percepç									1								1				4	6
ornativos				1			10		7	4	1						2	1				26
desprover							2		9	3	1		1		1		1					18
dividir em							1		1												1	3
distribuir							1														1	2
trans pos							1															1
instrum							6		7	2	2											17
perform				1		2	11		2											3		19
act fala							1															1
unir							4		2	1												7
capturar							3	1	2	1	1					1					2	11
contacto							1															1

<i>-deira</i>	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	acção	exp	totais
prender						1					1					1						3
est-suj							1													1		2
obstar									1		1											2
totais	2	7		8	1	19	98	2	83	49	12	3	1	1	4	4	12	19		25	4	354

Tabela B 4. Valores absolutos de significações dos produtos em *-deira* por tipo léxico-semântico de base

-douro	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	acção	totais
inerg																						
moção														1,68%	1,68%						1,68%	5,04%
som																					2,10%	2,10%
subs	0,42%													0,84%		0,42%	0,42%				0,42%	2,52%
performa	0,42%													0,84%		0,42%			1,26%			2,94%
inac																						
aparecime														1,68%	0,42%				0,42%			2,52%
despareci													0,84%	0,42%								1,26%
esta/exist												0,42%	0,84%	2,10%					0,84%			4,20%
locativo														0,42%								0,42%
mover-se														0,84%								0,84%
dir esp														0,42%	0,84%							1,26%
result														0,42%	0,42%							0,84%
incoativo												0,84%	0,42%		1,26%			0,42%			0,42%	3,36%
trans																						
locativo														2,10%	0,84%		0,42%					3,36%
dir esp									1,26%		0,42%			1,26%	1,68%			0,42%			0,42%	5,46%
mov suj														0,84%						1,68%		2,52%
conf esp									0,84%					0,42%			0,42%					1,68%
mov obj											0,42%											0,42%
causativo	0,42%	0,84%							0,84%		1,26%			4,62%	2,10%		1,26%	0,42%		0,42%	0,42%	12,61%
resultativo														1,26%			0,42%		0,42%		0,42%	2,52%
obj neg									0,84%		0,42%	0,42%	0,42%	2,10%			0,42%			0,42%	0,84%	5,88%
percep														0,84%			0,42%					1,26%
transf pos												0,42%		0,42%								0,84%
ornativo		1,26%							0,42%		0,42%	1,26%	0,42%	1,68%	0,84%		0,84%		0,42%	0,84%	0,42%	8,82%
desprover														2,10%			0,42%			1,26%		3,78%
perform		0,84%									2,10%	0,84%		2,52%	0,84%		0,84%				1,68%	9,66%
unir		0,42%							0,42%		0,42%			0,42%						0,84%		2,52%
instrum									3,36%			0,42%		1,26%			0,84%			0,84%	0,84%	7,56%
capturar														0,42%						0,42%		0,84%
prender		0,42%									0,42%								0,42%	0,42%		1,68%
est-suj																					0,84%	0,84%
exp-suj												0,42%										0,42%
totais	1,26%	3,78%							7,98%		5,88%	5,04%	2,94%	31,93%	10,92%	0,84%	6,72%	1,26%	3,78%	7,14%	10,50%	100,00%

Tabela B 5. Valores percentuais de significações dos produtos em *-douro* por tipo léxico-semântico de base

-douro	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	acção	totais
inerg																						
moção			0											4	4						4	12
som																					5	5
subs	1													2		1	1				1	6
performa	1													2		1			3			7
inac																						
aparecim														4	1				1			6
despareci													2	1								3
esta/exist												1	2	5					2			10
locativo														1								1
mover-se														2								2
dir esp														1	2							3
result														1	1							2
incoativo												2	1		3			1			1	8
trans																						
locativo														5	2		1					8
dir esp									3		1			3	4			1			1	13
mov suj														2						4		6
conf esp									2					1			1					4
mov obj											1											1
causativo	1	2							2		3			11	5		3	1		1	1	30
resultativo														3			1		1		1	6
obj neg									2		1	1	1	5			1			1	2	14
percep														2			1					3
transf pos												1		1								2
ornativo		3							1		1	3	1	4	2		2		1	2	1	21
desprover														5			1			3		9
perform		2									5	2		6	2		2				4	23
unir		1							1		1			1						2		6
instrum									8					1			2			2	2	18
capturar														1						1		2
prender		1									1								1	1		4
est-suj																					2	2
exp-suj												1										1
totais	3	9							19		14	12	7	76	26	2	16	3	9	17	25	238

Tabela B 6. Valores absolutos de significações dos produtos em *-douro* por tipo léxico-semântico de base

-doura	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mç	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	acção	exp	totais
inerg																							
moção											4,55%				4,55%								9,09%
som		4,55%																					4,55%
trans																							
dir esp									4,55%		4,55%						4,55%						13,64%
m s alt es									9,09%														9,09%
mov força									9,09%														9,09%
causativo									9,09%														9,09%
resultativo									4,55%														4,55%
obj negat									4,55%														4,55%
ornativo											4,55%						4,55%						9,09%
performat									4,55%		4,55%												9,09%
instrumen									9,09%		4,55%											4,55%	18,18%
totais		4,55%							54,55%		22,73%				4,55%		9,09%				4,55%		100,00%

Tabela B 7. Valores percentuais de significações dos produtos em *-doura* por tipo léxico-semântico de base

<i>-doura</i>	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	acção	exp	totais
inerg																							
moção											1				1								2
som		1																					1
trans																							
dir esp									1		1						1						3
m s alt es									2														2
mov força									2														2
causativo									2														2
resultativo									1														1
obj negat									1														1
ornativo											1						1						2
performat									1		1												2
instrumen									2		1										1		4
totais		1							12		5				1		2				1		22

Tabela B 8. Valores absolutos de significações dos produtos em *-doura* por tipo léxico-semântico de base

<i>-dor</i>	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	acção	exp	totais
inerg																							
perf		0,10%			0,32%	0,06%	2,19%		0,06%														2,72%
instr							0,06%																0,06%
moção		0,13%	0,03%	0,03%	0,22%	0,44%	0,86%		0,03%	0,19%													1,93%
som		0,25%		0,03%	0,79%	0,67%	0,76%			0,03%	0,06%												2,60%
psic							0,29%																0,29%
subs	0,06%	0,06%				0,03%	0,06%										0,06%						0,29%
resul							0,03%																0,03%
luz		0,03%	0,03%				0,03%			0,06%	0,03%												0,19%
act fal							1,14%																1,14%
inac																							
dir esp												0,06%											0,06%
mover-se												0,06%								0,03%			0,10%
esta/exist												0,76%											0,76%
aparec	0,03%																						0,03%
desapare													0,03%										0,03%
trans																							
lançar		0,13%			0,06%		0,13%		0,03%	0,06%													0,41%
locativo	0,10%	0,10%	0,03%				2,47%		0,13%	0,54%													3,36%
dir esp	0,03%	0,35%	0,03%				1,27%		0,19%	0,13%	0,10%							0,06%					2,15%
mov obj		0,10%					0,57%		0,10%	0,06%	0,10%												0,95%
config esp		0,06%					0,32%		0,06%														0,44%
carregar		0,06%					0,22%			0,06%	0,06%												0,41%
enviar							0,13%																0,13%
mov suj					0,06%		0,32%			0,03%													0,41%
m s alt es			0,03%		0,03%		0,22%		0,13%	0,03%	0,06%												0,51%
mov força		0,03%			0,03%		0,19%		0,16%	0,03%	0,10%					0,03%		0,06%					0,63%
contacto		0,06%					0,06%																0,13%
parar		0,06%					0,03%																0,10%
cercar		0,03%				0,03%	0,25%																0,32%
percepção									0,22%	0,13%												2,38%	2,72%
causativos		4,21%	0,29%		0,25%	0,03%	9,88%		1,01%	1,52%	0,57%						0,03%	0,44%					18,25%
resultativo		0,60%	0,06%		0,16%		4,02%		0,22%	0,82%	0,10%						0,03%	0,06%					6,08%
obj negat		0,54%			0,41%		2,06%		0,63%	0,06%							0,03%						3,74%
ferir		0,16%			0,03%	0,13%	0,89%		0,03%														1,24%
ornativo		0,70%	0,06%		0,22%	0,03%	5,04%		0,79%	0,44%	0,32%			0,03%			0,06%	0,10%					7,79%
desprover		0,29%	0,03%		0,03%	0,03%	2,15%		0,54%	0,38%	0,10%							0,03%					3,58%
distribuir		0,03%					0,19%		0,03%	0,03%													0,29%
dividir em					0,10%		0,35%		0,06%	0,03%	0,03%												0,57%
transf pos							1,30%																1,30%
posse							0,03%																0,03%
perform	0,03%	0,35%	0,03%		1,20%	0,03%	12,13%		0,22%	0,25%	0,10%			0,03%				0,06%					14,44%
act fala		0,13%					2,76%																2,88%
pedir							0,29%																0,29%
instrum		0,03%		0,03%		0,13%	2,60%		0,73%	0,10%	0,06%							0,16%					3,83%
unir						0,03%	0,70%		0,19%	0,03%	0,03%							0,03%					1,01%
desunir		0,06%					0,10%																0,16%
reunir							0,48%		0,03%	0,13%													0,63%
capturar		0,03%			0,16%	0,16%	1,01%		0,10%	0,03%													1,49%
med obj							0,48%		0,10%	0,06%								0,03%					0,67%
modativo							0,22%			0,06%	0,06%												0,35%
est-suj		2,82%			2,98%		0,35%			0,03%													6,18%
exp-suj	0,03%		0,03%																			0,89%	0,95%
psic																							0,67%

<i>-dor</i>	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mç	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	acção	exp	totais
obstar		0,13%	0,03%		0,19%		0,32%				0,03%												0,70%
totais	0,29%	11,62%	0,70%	0,10%	7,25%	1,81%	58,92%		5,80%	5,35%	1,90%	0,92%		0,06%		0,03%	0,22%	1,08%		0,03%		3,93%	100,00%

Tabela B 9. Valores percentuais de significações dos produtos em *-dor* por tipo léxico-semântico de base

-dor	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mç	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	ação	exp	totais
inerg																							
perf		3			10	2	69		2														86
instr							2																2
moção		4	1	1	7	14	27		1	6													61
som		8		1	25	21	24			1	2												82
psic							9																9
subs	2	2				1	2										2						9
resul							1																1
luz		1	1				1			2	1												6
act fala							36																36
inac																							
dir esp												2											2
mover-se												2								1			3
esta/exist												24											24
aparec	1																						1
desapare												1											1
trans																							
lançar		4			2		4		1	2													13
locativo	3	3	1				78		4	17													106
dir esp	1	11	1				40		6	4	3							2					68
mov obj		3					18		3	2	3							1					30
config esp		2					10		2														14
carregar		2					7			2	2												13
enviar							4																4
mov suj					2		10			1													13
m s alt es			1		1		7		4	1	2												16
mov força		1			1		6		5	1	3					1			2				20
contacto		2					2																4
parar		2					1																3
cercar		1				1	8																10
percepção									7	4												75	86
causativos		133	9		8	1	312		32	48	18						1	14					576
resultativo		19	2		5		127		7	26	3						1	2					192
obj negat		17			13		65		20	2							1						118
ferir		5			1	4	28		1														39
ornativo		22	2		7	1	159		25	14	10				1		2	3					246
desprover		9	1		1	1	68		17	12	3							1					113
distribuir		1					6		1	1													9
dividir em					3		11		2	1	1												18
transf pos							41																41
posse							1																1
perform	1	11	1		38	1	383		7	8	3				1			2					456
act fala		4					87																91
pedir							9																9
instrum		1		1		4	82		23	3	2							5					121
unir						1	22		6	1	1							1					32
desunir		2					3																5
reunir							15		1	4													20
capturar		1			5	5	32		3	1													47
med obj							15		3	2								1					21
modativo							7			2	2												11
est-suj		89			94		11			1													195
exp-suj	1		1																			28	30
psic																						21	21

-dor	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mç	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	ação	exp	totais
obstar		4	1		6		10				1												22
totais	9	367	22	3	229	57	1860		183	169	60	29		2		1	7	34		1		124	3157

Tabela B 10. Valores absolutos de significações dos produtos em *-dor* por tipo léxico-semântico de base

<i>-dora</i>	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	ação	exp	totais
trans																							
locativo										4,88%													4,88%
mov suj							2,44%																2,44%
causativo							7,32%		2,44%	14,63%	2,44%												26,83%
ferir										4,88%													4,88%
obj neg										2,44%													2,44%
resultativo										9,76%								2,44%					12,20%
percepção																						2,44%	2,44%
ornativo										4,88%													4,88%
performa t							2,44%			12,20%													14,63%
instrum							2,44%			9,76%													12,20%
modativo										4,88%													4,88%
unir							2,44%			2,44%													4,88%
med obj										2,44%													2,44%
totais							17,07%		2,44%	73,17%	2,44%							2,44%				2,44%	100,00%

Tabela B 11. Valores percentuais de significações dos produtos em *-dora*

<i>-dora</i>	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	acção	exp	totais
trans																							
locativo										2													2
mov suj							1																1
causativo							3		1	6	1												11
ferir										2													2
obj neg										1													1
resultativo										4								1					5
percepçã																					1		1
ornativo										2													2
performat							1			5													6
instrum							1			4													5
modativo										2													2
unir							1			1													2
med obj										1													1
totais							7		1	30	1							1				1	41

Tabela B 12. Valores absolutos de significações dos produtos em *-dora*

-ão 2	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	ação	exp	totais
inerg																							
instrum							0,76%																0,76%
act fala							2,29%																2,29%
som		2,29%		1,53%	3,82%	4,58%	6,11%																18,32%
moção					1,53%	4,58%	1,53%																7,63%
subst							1,53%																1,53%
performa t					6,11%	0,76%	6,11%		0,76%														13,74%
trans																							
dir esp		1,53%				1,53%						0,76%											3,82%
carregar							0,76%			0,76%													1,53%
mov obj							0,76%		0,76%														1,53%
causativo				0,76%		0,76%	2,29%		1,53%	0,76%													6,11%
obj neg		0,76%					3,05%		2,29%														6,11%
percepção																						1,53%	1,53%
performa t		0,76%		0,76%	2,29%	0,76%	12,21%		0,76%														17,56%
act fala							3,05%																3,05%
pedir							1,53%																1,53%
instrum							1,53%		1,53%				0,76%										3,82%
transf pos							1,53%																1,53%
ornativo							0,76%		0,76%														1,53%
desprover													1,53%										1,53%
capturar							0,76%																0,76%
unir													0,76%										0,76%
obstar											0,76%												0,76%
psico							0,76%																0,76%
est-suj							1,53%																1,53%
totais		5,34%		3,05%	13,74%	12,98%	48,85%		8,40%	1,53%	0,76%	3,82%										1,53%	100,00%

Tabela B 13. Valores percentuais de significações dos produtos em -ão 2 por tipo léxico-semântico de base

-ão 2	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mç	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	acção	exp	totais
inerg																							
instrum							1																1
act fala							3																3
som		3		2	5	6	8																24
moção					2	6	2																10
subst							2																2
performat					8	1	8		1														18
trans																							
dir esp		2				2						1											5
carregar							1			1													2
mov obj							1		1														2
causativo				1		1	3		2	1													8
obj neg		1					4		3														8
percepçã																						2	2
performat		1		1	3	1	16		1														23
act fala							4																4
pedir							2																2
instrum							2		2			1											5
transf pos							2																2
ornativo							1		1														2
desprover																	2						2
capturar							1																1
unir													1										1
obstar											1												1
psico							1																1
est-suj							2																2
totais		7		4	18	17	64		11	2	1	5										2	131

Tabela B 14. Valores absolutos de significações dos produtos em *-ão2* por tipo léxico-semântico de base

<i>-nte</i>	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	obj an	obj h	obj subs	obj veg	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	acção	exp	totais
inerg																											
perfor mat		1,46 %	0,36%	0,18%	1,09%	0,18 %	6,39 %																				9,67%
act fala		0,18 %					0,55 %																				0,73%
moção		0,55 %			0,18%	0,55 %	1,82 %																				3,10%
subst			0,18%																								0,18%
luz		0,36 %	0,36%																								0,73%
som		0,55 %				0,36 %	0,18 %																				1,09%
inac																											
incoati vo												1,46 %		0,55 %	0,73 %	0,36 %	0,55 %										3,65%
locativ o												0,18 %			0,18 %	0,18 %								0,55 %			1,09%
dir esp												3,47 %		0,55 %	0,91 %	0,36 %	0,36 %							1,09 %			6,75%
mover- se												0,73 %			0,18 %												0,91%
esta/ex ist												4,56 %		1,46 %	3,10 %	0,18 %	0,18 %							0,18 %			9,67%
apareci m												0,55 %		0,36 %										0,36 %			1,28%
parar												0,18 %															0,18%
trans																											
locativ o					0,18%		0,73 %																				0,91%
dir esp		0,73 %	0,18%	0,18%			0,36 %												0,18%								1,64%
lançar					0,36%	0,18 %	0,18 %												0,18%								0,91%
enviar							0,36 %																				0,36%
mov suj		0,18 %			0,18%		0,73 %																				1,09%
conf esp		0,18 %					0,18 %																				0,36%
mov obj							0,36 %																				0,36%
cercar				0,18%	0,18%		0,18 %																				0,55%
mov força									0,18%																		0,18%
causati vo		3,83 %	6,93%			0,18 %	1,46 %												0,18%								12,59 %
resultat ivo		0,36 %	0,55%		0,18%		0,91 %																				2,01%

<i>-nte</i>	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	obj an	obj h	obj subs	obj veg	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc ca	loc c	loc obj	acçã o	exp	totais
onj negat		0,55 %	0,18%			0,18 %	0,73 %		0,18%																		1,82%
ferir		0,18 %					0,36 %																				0,55%
percepção																									2,01 %		2,01%
ornativo		0,36 %	0,55%		0,18%		0,73 %																				1,82%
desprover			0,55%				0,18 %																				0,73%
performat		1,28 %			0,36%	0,55 %	15,33 %																				17,52 %
act fala							4,93 %																				4,93%
pedir							1,64 %																				1,64%
instrum							0,36 %																				0,36%
transfpos							2,19 %																				2,19%
posse							0,18 %																				0,18%
est-suj		1,09 %	0,55%		0,18%																						1,82%
exp-suj		0,18 %																							1,09 %		1,28%
psic							0,18 %																		0,18 %		0,36%
unir		0,18 %					0,18 %																				0,36%
reunir							0,18 %																				0,18%
capturar					0,18%	0,18 %	0,73 %																				1,09%
obstar							0,18 %																				0,18%
prender		0,36 %	0,18%																								0,55%
contacto		0,36 %																									0,36%
totais		12,96 %	10,58%	0,55%	3,28%	2,37 %	42,52 %		0,36%			11,13 %		2,92 %	5,11 %	1,09 %	1,09 %		0,55%						2,19 %	3,28 %	100,00%

Tabela B 15. Valores percentuais de significações dos produtos em *-nte* por tipo léxico-semântico de base

<i>-nte</i>	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	causa adj	causa intr	causa mç	causa i a	o bj	obj adj	obj an	obj h	obj subs	obj veg	lo c	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	acçã o	ex p	tota is
inerg																											
performat		8	2	1	6	1	35																				53
act fala		1					3																				4
moção		3			1	3	10																				17
subst			1																								1
luz		2	2																								4
som		3				2	1																				6
inac																											
incoativo												8		3	4	2	3										20
locativo											1			1	1									3			6
dir esp											19		3	5	2	2								6			37
mover-se											4			1													5
esta/exist											25		8	17	1	1								1			53
aparecim											3		2											2			7
parar											1																1
trans																											
locativo					1		4																				5
dir esp		4	1	1			2												1								9
lançar					2	1	1												1								5
enviar							2																				2
mov suj		1			1		4																				6
conf esp		1					1																				2
mov obj							2																				2
cercar				1	1		1																				3
mov força									1																		1
causativ		21	38			1	8												1								69
resultati		2	3		1		5																				11
obj neg		3	1			1	4		1																		10
ferir		1					2																				3
percepç																										11	11
ormativo		2	3		1		4																				10
desprover			3				1																				4
performat		7			2	3	84																				96
act fala							27																				27
pedir							9																				9
instrum							2																				2
transf pos							12																				12
posse							1																				1
est-suj		6	3		1																						10
exp-suj		1																								6	7
psic							1																			1	2
unir		1					1																				2
reunir							1																				1
capturar					1	1	4																				6
obstar							1																				1
prender		2	1																								3
contacto		2																									2
totais		71	58	3	18	13	233		2			61		16	28	6	6		3				12		18	548	

Tabela B 16. Valores absolutos de significações dos produtos em *-nte* por tipo léxico-semântico de base

-(<i>ô</i>) <i>ória</i>	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	acção	exp	totais
inerg																							
act fala																					3,85%		3,85%
moção				3,85%																			3,85%
inac																							
dir esp														3,85%									3,85%
trans																							
locativo	3,85%																						3,85%
lançar	3,85%	3,85%																					7,69%
causativo		3,85%													3,85%								7,69%
obj negat		11,54%																					11,54%
performat	3,85%	7,69%													3,85%								15,38%
act fala		19,23%																					19,23%
pedir		7,69%																			3,85%		11,54%
obstar		7,69%																					7,69%
psic	3,85%																						3,85%
totais	15,38%	61,54%		3,85%										3,85%	7,69%						7,69%		100,00%

Tabela B 17. Valores percentuais de significações dos produtos em *-ória/-tória* por tipo léxico-semântico de base

-(<i>ô</i>) <i>ória</i>	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	acção	exp	totais
inerg																							
act fala																					1		1
moção				1																			1
inac																							
dir esp														1									1
trans																							
locativo	1																						1
lançar	1	1																					2
causativo		1													1								2
obj negat		3																					3
performat	1	2													1								4
act fala		5																					5
pedir		2																			1		3
obstar		2																					2
psic	1																						1
totais	4	16		1										1	2						2		26

Tabela B 18. Valores absolutos de significações dos produtos em *-ória/-tória* por tipo léxico-semântico de base

-ório	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	acção	exp	totais
inerg																							
performa t														8,33%									8,33%
trans																							
lançar	16,67%													8,33%			8,33%						33,33%
causativo														8,33%									8,33%
percepção														8,33%									8,33%
performa t	8,33%													25,00%							8,33%		41,67%
totais	25,00%													58,33%			8,33%				8,33%		100,00%

Tabela B 19. Valores percentuais de significações dos produtos em *-ório* por tipo léxico-semântico de base

-ório	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	ação	exp	totais
inerg																							
performat														1									1
trans																							
lançar	2													1			1						4
causativo														1									1
percep														1									1
performat	1													3							1		5
totais	3													7			1				1		12

Tabela B 20. Valores absolutos de significações dos produtos em *-ório* por tipo léxico-semântico de base

-tório	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	ação	exp	total s
inerg																							
moção								4,23%						0,33%									4,56%
performa t								2,93%	0,33%					0,33%			0,65%						4,23%
act fala							0,33%	0,98%						0,98%			0,33%				0,98%		3,58%
som	0,33%		0,33%											0,65%							0,98%		2,28%
subst	0,98%		0,98%																				1,95%
luz								0,33%															0,33%
inac																							
dir esp													1,30%										1,30%
mover-se													0,33%										0,33%
incoativo														0,33%							0,33%		0,65%
trans																							
locativo	0,33%													0,33%									0,65%
dir esp								1,95%						0,65%									2,61%
mov obj								0,65%						0,33%									0,98%
enviar														0,33%									0,33%
mov suj								0,33%															0,33%
conf espa																	0,33%						0,33%
carregar														0,33%									0,33%
parar								0,33%															0,33%
causativo		1,95%						11,07%						0,33%	1,30%		1,63%	0,65%			0,33%		17,26%
resultativo			0,33%					1,95%		0,33%									0,33%				2,93%
obj negat								3,58%															3,58%
ornativo								1,30%													0,33%		1,63%
desprove r								2,93%						0,33%			0,65%				0,65%		4,56%
performa t		0,33%						20,20%				0,33%	0,65%	0,98%									22,48%
act fala								7,17%													0,65%		7,82%

<i>-tório</i>	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p ca	loc p ca	loc c	loc obj	ação	exp	total s
pedir								2,28%													0,33%		2,61%
transf pos								1,63%					0,33%	0,33%			0,33%						2,61%
instrumento								0,33%				0,33%											0,65%
obstar								1,95%					0,33%										2,28%
unir								0,98%															0,98%
reunir								0,65%													0,33%		0,98%
capturar								0,65%															0,65%
est-suj								1,63%						0,33%							0,33%		2,28%
exp-suj																						0,65%	0,65%
psic	0,33%																						0,33%
contacto												0,33%											0,33%
prender								0,33%															0,33%
totais	1,95%	2,28%	1,63%				0,33%	70,36%	0,33%	0,33%		0,98%	4,56%	5,21%	1,30%		3,91%	0,65%	0,33%		5,21%	0,65%	100,00%

Tabela B 21. Valores percentuais de significações dos produtos em *-tório* por tipo léxico-semântico de base

-tório	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	acção	exp	totais
inerg																							
moção								13						1									14
performat								9	1					1			2						13
act fala							1	3						3			1				3		11
som	1		1											2							3		7
subst	3		3																		3		6
luz								1															1
inac																							
dir esp													4										4
mover-se													1										1
incoativo														1							1		2
trans																							
locativo	1													1									2
dir esp								6					2										8
mov obj								2					1										3
enviar													1										1
mov suj								1															1
conf espa																	1						1
carregar													1										1
parar								1															1
causativo		6						34						1	4		5	2			1		53
resultativo			1					6		1									1				9
obj negat								11															11
ornativo								4													1		5
desprover								9						1			2				2		14
performat		1						62				1	2	3									69
act fala								22													2		24
pedir								7													1		8
transf pos								5					1	1			1						8
instrumen								1				1											2
obstar								6					1										7
unir								3															3
reunir								2													1		3
capturar								2															2
est-suj								5						1							1		7
exp-suj																						2	2
psic	1																						1
contacto												1											1
prender								1															1
totais	6	7	5				1	216	1	1		3	14	16	4		12	2	1		16	2	307

Tabela B 22. Valores absolutos de significações dos produtos em *-tório* por tipo léxico-semântico de base

<i>-vel</i>	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i	obj	obj adj	obj an	obj h	loc c	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	acção	exp	totais
trans																									
mov obj												20,00 %													20,00%
dir esp												20,00 %													20,00%
causativo												20,00 %													20,00%
obj negat												20,00 %													20,00%
exp-suj															20,00 %										20,00%
totais												80,00 %			20,00 %										100,00 %

Tabela B 23. Valores percentuais de significações dos produtos em *-vel* por tipo léxico-semântico de base

<i>-vel</i>	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i	obj	obj adj	obj an	obj h	obj subs	obj veg	loc c	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	acção	exp	totais
trans																											
mov obj												1														1	
dir esp												1														1	
causativo												1														1	
obj negat												1														1	
exp-suj															1											1	
totais												4			1											5	

Tabela B 24. Valores absolutos de significações dos produtos em *-vel* por tipo léxico-semântico de base

<i>-al</i>	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	acção	exp	totais
inerg																							
moção															12,50%							12,50%	25,00%
trans																							
config esp														25,00%			12,50%					12,50%	50,00%
mov obj														12,50%									12,50%
prender																12,50%							12,50%
totais														37,50%	12,50%	12,50%	12,50%					25,00%	100,00%

Tabela B 25. Valores percentuais de significações dos produtos em *-al* por tipo léxico-semântico de base

<i>-al</i>	cau n-arg	causa	causa subs	causa veg	causa ani	causa an	causa h	caus adj	causa intr	causa mq	causa i a	obj	obj adj	loc	loc causa	loc c ca	loc p	loc p ca	loc c	loc obj	acção	exp	totais
inerg																							
moção															1							1	2
trans																							
config esp														2			1					1	4
mov obj														1									1
prender																1							1
totais														3	1	1	1					2	8

Tabela B 26. Valores absolutos de significações dos produtos em *-al* por tipo léxico-semântico de base

Anexos X e Y

O Anexo X apresenta os mecanismos de construção dos semantismos dos produtos obtidos através de operadores afixais prototipicamente de ‘evento’.

O Anexo Y apresenta os mesmos dados relativos aos semantismos dos produtos formados com operadores afixais prototipicamente de ‘indivíduo’.

Cada subanexo, indicado por letra minúscula (a, b, c, etc.), é específico de cada um dos operadores afixais. Dentro de cada subanexo encontram-se tabelas delimitadas de acordo com cada tipo léxico-semântico de base verbal. É assim mais fácil observar a correlação entre base, operador afixal e semantismos finais.

Para cada tabela, na vertical encontram-se os produtos e as bases verbais. Na horizontal, encontram-se os traços de coindexação de fonte eventiva, afixal e léxico-conceptual/extra.

O ponto de interrogação (?) indica dúvidas e não funciona como símbolo de coindexação.

As tabelas apresentadas resultam da aplicação do aparelho formal descrito no cap. V, § 4. Como tal, não repetiremos neste momento a descrição desse aparelho, mas sintetizamos os dados necessários à facilitação da leitura das tabelas.

O símbolo E com índice de coindexação ^s mostra uma significação eventiva básica. O símbolo S mostra o traço do sufixo que sofre essa coindexação. Se várias células apresentarem E com coindexação ^s significa que a significação resulta da conglomeração dessas células. Nesse caso, anota-se o índice ^e para apontar a coindexação horizontal entre os traços dessas células. Se uma célula estiver anotada com ^e, mas não com ^s, a significação final não decorre da primeira célula, mas esta é essencial para que a formatação semântica da base reaja à coindexação com o traço do sufixo.

O símbolo -E mostra uma significação não-eventiva. Se essa significação for básica naquele produto, surge o símbolo de coindexação com o traço do sufixo ^s. Se a significação não-eventiva resultar da conglomeração de várias células, surge o índice de coindexação horizontal ^σ nas células em jogo. A diferença entre ^σ e ^e está em que o primeiro mostra a conglomeração de componentes semânticos do produto, enquanto ^e mostra a conglomeração de traços da base.

Se -E se localizar nas células de fonte eventiva, a significação é de ‘estado’ ou de ‘resultado’. Para ser de ‘resultado’, é necessário subespecificar o seu tipo. Essa subespecificação é feita através de ‘conc’, ‘col’.

Se -E se localizar nas células de fonte léxico-conceptual ou extra, a significação é de 'indivíduo'. Se a significação de indivíduo for básica, surge com coindexação ^s, ou seja, com o índice do traço do afixo. Para distinguir se a fonte é extra ou léxico-conceptual, utilizam-se os índices ^{ex} e ^v, respectivamente. Mais uma vez, o índice ^σ mostra que o semantismo final decorre da conglomeração horizontal de várias células. A coindexação horizontal das células mostra-se em linha. As subespecificações dos semantismos são mostradas nas células por 'p', 't', 'c', 'mq', 'veg', 'subs', etc.

O índice ^s mostra que o semantismo obtido resulta da projecção de um componente do traço do afixo e não do traço como um todo.

Os índices encontram-se separados por vírgulas.

Símbolos:

E marca traço de fonte eventiva verbal

-E marca significação de não-evento

S marca traço do sufixo

^e marca indexação horizontal entre traços do verbo

^s índice de traço do sufixo

^v índice de fonte léxico-conceptual verbal

^{ex} índice de fonte extra

^σ marca indexação horizontal entre componentes de significação derivada do produto

^s marca projecção de parte do traço do sufixo

Convenções:

subs- substância

veg-vegetal

n-arg - componente sem correspondência com argumento

ani- animado

an- animal não-humano

h- humano

instr- instrumento

mq- máquina

i a- instrumento autónomo

obj- objecto

loc- locativo

ca- causa

c- corpo

p- pequeno

exp- experienciador

t- tempo

ci- composto por operações/indivíduos iguais

op dif- composto por operações diferentes

pont- pontual

durat- durativo

intens- intenso

part- ponto de partida
cheg- ponto de chegada
tél- télico
perf- perfeito
resul- resultado
conc- concreto
col- colectivo
sist- sistema
efec- efectuação
refer- referência
proces- processo
est/cap/car- estado/capacidade/característica/aptidão/qualidade intrínseca

Anexo X

**Mecanismos de produção dos semantismos dos produtos
construídos a partir de operadores afixais
prototipicamente de ‘evento’**

Tabelas X a. Semantismos dos produtos em *-agem*

produto	inergs moção	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>cabotagem</i>	<i>cabotar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}							
<i>cabotinagem</i>	<i>cabotinar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}							
<i>cavalagem</i>	<i>cavalar</i> ‘andar a cavalo’		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}										
<i>costeagem</i>	<i>costear</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}							
<i>derrapagem</i>	<i>derrapar</i>	E ^{e,s}							S ^s E ^{e,s}	E ^{e,s}							
<i>patinagem</i>	<i>patinar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}							
<i>pedalagem</i>	<i>pedalar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}			E ^{e,s}				-E ^{ex} ist			
<i>retropedalagem</i>	<i>retropedalar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}			E ^{e,s}				-E ^{ex} ist			
<i>voagem</i> ¹ ????	<i>voar</i> ????			E ^e			S ^s					-E ^{v,s} col					

Tabela X a 1. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases inergativas de modo de moção

produto	inergs performativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>arfagem</i>	<i>arfar</i> ²		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}										
<i>bafagem</i>	<i>bafar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}										
<i>chatinagem</i>	<i>chatinar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}					-E ^v col					
<i>corretagem</i>	<i>corretar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}							
<i>decilitragem</i> ??	<i>decilitrar</i>		E ^e	E ^e						E ^{e,s}							

¹ Não há op dif. Em princípio o traço ci anexa-se a causa e constrói colectivo, ou seja, conjunto de unidades iguais.

² Cf. a significação de *arfar* em Bluteau: «Levantar a não com **alternadas agitaçoens** a popa, & a proa.» [o negrito é da nossa responsabilidade. ASR].

produto	inergs performativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>galopinagem</i>	<i>galopinar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}							
<i>guerrilhagem</i>	<i>guerrilhar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-Ecol ^v					
<i>jardinagem</i>	<i>jardinar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}							
<i>pabulagem</i>	<i>pabular</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}										
<i>paparrotagem</i>	<i>paparrotar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}										
<i>parolagem</i>	<i>parolar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}					-Ecol ^v					
<i>piratagem</i>	<i>°piratar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}							
<i>politicagem</i>	<i>politicar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}					-Ecol ^v					
<i>taramelagem</i>	<i>taramelar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}										
<i>trampolinagem</i>	<i>trampolinar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}										
<i>vadiagem</i>	<i>vadiar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}					-Ecol ^v					
<i>vagabundagem</i>	<i>vagabundar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}					-Ecol ^v					
<i>estiagem???</i>	<i>estiar???</i>																-Et ^{e,s}
<i>faxinagem</i>	<i>faxinar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}							
<i>mendigagem</i>	<i>mendigar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}					-Ecol ^v					
<i>parasitagem</i>	<i>parasitar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}					-Ecol ^v					
<i>pasquinagem</i>	<i>pasquinar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-Ecol ^v					
<i>pastagem</i>	<i>pastar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}										-E ^{ex}
<i>praticagem</i>	<i>praticar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}							
<i>concubinagem</i>	<i>concubinar-se</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s} -E										

produto	inergs <u>performativos</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>cabotagem</i>	<i>cabotinar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}							

Tabela X a 2. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases inergativas performativas

produto	inergs <u>instrumentais</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>prumagem</i>	<i>prumar</i>		E ^e				S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}							

Tabela X a 3. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases inergativas instrumentais

produto	inacs <u>locativos</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>alunagem</i>	<i>alunar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}		E ^e E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}								
<i>amaragem</i>	<i>amarar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}		E ^e E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}								
<i>ancoragem</i>	<i>ancorar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}		E ^e E ^{e,s,ex}	E ^{e,s} E ^{e,s}							-E ^{ex}	-E ^v
<i>aterragem</i>	<i>aterrar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}		E ^e E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}								
<i>decolagem</i>	<i>decolar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}		E ^e E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}								
<i>descolagem</i>	<i>descolar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}		E ^e E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}								

Tabela X a 4. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases inacusativas locativas

produto	inacs <u>mover-se</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	Instr aut	exp	imposto	loc
<i>passagem</i>	<i>passar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}		E ^{e,ex} E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}							-E ^{ex}	-E ^v

Tabela X a 5. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases inacusativas de mover-se

produto	inacs <u>existência</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>paragem</i>	<i>parar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}		E ^e E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}							-E ^v

Tabela X a 6. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases inacusativas de existência

produto	trans locativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>abordagem</i> ³	<i>abordar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}		E ^c E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}								
<i>acostagem</i>	<i>acostar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}		E ^c E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}								
<i>albergagem</i>	<i>albergar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>alfandegagem</i>	<i>alfandegar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>armazenagem</i>	<i>armazenar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^{e,ex}	E ^{e,s}							-E ^{ex}	
<i>bobinagem</i>	<i>bobinar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>boçagem</i>	<i>boçar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>centragem</i>	<i>centrar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}		E ^c E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}								
<i>chantagem</i>	<i>chantar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>desalfandegagem</i>	<i>desalfandegar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c E ^{e,s,ex}	E ^{e,s} E ^{e,s}							-E ^{ex}	
<i>desencubagem</i>	<i>desencubar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}								
<i>embalagem</i>	<i>embalar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c -Econc ^σ	E ^{e,s} -Econc ^σ								
<i>embarrilagem</i>	<i>embarrilar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>enfasagem</i>	<i>enfasar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}		E ^c E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}								
<i>engarrafagem</i>	<i>engarrafar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>ensilagem</i>	<i>ensilar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>estufagem</i>	<i>estufar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>hospedagem</i>	<i>hospedar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								

³ DV: *abordagem* «Em marinha de guerra é a operação que os tripulantes de um navio fazem **assaltando, escalando e investindo** o bordo de outro navio.» [o negrito é da nossa responsabilidade].

produto	trans locativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>listagem</i>	<i>listar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^e -Econc ^σ	E ^{e,s} -Econc ^σ								
<i>resinagem</i>	<i>resinar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^e	E ^{e,s}								
<i>silagem</i>	<i>silar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^e	E ^{e,s}								

Tabela X a 7. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas locativas

produto	trans dir esp	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>alagem</i>	<i>alar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^e	E ^{e,s}							
<i>arvoreagem</i>	<i>arvorar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^e	E ^{e,s}							
<i>guindagem</i>	<i>guindar</i>		E ^{e,s,ex}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}		E ^e	E ^{e,s}							-E ^{ex}

Tabela X a 8. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica

produto	trans mover-se o sujeito	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>ultrapassagem</i>	<i>ultrapassar</i>			E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^e E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}							

Tabela X a 9. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas de mover-se o sujeito em relação a objecto

produto	trans enviar	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>repicagem</i>	<i>repicar</i>			E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s E ^{e,s}		E ^e E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}							

Tabela X a 10. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas de enviar

produto	trans cercar	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>açambarcagem</i>	<i>açambarcar</i>			E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^e E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}							

Tabela X a 11. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas de cercar

produto	trans rebocar/carregar	pont	dura t	ci	súbit o	inte ns	op dif	part	che g	tél/ resu l	per f	caus	obj	i n s t r	instr aut	exp	impost o	loc
<i>atoagem</i>	<i>atoar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>atrelagem</i>	<i>atrelar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s,ex}		E ^e	E ^{e,s}					-Emq ^{ex}			
<i>carretagem</i>	<i>carretar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s,ex}		E ^{e,ex}	E ^{e,s}							-E ^{ex}	
<i>guiagem</i>	<i>guiar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s,ex}		E ^{e,ex}	E ^{e,s}							-E ^{ex}	
<i>portagem</i> ⁴	<i>portar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s,ex}		E ^{e,ex}	E ^{e,s}							-E ^{ex,σ} -E ^σ	-E ^σ
<i>recovagem</i>	<i>recovar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s,ex}		E ^{e,ex}	E ^{e,s}							-E ^{ex}	
<i>sirragem</i>	<i>sirgar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								

Tabela X a 12. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas de rebocar/carregar objecto

produto	trans mov objecto	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resu l	pe rf	caus	ob j	instr	instr aut	exp	impost o	loc
<i>agulhagem</i>	<i>agulhar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}		E ^e	E ^{e,s}				-Esist ^{ex}				
<i>passagem</i>	<i>passar</i>	E ^{e,s}							S ^s E ^{e,s}	E ^{e,s}								
<i>rodagem</i>	<i>rodar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}					-Ecol ^v						
<i>viragem</i>	<i>virar</i>	E ^{e,s}							S ^s E ^{e,s}	E ^{e,s}								

Tabela X a 13. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas de mover objecto

⁴ *Portagem* é, de acordo com Bluteau, «Direyto Real, que se paga das cargas de cousas miudas, como alhos, cebollas, &c. que entraõ nas Cidades para se venderem, ou tributo, que se paga das mercadorias, que se transportaõ de huma parte para outra, & passaõ por pontes, & rios. [...] duas etymologias de *Portagem*, [...] huma do nome *Portus*, nas portagens dos Rios, ou outra do verbo *Portare* [...]». De acordo com DV: «Tributo pelos cargos de cousas miudas, que entram pelas portas da cidade, e passam pelas pontes, rios, e ficam no logar para venda e consumo. – O logar onde este tributo se arrecada,]. Há que distingui-lo de *passagem*.»

produto	trans causativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	c a u s	obj	instr	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>afinagem</i> 'fabrico de metal'	<i>afinar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>alçagem</i>	<i>alçar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>apropriagem</i>	<i>apropriar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>assedagem</i>	<i>assedar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>brochagem</i>	<i>brochar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>calibragem</i>	<i>calibrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>camuflagem</i>	<i>camuflar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s} -Econc								
<i>camurçagem</i>	<i>camurçar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>coragem</i>	<i>corar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>desfasagem</i>	<i>desfasar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>escovilhagem</i>	<i>escovilhar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>fixagem</i>	<i>fixar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>focagem</i>	<i>focar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>foscagem</i>	<i>foscar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>frisagem</i>	<i>frisar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>lapidagem</i>	<i>lapidar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>lavagem</i>	<i>lavar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,ex,s}	E ^{e,ex}	E ^c	E ^{e,s}								-E ^{ex}
<i>lavragem</i>	<i>lavrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s} -Econc								

produto	trans causativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e rf	c a u s	obj	instr	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>moagem</i>	<i>moer</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}		E ^c	E ^{e,s}			-Econc ^v					-E ^{ex}
<i>modulagem</i>	<i>modular</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>picotagem</i>	<i>picotar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>rebordagem</i>	<i>rebordar</i> 'vidros'		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>reciclagem</i>	<i>reciclar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>remendagem</i>	<i>remendar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>remondagem</i>	<i>remondar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>secagem</i>	<i>secar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>serenagem</i>	<i>serenar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>terraplenagem</i>	<i>terraplenar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>torragem</i>	<i>torrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>viragem</i>	<i>virar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								

Tabela X a 14. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas causativas

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e rf	c a u s	obj	instr	instr aut	exp	impost o	loc
<i>cadastragem</i>	<i>cadastrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>copagem</i>	<i>copar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>cunhagem</i>	<i>cunhar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								
<i>damasquinagem</i>	<i>damasquinar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}								

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	súbito	inten s	op dif	part	che g	tél/ resul	p er f	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc	
<i>dobagem</i>	<i>dobar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}		E ^c	E ^{e,s}									-E ^{ex}
<i>dobragem 'filme'</i>	<i>dobrar 'filme'</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}									
<i>estampagem</i>	<i>estampar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}									
<i>estereotipagem</i>	<i>estereotipar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}									
<i>feltragem</i>	<i>feltrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}									
<i>filigranagem</i>	<i>filigranar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}									
<i>filmagem</i>	<i>filmar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}									
<i>fotomontagem</i>	<i>fotomontar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s} -Econc									
<i>gaivagem</i>	<i>gaivar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}									
<i>granulagem</i>	<i>granular</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}									
<i>laminagem</i>	<i>laminar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}									
<i>maltagem</i>	<i>maltar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}									
<i>mestiçagem???</i>	<i>mestiçar???</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			?			E ^{e,s} -E									
<i>modelagem</i>	<i>modelar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}									
<i>moedagem</i>	<i>°moedar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}		E ^{e,ex}	E ^{e,s}									-E ^{ex}
<i>moldagem</i>	<i>moldar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}									
<i>montagem</i>	<i>montar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s} -Econc									
<i>obragem</i>	<i>obrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}									
<i>operagem</i>	<i>operar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c	E ^{e,s}									

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	p er f	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>parafinagem</i>	<i>parafinar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^e	E ^{e,s}								
<i>remontagem</i>	<i>remontar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^e	E ^{e,s}								
<i>salinagem</i>	<i>salinar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^e	E ^{e,s}								
<i>samblagem</i>	<i>samblar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^e	E ^{e,s} -Econc								
<i>tatuagem</i>	<i>tatuar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s} -Econc								
<i>tiragem</i>	<i>tirar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s} -Econc								
<i>trefilagem</i>	<i>trefilar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								

Tabela X a 15. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas resultativas

produto	trans percepção	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	ch eg	tél/ resul	perf	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>espiagem</i>	<i>espiar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>sondagem</i>	<i>sondar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s} -Econc								

Tabela X a 16. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas de percepção

produto	trans obj neg	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>aparagem</i>	<i>aparar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>cegagem</i>	<i>cegar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>cortagem</i>	<i>cortar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>covagem</i>	<i>°covar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}		E ^{e,ex}	E ^{e,s}							-E ^{ex}	
<i>decepagem</i>	<i>decepar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>furagem</i>	<i>furar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								

produto	trans obj neg	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>linchagem</i>	<i>linchar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^{e,s}	E ^{e,s}								
<i>sabotagem</i>	<i>sabotar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>serragem</i>	<i>serrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								

Tabela X a 17. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas de objecto negativo

produto	trans prover de massivos	pont	durat	ci	súbito	inte ns	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e rf	caus	obj	instr	inst r aut	e x p	imp ost o	loc
<i>albuminagem</i>	<i>albuminar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>alcatroagem</i>	<i>alcatroar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>aluminagem</i>	<i>aluminar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>anielagem</i>	<i>anielar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>aramagem</i>	<i>aramar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-Esist ^{vs}						
<i>betonagem</i>	<i>betonar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>blindagem</i>	<i>blindar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-Esist ^v						
<i>breagem</i>	<i>brear</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>calafetagem</i>	<i>calafetar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-E ^v						
<i>chumbagem</i>	<i>chumbar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>cloragem</i>	<i>clorar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>cobaltagem</i>	^o <i>cobaltar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								

⁵ Corresponde ao objecto de que se provê o objecto. Pode converter-se em CAUSA na alternância *O João calafetou as janelas com espuma. > A espuma calafeta as janelas.> A espuma é calafetagem.*

produto	trans prover de massivos	pont	durat	ci	súbito	inte ns	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e rf	caus	obj	instr	inst r aut	e x p	imp ost o	loc
<i>cobaltizagem</i>	<i>cobaltizar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>cobreagem</i>	<i>cobrear</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>creosotagem</i>	<i>creosotar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>cromagem</i>	<i>cromar</i>		E ^e	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}			E ^{e,s}								-E ^{ex}
<i>empapagem</i>	<i>empapar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>engomagem</i>	<i>engomar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>esmaltagem</i>	<i>esmaltar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>estanhagem</i>	<i>estanhar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>estucagem</i>	<i>estucar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>fosfatagem</i>	<i>fosfatar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>fumagem</i>	<i>fumar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,ex,s}		E ^{e,ex}	E ^{e,s}								-E ^{ex}
<i>lutagem</i>	<i>lutar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>maquilhagem</i>	<i>maquilhar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s} -Econc		-Esist ^v						
<i>margagem</i>	<i>margar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>molhagem</i>	<i>molhar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>niquelagem</i>	<i>niquelar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>parafinagem</i>	<i>parafinar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>platinagem</i>	<i>platinar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								

produto	trans prover de massivos	pont	durat	ci	súbito	inte ns	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e rf	caus	obj	instr	inst r aut	e x p	imp ost o	loc
<i>recauchutagem</i>	<i>recauchutar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>rechapagem</i>	<i>rechapar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>relvagem</i>	<i>relvar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>saturagem</i>	<i>saturar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>sulfatagem</i>	<i>sulfatar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>tapagem</i>	<i>tapar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-E ^v						
<i>tremoçagem</i>	<i>tremoçar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-E ^v						
<i>valagem</i>	<i>valar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>vidragem</i>	<i>vidrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>zincagem</i>	<i>zincar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-E ^v						
produto	prover de conjunto de discretos	pont	durat	ci	súbito	inte ns	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e rf	caus	obj	instr	inst r aut	e x p	imp ost o	loc
<i>aparelhagem</i>	<i>aparelhar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}				-Esist ^v				
<i>apeiragem</i>	<i>apeirar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}				-Esist ^v				
<i>balastragem</i>	<i>balastrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>balizagem</i>	<i>balizar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>binagem</i>	<i>binar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>carimbagem</i>	<i>carimbar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>cartonagem</i>	<i>cartonar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>cevagagem</i>	<i>cevar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								

produto	prover de conjunto de discretos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/resul	per	caus	obj	instr	instr aut	exp	imp ost o	loc
<i>chantagem</i>	<i>chantar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>colmagem</i>	<i>colmar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>colmatagem</i>	<i>colmatar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>cravagem</i>	<i>cravar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-Ecol ^{v6}						
<i>emplastagem</i>	<i>emplastar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>emplastragem</i>	<i>emplastrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>endereçagem</i>	<i>endereçar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>equipagem</i>	<i>equipar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-Esist ^v -Esist ^v						
<i>estampilhagem</i>	<i>estampilhar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>etiquetagem</i>	<i>etiquetar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>farolagem</i>	<i>farolar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>ferragem</i>	<i>ferrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-Esist ^v						
<i>legendagem</i>	<i>legendar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-Esist ^v						
<i>molduragem</i>	<i>moldurar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-Esist ^v						
<i>piquetagem</i>	<i>piquetar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>pregagem</i>	<i>pregar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>rebitagem</i>	<i>rebitar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>rolhagem</i>	<i>rolhar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								

⁶ Doença.

produto	prover de conjunto de discretos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>rotulagem</i>	<i>rotular</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>selagem</i>	<i>selar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>solagem</i>	<i>solar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>timbragem</i>	<i>timbrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								

Tabela X a 18. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas de prover de

produto	trans <u>desprover de</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>cegagem</i>	<i>cegar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>criodecapagem</i>	<i>criodecapar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>decapagem</i>	<i>decapar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>decepagem</i>	<i>decepar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>desempanagem</i>	<i>desempanar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>desleitagem</i>	<i>desleitar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>desniquelagem</i>	<i>desniquelar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>drenagem</i>	<i>drenar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								

Tabela X a 19. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas de desprover de

produto	trans <u>medir</u> <u>objecto</u>	pont	dura t	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	impos/paga/qu ant	loc
<i>arrobagem</i>	<i>arrobar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}		E ^e E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}								
<i>contagem</i>	<i>contar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}		E ^e E ^{e,s,ex}	E ^{e,s} E ^{e,s}							-E ^{ex}	

produto	trans medir objecto	pont	dura t	ci	súbito	inte ns	op dif	pa rt	cheg	tél/ resu l	perf	caus	ob j	instr	instr aut	exp	impos/paga/qu ant	loc
<i>cronometragem</i>	<i>cronometrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^e E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}								
<i>cubagem</i>	<i>cubar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}		E ^e E ^{e,s,ex}	E ^{e,s} E ^{e,s}							-E ^{ex}	
<i>cubicagem</i>	<i>cubicar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}		E ^e E ^{e,ex,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}							-E ^{ex}	
<i>dosagem</i>	<i>dosar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}		E ^e E ^{e,ex,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}							-E ^{ex}	
<i>pesagem</i>	<i>pesar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}		E ^e E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}								-E ^{ex}
<i>recontagem</i>	<i>recontar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^e	E ^{e,s}								
<i>vareagem</i>	<i>varear</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^e E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}								

Tabela X a 20. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas de medir objecto

trans dividir em	trans dividir em	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	impos/paga/quant	loc
<i>aduagem</i>	<i>aduar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>clivagem</i>	<i>clivar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>desmontar</i>	<i>desmontar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>dosagem</i>	<i>dosar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}		E ^e E ^{e,s,ex}	E ^{e,s} E ^{e,s}							-E ^{ex}	

Tabela X a 21. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas de dividir em

produto	trans unir	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	caus	ob j	i n s t r	instr aut	exp	impos/paga/quant	lo c
<i>aliagem</i>	<i>aliar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>colagem</i>	<i>colar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>embraiagem</i>	<i>embraiar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-Esist ^{v,σ}			-Esist ^σ			

produto	trans unír	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resu l	p e r f	caus	obj	i n s t r	instr aut	exp	impos/paga/quan t	loc	
<i>embreagem</i>	<i>embrear</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-Esist ^{v,σ}			-Esist ^σ				
<i>engrenagem</i>	<i>engrenar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-Esist ^{v,σ}			-Esist ^σ				
<i>entrosagem</i>	<i>entrosar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-E ^{v,σ}			-E ^σ				
<i>soldagem</i>	<i>soldar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}									

Tabela X a 22. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas de unir

produto	trans performativ o	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	per f	caus	obj	inst r	inst r aut	exp	impos/p aga/qua nt	loc	
<i>amostragem</i>	<i>amostrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}				-Ecol ^v					
<i>arbitragem</i>	<i>arbitrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-Ecol ^v							
<i>boicotagem</i>	<i>boicotar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}									
<i>calcagem</i>	<i>calcar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}									
<i>cavalagem</i>	<i>cavalar</i> 'cobrir o cavalo as éguas'		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}		E ^e E ^{e,ex}	E ^{e,s}								-E ^{ex}	
<i>chocagem</i>	<i>chocar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}									
<i>contagem</i>	<i>contar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}		E ^{e,s} E ^{e,ex}	E ^{e,s}								-E ^{ex}	
<i>decruagem</i>	<i>decruar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}									
<i>driblagem</i>	<i>driblar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}									
<i>espiagem</i>	<i>espiar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}									
<i>estivagem</i>	<i>estivar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}									

produto	trans performativ o	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	par t	cheg	tél/ resul	per f	caus	obj	inst r	inst r aut	exp	impos/p aga/qua nt	loc
<i>faxinagem</i>	<i>faxinar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>maridagem</i>	<i>maridar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s} -E											
<i>mostragem</i>	<i>mostrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>patronagem</i>	^o <i>patronar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>peritagem</i>	^o <i>peritar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>pilhagem</i>	<i>pilhar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}			-Ecol ^v					
<i>pilotagem</i>	<i>pilotar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-Ecol ^v						
<i>praticagem</i>	<i>praticar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}		-Ecol ^v						
<i>pupilagem</i>	<i>pupilar</i>		E ^{e,ex,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}		E ^{ex}	E ^{e,s}								-Et ^{ex}
<i>regatagem</i>	<i>regatar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>remondagem</i>	<i>remondar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>ripagem</i>	<i>ripar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>surripiagem</i>	<i>surripiar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>tutelagem</i>	<i>tutelar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								

Tabela X a 23. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas performativas

produto	trans transf posse	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	impos/paga/quant	loc
<i>fretagem</i>	<i>fretar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}		E ^c E ^{e,ex}	E ^{e,s}							-E ^{ex}	
<i>vendagem</i>	<i>vender</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}		E ^c E ^{e,ex}	E ^{e,s}							-E ^{ex}	

Tabela X a 24. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas de transferência de posse

produtos	trans instrumentais	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e r f	caus	obj	i n s t r	instr aut	exp	impos/pag a/quant	loc
<i>adastragem</i>	<i>adastrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>assedagem</i>	<i>assedar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>atrelagem</i>	<i>atrelar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s,ex}			E ^{e,s}					-Emq ^{ex}			
<i>brocagem</i>	<i>brocar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>calandragem</i>	<i>calandrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>cardagem</i>	<i>cardar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}			E ^{e,s}								-E ^{ex}
<i>cilindragem</i>	<i>cilindrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}		E ^{e,ex}	E ^{e,s}								-E ^{ex}
<i>cinzelagem</i>	<i>cinzelar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>cirandagem</i>	<i>cirandar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s,ex}		E ^{e,ex}	E ^{e,s}					-Ecol ^{v,σ}			-E ^{ex,σ}
<i>colagem</i> 'vinhos'	<i>colar</i> 'vinhos'		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>curetagem</i>	<i>curetar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>dragagem</i>	<i>dragar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>escovagem</i>	<i>escovar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>escovilhagem</i>	<i>escovilhar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>esmerilagem</i>	<i>esmerilar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>espadelagem</i>	<i>espadelar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>frenagem</i>	<i>frenar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^{e,s}	E ^{e,s}								
<i>fresagem</i>	<i>fresar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								

produtos	trans instrumentais	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e r f	caus	obj	i n s t r	instr aut	exp	impos/pag a/quant	loc
<i>gradagem</i>	<i>gradar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>lavragem</i>	<i>lavar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s} -Econc								
<i>limagem</i>	<i>limar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s} -Econc								
<i>maçagem</i>	<i>maçar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>mandrilagem</i>	<i>mandrilar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>martelagem</i>	<i>martelar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>mechagem</i>	<i>mechar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>pincelagem</i>	<i>pincelar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>pisagem</i>	<i>pisar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>prensagem</i>	<i>prensar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>raspagem</i>	<i>raspar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>rolagem</i>	<i>rolar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>sirgagem</i>	<i>sirgar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>soldagem</i>	<i>soldar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								
<i>travagem</i>	<i>travar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}		-Esist ^v						
<i>vareagem</i>	<i>varear</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								

Tabela X a 25. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas instrumentais

produto	trans capturar	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	impos/paga/quant	loc
<i>rapinagem</i>	<i>rapinar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}			E ^{e,s}								

Tabela X a 26. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas de capturar/apanhar

produto	trans obstar	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	caus	ob j	instr	instr aut	exp	impos/paga/quant	lo c
<i>barragem</i>	<i>barrar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}		E ^c E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}		-Esist ^v						
<i>blocagem</i>	<i>blocar</i>		E ^{e,s}				S ^s E ^{e,s}		E ^c E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}		-Esist ^v						
<i>frenagem</i>	<i>frenar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}		-Esist ^v						
<i>travagem</i>	<i>travar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s E ^{e,s}		E ^c E ^{e,s}	E ^{e,s} E ^{e,s}		-Esist ^v						

Tabela X a 27. Semantismos de produtos em *-agem* a partir de bases transitivas de obstar

Índice das tabelas X a

Tabela X a 1. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases inergativas de modo de moção	651
Tabela X a 2. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases inergativas performativas	651-653
Tabela X a 3. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases inergativas instrumentais	653
Tabela X a 4. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases inacusativas locativas	653
Tabela X a 5. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases inacusativas de mover-se	653
Tabela X a 6. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases inacusativas de existência.....	653
Tabela X a 7. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas locativas.....	654-655
Tabela X a 8. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica.....	655
Tabela X a 9. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas de mover-se o sujeito em relação a objecto	655
Tabela X a 10. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas de enviar	655
Tabela X a 11. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas de cercar	655
Tabela X a 12. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas de rebocar/carregar objecto	656
Tabela X a 13. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas de mover objecto	656
Tabela X a 14. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas causativas	657-658
Tabela X a 15. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas resultativas.....	658-660

Tabela X a 16. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas de percepção.....	660
Tabela X a 17. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas de objecto negativo	661
Tabela X a 18. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas de prover de.....	661-665
Tabela X a 19. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas de desprover de	665
Tabela X a 20. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas de medir objecto	666
Tabela X a 21. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas de dividir em	666
Tabela X a 22. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas de unir.....	666-667
Tabela X a 23. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas performativas.....	667-668
Tabela X a 24. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas de transferência de posse.....	668
Tabela X a 25. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas instrumentais	669-670
Tabela X a 26. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas de capturar/apanhar	671
Tabela X a 27. Semantismos de produtos em <i>-agem</i> a partir de bases transitivas de obstar	671

Tabelas X b. Semantismos dos produtos de ‘evento’ em -ão

produto	inergativos substância	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>gorgolão</i>	<i>gorgolar</i>	E ^{e,s}			S ^s				E ^{e,s}								
<i>gorgolhão</i>	<i>gorgolhar</i>	E ^{e,s}			S ^s				E ^{e,s}								

Tabela X b 1. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases inergativas de emissão de substância

produto	inergativos moção	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>escorregão</i>	<i>escorregar</i>	E ^{e,s}			S ^s				E ^{e,s}								
<i>estremeção</i>	<i>estremecer</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>tropeção</i>	<i>tropeçar</i>	E ^{e,s}			S ^s				E ^{e,s}								
<i>tropicão</i>	<i>tropicar</i>	E ^{e,s}			S ^s				E ^{e,s}								

Tabela X b 2. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases inergativas de modo de moção

produto	inergativos performati	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>arrebentão</i>	<i>arrebentar</i>	E ^{e,s}			S ^s				E ^{e,s}			-E ^v					

Tabela X b 3. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases inergativas performativas

produto	inacs dir esp	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>arrecução</i>	<i>arrecuar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>recução</i>	<i>recuar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								

Tabela X b 4. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica

produto	trans dir esp	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>chupão</i>	<i>chupar</i>					S ^s				E ^s -Econc							
<i>desgarrão</i>	<i>desgarrar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>despenhão</i>	<i>despenhar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s		?	?								
<i>esgarrão</i>	<i>esgarrar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>vazão???</i>	<i>vazar???</i>		E														

Tabela X b 5. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica

produto	trans lançar	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
arremessão	arremessar	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
remessão	remessar	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								

Tabela X b 6. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases transitivas de lançar

produto	trans mov através força	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
arrancão	arrancar	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
arrastão	arrastar	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}				-E ^v				
arrepelão	arrepelar	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
arrojão	arrojar	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
empurrão	empurrar	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
empuxão	empuxar	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
esticão	esticar	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
estirão	estirar	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
imponção	imponar	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
puxão	puxar	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
repelão	repelar	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
repuxão	repuxar	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
sacção	sacar	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
tirão	tirar	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								

Tabela X b 7. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases transitivas de mover através de força

produto	trans parar	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
estacção	estacar	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								

Tabela X b 8. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases transitivas de parar

produto	trans mov sem alt spac	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
abanção	abanar	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
atracção	atracar	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
beliscção	beliscar	E ^{e,s}				S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
estorceção	estorcegar	E ^{e,s}				S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
revirão??	revirar??																
torceção	torcegar	E ^{e,s}				S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							

produto	trans <u>mov sem alt espac</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>torção</i>	<i>torcer</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							

Tabela X b 9. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases transitivas de mover sem alteração espacial

produto	trans <u>contacto por impacto</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>atracção</i>	<i>atracar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>cutucção</i>	<i>cutucar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>encontrão</i>	<i>encontrar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								

Tabela X b 10. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases transitivas de contacto por impacto

produto	trans <u>causativos</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>aleijão</i>	<i>aleijar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
<i>arranhão</i>	<i>arranhar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
<i>beliscão</i>	<i>beliscar</i>	E ^{e,s}				S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
<i>borrão</i>	<i>borrar</i>	E ^{e,s}			S ^s				E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
<i>borratão</i>	<i>borratar</i>	E ^{e,s}			S ^s				E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
<i>chupão</i>	<i>chupar</i>					S ^s				E ^{e,s} -Econc							
<i>escaldão</i>	<i>escaldar</i>	E ^{e,s}				S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
<i>estorceção</i>	<i>estorcegar</i>	E ^{e,s}				S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
<i>rasgão</i>	<i>rasgar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
<i>raspão</i>	<i>raspar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
<i>torceção</i>	<i>torcegar</i>	E ^{e,s}				S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							

Tabela X b 11. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases transitivas causativas

produto	trans obj neg	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>apagão</i> ¹	<i>apagar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -E							
<i>rasgão</i>	<i>rasgar</i>	E ^c			S ^s	S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							

Tabela X b 12. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases transitivas de objecto negativo

produto	trans ferir	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>aleijão</i>	<i>aleijar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
<i>arranhão</i>	<i>arranhar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
<i>arrepelão</i>	<i>arrepelar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>atracão</i>	<i>atracar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>beliscão</i>	<i>beliscar</i>	E ^{e,s}				S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
<i>entalão</i>	<i>entalar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
<i>escaldão</i>	<i>escaldar</i>	E ^{e,s}				S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
<i>estorceção</i>	<i>estorcegar</i>	E ^{e,s}				S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
<i>rasgão</i>	<i>rasgar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
<i>raspão</i>	<i>raspar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
<i>repelão</i>	<i>repelar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>torceção</i>	<i>torcegar</i>	E ^{e,s}				S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							

Tabela X b 13. Semantismos de produtos em -ão a partir de transitivas de ferir

produto	trans contacto	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>apalção</i>	<i>apalpar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>apertão</i>	<i>apertar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>arranhão</i>	<i>arranhar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							

¹ Repare-se que o *apagão* pode perdurar, mas o momento em que se dá é pontual. O mesmo para *arranhão* e todos os que implicam marca física.

produto	trans contacto	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>arrepelão</i>	<i>arrepelar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>atracão</i>	<i>atracar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>calcão</i>	<i>calcar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>cutucão</i>	<i>cutucar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>empurrão</i>	<i>empurrar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>empuxão</i>	<i>empuxar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>encontrão</i>	<i>encontrar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>entalão</i>	<i>entalar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
<i>esticão</i>	<i>esticar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>estirão</i>	<i>estirar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>estorceção</i>	<i>estorcegar</i>	E ^{e,s}				S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							
<i>imponção</i>	<i>imponar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>puxão</i>	<i>puxar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>repelão</i>	<i>repelar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>repuxão</i>	<i>repuxar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>sacção</i>	<i>sacar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>tirão</i>	<i>tirar</i>	E ^{e,s}			S ^s	S ^s			E ^{e,s}								
<i>torceção</i>	<i>torcegar</i>	E ^{e,s}				S ^s			E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc							

Tabela X b 14. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases transitivas de contacto

Índice de tabelas X b

Tabela X b 1. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases inergativas de emissão de substância.....	673
Tabela X b 2. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases inergativas de modo de moção.....	673
Tabela X b 3. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases inergativas performativas.....	673
Tabela X b 4. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica.....	673
Tabela X b 5. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica.....	673
Tabela X b 6. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases transitivas de lançar.....	674
Tabela X b 7. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases transitivas de mover através de força.....	674
Tabela X b 8. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases transitivas de parar.....	674
Tabela X b 9. Semantismos de produtos em -ão a partir de bases transitivas de mover sem alteração espacial.....	674-675

Tabela X b 10. Semantismos de produtos em <i>-ãõ</i> a partir de bases transitivas de contacto por impacto.....	675
Tabela X b 11. Semantismos de produtos em <i>-ãõ</i> a partir de bases transitivas causativas.....	675
Tabela X b 12. Semantismos de produtos em <i>-ãõ</i> a partir de bases transitivas de objecto negativo.....	676
Tabela X b 13. Semantismos de produtos em <i>-ãõ</i> a partir de transitivas de ferir	676
Tabela X b 14. Semantismos de produtos em <i>-ãõ</i> a partir de bases transitivas de contacto.....	676-677

Tabelas X c. Semantismos dos produtos em *-aria*

produto	inergs som	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>berraria</i>	<i>berrar</i>			S ^s		E ^{e,s}				E ^{e,s}							
<i>estalaria</i>	<i>estalar</i>		E ^{e,s}	S ^s		E ^{e,s}				E ^{e,s}							
<i>farfalharia</i>	<i>farfalhar</i>			S ^s		E ^{e,s}				E ^{e,s}							
<i>gritaria</i>	<i>gritar</i>			S ^s		E ^{e,s}				E ^{e,s}							
<i>marralharia</i>	<i>marralhar</i>			S ^s		E ^{e,s}				E ^{e,s}							
<i>palraria</i>	<i>palrar</i>			S ^s		E ^{e,s}				E ^{e,s}							
<i>roncaria</i>	<i>roncar</i>			S ^s		E ^{e,s}				E ^{e,s}							
<i>zurraria</i>	<i>zurrar</i>		E ^{e,s}	S ^s		E ^{e,s}				E ^{e,s}							
<i>pregaria</i>	<i>pregar</i> 'falar'			S ^s		E ^{e,s}				E ^{e,s}							
<i>vozearia</i>	<i>vozear</i>			S ^s		E ^{e,s}				E ^{e,s}							

Tabela X c 1. Semantismos dos produtos em *-aria* a partir de bases inergativas de emissão de som

produto	inergs moção	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>voaria</i>	<i>voar</i>			S ^s						E ^s		-Ecol ^{s,v}					

Tabela X c 2. Semantismos dos produtos em *-aria* a partir de bases inergativas de modo de moção

produto	inergs perform	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>sevandijaria</i>	^o <i>sevandijar</i>			S ^s						E ^s							
<i>zombaria</i>	<i>zombar</i>			S ^s		E ^{e,s}				E ^{e,s}							
<i>alcovitaria</i>	<i>alcovitar</i>			S ^s						E ^s							
<i>caçoaria</i>	<i>caçoar</i>			S ^s		E ^{e,s}				E ^{e,s}							

Tabela X c 3. Semantismos dos produtos em *-aria* a partir de bases inergativas performativas

produto	inergs actos de fala	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>palraria</i>	<i>palrar</i>			S ^s		E ^{e,s}				E ^{e,s}							
<i>pregaria</i>	<i>pregar</i>			S ^s		E ^{e,s}				E ^{e,s}							
<i>vozearia</i>	<i>vozear</i>			S ^s		E ^{e,s}				E ^{e,s}							

Tabela X c 4. Semantismos dos produtos em *-aria* a partir de bases inergativas de actos de fala

produto	trans locativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>albergaria</i>	<i>albergar</i>			S ^s						E ^c							-E ^{c,v,s}
<i>hospedaria</i>	<i>hospedar</i>			S ^s						E ^c							-E ^{c,v,s}
<i>sacaria</i>	<i>sacar???</i>		E?	E						E ^c							

Tabela X c 5. Semantismos dos produtos em *-aria* a partir de bases transitivas locativas

produto	trans causativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>branquearia</i>	<i>branquear</i>			S ^s						E ^{ex}							-E ^{ex,s}
<i>destilaria</i>	<i>destilar</i>			S ^s						E ^{ex}							-E ^{ex,s}
<i>refinaria</i>	<i>refinar</i>			S ^s						E ^{e,s,ex}							-E ^{ex}

Tabela X c 6. Semantismos dos produtos em *-aria* a partir de bases transitivas causativas

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>estamparia</i>	<i>estampar</i>			S ^s						E ^{ex}							-E ^{ex,s}
<i>marchetaria</i> ¹	<i>marchetar</i>			S ^s						E ^s -Econc							
<i>trefilaria</i>	<i>trefilar</i>			S ^s						E ^{ex}							-E ^{ex,s}

Tabela X c 7. Semantismos dos produtos em *-aria* a partir de bases transitivas resultativas

produto	trans obj neg	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>barbearia</i>	<i>barbear</i>			S ^s						E ^{c,s,ex}							-E ^{ex}
<i>serraria</i>	<i>serrar</i>			S ^s						E ^{ex}							-E ^{ex,s} -Ep ^{ex}

Tabela X c 8. Semantismos dos produtos em *-aria* a partir de bases transitivas de objecto negativo

produto	trans prover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>aceiraria</i>	<i>aceirar</i>			S ^s						E ^{ex}							-E ^{ex,s}
<i>aceraria</i>	<i>acerar</i>			S ^s						E ^{ex}							-E ^{ex,s}
<i>pregaria</i>	<i>pregar</i>			S ^s						E			-Ecol ^{v,s}				

Tabela X c 9. Semantismos dos produtos em *-aria* a partir de bases transitivas de prover de

¹ A conjugação dos traços [durativo], [ci] e [téllico] dá a significação de ‘profissão, arte de’. A conjugação dos traços [loc] e [ci] dá a significação de ‘loc’.

produto	<u>trans dividir em</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>sesmaria</i>	<i>sesmar</i>			S ^s						E			-E ^{v,s}				

Tabela X c 10. Semantismos dos produtos em *-aria* a partir de bases transitivas de dividir em

produto	<u>trans transf de posse</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>alquilaria</i>	<i>alquilar</i>			S ^s						E ^{e,s,ex}							-E ^{ex}
<i>mercaria</i>	<i>mercar</i>			S ^s						E ^{e,s,ex}							-E ^{ex}

Tabela X c 11. Semantismos dos produtos em *-aria* a partir de bases transitivas de transferência de posse

produto	<u>trans performativos</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>amassaria</i>	<i>amassar</i>			S ^s						E ^{e,s,ex}							-E ^{ex}
<i>blasonaria</i>	<i>blasonar</i>			S ^s						E ^s							
<i>granjearia</i>	<i>granjeiar</i>			S ^s						E ^s							
<i>picaria</i>	<i>picar</i>			S ^s						E ^{e,s,ex}							-E ^{ex}
<i>rotearia</i>	<i>rotear</i>			S ^s						E ^s							

Tabela X c 12. Semantismos dos produtos em *-aria* a partir de bases transitivas performativas

produto	<u>trans decl e actos de fala</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>babujaria</i>	<i>babujar</i>			S ^s		E ^{e,s}				E ^{e,s}							
<i>caçoaria</i>	<i>caçoar</i>			S ^s		E ^{e,s}				E ^{e,s}							
<i>pregaria</i>	<i>pregar</i>			S ^s		E ^{e,s}				E ^{e,s}							
<i>vozearia</i>	<i>vozear</i>			S ^s		E ^{e,s}				E ^{e,s}							

Tabela X c 13. Semantismos dos produtos em *-aria* a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala

produto	<u>trans instrumentais</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>tornearia</i>	<i>tornear</i>			S ^s						E ^{e,s,ex}							-E ^{ex}

Tabela X c 14. Semantismos dos produtos em *-aria* a partir de bases transitivas instrumentais

produto	<u>trans capturar</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	caus	obj	instr	instr aut	exp	loc
<i>pescaria</i>	<i>pescar</i>			S ^s						E ^{e,s,ex}			-Ecol ^v				-E ^{ex}

Tabela X c 15. Semantismos dos produtos em *-aria* a partir de bases transitivas de capturar/apanhar

Índice de tabelas X c

Tabela X c 1. Semantismos dos produtos em <i>-aria</i> a partir de bases inergativas de emissão de som.....	679
Tabela X c 2. Semantismos dos produtos em <i>-aria</i> a partir de bases inergativas de modo de moção.....	679
Tabela X c 3. Semantismos dos produtos em <i>-aria</i> a partir de bases inergativas performativas.....	679
Tabela X c 4. Semantismos dos produtos em <i>-aria</i> a partir de bases inergativas de actos de fala	679
Tabela X c 5. Semantismos dos produtos em <i>-aria</i> a partir de bases transitivas locativas.....	680
Tabela X c 6. Semantismos dos produtos em <i>-aria</i> a partir de bases transitivas causativas.....	680
Tabela X c 7. Semantismos dos produtos em <i>-aria</i> a partir de bases transitivas resultativas.....	680
Tabela X c 8. Semantismos dos produtos em <i>-aria</i> a partir de bases transitivas de objecto negativo.....	680
Tabela X c 9. Semantismos dos produtos em <i>-aria</i> a partir de bases transitivas de prover de	680
Tabela X c 10. Semantismos dos produtos em <i>-aria</i> a partir de bases transitivas de dividir em.....	681
Tabela X c 11. Semantismos dos produtos em <i>-aria</i> a partir de bases transitivas de transferência de posse.....	681
Tabela X c 12. Semantismos dos produtos em <i>-aria</i> a partir de bases transitivas performativas.....	681
Tabela X c 13. Semantismos dos produtos em <i>-aria</i> a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala	681
Tabela X c 14. Semantismos dos produtos em <i>-aria</i> a partir de bases transitivas instrumentais	681
Tabela X c 15. Semantismos dos produtos em <i>-aria</i> a partir de bases transitivas de capturar/apanhar	681

Tabelas X d. Semantismos dos produtos em *-ção*

produto	inergs performativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	p a r t	cheg	tél/ resul	p e r f	efe c	caus	o bj	instr	instr aut	ex p	impo sto	loc
<i>aberração</i>	<i>aberrar</i>								E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>actuação</i>	<i>actuar</i>									E ^s		S ^s							
<i>altercação</i>	<i>altercar</i>									E ^s		S ^s							
<i>anelação</i>	<i>anelar</i> 'respirar ofegantemente'		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>batalhação</i>	<i>batalhar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>binação</i>	<i>binar</i>								E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>campanção</i>	<i>campar</i>								E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>cavilação</i>	<i>cavilar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>charqueação</i>	<i>charquear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>colaboração</i>	<i>colaborar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s	-Ecol ^v						
<i>co-litigação</i>	<i>co-litigar</i>									E ^s		S ^s							
<i>competição</i>	<i>competir</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>conclamação</i>	<i>conclamar</i>									E ^s		S ^s							
<i>confraternização</i>	<i>confraternizar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>conspiração</i>	<i>conspirar</i>								E ^{e,s} -Econc ^σ	E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s							
<i>cooperação</i>	<i>cooperar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>co-participação</i>	<i>co-participar</i>									E ^s		S ^s							
<i>digladição</i>	<i>digladiar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>dissertação</i>	<i>dissertar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>dormitação</i>	<i>dormitar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>elucubração</i>	<i>elucubrar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>espiração</i>	<i>espirar</i>									E ^s		S ^s							
<i>febricitação?</i>	<i>febricitar?</i>		E ^c -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>flabelação</i>	<i>flabelar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>formicação</i>	<i>°formicar</i>		E ^c -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

produto	inergs performativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	p a r t	cheg	tél/ resul	p e r f	efe c	caus	o bj	instr	instr aut	ex p	impo sto	loc
<i>fraternização</i>	<i>fraternizar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>impação</i>	<i>impar</i>		E ^c -E ^{σ1}							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>implicação</i>	<i>implicar</i>		E ^c -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>laboração</i>	<i>laborar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>labutação</i>	<i>labutar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>lidação</i>	<i>lidar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>lucubração</i>	<i>lucubrar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E ^{conc}		S ^s							
<i>mascateação</i>	<i>mascatear</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>missionação</i>	<i>missionar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>oscitação</i>	<i>oscitar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>padreação</i>	<i>padrear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>parlamentação</i>	<i>parlamentar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>participação</i>	<i>participar</i>									E ^{e,s}		S ^s							
<i>perseveração</i>	<i>perseverar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>persignação</i>	<i>persignar-se</i>								E ^{e,s}	E ^{e,s} -E ^{conc}		S ^s							
<i>pontificação</i>	<i>pontificar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>prevaricação</i>	<i>prevaricar</i>								E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>recalcitração</i>	<i>recalcitrar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>reinação</i>	<i>reinar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>relutação</i>	<i>relutar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>rusticação</i>	<i>rusticar</i>		E ^c -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>vadiação</i>	<i>vadiar</i>		E ^c -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>capitação</i>	<i>capitar</i>								E ^{e,s}	E ^{e,ex,s}		S ^s							-E ^{ex}
<i>conjuração</i>	<i>conjurar</i>		E ^c						E ^{e,s} -E ^{conc} ^σ	E ^{e,s} -E ^{conc} ^σ		S ^s							
<i>copulação</i>	<i>copular</i>								E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>dissimulação</i>	<i>dissimular</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>expiração</i>	<i>expirar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>fornicação</i>	<i>fornicar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							

¹ ‘Doença’.

produto	inergs performativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	p art	cheg	tél/ resul	p erf	efe c	caus	o bj	instr	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>inspiração</i>	<i>inspirar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>litigação</i>	<i>litigar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>macaqueação</i>	<i>macaquear</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>mandibulação</i>	<i>mandibular</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>manducação</i>	<i>manducar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>mendigaçã</i>	<i>mendigar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>mineração</i>	<i>minerar</i>		E ^c				E ^c			E ^{e,s}		S ^s							
<i>namoraçã</i>	<i>namorar</i>								E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>parasitaçã</i>	<i>parasitar</i>								E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>propugnaçã</i>	<i>propugnar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>protestaçã</i>	<i>protestar</i>		E ^c						E ^{e,s} -Econc ^σ	E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s							
<i>titilaçã</i>	<i>titilar</i>		E ^c -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>vereaçã</i>	<i>verear</i>		E ^{c,ex}							E ^{e,ex,s}		S ^s	-Ecol ^v					-E ^{ex}	-Et ^{ex}

Tabela X d 1. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases inergativas performativas

produto	inergs resultativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>nidificação</i>	<i>nidificar</i>			E ^c					E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ovulaçã</i>	<i>ovular</i>								E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>superfetaçã</i>	<i>superfetar</i>								E ^{e,s}	E ^{e,s}	E ^{e,s}	S ^s							

Tabela X d 2. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases inergativas resultativas

produto	inergs psicológicos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>cerebraçã</i>	<i>cerebrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>cogitaçã</i>	<i>cogitar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>devaneaçã</i>	<i>devanear</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>divagaçã</i>	<i>divagar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>embirraçã</i>	<i>embirrar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>exultaçã</i>	<i>exultar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>hipercerebraçã</i>	<i>hipercerebrar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>matutaçã</i>	<i>matutar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>meditaçã</i>	<i>meditar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							

produto	inergs <u>psicológicos</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>parafusão</i>	<i>parafusar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>raciocinação</i>	<i>raciocinar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 3. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases inergativas psicológicas

produto	inergs <u>moção</u>	pon t	dura t	ci	súbit o	inten s	op dif	part	che g	tél/ resul	perf	efec	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impo sto	loc
<i>aeronavegação</i>	<i>aeronavegar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>ambulação</i>	<i>ambular</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>circum-navegação</i>	<i>circum-navegar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>claudicação</i>	<i>claudicar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>deambulação</i>	<i>deambular</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>flutuação</i>	<i>flutuar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>gingação</i>	<i>gingar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>gravitação</i>	<i>gravitar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>hesitação</i>	<i>hesitar</i>								E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>levitação</i>	<i>levitar</i>								E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>noctambulação</i>	<i>noctambular</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>nutação</i>	<i>nutar</i>									E ^{e,s}		S ^s							
<i>oscilação</i>	<i>oscilar</i>									E ^{e,s}		S ^s							
<i>palpebração</i>	<i>palpebrar</i>									E ^{e,s}		S ^s							
<i>palpitação</i>	<i>palpitar</i>									E ^{e,s}		S ^s							
<i>perambulação</i>	<i>perambular</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>pulsação</i>	<i>pulsar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>reptação</i>	<i>reptar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>rotação</i>	<i>rotar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>tiritação</i>	<i>tiritar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>titubeação</i>	<i>titubear</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>trepidação</i>	<i>trepidar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>vacilação</i>	<i>vacilar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>vagueação</i>	<i>vaguear</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>vermiculação</i>	<i>vermicular</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>vibração</i>	<i>vibrar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>gesticulação</i>	<i>gesticular</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>giração</i>	<i>girar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>navegação</i>	<i>navegar</i>		E ^c							E ^{e,ex,s}		S ^s							-Et ^{ex}

<i>ondulação</i>	<i>ondular</i>		E ^c								E ^{e,s} -Ecol		S ^s						
<i>peregrinação</i>	<i>peregrinar</i>		E ^c								E ^{e,s}		S ^s						
<i>reflutuação</i>	<i>reflutar</i>		E ^c								E ^{e,s}		S ^s						
<i>revibração</i>	<i>revibrar</i>		E ^c								E ^{e,s}		S ^s						
<i>tremulação</i>	<i>tremular</i>		E ^c								E ^{e,s}		S ^s						

Tabela X d 4. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases inergativas de modo de moção

produto	inergs luz	pont	durat	ci	súbito	intens	op di	part	cheg	tél/ resul	p e r f	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>coriscação</i>	<i>coriscar</i>									E ^s		S ^s							
<i>coruscação</i>	<i>coruscar</i>									E ^s		S ^s							
<i>fulguração</i>	<i>fulgurar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>fulminação</i>	<i>fulminar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>lucilação</i>	<i>lucilar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>prefulguração</i>	<i>prefulgurar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>rutilação</i>	<i>rutilar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>cintilação</i>	<i>cintilar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>fuzilação</i>	<i>fuzilar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>irradiação</i>	<i>irradiar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>radiação</i>	<i>radiar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>reverberação</i>	<i>reverberar</i>									E ^s -Econc		S ^s							

Tabela X d 5. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases inergativas de emissão de luz

produto	inergs substância	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	efe c	caus	obj	instr	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>defecação</i>	<i>defecar</i>									E ^s		S ^s							
<i>esputação</i>	<i>esputar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>exsudação</i>	<i>exsudar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>fagulhação</i>	<i>fagulhar</i>									E ^s -Ecol		S ^s							
<i>faiscação</i>	<i>faiscar</i>									E ^s -Ecol		S ^s							
<i>furfuração</i>	° <i>furfurar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>lacrimação</i>	° <i>lacrimar</i>									E ^s -Ecol		S ^s							
<i>lagrimação</i>	<i>lagrimar</i>									E ^s -Ecol		S ^s							
<i>nevação</i>	<i>nevar</i>									E ^s		S ^s							
<i>perspiração</i>	<i>perspirar</i>									E ^s		S ^s							
<i>polinação</i>	° <i>polinar</i>									E ^s		S ^s							
<i>purgação</i>	<i>purgar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>repurgação</i>	<i>repurgar</i>									E ^s		S ^s							
<i>salivação</i>	<i>salivar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>superpurgação</i>	<i>superpurgar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>urinação</i>	<i>urinar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>vaporação</i>	<i>vaporar</i>									E ^s		S ^s							
<i>dessudação</i>	<i>dessudar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>escumação</i>	<i>escumar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>lactação</i>	<i>lactar</i>		E ^{ex}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							-Et ^{ex}
<i>radiação</i>	<i>radiar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>ressudação</i>	<i>ressudar</i>									E ^s -Econc		S ^s							

produto	inergs substância	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	efe c	caus	obj	instr	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>ressumação</i>	<i>ressumar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>suação</i>	<i>suar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>transpiração</i>	<i>transpirar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>transudação</i>	<i>transudar</i>									E ^s -Econc		S ^s							

Tabela X d 6. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases inergativas de emissão de substância

produto	inergs actos de fala	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	pa rt	cheg	tél/ resul	p er f	efe c	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	lo c
<i>dialogação</i>	<i>dialogar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>intercomunicação</i>	<i>intercomunicar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>mussitação</i>	<i>mussitar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>oração</i>	<i>orar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>palração</i>	<i>palrar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>peroração</i>	<i>perorar</i>								E ^{e,s} -Econc ^σ	E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s							
<i>ralhação</i>	<i>ralhar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>tergiversação</i>	<i>tergiversar</i>									E ^s		S ^s							
<i>transnominção</i>	<i>transnominar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>balbuciação</i>	<i>balbuciar</i>									E ^s		S ^s							
<i>blasfemação</i>	<i>blasfemar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>chacoteação</i>	<i>chacotear</i>									E ^s		S ^s							
<i>clamação</i>	<i>clamar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>confabulação</i>	<i>confabular</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>conversação</i>	<i>conversar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>obtemperaço</i>	<i>obtemperar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 7. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases inergativas de actos de fala

produto	inergs som	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	par t	che g	tél/ resul	p e r f	efec	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>arrotação</i>	<i>arrotar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>berração</i>	<i>berrar</i>									E ^s		S ^s							
<i>buzinação</i>	<i>buzinar</i>									E ^s		S ^s							
<i>coaxação</i>	<i>coaxar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>crepitação</i>	<i>crepitar</i>									E ^s		S ^s							
<i>deblateração</i>	<i>deblaterar</i>									E ^s		S ^s							
<i>decrepitação</i>	<i>decrepitar</i>									E ^s		S ^s							
<i>eructação</i>	<i>eructar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>esternutação</i>	<i>esternutar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>estridulação</i>	<i>estridular</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>estropeação</i>	<i>estropear</i>									E ^s		S ^s							
<i>lalação</i>	<i>lalar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>mussitação</i>	<i>mussitar</i>									E ^s		S ^s							
<i>palração</i>	<i>palrar</i>		E ^c -Econc ^σ							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s							
<i>sibilação</i>	<i>sibilar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>ululação</i>	<i>ulular</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>detonação</i>	<i>detonar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>recantação</i>	<i>recantar</i>									E ^s -Econc		S ^s							
<i>vociferação</i>	<i>vociferar</i>									E ^s -Econc		S ^s							

Tabela X d 8. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases inergativas de emissão de som

produto	inacs resultativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	par t	che g	tél/ resul	p e r f	efec	caus	obj	instr	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>abotoação</i>	<i>abotoar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aparração</i>	<i>aparrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>apostemação</i>	<i>apostemar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>arborização</i>	<i>arborizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>caulificação</i>	<i>caulificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>crisalidação</i>	<i>crisalidar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>esporulação</i>	<i>esporular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>fetação</i>	<i>°fetar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>fistulação</i>	<i>fistular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>floração</i>	<i>florar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,ex,s}		S ^s							-Et ^{ex}
<i>foliação</i>	<i>°foliar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>frutificação</i>	<i>frutificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,ex,s}		S ^s							-Et ^{ex}
<i>gastrulação</i>	<i>°gastrular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>gemação</i>	<i>gemar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>gemulação</i>	<i>°gemular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>germinação</i>	<i>germinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>gomação</i>	<i>gomar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>gravidação</i>	<i>gravidar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>halação</i>	<i>°halar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>impanação</i>	<i>°impanar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>incubação</i>	<i>incubar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>inficionação</i>	<i>inficionar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>marmorização</i>	<i>marmorizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>oxidação</i>	<i>oxidar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>perfloração</i>	<i>°perflorar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,ex,s}		S ^s							-Et ^{ex}
<i>placentação</i>	<i>°placentar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>plantulação</i>	<i>°plantular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>preformação</i>	<i>preformar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>pululação</i>	<i>pulular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	inacs resultativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	per f	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imp osto	loc
<i>pustulação</i>	<i>°pustular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>radicação</i>	<i>radicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>repululação</i>	<i>repulular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>suberização</i>	<i>suberizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>vernação</i>	<i>vernar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,ex,s}		S ^s							-Et ^{ex}

Tabela X d 9. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases inacusativas resultativas

produto	inacs incoativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	per f	efe c	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>abandalhação</i>	<i>abandalhar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>acalmação</i>	<i>acalmar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aceleração</i>	<i>acelerar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>acidentalização</i>	<i>acidentalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aclaração</i>	<i>aclarar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aclimação</i>	<i>aclimar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aclimatação</i>	<i>aclimatar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>acomodação</i>	<i>acomodar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>condicionação</i>	<i>condicionar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aculturação</i>	<i>aculturar-se</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>adaptação</i>	<i>adaptar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>adequação</i>	<i>adequar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>adulteração</i>	<i>adulterar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aglutinação</i>	<i>aglutinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>agravação</i>	<i>agrarar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>adularização</i>	<i>adularizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>albitização</i>	<i>albitizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>alteração</i>	<i>alterar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>amofinação</i>	<i>amofinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	inacs incoativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	per f	efe c	c a u s	obj	ins tr	instr aut	ex p	imposto	loc
<i>aplacação</i>	<i>aplacar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>apuração</i>	<i>apurar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aquietação</i>	<i>aquietar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>arqueação</i>	<i>arquear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>arreliação</i>	<i>arreliar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>arreminação</i>	<i>arreminar-se</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>atenuação</i>	<i>atenuar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>atição</i>	<i>atiçar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>aumentação</i>	<i>aumentar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aviltção</i>	<i>aviltar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>brutalização</i>	<i>brutalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>brutificação</i>	<i>brutificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>calcificação</i>	<i>calcificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>cambiação</i>	<i>cambiar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>cancerção</i>	<i>cancerar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>carbonização</i>	<i>carbonizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>carnalização</i>	<i>carnalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>carnificação</i>	<i>carnificar-se</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>celebrização</i>	<i>celebrizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>clareação</i>	<i>clarear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>clarificação</i>	<i>clarificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>coagulação</i>	<i>coagular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>congelção</i>	<i>congelar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>crisalidação</i>	<i>crisalidar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>crispação</i>	<i>crispar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>cristalização</i>	<i>cristalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	inacs incoativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	per f	efe c	c a u s	obj	ins tr	instr aut	ex p	imposto	loc
<i>decrepitação</i>	<i>decrepitar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>deformação</i>	<i>deformar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>degeneração</i>	<i>degenerar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>depaupeiração</i>	<i>depaupear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>depuração</i>	<i>depurar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>desafinação</i>	<i>desafinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>desatinação</i>	<i>desatinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>descoloração</i>	<i>descolorar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>descongelamento</i>	<i>descongelar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>desertificação</i>	<i>desertificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>desinchação</i>	<i>desinchar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>desinflamação</i>	<i>desinflamar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>desnaturação</i>	<i>desnaturar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>despigmentação</i>	<i>despigmentar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>despoetização</i>	<i>despoetizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>dessecação</i>	<i>dessecar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>dessensibilização</i>	<i>dessensibilizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>desumanização</i>	<i>desumanizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>deterioração</i>	<i>deteriorar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>devassação</i>	<i>devassar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>diafanização</i>	<i>diafanizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>dignificação</i>	<i>dignificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>diminuição</i>	<i>diminuir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>diversificação</i>	<i>diversificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>eburinação</i>	<i>°eburnar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>efeminação</i>	<i>efeminar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>emaciação</i>	<i>emaciar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>encarnação</i>	<i>encarnar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>encavacação</i>	<i>encavacar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	inacs incoativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	per f	efe c	c a u s	obj	ins tr	instr aut	ex p	imposto	loc
<i>ênfaturação</i>	<i>ênfatuar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ênfição</i>	<i>ênfiar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ênrugação</i>	<i>ênrugar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>êntravação</i>	<i>êntravar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ênurvação</i>	<i>ênurvar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ênublação</i>	<i>ênublar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>êsbodegação</i>	<i>êsbodegar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>êscabreação</i>	<i>êscabrear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>êspecialização</i>	<i>êspecializar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>êsquentação</i>	<i>êsquentar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>êstragação</i>	<i>êstragar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>êuropeização</i>	<i>êuropeizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>êxacerbação</i>	<i>êxacerbar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>êxalção</i>	<i>êxalçar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>êxaltação</i>	<i>êxaltar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>êxanimação</i>	<i>°exanimar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>êxinanição</i>	<i>êxinanir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>êxtenuação</i>	<i>êxtenuar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>êfermentação</i>	<i>êfermentar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>êfluidificação</i>	<i>êfluidificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>êgradação</i>	<i>êgradar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>êhepatização</i>	<i>êhepatizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>êhumildação</i>	<i>êhumildar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>êhumilhação</i>	<i>êhumilhar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>°impanação</i>	<i>°impanar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}	E ^c	S ^s							
<i>ênanição</i>	<i>ênanir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

² ‘Doença dos animais’.

produto	inacs <u>incoativos</u>	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	per f	efe c	c a u s	obj	ins tr	instr aut	ex p	imposto	loc
<i>inchação</i>	<i>inchar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>inebriação</i>	<i>inebriar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>inflação</i>	<i>inflar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>iniciação</i>	<i>iniciar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>intensificação</i>	<i>intensificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>intimidação</i>	<i>intimidar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>irritação</i>	<i>irritar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E -Econc		S ^s							
<i>levedação</i>	<i>levedar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>maduração</i>	<i>madurar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>maturação</i>	<i>maturar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>mirração</i>	<i>mirrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>nitrificação</i>	<i>nitrificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>nobilitação</i>	<i>nobilitar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>obnubilação</i>	<i>obnubilar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>obumbração</i>	<i>obumbrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>ocidentalização</i>	<i>ocidentalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>opilação</i>	<i>opilar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ossificação</i>	<i>ossificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ovalização</i>	<i>ovalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>paralisação</i>	<i>paralisar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>petrificação</i>	<i>petrificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>pustulação</i>	<i>pustular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>readaptação</i>	<i>readaptar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>refermentação</i>	<i>refermentar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>refundição</i>	<i>refundir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	inacs incoativas	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	per f	efe c	c a u s	obj	ins tr	instr aut	ex p	imposto	loc
<i>relaxação</i>	<i>relaxar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>ressicação</i>	<i>ressicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>ruborização</i>	<i>ruborizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>sacarificação</i>	<i>sacarificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>salificação</i>	<i>salificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>sazonação</i>	<i>sazonar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>secação</i>	<i>secar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>sedimentação</i>	<i>sedimentar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>senilização</i>	<i>senilizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>sobreexaltação</i>	<i>sobreexaltar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>solidarização</i>	<i>solidarizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>solidificação</i>	<i>solidificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>solubilização</i>	<i>solubilizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>sublimação</i>	<i>sublimar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>superexaltação</i>	<i>superexaltar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>terminação</i>	<i>terminar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>torvação</i>	<i>torvar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>tumificação</i>	<i>tumificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>tumorização</i>	<i>tumorizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ulceração</i>	<i>ulcerar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>umação</i>	<i>umar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>variação</i>	<i>variar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>vegetação</i>	<i>vegetar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s		-Ecol ^v					
<i>volatilização</i>	<i>volatilizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>vulgarização</i>	<i>vulgarizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 10. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases inacusativas incoativas

produto	inacs <u>dir esp</u>	pont	durat	ci	súbit o	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e r f	efe c	caus	obj	i n s t r	instr aut	exp	imposto	loc
<i>arribação</i>	<i>arribar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>declinação</i>	<i>declinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>descambação</i>	<i>descambar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>emigração</i>	<i>emigrar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s		-Ecol ^v					
<i>exundação</i>	<i>exundar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>imigração</i>	<i>imigrar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s		-Ecol ^v					
<i>remigração</i>	<i>remigrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>retrogradação</i>	<i>retrogradar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 11. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica

produto	inacs <u>mover-se</u>	pont	dura t	ci	súbit o	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	per f	efe c	caus	obj	i n s t r	instr aut	exp	imposto	lo c
<i>dìmanação</i>	<i>dìmanar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>mìgração</i>	<i>mìgrar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>transmìgração</i>	<i>transmìgrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>tramitação</i>	<i>tramitar??</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s		-Ecol?					

Tabela X d 12. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases inacusativas de mover-se

produto	inacs <u>locativo</u>	pon t	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	che g	tél/ resul	perf	efec	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	imp osto	loc
<i>castrametação</i>	<i>castrametar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>culminação</i>	<i>culminar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,ex,s}		S ^s							-E ^{ex}
<i>imiscuição</i>	<i>imiscuir-se</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>nidação</i>	<i>°nidar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>prespiração</i>	<i>°prespirar??</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>reencarnação</i>	<i>reencarnar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>seminação</i>	<i>°seminar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 13. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases inacusativas locativas

produto	inacs config espac	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	Instr aut	exp	imposto	loc
<i>ajoelhação</i>	<i>ajoelhar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ressupinação</i>	<i>ressupinar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							

Tabela X d 14. Semantismos dos produtos em *-ção* a partir de bases inacusativas de colocar-se em configuração espacial

produto	inacs estado/existência	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	impos to	loc
<i>acarração</i>	<i>acarrar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>ancoragem</i>	<i>ancorar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							-E ^v
<i>coabitação</i>	<i>coabitar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>conotação</i>	<i>conotar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>contra-significação</i>	<i>contra-significar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>contrastação</i>	<i>contrastar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>defrontação</i>	<i>defrontar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>denotação</i>	<i>denotar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>estação</i>	<i>estar???</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							-E ^v -Et ^v
<i>estivação</i>	<i>estivar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>estuação</i>	<i>estuar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>habitação</i>	<i>habitar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							-E ^v
<i>hibernação</i>	<i>hibernar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>penação</i>	<i>penar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>predominação</i>	<i>predominar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>reabitação</i>	<i>reabitar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							

produto	inacs <u>estado/existência</u>	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	impos to	loc
<i>significação</i>	<i>significar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>simbolização</i>	<i>simbolizar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>suportação</i>	<i>suportar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>sustentação</i>	<i>sustentar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							-E ^v
<i>vacação</i>	<i>vacar</i>									E ^s -E		S ^s							
<i>vagação</i>	<i>vagar</i>									E ^s -E		S ^s							

Tabela X d 15. Semantismos dos produtos em *-ção* a partir de bases inacusativas de estado/existência

produto	inacs <u>aparecimento</u>	pont	dura t	ci	súbito	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	efec	ca us	obj	instr	instr aut	exp	imp osto	loc
<i>afloração</i>	<i>aflorar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							-E ^v
<i>deflagração</i>	<i>deflagrar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>emanação</i>	<i>emanar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s		-Ecol ^v					
<i>proliferação</i>	<i>proliferar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>proliferação</i>	<i>prolificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>vernação</i>	<i>vernar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,ex,s} -Econc		S ^s							-Et ^{ex}

Tabela X d 16. Semantismos dos produtos em *-ção* a partir de bases inacusativas de aparecimento

produto	trans <u>locativos</u>	pont	dura t	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	p e r f	efec	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>acamação</i>	<i>acamar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>acareação</i>	<i>acarear</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acervação</i>	<i>acervar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>acomodação</i>	<i>acomodar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,ex,s}		S ^s							-E ^{ex}
<i>afixação</i>	<i>afixar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>alfabetação</i>	<i>alfabetar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aplicação</i>	<i>aplicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans locativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	p e r f	efec	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>aportação</i>	<i>aportar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>aposentação</i>	<i>aposentar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>apresentação</i>	<i>apresentar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>arrecadação</i>	<i>arrecadar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							-E ^v
<i>arrumação</i>	<i>arrumar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							-E ^v
<i>atracação</i>	<i>atracar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>bipolarização</i>	<i>bipolarizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>calendarização</i>	<i>calendarizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>canalização</i>	<i>canalizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Ecol		S ^s							
<i>capsulação</i>	<i>capsular</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>careação</i>	<i>carear</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>catalogar</i>	<i>catalogar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>categorização</i>	<i>categorizar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>catenação</i>	<i>°catenar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>centralização</i>	<i>centralizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>classificação</i>	<i>classificar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>colocação</i>	<i>colocar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>comercialização</i>	<i>comercializar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>concatenação</i>	<i>concatenar</i>		E ^c							E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>concentração</i>	<i>concentrar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>concentralização</i>	<i>concentralizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>confrontação</i>	<i>confrontar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,ex,s}		S ^s							-Ec ^{ex}
<i>contentorização</i>	<i>contentorizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>contextuação</i>	<i>contextuar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>cooptação</i>	<i>cooptar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>coordenação</i>	<i>coordenar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>cruciação</i>	<i>cruciar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>crucificação</i>	<i>crucificar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>decoreação</i>	<i>decorar</i>																		
<i>desclassificação</i>	<i>desclassificar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

produto	trans locativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	p e r f	efec	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>desencalacração</i>	<i>desencalacrar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desincrustação</i>	<i>desincrustar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>destronação</i>	<i>destronar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>destronização</i>	<i>destronizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>dicionarização</i>	<i>dicionarizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>domiciliação</i>	<i>domiciliar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>embarcação</i>	<i>embarcar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s,ex}		S ^s							-Ep ^{ex}
<i>embarrilação</i>	<i>embarrilar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>emborcação</i>	<i>emborcar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>encadeação</i>	<i>encadear</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>encalacração</i>	<i>encalacrar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>encalhação</i>	<i>encalhar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>encanação</i>	<i>encanar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>encarceração</i>	<i>encarcerar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>encenação</i>	<i>encenar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>encerebração</i>	<i>encerebrar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>encubação</i>	<i>encubar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>enformação</i>	<i>enformar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>entalção</i>	<i>entalar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
										-E									
<i>enterração</i>	<i>enterrar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
										-E									
<i>entralhação</i>	<i>entralhar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
										-Ecol									
<i>entronização</i>	<i>entronizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>enviscação</i>	<i>enviscar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>escrituração</i>	<i>escriturar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>evocação</i>	<i>evocar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>excarceração</i>	<i>excarcerar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>expatriação</i>	<i>expatriar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>exumação</i>	<i>exumar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>hospitalização</i>	<i>hospitalizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>imbricação</i>	<i>imbricar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
										-E									
<i>implantação</i>	<i>implantar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>incardinação</i>	<i>incardinar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>incorporação</i>	<i>incorporar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

produto	trans locativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	p e r f	efec	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>incrustação</i>	<i>incrustar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>indexação</i>	<i>indexar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>inervação</i>	<i>inervar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Ecol		S ^s							
<i>infernação</i>	<i>infernar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>infiltração</i>	<i>infiltrar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>instalação</i>	<i>instalar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -Ecol		S ^s							
<i>instilação</i>	<i>instilar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>integração</i>	<i>integrar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>intercalação</i>	<i>intercalar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>interfoliação</i>	<i>interfoliar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>internação</i>	<i>internar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>interpolação</i>	<i>interpolar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>inumação</i>	<i>inumar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>invaginação</i>	<i>invaginar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>inventariação</i>	<i>inventariar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>isolação</i>	<i>isolar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>locação</i>	<i>locar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>localização</i>	<i>localizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							-E ^v
<i>luxeção</i>	<i>luxar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>marcação</i>	<i>marcar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>marginacão</i>	<i>marginar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>memoração</i>	<i>memorar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>memorização</i>	<i>memorizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>municipalização</i>	<i>municipalizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>norteação</i>	<i>nortear</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>numeração</i>	<i>numerar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>ocultação</i>	<i>ocultar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>ordenação</i>	<i>ordenar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>orientação</i>	<i>orientar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>pastoreação</i>	<i>pastorear</i>		E ^c						E ^{c,s}			S ^s							

produto	trans locativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	p e r f	efec	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>plantação</i>	<i>plantar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Ecol		S ^s							
<i>polarização</i>	<i>polarizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>preordenação</i>	<i>preordenar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>preposteração</i>	<i>preposterar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>presentação</i>	<i>presentar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>reconcentração</i>	<i>reconcentrar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>recordação</i>	<i>recordar</i> [integr]		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>registação</i>	<i>registar</i> [integr]	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>reimplantação</i>	<i>reimplantar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>reincorporação</i>	<i>reincorporar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>reinstalação</i>	<i>reinstalar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>reintegração</i>	<i>reintegrar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>relacionação</i>	<i>relacionar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>rememoração</i>	<i>rememorar</i> [integr]		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>reordenação</i>	<i>reordenar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>repatriação</i>	<i>repatriar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>replantação</i>	<i>replantar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>repovoação</i>	<i>repovoar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>reservação</i>	<i>reservar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>satelização</i>	<i>satelizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>segregação</i>	<i>segregar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>seguração</i>	<i>segurar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>semeação</i>	<i>semear</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>sequestração</i>	<i>sequestrar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>seriação</i>	<i>seriar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>simetrização</i>	<i>simetrizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>sincronização</i>	<i>sincronizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>sindicalização</i>	<i>sindicalizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>situação</i>	<i>situar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							-E ^v
<i>soterração</i>	<i>soterrar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

produto	trans locativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	p e r f	efec	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>subluxação</i>	<i>subluxar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>subordinação</i>	<i>subordinar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>suplantação</i>	<i>suplantar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>telencefalização</i>	<i>telencefalizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>temporização</i>	<i>temporizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

Tabela X d 17. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas locativas

produto	trans dir esp	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efe c	c a u s	obj	instr	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>ablegação</i>	<i>ablegar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>afloração</i>	<i>aflorar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>alheação</i>	<i>alhear</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>alienação</i>	<i>alienar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>antecipação</i>	<i>antecipar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>apartação</i>	<i>apartar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>apropinuação</i>	<i>apropinuar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>aproximação</i>	<i>aproximar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>aspiração</i>	<i>aspirar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>decantação</i>	<i>decantar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>decentralização</i>	<i>decentralizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>defenestração</i>	<i>defenestrar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}	E ^{c,s}	S ^s							
<i>demolição</i>	<i>demolir</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>depolarização</i>	<i>depolarizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>derivação</i>	<i>derivar</i>		E ^c							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>derramação</i>	<i>derramar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>derruição</i>	<i>derruir</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>descentralização</i>	<i>descentralizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desconcentração</i>	<i>desconcentrar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desordenação</i>	<i>desordenar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>divaricação</i>	<i>divaricar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>elevação</i>	<i>elevar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							-E ^v
<i>eliciação</i>	<i>eliciar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

produto	trans dir esp	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/resul	perf	efe c	c a u s	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
escoação	escoar		E ^c							E ^{g,s}		S ^s							
evacuação	evacuar		E ^c						E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
exibição	exibir		E ^c						E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
exoneração	exonerar		E ^c						E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
exportação	exportar		E ^c							E ^{g,s}		S ^s							
exteriorização	exteriorizar		E ^c						E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
externação	externar	E ^c							E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
extravasação	extravasar		E ^c							E ^{g,s}		S ^s							
importação	importar		E ^c							E ^{g,s}		S ^s							
inalação	inalar		E ^c						E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
influição	influir		E ^c							E ^{g,s}		S ^s							
inoculação	inocular		E ^c						E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
postergação	postergar	E ^c							E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
precipitação	precipitar	E ^c							E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
preterição	preterir	E ^c							E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
profligação	profligar		E ^c						E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
prorrogação	prorrogar	E ^c							E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
prosternação	prosternar	E ^c							E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
prostração	prostrar	E ^c							E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
protelação	protelar	E ^c							E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
reexportação	reexportar		E ^c							E ^{g,s}		S ^s							
reimportação	reimportar		E ^c							E ^{g,s}		S ^s							
relegação	relegar		E ^c						E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
repudiação	repudiar	E ^c							E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
retardação	retardar		E ^c						E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
retiração	retirar	E ^c							E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
sobrelevação	sobrelevar	E ^c							E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
sublevação	sublevar	E ^c							E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
sugação	sugar		E ^c							E ^{g,s}		S ^s							
superelevação	superelevar	E ^c							E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							
transverberação	transverberar	E ^c							E ^{g,s}	E ^{g,s}		S ^s							

Tabela X d 18. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de mover em direção específica

produto	trans mover-se o sujeito	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	o b j	instr	instr aut	exp	im pos to	loc
<i>anteocupação</i>	<i>anteocupar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>infestação</i>	<i>infestar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>mediação</i>	<i>mediar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>ocupação</i>	<i>ocupar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>penetração</i>	<i>penetrar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>permeação</i>	<i>permeiar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>povoação</i>	<i>povoar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Ecol ^v						-E ^v
<i>pré-ocupação</i>	<i>pré-ocupar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>reocupação</i>	<i>reocupar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>revisitação</i>	<i>revisitar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>superação</i>	<i>superar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>suplantação</i>	<i>suplantar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>transfixação?</i>	<i>transfixar?</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>vadeação</i>	<i>vadear</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>varação</i>	<i>varar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>visitação</i>	<i>visitar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

Tabela X d 19. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de mover-se o sujeito

produto	trans cercar	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>circundação</i>	<i>circundar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							

Tabela X d 20. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de cercar

produto	trans mover objecto	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>alternação</i>	<i>alternar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>comutação</i>	<i>comutar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>continuação</i>	<i>continuar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>deslocação</i>	<i>deslocar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>dilatação</i>	<i>dilatar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>disseminação</i>	<i>disseminar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>dissipação</i>	<i>dissipar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>divulgação</i>	<i>divulgar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

produto	trans mover objecto	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>editoração</i>	<i>editar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>movimentação</i>	<i>movimentar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>permutação</i>	<i>permutar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>perpetuação</i>	<i>perpetuar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
										-E									
<i>prolongação</i>	<i>prolongar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
										-E									
<i>propagação</i>	<i>propagar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>prossecução</i>	<i>prosseguir</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>sub-rogação</i>	<i>sub-rogar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>substituição</i>	<i>substituir</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>transcoação</i>	<i>transcoar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>transcolação</i>	<i>transcolar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>transladação</i>	<i>transladar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>translineação</i>	<i>translinear</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>transliteração</i>	<i>transliterar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>transmudação</i>	<i>transmudar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>transmutação</i>	<i>transmutar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>transpassação</i>	<i>transpassar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>transplantação</i>	<i>transplantar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>trasladação</i>	<i>trasladar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>traspassação</i>	<i>traspassar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>trespassação</i>	<i>trespassar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

Tabela X d 21. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de mover objecto

produto	trans config spac	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>acocoração</i>	<i>acocorar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>inclinação</i>	<i>inclinar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
										-E									
<i>prosternação</i>	<i>prosternar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>prostração</i>	<i>prostrar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>reclinação</i>	<i>reclinar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
										-E									
<i>verticalização</i>	<i>verticalizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 22. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de colocar em configuração espacial

produto	trans <u>enviar</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>deportação</i>	<i>deportar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>expedição</i>	<i>expedir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>reexpedição</i>	<i>reexpedir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 23. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de enviar

produto	trans <u>lançar</u>	pont	dura t	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	per f	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	impos to	loc
<i>ejaculação</i>	<i>ejacular</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>exalação</i>	<i>exalar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>jaculação</i>	<i>jacular</i>	E ^c								E ^{e,ex,s}		S ^s							-E ^{ex}
<i>projectação</i>	<i>projectar</i>	E ^c								E ^{e,ex,s}		S ^s							-E ^{ex}
<i>regurgitação</i>	<i>regurgitar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 24. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de lançar

produto	trans <u>carregar/rebocar</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>transportação</i>	<i>transportar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							

Tabela X d 25. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de carregar/rebocar objecto

produto	trans <u>mov sem alt spac</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	Tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>abanação</i>	<i>abandar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>agitação</i>	<i>agitar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>libração</i>	<i>librar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>vibração</i>	<i>vibrar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>viração</i>	<i>virar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>volteação</i>	<i>voltear</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 26. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de mover sem alteração espacial

produto	trans mov através de força	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>arrepelação</i>	<i>arrepelar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>extirpação</i>	<i>extirpar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}	E ^{e,s}	S ^s							
<i>empurração</i>	<i>empurrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 27. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de mover através de força

produto	trans parar	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>descontinuação</i>	<i>descontinuar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>desligação</i>	<i>desligar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>encalhação</i>	<i>encalhar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>estagnação</i>	<i>estagnar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>estancção</i>	<i>estancar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>frenação</i>	<i>frenar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>imobilização</i>	<i>imobilizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>interceptação</i>	<i>interceptar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>paralisação</i>	<i>paralisar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>restagnação</i>	<i>restagnar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 28. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de parar

produto	trans contacto por impacto	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>abalroação</i>	<i>abalroar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 29. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de contacto por impacto

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>abandalhação</i>	<i>abandalhar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>abreviação</i>	<i>abreviar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>acalmação</i>	<i>acalmar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>aceiração</i>	<i>aceirar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>aceleração</i>	<i>acelerar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>aceração</i>	<i>acerar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>acetinação</i>	<i>acetinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>acidulação</i>	<i>acidular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>aclaração</i>	<i>aclarar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>aclimação</i>	<i>aclimar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>aclimação</i>	<i>aclimatar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>acomodação</i>	<i>acomodar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,ex,s} -E		S ^s						
<i>condicionação</i>	<i>condicionar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>activação</i>	<i>activar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>actualização</i>	<i>actualizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>adaptação</i>	<i>adaptar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>adequação</i>	<i>adequar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>adulteração</i>	<i>adulterar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>adverbialização</i>	<i>adverbializar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>afecção</i>	<i>afectar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>afiação</i>	<i>afiar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>afiliação</i>	<i>afiliar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>afinação</i>	<i>afinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>aglutinação</i>	<i>aglutinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>agravação</i>	<i>agrarar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>aguerreação</i>	<i>aguerrear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>albificação</i>	<i>albificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>alcalização</i>	<i>alcalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>alçação</i>	<i>alçar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>alfabetização</i>	<i>alfabetizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>aliteração</i>	<i>aliterar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>aliviação</i>	<i>aliviar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>alteação</i>	<i>altear</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>alteração</i>	<i>alterar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>alucinação</i>	<i>alucinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>amalgamação</i>	<i>amalgamar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>amanhação</i>	<i>amanhar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>americanização</i>	<i>americanizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>amofinação</i>	<i>amofinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>amolação</i>	<i>amolar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>amotinação</i>	<i>amotinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>ampliação</i>	<i>ampliar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>amplificação</i>	<i>amplificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>anarquização</i>	<i>anarquizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>apisinação</i>	<i>°apisinar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>aplacação</i>	<i>aplacar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>aplanação</i>	<i>aplanar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>apoquentação</i>	<i>apoquentar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>apostolização</i>	<i>apostolizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>aprestação</i>	<i>aprestar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>aprofundação</i>	<i>aprofundar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>aprontação</i>	<i>aprontar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>aprumação</i>	<i>aprumar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>apuração</i>	<i>apurar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>aquietação</i>	<i>aquietar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>arqueação</i>	<i>arquear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>arreliação</i>	<i>arreliar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>arrenegação</i>	<i>arrenegar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>arterialização</i>	<i>arterializar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>asseguração</i>	<i>assegurar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>assemelhação</i>	<i>assemelhar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>assibilação</i>	<i>assibilar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>assimilação</i>	<i>assimilar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>atenuação</i>	<i>atenuar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>atização</i>	<i>atizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>atomização</i>	<i>atomizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>atonificação</i>	<i>atonificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>atonização</i>	<i>atonizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>atrapalhação</i>	<i>atrapalhar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>atribulação</i>	<i>atribular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>aumentação</i>	<i>aumentar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>autenticação</i>	<i>autenticar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>auto-educação</i>	<i>auto-educar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>autofecundação</i>	<i>autofecundar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>auto-intoxicação</i>	<i>auto-intoxicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>automatização</i>	<i>automatizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>autunação</i>	<i>°autunar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>aviltação</i>	<i>aviltar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>balsamização</i>	<i>balsamizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>banalização</i>	<i>banalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>barbarização</i>	<i>barbarizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>basificação</i>	<i>basificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>bastição</i>	<i>bastir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>beneficiação</i>	<i>beneficiar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>bestialização</i>	<i>bestializar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>bestificação</i>	<i>bestificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>bifurcação</i>	<i>bifurcar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s} -Econc		S ^s						
<i>bipartição</i>	<i>bipartir</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>bolchevização</i>	<i>bolchevizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>bonificação</i>	<i>bonificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>branqueação</i>	<i>branquear</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>brutalização</i>	<i>brutalizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>brutificação</i>	<i>brutificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>calcinação</i>	<i>calcinar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>cambiação</i>	<i>cambiar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>capitalização</i>	<i>capitalizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>caprificação</i>	<i>caprificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>castificação</i>	<i>castificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>catequização</i>	<i>catequizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>catolicização</i>	<i>catolicizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>catolização</i>	<i>catolizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>causticação</i>	<i>causticar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>cauterização</i>	<i>cauterizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>celebrização</i>	<i>celebrizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>cementação</i>	<i>cementar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>cerração</i>	<i>cerrar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>cicatrização</i>	<i>cicatrizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>civilização</i>	<i>civilizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>clareação</i>	<i>clarear</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>clarificação</i>	<i>clarificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>climatização</i>	<i>climatizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>coacervação</i>	<i>coacervar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>coagumentação</i>	<i>coagumentar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>coagulação</i>	<i>coagular</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>coaptação</i>	<i>coaptar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>coarctação</i>	<i>coarctar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>cobrição</i>	<i>cobrir</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>codificação</i>	<i>codificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p erf	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>coeducação</i>	<i>coeducar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>colimação</i>	<i>colimar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>colinação</i>	<i>colinear</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>coliquação</i>	<i>coliquar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>compactação</i>	<i>compactar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>compensação</i>	<i>compensar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>complanção</i>	<i>complanar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>completação</i>	<i>completar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>complicação</i>	<i>complicar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>compulsão</i>	<i>compulsar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>compurção</i>	<i>compurgar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>concretização</i>	<i>concretizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>condensação</i>	<i>condensar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>conflagração</i>	<i>conflagrar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>conformação</i>	<i>conformar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>confortação</i>	<i>confortar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>congelção</i>	<i>congelar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>congeminação</i>	<i>congeminar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>consagração</i>	<i>consagrar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>consciencialização</i>	<i>consciencializar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>conscientização</i>	<i>conscientizar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>conservação</i>	<i>conservar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>consolação</i>	<i>consolar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>consolidação</i>	<i>consolidar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>conspurção</i>	<i>conspurcar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>constipação</i>	<i>constipar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>contaminação</i>	<i>contaminar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>conturbação</i>	<i>conturbar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>coobação</i>	<i>coobar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>coonestação</i>	<i>coonestar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>copelação</i>	<i>copelar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>coração</i>	<i>corar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>corporalização</i>	<i>corporalizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>corporificação</i>	<i>corporificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>corporização</i>	<i>corporizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>cosmopolitização</i>	<i>cosmopolitizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>cosmopolização</i>	<i>cosmopolizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>cremação</i>	<i>cremar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>cretinização</i>	<i>cretinizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>criogenização</i>	<i>criogenizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>crispação</i>	<i>crispar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>cristalização</i>	<i>cristalizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>cristianização</i>	<i>cristianizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>danação</i>	<i>danar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>danificação</i>	<i>danificar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>dealbação</i>	<i>dealbar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>debilitação</i>	<i>debilitar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>deformação</i>	<i>deformar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>degeneração</i>	<i>degenerar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>deglobulização</i>	<i>deglobulizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>degradação</i>	<i>degradar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>dementação</i>	<i>dementar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>democratização</i>	<i>democratizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>depauperação</i>	<i>depauperar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>depravação</i>	<i>depravar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>depreciação</i>	<i>depreciar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>depuração</i>	<i>depurar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>desactivação</i>	<i>desactivar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>desactualização</i>	<i>desactualizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>desacumulação</i>	<i>desacumular</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>desafectação</i>	<i>desafectar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>desafinação</i>	<i>desafinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>desarmonização</i>	<i>desarmonizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>desarrumação</i>	<i>desarrumar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>desarterialização</i>	<i>desarterializar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>desassimilação</i>	<i>desassimilar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>desatinação</i>	<i>desatinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>desbastação</i>	<i>desbastar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>descapitalização</i>	<i>descapitalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>descaracterização</i>	<i>descaracterizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>descatolização</i>	<i>descatolizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>descoagulação</i>	<i>descoagular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>descoloração</i>	<i>descolorar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>descompensação</i>	<i>descompensar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>desconciliação</i>	<i>desconciliar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>descongelação</i>	<i>descongelar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>desconsagração</i>	<i>desconsagrar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>desconsolação</i>	<i>desconsolar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>descontaminação</i>	<i>descontaminar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>descoordenação</i>	<i>descoordenar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>descristianização</i>	<i>descristianizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>desdoutinação</i>	<i>desdoutinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>desedificação</i>	<i>desedificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>deseducação</i>	<i>deseducar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>deservação</i>	<i>desenervar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>desentoação</i>	<i>desentoar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>desertificação</i>	<i>desertificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>desestabilização</i>	<i>desestabilizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>desestagnação</i>	<i>desestagnar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>desevangelização</i>	<i>desevangelizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>desfiguração</i>	<i>desfigurar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>desimanação</i>	<i>desimantar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>desinchação</i>	<i>desinchar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>desinclinação</i>	<i>desinclinare</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>desincubação</i>	<i>desincubar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>desinflamação</i>	<i>desinflamar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>desinquietação</i>	<i>desinquieter</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>deslindação</i>	<i>deslindar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>desmagnetização</i>	<i>desmagnetizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>desmobilização</i>	<i>desmobilizar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>desmoralização</i>	<i>desmoralizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>desnacionalização</i>	<i>desnacionalizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>desoficialização</i>	<i>desoficializar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>desopilação</i>	<i>desopilar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>desordenação</i>	<i>desordenar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>desorganização</i>	<i>desorganizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>desorientação</i>	<i>desorientar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>desossificação</i>	<i>desossificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>despoetização</i>	<i>despoetizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>despolarização</i>	<i>despolarizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>despoluição</i>	<i>despoluir</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>despopularização</i>	<i>despopularizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>dessacralização</i>	<i>dessacralizar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>dessecação</i>	<i>dessecar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>dessensibilização</i>	<i>dessensibilizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>destabilização</i>	<i>destabilizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>destilação</i>	<i>destilar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>desumanização</i>	<i>desumanizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>desvirtuação</i>	<i>desvirtuar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>deterioração</i>	<i>deteriorar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p erf	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>deturbação</i>	<i>deturbar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>deturpação</i>	<i>deturpar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>devassação</i>	<i>devassar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>devitrificação</i>	<i>devitrificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>diafanização</i>	<i>diafanizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>diferenciação</i>	<i>diferenciar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>dificultação</i>	<i>dificultar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>dignificação</i>	<i>dignificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>dilatação</i>	<i>dilatar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>dilucidação</i>	<i>dilucidar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>diluição</i>	<i>diluir</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>diminuição</i>	<i>diminuir</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>dinamização</i>	<i>dinamizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>disciplinação</i>	<i>disciplinar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>dissimilação</i>	<i>dissimilar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>dissimulação</i>	<i>dissimular</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>diversificação</i>	<i>diversificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>domação</i>	<i>domar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>domesticação</i>	<i>domesticar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>dramatização</i>	<i>dramatizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>dulcificação</i>	<i>dulcificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>edulcoração</i>	<i>edulcorar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>efectivação</i>	<i>efectivar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>efeminação</i>	<i>efeminar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>electrização</i>	<i>electrizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>electrocoagulação</i>	<i>electrocoagular</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>electrolisação</i>	<i>electrolisar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>emaciação</i>	<i>emaciar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>emancipação</i>	<i>emancipar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>embaralhação</i>	<i>embaralhar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>embasbacação</i>	<i>embasbacar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>emundação</i>	<i>emundar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>encarnação</i>	<i>encarnar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>encravação</i>	<i>encravar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>enduração</i>	<i>endurar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>enfatuação</i>	<i>enfaturar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>enfiação</i>	<i>enfiar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>enrugação</i>	<i>enrugar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>entrevação</i>	<i>entrevar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>enturvação</i>	<i>enturvar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>enublação</i>	<i>enublar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>epistação</i>	<i>epistar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>equilíbrio</i>	<i>equilibrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>equiparação</i>	<i>equiparar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>erotização</i>	<i>erotizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>esbodegação</i>	<i>esbodegar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>escabreação</i>	<i>escabrear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>escalvação</i>	<i>escalvar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>escancarção</i>	<i>escancarar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>escangalhação</i>	<i>escangalhar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>esfumação</i>	<i>esfumar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>esmagação</i>	<i>esmagar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>especialização</i>	<i>especializar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>especificação</i>	<i>especificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>espiritualização</i>	<i>espiritualizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>esquentação</i>	<i>esquentar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>estabilização</i>	<i>estabilizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>estandardização</i>	<i>estandardizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>esterilização</i>	<i>esterilizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>esteticização</i>	<i>esteticizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>estetização</i>	<i>estetizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>estilação</i>	<i>estilar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>estilização</i>	<i>estilizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>estimulação</i>	<i>estimular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>estragação</i>	<i>estragar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>estropiação</i>	<i>estropiar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>estultificação</i>	<i>estultificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>europização</i>	<i>europizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>eutrofização</i>	<i>eutrofizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>evangelização</i>	<i>evangelizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>exacerbação</i>	<i>exacerbar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>exalção</i>	<i>exalçar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>exaltação</i>	<i>exaltar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>exasperação</i>	<i>exasperar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>exaustação</i>	<i>exaustar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>excitação</i>	<i>excitar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>exinanição</i>	<i>exinanir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>expolição</i>	<i>expolir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>expurgação</i>	<i>expurgar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>extenuação</i>	<i>extenuar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>facilitação</i>	<i>facilitar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>falsificação</i>	<i>falsificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>fartação</i>	<i>fartar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>fecundação</i>	<i>fecundar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>feminização</i>	<i>feminizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>fermentação</i>	<i>fermentar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>fertilização</i>	<i>fertilizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>filhação</i>	<i>filhar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>filiação</i>	<i>filiar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>firmação</i>	<i>firmar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p erf	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>fixação</i>	<i>fixar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>floculação</i>	<i>flocular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>fluidificação</i>	<i>fluidificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>focalização</i>	<i>focalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>fomentação</i>	<i>fomentar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s						
<i>formalização</i>	<i>formalizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>fortificação</i>	<i>fortificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s						
<i>frigorificação</i>	<i>frigorificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>fundição</i>	<i>fundir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,ex,s} -Econc		S ^s						-E ^{ex}
<i>funestação</i>	<i>funestar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>galgação</i>	<i>galgar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>generalização</i>	<i>generalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>germanização</i>	<i>germanizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>globalização</i>	<i>globalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>habilitação</i>	<i>habilitar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>habituação</i>	<i>habituar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>harmonização</i>	<i>harmonizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>hebetação</i>	<i>hebetar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>hegemonização</i>	<i>hegemonizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>helenização</i>	<i>helenizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>hipnotização</i>	<i>hipnotizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>homogeneização</i>	<i>homogeneizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>horripilação</i>	<i>horripilar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>humanização</i>	<i>humanizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>humildação</i>	<i>humildar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>humilhação</i>	<i>humilhar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>iberização</i>	<i>iberizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>ignificação</i>	<i>ignificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>igualação</i>	<i>igualar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>igualização</i>	<i>igualizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>ilustração</i>	<i>ilustrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s						
<i>imobilização</i>	<i>imobilizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>imortalização</i>	<i>imortalizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>impermeabilização</i>	<i>impermeabilizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>implicação</i>	<i>implicar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>imunização</i>	<i>imunizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>imutação</i>	<i>imutar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>inabilitação</i>	<i>inabilitar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>inanição</i>	<i>inanir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>inchação</i>	<i>inchar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>incineração</i>	<i>incinerar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>indeterminação</i>	<i>indeterminar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>indignação</i>	<i>indignar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>individação</i>	<i>indivduar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>individualização</i>	<i>individualizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>induração</i>	<i>indurar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>industrialização</i>	<i>industrializar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>inebriação</i>	<i>inebriar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>infamação</i>	<i>infamar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>inflação</i>	<i>inflar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>inflamação</i>	<i>inflamar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>informatização</i>	<i>informatizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>inovação</i>	<i>innovar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>inquietação</i>	<i>inquietar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p erf	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>inquinção</i>	<i>inquinar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>insensibilização</i>	<i>insensibilizar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>insonorização</i>	<i>insonorizar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>inspissação</i>	<i>inspissar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>instrumentação</i>	<i>instrumentar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -Ecol		S ^s						
<i>insulação</i>	<i>insular</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>intelectualização</i>	<i>intelectualizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>intensificação</i>	<i>intensificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>internacionalização</i>	<i>internacionalizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>intimidação</i>	<i>intimidar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>intoxicação</i>	<i>intoxicar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>inutilização</i>	<i>inutilizar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>invalidação</i>	<i>invalidar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>inveteração</i>	<i>inveterar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>iriação</i>	<i>iriar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>irisação</i>	<i>irisar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>irritar</i>	<i>irritar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>justificação</i>	<i>justificar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>laicização</i>	<i>laicizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>laminação</i>	<i>laminar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>lapidação</i>	<i>lapidar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>lateritização</i>	<i>lateritizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>latinização</i>	<i>latinizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>lavação</i>	<i>lavar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>laxação</i>	<i>laxar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s						
<i>legalização</i>	<i>legalizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>legitimação</i>	<i>legitimar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>levedação</i>	<i>levedar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>libertação</i>	<i>libertar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>limpação</i>	<i>limpar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>liofilização</i>	<i>liofilizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>liquidificação</i>	<i>liquidificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p erf	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>litificação</i>	<i>litificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>livração</i>	<i>livrar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>lustração</i>	<i>lustrar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>maceração</i>	<i>macerar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>machucação</i>	<i>machucar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>maduração</i>	<i>madurar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
										-E								
<i>magnetização</i>	<i>magnetizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>magnificação</i>	<i>magnificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>malaxação</i>	<i>malaxar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>mancipação</i>	<i>mancipar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>massificação</i>	<i>massificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>mastigação</i>	<i>mastigar</i>		E ^c							E ^{e.s}		S ^s						
<i>maturação</i>	<i>maturar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
										-E								
<i>mediatização</i>	<i>mediatizar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>metodização</i>	<i>metodizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>militarização</i>	<i>militarizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>minoração</i>	<i>minorar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>mirração</i>	<i>mirrar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>missioneação</i>	<i>missionar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>mitigação</i>	<i>mitigar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>mnemonização</i>	<i>mnemonizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>mobilização</i>	<i>mobilizar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>moderação</i>	<i>moderar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
										-E								
<i>modernização</i>	<i>modernizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>modificação</i>	<i>modificar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
										-Econc								
<i>modulação</i>	<i>modular</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>moição</i>	<i>moer</i>		E ^c						E ^c	E ^{e.s}		S ^s						
										-E								
<i>molificação</i>	<i>molificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
										-E								
<i>moralização</i>	<i>moralizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
<i>morigeração</i>	<i>morigerar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s						
										-E								
<i>motivação</i>	<i>motivar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s	-E??					

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p erf	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>motorização</i>	<i>motorizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>mundificação</i>	<i>mundificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>nacionalização</i>	<i>nacionalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>naturalização</i>	<i>naturalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>nebulização</i>	<i>nebulizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>neutralização</i>	<i>neutralizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>normalização</i>	<i>normalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>novação</i>	<i>novar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>obduração</i>	<i>obdurar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>objectivação</i>	<i>objectivar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>obnubilação</i>	<i>obnubilar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>obscuração</i>	<i>obscurar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>obumbração</i>	<i>obumbrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>ocidentalização</i>	<i>ocidentalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>oficialização</i>	<i>oficializar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>ofuscação</i>	<i>ofuscar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>ondulação</i>	<i>ondular</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>opalização</i>	<i>opalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>optimização</i>	<i>optimizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>organização</i>	<i>organizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s	-Ecol ^v					
<i>orquestração</i>	<i>orquestrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>ovalização</i>	<i>ovalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>pacificação</i>	<i>pacificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>paganização</i>	<i>paganizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>paliação</i>	<i>paliar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>paralisação</i>	<i>paralisar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>parcialização</i>	<i>parcializar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>paresiação</i>	<i>paresiar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>particularização</i>	<i>particularizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p erf	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>pasteurização</i>	<i>pasteurizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>peptização</i>	<i>peptizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>perfilhação</i>	<i>perfilhar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>periodização</i>	<i>periodizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>permeabilização</i>	<i>permeabilizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>peroxidação</i>	<i>peroxidar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>perpetuação</i>	<i>perpetuar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>personalização</i>	<i>personalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>plasticização</i>	<i>plasticizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>plebeização</i>	<i>plebeizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>poetização</i>	<i>poetizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>politização</i>	<i>politizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>poluição</i>	<i>poluir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>popularização</i>	<i>popularizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>potenciação</i>	<i>potenciar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>preparação</i>	<i>preparar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>preservação</i>	<i>preservar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>privatização</i>	<i>privatizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>profanação</i>	<i>profanar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>profissionalização</i>	<i>profissionalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>prontificação</i>	<i>prontificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>propiciação</i>	<i>propiciar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>prostituição</i>	<i>prostituir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol		S ^s						
<i>provocação</i>	<i>provocar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>publicação</i>	<i>publicar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s						
<i>purgação</i>	<i>purgar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>purificação</i>	<i>purificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,ex,s} -E		S ^s						-Et ^{ex}
<i>quebração</i>	<i>quebrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>quietação</i>	<i>quietar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p erf	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>quitação</i>	<i>quitar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>racionalização</i>	<i>racionalizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>radicalização</i>	<i>radicalizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>ralação</i>	<i>ralar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>ratificação</i>	<i>ratificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>reabilitação</i>	<i>reabilitar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>readaptação</i>	<i>readaptar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>reboração</i>	<i>reborar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>recobração</i>	<i>recobrar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>reconsolidação</i>	<i>reconsolidar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>reconstituição</i>	<i>reconstituir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>recristianização</i>	<i>recristianizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>rectificação</i>	<i>rectificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>recuperação</i>	<i>recuperar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>reeducação</i>	<i>reeducar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>reestruturação</i>	<i>reestruturar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>refinação</i>	<i>refinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,ex,s}		S ^s						-E ^{cx}
<i>refirmação</i>	<i>refirmar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>reformação</i>	<i>reformular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>refrigeração</i>	<i>refrigerar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>refundição</i>	<i>refundir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>regeneração</i>	<i>regenerar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,ex,s}		S ^s						-Et ^{cx}
<i>regulação</i>	<i>regular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>regulamentação</i>	<i>regulamentar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol		S ^s						
<i>regularização</i>	<i>regularizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>relaxação</i>	<i>relaxar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>remastigação</i>	<i>remastigar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s						
<i>remodelação</i>	<i>remodelar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>rendibilização</i>	<i>rendibilizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>renovação</i>	<i>renovar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>reorganização</i>	<i>reorganizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>reparação</i>	<i>reparar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>reportação</i>	<i>reportar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>represtinação</i>	<i>represtinar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>republicação</i>	<i>republicar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>republicanização</i>	<i>republicanizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>repurgação</i>	<i>repurgar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>repurificação</i>	<i>repurificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>requeimação</i>	<i>requeimar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>ressecação</i>	<i>ressecar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>ressicação</i>	<i>ressicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>ressuscitação</i>	<i>ressuscitar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>restauração</i>	<i>restaurar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,ex,s} -Econc		S ^s						-Et ^{ex}
<i>restilação</i>	<i>restilar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>restituição</i>	<i>restituir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>restruturação</i>	<i>restruturar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>retemperação</i>	<i>retemperar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>revalidação</i>	<i>revalidar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>revivificação</i>	<i>revivificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>roboração</i>	<i>roborar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>romanização</i>	<i>romanizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>ruborização</i>	<i>ruborizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>ruminação</i>	<i>ruminar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s						
<i>russificação</i>	<i>russificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>rutilação</i>	<i>rutilar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>sacralização</i>	<i>sacralizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>sagração</i>	<i>sagrar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>salubrificação</i>	<i>salubrificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>salvação</i>	<i>salvar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>sanação</i>	<i>sanar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>sanificação</i>	<i>sanificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>saturação</i>	<i>saturar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>sazonação</i>	<i>sazonar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>secação</i>	<i>secar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>secularização</i>	<i>secularizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>sedação</i>	<i>sedar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>seguração</i>	<i>segurar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>senilização</i>	<i>senilizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>sensibilização</i>	<i>sensibilizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>sensualização</i>	<i>sensualizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>sideração</i>	<i>siderar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>simetrização</i>	<i>simetrizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>simplicação</i>	<i>simplicar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>sintetização</i>	<i>sintetizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>sintonização</i>	<i>sintonizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>sistematização</i>	<i>sistematizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>sobrecompensação</i>	<i>sobrecompensar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>sobreexaltação</i>	<i>sobreexaltar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>sobreexcitação</i>	<i>sobreexcitar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>sobressaturação</i>	<i>sobressaturar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>socialização</i>	<i>socializar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>sofisticação</i>	<i>sofisticar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>solarização</i>	<i>solarizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>solenização</i>	<i>solenizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>solidarização</i>	<i>solidarizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>solidificação</i>	<i>solidificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>solubilização</i>	<i>solubilizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>suavização</i>	<i>suavizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>subalternação</i>	<i>subalternar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>subalternização</i>	<i>subalternizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>subjectivação</i>	<i>subjectivar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>sublimação</i>	<i>sublimar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>subordinação</i>	<i>subordinar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>substantivação</i>	<i>substantivar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol		S ^s						
<i>subtilização</i>	<i>subtilizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>sufocação</i>	<i>sufocar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>superexaltação</i>	<i>superexaltar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>superexcitação</i>	<i>superexcitar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>superlativação</i>	<i>superlativar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>superpurgação</i>	<i>superpurgar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>teocratização</i>	<i>teocratizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>texturação</i>	<i>texturar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>tonificação</i>	<i>tonificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>torração</i>	<i>torrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>torrificação</i>	<i>torrificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>torvação</i>	<i>torvar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>transfiguração</i>	<i>transfigurar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>transformação</i>	<i>transformar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>tribulação</i>	<i>tribular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>trituração</i>	<i>triturar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>tumificação</i>	<i>tumificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>turbação</i>	<i>turbar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>turvação</i>	<i>turvar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>uniformização</i>	<i>uniformizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>universalização</i>	<i>universalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>urbanização</i>	<i>urbanizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s						
<i>ustulação</i>	<i>ustular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>validação</i>	<i>validar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>vaporização</i>	<i>vaporizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						

produtos	trans causativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	efec	caus	o b j	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>variação</i>	<i>variar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>variegação</i>	<i>variegar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s						
<i>vascularização</i>	<i>vascularizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol		S ^s						
<i>vasodilatação</i>	<i>vasodilatar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>verdunização</i>	<i>verdunizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>vernaculização</i>	<i>vernaculizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>verticalização</i>	<i>verticalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>vitalização</i>	<i>vitalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>vitriolização</i>	<i>vitriolizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>volatilização</i>	<i>volatilizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						
<i>vulgarização</i>	<i>vulgarizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s						

Tabela X d 30. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas causativas

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>acetificação</i>	<i>acetificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>acidação</i>	<i>acidar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>acidificação</i>	<i>acidificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aerificação</i>	<i>aerificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aerização</i>	<i>aerizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>afiguração</i>	<i>afigurar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>alcoolificação</i>	<i>alcoolificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>alcoolização</i>	<i>alcoolizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>alegorização</i>	<i>alegorizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aminação</i>	<i>aminar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>amoedação</i>	<i>amoedar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>amonização</i>	<i>amonizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>angelização</i>	<i>angelizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>animalização</i>	<i>animalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>anotação</i>	<i>anotar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>apassivação</i>	<i>apassivar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>apostemação</i>	<i>apostemar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>arquitecturação</i>	<i>arquitectar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>arrematação</i>	<i>arrematar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>articulação</i>	<i>articular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>associalização</i>	<i>assocializar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>autuação</i>	<i>autuar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>beatificação</i>	<i>beatificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>caldeação</i>	<i>caldear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>canceração</i>	<i>cancerar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>canonização</i>	<i>canonizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>capitalização</i>	<i>capitalizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>caramelização</i>	<i>caramelizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>carbonização</i>	<i>carbonizar</i>		E ^c						E ^c	E ^{e,s}		S ^s							
<i>carburação</i>	<i>carburar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>carnalização</i>	<i>carnalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>cartelização</i>	<i>cartelizar-se</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>caseificação</i>	<i>caseificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>caulinização</i>	<i>caulinizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ciclização</i>	<i>ciclizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>cineração</i>	<i>cinerar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>coisificação</i>	<i>coisificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>cominuição</i>	<i>cominuir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>concriação</i>	<i>concriar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>configuração</i>	<i>configurar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>consonantização</i>	<i>consonantizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>constituição</i>	<i>constituir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>consumação</i>	<i>consumar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>contravalação</i>	<i>contravalar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>coossificação</i>	<i>coossificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>criação</i>	<i>criar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>cultivação</i>	<i>cultivar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>cutinização</i>	<i>cutinizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>cutisação</i>	<i>cutisar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>decimalização</i>	<i>decimalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>deificação</i>	<i>deificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>delineação</i>	<i>delinear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>desnasalação</i>	<i>desnasalar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>desnasalização</i>	<i>desnasalizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>desvitrificação</i>	<i>desvitrificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>desvocalização</i>	<i>desvocalizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>dicionarização</i>	<i>dicionarizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>digitação</i>	<i>digitar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>ditongação</i>	<i>ditongar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>divaricação</i>	<i>divaricar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>divinização</i>	<i>divinizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>dogmatização</i>	<i>dogmatizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>duplicação</i>	<i>duplicar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>edificação</i>	<i>edificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>efabulação</i>	<i>efabular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>efectuação</i>	<i>efectuar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>elaboração</i>	<i>elaborar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>elixação</i>	<i>elixar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>emulsificação</i>	<i>emulsificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>encaldeiração</i>	<i>encaldeirar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>encenação</i>	<i>encenar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>enfeudação</i>	<i>enfeudar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>enformação</i>	<i>enformar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>engendração</i>	<i>engendrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>entoação</i>	<i>entoar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>entonação</i>	<i>entonar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>epilogação</i>	<i>epilogar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>escravização</i>	<i>escravizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>estabulação</i>	<i>estabular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>esterificação</i>	<i>esterificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>eterificação</i>	<i>eterificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>evaporação</i>	<i>evaporar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>exfetação</i>	<i>°exfetar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>exulceração</i>	<i>exulcerar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>fabricação</i>	<i>fabricar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>fabulação</i>	<i>fabular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>farinação</i>	<i>farinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ferrificação</i>	<i>ferrificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>fição</i>	<i>fiar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>figuração</i>	<i>figurar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>finalização</i>	<i>finalizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>foliação</i>	<i>°foliar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>formação</i>	<i>formar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>formulação</i>	<i>formular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>fortificação</i>	<i>fortificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} - Econc		S ^s							
<i>fosforização</i>	<i>fosforizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>fossilização</i>	<i>fossilizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>fundação</i>	<i>fundar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>galivação</i>	<i>galivar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>gaseificação</i>	<i>gaseificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>gasificação</i>	<i>gasificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>gelatinização</i>	<i>gelatinizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>gelificação</i>	<i>gelificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>geminação</i>	<i>geminar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>geração</i>	<i>gerar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>glaciação</i>	<i>glaciar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>glorificação</i>	<i>glorificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>grafitização</i>	<i>grafitizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>granitização</i>	<i>granitizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>granulação</i>	<i>granular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>gravação</i>	<i>gravar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>gravidação</i>	<i>gravidar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>guturalização</i>	<i>guturalizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>halação</i>	<i>°halar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>halogenação</i>	<i>halogenar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>hepatização</i>	<i>hepatizar</i>		E ^c						E ^c	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>hibridação</i>	<i>hibridar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>hominização</i>	<i>hominizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>hospitalização</i>	<i>hospitalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>humanização</i>	<i>humanizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>humificação</i>	<i>humificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>idealização</i>	<i>idealizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ideação</i>	<i>idear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>imaginação</i>	<i>imaginar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s	E						
<i>imitação</i>	<i>imitar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>implantação</i>	<i>implantar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>implementação</i>	<i>implementar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>incubação</i>	<i>incubar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,ex,s}		S ^s							-Et ^{ex}
<i>inficção</i>	<i>inficionar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>infixação</i>	<i>infixar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>iniciação</i>	<i>iniciar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>inseminação</i>	<i>inseminar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>instauração</i>	<i>instaurar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>instituição</i>	<i>instituir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>insulação</i>	<i>insular</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>intonação</i>	<i>intonar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>ionização</i>	<i>ionizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>iotização</i>	<i>iotizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>isomerização</i>	<i>isomerizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>labialização</i>	<i>labializar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>lapidificação</i>	<i>lapidificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>legislação</i>	<i>legislar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>lenhificação</i>	<i>lenhificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>levigação</i>	<i>levigar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>lignificação</i>	<i>lignificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>lobulização</i>	<i>lobulizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>logaritmação</i>	<i>logaritmar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>malformação</i>	<i>malformar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>maquinação</i>	<i>maquinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>marmorização</i>	<i>marmorizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>matematização</i>	<i>matematizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>materialização</i>	<i>materializar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>melificação</i>	<i>melificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>metalificação</i>	<i>metalificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>metalização</i>	<i>metalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>metamerização</i>	<i>metamerizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>meteorização</i>	<i>meteorizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>metrificação</i>	<i>metrificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>mineralização</i>	<i>mineralizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>mitificação</i>	<i>mitificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>modelação</i>	<i>modelar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>moldação</i>	<i>moldar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>motivação</i>	<i>motivar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>multiplicação</i>	<i>multiplicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>mumificação</i>	<i>mumificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>municipalização</i>	<i>municipalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>musculação</i>	<i>muscular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>nasalação</i>	<i>nasalar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>nasalização</i>	<i>nasalizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>neoformação</i>	<i>neoformar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>nitração</i>	<i>nitrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>nitração</i>	<i>nitrary</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>nitriificação</i>	<i>nitriificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>nobilitação</i>	<i>nobilitar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>notação</i>	<i>notar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>opalização</i>	<i>opalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>organização</i>	<i>organizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s	-E ^v						
<i>orquestração</i>	<i>orquestrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ossificação</i>	<i>ossificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ovificação</i>	<i>ovificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>oxidação</i>	<i>oxidar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ozonização</i>	<i>ozonizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>palatalização</i>	<i>palatalizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>palatização</i>	<i>palatizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>panificação</i>	<i>panificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>parição</i>	<i>parir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>parturição</i>	<i>parturir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>peptonização</i>	<i>peptonizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>perpetração</i>	<i>perpetrar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>personificação</i>	<i>personificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>petrificação</i>	<i>petrificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>planificação</i>	<i>planificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>pluralização</i>	<i>pluralizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>plurificação</i>	<i>plurificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>polimerização</i>	<i>polimerizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>polpação</i>	<i>polpar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>pontilhação</i>	<i>pontilhar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>prefiguração</i>	<i>prefigurar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>preformação</i>	<i>preformar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>preparação</i>	<i>preparar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>prismatização</i>	<i>prismatizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>programação</i>	<i>programar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>provocação</i>	<i>provocar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>pulverização</i>	<i>pulverizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>quadruplicação</i>	<i>quadruplicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>quantificação</i>	<i>quantificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>quilificação</i>	<i>quilificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>quimificação</i>	<i>quimificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>quintuplicação</i>	<i>quintuplicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>racemização</i>	<i>racemizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>radicação</i>	<i>radicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>ramificação</i>	<i>ramificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>realização</i>	<i>realizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>recriação</i>	<i>recriar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>reduplicação</i>	<i>reduplicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>reedificação</i>	<i>reedificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>regeneração</i>	<i>regenerar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>reimplantação</i>	<i>reimplantar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>reinstuição</i>	<i>reinstituir</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>rematação</i>	<i>rematar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>reorganização</i>	<i>reorganizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>replicação</i>	<i>replicar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>republicanização</i>	<i>republicanizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>resinificação</i>	<i>resinificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>reticulação</i>	<i>reticular</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>retratação</i>	<i>retratar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>robotização</i>	<i>robotizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>romanceação</i>	<i>romancear</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>sacarificação</i>	<i>sacarificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>salificação</i>	<i>salificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>salinação</i>	<i>salinar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>salitração</i>	<i>salitrar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>salitrição</i>	<i>salitriزار</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>sanguificação</i>	<i>sanguificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>santificação</i>	<i>santificar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>saponificação</i>	<i>saponificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>satelização</i>	<i>satelizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>sextuplicação</i>	<i>sextuplicar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>sibilação</i>	<i>sibilar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>silabação</i>	<i>silabar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>sonorização</i>	<i>sonorizar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>suberificação</i>	<i>suberificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>suberização</i>	<i>suberizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>sugilação</i>	<i>sugilar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>sulfatização</i>	<i>sulfatizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>supuração</i>	<i>supurar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>suscitação</i>	<i>suscitar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>tectonização</i>	<i>tectonizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>teorização</i>	<i>teorizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>terminação</i>	<i>terminar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>tetanização</i>	<i>tetanizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	súbit o	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>timpanização</i>	<i>timpanizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>tramação</i>	<i>tramar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>transformação</i>	<i>transformar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>transsubstanciação</i>	<i>transsubstanciar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>triplicação</i>	<i>triplicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>trociscação</i>	<i>trociscar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>tumorização</i>	<i>tumorizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ulceração</i>	<i>ulcerar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ultimização</i>	<i>ultimar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,ex,s}		S ^s							-E ^{ex}
<i>uralitização</i>	<i>uralitizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>vacuolização</i>	<i>vacuolizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>verbalização</i>	<i>verbalizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>versificação</i>	<i>versificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>vesicação</i>	<i>vesicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>vesiculação</i>	<i>vesicular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>vinificação</i>	<i>vinificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>vitriificação</i>	<i>vitrificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>vocalização</i>	<i>vocalizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>vulcanização</i>	<i>vulcanizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>totalização</i>	<i>totalizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 31. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas resultativas

produto	trans percepção	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>aferição</i>	<i>aferir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>anatomização</i>	<i>anatomizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>apreciação</i>	<i>apreciar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aquilatação</i>	<i>aquilatar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>auscultação</i>	<i>auscultar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>auto-observação</i>	<i>auto-observar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>avaliação</i>	<i>avaliar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>averiguação</i>	<i>averiguar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>colimação</i>	<i>colimar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>comparação</i>	<i>comparar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							

produto	trans percepção	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>consultação</i>	<i>consultar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>contemplação</i>	<i>contemprar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>degustação</i>	<i>degustar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>delibação</i>	<i>delibar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desencantação</i>	<i>desencantar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desvaliação</i>	<i>desvaliar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>devassação</i>	<i>devassar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>dissecação</i>	<i>dissecar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>escrutação</i>	<i>escrutar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>escrutinação</i>	<i>escrutinar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>esmerilhação</i>	<i>esmerilhar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>especulação</i>	<i>especular</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>experimentação</i>	<i>experimentar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>exploração</i>	<i>explorar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>identificação</i>	<i>identificar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>indagação</i>	<i>indagar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>inquirição</i>	<i>inquirir</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>intuição</i>	<i>intuir</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>investigação</i>	<i>investigar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>libação</i>	<i>libar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>microdissecação</i>	<i>microdissecar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>observação</i>	<i>observar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>palpação</i>	<i>palpar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>perlustração</i>	<i>perlustrar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>perquirição</i>	<i>perquirir</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>perscrutação</i>	<i>perscrutar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>pregustação</i>	<i>pregustar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>prelibação</i>	<i>prelibar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>provação</i>	<i>provar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>qualificação</i>	<i>qualificar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>quilatação</i>	<i>quilatar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>reinquirição</i>	<i>reinquirir</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>reputação</i>	<i>reputar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>reverificação</i>	<i>reverificar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>sindicação</i>	<i>sindicar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>valoração</i>	<i>valorar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

produto	trans percepção	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>verificação</i>	<i>verificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>visonização</i>	<i>visionar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>visualização</i>	<i>visualizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>zelação</i>	<i>zelar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 32. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de percepção

produto	trans objecto negativo	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imp osto	loc
<i>ablaqueação</i>	<i>ablaquear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>abnodação</i>	<i>abnodar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>abolição</i>	<i>abolir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ab-rogação</i>	<i>ab-rogar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>amputação</i>	<i>amputar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>anatomização</i>	<i>anatomizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aniquilação</i>	<i>aniquilar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>anulação</i>	<i>anular</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>assolação</i>	<i>assolar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>barbeação</i>	<i>barbear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>cassação</i>	<i>cassar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>cessação</i>	<i>cessar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>consumição</i>	<i>consumir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>debelação</i>	<i>debelar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>decapitação</i>	<i>decapitar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>defraudação</i>	<i>defraudar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>degolação</i>	<i>degolar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>degradação</i>	<i>degradar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>demolição</i>	<i>demolir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>demonetização</i>	<i>demonetizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>derrogação</i>	<i>derrogar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>derruição</i>	<i>derruir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>desamoedação</i>	<i>desamoedar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>desintegração</i>	<i>desintegrar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>desmaterialização</i>	<i>desmaterializar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>desmembração</i>	<i>desmembrar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>desmonetização</i>	<i>desmonetizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans objecto negativo	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imp osto	loc
<i>desolação</i>	<i>desolar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>destruição</i>	<i>destruir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>desventração</i>	<i>desventrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>devastação</i>	<i>devastar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>dilaceração</i>	<i>dilacerar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>dilapidação</i>	<i>dilapidar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>dissecação</i>	<i>dissecar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>dissipação</i>	<i>dissipar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>dizimação</i>	<i>dizimar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>eliminação</i>	<i>eliminar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>erradicação</i>	<i>erradicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>escamotação</i>	<i>escamotar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>escamoteação</i>	<i>escamotear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>escangalhação</i>	<i>escangalhar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>escarificação</i>	<i>escarificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>esganção</i>	<i>esganar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>esmagção</i>	<i>esmagar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>estrangulação</i>	<i>estrangular</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>estripção</i>	<i>estripar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>estropiação</i>	<i>estropiar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>exinanição</i>	<i>exinanir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>exterminação</i>	<i>exterminar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>extirpação</i>	<i>extirpar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>fissuração</i>	<i>fissurar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>fulminação</i>	<i>fulminar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>imolação</i>	<i>imolar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>jugulação</i>	<i>jugular</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>laceração</i>	<i>lacerar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>liquidação</i>	<i>liquidar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>machucação</i>	<i>machucar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans objecto negativo	pont	durat	ci	súbit	inten	op	part	cheg	tél/ resul	p e r f	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imp osto	loc
<i>matação</i>	<i>matar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s	-E ^v						
<i>microdissecação</i>	<i>microdissecar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>mutilação</i>	<i>mutilar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>neutralização</i>	<i>neutralizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>niilificação</i>	<i>niilificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>nulificação</i>	<i>nulificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>obliteração</i>	<i>obliterar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ob-rogação</i>	<i>ob-rogar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>perfuração</i>	<i>perfurar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>profligação</i>	<i>profligar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>proibição</i>	<i>proibir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>quebração</i>	<i>quebrar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>redibição</i>	<i>redibir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>revocação</i>	<i>revocar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>revogação</i>	<i>revogar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>sarjação</i>	<i>sarjar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>serração</i>	<i>serrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,ex,s}		S ^s							-E ^{ex}
<i>sideração</i>	<i>siderar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>sumição</i>	<i>sumir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>terebração</i>	<i>terebrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>trucidação</i>	<i>trucidar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>vastação</i>	<i>vastar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>violação</i>	<i>violar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 33. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de objecto negativo

produto	trans ferir	pont	dura t	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	p e r f	efec	caus	ob j	instr	instr aut	exp	impost o	lo c
<i>cruciação</i>	<i>cruciar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>crucificação</i>	<i>crucificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans ferir	pont	dura t	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	p e r f	efec	caus	ob j	instr	instr aut	exp	impost o	lo c
<i>dilaceração</i>	<i>dilacerar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>disciplinação</i>	<i>disciplinar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>empalação</i>	<i>empalar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>escarnificação</i>	<i>escarnificar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>escoriação</i>	<i>escoriar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>estropiação</i>	<i>estropiar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>excruciação</i>	<i>excruciar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>exulceração</i>	<i>exulcerar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>flagelação</i>	<i>flagelar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>fustigação</i>	<i>fustigar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>lapidação</i>	<i>lapidar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>maceração</i>	<i>macerar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>mordicação</i>	<i>mordicar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>mortificação</i>	<i>mortificar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>sarjação</i>	<i>sarjar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>trucidación</i>	<i>trucidar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>urticação</i>	<i>urticar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>urtigação</i>	<i>urtigar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>verberação</i>	<i>verberar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>violação</i>	<i>violar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>vulneração</i>	<i>vulnerar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							

Tabela X d 34. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de ferir

produto	trans prover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	p er f	efe c	caus	obj	i n s t r	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>aceiração</i>	<i>aceirar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>acentuação</i>	<i>acentuar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -Ecol		S ^s							
<i>aceração</i>	<i>acerar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>adição</i>	<i>adir</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>adição</i>	<i>adicionar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>adjectivação</i>	<i>adjectivar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -Ecol		S ^s							
<i>adubação</i>	<i>adubar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>adumbração</i>	<i>adumbrar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>aguardentação</i>	<i>aguardentar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>alcoholização</i>	<i>alcoholizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>aleitação</i>	<i>aleitar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>alimentação</i>	<i>alimentar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Esist ^v						
<i>aluminação</i>	<i>alumiar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>aluminação</i>	<i>aluminar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>amamentação</i>	<i>amamentar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>animação</i>	<i>animar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>anodização</i>	<i>anodizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>anotação</i>	<i>anotar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>apascentação</i>	<i>apascentar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>apelidação</i>	<i>apelidar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>apensação</i>	<i>apensar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>arborização</i>	<i>arborizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>armação</i>	<i>armar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Esist ^v						
<i>aromatização</i>	<i>aromatizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>arreação</i>	<i>arrear</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>assalarição</i>	<i>assalariar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>assinalação</i>	<i>assinalar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>assombração</i>	<i>assombrar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-E ^v						
<i>atempação</i>	<i>atempar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>aurificação</i>	<i>aurificar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>averbação</i>	<i>averbar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>bacilização</i>	<i>bacilizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

produto	trans prover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	p er f	efe c	caus	obj	i n s t r	instr aut	ex p	imp osto	loc
caiação	caiar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
calafetação	calafetar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
calcificação	calcificar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
caldeação	caldear		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-E ^v						
calorificação	calorificar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
canalização	canalizar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
capitalização	capitalizar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
caracterização	caracterizar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
carregação	carregar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
caseação	casear		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
castigação	castigar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
catalogação	catalogar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
causticação	causticar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
cauterização	cauterizar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
cavilhação	cavilhar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
cimentação	cimentar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
clisterização	clisterizar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
cloroformização	cloroformizar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
cocainização	cocainizar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
cognominação	cognominar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
colação	colar 'prover em benefício eclesiástico'	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
colimitação	colimitar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
colonização	colonizar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
coloração	colorar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
colorização	colorizar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
coltarização	coltarizar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
compensação	compensar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
completação	completar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
condecoração	condecorar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-E ^v						

produto	trans prover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	p er f	efe c	caus	obj	i n s t r	instr aut	ex p	imp osto	loc
condimentação	condimentar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Ecol ^v						
confortação	confortar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-E ^v						
consolação	consolar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-E ^v						
constelação	constelar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Ecol						
contaminação	contaminar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-E						
contramarcacão	contramarcacar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-E						
contrastação	contrastar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-E						
coroação	coroar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
cotação	cotar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-E						
cravação	cravar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s		-Ecol ^v					
curarização	curarizar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
decoração	decorar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Esist ^v						
defumação	defumar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
deligação	deligar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
delimitação	delimitar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-E						
demarcação	demarcar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-E						
denominação	denominar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
denteação	dentear		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
designação	designar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Esist ^v						
destinação	destinar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
destituição	destituir	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
documentação	documentar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Ecol ^v						
dotação	dotar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Ecol ^v						
doutrinação	doutrinar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
electrificação	electrificar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
embalsamação	embalsamar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
embebição	embeber		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
empalhação	empalhar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

produto	trans prover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	p er f	efe c	caus	obj	i n s t r	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>emplastação</i>	<i>emplastar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>emplastração</i>	<i>emplastrar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>emplumação</i>	<i>emplumar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>encadernação</i>	<i>encadernar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,ex,s} -E		S ^s							-E ^{ex}
<i>encartação</i>	<i>encartar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>enceração</i>	<i>encerar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>encordoação</i>	<i>encordoar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>encravação</i>	<i>encravar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>encravelhação</i>	<i>encravelhar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>enodoação</i>	<i>enodoar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>entivação</i>	<i>entivar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>enublação</i>	<i>enublar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>enviscação</i>	<i>enviscar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>enxameação</i>	<i>enxamear</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>enxofração</i>	<i>enxofrar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>esquipação</i>	<i>esquiper</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Esist ^v						
<i>estaqueação</i>	<i>estaquear</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>estilização</i>	<i>estilizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>estrumação</i>	<i>estrumar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>exemplificação</i>	<i>exemplificar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>farolização</i>	<i>farolizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>fartação</i>	<i>fartar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>ferração</i>	<i>ferrar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>florestação</i>	<i>florestar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>fomentação</i>	<i>fomentar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-E ^v						
<i>fosforação</i>	<i>fosforar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>frumentação</i>	<i>frumentar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>fumigação</i>	<i>fumigar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>fundamentação</i>	<i>fundamentar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>gafeiração</i>	<i>gafeirar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>galvanização</i>	<i>galvanizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>gaseificação</i>	<i>gaseificar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

produto	trans prover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	p er f	efe c	caus	obj	i n s t r	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>gasificação</i>	<i>gasificar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>glorificação</i>	<i>glorificar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>graduação</i>	<i>graduar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>gratificação</i>	<i>gratificar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-E ^v						
<i>guarnição</i>	<i>guarnir</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Ecol ^v						
<i>habilitação</i>	<i>habilitar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>hidratação</i>	<i>hidratar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>hidrogenação</i>	<i>hidrogenar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>hifenização</i>	<i>hifenizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>hiperalimentação</i>	<i>hiperalimentar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Esist ^v						
<i>humectação</i>	<i>humectar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>humidificação</i>	<i>humidificar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>humificação</i>	<i>humificar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>iluminação</i>	<i>iluminar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Esist ^v						
<i>ilustração</i>	<i>ilustrar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Esist ^v						
<i>ilutação</i>	<i>ilutar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>imbuição</i>	<i>imbuir</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>impaludação</i>	<i>impaludar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>impregnação</i>	<i>impregnar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>imprimação</i>	<i>imprimir</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>imputação</i>	<i>imputar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>incensação</i>	<i>incensar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>incriminação</i>	<i>incriminar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>incrustação</i>	<i>incrustar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>inculpação</i>	<i>inculpar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>indenização</i>	<i>indenizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>inervação</i>	<i>inervar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>inoculação</i>	<i>inocular</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>inovação</i>	<i>inovar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

produto	trans prover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	p er f	efe c	caus	obj	i n s t r	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>inquirição</i>	<i>inquirir</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>insalivação</i>	<i>insalivar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>inseminação</i>	<i>inseminar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>insolação</i>	<i>insolar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>insuflação</i>	<i>insuflar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>intitulação</i>	<i>intitular</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>intoxicação</i>	<i>intoxicar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>inundação</i>	<i>inundar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>irrigação</i>	<i>irrigar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>irroração</i>	<i>irrorar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>lactação</i>	<i>lactar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>lastração</i>	<i>lastrar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>limitação</i>	<i>limitar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>lotação</i>	<i>lotar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>lubrificação</i>	<i>lubrificar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>macadamização</i>	<i>macadamizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>marcação</i>	<i>marcar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>mastreação</i>	<i>mastrear</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Esist ^v						
<i>matização</i>	<i>matizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>mecanização</i>	<i>mecanizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>medicação</i>	<i>medicar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Ecol ^v						
<i>mercurialização</i>	<i>mercurializar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>metalização</i>	<i>metalizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>mobilação</i>	<i>mobilar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>moldação</i>	<i>moldar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>motorização</i>	<i>motorizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>munição</i>	<i>munir</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Esist ^v						
<i>narcotização</i>	<i>narcotizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>nebulização</i>	<i>nebulizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>nervação</i>	<i>nervar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
										-Ecol									

produto	trans prover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	p er f	efe c	caus	obj	i n s t r	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>nitratação</i>	<i>nitratar</i>	E ^e							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>nomeação</i>	<i>nomear</i>	E ^e							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>nominação</i>	<i>nominar</i>	E ^e							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>notação</i>	<i>notar</i>		E ^e						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Ecol ^v						
<i>numeração</i>	<i>numerar</i>	E ^e							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Esist ^v						
<i>nutrição</i>	<i>nutrir</i>		E ^e						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Esist ^v						
<i>obturação</i>	<i>obturar</i>		E ^e						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>obumbração</i>	<i>obumbrar</i>		E ^e						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>oculação</i>	<i>ocular</i>		E ^e						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>ordenação</i>	<i>ordenar</i>		E ^e						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>ornamentação</i>	<i>ornamentar</i>		E ^e						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Ecol ^v						
<i>oxigenação</i>	<i>oxigenar</i>	E ^e							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>ozonização</i>	<i>ozonizar</i>	E ^e							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>paginação</i>	<i>paginar</i>		E ^e						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>pavimentação</i>	<i>pavimentar</i>		E ^e						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>permanganização</i>	<i>permanganizar</i>	E ^e							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>pigmentação</i>	<i>pigmentar</i>	E ^e							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>plantação</i>	<i>plantar</i>		E ^e						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>polvilhação</i>	<i>polvilhar</i>		E ^e						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>pontilhação</i>	<i>pontilhar</i>		E ^e						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>pontuação</i>	<i>pontuar</i>	E ^e							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Esist ^v						
<i>pormenorização</i>	<i>pormenorizar</i>	E ^e							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>povoação</i>	<i>povoar</i>		E ^e						E ^{c,s}	E ^{c,ex,s}		S ^s	-Ecol ^v						-E ^{ex}
<i>prateação</i>	<i>pratear</i>		E ^e						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>prefixação</i>	<i>prefixar</i>	E ^e							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Esist ^v						
<i>pregação</i>	<i>pregar</i>		E ^e						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>premunição</i>	<i>premunir</i>		E ^e						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>prenomeação</i>	<i>prenomear</i>	E ^e							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>pressurização</i>	<i>pressurizar</i>		E ^e						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

produto	trans prover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	p er f	efe c	caus	obj	i n s t r	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>programação</i>	<i>programar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Ecol		S ^s							
<i>propinação</i>	<i>propinar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>propolização</i>	<i>propolizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>pulverização</i>	<i>pulverizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>punição</i>	<i>punir</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-E ^v						
<i>qualificação</i>	<i>qualificar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>reanimação</i>	<i>reanimar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>recalcificação</i>	<i>recalcificar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>recompensação</i>	<i>recompensar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>regalvanização</i>	<i>regalvanizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>regulamentação</i>	<i>regulamentar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Ecol		S ^s							
<i>reordenação</i>	<i>reordenar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>repaginação</i>	<i>repaginar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>replantação</i>	<i>replantar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>repovoação</i>	<i>repovoar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>resinação</i>	<i>resinar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>retelhação</i>	<i>retelhar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>revacinação</i>	<i>revacinar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>revalorização</i>	<i>revalorizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>rubificação</i>	<i>rubificar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>salgação</i>	<i>salgar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>salitração</i>	<i>salitrar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>semeação</i>	<i>semear</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>seminação</i>	<i>°seminar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>sigilação</i>	<i>sigilar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>silicificação</i>	<i>silicificar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>sinalização</i>	<i>sinalizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -Ecol		S ^s							
<i>sobrealimentação</i>	<i>sobrealimentar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Esist ^v						
<i>sobrecompensação</i>	<i>sobrecompensar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>sobrelotação</i>	<i>sobrelotar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>subalimentação</i>	<i>subalimentar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Esist ^v						

produto	trans prover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	p er f	efe c	caus	obj	i n s t r	instr aut	ex p	imp osto	loc
subministração	subministrar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
subnutrição	subnutrir		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
sufumigação	sufumigar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
sulfuração	sulfurar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
superalimentação	superalimentar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Esist ^v						
superlotação	superlotar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
sustentação	sustentar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
tarifação	tarifar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
taxação	taxar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s		-E ^{v,σ}				-E ^{v,σ}	
titulação	titular		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
tributação	tributar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
tripulação	tripular		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Ecol ^v						
tuberculinização	tuberculinizar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
tuberculização	tuberculizar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
tubulação	tubular		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
turiferação	turiferar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
turificação	turificar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
vacinação	vacinar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Esist ^v						
valorização	valorizar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
variolização	variolizar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
vedação	vedar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Esist ^v						
velação	velar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
ventilação	ventilar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
verminação	verminar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
viciação	viciar		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
virgulação	virgular	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
vitaminação	vitaminar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
vivificação	vivificar	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

Tabela X d 35. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de prover de

produto	trans desprover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>abafação</i>	<i>abafar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>abjudicação</i>	<i>abjudicar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>ablactação</i>	<i>ablactar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>abnodação</i>	<i>abnodar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>amputação</i>	<i>amputar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>arrepelação</i>	<i>arrepelar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>atafegação</i>	<i>atafegar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>capação</i>	<i>capar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>capinação</i>	<i>capinar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>castração</i>	<i>castrar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>decalvação</i>	<i>decalvar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>decapitação</i>	<i>decapitar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>decorticação</i>	<i>decorticar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>deflegmação</i>	<i>deflegmar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>defloração</i>	<i>deflorar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>degolação</i>	<i>degolar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>demonetização</i>	<i>demonetizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>denudação</i>	<i>denudar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>denutrição</i>	<i>denutrir</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>depilação</i>	<i>depilar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>depopulação</i>	<i>depopular</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
										-E									
<i>desabituação</i>	<i>desabituar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desamoedação</i>	<i>desamoedar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desanimação</i>	<i>desanimar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
										-E									
<i>desaplicação</i>	<i>desaplicar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desarborização</i>	<i>desarborizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desarmação</i>	<i>desarmar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desatracação</i>	<i>desatracar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desautoração</i>	<i>desautorar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
										-E									
<i>desbridação</i>	<i>desbridar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>descalcificação</i>	<i>descalcificar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>descamação</i>	<i>descamar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>descapsulação</i>	<i>descapsular</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>descaracterização</i>	<i>descaracterizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>descerebração</i>	<i>descerebrar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>descimentação</i>	<i>descimentar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

produto	trans desprover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>desclassificação</i>	<i>desclassificar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>descoloração</i>	<i>descolorar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>descompensação</i>	<i>descompensar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>descontaminação</i>	<i>descontaminar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>descorticação</i>	<i>descorticar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desencadernação</i>	<i>desencadernar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>deserdação</i>	<i>deserdar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desfloração</i>	<i>desflorar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desfolhação</i>	<i>desfolhar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desfoliação</i>	<i>desfoliar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desgalvanização</i>	<i>desgalvanizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
										-E									
<i>desglabração</i>	<i>desglabrar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desgravidiação</i>	<i>desgravidar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desidratação</i>	<i>desidratar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
										-E									
<i>desidrogenação</i>	<i>desidrogenar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desincrustação</i>	<i>desincrustar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desintoxicação</i>	<i>desintoxicar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desmamação</i>	<i>desmamar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desmembração</i>	<i>desmembrar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desmilitarização</i>	<i>desmilitarizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desmineralização</i>	<i>desmineralizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desmonetização</i>	<i>desmonetizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desnatação</i>	<i>desnatar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desnaturalização</i>	<i>desnaturalizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
										-E									
<i>desnudação</i>	<i>desnudar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desnutrição</i>	<i>desnutrir</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
										-E									
<i>desobrigação</i>	<i>desobrigar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desocupação</i>	<i>desocupar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
										-E									
<i>desoneração</i>	<i>desonerar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desoxidação</i>	<i>desoxidar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desoxigenação</i>	<i>desoxigenar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>despersonalização</i>	<i>despersonalizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>despigmentação</i>	<i>despigmentar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
										-E									

produto	trans desprover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>despiolhação</i>	<i>despiolhar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>despovoação</i>	<i>despovoar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>despreocupação</i>	<i>despreocupar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>desqualificação</i>	<i>desqualificar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desramação</i>	<i>desramar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desratização</i>	<i>desratizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>dessalgação</i>	<i>dessalgar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>dessulfuração</i>	<i>dessulfurar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desumidificação</i>	<i>desumidificar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desvalorização</i>	<i>desvalorizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desventração</i>	<i>desventrar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desvirtuação</i>	<i>desvirtuar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>dispensação</i>	<i>dispensar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>emasculação</i>	<i>emascular</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>enucleação</i>	<i>enuclear</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>escalvação</i>	<i>escalvar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>escamação</i>	<i>escamar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>escarnação</i>	<i>escarnar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>escorificação</i>	<i>escorificar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>esfoliação</i>	<i>esfoliar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>espoliação</i>	<i>espoliar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>espulgação</i>	<i>espulgar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>estripação</i>	<i>estripar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>evisceração</i>	<i>eviscerar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>exautoração</i>	<i>exautorar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>exculpação</i>	<i>exculpar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>exerdação</i>	<i>exerdar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>expilação</i>	<i>expilar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>expropriação</i>	<i>expropriar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>expurgação</i>	<i>expurgar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>exsicação</i>	<i>exsicar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>fanação</i>	<i>fanar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>ilibação</i>	<i>ilibar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>liberação</i>	<i>liberar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>livração</i>	<i>livrar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>mutilação</i>	<i>mutilar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							

produto	trans <u>desprover de</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>privação</i>	<i>privar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>quitação</i>	<i>quitar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>radiciação</i>	<i>radiciar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>rapinação</i>	<i>rapinar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>remição</i>	<i>remir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>sufocação</i>	<i>sufocar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>tiração</i>	<i>tirar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 36. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de desprover de

produto	trans <u>medir objecto</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>aferição</i>	<i>aferir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>almudação</i>	<i>almudar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aquilatação</i>	<i>aquilatar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>arrobação</i>	<i>arrobar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>avaliação</i>	<i>avaliar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>comensuração</i>	<i>comensurar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>contabilização</i>	<i>contabilizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>cordeação</i>	<i>cordear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>lotação</i>	<i>lotar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>medição</i>	<i>medir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>mensuração</i>	<i>mensurar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>quantificação</i>	<i>quantificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>quilatação</i>	<i>quilatar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>remedição</i>	<i>remedir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 37. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de medir objecto

produto	trans <u>distribuir por</u>	pont	durat	ci	súbito	Intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>acamação</i>	<i>acamar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>areolação</i>	<i>areolar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>categorização</i>	<i>categorizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>classificação</i>	<i>classificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							

produto	trans distribuir por	pont	durat	ci	súbito	Intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>compartição</i>	<i>compartir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>cotização</i>	<i>cotizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>distribuição</i>	<i>distribuir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>embelgação</i>	<i>embelgar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>igualdação</i>	<i>igualdar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>partição</i>	<i>partir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>quotização</i>	<i>quotizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>rateação</i>	<i>ratear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>repartição</i>	<i>repartir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 38. Semantismos dos produtos em *-ção* a partir de bases transitivas de distribuir por

produto	trans dividir em	pont	durat	ci	súbit o	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	impos to	loc
<i>compartição</i>	<i>compartir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>craticulação</i>	<i>craticular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>departição</i>	<i>departir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>dimidiação</i>	<i>dimidiar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>equipartição</i>	<i>equipartir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>estratificação</i>	<i>estratificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>fragmentação</i>	<i>fragmentar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>graduação</i>	<i>graduar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>lamelação</i>	<i>lamelar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>lineação</i>	°linear ‘dispor em’	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>lobulação</i>	°lobular		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>lotação</i>	<i>lotar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>meação</i>	<i>mear</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>metamerização</i>	<i>metamerizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>partição</i>	<i>partir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>periodização</i>	<i>periodizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>rabaneação</i>	<i>rabanear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans dividir em	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	impos to	loc
<i>ramificação</i>	<i>ramificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>repartição</i>	<i>repartir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E ^{ex}		S ^s							-E ^{ex}
<i>segmentação</i>	<i>segmentar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>triangulação</i>	<i>triangular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>trifurcação</i>	<i>trifurcar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>tripartição</i>	<i>tripartir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							

Tabela X d 39. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de dividir em

produto	trans performativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e r f	efe c	caus	o b j	instr	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>abdicação</i>	<i>abdicar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>abjuração</i>	<i>abjurar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>abnegação</i>	<i>abnegar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>abonação</i>	<i>abonar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>abrenúnciação</i>	<i>abrenunciar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>absolveção</i>	<i>absolver</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>acasalação</i>	<i>acasalar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>achincalhação</i>	<i>achincalhar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>acusação</i>	<i>acusar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s	-Eh ^v						
<i>adivinhação</i>	<i>adivinhar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>adjuração</i>	<i>adjurar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>administração</i>	<i>administrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s	-Eh ^v						
<i>admoestação</i>	<i>admoestar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>adnotação</i>	<i>adnotar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>adoração</i>	<i>adorar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ad-rogação</i>	<i>ad-rogar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>adulação</i>	<i>adular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>afrontação</i>	<i>afrontar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ajuramentação</i>	<i>ajuramentar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aldrabação</i>	<i>aldrabar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>anatematização</i>	<i>anatematizar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans performativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e r f	efe c	caus	o b j	instr	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>a pepinação</i>	<i>a pepinar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a aprovação</i>	<i>a provar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a aproveitação</i>	<i>a aproveitar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a aração</i>	<i>a arar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a cavação</i>	<i>a cavar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a arrenegação</i>	<i>a arrenegar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a aruspicação</i>	<i>a aruspicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a aspiração</i>	<i>a aspirar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a assinatura</i>	<i>a assinar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a atabalhoação</i>	<i>a atabalhoar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>a atestação</i>	<i>a atestar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>a auguração</i>	<i>a augurar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a auto-acusação</i>	<i>a auto-acusar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a autodeterminação</i>	<i>a autodeterminar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a autorização</i>	<i>a autorizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>a avocação</i>	<i>a avocar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a bajulação</i>	<i>a bajular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a balneação</i>	<i>a banear</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a batalhação</i>	<i>a batalhar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a castigação</i>	<i>a castigar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a cavação</i>	<i>a cavar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a celebração</i>	<i>a celebrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>a certificação</i>	<i>a certificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a chincalhação</i>	<i>a chincalhar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a citação</i>	<i>a citar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>a coadjuvação</i>	<i>a coadjuvar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a co-administração</i>	<i>a co-administrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s	-Ehcol ^v						
<i>a cobrição</i>	<i>a cobrir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a coindicação</i>	<i>a coindicar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>a comemoração</i>	<i>a comemorar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>a cominação</i>	<i>a cominar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans performativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e r f	efe c	caus	o b j	instr	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>comparticipação</i>	<i>comparticipar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>comprovação</i>	<i>comprovar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s	-E ^v						
<i>computação</i>	<i>computar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>comunicação</i>	<i>comunicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>concelebração</i>	<i>concelebrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>condenação</i>	<i>condenar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s	-E ^v						
<i>conduplicação</i>	<i>conduplicar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>confirmação</i>	<i>confirmar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>confutação</i>	<i>confutar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>congeminação</i>	<i>congeminar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>congratulação</i>	<i>congratular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>conjuração</i>	<i>conjurar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>consagração</i>	<i>consagrar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>consignação</i>	<i>consignar</i> 'persignar'	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>contra-indicação</i>	<i>contra-indicar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>contribuição</i>	<i>contribuir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>coobrigação</i>	<i>coobrigar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>coordenação</i>	<i>coordenar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>corneação</i>	<i>cornear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>corroboração</i>	<i>corroborar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>criminação</i>	<i>criminar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>dearticulação</i>	<i>dearticular</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>decifração</i>	<i>decifrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>decretação</i>	<i>decretar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>dedicação</i>	<i>dedicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>deglutição</i>	<i>deglutir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>deliberação</i>	<i>deliberar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>delivração</i>	<i>delivrar-se</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>demonstração</i>	<i>demonstrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>demonstração</i>	<i>demonstrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans performativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e r f	efe c	caus	o b j	instr	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>denegação</i>	<i>denegar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>denúnciação</i>	<i>denunciar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>deploração</i>	<i>deplorar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>dequitação</i>	<i>dequitar-se</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>desadoração</i>	<i>desadorar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>desafiação</i>	<i>desafiar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>desamoestação</i>	<i>desamoestar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>desaplicação</i>	<i>desaplicar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>desaprovação</i>	<i>desaprovar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>descodificação</i>	<i>descodificar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>desentoação</i>	<i>desentoar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>desevangelição</i>	<i>desevangelizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>desfrutação</i>	<i>desfrutar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>desgovernação</i>	<i>desgovernar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>desleixação</i>	<i>desleixar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>deslindação</i>	<i>deslindar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>desveneração</i>	<i>desvenerar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>determinação</i>	<i>determinar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>devotação</i>	<i>devotar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>difamação</i>	<i>difamar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>discriminação</i>	<i>discriminar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>documentação</i>	<i>documentar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>domação</i>	<i>domar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>domesticação</i>	<i>domesticar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>dominação</i>	<i>dominar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>educação</i>	<i>educar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>elucidação</i>	<i>elucidar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>embromação</i>	<i>embromar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>empulhação</i>	<i>empulhar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>emulação</i>	<i>emular</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>enganação</i>	<i>enganar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							

produto	trans performativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e r f	efe c	caus	o b j	instr	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>entoação</i>	<i>entoar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -Econc		S ^s							
<i>entonação</i>	<i>entonar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -Econc		S ^s							
<i>equivocação</i>	<i>equivocar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>escavação</i>	<i>escavar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>esconjuração</i>	<i>esconjurar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>esfregação</i>	<i>esfregar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>especulação</i>	<i>especular</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>espiração</i>	<i>espirar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>estadeação</i>	<i>estadear</i>		E ^c							E ^{e.s}		S ^s							
<i>estipulação</i>	<i>estipular</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>evitação</i>	<i>evitar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>exageração</i>	<i>exagerar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>exercitação</i>	<i>exercitar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>experimentação</i>	<i>experimentar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -Econc		S ^s							
<i>expição</i>	<i>expiar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>exploração</i>	<i>explorar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s							-E ^{cx}
<i>exprobração</i>	<i>exprobrar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>expugnação</i>	<i>expugnar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>extrapolação</i>	<i>extrapolar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s							
<i>feitorização</i>	<i>feitorizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>felicitação</i>	<i>felicitar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s							
<i>fiscalização</i>	<i>fiscalizar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s	-Eh ^v						
<i>fraudação</i>	<i>fraudar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>frequentação</i>	<i>frequentar</i>		E ^c							E ^{e.s}		S ^s							
<i>fruição</i>	<i>fruir</i>		E ^c							E ^{e.s}		S ^s							
<i>futuração</i>	<i>futurar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>galação</i>	<i>galar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>governação</i>	<i>governar</i>		E ^c							E ^{e.s}		S ^s	-Eh ^v						
<i>gramação</i>	<i>gramar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>gratulação</i>	<i>gratular</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s							

produto	trans performativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e r f	efe c	caus	o b j	instr	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>homologação</i>	<i>homologar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>humildação</i>	<i>humildar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>humilhação</i>	<i>humilhar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ideação</i>	<i>idear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>identificação</i>	<i>identificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ilaqueação</i>	<i>ilaquear</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>imitação</i>	<i>imitar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>implicação</i>	<i>implicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>importunação</i>	<i>importunar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>improbação</i>	<i>improbar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>improvação</i>	<i>improvar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>improvisação</i>	<i>improvisar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>impugnação</i>	<i>impugnar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>imputação</i>	<i>imputar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>inauguração</i>	<i>inaugurar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>incitação</i>	<i>incitar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>increpação</i>	<i>increpar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>incriminação</i>	<i>incriminar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>inculpação</i>	<i>inculpar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>indagação</i>	<i>indagar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>indicação</i>	<i>indicar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s	-E ^v						
<i>indiciação</i>	<i>indiciar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s	-E ^v						
<i>influenciação</i>	<i>influenciar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>informação</i>	<i>informar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>inquirição</i>	<i>inquirir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>insidiação</i>	<i>insidiar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>insinuação</i>	<i>insinuar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>instigação</i>	<i>instigar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>interpretação</i>	<i>interpretar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>interrogação</i>	<i>interrogar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans performativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e r f	efe c	caus	o b j	instr	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>intimação</i>	<i>intimar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>intonação</i>	<i>intonar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>investigação</i>	<i>investigar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>invitação</i>	<i>invitar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>irrogação</i>	<i>irrogar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>iteração</i>	<i>iterar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>justificação</i>	<i>justificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>lamentação</i>	<i>lamentar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>lealdade</i>	<i>lealdar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>leccionação</i>	<i>leccionar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>licitação</i>	<i>licitar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>lidação</i>	<i>lidar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>litação</i>	<i>litar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>litigação</i>	<i>litigar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>logração</i>	<i>lograr</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>louvação</i>	<i>louvar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>lucubração</i>	<i>lucubrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>magnificação</i>	<i>magnificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>malsinação</i>	<i>malsinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>malversação</i>	<i>malversar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>mancomunação</i>	<i>mancomunar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>mangação</i>	<i>mangar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>manifestação</i>	<i>manifestar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>manipulação</i>	<i>manipular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>manuseação</i>	<i>manusear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>mastigação</i>	<i>mastigar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>masturbação</i>	<i>masturbar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>mediação</i>	<i>mediar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>memoração</i>	<i>memorar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>mistificação</i>	<i>mistificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>negação</i>	<i>negar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							

produto	trans performativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e r f	efe c	caus	o b j	instr	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>negociação</i>	<i>negociar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>notificação</i>	<i>notificar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s} -Econc		S ^s							
<i>nugação</i>	<i>°nugar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s							
<i>objurgação</i>	<i>objurgar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>obração</i>	<i>obrar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>obrigação</i>	<i>obrigar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s							
<i>obstinação</i>	<i>obstinar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s							
<i>obtestação</i>	<i>obtestar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>operação</i>	<i>operar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>opção</i>	<i>optar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s							
<i>opugnação</i>	<i>opugnar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>ordenação</i>	<i>ordenar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>ostentação</i>	<i>ostentar</i>		E ^c							E ^{e.s}		S ^s							
<i>pastoreação</i>	<i>pastorear</i>		E ^c							E ^{e.s}		S ^s							
<i>patenteação</i>	<i>patentear</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>peregrinação</i>	<i>peregrinar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>perseguição</i>	<i>perseguir</i>		E ^c							E ^{e.s}		S ^s							
<i>perspectivação</i>	<i>perspectivar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>persuasão</i>	<i>persuadir</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s							
<i>preceituação</i>	<i>preceituar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>preconização</i>	<i>preconizar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>predefinição</i>	<i>predefinir</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s} -E		S ^s							
<i>predestinação</i>	<i>predestinar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>predeterminação</i>	<i>predeterminar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>prelucidação</i>	<i>prelucidar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>premeditação</i>	<i>premeditar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>prenunciação</i>	<i>prenunciar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>prestigiação</i>	<i>prestigiar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>profanação</i>	<i>profanar</i>		E ^c						E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							
<i>promulgação</i>	<i>promulgar</i>	E ^c							E ^{e.s}	E ^{e.s}		S ^s							

produto	trans performativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e r f	efe c	caus	o b j	instr	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>pronosticação</i> [DV]	<i>pronosticar</i> [DV]	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>prostituição</i>	<i>prostituir-se</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>provação</i>	<i>provar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>publicação</i>	<i>publicar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>punição</i>	<i>punir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ratificação</i>	<i>ratificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>reacusação</i>	<i>reacusar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>recapitulação</i>	<i>recapitular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>receptação</i>	<i>receptar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>reclamação</i>	<i>reclamar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>recomendação</i>	<i>recomendar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>reconsideração</i>	<i>reconsiderar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>recriminação</i>	<i>recriminar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>recusação</i>	<i>recusar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>redarguição</i>	<i>redarguir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>refusação</i>	<i>refusar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>reinauguração</i>	<i>reinaugurar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>reinqüirição</i>	<i>reinqüirir</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>reiteração</i>	<i>reiterar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>reivindicação</i>	<i>reivindicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>relicitação</i>	<i>relicitar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>remastigação</i>	<i>remastigar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>renegação</i>	<i>renegar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>renúnciação</i>	<i>renunciar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>repetição</i>	<i>repetir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>replicação</i>	<i>replicar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>representação</i>	<i>representar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>reprovação</i>	<i>reprovar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans performativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e r f	efe c	caus	o b j	instr	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>republicação</i>	<i>republicar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>reputação</i>	<i>reputar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>resignação</i>	<i>resignar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>ressaudação</i>	<i>ressaudar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>retaliação</i>	<i>retaliar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>retractação</i>	<i>retractar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>revelação</i>	<i>revelar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>reverificação</i>	<i>reverificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>revidação</i>	<i>revidar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>revindicação</i>	<i>revindicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>revocação</i>	<i>revocar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ruminação</i>	<i>ruminar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>sagração</i>	<i>sagrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>satisfação</i>	<i>satisdar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>saudação</i>	<i>saudar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>semostração</i>	<i>semostrar-se</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>simbolização</i>	<i>simbolizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>simulação</i>	<i>simular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>soletração</i>	<i>soletrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>solfejação</i>	<i>solfejar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>solmização</i>	<i>solmizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>sonegação</i>	<i>sonegar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>subjugação</i>	<i>subjuagar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>sublevação</i>	<i>sublevar-se</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>subornação</i>	<i>subornar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>sugação</i>	<i>sugar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>superrogação</i>	<i>superrogar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>suplantação</i>	<i>suplantar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>tabaqueação</i>	<i>tabaquear</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans performativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e r f	efe c	caus	o b j	instr	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>tapeação</i>	<i>tapear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>teorização</i>	<i>teorizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>testificação</i>	<i>testificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>traição</i>	<i>trair</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>tripulação</i>	<i>tripular</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s	-Ehcol ^v						
<i>usufruição</i>	<i>usufruir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>usurpação</i>	<i>usurpar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>utilização</i>	<i>utilizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>vaticinação</i>	<i>vaticinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>veneração</i>	<i>venerar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>vereação</i>	<i>verear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s	-Ehcol ^v						
<i>vindicação</i>	<i>vindicar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>vingação</i>	<i>vingar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>vituperação</i>	<i>vituperar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>votação</i>	<i>votar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>xíngação</i>	<i>xingar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>zingração</i>	<i>zingrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 410. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas performativas

produto	trans declarativos e actos de fala	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	p e r f	efec	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	imposto	loc
<i>abjuração</i>	<i>abjurar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aclamação</i>	<i>aclamar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>acusação</i>	<i>acusar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s	-Eh ^v						
<i>adjuração</i>	<i>adjurar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>admoestação</i>	<i>admoestar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>adnotação</i>	<i>adnotar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>afirmação</i>	<i>afirmar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>alegação</i>	<i>alegar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>anunciação</i>	<i>anunciar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>apelação</i>	<i>apelar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aprovação</i>	<i>aprovar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>arguição</i>	<i>arguir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>argumentação</i>	<i>argumentar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>asseguração</i>	<i>assegurar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>asseveração</i>	<i>asseverar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>atestação</i>	<i>atestar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>certificação</i>	<i>certificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>citação</i>	<i>citar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>clamação</i>	<i>clamar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>comentação</i>	<i>comentar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>compelação</i>	<i>°compelar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>comprovação</i>	<i>comprovar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>comunicação</i>	<i>comunicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans declarativos e actos de fala	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	p e r f	efec	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	imposto	loc
<i>confirmação</i>	<i>confirmar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>confutação</i>	<i>confutar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>consideração</i>	<i>considerar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>contestação</i>	<i>contestar</i>		E ^c						E ^c	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>contradecaração</i>	<i>contradecarar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>conversação</i>	<i>conversar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>convocação</i>	<i>convocar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>corroboração</i>	<i>corroborar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>declamação</i>	<i>declamar</i>	E ^c	E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>declaração</i>	<i>declarar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>decretação</i>	<i>decretar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>definição</i>	<i>definir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>deliberação</i>	<i>deliberar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>denegação</i>	<i>denegar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>denotação</i>	<i>denotar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>denúnciação</i>	<i>denunciar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>deploração</i>	<i>deplorar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>desamoestação</i>	<i>desamoestar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>desaprovação</i>	<i>desaprovar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>desconversação</i>	<i>desconversar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>designação</i>	<i>designar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>determinação</i>	<i>determinar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>difamação</i>	<i>difamar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>elucidação</i>	<i>elucidar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							

produto	trans declarativos e actos de fala	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	p e r f	efec	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	imposto	loc
<i>enarração</i>	<i>enarrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>enumeração</i>	<i>enumerar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>enunciação</i>	<i>enunciar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>estipulação</i>	<i>estipular</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>evocação</i>	<i>evocar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>exclamação</i>	<i>exclamar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>exemplificação</i>	<i>exemplificar</i>	E ^c							E ^e	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>exortação</i>	<i>exortar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>explicação</i>	<i>explicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>explicação</i>	<i>explicar</i>		E ^c						E ^e	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>expostulação</i>	<i>expostular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>exprobração</i>	<i>exprobrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>fabulação</i>	<i>fabular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>gabação</i>	<i>gabar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>gratulação</i>	<i>gratular</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>improbação</i>	<i>improbar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>improvação</i>	<i>improvar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>increpação</i>	<i>increpar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>informação</i>	<i>informar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>inquirição</i>	<i>inquirir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>insinuação</i>	<i>insinuar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>interpelação</i>	<i>interpelar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans declarativos e actos de fala	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	p e r f	efec	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	imposto	loc
<i>interrogação</i>	<i>interrogar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>intimação</i>	<i>intimar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>invocação</i>	<i>invocar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>justificação</i>	<i>justificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>lamentação</i>	<i>lamentar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>murmuração</i>	<i>murmurar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>narração</i>	<i>narrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>negação</i>	<i>negar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>notificação</i>	<i>notificar</i>	E ^c							E ^e	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>nugação</i>	<i>°nugar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>objurgação</i>	<i>objurgar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>observação</i>	<i>observar</i>	E ^c							E ^e	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>oração</i>	<i>orar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>ordenação</i>	<i>ordenar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>participação</i>	<i>participar</i>		E ^c						E ^e	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>persuadição</i>	<i>persuadir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>preanúnciação</i>	<i>preanunciar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>predicação</i>	<i>predicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>pregação</i>	<i>pregar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>prelucidação</i>	<i>prelucidar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>proclamação</i>	<i>proclamar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>proferição</i>	<i>proferir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>pronúnciação</i>	<i>pronunciar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>reacusação</i>	<i>reacusar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans declarativos e actos de fala	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	p e r f	efec	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	imposto	loc
<i>reafirmção</i>	<i>reafirmar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>recitação</i>	<i>recitar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>reclamação</i>	<i>reclamar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>recomendação</i>	<i>recomendar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>redarguição</i>	<i>redarguir</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>refutação</i>	<i>refutar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>reinvocação</i>	<i>reinvocar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>renegação</i>	<i>renegar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>replicação</i>	<i>replicar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>retractação</i>	<i>retractar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>revelação</i>	<i>revelar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>revocação</i>	<i>revocar</i>	E ^c							E ^e	E ^{e,s}		S ^s							
<i>rogação</i>	<i>rogar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>solicitação</i>	<i>solicitar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>testificação</i>	<i>testificar</i>	E ^c							E ^e	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>vocação</i>	<i>vocar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>vociferação</i>	<i>vociferar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 41. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala

produto	trans pedir	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	p e r f	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>deprecação</i>	<i>deprecar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>exoração</i>	<i>exorar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>expostulação</i>	<i>expostular</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>impetração</i>	<i>impetrar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans pedir	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>imploração</i>	<i>implorar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>imprecação</i>	<i>imprecar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>interpelação</i>	<i>interpelar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>invocação</i>	<i>invocar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>obsecração</i>	<i>obsecrar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>postulação</i>	<i>postular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>precação</i>	<i>precar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>reinvocação</i>	<i>reinvocar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>reivindicação</i>	<i>reivindicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>revindicação</i>	<i>revindicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>rogação</i>	<i>rogar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>suplicação</i>	<i>suplicar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							

Tabela X d 42. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de pedir

produto	trans instrumentais	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	efe	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>agarração</i>	<i>agarrar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>algaliação</i>	<i>algaliar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>amarração</i>	<i>amarrar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s	-Esist ^v						-E ^v
<i>apaleação</i>	<i>apalear</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aplinação</i>	<i>aplainar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>apoleação</i>	<i>apolear</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aração</i>	<i>arar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>cavação</i>	<i>cavar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>areação</i>	<i>arear</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>arenação</i>	<i>arenar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>arpoação</i>	<i>arpoar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>atação</i>	<i>atar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>baldeação</i>	<i>baldear</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans instrumentais	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/resul	per f	efe c	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>baleação</i>	<i>balear</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>bombeação</i>	<i>bombear</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>caceteação</i>	<i>cacetear</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>cardação</i>	<i>cardar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,ex,s}		S ^s							-E ^{ex}
<i>carreação</i>	<i>carrear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>coaço</i>	<i>coar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>cordeação</i>	<i>cordear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>corneação</i>	<i>cornear</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>crivação</i>	<i>crivar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
										-Ecol									
<i>curarização</i>	<i>curarizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>dedilhação</i>	<i>dedilhar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>digitação</i>	<i>digitar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>electrocoagulação</i>	<i>electrocoagular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>electrolisação</i>	<i>electrolisar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>empalação</i>	<i>empalar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>esmerilhação</i>	<i>esmerilhar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>espanação</i>	<i>espanar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>estaqueação</i>	<i>estaquear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>fibulação</i>	<i>°fibular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>filtração</i>	<i>filtrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>frenação</i>	<i>frenar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>fuzilação</i>	<i>fuzilar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>ilaqueação</i>	<i>ilaquear</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>infibulação</i>	<i>infibular</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>lapidação</i>	<i>lapidar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>legração</i>	<i>legrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>lichinação</i>	<i>lichinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>lixiviação</i>	<i>lixiviar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>manipulação</i>	<i>manipular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>manteação</i>	<i>mantear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>manuseação</i>	<i>manusear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>moqueação</i>	<i>moquear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>parafusação</i>	<i>parafusar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>peneiração</i>	<i>peneirar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>penteação</i>	<i>pentear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>percolação</i>	<i>percolar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans instrumentais	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/resul	pe rf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>pirogravação</i>	<i>pirogravar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>seringaço</i>	<i>seringar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>serraço</i>	<i>serrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,ex,s}		S ^s							-E ^{ex}
<i>sessação</i>	<i>sessar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>tamisaço</i>	<i>tamisar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>terebraço</i>	<i>terebrar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>ultrafiltraço</i>	<i>ultrafiltrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>urticaço</i>	<i>urticar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>urtigaço</i>	<i>urtigar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X d 43. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas instrumentais

produto	trans transferência de posse	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/resul	pe rf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>abalienação</i>	<i>abalienar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>abjudicação</i>	<i>abjudicar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>adjudicação</i>	<i>adjudicar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>adquirição</i>	<i>adquirir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>aforação</i>	<i>aforar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>alheação</i>	<i>alhear</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>alienação</i>	<i>alienar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>alugação</i>	<i>alugar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>amortização</i>	<i>amortizar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>apropriação</i>	<i>apropriar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>arrematação</i>	<i>arrematar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>arrendação</i>	<i>arrendar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>arrogação</i>	<i>arrogar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>atribuição</i>	<i>atribuir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>bitributação</i>	<i>bitributar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>bonificação</i>	<i>bonificar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>coadquirição</i>	<i>coadquirir</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>confiscação</i>	<i>confiscar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans transferência de posse	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	efec	caus	obj	in str	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>consignação</i>	<i>consignar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>dação</i>	<i>dar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>delegação</i>	<i>delegar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -Ecol ^{ex}		S ^s							-E ^{ex}
<i>deputação</i>	<i>deputar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -Ecol		S ^s							
<i>desamortização</i>	<i>desamortizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desapropriação</i>	<i>desapropriar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desmonopolização</i>	<i>desmonopolizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desnacionalização</i>	<i>desnacionalizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>dispensação</i>	<i>dispensar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>doação</i>	<i>doar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>empalmação</i>	<i>empalmar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>encampação</i>	<i>encampar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>enfeudação</i>	<i>enfeudar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>escamotação</i>	<i>escamotar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>escamoteação</i>	<i>escamotear</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>espoliação</i>	<i>espoliar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>expilação</i>	<i>expilar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>incameramento</i>	<i>incamerar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>legação</i>	<i>legar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -Ecol ^{ex}		S ^s							-E ^{ex} -Et ^{ex}
<i>locação</i>	<i>locar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>monopolização</i>	<i>monopolizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>mutuação</i>	<i>mutuar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>nacionalização</i>	<i>nacionalizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>obradação</i>	<i>obradar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>permutação</i>	<i>permutar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>prestação</i>	<i>prestar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,ex,s}		S ^s		-E ^{v,σ}					-E ^{v,σ}
<i>rapinação</i>	<i>rapinar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>readquirição</i>	<i>readquirir</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>rematação</i>	<i>rematar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>remuneração</i>	<i>remunerar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>restituição</i>	<i>restituir</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

produto	trans <u>transferência de</u> <u>posse</u>	pont	durat	ci	súbit	o	inten	s	op	part	cheg	tél/ resul	pe	rf	efec	caus	obj	instr	instr	aut	exp	impo	sto	loc
<i>retribuir</i>	<i>retribuir</i>	E ^c									E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s									
<i>retrovenção</i>	<i>retrovenir</i>	E ^c									E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s									
<i>revenda</i>	<i>revender</i>	E ^c									E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s									
<i>subasta</i>	<i>subastar</i>	E ^c									E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s									
<i>subdelega</i>	<i>subdelegar</i>	E ^c									E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s									-E ^{ex}
<i>subloca</i>	<i>sublocar</i>	E ^c									E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s									
<i>tributa</i>	<i>tributar</i>	E ^c									E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s									
<i>usurpa</i>	<i>usurpar</i>	E ^c									E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s									
<i>venda</i>	<i>vender</i>	E ^c									E ^{e,s}	E ^{e,s}			S ^s									

Tabela X d 44. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de transferência de posse

produto	trans <u>contacto</u>	pont	durat	ci	súbit	o	intens	op	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr	aut	exp	imposto	loc			
<i>apalpa</i>	<i>apalpar</i>	E ^c								E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s											
<i>oscula</i>	<i>oscular</i>	E ^c								E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s											
<i>palpa</i>	<i>palpar</i>		E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s											
<i>velica</i>	<i>velicar</i>	E ^c								E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s											

Tabela X d 45. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de contacto

produto	trans <u>modativos</u>	pont	durat	ci	súbit	o	intens	op	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr	aut	exp	imposto	loc			
<i>atropa</i>	<i>atropelar</i>	E ^c								E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s											
<i>blasfema</i>	<i>blasfemar</i>	E ^c								E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s											
<i>centrifuga</i>	<i>centrifugar</i>		E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s											
<i>eteriza</i>	<i>eterizar</i>		E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s											
<i>faradiza</i>	<i>faradizar</i>		E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s											
<i>fumiga</i>	<i>fumigar</i>		E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s											
<i>insidia</i>	<i>insidiar</i>		E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s											
<i>microdisseca</i>	<i>microdissecar</i>		E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s											
<i>micrograva</i>	<i>microgravar</i>		E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s											
<i>pontilha</i>	<i>pontilhar</i>		E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s											
<i>racionaliza</i>	<i>racionalizar</i>		E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s											
<i>sufumiga</i>	<i>sufumigar</i>		E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s											
<i>ultracentrifuga</i>	<i>ultracentrifugar</i>		E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s											

Tabela X d 46. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas modativas

produto	trans reunir	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	efec	caus	ob j	instr	instr aut	exp	imposto	lo c
<i>acervação</i>	<i>acervar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>acumulação</i>	<i>acumular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>aglomeração</i>	<i>aglomerar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>aglutinação</i>	<i>aglutinar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>agregação</i>	<i>agregar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>agremiação</i>	<i>agremiar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>amontoação</i>	<i>amontoar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>coleccionação</i>	<i>coleccionar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>compilação</i>	<i>compilar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>concentração</i>	<i>concentrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>confederação</i>	<i>confederar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>conglobação</i>	<i>conglobar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>conglomeração</i>	<i>conglomerar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>congregação</i>	<i>congregar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>constelação</i>	<i>constelar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>quotização</i>	<i>quotizar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>cumulação</i>	<i>cumular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>incorporação</i>	<i>incorporar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>recompilação</i>	<i>recompilar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>reconcentração</i>	<i>reconcentrar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>recopilação</i>	<i>recopilar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>reincorporação</i>	<i>reincorporar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>reunificação</i>	<i>reunificar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans reunir	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>totalização</i>	<i>totalizar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							

Tabela X d 47. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de reunir

produto	trans obstar	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	p e r f	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>coibição</i>	<i>coibir</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>evitação</i>	<i>evitar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>frustração</i>	<i>frustrar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>impedição</i>	<i>impedir</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>inibição</i>	<i>inibir</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>interceptação</i>	<i>interceptar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>limitação</i>	<i>limitar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>negação</i>	<i>negar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>obstipação</i>	<i>obstipar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>opilação</i>	<i>opilar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>proibição</i>	<i>proibir</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							

Tabela X d 48. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de obstar

produto	trans unir	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e r f	efe c	caus	o b j	instr	instr aut	ex p	impo sto	loc
<i>acasalação</i>	<i>acasalar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>adunação</i>	<i>adunar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>amarração</i>	<i>amarrar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s	-Esist ^v						-E ^v
<i>amigação</i>	<i>amigar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							

produto	trans unir	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e r f	efe c	caus	o b j	instr	instr aut	ex p	impo sto	loc
<i>anexação</i>	<i>anexar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>articulação</i>	<i>articular</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>associação</i>	<i>associar</i>	E ^e							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>atação</i>	<i>atar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>caldeação</i>	<i>caldear</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>carnação</i>	<i>carnar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>cimentação</i>	<i>cimentar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>coadunação</i>	<i>coadunar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>colação</i>	<i>colar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>coligação</i>	<i>coligar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>combinação</i>	<i>combinar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>compaginação</i>	<i>compaginar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>concatenação</i>	<i>concatenar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>concertação</i>	<i>concertar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>conciliação</i>	<i>conciliar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>conglutinação</i>	<i>conglutinar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>conjugação</i>	<i>conjugar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol -Econc		S ^s							
<i>consolidação</i>	<i>consolidar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>consubstanciação</i>	<i>consubstanciar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>copulação</i>	<i>copular</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>encadeação</i>	<i>encadear</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>endentação</i>	<i>endentar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>federação</i>	<i>federar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -Ecol		S ^s							

produto	trans unir	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>harmonização</i>	<i>harmonizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>igualização</i>	<i>igualizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>infibulação</i>	<i>infibular</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>interligação</i>	<i>interligar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>laqueação</i>	<i>laquear</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>liação</i>	<i>liar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>ligação</i>	<i>ligar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>mancomunação</i>	<i>mancomunar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>miscigenação</i>	<i>miscigenar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>recombinação</i>	<i>recombinar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>reconciliação</i>	<i>reconciliar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>reconsolidação</i>	<i>reconsolidar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>relacionação</i>	<i>relacionar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>suturação</i>	<i>suturar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^c		S ^s							
<i>travação</i>	<i>travar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>unificação</i>	<i>unificar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

Tabela X d 49. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de unir

produto	trans desunir	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>desagregação</i>	<i>desagregar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desanexação</i>	<i>desanexar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desarticulação</i>	<i>desarticular</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desassociação</i>	<i>desassociar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>descimentação</i>	<i>descimentar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desconciliação</i>	<i>desconciliar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>descoordenação</i>	<i>descoordenar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desincorporação</i>	<i>desincorporar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

produto	trans <u>desunir</u>	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	lo c
<i>desligação</i>	<i>desligar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desmembração</i>	<i>desmembrar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desquitação</i>	<i>desquitar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desunificação</i>	<i>desunificar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>desvinculação</i>	<i>desvincular</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>dissociação</i>	<i>dissociar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>luxação</i>	<i>luxar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>separação</i>	<i>separar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>subluxação</i>	<i>subluxar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

Tabela X d 50. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de desunir

produto	trans <u>capturar</u>	pont	dura t	ci	súbit o	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	efe c	caus	o b j	instr	instr aut	exp	impost o	lo c
<i>angariação</i>	<i>angariar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>apegação</i>	<i>apegar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>cambolação</i>	<i>cambolar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>cativação</i>	<i>cativar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>depredação</i>	<i>deprestar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>herborização</i>	<i>herborizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-Ehcol ^v						
<i>resinação</i>	<i>resinar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

Tabela X d 51. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de capturar/apanhar

produto	trans <u>estímulo-sujeito</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>admiração</i>	<i>admirar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>aliciação</i>	<i>aliciar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>amofinação</i>	<i>amofinar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>aperreação</i>	<i>aperrear</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							

produto	trans estímulo-sujeito	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>apoquentação</i>	<i>apoquentar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>aporrinhção</i>	<i>aporrinhar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>arreliação</i>	<i>arreliar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>assombração</i>	<i>assombrar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>atarantação</i>	<i>atarantar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>atemorização</i>	<i>atemorizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>atização</i>	<i>atizar</i>	E ^c							E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>atortentação</i>	<i>atortentar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>atrapalhação</i>	<i>atrapalhar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>atribulação</i>	<i>atribular</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>cativação</i>	<i>cativar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>chateação</i>	<i>chatear</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>comiseração</i>	<i>comiserar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>concitação</i>	<i>concitar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>confortação</i>	<i>confortar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>consolação</i>	<i>consolar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>consternação</i>	<i>consternar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>contristação</i>	<i>contristar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>conturbação</i>	<i>conturbar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>deleitação</i>	<i>deleitar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							

produto	trans estímulo-sujeito	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>desafiação</i>	<i>desafiar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>desanimação</i>	<i>desanimar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>desconsolação</i>	<i>desconsolar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>desenervação</i>	<i>desenervar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>desesperação</i>	<i>desesperar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>desinquietação</i>	<i>desinquietar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>desmoralização</i>	<i>desmoralizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>desmotivação</i>	<i>desmotivar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>desolação</i>	<i>desolar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>despreocupação</i>	<i>despreocupar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>embasbacação</i>	<i>embasbacar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>encantação</i>	<i>encantar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>enganação</i>	<i>enganar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>enervação</i>	<i>enervar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>enfatuação</i>	<i>enfaturar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>enlevação</i>	<i>enlevar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>equivocação</i>	<i>equivocar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>escabreação</i>	<i>escabrear</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>estimulação</i>	<i>estimular</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>exaltação</i>	<i>exaltar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							

produto	trans estímulo-sujeito	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>exasperação</i>	<i>exasperar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>excitação</i>	<i>excitar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>fascinação</i>	<i>fascinar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>frustração</i>	<i>frustrar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>horripilação</i>	<i>horripilar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>importunação</i>	<i>importunar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>incitação</i>	<i>incitar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>indignação</i>	<i>indignar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>infernação</i>	<i>infernar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>influenciação</i>	<i>influenciar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>inquietação</i>	<i>inquietar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>inspiração</i>	<i>inspirar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>intimidação</i>	<i>intimidar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>irritação</i>	<i>irritar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>matação</i>	<i>matar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>miseração</i>	<i>miserar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>moição</i>	<i>moer</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>motivação</i>	<i>motivar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>obcecação</i>	<i>obcecar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>perturbação</i>	<i>perturbar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							

produto	trans estímulo-sujeito	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>preocupação</i>	<i>preocupar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>provocação</i>	<i>provocar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} E?		S ^s							
<i>quebração</i>	<i>quebrar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>queimação</i>	<i>queimar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>quietação</i>	<i>quietar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>ralação</i>	<i>ralar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>recreação</i>	<i>recrear</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>relevação</i>	<i>relevar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>saturação</i>	<i>saturar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>seringaço</i>	<i>seringar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>sobreexaltação</i>	<i>sobreexaltar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>sobreexcitação</i>	<i>sobreexcitar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>solidarização</i>	<i>solidarizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>superexaltação</i>	<i>superexaltar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>superexcitação</i>	<i>superexcitar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>tentação</i>	<i>tentar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s	-E ^v						
<i>torvação</i>	<i>torvar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>tribulação</i>	<i>tribular</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>turbação</i>	<i>turbar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>turvação</i>	<i>turvar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							

produto	trans estímulo-sujeito	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>vexação</i>	<i>vexar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							

Tabela X d 52. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito

produto	trans experienciador-sujeito	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/resul	perf	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>abominação</i>	<i>abominar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>aceitação</i>	<i>aceitar</i>	E ^c							E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>adoração</i>	<i>adorar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>anelação</i>	<i>anelar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>arreminação</i>	<i>arreminar-se</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>arrenegação</i>	<i>arrenegar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>aspiração</i>	<i>aspirar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>congratulação</i>	<i>congratular</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>dedignação</i>	<i>dedignar-se</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>deploração</i>	<i>deplorar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>desadoração</i>	<i>desadorar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>desestimação</i>	<i>desestimar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>desleixação</i>	<i>desleixar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>detestação</i>	<i>detestar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>estimação</i>	<i>estimar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							

produto	trans experienciador- sujeito	pon t	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	che g	tél/ resul	p e r f	efec	cau s	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>execração</i>	<i>execrar</i>		E ^c							E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>expectação</i>	<i>expectar</i>		E ^c							E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>lamentação</i>	<i>lamentar</i>		E ^c							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>miserração</i>	<i>miserar</i>		E ^c							E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>suportação</i>	<i>suportar</i>		E ^c							E ^{c,s} -E		S ^s							

Tabela X d 53. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas de experienciador-sujeito

produto	trans psicológico	pon t	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>afiguração</i>	<i>afigurar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>compenetração</i>	<i>compenetrar</i>		E ^c							E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>consideração</i>	<i>considerar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>dedicação</i>	<i>dedicar</i>		E ^c							E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>deliberação</i>	<i>deliberar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>desconsideração</i>	<i>desconsiderar</i>		E ^c							E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>devaneação</i>	<i>devanear</i>		E ^c							E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>especulação</i>	<i>especular</i>		E ^c							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>evocação</i>	<i>evocar</i>		E ^c							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>excogitar</i>	<i>excogitar</i>		E ^c							E ^{c,s} -Econc		S ^s							

produto	trans psicológico	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	efec	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>extrapolar</i>	<i>extrapolar</i>		E ^c							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>fixação</i>	<i>fixar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>ideação</i>	<i>idear</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>imaginação</i>	<i>imaginar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s	-E ^v						
<i>interpretação</i>	<i>interpretar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>intuição</i>	<i>intuir</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s	-E ^v						
<i>maquinação</i>	<i>maquinar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>matutação</i>	<i>matutar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>meditação</i>	<i>meditar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>memoração</i>	<i>memorar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>memorização</i>	<i>memorizar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>ponderação</i>	<i>ponderar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s}		S ^s							
<i>prefiguração</i>	<i>prefigurar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>premeditação</i>	<i>premeditar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>raciocinação</i>	<i>raciocinar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>reconsideração</i>	<i>reconsiderar</i>		E ^c						E ^{c,s}	E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>recordação</i>	<i>recordar</i>		E ^c							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>rememoração</i>	<i>rememorar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							

Tabela X d 54. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases transitivas psicológicas

Índice das tabelas X d

Tabela X d 1. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases inergativas performativas	683-685
Tabela X d 2. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases inergativas resultativas	685
Tabela X d 3. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases inergativas psicológicas.....	685-686
Tabela X d 4. Semantismos dos produtos em -ção a partir de bases inergativas de modo de moção	686-687

Tabela X d 5. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases inergativas de emissão de luz	687
Tabela X d 6. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases inergativas de emissão de substância	688-689
Tabela X d 7. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases inergativas de actos de fala.....	689
Tabela X d 8. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases inergativas de emissão de som	690
Tabela X d 9. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases inacusativas resultativas	691-692
Tabela X d 10. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases inacusativas incoativas	692-697
Tabela X d 11. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica	698
Tabela X d 12. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases inacusativas de mover-se.....	698
Tabela X d 13. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases inacusativas locativas	698
Tabela X d 14. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases inacusativas de colocar-se em configuração espacial.....	699
Tabela X d 15. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases inacusativas de estado/existência	699-700
Tabela X d 16. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases inacusativas de aparecimento	700
Tabela X d 17. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas locativas	700-705
Tabela X d 18. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de mover em direcção específica	705-706
Tabela X d 19. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de mover-se o sujeito	707
Tabela X d 20. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de cercar	707
Tabela X d 21. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de mover objecto.....	707-708
Tabela X d 22. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de colocar em configuração espacial	708
Tabela X d 23. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de enviar.....	709
Tabela X d 24. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de lançar	709
Tabela X d 25. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de carregar/rebocar objecto.....	709
Tabela X d 26. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de mover sem alteração espacial.....	709
Tabela X d 27. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de mover através de força	710
Tabela X d 28. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de parar.....	710
Tabela X d 29. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de contacto por impacto	710
Tabela X d 30. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas causativas	711-732
Tabela X d 31. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas resultativas	733-741
Tabela X d 32. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de percepção.....	741-743
Tabela X d 33. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de objecto negativo	743-745
Tabela X d 34. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de ferir	745-746
Tabela X d 35. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de prover de.....	747-755
Tabela X d 36. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de desprover de	756-759
Tabela X d 37. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de medir objecto.....	759
Tabela X d 38. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de distribuir por.....	759-760
Tabela X d 39. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas de dividir em	760-761
Tabela X d 40. Semantismos dos produtos em - <i>ção</i> a partir de bases transitivas performativas.....	761-771

Tabela X d 41. Semantismos dos produtos em <i>-ção</i> a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala	773-777
Tabela X d 42. Semantismos dos produtos em <i>-ção</i> a partir de bases transitivas de pedir.....	777-778
Tabela X d 43. Semantismos dos produtos em <i>-ção</i> a partir de bases transitivas instrumentais	778-780
Tabela X d 44. Semantismos dos produtos em <i>-ção</i> a partir de bases transitivas de transferência de posse.....	780-782
Tabela X d 45. Semantismos dos produtos em <i>-ção</i> a partir de bases transitivas de contacto	782
Tabela X d 46. Semantismos dos produtos em <i>-ção</i> a partir de bases transitivas modativas	782
Tabela X d 47. Semantismos dos produtos em <i>-ção</i> a partir de bases transitivas de reunir	783-784
Tabela X d 48. Semantismos dos produtos em <i>-ção</i> a partir de bases transitivas de obstar	784
Tabela X d 49. Semantismos dos produtos em <i>-ção</i> a partir de bases transitivas de unir	784-786
Tabela X d 50. Semantismos dos produtos em <i>-ção</i> a partir de bases transitivas de desunir	786-787
Tabela X d 51. Semantismos dos produtos em <i>-ção</i> a partir de bases transitivas de capturar/apanhar	787
Tabela X d 52. Semantismos dos produtos em <i>-ção</i> a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito	787-792
Tabela X d 53. Semantismos dos produtos em <i>-ção</i> a partir de bases transitivas de experienciador-sujeito	792-793
Tabela X d 54. Semantismos dos produtos em <i>-ção</i> a partir de bases transitivas psicológicas	793-794

Tabelas X e. Semantismos dos produtos em *-dura*

produto	inergs <u>som</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>ceceadura</i>	<i>cecear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>chalreadura</i>	<i>chalrear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>chiadura</i>	<i>chiar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>estalejadura</i>	<i>estalejar</i>	?	?							E ^{e,s}		S ^s							
<i>ladradura</i>	<i>ladrar</i>		?							E ^{e,s}		S ^s							
<i>miadura</i>	<i>miar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>roncadura</i>	<i>roncar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>rosnadura</i>	<i>rosnar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>arfadura</i>	<i>arfar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X e 1. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases inergativas de emissão de som

produto	inergs <u>substância</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>cuspinhadura</i>	<i>cuspinhar</i>			E ^{e,s}						E ^{e,s}		S ^s							
<i>cuspidura</i>	<i>cuspir</i>			E ^{e,s}						E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X e 2. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases inergativas de emissão de substância

produto	inergs <u>moção</u>	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	refer	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impo sto	loc
<i>abaladura</i>	<i>abalar</i>	E ^{e,s}								E ^{e,s}		S ^s							
<i>andadura</i>	<i>andar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}						E ^{ex,s}		S ^s							-E ^{ex1}
<i>bambaleadura</i>	<i>bambalear</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}						E ^{e,s}		S ^s							
<i>coxeadura</i>	<i>coxear</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}						E ^{e,s}		S ^s							
<i>escorregadura</i>	<i>escorregar</i>	E ^{e,s}								E ^{e,s}		S ^s							
<i>nadadura</i>	<i>nadar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>rabeadura</i>	<i>rabear</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}						E ^{e,s}		S ^s							
<i>remadura</i>	<i>remar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}						E ^{e,s}		S ^s							
<i>singradura</i>	<i>singrar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}						E ^{ex,s}		S ^s							-E ^{ex2}
<i>tremadura</i>	<i>tremar</i>		E ^{e,s}	E ^{e,s}						E ^{e,s}		S ^s							
<i>voadura</i>	<i>voar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>volteadura</i>	<i>voltear</i>	E ^{e,s}								E ^{e,s}		S ^s							

¹ Caminho andado.

² BLUTEAU: «O que anda hum navio no espaço de hum dia natural.»

produto	inergs moção	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e rf	refer	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impo sto	loc
<i>abanadura</i>	<i>abanar</i>	E ^{e,s}								E ^{e,s}		S ^s							
<i>cavalgadura</i>	<i>cavalgar</i>		E									S ^s	-E ^{v,s}						
<i>pateadura</i>	<i>patear</i>	E ^{e,s}								E ^{e,s}		S ^s							
<i>corredura</i>	<i>correr</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>resvaladura</i>	<i>resvalar</i>	E ^{e,s}								E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X e 3. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases inergativas de modo de moção

produto	inergs performativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	p e rf	refe r	cau s	obj	inst r	inst r aut	ex p	imposto	loc
<i>arfadura</i>	<i>arfar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>remetedura</i>	<i>remeter</i>	E ^{e,s}								E ^{e,s}		S ^s							
<i>assopradura</i>	<i>assoprar</i>	E ^{e,s}								E ^{e,s}		S ^s							
<i>boquejadura</i>	<i>boquejar</i>	E ^{e,s}								E ^{e,s}		S ^s							
<i>esgrimadura</i>	<i>esgrimir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>sarrafaçadura</i>	<i>sarrafaçar</i>	E ^{e,s}								E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X e 4. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases inergativas performativas

produto	inacs incoativos	pont	dura t	ci	súbit o	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	pe rf	refe r	caus	obj	instr	instr aut	exp	impost o	loc
<i>achicadura</i>	<i>achicar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>apojadura</i>	<i>apoiar</i>		E ^e						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>arcadura</i>	<i>arcar</i>		E ^e							E ^{e,s}		S ^s							
<i>arqueadura</i>	<i>arquear</i>		E ^e							E ^{e,s}		S ^s							
<i>assadura</i>	<i>assar</i>		E ^e							E ^{e,s}		S ^s		-E ^v					
<i>bojadura</i>	<i>bojar</i>		E ^e							E ^{e,s}		S ^s							
<i>branqueadura</i>	<i>branquear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>coalhadura</i>	<i>coalhar</i>		E ^e							E ^{e,s}		S ^s		-E ^v					
<i>crestadura</i>	<i>crestar</i>		E ^e							E ^{e,s}		S ^s							
<i>crispadura</i>	<i>crispar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							
<i>derretadura</i>	<i>derreter</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

produto	inacs incoativos	pont	dura t	ci	súbit o	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	pe rf	refe r	caus	obj	instr	instr aut	exp	impost o	loc
<i>desbotadura</i>	<i>desbotar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>embotadura</i>	<i>embotar-se</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>encapeladura</i>	<i>encapelar-se</i>		E ^e							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>encorpadura</i>	<i>encorpar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							
<i>encrespadura</i>	<i>encrespar</i>		E ^e							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>entesadura</i>	<i>entesar</i>	E ^e								E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>entortadura</i>	<i>entortar</i>	E ^e								E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>estaladura</i>	<i>estalar</i> 'rachar'		E ^e							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>geladura</i>	<i>gelar</i>		E ^e							E ^{e,s} -Econc ³		S ^s							
<i>gretadura</i>	<i>gretar</i>		E ^e							E ^{e,s} -Econc ⁴		S ^s							
<i>inchadura</i>	<i>inchar</i>		E ^e							E ^{e,s} -Econc ⁵		S ^s							
<i>levedadura</i>	<i>levedar</i>		E ^e							E ^{e,ex,s}		S ^s	-E ^{ex} ?						
<i>peladura</i>	<i>pelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ⁶		S ^s							
<i>pojadura</i>	<i>pojar</i>		E ^e						E ^{e,s}	E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>raleadura</i>	<i>ralear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>tolhedura</i>	<i>tolher</i>		E ^e							E ^{e,s} -E -Econc ⁷		S ^s							
<i>vergadura</i>	<i>vergar</i>		E ^e							E ^{e,s} -Econc		S ^s							

Tabela X e 5. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases inacusativas incoativas

³ Doença.

⁴ Ferida.

⁵ Ferida.

⁶ Ferida.

⁷ Estranha a significação de 'excremento das aves de rapina'.

produto	inacs <u>dir espec</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	per f	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>abaladura</i>	<i>abalar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>desembocadura</i>	<i>desembocar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							-E ^v
<i>embicadura</i>	<i>embicar</i> (o navio)	E ^c								E ^{e,s?}		S ^s							
<i>escorredura</i>	<i>escorrer</i>		E ^c							E ^c		S ^s		-E ^{v,s}					

Tabela X e 6. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica

produto	inacs <u>estado</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>falhadura</i>	<i>falhar</i>	E ^c								E ^c -E ^{conc} ^s		S ^s							

Tabela X e 7. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases inacusativas de estado/existência

produto	inacs <u>mover-se</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	per f	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>corredura</i>	<i>correr</i>		E ^c							E ^c		S ^s		-E ^{v,s8}					

Tabela X e 8. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases inacusativas de mover-se

produto	inacs <u>desaparecimento</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	per f	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>desabotoadura</i>	<i>desabotoar</i>		E ^c						E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							
<i>sumidura</i>	<i>sumir</i>	E ^{e,s}							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X e 9. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases inacusativas de desaparecimento

produto	trans <u>locativos</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>abocadura</i>	<i>abocar</i>	E ^c								E ^c		S ^s							-E ^c ^{v,s}
<i>assoalhadura</i>	<i>assoalhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>atracadura</i>	<i>atracar</i>	E ^{e,s}							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							

⁸ DLP: «líquido que fica aderente à medida em que se mede, com prejuízo do comprador».

produto	trans locativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	part	che g	tél/ resul	p er f	refe r	caus	obj	inst r	inst r aut	e x p	impost o	loc
<i>chantadura</i>	<i>chantar</i> 'plantar de estaca'		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>embocadura</i>	<i>embocar</i>		E ^c							E ^c		S ^s							-Ec ^{v,s}
<i>embaçada</i>	<i>embaçar</i>	E ^{e,s}							E ^{e,s}	E ^{e,s}		S ^s							-Ec ^v
<i>embutidura</i>	<i>embutir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encabeçada</i>	<i>encabeçar</i>		E ^c							E ^c		S ^s		-E ^{v,s?}					
<i>encapeladura</i>	<i>encapelar</i> 'introduzir no calcês a enxárcia'	E ^c								E ^c		S ^s							-Ec ^{v,s}
<i>enfiadura</i>	<i>enfiar</i>		E ^c							E ^c		S ^s		-E ^{v,s?}					-Ec ^{v,s}
<i>enrascadura</i>	<i>enrascar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>ensambladura</i>	<i>ensamblar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>entaladura</i>	<i>entalar</i>	E ^{e,s}								E ^{e,s}		S ^s							
<i>envasadura</i>	<i>envasar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							-E ^v
<i>envazadura</i>	<i>envazar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							-E ^v
<i>envergadura</i>	<i>envergar</i>		E ^c							E ^c		S ^s							
<i>enxaguadura</i>	<i>enxaguar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s	-E ^v						
<i>enxalaviadura</i>	<i>enxalaviar</i>		E ^c						E ^c	E ^{e,ex}		S ^s							-E ^{ex,s11}
<i>escondadura</i>	<i>esconder</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X e 10. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas locativas

produto	trans mover objecto	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>trasfegadura</i>	<i>trasfegar</i>	E ^{e,s}								E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X e 11. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas de mover objecto

⁹ DLP: «porção de linha que se enfia de uma vez na agulha».

¹⁰ DLP: «distância entre as extremidades das asas, quando abertas, em especial nas aves».

¹¹ Quantia paga pelo trabalho de enxalaviar.

produto	trans dir espec	pont	durat	ci	súbit o	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	perf	refer	caus	obj	instr r	instr r aut	exp	imp osto	loc
<i>enxotadura</i>	<i>enxotar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>escoadura</i>	<i>escoar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s		-E ^v					
<i>levantadura</i>	<i>levantar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>levadura</i>	<i>levar</i>		E ^c							E ^c		S ^s	-E ^{v,s?}						
<i>vazadura</i>	<i>vazar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s		-E ^v					
<i>vertadura</i>	<i>verter</i>		E ^c							E ^{e,ex,s}		S ^s		-E ^{v12}					-E ^{ex}

Tabela X e 12. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica

produto	trans mover sem alteração espacial	pont	dura t	ci	súbit o	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	impost o	lo c
<i>estorcegadura</i>	<i>estorcegar</i>	E ^c								E ^{c,s} -Econc ¹³		S ^s							
<i>estortegadura</i>	<i>estortegar</i>	E ^c								E ^{c,s} -Econc ¹⁴		S ^s							
<i>mexedura</i>	<i>mexer</i>		E ^{e,s}							E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>retorcedura</i>	<i>retorcer</i>	E ^c								E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>torcedura</i>	<i>torcer</i>	E ^c								E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>volteadura</i>	<i>voltear</i>	E ^{e,s}								E ^{c,s}		S ^s							

Tabela X e 13. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas de mover sem alteração espacial

produto	trans lançar	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>espojadura</i>	<i>espojar</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>lançadura</i>	<i>lançar</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>sacudidura</i>	<i>sacudir</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							

Tabela X e 14. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas de lançar

¹² DV: «O azeite, vinho, ou vinagre que os taberneiros deixam entornar por cima da medida».

¹³ Ferida.

¹⁴ Ferida.

produto	trans <u>mover através</u> <u>de força</u>	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	refer	cau s	obj	in str	inst r aut	ex p	imposto	loc
<i>arrancadura</i>	<i>arrancar</i>	E ^{e,s}								E ^{e,s}		S ^s		-E ^{v15}					
<i>arrastadura</i>	<i>arrastar</i>	E ^{e,s}								E ^{e,s}		S ^s							
<i>tiradura</i>	<i>tirar</i>	E ^{e,s}								E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X e 15. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas de mover através de força

produto	trans <u>objecto</u> <u>negativo</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	refer	cau s	obj	ins tr	inst r aut	ex p	impost o	loc
<i>caladura</i>	<i>calar</i> ‘abrir’		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>canceladura</i>	<i>cancelar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>cerceadura</i>	<i>cercear</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>chanfradura</i>	<i>chanfrar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>chupadura</i>	<i>chupar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s		-E ^{v16}					
<i>cortadura</i>	<i>cortar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>degoladura</i>	<i>degolar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>destecedura</i>	<i>destecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encertadura</i>	<i>encertar</i>	E ^c								E ^e -Econc ^{s17}		S ^s							
<i>encetadura</i>	<i>encetar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ¹⁸		S ^s							
<i>escalavradura</i>	<i>escalavrar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ¹⁹		S ^s							
<i>esganadura</i>	<i>esganar</i>	E ^{e,s}								E ^{e,s}		S ^s							
<i>esgarçadura</i>	<i>esgarçar</i>	E ^{e,s}								E ^{e,s}		S ^s		-E ^v					
<i>mochadura</i>	<i>mochar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ²⁰		S ^s							

¹⁵ Porção arrancada de uma vez.

¹⁶ O que se chupa de uma só vez.

¹⁷ Porção que se tira quando se enceta.

¹⁸ Porção que se tira quando se enceta.

¹⁹ Ferida.

produto	trans objecto negativo	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	refer	cau s	obj	ins tr	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>podadura</i>	<i>podar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>rachadura</i>	<i>rachar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>rascadura</i>	<i>rascar</i>	E ^c								E ^c -Econc ^{s21}		S ^s							
<i>rasgadura</i>	<i>rasgar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ²²		S ^s							
<i>raspadura</i>	<i>raspar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>respançadura</i>	<i>respançar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>roçadura</i>	<i>roçar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>rompedura</i>	<i>romper</i>	E ^{e,s}								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>sarjadura</i>	<i>sarjar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ²³		S ^s							
<i>segadura</i>	<i>segar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>serradura</i>	<i>serrar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							

Tabela X e 16. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas de objecto negativo

produto	trans prover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	refer	caus	obj	i n s t r	inst r aut	exp	impos to	loc
<i>acoguladura</i>	<i>acogular</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>adubadura</i>	<i>adubar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>afumadura</i>	<i>afumar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>atestadura</i>	<i>atestar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s	-E ^{v24}						

²⁰ Ferida.

²¹ Ferida.

²² Ferida.

²³ Ferida.

²⁴ DLP: «porção de líquido com que se atesta uma pipa ou um tonel».

produto	trans prover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	refer	caus	obj	i n s t r	in s t r a u t	exp	impos to	loc
<i>babadura</i>	<i>babar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>bordadura</i>	<i>bordar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>borradura</i>	<i>borrar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>breadura</i>	<i>brear</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>caiadura</i>	<i>caiar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S	-E ^v						
<i>calçadura</i>	<i>calçar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s		-E ^v					
<i>cercadura</i>	<i>cercar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s	-E ^v						
<i>cevadura</i>	<i>cevar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc ^{25??}		S ^s							
<i>defumadura</i>	<i>defumar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>embreadura</i>	<i>embrear</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>encabrestadura</i>	<i>encabrestar</i>	E ^c								E ^c -Econc ^{s26}		S ^s							
<i>enceradura</i>	<i>encerar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enchedura</i>	<i>encher</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encorreadura</i>	<i>encorrear</i>	E ^c								E ^c		S ^s	-Ecol ^{v,s}						
<i>encravadura</i>	<i>encravar</i>	E ^c								E ^c		S ^s	-Ecol ^{v,s}						
<i>engessadura</i>	<i>engessar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s	-Ecol ^v						
<i>engomadura</i>	<i>engomar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>enlameadura</i>	<i>enlamear</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>ensaboadura</i>	<i>ensaboar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s	-E ^v	-E ^{v27}					
<i>ensogadura</i>	<i>ensogar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s	-E ^v						
<i>enxertadura</i>	<i>enxertar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>estercadura</i>	<i>estercar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>ferradura</i>	<i>ferrar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s	-E ^s						
<i>imprimadura</i>	<i>imprimir</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							

²⁵ DV: «O resto da ave em que se cevou a de rapina.» também DLP e BLUTEAU.

²⁶ Ferida.

²⁷ DV: «A porção de roupa que se ensabôa de uma só vez».

produto	trans prover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	refer	caus	obj	i n s t r	i n s t r a u t	exp	impos to	loc
<i>nomeadura</i>	<i>nomear</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>pavesadura</i>	<i>pavesar</i>	E ^c								E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>pensadura</i>	<i>pensar</i> 'penso'		E ^c							E ^{e,s}		S ^s	-Ecol ^v						
<i>perfumadura</i>	<i>perfumar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s	-E ^v						
<i>prateadura</i>	<i>pratear</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>rebocadura</i>	<i>rebocar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s	-E ^v						
<i>recamadura</i>	<i>recamar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>retheadura</i>	<i>recheiar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s	-E ^v						
<i>regadura</i>	<i>regar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>rolhadura</i>	<i>rolhar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>salgadura</i>	<i>salgar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>salpicadura</i>	<i>salpicar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>seladura</i>	<i>selar</i>		E ^c							E ^{e,ex,s}		S ^s							-Ec ^{ex}
<i>semeadura</i>	<i>semear</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s		-E ^{v28}					-E ^{v29}
<i>tapadura</i>	<i>tapar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s	-E ^v						
<i>tingidura</i>	<i>tingir</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s	-E ^v						
<i>untadura</i>	<i>untar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>veladura</i>	<i>velar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s	-E ^v						
<i>vestidura</i>	<i>vestir</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s		-E ^v					
<i>agaloadura</i>	<i>agaloar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>albardadura</i>	<i>albardar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s	-Ecol ^v						
<i>armadura</i>	<i>armar</i>		E ^c							E ^c		S ^s	-Ecol ^{v,s}						
<i>cravadura</i>	<i>cravar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ³⁰		S ^s	-Ecol ^v						
<i>encabeladura</i>	<i>encabelar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s	-Ecol ^v						
<i>enfrechadura</i>	<i>enfregar</i>		E ^c							E ^c		S ^s	-Ecol ^{v,s}						

²⁸ «quantidade de cereal para se semear um terreno».

²⁹ Terra semeada.

³⁰ Ferida.

produto	trans prover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	refer	caus	obj	i n st r	in st r au t	exp	impos to	loc
<i>ensedadura</i>	<i>ensedar</i>		E ^c							E ^c		S ^s		-Ecol ^{v,s}					
<i>pregadura</i>	<i>pregar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s	-Ecol ^v						
<i>retelhadura</i>	<i>retelhar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>sopontadura</i>	<i>sopontar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s	-Ecol ^v						
<i>telhadura</i>	<i>telhar</i>		E ^c							E ^{e,ex,s}		S ^s							-E ^{ex}

Tabela X e 17. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas de *prover de*

produto	trans desprover de	pont	dura t	c i	súbito	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	Refer?	caus	obj	ins tr	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>alimpadura</i>	<i>alimpar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Ecol ³¹		S ^s							
<i>capadura</i>	<i>capar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s		-E ^{v32}					
<i>degoladura</i>	<i>degolar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>desatadura</i>	<i>desatar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>descalçadura</i>	<i>descalçar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>descarnadura</i>	<i>descarnar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc ³³		S ^s							
<i>descascadura</i>	<i>descascar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc ³⁴		S ^s							
<i>descosedura</i>	<i>descoser</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s		-E ^{v35}					
<i>desfolhadura</i>	<i>desfolhar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>escamadura</i>	<i>escamar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc ³⁶		S ^s							
<i>esfoladura</i>	<i>esfolar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ³⁷		S ^s							
<i>esgotadura</i>	<i>esgotar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>estonadura</i>	<i>estonar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>maquiadura</i>	<i>maquiar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							

³¹ Resíduos.

³² BLUTEAU e DV: Testículos cortados.

³³ Ferida.

³⁴ Ferida. DV: «A ferida que fica nas arvores no logar d'onde se tirou a casca: v. g. por se terem tirado borbulhas para enxertar».

³⁵ Porção descosida.

³⁶ Ferida.

³⁷ Ferida.

produto	trans desprover de	pont	dura t	c i	súbito	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	Refer?	caus	obj	ins tr	instr aut	ex p	imp osto	loc
<i>mondadura</i>	<i>mondar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s		-E ^v					
<i>mungidura</i>	<i>mungir</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc ³⁸		S ^s							
<i>sangradura</i>	<i>sangrar</i>		E ^c							E ^{e,ex,s}		S ^s							-Ec ^{ex}
<i>tosadura</i>	<i>tosar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>tosquiadura</i>	<i>tosquiar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X e 18. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas de desprover de

produto	trans causativos	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	re fe r	caus	obj	ins tr	inst r aut	ex p	impost o	lo c
<i>abafadura</i>	<i>abafar</i> [parece não inacusativo]		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aboladura</i>	<i>abolar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>açacaladura</i>	<i>açacalar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>aforquilhadura</i>	<i>aforquilhar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>aguçadura</i>	<i>aguçar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>alçadura</i>	<i>alçar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>amassadura</i>	<i>amassar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s		-E ^{v39}					
<i>amoladura</i>	<i>amolar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>amolgadura</i>	<i>amolgar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>aneladura</i>	<i>anelar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>arqueadura</i>	<i>arquear</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							

³⁸ Porção de leite mungido.

³⁹ DV: «Porção de farinha que se amassa de uma só vez e dá para uma fornada.».

produto	trans causativos	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r r f	re fe r	caus	obj	ins tr	inst r aut	ex p	impost o	lo c
<i>arrasadura</i>	<i>arrasar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>assadura</i>	<i>assar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s		-E ^{v40}					
<i>batedura</i>	<i>bater</i> 'malhar'		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>bojadura</i>	<i>bojar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>branqueadura</i>	<i>branquear</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>brunidura</i>	<i>brunir</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>carpeadura</i>	<i>carpear</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s		-Ecol ^v					
<i>cerradura</i>	<i>cerrar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s	-E ^v						
<i>chamuscadura</i>	<i>chamuscar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>coalhadura</i>	<i>coalhar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s		-E ^v					
<i>cozedura</i>	<i>cozer</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s		-E ^{v41}					
<i>crestadura</i>	<i>crestar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>curtidura</i>	<i>curtir</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>derretadura</i>	<i>derreter</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>desatadura</i>	<i>desatar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>desbotadura</i>	<i>desbotar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>desligadura</i>	<i>desligar</i>	E ^c								E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>despregadura</i>	<i>despregar</i> 'desfazer as pregas'		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>dobradura</i>	<i>dobrar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							

⁴⁰ DLP: «porção de carne assada de uma vez».

⁴¹ Quantidade que se coze de uma vez.

produto	trans causativos	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	re fe r	caus	obj	ins tr	inst r aut	ex p	impost o	lo c
<i>dou(i)radura</i>	<i>dou(i)rar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s	-E ^v						
<i>empesadura</i>	<i>empesar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>encorpadura</i>	<i>encorpar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>encrespadura</i>	<i>encrespar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>encurvadura</i>	<i>encurvar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>enroscadura</i>	<i>enroscar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>entesadura</i>	<i>entesar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>entortadura</i>	<i>entortar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>escaldadura</i>	<i>escaldar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ⁴²		S ^s							
<i>escarpadura</i>	<i>escarpar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>esmagadura</i>	<i>esmagar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ⁴³		S ^s							
<i>espremedura</i>	<i>espremer</i>		E ^c							E ^{e,s} -E conc		S ^s							
<i>falqueadura</i>	<i>falquear</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>falquejadura</i>	<i>falquejar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>fechadura</i>	<i>fechar</i>	E ^c								E ^c		S ^s	-E ^v						
<i>forqueadura</i>	<i>forquear</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>geladura</i>	<i>gelar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc ⁴⁴		S ^s							
<i>golpeadura</i>	<i>golpear</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ⁴⁵		S ^s							

⁴² Ferida.

⁴³ Ferida.

⁴⁴ Doença.

produto	trans causativos	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	re fe r	caus	obj	ins tr	inst r aut	ex p	impost o	lo c
<i>lavadura</i>	<i>lavar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s	-E ^v						
<i>limpadura</i>	<i>limpar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc ⁴⁶		S ^s							
<i>maçadura</i>	<i>maçar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ⁴⁷		S ^s							
<i>machucadura</i>	<i>machucar</i>	E ^c								E ^{e,s} -E conc ⁴⁸		S ^s							
<i>matadura</i>	<i>matar [é figurado]</i>		E ^c							E ^c		S ^s	-E ^{v,s49}						
<i>moedura</i>	<i>moer</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s	-E ^{v50}	-E ^{v51}					
<i>picadura</i>	<i>picar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc -Econc ⁵²		S ^s	-Ecol ^v	-E ^v					
<i>pisadura</i>	<i>pisar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ⁵³		S ^s							
<i>polidura</i>	<i>polir</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>quebradura</i>	<i>quebrar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc ⁵⁴		S ^s							
<i>queimadura</i>	<i>queimar</i>		E ^c							E ^c -Econc ^{s55}		S ^s							
<i>raladura</i>	<i>ralar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc ⁵⁶		S ^s							

⁴⁵ Ferida.

⁴⁶ Resíduos.

⁴⁷ Ferida.

⁴⁸ Ferida.

⁴⁹ Ferida.

⁵⁰ Ferida/doença.

⁵¹ BLUTEAU: «Em algumas partes são vinte & cinco cestos de azeitona, que se deitão na tulha para os moer de huma vez».

⁵² Ferida.

⁵³ Ferida.

⁵⁴ Doença.

⁵⁵ Ferida.

⁵⁶ Resíduos.

produto	trans causativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	ref er	caus	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>raleadura</i>	<i>ralear</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>rasadura</i>	<i>rasar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>rasgadura</i>	<i>rasgar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ⁵⁷		S ^s							
<i>refinadura</i>	<i>refinar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>tisnadura</i>	<i>tisnar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>tostadura</i>	<i>tostar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>trilhadura</i>	<i>trilhar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc ⁵⁸		S ^s							
<i>vergadura</i>	<i>vergar</i>	E ^c								E ^{e,s} -E		S ^s							

Tabela X e 19. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas causativas

produto	trans ferir	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	ref er	caus	obj	inst r	inst r aut	exp	imposto	loc
<i>estorcegadura</i>	<i>estorcegar</i>	E ^c								E ^c -Econc ⁵⁹		S ^s							
<i>estortegadura</i>	<i>estortegar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ⁶⁰		S ^s							
<i>maçadura</i>	<i>maçar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ⁶¹		S ^s							
<i>machucadura</i>	<i>machucar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ⁶²		S ^s							
<i>matadura</i>	<i>matar</i>		E ^c							E ^c		S ^s	-Econc ^{v,s63}						
<i>moedura</i>	<i>moer</i>		E ^c							E ^c		S ^s	-Econc ^{v,s64}						

⁵⁷ Ferida.

⁵⁸ Ferida.

⁵⁹ Ferida.

⁶⁰ Ferida.

⁶¹ Ferida.

⁶² Ferida.

⁶³ Ferida.

produto	trans ferir	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	ref er	caus	obj	inst r	inst r aut	exp	imposto	loc
<i>picadura</i>	<i>picar</i>		E ^e							E ^{e,s} -Econc ⁶⁵		S ^s							
<i>pisadura</i>	<i>pisar</i>		E ^e							E ^e -Econc ⁶⁶		S							
<i>quebradura</i>	<i>quebrar</i>		E ^e							E ^{e,s} -Econc ⁶⁷		S ^s							
<i>queimadura</i>	<i>queimar</i>		E ^e							E ^{e,s} -Econc ⁶⁸		S ^s							
<i>torcedura</i>	<i>torcer</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ⁶⁹		S ^s							
<i>retorcedura</i>	<i>retorcer</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ⁷⁰		S ^s							

Tabela X e 20. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas de ferir

produto	trans resultativos	pon t	durat	ci	súbit o	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	refe r	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	imposto	lo c
<i>acanaladura</i>	<i>acanal</i>		E ^e							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>achata</i>	<i>achatar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>bordadura</i>	<i>bordar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>borradura</i>	<i>borrar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>caneladura</i>	<i>canelar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>encabeladura</i>	<i>encabelar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>entalhadura</i>	<i>entalhar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							

⁶⁴ Ferida/doença.

⁶⁵ Ferida.

⁶⁶ Ferida.

⁶⁷ Doença.

⁶⁸ Ferida.

⁶⁹ Ferida.

⁷⁰ Ferida.

produto	trans resultativos	pon t	durat ci	súbit o	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	pe rf	refe r	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	imposto	lo c
<i>entrançadura</i>	<i>entrançar</i>		E ^c						E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>entretalhadura</i>	<i>entretalhar</i>		E ^c						E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>entretecedura</i>	<i>entretecer</i>		E ^c						E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>escrevedura</i>	<i>escrever</i>		E ^c						E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>escrevinhadura</i>	<i>escrevinhar</i>		E ^c						E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>fazedura</i>	<i>fazer</i>		E ^c						E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>fiadura</i>	<i>fiar</i>		E ^c						E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>forjadura</i>	<i>forjar</i>		E ^c						E ^{e,s}		S ^s							
<i>gofradura</i>	<i>gofrar</i>		E ^c						E ^{e,s}		S ^s							
<i>gravadura</i>	<i>gravar</i>		E ^c						E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>paridura</i>	<i>parir</i>	E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>quadradura</i>	<i>quadrar</i>		E ^c						E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>riscadura</i>	<i>riscar</i>	E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>talhadura</i>	<i>talhar</i>		E ^c						E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>tecedura</i>	<i>tecer</i>		E ^c						E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>tresdobradura</i>	<i>tresdobrar</i>		E ^c						E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>urdidura</i>	<i>urdir</i>		E ^c						E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>versejadura</i>	<i>versejar</i>		E ^c						E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X e 21. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas resultativas

produto	trans instrumentais	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	refer	cau s	obj	ins tr	instr aut	e xp	imp ost o	loc
<i>abitadura</i>	<i>abitar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>abotoadura</i>	<i>abotoar</i>	E ^c								E ^{e,ex,s}		S ^s				-Ecol ^{ex}			
<i>abrochadura</i>	<i>abrochar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acanaveadura</i>	<i>acanavear</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>agatanhadura</i>	<i>agatanhar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>amarradura</i>	<i>amarrar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s				-E ^v			
<i>apolegadura</i>	<i>apolegar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>arranhadura</i>	<i>arranhar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ⁷¹		S ^s							
<i>arreatadura</i>	<i>arreatar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s				-E ^v			
<i>arrochadura</i>	<i>arrochar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s				-E ^v			
<i>arrotadura</i>	<i>arrotar</i> 'arreatar'		E ^c							E ^{e,s}		S ^s				-E ^v			
<i>atadura</i>	<i>atar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s				-E ^v			
<i>beliscadura</i>	<i>beliscar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ⁷²		S ^s							
<i>cardadura</i>	<i>cardar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s		-E ^v					
<i>cavadura</i>	<i>cavar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>cinzeladura</i>	<i>cinzelar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>coadura</i>	<i>coar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>cosedura</i>	<i>coser</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>emborradura</i>	<i>emborrar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enlaçadura</i>	<i>enlaçar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s				-E ^v			
<i>estoqueadura</i>	<i>estoquear</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ⁷³		S ^s							
<i>goivadura</i>	<i>goivar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s				-E ^v			
<i>gradadura</i>	<i>gradar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>gradadura</i>	<i>grudar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							-Ec ^v
<i>legradura</i>	<i>legrar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							

⁷¹ Ferida.

⁷² Ferida.

⁷³ Ferida.

produto	trans instrumentais	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>ligadura</i>	<i>ligar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s				-E ^v			
<i>limadura</i>	<i>limar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc ⁷⁴		S ^s							
<i>penteadura</i>	<i>pentear</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>redura</i>	<i>rer</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>rizadura</i>	<i>rizar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ⁷⁵		S ^s				-E ^v			
<i>sachadura</i>	<i>sachar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>serradura</i>	<i>serrar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc ⁷⁶		S ^s							
<i>soldadura</i>	<i>soldar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s		-Ec ^v					
<i>talingadura</i>	<i>talingar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>tornadura</i>	<i>tornar</i>		E ^c							E ^c		S ^s				-E ^v			
<i>varejadura</i>	<i>varejar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>varredura</i>	<i>varrer</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc ⁷⁷		S ^s		-E ^v					
<i>zonchadura</i>	<i>zonchar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X e 22. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas instrumentais

produto	trans performativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>aradura</i>	<i>arar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s		-E ^{v78}					
<i>bebedura</i>	<i>beber</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s		-E ^s					
<i>benzedura</i>	<i>benzer</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>carpidura</i>	<i>carpir</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>catadura</i>	<i>catar</i>		E ^c							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>cavadura</i>	<i>cavar</i>		E ^c							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>çoçadura</i>	<i>çoçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>copejadura</i>	<i>copejar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							

⁷⁴ Resíduos.

⁷⁵ Ferida.

⁷⁶ Resíduos.

⁷⁷ Resíduos.

⁷⁸ DV «a terra que dous bois podem arar no espaço de um anno, ou colheita»

produto	trans performativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/resul	perf	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>debatadura</i>	<i>debater-se</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>dequitadura</i>	<i>dequitar-se</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>esfregadura</i>	<i>esfregar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>esquadrinhadura</i>	<i>esquadrinhar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>fervedura</i>	<i>ferver</i>		E ^c							E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>galadura</i>	<i>galar</i>	E ^c								E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>lambadura</i>	<i>lamber</i>	E ^{c,s}								E ^{c,s}		S ^s		-E ^v					
<i>mamadura</i>	<i>mamar</i>		E ^{c,ex,s}							E ^{c,ex,s}		S ^s							-Et ^{ex}
<i>mordadura</i>	<i>morder</i>	E ^c								E ^{c,s} -Econc ⁷⁹		S ^s							
<i>rastejadura</i>	<i>rastejar</i> 'seguir o objecto'		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>remoadura</i>	<i>remoer</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>rilhadura</i>	<i>rilhar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>ripadura</i>	<i>ripar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>roedura</i>	<i>roer</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc ⁸⁰		S ^s							
<i>socadura</i>	<i>socar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>sorvedura</i>	<i>sorver</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>sovadura</i>	<i>sovar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>trajadura</i>	<i>trajar??</i>		E ^c							E ^c		S ^s		-E ^{v,s}					
<i>veladura</i>	<i>velar</i>		E ^{c,ex,s}							E ^{c,ex,s}		S ^s							-Et ^{ex}

Tabela X e 23. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas performativas

produto	trans contacto	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/resul	perf	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>tocadura</i>	<i>tocar</i>	E ^{c,s}								E ^{c,s}		S ^s							

Tabela X e 24. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas de contacto

⁷⁹ Ferida.

⁸⁰ Ferida.

produto	trans modativo	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>cerceadura</i>	<i>cercear</i>	E ^e								E ^{e,s} -Econc ⁸¹		S ^s							
<i>electrossoldadura</i>	<i>electrossoldar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X e 25. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas modativas

produto	trans dividir em	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>atassalhadura</i>	<i>atassalhar</i>	E ^e								E ^{e,s} -Econc ⁸²		S ^s							
<i>desfiadura</i>	<i>desfiar</i>		E ^e							E ^{e,s}		S ^s							
<i>esquarteladura</i>	<i>esquartelar</i>	E ^e								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>retalhadura</i>	<i>retalhar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X e 26. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas de dividir em

produto	trans unir	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>abotoadura</i>	<i>abotoar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s				-Ecol ^v			
<i>amarradura</i>	<i>amarrar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s				-E ^v			
<i>cosedura</i>	<i>coser</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							
<i>grudadura</i>	<i>grudar</i>		E ^e							E ^{e,s}		S ^s							-Ec ^v
<i>ligadura</i>	<i>ligar</i>		E ^e							E ^{e,s}		S ^s				-E ^v			
<i>pegadura</i>	<i>pegar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							-Ec ^v
<i>soldadura</i>	<i>soldar</i>		E ^e							E ^{e,s} -Econc		S ^s		-Ec ^v					

Tabela X e 27. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas de unir

produto	trans reunir	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>arrebanhadura</i>	<i>arrebanhar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X e 28. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas de reunir

⁸¹ Aparas.

⁸² Ferida.

produto	trans <u>percepção</u>	pont	durat	ci	súbit o	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	per f	refer	caus	obj	instr r	instr aut	exp	imposto	loc
<i>olhadura</i>	<i>olhar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							
<i>provadura</i>	<i>provar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s		-E ^{v83}					

Tabela X e 29. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas de percepção

produto	trans <u>obstar</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>arretadura</i>	<i>arretar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							
<i>represadura</i>	<i>represar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							
<i>travadura</i>	<i>travar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s				-E ^v			

Tabela X e 30. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas de obstar

produto	trans <u>capturar</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	pe rf	refe r	cau s	ob j	instr r	instr r aut	exp	imp osto	loc
<i>alcançadura</i>	<i>alcançar</i>	E ^e								E ^{e,s} -Econc ⁸⁴		S ^s							
<i>apanhadura</i>	<i>apanhar</i>	E ^e								E ^{e,ex,s}		S ^s							-Et ^{ex}
<i>empolgadura</i>	<i>empolgar</i> 'agarrar com as unhas a presa'	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							
<i>empunhadura</i>	<i>empunhar</i>	E ^e								E ^e		S ^s							-Ec ^{v,s}
<i>represadura</i>	<i>represar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							
<i>tomadura</i>	<i>tomar</i>	E ^e								E ^{e,s} -Econc ⁸⁵		S ^s							
<i>vindimadura</i>	<i>vindimar</i>		E ^e							E ^{e,ex,s}		S ^s							-Et ^{ex}

Tabela X e 31. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas de capturar/apanhar

produto	trans <u>medir</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>maquiadura</i>	<i>maquiar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X e 32. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas de medir objecto

⁸³ DLP: «porção que serve para provar».

⁸⁴ Ferida.

⁸⁵ Ferida.

produto	trans transferência de posse	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>investidura</i>	<i>investir</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X e 33. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas de transferência de posse

produto	trans prender	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	per f	refer	caus	obj	instr	instr aut	exp	impos to	loc
<i>embaçadura</i>	<i>embaçar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							-Ec ^v

Tabela X e 34. Semantismos dos produtos em *-dura* a partir de bases transitivas de prender

Índice das tabelas X e

Tabela X e 1. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases inergativas de emissão de som.....	797
Tabela X e 2. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases inergativas de emissão de substância.....	797
Tabela X e 3. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases inergativas de modo de moção.....	797-798
Tabela X e 4. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases inergativas performativas.....	798
Tabela X e 5. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases inacusativas incoativas.....	798-799
Tabela X e 6. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica.....	800
Tabela X e 7. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases inacusativas de estado/existência.....	800
Tabela X e 8. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases inacusativas de mover-se.....	800
Tabela X e 9. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases inacusativas de desaparecimento.....	800
Tabela X e 10. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas locativas.....	800-801
Tabela X e 11. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas de mover objecto.....	801
Tabela X e 12. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica.....	802
Tabela X e 13. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas de mover sem alteração espacial.....	802
Tabela X e 14. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas de lançar.....	802
Tabela X e 15. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas de mover através de força.....	803
Tabela X e 16. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas de objecto negativo.....	803-804
Tabela X e 17. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas de prover de.....	804-807
Tabela X e 18. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas de desprover de.....	807-808
Tabela X e 19. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas causativas.....	808-812
Tabela X e 20. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas de ferir.....	812-813
Tabela X e 21. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas resultativas.....	813-814
Tabela X e 22. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas instrumentais.....	815-816
Tabela X e 23. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas performativas.....	816-817

Tabela X e 24. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas de contacto.....	817
Tabela X e 25. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas modativas.....	818
Tabela X e 26. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas de dividir em.....	818
Tabela X e 27. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas de unir.....	818
Tabela X e 28. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas de reunir.....	818
Tabela X e 29. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas de percepção.....	819
Tabela X e 30. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas de obstar.....	819
Tabela X e 31. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas de capturar/apanhar.....	819
Tabela X e 32. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas de medir objecto.....	819
Tabela X e 33. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas de transferência de posse.....	820
Tabela X e 34. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i> a partir de bases transitivas de prender.....	820

Tabelas X f. Semantismos dos produtos em *-mento*

produto	inergs performativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	proce s	cau s	obj	instr r	instr r aut	exp	impos to	loc
<i>assopramento</i>	<i>assoprar?</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>descomedimento</i>	<i>descomedir-se</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>acenamento</i>	<i>acenar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>bazoframento</i>	<i>bazofiar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>batimento</i>	<i>bater</i>		E ^{e,s}	E ^e						E ^{e,s}		S ^s							
<i>boquejamento</i>	<i>boquejar</i>		E ^e							E ^{e,s}		S ^s							
<i>bracejamento</i>	<i>bracejar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>condescendimento</i>	<i>condescender</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desarraçamento</i>	<i>desarraçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>formigamento</i>	<i>formigar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>funcionamento</i>	<i>funcionar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>pernoitamento</i>	<i>pernoitar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>respiramento</i>	<i>respirar</i>		E ^{e,ex,s}							E ^{e,ex,s}		S ^s							-Et ^{ex1}

Tabela X f 1. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases inergativas performativas

produto	inergs moção	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>abalamento</i>	<i>abalar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>andamento</i>	<i>andar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>balanceamento</i>	<i>balancear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>balo(i)uçamento</i>	<i>balo(i)uçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>bamboleamento</i>	<i>bambolear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>coleamento</i>	<i>colear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>deslizamento</i>	<i>deslizar</i>		E ^{e,s2}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>escorregamento</i>	<i>escorregar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

¹ DV: «Descanço, cessação do trabalho, da fadiga.».

² DLP: «circulação subterrânea de correntes de terra.», o que mostra o carácter durativo, sem ponto de chegada.

produto	inergs <u>moção</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>estrebuchamento</i>	<i>estrebuchar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>estremecimento</i>	<i>estremecer</i>	E ^{e3}								E ^{e,s}		S ^s							
<i>ondeamento</i>	<i>ondear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>rastejamento</i>	<i>rastejar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>resvalamento</i>	<i>resvalar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>titilamento</i>	<i>titilar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>tropeçamento</i>	<i>tropeçar</i>	E ^{e4}								E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 2. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases inergativas de modo de moção

produto	inergs <u>substância</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>gotejamento</i>	<i>gotejar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>jorramento</i>	<i>jorrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>revimento</i>	<i>rever</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>sangramento</i>	<i>sangrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 3. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases inergativas de emissão de substância

produto	inergs <u>som</u>	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e r f	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>atroamento</i>	<i>atroar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc ^{σ5}		S ^s							
<i>carpimento</i>	<i>carpir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>ciciamento</i>	<i>ciciar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>papagueamento</i>	<i>papaguear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>zunimento</i>	<i>zunir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 4. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases inergativas de emissão de som

³ *Estremecimento* mostra o processamento e não o carácter pontual do evento. Cf. *estremeção*.

⁴ *Tropeçamento* mostra o processamento e não o carácter pontual do evento. Cf. *tropeção*.

⁵ DV: «Em Alveitaria, enfermidade que sobrevem aos cascos das bestas, procedida de bater com elles em pedra, ou tambem por serem ferrados com ferraduras apertadas.».

prduto	inergs actos de fala	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>balbuciam⁶</i>	<i>balbuciar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>praguejamento</i>	<i>praguejar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 5. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases inergativas de actos de fala

produto	inergs luz	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>dardejamento</i>	<i>dardejar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>luzimento</i>	<i>luzir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>negrejamento</i>	<i>negrejar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>relampagueamento</i>	<i>relampaguear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 6. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases inergativas de emissão de luz

produto	inergs psicológico	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>razoamento</i>	<i>razoar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -E		S ^s							

Tabela X f 7. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases inergativas psicológicas

produto	inacs incoativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op di f	part	che g	tél/ resul	p e r f	proce s	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>abajoujamento</i>	<i>abajoujar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>abandalhamento</i>	<i>abandalhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>abastardamento</i>	<i>abastardar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>abaulamento</i>	<i>abaular</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>abespinhamento</i>	<i>abespinhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>abolorecimento</i>	<i>abolorecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>abrandamento</i>	<i>abrandar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

⁶ Defeito na pronúncia. Cf. *balbuciação*.

produto	inacs incoativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op di f	part	che g	tél/ resul	p e r f	proce s	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>acalmamento</i>	<i>acalmar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>acanhamento</i>	<i>acanh</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>acastelamento</i>	<i>acastelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>achatamento</i>	<i>achatar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>acinzamento</i>	<i>acinzar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acirramento</i>	<i>acirrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>acobardamento</i>	<i>acobardar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>acrescimento</i>	<i>acrescer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acurvamento</i>	<i>acurvar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>adelgaçamento</i>	<i>adelgaçar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>adoecimento</i>	<i>adoecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>adormecimento</i>	<i>adormecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>afogoeamento</i>	<i>afogues</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>aformoseamento</i>	<i>aformosear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>afracamento</i>	<i>afracar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>afrancesamento</i>	<i>afrancesar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>afreguesamento</i>	<i>afreguesar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>afrouxamento</i>	<i>afrouxar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>afunilamento</i>	<i>afunilar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>agigantamento</i>	<i>agigantar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							

produto	inacs incoativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op di f	part	che g	tél/ resul	p e r f	proce s	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>agravamento</i>	<i>agravar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc ^{σ7}		S ^s							
<i>aguamento</i>	<i>aguar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -Econc ⁸		S ^s							
<i>alargamento</i>	<i>alargar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>alegramento</i>	<i>alegrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>aleijamento</i>	<i>aleijar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>alongamento</i>	<i>alongar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>alquebramento</i>	<i>alquebrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>alteamento</i>	<i>altear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aluamento</i>	<i>aluar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^{σ9}		S ^s							
<i>amadurecimento</i>	<i>amadurecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>amancebamento</i>	<i>amancebar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>amarelecimento</i>	<i>amarelecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>amarrotamento</i>	<i>amarrotar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>amesquinamento</i>	<i>amesquinhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>amollecimento</i>	<i>amolecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc ^{σ10}		S ^s							
<i>amortecimento</i>	<i>amortecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aparvamento</i>	<i>aparvar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

⁷ ‘Doença’. DV: «Em Veterinaria, agravamento, doença do pé nos cães, a qual consiste em uma inflamação do tecido vascular situado abaixo da epiderme espessa e dura, cujos tuberculos plantares são descobertos na sua superfície de apoio.».

⁸ ‘Doença’. DLP: «inflamação nas extremidades dos membros locomotores do cavalo ou de outros animais, causada por resfriamento ou excesso de trabalho.»; DV: «Em Veterinaria, relaxação ou constipação no peito do cavalo ou outro qualquer animal, d’onde resulta mover-se com dificuldade; doença proveniente do excessivo trabalho, de ter bebido estando suado, de ter visto comer e não lh’o darem, etc.».

⁹ Também designa o ‘cio dos animais’.

¹⁰ ‘Doença’. DV: «Em Medicina, amollecimento é uma lesão organica, caracterizada por uma diminuição da cohesão natural a cada tecido, consecuencia de certas perturbações na digestão.»

produto	inacs incoativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op di f	part	che g	tél/ resul	p e r f	proce s	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>apaziguamento</i>	<i>apaziguar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>apodrecimento</i>	<i>apodrecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>apodrentamento</i>	<i>apodrentar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aportuguesamento</i>	<i>aportuguesar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>apoucamento</i>	<i>apoucar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>aprimoramento</i>	<i>aprimorar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>apuramento</i>	<i>apurar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aquecimento</i>	<i>aquecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>ardimento</i>	<i>arder</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc ^{σ11}		S ^s							
<i>arqueamento</i>	<i>arquear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc		S ^s							
<i>arra(e)igamento</i>	<i>arra(e)igar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>arredondamento</i>	<i>arredondar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>arrefecimento</i>	<i>arrefecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>arruinamento</i>	<i>arruinar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>arvoamento</i>	<i>arvoar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>assanhamento</i>	<i>assanhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>asselvajamento</i>	<i>asselvajar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>atiçamento</i>	<i>atiçar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>atordoamento</i>	<i>atordoar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>avelamento</i>	<i>avelar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

¹¹ Doença das oliveiras.

produto	inacs incoativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op di f	part	che g	tél/ resul	p e r f	proce s	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>aviltamento</i>	<i>aviltar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>avivamento</i>	<i>avivar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>azedamento</i>	<i>azedar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>baralhamento</i>	<i>baralhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>branqueamento</i>	<i>branquear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>bronzeamento</i>	<i>bronzear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>cerramento</i>	<i>cerrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>cisalhamento</i>	<i>cisalhar</i> 'rocha'		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc		S ^s							
<i>coalhamento</i>	<i>coalhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc		S ^s							
<i>comedimento</i>	<i>comedir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>comprometimento</i>	<i>comprometer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>compungimento</i>	<i>compungir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>congelamento</i>	<i>congelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>congestionamento</i>	<i>congestionar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>congraçamento</i>	<i>congraçar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>contentamento</i>	<i>contentar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>convertimento</i>	<i>converter</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>corrompimento</i>	<i>corromper</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

produto	inacs incoativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op di f	part	che g	tél/ resul	p e r f	proce s	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>crecimento</i>	<i>crecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>crestamento</i>	<i>crestar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc ^{σ12}		S ^s							
<i>crispamento</i>	<i>crispar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>danamento</i>	<i>danar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>decrecimento</i>	<i>decrecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>definhamento</i>	<i>definhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>degradamento</i>	<i>degradar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>depauperamento</i>	<i>depauperar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>deperecimento</i>	<i>deperecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>derrancamento</i>	<i>derrancar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>derreamento</i>	<i>derrear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>derretimento</i>	<i>derreter</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desabrimento</i>	<i>desabrir-se</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desacanhamento</i>	<i>desacanhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desafinamento</i>	<i>desafinar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desafrentamento</i>	<i>desafrentar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desagastamento</i>	<i>desagastar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desanuviamento</i>	<i>desanuviar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desaparafusamento</i>	<i>desaparafusar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

¹² Doença. DV: «Molestia dos vegetaes devida aos grandes calôres..»

produto	inacs incoativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op di f	part	che g	tél/ resul	p e r f	proce s	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>desbocamento</i>	<i>desbocar-se</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desbotamento</i>	<i>desbotar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desbragamento</i>	<i>desbragar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>descaramento</i>	<i>descarar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>descoramento</i>	<i>descorar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desfalecimento</i>	<i>desfalecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desflorescimento</i>	<i>desflorescer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>deslinguamento</i>	<i>deslinguar</i>		E ^{e,s} -E ^s							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>emagrecimento</i>	<i>emagrecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>embaratecimento</i>	<i>embaratecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>embranquecimento</i>	<i>embranquecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>embravecimento</i>	<i>embravecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>emouquecimento</i>	<i>emouquecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empardecimento</i>	<i>empardecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empastamento</i>	<i>empastar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empedernimento</i>	<i>empedernir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empedramento</i>	<i>empedrar</i> 'endurecer'		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empenamento</i>	<i>empenar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>emperramento</i>	<i>emperrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empobrecimento</i>	<i>empobrecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empoçamento</i>	<i>empoçar</i> 'formar poça'		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							

produto	inacs incoativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op di f	part	che g	tél/ resul	p e r f	proce s	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>empolamento</i>	<i>empolar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>emudecimento</i>	<i>emudecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>emurhecimento</i>	<i>emurcheçar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encachoeiramento</i>	<i>encachoeirar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -E ^σ -E ^σ -E ^σ		S ^s							
<i>encanzinamento</i>	<i>encanzinar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encarecimento</i>	<i>encarecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encarquilhamento</i>	<i>encarquilhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -E ^σ -E ^σ		S ^s							
<i>encastelamento</i>	<i>encastelar-se</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -E ^σ -E ^σ		S ^s							
<i>encodeamento</i>	<i>encodear</i> 'ganhar côdea'		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -E ^σ -E ^σ		S ^s							
<i>encolhimento</i>	<i>encolher</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encorpamento</i>	<i>encorpar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encorreamento</i>	<i>encorrear-se</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encrespamento</i>	<i>encrespar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encruamento</i>	<i>encruar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>endoidecimento</i>	<i>endoidecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

¹³ DLP: «doença dos pessegueiros, caracterizada pelo enrugamento das folhas».

¹⁴ Bluteau: «He quando com segura fica o casco mais estreito junto à ferradura, & mais largo no alto junto ao pello, abrindose em cima, & arrebandando com a força, & peso do cavallo, porque o sauco, que vai por dentro, não cabe no aperto do encastellamento do casco.»

produto	inacs incoativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op di f	part	che g	tél/ resul	p e r f	proce s	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>enduramento</i>	<i>endurar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econ ^σ		S ^s							
<i>enegrecimento</i>	<i>enegrecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enfatuamento</i>	<i>enfaturar-se</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enfiamento</i>	<i>enfiar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enfraquecimento</i>	<i>enfraquecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>engrandecimento</i>	<i>engrandecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>engrossamento</i>	<i>engrossar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enlouquecimento</i>	<i>enlouquecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enquistamento</i>	<i>enquistar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enraivecimento</i>	<i>enraivecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enrarecimento</i>	<i>enrarecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enregelamento</i>	<i>enregelar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enrijamento</i>	<i>enrijar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enriquecimento</i>	<i>enriquecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enrouquecimento</i>	<i>enrouquecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enrubescimento</i>	<i>enrubescer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enrugamento</i>	<i>enrugar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>ensoamento</i>	<i>ensoar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>ensoberbecimento</i>	<i>ensoberbecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>ensurdecimento</i>	<i>ensurdecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

produto	inacs incoativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op di f	part	che g	tél/ resul	p e r f	proce s	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>entabuamento</i>	<i>entabuar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>entenebrecimento</i>	<i>entenebrecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>entibiamiento</i>	<i>entibiar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>entontecimento</i>	<i>entontecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>entorpecimento</i>	<i>entorpecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>entrevamento</i>	<i>entrevar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>entrevhecimento</i>	<i>entrevecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>entristecimento</i>	<i>entristecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>entumecimento</i>	<i>entumecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc		S ^s							
<i>entupimento</i>	<i>entupir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>envaidecimento</i>	<i>envaidecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>envelhecimento</i>	<i>envelhecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enverdecimento</i>	<i>enverdecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>envilecimento</i>	<i>envilecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enxovalhamento</i>	<i>enxovalhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enxugamento</i>	<i>enxugar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>esboroamento</i>	<i>esboroar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>escurecimento</i>	<i>escurecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>esfarelamento</i>	<i>esfarelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>esfarrapamento</i>	<i>esfarrapar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

produto	inacs incoativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op di f	part	che g	tél/ resul	p e r f	proce s	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>esfriamento</i>	<i>esfriar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc ^{σ15}		S ^s							
<i>esmaecimento</i>	<i>esmaecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>esmorecimento</i>	<i>esmorecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>espairecimento</i>	<i>espairecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>espertamento</i>	<i>espertar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>esquentamento</i>	<i>esquentar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -Econc ^{σ16}		S ^s							
<i>estiolamento</i>	<i>estiolar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>estragamento</i>	<i>estragar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>estreitamento</i>	<i>estreitar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s							
<i>esvaecimento</i>	<i>esvaecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>esvaziamento</i>	<i>esvaziar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>fanamento</i>	<i>fanar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>fortalecimento</i>	<i>fortalecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>humedecimento</i>	<i>humedecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>inchamento</i>	<i>inchar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>intumescimento</i>	<i>intumescer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>melhoramento</i>	<i>melhorar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

¹⁵ Ferida/doença: DV: «Esfriamento *da junta*, é quando ao cavallo, pondo alguma mão violentamente em qualquer pedrinha movente, ou mettendo-a em cova, e torcendo-a para alguma parte, se estiram, e violentam os nervos, ou musculos, ou ligamentos da junta; e o ar estranho a penetra e altera.»

¹⁶ Doença. DV: «Gonorrhéa, blennorrhagia.»

produto	inacs incoativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op di f	part	che g	tél/ resul	p e r f	proce s	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>obscurecimento</i>	<i>obscurecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>prolongamento</i>	<i>prolongar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>raleamento</i>	<i>ralear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>rareamento</i>	<i>rarear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>rebaixamento</i>	<i>rebaixar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>recrescimento</i>	<i>recrescer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>recrudescimento</i>	<i>recrudescer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>redobramento</i>	<i>redobrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>refazimento</i>	<i>refazer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>refinamento</i>	<i>refinar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>refocilamento</i>	<i>refocilar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>refrescamento</i>	<i>refrescar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>rejuvenescimento</i>	<i>rejuvenescer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>relaxamento</i>	<i>relaxar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>renovamento</i>	<i>renovar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>resfriamento</i>	<i>resfriar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc ^{σ17}		S ^s							
<i>retardamento</i>	<i>retardar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>retesamento</i>	<i>retesar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>robustecimento</i>	<i>robustecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

¹⁷ Doenças. DLP: «estado mórbido produzido pelo frio; o m. q. aguamento (nos cavalos e noutros animais).».

produto	inacs incoativos	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op dif	part	che g	tél/ resul	p e r f	proce s	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	loc
<i>sazoamento</i>	<i>sazoar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>sazonamento</i>	<i>sazonar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>sobre-aquecimento</i>	<i>sobre-aquecer</i>		E ^{e,s} -E ^s							E ^{e,s} -E ^s		S ^s							
<i>subdesenvolvimento</i>	<i>subdesenvolver</i>		E ^{e,s} -E ^s							E ^{e,s} -E ^s		S ^s							
<i>tolhimento</i>	<i>tolher</i>		E ^{e,s} -E ^s							E ^{e,s} -E ^s		S ^s							
<i>torvamento</i>	<i>torvar</i>		E ^{e,s} -E ^s							E ^{e,s} -E ^s		S ^s							
<i>tumescimento</i>	<i>tumescer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>vascoejamento</i>	<i>vascolear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

Tabela X f 8. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases inacusativas incoativas

produto	inacs resultativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>desovamento</i>	<i>desovar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>abarrancamento</i>	<i>abarrancar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>abolorecimento</i>	<i>abolorecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s							
<i>abrolhamento</i>	<i>abrolhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s							
<i>brotamento</i>	<i>brotar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empolamento</i>	<i>empolar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enfolhamento</i>	<i>enfolhar</i> 'criar folhas'		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -Econc ^s		S ^s							
<i>enfrutecimento</i>	<i>enfrutecer</i> 'criar fruto'		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s							
<i>enraizamento</i>	<i>enraizar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s							

produto	inacs resultativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>enramamento</i>	<i>enramar</i> 'criar ramos'		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s							
<i>enrolamento</i>	<i>enrolar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s							
<i>espigamento</i>	<i>espigar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s							
<i>florescimento</i>	<i>florescer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>reflorescimento</i>	<i>reflorescer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>refolhamento</i>	<i>refolhar</i>		E ^{e,s} -E ^s							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>renovamento</i>	<i>renovar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s							

Tabela X f 9. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases inacusativas resultativas

produto	inacs locativo	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>ensimesmamento</i>	<i>ensimesmar-se</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

Tabela X f 10. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases inacusativas locativas

produto	inacs configuração espacial	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	impost o	loc
<i>estacionamento</i>	<i>estacionar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							-E ^v
<i>empernamento</i>	<i>empernar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>abatimento</i>	<i>abater</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>acurvamento</i>	<i>acurvar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>aluimento</i>	<i>aluir</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>arriamento</i>	<i>arriar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc		S ^s							
<i>arruinamento</i>	<i>arruinar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

produto	inacs configuração espacial	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	impost o	loc
<i>derruimento</i>	<i>derruir</i>	E ^e								E ^{e,s} -E ^s		S ^s							
<i>desmoronamento</i>	<i>desmoronar</i>	E ^e								E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>esbarrondamento</i>	<i>esbarrondar</i>	E ^e								E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>esbarrocamento</i>	<i>esbarrocar</i>	E ^e								E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

Tabela X f 11. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases inacusativas de colocar-se em configuração espacial

produto	inacs direcção específica	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	obj	instr	instr aut	ex p	imposto	loc
<i>ascendimento</i>	<i>ascender</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>caimento</i>	<i>cair</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>chegamento</i>	<i>chegar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							
<i>decaimento</i>	<i>decair</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>decampamento</i>	<i>decampar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>decrecimento</i>	<i>decrecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desbordamento</i>	<i>desbordar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>descaimento</i>	<i>descair</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>descendimento</i>	<i>descender??</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>descimento</i>	<i>descer??</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>esbarrocamento</i>	<i>esbarrocar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>escapamento</i>	<i>escapar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>progredimento</i>	<i>progredir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>recaimento</i>	<i>recair</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							
<i>recuamento</i>	<i>recuar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>retrocedimento</i>	<i>retroceder</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>saimento</i>	<i>sair</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

produto	inacs direcção específica	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>subimento</i>	<i>subir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>sucedimento</i>	<i>suceder</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>tardamento</i>	<i>tardar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>transbordamento</i>	<i>transbordar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>abaixamento</i>	<i>abaixar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>abatimento</i>	<i>abater</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc		S ^s							
<i>afundimento</i>	<i>afundir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc		S ^s							
<i>aluímento</i>	<i>aluir</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>arriamento</i>	<i>arriar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s							
<i>derruimento</i>	<i>derruir</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>desmoronamento</i>	<i>desmoronar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>despenhamento</i>	<i>despenhar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>esbarrondamento</i>	<i>esbarrondar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 12. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica

produto	inacs mover-se	pon t	dura t	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proce s	cau s	obj	instr r	instr r aut	exp	impost o	loc
<i>corrimento</i>	<i>correr</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s		-E ^v					
<i>desaguamento</i>	<i>desaguar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							-E ^v
<i>entrecruzamento</i>	<i>entrecruzar-se</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>escoamento</i>	<i>escoar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							-E ^v
<i>escorrimento</i>	<i>escorrer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s		-E ^v					
<i>passamento</i> ¹⁸	<i>passar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

Tabela X f 13. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases inacusativas de mover-se

¹⁸ ‘Agonia’ e daí a base ser durativa e não pontual.

produto	inacs aparecimento	pont	dura t	c i	súbit o	intens	op dif	par t	che g	tél/ resul	p e r f	proce s	caus	obj	i n str	instr aut	exp	impos to	loc
<i>abrolhamento</i>	<i>abrolhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s							
<i>acaecimento</i>	<i>acaecer</i> 'acontecer'	E ^c								E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>acontecimento</i>	<i>acontecer</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>afloramento</i>	<i>aflorar</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>aparecimento</i>	<i>aparecer</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>arrebentamento</i>	<i>arrebentar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>brotamento</i>	<i>brotar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>comparecimento</i>	<i>comparecer</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>desabotoamento</i>	<i>desabotoar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desabrochamento</i>	<i>desabrochar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>nascimento</i>	<i>nascer</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>prorrompimento</i>	<i>prorromper</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>pululamento</i>	<i>pulular</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>reaparecimento</i>	<i>reaparecer</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>rebetamento</i>	<i>rebetar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>renascimento</i>	<i>renascer</i>	E ^c								E ^{e,ex,s}		S ^s							-Et ^{ex}
<i>ressurgimento</i>	<i>ressurgir</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>sucedimento</i>	<i>suceder</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 14. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases inacusativas de aparecimento

produto	inacs desaparecimento	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>desaparecimento</i>	<i>desaparecer</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>esvaecimento</i>	<i>esvaeecer</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>esvaimento</i>	<i>esvair</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>falecimento</i>	<i>falecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>falimento</i>	<i>falir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>perecimento</i>	<i>perecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 15. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases inacusativas de desaparecimento

produto	inacs estado/existência	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	roces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>carecimento</i>	<i>carecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>cabimento</i>	<i>caber</i>		E ^e -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desvalimento</i>	<i>desvaler</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>padecimento</i>	<i>padecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>prevalhecimento</i>	<i>prevalecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>precedimento</i>	<i>preceder</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>valimento</i>	<i>valer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>sofrimento</i>	<i>sofrer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

Tabela X f 16. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases inacusativas de estado/existência

produto	inacs parar	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>encalhamento</i>	<i>encalhar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							
<i>estancamento</i>	<i>estancar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 17. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases inacusativas de parar

produto	trans locativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	per f	proce s	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impo sto	loc
<i>abarracamento</i>	<i>abarracar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol ^σ		S ^s							-E ^{v,σ}
<i>aboçamento</i>	<i>aboçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aboletamento</i>	<i>aboletar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acamamento</i>	<i>acamar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acampamento</i>	<i>acampar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol ^σ		S ^s							-E ^{v,σ}
<i>acantoamento</i>	<i>acantoar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							-E ^v
<i>acantonamento</i>	<i>acantonar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol ^σ		S ^s							-E ^{v,σ}
<i>acareamento</i>	<i>acarear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acoitamento</i>	<i>acoitar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							-E ^v

produto	trans locativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	part	che g	tél/ resul	p e r f	proce s	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impo sto	loc
<i>acolhimento</i>	<i>acolher</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>acomodamento</i>	<i>acomodar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>acostamento</i>	<i>acostar?</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^{σ19?}		S ^s							-Ep ^v
<i>albergamento</i>	<i>albergar?</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^{σ20?}		S ^s							
<i>alinhamento</i>	<i>alinhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>alistamento</i>	<i>alistar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>alojamento</i>	<i>alojar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							-E ^v
<i>amontoamento</i>	<i>amontoar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>amortalhamento</i>	<i>amortalhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>anorteamento</i>	<i>anortear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>apainelamento</i>	<i>apainelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>aparcamento</i>	<i>aparcar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							-E ^v
<i>apoimento</i>	<i>apor</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>aportamento</i>	<i>aportar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aposentamento</i>	<i>aposentar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							-E ^v
<i>aproamento</i>	<i>aproar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>armazenamento</i>	<i>armazenar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>arrecadamento</i>	<i>arrecadar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>arrolamento</i>	<i>arrolar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>assoalhamento</i>	<i>assoalhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>atulhamento</i>	<i>atulhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>carrilamento</i>	<i>carrilar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desaforamento</i>	<i>desaforar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desalfandegamento</i>	<i>desalfandegar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

¹⁹ DV: «A moradia que se dava aos que estavam assentados por fidalgos no livro de el-rei.»

²⁰ DV: «No velho direito feudal, o privilegio que tem o senhor de ir pousar em casa do seu vassallo.»

produto	trans locativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	part	che g	tél/ resul	p e r f	proce s	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impo sto	loc
<i>desalojamento</i>	<i>desalojar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desempacotamento</i>	<i>desempacotar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desenfardamento</i>	<i>desenfardar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desenterramento</i>	<i>desenterrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>emaçamento</i>	<i>emaçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>embarcamento</i>	<i>embarcar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>embarricamento</i>	<i>embarricar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>embarrilamento</i>	<i>embarrilar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>embaulamento</i>	<i>embaular</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>embocamento</i>	<i>embocar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							-E ^v
<i>embocetamento</i>	<i>embocetar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>embotijamento</i>	<i>embotijar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>empacotamento</i>	<i>empacotar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>empapelamento</i>	<i>empapelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>empicotamento</i>	<i>empicotar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>empilhamento</i>	<i>empilhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>empoçamento</i>	<i>empoçar</i> ‘pôr em’		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encabeçamento</i>	<i>encabeçar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^{σ21}		S ^s							
<i>encadeamento</i>	<i>encadear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encaixamento</i>	<i>encaixar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encaixotamento</i>	<i>encaixotar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encalhamento</i>	<i>encalhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encaminhamento</i>	<i>encaminhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encanamento</i>	<i>encanar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encarceramento</i>	<i>encarcerar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							-E ^v
<i>encarreiramento</i>	<i>encarreirar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encasamento</i>	<i>encasar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encastramento</i>	<i>encastrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							

²¹ Bluteau: «disposição legal, que se faz quando se constitue a Pedro v.g. senhor de algum prazo em Fatiota com a obrigação de dar aos mais herdeyros a estimação, que he darlhe em dinheyro a sua parte, que lhe cabe no tal prazo. V Encabeçar hum morgado. He fazer cabeça de morgado a huma propriedade, que rende mais. Por ser mayor, & principal, se faz délla cabeça.».

produto	trans locativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	part	che g	tél/ resul	p e r f	proce s	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impo sto	loc
<i>enceleiramento</i>	<i>enceleirar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encerramento</i>	<i>encerrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encinchamento</i>	<i>encinchar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enclaustramento</i>	<i>enclaustrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encobrimento</i>	<i>encobrir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encostamento</i>	<i>encostar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encurrallamento</i>	<i>encurrallar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enfardamento</i>	<i>enfardar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enfasamento</i>	<i>enfasar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enfeixamento</i>	<i>enfeixar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enfiamento</i>	<i>enfiar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>enfileiramento</i>	<i>enfileirar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>enforcamento</i>	<i>enforçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enfunilamento</i>	<i>enfunilar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>engaiolamento</i>	<i>engaiolar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>engarraçamento</i>	<i>engarraçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>engarrafonamento</i>	<i>engarrafonar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>englobamento</i>	<i>englobar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>engranzamento</i>	<i>engranzar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enlatamento</i>	<i>enlatar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enliçamento</i>	<i>enliçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enquadramento</i>	<i>enquadrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enrizamento</i>	<i>enrizar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>ensacamento</i>	<i>ensacar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>ensamblamento</i>	<i>ensamblar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>enseiramento</i>	<i>enseirar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enterramento</i>	<i>enterrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>entesouramento</i>	<i>entesourar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>entocamento</i>	<i>entocar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>entrincheiramento</i>	<i>entrincheirar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							

produto	trans locativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	part	che g	tél/ resul	p e r f	proce s	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impo sto	loc
<i>entronizamento</i>	<i>entronizar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>envasilhamento</i>	<i>envasilhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>envergamento</i>	<i>envergar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>escondimento</i>	<i>esconder</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>insulamento</i>	<i>insular</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>internamento</i>	<i>internar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>intrometimento</i>	<i>intrometer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>isolamento</i>	<i>isolar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>leilamento</i>	<i>leiloar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>ordenamento</i>	<i>ordenar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>recenseamento</i>	<i>recensear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>recolhimento</i>	<i>recolher</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							-E ^v
<i>reordenamento</i>	<i>reordenar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>repatriamento</i>	<i>repatriar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>sepultamento</i>	<i>sepultar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>sopeamento</i>	<i>sopelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>soterramento</i>	<i>soterrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>submetimento</i>	<i>submeter</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>substabelecimento</i>	<i>substabelecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>tabelamento</i>	<i>tabelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>unhamento</i>	<i>unhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							-Ec ^v
<i>entrelaçamento</i>	<i>entrelaçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>entremetimento</i>	<i>entremeter</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>envolvimento</i>	<i>envolver</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>posicionamento</i>	<i>posicionar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

Tabela X f 18. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases transitivas locativas

produto	trans direcção específica	pon t	dura t	ci	súbit o	inten s	op di f	par t	che g	tél/ resul	pe rf	proce s	cau s	ob j	inst r	inst r aut	ex p	impo sto	loc
<i>abaixamento</i>	<i>abaixar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>abatimento</i>	<i>abater</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>abeiramento</i>	<i>abeirar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>absorvimento</i>	<i>absorver</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>achegamento</i>	<i>achegar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acurvamento</i>	<i>acurvar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>adiamento</i>	<i>adiar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>adiantamento</i>	<i>adiantar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>afastamento</i>	<i>afastar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>afundamento</i>	<i>afundar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>afundimento</i>	<i>afundir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>alamento</i>	<i>alar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>alçamento</i>	<i>alçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>alheamento</i>	<i>alhear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>alienamento</i>	<i>alienar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>alteamento</i>	<i>altear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aluímento</i>	<i>aluir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>apartamento</i>	<i>apartar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s							-E ^{ex,σ}
<i>apeamento</i>	<i>apear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>arredamento</i>	<i>arredar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>arriamento</i>	<i>arriar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>atraitamento</i>	<i>atrair</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>atrasamento</i>	<i>atrasar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>avançamento</i>	<i>avançar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>bandeamento</i>	<i>bandear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>banimento</i>	<i>banir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>derramamento</i>	<i>derramar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc ²²		S ^s							
<i>derrocamento</i>	<i>derrocar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

²² DV: «Raiva, hydrophobia de cães e outros animaes.».

produto	trans direcção específica	pon t	dura t	ci	súbit o	inten s	op di f	par t	che g	tél/ resul	pe rf	proce s	cau s	ob j	inst r	inst r aut	ex p	impo sto	loc
<i>derrubamento</i>	<i>derrubar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>derruimento</i>	<i>derruir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desabamento</i>	<i>desabar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>descarregamento</i>	<i>descarregar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>descarrilamento</i>	<i>descarrilar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desencaminhamen to</i>	<i>desencaminha r</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desmoronamento</i>	<i>desmoronar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>despejamento</i>	<i>despejar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>despenhamento</i>	<i>despenhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>despistamento</i>	<i>despistar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>destacamento</i>	<i>destacar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>diferimento</i>	<i>diferir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>distanciamento</i>	<i>distanciar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>esbarrondamento</i>	<i>esbarrondar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>exalçamento</i>	<i>exalçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>exaltamento</i>	<i>exaltar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>extravasamento</i>	<i>extravasar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>guindamento</i>	<i>guindar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>içamento</i>	<i>içar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>levantamento</i>	<i>levantar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>levamento</i>	<i>levar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>prosternamento</i>	<i>prosternar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>prostramento</i>	<i>prostrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>protraimento</i>	<i>protrair</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>retiramento</i>	<i>retirar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>retornamento</i>	<i>retornar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>retraimento</i>	<i>retrair</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,ex,s} -E ^σ		S ^s							-E ^{ex}
<i>solevantamento</i>	<i>solevantar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>sublevantamento</i>	<i>sublevantar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans direção específica	pon t	dura t	ci	súbit o	inten s	op di f	par t	che g	tél/ resul	pe rf	proce s	caus s	obj	instr r	instr r aut	exp	impo sto	loc
<i>subvertimento</i>	<i>subverter</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>vazamento</i>	<i>vazar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>derribamento</i>	<i>derribar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>esbarrocamento</i>	<i>esbarrocar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 19. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica

produto	trans lançar	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>abalaçamento</i>	<i>abalaçar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>arremessamento</i>	<i>arremessar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							
<i>desferimento</i>	<i>desferir</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							
<i>lançamento</i>	<i>lançar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							
<i>regurgitamento</i>	<i>regurgitar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							
<i>relançamento</i>	<i>relançar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 20. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de lançar

produto	trans mover-se o sujeito	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	part	cheg	tél/ resul	p e r f	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>abocamento</i>	<i>abocar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>atravessamento</i>	<i>atravessar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>cruzamento</i>	<i>cruzar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>escalamento</i>	<i>escalar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>ladeamento</i>	<i>ladear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>revezamento</i>	<i>revezar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							
<i>seguimento</i>	<i>seguir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>sobrepujamento</i>	<i>sobrepujar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>transpassamento</i>	<i>transpassar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 21. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de mover-se o sujeito em relação a objecto

produto	trans mover objecto	pon t	dura t	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	perf	proce s	cau s	obj	instr	instr aut	exp	impost o	loc
<i>alastramento</i>	<i>alastrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>bandeamento</i>	<i>bandear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>contramovimento</i>	<i>contramover</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>demovimento</i>	<i>demover</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>deslocamento</i>	<i>deslocar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s		-E ^{v23}					
<i>espalhamento</i>	<i>espalhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>espargimento</i>	<i>espargir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>espraçamento</i>	<i>espraçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>movimento</i>	<i>mover</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>prosseguimento</i>	<i>prosseguir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							-E ^v
<i>removimento</i>	<i>remover</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>rolamento</i>	<i>rolar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>transpassamento</i>	<i>transpassar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>transvasamento</i>	<i>transvasar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>traspassamento</i>	<i>traspassar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 22. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de mover objecto

produto	trans mover através de força	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>arrancamento</i>	<i>arrancar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>arrojamento</i>	<i>arrojar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>extirpamento</i>	<i>extirpar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>tiramento</i>	<i>tirar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>tomamento</i>	<i>tomar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 23. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de mover através de força

produto	trans configuração espacial	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	impos to	loc
<i>assentamento</i>	<i>assentar</i>	E ^c								E ^{e,s} -E ^{con} ^{σ24}		S ^s							-E ^{p^v} -E ^{v,σ}

²³ DLP: «número de toneladas métricas de água deslocada por um navio».

²⁴ Bluteau: «He huma especie de moradia, concedida a quem està assentado nos livros del-Rey por fidalgo».

produto	trans configuração espacial	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>descruzamento</i>	<i>descruzar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desdobramento</i>	<i>desdobrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>prosternamento</i>	<i>prosternar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>prostramento</i>	<i>prostrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>acurvamento</i>	<i>acurvar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aluímento</i>	<i>aluir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>arriamento</i>	<i>arriar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>arruinamento</i>	<i>arruinar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>derribamento</i>	<i>derribar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>derrocamento</i>	<i>derrocar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>derrubamento</i>	<i>derrubar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>derruimento</i>	<i>derruir</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>desmoronamento</i>	<i>desmoronar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>esbarrondamento</i>	<i>esbarrondar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>esbarrocamento</i>	<i>esbarrocar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>despenhamento</i>	<i>despenhar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 24. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de colocar em configuração espacial

produto	trans enviar	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>aviamento</i>	<i>aviar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>endereçamento</i>	<i>endereçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>expedimento</i>	<i>expedir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enviamento</i>	<i>enviar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>remetimento</i>	<i>remeter</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 25. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de enviar

produto	trans carregar/rebocar	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>acarretamento</i>	<i>acarretar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,ex,s}		S ^s						-E ^{ex}	
<i>acartamento</i>	<i>acartar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>arrastamento</i>	<i>arrastar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>guiamento</i>	<i>guiar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>transportamento</i>	<i>transportar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 26. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de carregar/rebocar

produto	trans <u>contacto por</u> <u>impacto</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>abalroamento</i>	<i>abalroar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^{σ25}		S ^s							

Tabela X f 27. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de contacto por impacto

produto	trans <u>mover sem</u> <u>alteração</u> <u>espacial</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	p e r f	proces	caus	ob j	instr	instr aut	exp	imposto	lo c
<i>abalamento</i>	<i>abalar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>abrimento</i>	<i>abrir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -E ^σ -E ^σ conc		S ^s							
<i>acocoramento</i>	<i>acocorar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>acuamento</i>	<i>acuar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>agachamento</i>	<i>agachar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>agitamento</i>	<i>agitar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>arrebatoamento</i>	<i>arrebatar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>brandimento</i>	<i>brandir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>destorcimento</i>	<i>destorcer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>envessamento</i>	<i>envesar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>envessamento</i>	<i>envessar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>meneamento</i>	<i>menear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>reviramento</i>	<i>revirar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>revolvimento</i>	<i>revolver</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>sacudimento</i>	<i>sacudir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

²⁵DV: «O estado proveniente do acto de abalroação, ou abalroada. Estes tres substantivos são synonymos, mas tem características que estabelecem uma diferença de significação: Abalroação é a acção abstracta, possível e tendendo a effectuar-se; Abalroada, o facto dado e actuante; abalroamento é o estado resultante, e por onde se julga. Na linguagem da jurisprudencia commercial tem todos o mesmo sentido.»

produto	trans <u>mover sem</u> <u>alteração</u> <u>espacial</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resul	p e r f	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>torcimento</i>	<i>torcer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>viramento</i>	<i>virar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

Tabela X f 28. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases transitivas sem alteração espacial

produto	trans <u>cercar</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>abarcamento</i>	<i>abarc</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>abraçamento</i>	<i>abraçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>abrangimento</i>	<i>abranger</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>açambarcamento</i>	<i>açambarcar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>rodeamento</i>	<i>rodear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 29. Semantismos dos produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de cercar

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
<i>abacinamento</i>	<i>abacinar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>abajoujamento</i>	<i>abajoujar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>abandalhamento</i>	<i>abandalhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>abastardamento</i>	<i>abastardar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>abaulamento</i>	<i>abaular</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>abespinhamento</i>	<i>abespinhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>abrandamento</i>	<i>abrandar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>abreviamento</i>	<i>abreviar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acabrunhamento</i>	<i>acabrunhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>acalmamento</i>	<i>acalmar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>acanhamento</i>	<i>acanhhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>acastelamento</i>	<i>acastelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>aceleramento</i>	<i>acelerar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acendramento</i>	<i>acendrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aceramento</i>	<i>acerar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>achatamento</i>	<i>achatar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>acinzamento</i>	<i>acinzar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acirramento</i>	<i>acirrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acobardamento</i>	<i>acobardar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>açodamento</i>	<i>açodar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>acomodamento</i>	<i>acomodar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acondicionamento</i>	<i>acondicionar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>açulamento</i>	<i>açular</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acurvamento</i>	<i>acurvar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>adelgaçamento</i>	<i>adelgaçar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>adestramento</i>	<i>adestrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>adoçamento</i>	<i>adoçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
<i>afazimento</i>	<i>afazer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>afeamento</i>	<i>afear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>afofamento</i>	<i>afofar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>aformoseamento</i>	<i>aformosear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>afracamento</i>	<i>afracar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>afrancesamento</i>	<i>afrancesar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>afreguesamento</i>	<i>afreguesar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>afrouxamento</i>	<i>afrouxar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>afugentamento</i>	<i>afugentar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>afunilamento</i>	<i>afunilar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>agigantamento</i>	<i>agigantar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>agravamento</i>	<i>agravar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aguçamento</i>	<i>aguçar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>aguerrimento</i>	<i>aguerrir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>ajustamento</i>	<i>ajustar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>alargamento</i>	<i>alargar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>alegramento</i>	<i>alegrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>aleijamento</i>	<i>aleijar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>aligeiramento</i>	<i>aligeirar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>alimpamento</i>	<i>alimpar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>alindamento</i>	<i>alindar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>alisamento</i>	<i>alisar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
<i>aliviamento</i>	<i>aliviar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>alombamento</i>	<i>alombar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>alongamento</i>	<i>alongar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>alquebramento</i>	<i>alquebrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>alteamento</i>	<i>altear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>aluamento</i>	<i>aluar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>alveamento</i>	<i>alvear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>alvoroçamento</i>	<i>alvoroçar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>alvorotamento</i>	<i>alvorotar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>amancebamento</i>	<i>amancebar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>amarelecimento</i>	<i>amarelecer?</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>amarrotamento</i>	<i>amarrotar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>amesquinamento</i>	<i>amesquinhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>amolecimento</i>	<i>amolecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>amortecimento</i>	<i>amortecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>anojamento</i>	<i>anojar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>anovamento</i>	<i>anovar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>aparvoamento</i>	<i>aparvoar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>apaziguamento</i>	<i>apaziguar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>aperfeiçoamento</i>	<i>aperfeiçoar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>aportuguesamento</i>	<i>aportuguesar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>apoucamento</i>	<i>apoucar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
apresamento	apresar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
apressuramento	apressurar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
aprestamento	aprestar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
aprimoramento	aprimorar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
aprofundamento	aprofundar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
aprontamento	aprontar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
apuamento	apuar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
apuramento	apurar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
aquecimento	aquecer		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,ex,s} -E ^σ		S ^s	-E ^v			-Esist ^{ex}			
aquecimento	aquecer		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
arraigamento	arraigar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
arraigamento	arrear		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
arra(e)igamento	arra(e)igar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
arrançamento	arranjar		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
arrasamento	arrasar		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
arredondamento	arredondar		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
arrefecimento	arrefecer		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
arreitamento	arrear		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
arroteamento	arrotar		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
arruinamento	arruinar		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
arvoamento	arvoar		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
assanhamento	assanhar		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
asselvajamento	asselvajar		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
atabafamento	atabafar?		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
atarefamento	atarefar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
<i>atiçamento</i>	<i>atiçar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>atordoamento</i>	<i>atordoar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>aviltamento</i>	<i>aviltar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>avivamento</i>	<i>avivar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>azamboamento</i>	<i>azamboar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>azedamento</i>	<i>azedar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>azoamento</i>	<i>azoar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>azougamento</i>	<i>azougar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>baralhamento</i>	<i>baralhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>barateamento</i>	<i>baratear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>beneficiamento</i>	<i>beneficiar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>boleamento</i>	<i>bolear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>branqueamento</i>	<i>branquear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>branquimento</i>	<i>branquir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>bronzamento</i>	<i>bronzear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>cerramento</i>	<i>cerrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>coalhamento</i>	<i>coalhar???</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc		S ^s							
<i>comedimento</i>	<i>comedir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>completamento</i>	<i>completar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>comprometimento</i>	<i>comprometer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
<i>congelamento</i>	<i>congelar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>congestionamento</i>	<i>congestionar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>congraçamento</i>	<i>congrajar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>contentamento</i>	<i>contentar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>convertimento</i>	<i>converter</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>corrompimento</i>	<i>corromper</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>cozimento</i>	<i>cozer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>crestamento</i>	<i>crestar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc		S ^s							
<i>crispamento</i>	<i>crispar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>cumprimento</i>	<i>cumprir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>curtimento</i>	<i>curtir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>danamento</i>	<i>danar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>debilitamento</i>	<i>debilitar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>definhamento</i>	<i>definhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>depauperamento</i>	<i>depauperar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>derrancamento</i>	<i>derrancar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>derreamento</i>	<i>derrear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>derretimento</i>	<i>derreter</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desacanhamento</i>	<i>desacanhhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
<i>desafinamento</i>	<i>desafinar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desafrentamento</i>	<i>desafrentar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desagastamento</i>	<i>desagastar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desajustamento</i>	<i>desajustar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desalmamento</i>	<i>desalmar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desanojamento</i>	<i>desanojar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desanuviamento</i>	<i>desanuviar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desaparafusamento</i>	<i>desaparafusar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desarr(e)aiçamento</i>	<i>desarr(e)aiçar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desarrançamento</i>	<i>desarranjar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desasnamento</i>	<i>desasnar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desassombramento</i>	<i>desassombrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desavisamento</i>	<i>desavisar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desbastamento</i>	<i>desbastar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desbotamento</i>	<i>desbotar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desbragamento</i>	<i>desbragar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desbravamento</i>	<i>desbravar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>descaramento</i>	<i>descarar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>descerramento</i>	<i>descerrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>descoagulamento</i>	<i>descoagular</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
<i>desconfrangimento</i>	<i>desconfranger</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>descongestionamento</i>	<i>descongestionar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desconjuntamento</i>	<i>desconjuntar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desembaciamento</i>	<i>desembaciar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desembargamento</i>	<i>desembargar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desemparelhamento</i>	<i>desemparelhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desemperramento</i>	<i>desemperrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desencantamento</i>	<i>desencantar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desencerramento</i>	<i>desencerrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desencolhimento</i>	<i>desencolher</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desenfreamento</i>	<i>desenfrear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desengorgitamento</i>	<i>desengorgitar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desengrossamento</i>	<i>desengrossar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desenlaçamento</i>	<i>desenlaçar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desenregelamento</i>	<i>desenregular</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desenrolamento</i>	<i>desenrolar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desentoamento</i>	<i>desentoar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desentorpecimento</i>	<i>desentorpecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desenvolvimento</i>	<i>desenvolver</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desfalcamento</i>	<i>desfaltar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desfasamento</i>	<i>desfasar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desimpedimento</i>	<i>desimpedir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desingurgitamento</i>	<i>desingurgitar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>deslaçamento</i>	<i>deslaçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>deslavamento</i>	<i>deslavar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
<i>desligamento</i>	<i>desligar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>deslindamento</i>	<i>deslindar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desmantelamento</i>	<i>desmantelar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desnervamento</i>	<i>desnervar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desnivelamento</i>	<i>desnivelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>desnorreamento</i>	<i>desnorrear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>despedimento</i>	<i>despedir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>despegamento</i>	<i>despegar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>despolimento</i>	<i>despolir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desprendimento</i>	<i>desprender</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desregramento</i>	<i>desregrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>dessecamento</i>	<i>dessecar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>dessoramento</i>	<i>dessorar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>destrambelhamento</i>	<i>destrambelhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desvairamento</i>	<i>desvairar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>deterioramento</i>	<i>deteriorar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>devassamento</i>	<i>devassar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>dilucidamento</i>	<i>dilucidar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>diluimento</i>	<i>diluir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc		S ^s							
<i>dobramento</i>	<i>dobrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>doiramento</i>	<i>doirar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>douramento</i>	<i>dourar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>dosamento</i>	<i>dosar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
<i>doutoramento</i>	<i>doutorar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>doutrinação</i>	<i>doutrinar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>embaciamento</i>	<i>embaciar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>embargamento</i>	<i>embargar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>embebedamento</i>	<i>embebedar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>embelezamento</i>	<i>embelezar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>embotamento</i>	<i>embotar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>embriagamento</i>	<i>embriagar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empanamento</i>	<i>empanar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empandeiramento</i>	<i>empandeirar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empanturramento</i>	<i>empanturrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empanzinamento</i>	<i>empanzinar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empastamento</i>	<i>empastar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empastelamento</i>	<i>empastelar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empavesamento</i>	<i>empavesar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empecimento</i>	<i>empecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empeçonhamento</i>	<i>empeçonhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empedernimento</i>	<i>empedernir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empenamento</i>	<i>empenar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
<i>emperramento</i>	<i>emperrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>empolgamento</i>	<i>empolgar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enaltecimento</i>	<i>enaltecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encalmamento</i>	<i>encalmar</i> 'aquecer'		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encanzinamento</i>	<i>encanzinar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encardinamento</i>	<i>encardinar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encarniçamento</i>	<i>encarniçar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encarquilhamento</i>	<i>encarquilhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encartamento</i>	<i>encartar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encascalhamento</i>	<i>encascalhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encobrimento</i>	<i>encobrir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encorpamento</i>	<i>encorpar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encoscoramento</i>	<i>encoscorar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encravamento</i>	<i>encravar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encrespamento</i>	<i>encrespar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encruamento</i>	<i>encruar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>encruzamento</i>	<i>encruzar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encurtamento</i>	<i>encurtar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encurvamento</i>	<i>encurvar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>endeusamento</i>	<i>endeusar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>endoidecimento</i>	<i>endoidecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enduramento</i>	<i>endurar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
<i>enegrecimento</i>	<i>enegrecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enfartamento</i>	<i>enfartar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enfatuamento</i>	<i>enfaturar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enferrujamento</i>	<i>enferrujar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enfezamento</i>	<i>enfezar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enforquilhamento</i>	<i>enforquilhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enfraqüecimento</i>	<i>enfraqüecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enfreamento</i>	<i>enfrear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enfurecimento</i>	<i>enfurecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>engasgamento</i>	<i>engasgar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>engessamento</i>	<i>engessar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>englobamento</i>	<i>englobar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>engorduramento</i>	<i>engordurar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -Econc ^{σ1}		S ^s							
<i>engrandecimento</i>	<i>engrandecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>engrossamento</i>	<i>engrossar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enguiçamento</i>	<i>enguiçar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enjoamento</i>	<i>enjoar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enleamento</i>	<i>enlear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enlouquecimento</i>	<i>enlouquecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enobrecimento</i>	<i>enobrecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

¹ DLP: Doença dos vinhos.

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
<i>enraivecimento</i>	<i>enraivecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enrarecimento</i>	<i>enrarecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enregelamento</i>	<i>enregelar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enrijamento</i>	<i>enrijar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enriquecimento</i>	<i>enriquecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enrolamento</i>	<i>enrolar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>enroscamento</i>	<i>enroscar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enrouquecimento</i>	<i>enrouquecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enrubescimento</i>	<i>enrubescer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enrugamento</i>	<i>enrugar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>ensoberbecimento</i>	<i>ensoberbecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>ensolvamento</i>	<i>ensolvar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>ensurdecimento</i>	<i>ensurdecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enteamento</i>	<i>entear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>entibiamiento</i>	<i>entibiar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>entontecimento</i>	<i>entontecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>entorpecimento</i>	<i>entorpecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>entrevamento</i>	<i>entrevar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>entrevhecimento</i>	<i>entrevecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>entristecimento</i>	<i>entristecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
<i>entupimento</i>	<i>entupir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>envaidecimento</i>	<i>envaidecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>envelhecimento</i>	<i>envelhecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enverdecimento</i>	<i>enverdecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>envilecimento</i>	<i>envilecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enxovalhamento</i>	<i>enxovalhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enxugamento</i>	<i>enxugar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>ermamento</i>	<i>ermar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -E ^{conc} ^σ		S ^s							-E ^{v,σ}
<i>esbatimento</i>	<i>esbater</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>esbofamento</i>	<i>esbofar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>esboroamento</i>	<i>esboroar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>esbraseamento</i>	<i>esbrasear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>escarpamento</i>	<i>escarpar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>escolhimento</i>	<i>escolher</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>escurecimento</i>	<i>escurecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>esfacelamento</i>	<i>esfacelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>esfalfamento</i>	<i>esfalfar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>esfarelamento</i>	<i>esfarelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>esfarrapamento</i>	<i>esfarrapar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>esfriamento</i>	<i>esfriar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>esmagamento</i>	<i>esmagar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>esmigalhamento</i>	<i>esmigalhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>esmorecimento</i>	<i>esmorecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
<i>espertamento</i>	<i>espertar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>estafamento</i>	<i>estafar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>estazamento</i>	<i>estazar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc ^{σ2}		S ^s							
<i>estiolamento</i>	<i>estiolar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc ^{σ3}		S ^s							
<i>estiramento</i>	<i>estirar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>estonteamento</i>	<i>estontear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>estraçalhamento</i>	<i>estraçalhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>estragamento</i>	<i>estragar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>estrangulamento</i>	<i>estrangular</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>estreitamento</i>	<i>estreitar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>estroncamento</i>	<i>estroncar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>estropiamento</i>	<i>estropiar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>estrugimento</i>	<i>estrugir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>esvaziamento</i>	<i>esvaziar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>exalçamento</i>	<i>exalçar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>exaltamento</i>	<i>exaltar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>excitamento</i>	<i>excitar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>falquejamento</i>	<i>falquejar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>falseamento</i>	<i>falsear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

² DV: «doença do cavallo mui puxado».

³ DV: «doença dos vegetaes que estão privados da luz necessaria á sua vegetação ».

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
<i>fechamento</i>	<i>fechar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>fendimento</i>	<i>fender</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>ferimento</i>	<i>ferir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>filhamento</i>	<i>filhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>finamento</i>	<i>finar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>fincamento</i>	<i>fincar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>firmamento?</i>	<i>firmar????</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s	-E ^{ex,s?}						-E ^{ex?}
<i>forramento</i>	<i>forrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>fortalecimento</i>	<i>fortalecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>franzimento</i>	<i>franzir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>gretamento</i>	<i>gretar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>humedecimento</i>	<i>humedecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>igualamento</i>	<i>igualar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>incitamento</i>	<i>incitar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>inebriamento</i>	<i>inebriar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>ingurgitamento</i>	<i>ingurgitar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>inquietamento</i>	<i>inquietar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>inquinamento</i>	<i>inquinar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>inspissamento</i>	<i>Inspissar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>intemperamento</i>	<i>intemperar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
<i>laidamento</i>	<i>laidar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ⁴		S ^s							
<i>lavamento</i>	<i>lavar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>lavramento</i>	<i>lavarar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>lenimento</i>	<i>lenir</i>		E ^e							E ^e		S ^s	-E ^{v,s}						
<i>limpamento</i>	<i>limpar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>livramento</i>	<i>livrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>maceramento</i>	<i>macerar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>mantimento</i>	<i>manter</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s	-Ecol ^v						
<i>melhoramento</i>	<i>melhorar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>moimento</i>	<i>moer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>nivelamento</i>	<i>nivelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>obscurecimento</i>	<i>obscurecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>ofuscamento</i>	<i>ofuscar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>pejamento</i>	<i>pejar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s	-E ^v						
<i>perfilhamento</i>	<i>perfilhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>polimento</i>	<i>polir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>processamento</i>	<i>processar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>prolongamento</i>	<i>prolongar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>quebramento</i>	<i>quebrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>quebrantamento</i>	<i>quebrantar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

⁴ 'Ferida'.

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
			-E ^σ							-E ^σ									
queimamento	queimar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
quitamento	quitar	E ^c								E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
raleamento	ralear		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
rareamento	rarear		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
rasgamento	rasgar		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
reajustamento	reajustar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
reatamento	reatar	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
rebaixamento	rebaixar		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
recalcamento	recalcar		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
recozimento	recozer		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
redobramento	redobrar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
refazimento	refazer		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
refendimento	refender		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
refinamento	refinar		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
refocilamento	refocilar		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
refrescamento	refrescar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
regulamento	regular		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
relaxamento	relaxar		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
renovamento	renovar		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
resfriamento	resfriar		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
respançamento	respançar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
restringimento	restringir		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
ressarcimento	ressarcir??		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
			-E ^σ							-E ^σ									
<i>restabelecimento</i>	<i>restabelecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>retardamento</i>	<i>retardar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>retesamento</i>	<i>retesar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>revolucionamento</i>	<i>revolucionar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>rompimento</i>	<i>romper</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>salvamento</i>	<i>salvar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>saneamento</i>	<i>sanear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>sazoamento</i>	<i>sazoar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>sazonamento</i>	<i>sazonar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>serramento</i>	<i>serrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>sessamento</i>	<i>sessar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>sobre-aquecimento</i>	<i>sobre-aquecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>solapamento</i>	<i>solapar??</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>sopitamento</i>	<i>sopitar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>subdesenvolvimento</i>	<i>subdesenvolver</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>subornamento</i>	<i>subornar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>sufocamento</i>	<i>sufocar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>talamento</i>	<i>talar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>temperamento</i>	<i>temperar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>tingimento</i>	<i>tingir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>tolhimento</i>	<i>tolher</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op di f	par t	cheg	tél/ resul	pe rf	proce s	caus	o bj	instr	instr aut	e x p	imposto	loc
			-E ^σ							-E ^σ									
<i>torvamento</i>	<i>torvar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>travamento</i>	<i>travar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>treinamento</i>	<i>treinar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>trilhamento</i>	<i>trilhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>tritramento</i>	<i>triturar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>truncamento</i>	<i>truncar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>turbamento</i>	<i>turbar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>turvamento</i>	<i>turvar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>vascoejamento</i>	<i>vascolear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>vozeamento</i>	<i>vozear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

Tabela X f 30. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas causativas

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	par t	che g	tél/ resul	p e rf	proce s	cau s	obj	in st r	inst r aut	exp	impo sto	loc
<i>abarracamento</i>	<i>abarracar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					-E ^σ
<i>abolorecimento</i>	<i>abolorecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>abrasamento</i>	<i>abrasar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>acabamento</i>	<i>acabar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>acendimento</i>	<i>acender</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>afogoeamento</i>	<i>afogoear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>aforquilhamento</i>	<i>aforquilhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>ajardinamento</i>	<i>ajardinar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	par t	che g	tél/ resul	p e rf	proce s	cau s	obj	in st r	inst r aut	exp	impo sto	loc
										-Econc									
alanhamento	alanhar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
aluviamiento	aluviar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
										-Econc									
amolçamento	amolgar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
										-Econc									
arrugamento	arrugar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
										-Econc									
caldeamento	caldear		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
calejamento	calejar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
										-Econc									
cometimento	cometer		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
										-Econc									
concebimento	conceber		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
condimento	condir??		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s	-E ^v						
delineamento	delinear		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
desencadeamento	desencadear	E ^c	E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
dimensionamento	dimensionar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
empolamento	empolar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
										-E ^σ									
enateiramento	enateirar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
										-E ^σ									
enfardamento	enfardar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
										-Econc									
enfeixamento	enfeixar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
										-Econc									
enovelamento	enovelar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
										-E ^σ									
enraizamento	enraizar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
enramamento	enramar 'criar ramos'		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
										-Ecol									
enrolamento	enrolar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
										-Ecol									
enroscamento	enroscar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
entalhamento	entalhar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
										-Ecol									
enteamento	entear		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	par t	che g	tél/ resul	p e rf	proce s	cau s	obj	in st r	inst r aut	exp	impo sto	loc
										-Ecol									
<i>entrançamento</i>	<i>entrançar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>entrelinhamento</i>	<i>entrelinhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>entretecimento</i>	<i>entretecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>esquadreamento</i>	<i>esquadrear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>estabelecimento</i>	<i>estabelecer</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>fingimento</i>	<i>fingir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>forjamento</i>	<i>forjar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>fundamento</i>	<i>fundar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>gizamento</i>	<i>gizar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>incendimento</i>	<i>incender</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>lineamento</i>	°linear		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>mestiçamento</i>	<i>mestiçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>muramento</i>	<i>murar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>panejamento</i>	<i>panejar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>perfazimento</i>	<i>perfazer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>planeamento</i>	<i>planear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>planejamento</i>	<i>planejar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>suscitamento</i>	<i>suscitar</i>	E ^c	E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>talhamento</i>	<i>talhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>traçamento</i>	<i>traçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>trajejamento</i>	<i>trajejar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>urdimento</i>	<i>urdir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					

Tabela X f 31. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas resultativas

produto	trans objecto negativo	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	part	cheg	tél/ resul	pe rf	proces	caus	obj	in str	instr aut	ex p	imposto	lo c
<i>abolimento</i>	<i>abolir</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>afogamento</i>	<i>afogar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aniquilamento</i>	<i>aniquilar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>apagamento</i>	<i>apagar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>apancamento</i>	<i>apancar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>arrasamento</i>	<i>arrasar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>assassinamento</i>	<i>assassinar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>assolamento</i>	<i>assolar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>atalhamento</i>	<i>atalhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -E ^{conc} ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>cancelamento</i>	<i>cancelar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>cerceamento</i>	<i>cercear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>cessamento</i>	<i>cessar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>chapotamento</i>	<i>chapotar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>chupamento</i>	<i>chupar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>co(i)utamento</i>	<i>co(i)utar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>condenamento</i>	<i>condenar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>cortamento</i>	<i>cortar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>decepamento</i>	<i>decepar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>defloramento</i>	<i>deflorar</i>	E ^c								E ^{e,s5}		S ^s							
<i>defraudamento</i>	<i>defraudar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>degradamento</i>	<i>degradar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>derribamento</i>	<i>derribar</i>	E ^c								E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>derrogamento</i>	<i>derrogar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>desbaratamento</i>	<i>desbaratar</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>dilaceramento</i>	<i>dilacerar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>encetamento</i>	<i>encetar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>escalavramento</i>	<i>escalavrar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>escanhoamento</i>	<i>escanhoar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>esfacelamento</i>	<i>esfacelar</i>	E ^c								E ^{e,s} -E ^{conc}		S ^s							

⁵ DV: «Termo de antigos costumes feudaes. – *Direito de defloramento*, synonymo de direito de pernada.»

produto	trans objecto negativo	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>estropiamento</i>	<i>estropiar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>indeferimento</i>	<i>indeferir</i>	E ^c								E ^{e,s} -E ^{conc}		S ^s							
<i>linchamento</i>	<i>linchar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>talamento</i>	<i>talar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>tragamento</i>	<i>tragar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 32. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de objecto negativo

produto	trans ferir	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>aço(i)utamento</i>	<i>aço(i)utar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acutilamento</i>	<i>acutilar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>alanhamento</i>	<i>alanhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>atropelamento</i>	<i>atropelar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>esfaqueamento</i>	<i>esfaquear</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>surramento</i>	<i>surrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 33. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de ferir

produto	trans percepção	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>achamento</i>	<i>achar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>afilamento</i>	<i>afilar</i> 'aferir'		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>apercebimento</i>	<i>aperceber</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>apreçamento</i>	<i>apreçar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>apreciamento</i>	<i>apreciar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>despercebimento</i>	<i>desperceber</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>discernimento</i>	<i>discernir</i>	E ^c								E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>descobrimento</i>	<i>descobrir</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>percebimento</i>	<i>perceber</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>rastejamento</i>	<i>rastejar</i> 'seguir o objecto'		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans percepção	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
reconhecimento	reconhecer	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
visionamento	visionar		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							

Tabela X f 34. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de percepção

produto	trans transferência de posse	pont	dura t	ci	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e rf	proce s	caus	obj	i n str	instr aut	exp	imposto	loc
aforamento	aforar	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
afretamento	afretar	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
alheamento	alhear	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
alienamento	alienar	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
alugamento	alugar	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
apoderamento	apoderar-se	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
arrendamento	arrendar	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
assenhoreamento	assenhorear-se	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
co-arrendamento	co-arrendar	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
empossamento	empossar	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
fretamento	fretar	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
leilamento	leiloar	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
oferecimento	oferecer	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
ofertamento	ofertar	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
outorgamento	outorgar	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
pagamento	pagar	E ^c								E ^{c,s} -Econc ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
subarrendamento	subarrendar	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
subemprego	subempregar	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
vendimento	vender	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							

Tabela X f 35. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de transferência de posse

produto	trans prover de	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	pro ces	caus	obj	i n s t r	inst r aut	ex p	impos to	loc
<i>abacelamento</i>	<i>abacelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>abarrancamento</i>	<i>abarrancar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>abastamento</i>	<i>abastar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>abastecimento</i>	<i>abastecer</i>		E ^c							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acafelamento</i>	<i>acafelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acairelamento</i>	<i>acairelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aceramento</i>	<i>acerar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acolchoamento</i>	<i>acolchoar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acrescentamento</i>	<i>acrescentar</i>	E ^c								E ^{e,s} -E ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>adicionamento</i>	<i>adicionar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>adimento</i>	<i>adir</i>	E ^c								E ^{e,s} -E ^{con} ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>adimplimento</i>	<i>adimplir</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>aditamento</i>	<i>aditar</i>	E ^c								E ^{e,s} -E ^{con} ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>adubamento</i>	<i>adubar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>agraciamento</i>	<i>agraciar</i>	E ^c								E ^{e,s} -E ^{con} ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
<i>alagamento</i>	<i>alagar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>alatoamento</i>	<i>alatoar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>alcatroamento</i>	<i>alcatroar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -E ^{con}		S ^s							
<i>alceamento</i>	<i>alcear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aleitamento</i>	<i>aleitar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>alfaiamento</i>	<i>alfaiar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>alumiamiento</i>	<i>alumiar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>aparceramento</i>	<i>aparcerar</i> 'parcel'		E ^{e,s}							E ^{e,s} -E ^{con}		S ^s							
<i>apascentamento</i>	<i>apascentar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>apedramento</i>	<i>apedrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -E ^{con}		S ^s							
<i>aperceimento</i>	<i>aperceber</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans prover de	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	pro ces	caus	obj	i n s t r	inst r aut	ex p	impos to	loc
<i>apontamento</i>	<i>apontar</i> 'pôr nota'	E ^c								E ^{e.s} -Econc ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>areamento</i>	<i>arear</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>arejamento</i>	<i>arejar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>armamento</i>	<i>armar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s	-Ecol ^v						
<i>arrobamento</i>	<i>arrobar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>arrolhamento</i>	<i>arrolhar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>aspersimento</i>	<i>aspergir</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>assalariamento</i>	<i>assalar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>assinalamento</i>	<i>assinalar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s	-E ^v						
<i>assombramento</i>	<i>assombrar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>assombreamento</i>	<i>assombrar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>atafulhamento</i>	<i>atafulhar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>ataviamento</i>	<i>ataviar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>atestamento</i>	<i>atestar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>atulhamento</i>	<i>atulhar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>autofinanciamento</i>	<i>autofinanciar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s	-E ^v						
<i>averbamento</i>	<i>averbar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s} -Econc		S ^s							
<i>avigoroamento</i>	<i>avigorar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>azougamento</i>	<i>azougar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>azulamento</i>	<i>azular</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>balizamento</i>	<i>balizar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>bastimento</i>	<i>bastir</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s	-Ecol ^s						
<i>calafetamento</i>	<i>calafetar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s} -Econc		S ^s							
<i>calcetamento</i>	<i>calcetar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>caldeamento</i>	<i>caldear</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>carregamento</i>	<i>carregar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s	-E ^v						
<i>cobrimento</i>	<i>cobrir</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s	-E ^v						
<i>completar</i>	<i>completar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s	-E ^v						
<i>condicionamento</i>	<i>condicionar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>coroamento</i>	<i>coroar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s	-E ^v						
<i>cotamento</i>	<i>cotar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>custeamento</i>	<i>custear</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							

produto	trans prover de	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	pro ces	caus	obj	i n s t r	inst r aut	ex p	impos to	loc
<i>dou(i)ramento</i>	<i>dou(i)rar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s} -Econc		S ^s							
<i>emadearamento</i>	<i>emadear</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>embalsamamento</i>	<i>embalsamar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>embasamento</i>	<i>embasar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s	-E ^v						
<i>embelezamento</i>	<i>embelezar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>emboçamento</i>	<i>emboçar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>embrulhamento</i>	<i>embrulhar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>empachamento</i>	<i>empachar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>empalhamento</i>	<i>empalhar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>empanamento</i>	<i>empanar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>empapelamento</i>	<i>empapelar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>emparelhamento</i>	<i>emparelhar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>empastamento</i>	<i>empastar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>empeçonhamento</i>	<i>empeçonhar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>empedramento</i>	<i>empedrar</i> 'aplicar pedra'		E ^{e.s}							E ^{e.s} -Econc		S ^s							
<i>empestamento</i>	<i>empestar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>emplastramento</i>	<i>emplastrar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>empoamento</i>	<i>empoar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>empossamento</i>	<i>empossar</i>	E ^c								E ^{e.s}		S ^s							
<i>encabrestamento</i>	<i>encabrestar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>encalmamento</i>	<i>encalmar</i> 'aquecer'		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>encardinamento</i>	<i>encardinar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>encartamento</i>	<i>encartar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>encascalhamento</i>	<i>encascalhar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>enceramento</i>	<i>encerar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>enchimento</i>	<i>encher</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s	-E ^v						
<i>encilhamento</i>	<i>encilhar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>encodeamento</i>	<i>encodear</i> 'cobrir de cõdeas'		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>encolamento</i>	<i>encolar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>encordoamento</i>	<i>encordoar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>encorreamento</i>	<i>encorrear</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
<i>encravamento</i>	<i>encravar</i>		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							

produto	trans prover de	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	pro ces	caus	obj	i n s t r	inst r aut	ex p	impos to	loc
<i>endossamento</i>	<i>endossar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enfarinhamento</i>	<i>enfarinhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enfartamento</i>	<i>enfartar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enfeitamento</i>	<i>enfeitar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enferrujamento</i>	<i>enferrujar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enfivelamento</i>	<i>enfivelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enfreamento</i>	<i>enfrear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>engessamento</i>	<i>engessar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>engorduramento</i>	<i>engordurar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>engradamento</i>	<i>engradar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>engradeamento</i>	<i>engradear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>engraxamento</i>	<i>engraxar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enjugamento</i>	<i>enjudar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enlo(u)isamento</i>	<i>enloisar/enlousar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enodoamento</i>	<i>enodoar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>enramamento</i>	<i>enramar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>enrocamento</i>	<i>enrocar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
<i>enroupamento</i>	<i>enroupar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>ensaboamento</i>	<i>ensaboar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>ensaibramento</i>	<i>ensaibrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>ensebamento</i>	<i>ensebar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>ensinamento</i>	<i>ensinar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>ensoleiramento</i>	<i>ensoleirar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>ensoreamento</i>	<i>ensorear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>entabuamento</i>	<i>entabuar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
<i>entabulamento</i>	<i>entabular</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						

produto	trans prover de	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	pro ces	caus	obj	i n s t r	inst r aut	ex p	impos to	loc
entaipamento	entaipar		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
entravamento	entravar		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
entrincheiramento	entrincheirar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s	-E ^v						
envenenamento	envenenar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
envernizamento	envernizar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
envidraçamento	envidraçar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
envigamento	envigar		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
enxameamento	enxamear		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
enxoframento	enxofrar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
equipamento	equipar		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
escoramento	escorar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
espaçamento	espaçar		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
estriamento	estriar		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
fardamento	fardar		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
financiamento	financiar		E ^{e,s}							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
fornecimento	fornecer		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
franjamento	franjar		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol		S ^s							
gasalhamento	gasalhar		E ^{e,s}							E ^{e,ex,s} -Econc ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						-E ^{ex}
gradeamento	gradear		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
guardamento	guardar		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
guarnecimento	guarnecer		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
guisamento	guisar		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
indigitamento	indigitar	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans prover de	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	pro ces	caus	obj	i n s t r	inst r aut	ex p	impos to	loc
<i>intitlamento</i>	<i>intitular</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>intoxicamento</i>	<i>intoxicar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>lajeamento</i>	<i>lajear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
<i>licenciamento</i>	<i>licenciar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>madeiramento</i>	<i>madeirar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
<i>municipamento</i>	<i>municipar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,ex,s} -Ecol ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						-E ^{ex}
<i>nutrimento</i>	<i>nutrir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s	-E ^v						
<i>olhamento</i>	<i>olhar</i> 'beneficiar'		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>ornamento</i>	<i>ornar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
<i>petrechamento</i>	<i>petrechar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
<i>polvilhamento</i>	<i>polvilhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>povoamento</i>	<i>povoar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>praguejamento</i>	<i>praguejar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>prateamento</i>	<i>pratear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>preenchimento</i>	<i>preencher</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>pregamento</i>	<i>pregar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>provimto</i>	<i>prover</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
<i>reabastecimento</i>	<i>reabastecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>rearmamento</i>	<i>rearmar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>reenchimento</i>	<i>reencher</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>refolhamento</i>	<i>refolhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>refornecimento</i>	<i>refornecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>rendilhamento</i>	<i>rendilhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>repovoamento</i>	<i>repovoar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans prover de	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	pro ces	caus	obj	i n s t r	inst r aut	ex p	impos to	loc
<i>revestimento</i>	<i>revestir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
<i>saibramento</i>	<i>saibrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>sortimento</i>	<i>sortir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
<i>superpovoamento</i>	<i>superpovoar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>suprimento</i>	<i>suprir</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>tapamento</i>	<i>tapar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
<i>travejamento</i>	<i>travejar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
<i>velamento</i>	<i>velar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
<i>viciamento</i>	<i>viciar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>vidramento</i>	<i>vidrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>vigamento</i>	<i>vigar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
<i>abalaustamento</i>	<i>abalaustrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>abarracamento</i>	<i>abarracar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^{ex}		S ^s							-E ^{ex}
<i>abarrotamento</i>	<i>abarrotar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>acolchetamento</i>	<i>acolchetar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>amuniciamento</i>	<i>amuniciar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>apainelamento</i>	<i>apainelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aparelhamento</i>	<i>aparelhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>apetrechamento</i>	<i>apetrechar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aprovisionamento</i>	<i>aprovisionar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
<i>arreamento</i>	<i>arrear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
<i>artilhamento</i>	<i>artilhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>caibramento</i>	<i>caibrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
<i>capeamento</i>	<i>capear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans <u>prover de</u>	pon t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	pro ces	caus	obj	i n s t r	inst r aut	ex p	impos to	loc
<i>cravejamento</i>	<i>cravejar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 36. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de prover de

produto	trans desprover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	lo c
<i>abafamento</i>	<i>abafar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>alijamento</i>	<i>alijar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>castramento</i>	<i>castrar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>desabafamento</i>	<i>desabafar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desabelhamento</i>	<i>desabelhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desabrochamento</i>	<i>desabrochar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desaforamento</i>	<i>desaforar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>desagriloamento</i>	<i>desagriloar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>desaparelhamento</i>	<i>desaparelhar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>desapercebimento</i>	<i>desaperceber</i>		E ^c -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desapropriamento</i>	<i>desapropriar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>desarmamento</i>	<i>desarmar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desarrolhamento</i>	<i>desarrolhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desarvoramento</i>	<i>desarvorar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desassombramento</i>	<i>desassombrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desassoreamento</i>	<i>desassorear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desatamento</i>	<i>desatar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desaterramento</i>	<i>desaterrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desatravancamento</i>	<i>desatravancar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desbarbamento</i>	<i>desbarbar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desbarrancamento</i>	<i>desbarrancar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>desbridamento</i>	<i>desbridar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>descabeçamento</i>	<i>descabeçar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>descabelamento</i>	<i>descabelar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>descaramento</i>	<i>descarar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>descarnamento</i>	<i>descarnar</i>		E ^{e,s} -Econc							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>descaroçamento</i>	<i>descaroçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>descarregamento</i>	<i>descarregar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>descascamento</i>	<i>descascar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

produto	trans desprover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	lo c
<i>descimbramento</i>	<i>descimbrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>descontamento</i>	<i>descontar</i> 'desfalcar'		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>descortiçamento</i>	<i>descortiçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desembargamento</i>	<i>desembargar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>desenfreamento</i>	<i>desenfrear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desfibramento</i>	<i>desfibrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desfloramento</i>	<i>desflorar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desflorestamento</i>	<i>desflorestar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desfolhamento</i>	<i>desfolhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>deslaçamento</i>	<i>deslaçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>deslajeamento</i>	<i>deslajear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desluzimento</i>	<i>desluzir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desmascaramento</i>	<i>desmascarar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desmastreamento</i>	<i>desmastrear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desmembramento</i>	<i>desmembrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desnervamento</i>	<i>desnervar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desnorreamento</i>	<i>desnorrear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desnudamento</i>	<i>desnudar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desossamento</i>	<i>desossar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>despimento</i>	<i>despir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>despiolhamento</i>	<i>despiolhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>despojamento</i>	<i>despojar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>despolimento</i>	<i>despolir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>despovoamento</i>	<i>despovoar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desprovemento</i>	<i>desprover</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desregramento</i>	<i>desregrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desrolhamento</i>	<i>desrolhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>dessangramento</i>	<i>dessangrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>destapamento</i>	<i>destapar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>destelhamento</i>	<i>destelhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>desterroamento</i>	<i>desterroar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>destorroamento</i>	<i>destorroar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans desprover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	pe rf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	lo c
<i>desvergonhamento</i>	<i>desvergonhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desvirginamento</i>	<i>desvirginar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>desvirtuamento</i>	<i>desvirtuar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>escalpamento</i>	<i>escalar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>escorchamento</i>	<i>escorchar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>esfolamento</i>	<i>esfolar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>esgotamento</i>	<i>esgotar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>esladramento</i>	<i>esladroar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>espreguiçamento</i>	<i>espreguiçar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>esterroamento</i>	<i>esterroar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>estonamento</i>	<i>estonar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>mungimento</i>	<i>mungir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>vaziamento</i>	<i>vaziar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 37. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de desprover de

produto	trans medir objecto	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>afilamento</i>	<i>afilar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>dimensionamento</i>	<i>dimensionar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 38. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de medir objecto

produto	trans modativo	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	per f	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>aforamento</i>	<i>aforar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>assoberbamento</i>	<i>assoberbar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>atropelamento</i>	<i>atropelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>cerceamento</i>	<i>cercear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>comportamento</i>	<i>comportar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>tratamento</i>	<i>tratar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ -Econc		S ^s							

Tabela X f 39. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas modativas

produto	trans performativo	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e rf	pro ces	caus	obj	ins tr	instr aut	ex p	imposto	lo c
<i>abispamento</i>	<i>abispar-se</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>abjuramento</i>	<i>abjurar</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>absolvimento</i>	<i>absolver</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>acasalamento</i>	<i>acasalar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>acatamento</i>	<i>acatar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>achincalhamento</i>	<i>achincalhar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>acometimento</i>	<i>acometer</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>acompanhamento</i>	<i>acompanhar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s	-Ecol ^v						
<i>aconselhamento</i>	<i>aconselhar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>acossamento</i>	<i>acossar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>afagamento</i>	<i>afagar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>aferimento</i>	<i>aferir</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>afilamento</i>	<i>afilar 'aferir'</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>agenciamento</i>	<i>agenciar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>agradecimento</i>	<i>agradecer</i>	E ^c								E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>alardeamento</i>	<i>alardear</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>alvidramento</i>	<i>alvidrar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>alvitramento</i>	<i>alvitrar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>apadrinhamento</i>	<i>apadrinhar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>apaparicamento</i>	<i>apaparicar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>apertamento</i>	<i>apertar</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>aprazamento</i>	<i>aprazar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>aproveitamento</i>	<i>aproveitar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>arbitramento</i>	<i>arbitrar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>arremessamento</i>	<i>arremessar</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>arremetimento</i>	<i>arremeter</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>arrombamento</i>	<i>arrombar</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>assinamento</i>	<i>assinar</i>	E ^c								E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>atabalhoamento</i>	<i>atabalhoar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							

produto	trans performativo	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e rf	pro ces	caus	obj	ins tr	instr aut	ex p	imposto	lo c
<i>atamancamento</i>	<i>atamancar</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s}		S ^s							
<i>atendimento</i>	<i>atender</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>atraçoamento</i>	<i>atraçoar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>atreuimento</i>	<i>atrever-se</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>benzimento</i>	<i>benzer</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>calamento</i>	<i>calar</i>	E ^c								E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>calcamento</i>	<i>calcar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>carpimento</i>	<i>carpir</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>catamento</i>	<i>catar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>caudilhamento</i>	<i>caudilhar</i>		E ^c							E ^{c,s}		S ^s							
<i>conseguinto</i>	<i>conseguir</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>consentimento</i>	<i>consentir</i>	E ^c								E ^{c,s} -E		S ^s							
<i>corregimento</i>	<i>correger</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>cumprimento</i>	<i>cumprir</i>	E ^c								E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>deciframento</i>	<i>decifrar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>defendimento</i>	<i>defender</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>delivramento</i>	<i>delivrar-se</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>desacatamento</i>	<i>desacatar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>desacolhimento</i>	<i>desacolher</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desagradoimento</i>	<i>desagradecer</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>desaproveitamento</i>	<i>desaproveitar</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>descasamento</i>	<i>descasar</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>descuramento</i>	<i>descurar</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desforçamento</i>	<i>desforçar</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>desleixamento</i>	<i>desleixar</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>deslindamento</i>	<i>deslindar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>desmandamento</i>	<i>desmandar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>devotamento</i>	<i>devotar</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							

produto	trans performativo	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e rf	pro ces	caus	obj	ins tr	instr aut	ex p	imposto	lo c
<i>emprazamento</i>	<i>emprazar?</i>	E ^c								E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>empreendimento</i>	<i>empreender</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>engajamento</i>	<i>engajar</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>ensaiamento</i>	<i>ensaiar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>esbanjamento</i>	<i>esbanjar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>escarnecimento</i>	<i>escarnecer</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>esfregamento</i>	<i>esfregar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>esgaravatamento</i>	<i>esgaravatar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>esquadrinhamento</i>	<i>esquadrinhar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>evitamento</i>	<i>evitar</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>forçamento</i>	<i>forçar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>governo</i>	<i>governar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>guiamento</i>	<i>guiar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>induzimento</i>	<i>induzir</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>investimento</i>	<i>investir</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>julgamento</i>	<i>julgar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>juramento</i>	<i>jurar</i>	E ^c								E ^{c,s} -Econc ^σ		S ^s							
<i>lealdamento</i>	<i>lealdar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>libamento</i>	<i>libar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>logramento</i>	<i>lograr</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>louvamento</i>	<i>louvar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>luzimento</i>	<i>luzir</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>malbaratamento</i>	<i>malbaratar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>mandamento</i>	<i>mandar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc ^σ		S ^s							
<i>manuseamento</i>	<i>manusear</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>mordimento</i>	<i>morder</i>	E ^c								E ^{c,s}		S ^s							
<i>negociamento</i>	<i>negociar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>orçamento</i>	<i>orçar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>paroquiamento</i>	<i>paroquiar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>partejamento</i>	<i>partejar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>perseguição</i>	<i>perseguir</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>pisamento</i>	<i>pisar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>policiamento</i>	<i>policiar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							

produto	trans performativo	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e rf	pro ces	caus	obj	ins tr	instr aut	ex p	imposto	lo c
<i>preitejamento</i>	<i>preitejar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>prestamento</i>	<i>prestar</i> 'conceder serviço'		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>prometimento</i>	<i>prometer</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>rastejamento</i>	<i>rastejar</i> 'seguir o objecto'		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>rebatimento</i>	<i>rebater</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>recebimento</i>	<i>receber</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>refalsamento</i>	<i>refalsar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>regimento</i>	<i>reger</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s	-Ecol ^v						
<i>reincitamento</i>	<i>reincitar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>relacionamento</i>	<i>relacionar- se</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>relevamento</i>	<i>relevar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>renhimento</i>	<i>renhir</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>reptamento</i>	<i>reptar</i> [cf. DV]	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>salteamento</i>	<i>saltear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>simulamento</i>	<i>simular</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>socorrimento</i>	<i>socorrer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>sonogamento</i>	<i>sonegar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>sorteamento</i>	<i>sortear</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>surramento</i>	<i>surrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>tele-processamento</i>	<i>tele-processar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>testamento</i>	<i>testar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>tragamento</i>	<i>tragar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>traimento</i>	<i>trair</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>vencimento</i>	<i>vencer</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s		-E ^v					
<i>vereamto</i>	<i>verear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>xingamento</i>	<i>xingar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 40. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas performativas

produto	trans declarativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p erf	proce s	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>abjuramento</i>	<i>abjurar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>advertimento</i>	<i>advertir</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>apelamento</i>	<i>apelar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>arrazoamento</i>	<i>arrazoar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>assentimento</i>	<i>assentir</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>chamamento</i>	<i>chamar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>ciciamento</i>	<i>ciciar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>depoimento</i>	<i>depor</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>gabamento</i>	<i>gabar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>inquirimento</i>	<i>inquirir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>negamento</i>	<i>negar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>prometimento</i>	<i>prometer</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc ^σ		S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>pronunciamento</i>	<i>pronunciar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>recontamento</i>	<i>recontar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>referimento</i>	<i>referir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 41. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala

produto	trans pedir	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p erf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>pedimento</i>	<i>pedir</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>requerimento</i>	<i>requerer</i>	E ^c								E ^{e,s} -Econc		S ^s							

Tabela X f 42. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de pedir

produto	trans instrumentais	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>acalcanhamento</i>	<i>acalcanhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aço(i)utamento</i>	<i>aço(i)utar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acolchetamento</i>	<i>acolchetar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

produto	trans instrumentais	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
acorrentamento	acorrentar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
acotovelamento	acotovelar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
acutilamento	acutilar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
aferramento	aferrar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
aforquilhamento	aforquilhar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
agrilhoamento	agrilhoar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
aguilhoamento	aguilhoar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
alanceamento	alancear		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
apaleamento	apalear		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
aparafusamento	aparafusar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
apedramento	apedrar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
apedrejamento	apedrejar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
aplainamento	aplainar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
arcabuzamento	arcabuzar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
atamento	atar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
ateigamento	ateigar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
atrancamento	atrancar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
atravancamento	atravancar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
bombardeamento	bombardear		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
bombeamento	bombear		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
broqueamento	broquear		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
calamento	calar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
carreamento	carrear		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
cinzelamento	cinzelar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
cisalhamento	cisalhar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
cobrimento	cobrir		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
comboiamento	comboiar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
concatenamento	concatenar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
embaçamento	embaçar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
encorreamento	encorrear		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
enlaçamento	enlaçar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
esfaqueamento	esfaquear		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
espancamento	espancar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
espingardeamento	espingardear		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
estribamento	estribar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
fechamento	fechar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
ferreteamento	ferretear		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
filtramento	filtrar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							
flamejamento	flamejar		E ^{e.s}							E ^{e.s}		S ^s							

produto	trans instrumentais	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>forjamento</i>	<i>forjar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>fuzilamento</i>	<i>fuzilar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>guilhotinamento</i>	<i>guilhotinar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>joeiramento</i>	<i>joeirar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>ligamento</i>	<i>ligar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>manuseamento</i>	<i>manusear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>martelamento</i>	<i>martelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>pisamento</i>	<i>pisar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>refreamento</i>	<i>refrear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>tacteamto</i>	<i>tactear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>tarugamento</i>	<i>tarugar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>torneamento</i>	<i>tornear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>tornejamento</i>	<i>tornejar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>torpedeamento</i>	<i>torpedear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>trancamento</i>	<i>trancar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>varejamento</i>	<i>varejar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>vergalhamento</i>	<i>vergalhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 43. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas instrumentais

produto	trans unir	pont	dura t	ci	súbit o	inten s	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	lo c
<i>acasalamento</i>	<i>acasalar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>acoplamento</i>	<i>acoplar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Ecol ^σ		S ^s		-Ecol ^{v,σ}					
<i>acorrentamento</i>	<i>acorrentar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>aglutinamento</i>	<i>aglutinar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>ajoujamento</i>	<i>ajoujar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>amalgamamento</i>	<i>amalgamar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>apegamento</i>	<i>apegar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>atamento</i>	<i>atar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>caldeamento</i>	<i>caldear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>casamento</i>	<i>casar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>cerramento</i>	<i>cerrar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>chegamento</i>	<i>chegar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>concatenamento</i>	<i>concatenar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

<i>emparcelamento</i>	<i>emparcelar</i>		E ^{e,s}								E ^{e,s}		S ^s						
<i>emparelhamento</i>	<i>emparelhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ								E ^{e,s} -E ^σ		S ^s						
<i>encadeamento</i>	<i>encadear</i>		E ^{e,s} -E ^σ								E ^{e,s} -E ^σ		S ^s						
<i>pegamento</i>	<i>pegar</i>		E ^{e,s} -E ^σ								E ^{e,s} -E ^σ		S ^s						

Tabela X f 44. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de unir

produto	trans desunir	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>desapegamento</i>	<i>desapegar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>descolamento</i>	<i>descolar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 45. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de desunir

produto	trans reunir	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>acumulamento</i>	<i>acumular</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>ajuntamento</i>	<i>ajuntar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							

Tabela X f 46. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de reunir

produto	trans contacto	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>apalpamento</i>	<i>apalpar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>tocamento</i>	<i>tocar</i>	E ^e								E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 47. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de contacto

produto	trans dividir em	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>abairramento</i>	<i>abairrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>acoirelamento</i>	<i>acoirelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							

produto	trans dividir em	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	p e r f	proces	cau s	ob j	inst r	inst r aut	exp	imposto	loc
<i>acorelamento</i>	<i>acorelar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>afolhamento</i>	<i>afolhar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>aldeamento</i>	<i>aldear</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>alqueiramento</i>	<i>alqueirar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>aparcèlemento</i>	<i>aparcerar 'parcela'</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>aquadrelamento</i>	<i>aquadrelar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>aquinhoamento</i>	<i>aquinoar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>arraçoamento</i>	<i>arraçoar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>arruamento</i>	<i>arruar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>compartimento</i>	<i>compartir</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>departimento</i>	<i>departir</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>despedaçamento</i>	<i>despedaçar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>emparcelamento</i>	<i>emparcelar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>escalonamento</i>	<i>escalonar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>esquartejamento</i>	<i>esquartejar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>fraccionamento</i>	<i>fraccionar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>graduamento</i>	<i>graduar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>loteamento</i>	<i>lotear</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>parcelamento</i>	<i>parcelar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s} -Econc		S ^s							
<i>partimento</i>	<i>partir</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							
<i>racionamento</i>	<i>racionar</i>		E ^{c,s}							E ^{c,s}		S ^s							

produto	trans dividir em	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	proces	cau s	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>retalhamento</i>	<i>retalhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>seccionamento</i>	<i>seccionar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							

Tabela X f 48. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de dividir em

produto	trans distribuir por	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p e r f	proces	cau s	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>acamamento</i>	<i>acamar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>agrupamento</i>	<i>agrupar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>aquadrilhamento</i>	<i>aquadrilhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>aquartelamento</i>	<i>aquartelar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>compartimento</i>	<i>compartir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>empilhamento</i>	<i>empilhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>grupamento</i>	<i>grupar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>rateamento</i>	<i>ratear</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>repartimento</i>	<i>repartir</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 49. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de distribuir por

produto	trans obstar	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>estrovamento</i>	<i>estrovar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>travamento</i>	<i>travar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 50. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de obstar

produto	trans capturar	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>alcançamento</i>	<i>alcançar</i>	E ^c								E ^{e,s}		S ^s							
<i>apanhamento</i>	<i>apanhar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>colhimento</i>	<i>colher</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							
<i>recrutamento</i>	<i>recrutar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s}		S ^s							

Tabela X f 51. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de capturar/apanhar

produto	trans estímulo- sujeito	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>aborrecimento</i>	<i>aborrecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>acanhamento</i>	<i>acanhhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>acirramento</i>	<i>acirrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>acobardamento</i>	<i>acobardar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>açoramento</i>	<i>açorar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>acoroçoamento</i>	<i>acoroçoar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>afligimento</i>	<i>afligir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>agastamento</i>	<i>agastar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>agitamento</i>	<i>agitar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>aliciamento</i>	<i>aliciar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>amedrontamento</i>	<i>amedrontar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>amuamento</i>	<i>amuar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>anojamento</i>	<i>anojar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>apavoramento</i>	<i>apavorar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

produto	trans estímulo- sujeito	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>aprazimento</i>	<i>aprazer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>arrebatamento</i>	<i>arrebatar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>arrepimento</i>	<i>arrepilar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>arroubamento</i>	<i>arroubar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>assanhamento</i>	<i>assanhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>assarapantamento</i>	<i>assarapantar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>assombramento</i>	<i>assombrar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>atarantamento</i>	<i>atarantar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>atemorizamento</i>	<i>atemorizar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>atiçamento</i>	<i>atiçar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>atordoamento</i>	<i>atordoar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>atramento</i>	<i>atrair</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>aturdimento</i>	<i>aturdir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>azamboamento</i>	<i>azamboar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>azoamento</i>	<i>azoar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>chateamento</i>	<i>chatear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>compadecimento</i>	<i>compadecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>comprazimento</i>	<i>comprazer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>compungimento</i>	<i>compungir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

produto	trans estímulo- sujeito	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>condoimento</i>	<i>condoer</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>confortamento</i>	<i>confortar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>confrangimento</i>	<i>confranger</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>constrangimento</i>	<i>constranger</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>contentamento</i>	<i>contentar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>convencimento</i>	<i>convencer</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>deleitamento</i>	<i>deleitar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>desafeiçoamento</i>	<i>desafeiçoar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>desapontamento</i>	<i>desapontar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>desbragamento</i>	<i>desbragar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>descaramento</i>	<i>descarar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>desconfrangimento</i>	<i>desconfranger</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>descontentamento</i>	<i>descontentar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>descorçoamento</i>	<i>descorçoar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>descoroçoamento</i>	<i>descoroçoar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>desencantamento</i>	<i>desencantar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>desencorajamento</i>	<i>desencorajar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>desenfadamento</i>	<i>desenfadar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>desenfreamento</i>	<i>desenfrear</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							

produto	trans estímulo- sujeito	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>deslumbramento</i>	<i>deslumbrar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>desprazimento</i>	<i>desprazer</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>destrambelamento</i>	<i>destrambelhar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>desvairamento</i>	<i>desvairar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>desvergonhamento</i>	<i>desvergonhar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>distraimento</i>	<i>distrair</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>divertimento</i>	<i>divertir</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>embaimento</i>	<i>embair</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>embasbacamento</i>	<i>embasbacar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>embeijamento</i>	<i>embeijar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>embevecimento</i>	<i>embevecer</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>embravecimento</i>	<i>embravecer</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>encantamento</i>	<i>encantar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>encanzinamento</i>	<i>encanzinar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>encorajamento</i>	<i>encorajar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>enervamento</i>	<i>enervar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>enfadamento</i>	<i>enfadar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>enfastiamento</i>	<i>enfastiar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							
<i>enfatuamento</i>	<i>enfatuvar</i>		E ^{e.s} -E ^σ							E ^{e.s} -E ^σ		S ^s							

produto	trans estímulo-sujeito	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>engulhamento</i>	<i>engulhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enlevamento</i>	<i>enlevar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enojamento</i>	<i>enojar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>enternecimento</i>	<i>enternecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>entristecimento</i>	<i>entristecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>envaidecimento</i>	<i>envaidecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>estonteamento</i>	<i>estontear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>estorvamento</i>	<i>estorvar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>exalçamento</i>	<i>exalçar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>exaltamento</i>	<i>exaltar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>moimento</i>	<i>moer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>mordimento</i>	<i>morder</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>persuadimento</i>	<i>persuadir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>prazimento</i>	<i>prazer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>pungimento</i>	<i>pungir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>refastelamento</i>	<i>refastelar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>remordimento</i>	<i>remorder</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

Tabela X f 52. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito

produto	trans experienciador- sujeito	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>aborrecimento</i>	<i>aborrecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>aborrimento</i>	<i>aborrir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>aceitamento</i>	<i>aceitar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>afeiçoamento</i>	<i>afeiçoar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>amerceamento</i>	<i>amercear</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>ansiamento</i>	<i>ansiar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>arrependimento</i>	<i>arrepender-se</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>descomedimento</i>	<i>descomedir-se</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>descuramento</i>	<i>descurar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desfaçamento</i>	<i>desfaçar-se</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desleixamento</i>	<i>desleixar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>dissentimento</i>	<i>dissentir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>estranhamento</i>	<i>estranhar</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>padecimento</i>	<i>padecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>pressentimento</i>	<i>pressentir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>ressentimento</i>	<i>ressentir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>sentimento</i>	<i>sentir</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>sofrimento</i>	<i>sofrer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							

Tabela X f 53. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas de experienciador-sujeito

produto	trans psicológico	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	o b j	inst r	inst r aut	exp	impost o	lo c
<i>antecôhecimento</i>	<i>antecôhecer</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>condescendimento</i>	<i>condescender</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>conhecimento</i>	<i>conhecer</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desconhecimento</i>	<i>desconhecer</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desconsentimento</i>	<i>desconsentir</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desentendimento</i>	<i>desentender</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>despercebimento</i>	<i>desperceber</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>discernimento</i>	<i>discernir</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>entendimento</i>	<i>entender</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>esquecimento</i>	<i>esquecer</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>julgamento</i>	<i>julgar</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>merecimento</i>	<i>merecer</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>namoramento</i>	<i>namorar</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>pensamento</i>	<i>pensar</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s	-E ^{v,σ}						
<i>percebimento</i>	<i>perceber</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>razoamento</i>	<i>razoar</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>recalcamento</i>	<i>recalcar</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>reconhecimento</i>	<i>reconhecer</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							
<i>sentimento</i>	<i>sentir</i>		E ^{c,s} -E ^σ							E ^{c,s} -E ^σ		S ^s							

produto	trans psicológico	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	proces	caus	o b j	inst r	inst r aut	exp	impost o	lo c
<i>sofrimento</i>	<i>sofrer</i>		E ^{g,s} -E ^g							E ^{g,s} -E ^g		S ^s							
<i>subentendimento</i>	<i>subentender</i>		E ^{g,s} -E ^g							E ^{g,s} -E ^g		S ^s							

Tabela X f 54. Semantismos de produtos em *-mento* a partir de bases transitivas psicológicas

Índice de tabelas X f

Tabela X f 1. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases inergativas performativas	823
Tabela X f 2. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases inergativas de modo de moção	823-824
Tabela X f 3. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases inergativas de emissão de substância	824
Tabela X f 4. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases inergativas de emissão de som	824
Tabela X f 5. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases inergativas de actos de fala	825
Tabela X f 6. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases inergativas de emissão de luz	825
Tabela X f 7. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases inergativas psicológicas	825
Tabela X f 8. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases inacusativas incoativas	825-837
Tabela X f 9. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases inacusativas resultativas	837-838
Tabela X f 10. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases inacusativas locativas	838
Tabela X f 11. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases inacusativas de colocar-se em configuração espacial	838-839
Tabela X f 12. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica	839-840
Tabela X f 13. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases inacusativas de mover-se	840
Tabela X f 14. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases inacusativas de aparecimento	841
Tabela X f 15. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases inacusativas de desaparecimento	841
Tabela X f 16. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases inacusativas de estado/existência	842
Tabela X f 17. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases inacusativas de parar	842
Tabela X f 18. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas locativas	842-846
Tabela X f 19. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica	847-849
Tabela X f 20. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de lançar	849
Tabela X f 21. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de mover-se o sujeito em relação a objecto	849
Tabela X f 22. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de mover objecto	850
Tabela X f 23. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de mover através de força	850
Tabela X f 24. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de colocar em configuração espacial	850-851
Tabela X f 25. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de enviar	851

Tabela X f 26. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de carregar/rebocar	851
Tabela X f 27. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de contacto por impacto.....	852
Tabela X f 28. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas sem alteração espacial.....	852-853
Tabela X f 29. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de cercar.....	853
Tabela X f 30 Semantismos dos produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas causativas.....	855-874
Tabela X f 31. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas resultativas.....	874-876
Tabela X f 32. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de objecto negativo.....	877- 878
Tabela X f 33. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de ferir	878
Tabela X f 34. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de percepção	878-879
Tabela X f 35. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de transferência de posse	879
Tabela X f 36. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de prover de	880-887
Tabela X f 37. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de desprover de.....	888-890
Tabela X f 38. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de medir objecto	890
Tabela X f 39. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas modativas.....	890
Tabela X f 40. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas performativas	891-894
Tabela X f 41. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala	895
Tabela X f 42. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de pedir	895
Tabela X f 43. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas instrumentais.....	895-897
Tabela X f 44. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de unir.....	897-898
Tabela X f 45. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de desunir.....	898
Tabela X f 46. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de reunir.....	898
Tabela X f 47. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de contacto.....	898
Tabela X f 48. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de dividir em.....	898-900
Tabela X f 49. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de distribuir por	900
Tabela X f 50. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de obstar.....	900
Tabela X f 51. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de capturar/apanhar	901
Tabela X f 52. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito.....	901-905
Tabela X f 53. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas de experienciador-sujeito.....	906
Tabela X f 54. Semantismos de produtos em <i>-mento</i> a partir de bases transitivas psicológicas	907-908

Tabelas X g. Semantismos dos produtos em *-nça*

produto	inergs moção	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	constância	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc	
<i>andança</i>	<i>andar</i>		E -E ^s									S ^s								
<i>mal- andança</i>	<i>mal- andar</i>		E -E ^s									S ^s								

Tabela X g 1. Semantismos dos produtos em *-nça* a partir de bases inergativas de modo de moção

produto	inergs performativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op dif	par t	cheg	tél/ resul	per f	constância	caus	o b j	instr	instr aut	exp	imposto	lo c	
<i>chibança</i>	<i>chibar</i>		E -E ^s									S ^s								
<i>comilança</i>	<i>comilar</i>		E -E ^s									S ^s								
<i>embirrança</i>	<i>embirrar</i>		E -E ^s									S ^s								
<i>militança</i>	<i>militar</i>		E -E ^s									S ^s	-Ecol ^v							
<i>perseverança</i>	<i>perseverar</i>		E -E ^s									S ^s								
<i>pujança</i>	<i>pujar</i>		E -E ^s									S ^s								

Tabela X g 2. Semantismos dos produtos em *-nça* a partir de bases inergativas performativas

produto	inacs incoativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	constância	caus	ob j	instr	instr aut	ex p	imposto	lo c	
<i>bojança</i>	<i>bojar</i>									E -Econc ^s		S ^s								
<i>dessemelhança</i>	<i>dessemelhar</i>		E -Econc ^s									S ^s								
<i>destemperança</i>	<i>destemperar</i>		E -E ^s									S ^s								
<i>dissemelhança</i>	<i>dissemelhar</i>		E -Econc ^s									S ^s								
<i>fervença</i>	<i>ferver</i>									E -E ^s		S ^s								

produto	inacs <u>incoativos</u>	pont	durat	c i	súbito	intens	op di f	part	cheg	tél/ resul	p er f	constância	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>livrança</i>	<i>livrar??</i>									E -Econc ^s		S ^s							
<i>medrança</i>	<i>medrar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>mingança</i>	<i>mingar</i>									E -E ^s		S ^s							
<i>mudança</i>	<i>mudar</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -E		S ^s							
<i>quebrança</i>	<i>quebrar</i>									E -Econc ^s		S ^s							
<i>reconvalescença</i>	<i>reconvalescer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>viltança</i>	<i>viltar</i>									-E ^s		S ^s							
<i>convalescença</i>	<i>convalescer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>crença</i>	<i>crecer</i>		E ^{e,s}							E ^{e,s} -Econc		S ^s							
<i>decrença</i>	<i>decrecer</i>		E ^{e,s} -E ^σ							E ^{e,s} -E ^σ		S ^s							
<i>desmedrança</i>	<i>desmedrar</i>									E -E ^s		S ^s							
<i>desvizinhança</i>	<i>desvizinhar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>trigança</i>	<i>trigar-se??</i>									E -E ^s		S ^s							
<i>mutança</i>	<i>mutar</i>									E -E ^s		S ^s							

Tabela X g 3. Semantismos dos produtos em -nça a partir de bases inacusativas incoativas

produto	inacs <u>direcção específica</u>	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	per f	constância	caus	obj	instr	instr aut	exp	impost o	loc
<i>diferença</i>	<i>diferir</i>		E -Econc ^s									S ^s							
<i>entrança</i>	<i>entrar</i>		E -Econc ^s									S ^s							

produto	inacs direcção específica	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	per f	constância	caus	obj	instr	instr aut	exp	impost o	loc
<i>retornaça</i>	<i>retornar</i>									E -E ^s		S ^s							
<i>tardaça</i>	<i>tardar</i>		E ^s -E									S ^s							

Tabela X g 4. Semantismos dos produtos em *-ça* a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica

produto	inacs mover- se	pont	durat	ci	súbit o	intens	op di f	part	cheg	tél/ resul	pe rf	constância	caus	ob j	instr	instr aut	ex p	imposto	lo c
<i>corrença</i>	<i>correr</i>		E ^{e,s} -E ^o							E ^{e,s} -Econ ^o		S ^s							
<i>mudança</i>	<i>mudar</i>									E ^s -E		S ^s							

Tabela X g 5. Semantismos dos produtos em *-ça* a partir de bases inacusativas de mover-se

produto	inacs aparecimento	pont	durat	ci	súbito	intens	op di f	part	cheg	tél/ resul	perf	constância	caus	obj	instr	instr aut	exp	impo sto	loc
<i>nascença</i>	<i>nascer</i>									E ^s -Econ c		S ^s							
<i>renascença</i>	<i>renascer</i>									E ^{ex,s}		S ^s							-Et ^{ex}

Tabela X g 6. Semantismos dos produtos em *-ça* a partir de bases inacusativas de aparecimento

produto	inacs estado/existência	pont	durat	ci	súbit o	inten s	op di f	part	cheg	tél/ resul	perf	constância	caus	ob j	instr	instr aut	exp	imposto	lo c
<i>dessemelhança</i>	<i>dessemelhar</i>		E -Econ ^s									S ^s							
<i>dissemelhança</i>	<i>dissemelhar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>parança</i>	<i>parar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>pareença</i>	<i>parecer</i>		E -Econ ^s									S ^s							
<i>prestança</i>	<i>prestar</i>		E -E ^s									S ^s							

produto	inacs <u>estado/existência</u>	pont	durat	ci	súbit	inten	op	part	cheg	tél/ resul	perf	constância	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>semelhança</i>	<i>semelhar</i>		E -Econc ^s									S ^s							
<i>vivença</i>	<i>viver</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>costumança</i>	<i>costumar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>diferença</i>	<i>diferir</i>		E -Econc ^s									S ^s							
<i>usança</i>	<i>usar</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X g 7. Semantismos dos produtos em *-nça* a partir de bases inacusativas de estado/existência

produto	trans <u>locativo</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op	part	cheg	tél/ resul	p e r f	constância	cau s	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>lembrança</i>	<i>lembrar</i>									E -Econc ^{s1}		S ^s							
<i>ordenança</i>	<i>ordenar</i>									E -E ^s		S ^s							

Tabela X g 8. Semantismos dos produtos em *-nça* a partir de bases transitivas locativas

produto	trans <u>direcção</u> <u>específica</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op	part	cheg	tél/ resul	perf	constância	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>esquivança</i>	<i>esquivar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>retardança</i>	<i>retardar</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X g 9. Semantismos dos produtos em *-nça* a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica

¹ Significação do plural 'brincos das orelhas' (????).

produto	trans causativos	pont	dura t	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	constânci a	caus	obj	instr	instr aut	exp	impost o	loc
<i>bojança</i>	<i>bojar</i>									E -Econc ^s		S ^s							
<i>criança</i>	<i>criar</i>		E ^s									S ^s		-E ^v					
<i>demudança</i>	<i>demudar</i>									E -E ^s		S ^s							
<i>destemperança</i>	<i>destemperar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>intemperança</i>	<i>intemperar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>livrança</i>	<i>livrar???</i>									E -Econc ^s		S ^s							
<i>manutença</i>	<i>manter</i>		E -E ^s									S ^s		-E ^v					
<i>mudança</i>	<i>mudar</i>									E -E ^s		S ^s							
<i>segurança</i>	<i>segurar</i>		E -E ^s									S ^s		-E ^v					
<i>viltança</i>	<i>viltar</i>									E -E ^s		S ^s							

Tabela X g 10. Semantismos dos produtos em *-nça* a partir de bases transitivas causativas

produto	trans objecto negativo	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	constância	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>matança</i>	<i>matar</i>									E ^s -E		S ^{s2}							
<i>raspança</i>	<i>raspar</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X g 11. Semantismos dos produtos em *-nça* a partir de bases transitivas de objecto negativo

² O traço de [constância] dá um significado de 'muitas acções de V', porque o verbo é pontual.

produto	trans prover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	constância	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>abastança</i>	<i>abastar</i>									E -E ^s		S ^s							
<i>ensinança</i>	<i>ensinar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>fartança</i>	<i>fartar</i>									E -E ^s		S ^s							

Tabela X g 12. Semantismos dos produtos em *-nça* a partir de bases transitivas de *prover de*

produto	trans performativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	constância	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>gabança</i>	<i>gabar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>governança</i>	<i>governar</i>		E -E ^s									S ^s	-E ^v						
<i>liderança</i>	<i>liderar</i>		E ^s -E									S ^s	-E ^v						
<i>mimança</i>	<i>mimar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>mostrança</i>	<i>mostrar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>ordenança</i>	<i>ordenar</i>		E -E ^s									S ^s		-E ^v					
<i>papança</i>	<i>papar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>poupança</i>	<i>poupar</i>		E ^s -E									S ^s		-E ^v					
<i>privaça</i>	<i>privar</i>		E -E									S ^s							
<i>provança</i>	<i>provar</i>		E ^s									S ^s							
<i>velança</i>	<i>velar</i>		E ^s -E									S ^s							
<i>vingança</i>	<i>vingar</i>									E ^s -E		S ^s							

Tabela X g 13. Semantismos dos produtos em *-nça* a partir de bases transitivas performativas

produto	trans capturar	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	constância	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>rapinança</i>	<i>rapinar</i>									E ^s		S ^s							

Tabela X g 14. Semantismos dos produtos em *-nça* a partir de bases transitivas de *capturar/apanhar*

produto	trans <u>unir</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	constânci a	caus	obj	instr	instr aut	exp	impost o	loc
<i>aliança</i>	<i>aliar</i>									E -E ^s -Econc		S ^s							
<i>liança</i>	<i>liar</i>									E -E ^s -Econc		S ^s							
<i>maridança</i>	<i>maridar</i>									E -E ^s		S ^s							

Tabela X g 15. Semantismos dos produtos em *-nça* a partir de bases transitivas de unir

produto	trans <u>desunir</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	constância	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>desaliança</i>	<i>desaliar</i>									E -E ^s		S ^s							

Tabela X g 16. Semantismos dos produtos em *-nça* a partir de bases transitivas de desunir

produto	trans <u>estímulo- sujeito</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	constância	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>desesperança</i>	<i>desesperar</i>			E -E ^s								S ^s							

Tabela X g 17. Semantismos dos produtos em *-nça* a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito

produto	trans <u>experienciador- sujeito</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	constância	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>auto-confiança</i>	<i>auto-confiar</i>			E -E ^s								S ^s							
<i>bem-querença</i>	<i>bem-querer</i>			E -E ^s								S ^s							
<i>confiança</i>	<i>confiar</i>			E -E ^s								S ^s							
<i>crença</i>	<i>crer</i>			E -E ^s								S ^s							

produto	trans experienciador- sujeito	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	constância	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>desconfiança</i>	<i>desconfiar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>descrença</i>	<i>descreer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>embirrança</i>	<i>embirrar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>esperança</i>	<i>esperar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>mal-querença</i>	<i>mal-querer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>querença</i>	<i>querer</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X g 18. Semantismos dos produtos em *-nça* a partir de bases transitivas de experienciador-sujeito

produto	trans psicológico	pont	dura t	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	p er f	constânci a	caus	ob j	instr	instr aut	exp	impost o	lo c
<i>deslembração</i>	<i>deslembrar</i>									E -E ^s		S ^s							
<i>lembração</i>	<i>lembrar</i>									E -E ^s -Econc		S ^s							
<i>relembração</i>	<i>relembrar</i>									E -E ^s		S ^s							
<i>relembração</i>	<i>relembrar</i>									E -E ^s		S ^s							
<i>sabedoria</i>	<i>saber</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X g 19. Semantismos dos produtos em *-nça* a partir de bases transitivas psicológicas

produto	trans transferência de posse	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	constância	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>cobrança</i>	<i>cobrar</i>									E ^s		S ^s							
<i>ganhança</i>	<i>ganhar</i>									E -E ^s		S ^s							
<i>herdança</i>	<i>herdar</i>									E -E ^s		S ^s		-E ^v					

Tabela X g 20. Semantismos dos produtos em *-nça* a partir de bases transitivas de transferência de posse

produto	trans posse	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	constância	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>tença</i>	<i>ter</i>		E ^s -E									S ^s							

Tabela X g 21. Semantismos dos produtos em *-nça* a partir de bases transitivas de posse

produto	trans obstar	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	constância	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>detença</i>	<i>deter</i>									E -E ^s		S ^s							

Tabela X g 22. Semantismos dos produtos em *-nça* a partir de bases transitivas de obstar

produto	trans percepção	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	constância	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>comparança</i>	<i>comparar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>espreitança</i>	<i>espreitar</i>		E ^s -E									S ^s							

Tabela X g 23 Semantismos dos produtos em *-nça* a partir de bases transitivas de percepção

Índice de tabelas X g

Tabela X g 1. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases inergativas de modo de moção	911
Tabela X g 2. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases inergativas performativas	911
Tabela X g 3. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases inacusativas incoativas	911-912
Tabela X g 4. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica	912-913
Tabela X g 5. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases inacusativas de mover-se	913
Tabela X g 6. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases inacusativas de aparecimento	913

Tabela X g 7. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases inacusativas de estado/existência	913-914
Tabela X g 8. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases transitivas locativas	914
Tabela X g 9. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica	914
Tabela X g 10. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases transitivas causativas	915
Tabela X g 11. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases transitivas de objecto negativo	915
Tabela X g 12. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases transitivas de prover de.....	916
Tabela X g 13. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases transitivas performativas	916
Tabela X g 14. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases transitivas de capturar/apanhar	916
Tabela X g 15. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases transitivas de unir	917
Tabela X g 16. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases transitivas de desunir	917
Tabela X g 17. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito	917
Tabela X g 18. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases transitivas de experienciador-sujeito	917-918
Tabela X g 19. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases transitivas psicológicas	918
Tabela X g 20. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases transitivas de transferência de posse.....	919
Tabela X g 21. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases transitivas de posse	919
Tabela X g 22. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases transitivas de obstar	919
Tabela X g 23 Semantismos dos produtos em <i>-nça</i> a partir de bases transitivas de percepção.....	919

Tabelas X h. Semantismos dos produtos em *-ncia*

produto	inerg performativos	pont	durat	c i	súbito	intens	op dif	part	che g	tél/ resu l	perf	est/capac/car	caus	o b j	inst r	inst r aut	exp	impos to	loc
<i>agência</i>	<i>agir</i>		E -E ^{s,ex}									S ^s							-E ^{ex}
<i>anuência</i>	<i>anuir???</i>									E -E ^s		S ^s							
<i>aquiescência</i>	<i>aquiescer</i>									E -E ^s		S ^s							
<i>co-delinquência</i>	<i>co-delinquir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>deferência</i>	<i>deferir</i> 'ceder'		E -E ^s									S ^s							
<i>delinquência</i>	<i>delinquir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>dormência</i>	<i>dormir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>implicância</i>	<i>implicar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>insistência</i>	<i>insistir?</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>intendência</i>	<i>intender</i>		E -E ^{s,ex}									S ^s							-E ^{ex} -Et ^{ex}
<i>interferência</i>	<i>interferir</i>		E -E ^s - Econc									S ^s							
<i>jactância</i>	<i>jactar-se</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>presidência</i>	<i>presidir</i>		E -E ^{s,σ,ex}									S ^s	-E ^{v,σ}						-E ^{ex} -Et ^{ex}
<i>reinsistência</i>	<i>reinsistir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>relutância</i>	<i>relutar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>renitência</i>	<i>renitir</i>		E -E ^s									S ^s							

produto	inerg performativos	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	impos to	loc
<i>sindicância</i>	<i>sindicar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>subintendência</i>	<i>subintender</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>superintendência</i>	<i>superintender</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>contundência</i>	<i>contundir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>dominância</i>	<i>dominar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>rascância</i>	<i>rascar</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X h 1. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases inergativas performativas

produto	inerg moção	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>ambulância</i>	<i>ambular</i>		E -E ^{sg}									S ^s	- E ^{v,σ}						
<i>fremência</i>	<i>fremir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>recorrência</i>	<i>recorrer</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X h 2. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases inergativas de modo de moção

produto	inerg luz	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>esplendecência</i>	<i>esplendecer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>fluorescência</i>	<i>fluorescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>fosforescência</i>	<i>fosforescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>fulgência</i>	<i>fulgir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>fulgurância</i>	<i>fulgurar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>luminância</i>	<i>°luminar</i>		E -E ^s									S ^s							

produto	inerg luz	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>luminescência</i>	<i>luminescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>metalescência</i>	<i>°metalescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>opalescência</i>	<i>opalescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>prefulgência</i>	<i>prefulgir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>refulgência</i>	<i>refulgir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>resplandecência</i>	<i>resplandecer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>resplendência</i>	<i>resplender</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>rutilância</i>	<i>rutilar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>verdejava</i>	<i>verdejar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>radiância</i>	<i>radiar</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X h 3. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases inergativas de emissão de luz

produto	inerg som	p o nt	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	ex p	imposto	lo c
<i>assonância</i>	<i>assonar</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>consonância</i>	<i>consonar</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>dissonância</i>	<i>dissonar</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>fremência</i>	<i>fremir</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							

produto	inerg som	p o nt	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>plangência</i>	<i>planger</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>ressonância</i>	<i>ressonar</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>retumbância</i>	<i>retumbar</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>ribombância</i>	<i>ribombar</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>sibilância</i>	<i>sibilar</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>balbuciência</i>	<i>balbuciar</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							

Tabela X h 4. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases inergativas de emissão de som

produto	inerg cheiro	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>recendência</i>	<i>recender</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>rescendência</i>	<i>rescender</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>trescalância</i>	<i>trescalar</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X h 5. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases inergativas de emissão de cheiro

produto	inac <u>locativo</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>aderência</i>	<i>aderir</i>		E ^s -E									S ^s							
<i>coerência</i>	<i>coerir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>coalescência</i>	<i>coalescer</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X h 6. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases inacusativas locativas

produto	inac <u>direção específica</u>	p o n t	durat	c i	súbit o	inten s	op di f	par t	che g	tél/ resu l	per f	est/capac/ca r	cau s	obj	i n s t r	inst r aut	ex p	impost o	lo c
<i>afluência</i>	<i>afluir</i>		E ^s -E									S ^s							
<i>ascendência</i>	<i>ascender</i>		E -E ^s -Econc ^σ									S ^s		-Ecol ^{v,σ}					
<i>circunfluência</i>	<i>circunfluir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>confluência</i>	<i>confluir</i>		E ^s -E -Econc									S ^s							
<i>convergência</i>	<i>convergir</i>		E ^s -E ^s -Econc									S ^s							
<i>culminância</i>	<i>culminar</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>defluência</i>	<i>defluir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>descendência</i>	<i>descender</i>		E -E ^s -Econc ^σ									S ^s		-Ecol ^{v,σ}					
<i>efluência</i>	<i>efluir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>emergência</i>	<i>emergir</i>									E ^s -E		S ^s							

produto	inac direção específica	p o n t	durat	c i	súbit o	inten s	op di f	par t	che g	tél/ resu l	per f	est/capac/ca r	cau s	obj	i n s t r	inst r aut	ex p	impost o	lo c
<i>excrecência</i>	<i>excrecer</i>		E -Econc ^s									S ^s							
<i>exorbitância</i>	<i>exorbitar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>exurgência</i>	<i>exurgir</i>		E -Econc ^s									S ^s							
<i>extravagância</i>	<i>extravagar</i>		E -Econc ^s									S ^s							
<i>imergência</i>	<i>imergir</i>									E ^s -E		S ^s							
<i>ingerência</i>	<i>ingerir-se</i> 'intrrometer -se'									E ^s -E		S ^s							
<i>procedência</i>	<i>proceder</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>reentrância</i>	<i>reentrar</i>		E -Econc ^s									S ^s							
<i>transcendência</i>	<i>transcender</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X h 7. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases inacusativas de mover-se em direção específica

produto	inac mover-se	p o n t	durat	c i	súbit o	intens	op dif	part	che g	tél/ resu l	perf	est/capac/car	caus	obj	in str	instr aut	ex p	imposto	loc
<i>discorrência</i>	<i>discorrer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>escorrência</i>	<i>escorrer</i>		E -E ^s -Econc ^σ									S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>fluência</i>	<i>fluir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>intercorrência</i>	<i>intercorrer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>refluência</i>	<i>refluir</i>		E ^s -E									S ^s							

produto	inac <u>mover-se</u>	p o nt	durat	c i	súbit o	intens	op dif	part	che g	tél/ resul l	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>transcorrência</i>	<i>transcorrer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>transumância</i>	<i>transumar</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X h 8. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases inacusativas de mover-se

produto	inac <u>aparecimento</u>	p o nt	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	per f	est/capac/ca r	caus	obj	instr	instr aut	exp	impost o	lo c
<i>comparecência</i>	<i>comparecer</i>									S ^s -E		S ^s							
<i>emergência</i>	<i>emergir</i>									S ^s -E		S ^s							
<i>excrecência</i>	<i>excrecer</i>		E -Econc ^{σ,s}									S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>exurgência</i>	<i>exurgir</i>		E -Econc ^{σ,s}									S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>incidência</i>	<i>incidir</i>		E ^s -E ^s -Econc ^σ									S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>ocorrência</i>	<i>ocorrer</i>		E ^s -E ^s -Econc ^σ									S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>pululância</i>	<i>pulular</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>reincidência</i>	<i>reincidir</i>									E ^s -E		S ^s							
<i>ressurgência</i>	<i>ressurgir</i>		E ^s -E ^s -Econc ^σ									S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>resultância</i>	<i>resultar</i>		E -E ^s -Econc ^σ									S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>revivência</i>	<i>reviver</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>revivescência</i>	<i>revivescer</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X h 9. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases inacusativas de aparecimento

produto	inac desaparecimento	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>falência</i>	<i>falir</i>									S ^s -E		S ^s							

Tabela X h 10. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases inacusativas de desaparecimento

produto	inac estado/existência	p ont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>abundância</i>	<i>abundar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>antecedência</i>	<i>anteceder</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>assistência</i>	<i>assistir</i>		E -E ^s -Econc ^σ									S ^s		-E ^{v,σ}					
<i>circunstância</i>	<i>circunstar</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>coexistência</i>	<i>coexistir</i>		E ^s -E									S ^s							
<i>coincidência</i>	<i>coincidir</i>		E ^s -E -Econc									S ^s							
<i>competência</i>	<i>competir</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>concernência</i>	<i>concernir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>concordância</i>	<i>concordar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>condescendência</i>	<i>condescender</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>consistência</i>	<i>consistir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>constância</i>	<i>constar</i>		E -E ^s									S ^s							

produto	inac estado/existência	p o n t	durat	c i	súbito	intens	op di f	part	che g	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	ins tr	instr aut	ex p	impost o	loc
<i>convivência</i>	<i>conviver</i>		E ^s -E -Ecol									S ^s							
<i>correspondência</i>	<i>corresponder</i>		E ^s -E -Ecol									S ^s							
<i>dependência</i>	<i>depende</i>		E ^s -E -Econc ^{ex}									S ^s							-E ^{ex}
<i>desconcordância</i>	<i>desconcordar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>discordância</i>	<i>discordar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>discrepância</i>	<i>discrepar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>distância</i>	<i>distar</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>divergência</i>	<i>divergir</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>equidistância</i>	<i>equidistar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>equivalência</i>	<i>equivaler</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>estância</i>	<i>estar</i>		E -E ^s -Econc ^{ex}									S ^s							-E ^v
<i>exabundância</i>	<i>exabundar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>existência</i>	<i>existir</i>		E ^s -E ^s									S ^s							
<i>exuberância</i>	<i>exuberar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>importância</i>	<i>importar</i>		E -E ^s									S ^s							

produto	inac <u>estado/existência</u>	p o n t	durat	c i	súbito	intens	op di f	part	che g	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	ins tr	instr aut	ex p	impost o	loc
<i>improcedência</i>	<i>improceder</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>incumbência</i>	<i>incumbir</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>independência</i>	<i>independer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>inerência</i>	<i>inerir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>instância</i>	<i>instar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>interdependência</i>	<i>interdepender</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>intermitência</i>	<i>intermitir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>latência</i>	<i>later</i>		E -E ^{s,ex}									S ^s							-Et ^{ex}
<i>pendência</i>	<i>pende</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>persistência</i>	<i>persistir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>precedência</i>	<i>preceder</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>predominância</i>	<i>predominar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>preexistência</i>	<i>preexistir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>preponderância</i>	<i>preponderar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>prestância</i>	<i>prestar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>redundância</i>	<i>redundar</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>relevância</i>	<i>relevar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>residência</i>	<i>residir</i>		E									S ^s							-E ^{v,s}

produto	inac <u>estado/existência</u>	p o n t	durat	ci	súbito	intens	op di f	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	impost o	loc
<i>resistência</i>	<i>resistir</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>respondência</i>	<i>responder</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>sobrevivência</i>	<i>sobreviver</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>subsistência</i>	<i>subsistir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>superabundância</i>	<i>superabundar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>tendência</i>	<i>tender</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>urgência</i>	<i>urgir</i>		E -E ^{s,ex}									S ^s							-E ^{ex}
<i>vacância</i>	<i>vacar</i>		E -E ^{s,ex}									S ^s							-Et ^{ex}
<i>vagância</i>	<i>vagar</i>		E -E ^{s,ex}									S ^s							-Et ^{ex}
<i>valância</i>	<i>valer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>vigência</i>	<i>viger</i>		E -E ^{s,ex}									S ^s							-Et ^{ex}
<i>vivência</i>	<i>viver</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X h 11. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases inacusativas de estado/existência

produto	inac <u>resultativas</u>	pon t	durat	ci	súbit o	inten s	op di f	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/ca r	cau s	obj	instr r	instr r aut	exp	impo sto	loc
<i>florência</i>	<i>florir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>florescência</i>	<i>florescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>frondescência</i>	<i>frondescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>frutescência</i>	<i>frutescer</i>		E -E ^{s,ex}									S ^s							-Et ^{ex}

produto	inac <u>resultativas</u>	pon t	durat	ci	súbit o	inten s	op di f	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/ca r	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impo sto	loc
<i>grumecência</i>	<i>grumecer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>preflorescência</i>	<i>°preflorescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>reflorescência</i>	<i>reflorescer</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X h 12. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases inacusativas resultativas

produto	inac <u>incoativo</u>	p o nt	durat	ci	súbito	Intens	op di f	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/ca r	caus	obj	instr	instr aut	exp	impost o	loc
<i>acrescência</i>	<i>acrescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>adolescência</i>	<i>adolescere</i>		E -E ^{s,ex}									S ^s							-Et ^{ex}
<i>arborescência</i>	<i>arborescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>ardência</i>	<i>arder</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>deliquescência</i>	<i>deliquescere</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>desfalecência</i>	<i>desfalecer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>efervescência</i>	<i>efervescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>elanguescência</i>	<i>elanguescere</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>enlanguescência</i>	<i>enlanguescere</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>ensurdecência</i>	<i>ensurdecere</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>entumecência</i>	<i>entumecer</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>erubescência</i>	<i>erubescere</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>escandecência</i>	<i>escandecere</i>		E -E ^s									S ^s							

produto	inac incoativo	p o nt	durat	ci	súbito	Intens	op di f	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/ca r	caus	obj	instr	instr aut	exp	impost o	loc
<i>fervência</i>	<i>ferver</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>flagrância</i>	<i>flagrar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>flavescência</i>	<i>flavescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>fulvescência</i>	<i>fulvescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>ignescência</i>	<i>ignescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>incandescência</i>	<i>incandescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>insurdescência</i>	<i>insurdescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>intumescência</i>	<i>intumescer</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>inturgescência</i>	<i>inturgescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>lactescência</i>	<i>lactescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>pubescência</i>	<i>pubescer</i>		E -E ^s -Ecol									S ^s							
<i>pulverescência</i>	<i>pulverescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>putrescência</i>	<i>putrescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>rarescência</i>	<i>rarescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>recrudescência</i>	<i>recrudescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>rejuvenescência</i>	<i>rejuvenescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>rubescência</i>	<i>rubescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>senescência</i>	<i>senescer</i>		E -E ^s									S ^s							

produto	inac <u>incoativo</u>	p o nt	durat	ci	súbito	Intens	op di f	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/ca r	caus	obj	instr	instr aut	exp	impost o	loc
<i>tabescência</i>	<i>°tabescer</i>		E -E ^{s1}									S ^s							
<i>tumescência</i>	<i>tumescer</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>turgescência</i>	<i>turgescer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>variância</i>	<i>variari</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X h 13. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases inacusativas incoativas

produto	trans <u>direcção específica</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>absorvência</i>	<i>absorver</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>influência</i>	<i>influir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>preterência</i>	<i>preterir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>refrangência</i>	<i>refranger</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X h 14. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica

produto	trans <u>configuração espacial</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>apendência</i>	<i>apender</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X h 15. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases transitivas de colocar em configuração espacial

¹ Doença nervosa.

produto	trans mover objecto	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc	
<i>alternância</i>	<i>alternar</i>		E ^s -E ^s									S ^s								
<i>traficância</i>	<i>traficar</i>		E -E ^s									S ^s								
<i>transferência</i>	<i>transferir</i>		E ^s -E ^s									S ^s								
<i>transumância</i>	<i>transumar</i>		E ^s -E ^s									S ^s								

Tabela X h 16. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases transitivas de mover objecto

produto	trans enviar	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc	
<i>expediência</i>	<i>expedir</i>		E -E ^s									S ^s								

Tabela X h 17. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases transitivas de enviar

produto	trans capturar	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc	
<i>rapinância</i>	<i>rapinar</i>		E -E ^s									S ^s								

Tabela X h 18. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases transitivas de capturar/apanhar

produto	trans objecto negativo	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc	
<i>rescindência</i>	<i>rescindir</i>									E -E ^s		S ^s								

Tabela X h 19. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases transitivas de objecto negativo

produto	trans causativo	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc	
<i>abstergência</i>	<i>absterger</i>		E -E ^s									S ^s								
<i>acrescência</i>	<i>acrescer</i>		E -E ^s									S ^s								
<i>adstringência</i>	<i>adstringir</i>		E -E ^s									S ^s								

produto	trans causativo	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>adurência</i>	<i>adurir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>comburência</i>	<i>comburir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>deprimência</i>	<i>deprimir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>dissolvência</i>	<i>dissolver</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>implicância</i>	<i>implicar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>restringência</i>	<i>restringir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>solvência</i>	<i>solver</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X h 20. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases transitivas causativas

produto	trans performativo	po nt	durat	c i	súbito	intens	op di f	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	cau s	ob j	inst r	inst r aut	exp	impost o	lo c
<i>acedência</i>	<i>aceder</i>									E ^s -E		S ^s							
<i>advertência</i>	<i>advertir</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>cedência</i>	<i>ceder</i>									E ^s -E		S ^s							
<i>co-gerência</i>	<i>co-gerir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>co-regência</i>	<i>co-reger</i>		E ^s -E									S ^s							
<i>desassistência</i>	<i>desassistir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>dominância</i>	<i>dominar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>exigência</i>	<i>exigir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>gerência</i>	<i>gerir</i>		E ^s -E									S ^s	-E ^v						
<i>inferência</i>	<i>inferir</i>		E -E ^s									S ^s							

produto	trans performativo	po nt	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	cau s	ob j	inst r	inst r aut	exp	impost o	lo c
<i>interferência</i>	<i>interferir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>observância</i>	<i>observar</i>		E ^s -E									S ^s							
<i>premência</i>	<i>premer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>referência</i>	<i>referir</i>		E ^s -Econc									S ^s							
<i>regência</i>	<i>reger</i>		E ^s -E									S ^s	-E ^v						
<i>repelência</i>	<i>repelir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>traficância</i>	<i>traficar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>vigilância</i>	<i>vigilar</i>		E ^s -E									S ^s	-E ^v						

Tabela X h 21. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases transitivas performativas

produto	trans declarativos	p o n t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	cau s	ob j	inst r	inst r aut	exp	imposto	lo c
<i>acedência</i>	<i>aceder</i>									E ^s -E		S ^s							
<i>advertência</i>	<i>advertir</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							
<i>aquiescência</i>	<i>aquiescer</i>									E -E ^s		S ^s							
<i>inferência</i>	<i>inferir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>referência</i>	<i>referir</i>		E ^s -Econc									S ^s							

Tabela X h 22. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala

produto	trans estímulo-sujeito	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>deprimência</i>	<i>deprimir</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>importunância</i>	<i>importunar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>repugnância</i>	<i>repugnar</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X h 23. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito

produto	trans experienciador-sujeito	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>preferência</i>	<i>preferir</i>		E ^s -E									S ^s							
<i>querência</i>	<i>querer</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>tolerância</i>	<i>tolerar</i>		E -E ^s									S ^s							
<i>transigência</i>	<i>transigir</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X h 24. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases transitivas de experienciador-sujeito

produto	trans psicológico	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	est/capac/car	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>ignorância</i>	<i>ignorar</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X h 25. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases transitivas psicológicas

produto	trans contacto	p o n t	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resu l	per f	est/capac/car	cau s	obj	inst r	inst r aut	exp	impost o	lo c
<i>tangência</i>	<i>tanger</i>		E -E ^s -Econc									S ^s							

Tabela X h 26. Semantismos dos produtos em *-ncia* a partir de bases transitivas de contacto

Índice de tabelas X h

Tabela X h 1. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases inergativas performativas	922
Tabela X h 2. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases inergativas de modo de moção	922
Tabela X h 3. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases inergativas de emissão de luz	922-923
Tabela X h 4. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases inergativas de emissão de som	923-924
Tabela X h 5. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases inergativas de emissão de cheiro	924
Tabela X h 6. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases inacusativas locativas	925
Tabela X h 7. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica	925-926
Tabela X h 8. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases inacusativas de mover-se	926-927
Tabela X h 9. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases inacusativas de aparecimento	927
Tabela X h 10. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases inacusativas de desaparecimento	928
Tabela X h 11. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases inacusativas de estado/existência	928-931
Tabela X h 12. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases inacusativas resultativas	931-932
Tabela X h 13. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases inacusativas incoativas	932-934
Tabela X h 14. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica	934
Tabela X h 15. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases transitivas de colocar em configuração espacial	934
Tabela X h 16. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases transitivas de mover objecto	935
Tabela X h 17. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases transitivas de enviar	935
Tabela X h 18. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases transitivas de capturar/apanhar	935
Tabela X h 19. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases transitivas de objecto negativo	935
Tabela X h 20. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases transitivas causativas	935-936
Tabela X h 21. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases transitivas performativas	936-937
Tabela X h 22. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala	937
Tabela X h 23. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito	938
Tabela X h 24. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases transitivas de experienciador-sujeito	938
Tabela X h 25. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases transitivas psicológicas	938
Tabela X h 26. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i> a partir de bases transitivas de contacto	938

Tabelas X i. Semantismos dos produtos em *-nço*

produto	inerg substância	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	intenso	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc	
<i>caganço</i>	<i>cagar</i>									E -Ecol ^s		S ^s								

Tabela X i 1. Semantismos dos produtos em *-nço* a partir de bases inergativas de emissão de substância

produto	inerg performativo	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	intenso	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc	
<i>cosipanço</i>	<i>cosipar</i>									E -Ecol ^s		S ^s								

Tabela X i 2. Semantismos dos produtos em *-nço* a partir de bases inergativas performativas

produto	inac aparecimento	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	intenso	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc	
<i>calhanço</i>	<i>calhar</i>									E -E ^{s,σ}		???		-E ^{v,σ}						

Tabela X i 3. Semantismos dos produtos em *-nço* a partir de bases inacusativas de aparecimento

produto	inac configuração espacial	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	intenso	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>espalhanço</i>	<i>espalhar-se</i>									E ^s		S ^s							
<i>espetanço</i>	<i>espetar-se</i>									E ^s		S ^s							
<i>esticanço</i>	<i>esticar-se</i>									E ^s		S ^s							

Tabela X i 4. Semantismos dos produtos em *-nço* a partir de bases inacusativas de colocar em configuração espacial

produto	inac direcção específica	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	intenso	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>recuanço</i>	<i>recuar</i>									E ^s		S ^s							

Tabela X i 5. Semantismos dos produtos em *-nço* a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica

produto	trans <u>locativo</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	intenso	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc	
<i>entalção</i>	<i>entalar</i>								E ^s			S ^s								

Tabela X i 6. Semantismos dos produtos em *-ção* a partir de bases transitivas locativas

produto	trans <u>direcção específica</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op di	part	cheg	tél/ resul	perf	intenso	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc	
<i>recuação</i>	<i>recuar</i>								E ^s			S ^s								

Tabela X i 7. Semantismos dos produtos em *-ção* a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica

produto	trans <u>causativos</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op di	part	cheg	tél/ resul	perf	intenso	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc	
<i>lixarção</i>	<i>lixar</i>								E ^s			S ^s								

Tabela X i 8. Semantismos dos produtos em *-ção* a partir de bases transitivas causativas

produto	trans <u>performativos</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op di	part	cheg	tél/ resul	perf	intenso	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc	
<i>chegação</i>	<i>chegar</i>								E ^s			S ^s								
<i>falharção</i>	<i>falhar</i>								E ^s			S ^s								
<i>mimarção</i>	<i>mimar</i>			E ^s								S ^s								
<i>picarção</i>	<i>picar</i>			E ^s								S ^s	-E ^{v,s}							

Tabela X i 9. Semantismos dos produtos em *-ção* a partir de bases transitivas performativas

produto	trans <u>capturar</u>	pont	durat	ci	súbito	intens	op di	part	cheg	tél/ resul	perf	intenso	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc	
<i>pescação</i>	<i>pescar</i>		E ^s									S ^s								
<i>gamação</i>	<i>gamar</i>		E ^s									S ^s								
<i>nicação</i>	<i>nicar</i>		E ^s									S ^s								
<i>palmarção</i>	<i>palmar</i>		E ^s									S ^s								
<i>pilharção</i>	<i>ilhar</i>		E ^s									S ^s								

produto	trans capturar	pont	durat	ci	súbito	intens	op di	part	cheg	tél/ resul	perf	intenso	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>rapinação</i>	<i>rapinar</i>		E ^s									S ^s							
<i>surripiação</i>	<i>surripiar</i>		E ^s									S ^s							

Tabela X i 10. Semantismos dos produtos em *-nço* a partir de bases transitivas de capturar/apanhar

produto	trans pedir	pont	durat	ci	súbito	intens	op di	part	cheg	tél/ resul	perf	intenso	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>cravação</i>	<i>cravar</i>		E ^s									S ^s							

Tabela X i 11. Semantismos dos produtos em *-nço* a partir de bases transitivas de pedir

produto	trans declarativo	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	intenso	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>gabação</i>	<i>gabar</i>		E ^s									S ^s							

Tabela X i 12. Semantismos dos produtos em *-nço* a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala

produto	trans prover de	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	intenso	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>habilitação</i>	<i>habilitar?</i>											S ^s	-E ^s ?						

Tabela X i 13. Semantismos dos produtos em *-nço* a partir de bases transitivas de prover de

produto	trans psicológico	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	intenso	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>empinação</i>	<i>empinar</i>		E ^s									S ^s							
<i>encornação</i>	<i>encornar</i>		E ^s									S ^s							

Tabela X i 14. Semantismos dos produtos em *-nço* a partir de bases transitivas psicológicas

produto	trans unir	pont	durat	ci	súbito	intens	op dif	part	cheg	tél/ resul	perf	intenso	caus	obj	instr	instr aut	exp	imposto	loc
<i>amigação</i>	<i>amigar-se</i>		E -E ^s									S ^s							

Tabela X i 15. Semantismos dos produtos em *-nço* a partir de bases transitivas de unir

Índice de tabelas X i

Tabela X i 1. Semantismos dos produtos em <i>-nço</i> a partir de bases inergativas de emissão de substância	941
Tabela X i 2. Semantismos dos produtos em <i>-nço</i> a partir de bases inergativas performativas	941
Tabela X i 3. Semantismos dos produtos em <i>-nço</i> a partir de bases inacusativas de aparecimento	941
Tabela X i 4. Semantismos dos produtos em <i>-nço</i> a partir de bases inacusativas de colocar em configuração espacial	941
Tabela X i 5. Semantismos dos produtos em <i>-nço</i> a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica	941
Tabela X i 6. Semantismos dos produtos em <i>-nço</i> a partir de bases transitivas locativas	942
Tabela X i 7. Semantismos dos produtos em <i>-nço</i> a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica	942
Tabela X i 8. Semantismos dos produtos em <i>-nço</i> a partir de bases transitivas causativas	942
Tabela X i 9. Semantismos dos produtos em <i>-nço</i> a partir de bases transitivas performativas	942
Tabela X i 10. Semantismos dos produtos em <i>-nço</i> a partir de bases transitivas de capturar/apanhar	942-943
Tabela X i 11. Semantismos dos produtos em <i>-nço</i> a partir de bases transitivas de pedir.....	943
Tabela X i 12. Semantismos dos produtos em <i>-nço</i> a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala.....	943
Tabela X i 13. Semantismos dos produtos em <i>-nço</i> a partir de bases transitivas de prover de.....	943
Tabela X i 14. Semantismos dos produtos em <i>-nço</i> a partir de bases transitivas psicológicas.....	943
Tabela X i 15. Semantismos dos produtos em <i>-nço</i> a partir de bases transitivas de unir	943

Anexo Y

**Mecanismos de produção dos semantismos dos
produtos construídos a partir de operadores afixais
prototipicamente de ‘indivíduo’**

Tabelas Y a. Semantismos dos produtos em *-al*

produto	inergativos <u>moção</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	relativo a/próprio de	perf	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>tremedal</i>	<i>tremar</i>							E ^c E ^s	S ^s		-E ^σ						-E ^{e,v,s,σ}

Tabela Y a 1. Semantismos de produtos em *-al* a partir de bases inergativas de modo de moção

produto	transitivos <u>config espac</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	relativo a/próprio de	perf	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>estendal</i>	<i>estender</i>							E ^c E ^s	S ^s								-E ^{e,v,s}
<i>tendal</i>	<i>tender</i>							E ^c	S ^s								-E ^{e,v,s} -Ep ^{e,v,s}

Tabela Y a 2. Semantismos de produtos em *-al* a partir de bases transitivas de colocar em configuração espacial

produto	transitivos <u>mov obj</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	relativo a/próprio de	perf	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>passal</i>	<i>passar</i>							E ^c	S ^s								-E ^{e,v,s}

Tabela Y a 3. Semantismos de produtos em *-al* a partir de bases transitivas de mover objecto

produto	transitivos <u>prender</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	relativo a/próprio de	perf	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>fírmal</i>	<i>fírmar</i>							E ^c	S ^s		-E ^σ						-Ec ^{e,v,s,σ}

Tabela Y a 4. Semantismos de produtos em *-al* a partir de bases transitivas de prender

Índice de tabelas Y a

Tabela Y a 1. Semantismos de produtos em <i>-al</i> a partir de bases inergativas de modo de moção	947
Tabela Y a 2. Semantismos de produtos em <i>-al</i> a partir de bases transitivas de colocar em configuração espacial	947
Tabela Y a 3. Semantismos de produtos em <i>-al</i> a partir de bases transitivas de mover objecto.....	947
Tabela Y a 4. Semantismos de produtos em <i>-al</i> a partir de bases transitivas de prender	947

Tabelas Y b. Semantismos dos produtos de indivíduo em -ão

produto	inergativos instrumen	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>martelão</i>	<i>martelar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y b 1. Semantismos dos produtos em -ão a partir de bases inergativas instrumentais

produto	inergativos actos de fala	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>palrão</i>	<i>palrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ralhão</i>	<i>ralhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>refilão</i>	<i>refilar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y b 2. Semantismos dos produtos em -ão a partir de bases inergativas de actos de fala

produto	inergativos som	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>badalão</i>	<i>badalar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>berrão</i>	<i>berrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>chião</i>	<i>chiar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Ean ^{e,v,s}				
<i>chorão</i>	<i>chorar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -Eveg ^{e,v,s}		-Ean ^{e,v,s} -Eh ^{e,v,s}				
<i>farfalhão</i>	<i>farfalhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>fungão</i>	<i>fungar</i>							E ^c		S ^s	-Ec ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>galrão</i>	<i>galrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>palrão</i>	<i>palrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>relinchão</i>	<i>relinchar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>remanchão</i>	<i>remanchar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>repointão</i>	<i>repointar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>resmungão</i>	<i>resmungar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>respingão</i>	<i>respingar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>rezingão</i>	<i>rezingar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>rinchão</i>	<i>rinchar</i>							E ^c		S ^s	-Eveg ^{e,v,s}		-Ean ^{e,v,s} -Eh ^{e,v,s}				
<i>roncão</i>	<i>roncar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>zornão</i>	<i>zornar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				

Tabela Y b 3. Semantismos dos produtos em -ão a partir de bases inergativas de emissão de som

produto	inergativos moção	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>bailão</i>	<i>bailar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>choutão</i>	<i>choutar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>corricão</i>	<i>corricar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>gingão</i>	<i>gingar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>mancão</i>	<i>mancar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>pinchão</i>	<i>pinchar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>retoução</i>	<i>retouçar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>saltão</i>	<i>saltar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>tremão</i>	<i>tremar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>trotão</i>	<i>trotar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				

Tabela Y b 4. Semantismos dos produtos em *-ão* a partir de bases inergativas de modo de moção

produto	inergativos substância	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>cagão</i> ¹	<i>cagar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>mijão</i>	<i>mijar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y b 5. Semantismos dos produtos em *-ão* a partir de bases inergativas de emissão de substância

produto	inergativos performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>brincalhão</i>	<i>brincalhar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>brincão</i>	<i>brincar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>bulhão</i>	<i>bulhar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>dorminhão</i>	<i>dormir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>falhão</i>	<i>falhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>feirão</i>	<i>feirar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>fujão</i>	<i>fugir</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>guerreão</i>	<i>guerrear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>gulapão</i>	<i>gulapar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>lambarão</i>	<i>lambarar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>mandrião</i>	<i>mandriar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>mangão</i>	<i>mangar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>marrão</i>	<i>marrar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}	-E ^{c,v,s}			
<i>rascão</i>	<i>rascar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>turrão</i>	<i>turrar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				

¹ Cf. significação de ‘copinho de aguardente’(????).

produto	transitivos obj negat	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>fossão</i>	<i>fossar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>podão</i>	<i>podar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}	-E ^{e,v,s2}			
<i>segão</i>	<i>segar</i>							E ^c		S ^s				-E ^{e,v,s}			
<i>trinchão</i>	<i>trincar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}	-E ^{e,v,s}			

Tabela Y b 11. Semantismos dos produtos em -ão a partir de bases transitivas de objecto negativo

produto	transitivos percepção	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>espião</i>	<i>espiar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>mirão</i>	<i>mirar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	

Tabela Y b 12. Semantismos dos produtos em -ão a partir de bases transitivas de percepção

produto	trans perform	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>aldrabão</i>	<i>aldrabar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>babão</i>	<i>babar-se</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>beberrão</i>	<i>beber</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>benzilhão</i>	<i>benzer</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>burlão</i>	<i>burlar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>cavão</i>	<i>cavar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>chucharrão</i>	<i>chuchar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>chupão</i>	<i>chupar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>comilão</i>	<i>comer</i>							E ^e		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>esfregão</i>	<i>esfregar</i>							E ^e		S ^s				-E ^{e,v,s}			
<i>foção</i>	<i>foçar</i>							E ^e		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>fumão</i>	<i>fumar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>gabão</i>	<i>gabar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>intrujão</i>	<i>intrujar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>lambão</i>	<i>lamber</i>							E ^e		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>logrão</i>	<i>lograr</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>mamão</i>	<i>mamar</i>							E ^e		S ^s	-Eveg ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>mandão</i>	<i>mandar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>mangão</i>	<i>mangar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>papão</i>	<i>papar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>regalão</i>	<i>regalar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>regatão</i>	<i>regatar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>tanjão</i>	<i>tanger????</i>							E ^e		S ^s			-E ^{e,v,s?}				

² As significações de instrumentos estão inseridas na lcs, ainda que possam não ter correspondência na EA. O mesmo para *segão* e *trinchão*.

Tabela Y b 13. Semantismos dos produtos em -ão a partir de bases transitivas performativas

produto	trans dec e act fala	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>gabão</i>	<i>gabar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>perguntão</i>	<i>perguntar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>respondão</i>	<i>responder</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>rezão</i>	<i>rezar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y b 14. Semantismos dos produtos em -ão a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala

produto	trans pedir	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>demandão</i>	<i>demandar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>pedinchão</i>	<i>pedinchar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y b 15. Semantismos dos produtos em -ão a partir de bases transitivas de pedir

produto	trans instrument	pont	durat	ci	op di	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>cavão</i>	<i>cavar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>rapão</i>	<i>rapar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}	-Eh ^{e,v,s}	-E ^{e,v,s}			
<i>varejão</i>	<i>varejar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				

Tabela Y b 16. Semantismos dos produtos em -ão a partir de bases transitivas instrumentais

produto	trans transf de posse	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>revendão</i>	<i>revender</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>vendão</i>	<i>vender</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y b 17. Semantismos dos produtos em -ão a partir de bases transitivas de transferência de posse

produto	trans prover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>besuntão</i>	<i>besuntar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>regrão</i>	<i>regrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			

Tabela Y b 18. Semantismos dos produtos em -ão a partir de bases transitivas de prover de

produto	trans desprover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>capão</i>	<i>capar</i>							E ^c		S ^s		-Ean ^{e,v,s} -Eveg ^{e,v,s}					

Tabela Y b 19. Semantismos dos produtos em -ão a partir de bases transitivas de desprover de

produto	trans	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>ganhão</i>	<i>ganhar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y b 20. Semantismos dos produtos em *-ão* a partir de bases transitivas de capturar/apanhar

produto	trans	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>pegão</i>	<i>pegar</i>							E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s}					

Tabela Y b 21. Semantismos dos produtos em *-ão* a partir de bases transitivas de unir

produto	trans	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>travão</i>	<i>travar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^{ex,σ}		

Tabela Y b 22. Semantismos dos produtos em *-ão* a partir de bases transitivas de obstar

produto	trans	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>sabão</i>	<i>saber</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y b 23. Semantismos dos produtos em *-ão* a partir de bases transitivas psicológicas

produto	trans	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	intenso	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>seringão</i>	<i>seringar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>zangão</i>	<i>zangar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y b 24. Semantismos dos produtos em *-ão* a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito

Índice de tabelas Y b

Tabela Y b 1. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases inergativas instrumentais.....	949
Tabela Y b 2. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases inergativas de actos de fala.....	949
Tabela Y b 3. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases inergativas de emissão de som	949
Tabela Y b 4. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases inergativas de modo de moção	950
Tabela Y b 5. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases inergativas de emissão de substância	950
Tabela Y b 6. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases inergativas performativas	950-951
Tabela Y b 7. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica	951
Tabela Y b 8. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases transitivas de carregar/rebocar	951
Tabela Y b 9. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases transitivas de mover objecto.....	951

Tabela Y b 10. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases transitivas causativas	951
Tabela Y b 11. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases transitivas de objecto negativo	951-952
Tabela Y b 12. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases transitivas de percepção	952
Tabela Y b 13. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases transitivas performativas	953
Tabela Y b 14. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala.....	953
Tabela Y b 15. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases transitivas de pedir	953
Tabela Y b 16. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases transitivas instrumentais.....	953
Tabela Y b 17. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases transitivas de transferência de posse	953
Tabela Y b 18. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases transitivas de prover de	953
Tabela Y b 19. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases transitivas de desprover de	953
Tabela Y b 20. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases transitivas de capturar/apanhar.....	954
Tabela Y b 21. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases transitivas de unir	954
Tabela Y b 22. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases transitivas de obstar	954
Tabela Y b 23. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases transitivas psicológicas.....	954
Tabela Y b 24. Semantismos dos produtos em <i>-ão</i> a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito.....	954

Tabelas Y c. Semantismos dos produtos em *-deira*

produto	Inergs moção	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de ¹	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>andadeira</i>	<i>andar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>arruadeira</i>	<i>arruar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>bailadeira</i>	<i>bailar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}				-E ^σ
<i>balhadeira</i>	<i>balhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				
<i>bulideira</i>	<i>bulir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>dançadeira</i>	<i>dançar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>engatadeira</i>	<i>engatar</i>							E ^c		S ^s	-Eveg ^{e,v,s}		-Ean ^{e,v,s}				
<i>engatinhadeira</i>	<i>engatinhar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>marinhadeira</i>	<i>marinhar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>nadadeira</i>	<i>nadar</i>							E ^c		S ^s	-Ec ^{e,v,s}						
<i>tremedeira</i>	<i>tremar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>trepadeira</i>	<i>trepar</i>							E ^c		S ^s	-Eveg ^{e,v,s}		-Ean ^{e,v,s}				

Tabela Y c 1. Semantismos dos produtos em *-deira* a partir de bases inergativas de modo de moção

produto	Inergs som	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>assobiadeira</i>	<i>assobiar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>carpideira</i>	<i>carpir</i>		E ^s					E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>chiadeira</i>	<i>chiar</i>		E ^s					E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>choradeira</i>	<i>chorar</i>		E ^s					E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				
<i>espirradeira</i>	<i>espirrar</i>							E ^c		S ^s	-Eveg ^{e,v,s}						
<i>fungadeira</i>	<i>fungar</i>			E ^s				E ^c		S ^s							-Ep? ²
<i>ganideira</i>	<i>ganir</i>			E ^s				E ^c		S ^s							
<i>gritadeira</i>	<i>gritar</i>		E ^s					E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>grunhideira</i>	<i>grunhir</i>		E ^s					E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s}						
<i>guinchadeira</i>	<i>guinchar</i>		E ^s					E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s}						
<i>murmuradeira</i>	<i>murmurar</i>			E ^s				E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>piadeira</i>	<i>piar</i>			E ^s				E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				

¹ O traço [que tem a funcionalidade de] é decomponível em [que efectua Xb com frequência]. É o subcomponente [frequência] que serve de projecção para os semantismos de ‘evento’ assinalados por E^s (cf. § 1.4, cap. VII).

² Significação de ‘caixa para rapé’ (???)

produto	Inergs som	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>pranteadeira</i>	<i>prantear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>rangedeira</i>	<i>ranger</i>		E ^s					E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>roçadeira</i>	<i>roçar</i> 'roçar'		E ^s					E ^c		S ^s							
<i>zinideira</i>	<i>zinir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>zoadeira</i>	<i>zoar</i>		E ^s					E ^c		S ^s							
<i>zunideira</i>	<i>zunir</i>		E ^s					E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			

Tabela Y c 2. Semantismos dos produtos em *-deira* a partir de bases inergativas de emissão de som

produto	Inergs substância	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>mijadeira</i>	<i>mijar</i>							E ^c		S ^s	-Eveg ^{e,ex,s}						
<i>pingadeira</i>	<i>pingar</i>		E ^s					E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						-Ep ^{e,ex,s}
<i>cuspeadeira</i>	<i>cuspir</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				-Ep ^{e,ex,s}
<i>escarradeira</i>	<i>escarrar</i>							E ^c		S ^s							-Ep ^{e,ex,s}

Tabela Y c 3. Semantismos dos produtos em *-deira* a partir de bases inergativas de emissão de substância

produto	Inergs performativo	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>almoçadeira</i>	<i>almoçar</i>							E ^c		S ^s							-Ep ^{e,ex,s}
<i>brincadeira</i>	<i>brincar</i>		E ^s					E ^c		S ^s							
<i>cernideira</i>	<i>cernir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}						-E ^σ
<i>contratadeira</i>	<i>contratar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>dormideira</i> ³	<i>dormir</i>		E ^s					E ^c		S ^s	-Eveg ^{e,ex,s}						
<i>mamadeira</i>	<i>mamar</i>		E ^s					E ^c		S ^s		???		-E ^{e,ex,s?}			
<i>rabiscadeira</i>	<i>rabiscar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>trabalhadeira</i>	<i>trabalhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y c 4. Semantismos dos produtos em *-deira* a partir de bases inergativas performativas

³ 'Acção de dormir um sono leve', o que é estranho face à ideia de intensidade ou frequência.

produto	Inergs actos de fala	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>conversadeira</i>	<i>conversar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				-E ^{e,ex,s}
<i>faladeira</i>	<i>falar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>murmuradeira</i>	<i>murmurar</i>		E ^s					E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>rezadeira</i>	<i>rezar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y c 5. Semantismos dos produtos em *-deira* a partir de bases inergativas de actos de fala

produto	Inacs dire esp	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>arribadeira</i>	<i>arribar</i>							E ^e		S ^s		-Ean ^{e,v,s}					
<i>descedeira</i>	<i>descer</i>							E ^e		S ^s		-Ean ^{e,v,s}					
<i>subideira</i>	<i>subir</i>							E ^e		S ^s		-Ean ^{e,v,s}					

Tabela Y c 6. Semantismos dos produtos em *-deira* a partir de bases inacusativas de mover objecto em direcção específica

produto	Inacs mover-se o sujeito	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>passadeira</i>	<i>passar</i>							E ^e		S ^s							-Ep ^{e,v,s}

Tabela Y c 7. Semantismos dos produtos em *-deira* a partir de bases inacusativas de mover-se o sujeito em direcção a objecto

produto	Trans locativo	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>amalhadeira</i>	<i>amalhar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>arrumadeira</i>	<i>arrumar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>bobinadeira</i>	<i>bobinar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>embutideira</i>	<i>embutir</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>empacotadeira</i>	<i>empacotar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>encarretadeira</i>	<i>encarretar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>encobrideira</i>	<i>encobrir</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>enfardadeira</i>	<i>enfardar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>enformadeira</i>	<i>enformar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>engarrafadeira</i>	<i>engarrafar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>enquerideira</i>	<i>enquerir</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>enroladeira</i>	<i>enrolar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>ensecadeira</i>	<i>ensecar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}						-E ^σ
<i>inquerideira</i>	<i>inquerir</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>lardeadeira</i>	<i>lardear</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			

Tabela Y c 8. Semantismos dos produtos em *-deira* a partir de bases transitivas locativas

produto	Trans dir esp	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>achegadeira</i>	<i>achegar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>alçadeira</i>	<i>alçar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>apeadeira</i>	<i>apear</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>chegadeira</i>	<i>chegar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>desandadeira</i>	<i>desandar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>escoadeira</i>	<i>escoar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}						-Ep ^σ
<i>recuadeira</i>	<i>recuar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			

Tabela Y c 9. Semantismos dos produtos em *-adeira* a partir de bases transitivas de mover o objecto em direcção específica

produto	Trans config espac	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>tendadeira</i>	<i>tender</i>							E ^e		S ^s							-Ep ^{e,v,s}

Tabela Y c 10. Semantismos dos produtos em *-adeira* a partir de bases transitivas de colocar em configuração espacial

produto	Trans mov força	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>arrancadeira</i>	<i>arrancar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ	-Emq ^σ		
<i>empolgadeira</i>	<i>empolgar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}						-Ec ^σ
<i>espichadeira</i>	<i>espichar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>estiradeira</i>	<i>estirar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>puxadeira</i>	<i>puxar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}						-Ec ^σ
<i>tiradeira</i>	<i>tirar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			

Tabela Y c 11. Semantismos dos produtos em *-adeira* a partir de bases transitivas de mover através de força

produto	Trans carre/reboc	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>acarretadeira</i>	<i>acarretar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>arrastadeira</i>	<i>arrastar</i>							E ^e		S ^s		E??					

Tabela Y c 12. Semantismos dos produtos em *-adeira* a partir de bases transitivas de carregar/rebocar

produto	Trans cercar	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>abraçadeira</i>	<i>abraçar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>atravessadeira</i>	<i>atravessar</i> 'açambarcar'							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>cercadeira</i>	<i>cercar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>cingideira</i>	<i>cingir</i>							E ^c		S ^s	-Ec ^{e,v,s}						

Tabela Y c 13. Semantismos dos produtos em *-deira* a partir de bases transitivas de cercar

produto	Trans lançar	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>lançadeira</i>	<i>lançar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			

Tabela Y c 14. Semantismos dos produtos em *-deira* a partir de bases transitivas de lançar

produto	Trans m s/ alt esp	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>embaladeira</i>	<i>embalar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>retorcedeira</i>	<i>retorcer</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>torcedeira</i>	<i>torcer</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>viradeira</i>	<i>virar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		

Tabela Y c 15. Semantismos dos produtos em *-deira* a partir de bases transitivas de mover sem alteração espacial

produto	Trans parar	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>estancadeira</i>	<i>estancar</i>							E ^c		S ^s	-Eveg ^{e,v,s}						

Tabela Y c 16. Semantismos dos produtos em *-deira* a partir de bases transitivas de parar

produto	Trans resultativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e xp	loc
<i>bordadeira</i>	<i>bordar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>chocadeira</i>	<i>chocar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		-Ep ^σ
<i>criadeira</i>	<i>criar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		-Ep ^σ
<i>dobadeira</i>	<i>dobar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>enfardadeira</i>	<i>enfardar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>enformadeira</i>	<i>enformar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>enoveladeira</i>	<i>enovelar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>enredadeira</i>	<i>enredar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>enroladeira</i>	<i>enrolar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>feltradeira</i>	<i>feltrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>fiadeira</i>	<i>fiar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	Trans resultativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
manadeira	manar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
meadeira	mear							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
palmiladeira	palmilhar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
paradeira	parir							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s} adj				
poadeira	pôr							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
rabiscadeira	rabiscar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
riscadeira	riscar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
soldadeira	soldar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}						-Ep ^σ
tecedeira	tecer							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
trançadeira	trançar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
urdadeira	urdir							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-Eh ^{e,v,s}			-Ep ^σ

Tabela Y c 17. Semantismos dos produtos em *-adeira* a partir de bases transitivas resultativas

produto	Trans obj negat	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
abortadeira	abortar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
chuchadeira	chuchar		E ^s					E ^c		S ^s		???					
chupadeira	chupar							E ^c		S ^s				-E ^{e,ex,s}			
cortadeira	cortar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
fendadeira	fender							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
javradeira	javrar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
podadeira	podar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
quebradeira	quebrar						E ^s	E ^c		S ^s							
rachadeira	rachar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
roçadeira	roçar 'cortar'							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
rompedeira	romper							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
segadeira	segar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
talhadeira	talhar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			

Tabela Y c 18. Semantismos dos produtos em *-adeira* a partir de bases transitivas de objecto negativo

produto	Trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
afiadeira	afiar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
aguçadeira	aguçar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
alimpadeira	alimpar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				

produto	Trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e xp	loc
amassadeira	amassar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		-Ep ^{e,ex,s}
amoladeira	amolar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
apertadeira	apertar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
apremedeira	apremer							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
arrasadeira	arrasar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
assadeira	assar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}				-Ep ^σ
assedadeira	assedar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
assentadeira	assentar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
batedeira	bater							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
britadeira	britar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
brunideira	brunir							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
calcadeira	calcar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
cerzideira	cerzir							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
cozedeira	cozer							E ^c	S ^s								-Ep ^{e,ex,s}
crestadeira	crestar 'queimar'							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
desempenadeira	desempenar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
desencardadeira	desencardir							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
desengaçadeira	desengaçar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
desengrossadeira	desengrossar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
dobradeira	dobrar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
embotadeira	embotar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
encartadeira	encartar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
engomadeira	engomar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
enroladeira	enrolar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
enxugadeira	enxugar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
escolhedeira	escolher							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
esfarrapadeira	esfarrapar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
esmeriladeira	esmerilar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
espevitadeira	espevitar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
estreladeira	estrelar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}						-Ep ^σ
estufadeira	estufar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}						-Ep ^σ
frigideira	frigir							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}				-Ep ^σ
fritadeira	fritar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}				-Ep ^σ
galgadeira	galgar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
geladeira	gelar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		-Ep ^σ
gomadeira	gomar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	Trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>guisadeira</i>	<i>guisar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}						-Ep ^σ
<i>lavadeira</i>	<i>lavar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>limpadeira</i>	<i>limpar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>lustradeira</i>	<i>lustrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>moedeira</i>	<i>moer</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>passadeira</i>	<i>passar</i> ‘secar’							E ^c		S ^s							-Ep ^{e,ex,s}
<i>picadeira</i>	<i>picar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>pregueadeira</i>	<i>preguear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>premedeira</i>	<i>premer</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>puideira</i>	<i>puir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>raspinhadeira</i>	<i>raspinhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>repassadeira</i>	<i>repassar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>ripadeira</i>	<i>ripar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ	-Emq ^σ		
<i>secadeira</i>	<i>secar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}						-Ep ^σ
<i>sevadeira</i>	<i>sevar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>solinhadeira</i>	<i>solinhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>tesadeira</i>	<i>tesar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>torradeira</i>	<i>torrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		

Tabela Y c 19. Semantismos dos produtos em *-adeira* a partir de bases transitivas causativas

produto	Trans ferir	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>carregadeira</i>	<i>carregar</i>		E ^s					E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			

Tabela Y c 20. Semantismos dos produtos em *-adeira* a partir de bases transitivas de ferir

produto	Trans percepção	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>espreitadeira</i>	<i>espreitar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	-Ep ^{e,v,s}
<i>procuradeira</i>	<i>procurar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>reparadeira</i>	<i>reparar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>vasculhadeira</i>	<i>vasculhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ		-Eh ^{e,v,s}	

Tabela Y c 21. Semantismos dos produtos em *-adeira* a partir de bases transitivas de percepção

produto	Trans prover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>acolchoadeira</i>	<i>acolchoar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>basteadeira</i>	<i>bastear</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>betumadeira</i>	<i>betumar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>calçadeira</i>	<i>calçar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>cevideira</i>	<i>cevar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}						-Ep ^σ
<i>cravadeira</i>	<i>cravar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>cuidadeira</i>	<i>cuidar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>debruar</i>	<i>debruar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>empalhadeira</i>	<i>empalhar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>enceradeira</i>	<i>encerar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>enchadeira</i>	<i>encher</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>enxertadeira</i>	<i>enxertar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>enxofradeira</i>	<i>enxofrar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>gaspeadeira</i>	<i>gaspear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>palmilhadeira</i>	<i>palmilhar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>pregadeira</i>	<i>pregar</i>							E ^c	S ^s								-Ep ^{e,v,s}
<i>regradeira</i>	<i>regrar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>salgadeira</i>	<i>salgar</i>							E ^c	S ^s		-Eveg ^{e,v,s}						-Ep ^{e,ex,s}
<i>sulfadeira</i>	<i>sulfatar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>tapadeira</i>	<i>tapar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>tratadeira</i>	<i>tratar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>vestideira</i>	<i>vestir</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		

Tabela Y c 22. Semantismos dos produtos em *-adeira* a partir de bases transitivas de *prover de*

produto	Trans desprover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>capadeira</i>	<i>capar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}	-Eadj		-E ^σ			
<i>crestadeira</i>	<i>crestar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>debulhadeira</i>	<i>debulhar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>degranadeira</i>	<i>degranar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>descalçadeira</i>	<i>descalçar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>descascadeira</i>	<i>descascar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>desmamadeira</i>	<i>desmamar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>desnatadeira</i>	<i>desnatar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>escamadeira</i>	<i>escamar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>escanganhadeira</i>	<i>escanganhar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>escumadeira</i>	<i>escumar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			

produto	Trans desprover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>espreguiçadeira</i>	<i>espreguiçar</i>							E ^c		S ^s							-Ep ^{e,ex,s}
<i>espumadeira</i>	<i>espumar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>mondadeira</i>	<i>mondar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>sangradeira</i>	<i>sangrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}						-E ^σ
<i>tosquiadeira</i>	<i>tosquiar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			

Tabela Y c 23. Semantismos dos produtos em *-adeira* a partir de bases transitivas de desprover de

produto	Trans dividir em	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>rabaneadeira</i>	<i>rabanear</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>repartideira</i>	<i>repartir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}				-Ep ^σ

Tabela Y c 24. Semantismos dos produtos em *-adeira* a partir de bases transitivas de dividir em

produto	Trans distribuir por	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>repartideira</i>	<i>repartir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}				-Ep ^σ

Tabela Y c 25. Semantismos dos produtos em *-adeira* a partir de bases transitivas de distribuir por

produto	Trans transferência de posse	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>revendedeira</i>	<i>revender</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y c 26. Semantismos dos produtos em *-adeira* a partir de bases transitivas de transferência de posse

produto	Trans instrumentais	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>abotoadeira</i>	<i>abotoar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			?
<i>amalhadeira</i>	<i>amalhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>assedadeira</i>	<i>assedar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>charruadeira</i>	<i>charruar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>embaçadeira</i>	<i>embaçar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>esmeriladeira</i>	<i>esmerilar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>espadeladeira</i>	<i>espadelar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>gramadeira</i>	<i>gramar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>malhadeira</i>	<i>malhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>rapadeira</i>	<i>rapar</i>							E ^c		S ^s				-E ^σ			
<i>raspadeira</i>	<i>raspar</i>							E ^c		S ^s				-E ^σ			
<i>raspinhadeira</i>	<i>raspinhar</i>							E ^c		S ^s				-E ^σ			

produto	Trans instrumentais	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>tascadeira</i>	<i>tascar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>varredeira</i>	<i>varrer</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		

Tabela Y c 27. Semantismos dos produtos em *-deira* a partir de bases transitivas instrumentais

produto	Trans declarativos e actos de fala	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>chamadeira</i>	<i>chamar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y c 28. Semantismos dos produtos em *-deira* a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala

produto	Trans performativas	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>abençoadeira</i>	<i>abençoar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>agenciadeira</i>	<i>agenciar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>bebedeira</i>	<i>beber</i>						E ^s	E ^c		S ^s							
<i>calcadeira</i>	<i>calcar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>cantadeira</i>	<i>cantar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				
<i>comedeira</i>	<i>comer</i>		E ^s					E ^c		S ^s							
<i>enleadeira</i>	<i>enlear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>enredadeira</i>	<i>enredar</i>							E ^c		S ^s	-Eveg ^{e,v,s}						
<i>escarnicadeira</i>	<i>escarnicar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>escrevedeira</i>	<i>escrever</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>esfregadeira</i>	<i>esfregar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>governadeira</i>	<i>governar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>guardadeira</i>	<i>guardar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>inculcadeira</i>	<i>inculcar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>lavradeira</i>	<i>lavar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>semostradeira</i>	<i>semostrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>trincadeira</i>	<i>trincar</i>			E ^s				E ^c		S ^s		???					

Tabela Y c 29. Semantismos dos produtos em *-deira* a partir de bases transitivas pefromativas

produto	Trans unir	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>abotoadeira</i>	<i>abotoar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>achegadeira</i>	<i>achegar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ajuntadeira</i>	<i>ajuntar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>chegadeira</i>	<i>chegar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>misturadeira</i>	<i>misturar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}						-Emq ^σ

Tabela Y c 30. Semantismos dos produtos em *-adeira* a partir de bases transitivas de unir

produto	Trans capturar	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>amalhadeira</i>	<i>amalhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>aparadeira</i>	<i>aparar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}				-Ep ^σ
<i>caçadeira</i>	<i>caçar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s} adj			-E ^σ	-E ^σ		-Ep ^σ
<i>engatadeira</i>	<i>engatar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>pegadeira</i>	<i>pegar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		-Ec ^σ
<i>respigadeira</i>	<i>respigar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y c 31. Semantismos dos produtos em *-adeira* a partir de bases transitivas de capturar/apanhar

produto	Trans contacto	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>apalpadeira</i>	<i>apalpar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y c 32. Semantismos dos produtos em *-adeira* a partir de bases transitivas de contacto

produto	Trans prender	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>apernadeira</i>	<i>apernar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>cingideira</i>	<i>cingir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}						-Ec ^σ
<i>embaçadeira</i>	<i>embaçar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>engarradeira</i>	<i>engarrar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				

Tabela Y c 33. Semantismos dos produtos em *-adeira* a partir de bases transitivas de prender

produto	Trans estímulo-sujeito	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>moedeira</i>	<i>moer</i>		E ^s					E ^e		S ^s							
<i>logradeira</i>	<i>lograr</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y c 34. Semantismos dos produtos em *-deira* a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito

produto	Trans obstar	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>travadeira</i>	<i>travar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ	-E ^σ		

Tabela Y c 35. Semantismos dos produtos em *-deira* a partir de bases transitivas de obstar

Índice de tabelas Y c

Tabela Y c 1. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases inergativas de modo de moção.....	957
Tabela Y c 2. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases inergativas de emissão de som.....	957-958
Tabela Y c 3. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases inergativas de emissão de substância.....	958
Tabela Y c 4. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases inergativas performativas.....	958
Tabela Y c 5. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases inergativas de actos de fala.....	959
Tabela Y c 6. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases inacusativas de mover objecto em direcção específica.....	959
Tabela Y c 7. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases inacusativas de mover-se o sujeito em direcção a objecto.....	959
Tabela Y c 8. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas locativas.....	959
Tabela Y c 9. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de mover o objecto em direcção específica.....	960
Tabela Y c 10. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de colocar em configuração espacial.....	960
Tabela Y c 11. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de mover através de força.....	960
Tabela Y c 12. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de carregar/rebocar.....	960
Tabela Y c 13. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de cercar.....	961
Tabela Y c 14. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de lançar.....	961
Tabela Y c 15. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de mover sem alteração espacial.....	961
Tabela Y c 16. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de parar.....	961
Tabela Y c 17. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas resultativas.....	961-962
Tabela Y c 18. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de objecto negativo.....	962
Tabela Y c 19. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas causativas.....	962-964
Tabela Y c 20. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de ferir.....	964
Tabela Y c 21. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de percepção.....	964
Tabela Y c 22. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de prover de.....	965

Tabela Y c 23. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de desprover de.....	965-966
Tabela Y c 24. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de dividir em.....	966
Tabela Y c 25. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de distribuir por	966
Tabela Y c 26. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de transferência de posse	966
Tabela Y c 27. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas instrumentais.....	966-967
Tabela Y c 28. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala.....	967
Tabela Y c 29. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas pefromativas	967
Tabela Y c 30. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de unir	968
Tabela Y c 31. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de capturar/apanhar.....	968
Tabela Y c 32. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de contacto.....	968
Tabela Y c 33. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de prender	968
Tabela Y c 34. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito.....	969
Tabela Y c 35. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i> a partir de bases transitivas de obstar.....	969

Tabelas Y d. Semantismos dos produtos em *-deiro*

produto	Inergs som	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>bramadeiro</i>	<i>bramar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>palradeiro</i>	<i>palrar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>piadeiro</i>	<i>piar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				

Tabela Y d 1. Semantismos dos produtos em *-deiro* a partir de bases inergativas de emissão de som

produto	Inergs substância	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>mijadeiro</i>	<i>mijar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s} -Ep ^{e,ex,s}
<i>transpiradeiro</i>	<i>transpirar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}						-Ec ^σ

Tabela Y d 2. Semantismos dos produtos em *-deiro* a partir de bases inergativas de emissão de substância

produto	Inergs moção	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>desfiladeiro</i>	<i>desfilar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,ex,s,σ}						-E ^σ
<i>deslizadeiro</i>	<i>deslizar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,ex,s,σ}						-E ^σ
<i>resvaladeiro</i>	<i>resvalar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,ex,s,σ}						-E ^σ
<i>singradeiro</i>	<i>singrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,ex,s,σ}						-E ^σ
<i>andadeiro</i>	<i>andar</i>							E ^c		S ^s	-Econc ^{e,ex,s,σ?}		-Eh ^{e,ex,s}	-E ^{σ?}			

Tabela Y d 3. Semantismos dos produtos em *-deiro* a partir de bases inergativas de modo de moção

produto	Inergs actos de fala	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>rezadeiro</i>	<i>rezar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,ex,s}				
<i>mentideiro</i>	<i>mentir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} ¹ adj						-E ^{e,ex,s}

Tabela Y d 4. Semantismos dos produtos em *-deiro* a partir de bases inergativas de actos de fala

¹ DV: «Termo antiquado. Mentiroso, doloso, illusorio.»

produto	Inacs direc espe	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>arribadeiro</i>	<i>arribar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,ex,s,σ}						-E ^σ
<i>caideiro</i>	<i>cair</i>							E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s} adj					
<i>pousadeiro</i>	<i>pousar</i>							E ^e		S ^s							-Ep ^{e,v,s}

Tabela Y d 5. Semantismos dos produtos em *-deiro* a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica

produto	Inacs estado	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>paradeiro</i>	<i>parar</i>		E ^e							S ^s							-E ^{e,v,s}

Tabela Y d 6. Semantismos dos produtos em *-deiro* a partir de bases inacusativas de estado/existência

produto	Trans locativo	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>atascadeiro</i>	<i>atascar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,ex,s,σ}						-E ^σ
<i>atoladeiro</i>	<i>atolar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,ex,s,σ}						-E ^σ
<i>pousadeiro</i>	<i>pousar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y d 7. Semantismos dos produtos em *-deiro* a partir de bases transitivas locativas

produto	Trans dire espec	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>apeadeiro</i>	<i>apear</i>							E ^e		S ^s							-E ^{e,v,s}
<i>despenhadeiro</i>	<i>despenhar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,ex,s,σ}						-E ^σ
<i>esbarrondadeiro</i>	<i>esbarrondar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,ex,s,σ}						-E ^σ

Tabela Y d 8. Semantismos dos produtos em *-deiro* a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica

produto	Trans carreg/reboc	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>arrastadeiro</i>	<i>arrastar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>trazedeiro</i>	<i>trazer</i>							E ^e		S ^s		-Eadj					

Tabela Y d 9. Semantismos dos produtos em *-deiro* a partir de bases transitivas de carregar/rebocar

produto	Trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>arranjadeiro</i>	<i>arranjar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>assadeiro</i>	<i>assar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}	-Eadj ²					-Ep ^σ

² É provável que esta significação seja do espanhol. Cf. DV que, para além da significação de substantivo de ‘vaso de barro com o fundo esburacado, dentro do qual se assam as castanhas’, apresenta o adjectivo da seguinte forma: «Que é proprio para ser assado; nome especialmente dado a um certo queijo de Salamanca, proprio para

produto	Trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>cremadeiro</i>	<i>cremar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}						-E ^σ -Ep ^σ
<i>lavadeiro</i>	<i>lavar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{vs}				
<i>picadeiro</i>	<i>picar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s} -Ep ^{e,ex,s}

Tabela Y d 10. Semantismos dos produtos em *-deiro* a partir de bases transitivas causativas

produto	Trans resultativo	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>fiadeiro</i>	<i>fiar</i>							E ^c		S ^s		-Eadj	-Eh ^{e,v,s}				-E ^{e,ex,s}
<i>mandeiro</i>	<i>manar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>traduzideiro</i>	<i>traduzir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y d 11. Semantismos dos produtos em *-deiro* a partir de bases transitivas resultativas

produto	Trans obj neg	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>tragadeiro</i>	<i>tragar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}						-E ^σ

Tabela Y d 12. Semantismos dos produtos em *-deiro* a partir de bases transitivas de objecto/negativo

produto	Trans prover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>agasalhadeiro</i>	<i>agasalhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s} adj				
<i>cevideiro</i>	<i>cevar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}				-Ep ^σ

Tabela Y d 13. Semantismos dos produtos em *-deiro* a partir de bases transitivas de prover de

produto	Trans desprover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>mondadeiro</i>	<i>mondar ??</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>moscadeiro</i>	<i>moscar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			

Tabela Y d 14. Semantismos dos produtos em *-deiro* a partir de bases transitivas de desprover de

assar. - «Os queijos **assadeiros** de Salamanca.» Nunes de Leão, Descrição de Portugal, p. 35». Na internet *assadeiro* só aparece como ‘assador’, mas *asadero* aparece frequentemente associado ao queijo.

produto	Trans <u>performat</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>benzedeiro</i>	<i>benzer</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>casadeiro</i>	<i>casar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s} adj				
<i>comedeiro</i>	<i>comer</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>lavradeiro</i>	<i>lavar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s} adj				
<i>mandadeiro</i>	<i>mandar</i>							E ^c		S ^s		-Eadj					
<i>namoradeiro</i>	<i>namorar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y d 15. Semantismos dos produtos em *-deiro* a partir de bases transitivas performativas

produto	Trans <u>instrument</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>maçadeiro</i>	<i>maçar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}						-E ^σ
<i>malhadeiro</i>	<i>malhar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}

Tabela Y d 16. Semantismos dos produtos em *-deiro* a partir de bases transitivas instrumentais

produto	Trans <u>capturar</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a funcionalidade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>ganhadeiro</i>	<i>ganhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>vindimadeiro</i>	<i>vindimar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y d 17. Semantismos dos produtos em *-deiro* a partir de bases transitivas de capturar/apanhar

Índice de tabelas Y d

Tabela Y d 1. Semantismos dos produtos em <i>-deiro</i> a partir de bases inergativas de emissão de som	971
Tabela Y d 2. Semantismos dos produtos em <i>-deiro</i> a partir de bases inergativas de emissão de substância.....	971
Tabela Y d 3. Semantismos dos produtos em <i>-deiro</i> a partir de bases inergativas de modo de moção	971
Tabela Y d 4. Semantismos dos produtos em <i>-deiro</i> a partir de bases inergativas de actos de fala.....	971
Tabela Y d 5. Semantismos dos produtos em <i>-deiro</i> a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica.....	972
Tabela Y d 6. Semantismos dos produtos em <i>-deiro</i> a partir de bases inacusativas de estado/existência	972
Tabela Y d 7. Semantismos dos produtos em <i>-deiro</i> a partir de bases transitivas locativas	972
Tabela Y d 8. Semantismos dos produtos em <i>-deiro</i> a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica.....	972
Tabela Y d 9. Semantismos dos produtos em <i>-deiro</i> a partir de bases transitivas de carregar/rebocar.....	972
Tabela Y d 10. Semantismos dos produtos em <i>-deiro</i> a partir de bases transitivas causativas	972-973
Tabela Y d 11. Semantismos dos produtos em <i>-deiro</i> a partir de bases transitivas resultativas	973
Tabela Y d 12. Semantismos dos produtos em <i>-deiro</i> a partir de bases transitivas de objecto/negativo	973
Tabela Y d 13. Semantismos dos produtos em <i>-deiro</i> a partir de bases transitivas de prover de.....	973
Tabela Y d 14. Semantismos dos produtos em <i>-deiro</i> a partir de bases transitivas de desprover de	973
Tabela Y d 15. Semantismos dos produtos em <i>-deiro</i> a partir de bases transitivas performativas	974
Tabela Y d 16. Semantismos dos produtos em <i>-deiro</i> a partir de bases transitivas instrumentais	974
Tabela Y d 17. Semantismos dos produtos em <i>-deiro</i> a partir de bases transitivas de capturar/apanhar	974

Tabelas Y e. Semantismos dos produtos em *-dor*

produto	Inergs perfor	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>altercador</i>	<i>altercar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>alvitrador</i>	<i>alvitrar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>assoprador</i>	<i>assoprar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-E ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>bafejador</i>	<i>bafejar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>batalhador</i>	<i>batalhar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>bazofiadador</i>	<i>bazofiar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>blasonador</i>	<i>blasonar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>bocejador</i>	<i>bocejar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>bracejador</i>	<i>bracejar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>boxador</i>	<i>boxar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>boxeador</i>	<i>boxear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>bravateador</i>	<i>bravatear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>brigador</i>	<i>brigar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>brincador</i>	<i>brincar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>caçoador</i>	<i>caçoar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>campeador</i>	<i>campear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>cavilador</i>	<i>cavilar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>chacoteador</i>	<i>chacotear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>charqueador</i>	<i>charquear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>chasqueador</i>	<i>chasquear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>chatinador</i>	<i>chatinar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>colaborador</i>	<i>colaborar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>competidor</i>	<i>competir</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>conjurador</i>	<i>conjurar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>contendedor</i>	<i>contender</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>contratador</i>	<i>contratar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>conspirador</i>	<i>conspirar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>cooperador</i>	<i>cooperar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>digladiador</i>	<i>digladiar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>discreteador</i>	<i>discretear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>dissimulador</i>	<i>dissimular</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>dormidor</i>	<i>dormir</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>elucubrador</i>	<i>elucubrar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>empaleador</i>	<i>empalear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>ensalmador</i>	<i>ensalmar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	Inergs perfor	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>esgrimidor</i>	<i>esgrimir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>esmolador</i>	<i>esmolar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>fornicador</i>	<i>fornicar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>gesticulador</i>	<i>gesticular</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>imperador</i>	<i>imperar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				
<i>inspirador¹</i>	<i>inspirar</i>							E ^c	S ^s		-Ec ^{e,v,s}						
<i>escaramuçador</i>	<i>escaramuçar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>expirador²</i>	<i>expirar</i>							E ^c	S ^s		-Ec ^{e,v,s}						
<i>folgador</i>	<i>folgar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>foliador</i>	<i>foliar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>implicador</i>	<i>implicar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>jejuador</i>	<i>jejuar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>lidador</i>	<i>lidar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>monteador</i>	<i>montear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>lutador</i>	<i>lutar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>madraceador</i>	<i>madracear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>madrugador</i>	<i>madrugar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>oficiador</i>	<i>oficiar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>padreador</i>	<i>padrear</i>							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
<i>participador</i>	<i>participar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>pecador</i>	<i>pecar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>pelejador</i>	<i>pelejar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>pendenciador</i>	<i>pendenciar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>petiscador</i>	<i>petiscar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>pleiteador</i>	<i>pleitear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>porfiador</i>	<i>porfiar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>prestador</i>	<i>prestar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>prevaricador</i>	<i>prevaricar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>protestador</i>	<i>protestar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>pugnador</i>	<i>pugnar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>querelador</i>	<i>querelar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>rabiscador</i>	<i>rabiscar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>respirador</i>	<i>respirar</i>							E ^c	S ^s		-Ec ^{e,v,s}			-E ^{e,ex,s}			
<i>rezador</i>	<i>rezar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>rixador</i>	<i>rixar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

¹ *Inspirador* designa um músculo.

² *Expirador* designa um músculo.

produto	Inergs <u>perfor</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>sabadeador</i>	<i>sabadear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>sarrafaçador</i>	<i>sarraçar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>senhoreador</i>	<i>senhorear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>sentenciador</i>	<i>sentenciar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>soprador</i>	<i>soprar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-E ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>terçador</i>	<i>terçar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>tou(i)reador</i>	<i>tou(i)rear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				
<i>trabalhador</i>	<i>trabalhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>trabucador</i>	<i>trabucar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>trejeitador</i>	<i>trejeitar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>triumfador</i>	<i>triumfar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>tunador</i>	<i>tunar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>vaiador</i>	<i>vaiair</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>zombador</i>	<i>zombar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 1. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases inergativas performativas

produto	Inergs <u>instrumentais</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>cachimbador</i>	<i>cachimbar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>zingador</i>	<i>zingar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 2. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases inergativas instrumentais

produto	Inergs <u>moção</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>andador</i>	<i>andar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,ex,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>arruador</i>	<i>arruar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>bailador</i>	<i>bailar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>baloçador</i>	<i>baloçar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				
<i>balouçador</i>	<i>balouçar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>calcorreador</i>	<i>calcorrear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>caminhador</i>	<i>caminhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>cavalgador</i>	<i>cavalgar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>choutador</i>	<i>choutar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>circulador</i>	<i>circular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>circum-navegador</i>	<i>circum-navegar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>corredor</i>	<i>correr</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				

produto	Inergs moção	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
dançador	dançar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
embicador	embicar							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
esquiador	esquiar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
esquipador	esquipar							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
estrugidor	estrugir							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
flanador	flanar							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
flutuator	flutuar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
galopador	galopar							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
goleador	golear							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
hidroplanador	hidroplanar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
marchador	marchar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Ean ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
mergulhador	mergulhar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
nadador	nadar							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
navegador	navegar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
passeador	passear							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
patinador	patinar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
peregrinador	peregrinar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
planador	planar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Ean ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
rabeador	rabear							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
rabejador	rabejar							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
rastejador	rastejar							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
remador	remar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
reto(i)uçador	reto(i)uçar							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
rojador	rojar							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
rotador	rotar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s} -E ^{e,ex,s} 3						
saltador	saltar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Ean ^{e,v,s}				
sambador	sambar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
saracoteador	saracotear							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
tremedor	tremar							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
trepador	tregar							E ^c	S ^s		-Eveg ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
trotador	trotar							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
valsador	valsar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
viajador	viajar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
vibrador	vibrar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		

³ O n-arg corresponde a designação de músculos.

produto	Inergs <u>moção</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
voador	voar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
volteador	voltear							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
zanzador	zanzar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 3. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases inergativas de modo de moção

produto	Inergs <u>som</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
alardeador	alardear							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
arrotador	arrotar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
arrulhador	arrulhar							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
assobiador	assobiar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				
atroador	atroar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
balador	balar							E ^c		S ^s	-Eveg ^{e,v,s}		-Ean ^{e,v,s}				
berrador	berrar							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
bramador	bramar							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
bramidor	bramir							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
cacarejador	cacarejar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				
cachinador	cachinar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
cantador	cantar							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
carpidor	carpir							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
chalreador	chalrear							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
charlador	charlar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
chiador	chiar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
chilreador	chilrear							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
choramigador	choramigar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
choramigador	choramigar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
detonador	detonar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}					-Emq ^σ	
ecoador	ecoar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
espirrador	espirrar							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
estrugidor	estrugir							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
farfalhador	farfalhar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
gaguejador	gaguejar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
galreador	galrear							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
galrejador	galrejar							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
garganteador	gargantear							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
gazeador	gazear							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				

produto	Inergs som	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>gemedor</i>	<i>gemer</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>gorjeador</i>	<i>gorjear</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>gralhador</i>	<i>gralhar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>grazinador</i>	<i>grazinar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>gritador</i>	<i>gritar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>grunhidor</i>	<i>grunhir</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>guinchador</i>	<i>guinchar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>ladrador</i>	<i>ladrar</i>							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
<i>lamuriador</i>	<i>lamuriar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>matraqueador</i>	<i>matraquear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>miador</i>	<i>miar</i>							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
<i>mugidor</i>	<i>mugir</i>							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
<i>nitridor</i>	<i>nitrir</i>							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
<i>ornejador</i>	<i>ornejar</i>							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
<i>palrador</i>	<i>palrar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				
<i>piador</i>	<i>piar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>pranteador</i>	<i>prantear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>rangedor</i>	<i>ranger</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>resmoneador</i>	<i>resmonear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>respingador</i>	<i>respingar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>ressoador</i>	<i>ressoar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>ressonador</i>	<i>ressonar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-E ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>rifador</i>	<i>rifar</i>							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
<i>rolador</i>	<i>rolar</i> 'arrulhar'							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
<i>roncador</i>	<i>roncar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>rosnador</i>	<i>rosnar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				
<i>rugidor</i>	<i>rugir</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>sarrafaçador</i>	<i>sarrafaçar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>suspirador</i>	<i>suspirar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>tinidor</i>	<i>tinir</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>trinador</i>	<i>trinar</i>							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
<i>trucilador</i>	<i>trucilar</i>							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
<i>uivador</i>	<i>uivar</i>							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
<i>ululador</i>	<i>ulular</i>							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
<i>urrador</i>	<i>urrar</i>							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
<i>vociferador</i>	<i>vociferar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	Inergs <u>som</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
vozeador	vozear							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
zumbidor	zumbir							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
zunidor	zunir							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
zurrador	zurrar							E ^e		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				

Tabela Y e 4. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases inergativas de emissão de som

produto	Inergs <u>psic</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
cismador	cismar							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
devaneador	devanear							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
divagador	divagar							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
meditador	meditar							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
parafusador	parafusar							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
pensador	pensar							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
raciocinador	raciocinar							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
razoador	razoar							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
sonhador	sonhar							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 5. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases inergativas psicológicas

produto	Inergs <u>substância</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
chovedor	chover							E ^e		S ^s	-E ^{e,ex,s}						
cuspidor	cuspir							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				-Ep ^{e,ex,s}
cuspinhador	cuspinhar							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
defecador	defecar							E ^e		S ^s							-Ep ^{e,ex,s}
escumador	escumar							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}						
suador	suar							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s} -E ^{e,ex,s}						
vaziador	vaziar							E ^e		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				

Tabela Y e 6. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases inergativas de emissão de substância

produto	Inergs <u>resultativo</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
lenhador	lenhar							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 7. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases inergativas resultativas

produto	Inergs luz	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>cintilador</i>	<i>cintilar</i>							E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
<i>faiscador</i>	<i>faiscar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>fulminador</i>	<i>fulminar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>irradiador</i>	<i>irradiar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>radiador</i>	<i>radiar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		

Tabela Y e 8. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases inergativas de emissão de luz

produto	Inergs actos de fala	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>alanzador</i>	<i>alanzoar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>arengador</i>	<i>arengar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>blasfemador</i>	<i>blasfemar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>cavaqueador</i>	<i>cavaquear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>chalaceador</i>	<i>chalacear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>charlador</i>	<i>charlar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>clamador</i>	<i>clamar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>cochichador</i>	<i>cochichar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>confabulador</i>	<i>confabular</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>conversador</i>	<i>conversar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>discursador</i>	<i>discursar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>dissertador</i>	<i>dissertar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>falador</i>	<i>falar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>fraseador</i>	<i>frasear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>gracejador</i>	<i>gracejar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>matraquear</i>	<i>matraquear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>orador</i>	<i>orar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>palavreador</i>	<i>palavrear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>palrador</i>	<i>palrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>perorador</i>	<i>perorar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>praguejador</i>	<i>praguejar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>prosador</i>	<i>prosar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>protestador</i>	<i>protestar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ralhador</i>	<i>ralhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>refilador</i>	<i>refilar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>remoqueador</i>	<i>remoquear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>renteador</i>	<i>rentear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>rezador</i>	<i>rezar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>rimador</i>	<i>rimar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	Inergs actos de fala	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>tergiversador</i>	<i>tergiversar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>touteador</i>	<i>toutear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>trovador</i>	<i>trovar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>versejador</i>	<i>versejar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>versificador</i>	<i>versificar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>vozeador</i>	<i>vozear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>vociferador</i>	<i>vociferar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 9. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases inergativas de actos de fala

produto	Inacs dir espec	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>emigrador</i>	<i>emigrar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>migrador</i>	<i>migrar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					

Tabela Y e 10. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica

produto	Inacs mover-se	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>corredor</i>	<i>correr</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -Ean ^{e,v,s}					-E ^σ
<i>transmigrador</i>	<i>transmigrar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					

Tabela Y e 11. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases inacusativas de mover-se

produto	Inacs estado/existência	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>aguardador</i>	<i>aguardar</i>							E ^c		S ^s		-Eh ^{e,v,s}					
<i>aguentador</i>	<i>aguentar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>aturador</i>	<i>aturar</i>							E ^c		S ^s		-Eh ^{e,v,s}					
<i>carecedor</i>	<i>carecer</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>coabitador</i>	<i>coabitar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>compossuidor</i>	^o <i>compossuir</i>							E ^c		S ^s		-Eh ^{e,v,s}					
<i>denotador</i>	<i>denotar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>designador</i>	<i>designar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>duvidador</i>	<i>duvidar</i>							E ^c		S ^s		-Eh ^{e,v,s}					
<i>entendedor</i>	<i>entender</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>esperador</i>	<i>esperar</i>							E ^c		S ^s		-Eh ^{e,v,s}					
<i>expectador</i>	<i>expectar</i>							E ^c		S ^s		-Eh ^{e,v,s}					
<i>habitador</i>	<i>habitar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>merecedor</i>	<i>merecer</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					

produto	Inacs <u>estado/existência</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>morador</i>	<i>morar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>ocupador</i>	<i>ocupar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>padeedor</i>	<i>padecer</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>predominador</i>	<i>predominar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>remerecedor</i>	<i>remerecer</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>significador</i>	<i>significar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>simbolizador</i>	<i>simbolizar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>sofredor</i>	<i>sofrer</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>sustentador</i>	<i>sustentar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>vivedor</i>	<i>viver</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					

Tabela Y e 12. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases inacusativas de estado/existência

produto	Inacs <u>aparecimento</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>deflagrador</i>	<i>deflagrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,ex,s,σ}				-Emq ^σ		

Tabela Y e 13. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases inacusativas de aparecimento

produto	Inacs <u>desaparecimento</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>expirador</i>	<i>expirar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					

Tabela Y e 14. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases inacusativas de desaparecimento

produto	trans <u>lançar</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>arremessador</i>	<i>arremessar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>atirador</i>	<i>atirar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>disparador</i>	<i>disparar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>ejaculador</i>	<i>ejacular</i>							E ^c		S ^s	-Ec ^{e,v,s}						
<i>jaculador</i>	<i>jacular</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>lançador</i>	<i>lançar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ	-Emq ^σ		
<i>vomitador</i>	<i>vomitare</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				

Tabela Y e 15. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de lançar

produto	trans <u>locativo</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>aboletador</i>	<i>aboletar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>abordador</i>	<i>abordar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans locativo	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
abrigador	abrigar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
aco(i)utador	aco(i)utar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
acolhedor	acolher							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
alfabetador	alfabetar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
alinhador	alinhar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
alojador	alojar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
amortalhador	amortalhar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
aposentador	aposentar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
apresentador	apresentar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
arrecadador	arrecadar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
arrimador	arrimar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
arrolador	arrolar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
arrumador	arrumar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
assoalhador	assoalhar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
aterrador	aterrar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
bacelador	bacelar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
bobinador	bobinar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
calçador	calçar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}	-E ^{e,ex,s}			
catalogador	catalogar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
categorizador	categorizar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
centralizador	centralizar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
colocador	colocar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
concatenador	concatenar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
concentrador	concentrar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
confrontador	confrontar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
coordenador	coordenar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
crucizador	cruciar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
crucificador	crucificar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
decorador	decorar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
depositador	depositar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
desenterrador	desenterrar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
embobinador	embobinar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
embutidor	embutir							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
empacotador	empacotar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
encaixotador	encaixotar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
encalacrador	encalacrar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
encaminhador	encaminhar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
encarrilhador	encarrilhar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		

produto	trans locativo	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
encenador	encenar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
encobridor	encobrir??							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
enfardador	enfardar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
enformador	enformar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
engarrafador	engarrafar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
engastador	engastar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
engranzador	engranzar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
enrolador	enrolar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
ensamblador	ensamblar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
enseirador	enseirar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
entalador	entalar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
enterrador	enterrar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
enxalviador	enxalaviar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
enxamblador	enxamblar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
escondedor	esconder							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
evocador	evocar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
hospedador	hospedar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
incrustador	incrustar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
infiltrador	infiltrar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
instalador	instalar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
instilador	instilar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
integrador	integrar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
interpolador	interpolar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
isolador	isolar							E ^c	S ^s		-Esubs ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}						-Ep ^σ
lembrador	lembrar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
locador	locar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
ocultador	ocultar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
ordenador	ordenar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
orientador	orientar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
plantador	plantar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}	-E ^{e,ex,s}			
polarizador	polarizar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
povoador	povoar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
recenseador	recensear							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
recordador	recordar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
refugador	refugar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
registador	registrar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
registrador	registrar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans locativo	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>rememorador</i>	<i>rememorar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,ex,s}						
<i>repatriador</i>	<i>repatriar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>reservador</i>	<i>reservar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>semeador</i>	<i>semear</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>sepultador</i>	<i>sepultar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>subordinador</i>	<i>subordinar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>temporizador</i>	<i>temporizar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>tombador</i>	<i>tombar</i> 'arrolar'							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>unhador</i>	<i>unhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 16. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas locativas

produto	trans dir espec	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>abaixador</i>	<i>abaixar</i>							E ^c		S ^s	-Ec ^{e,v,s}						
<i>absorvedor</i>	<i>absorver</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>achegador</i>	<i>achegar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>afastador</i>	<i>afastar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>alçador</i>	<i>alçar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>alheador</i>	<i>alhear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>alteador</i>	<i>altear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>apartador</i>	<i>apartar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>aspirador</i>	<i>aspirar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>atrasador</i>	<i>atrasar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>chegador</i>	<i>chegar</i> 'aproximar'							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>decentralizador</i>	<i>decentralizar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>delongador</i>	<i>delongar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>demolidor</i>	<i>demolir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>derramador</i>	<i>derramar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>derrocador</i>	<i>derrocar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>derrotador</i>	<i>derrotar</i> 'fazer sair da rota'							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>derrubador</i>	<i>derrubar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>derruidor</i>	<i>derruir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>desandador</i>	<i>desandar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>descarregador</i>	<i>descarregar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			-Ep ^σ

produto	trans dir espec	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>descentralizador</i>	<i>descentralizar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>desencaminhador</i>	<i>desencaminhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>desordenador</i>	<i>desordenar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>despejador</i>	<i>despejar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>desviador</i>	<i>desviar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>elevador</i>	<i>elevar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ -E ^σ		
<i>enxotador</i>	<i>enxotar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>esborralhador</i>	<i>esborralhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>escoador</i>	<i>escoar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>exibidor</i>	<i>exibir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>exportador</i>	<i>exportar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>extraviador</i>	<i>extraviar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>importador</i>	<i>importar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>inalador</i>	<i>inalar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,ex,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>influidor</i>	<i>influir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>inoculador</i>	<i>inocular</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>levador</i>	<i>levar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>levantador</i>	<i>levantar</i>							E ^c		S ^s	-Ec ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>postergador</i>	<i>postergar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>procrastinador</i>	<i>procrastinar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>prorrogador</i>	<i>prorrogar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>protelador</i>	<i>protelar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>reexportador</i>	<i>reexportar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>retardador</i>	<i>retardar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ -E ^σ		
<i>subvertedor</i>	<i>subverter</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>transbordador</i>	<i>transbordar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>vertedor</i>	<i>verter</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			

Tabela Y e 17. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica

produto	trans mover objecto	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>alastrador</i>	<i>alastrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>alternador</i>	<i>alternar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>comutador</i>	<i>comutar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		

produto	trans mover objecto	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>continuador</i>	<i>continuar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>deslocador</i>	<i>deslocar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>dilatador</i>	<i>dilatar</i>							E ^c		S ^s	-Ec ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>disseminador</i>	<i>disseminar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>dissipador</i>	<i>dissipar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>divulgador</i>	<i>divulgar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>escambador</i>	<i>escambar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>espalhador</i>	<i>espalhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>passador</i>	<i>passar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		-Ep ^σ
<i>permutador</i>	<i>permutar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>propagador</i>	<i>propagar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>propalador</i>	<i>propalar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>prosseguidor</i>	<i>prossequir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>reflectidor</i>	<i>reflectir??</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>sub-rogador</i>	<i>sub-rogar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>transferidor</i>	<i>transferir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>transplantador</i>	<i>transplantar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}	-E ^{e,ex,s}			
<i>transviador</i>	<i>transviar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>trasfegador</i>	<i>trasfegar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>trasladador</i>	<i>trasladar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>trocador</i>	<i>trocar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 18. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de mover objecto

produto	trans config espac	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>arruinador</i>	<i>arruinar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>assentador</i>	<i>assentar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>demolidor</i>	<i>demolir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>depositador</i>	<i>depositar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>derribador</i>	<i>derribar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>derrocador</i>	<i>derrocar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>derrubador</i>	<i>derrubar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>derruidor</i>	<i>derruir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>esborralhador</i>	<i>esborralhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>estendedor</i>	<i>estender</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>profligador</i>	<i>profligar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 19. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de colocar em configuração espacial

produto	trans <u>carregar/rebocar</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>acarretador</i>	<i>acarretar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>arrastador</i>	<i>arrastar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>carregador</i>	<i>carregar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ -Emq ^σ		
<i>guiador</i>	<i>guiar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ		
<i>portador</i>	<i>portar</i>							E ^c		S ^s					-Eh ^{e,v,s}		
<i>rebocador</i>	<i>rebocar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ
<i>transportador</i>	<i>transportar</i>							E ^c		S ^s					-Eh ^{e,v,s}		
<i>trazedor</i>	<i>trazer</i>							E ^c		S ^s					-Eh ^{e,v,s}		

Tabela Y e 20. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de carregar/rebocar

produto	trans <u>enviar</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>aviador</i>	<i>aviar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>despachador</i>	<i>despachar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>despedidor</i>	<i>despedir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>expedidor</i>	<i>expedir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 21. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de enviar

produto	trans <u>mover-se o sujeito</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>cruzador</i>	<i>cruzar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}				-Emq ^σ	
<i>encostador</i>	<i>encostar-se</i>							E ^c		S ^s					-Eh ^{e,v,s}		
<i>escalador</i>	<i>escalar</i>							E ^c		S ^s					-Eh ^{e,v,s}		
<i>infestador</i>	<i>infestar</i>							E ^c		S ^s					-Eh ^{e,v,s}		
<i>montador</i>	<i>montar</i>							E ^c		S ^s					-Eh ^{e,v,s}		
<i>ocupador</i>	<i>ocupar</i>							E ^c		S ^s					-E ^{e,v,s}		
<i>penetrador</i>	<i>penetrar</i>							E ^c		S ^s					-Eh ^{e,v,s}		
<i>revezador</i>	<i>revezar</i>							E ^c		S ^s					-Eh ^{e,v,s}		
<i>rondador</i>	<i>rondar</i>							E ^c		S ^s					-Eh ^{e,v,s}		
<i>seguidor</i>	<i>seguir</i>							E ^c		S ^s					-Eh ^{e,v,s}		
<i>suplantador</i>	<i>suplantar</i>							E ^c		S ^s					-Eh ^{e,v,s}		
<i>visitador</i>	<i>visitar</i>							E ^c		S ^s					-Eh ^{e,v,s}		

Tabela Y e 22. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de mover-se o sujeito em relação a objecto

produto	trans mover sem alteração espacial	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>abanador</i>	<i>abanar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>abridor</i>	<i>abrir</i>							E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>agitador</i>	<i>agitar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>folheador</i>	<i>folhear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>friccionador</i>	<i>friccionar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>girador</i>	<i>girar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-E ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>mexedor</i>	<i>mexer</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>rolador</i>	<i>rolar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>torcedor</i>	<i>torcer</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>vascolejador</i>	<i>vascolear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>virador</i>	<i>virar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}					-Emq ^σ	

Tabela Y e 23. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de mover sem alteração espacial

produto	trans mover através de força	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>arrancador</i>	<i>arrancar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ	-Emq ^σ		
<i>arrastador</i>	<i>arrastar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>arrepelador</i>	<i>arrepelar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>arrojador</i>	<i>arrojar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>empurrador</i>	<i>empurrar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>empuxador</i>	<i>empuxar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>esticador</i>	<i>esticar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ	-E ^σ		-Ep ^σ
<i>estirador</i>	<i>estirar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		-Ep ^σ
<i>extirpador</i>	<i>extirpar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>puxador</i>	<i>puxar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}				-Ec ^σ
<i>repuxador</i>	<i>repuxar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>retesador</i>	<i>retesar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ	-E ^σ		
<i>tirador</i>	<i>tirar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			

Tabela Y e 24. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de mover através de força

produto	trans contacto	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>osculador</i>	<i>oscular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>percutidor</i>	<i>percutir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>repicador</i>	<i>repicar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 25. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de contacto

produto	trans parar	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>descontinuador</i>	<i>descontinuar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>estagnador</i>	<i>estagnar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						

Tabela Y e 26. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de parar

produto	trans cercar	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>abarcador</i>	<i>abarcara</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>abraçador</i>	<i>abraçar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>açambarcador</i>	<i>açambarcar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>aprazador</i>	<i>aprazar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				
<i>cercador</i>	<i>cercar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>emprazador</i>	<i>emprazar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>enleador</i>	<i>enlear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>rodeador</i>	<i>rodear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>sitiador</i>	<i>sitiar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 27. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de cercar

produto	trans percepção	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>achador</i>	<i>achar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>aferidor</i>	<i>aferir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ		-Eh ^{e,v,s}	
<i>afilador</i>	<i>afilear</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>alvidrador</i>	<i>alvidrar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>analizador</i>	<i>analisar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ	-Eh ^{e,v,s} -Ec ^{e,v,s}	
<i>apreçador</i>	<i>apreçar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>apreciador</i>	<i>apreciar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>apurador</i>	<i>apurar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>aquilatador</i>	<i>aquilatar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	

produto	trans percepção	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
auscultador	auscultar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s,σ}			-E ^σ		-Eh ^{c,v,s}	
avaliador	avaliar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
averiguador	averiguar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
comparador	comparar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s,σ}			-E ^σ		-Eh ^{c,v,s}	
conferidor	conferir							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
consultador	consultar trans							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
contemplador	contemplan							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
cotejador	cotejar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
deparador	deparar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
descobridor	descobrir							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
destrinçador	destrinçar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
dissecador	dissecar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
ensaiador	ensaiar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
escabichador	escabichar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
escalpelizador	escalpelizar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
escrutador	escrutar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
escrutinador	escrutinar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
escutador	escutar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
esmiuçador	esmiuçar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
espectador	espectar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
especulador	especular							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
espiador	espiar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
espreitador	espreitar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
esquadrinhador	esquadrinhar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
estimador	estimar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
examinador	examinar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
experimentador	experimentar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
explorador	explorar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s,σ}			-E ^σ		-Eh ^{c,v,s}	
fariscador	fariscar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	-Ean ^{e,v,s}
indagador	indagar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
inquiridor	inquirir							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
inspeccionador	inspeccionar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
investigador	investigar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
ledor	ler							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
lobrigador	lobrigar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
notador	notar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
observador	observar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	
olhador	olhar							E ^c	S ^s							-Eh ^{c,v,s}	

produto	trans percepção	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
																-Ean ^{e,v,s}	
<i>ouvidor</i>	<i>ouvir</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ		-Eh ^{e,v,s}	
<i>perlustrador</i>	<i>perlustrar</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
<i>perscrutador</i>	<i>perscrutar</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
<i>pesquisador</i>	<i>pesquisar</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
<i>prelibador</i>	<i>prelibar</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
<i>profundador</i>	<i>profundar</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
<i>provador</i>	<i>provar</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
<i>qualificador</i>	<i>qualificar</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
<i>quilador</i>	<i>quilatar</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
<i>rastejador</i>	<i>rastejar trans</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
																-Ean ^{e,v,s}	
<i>revedor</i>	<i>rever</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
<i>reverificador</i>	<i>reverificar</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
<i>revistador</i>	<i>revistar</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
<i>seleccionador</i>	<i>seleccionar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ	-Eh ^{e,v,s}	
<i>sindicador</i>	<i>sindicar</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
<i>sondador</i>	<i>sondar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ	-Emq ^σ	-Eh ^{e,v,s}	
											-E ^{e,v,s,σ}						
<i>tenteador</i>	<i>tentear</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
<i>vasculhador</i>	<i>vasculhar</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
<i>vedor</i>	<i>ver</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
<i>velador</i>	<i>velar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ		-Eh ^{e,v,s}	
<i>verificador</i>	<i>verificar</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
<i>vigiador</i>	<i>vigiar</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
<i>vigilador</i>	<i>vigilar</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
<i>visador</i>	<i>visar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>vistoriador</i>	<i>vistoriar</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	
<i>zelador</i>	<i>zelar</i>							E ^c	S ^s							-Eh ^{e,v,s}	

Tabela Y e 28. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de percepção

produto	trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>abrasador</i>	<i>abrasar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>abreviador</i>	<i>abreviar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>açacalador</i>	<i>açacalar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>acelerador</i>	<i>acelerar</i>							E ^c	S ^s		-Ec ^{e,v,s}				-E ^σ		
											-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		

produto	trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
											-E ^{e,v,s,σ}						
acendedor	acendrar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
acrisolador	acrisolar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
açulador	açular							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
adaptador	adaptar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
adelgaçador	adelgaçar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
adestrador	adestrar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
adormentador	adormentar							E ^e	S ^s		-Esubs ^{e,v,s}						
adulterador	adulterar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
afiador	afiar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
afinador	afinar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
aformoseador	aformosear							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
afugentador	afugentar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
aguarentador	aguarentar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
aguçador	aguçar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
ajustador	ajustar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
alargador	alargar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}						
alimpador	alimpar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
alisador	alisar							E ^e	S ^s						-E ^σ		
aliviador	aliviar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
alteador	altear							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
alterador	alterar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
alveador	alvear							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}						
alvoroçador	alvoroçar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
alvorotador	alvorotar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
amansador	amansar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
amassador	amassar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
amenizador	amenizar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
amesquinhadador	amesquinhar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
amestrador	amestrar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
amolador	amolar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
amolecedor	amolecer							E ^e	S ^s		-Esubs ^{e,v,s}						
amortecedor	amortecer							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}				-E ^σ		
amotinador	amotinar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
ampliador	ampliar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
amplificador	amplificar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
anojador	anojar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
anuviador	anuviar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}						

produto	trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>apassivador</i>	<i>apassivar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>aperfeiçoador</i>	<i>aperfeiçoar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>aplainador</i>	<i>aplainar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>aplanador</i>	<i>aplanar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>apontador</i>	<i>apontar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			-Ep ^{e,v,s}
<i>apressador</i>	<i>apressar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>aprestador</i>	<i>aprestar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>apropriador</i>	<i>apropriar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>apurador</i>	<i>apurar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>aquecedor</i>	<i>aquecer</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>aquietador</i>	<i>aquietar</i>							E ^e	S ^s		-Esubs ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>argamassador</i>	<i>argamassar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>arrasador</i>	<i>arrasar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>arrelhador</i>	<i>arrelhar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>arrenegador</i>	<i>arrenegar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>arrepador</i>	<i>arrepia</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>arroteador</i>	<i>arrotear</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>arruinador</i>	<i>arruinar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>assador</i>	<i>assar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			-Ep ^σ
<i>assedador</i>	<i>assedar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>assegurador</i>	<i>assegurar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>assimilador</i>	<i>assimilar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>assucador</i>	<i>assucar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>atabafador</i>	<i>atabafar?</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>atenuador</i>	<i>atenuar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>atiçador</i>	<i>atiçar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>atordoador</i>	<i>atordoar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>atrofiador</i>	<i>atrofiar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>atumultuador</i>	<i>atumultuar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>aturdidor</i>	<i>aturdir</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>aumentador</i>	<i>aumentar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>autenticador</i>	<i>autenticar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>avelhentador</i>	<i>avelhentar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>aviltador</i>	<i>aviltar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>avivador</i>	<i>avivar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>aviventador</i>	<i>aviventar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>azedador</i>	<i>azedar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>baralhador</i>	<i>baralhar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>barateador</i>	<i>baratear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>beneficiador</i>	<i>beneficiar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>bestializador</i>	<i>bestializar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>bestificador</i>	<i>bestificar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>branqueador</i>	<i>branquear</i>							E ^c	S ^s		-Esubs ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>britador</i>	<i>britar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>brochador</i>	<i>brochar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>bronzeador</i>	<i>bronzear</i>							E ^c	S ^s		-Esubs ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>brunidor</i>	<i>brunir</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>brutificador</i>	<i>brutificar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>calcador</i>	<i>calcar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>carmeador</i>	<i>carmear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>catalisador</i>	<i>catalisar</i>							E ^c	S ^s		-Esubs ^{e,v,s}						
<i>catequizador</i>	<i>catequizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>causador</i>	<i>causar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>cauterizador</i>	<i>cauterizar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>cementador</i>	<i>cementar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>civilizador</i>	<i>civilizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>clarificador</i>	<i>clarificar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>coagulador</i>	<i>coagular</i>							E ^c	S ^s		-Esubs ^{e,v,s} -Ec ^{e,v,s}						
<i>codificador</i>	<i>codificar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}			-Emq ^σ	
<i>colimador</i>	<i>colimar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}					-Emq ^σ	
<i>compactador</i>	<i>compactar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>compensador</i>	<i>compensar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}					-Emq ^σ	
<i>complicador</i>	<i>complicar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>comprometedor</i>	<i>comprometer</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>compulsador</i>	<i>compulsar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>concertador</i>	<i>concertar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>condensador</i>	<i>condensar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}					-Emq ^σ -E ^σ	
<i>conformador</i>	<i>conformar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}					-Emq ^σ	
<i>congelador</i>	<i>congelar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}					-Emq ^σ	-Ep ^σ
<i>consagrador</i>	<i>consagrar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>consertador</i>	<i>consertar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>conservador</i>	<i>conservar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>contaminador</i>	<i>contaminar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>coobador</i>	<i>coobar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>coonestador</i>	<i>coonestar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>corrompedor</i>	<i>corromper</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>cozedor</i>	<i>cozer</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>cremador</i>	<i>cremar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>cristalizador</i>	<i>cristalizar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}						-Ep ^σ -Ep ^σ
<i>cumpridor</i>	<i>cumprir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>curador</i>	<i>curar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>curtidor</i>	<i>curtir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>danador</i>	<i>danar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>danificador</i>	<i>danificar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>debilitador</i>	<i>debilitar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>definhador</i>	<i>definhar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>deformador</i>	<i>deformar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>degelador</i>	<i>degelar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>degradador</i>	<i>degradar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>depauperador</i>	<i>depauperar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>depreciador</i>	<i>depreciar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>depravador</i>	<i>depravar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>depurador</i>	<i>depurar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>derreador</i>	<i>derrear</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>derrotador</i>	<i>derrotar</i> 'desbaratar'							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desagravador</i>	<i>desagravar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desarmonizador</i>	<i>desarmonizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desarranjador</i>	<i>desarranjar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desassimilador</i>	<i>desassimilar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>desbaratador</i>	<i>desbaratar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desbastador</i>	<i>desbastar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>desbravador</i>	<i>desbravar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desconcertador</i>	<i>desconcertar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>descongelador</i>	<i>descongelar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>desconsertador</i>	<i>desconsertar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>desedificador</i>	<i>desedificar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>deseducador</i>	<i>deseducar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desembargador</i>	<i>desembargar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desenfastiador</i>	<i>desenfastiar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>desenredador</i>	<i>desenredar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desesperador</i>	<i>desesperar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>desevangelizador</i>	<i>desevangelar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desfigurador</i>	<i>desfigurar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>desinfetador</i>	<i>desinfetar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>desinquietador</i>	<i>desinquietar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>deslindador</i>	<i>deslindar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desmagnetizador</i>	<i>desmagnetizar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>desmantelador</i>	<i>desmantelar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desnacionalizador</i>	<i>desnacionalizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desnorteador</i>	<i>desnortear</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>desorganizador</i>	<i>desorganizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desorientador</i>	<i>desorientar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>despeitador</i>	<i>despeitar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>despertador</i>	<i>despertar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>despoetizador</i>	<i>despoetizar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>despolarizador</i>	<i>despolarizar</i>							E ^c	S ^s		-Esubs ^{e,v,s}						
<i>desqueixador</i>	<i>desqueixar</i> ‘quebrar queixadas’							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>dessecador</i>	<i>dessecar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>dessensibilizador</i>	<i>dessensibilizar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>desvanecedor</i>	<i>desvanecer</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>detonador</i>	<i>detonar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>deturpador</i>	<i>deturpar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>devassador</i>	<i>devassar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>dignificador</i>	<i>dignificar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>dilatador</i>	<i>dilatar</i>							E ^c	S ^s		-Ec ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>diminuidor</i>	<i>diminuir</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>disciplinador</i>	<i>disciplinar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>dissimulador</i>	<i>dissimular</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>dobrador</i>	<i>dobrar</i> ‘folhas’							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>domador</i>	<i>domar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>domesticador</i>	<i>domesticar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
dualizador	dualizar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
dulcificador	dulcificar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
educador	educar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
electrizador	electrizar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
emancipador	emancipar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
embaraçador	embaraçar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
embargador	embargar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
embelezador	embelezar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
embotador	embotar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
embriagador	embriagar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
embrulhador	embrulhar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
embrutecedor	embrutecer							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
embruxador	embruxar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
emendador	emendar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
emprenhador	emprenhar							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s} - Ean ^{e,v,s}				
enaltecedor	enaltecer							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
encarecedor	encarecer							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
encrespador	encrespar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
encurtador	encurtar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
endeusador	endeusar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
endurecedor	endurecer							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
enfeitiçador	enfeitiçar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
enfraquecedor	enfraquecer							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
enfreador	enfrear							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
engrandecedor	engrandecer							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
engrossador	engrossar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
enguiçador	enguiçar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
enlouquecedor	enlouquecer							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
ensurdecedor	ensurdecer							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
entontecedor	entontecer							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
enxugador	enxugar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		-Ep ^σ
equilibrador	equilibrar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
escaldador	escaldar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
escalfador	escalfar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}						-Ep ^σ
esclarecedor	esclarecer							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
escurecedor	escurecer							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>esfarrapador</i>	<i>esfarrapar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>esfarripador</i>	<i>esfarripar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>esfriador</i>	<i>esfriar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}						-Ep ^σ
<i>esfumador</i>	<i>esfumar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>esmagador</i>	<i>esmagar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>esmoedor</i>	<i>esmoer</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>espalmador</i>	<i>espalmar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>especificador</i>	<i>especificar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>espertador</i>	<i>espertar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>espevitador</i>	<i>espevitar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>espremedor</i>	<i>espremer</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ	-Emq ^σ		
<i>esquentador</i>	<i>esquentar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ -E ^σ		
<i>estabilizador</i>	<i>estabilizar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>estazador</i>	<i>estazar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>esterilizador</i>	<i>esterilizar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>estimulador</i>	<i>estimular</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>estonteador</i>	<i>estontear</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>estragador</i>	<i>estragar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>estreitador</i>	<i>estreitar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>evangelizador</i>	<i>evangelizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>exacerbador</i>	<i>exacerbar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>expurgador</i>	<i>expurgar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>exsicador</i>	<i>exsicar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>extenuador</i>	<i>extenuar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>faceador</i>	<i>facear</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>facilitador</i>	<i>facilitar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>falqueador</i>	<i>falquear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>falquejador</i>	<i>falquejar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>falsador</i>	<i>falsar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>falsificador</i>	<i>falsificar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>fanatizador</i>	<i>fanatizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>fatigador</i>	<i>fatigar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>fecundador</i>	<i>fecundar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>fendedor</i>	<i>fender</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>fermentador</i>	<i>fermentar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>fertilizador</i>	<i>fertilizar</i>							E ^c	S ^s		-Esubs ^{e,v,s} -E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>fervedor</i>	<i>ferver</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}						-Ep ^σ
<i>filhador</i>	<i>filhar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>firmador</i>	<i>firmar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>fixador</i>	<i>fixar</i>							E ^c	S ^s		-Esubs ^{e,v,s}						
<i>fomentador</i>	<i>fomentar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>forrador</i>	<i>forrar</i> ‘conceder alforria’							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>fortificador</i>	<i>fortificar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>frisador</i>	<i>frisar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>fundidor</i>	<i>fundir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>funestador</i>	<i>funestar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>gelador</i>	<i>gelar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		-Ep ^σ
<i>generalizador</i>	<i>generalizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>granidor</i>	<i>granir</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}						-Ep ^σ
<i>grelhador</i>	<i>grelhar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>guarecedor</i>	<i>guarecer</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>habilitador</i>	<i>habilitar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>harmonizador</i>	<i>harmonizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>hipnotizador</i>	<i>hipnotizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>honestador</i>	<i>honestar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>horripilador</i>	<i>horripilar</i>							E ^c	S ^s		-Ec ^{e,v,s}						
<i>igualador</i>	<i>igualar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>imortalizador</i>	<i>imortalizar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>implicador</i>	<i>implicar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>impulsionador</i>	<i>impulsionar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>imunizador</i>	<i>imunizar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>individuador</i>	<i>individuuar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>induzidor</i>	<i>induzir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>inebriador</i>	<i>inebriar</i>							E ^c	S ^s		-Esubs ^{e,v,s}						
<i>infamador</i>	<i>infamar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>inflamador</i>	<i>inflamar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>inovador</i>	<i>inovar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>insubordinador</i>	<i>insubordinar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>insulador</i>	<i>insular</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e xp	loc
jaspeador	jaspear							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
justificador	justificar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
laminador	laminar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
lavador	lavar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
legitimador	legitimar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
libertador	libertar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
limador	limar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
limpador	limpar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
liquidificador	liquidificar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
livrador	livrar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
lustrador	lustrar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
maçador	maçar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
machucador	machucar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
madurador	madurar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
magnetizador	magnetizar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
magnificador	magnificar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
malaxador	malaxar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
maleador	malear							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
mastigador	mastigar							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
maturador	maturar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
melancolizador	melancolizar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
melhorador	melhorar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
menoscabador	menoscabar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
mirrador	mirrar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
mitigador	mitigar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
mobilizador	mobilizar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
moderador	moderar							E ^c	S ^s		-Esub ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
modificador	modificar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
modulador	modular							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s4}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
moedor	moer							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
moralizador	moralizar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
motivador	motivar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
movedor	mover							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

⁴ DLP: «unidade funcional que converte um sinal num sinal modulado, adequado à transmissão.»

produto	trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>mudador</i>	<i>mudar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>mundificador</i>	<i>mundificar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>nacionalizador</i>	<i>nacionalizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>nebulizador</i>	<i>nebulizar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ -E ^σ		
<i>nivelador</i>	<i>nivelar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>novador</i>	<i>novar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ocasionador</i>	<i>ocasionar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>organizador</i>	<i>organizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>orquestrador</i>	<i>orquestrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>pacificador</i>	<i>pacificar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>paganizador</i>	<i>paganizar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>pasteurizador</i>	<i>pasteurizar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>perfilhador</i>	<i>perfilhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>perpetuador</i>	<i>perpetuar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>perversador</i>	<i>perverter</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>picador</i>	<i>picar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ -E ^σ		
<i>pisador</i>	<i>pisar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>plissador</i>	<i>plissar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>polidor</i>	<i>polir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>pregueador</i>	<i>preguear</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>prejudicador</i>	<i>prejudicar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>preparador</i>	<i>preparar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>preservador</i>	<i>preservar</i>							E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
<i>processador</i>	<i>processar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>profanador</i>	<i>profanar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>propalador</i>	<i>propalar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>propiciador</i>	<i>propiciar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>propulsionador</i>	<i>propulsionar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>prostituidor</i>	<i>prostituir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>provocador</i>	<i>provocar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>publicador</i>	<i>publicar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>purificador</i>	<i>purificar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			-Ep ^σ
<i>quebrantador</i>	<i>quebrantar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>queimador</i>	<i>queimar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>ralador</i>	<i>ralar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			

produto	trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>reabilitador</i>	<i>reabilitar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>recalcador</i>	<i>recalcar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>recreador</i>	<i>recrear</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>rectificador</i>	<i>rectificar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>recuperador</i>	<i>recuperar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>reeducador</i>	<i>reeducar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>refinador</i>	<i>refinar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>reforçador</i>	<i>reforçar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>reformador</i>	<i>reformar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>refreador</i>	<i>refrear</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>refrigerador</i>	<i>refrigerar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		-Ep ^σ
<i>refundidor</i>	<i>refundir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>regelador</i>	<i>regelar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>regenerador</i>	<i>regenerar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>regozijador</i>	<i>regozijar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>regulador</i>	<i>regular</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>regularizador</i>	<i>regularizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>rejuvenescedor</i>	<i>rejuvenescer</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>relaxador</i>	<i>relaxar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>remediador</i>	<i>remediar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>remoçador</i>	<i>remoçar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>renovador</i>	<i>renovar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>reorganizador</i>	<i>reorganizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>reparador</i>	<i>reparar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>reservador</i>	<i>reservar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>resfriador</i>	<i>resfriar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}						-Ep ^σ
<i>responsabilizador</i>	<i>responsabilizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>ressuscitador</i>	<i>ressuscitar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>restaurador</i>	<i>restaurar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>restituidor</i>	<i>restituir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>resumidor</i>	<i>resumir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>retocador</i>	<i>retocar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>revivificador</i>	<i>revivificar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>revoltador</i>	<i>revoltar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>revolvedor</i>	<i>revolver</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>ripador</i>	<i>ripar</i>							E ^c	S ^s					-E ^σ			
<i>robustecedor</i>	<i>robustecer</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						

produto	trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
sagrador	sagrar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
salvar	salvar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
sanar	sanar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
saneador	sanear							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
sanificador	sanificar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
saturador	saturar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
saazonador	saazonar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
secador	secar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}				-Emq ^σ		
segurador	segurar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
silenciador	silenciar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
simplificador	simplificar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
sintetizador	sintetizar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
sistematizador	sistematizar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
sofisticador	sofisticar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
solenizador	solenizar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
soltador	soltar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
sossegador	sossegar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
subordinador	subordinar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
subtilizador	subtilizar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
sujador	sujar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
temperador	temperar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
tenebrizador	tenebrizar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
torrador	torrar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
tranquilizador	tranquilizar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
transfigurador	transfigurar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
transformador	transformar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
travador	travar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
trilhador	trilhar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ	-Emq ^σ		
triturador	triturar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
tumultuador	tumultuar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
unificador	unificar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
uniformizador	uniformizar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
vaporizador	vaporizar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		-Ep ^σ
vilipendiador	vilipendiar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>vitalizador</i>	<i>vitalizar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>vulgarizador</i>	<i>vulgarizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 29. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas causativas

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>acabador</i>	<i>acabar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>acanalador</i>	<i>acanalara</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>acendedor</i>	<i>acender</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>acetificador</i>	<i>acetificar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>alanhador</i>	<i>alanhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>anisador</i>	<i>anisar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>anotador</i>	<i>anotar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>areador</i>	<i>arear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>asador</i>	<i>asar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ateador</i>	<i>atear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>avassalador</i>	<i>avassalar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>azulejador</i>	<i>azulejar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>beatificador</i>	<i>beatificar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>bordador</i>	<i>bordar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>calejador</i>	<i>calejar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>canonizador</i>	<i>canonizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>capsulador</i>	<i>capsular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>carbonador</i>	<i>carbonar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>carbonizador</i>	<i>carbonizar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>carburador</i>	<i>carburar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>compilador</i>	<i>compilar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>confeccionador</i>	<i>confeccionar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>constituitor</i>	<i>constituir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>consumador</i>	<i>consumar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>convertedor</i>	<i>converter</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>copiador</i>	<i>copiar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				-Ep ^{e,v,s}
<i>criador</i>	<i>criar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>cultivador</i>	<i>cultivar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>cunhador</i>	<i>cunhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>debuxador</i>	<i>debuxar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>decotador</i>	<i>decotar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>deificador</i>	<i>deificar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>delineador</i>	<i>delinear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desenhador</i>	<i>desenhar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>divinizador</i>	<i>divinizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>dogmatizador</i>	<i>dogmatizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>duplicador</i>	<i>duplicar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>edificador</i>	<i>edificar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>efectuador</i>	<i>efectuar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>efeituador</i>	<i>efeituar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>elaborador</i>	<i>elaborar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>electrogerador</i>	<i>electrogerar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>encenador</i>	<i>encenar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>enfardador</i>	<i>enfardar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>enformador</i>	<i>enformar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>enliçador</i>	<i>enliçar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>enredador</i>	<i>enredar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>enrolador</i>	<i>enrolar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>entalhador</i>	<i>entalhar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>entoador</i>	<i>entoar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>entrançador</i>	<i>entrançar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>entretalhador</i>	<i>entretalhar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>entretecedor</i>	<i>entretecer</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>epilogador</i>	<i>epilogar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>episodiador</i>	<i>episodiar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>escravizador</i>	<i>escravizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>escrevedor</i>	<i>escrever</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>escrevinhador</i>	<i>escrevinhar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>esculpidor</i>	<i>esculpir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>estabelecedor</i>	<i>estabelecer</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>estampador</i>	<i>estampar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>fabricador</i>	<i>fabricar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>fabulador</i>	<i>fabular</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>faceador</i>	<i>facear</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>fantasiador</i>	<i>fantasiar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>fazedor</i>	<i>fazer</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>findador</i>	<i>findar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>fingidor</i>	<i>fingir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>forjador</i>	<i>forjar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>forjicador</i>	<i>forjicar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>formador</i>	<i>formar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>formulador</i>	<i>formular</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>fossador</i>	<i>fossar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>fotomultiplicador</i>	<i>fotomultiplicar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>frutador</i>	<i>frutear</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>fundador</i>	<i>fundar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>gaseificador</i>	<i>gaseificar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>gerador</i>	<i>gerar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>germinador</i>	<i>germinar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>glorificador</i>	<i>glorificar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>gofrador</i>	<i>gofrar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>granador</i>	<i>granar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>granizador</i>	<i>granizar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>gravador</i>	<i>gravar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>guilhochador</i>	<i>guilhochar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>historiador</i>	<i>historiar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>homogeneizador</i>	<i>homogeneizar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>idealizador</i>	<i>idealizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>imaginador</i>	<i>imaginar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>imitador</i>	<i>imitar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>imprimidor</i>	<i>imprimir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>incubador</i>	<i>incubar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		-Ep ^σ
<i>inficionador</i>	<i>inficionar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>iniciador</i>	<i>iniciar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>instaurador</i>	<i>instaurar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>instituidor</i>	<i>instituir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>insulador</i>	<i>insular</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>legislador</i>	<i>legislar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>maquinador</i>	<i>maquinar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>marginador</i>	<i>marginar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>materializador</i>	<i>materializar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>melificador</i>	<i>melificar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}						-Ep ^σ
<i>metrificador</i>	<i>metrificar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>minador</i>	<i>minar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>mineralizador</i>	<i>mineralizar</i>							E ^c	S ^s		-Esubs ^{e,v,s}						
<i>minutador</i>	<i>minutar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>modelador</i>	<i>modelar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>moldador</i>	<i>moldar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>montador</i>	<i>montar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>motivador</i>	<i>motivar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>multiplicador</i>	<i>multiplicar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s}						
<i>mumificador</i>	<i>mumificar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>organizador</i>	<i>organizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>originador</i>	<i>originar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>orquestrador</i>	<i>orquestrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ozonizador</i>	<i>ozonizar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>panificador</i>	<i>panificar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>perpetrador</i>	<i>perpetrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>petrificador</i>	<i>petrificar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>prefaciador</i>	<i>prefaciar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>preparador</i>	<i>preparar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>princiador</i>	<i>principlar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>procriador</i>	<i>procriar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>produtor</i>	<i>produzir</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>programador</i>	<i>programar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>promovedor</i>	<i>promover</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>proporcionador</i>	<i>proporcionar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>provocador</i>	<i>provocar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>pulverizador</i>	<i>pulverizar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>quadrador</i>	<i>quadrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>quintuplicador</i>	<i>quintuplicar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>rabiscador</i>	<i>rabiscar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>realizador</i>	<i>realizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>reedificador</i>	<i>reedificar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>refazedor</i>	<i>refazer</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>regenerador</i>	<i>regenerar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>rematador</i>	<i>rematar</i> 'acabar'							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>reorganizador</i>	<i>reorganizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>retratador</i>	<i>retratar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>revelador</i>	<i>revelar</i>							E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>riscador</i>	<i>riscar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>santificador</i>	<i>santificar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>suscitador</i>	<i>suscitar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>tatuador</i>	<i>tatuar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans resultativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>tecedor</i>	<i>tecer</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>totalizador</i>	<i>totalizar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>traçador</i>	<i>traçar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>traduzidor</i>	<i>traduzir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>tramador</i>	<i>tramar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>transformador</i>	<i>transformar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>ultimador</i>	<i>ultimar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>urdidor</i>	<i>urdir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>versificador</i>	<i>versificar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>vinificador</i>	<i>vinificar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>vocalizador</i>	<i>vocalizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>vulcanizador</i>	<i>vulcanizar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		

Tabela Y e 30. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas resultativas

produto	trans objecto negativo	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>abatedor</i>	<i>abater</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>abolidor</i>	<i>abolir</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>abortador</i>	<i>abortar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,ex,s}				
<i>ab-rogador</i>	<i>ab-rogar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>aniquilador</i>	<i>aniquilar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>anulador</i>	<i>anular</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>apagador</i>	<i>apagar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>assassinador</i>	<i>assassinar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>asseteador</i>	<i>assetear</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>assolador</i>	<i>assolar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>atalhador</i>	<i>atalhar</i>							E ^e	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>banidor</i>	<i>banir</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>capador</i>	<i>capar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}	-E ^{e,ex,s5}			
<i>castrador</i>	<i>castrar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>cerceador</i>	<i>cercear</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>chacinador</i>	<i>chacinar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>chanfrador</i>	<i>chanfrar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>chupador</i>	<i>chupar</i>							E ^e	S ^s		-Ec ^{vs}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>consumidor</i>	<i>consumir</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

⁵ Não é ‘instrumento com que se capa’, mas ‘instrumento de sopro que trazem os capadores para se anunciarem’.

produto	trans objecto negativo	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>cortador</i>	<i>cortar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>decepar</i>	<i>decepar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>defraudador</i>	<i>defraudar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>degolador</i>	<i>degolar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>demolidor</i>	<i>demolir</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>derribador</i>	<i>derribar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>derriçador</i>	<i>derriçar</i>							E ^e	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>derrocador</i>	<i>derrocar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>derrogador</i>	<i>derrogar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desfazedor</i>	<i>desfazer</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>destroçador</i>	<i>destroçar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>destruidor</i>	<i>destruir</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>devastador</i>	<i>devastar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>devorador</i>	<i>devorar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>dilacerador</i>	<i>dilacerar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>dilapidador</i>	<i>dilapidar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>dissecador</i>	<i>dissecar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>dissipador</i>	<i>dissipar</i>							E ^e	S ^s				-Ec ^{e,v,s}				
<i>dizimador</i>	<i>dizimar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>eliminador</i>	<i>eliminar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>engolidor</i>	<i>engolir</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>escamoteador</i>	<i>escamotear</i>							E ^e	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>escanhoador</i>	<i>escanhoar</i>							E ^e	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>escarificador</i>	<i>escarificar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ -E ^σ			
<i>escarvador</i>	<i>escarvar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>esganador</i>	<i>esganar</i>							E ^e	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>espoldrador</i>	<i>espoldrar</i>							E ^e	S ^s					-E ^σ			
<i>estrangulador</i>	<i>estrangular</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>exterminador</i>	<i>exterminar</i>							E ^e	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>extinguidor</i>	<i>extinguir</i>							E ^e	S ^s				-E ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>fulminador</i>	<i>fulminar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>furador</i>	<i>furar</i>							E ^e	S ^s					-E ^σ			
<i>gastador</i>	<i>gastar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>gaveador</i>	<i>gavear</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>imolador</i>	<i>imolar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>incisador</i>	<i>incisar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ -E ^σ			

produto	trans objecto negativo	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
jugador	jugar							E ^e	S ^s					-E ^σ			
linchador	linchar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
liquidador	liquidar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
machucador	machucar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
matador	matar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
mutilador	mutilar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
obliterador	obliterar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
perfurador	perfurar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
podador	podar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
quebrantador	quebrantar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
rachador	rachar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
rascador	rascar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
rasgador	rasgar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}						
raspador	raspar							E ^e	S ^s					-E ^σ			
recortador	recortar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
revogador	revogar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
roçador	roçar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
rompedor	romper							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
sacrificador	sacrificar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
sarjador	sarjar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
segador	segar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
serrador	serrar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
serrilhador	serrilhar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
sugador	sugar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
talador	talar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
talhador	talhar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			-Ep ^{e,ex,s}
tosador	tosar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
tosquiador	tosquiar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
tragador	tragar							E ^e	S ^s				-E ^{e,v,s}				
trinchador	trinchar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
trucidador	trucidar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
valador	valar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
vastador	vastar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
vazador	vazar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
vitimador	vitimar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 31. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de objecto negativo

produto	trans ferir	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>aço(i)utador</i>	<i>aço(i)utar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>acutilador</i>	<i>acutilar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>alanhador</i>	<i>alanhar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>asseteador</i>	<i>assetear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>atropelador</i>	<i>atropelar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>chicoteador</i>	<i>chicotear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>crucizador</i>	<i>cruciar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>crucificador</i>	<i>crucificar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desancador</i>	<i>desancar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desqueixador</i>	<i>desqueixar</i> ‘quebrar queixadas’							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>dilacerador</i>	<i>dilacerar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>esbofeteador</i>	<i>esbofetear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>escoiceador</i>	<i>escoicear</i>							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
<i>escoicinhador</i>	<i>escoicinhar</i>							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
<i>escornador</i>	<i>escornar</i>							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
<i>escorneador</i>	<i>escornear</i>							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
<i>esfaqueador</i>	<i>esfaquear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>esmurraçador</i>	<i>esmurraçar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>espancador</i>	<i>espancar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>feridor</i>	<i>ferir</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>flagelador</i>	<i>flagelar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>fustigador</i>	<i>fustigar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>lanceador</i>	<i>lancear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>lesado</i>	<i>lesar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>metralhador</i>	<i>metralhar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>mortificador</i>	<i>mortificar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>sarjador</i>	<i>sarjar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>suplicizador</i>	<i>supliciar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>surrador</i>	<i>surrar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>trucidador</i>	<i>trucidar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>verberador</i>	<i>verberar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>violador</i>	<i>violar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>violentador</i>	<i>violentar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>vulnerador</i>	<i>vulnerar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}						
<i>zupador</i>	<i>zupar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>zurzidor</i>	<i>zurzir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 32. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de ferir

produto	trans prover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>abalizador</i>	<i>abalizar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>abastecedor</i>	<i>abastecer</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>acafelador</i>	<i>acafelar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>acairelador</i>	<i>acairelar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>acoimador</i>	<i>acoimar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>acolchetador</i>	<i>acolchetar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>adicionador</i>	<i>adicionar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>adubador</i>	<i>adubar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>afamador</i>	<i>afamar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>agasalhador</i>	<i>agasalhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>agrafador</i>	<i>agrafar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ	-Emq ^σ		
<i>aguador</i>	<i>aguar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>alagador</i>	<i>alagar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>alimentador</i>	<i>alimentar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}		-E ^{e,v,s}		-E ^σ -Emq ^σ		
<i>alumiador</i>	<i>alumiar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>amamentador</i>	<i>amamentar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>amezinhador</i>	<i>amezinhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>anotador</i>	<i>anotar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>anuvizador</i>	<i>anuviar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>aparelhador</i>	<i>aparelhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>apascentador</i>	<i>apascentar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>apeirador</i>	<i>apeirar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>apontador</i>	<i>apontar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				-Ep ^{e,v,s}
<i>apostilador</i>	<i>apostilar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>aprestador</i>	<i>aprestar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>arejador</i>	<i>arejar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>argentador</i>	<i>argentar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>armador</i>	<i>armar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>arreador</i>	<i>arrear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>arrolhador</i>	<i>arrolhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>asfaltador</i>	<i>asfaltar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>assalariador</i>	<i>assalariar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>assinalador</i>	<i>assinalar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ataviador</i>	<i>ataviar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>atestador</i>	<i>atestar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>azeitador</i>	<i>azeitar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>azulador</i>	<i>azular</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>azulejador</i>	<i>azulejar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans prover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>bacelador</i>	<i>bacelar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>balizador</i>	<i>balizar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>caiador</i>	<i>caiar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>calafetador</i>	<i>calafetar</i>							E ^c		S ^s				-E ^σ			
<i>calçador</i>	<i>calçar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>canalizador</i>	<i>canalizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>caracterizador</i>	<i>caracterizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>carimbador</i>	<i>carimbar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>cartonador</i>	<i>cartonar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>castigador</i>	<i>castigar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>catalogador</i>	<i>catalogar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>cavilhador</i>	<i>cavilhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>cevador</i>	<i>cevar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>chumbador</i>	<i>chumbar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>cintador</i>	<i>cintar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>colonizador</i>	<i>colonizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>compensador</i>	<i>compensar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>condicionador</i>	<i>condicionar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>contaminador</i>	<i>contaminar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>contrastador</i>	<i>contrastar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>cotador</i>	<i>cotar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>cravador</i>	<i>cravar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>datador</i>	<i>datar</i>							E ^c		S ^s				-E ^σ			
<i>decorador</i>	<i>decorar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>defumador</i>	<i>defumar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}				-Ep ^σ
<i>delimitador</i>	<i>delimitar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>demarcador</i>	<i>demarcar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>destinador</i>	<i>destinar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>do(i)urador</i>	<i>do(i)urar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>dotador</i>	<i>dotar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>doutrinador</i>	<i>doutrinar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>embalsamador</i>	<i>embalsamar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>emboçador</i>	<i>emboçar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>empalhador</i>	<i>empalhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>empedrador</i>	<i>empedrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>empestador</i>	<i>empestar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>empregador</i>	<i>empregar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>encabelador</i>	<i>encabelar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>encadernador</i>	<i>encadernar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans prover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>encarnador</i>	<i>encarnar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>encarvoador</i>	<i>encarvoar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>encerador</i>	<i>encerar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>enchedor</i>	<i>encher</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>endossador</i>	<i>endossar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>enfeitador</i>	<i>enfeitar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>engessador</i>	<i>engessar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>engraxador</i>	<i>engraxar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>enliçador</i>	<i>enliçar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ensinador</i>	<i>ensinar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>entivador</i>	<i>entivar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>envenenador</i>	<i>envenenar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>envernizador</i>	<i>envernizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>enxertador</i>	<i>enxertar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>enxofrador</i>	<i>enxofrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>escaiolador</i>	<i>escaiolar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>escorvador</i>	<i>escorvar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>esmaltador</i>	<i>esmaltar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>esmolador</i>	<i>esmolar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>estanhador</i>	<i>estancar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>estercador</i>	<i>estercar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>estofador</i>	<i>estofar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>estucador</i>	<i>estucar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>eterizador</i>	<i>eterizar</i>							E ^c		S ^s				-E ^σ			
<i>ferrador</i>	<i>ferrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>formolizador</i>	<i>formolizar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}					-Emq ^σ	
<i>fornecedor</i>	<i>fornecer</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>forrador</i>	<i>forrar</i> ‘prover de forro’							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>fumigador</i>	<i>fumigar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}			-Emq ^σ	
<i>galardoador</i>	<i>galardoar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>galvanizador</i>	<i>galvanizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>glorificador</i>	<i>glorificar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>gratificador</i>	<i>gratificar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>guarnecedor</i>	<i>guarnecer</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>habilitador</i>	<i>habilitar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>humidificador</i>	<i>humidificar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}					-Emq ^σ	
<i>iluminador</i>	<i>iluminar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ilustrador</i>	<i>ilustrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans prover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>imputador</i>	<i>imputar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>incensador</i>	<i>incensar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>incrustador</i>	<i>incrustar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>indemnizador</i>	<i>indemnizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>inoculador</i>	<i>inocular</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>inovador</i>	<i>inovar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>instruidor</i>	<i>instruir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>insuflador</i>	<i>insuflar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>irrigador</i>	<i>irrigar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>lacrador</i>	<i>lacrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ladrilhador</i>	<i>ladrilhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>lajeador</i>	<i>lajejar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>lastrador</i>	<i>lastrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>lotador</i>	<i>lotar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>maculador</i>	<i>macular</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>marcador</i>	<i>marcar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -Esubs ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			-Ep ^σ
<i>ministrador</i>	<i>ministrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>mobilador</i>	<i>mobilar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>municipiador</i>	<i>municipiar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>municionador</i>	<i>municionar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>nebulizador</i>	<i>nebulizar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ -E ^σ		
<i>nomeador</i>	<i>nomear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>nomenclador</i>	<i>nomenclar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>notador</i>	<i>notar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>numerador</i>	<i>numerar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>nutridor</i>	<i>nutrir</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>obturador</i>	<i>obturar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ} -Esubs ^{e,v,s} -Ec ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ	-E ^σ		
<i>ornador</i>	<i>ornar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ornamentador</i>	<i>ornamentar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ozonizador</i>	<i>ozonizar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>paginador</i>	<i>paginar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>pensador</i>	<i>pensar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>perfumador</i>	<i>perfumar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}						-Ep ^σ
<i>pinador</i>	<i>pinar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			

produto	trans prover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>plantador</i>	<i>plantar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>platinador</i>	<i>platinar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>polinizador</i>	<i>polinizar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Ean ^{e,v,s}				
<i>povoador</i>	<i>povoar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>prateador</i>	<i>pratear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>pregador</i>	<i>pregar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>premiador</i>	<i>premiar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>presenteador</i>	<i>presentear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>programador</i>	<i>programar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>propinador</i>	<i>propinar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>pulverizador</i>	<i>pulverizar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>punidor</i>	<i>punir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>qualificador</i>	<i>qualificar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>reanimador</i>	<i>reanimar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>recalcificar</i>	<i>recalcificar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>recamador</i>	<i>recamar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>recompensador</i>	<i>recompensar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>regador</i>	<i>regar</i>							E ^c		S ^s							
<i>regradador</i>	<i>regrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>remunerador</i>	<i>remunerar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>retribuidor</i>	<i>retribuir</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>rolhador</i>	<i>rolhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}					-Emq ^σ	
<i>rubricador</i>	<i>rubricar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ	-E ^σ		
<i>salpicador</i>	<i>salpicar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>selador</i>	<i>selar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>semeador</i>	<i>semear</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}			-Emq ^σ	
<i>subministrador</i>	<i>subministrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>sulfatador</i>	<i>sulfatar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}			-Emq ^σ	
<i>sulfurador</i>	<i>sulfurar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}					-E ^σ	
<i>supridor</i>	<i>suprir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>sustentador</i>	<i>sustentar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^σ				
<i>tapador</i>	<i>tapar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}					-E ^σ	
<i>taxador</i>	<i>taxar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>telhador</i>	<i>telhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}			-E ^σ	
<i>timbrador</i>	<i>timbrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans prover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>tingidor</i>	<i>tingir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>toucador</i>	<i>toucar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ -E ^σ			-E ^{e,ex,s} -Ep ^{e,ex,s6}
<i>turificador</i>	<i>turificar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>untador</i>	<i>untar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>vacinador</i>	<i>vacinar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>vedador</i>	<i>vedar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ventilador</i>	<i>ventilar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ	-Emq ^σ		
<i>vidrador</i>	<i>vidrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>vivificador</i>	<i>vivificar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						

Tabela Y e 33. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de *prover de*

produto	trans desprover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>abafador</i>	<i>abafar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>abjudicador</i>	<i>abjudicar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>achicador</i>	<i>achicar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>afogador</i>	<i>afogar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>arrepelador</i>	<i>arrepelar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>capador</i>	<i>capar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>capeador</i>	<i>capear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>capinador</i>	<i>capinar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>castrador</i>	<i>castrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>debulhador</i>	<i>debulhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>deflegmador</i>	<i>deflegmar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>deflorador</i>	<i>deflorar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>degolador</i>	<i>degolar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>desaguador</i>	<i>desaguar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>desapropriador</i>	<i>desapropriar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>desareador</i>	<i>desarear</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>desarmador</i>	<i>desarmar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>desbarbador</i>	<i>desbarbar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>descabeçador</i>	<i>descabeçar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>descaçador</i>	<i>descaçar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>descalcificador</i>	<i>descalcificar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>descamisador</i>	<i>descamisar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>descarnador</i>	<i>descarnar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			

⁶ A significação de ‘loc p’ parece ser de mas de ‘loc p que tem a função de V’ (cf. DV).

produto	trans desprover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>descaroçador</i>	<i>descaroçar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ	-Emq ^σ		
<i>descarolador</i>	<i>descarolar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>descarregador</i>	<i>descarregar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			-Ep ^σ
<i>descascador</i>	<i>descascar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ	-Emq ^σ		
<i>descorticator</i>	<i>descorticar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>desculpador</i>	<i>desculpar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>desembargador</i>	<i>desembargar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>desengordurador</i>	<i>desengordurar</i>							E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
<i>desensinador</i>	<i>desensinar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>desentulhador</i>	<i>desentulhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>desfavorecedor</i>	<i>desfavorecer</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>desfibrador</i>	<i>desfibrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>desflorador</i>	<i>desflorar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>desfolhador</i>	<i>desfolhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>deslastrador</i>	<i>deslastrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>deslustrador</i>	<i>deslustrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>desluzidor</i>	<i>desluzir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>desmoitador</i>	<i>desmoitar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>desnorteador</i>	<i>desnortear</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>despojador</i>	<i>despojar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>despolpador</i>	<i>despolpar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>despontador</i>	<i>despontar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>despovoador</i>	<i>despovoar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>desprestigiador</i>	<i>desprestigiar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>desqualificador</i>	<i>desqualificar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>desqueixador</i>	<i>desqueixar</i> ‘tirar queixa’							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>desterroador</i>	<i>desterroar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>destocador</i>	<i>destocar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>destorroador</i>	<i>destorroar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>desumidificador</i>	<i>desumidificar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>desvalorizador</i>	<i>desvalorizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>drenador</i>	<i>drenar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>esbulhador</i>	<i>esbulhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>escalpelizador</i>	<i>escalpelizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>escanhotador</i>	<i>escanhotar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans desprover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>escarnador</i>	<i>escarnar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>escarolador</i>	<i>escarolar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>escorchador</i>	<i>escorchar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>escusador</i>	<i>escusar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>esfolador</i>	<i>esfolar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>esfolhador</i>	<i>esfolhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>esgotador</i>	<i>esgotar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>esgraminhador</i>	<i>esgraminhar</i>							E ^c		S ^s				-E ^σ			
<i>eslagartador</i>	<i>eslagartar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>espoador</i>	<i>espoar</i>							E ^c		S ^s				-E ^σ			
<i>espoliador</i>	<i>espoliar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>esterroador</i>	<i>esterroar</i>							E ^c		S ^s				-E ^σ			
<i>estonador</i>	<i>estonar</i>							E ^c		S ^s				-E ^σ			
<i>estripador</i>	<i>estripar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>esvidador</i>	<i>esvidar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>esvidigador</i>	<i>esvidigar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>expropriador</i>	<i>expropriar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>expurgador</i>	<i>expurgar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>livrador</i>	<i>livrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>maquiador</i>	<i>maquiar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>mondador</i>	<i>mondar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>mutilador</i>	<i>mutilar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ordenhadorr</i>	<i>ordenhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>pelador</i>	<i>pelar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>quitador</i>	<i>quitar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				
<i>rebarbador</i>	<i>rebarbar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>remidor</i>	<i>remir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>retocador</i>	<i>retocar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>sangrador</i>	<i>sangrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>sufocador</i>	<i>sufocar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>tosador</i>	<i>tosar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>tosquiador</i>	<i>tosquiar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 34. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de desprover de

produto	trans distribuir por	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>aquinhoador</i>	<i>aquinhoar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>categorizador</i>	<i>categorizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>distribuidor</i>	<i>distribuir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>partidor</i>	<i>partir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>rateador</i>	<i>ratear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>repartidor</i>	<i>repartir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			

Tabela Y e 35. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de distribuir por

produto	trans dividir em	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>aquinhoador</i>	<i>aquinhoar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>arruador</i>	<i>arruar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>atassalhador</i>	<i>atassalhar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>despedaçador</i>	<i>despedaçar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>destroçador</i>	<i>destroçar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>esmiuçador</i>	<i>esmiuçar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>graduador</i>	<i>graduar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>lotador</i>	<i>lotar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>pilulador</i>	<i>pilular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>quadrador</i>	<i>quadrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>quintador</i>	<i>quintar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>rabunador</i>	<i>rabunar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>repartidor</i>	<i>repartir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>sorteador</i>	<i>sortear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>triangulador</i>	<i>triangular</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 36. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de dividir em

produto	trans transferência de posse	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>abjudicador</i>	<i>abjudicar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>adjudicador</i>	<i>adjudicar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>adquiridor</i>	<i>adquirir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>aforador</i>	<i>aforar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>afretador</i>	<i>afretar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>alheador</i>	<i>alhear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>alquilador</i>	<i>alquilar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>alugador</i>	<i>alugar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans transferência de posse	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>arrematador</i>	<i>arrematar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>arrogador</i>	<i>arrogar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>atravessador</i>	<i>atravessar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>atribuidor</i>	<i>atribuir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>comprador</i>	<i>comprar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>consignador</i>	<i>consignar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>co-vendedor</i>	<i>co-vender</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>dador</i>	<i>dar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>desapropriador</i>	<i>desapropriar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>desnacionalizador</i>	<i>desnacionalizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>dispensador</i>	<i>dispensar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>doador</i>	<i>doar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>empalmador</i>	<i>empalmar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>emprestador</i>	<i>emprestar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>encampador</i>	<i>encampar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>entregador</i>	<i>entregar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>esbulhador</i>	<i>esbulhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>escamoteador</i>	<i>escamotear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>espoliador</i>	<i>espoliar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>fretador</i>	<i>fretar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>locador</i>	<i>locar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>monopolizador</i>	<i>monopolizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>mutuador</i>	<i>mutuar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>nacionalizador</i>	<i>nacionalizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>oferecedor</i>	<i>oferecer</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>outorgador</i>	<i>outorgar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>pagador</i>	<i>pagar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>permutador</i>	<i>permutar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>recebedor</i>	<i>receber</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>restituidor</i>	<i>restituir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>revendedor</i>	<i>revender</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>sublocador</i>	<i>sublocar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>vendedor</i>	<i>vender</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 37. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de transferência de posse

produto	trans posse	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>possuidor</i>	<i>possuir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 38. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de posse

produto	trans performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>abdicador</i>	<i>abdicar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>abençoador</i>	<i>abençoar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>abjurador</i>	<i>abjurar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>abnegador</i>	<i>abnegar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>abonador</i>	<i>abonar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>abusador</i>	<i>abusar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>acalentador</i>	<i>acalantar??</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>acariciador</i>	<i>acariciar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>acatador</i>	<i>acatar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>accionador</i>	<i>accionar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>aclamador</i>	<i>aclamar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>acometedor</i>	<i>acometer</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>acompanhador</i>	<i>acompanhar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>aconselhador</i>	<i>aconselhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>acossador</i>	<i>acossar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>acreditador</i>	<i>acreditar</i> 'abonar'							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>acusador</i>	<i>acusar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>adivinhador</i>	<i>adivinhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>administrador</i>	<i>administrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>admoestador</i>	<i>admoestar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ad-rogador</i>	<i>ad-rogar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>adulador</i>	<i>adular</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>afagador</i>	<i>afagar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>aferidor</i>	<i>aferir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>afiançador</i>	<i>afiançar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>afilador</i>	<i>afilar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>afrontador</i>	<i>afrontar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>agenciador</i>	<i>agenciar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ajuiizador</i>	<i>ajuiizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>alardeador</i>	<i>alardear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>alicantador</i>	<i>alicantinar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>alumiador</i> 'lançarote'	<i>alumiar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>alvidrador</i>	<i>alvidrar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>alvitador</i>	<i>alvitrar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>amaçador</i>	<i>amaçar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>amaldiçoador</i>	<i>amaldiçoar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>ameaçador</i>	<i>ameaçar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>ameigador</i>	<i>ameigar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>amimador</i>	<i>amimar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>anatemizador</i>	<i>anatemizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>apadrinhador</i>	<i>apadrinhar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>apelador</i>	<i>apelar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>apertador</i>	<i>apertar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>apontador</i> ‘lançarote’	<i>apontar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>aporreador</i>	<i>aporrear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>apostador</i>	<i>apostar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>aprazador</i>	<i>aprazar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>apregoador</i>	<i>apregoar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>aprovador</i>	<i>aprovar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>aproveitador</i>	<i>aproveitar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>arador</i> ⁷	<i>arar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>arbitrador</i>	<i>arbitrar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>arranhador</i>	<i>arranhar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>arremedador</i>	<i>arremedar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>arremetedor</i>	<i>arremeter</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>arrenegador</i>	<i>arrenegar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>arrombador</i>	<i>arrombar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>assacador</i>	<i>assacar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>assaltador</i>	<i>assaltar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>assedador</i>	<i>assediar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>assegurador</i>	<i>assegurar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>asseverador</i>	<i>asseverar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>atalaiador</i>	<i>atalaiar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>atamancador</i>	<i>atamancar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>atestador</i>	<i>atestar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>atraçoador</i>	<i>atraçoar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>atuador</i>	<i>atuar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>auspiciador</i>	<i>auspiciar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>autorizador</i>	<i>autorizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

⁷ Cf. significação de causa em DV: «Em Entomologia, especie de oução, que se gera entre a epiderme e a carne.».

produto	trans performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>auxiliador</i>	<i>auxiliar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>avalizador</i>	<i>avalizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>avisador</i>	<i>avisar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>bajulador</i>	<i>bajular</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>banqueteador</i>	<i>banquetear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>batedor</i>	<i>bater</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>bebedor</i>	<i>beber</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>beberricador</i>	<i>beberricar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>beijador</i>	<i>beijar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>beijocador</i>	<i>beijocar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>benzedor</i>	<i>benzer</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>blasfemador</i>	<i>blasfemar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>blasonador</i>	<i>blasonar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>borrifador</i>	<i>borrifar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>burlador</i>	<i>burlar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>buscador</i>	<i>buscar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>caçoador</i>	<i>caçoar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>calcador</i>	<i>calcar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>calculador</i>	<i>calcular</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>caluniador</i>	<i>caluniar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>cantador</i>	<i>cantar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>cavador</i>	<i>cavar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>celebrador</i>	<i>celebrar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>censurador</i>	<i>censurar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>chacoteador</i>	<i>chacotear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>chasqueador</i>	<i>chasquear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>chegador</i>	<i>chegar</i> ‘citar’							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>citador</i>	<i>citar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>co-administrador</i>	<i>co-administrar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>co-arrendador</i>	<i>co-arrendar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>cobridor</i>	<i>cobrir</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>co-devedor</i>	<i>co-dever</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>co-fiador</i>	<i>co-fiar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>começador</i>	<i>começar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>comedor</i>	<i>comer</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>cometedor</i>	<i>cometer</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>cominador</i>	<i>cominar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>compartilhador</i>	<i>compartilhar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>comprovador</i>	<i>comprovar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>computador</i>	<i>computar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>comunicador</i>	<i>comunicar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>conculcador</i>	<i>conculcar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>condenador</i>	<i>condenar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>confabulador</i>	<i>confabular</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>confirmador</i>	<i>confirmar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>confutador</i>	<i>confutar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>congratulador</i>	<i>congratular</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>conjurador</i>	<i>conjurar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>conquistador</i>	<i>conquistar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>consagrador</i>	<i>consagrar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>conseguidor</i>	<i>conseguir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>consentidor</i>	<i>consentir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>consolador</i>	<i>consolar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>contador</i>	<i>contar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		-Ep ^σ ?
<i>contendedor</i>	<i>contender</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>contestador</i>	<i>contestar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>contrariador</i>	<i>contrariar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>contratador</i>	<i>contratar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>contribuidor</i>	<i>contribuir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>controlador</i>	<i>controlar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>convidador</i>	<i>convidar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>coordenador</i>	<i>coordenar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>copejador</i>	<i>copejar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>corregedor</i>	<i>corregere</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>cortejador</i>	<i>cortear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>criminator</i>	<i>criminar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>crismador</i>	<i>crismar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>criticador</i>	<i>criticar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>cumpridor</i>	<i>cumprir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>cumprimentador</i>	<i>cumprimentar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>curador</i>	<i>curar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>danador</i>	<i>danar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>debelador</i>	<i>debelar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>debicador</i>	<i>debicar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>decifrador</i>	<i>decifrar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>dedicador</i>	<i>dedicar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>definidor</i>	<i>definir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>degastador</i>	<i>degastar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>demandador</i>	<i>demandar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>demonstrador</i>	<i>demonstrar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>deplorador</i>	<i>deplorar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desabonador</i>	<i>desabonar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desacreditador</i>	<i>desacreditar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desafiador</i>	<i>desafiar</i>							E°	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>desafrentador</i>	<i>desafrentar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desagravador</i>	<i>desagravar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>descercador</i>	<i>descercar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desdenhador</i>	<i>desdenhar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desevangelizador</i>	<i>desevangelizar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desfeiteador</i>	<i>desfeitear</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desforçador</i>	<i>desforçar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desfrutador</i>	<i>desfrutar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>despachador</i>	<i>despachar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>despendedor</i>	<i>despender</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desperdiçador</i>	<i>desperdiçar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>despicador</i>	<i>despicar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desrespeitador</i>	<i>desrespeitar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>determinador</i>	<i>determinar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>detrador</i>	<i>detrair</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>devedor</i>	<i>dever</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>diligenciador</i>	<i>diligenciar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>discriminador</i>	<i>discriminar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>disputador</i>	<i>disputar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>doestador</i>	<i>doestar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>domador</i>	<i>domar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>domesticador</i>	<i>domesticar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>dominador</i>	<i>dominar</i>							E°	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>economizador</i>	<i>economizar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>elogiador</i>	<i>elogiar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>embalador</i>	<i>embalar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>embrulhador</i>	<i>embrulhar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>embruxador</i>	<i>embruxar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>emprazador</i>	<i>emprazar</i>							E°	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>empreendedor</i>	<i>empreender</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>emulador</i>	<i>emular</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>encomiador</i>	<i>encomiar</i>							E°	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>enfeitiçador</i>	<i>enfeitiçar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>enfreador</i>	<i>enfrear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>enganador</i>	<i>enganar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>engazupador</i>	<i>engazupar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>engodador</i>	<i>engodar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>engrampador</i>	<i>engrampar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>engraxador</i>	<i>engraxar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>engrolador</i>	<i>engrolar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>enguiçador</i>	<i>enguiçar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>enliçador</i>	<i>enliçar</i>							E ^c	S ^s				????				
<i>enrodilhador</i>	<i>enrodilhar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>ensaaiador</i>	<i>ensaiair</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>entoador</i>	<i>entoar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>entrevistador</i>	<i>entrevistar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>enxalmador</i>	<i>enxalmar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>esbalgidor</i>	<i>esbalgir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>esbanjador</i>	<i>esbanjar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>escarafunchador</i>	<i>escarafunchar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>escarnecedor</i>	<i>escarnecer</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>escarnicador</i>	<i>escarnicar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>escavador</i>	<i>escavar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>esconjurador</i>	<i>esconjurar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>escrevedor</i>	<i>escrever</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>escrevinhador</i>	<i>escrevinhar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>escrutinador</i>	<i>escrutinar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>esfossador</i>	<i>esfossar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>esfregador</i>	<i>esfregar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>esgaravador</i>	<i>esgaravatar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-E ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>esperdiçador</i>	<i>esperdiçar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>espiador</i>	<i>espiar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>estadeador</i>	<i>estadear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>estafador</i>	<i>estafar</i> ‘gastar’							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>estipulador</i>	<i>estipular</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>estivador</i>	<i>estivar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>exagerador</i>	<i>exagerar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>exercitador</i>	<i>exercitar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>experimentador</i>	<i>experimentar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>xpiador</i>	<i>xpiar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>explorador</i>	<i>explorar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			

produto	trans performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>expressador</i>	<i>expressar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>exprobrador</i>	<i>exprobrar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>expugnador</i>	<i>expugnar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>falsador</i>	<i>falsar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>favorecedor</i>	<i>favorecer</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>felicizador</i>	<i>felicitar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>festejador</i>	<i>festejar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>fiador</i>	<i>fiar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i> fingidor</i>	<i>fingir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>fiscalizador</i>	<i>fiscalizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>figgador</i>	<i>figgar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>flanqueador</i>	<i>flanquear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>forçador</i>	<i>forçar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>fraudador</i>	<i>fraudar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>frequentador</i>	<i>frequentar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>fretejador</i>	<i>fretejar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>friccionador</i>	<i>friccionar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>fumador</i>	<i>fumar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>galanteador</i>	<i>galantear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>garantidor</i>	<i>garantir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>gastador</i>	<i>gastar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>gazeador</i>	<i>gazear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>governador</i>	<i>governar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>granjeador</i>	<i>granjejar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>guardador</i>	<i>guardar</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>guerreador</i>	<i>guerrear</i>							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
<i>historiador</i>	<i>historiar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>iliçador</i>	<i>iliçar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>imitador</i>	<i>imitar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>improvisador</i>	<i>improvisar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>impugnador</i>	<i>impugnar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>imputador</i>	<i>imputar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>inaugurador</i>	<i>inaugurar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>incitador</i>	<i>incitar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>increpador</i>	<i>increpar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>inculcador</i>	<i>inculcar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>indicador</i>	<i>indicar</i>							E ^c		S ^s	-Ec ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ -E ^σ		
<i>indiciador</i>	<i>indiciar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>industrializador</i>	<i>industrializar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>informador</i>	<i>informar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>injurador</i>	<i>injuriar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>insidiador</i>	<i>insidiar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>insinuador</i>	<i>insinuar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>instigador</i>	<i>instigar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>interpretador</i>	<i>interpretar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>intimador</i>	<i>intimar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>invectivador</i>	<i>invectivar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>investidor</i>	<i>investir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>investigador</i>	<i>investigar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>invitador</i>	<i>invitar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>jogador</i>	<i>jogar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>jugador</i>	<i>julgar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>jurador</i>	<i>jurar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>justador</i>	<i>justar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>justicador</i>	<i>justiçar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>justificador</i>	<i>justificar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>labutador</i>	<i>labutar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>lambedor</i>	<i>lamber</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,ex,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>lamentador</i>	<i>lamentar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>lamuriador</i>	<i>lamuriar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>lançador</i>	<i>lançar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>largueador</i>	<i>larguear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>lastimador</i>	<i>lastimar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>lealdador</i>	<i>lealdar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>leccionador</i>	<i>leccionar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ledor</i>	<i>ler</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>licitador</i>	<i>licitar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>lidador</i>	<i>lidar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>linchador</i>	<i>linchar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>lisonjeador</i>	<i>lisonjear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>logrador</i>	<i>lograr</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>louvador</i>	<i>louvar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
macaqueador	macaquear							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
magnificador	magnificar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
malversador	malversar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
mandador	mandar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
maneador	manear							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
manejador	manejar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
mangador	mangar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
manifestador	manifestar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
manipulador	manipular							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
manobrador	manobrar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
mascador	mascar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
mastigador	mastigar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
mediador	mediar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
meneador	menear							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
mercador	mercar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
mistificador	mistificar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
mofador	mofar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
monteador	montear							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
mordedor	morder							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
mostrador	mostrar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			-Ep ^σ
motejador	motejar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
murmurador	murmurar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
namorador	namorar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
negaceador	negacear							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
negador	negar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
negociador	negociar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
noticiador	noticiar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
notificador	notificar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
obrador	obrar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				-E ^{e,ex,s}
obrigador	obrigar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
obsequiador	obsequiar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
observador	observar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
operador	operar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
opugnador	opugnar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
orçador	orçar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
ostentador	ostentar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
palmeador	palmeiar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
parafusador	parafusar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			

produto	trans performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>parodiador</i>	<i>parodiar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>participador</i>	<i>participar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>patrocinador</i>	<i>patrocinar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>petiscador</i>	<i>petiscar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>plagiador</i>	<i>plagiar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>pleiteador</i>	<i>pleitear</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>postulador</i>	<i>postular</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>poupador</i>	<i>poupar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>praticador</i>	<i>praticar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>preceituador</i>	<i>preceituar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>preconizador</i>	<i>preconizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>prestigiador</i>	<i>prestigiar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>presumidor</i>	<i>presumir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>procurador</i>	<i>procurar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>prodigalizador</i>	<i>prodigalizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>profanador</i>	<i>profanar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>profetizador</i>	<i>profetizar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>prognosticador</i>	<i>prognosticar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>prometedor</i>	<i>prometer</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>promulgador</i>	<i>promulgar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>propugnador</i>	<i>propugnar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>protegedor</i>	<i>proteger</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>protestador</i>	<i>protestar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>publicador</i>	<i>publicar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>punidor</i>	<i>punir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>rebatedor</i>	<i>rebater</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>receptador</i>	<i>receptar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>recriminador</i>	<i>recriminar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>recusador</i>	<i>recusar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>redor</i>	<i>rer</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>regedor</i>	<i>reger</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>reivindicador</i>	<i>reivindicar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>remordedor</i>	<i>remorder</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>renunciador</i>	<i>renunciar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>repetidor</i>	<i>repetir</i>							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>representador</i>	<i>representar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>reprovador</i>	<i>reprovar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>reptador</i>	<i>reptar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>repugnador</i>	<i>repugnar</i> 'pelejar'							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>requebrador</i>	<i>requebrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>respeitador</i>	<i>respeitar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>revelador</i>	<i>revelar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>reverenciador</i>	<i>reverenciar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ridicularizador</i>	<i>ridicularizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>rilhador</i>	<i>rilhar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>roedor</i>	<i>roer</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				
<i>rogador</i>	<i>rogar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>rufador</i>	<i>rufar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>sagrador</i>	<i>sagrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>sancionador</i>	<i>sancionar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>saudador</i>	<i>saudar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>sentenciador</i>	<i>sentenciar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>servidor</i>	<i>servir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>simulador</i>	<i>simular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>soletrador</i>	<i>soletrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>solicitador</i>	<i>solicitar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>sonegador</i>	<i>sonegar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>subjugador</i>	<i>subjugar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>sublevador</i>	<i>sublevar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>subornador</i>	<i>subornar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>sujeitador</i>	<i>sujeitar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>suplantador</i>	<i>suplantar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>tangedor</i>	<i>tanger</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>testador</i>	<i>testar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>testemunhador</i>	<i>testemunhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>testificador</i>	<i>testificar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>tiranzador</i>	<i>tiranzar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>tocador</i>	<i>tocar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>traidor</i>	<i>trair</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>transaccionador</i>	<i>transaccionar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>trapaçador</i>	°trapaçar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>tratador</i>	<i>tratar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>treinador</i>	<i>treinar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>tresgastador</i>	<i>tresgastar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>troçador</i>	<i>troçar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans <u>performativos</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>turificador</i>	<i>turificar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ultrajador</i>	<i>ultrajar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>usufruidor</i>	<i>usufruir</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>utilizador</i>	<i>utilizar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>vaiador</i>	<i>vaiair</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>valedor</i>	<i>valer</i> ‘proteger’							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>vaticinador</i>	<i>vaticinar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>vencedor</i>	<i>vencer</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>venerador</i>	<i>venerar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>vereador</i>	<i>verear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>vindicador</i>	<i>vindicar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>vingador</i>	<i>vingar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>vituperador</i>	<i>vituperar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>xingador</i>	<i>xingar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 39. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas performativas

produto	trans <u>declarativos</u>	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>aclamador</i>	<i>aclamar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>aconselhador</i>	<i>aconselhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>acusador</i>	<i>acusar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>admoestador</i>	<i>admoestar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>alardeador</i>	<i>alardear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>alvitrador</i>	<i>alvitrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>amaldiçoador</i>	<i>amaldiçoar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>anunciador</i>	<i>anunciar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>apelador</i>	<i>apelar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>apodador</i>	<i>apodar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>apregoador</i>	<i>apregoar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>arguidor</i>	<i>arguir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>argumentador</i>	<i>argumentar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>arrazoador</i>	<i>arrazoar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>asseverador</i>	<i>asseverar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>caluniador</i>	<i>caluniar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>chamador</i>	<i>chamar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>chasqueador</i>	<i>chasquear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>clamador</i>	<i>clamar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>comentador</i>	<i>comentar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
	<u>declarativos</u>																
<i>comunicador</i>	<i>comunicar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>confabulador</i>	<i>confabular</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>confutador</i>	<i>confutar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>contestador</i>	<i>contestar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>convocador</i>	<i>convocar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>criticador</i>	<i>criticar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>declamador</i>	<i>declamar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>declarador</i>	<i>declarar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>definidor</i>	<i>definir</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>denotador</i>	<i>denotar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>denunciador</i>	<i>denunciar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>desgabar</i>	<i>desgabar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>designador</i>	<i>designar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>desmentidor</i>	<i>desmentir</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>determinador</i>	<i>determinar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>difamador</i>	<i>difamar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>discutidor</i>	<i>discutir</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>dizedor</i>	<i>dizer</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>elogiador</i>	<i>elogiar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>encomiador</i>	<i>encomiar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>enumerador</i>	<i>enumerar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>enunciador</i>	<i>enunciar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>estipulador</i>	<i>estipular</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>evocador</i>	<i>evocar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>exclamador</i>	<i>exclamar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>exortador</i>	<i>exortar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>explanador</i>	<i>explanar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>explicador</i>	<i>explicar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>exprobrador</i>	<i>exprobrar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>fabulador</i>	<i>fabular</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>gabador</i>	<i>gabar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>increpador</i>	<i>increpar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>informador</i>	<i>informar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>insinuador</i>	<i>insinuar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>insultador</i>	<i>insultar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>interpelador</i>	<i>interpelar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>interrogador</i>	<i>interrogar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>intimador</i>	<i>intimar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
	<u>declarativos</u>																
<i>invectivador</i>	<i>invectivar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>invocador</i>	<i>invocar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>justificador</i>	<i>justificar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>lamentador</i>	<i>lamentar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>lamuriador</i>	<i>lamuriar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>lastimador</i>	<i>lastimar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>lisonjeador</i>	<i>lisonjear</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>murmurador</i>	<i>murmurar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>negador</i>	<i>negar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>noticiador</i>	<i>noticiar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>notificador</i>	<i>notificar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>parafraseador</i>	<i>parafrasear</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>participador</i>	<i>participar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>perguntador</i>	<i>perguntar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>preanunciador</i>	<i>preanunciar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>predicador</i>	<i>predicar</i>							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>prefaciador</i>	<i>prefaciar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>pregador</i>	<i>pregar 'orar'</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>proclamador</i>	<i>proclamar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>questionador</i>	<i>questionar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>recitador</i>	<i>recitar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>reclamador</i>	<i>reclamar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>refutador</i>	<i>refutar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>regateador</i>	<i>regatear</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>relatador</i>	<i>relatar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>renegador</i>	<i>renegar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>replicador</i>	<i>replicar</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>repreendedor</i>	<i>repreender</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>respondedor</i>	<i>responder</i>							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 40. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala

produto	trans	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
	<u>pedir</u>																
<i>demandador</i>	<i>demandar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>interpelador</i>	<i>interpelar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>invocador</i>	<i>invocar</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>pedidor</i>	<i>pedir</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>postulador</i>	<i>postular</i>							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans pedir	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
reivindicador	reivindicar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
requeredor	requerer							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
requestador	requestar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
rogador	rogar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 41. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de pedir

produto	trans instrumentais	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
abrochador	abrochar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
aço(i)utador	aço(i)utar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
acolchetador	acolchetar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
acutilador	acutilar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
aferroador	aferroar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
aferrolhador	aferrolhar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
afuroador	afuroar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
agadanhador	agadanhos							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
agafanhador	agafanhos							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
agulhoador	agulhoar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
alanceador	alancear							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
amarrador	amarrar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
apedrejador	apedrejar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
arador	arar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
arpoador	arpoar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
assedador	assedar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
asseteador	assetear							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
assucador	assucar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
atador	atar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
atarraxador	atarraxar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
atochador	atochar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ		
baldeador	baldear							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
batedor	bater							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}			-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ	-Emq ^σ	
burilador	burilar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
calador	calar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
capeador	capear							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
cardador	cardar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
carduador	carduçar							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
cavador	cavar							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ		

produto	trans instrumentais	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>chicoteador</i>	<i>chicotear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>cinzelador</i>	<i>cinzelar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ciscador</i>	<i>ciscar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>coador</i>	<i>coar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		-Ep ^σ
<i>corneador</i>	<i>cornear</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>cosedor</i>	<i>coser</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-Eh ^{e,v,s}			-Ep ^σ
<i>debicador</i>	<i>debicar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>dragador</i>	<i>dragar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-Eh ^{e,v,s}			-Ep ^σ
<i>emborrador</i>	<i>emborrar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>escalpelizador</i>	<i>escalpelizar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>escarduçador</i>	<i>escarduçar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>escareador</i>	<i>escarear</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>escornador</i>	<i>escornar</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>escorneador</i>	<i>escornear</i>							E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>escovador</i>	<i>escovar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ	
<i>esfaqueador</i>	<i>esfaquear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>esmerilador</i>	<i>esmerilar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>esmerilhador</i>	<i>esmerilhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>espador</i>	<i>espadar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			-Ep ^σ
<i>espadelador</i>	<i>espadelar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ		
<i>espanador</i>	<i>espanar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>espanejador</i>	<i>espanejar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>filtrador</i>	<i>filtrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}			-Eh ^{e,v,s}			
<i>forjador</i>	<i>forjar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>fresador</i>	<i>fresar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>fuzilador</i>	<i>fuzilar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>gabionador</i>	<i>gabionar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>garrochador</i>	<i>garrochar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>gingador</i>	<i>gingar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>gradador</i>	<i>gradar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ		
<i>grosador</i>	<i>grosar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>grudador</i>	<i>grudar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>imprensador</i>	<i>imprensar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>infibulador</i>	<i>infibular</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>jugador</i>	<i>juçar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>laçador</i>	<i>laçar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans instrumentais	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>lanceador</i>	<i>lancear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>lavrador</i>	<i>lavar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>limador</i>	<i>limar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>lixivador</i>	<i>lixiviar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>maçador</i>	<i>maçar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>maleador</i>	<i>malear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>malhador</i>	<i>malhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>manteador</i>	<i>mantear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>martelador</i>	<i>martelar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>metralhador</i>	<i>metralhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>padejador</i>	<i>padejar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>parafusador</i>	<i>parafusar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>peneirador</i>	<i>peneirar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>penteador</i>	<i>pentear</i>							E ^c		S ^s	-Eveg ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^{e,ex,s8}			
<i>pilador</i>	<i>pilar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>pisoador</i>	<i>pisoar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>pressador</i>	<i>pressar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>rapador</i>	<i>rapar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>redor</i>	<i>rer</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>sachador</i>	<i>sachar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>sapador</i>	<i>sapar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>serrador</i>	<i>serrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>soldador</i>	<i>soldar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>sorrascador</i>	<i>sorrascar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>sulcador</i>	<i>sulcar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>talador</i>	<i>talar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>tasquinador</i>	<i>tasquinhar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>tornador</i>	<i>tornar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>torneador</i>	<i>tornear</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			-Ep ^σ
<i>varador</i>	<i>varar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>varejador</i>	<i>varejar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>varredor</i>	<i>varrer</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>zingador</i>	<i>zingar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 42. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas instrumentais

⁸ DLP: «roupão ou pano que a pessoa que se penteia veste ou põe sobre os ombros».

produto	trans unir	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
abotoador	abotoar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s,σ}		-Eh ^{c,v,s}	-E ^σ			
abrochador	abrochar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s,σ}			-E ^σ			
achegador	achegar							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
amarrador	amarrar							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
apegador	apegar-se							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
atacador	atacar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s,σ} -E ^{c,v,s,σ}			-E ^σ -E ^σ			
atador	atar							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
atracador	atracar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s,σ}			-E ^σ			
colador	colar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s,σ}		-Eh ^{c,v,s}		-E ^σ		
combinador	combinar							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
compaginador	compaginar							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
concatenador	concatenar							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
conciliador	conciliar							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
congraçador	congrajar							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
copulador	copular							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
cosedor	coser							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s,σ}		-Eh ^{c,v,s}				-Ep ^σ
engatador	engatar							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
enleador	enlear							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
grudador	grudar							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
infibulador	infibular							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
lacrador	lacrar							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
misturador	misturar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s,σ}				-Emq ^σ		
pegador	pegar							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s} -Ean ^{c,v,s}				
reconciliador	reconciliar							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
soldador	soldar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s,σ}		-Eh ^{c,v,s}	-E ^σ			
vinculador	vincular							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				

Tabela Y e 43. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de unir

produto	trans desunir	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
apartador	apartar							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
desagregador	desagregar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-Eh ^{c,v,s}				
desatador	desatar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-Eh ^{c,v,s}				

Tabela Y e 44. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de desunir

produto	trans <u>reunir</u>	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>abandoador</i>	<i>abandoar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>acumulador</i>	<i>acumular</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>agremiador</i>	<i>agremiar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ajuntador</i>	<i>ajuntar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>amealhador</i>	<i>amealhar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>amontoador</i>	<i>amontoar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>arrebanhador</i>	<i>arrebancar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>bandeador</i>	<i>bandear</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>coleccionador</i>	<i>coleccionar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>compendiador</i>	<i>compendiar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>compilador</i>	<i>compilar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>concentrador</i>	<i>concentrar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>recompilador</i>	<i>recompilar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>reunidor</i>	<i>reunir</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
<i>totalizador</i>	<i>totalizar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		

Tabela Y e 45. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de reunir

produto	trans <u>capturar</u>	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>angariador</i>	<i>angariar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>apanhador</i>	<i>apanhar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>apreendedor</i>	<i>apreender</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>apresador</i>	<i>apresar</i>							E ^e		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>caçador</i>	<i>caçar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>cambolador</i>	<i>cambolar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>captador</i>	<i>captar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>capturador</i>	<i>capturar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>cobrador</i>	<i>cobrar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				
<i>colhedor</i>	<i>colher</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
<i>depredador</i>	<i>depreder</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>empresador</i>	<i>empresar</i>							E ^e		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>engajador</i>	<i>engajar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>esbulhador</i>	<i>esbulhar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>filhador</i>	<i>filhar</i>							E ^e		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>figgador</i>	<i>figgar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>fORAGEADOR</i>	<i>fORAGEAR</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ganhador</i>	<i>ganhar ??</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>herborizador</i>	<i>herborizar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans capturar	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
laçador	laçar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
murador	murar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				
pegador	pegar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
pescador	pesca							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
presador	presar							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
quitador	quitar							E ^c	S ^s				-Ean ^{e,v,s}				
rabejador	rabejar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
rapinador	rapinar							E ^c	S ^s				-E ^{e,v,s}				
raptador	raptar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
resgator	resgatar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
roubador	roubar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
sacador	sacar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				
salteador	saltear							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				
saqueador	saquear							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
seleccionador	seleccionar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
sequestrador	sequestrar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
tomador	tomar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
usurpador	usurpar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
vindimador	vindimar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			

Tabela Y e 46. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de capturar/ apanhar

produto	trans medir obj	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
aferidor	aferir							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
afilador	afilar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
aquilatador	aquilatar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
arqueador	arquear							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
contador	contar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		-Ep ^σ
escrutinador	escrutinar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
lotador	lotar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-Emq ^σ		
maquiador	maquiar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
medidor	medir							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
mensurador	mensurar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
pesador	pesar							E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			
ponderador	ponderar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
quilatador	quilatar							E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans medir obj	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>repesador</i>	<i>repesar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>varador</i>	<i>varar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 47. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de medir objecto

produto	trans modativos	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>aforador</i>	<i>aforar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>atropelador</i>	<i>atropelar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>centrifugador</i>	<i>centrifugar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>cerceador</i>	<i>cercear</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>esmurraçador</i>	<i>esmurraçar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>fotomultiplicador</i>	<i>fotomultiplicar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>fumigador</i>	<i>fumigar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>insidiador</i>	<i>insidiar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>pirogravador</i>	<i>pirogravar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>retalhador</i>	<i>retalhar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>termomultiplicador</i>	<i>termomultiplicar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		

Tabela Y e 48. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas modativas

produto	trans estímulo- sujeito	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>aborrecedor</i>	<i>aborrecer</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>acabrunhador</i>	<i>acabrunhar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>acanhador</i>	<i>acanhhar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>admirador</i>	<i>admirar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>agitador</i>	<i>agitar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>alegrador</i>	<i>alegrar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>alentador</i>	<i>alentar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>aliciador</i>	<i>aliciar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>amedrontador</i>	<i>amedrontar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>amofinador</i>	<i>amofinar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>angustiador</i>	<i>angustiar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>animador</i>	<i>animar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>apavorador</i>	<i>apavorar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>apaziguador</i>	<i>apaziguar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>aperreador</i>	<i>aperrear</i>							E ^e		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>apoquentador</i>	<i>apoquentar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>aprazedor</i>	<i>aprazer</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				

produto	trans estímulo- sujeito	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
arreatador	arreatar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
arrelizador	arrelizar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
assustador	assustar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
atemorizador	atemorizar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
aterrador	aterrar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
aterrorizador	aterrorizar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
atortentador	atortentar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
atrapalhador	atrapalhar							E ^e	S ^s				-E ^{e,v,s}				
atribulador	atribular							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
comiserador	comiserar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
comovedor	comover							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
compadecedor	compadecer							E ^e	S ^s				-E ^{e,v,s}				
comprazedor	comprazer							E ^e	S ^s				-E ^{e,v,s}				
concitador	conciar							E ^e	S ^s				-E ^{e,v,s}				
confortador	confortar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
confrangedor	confranger							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
consternador	consternar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
constrangedor	constranger							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
contristador	contristar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
conturbador	conturbar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
convencedor	convencer							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
desalentador	desalentar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
desanimador	desanimar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
desassossegador	desassossegarr							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
desconsolador	desconsolar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
descoroçoador	descoroçoar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
desencorajador	desencorajar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
desenganador	desenganar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
desesperador	desesperar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
deslumbrador	deslumbrar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
desmoralizador	desmoralizar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
desolador	desolar							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
despeitador	despeitar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
distraidor	distrair							E ^e	S ^s		-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
embaidor	embair							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
embalador	embalar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
embaucador	embaucar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
embelecador	embelecar							E ^e	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	trans estímulo- sujeito	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
embromador	embromar							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
encantador	encantar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
enganador	enganar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
engazupador	engazupar							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
engrampador	engrampar							E ^c	S ^s				-Eh ^{c,v,s}				
enojador	enojar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
enternecedor	enternecer							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
escandalizador	escandalizar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
espantador	espantar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
estorvador	estorvar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
exaltador	exaltar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
exasperador	exasperar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
excitador	excitar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s} -E ^{c,v,s,σ}		-E ^{c,v,s}		-Emq ^σ		
fanatizador	fanatizar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
fascinador	fascinar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
fatigador	fatigar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
frustrador	frustrar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
impacientador	impacientar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
importunador	importunar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
impressionador	impressionar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
incitador	incitar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
incomodador	incomodar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
inquietador	inquietar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
inspirador	inspirar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
irritador	irritar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
moedor	moer							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
molestador	molestar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
motivador	motivar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
obcecador	obcecar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
ofendedor	ofender							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
perturbador	perturbar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
provocador	provocar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
reconfortador	reconfortar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
recreador	recrear							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
regalador	regalar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
regozijador	regozijar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				
relevador	relevar							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}		-E ^{c,v,s}				

produto	trans estímulo- sujeito	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>sensibilizador</i>	<i>sensibilizar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>seringador</i>	<i>seringar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>sossegador</i>	<i>sossegar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>tentador</i>	<i>tentar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>terrificador</i>	<i>terrificar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>transtornador</i>	<i>transtornar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>turbador</i>	<i>turbar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>turvador</i>	<i>turvar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>vascolejador</i>	<i>vascolear</i>							E ^e		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>vexador</i>	<i>vexar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>viciador</i>	<i>viciar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>vulnerador</i>	<i>vulnerar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>zangador</i>	<i>zangar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				

Tabela Y e 49. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito

produto	trans exper-sujeito	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>abominador</i>	<i>abominar</i>							E ^e		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>aborrecedor</i>	<i>aborrecer</i>							E ^e		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>aceitador</i>	<i>aceitar</i>							E ^e		S ^s	-Esubs ^{e,v,s,σ}					-Eh ^{e,v,s}	
<i>acreditador</i>	<i>acreditar</i>							E ^e		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>admirador</i>	<i>admirar</i>							E ^e		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>adorador</i>	<i>adorar</i>							E ^e		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>amador</i>	<i>amar</i>							E ^e		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>amerceador</i>	<i>amercear</i>							E ^e		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>cobiçador</i>	<i>cobiçar</i>							E ^e		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>congratulador</i>	<i>congratular refl</i>							E ^e		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>deplorador</i>	<i>deplorar</i>							E ^e		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>desamador</i>	<i>desamar</i>							E ^e		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>desejador</i>	<i>desejar</i>							E ^e		S ^s						-E ^{e,v,s}	
<i>desestimador</i>	<i>desestimar</i>							E ^e		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>desprezador</i>	<i>desprezar</i>							E ^e		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>esperador</i>	<i>esperar</i>							E ^e		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>esquecedor</i>	<i>esquecer</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,ex,s}						
<i>estimador</i>	<i>estimar</i>							E ^e		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>execrador</i>	<i>execrar</i>							E ^e		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	

produto	trans <u>exper-sujeito</u>	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>expectador</i>	<i>expectar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>lastimador</i>	<i>lastimar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>menosprezador</i>	<i>menosprezar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>padecedor</i>	<i>padecer</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>perdoador</i>	<i>perdoar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>pretendedor</i>	<i>pretender</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>prezador</i>	<i>prezar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>respeitador</i>	<i>respeitar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>sofredor</i>	<i>sofrer</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>suspeitador</i>	<i>suspeitar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	

Tabela Y e 50. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de experienciador-sujeito

produto	trans <u>psicol</u>	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>acreditador</i>	<i>acreditar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	
<i>ajuizador</i>	<i>ajuizar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	
<i>cismador</i>	<i>cismar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	
<i>conhecedor</i>	<i>conhecer</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	
<i>conjecturador</i>	<i>conjecturar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	
<i>decorador</i>	<i>decorar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	
<i>devaneador</i>	<i>devanear</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	
<i>duvidador</i>	<i>duvidar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	
<i>entendedor</i>	<i>entender</i>							E ^c		S ^s						-E ^{c,v,s}	
<i>evocador</i>	<i>evocar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	
<i>excogitador</i>	<i>excogitar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	
<i>fantasiador</i>	<i>fantasiar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	
<i>imaginador</i>	<i>imaginar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	
<i>interpretador</i>	<i>interpretar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	
<i>julgador</i>	<i>julgar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	
<i>lembrador</i>	<i>lembrar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{c,v,s}					
<i>maquinador</i>	<i>maquinar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	
<i>pensador</i>	<i>pensar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	
<i>ponderador</i>	<i>ponderar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	
<i>presumidor</i>	<i>presumir</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	
<i>razoador</i>	<i>razoar</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	
<i>recordador</i>	<i>recordar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{c,v,s}					
<i>rememorador</i>	<i>rememorar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{c,v,s}					
<i>sabedor</i>	<i>saber</i>							E ^c		S ^s						-Eh ^{c,v,s}	

Tabela Y e 51. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas psicológicas

produto	trans obstar	pont	dura	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>bloqueador</i>	<i>bloquear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>embargador</i>	<i>embargar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>embromador</i>	<i>embromar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>empatador</i>	<i>empatar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>empresador</i>	<i>empresar</i>							E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>entravador</i>	<i>entravar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>estorvador</i>	<i>estorvar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>frustrador</i>	<i>frustrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>impedidor</i>	<i>impedir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>inibidor</i>	<i>inibir</i>							E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>proibidor</i>	<i>proibir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>represador</i>	<i>represar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>reprimidor</i>	<i>reprimir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>sopeador</i>	<i>sopear</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>travador</i>	<i>travar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}		-E ^σ		
<i>vedador</i>	<i>vedar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y e 52. Semantismos dos produtos em *-dor* a partir de bases transitivas de obstar

Índice de tabelas Y e

Tabela Y e 1. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases inergativas performativas.....	977
Tabela Y e 2. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases inergativas instrumentais	977
Tabela Y e 3. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases inergativas de modo de moção.....	977-979
Tabela Y e 4. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases inergativas de emissão de som	979-981
Tabela Y e 5. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases inergativas psicológicas	981
Tabela Y e 6. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases inergativas de emissão de substância.....	981
Tabela Y e 7. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases inergativas resultativas.....	981
Tabela Y e 8. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases inergativas de emissão de luz.....	982
Tabela Y e 9. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases inergativas de actos de fala	982-983
Tabela Y e 10. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica.....	983
Tabela Y e 11. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases inacusativas de mover-se	983
Tabela Y e 12. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases inacusativas de estado/existência.....	983-984

Tabela Y e 13. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases inacusativas de aparecimento.....	984
Tabela Y e 14. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases inacusativas de desaparecimento	984
Tabela Y e 15. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de lançar.....	984
Tabela Y e 16. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas locativas	984-987
Tabela Y e 17. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica.....	987-988
Tabela Y e 18. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de mover objecto	988-989
Tabela Y e 19. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de colocar em configuração espacial.....	989
Tabela Y e 20. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de carregar/rebocar	990
Tabela Y e 21. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de enviar	990
Tabela Y e 22. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de mover-se o sujeito em relação a objecto.....	990
Tabela Y e 23. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de mover sem alteração espacial	991
Tabela Y e 24. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de mover através de força.....	991
Tabela Y e 25. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de contacto.....	992
Tabela Y e 26. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de parar	992
Tabela Y e 27. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de cercar.....	992
Tabela Y e 28. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de percepção	992-994
Tabela Y e 29. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas causativas.....	994-1007
Tabela Y e 30. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas resultativas	1007-1011
Tabela Y e 31. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de objecto negativo.....	1011-1013
Tabela Y e 32. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de ferir	1014
Tabela Y e 33. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de prover de	1015-1020
Tabela Y e 34. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de desprover de.....	10120-1022
Tabela Y e 35. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de distribuir por	1023
Tabela Y e 36. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de dividir em.....	1023
Tabela Y e 37. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de transferência de posse	1023-1024
Tabela Y e 38. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de posse	1025
Tabela Y e 39. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas performativas.....	1025-1036
Tabela Y e 40. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala	1036-1038
Tabela Y e 41. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de pedir	1038-1039
Tabela Y e 42. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas instrumentais.....	1039-1041
Tabela Y e 43. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de unir	1042
Tabela Y e 44. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de desunir.....	1042
Tabela Y e 45. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de reunir	1043
Tabela Y e 46. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de capturar/ apanhar	1043-1044
Tabela Y e 47. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de medir objecto	1044-1045
Tabela Y e 48. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas modativas.....	1045

Tabela Y e 49. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito.....	1045-1048
Tabela Y e 50. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de experienciador-sujeito.....	1048-1049
Tabela Y e 51. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas psicológicos	1049
Tabela Y e 52. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i> a partir de bases transitivas de obstar.....	1050

Tabelas Y f. Semantismos dos produtos em *-dora*

produto	Trans loca	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>embobinadora</i>	<i>embobinar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>empilhadora</i>	<i>empilhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}				-Emq ^σ		

Tabela Y f 1. Semantismos dos produtos em *-dora* a partir de bases transitivas locativas

produto	Trans mover-se o sujeito	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>visitadora</i>	<i>visitar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{c,v,s}				

Tabela Y f 2. Semantismos dos produtos em *-dora* a partir de bases transitivas de mover-se o sujeito em relação ao objecto

produto	Trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>aveludadora</i>	<i>aveludar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{c,v,s}				
<i>condensadora</i>	<i>condensar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>desfiladora</i>	<i>desfilar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>encobridora</i>	<i>encobrir</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{c,v,s}				
<i>fechadora</i>	<i>fechar</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{c,v,s}				
<i>lixadora</i>	<i>lixar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ} -E ^{c,v,s,σ}			-E ^σ	-Emq ^σ		
<i>motoniveladora</i>	<i>motonivelar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>niveladora</i>	<i>nivelar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>ratinadora</i>	<i>ratinar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>separadora</i>	<i>separar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}				-Emq ^σ		

Tabela Y f 3. Semantismos dos produtos em *-dora* a partir de bases transitivas causativas

produto	Trans ferir	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>autometralhadora</i>	<i>autometralhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>metralhadora</i>	<i>metralhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}				-Emq ^σ		

Tabela Y f 4. Semantismos dos produtos em *-dora* a partir de bases transitivas de ferir

produto	Trans objecto negat	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>perfuradora</i>	<i>perfurar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}				-Emq ^σ		

Tabela Y f 5. Semantismos dos produtos em *-dora* a partir de bases transitivas de objecto negativo

produto	Trans resultativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>autocopiadora</i>	<i>autocopiar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>fotocopiadora</i>	<i>fotocopiar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>granuladora</i>	<i>granular</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>incubadora</i>	<i>incubar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		-Ep ^σ

Tabela Y f 6. Semantismos dos produtos em *-dora* a partir de bases transitivas resultativas

produto	Trans percepção	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>auscultadora</i>	<i>auscultar</i>							E ^e		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	

Tabela Y f 7. Semantismos dos produtos em *-dora* a partir de bases transitivas de percepção

produto	Trans prover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>enceradora</i>	<i>encerar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>numeradora</i>	<i>numerar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		

Tabela Y f 8. Semantismos dos produtos em *-dora* a partir de bases transitivas de prover de

produto	Trans performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>calculadora</i>	<i>calcular</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>cavadora</i>	<i>cavar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>escavadora</i>	<i>escavar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>governadora</i>	<i>governar</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>retroescavadora</i>	<i>retroescavar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>tabuladora</i>	<i>tabular</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		

Tabela Y f 9. Semantismos dos produtos em *-dora* a partir de bases transitivas performativas

produto	Trans instrumentais	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>autometralhadora</i>	<i>autometralhar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>cosedora</i>	<i>coser</i>							E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>fresadora</i>	<i>fresar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>lixadora</i>	<i>lixar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		
<i>metralhadora</i>	<i>metralhar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-Emq ^σ		

Tabela Y f 10. Semantismos dos produtos em *-dora* a partir de bases transitivas instrumentais

produto	Trans modativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>motoniveladora</i>	<i>motonivelar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}					-Emq ^σ	
<i>retroescavadora</i>	<i>retroescavar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}					-Emq ^σ	

Tabela Y f 11. Semantismos dos produtos em *-dora* a partir de bases transitivas modativas

produto	Trans unir	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>cosedora</i>	<i>coser</i>							E ^c		S ^s			-Eh ^{c,v,s}				
<i>misturadora</i>	<i>misturar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}					-Emq ^σ	

Tabela Y f 12. Semantismos dos produtos em *-dora* a partir de bases transitivas de unir

produto	Trans medir objecto	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	que tem a função de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>pesadora</i>	<i>pesar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}					-Emq ^σ	

Tabela Y f 13. Semantismos dos produtos em *-dora* a partir de bases transitivas de medir objecto

Índice de tabelas Y f

Tabela Y f 1. Semantismos dos produtos em <i>-dora</i> a partir de bases transitivas locativas	1053
Tabela Y f 2. Semantismos dos produtos em <i>-dora</i> a partir de bases transitivas de mover-se o sujeito em relação ao objecto	1053
Tabela Y f 3. Semantismos dos produtos em <i>-dora</i> a partir de bases transitivas causativas	1053
Tabela Y f 4. Semantismos dos produtos em <i>-dora</i> a partir de bases transitivas de ferir	1053
Tabela Y f 5. Semantismos dos produtos em <i>-dora</i> a partir de bases transitivas de objecto negativo	1053
Tabela Y f 6. Semantismos dos produtos em <i>-dora</i> a partir de bases transitivas resultativas	1054
Tabela Y f 7. Semantismos dos produtos em <i>-dora</i> a partir de bases transitivas de percepção.....	1054
Tabela Y f 8. Semantismos dos produtos em <i>-dora</i> a partir de bases transitivas de prover de.....	1054
Tabela Y f 9. Semantismos dos produtos em <i>-dora</i> a partir de bases transitivas performativas	1054
Tabela Y f 10. Semantismos dos produtos em <i>-dora</i> a partir de bases transitivas instrumentais	1054
Tabela Y f 11. Semantismos dos produtos em <i>-dora</i> a partir de bases transitivas modativas	1055
Tabela Y f 12. Semantismos dos produtos em <i>-dora</i> a partir de bases transitivas de unir	1055
Tabela Y f 13. Semantismos dos produtos em <i>-dora</i> a partir de bases transitivas de medir objecto.....	1055

Tabelas Y g. Semantismos dos produtos em *-doura*

produto	Inerg <u>moção</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	télic	perf	propício a/próprio para	caus	objec	caus anim	instr	inst aut	exp	loc
<i>corredoura</i>	<i>correr</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ1} -E ^{e,ex,σ}				-E ^{σ1}		-E ^{e,ex,s,σ}

Tabela Y g 1. Semantismos dos produtos em *-doura* a partir de bases inergativas de modo de moção

produto	Inerg <u>som</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	télic	perf	propício a/próprio para	caus	objec	caus anim	instr	inst aut	exp	loc
<i>cantadoura</i>	<i>cantar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						

Tabela Y g 2. Semantismos dos produtos em *-doura* a partir de bases inergativas de emissão de som

produto	Trans <u>dire esp</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	télic	perf	propício a/próprio para	caus	objec	caus anim	instr	inst aut	exp	loc
<i>levadoura</i>	<i>levar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ	-E ^σ		-E ^{p,e,ex,s}

Tabela Y g 3. Semantismos dos produtos em *-doura* a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica

produto	Trans <u>mover s alt esp</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	télic	perf	propício a/próprio para	caus	objec	caus anim	instr	inst aut	exp	loc
<i>torcedoura</i>	<i>torcer</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>tornadoura</i>	<i>tornar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		

Tabela Y g 4. Semantismos dos produtos em *-doura* a partir de bases transitivas de mover sem alteração espacial

produto	Trans <u>mover através força</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	télic	perf	propício a/próprio para	caus	objec	caus anim	instr	inst aut	e x p	loc
<i>puxadoura</i>	<i>puxar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		-E ^{c?}
<i>tiradoura</i>	<i>tirar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		

Tabela Y g 5. Semantismos dos produtos em *-doura* a partir de bases transitivas de mover através de força

produto	Trans <u>causat</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	télic	perf	propício a/próprio para	caus	objec	caus anim	instr	inst aut	exp	loc
<i>aguçadoura</i>	<i>aguçar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>respigadoura</i>	<i>respigar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		

Tabela Y g 6. Semantismos dos produtos em *-doura* a partir de bases transitivas causativas

produto	Trans result	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	télic	perf	propício a/próprio para	caus	objec	caus anim	instr	inst aut	exp	loc
<i>dobadoura</i>	<i>dobar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}			-E ^σ			

Tabela Y g 7. Semantismos dos produtos em *-doura* a partir de bases transitivas resultativas

produto	Trans objec nega	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	télic	perf	propício a/próprio para	caus	objec	caus anim	instr	inst aut	exp	loc
<i>roçadoura</i>	<i>roçar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}			-E ^σ			

Tabela Y g 8. Semantismos dos produtos em *-doura* a partir de bases transitivas de objecto negativo

produto	Trans prover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	télic	perf	propício a/próprio para	caus	objec	caus anim	instr	inst aut	exp	loc
<i>tapadoura</i>	<i>tapar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}				-E ^σ		

Tabela Y g 9. Semantismos dos produtos em *-doura* a partir de bases transitivas de prover de

produto	Trans perform	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	télic	perf	propício a/próprio para	caus	objec	caus anim	instr	inst aut	exp	loc
<i>manjadoura</i>	<i>manjar</i>							E ^c		S ^s							-Ep ^{e,ex,s}
<i>rapadoura</i>	<i>rapar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>tangedoura</i>	<i>tanger</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}				-E ^σ		

Tabela Y g 10. Semantismos dos produtos em *-doura* a partir de bases transitivas performativas

produto	Trans instrum	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	télic	perf	propício a/próprio para	caus	objec	caus anim	instr	Inst aut	exp	loc
<i>aguçadoura</i>	<i>aguçar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>torcedoura</i>	<i>torcer</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>varredoura</i>	<i>varrer</i>			E ^s				E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}				-E ^σ		

Tabela Y g 11. Semantismos dos produtos em *-doura* a partir de bases transitivas instrumentais

Índice de tabelas Y g

Tabela Y g 1. Semantismos dos produtos em <i>-doura</i> a partir de bases inergativas de modo de moção.....	1057
Tabela Y g 2. Semantismos dos produtos em <i>-doura</i> a partir de bases inergativas de emissão de som.....	1057
Tabela Y g 3. Semantismos dos produtos em <i>-doura</i> a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica	1057
Tabela Y g 4. Semantismos dos produtos em <i>-doura</i> a partir de bases transitivas de mover sem alteração espacial.....	1057
Tabela Y g 5. Semantismos dos produtos em <i>-doura</i> a partir de bases transitivas de mover através de força	1057
Tabela Y g 6. Semantismos dos produtos em <i>-doura</i> a partir de bases transitivas causativas	1057
Tabela Y g 7. Semantismos dos produtos em <i>-doura</i> a partir de bases transitivas resultativas.....	1058
Tabela Y g 8. Semantismos dos produtos em <i>-doura</i> a partir de bases transitivas de objecto negativo.....	1058
Tabela Y g 9. Semantismos dos produtos em <i>-doura</i> a partir de bases transitivas de prover de.....	1058
Tabela Y g 10. Semantismos dos produtos em <i>-doura</i> a partir de bases transitivas performativas.....	1058
Tabela Y g 11. Semantismos dos produtos em <i>-doura</i> a partir de bases transitivas instrumentais	1058

Tabelas Y h. Semantismos dos produtos em *-douro*

produto	Inerg moção	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>bailadouro</i>	<i>bailar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,ex,s}
<i>corredouro</i>	<i>correr</i>		E ^s					E ^c		S ^s	-E ^{ex,σ}						-E ^{c,ex,s,σ}
<i>escorregadouro</i>	<i>escorregar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{ex,σ}						-E ^{c,ex,s,σ}
<i>passeadouro</i>	<i>passear</i>		E ^s	E ^s				E ^c		S ^s							-E ^{c,ex,s}
<i>resvaladouro</i>	<i>resvalar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{ex,σ}						-E ^{c,ex,s,σ}
<i>tremedouro</i>	<i>tremar</i>			E ^s				E ^c		S ^s							
<i>espojadouro</i>	<i>espojar-se</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,ex,s}
<i>espolinhadouro</i>	<i>espolinhar-se</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,ex,s}
<i>singradouro</i>	<i>singrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{ex,σ}						-E ^{c,ex,s,σ}

Tabela Y h 1. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases inergativas de modo de moção

produto	Inerg som	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>chiadouro</i>	<i>chiar</i>			E ^s				E ^c									
<i>gemedouro</i>	<i>gema</i>			E ^s				E ^c		S ^s							
<i>piadouro</i>	<i>piar</i>		E ^s	E ^s				E ^c		S ^s							
<i>zuidouro</i>	<i>zuir</i>		E ^s					E ^c		S ^s							

Tabela Y h 2. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases inergativas de emissão de som

produto	Inerg substância	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>mijadouro</i>	<i>mijar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,ex,s}
<i>cuspidouro</i>	<i>cuspir</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,ex,s} -Ep ^{e,ex,s}
<i>suadouro</i>	<i>suar</i>		E ^s					E ^c		S ^s	-Ec ^{e,v,s,σ} -E ^{e,ex,s}						-Ec ^σ -Ec??

Tabela Y h 3. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases inergativas de emissão de substância

produto	Inerg perform	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>resfolgado</i>	<i>resfolgar</i>							E ^c		S ^s							-Ec ^{e,ex,s}
<i>resfolegado</i>	<i>resfolegar</i>							E ^c		S ^s							-Ec ^{e,ex,s}
<i>respirado</i>	<i>respirar</i>							E ^c		S ^s							-Ec ^{e,ex,s}
<i>ruminado</i>	<i>ruminar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,ex,s,σ}						-Ec ^{e,ex,s,σ}
<i>pastado</i>	<i>pastar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,ex,s}
<i>dormido</i>	<i>dormir</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,ex,s}

produto	Inerg <u>perform</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>dejejuadouro</i> ¹	<i>dejejuar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,ex,s}						

Tabela Y h 4. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases inergativas performativas

produto	Inacs <u>apareciment</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>assomadouro</i>	<i>assomar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,v,s}
<i>calhadouro</i>	<i>calhar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,v,s}
<i>germinadouro</i>	<i>germinar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{ex,σ}						-E ^{c,ex,s,σ}
<i>nascedouro</i>	<i>nascer</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,ex,s}
<i>surgidouro</i>	<i>surgir</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,v,s}

Tabela Y h 5. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases inacusativas de aparecimento

produto	Inacs <u>desapareciment</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>morredouro</i>	<i>morrer</i>							E ^c		S ^s		-E ^{c,v,s} adj					-E ^{c,ex,s}
<i>perecedouro</i>	<i>perecer</i>							E ^c		S ^s		-E ^{c,v,s} adj					

Tabela Y h 6. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases inacusativas de desaparecimento

produto	Inacs <u>estado/exist</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>acarradouro</i>	<i>acarrar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,v,s}
<i>jogadouro</i>	<i>jogar</i> ‘condizer’		E ^c							S ^s		-Ec ^{c,v,s,σ}					-Ec ^σ
<i>invernadouro</i>	<i>invernar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,ex,s} -Ec ^{c,ex,s}
<i>paradouro</i>	<i>parar</i>		E ^c							S ^s							-E ^{c,v,s}
<i>pousadouro</i>	<i>pousar</i>		E ^c							S ^s							-E ^{c,v,s} -Ec ^{c,v,s}
<i>vivedouro</i>	<i>viver</i>		E ^c							S ^s		-E ^{c,v,s} adj					
<i>aturadouro</i>	<i>aturar</i>		E ^c							S ^s		-E ^{c,v,s} adj					
<i>esperadouro</i>	<i>esperar</i>		E ^c							S ^s							-E ^{c,ex,s}

Tabela Y h 7. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases inacusativas de estado/existência

produto	Inacs <u>locati</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>ancoradouro</i>	<i>ancorar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{ex,σ}					-E ^{c,v,s,σ}

Tabela Y h 8. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases inacusativas locativas

¹ *Dejejuadouro* significa ‘pequeno-almoço’. Trata-se de ‘que serve para dejejuar’, logo um causador ou instigador de V, mas não o arg de causa.

produto	Inacs <u>mover-se</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>desaguadouro</i>	<i>desaguar</i>							E ^e		S ^s							-E ^{e,v,s}
<i>escorredouro</i>	<i>escorrer</i>							E ^e		S ^s							-E ^{e,v,s}

Tabela Y h 9. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases inacusativas de mover-se

produto	Inacs <u>dir esp</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>fundeadoiro</i>	<i>fundear</i>							E ^e		S ^s							-E ^{e,v,s}
<i>saidouro</i>	<i>sair</i>							E ^e		S ^s							-E ^{e,v,s,σ}
<i>subidouro</i>	<i>subir</i>							E ^e		S ^s							-E ^{e,v,s,σ}

Tabela Y h 10. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases inacusativas de mover-se em direção específica

produto	Inacs <u>result</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>desovadouro</i>	<i>desovar</i>							E ^e		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>germinadouro</i>	<i>germinar</i>							E ^e		S ^s							-E ^{e,ex,s,σ}

Tabela Y h 11. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases inacusativas resultativas

produto	Inacs <u>incoat</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>agostadouro</i>	<i>agostar-se</i>							E ^e		S ^s							-E ^{e,v,s}
<i>aquecedouro</i>	<i>aquecer-se</i>							E ^e		S ^s							-E ^{e,ex,s,σ}
<i>criadouro</i>	<i>criar-se</i>							E ^e		S ^s							-E ^{e,ex,s,σ}
<i>esfriadouro</i>	<i>esfriar</i>							E ^e		S ^s							-E ^{e,ex,s,σ}
<i>fervedouro</i>	<i>ferver</i>				E ^s			E ^e		S ^s							-E ^{e,v,s}
<i>secadouro</i>	<i>secar</i>							E ^e		S ^s							-E ^{e,ex,s,σ}

Tabela Y h 12. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases inacusativas incoativas

produto	Trans <u>locat</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>abrigadouro</i>	<i>abrigar</i>							E ^e		S ^s							-E ^{e,ex,s,σ}
<i>atracadouro</i>	<i>atracar</i>							E ^e		S ^s							-E ^{e,v,s}
<i>embarcadouro</i>	<i>embarcar</i>							E ^e		S ^s							-E ^{e,ex,s,σ}
<i>encarradouro</i>	<i>encarrar</i>							E ^e		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>enroladouro</i> ²	<i>enrolar</i>							E ^e		S ^s							-E ^{e,v,s}

² Cf. significação parece de adj.

produto	Trans locat	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>enterradouro</i>	<i>enterrar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,v,s}
<i>enxaguadouro</i>	<i>enxaguar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>escondedouro</i>	<i>esconder</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,v,s}

Tabela Y h 13. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases transitivas locativas

produto	Trans dir esp	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>absorvedouro</i>	<i>absorver</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}						-E ^σ
<i>alevadouro</i>	<i>alevar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>cambadouro</i>	<i>cambar</i>			E ^s				E ^c		S ^s							
<i>descarregadouro</i>	<i>descarregar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>desembarcadouro</i>	<i>desembarcar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,v,s}
<i>despejadouro</i>	<i>despejar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,v,s}
<i>esborralhadouro</i>	<i>esborralhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>escoadouro</i>	<i>escoar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{ex,σ}						-E ^{e,v,s,σ}
<i>esgotadouro</i>	<i>esgotar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{ex,σ}						-E ^{e,v,s,σ}
<i>soborralhadouro</i>	<i>soborralhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>vazadouro</i>	<i>vazar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{v,σ}						-E ^{e,v,s,σ}
<i>vertedouro</i>	<i>verter</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			-E ^{e,v,s}

Tabela Y h 14. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica

produto	Trans mov suj	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>atravessadouro</i> ³	<i>atravessar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{v,σ}					-E ^{e,v,s,σ}
<i>furadouro</i>	<i>furar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{v,σ}					-E ^{e,v,s,σ}
<i>passadouro</i>	<i>passar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,v,s}
<i>saltadouro</i>	<i>saltar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{v,σ}					-E ^{e,ex,s,σ}
<i>trepadouro</i>	<i>trepar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{v,σ}					-E ^{e,ex,s,σ}
<i>varadouro</i>	<i>varar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,v,s}

Tabela Y h 15. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases transitivas de mover-se o sujeito em relação ao objecto

³ 'Direito de atravessar uma terra' (????).

produto	Trans config espa	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>esborralhadouro</i>	<i>esborralhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>estendedouro</i>	<i>estender</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,v,s} -Ep ^{e,v,s}
<i>soborralhadouro</i>	<i>soborralhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			

Tabela Y h 16. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases transitivas de colocar em configuração espacial

produto	Trans mov obj	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>tornadouro</i>	<i>tornar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		

Tabela Y h 17. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases transitivas de mover objecto

produto	Trans causat	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>aliviadouro</i>	<i>aliviar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			-E ^{e,ex,s}
<i>amassadouro</i>	<i>amassar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>aquecedouro</i>	<i>aquecer</i>							E ^c		S ^s	-E ^{ex,σ}						-E ^{e,ex,s,σ}
<i>assucadouro</i>	<i>assucar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>batedouro</i>	<i>bater</i>				E _s			E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s} -Ep ^{e,ex,s}
<i>cerradouro</i>	<i>cerrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>chamuscadouro</i>	<i>chamuscar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>coahadouro</i>	<i>coalhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						-E ^{e,ex,s}
<i>coradouro</i>	<i>corar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>cremadouro</i>	<i>cremar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s} -Ep ^{e,ex,s}
<i>curtidouro</i>	<i>curtir</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>encobridouro</i>	<i>encobrir</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>enxugadouro</i>	<i>enxugar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{v,σ} -E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		-E ^{e,ex,s,σ}
<i>esfriadouro</i>	<i>esfriar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{v,σ}						-Ep ^{e,ex,s,σ}
<i>lavadouro</i>	<i>lavar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s} -Ep ^{e,ex,s}
<i>pejadouro</i>	<i>pejar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>puidouro</i>	<i>puir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{v,σ}						-E ^{e,ex,s,σ}

produto	Trans causat	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>queimadouro</i> ⁴	<i>queimar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>resfriadouro</i>	<i>resfriar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{v,σ}						-E ^{e,ex,s,σ}
<i>secadouro</i>	<i>secar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{v,σ}						-E ^{e,ex,s,σ}
<i>travadouro</i>	<i>travar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{v,σ}					-E ^{c,e,ex,s,σ}

Tabela Y h 18. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases transitivas causativas

produto	Trans resul	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>criadouro</i>	<i>criar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{v,σ}						-E ^{e,ex,s,σ}
<i>fiadouro</i>	<i>fiar</i>		E ^s					E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>geradouro</i>	<i>gerar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{p,e,ex,s}
<i>germinadouro</i>	<i>germinar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>poedouro</i> ⁵	<i>pôr</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,v,s}

Tabela Y h 19. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases transitivas resultativas

produto	Trans objec neg	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>atalhadouro</i>	<i>atalhar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,v,s}
<i>chupadouro</i>	<i>chupar</i>		E ^s					E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>degoladouro</i>	<i>degolar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{v,σ}					-E ^{e,ex,s} -E ^{c,e,ex,s,σ}
<i>fanadouro</i>	<i>fanar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>matadouro</i>	<i>matar</i>			E ^s				E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>segadouro</i>	<i>segar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s} adj					
<i>sorvedouro</i>	<i>sorver</i>							E ^c		S ^s	-E ^{v,σ}						-E ^{e,ex,s,σ}
<i>sugadouro</i>	<i>sugar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>sumidouro</i>	<i>sumir</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s} -E ^{p,e,v,s}
<i>talhadouro</i>	<i>talhar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,v,s}
<i>tolhedouro</i>	<i>tolher</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>tragadouro</i>	<i>tragar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{v,σ}						-E ^{e,ex,s,σ}

Tabela Y h 20. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases transitivas de objecto negativo

⁴ Cf. significação de ‘montão de cortiça após a tiragem’.

⁵ Cf. significação de ‘fios ou trapos de pôr no tinteiro’ (?????????).

produto	Trans <u>percep</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>achadouro</i>	<i>achar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>empeladouro</i>	<i>empelar</i>							E ^c		S ^s							-Ep ^{e,ex,s}
<i>miradouro</i>	<i>mirar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}

Tabela Y h 21. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases transitivas de percepção

produto	Trans <u>Transfe posse</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>vendedouro</i>	<i>vender</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					-E ^{e,ex,s}

Tabela Y h 22. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases transitivas de transferência de posse

produto	Trans <u>desprover de</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>degoladouro</i>	<i>degolar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{v,σ}					-E ^{e,ex,s} -Ec ^{e,ex,s,σ}
<i>descarregadouro</i>	<i>descarregar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>desfolhadouro</i>	<i>desfolhar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s,σ} -Et ^σ
<i>esfoladouro</i>	<i>esfolar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>espreguiçadouro</i>	<i>espreguiçar</i>							E ^c		S ^s							-Ep ^{e,ex,s}
<i>sangradouro</i>	<i>sangrar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{v,σ} -E ^{v,σ}					-Ec ^{e,ex,s,σ} -Ec ^{e,ex,s,σ}

Tabela Y h 23. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases transitivas de desprover de

produto	Trans <u>prover de</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>abastecedouro</i>	<i>abastecer</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,v,s}
<i>aguadouro</i>	<i>aguar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>alagadouro</i>	<i>alagar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>atoladouro</i>	<i>atolar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{ex,σ}						-E ^{e,ex,s,σ}
<i>babadouro</i>	<i>babar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>cevadouro</i>	<i>cevar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{v,σ}						-E ^{e,ex,s,σ}
<i>chumbadouro</i>	<i>chumbar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					-Ep ^{e,ex,s}
<i>defumadouro</i>	<i>defumar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						-E ^{e,ex,s}

<i>encabadouro</i>	<i>encabar</i>								E ^c	S ^s							-E ^{c,v,s}
<i>ensogadouro</i>	<i>ensogar</i>		E ^s						E ^c	S ^s	-E ^{c,v,s,σ}						-E ^σ
<i>grudadouro</i>	<i>grudar</i>								E ^c	S ^s							-E ^p ^{e,ex,s}
<i>inçadouro</i>	<i>inçar</i>								E ^c	S ^s						?	?
<i>marcadouro</i>	<i>marcar</i>								E ^c	S ^s	-E ^{c,v,s}	-E ^{c,v,s}					
<i>muradouro</i>	<i>murar</i>								E ^c	S ^s	-E ^{c,v,s}						
<i>peadouro</i>	<i>pear</i>								E ^c	S ^s			-E ^{v,σ}				-E ^c ^{e,ex,s,σ}
<i>seladouro</i>	<i>selar</i>								E ^c	S ^s			-E ^{v,σ}				-E ^c ^{e,ex,s,σ}
<i>semeadouro</i>	<i>semar</i>								E ^c	S ^s			-E ^{c,v,s} adj				
<i>tapadouro</i>	<i>tapar</i>								E ^c	S ^s	-E ^{c,v,s,σ}						-E ^σ

Tabela Y h 24. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases transitivas de prover de

produto	Trans performat	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>aradouro</i>	<i>arar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>assucadouro</i>	<i>assucar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>bebedouro</i>	<i>beber</i>							E ^c	S ^s								-E ^{c,ex,s} -E ^p ^{e,ex,s}
<i>calcadouro</i>	<i>calcar</i>		E ^s					E ^c	S ^s								-E ^{c,ex,s}
<i>casadouro</i>	<i>casar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}						
<i>chupadouro</i>	<i>chupar</i>		E ^s					E ^c	S ^s			-E ^{c,v,s}					
<i>coçadouro</i>	<i>coçar</i>		E ^s					E ^c	S ^s								-E ^{c,ex,s}
<i>comedouro</i>	<i>comer</i>							E ^c	S ^s			-E ^{c,v,s}					-E ^{c,ex,s} -E ^p ^{e,ex,s}
<i>jogadouro</i>	<i>jogar</i>							E ^c	S ^s								-E ^{c,ex,s}
<i>logradouro</i>	<i>lograr</i>							E ^c	S ^s								-E ^{c,ex,s}
<i>mamadouro</i>	<i>mamar</i>							E ^c	S ^s					??			
<i>mastigadouro</i>	<i>mastigar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{c,ex,s,σ}			-E ^σ			
<i>sorvedouro</i>	<i>sorver</i>							E ^c	S ^s		-E ^{v,σ}						-E ^{c,ex,s,σ}
<i>sugadouro</i>	<i>sugar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>tragadouro</i>	<i>tragar</i>							E ^c	S ^s		-E ^{v,σ}						-E ^{c,ex,s,σ}
<i>valedouro</i>	<i>valer</i>							E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s}						
<i>vessadouro</i>	<i>vessar</i>		E ^s					E ^c	S ^s		-E ^{c,v,s,σ}			-E ^σ			

Tabela Y h 25. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases transitivas performativas

produto	Trans unír	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>amarradouro</i>	<i>amarrar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,v,s}
<i>cerradouro</i>	<i>cerrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>cilhadouro</i>	<i>cilhar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{v,σ}					-Ec ^{e,ex,s,σ}
<i>cingidouro</i>	<i>cingir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ1}	-E ^{v,σ}		-E ^{σ1}			-Ec ^{e,ex,s,σ}
<i>liadouro</i>	<i>liar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						

Tabela Y h 26. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases transitivas de unir

produto	Trans instrum	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>amarradouro</i>	<i>amarrar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,v,s}
<i>aradouro</i>	<i>arar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>assucadouro</i>	<i>assucar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>cilhadouro</i>	<i>cilhar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{v,σ}					-Ec ^{e,ex,s,σ}
<i>cingidouro</i>	<i>cingir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ1}	-E ^{v,σ}		-E ^{σ1}			-Ec ^{e,ex,s,σ}
<i>coadouro</i>	<i>coar</i>		E ^s					E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					-E ^{e,ex,s}
<i>esborralhadouro</i>	<i>esborralhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>espadeladouro</i>	<i>espadelar</i>							E ^c		S ^s							-Ep ^{e,ex,s}
<i>maçadouro</i>	<i>maçar</i>							E ^c		S ^s							-Ep ^{e,ex,s}
<i>malhadouro</i>	<i>malhar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>soborralhadouro</i>	<i>soborralhar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>sorrascadouro</i>	<i>sorrascar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>varredouro</i>	<i>varrer</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>vessadouro</i>	<i>vessar</i>		E ^s					E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}				-E ^σ		

Tabela Y h 27. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases transitivas instrumentais

produto	Trans capturar	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>cobradouro</i>	<i>cobrar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>pegadouro</i>	<i>pegar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{v,σ}					-Ec ^{e,ex,s,σ}

Tabela Y h 28. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases transitivas de capturar/apanhar

produto	Trans prender	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>apertadouro</i>	<i>apertar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s}						-Ec ^{e,ex,s}
<i>mordedouro</i>	<i>morder</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s,σ}				-E ^σ		
<i>peadouro</i>	<i>pear</i>							E ^c		S ^s		-E ^{v,σ}					-Ec ^{e,ex,s,σ}

Tabela Y h 29. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases transitivas de prender

produto	Trans estímulo-suj	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>moedouro</i>	<i>moer</i>		E ^s	E ^s				E ^c		S ^s							

Tabela Y h 30. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito

produto	Trans exper-suj	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	propício a/ próprio para	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>temedouro</i>	<i>temer</i>							E ^c		S ^s		-E ^{c,v,s}					

Tabela Y h 31. Semantismos dos produtos em *-douro* a partir de bases transitivas de experienciador-sujeito

Índice de tabelas Y h

Tabela Y h 1. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases inergativas de modo de moção	1059
Tabela Y h 2. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases inergativas de emissão de som.....	1059
Tabela Y h 3. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases inergativas de emissão de substância.....	1059
Tabela Y h 4. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases inergativas performativas.....	10-591060
Tabela Y h 5. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases inacusativas de aparecimento	1060
Tabela Y h 6. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases inacusativas de desaparecimento	1060
Tabela Y h 7. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases inacusativas de estado/existência.....	1060
Tabela Y h 8. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases inacusativas locativas.....	1060
Tabela Y h 9. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases inacusativas de mover-se	1061
Tabela Y h 10. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica.....	1061
Tabela Y h 11. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases inacusativas resultativas.....	1061
Tabela Y h 12. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases inacusativas incoativas.....	1061
Tabela Y h 13. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases transitivas locativas.....	1061-1062
Tabela Y h 14. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica.....	1062
Tabela Y h 15. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases transitivas de mover-se o sujeito em relação ao objecto.....	1062
Tabela Y h 16. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases transitivas de colocar em configuração espacial.....	1063
Tabela Y h 17. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases transitivas de mover objecto	1063
Tabela Y h 18. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases transitivas causativas	1063-1064

Tabela Y h 19. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases transitivas resultativas.....	1064
Tabela Y h 20. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases transitivas de objecto negativo.....	1064
Tabela Y h 21. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases transitivas de percepção.....	1065
Tabela Y h 22. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases transitivas de transferência de posse.....	1065
Tabela Y h 23. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases transitivas de desprover de.....	1065
Tabela Y h 24. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases transitivas de prover de.....	1065-1066
Tabela Y h 25. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases transitivas performativas.....	1066
Tabela Y h 26. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases transitivas de unir.....	1067
Tabela Y h 27. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases transitivas instrumentais.....	1067
Tabela Y h 28. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases transitivas de capturar/apanhar.....	1067
Tabela Y h 29. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases transitivas de prender.....	1068
Tabela Y h 30. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito.....	1068
Tabela Y h 31. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i> a partir de bases transitivas de experienciador-sujeito.....	1068

Tabelas Y i. Semantismos dos produtos em *-nte*

produto	Inergs performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss ¹	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>actuante</i>	<i>actuar</i>								E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>agente</i>	<i>agir</i>								E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>aniversariante</i>	<i>aniversariar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>anuyente</i>	<i>anuir??</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>casante</i>	<i>casar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>comungante</i>	<i>comungar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>concorrente</i>	<i>concorrer</i>								E ^e		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>conspirante</i>	<i>conspirar</i>								E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>contendente</i>	<i>contender</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>cooperante</i>	<i>cooperar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>debutante</i>	<i>debutar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>delinquente</i>	<i>delinquir</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>dormente</i>	<i>dormir</i>								E ^e		S ^s	-Eveg ^{e,v,s} -Ec ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s} 2				
<i>faiante</i>	<i>faiar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>feirante</i>	<i>feirar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>folgante</i>	<i>folgar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>implicante</i>	<i>implicar</i>								E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>intendente</i>	<i>intender</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>judaizante</i>	<i>judaizar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>militante</i>	<i>militar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>moinante</i>	<i>moinar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>oficiante</i>	<i>oficiar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>pecante</i>	<i>pecar</i>								E ^e		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>pimpante</i>	<i>pimpar</i>								E ^e		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>politicante</i>	<i>politicar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>pontificante</i>	<i>pontificar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>presidinte</i>	<i>presidir</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>reaginte</i>	<i>reagir</i>								E ^e		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
<i>subintendente</i>	<i>subintender</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>superintendente</i>	<i>superintender</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

¹ O 'significado idiosincrático' corresponde ao conceito designado por *root* em Pesetsky (1995) e por *constant* em Levin (1999). Cf. § 6.1 do cap. II do nosso trabalho.

² Os sete dormentes BLUTEAU.

produto	Inergs performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss ¹	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>testilhante</i>	<i>testilhar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>tirocinante</i>	<i>tirocinar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>veraneante</i>	<i>veranear</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>esmolante</i>	<i>esmolar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>imperante</i>	<i>imperar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>intrigante</i>	<i>intrigar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>lactante</i>	<i>lactar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>litigante</i>	<i>litigar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>pactuante</i>	<i>pactuar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>pleiteante</i>	<i>pleitear</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>professante</i>	<i>professar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ruminante</i>	<i>ruminar</i>								E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>querelante</i>	<i>querelar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y i 1. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases inergativas performativas

produto	Inergs Actos de fala	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>depoente</i>	<i>depor</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>falante</i>	<i>falar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>maldizente</i>	<i>maldizer</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y i 2. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases inergativas de actos de fala

produto	Inergs moção	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>aldeagante</i>	<i>aldeagar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>aldeante</i>	<i>aldear</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>bailante</i>	<i>bailar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>caminhante</i>	<i>caminhar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>concorrente</i>	<i>concorrer</i>								E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>corrente</i>	<i>correr</i>								E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>fugente</i>	<i>fugir</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Ean ^{e,v,s}				
<i>passeante</i>	<i>passear</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>reptante</i>	<i>reptar</i>								E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>rodante</i>	<i>rodar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>rodopiante</i>	<i>rodopiar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>viajante</i>	<i>viajar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>viandante</i>	<i>viandar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	Inergs <u>moção</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>cavalgante</i>	<i>cavalar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>navegante</i>	<i>navegar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>peregrinante</i>	<i>peregrinar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y i 3. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases inergativas de modo de moção

produto	Inergs <u>substância</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>espumante</i>	<i>espumar</i>								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						

Tabela Y i 4. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases inergativas de emissão de substância

produto	Inergs <u>luz</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>brilhante</i>	<i>brilhar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}						
<i>fulminante</i>	<i>fulminar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}						

Tabela Y i 5. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases inergativas de emissão de luz

produto	Inergs <u>som</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	Sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>chiante</i>	<i>chiar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Ean ^{e,v,s}				
<i>consoante</i>	<i>consoar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>estridulante</i>	<i>estridular</i>								E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>soante</i>	<i>soar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>tonante</i>	<i>tonar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y i 6. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases inergativas de emissão de som

produto	Inacs <u>incoativos</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	ca us	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>acrescente</i>	<i>acrescer</i>								E ^c		S ^s		-Eveg ^{e,v,s}					
<i>adolescente</i>	<i>adolescer</i>								E ^c		S ^s		-Eveg ^{e,v,s} -Eh ^{e,v,s}					
<i>agonizante</i>	<i>agonizar</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>amarelante</i>	<i>amarelar</i>								E ^c		S ^s		-Ean ^{e,v,s}					
<i>cambiante</i>	<i>cambiar</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>convalescente</i>	<i>convalescer</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>crescente</i>	<i>crescer</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}					-Et ^σ ?
<i>deliquescente</i>	<i>deliquescer</i>								E ^c		S ^s		-Esubs ^{e,v,s}					

produto	Inacs incoativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	ca us	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>flagrante</i>	<i>flagrar</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>lactescente</i>	<i>lactescer</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>minguante</i>	<i>minguar</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>mutante</i>	<i>mutar</i>								E ^c		S ^s		-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s} -Eveg ^{e,v,s}					
<i>naufragante</i>	<i>naufragar</i>								E ^c		S ^s		-Eh ^{e,v,s}					
<i>reconvalescente</i>	<i>reconvalescer</i>								E ^c		S ^s		-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}					
<i>variante</i>	<i>variari</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					

Tabela Y i 7. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases inacusativas incoativas

produto	Inacs locativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>aderente</i>	<i>aderir</i>								E ^c		S ^s		-Esubs ^{e,v,s} -Eh ^{e,v,s} -E ^{e,v,s}					
<i>poente</i>	<i>pôr</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s,σ}					-E ^σ
<i>batente</i>	<i>bater</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ}					-Ec ^σ -E ^σ

Tabela Y i 8. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases inacusativas locativas

produto	Inacs Dire específica	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	c a u s	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>afluente</i>	<i>afluir</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}					
<i>ascendente</i>	<i>ascender</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ} -Ean ^{e,v,s} -Eh ^{e,v,s}					-E ^σ
<i>baixante</i>	<i>baixar</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>chegante</i>	<i>chegar</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>confluente</i>	<i>confluir</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s} -Ec ^{e,v,s}					
<i>contraemergente</i>	<i>contraemergir</i>								E ^c		S ^s		-Ean ^{e,v,s}					
<i>descendente</i>	<i>descender</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					

produto	Inacs Dire específica	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus a u s	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
													-Ean ^{e,v,s} -Eh ^{e,v,s} -Eveg ^{e,v,s}					
<i>descente</i>	<i>descer</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>emigrante</i>	<i>emigrar</i>								E ^c		S ^s		-Eh ^{e,v,s}					
<i>evolvente</i>	<i>evolver</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>exorbitante</i>	<i>exorbitar</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>imigrante</i>	<i>imigrar</i>								E ^c		S ^s		-Eh ^{e,v,s}					
<i>levante</i>	<i>levar</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s}					-E ^σ
<i>montante</i>	<i>montar</i> 'subir'								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ} -Eh ^{e,v,s} -Eveg ^{e,v,s}					-E ^σ -Et ^σ
<i>retrocedente</i>	<i>retroceder</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>seguinte</i>	<i>seguir-se</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s} -Ec ^{e,v,s}					
<i>transcedente</i>	<i>transcender</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>vazante</i>	<i>vazar</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}					-E ^σ
<i>vertente</i>	<i>verter</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}					-E ^σ

Tabela Y i 9. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica

produto	Inacs Mover- se	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>corrente</i>	<i>correr</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s} -Econc ^{e,v,s}					
<i>passante</i>	<i>passar</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s} -Eh ^{e,v,s}					
<i>rasante</i>	<i>rasar</i>								E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					

Tabela Y i 10. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases inacusativas de mover-se

produto	Inacs <u>Estado/existência</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>antecedente</i>	<i>anteceder</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>anteocupante</i>	<i>anteocupar</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>circunstante</i>	<i>circunstar</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s} -Eh ^{e,v,s}					
<i>coabitante</i>	<i>coabitar</i>								E ^e		S ^s		-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}					
<i>concernente</i>	<i>concernir</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>constante</i>	<i>constar</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s} -Eh ^{e,v,s}					
<i>convivente</i>	<i>conviver</i>								E ^e		S ^s		-Eh ^{e,v,s}					
<i>correspondente</i>	<i>corresponder</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s} -Eh ^{e,v,s}					
<i>dependente</i>	<i>depender</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>equivalente</i>	<i>equivaler</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>estante</i>	<i>estar</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s} -Econc ^{e,v,s}					
<i>expectante</i>	<i>expectar</i>								E ^e		S ^s		-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}					
<i>habitante</i>	<i>habitar</i>								E ^e		S ^s		-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}					
<i>importante</i>	<i>importar</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>instante</i>	<i>instar</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}					-Et ^σ
<i>invernante</i>	<i>invernar</i>								E ^e		S ^s		-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}					
<i>ocupante</i>	<i>ocupar</i>								E ^e		S ^s		-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}					
<i>padecente</i>	<i>padecer</i>								E ^e		S ^s		-Eh ^{e,v,s}					
<i>pendente</i>	<i>pender</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s} -Econc ^{e,v,s}					
<i>precedente</i>	<i>preceder</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>relevante</i>	<i>relevar</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>remanescente</i>	<i>remanescer</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>residente</i>	<i>residir</i>								E ^e		S ^s		-Eh ^{e,v,s}					
<i>restante</i>	<i>restar</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>semelhante</i>	<i>semelhar</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>significante</i>	<i>significar</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}					

produto	Inacs Estado/existência	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>simbolizante</i>	<i>simbolizar</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>sobrestante</i>	<i>sobrestar</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s} -Eh ^{e,v,s}					
<i>sobrevivente</i>	<i>sobreviver</i>								E ^e		S ^s		-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}					
<i>sustentante</i>	<i>sustentar</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s} -Eh ^{e,v,s}					
<i>urgente</i>	<i>urgir</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>vagante</i>	<i>vagar</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s} -Eh ^{e,v,s}					
<i>valente</i>	<i>valer</i>								E ^e		S ^s		-Eh ^{e,v,s}					
<i>vivente</i>	<i>viver</i>								E ^e		S ^s		-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s} -Eveg ^{e,v,s}					

Tabela Y i 11. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases inacusativas de estado/existência

produto	Inacs aparecimento	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>contraemergente</i>	<i>contraemergir</i>								E ^e		S ^s		-Ean ^{e,v,s}					
<i>incidente</i>	<i>incidir</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s}					
<i>nascente</i>	<i>nascer</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				-E ^σ -Ep ^σ	
<i>resultante</i>	<i>resultar</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s}					

Tabela Y i 12. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases inacusativas de aparecimento

produto	Inacs parar	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>cessante</i>	<i>cessar</i>								E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s}					

Tabela Y i 13. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases inacusativas de parar

produto	Trans locativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>aplicante</i>	<i>aplicar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>apresentante</i>	<i>apresentar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>depositante</i>	<i>depositar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	Trans <u>locativos</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>englobante</i>	<i>englobar</i>								E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>inventariante</i>	<i>inventariar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y i 14. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas locativas

produto	Trans <u>Dire específica</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>absorvente</i>	<i>absorver</i>								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s} -E ^{e,v,s} -Ec ^{e,v,s} -Eveg ^{e,v,s}						
<i>alienante</i>	<i>alienar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>aspirante</i>	<i>aspirar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>escoante</i>	<i>escoar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}						-E ^σ

Tabela Y i 15. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica

produto	Trans <u>lançar</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
<i>arremetente</i>	<i>arremeter</i>								E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				
<i>emitente</i>	<i>emitir</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>lançante</i>	<i>lançar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-E ^{e,v,s}				-E ^σ

Tabela Y i 16. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de lançar

produto	Trans <u>enviar</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>despachante</i>	<i>despachar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>remetente</i>	<i>remeter</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y i 17. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de enviar

produto	Trans <u>Mover-se o sujeito</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>excedente</i>	<i>exceder</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>influyente</i>	<i>influir</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	Trans <u>Mover-se o sujeito</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>opoente</i>	<i>opor-se</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>rondante</i>	<i>rondar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>substituente</i>	<i>substituir</i>								E ^e		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>visitante</i>	<i>visitar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y i 18. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de mover-se o sujeito em relação a objecto

produto	Trans <u>Config espacial</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>depositante</i>	<i>depositar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>subtendente</i>	<i>subtender</i>								E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}						

Tabela Y i 19. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de colocar em configuração espacial

produto	Trans <u>Mover objecto</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>traficante</i>	<i>traficar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>deslocante</i>	<i>deslocar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y i 20. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de mover objecto

produto	Trans <u>cercar</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>abarcante</i>	<i>abarcar</i>								E ^e		S ^s	-Eveg ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>sitiantes</i>	<i>sitiar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y i 21. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de cercar

produto	Trans <u>Mover através de força</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>tirante</i>	<i>tirar</i>								E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			

Tabela Y i 22. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de mover através de força

produto	Trans <u>causativos</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>abluyente</i>	<i>abluir</i>								E ^e		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
<i>abstergente</i>	<i>absterger</i>								E ^e		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						

produto	Trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	ex p	loc
adoçante	adoçar								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
adstringente	adstringir								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
adurente	adurir								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
agonizante	agonizar								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
agravante	agravar								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
amarelante	amarelar								E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
anestésiante	anestésiar								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
atenuante	atenuar								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}						
azoinante	azoinar								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
calmante	calmar								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
catequizante	catequizar								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
causante	causar								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
cifrante	cifrar								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
coagulante	coagular								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
comburente	comburir								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
conservante	conservar								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
corante	corar								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
descoagulante	descoagular								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
descolorante	descolorar								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
desinfetante	desinfetar								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
despolarizante	despolarizar								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
detergente	detergir								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
diluyente	diluir								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
dissolvente	dissolver								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
embargante	embargar								E ^c		S ^s			-Ehe ^{v,s}				
emoliente	emolir								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
englobante	englobar								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
esterilizante	esterilizar								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
estimulante	estimular								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}						
evangelizante	evangelizar								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
excitante	excitar								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}						
exsicante	exsicar								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
fertilizante	fertilizar								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
fortificante	fortificar								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}						

produto	Trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>intrigante</i>	<i>intrigar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>judaizante</i>	<i>judaizar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>justificante</i>	<i>justificar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>laxante</i>	<i>laxar</i>								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
<i>moralizante</i>	<i>moralizar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>perfilhante</i>	<i>perfilhar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>poluente</i>	<i>poluir</i>								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
<i>precipitante</i>	<i>precipitar</i>								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
<i>purgante</i>	<i>purgar</i>								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
<i>reconfortante</i>	<i>reconfortar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}						
<i>reconstituente</i>	<i>reconstituir</i>								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
<i>refrigerante</i>	<i>refrigerar</i>								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s} -E ^{e,v,s} -Econc ^{e,v,s}						
<i>relaxante</i>	<i>relaxar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}						
<i>restaurante</i>	<i>restaurar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s,σ}						-E ^σ
<i>restringente</i>	<i>restringir</i>								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
<i>rubificante</i>	<i>rubificar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>solubilizante</i>	<i>solubilizar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}						
<i>solvente</i>	<i>solver</i>								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>tranquilizante</i>	<i>tranquilizar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}						

Tabela Y i 23. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas causativas

produto	Trans resultativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>carburante</i>	<i>carburar</i>								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
<i>constituente</i>	<i>constituir</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>debuxante</i>	<i>debuxar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>escrevente</i>	<i>escrever</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>executante</i>	<i>executar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>fabricante</i>	<i>fabricar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>gofrante</i>	<i>gofrar</i>								E ^c		S ^s	-Ec ^{e,v,s}						

produto	Trans resultativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>parturiente</i>	<i>parturir</i>								E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>vesicante</i>	<i>vesicar</i>								E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						

Tabela Y i 24. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas resultativas

produto	Trans Objecto negativo	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>devorante</i>	<i>devorar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>fulminante</i>	<i>fulminar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}						
<i>imolante</i>	<i>imolar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>matante</i>	<i>matar</i>								E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s} -Eh ^{e,v,s}				
<i>talhante</i>	<i>talhar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>trinchante</i>	<i>trincar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}		-Eh ^{e,v,s}	-E ^σ			

Tabela Y i 25. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de objecto negativo

produto	Trans ferir	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>disciplinante</i>	<i>disciplinar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>flagelante</i>	<i>flagelar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>pungente</i>	<i>pungir</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						

Tabela Y i 26. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de ferir

produto	Trans percepção	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>buscante</i>	<i>buscar</i>								E ^c		S ^s						-Ean ^{e,v,s} -Eh ^{e,v,s}	
<i>consultante</i>	<i>consultar</i>								E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>contemplante</i>	<i>contemplar</i>								E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>espreitante</i>	<i>espreitar</i>								E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}	
<i>farante</i>	<i>farar</i>								E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	

produto	Trans percepção	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>mirante</i>	<i>mirar</i>								E ^e		S ^s							??
<i>ouvinte</i>	<i>ouvir</i>								E ^e		S ^s							-Eh ^{e,v,s}
<i>sindicante</i>	<i>sindicar</i>								E ^e		S ^s							-Eh ^{e,v,s}
<i>vigiante</i>	<i>vigiar</i>								E ^e		S ^s							-Eh ^{e,v,s}
<i>vigilante</i>	<i>vigilar</i>								E ^e		S ^s							-Eh ^{e,v,s}

Tabela Y i 27. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de percepção

produto	Trans Prover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>alimentante</i>	<i>alimentar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>assinante</i>	<i>assinar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>doutrinante</i>	<i>doutrinar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>enchente</i>	<i>encher</i>		E				E		E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>endossante</i>	<i>endossar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>lactante</i>	<i>lactar</i>								E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>lubrificante</i>	<i>lubrificar</i>								E ^e		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
<i>nutriente</i>	<i>nutrir</i>								E ^e		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
<i>recalcificante</i>	<i>recalcificar</i>								E ^e		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						

Tabela Y i 28. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de prover de

produto	Trans Desprover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>abjudicante</i>	<i>abjudicar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>decapante</i>	<i>decapar</i>								E ^e		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
<i>descolorante</i>	<i>descolorar</i>								E ^e		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						
<i>desodorizante</i>	<i>desodorizar</i>								E ^e		S ^s	-Esubs ^{e,v,s}						

Tabela Y i 29. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de desprover de

produto	Trans performativo	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>abjurante</i>	<i>abjurar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>acompanhante</i>	<i>acompanhar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>adjuvante</i>	<i>adjuvar</i>								E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>adoptante</i>	<i>adoptar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ajudante</i>	<i>ajudar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ameaçante</i>	<i>ameaçar</i>								E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Ean ^{e,v,s}				

produto	Trans performativo	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>aproveitante</i>	<i>aproveitar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>arremetente</i>	<i>arremeter</i>								E ^c		S ^s			-Ean ^{e,v,s}				
<i>articulante</i>	<i>articular</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>aspirante</i>	<i>aspirar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>assaltante</i>	<i>assaltar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>atacante</i>	<i>atacar</i>								E ^c		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>atestante</i>	<i>atestar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>baptizante</i>	<i>baptizar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>capitulante</i>	<i>capitular</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>caucionante</i>	<i>caucionar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>celebrante</i>	<i>celebrar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>certificante</i>	<i>certificar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>citante</i>	<i>citar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>coadjuvante</i>	<i>coadjuvar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>comandante</i>	<i>comandar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>combatente</i>	<i>combater</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				
<i>começante</i>	<i>começar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>comerciante</i>	<i>comerciar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>compartilhante</i>	<i>compartilhar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>concelebrante</i>	<i>concelebrar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>contendente</i>	<i>contender</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>contestante</i>	<i>contestar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>contraente</i>	<i>contrair</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>contratante</i>	<i>contratar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>contribuinte</i>	<i>contribuir</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>criticante</i>	<i>criticar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>defendente</i>	<i>defender</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>deliberante</i>	<i>deliberar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>demandante</i>	<i>demandar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>demonstrante</i>	<i>demonstrar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>denunciante</i>	<i>denunciar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>desafiante</i>	<i>desafiar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>despachante</i>	<i>despachar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>dirigente</i>	<i>dirigir</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>dominante</i>	<i>dominar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>escrevente</i>	<i>escrever</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>estipulante</i>	<i>estipular</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	Trans performativo	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>estreadante</i>	<i>estrear</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>estudante</i>	<i>estudar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>exercitante</i>	<i>exercitar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>exprobrante</i>	<i>exprobrar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>gerente</i>	<i>gerir</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>governante</i>	<i>governar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>informante</i>	<i>informar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>insurgente</i>	<i>insurgir</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>intendente</i>	<i>intender</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>lavrante</i>	<i>lavar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>lente</i>	<i>ler</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}	?			
<i>licitante</i>	<i>licitar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>mandante</i>	<i>mandar</i>								E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>manifestante</i>	<i>manifestar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>mareante</i>	<i>marear</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>mercante</i>	<i>mercar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>ministrante</i>	<i>ministrar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>negociante</i>	<i>negociar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>objectante</i>	<i>objectar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>obrigante</i>	<i>obrigar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>observante</i>	<i>observar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>optante</i>	<i>optar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>pactuante</i>	<i>pactuar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>parodiante</i>	<i>parodiar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>participante</i>	<i>participar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>pleiteante</i>	<i>pleitear</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>praticante</i>	<i>praticar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>predicante</i>	<i>predicar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>professante</i>	<i>professar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>protestante</i>	<i>protestar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>reclamante</i>	<i>reclamar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>regente</i>	<i>reger</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>reinante</i>	<i>reinar</i>								E ^c	S ^s		-E ^{e,v,s}		-Eh ^{e,v,s}				
<i>renunciante</i>	<i>renunciar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>repetente</i>	<i>repetir</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>representante</i>	<i>representar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>resignante</i>	<i>resignar</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				
<i>respondente</i>	<i>responder</i>								E ^c	S ^s				-Eh ^{e,v,s}				

produto	<u>Trans performativo</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>servente</i>	<i>servir</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>sustentante</i>	<i>sustentar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>testante</i>	<i>testar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>testificante</i>	<i>testificar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>tratante</i>	<i>tratar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>tripudiante</i>	<i>tripudiar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>tripulante</i>	<i>tripular</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>usucapiente</i>	<i>usucapir?</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>votante</i>	<i>votar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y i 30. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas performativas

produto	<u>Trans Declarativos e actos de fala</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>alegante</i>	<i>alegar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>anunciante</i>	<i>anunciar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>apelante</i>	<i>apelar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>arguente</i>	<i>arguir</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>argumentante</i>	<i>argumentar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>atestante</i>	<i>atestar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>certificante</i>	<i>certificar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>citante</i>	<i>citar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>contestante</i>	<i>contestar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>criticante</i>	<i>criticar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>declarante</i>	<i>declarar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>defendente</i>	<i>defender</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>deliberante</i>	<i>deliberar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>denunciante</i>	<i>denunciar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>exprobrante</i>	<i>exprobrar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>informante</i>	<i>informar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>interrogante</i>	<i>interrogar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>maldizente</i>	<i>maldizer</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>objectante</i>	<i>objectar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>perguntante</i>	<i>perguntar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>predicante</i>	<i>predicar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>protestante</i>	<i>protestar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>querelante</i>	<i>querelar-se</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>recitante</i>	<i>recitar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	Trans <u>Declarativos e</u> <u>actos de fala</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>reclamante</i>	<i>reclamar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>respondente</i>	<i>responder</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>testificante</i>	<i>testificar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y i 31. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala

produto	Trans <u>pedir</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>demandante</i>	<i>demandar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>deprecante</i>	<i>deprecar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>impetrante</i>	<i>impetrar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>implorante</i>	<i>implorar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>pedinte</i>	<i>pedir</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>requerente</i>	<i>requerer</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>requisitante</i>	<i>requisitar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>solicitante</i>	<i>solicitar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>suplicante</i>	<i>suplicar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y i 32. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de pedir

produto	Trans <u>instrum</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>broxante</i>	<i>broxar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>malhante</i>	<i>malhar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y i 33. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas instrumentais

produto	Trans <u>Transferência de</u> <u>posse</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>abjudicante</i>	<i>abjudicar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>adquirinte</i>	<i>adquirir</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>alienante</i>	<i>alienar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>arrematante</i>	<i>arrematar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>coadquirinte</i>	<i>coadquirir</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>cometente</i>	<i>cometer</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>concedente</i>	<i>conceder</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>delegante</i>	<i>delegar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>mutuante</i>	<i>mutuar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ofertante</i>	<i>ofertar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

produto	Trans Transferência de posse	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>outorgante</i>	<i>outorgar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>pagante</i>	<i>pagar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y i 34. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de transferência de posse

Trans posse	Trans posse	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>possuinte</i>	<i>possuir</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y i 35. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de posse

produto	Trans Estímulo- sujeito	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>aliciante</i>	<i>aliciar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>azoinante</i>	<i>azoinar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>estimulante</i>	<i>estimular</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}						
<i>excitante</i>	<i>excitar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}						
<i>intrigante</i>	<i>intrigar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}		-E ^{e,v,s}				
<i>tranquilizante</i>	<i>tranquilizar</i>								E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s}						

Tabela Y i 36. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito

produto	Trans experienciador- sujeito	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>aceitante</i>	<i>aceitar</i>								E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>amante</i>	<i>amar</i>								E ^c		S ^s	-Econc ^{e,v,s}					-Eh ^{e,v,s}	
<i>aspirante</i>	<i>aspirar</i>								E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>crente</i>	<i>crer</i>								E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>descrente</i>	<i>descrever</i>								E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	
<i>preferente</i>	<i>preferir</i>								E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	

Tabela Y i 37. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de experienciador-sujeito

produto	Trans psic	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>deliberante</i>	<i>deliberar</i>								E ^c		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>ignorante</i>	<i>ignorar</i>								E ^c		S ^s						-Eh ^{e,v,s}	

Tabela Y i 38. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas psicológicas

produto	Trans unir	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>colante</i>	<i>colar</i>								E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>casante</i>	<i>casar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y i 39. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de unir

produto	Trans reunir	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>congregante</i>	<i>congregar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y i 40. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de reunir

produto	Trans capturar	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>arrestante</i>	<i>arrestar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>filante</i>	<i>filar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>pilhante</i>	<i>pilhar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				
<i>rapinante</i>	<i>rapinar</i>								E ^e		S ^s			-E ^{e,v,s}				
<i>unhante</i>	<i>unhar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s} -Ean ^{e,v,s}				

Tabela Y i 41. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de capturar/apanhar

produto	Trans obstar	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>embargante</i>	<i>embargar</i>								E ^e		S ^s			-Eh ^{e,v,s}				

Tabela Y i 42 Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de obstar

produto	Trans prender	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>mordente</i>	<i>morder</i>								E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s} -Esubs ^{e,v,s} -Econ ^{e,v,s}						

Tabela Y i 43. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de prender

produto	Trans contacto	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	sign idioss	perf	que tem a propriedade de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>tangente</i>	<i>tanger</i>								E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s} -Econ ^{e,v,s}						

Tabela Y i 44. Semantismos dos produtos em *-nte* a partir de bases transitivas de contacto

Índice de tabelas Y i

Tabela Y i 1. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases inergativas performativas	1072
Tabela Y i 2. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases inergativas de actos de fala.....	1072
Tabela Y i 3. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases inergativas de modo de moção	1072-1073
Tabela Y i 4. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases inergativas de emissão de substância	1073
Tabela Y i 5. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases inergativas de emissão de luz	1073
Tabela Y i 6. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases inergativas de emissão de som	1073
Tabela Y i 7. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases inacusativas incoativas	1073-1074
Tabela Y i 8. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases inacusativas locativas	1074
Tabela Y i 9. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica	1074-1075
Tabela Y i 10. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases inacusativas de mover-se.....	1075
Tabela Y i 11. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases inacusativas de estado/existência	1076-1077
Tabela Y i 12. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases inacusativas de aparecimento	1077
Tabela Y i 13. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases inacusativas de parar	1077
Tabela Y i 14. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas locativas	1077-1078
Tabela Y i 15. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica	1078
Tabela Y i 16. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de lançar	1078
Tabela Y i 17. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de enviar.....	1078
Tabela Y i 18. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de mover-se o sujeito em relação a objecto	1078-1079
Tabela Y i 19. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de colocar em configuração espacial	1079
Tabela Y i 20. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de mover objecto.....	1079
Tabela Y i 21. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de cercar	1079
Tabela Y i 22. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de mover através de força	1079
Tabela Y i 23. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas causativas	1079-1081
Tabela Y i 24. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas resultativas	1081-1082
Tabela Y i 25. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de objecto negativo	1082
Tabela Y i 26. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de ferir.....	1082
Tabela Y i 27. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de percepção	1082-1083
Tabela Y i 28. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de prover de	1083
Tabela Y i 29. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de desprover de	1083
Tabela Y i 30. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas performativas	1083-1086
Tabela Y i 31. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala.....	1086-1087
Tabela Y i 32. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de pedir	1087
Tabela Y i 33. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas instrumentais	1087
Tabela Y i 34. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de transferência de posse	1087-1088

Tabela Y i 35. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de posse.....	1088
Tabela Y i 36. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito.....	1088
Tabela Y i 37. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de experienciador-sujeito.....	1088
Tabela Y i 38. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas psicológicas.....	1088
Tabela Y i 39. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de unir	1089
Tabela Y i 40. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de reunir	1089
Tabela Y i 41. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de capturar/apanhar.....	1089
Tabela Y i 42 Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de obstar.....	1089
Tabela Y i 43. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de prender	1089
Tabela Y i 44. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i> a partir de bases transitivas de contacto	1089

Tabelas Y j. Semantismos dos produtos em *-ória/-tória*

produto	Inergs <u>actos de fala</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>oratória</i>	<i>orar</i>							E ^c -E ^{e,s}		S ^s							

Tabela Y j 1. Semantismos dos produtos em *-ória/tória* a partir de bases inergativas de actos de fala

produto	Inergs <u>moção</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>oscilatória</i>	<i>oscilar</i>							E ^c		S ^s	-Eveg ^{e,v,s}						

Tabela Y j 2. Semantismos dos produtos em *-ória/tória* a partir de bases inergativas de modo de moção

produto	Inacs <u>dire espec</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>declinatória</i>	<i>declinar</i>							E ^c		S ^s				-E ^{e,ex,s}			
<i>escapatória</i>	<i>escapar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,v,s}

Tabela Y j 3. Semantismos dos produtos em *-ória/tória* a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica

produto	Trans <u>locativo</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>recordatória</i>	<i>recordar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,ex,s}						

Tabela Y j 4. Semantismos dos produtos em *-ória/tória* a partir de bases transitivas locativas

produto	Trans <u>lançar</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>jaculatória</i>	<i>jacular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -E ^{e,ex,s}						

Tabela Y j 5. Semantismos dos produtos em *-ória/tória* a partir de bases transitivas de lançar

produto	Trans <u>causativas</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>conservatória</i>	<i>conservar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s}						-E ^σ

Tabela Y j 6. Semantismos dos produtos em *-ória/tória* a partir de bases transitivas causativas

Trans object negat	Trans object negat	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>eliminatória</i>	<i>eliminar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>revocatória</i>	<i>revocar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>revogatória</i>	<i>revogar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}						

Tabela Y j 7. Semantismos dos produtos em *-ória/tória* a partir de bases transitivas de object negat

produto	Trans performat	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>declinatória</i>	<i>declinar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>dedicatória</i>	<i>dedicar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>executória</i>	<i>executar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,ex,s}						-E ^σ

Tabela Y j 8. Semantismos dos produtos em *-ória/tória* a partir de bases transitivas performativas

produto	Trans declarat	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>convocatória</i>	<i>convocar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>dedicatória</i>	<i>dedicar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>objurgatória</i>	<i>objurgar</i>							E ^e -E ^{e,s?}		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>revocatória</i>	<i>revocar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>revogatória</i>	<i>revogar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}						

Tabela Y j 9. Semantismos dos produtos em *-ória/tória* a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala

produto	Trans pedir	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>invocatória</i>	<i>invocar</i>							E ^e -E ^{e,s?}		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>rogatória</i>	<i>rogar</i>							E ^e -E ^{e,s}		S ^s	-E ^{e,v,s}						

Tabela Y j 10. Semantismos dos produtos em *-ória/tória* a partir de bases transitivas de pedir

produto	Trans obstar	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>declinatória</i>	<i>declinar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}						
<i>inibitória</i>	<i>inibir</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s}						

Tabela Y j 11. Semantismos dos produtos em *-ória/tória* a partir de bases transitivas de obstar

produto	Trans psicol	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>recordatória</i>	<i>recordar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,ex,s}						

Tabela Y j 12. Semantismos dos produtos em *-ória/tória* a partir de bases transitivas psicológicas

Índice de tabelas Y j

Tabela Y j 1. Semantismos dos produtos em <i>-ória/tória</i> a partir de bases inergativas de actos de fala.....	1093
Tabela Y j 2. Semantismos dos produtos em <i>-ória/tória</i> a partir de bases inergativas de modo de moção	1093
Tabela Y j 3. Semantismos dos produtos em <i>-ória/tória</i> a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica.....	1093
Tabela Y j 4. Semantismos dos produtos em <i>-ória/tória</i> a partir de bases transitivas locativas.....	1093
Tabela Y j 5. Semantismos dos produtos em <i>-ória/tória</i> a partir de bases transitivas de lançar	1093
Tabela Y j 6. Semantismos dos produtos em <i>-ória/tória</i> a partir de bases transitivas causativas	1093
Tabela Y j 7. Semantismos dos produtos em <i>-ória/tória</i> a partir de bases transitivas de object negat.....	1094
Tabela Y j 8. Semantismos dos produtos em <i>-ória/tória</i> a partir de bases transitivas performativas.....	1094
Tabela Y j 9. Semantismos dos produtos em <i>-ória/tória</i> a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala	1094
Tabela Y j 10. Semantismos dos produtos em <i>-ória/tória</i> a partir de bases transitivas de pedir.....	1094
Tabela Y j 11. Semantismos dos produtos em <i>-ória/tória</i> a partir de bases transitivas de obstar	1094
Tabela Y j 12. Semantismos dos produtos em <i>-ória/tória</i> a partir de bases transitivas psicológicas	1095

Tabelas Y k. Semantismos dos produtos em *-ório*

produto	Inergs performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>consulório</i>	<i>consultar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,ex,s}

Tabela Y k 1. Semantismos dos produtos em *-ório* a partir de bases inergativas performativas

produto	Trans lançar	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>dejectório</i>	<i>dejectar</i>							E ^c		S ^s							-Ep ^{e,ex,s}
<i>vomitório</i>	<i>vomitir</i>							E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,ex,s}						-E ^{e,ex,s}
<i>expulsório</i>	<i>expulsar</i>							E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,ex,s}						

Tabela Y k 2. Semantismos dos produtos em *-ório* a partir de bases transitivas de lançar

produto	Trans causat	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>completório</i>	<i>completar</i>						??	E ^c		S ^s							
<i>desinfectório</i>	<i>desinfectar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,ex,s}

Tabela Y k 3. Semantismos dos produtos em *-ório* a partir de bases transitivas causativas

produto	Trans percepção	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>velório</i> ¹	<i>velar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,ex,s}

Tabela Y k 4. Semantismos dos produtos em *-ório* a partir de bases transitivas de percepção

produto	Trans performat	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>consultório</i>	<i>consultar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,ex,s}
<i>desposório</i>	<i>desposar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,ex,s}
<i>esposório</i>	<i>esposar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,ex,s}
<i>executório</i>	<i>executar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,ex,s}						
<i>casório</i>	<i>casar</i>						E ^s	E ^c		S ^s							

Tabela Y k 5. Semantismos dos produtos em *-ório* a partir de bases transitivas performativas

¹ Significação de ‘uvas miudinhas’ (??????).

Índice de tabelas Y k

Tabela Y k 1. Semantismos dos produtos em <i>-ório</i> a partir de bases inergativas performativas	1097
Tabela Y k 2. Semantismos dos produtos em <i>-ório</i> a partir de bases transitivas de lançar	1097
Tabela Y k 3. Semantismos dos produtos em <i>-ório</i> a partir de bases transitivas causativas	1097
Tabela Y k 4. Semantismos dos produtos em <i>-ório</i> a partir de bases transitivas de percepção.....	1097
Tabela Y k 5. Semantismos dos produtos em <i>-ório</i> a partir de bases transitivas performativas.....	1097

Tabelas Y I. Semantismos dos produtos em *-tório*

produto	Inergs <u>moção</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>ambulatório</i>	<i>ambular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>circulatório</i>	<i>circular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>deambulatório</i>	<i>deambular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						-E ^{c,v,s}
<i>giratório</i>	<i>girar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>libratório</i>	<i>librar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>nutatório</i>	<i>nutar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>ondulatório</i>	<i>ondular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>oscilatório</i>	<i>oscilar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>perambulatório</i>	<i>perambular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>pulsatório</i>	<i>pulsar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>rotatório</i>	<i>rotar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>vacilatório</i>	<i>vacilar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>vibratório</i>	<i>vibrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						

Tabela Y I 1. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases inergativas de modo de moção

produto	Inergs <u>performativos</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a /próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>atentatório</i>	<i>atentar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>concionatório</i>	<i>concionar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>conspiratório</i>	<i>conspirar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>dormitório</i>	<i>dormir</i>							E ^c		S ^s							-E ^{c,ex,s}
<i>gladiatório</i>	<i>gladiar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>laboratório</i>	<i>laborar</i>							E ^c		S ^s							-Ep ^{c,ex,s}
<i>libatório</i>	<i>libar</i>							E ^c		S ^s							-Ep ^{c,ex,s}
<i>conjuratório</i>	<i>conjurar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>dissimulatório</i>	<i>dissimular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>famulatório</i>	<i>famular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>imperatório</i>	<i>imperar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>respiratório</i>	<i>respirar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj -E ^{c,ex,s,σ}			-E ^σ adj			

Tabela Y I 2. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases inergativas performativas

produto	Inergs actos de fala	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>falatório</i>	<i>falar</i>			E ^s				E ^c		S ^s							
<i>oratório</i>	<i>orar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj		-Eh ^{e,v,s}				-E ^{e,ex,s} -Ep ^{e,ex,s}
<i>palratório</i>	<i>palrar</i>			E ^s				E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>parlatório</i>	<i>parlar</i>			E ^s				E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>tergiversatório</i>	<i>tergiversar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>blasfematório</i>	<i>blasfemar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						

Tabela Y 13. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases inergativas de actos de fala

produto	Inergs som	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>berratório</i>	<i>berrar</i>			E ^s				E ^e		S ^s							
<i>esternutatório</i>	<i>esternutar</i>							E ^e		S ^s	-Esubs ^{e,ex,s}						
<i>palratório</i>	<i>palrar</i>			E ^s				E ^e		S ^s							-E ^{e,ex,s}
<i>parlatório</i>	<i>parlar</i>			E ^s				E ^e		S ^s							-E ^{e,ex,s}

Tabela Y 14. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases inergativas de emissão de som

produto	Inergs substância	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>defecatório</i>	<i>defecar</i>							E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,ex,s}						
<i>exsudatório</i>	<i>exsudar</i>							E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,ex,s}						
<i>transpiratório</i>	<i>transpirar</i>							E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,ex,s}						

Tabela Y 15. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases inergativas de emissão de substância

produto	Inergs luz	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>reverberatório</i>	<i>reverberar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						

Tabela Y 16. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases inergativas de emissão de luz

produto	Inacs direcção específica	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>emigratório</i>	<i>emigrar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s} adj					
<i>escapatório</i>	<i>escapar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s} adj					
<i>imigratório</i>	<i>imigrar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s} adj					
<i>migratório</i>	<i>migrar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s} adj					

Tabela Y 17. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica

produto	Inacs <u>mover-se</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ <u>próprio de</u>	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>transmigratório</i>	<i>transmigrar</i>							E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s} adj					

Tabela Y 1 8. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases inacusativas de mover-se

produto	Inacs <u>incoativo</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ <u>próprio de</u>	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>pasmatório</i>	<i>pasmar</i>			E ^s				E ^e		S ^s							-E ^{e,ex,s}

Tabela Y 1 9. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases inacusativas incoativas

produto	Trans <u>locativo</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ <u>próprio de</u>	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>recordatório</i>	<i>recordar</i>							E ^e		S ^s		-E ^{e,ex,s} adj					
<i>reservatório</i>	<i>reservar</i>							E ^e		S ^s							-E ^{e,ex,s}

Tabela Y 1 10. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas locativas

produto	Trans <u>direcção específica</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ <u>próprio de</u>	caus	obj	caus anim	instr	Instr aut	exp	loc
<i>alienatório</i>	<i>alienar</i>							E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s} adj					
<i>aspiratório</i>	<i>aspirar</i>							E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s} adj					
<i>derivatório</i>	<i>derivar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>elevatório</i>	<i>elevantar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>evocatório</i>	<i>evocar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>exibitório</i>	<i>exibir</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>exoneratório</i>	<i>exonerar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>procrastinatório</i>	<i>procrastinar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						

Tabela Y 1 11. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica

produto	Trans <u>mover objecto</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ <u>próprio de</u>	caus	obj	caus anim	instr	Instr aut	exp	loc
<i>sub-rogatório</i>	<i>sub-rogar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>transplantatório</i>	<i>transplantar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s} adj	-E ^{e,v,s} adj					

Tabela Y 1 12. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de mover objecto

produto	Trans enviar	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>expeditório</i>	<i>expedir</i>							E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s} adj					

Tabela Y 1 13. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de enviar

produto	Trans mover-se o sujeito	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>infestatório</i>	<i>infestar</i>							E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s} adj					

Tabela Y 1 14. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de mover-se o sujeito em relação ao objecto

produto	Trans config espacial	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>reclinatório</i>	<i>reclinar</i>							E ^e		S ^s							-Ep ^{e,v,s}

Tabela Y 1 15. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de colocar em configuração espacial

produto	Trans lançar	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>ejaculatório</i>	<i>ejacular</i>							E ^e		S ^s		-E ^{e,ex,s,σ} adj					-Ep ^σ
<i>jaculatório</i>	<i>jacular</i>							E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s} adj					

Tabela Y 1 16. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de lançar

Trans carregar/rebocar	Trans carregar/rebocar	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>portatório</i>	<i>portar</i>							E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s} adj?					

Tabela Y 1 17. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de carregar/rebocar

produto	Trans parar	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>sustatório</i>	<i>sustar</i>							E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s} adj					

Tabela Y 1 18. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de parar

produto	Trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>agravatório</i>	<i>agravar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>alucinatório</i>	<i>alucinar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>ampliatório</i>	<i>ampliar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>calcinatório</i>	<i>calcinar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>conservatório</i>	<i>conservar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						-E ^{e,v,s} -Ep ^{e,v,s}
<i>crematório</i>	<i>cremar</i>							E ^e		S ^s							-Ep ^{e,ex,s}

produto	Trans causativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>deformatório</i>	<i>deformar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>depuratório</i>	<i>depurar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>desembargatório</i>	<i>desembargar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>destilatório</i>	<i>destilar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>dissimulatório</i>	<i>dissimular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>emancipatório</i>	<i>emancipar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>escorificatório</i>	<i>escorificar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						-Ep ^{e,ex,s}
<i>excitatório</i>	<i>excitar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>expurgatório</i>	<i>expurgar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s} adj						
<i>implicatório</i>	<i>implicar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>infamatório</i>	<i>infamar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>inflamatório</i>	<i>inflamar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>inflatório</i>	<i>inflar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>justificatório</i>	<i>justificar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>lavatório</i>	<i>lavar</i>		E ^s					E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s}						-Ep ^{e,ex,s}
<i>magnificatório</i>	<i>magnificar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>mitigatório</i>	<i>mitigar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>perturbatório</i>	<i>perturbar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>preparatório</i>	<i>preparar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s} adj						
<i>provocatório</i>	<i>provocar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>purgatório</i>	<i>purgar</i>							E ^c		S ^s	-E ^σ -E ^{e,v,s} adj						-E ^{e,ex,s,σ}
<i>purificatório</i>	<i>purificar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -E ^σ						-Ep ^{e,ex,s,σ}
<i>reconciliatório</i>	<i>reconciliar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>recreatório</i>	<i>recrear</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj -E ^σ						-E ^{e,ex,s,σ}
<i>reformatório</i>	<i>reformatar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s} adj -E ^σ						-E ^{e,ex,s,σ}
<i>refrigeratório</i>	<i>refrigerar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>reparatório</i>	<i>reparar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>sanatório</i>	<i>sanar</i>							E ^c		S ^s	-E ^σ						-E ^{e,ex,s,σ}
<i>secatório</i>	<i>secar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>separatório</i>	<i>separar</i>							E ^c		S ^s	-E ^σ -E ^{e,v,s} adj						-Ep ^{e,ex,s,σ}
<i>sublimatório</i>	<i>sublimar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						-Ep ^{e,ex,s}

produto	Trans <u>causativos</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ <u>próprio de</u>	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>supuratório</i>	<i>supurar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s} adj						

Tabela Y 1 19. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas causativas

produto	Trans <u>resultativos</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ <u>próprio de</u>	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>articulatório</i>	<i>articular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>beatificatório</i>	<i>beatificar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>evaporatório</i>	<i>evaporar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ} -E ^{e,v,s} adj				-Emq ^σ		-Ec ^{e,ex,s}
<i>legislatório</i>	<i>legislar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>provocatório</i>	<i>provocar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>vesicatório</i>	<i>vesicar</i>							E ^c		S ^s	-Esubs ^{e,v,s} -E ^{e,v,s} adj						

Tabela Y 1 20. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas resultativas

produto	Trans <u>objecto negativo</u>	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ <u>próprio de</u>	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>ab-rogatório</i>	<i>ab-rogar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>anulatório</i>	<i>anular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>debelatório</i>	<i>debelar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>derrogatório</i>	<i>derrogar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>eliminatório</i>	<i>eliminar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>redibitório</i>	<i>redibir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>reprobatório</i>	<i>reprovar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>revocatório</i>	<i>revocar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>revogatório</i>	<i>revogar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>sacrificatório</i>	<i>sacrificar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>violatório</i>	<i>violar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						

Tabela Y 1 21. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de objecto negativo

produto	Trans percepção	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>exploratório</i>	<i>explorar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s,σ}			-E ^σ			
<i>indagatório</i>	<i>indagar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>observatório</i>	<i>observar</i>							E ^c		S ^s							-E ^{e,ex,s}

Tabela Y 1 22. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de percepção

produto	Trans prover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>demarcatório</i>	<i>demarcar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>fumigatório</i>	<i>fumigar</i>		E ^s					E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>irrigatório</i>	<i>irrigar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>remuneratório</i>	<i>remunerar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						

Tabela Y 1 23. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de prover de

produto	Trans desprover de	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>abjurgatório</i>	<i>abjurgar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>desembargatório</i>	<i>desembargar</i>							E ^c		S ^s E	-E ^{e,v,s} adj						
<i>desobrigatório</i>	<i>desobrigar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>destampatório</i>	<i>destampar</i>		E ^s	E ^s				E ^c		S ^s							
<i>dispensatório</i>	<i>dispensar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						-E ^{e,ex,s}
<i>escorificatório</i>	<i>escorificar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						-Ep ^{e,ex,s}
<i>escusatório</i>	<i>escusar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						-Ep ^{e,ex,s}
<i>evacuatório</i>	<i>evacuar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>expurgatório</i>	<i>expurgar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>liberatório</i>	<i>liberar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						

Tabela Y 1 24. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de desprover de

produto	Trans performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	c a u s a n i m	instr	instr aut	exp	loc
<i>abdicatorio</i>	<i>abdicar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>abjuratório</i>	<i>abjurar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						

produto	Trans performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	c a u s a n i m	instr	instr aut	exp	loc
<i>abonatório</i>	<i>abonar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>acusatório</i>	<i>acusar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>admoestatório</i>	<i>admoestar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>adulatório</i>	<i>adular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>advocatório</i>	<i>advocar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>apelatório</i>	<i>apelar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>aratório</i>	<i>arar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s} adj					
<i>aruspiciatório</i>	<i>aruspicar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>auguratório</i>	<i>augurar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						-E ^{e,ex,s}
<i>avocatório</i>	<i>avocar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>bajulatório</i>	<i>bajular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>balneatório</i>	<i>banear</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>certificatório</i>	<i>certificar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>citatório</i>	<i>citar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>comprobatório</i>	<i>comprovar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>condenatório</i>	<i>condenar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>confirmatório</i>	<i>confirmar</i> [integr]							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>congratulatório</i>	<i>congratular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>conjuratório</i>	<i>conjurar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>debelatório</i>	<i>debelar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>declinatório</i>	<i>declinar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>dedicatório</i>	<i>dedicar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>definitório</i>	<i>definir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{hcol} _{e,v,s}						-E ^{e,ex,s}
<i>denunciatório</i>	<i>denunciar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>deploratório</i>	<i>deplorar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>difamatório</i>	<i>difamar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>discriminatório</i>	<i>discriminar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>disputatório</i>	<i>disputar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>exclamatório</i>	<i>exclamar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						

produto	Trans performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ <u>próprio</u> <u>de</u>	caus	obj	c a u s a n i m	instr	instr aut	exp	loc
<i>expiatório</i>	<i>expiar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>explanatório</i>	<i>explanar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>exprobratório</i>	<i>exprobrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>fraudatório</i>	<i>fraudar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>fulminatório</i>	<i>fulminar</i> 'decretar excomunhão'							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>fumatório</i>	<i>fumar</i>							E ^c		S ^s				-E ^{e,ex,s} adj			-E ^{e,ex,s}
<i>gratulatorio</i>	<i>gratular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>homologatório</i>	<i>homologar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>indicatório</i>	<i>indicar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>invitatório</i>	<i>invitar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s} adj						
<i>judicatório</i>	<i>judicar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>juratório</i>	<i>jurar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>mastigatório</i>	<i>mastigar</i>							E ^c		S ^s				-Esubs ^{e,v,s?}			
<i>mercatório</i>	<i>mercar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>namoratório</i>	<i>namorar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>negatório</i>	<i>negar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>objurgatório</i>	<i>objurgar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>obrigatório</i>	<i>obrigar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>operatório</i>	<i>operar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>predicatório</i>	<i>predicar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>proclamatório</i>	<i>proclamar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>protestatório</i>	<i>protestar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>provatório</i>	<i>provar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>recomendatório</i>	<i>recomendar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>recriminatório</i>	<i>recriminar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>refutatório</i>	<i>refutar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>reivindicatório</i>	<i>reivindicar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>repetitório</i>	<i>repetir</i> tb reflex							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>reprovatório</i>	<i>reprovar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj	-E ^{e,v,s} adj					

produto	Trans performativos	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ <u>próprio</u> <u>de</u>	caus	obj	c a u s a n i m	instr	instr aut	exp	loc
<i>retaliatório</i>	<i>retaliar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>revocatório</i>	<i>revocar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>revogatório</i>	<i>revogar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>sancionatório</i>	<i>sancionar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>simulatório</i>	<i>simular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						

Tabela Y 1 25. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas performativas

produto	Trans actos de fala	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ <u>próprio</u> <u>de</u>	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>admoestatório</i>	<i>admoestar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>apelatório</i>	<i>apelar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>convocatório</i>	<i>convocar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>declamatório</i>	<i>declamar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>declaratório</i>	<i>declarar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>denunciatório</i>	<i>denunciar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>difamatório</i>	<i>difamar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>evocatório</i>	<i>evocar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>exortatório</i>	<i>exortar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>explanatório</i>	<i>explanar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>exprobatório</i>	<i>exprobrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>gabatório</i>	<i>gabar</i>		E ^z					E ^c		S ^s							
<i>gratulatorio</i>	<i>gratular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>interrogatório</i>	<i>interrogar</i>		E ^z					E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>invocatório</i>	<i>invocar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>notificatório</i>	<i>notificar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>objurgatório</i>	<i>objurgar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>predicatório</i>	<i>predicar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>proclamatório</i>	<i>proclamar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>protestatório</i>	<i>protestar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>recomendatório</i>	<i>recomendar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>refutatório</i>	<i>refutar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						

Tabela Y 1 26. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala

produto	Trans pedir	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>deprecatório</i>	<i>deprecar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>impetratório</i>	<i>impetrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>imprecatório</i>	<i>imprecar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>invocatório</i>	<i>invocar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>peditório</i>	<i>pedir</i>		E ^s					E ^c		S ^s							
<i>reivindicatório</i>	<i>reivindicar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>rogatório</i>	<i>rogar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>suplicatório</i>	<i>suplicar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						

Tabela Y 1 27. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de pedir

produto	Trans transferência de posse	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>adjudicatório</i>	<i>adjudicar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} -E ^{e,v,s} adj						
<i>alienatório</i>	<i>alienar</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s} adj					
<i>compratório</i>	<i>comprar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>delegatório</i>	<i>delegar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>dispensatório</i>	<i>dispensar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						-E ^{e,ex,s} -Ep ^{e,ex,s}
<i>legatório</i>	<i>legar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						

Tabela Y 1 28. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de transferência de posse

produto	Trans instrumentais	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>gladiatório</i>	<i>gladiar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>seringatório</i>	<i>seringar</i>							E ^c		S ^s		-Esubs ^{e,v,s}					

Tabela Y 1 29. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas instrumentais

produto	Trans obstar	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>declinatório</i>	<i>declinar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>frustratório</i>	<i>frustrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>inibitório</i>	<i>inibir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>negatório</i>	<i>negar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>proibitório</i>	<i>proibir</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>reprobatório</i>	<i>reprovar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj	-E ^{c,v,s} adj					

Tabela Y 1 30. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de obstar

produto	Trans unir	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>articulatório</i>	<i>articular</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>combinatório</i>	<i>combinar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>conciliatório</i>	<i>conciliar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						

Tabela Y 1 31. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de unir

produto	Trans reunir	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>compilatório</i>	<i>compilar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>recompilatório</i>	<i>recompilar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>somatório</i>	<i>somar</i>							E ^c -E ^{es}		S ^s							

Tabela Y 1 32. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de reunir

produto	Trans capturar	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>depredatório</i>	<i>depredar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>usurpatório</i>	<i>usurpar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						

Tabela Y 1 33. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de capturar/apanhar

produto	Trans estímulo- sujeito	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e x p	loc
<i>alucinatório</i>	<i>alucinar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>consolatório</i>	<i>consolar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>frustratório</i>	<i>frustrar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						
<i>provocatório</i>	<i>provocar</i>							E ^c		S ^s	-E ^{c,v,s} adj						

produto	Trans estímulo-sujeito	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	e xp	loc
<i>vexatório</i>	<i>vexar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						
<i>pasmatório</i>	<i>pasmar</i>		E ^s					E ^e		S ^s							-E ^{e,ex,s}

Tabela Y 1 34. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito

produto	trans experienciador-sujeito	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>amatório</i>	<i>amar</i>							E ^e		S ^s						-E ^{e,v,s} adj	
<i>execratório</i>	<i>execrar</i>							E ^e		S ^s						-E ^{e,v,s} adj	

Tabela Y 1 35. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de experienciador-sujeito

produto	Trans psicológico	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>recordatório</i>	<i>recordar</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,ex,s} adj						

Tabela Y 1 36. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas psicológicas

produto	Trans contacto	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	Instr aut	exp	loc
<i>osculatório</i>	<i>oscular</i>							E ^e		S ^s		-E ^{e,v,s}					

Tabela Y 1 37. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de contacto

produto	Trans prender	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	relativo a/ próprio de	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>vinculatório</i>	<i>vincular</i>							E ^e		S ^s	-E ^{e,v,s} adj						

Tabela Y 1 38. Semantismos dos produtos em *-tório* a partir de bases transitivas de prender

Índice de tabelas Y 1

Tabela Y 1 1. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases inergativas de modo de moção	1099
Tabela Y 1 2. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases inergativas performativas	1099
Tabela Y 1 3. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases inergativas de actos de fala.....	1100
Tabela Y 1 4. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases inergativas de emissão de som	1100
Tabela Y 1 5. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases inergativas de emissão de substância	1100
Tabela Y 1 6. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases inergativas de emissão de luz	1100

Tabela Y I 7. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases inacusativas de mover-se em direcção específica	1100
Tabela Y I 8. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases inacusativas de mover-se.....	1101
Tabela Y I 9. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases inacusativas incoativas	1101
Tabela Y I 10. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas locativas	1101
Tabela Y I 11. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica	1101
Tabela Y I 12. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de mover objecto.....	1101
Tabela Y I 13. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de enviar.....	1102
Tabela Y I 14. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de mover-se o sujeito em relação ao objecto	1102
Tabela Y I 15. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de colocar em configuração espacial	1102
Tabela Y I 16. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de lançar	1102
Tabela Y I 17. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de carregar/rebocar.....	1102
Tabela Y I 18. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de parar.....	1102
Tabela Y I 19. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas causativas	1102-1104
Tabela Y I 20. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas resultativas	1104
Tabela Y I 21. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de objecto negativo	1104
Tabela Y I 22. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de percepção.....	1105
Tabela Y I 23. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de prover de.....	1105
Tabela Y I 24. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de desprover de	1105
Tabela Y I 25. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas performativas	1105-1108
Tabela Y I 26. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas declarativas e de actos de fala.....	1108
Tabela Y I 27. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de pedir.....	1109
Tabela Y I 28. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de transferência de posse	1109
Tabela Y I 29. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas instrumentais	1109
Tabela Y I 30. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de obstar	1110
Tabela Y I 31. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de unir	1110
Tabela Y I 32. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de reunir	1110
Tabela Y I 33. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de capturar/apanhar.....	1110
Tabela Y I 34. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de estímulo-sujeito.....	1110-1111
Tabela Y I 35. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de experienciador-sujeito.....	1111
Tabela Y I 36. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas psicológicas.....	1111
Tabela Y I 37. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de contacto	1111
Tabela Y I 38. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i> a partir de bases transitivas de prender.....	1111

Tabelas Y m. Semantismos dos produtos em *-vel*

produto	Trans mov objec	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	possível	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>dirigível</i>	<i>dirigir</i>							E ^c		S ^s		-Emq ^{e,v,s}					

Tabela Y m 1. Semantismos dos produtos em *-vel* a partir de bases transitivas de mover objecto

produto	Trans dire espec	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	possível	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>submergível</i>	<i>submergir</i>							E ^c		S ^s		-Emq ^{e,v,s}					

Tabela Y m 2. Semantismos dos produtos em *-vel* a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica

produto	Trans causativo	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	possível	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>variável</i>	<i>vari</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					

Tabela Y m 3. Semantismos dos produtos em *-vel* a partir de bases transitivas causativas

produto	Trans obj negati	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	possível	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>consumível</i>	<i>consumir</i>							E ^c		S ^s		-E ^{e,v,s}					

Tabela Y m 4. Semantismos dos produtos em *-vel* a partir de bases transitivas de objecto negativo

produto	Trans expe-sujeit	pont	durat	ci	op dif	part	cheg	tél	perf	possível	caus	obj	caus anim	instr	instr aut	exp	loc
<i>miserável</i>	<i>miserar</i> 'lastimar' DV							E ^c		S ^s		-Eh ^{e,v,s}					

Tabela Y m 5. Semantismos dos produtos em *-vel* a partir de bases transitivas de experienciador-sujeito

Índice de tabelas Y m

Tabela Y m 1. Semantismos dos produtos em <i>-vel</i> a partir de bases transitivas de mover objecto	1113
Tabela Y m 2. Semantismos dos produtos em <i>-vel</i> a partir de bases transitivas de mover objecto em direcção específica	1113
Tabela Y m 3. Semantismos dos produtos em <i>-vel</i> a partir de bases transitivas causativas	1113
Tabela Y m 4. Semantismos dos produtos em <i>-vel</i> a partir de bases transitivas de objecto negativo	1113
Tabela Y m 5. Semantismos dos produtos em <i>-vel</i> a partir de bases transitivas de experienciador-sujeito	1113

Bibliografia

- ALEXIADOU, Artemis (2001) - *Functional structure in nominals. Nominalization and ergativity*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- ALEXIADOU, Artemis (2004) - "On the formation and interpretation of deverbal nominals". International Conference on Deverbal Nouns. Lille, 23-25, September, 2004.
- ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena & EVERAERT, Martin (Eds.) (2004) - *The unaccusativity puzzle. Explorations of the syntax-lexicon interface*. Oxford, Oxford University Press.
- ALMEIDA, Maria Lúcia & GONÇALVES, Carlos Alexandre (2004) - "Polissemia sufixal: o caso das formas X-eiro - propostas e problemas". In: *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, APL, pp. 237-246.
- ALSINA, Alex (1996) - *The role of argument structure in grammar. Evidence from Romance*. Stanford, CSLI Publications.
- ANASTÁCIO, Maria Conceição (1997) - Para uma leitura dos nomes de predicativos. (Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Coimbra.) Coimbra.
- ANDERSON, Stephen (1992) - *A-morphous morphology*. Cambridge, Cambridge University Press.
- ARONOFF, Mark (1976) - *Word formation in Generative Grammar*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- ARONOFF, Mark (1994) - *Morphology by itself*. London/Massachusetts, The MIT Press.
- BARKER, Chris (1998) - "Episodic *-ee* in English: a thematic role constraint on new word formation". In: *Language*, vol. 74, n.º 4, pp. 695-727.
- BAUER, Laurie (1983) - *English word-formation*. Cambridge, Cambridge University Press.
- BEARD, Robert (1995) - *Lexeme-morpheme base morphology: a general theory of inflection and word formation*. New York, State University of New York Press.
- BECKER, Thomas (1993) - "Back-formation, cross-formation, and 'bracketing paradoxes' in paradigmatic morphology". In: Booij & Van Marle (Ed.), *Yearbook of Morphology 1993*, pp. 1-25.
- BELLETTI, A. & RIZZI, L. (1988) - "Psych-verbs and θ -theory". In: *Natural Language and Linguistic Theory*, 6, pp. 291-352.

- BENIERS, Elisabeth (1977) - “La derivación de sustantivos a partir de participios”. In: *Nueva Revista de Filología Hispánica*, vol. XXVI, pp. 316-331.
- BENIERS, Elisabeth (1991) - “Productividad morfológica y valencia”. In: *Nueva Revista de Filología Hispánica*, vol. XXXIX, pp. 707-736.
- BENIERS, Elisabeth (1998) - “El sufijo *-ada* en formaciones postverbales y postnominales en el español del México”. In: *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza* (Università di Palermo, 18-24 Settembre, 1995). Tübingen, Max Niemeyer Verlag, pp. 75-80.
- BENVENISTE, Émile (1948) - *Nomes d’agent et noms d’action en Indo-Européen*. Paris, Librairie d’Amérique et d’Orient Adrien Maisonneuve.
- BICKERTON, Derek (1990) - *Languages and species*. Chicago, University of Chicago Press.
- BLOOMFIELD, L. (1933) - *Language*. New York, Henry Holt.
- BOOIJ, Geert (1986) - “Form and meaning in morphology: the case of Dutch “Agent” nouns”. In: *Linguistics*, 24, pp. 503-517.
- BOOIJ, Geert (1997) - “Autonomous morphology and paradigmatic relations”. In: *Yearbook of Morphology 1996*, pp. 35-53.
- BOOIJ, Geert (em publicação) - “Paradigmatic morphology”. In: Tranel, Bernard & Dal, Georgette (Eds.), *Hommage a Danielle Corbin*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins. www.let.vu.nl/staf/ge.booi/Corbin_Hommage.pdf
- BOOIJ, Geert & LIEBER, Rochelle (2004) - “On the paradigmatic nature of affixal semantics in English and Dutch.” In: *Linguistics*, 42, pp. 327-357.
- Bordelois, Ivonne (1993) - “Afijación y estructura temática: *-da* en español”. In: Varela Ortega, Soledad (Org.) (1993), *La formación de palabras*. Madrid, Taurus Universitaria, p. 162-179.
- BOSQUE, Ignacio (1999) - “El sintagma adjetival. Modificadores y complementos del adjetivo. Adjetivo y participio”. In: Bosque, Ignacio & Demonte, Violeta (Org.) (1999), *Gramática descriptiva de la lengua española*. Tomo1 *Sintaxis básica de las clases de palabras*. Madrid, Espasa/Calpe, pp. 217-310.
- BRESNAN, Joan (2001) - *Lexical-functional syntax*. Oxford, Blackwell Publishers.
- BRITO, Ana Maria (1996) - “A ordem de palavras no SN em português numa perspectiva de sintaxe comparada - um caso particular: os Ns deverbais eventivos”. In: Duarte, Inês & Leiria, Isabel (Org.) (1996), *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Lisboa, APL/Edições Colibri, pp. 81-106.

- BRITO, Ana Maria (1996a) - “Algumas reflexões sobre a interface léxico-sintaxe. A propósito dos nomes e das nominalizações”. In: *Actas do 1º Congresso Internacional da ABRALIN*, Salvador, Baía, Setembro 1994, pp. 73-83.
- BRITO, Ana Maria (2003) - “Categorias sintáticas”. In: Mateus, Maria Helena Mira et alii (2003), *Gramática da língua portuguesa*. 5ª edição, revista e aumentada. Lisboa, Editorial Caminho, pp. 323-432.
- BRITO, Ana Maria (2005) - “Nomes derivados de verbos inacusativos: estrutura argumental e valor aspectual”. In: *Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas*. II série, vol. XXII, pp. 47-64.
- BRITO, Ana Maria & OLIVEIRA, Fátima (1997) – “Nominalization, aspect and argument structure”. In: Matos, Gabriela et alii (Ed.) (1997), *Interfaces in linguistic theory*. (Selected papers from the International Conference on Interfaces in Linguistics. Porto, November 13-17, 1995). Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística/Edições Colibri, pp. 57-80.
- BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês & MATOS, Gabriela (2003) – “Tipologia e distribuição das expressões nominais”. In: Mateus, Maria Helena; Brito, Ana Maria; Duarte, Inês; Faria, Isabel Hub (Org.), *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho, 5ª edição, revista e aumentada, pp. 795-867.
- BUTT, Miriam & HOLLOWAY KING, Tracy (2000) - “Introduction”. In: Butt, Miriam & Holloway King, Tracy (Eds.) (2000), *Argument realization*. Stanford, CSLI Publications, pp. 1-13.
- CABRÉ, Maria Teresa & RIGAU, Gemma (1985) - *Lexicologia i semàntica*. Barcelona, Enciclopèdia Catalana.
- CABRÉ, Maria Teresa & SOLÉ, Elisabet (2001) - “De la noció de colectivo e la noció de locativo”. In: Veiga; González Pereira & Souto Gómez, *De lenguas y Lenguajes*. Coruña, Editorial Toxosoutos, pp. 201-211.
- CALVIN, William & BICKERTON, Derek (2000) - *Lingua ex machina. Reconciling Darwin and Chomsky with the human brain*. Cambridge, Massachusetts/ London, The MIT Press.
- CARSTAIRS-MCCARTHY, Andrew (1992) - “Morphology without word-internal constituents: a review of Stephen R. Anderson’s *A-morphous morphology*”. In: Booij & Van Marle (Ed.), *Yearbook of Morphology 1992*, pp. 209-233.

- CHOMSKY, Noam (1965) – *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press. (Traduzido para o português por José António Meireles e Eduardo Paiva Raposo, *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra, Arménio Amado – Editor, Sucessor, 1978).
- CHOMSKY, Noam (1972) - *Studies on semantics in Generative Grammar*. The Hague, Mouton.
- CHOMSKY, Noam (1975) - *Reflections on language*. New York, Pantheon.
- CHOMSKY, Noam (1981) - *Lectures on government and binding*. Dordrecht, Foris.
- CHOMSKY, Noam (1993) - *Language and thought*. Wakefield, Rhode Island/ London, Moyer Bell.
- CHOMSKY, Noam (1995) - *The minimalist program*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- CHOMSKY, Noam (2000a) - *The architecture of language*. (Edited by Nirmalangshu Mukherji, Bibudhendra Narayan Patnaik & Rama Kant Agnihotri). Oxford, Oxford University Press.
- CHOMSKY, Noam (2000b) - *New horizons in the study of language and mind*. Cambridge, Cambridge University Press.
- CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris (1968) - *The sound pattern of English*. New York, Harper & Row.
- COMRIE, Bernard (1976) - “The syntax of action nominals: a cross-language study”. In: *Lingua* 40, pp. 177-201.
- COMRIE, Bernard & THOMPSON, Sandra (1985) - “Lexical nominalization”. In: Shopen, Timothy (Ed.) (1985), *Language typology and syntactic description*. Vol. III *Grammatical categories and the lexicon*. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 349-398.
- CORBIN, Danielle (1987) - *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Vol. 1. Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- CORBIN, Danielle (1990) - “Associativité et stratification dans la représentation des mots construits”. In: Dressler, Wolfgang; Luschützky, Hans; Pfeiffer, Oskar & Rennison, John (Eds.) (1990), *Contemporary morphology*. Berlin; New York, Walter de Gruyter.
- CORBIN, Danielle (1991) - “Introduction. La formation des mots: structures et interprétations”. In: *Lexique* 10, pp. 7-30.

- CORBIN, Danielle (1992) - “Discussion sens et définition: de la compositionnalité du sens des mots construits (réponse a Claire Vanderhoeft)”. In: *Linguisticae Investigationes*, XVI: 1, pp. 189-218.
- CORBIN, Danielle (2004) - “Français (Indo-européen: Roman)”. In: Booij, Geert; Lehmann, Christian; Mugdan, Joachim & Skopeteas, Stavros (Eds.) (2004), *Morphologie/Morphology Ein internationales Handbuch zur Flexion und Wortbildung/ An international handbook on inflection and derivation*. Vol. 2. Berlin; New York, Walter de Gruyter.
- CORBIN, Danielle & CORBIN, Pierre (1991) - “Un traitement unifié du suffixe *-ier(e)*”. In: *Lexique 10*, pp. 61-145.
- COROMINAS & PASCUAL (1991) – *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid, Editorial Gredos, 3ª reimpresión.
- CORREIA, Margarita (1999) - A denominação das qualidades. Contributos para a compreensão da estrutura do léxico português. (Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa.). Lisboa.
- CROFT, William (1991) - *Syntactic categories and grammatical relations*. Chicago/London, The University of Chicago Press.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley (1991) - *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa, Edições Sá da Costa, 8.ª ed.
- CUTLER, Anne & CLIFTON JR., Charles (1999) - “Comprehending spoken language: a blueprint of the listener”. In: Brown, Colin M. & Hagoort, Peter (Eds.) (1999), *The neurocognition of language*. Oxford, Oxford University Press, pp. 123-166.
- DEACON, Terrence W. (1997) - *The symbolic species*. New York, Norton.
- DIEZ, F. (1874) - *Grammaire des langues romanes*. Paris, A. Franck, 3ª ed.
- DON, Jan (1993) - *Morphological conversion*. Utrecht, Led.
- DOWTY, David (1991) - “Thematic proto-roles and argument selection”. In: *Language*, 67, pp. 547-619.
- DRESSLER, Wolfgang (1986) - “Explanation in natural morphology: illustrated with comparative and agent-noun formation”. In: *Linguistics*, 24, pp. 519-548.
- DUARTE, Inês (2003) - “A família das construções inacusativas”. In: Mateus, Maria Helena; Brito, Ana Maria; Duarte, Inês; Faria, Isabel Hub (Org.), *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho, 5ª edição, revista e aumentada, pp. 507-548.

- DUARTE, Inês (2003a) - “Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras”.
 MATEUS, Maria Helena Mira et alii (Org.) (2003), *Gramática da língua portuguesa*.
 Lisboa, Editorial Caminho, 5ª edição revista e aumentada, p. 275-321.
- DUARTE, Inês & BRITO, Ana Maria (2003) - “Predicação e classes de predicadores verbais”.
 In: Mateus, Maria Helena; Brito, Ana Maria; Duarte, Inês; Faria, Isabel Hub (Org.),
Gramática da língua portuguesa. Lisboa, Editorial Caminho, 5ª edição, revista e
 aumentada, pp. 178-203.
- DUBOIS, Jean (1968) - “La dérivation en linguistique descriptive et en linguistique
 transformationnelle”. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, VI, 1, pp. 27-53.
- ELMAN, Jeffrey et al. (1996) - *Rethinking innateness: a connectionist perspective on
 development*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- ERNOUT, Alfred (1953) - *Morphologie historique du latin*. Paris, Éditions Klincksieck.
- FAITELSON-WEISER, Silvia (1982) - “Funciones sufijales en español moderno”. In: *Revue
 de Linguistique Romane*, Tomo 46, n.º 183-184, pp. 299-317.
- FILLMORE, Charles (1968) - “The case for case”. In: Bach, E. & Harms, R. T. (Eds.) -
Universals in linguistic theory. Holt, Rinehart and Winston, New York, p. 1-88.
- FLEISCHMAN, Suzanne (1973) - “Collision of homophonous suffixes entailing transfer of
 semantic content. The Luso-Hispanic action nouns in *-ón* and *-dela/-dilla*”. In:
Romance Philology, vol. XXVI, n.º 4, pp. 635-663.
- FLEISCHMAN, Suzanne (1976-1977) - “The suffix *-age* in Modern French. Language change
 viewed in a historical-cultural perspective”. In: *Romance Philology*, vol. XXX, n.º
 1, pp. 42-58.
- FODOR, Jerry (1975) - *The language of thought*. Cambridge, Massachusetts, Harvard
 University Press.
- FODOR, Jerry (1983) - *The modularity of mind*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- FODOR, Jerry (1998) - *Concepts: Where Cognitive sciences went wrong*. Oxford, Oxford
 University Press.
- FODOR, Jerry (2000) - *The mind doesn't work that way*. Cambridge, Massachusetts, The
 MIT Press.
- FREGE, Gottlob (1892) - *Über Sinn und Bedeutung*. In: *Zeitschrift für Philosophie und
 philosophische Kritik* 100, pp. 25-50. (traduzido para o inglês in: Geach & Black

- (Eds.) (1952), *Translations from the Philosophical Writings of Gottlob Frege*. Oxford, Blackwell, pp.56-78.)
- GAFFIOT, Félix (2000) - *Dictionnaire Latin-Français*. Nouvelle édition revue et augmentée sous la direction de Pierre Flobert. Paris, Hachette-Livre.
- GLEASON, Henry (1965) - *Linguistics and English grammar*. New York, Holt, Rinehart and Winston.
- GOLDBERG, Adele (1995) - *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago, University of Chicago Press.
- GOLDSMITH, John (1979) - *Autosegmental phonology*. New York, Garland Press.
- GOLDSMITH, John (1990) - *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford, Basil Blackwell.
- GRÀCIA I SOLÉ, Lluïsa (1995) - *Morfologia léxica. L'herència de l'estructura argumental..* València, Universitat de València.
- GRIMSHAW, Jane (1990) - *Argument structure*. Massachusetts, The MIT Press.
- GRIMSHAW, Jane & WILLIAMS, Edwin (1993) - “Nominalization and predicative prepositional phrases”. In: Pustejovsky, James, (Ed.) (1993), *Semantics and the lexicon*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, pp. 97-105.
- GROSS, Gaston & KIEFER, Ferenc (1995) - “La structure événementielle des substantifs”. In: *Folia Linguistica. Acta Societatis Linguisticae Europaeae*, XXIX, 1-2, pp. 43-65.
- GROSSMANN, Maria (1998) - “Formazione dei nomi di agente, strumento e luogo in catalano”. In: *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza* (Università di Palermo, 18-24 Settembre, 1995). Tübingen, Max Niemeyer Verlag, pp. 383-392.
- HALL, Robert (1983) - *Proto-Romance morphology*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- HALLE, Morris & MARANTZ, Alec (1993) - “Distributed morphology”. In: Hale & Keyser (Ed.) (1993), *The view from building 20*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, pp. 111-176.
- HASPELMATH, Martin (2002) - *Understanding morphology*. London, Arnold.
- HAY, Jennifer & PLAG, Ingo (2004) - “What constrains possible suffix combinations? On the interaction of grammatical and processing restrictions in derivational morphology”. In: *Natural Language and Linguistic Theory*, 22, pp. 565-596.

- HEYVAERT, Liesbet (2003) - *A cognitive-functional approach to nominalization in English*. Berlin/ New York, Mouton de Gruyter.
- HEYVAERT, Liesbet (2004) - "The syntax-semantics interface in deverbal *-ee* nouns". International Conference on Deverbal Nouns, Université de Lille 3, 23-25 September, 2004.
- HOEKSTRA, Teun & van der PUTTEN, Frans (1988) - "Inheritance phenomena". In: Everaert, Martin; Evers, Arnold; Huybregts, Riny & Trommelen, Mieke (Eds.), *Morphology and Modularity. In honour of Henk Schultink*. Dordrecht, Foris Publications, pp. 163-186.
- Van HOUT, Angeliek & ROEPER, Thomas (1998) - "Events and aspectual structure in derivational morphology". In: Harley, Heidi (Ed.) (1998), *Papers from the Upenn/MIT Roundtable on Argument Structure and Aspect*, vol. 32, *MIT Papers in Linguistics*. Massachusetts, The MIT Press, pp. 175-200.
www.people.umass.edu/roeper/online_papers/Event%20van%20Hout%2097%nitwpl.pdf
- HUMBOLDT, Wilhelm (1836) - *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*. Berlin, F. Dummler. (versão em inglês: *On language. On the diversity of human language construction and its influence on the mental development of the human species*. Cambridge, Cambridge University Press, 1999.)
- JACKENDOFF, Ray (1975) - "Morphological and semantic regularities in the lexicon". In: *Language* 51, pp. 639-671.
- JACKENDOFF, Ray (1990) - *Semantic structures*. Massachusetts, The MIT Press.
- JACKENDOFF, Ray (1992) - *Languages of the mind. Essays on mental representation*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- JACKENDOFF, Ray (1994) - *Patterns in the mind. Language and human nature*. New York, Basic Books.
- JACKENDOFF, Ray (1996) - "The architecture of the linguistic-spatial interface". In: Bloom, Paul; Peterson, Mary; Nadel, Lynn & Garrett, Merrill (Ed.) (1996), *Language and space*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, pp. 1-30.
- JACKENDOFF, Ray (1997) - *The architecture of the language faculty*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.

- JACKENDOFF, Ray (1999) - "The representational structures of the language faculty". In: Brown, Colin M. & Hagoort, Peter (Ed.) (1999), *The neurocognition of language*. Oxford, Oxford University Press, pp. 37-79.
- JACKENDOFF, Ray (2002) - *Foundations of language. Brain, meaning, grammar, evolution*. Oxford, Oxford University Press.
- JACKENDOFF, Ray & LANDAU, Barbara (1992) - "Spatial language and spatial cognition". In: Jackendoff, Ray (1992), *Languages of the mind. Essays on mental representation*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, pp. 99-124.
- KATZ, Jerrold (1981) - *Language and other abstract objects*. Totowa, NJ, Rowman & Littlefield.
- KATZ, Jerrold & POSTAL, Paul (1964) - *An integrated theory of linguistic descriptions*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- KELLING, Carmen (2003) - "French psych verbs and derived nouns". In: Butt, Miriam & Holloway King, Tracy (Eds.) (2003), *Nominals: inside and out*. Stanford, CSLI Publications, pp. 151-179.
- KELLING, Carmen (2003a) - "The role of agentivity for suffix selection". In: Booij, Geert; DeCesaris, Janet; Ralli, Angela & Scalise, Sergio (Eds.) (2003), *Topics in Morphology: Selected Papers from the Third Mediterranean Morphology Meeting*, Barcelona, September 20-22, 2001. Barcelona, IULA, pp. 197-210.
- KERLEROUX, Françoise (1997) - "De la limitation de l'homonymie entre noms déverbaux convertis et apocopes de noms déverbaux suffixés". In: *Sillexicales. Mots possibles et mots existants* (Forum de morphologie; Actes du colloque de Villeneuve d'Ascq, 28-29 de Avril de 1997), n.º1, Pub. De l'U.R.A., 382 du C.N.R.S., Université de Lille III, pp. 163-172.
- KIEFER, Ferenc (1999) - "Les substantifs déverbaux événementiels". In: *Langages*. 131 *Les classes d'objets*, pp. 56-63.
- KLEIBER, Georges (1981) - *Problèmes de référence: descriptions définies et noms propres*. Paris, Éd. Klincksieck.
- KLEIBER, Georges & GALMICHE, Michel (1996) - "Sur les noms abstraits". In: Flaux, Nelly & Glatigny, Michel & Samain, Didier (1996), *Les noms abstraits. Histoire et théories*. Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires du Septentrion, pp. 23-40.
- KOPTJEVSKAJA-TAMM, Maria (1993) - *Nominalizations*. London/ New York, Routledge.

- LACA, Brenda (1986) - *Die Wortbildung als Grammatik des Wortschatzes. Untersuchungen zur spanischen Subjektnominalisierung*. Tübingen, Gunter Narr Verlag.
- LACA, Brenda (1993) - "Las nominalizaciones orientadas y los derivados españoles en *-dor* y *-nte*". Varela Ortega, Soledad (Org.) (1993), *La formación de palabras*. Madrid, Taurus Universitaria, p. 180-204.
- LACKNER, James (1981) - "Some contributions of touch, pressure, and kinesthesia to human spatial orientation and oculomotor control". In: *Acta Astronautica* 8, pp. 825-830.
- LACKNER, James (1988) - "Some proprioceptive influences on the perceptual representations of body shape and orientation". In: *Brain* 111, pp. 281-297.
- LACKNER, James & DIZIO, Paul (2000) - "Aspects of body self-calibration". In: *Trends in Cognitive Sciences* 4, pp. 279-288.
- LACZKÓ, Tibor (2000) - "Derived nominals, possessors, and lexical mapping theory". In: Butt, Miriam & Holloway King, Tracy (Eds.) (2000), *Argument realization*. Stanford, CSLI Publications, pp. 189-227.
- LACZKÓ, Tibor (2003) - "On oblique arguments and adjuncts of Hungarian event nominals". In: Butt, Miriam & Holloway King, Tracy (Eds.) (2003), *Nominals: inside and out*. Stanford, CSLI Publications, pp. 201-234.
- LANGACKER, Ronald (1987) - *Foundations of cognitive grammar*. Vol. 1 *Theoretical prerequisites*. Stanford, Stanford University Press.
- LANGACKER, Ronald (1991) - *Foundations of cognitive grammar*. Vol. 2 *Descriptive application*. Stanford, Stanford University Press.
- LECOMTE, Elsa (1997) - "Tous les mots possibles en *-ure* existent-ils?". In: *Sillexicales. Mots possibles et mots existants*. Forum de morphologie (1^{ères} rencontres). Actes du Colloque de Villeneuve d'Ascq (28-29 avril 1997). Villeneuve d'Ascq, Publications de l'URA 382 du CNRS (SILEX). Université de Lille III, pp. 191-200.
- LEES, Robert B. (1960) - *The grammar of English nominalizations*. The Hague, Mouton.
- LEVELT, Willem J. M. (1999) - "Producing spoken language: a blueprint of the speaker". In: Brown, Colin M. & Hagoort, Peter (Ed.) (1999), *The neurocognition of language*. Oxford, Oxford University Press, pp. 83-122.
- LEVIN, Beth (1993) - *English verb classes and alternations. A preliminary investigation*. Chicago, London, The University of Chicago Press.

- LEVIN, Beth (1999) - "Objecthood: an event structure perspective". In: *Proceedings of the CLS 35. volume 1: The main session*. Chicago, Chicago University Society, University of Chicago, pp. 223-247. <http://www.stanford.edu/~bclevin/cls99.pdf>
- LEVIN, Beth (2000) - "Aspect, lexical semantic representation, and argument expression". In: *Proceedings of the 26th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, pp. 413-429. <http://www.stanford.edu/~bclevin/bls00.pdf>
- LEVIN, Beth & RAPPAPORT HOVAV, Malka (1994) - "A preliminary analysis of causative verbs in English". In: Gleitman, Leila & Landau, Barbara (1994), *The acquisition of the lexicon*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 1994, pp. 35-77.
- LEVIN, Beth & RAPPAPORT HOVAV, Malka (1995) - *Unaccusativity. At the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- LEVIN, Beth & RAPPAPORT HOVAV, Malka (2004) - "The semantic determinants of argument expression: a view from the English resultative construction". In: Guéron, J. & Lecarme, J. (Eds.) (2004), *The syntax of time*. Massachusetts, The MIT Press, pp. 477-494. www.stanford.edu/~belevin/paris02.pdf
- LEVIN, Beth & RAPPAPORT HOVAV, Malka (2005) - *Argument realization*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LEWIS, David (1972) - "General semantics". In: Davidson & Harman (Eds.) (1972), *Semantics for natural language*. Dordrecht, Reidel, pp. 169-218.
- LIBERMAN, Mark & PRINCE, Alan (1977) - "On stress and linguistic rhythm". In: *Linguistic Inquiry* 8, pp. 249-336.
- LIEBER, Rochelle (1981) - *On the organization of the lexicon*. Bloomington, Indiana University Linguistic Club.
- LIEBER, Rochelle (1992) - *Deconstructing morphology: word formation in syntactic theory*. Chicago, University of Chicago Press.
- LIEBER, Rochelle (2004) - *Morphology and lexical semantics*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LOSONSKY, Michael (1999) - "Introduction". In: Humboldt, Wilhelm ([1836] 1999), *On language. On the diversity of human language construction and its influence on the mental development of the human species*. Cambridge, Cambridge University Press, pp. vii-xxxiv.

- LÜDTKE, Jens (1976) - “Sur les niveaux d’analyse des nominalisations prédicatives”. In: *Cahiers de Lexicologie. Revue Internationale de Lexicologie et de lexicographie*, vol. XXVIII, n.º 1, pp. 51-59.
- MAIA, Clarinda de Azevedo ([1986] 1997) - *História do galego-português. Estudo linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Reimpressão da edição do INIC, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.
- MALKIEL, Yakov (1959) - “The two sources of the Hispanic suffix *-azo, -aço*”. In: *Language*, vol. XXXV, pp. 193-258.
- MALKIEL, Yakov (1988) - “Las peripecias españolas del sufijo latino *-ōriu, -ōria*”. In: *Revista de Filología Española*, vol. 68, pp. 217-255.
- MARANTZ, Alec (1998) - “No escape from syntax: don’t try morphological analysis in the privacy of your own lexicon”.
In: <http://dingo.sbs.arizona.edu/~hharley/Oxford/Marantz2.pdf>
- MARANTZ, Alec (2001) - “Words”.
<http://dingo.sbs.arizona.edu/~hharley/Oxford/Marantz2.pdf>
- MARTIN, Robert (1996) - “Le fantôme du nom abstrait”. In: Flaux, Nelly & Glatigny, Michel & Samain, Didier (1996), *Les noms abstraits. Histoire et théories*. Villeneuve d’Ascq, Presses Universitaires du Septentrion, pp. 41-50.
- MASSARO, Dominic (1997) - *Perceiving talking faces: from speech perception to a behavioral principle*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- MATTHEWS, Peter (1972) - *Inflectional morphology. A theoretical study based on aspects of Latin verb conjugation*. Cambridge, Cambridge University Press.
- MATTHEWS, Peter (1994) - “Greek and Latin linguistics”. In: Lepschy, Giulio (Ed.) (1994), *History of Linguistics. Vol. II Classical and Medieval Linguistics*. London, Longman, pp. 1-133.
- MATTOSO CÂMARA, Joaquim (1970) - *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Ed. Vozes.
- MCGURK, H. & MACDONALD, J. (1976) - “Hearing lips and seeing voices”. In: *Nature* 264, pp. 746-748.
- MEINSCHAEFER, Judith (2004) - “The syntax and argument structure of deverbal nouns in Romance from the point of view of a theory of argument linking”. International Conference on Deverbal Nouns, Université de Lille 3, 23-25 September, 2004.

- MENDIKOETXEA, Amaya (1999) - “Construcciones inacusativas y pasivas”. In: Bosque, Ignacio & Demonte, Violeta (Dir.) (1999), *Gramática descriptiva de la lengua española*. Tomo 2 *Las construcciones sintácticas fundamentales*. Madrid, Espasa/Calpe, pp.1574-1722.
- MEYER-LÜBKE, W. (1895) - *Grammaire des langues romanes*. (Traduction par Auguste Doutrepoint et Georges Doutrepoint). Tome II *Morphologie*. Paris, H. Welter Éditeur.
- MEYER-LÜBKE, W. (1935) - *Romanisches etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg, Carl Winter Universitätverlag.
- MIGUEL, Matilde (2004) - O sintagma nominal em português europeu. (Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa). Lisboa.
- MOENS, Marc & STEEDMAN, Mark ([1998] 2005) - “Temporal ontology and temporal reference”. In: *Computational Linguistics* 14 (2), 1998, pp. 15-28. (Republicado em Mani, Inderjeet, Pustejovsky, James & Gaizauskas, Rob (Eds.) (2005), *The language of time. A reader*. Oxford, Oxford University Press, pp. 93-114.)
- MOHANAN, K. P. & MOHANAN, Tara (1998) - “Strong and weak projection: lexical reflexives and reciprocals”. In: Butt, Miriam & Geuder, Wilhelm (Eds.), *The projection of arguments. Lexical and compositional factors*. Stanford, CSLI Publications, 1998, pp. 165-194.
- MONGE, Félix (1972) - “Sufijos españoles para la designación de ‘golpe’”. In: *Homenaje a Francisco Yndurain*. Zaragoza, Facultad de Filosofía y Letras, pp. 229-247.
- MONGE, Félix (1977) - “-Ción, -sión, -zón y -ón: función y forma en los sufijos”. In: *Estudios ofrecidos a Emilio Alarcos Llorach*. Oviedo, Servicio de Publicaciones Universidad de Oviedo, pp. 229-247.
- NEWMAYER, Frederick (2002) - “Optimality and functionality: a critique of functionally-based optimality-theoretic syntax”. In: *Natural Language and Linguistic Theory*, 20, pp. 43-80.
- NOVAIS, António Afonso (2003) - “A origem do diminutivo: uma hipótese”. In: *Revista Portuguesa de Humanidades*, VII, pp. 91-111.
- NUNBERG, Geoffrey (1979) - “The non-uniqueness of semantic solutions: polysemy”. In: *Linguistics and Philosophy* 3, pp. 143-184.
- NUNES, José Joaquim ([1919] 1989) - *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Clássica Ed., 9ªed.

- PANTHER, Klaus-Uwe & THORNBURG, Linda (2002) - "The roles of metaphor and metonymy in English *-er* nominals". In: Dirven, René & Pörrings, Ralf (Eds.), *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin/ New York, Mouton de Gruyter, pp. 279-319.
- PENA, Jesus 1980 - *La derivación en español. Verbos derivados y sustantivos verbales*. Anexo 16 de *Verba, Anuario Galego de Filoloxía*.
- PENSADO, Carmen (1999) - "Morfología y fonología. Fenómenos morfofonológicos". In: Bosque, Ignacio & Violeta, Violeta (Org.) (1999), *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 3 *Entre la oración y el discurso. Morfología*. Madrid, Espasa-Calpe, p. 4423-4504.
- PEREIRA, Rui Abel (2000) - *Formação de verbos em português: a prefixação com a(d)-, en- e es-*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Coimbra. Coimbra.
- PEREIRA, Rui Abel (2004) - "Condições estruturais de formação de verbos em português". In: Rio-Torto, Graça (Org.) (2004), *Verbos e nomes em português*. Coimbra, Livraria Almedina, pp. 91-127.
- PESETSKY, David (1995) - *Zero syntax*. Massachusetts, The MIT Press.
- PICALLO, Carme (1991) - "Nominals and nominalizations in Catalan". In: *Probus* 3, pp. 279-316.
- PICALLO, Carme (1999) - "La estructura del sintagma nominal: las nominalizaciones y otros sustantivos con complementos argumentales". In: Bosque, Ignacio & Demonte, Violeta (Org.) (1999), *Gramática descriptiva de la lengua española*. Tomo 1 *Sintaxis básica de las clases de palabras*. Madrid, Espasa/Calpe, pp. 363-393.
- PIEL, Joseph-Maria (1940a) - "A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português". In: Piel, Joseph-Maria (1989), *Estudos de Linguística histórica galego-portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, pp. 201-212.
- PIEL, Joseph (1940b) - "A formação dos substantivos abstractos em português". In: *Biblos*, Vol. XVI, p. 209-237.
- PIERA, Carlos & VARELA, Soledad (1999) - "Relaciones entre morfología y sintaxis". In: Bosque, Ignacio & Demonte, Violeta (Org.) (1999), *Gramática descriptiva de la lengua española*. Tomo 3 *Entre la oración y el discurso/ Morfología*. Madrid, Espasa/Calpe, pp. 4367-4422.
- PLAG, Ingo (1996) - "Selectional restrictions in English suffixation revisited. A reply to Fabb (1988)". In: *Linguistics*, 34, 4, pp. 769-798.

- PLAG, Ingo (1999) - *Morphological productivity. Structural constraints in English derivation*. Berlin/ New York, Mouton de Gruyter.
- PLAG, Ingo (2002) - *Word-formation in English*. Cambridge, Cambridge University Press.
- PLAG, Ingo (2004) - “Syntactic category information and the semantics of derivational morphological rules”: In: *Folia Linguistica*, 38, 3-4, pp. 193-225.
- PUSTEJOVSKY, James (1991) - “The syntax of events structure”. In: *Cognition* 41, pp. 47-81. (Republicado em Mani, Inderjeet, Pustejovsky, James & Gaizauskas, Rob (Eds.) (2005), *The language of time. A reader*. Oxford, Oxford University Press, pp. 33-60.)
- PUSTEJOVSKY, James (1995) - *The generative lexicon*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- PUTNAM, Hilary (1975) - “The meaning of “meaning””. In: Gunderson (Ed.) (1975), *Language, mind and knowledge*. Minneapolis, University of Minnesota Press, pp.131-193.
- RAINER, Franz (1993) - *Spanische Wortbildungslehre*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- RAINER, Franz (2003) - “Typology, diachrony, and universals of semantic change in word-formation: a Romanist’s look at the polysemy of agent nouns”. In: *Morphology and linguistic typology: On-line Proceedings of the Fourth Mediterranean Morphology Meeting*, Catania, 21-23 september, 2003. <http://morbo.lingue.unibo.it/mmm/mmm-proc/MMM4/021-034-Rainer-MMM4.pdf>
- RAINER, Franz (2005) - “Semantic change in word formation”. In: *Linguistics* 43-2, pp. 415-441.
- RAMCHAND, Gillian Catriona (1997) - *Aspect and predication: the semantics of argument structure*. Oxford, Oxford University Press.
- RAPPAPORT HOVAV, Malka & LEVIN, Beth (1992) - “-Er nominals: implications for the theory of argument structure”. In: Stowell, Tim & Wehrli, Eric (Eds.) (1992), *Syntax and the lexicon*. San Diego, Academic Press, pp. 127-153.
- RAPPAPORT HOVAV, Malka & Levin, Beth (1998) - “Building verb meanings”. In: Butt, Miriam & Geuder, Wilhelm (Eds.) (1998), *The projection of arguments. Lexical and compositional factors*. Stanford, CSLI Publications, pp. 97-134.
- RAPPAPORT et alii (1993) - “Levels of lexical representation”. In: Pustejovsky, James (Ed.) (1993), *Semantics and the lexicon*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, pp. 37-54.

- REICHENBACK, Maria ([1947] 2005) - “The tenses of verbs”. In: *Elements of symbolic logic*, New York, Macmillan Company, pp. 287-298. (Republicado em Mani, Inderjeet, Pustejovsky, James & Gaizauskas, Rob (Eds.) (2005), *The language of time. A reader*. Oxford, Oxford University Press, pp. 71-78.)
- REINHART, Tanya (2000) - “The theta system: syntactic realization of verbal concepts”. *OTS working papers in linguistics*.
http://www.let.uu.nl/~tanya.reinhart/personal/Papers/Lexic_00.pdf
- REINO, Luís (2004) - *O picanço-de-dorso-ruivo*. Mirandela, João Azevedo Editor.
- RÉMI-GIRAUD, Sylvianne (1996) - “Pour une approche notionnelle de la nominalisation”. In: Flaux, Nelly & Glatigny, Michel & Samain, Didier (1996), *Les noms abstraits. Histoire et théories*. Villeneuve d’Ascq, Presses Universitaires du Septentrion, pp. 105-116.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1986a) - “Contribuição para o estudo da especificidade morfoléxical dos sufixos: os sufixos *-aria*”. In: *Biblos*, vol. LXII, pp. 305-364.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1986b) - “Operações derivacionais que envolvem os sufixos *-ão* em português”. In: *Actas do 2º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, pp. 105-145.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1987) - “Morfologia das palavras construídas em *-ad(-a)*”. In: *Biblos*, vol. LXIII, pp.97-178.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1992) - “Do ser à acção: “o facto de ser X”, “estatuto de X” e “atitude de (quem é) X””. In: *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXXVII, pp. 427-456.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1993) - Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos. (Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra). Coimbra.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1997) - “Construção e interpretação: o exemplo dos nomes heterocategoriais”. In: *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto, Campo das Letras, pp. 815-834.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1998a) - “Regras de formação de palavras em português: achegas para um quadro geral”. In Rio-Torto, Graça Maria (1998), *Morfologia derivacional. Teoria e aplicação ao português*. Porto, Porto Editora, pp. 109-132.

- RIO-TORTO, Graça Maria (1998b) - “Para uma análise dos locativos não-deverbais”. In: Rio-Torto, Graça Maria (1998), *Morfologia derivacional. Teoria e aplicação ao português*. Porto, Porto Editora, pp. 175-209.
- Rio-Torto, Graça Maria (1998c) - “Operações derivacionais que envolvem os sufixos *-ão* em português”. In: Rio-Torto, Graça Maria (1998), *Morfologia derivacional. Teoria e aplicação ao português*. Porto, Porto Editora, pp. 149-173.
- RIO-TORTO, Graça (2004) - “Morfologia, sintaxe e semântica dos verbos heterocategoriais”. In: Rio-Torto, Graça (Org.) (2004), *Verbos e nomes em português*. Coimbra, Livraria Almedina, pp. 17-89.
- RIO-TORTO, Graça Maria & ANASTÁCIO, Conceição (2004) - “Estrutura e interpretação dos nomes de predicativos em português”. In: Rio-Torto, Graça Maria (Org.) (2004), *Verbos e nomes em português*. Coimbra, Livraria Almedina, pp. 187-220.
- RITTER, Elizabeth & ROSEN, Sara (1998) - “Delimiting events in syntax”. In: Butt, Miriam & Geuder, Wilhelm (Eds.) (1998), *The projection of arguments. Lexical and compositional factors*. Stanford, CSLI Publications, pp. 135-164.
- RITTER, Elizabeth & ROSEN, Sara (2000) - “Event structure and ergativity”. In: Tenny, C. & Pustejovsky, James (Eds.) (2000), *Events as Grammatical Objects*. Stanford, CSLI Publications, pp. 187-238.
- RODRIGUES, Alexandra Soares (2004) - “Aspectos da formação dos substantivos postverbais do português”. In: *Filologia e Linguística Portuguesa* 6, pp. 7-37.
- ROEPER, Thomas (1993) - “Explicit syntax in the lexicon: the representation of nominalizations”. In: Pustejovsky, James (Ed.) (1993), *Semantics and the lexicon*. London, Kluwer Academic Publishers, pp. 185-220.
- ROSCH, Eleanor & MERVIS, Carolyn (1975) - “Family resemblances: studies in the internal structures of categories”. In: *Cognitive Psychology* 7, pp. 573-605.
- ROTHSTEIN, Susan (2004) - *Structuring events. A study in the semantics of lexical aspect*. Oxford, Blackwell Publishing.
- RYDER, Mary (1999) - “Bankers and blue-chippers: an account of *-er* formations in present-day English”. In: *English Language and Linguistics*, 3 (2), pp. 269-297.
- RYDER, Mary (2000) - “Complex *-er* nominals. Where grammaticalization and lexicalization meet?”. In: Contini-Morava, Ellen & Tobin, Yishai (Eds.) (2000), *Between grammar and lexicon*. Amsterdam/ Philadelphia, John Benjamins, pp. 291-331.

- SAFFRAN, Eleanor M. & SHOLL, Alexandra (1999) - "Clues to the functional and neural architecture of word meaning". In: Brown, Colin M. & Hagoort, Peter (Ed.) (1999), *The neurocognition of language*. Oxford, Oxford University Press, pp. 241-272.
- SAID ALI, Manuel (1964) - *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo, Ed. Melhoramentos, 3ªed.
- SANTIAGO LACUESTA, Ramón & BUSTOS GISBERT, Eugenio (1999) - "La derivación nominal". In: Bosque, Ignacio & Demonte, Violeta (Dir.) (1999), *Gramática descriptiva de la lengua española*. Tomo 3. *Entre la oración y el discurso. Morfología*. Madrid, Editorial Espasa Calpe, pp. 4503- 4594.
- SCHMID, Hans-Jörg (2000) - *English abstract nouns as conceptual shells. From corpus to cognition*. Berlin; New York, Mouton de Gruyter.
- SELKIRK, Elisabeth (1982) - *The syntax of words*. Massachusetts, The MIT Press.
- SILVA, Augusto Soares da (no prelo) - "A estrutura semântica do diminutivo em Português". In: Clarinda de Azevedo Maia (org.), *Volume de Homenagem ao Professor José G. Herculano de Carvalho*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- SILVA, Augusto Soares da (2006) - "Polissemia na morfologia: o diminutivo". In: *O mundo dos sentidos em Português: polissemia, semântica e cognição*, Coimbra: Almedina, 2006, cap. 8.
- SMITH, Carlota (1991) - *The parameter of aspect*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.
- SPROAT, Richard (1985) - *On deriving the Lexicon*. Massachusetts, The MIT Press.
- TCHOBÁNOVA, Iovka Bojílova (2001) - "Regras de construção de palavras sufixadas em -agem no português europeu". In: *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, APL, pp. 511-521.
- TCHOBÁNOVA, Iovka Bojílova (2002) - "Valores semânticos das unidades lexicais sufixadas em -eir- na língua portuguesa". In: *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, APL, pp. 497-508.
- TCHOBÁNOVA, Iovka Bojílova (2003) - "Processos derivacionais que envolvem o sufixo -al em português". In: *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, APL, pp. 815-827.
- TENNY, Carol (1994) - *Aspectual roles and the syntax-semantics interface*. Dordrecht/Boston/London, Kluwer Academic Press.

- VAL ÁLVARO, José Francisco (1981) - “Los derivados sufijales en español”. In: *Revista de Filología Española*. Vol. LXI, pp. 185-198.
- VAN VALIN, Robert & LAPOLLA, Randy (1997) - *Syntax: structure, meaning and function*. Cambridge, Cambridge University Press.
- VASCONCELOS, Carolina Michäelis de (1911-1913) - *Lições de filologia portuguesa. Segundo as prelecções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13 seguidas das Lições práticas de português arcaico*. Lisboa, Dinalivro, s/d.
- VENDLER, Zeno (1967) - *Linguistics in Philosophy*. Ithaca/ New York, Cornell University Press.
- VERKUYL, Henk (1993) - *A theory of aspectuality. The interaction between temporal and atemporal structure*. Cambridge, Cambridge University Press.
- VERKUYL, Henk (1999) - *Aspectual issues. Studies on time and quantity*. Stanford, CSLI Publications.
- VILLALVA, Alina (2000) - *Estruturas morfológicas. Unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- WEINRICH, Harald (1979) - “A verdade dos dicionários”. In: Vilela, Mário (Org.) (1979), *Problemas de lexicologia e lexicografia*. Porto, Livraria Civilização, pp. 315-327.
- WHORF, Benjamin Lee (1956) - *Language, thought and reality. Selected writings of Benjamin Lee Whorf* (Ed. By John B. Carroll). Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- WILLIAMS, Edwin (1981) - “Argument structure and morphology”. In: *Linguistic Review* 1, pp. 81-114.
- WINTHER, A. (1975) - “Note sur les formations déverbales en *-eur* et en *-ant*”. In: *Cahiers de Lexicologie*. Vol. XXVI-I, pp. 56-84.
- WITTGENSTEIN, Ludwig (1953) - *Philosophical investigations*. Oxford, Blackwell.
- ZUBIZARRETA, Maria Luisa & HAAFTEN, Ton van. (1988) - “English *-ing* and Dutch *-en* nominal constructions: a case of simultaneous nominal and verbal projections”. In: Everaert, Martin; Evers, Arnold; Huybregts, Riny & Trommelen, Mieke (Eds.), *Morphology and Modularity. In honour of Henk Schultink*. Dordrecht, Foris Publications, pp. 361-393.
- ZUCCHI, Alessandro (1993) - *The language of propositions and events: issues in the syntax and semantics of nominalization*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.

Fontes:

- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA E INSTITUTO DE LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA (2001)
- *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Lisboa, Editorial Verbo, 2 vols.
- BLUTEAU, Raphael (1712-1728) - *Vocabulario portuguez e latino*. Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 8 vols. e 2 suplementos.
- COSTA, J. Almeida & MELO, Sampaio A. (1996) - *Dicionário da língua portuguesa*. Porto, Porto Editora e Priberam Informática.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles & FRANCO, Francisco Manoel de Mello (Dir.) (2002-2003) - *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa, Círculo de Leitores, 6 vols.
- VIEIRA, Domingos (1871-1874) - *Grande dictionario Portuguez ou Thesouro da Lingoa Portugueza*. Porto, Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 5 vols.

www.infopedia.pt

www.thefreedictionary.com

- Dinis, Júlio - *A morgadinha dos Canaviais*. Porto, Livraria Simões Lopes. Edição prefaciada por Fernando de Castro Pires de Lima, s/d.
- Foral de Bragança, dado por Dom Manoel, 11 de Novembro de 1514*. In: Francisco Manuel Alves, *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*. Tomo III, pp. 111-124.
- A. C. Teixeira de Aragão - *Diabruras, santidades e prophecias*. Lisboa, Por ordem e na typographia da Academia Real das Sciencias, 1894. Edição Fac-simile: Lisboa, Alcalá, 2004.
- Gil vicente - *Obras completas de Gil Vicente*. Coordenação do texto, introdução, notas e glossário de Álvaro da Costa Pimpão. Porto, Livraria Civilização, 1979.
- VORAGINE, Tiago de (2004) - *Legenda áurea*. (Tradução do original latino de António Maia da Rocha, a partir da edição crítica de Giovanni Paolo Maggioni, Florença, Edizione del Galluzzo, 1998) Porto, Livraria Civilização Editora, Vol. II.

Índice de ilustrações

Figura 1. Concepção monobásica das RFPs (Corbin 1987)	42-43
Figura 2. Visão desenvolvida por Rio-Torto (1993) de unitarização das categorias das bases	47-48
Figura 3. Arqui-RFPs	55
Figura 4. Zonas de interferência entre RFPs	61
Figura 5. Modelo das RFPs em interfaces	64
Figura 6. Processo de geração de deverbais	128
Figura 7. Arquitectura lexical da categoria ‘Evento’	157
Gráfico III 1. Percentagens de substantivos deverbais de cada operador sufixal deverbalizador	214
Gráfico III 2. Número de substantivos produzidos por cada sufixo deverbalizador de indivíduo.....	215
Gráfico III 3. Número de substantivos produzidos por cada sufixo deverbalizador de evento...	216
Gráfico III 4. Percentagens de bases eruditas para cada sufixo deverbalizador de evento	235
Gráfico III 5. Percentagens de bases não-eruditas para cada sufixo deverbalizador de evento ..	236
Gráfico III 6. Percentagens de bases eruditas para cada sufixo deverbalizador de indivíduo.....	237
Gráfico III 7. Percentagens de bases não-eruditas para cada sufixo deverbalizador de indivíduo.....	238
Gráfico IV 1. Distribuição percentual das classes verbais inergativa, inacusativa e transitiva por operador sufixal de evento	306
Gráfico IV 2. Distribuição percentual das classes verbais inergativa, inacusativa e transitiva por operador sufixal de indivíduo.....	319
Tabela III 1. Valores absolutos de distribuição de tipos de estrutura morfemática/morfológica de bases por operadores sufixais deverbalizadores	229
Tabela III 2. Valores percentuais de distribuição de tipos de estrutura morfemática/morfológica de bases por operadores sufixais deverbalizadores	231
Tabela III 3. Percentagens de bases eruditas para cada sufixo deverbalizador de evento.....	234
Tabela III 4. Percentagens de bases não-eruditas para cada sufixo deverbalizador de evento....	235
Tabela III 5. Percentagens de bases eruditas para cada sufixo deverbalizador de indivíduo.....	237
Tabela III 6. Percentagens de bases não-eruditas para cada sufixo deverbalizador de indivíduo.....	238
Tabela IV 1. Distribuição em valores absolutos das classes léxico-semânticas verbais por operador sufixal	304
Tabela IV 2. Distribuição em valores percentuais das classes léxico-semânticas verbais por operador sufixal	305
Tabela IV 3. Distribuição percentual das classes verbais inergativa, inacusativa e transitiva por operador sufixal de evento	306
Tabela IV 4. Distribuição percentual das classes verbais inergativa, inacusativa e transitiva por operador sufixal de indivíduo.....	318

Índice geral

Resumo	3
Abstract.....	5
Agradecimentos	7
Capítulo I	
Introdução.....	9
1. Fundamento teórico	9
1.1 O programa “Arquitectura Paralela de Jackendoff (2002)	10
1.1.1 Importância da concepção de Jackendoff (2002) para o nosso trabalho	16
1.2 O modelo das RFPs em interfaces.....	17
1.3 Perspectiva.....	20
2. Corpus.....	23
2.1 Constituição do <i>corpus</i>	24
2.2 Critérios para a constituição do <i>corpus</i>	25
3. Objectivos.....	28
4. Estrutura do trabalho	30
Convenções.....	33
Capítulo II	
Quadro teórico de concepção de genolexia: proposta do modelo de RFPs em interfaces	35
0. Introdução.....	35
1. RFPs e operadores afixais.....	38
1.1 RFPs: análise de alguns modelos	38
1.1.1 Hipótese monobásica das RFPs (Corbin 1987).....	42
1.1.2 Hipótese de unitarização das categorias das bases (Rio-Torto 1992; 1993)	46
1.1.3 O caso dos produtos em <i>-aria</i>	49
1.1.4 Hipótese das arqui-RFPs (Rio-Torto 1993; 1998 e Rio-Torto & Anastácio 2004).....	53
1.2 RFPs: proposta do modelo das RFPs em interfaces	62
1.3 Os operadores afixais.....	67
1.3.1 Os operadores afixais como meros instrumentos de realização fonológica das RFPs nas abordagens <i>process-oriented</i> (e.g. Beard 1995)	69
1.3.2 Os operadores afixais como agentes semânticos no modelo <i>sign-based output-oriented</i> (Plag 1999; 2004)	73
1.4 Os operadores afixais na proposta do modelo de RFPs em interfaces	76
1.4.1 O caso dos produtos em <i>-ão</i>	80
2. Coindexação	89
2.1 O conceito de “coindexação” proposto em Lieber (2004)	90
2.2 O conceito de “coindexação” no modelo de RFPs em interfaces.....	99
3. Projecção	103
4. A estrutura argumental: delimitação do seu papel na construção do deverbal.....	105
4.1 O caso dos deverbais em <i>-er</i> do inglês	110
4.1.1 As abordagens argumentais (Rappaport Hovav & Levin 1992; Booij 1986; Booij & Lieber 2004)	110
4.1.2 As abordagens semânticas (Barker 1998; Ryder 1999; Panther & Thornburg 2002; Heyvaert 2003)	113

4.2 O papel da estrutura argumental na construção dos deverbais no modelo das RFPs em interfaces.....	119
4.2.1 O suporte teórico proveniente da Gramática Léxico-Funcional para a desambiguação do papel da estrutura argumental na formação dos deverbais.....	122
4.3 Síntese da abordagem acerca da estrutura argumental no modelo de interfaces.....	131
5. O mecanismo de redobro da estrutura léxico-conceptual.....	133
6. A estrutura eventiva e a estrutura argumental	138
6.1 A estrutura eventiva e a estrutura argumental como dependentes: algumas abordagens.....	138
6.2 A estrutura eventiva e a estrutura argumental como independentes no modelo das RFPs em interfaces.....	142
6.2.1 Breve nota sobre Estrutura eventiva e estrutura aspectual	147
6.2.2 Retoma de estrutura eventiva vs. estrutura argumental.....	149
6.2.2.1 Evento.....	149
6.2.2.2 Interfaces activadas na construção de ‘Evento’: sua arquitectura lexical	152
6.2.2.3 Clarificação dos conceitos de ‘estrutura léxico-conceptual’, ‘evento’ vs. ‘estrutura eventiva’ e ‘argumento’ vs. ‘modificador’	160
6.3 Conclusão	164
7. A estrutura eventiva e a estrutura de moldagem eventiva.....	166
8. Síntese.....	174

Capítulo III

Estruturas morfemáticas/morfológicas das bases e sua correlação com as estruturas morfológicas dos produtos.....	177
0. Introdução.....	177
1. A perspectiva organizacional-f vs. a perspectiva histórica.....	178
2. Delimitação de lexemas construídos vs. não-construídos e seus tipos.....	181
2.1 A alomorfia à luz da abordagem mental-f.....	189
3. Estruturas morfemáticas/morfológicas das bases: parâmetros de delimitação dos seus tipos	199
4. Metodologia.....	208
5. Distribuição dos sufixos nominalizadores por tipos mórficos das bases.....	212
6. Resultados.....	217
6.1 Produtos prototipicamente de evento	217
6.1.1 Produtos em <i>-ção</i>	217
6.1.2 Produtos em <i>-mento</i>	219
6.1.3 Produtos em <i>-dura</i>	220
6.1.4 Produtos em <i>-agem</i>	220
6.1.5 Produtos em <i>-ncia</i>	221
6.1.6 Produtos em <i>-nça</i>	222
6.1.7 Produtos em <i>-ão</i>	222
6.1.8 Produtos em <i>-aria</i>	223
6.1.9 Produtos em <i>-nço</i>	223
6.2 Produtos prototipicamente de indivíduo.....	223
6.2.1 Produtos em <i>-dor</i>	223
6.2.2 Produtos em <i>-nte</i>	224
6.2.3 Produtos em <i>-deira</i>	225
6.2.4 Produtos em <i>-tório</i>	225
6.2.5 Produtos em <i>-douro</i>	226
6.2.6 Produtos em <i>-ão</i>	226
6.2.7 Produtos em <i>-deiro</i>	226

6.2.8 Produtos em <i>-dora</i>	227
6.2.9 Produtos em <i>-doura</i>	227
6.2.10 Produtos em <i>-(t)ória</i>	227
6.2.11 Produtos em <i>-ório</i>	227
6.2.12 Produtos em <i>-vel</i>	228
6.2.13 Produtos em <i>-al</i>	228
7. Interpretação dos resultados	232
8. Síntese.....	239

Capítulo IV

Estruturas semânticas das bases	241
0. Introdução.....	241
0.1 Pertinência da análise das estruturas semânticas das bases verbais	242
0.2 Estatuto e funcionamento dos caracteres semânticos descritos.....	245
1. Fundamentos teóricos para os instrumentos semânticos utilizados.....	248
1.1 Inergatividade, inacusatividade e transitividade (Levin & Rappaport Hovav 1994; 1995).	249
1.2 Tipos semânticos de verbos.....	252
1.2.1 Tipos semânticos de verbos baseados em Plag (1999).....	253
1.2.2 Tipos semânticos de verbos baseados em Levin (1993) e Levin & Rappaport Hovav (1995)	268
1.2.3 Tipos semânticos verbais baseados na análise do <i>corpus</i> e em tipos tradicionais	275
1.2.4 Comentários acerca dos tipos verbais.....	282
1.3 Traços semânticos eventivos baseados em Lieber (2004).....	292
2. Distribuição das classes léxico-semânticas verbais por operador sufixal	300
2.1 Objectivo	300
2.2 Metodologia.....	300
2.3 Resultados.....	303
2.3.1 Produtos prototipicamente de evento	306
2.3.1.1 Produtos em <i>-ncia</i>	306
2.3.1.2 Produtos em <i>-nça</i>	309
2.3.1.3 Produtos em <i>-nço</i>	310
2.3.1.4 Produtos em <i>-mento</i>	310
2.3.1.5 Produtos em <i>-dura</i>	312
2.3.1.6 Produtos em <i>-ção</i>	313
2.3.1.7 Produtos em <i>-agem</i>	315
2.3.1.8 Produtos em <i>-ão</i>	316
2.3.1.9 Produtos em <i>-aria</i>	317
2.3.1.10 Síntese.....	317
2.3.2 Produtos prototipicamente de indivíduo.....	318
2.3.2.1 Produtos em <i>-dora</i>	319
2.3.2.2 Produtos em <i>-ório</i>	319
2.3.2.3 Produtos em <i>-doura</i>	320
2.3.2.4 Produtos em <i>-al</i>	320
2.3.2.5 Produtos em <i>-ão</i>	320
2.3.2.6 Produtos em <i>-dor</i>	321
2.3.2.7 Produtos em <i>-tório</i>	322
2.3.2.8 Produtos em <i>-deira</i>	323
2.3.2.9 Produtos em <i>-deiro</i>	324
2.3.2.10 Produtos em <i>-(t)ória</i>	325

2.3.2.11	Produtos em <i>-douro</i>	325
2.3.2.12	Produtos em <i>-nte</i>	326
2.3.2.13	Produtos em <i>-vel</i>	327
2.3.2.14	Síntese	328
2.4	Interpretação dos resultados	329
3.	Síntese	330
Capítulo V		
	Semântica dos produtos	331
0.	Introdução	331
1.0	O aparelho formal	335
1.1	Princípios orientadores da sua construção	335
1.2	Constituição do aparelho formal	338
2.	Os traços	342
2.1	Os traços de fonte sufixal	344
2.2	Os traços de fonte léxico-conceptual e os traços de fonte extra	354
3.	As significações	363
3.1	Significações de ‘evento’ ou destas resultantes	366
3.2	As significações de ‘indivíduo’	369
4.	Sistema de notação	374
5.	Metodologia	393
6.	Resultados	395
7.	Interpretação dos resultados	402
8.	Síntese	402
Capítulo VI		
	Interpretação dos produtos de ‘evento’	405
0.	Introdução	405
1.	Produtos prototipicamente de ‘evento’	407
1.1	Produtos em <i>-agem</i>	408
1.2	Produtos em <i>-aria</i>	419
1.3	Produtos em <i>-ão</i>	423
1.4	Produtos em <i>-ção</i>	429
1.5.	Produtos em <i>-mento</i>	452
1.6	Produtos em <i>-dura</i>	464
1.7	Produtos em <i>-nça</i>	472
1.8	Produtos em <i>-nço</i>	478
1.9	Produtos em <i>-ncia</i>	482
2.	Conclusões	492
Capítulo VII		
	Interpretação dos produtos de ‘indivíduo’	499
0.	Introdução	499
1.	Produtos prototipicamente de ‘indivíduo’	500
1.1.	Produtos em <i>-dor</i>	500
1.2	Produtos em <i>-dora</i>	520
1.3	Produtos em <i>-deiro</i>	523
1.4	Produtos em <i>-deira</i>	528
1.5	Produtos em <i>-douro</i>	532

1.6 Produtos em <i>-doura</i>	540
1.7 Produtos em <i>-tório</i>	541
1.8 Produtos em <i>-ório</i>	545
1.9 Produtos em <i>-ória/-tória</i>	545
1.10 Produtos em <i>-nte</i>	546
1.11 Produtos em <i>-vel</i>	557
1.12 Produtos em <i>-al</i>	558
1.13 Produtos em <i>-ão</i>	559
2. Conclusões	563

Capítulo VIII

Conclusões	565
------------------	-----

Anexos	581
--------------	-----

Anexos A e B	583
--------------------	-----

Anexo A

Distribuição numérica de semantismos em produtos prototipicamente de ‘evento’	587
Tabela A 1. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-agem</i>	589
Tabela A 2. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-agem</i>	590
Tabela A 3. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-ão</i>	591
Tabela A 4. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-ão</i> 1	592
Tabela A 5. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-aria</i>	593
Tabela A 6. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-aria</i>	594
Tabela A 7. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-ção</i>	596-597
Tabela A 8. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-ção</i>	598-599
Tabela A 9. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-dura</i>	600-601
Tabela A 10. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-dura</i>	602
Tabela A 11. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-mento</i>	603
Tabela A 12. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-mento</i>	604-605
Tabela A 13. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-nça</i>	605
Tabela A 14. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-nça</i>	606
Tabela A 15. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-ncia</i>	607
Tabela A 16. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-ncia</i>	608
Tabela A 17. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-nço</i>	609
Tabela A 18. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-nço</i>	610

Anexo B

Distribuição numérica de semantismos em produtos prototipicamente de ‘indivíduo’	611
Tabela B 1. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-deiro</i>	613
Tabela B 2. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-deiro</i>	614
Tabela B 3. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-deira</i>	616-617
Tabela B 4. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-deira</i>	618-619
Tabela B 5. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-douro</i>	620
Tabela B 6. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-douro</i>	621
Tabela B 7. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-doura</i>	622

Tabela B 8. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-doura</i>	623
Tabela B 9. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-dor</i>	624-625
Tabela B 10. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-dor</i>	626-627
Tabela B 11. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-dora</i>	628
Tabela B 12. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-dora</i>	629
Tabela B 13. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-ão</i>	630
Tabela B 14. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-ão</i>	631
Tabela B 15. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-nte</i>	632-633
Tabela B 16. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-nte</i>	634
Tabela B 17. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-órial/tória</i>	635
Tabela B 18. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-órial/tória</i>	635
Tabela B 19. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-ório</i>	636
Tabela B 20. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-ório</i>	637
Tabela B 21. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-tório</i>	638-639
Tabela B 22. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-tório</i>	640
Tabela B 23. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-vel</i>	641
Tabela B 24. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-vel</i>	641
Tabela B 25. Valores percentuais de significações dos produtos em <i>-al</i>	642
Tabela B 26. Valores absolutos de significações dos produtos em <i>-al</i>	642

Anexos X e Y	643
--------------------	-----

Anexo X

Mecanismos de produção dos semantismos dos produtos construídos a partir de operadores afixais prototipicamente de ‘evento’	649
Tabelas X a. Semantismos dos produtos em <i>-agem</i>	651
Índice de tabelas X a.....	671
Tabelas X b. Semantismos dos produtos em <i>-ão I</i>	673
Índice de tabelas X b	677
Tabelas X c. Semantismos dos produtos em <i>-aria</i>	679
Índice de tabelas X c.....	682
Tabelas X d. Semantismos dos produtos em <i>-ção</i>	683
Índice de tabelas X d	794
Tabelas X e. Semantismos dos produtos em <i>-dura</i>	797
Índice de tabelas X e.....	820
Tabelas X f. Semantismos dos produtos em <i>-mento</i>	823
Índice de tabelas X f.....	908
Tabelas X g. Semantismos dos produtos em <i>-nça</i>	911
Índice de tabelas X g	920
Tabelas X h. Semantismos dos produtos em <i>-ncia</i>	922
Índice de tabelas X h	939
Tabelas X i. Semantismos dos produtos em <i>-nço</i>	941
Índice de tabelas X i	944

Anexo Y

Mecanismos de produção dos semantismos dos produtos construídos a partir de operadores afixais prototipicamente de ‘indivíduo’	945
--	-----

Tabelas Y a. Semantismos dos produtos em <i>-al</i>	947
Índice de tabelas Y a.....	947
Tabelas Y b. Semantismos dos produtos em <i>-ão 2</i>	949
Índice de tabelas Y b.....	954
Tabelas Y c. Semantismos dos produtos em <i>-deira</i>	957
Índice de tabelas Y c.....	969
Tabelas Y d. Semantismos dos produtos em <i>-deiro</i>	971
Índice de tabelas Y d.....	974
Tabelas Y e. Semantismos dos produtos em <i>-dor</i>	975
Índice de tabelas Y e.....	1050
Tabelas Y f. Semantismos dos produtos em <i>-dora</i>	1053
Índice de tabelas Y f.....	1055
Tabelas Y g. Semantismos dos produtos em <i>-doura</i>	1057
Índice de tabelas Y g.....	1058
Tabelas Y h. Semantismos dos produtos em <i>-douro</i>	1059
Índice de tabelas Y h.....	1068
Tabelas Y i. Semantismos dos produtos em <i>-nte</i>	1071
Índice de tabelas Y i.....	1090
Tabelas Y j. Semantismos dos produtos em <i>-ória/tória</i>	1093
Índice de tabelas Y j.....	1095
Tabelas Y k. Semantismos dos produtos em <i>-ório</i>	1097
Índice de tabelas Y k.....	1098
Tabelas Y l. Semantismos dos produtos em <i>-tório</i>	1099
Índice de tabelas Y l.....	1111
Tabelas Y m. Semantismos dos produtos em <i>-vel</i>	1113
Índice de tabelas Y m.....	1113
Bibliografia.....	1115
Índice de ilustrações.....	1135
Índice geral.....	1137